



COMENTÁRIO BÍBLICO  
DA REFORMA

EZEQUIEL E  
DANIEL

Organizador

CARL L. BECKWITH

Organizador Geral

TIMOTHY F. GEORGE

Organizador Geral Associado

SCOTT M. MANETSCH





# COMENTÁRIO BÍBLICO DA REFORMA

## EZEQUIEL E DANIEL

Organizador

CARL L. BECKWITH

Organizador Geral

TIMOTHY F. GEORGE

Organizador Geral Associado

SCOTT M. MANETSCH



*Ezequiel e Daniel – Comentário Bíblico da Reforma* org. por Carl L. Beckwith © 2014 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente por InterVarsity Press como *Ezekiel - Daniel* (Reformation Commentary on Scripture), org. por Carl L. Beckwith. © 2012 by Carl L. Beckwith, Timothy F. George, Scott M. Manetsch e InterVarsity Christian Fellowship/USA. Traduzido e publicado com permissão da InterVarsity Press, P.O. Box 1400, Downers Grove, IL 60515, USA. Reprodução proibida por qualquer meio que seja.  
Citações dos seguintes volumes de Luther's Works © Concordia Publishing House, www.cph.org. Usado com permissão. Todos os direitos reservados. Vol. 1: Lectures on Genesis; Vol. 3: Lectures on Genesis; Vol. 7: Lectures on Genesis; Vol. 10: Lectures on Psalms; Vol. 15: Lectures on Ecclesiastes; Vol. 17: Lectures on Isaiah; Vol. 20: Lectures on Zechariah

1ª edição 2014 – 3.000 exemplares

**Conselho Editorial**

Antônio Coine  
Augustus Nicodemus Gomes Lopes  
Cláudio Marra (Presidente)  
Heber Carlos de Campos Jr.  
Misael Batista do Nascimento  
Tarcízio José de Freitas Carvalho  
Ulisses Horta Simões  
Valdeci da Silva Santos

**Produção Editorial**

**Tradução**

Heber Carlos de Campos Jr. (Introdução geral)  
Lucas Ribeiro (Daniel)  
Paulo Sérgio Gomes (Ezequiel)  
Vagner Barbosa (páginas introdutórias e finais)

**Revisão**

Vagner Barbosa  
Sebastiana Gomes de Paula  
Sandra Couto

**Editoração**

Rissato

**Capa**

Magno Paganelli

B397c Beckwith, Carl L.

Comentário Bíblico da Reforma – Ezequiel e Daniel / Carl L. Beckwith; traduzido por Heber Carlos de Campos Jr., Lucas Ribeiro, Paulo Sérgio Gomes e Vagner Barbosa. \_ São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

480 p.: 18x25,5 cm

Tradução *Reformation Commentary on Scripture – Ezekiel, Daniel*

ISBN 978-85-7622-531-7

1. Bíblia 2. Comentário Bíblico I. Título

CDD 220

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



**EDITORA CULTURA CRISTÃ**

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP  
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255  
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas  
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

## COMENTÁRIO BÍBLICO DA REFORMA

O *Comentário Bíblico da Reforma* apresenta abundante material da era da Reforma sobre a Escritura que é muito desconhecido e cuja maior parte não está disponível nem mesmo em inglês. Organizado pelos livros da Bíblia, o comentário permite que vozes vivas da igreja naquele momento crítico falem novamente quando expõem o texto sagrado.

Embora os gigantes da época estejam bem representados, os leitores serão apresentados também a uma variedade de figuras com os quais não têm familiaridade, mas que contribuíram para a Reforma de maneiras importantes. Ao fazer isso, o *Comentário Bíblico da Reforma* demonstra a unidade e a diversidade de pensamento que caracterizam esse período vital na história da igreja.

Empregando o mais alto nível de pesquisa, o *Comentário Bíblico da Reforma* apresenta conteúdo da era da Reforma de um modo claro e direto. Os excertos do *Comentário* foram selecionados por possuírem brevidade de expressão, clareza de pensamento, profundidade de compreensão, relevância universal, poder retórico e consonância teológica com a tradição da ortodoxia cristã, enquanto, ao mesmo tempo, realça as contribuições características da Reforma.

O *Comentário Bíblico da Reforma* têm quatro objetivos:

1. Renovar o estudo bíblico contemporâneo, trazendo à luz a interpretação bíblica da era da Reforma.
2. Fortalecer a pregação contemporânea, por meio da exposição do entendimento bíblico dos pensadores da Reforma.
3. Aprofundar e o entendimento o entendimento dos cristãos sobre a Reforma e sobre as amplas perspectivas representadas dentro dela.
4. Desenvolver a erudição cristã nos estudos históricos, bíblicos, teológicos e pastorais.

### COMENTÁRIO BÍBLICO DA REFORMA

#### CONSELHO CONSULTIVO

MYRON S. AUGSBURGER, Eastern Mennonite University

AMY NELSON BURNETT, University of Nebraska

FRANK A. JAMES III, Reformed Theological Seminary

ARTHUR A. JUST JR., Concordia Theological Seminary

ANTHONY N. S. LANE, London Bible College

HERMAN J. SELDERHUIS, Theological University of Apeldoorn, Holanda

JOHN L. THOMPSON, Fuller Theological Seminary

GRAHAM TOMLIN, St. Mellitus College, Londres

DAVID STEINMETZ, Duke Divinity School

TIMOTHY J. WENGERT, Lutheran Theological Seminary em Filadélfia

#### ORGANIZADOR DO VOLUME

**Carl L. Beckwith** (Ph.D., Universidade de Notre Dame) é professor associado de História da Igreja na Beeson Divinity School, em Samford University. Escreve artigos sobre história da igreja para uma variedade de monografias e revistas.





## Avaliações do *Comentário Bíblico da Reforma*

“Fundamentalmente, os reformadores protestantes foram tanto exegetas quanto teólogos; no entanto (com exceção de figuras como Lutero e Calvino), seus comentários e sermões têm sido negligenciados, uma vez que esses escritos não estão disponíveis em edições ou línguas atuais. Isso torna esta nova série de comentários bíblicos da Reforma mais do que bem-vinda a algumas das mais ricas exposições bíblicas dos séculos 16 e 17. A introdução do editor explica a natureza das fontes e o processo de seleção; o público-alvo são pastores e estudantes da Bíblia de hoje, o que levou a um foco nos comentários teológicos e práticos. Embora seja de grande valia para os estudantes da Reforma, esta série está longe de ser um estudo esotérico de vozes amplamente esquecidas; esta coleção de comentários da Reforma, que abrange cada versículo bíblico e fornece cabeçalhos temáticos, será de grande ajuda para os pastores e pregadores de hoje.”

**Elsie Anne Mckee**, *Professora de Estudos da Reforma e de História da Adoração, Princeton Theological Seminary*

“Esta série fornece uma excelente introdução à história da exegese bíblica no período da Reforma. As apresentações são precisas, claras e informativas, e as passagens, inteligentemente escolhidas, darão ao leitor uma boa ideia dos métodos empregados e dos temas em pauta. A série coloca a exegese pré-crítica no seu contexto, apresentando-a como ela é. Altamente recomendado como livro de referência, pode também ser usado como livro didático ou de leitura geral para estudantes, todos os leigos e clérigos interessados.”

**Irena Backus**, *Professora do Institut d’Histoire de la Réformation, Université de Genève*

“Os comentários bíblicos da Reforma são um importante evento de publicação – para aqueles com interesse histórico pelas convicções fundadoras do protestantismo, mas, acima de tudo, para aqueles que querem entender a Bíblia. Como o anterior *Ancient Christian Commentary on Scripture*, este esforço traz carne e sangue para a ‘comunhão dos santos’ ao permitir que os crentes de nossos dias conheçam as posições dos gigantes do passado. Ao ligar o passado com o presente, e ao fazer isso com a Bíblia no centro, os organizadores desta série empreendem um grande serviço à igreja. A série merece o maior apoio possível.”

**Mark A. Noll**, *Professor de História, Université de Notre Dame*

“Para aqueles que pregam e ensinam as Escrituras na igreja, o *Comentário Bíblico da Reforma* é um evento editorial da maior importância. Pastores e outros líderes da igreja encontrarão surpresas agradáveis, enigmas desafiantes e perspectivas edificantes nesta série, já que muitas vozes da Reforma são traduzidas pela primeira vez para a nossa língua. A vívida conversa nestas páginas pode inflamar a imaginação atual dos pastores para novas e fidedignas exposições das Escrituras.”

**J. Todd Billings**, *Professor-assistente de Teologia Reformada, Western Theological Seminary*

“Os reformadores discerniram corretamente o que a igreja necessitava desesperadamente no século 16 – a ousada proclamação da Palavra baseada num estudo cuidadoso das Sagradas Escrituras. Nos dias de hoje, não apenas precisamos atentar novamente para esse chamado, mas também aprender com a Reforma como fazer isso. Esta série de comentários é uma dádiva de Deus.”

**Richard J. Mouw**, *Reitor, Fuller Theological Seminary*

“Assim como o *Ancient Christian Commentary on Scripture*, o *Comentário Bíblico da Reforma* faz um trabalho magistral ao oferecer excelentes seleções de exegetas, dos bem conhecidos àqueles não tão conhecidos. O esboço introdutório do editor, por si só, vale o preço do livro. É fácil nos esquecermos de que mais mãos, corações e mentes estiveram envolvidos na Reforma além dos de Lutero e Calvino. Além do mais, os encontros que temos com essas figuras são frequentemente limitados a citações conhecidas a respeito de tópicos familiares. No entanto, o *Comentário Bíblico da Reforma* nos ajuda a reconhecer a amplitude e a profundidade dos interesses exegéticos e as habilidades que alimentaram e continuam a alimentar meditações fiéis sobre a Palavra de Deus. Recomendo esta série como uma fonte tremenda, não apenas para o ministério, mas também para a edificação pessoal.”

**Michael S. Horton**, *Professor de Teologia Sistemática e Apologética, Westminster Seminary, Califórnia*

“A Reforma foi desencadeada por uma leitura renovada das Escrituras. Nesta série de comentários, nós, intérpretes contemporâneos, temos permissão para sentir parte da empolgação, da surpresa e do encantamento de nossos antepassados espirituais. Lutero, Calvino e seus companheiros revolucionários foram intérpretes magistrais da Palavra. Agora, nesta série notável, alguns dos maiores eruditos da Reforma expõem as riquezas das interpretações das Escrituras pelos reformadores.”

**William H. Willimon**, *bispo da United Methodist Church*

“O princípio da Reforma coloca toda a vida e o pensamento cristão sob a governança da Palavra divina, compelindo a igreja a renovar seus trabalhos exegéticos. Esta série promete colocar diante da igreja contemporânea o fruto desses labores, e, desse modo, exemplificar como a vida deve ser vivida sob a Palavra.”

**John Webster**, *Catedrático de Teologia Sistemática, University of Aberdeen*

“Desde a obra pioneira de Gerhard Ebeling a respeito da exegese de Lutero, setenta anos atrás, a história da interpretação bíblica ocupou muitos eruditos reformados e tornou-se uma parte vital dos estudos do período. O *Comentário Bíblico da Reforma* fornece novos materiais para os estudantes da interpretação bíblica da era da Reforma, e para pregadores do século 21 extraírem conhecimentos dos ricos depósitos dos discernimentos dos principais reformadores do século 16, tanto dos textos da Escritura, quanto de sua aplicação nos contextos deste século. Esta série irá aprofundar nossa compreensão do período da Reforma e nos permitirá aplicar esse entendimento aos dias atuais e aos desafios que eles apresentam à igreja.”

**Robert Kolb**, *Professor de Teologia Sistemática e diretor do Institute for Mission Studies, Concordia Theological Seminary*

“Os vários volumes do *Ancient Christian Commentary on Scripture* são um recurso valioso para aqueles que querem saber como os Pais interpretavam uma passagem da Escritura, mas não têm tempo ou oportunidade de pesquisar os diversos trabalhos individuais disponíveis. Este novo *Comentário Bíblico da Reforma* sobre as Escrituras fará o mesmo pelos reformadores e deve ser

recebido calorosamente. Ele proverá acesso muito mais fácil aos tesouros exegéticos da Reforma e incentivará os leitores a lerem algumas das obras originais.”

**Anthony N. S. Lane**, *Professor de Teologia Histórica e Diretor de pesquisa, London School of Theology*

“Este volume do projeto *Comentário Bíblico da Reforma* é uma fonte inestimável para os pastores e aqueles que têm interesse pela História e pela Bíblia, porque oferece aos leitores comentários dos líderes reformadores protestantes, além de uma miríade de comentaristas sobre Gálatas e Efésios desconhecidos atualmente. O *Comentário Bíblico da Reforma* seguramente amplia e aviva a exegese contemporânea. Com seu amplo escopo, a coleção irá enriquecer a nossa compreensão da diversidade de pensamento da Reforma e da exegese bíblica.”

**Sigrun Haude**, *Professor-assistente da Reforma e Início da História Europeia Moderna, University of Cincinnati*

“A série *Comentário Bíblico da Reforma* promete ser um “abre-te, sésamo” à exegese, à exposição e aplicação da Bíblia, que foi a marca da Reforma. Conquanto comparações possam ser execráveis, nestas páginas são expostas as diferenças entre comentários e exposições da Reforma, e muito do que precedeu e seguiu a Reforma: enquanto uns escrevem sobre a Bíblia do seu exterior, a exposição da Reforma carrega a atmosfera de homens que falavam e escreviam do interior da Bíblia, vivenciando o poder do ensino bíblico até mesmo quando eles o explanavam... Este projeto grandioso coloca diante dos estudiosos, pastores, professores, estudantes e cristãos em desenvolvimento uma experiência que só pode ser equiparada a entrar em um grupo de estudo bíblico e descobrir que os seus colegas participantes incluem alguns dos cristãos mais significativos tanto da era da Reforma quanto da era (se é que há algum) pós-Reforma. Aqui a Palavra de Deus é explicada com uma diversidade de sotaques: alemão, suíço, francês, holandês, inglês, escocês, entre outros. Cada qual vibra com um senso emocionante da natureza viva da Palavra de Deus e do seu poder de transformar pessoas, igrejas e até mesmo comunidades inteiras. Esta é uma série para se esperar com ansiedade, desfrutar e ter em alta estima.”

**Sinclair Ferguson**, *Pastor titular, First Presbyterian Church, Columbia, Carolina do Sul*

“Endosso o *Comentário Bíblico da Reforma*. Ao apresentar como a Bíblia era interpretada durante o tempo da Reforma, estes volumes não apenas renovarão a pregação contemporânea, mas também nos ajudarão a compreender mais plenamente como ler as Escrituras e meditar nelas pode, de fato, mudar a nossa vida.”

**Lois Malcolm**, *Professor-assistente de Teologia Sistemática, Luther Seminary*

“Discernir o verdadeiro significado dos movimentos na teologia requer familiaridade com sua exegese bíblica. Isso é supremamente verdadeiro em relação à Reforma, que foi essencialmente um reavivamento bíblico. O *Comentário Bíblico da Reforma* irá preencher uma enorme lacuna, exatamente como fez o *Ancient Christian Commentary*. Já no primeiro volume, há um belo início que desperta o apetite pela leitura. Da maneira mais calorosa, dou as boas-vindas a este projeto há muito esperado, bem como o recomendo.”

**J. I. Packer**, *Conselho de Governadores, Professor de Teologia, Regent College*

“É impossível dizer os benefícios que emergirão da publicação desta magnífica série *Comentário Bíblico da Reforma*. Agora, os comentaristas e seus tesouros exegéticos e teológicos da era da Reforma estão ao alcance das nossas mãos, fornecendo novas compreensões das velhas fontes para dar luz ao momento presente e ao futuro. Esta série é um presente para os estudiosos e para

a igreja; uma fonte maravilhosa para ampliar o nosso estudo da Palavra de Deus escrita para as gerações vindouras.”

**Donald K. McKim**, *Editor executivo de Teologia e Referência, Westminster John Knox Press*

“Por que isso não foi feito antes? A publicação do *Comentário Bíblico da Reforma* deve ser saudada com entusiasmo por todo crente cristão – especialmente por aqueles que pregarão e ensinarão a Palavra de Deus. Esta série de comentários traz o melhor da herança reformada em matéria de exegese e de exposição, sendo que cada um de seus volumes representa um verdadeiro banquete que nos transporta de volta ao século 16 para enriquecer a pregação e o ensino da Palavra de Deus no nosso próprio tempo.”

**R. Albert Mohler Jr.**, *Reitor do The Southern Baptist Theological Seminary*

“Hoje, mais do que nunca, o passado cristão é o futuro da igreja. Essa editora já nos trouxe, em outra oportunidade, a voz dos antepassados. Agora, em *Comentário Bíblico da Reforma*, ouvimos também uma palavra oportuna dos primeiros protestantes.”

**Bryan Litfin**, *Professor-assistente de Teologia, Moody Bible Institute*

“Estou encantado em ver o *Comentário Bíblico da Reforma*. Os organizadores desta série fizeram a todos nós um serviço inestimável ao compilar dos ricos campos da reflexão bíblica. Que Deus use a nova vida de antigas palavras para sua glória e para edificar a sua igreja.”

**Mark Dever**, *Pastor titular, Capitol Hill Baptist Church*

“Monumental e magistral, o *Comentário Bíblico da Reforma*, organizado por Timothy George, é um empreendimento notavelmente audacioso e visionário. Reunindo uma riqueza de fontes, esses volumes fornecerão a historiadores, teólogos, estudiosos da Bíblia, pastores e estudantes um novo olhar aos entendimentos exegéticos daqueles que moldaram e influenciaram a Reforma do século 16. Com esta publicação maravilhosa, a editora atingiu outro patamar de excelência. Oramos para que esta série esplêndida seja usada por Deus no fortalecimento da igreja e da erudição.”

**David S. Dockery**, *Reitor da Union University*

# SUMÁRIO

<b>ABREVIATURAS</b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO GERAL</b> .....	13
<b>GUIA PARA ESTE COMENTÁRIO</b> .....	33
<b>INTRODUÇÃO A EZEQUIEL E DANIEL</b> .....	35
<b>COMENTÁRIO DE EZEQUIEL</b> .....	51
<b>COMENTÁRIO DE DANIEL</b> .....	264
<b>MAPA DA REFORMA</b> .....	439
<b>LINHA DO TEMPO DA REFORMA</b> .....	441
<b>RESUMOS BIOGRÁFICOS DE VULTOS DA ERA DA REFORMA</b> .....	453
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	465
<b>ÍNDICE DE AUTORES</b> .....	467
<b>ÍNDICE DE ASSUNTOS</b> .....	469
<b>ÍNDICE DE TEXTOS DAS ESCRITURAS</b> .....	473



## ABREVIATURAS

- CE *The Catholic Encyclopedia*. Organizada por Charles G. Herbermann *et al.* 16 vols. Nova York: The Encyclopedia Press, 1907-1914.
- CHB *Cambridge History of the Bible*. 3 vols. P. R. Ackroyd; C. F. Evans.
- G.W.H. Lampe; S. L. Greenslade (orgs.). Cambridge: Cambridge University Press, 1970-75.
- CO *Ioannis Calvini Opera Quae Supersunt Omnia*. 59 vols. Corpus Reformationum 29-88. G. Baum; E. Cunitz; E. Reuss (orgs.). Brunswick e Berlin, 1863-1900.
- CSML *The Complete Sermons of Martin Luther*. John Nicholas Lenker (org.). Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000.
- CTS *Calvin's Commentaries*. Calvin Translation Society. 46 vols. Edimburgo, 1843-55.
- DMBI *Dictionary of Major Biblical Interpreters*. Donald McKim (org.). Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007.
- DNB *Dictionary of National Biography*. Leslie Stephen; Sidney Lee (orgs.). 63 vols. Londres: Smith, Elder, and Co., 1885-1900.
- Inst. *John Calvin. Institutes of the Christian Religion*. John T. McNeill (org.). Ford Lewis Battles (trad.). 2 vols. Filadélfia: Westminster Press, 1960.
- Lenker *The Precious and Sacred Writings of Martin Luther*. John Nicholas Lenker (org.). 31 vols. Mineápolis: Lutherans in All Lands, 1903-38.
- LW *Luther's Works* [edição americana]. 55 vols. St. Louis: Concordia Publishing House. Filadélfia: Fortress Press, 1955-86.
- LXX *Septuaginta*
- NICOT *New International Commentary on the Old Testament*. Robert L. Hubbard (org.). 23 vols. Grand Rapids: Eerdmans.
- NPNF P. Schaff, *et al.* A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church. 2 séries (14 vols. cada). Nova York: Christian Literature, 1887-1894. Reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1952-56. Reimpressão, Peabody: Hendrickson, 1994.



- ODNB *Oxford Dictionary of National Biography*. 60 vols. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- OER *The Oxford Encyclopedia of the Reformation*. 4 vols. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- PL J.P. Migne, org. *Patrologia cursus completus. Série Latina*. 221 vols. Paris: Migne, 1844-64.
- RC *Racovian Catechism*. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme & Brown, 1818.
- Tappert *The Book of Concord: The Confessions of the Evangelical Lutheran Church*. Theodore G. Tappert (org.). Filadélfia: Fortress Press, 1959.
- Vg Vulgata
- WA *D. Martin Luthers Werke, Kritische Gesamtausgabe*. 72 vols. Weimar: Verlag Hermann Böhlaus Nachfolger, 1883-.
- WADB D. *Martin Luthers Werke, Kritische Gesamtausgabe: Deutsche Bibel*. 12 vols. Weimar: Hermann Böhlaus Nachfolger, 1906-61.
- WSA *Works of Saint Augustine: A Translation for the Twenty-First Century*. J. E. Rotelle (org.). Hyde Park: New City Press, 1995.

# INTRODUÇÃO GERAL

O *Comentário Bíblico da Reforma* (CBR) é uma série de 28 volumes de comentário exegético cobrindo toda a Bíblia e reunida dos escritos de pregadores, estudiosos e reformadores do século 16. O CBR é planejado como uma sequência do altamente aclamado *Ancient Christian Commentary on Scripture* (ACCS) e, como tal, seu conceito, método, formato e público totais são semelhantes à série anterior. Ambas as séries estão comprometidas com a renovação da igreja por meio de estudo cuidadoso e reflexão meditativa a respeito do Antigo e do Novo Testamento, os documentos fundamentais do cristianismo, interpretados no contexto da adoradora e confessante comunidade da fé ao longo dos séculos. Contudo, as eras da patrística e da Reforma estão separadas por quase um milênio, e os desafios de ler as Escrituras com os reformadores exigem atenção especial ao contexto, recursos e premissas deles. O propósito desta introdução geral é apresentar uma visão geral do contexto e do processo de interpretação bíblica na era da Reforma.

## Objetivos

O *Comentário Bíblico da Reforma* visa a apresentar aos seus leitores a profundidade e a riqueza da efervescência exegética que definiu a era da Reforma. O CBR tem quatro objetivos: o enriquecimento da interpretação bíblica contemporânea pela exposição à exegese bíblica da era da Reforma; a renovação da pregação contemporânea pela exposição aos discernimentos bíblicos de escritores da Reforma; um entendimento mais profundo da própria Reforma e da amplitude das perspectivas desta; e a redescoberta da forte teologia espiritual e dos tesouros devocionais decorrentes do compromisso da Reforma com a Bíblia. Cada um desses objetivos requer um breve comentário.

**Interpretação bíblica.** Durante o último meio século, a hermenêutica bíblica tem se tornado um esforço de grande crescimento no meio acadêmico. Uma das consequências da hegemonia histórico-crítica dos estudos bíblicos foi o fato de privilegiar filosofias e ideologias contemporâneas à custa de um comprometimento com a igreja cristã como a comunidade leitora primária dentro da qual e pela qual é feita a exegese bíblica. Ler as Escrituras com os Pais da igreja e os reformadores é um corretivo a esse tipo de imperialismo de hoje. Um dos grandes recursos exigidos para uma interpretação produtiva da Bíblia é a habilidade de ouvir. Corretamente enfatizamos a importância de ouvir as vozes das teologias contextuais atuais, mas, ao fazer isso, com frequência marginalizamos ou ignoramos outro contexto crucial – a comunidade de cristãos fiéis através dos séculos. O estudo sério das Escrituras exige mais do que a tradução mais recente da Bíblia por um lado e, de outro, o comentário mais recente (ou o estudo bíblico de um nicho). John L. Thompson chamou os cristãos de hoje a praticarem a arte de “ler a Bíblia com os mortos”.<sup>1</sup> O CBR apresenta comentários cuidadosamente selecionados dentre os comentários existentes da Reforma como um incentivo para o estudo mais aprofundado dessa importante época na história da interpretação bíblica.

**Pregação.** Os reformadores protestantes identificavam a pregação pública da Palavra de Deus como um meio de graça indispensável e um sinal seguro da verdadeira igreja. Por meio das palavras

---

<sup>1</sup> John L. Thompson, *Reading the Bible with the Dead* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007).

do pregador, a voz viva do evangelho (*viva vox evangelii*) é ouvida. É conhecido o dito de Lutero de que a igreja não é uma “casa de canetas”, mas uma “casa de bocas”. A Reforma na Suíça começou quando Ulrico Zuínglio se colocou no púlpito da Grossmünster em Zurique no dia 1º de janeiro de 1519 e começou a pregar uma série de sermões expositivos, capítulo por capítulo, com base no evangelho de Mateus. Em anos subsequentes ele estendeu essa abordagem homilética a outros livros do Antigo e do Novo Testamento. Calvino seguiu um padrão semelhante em Genebra. Muitos dos comentários representados nesta série ou foram originalmente apresentados como sermões, ou foram escritos para apoiar o constante ministério de pregação de pastores de igreja local. Lutero disse que o pregador deveria ser um *bonus textualis* – bom com o texto – versado nas Escrituras. Pregadores das tradições protestantes pregavam não somente sobre a Bíblia, mas também a partir dela, e isso exigia mais do que estar familiarizado com o seu conteúdo. Aqueles a quem tem sido confiado o ofício de pregação na igreja hoje podem encontrar sabedoria e discernimento – e perspectivas novas – nos sermões da Reforma e nos comentários bíblicos lidos e estudados pelos pregadores do século 16.

**Reforma.** Alguns estudiosos do século 16 preferem falar do período que estudam no plural, as Reformas europeias, para indicar que diversos impulsos por reforma estavam em ação na turbulenta era de transição dos tempos medievais para os modernos. Embora esse ponto seja bem observado, o CBR segue a tradição antiga de usar Reforma no singular para indicar não somente um grande momento na história do cristianismo no Ocidente, mas também, como Hans J. Hillerbrand observou, “uma coesão essencial nos propósitos heterogêneos de reforma religiosa no século 16”.<sup>2</sup> Ao mesmo tempo, ao estabelecer diretrizes para ajudar os organizadores de cada volume a fazer seleções abalizadas a partir do vasto material de comentário disponível no período, enfatizamos o caráter multifacetado da Reforma no espectro de muitas confissões, orientações teológicas e cenários políticos.

**Teologia espiritual.** A divisão pós-Iluminista entre o estudo da Bíblia como uma disciplina acadêmica e a leitura da Bíblia como nutrição espiritual era estranha aos reformadores. Para eles, o estudo da Bíblia era transformador no nível mais básico da pessoa humana: *coram deo*. O famoso rompimento reformador de Lutero despertado pelo seu cuidadoso estudo de Salmos e da Epístola de Paulo aos Romanos é bem conhecido, mas a experiência do acadêmico de Cambridge Thomas Bilney talvez tenha sido mais típica. Quando a edição crítica de Erasmo do Novo Testamento grego foi publicada em 1516, ela foi acompanhada de uma nova tradução em latim elegante. Atraído pela beleza clássica do latim de Erasmo, Bilney se deparou com a seguinte afirmação de 1Timóteo 1.15: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores”. No grego, essa frase é descrita como *pistos ho logos*, que a Vulgata havia traduzido como *fidelis sermo*, “um dito fiel”. Erasmo escolheu uma palavra diferente para o grego *pistos* – *certus*, “certo, convicto”. Quando Bilney apreendeu o sentido dessa palavra aplicada ao anúncio da salvação em Cristo, ele nos conta que “imediatamente senti um conforto e quietude maravilhosos, de tal maneira que meus ossos feridos pularam de alegria”.<sup>3</sup> Todos os reformadores repudiavam a ideia de que a Bíblia pudesse ser estudada e compreendida com desapaixonada objetividade, como um frio artefato da Antiguidade. Lutero descreveu a maneira como a Bíblia foi intencionada para funcionar na vida dos crentes quando ele repreendeu a si próprio e outros por reagir à narrativa da natureza com tal frieza apática. “Eu me odeio porque quando vejo Cristo deitado numa manjedoura ou no colo de sua mãe e ouço os anjos cantar, o meu coração não dispara em chamas. Com qual boa razão devemos todos nos desprezar por permanecer tão impassíveis quando essa palavra é falada a nós,

<sup>2</sup> Hans J. Hillerbrand, *The Division of Christendom* (Louisville, Ky.: Westminster John Knox, 2007), p.x. Hillerbrand também organizou a obra de referência sobre estudos da Reforma, *OER*. Veja também Diarmaid MacCulloch, *The Reformation* (Nova York: Viking, 2003) e Patrick Collinson, *The Reformation: A History* (Nova York: Random House, 2004).

<sup>3</sup> Veja A. G. Dickens, *The English Reformation* (Nova York: Schocken, 1974), p. 79.

a respeito da qual todos deveríamos dançar e saltar e arder de alegria! Agimos como se fosse um fato histórico frio que não atinge o nosso coração, como se alguém estivesse simplesmente relatando que o sultão tem uma coroa de ouro.”<sup>4</sup> Era uma convicção-chave da Reforma que o estudo cuidadoso das Escrituras, bem como o fato de ouvi-las de modo meditativo, que os monges chamavam de *lectio divina*, poderia fornecer resultados transformadores de vida. O CBR deseja elogiar a obra exegética da era da Reforma como um programa de resgate por amor à renovação – recursos espirituais para cristãos comprometidos com a vida de fé hoje.

### Perspectivas

Ao apresentar as perspectivas e os perímetros do CBR, as seguintes considerações serão úteis.

**Cronologia.** Quando a Reforma começou, e quanto tempo durou? Em alguns relatos tradicionais, a resposta é clara: a Reforma começou com a colocação das Noventa e Cinco Teses de Lutero em Wittenberg em 1517, e terminou com a morte de Calvino em Genebra em 1564. Além de reduzir a Reforma a um evento amplamente alemão com um espaço para a Suíça, essa perspectiva deixa de fazer justiça aos importantes acontecimentos que levaram ao rompimento de Lutero com Roma e suas muitas reverberações pela Europa e além. Ao selecionar comentários para o CBR, adotamos o conceito do longo século 16, a saber, do final dos anos 1400 até meados do século 17. Sendo assim, incluímos trechos de comentários de escritores pré-Reforma ou do início da Reforma, tais como John Colet e Jacques Lefèvre d’Étaples, até figuras do século 17, como Henry Ainsworth e Johann Gerhard.

**Confissão.** O CBR se concentra primariamente, embora não exclusivamente, nos escritos exegéticos dos reformadores protestantes. Enquanto o ACCS forneceu um compêndio de importantes exegetas consensuais dos primeiros séculos do cristianismo, a divisão confessional católico-protestante no século 16 pôs à prova a própria ideia de consenso, especialmente com referência à eclesiologia e à soteriologia. Ainda que muitos talentosos e dignos exegetas fiéis à Igreja Católica Romana estivessem ativos durante esse período, esse projeto escolheu incluir aquelas figuras que representam perspectivas dentro da Reforma protestante. Por essa razão, não incluímos comentários sobre os escritos apócrifos ou deuterocanônicos.

Reconhecemos que “protestante” e “católico” como rótulos contrastantes são termos anacrônicos para as primeiras décadas do século 16, antes da solidificação de identidades confessionais em torno do Concílio de Trento. Figuras protestantes como Filipe Melancthon, Johannes Ecolampádio e João Calvino foram todas produtos do reavivamento das sagradas letras conhecido como humanismo bíblico. Eles compartilhavam uma abordagem à interpretação bíblica que devia muito a Erasmo de Roderdã e a outros acadêmicos que se mantiveram leais à Igreja de Roma. Estudos comparativos cuidadosos entre a exegese protestante e a católica no século 16 demonstram áreas de surpreendente concordância quando o foco era o estudo de uma passagem bíblica em particular em vez dos debates confessionais-padrão.

Ao mesmo tempo, diferenças exegéticas entre os vários grupos protestantes poderiam se tornar agudas e divisoras da igreja. O exemplo mais famoso disso é o impasse interpretativo entre Lutero e Zúinglio sobre o sentido de “isto é o meu corpo” (Mt 26.26) nas palavras da instituição da Ceia. O desacordo entre eles no Colóquio de Marburg em 1529 teve importantes implicações cristológicas e pastorais, assim como consequências sociais e políticas. Lutero recusou a Ceia a Zúinglio e a seu grupo no final do colóquio; em medida nada pequena, essa divisão amarga levou à busca de trajetórias separadas do protestantismo luterano e do reformado até o dia de hoje. Na Inglaterra elizabetana, puritanos e anglicanos concordavam que “as Sagradas Escrituras contêm todas as coisas necessárias para a salvação: de modo que o que não está contido nelas, e nem pode ser provado a partir delas, não deve ser exigido de qualquer homem” (artigo 6 dos Trinta e

<sup>4</sup> WA 49:176-77, citado em Roland Bainton, “The Bible in the Reformation”, em *CHB*, p. 23.

Nove Artigos da Religião); no entanto, com base em suas diferentes interpretações da Bíblia, eles lutaram amargamente quanto às estruturas da igreja, à roupagem do clero e às formas de culto. Quanto à questão de batismo infantil, tanto católicos quanto protestantes concordavam com sua propriedade, embora houvesse várias teorias concernentes a como uma prática não mencionada na Bíblia poderia ser justificada biblicamente. Os anabatistas eram os marginais nesse quesito. Eles rejeitaram totalmente o batismo infantil. Apelavam para o exemplo do batismo de Jesus e às suas últimas palavras conforme registradas no evangelho de Mateus (Mt 28.19-20): “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”. Os cristãos do Novo Testamento, eles argumentavam, devem seguir não só os mandamentos de Jesus na Grande Comissão, mas também a exata ordem na qual foram dados: evangelizar, batizar, catequizar.

Essas e muitas outras diferenças de interpretação entre os vários grupos protestantes estão refletidas nos seus muitos sermões, comentários e debates públicos. No CBR, a introdução do organizador de cada volume visa a ajudar o leitor a entender a natureza e o significado das conversas e debates doutrinários que resultaram em interpretações particulares e, frequentemente, conflitantes. Notas de rodapé por todo o texto serão fornecidas para explicar as referências obscuras, as expressões incomuns e outras questões que exigem comentário especial. Os organizadores de volume escolheram comentários sobre a Bíblia provindos de um amplo leque de confissões e escolas de interpretação do século 16: humanistas bíblicos, luteranos, reformados, anglicanos, puritanos e anabatistas. Não buscamos passagens de autores católicos pós-tridentinos ou de escritores antitrinitarianos ou espiritualistas radicais, embora exista material suficiente dessas fontes que justificaria outra série.

A disponibilidade de recursos digitais tem dado acesso a um enorme banco de dados residuais de comentários exegéticos do século 16, até então disponíveis somente em grandes universidades de pesquisa e coleções de livros raros. O CBR estabeleceu uma parceria com a Alexander Street Press Digital Library of Classical Protestant Texts (DLCPT) para tornar disponível aos nossos organizadores de volumes obras impressas do século 16 num formato *on-line*. Por meio do auxílio do conselheiro editorial do CRE, Herman Selderhuis, também tivemos acesso às coleções especiais da Reforma da Johannes a Lasco Bibliothek em Emden, Alemanha. Além disso, edições críticas modernas e traduções de fontes da Reforma foram publicadas ao longo da última geração.

O projeto do CBR tem o objetivo de oferecer acesso fácil a esses textos clássicos. Cada volume no CBR incluirá uma introdução pelo organizador do volume colocando aquela porção do cânone dentro do contexto histórico da Reforma protestante e apresentando um resumo dos temas teológicos, questões interpretativas e recepção de cada livro. O comentário em si consiste em perícopes específicos identificados por um cabeçalho de pericope: o texto bíblico na English Standard Version (ESV),\* com variantes textuais significativas registradas no rodapé; uma visão geral do pericope no qual as principais questões exegéticas e teológicas de escritores da Reforma são observadas de modo sucinto; e excertos dos escritores reformados identificados por nome de acordo com as convenções da *Oxford Encyclopedia of the Reformation*. Traduções originais de fontes da Reforma são fornecidas, exceto quando já existirem traduções aceitáveis. Cada volume incluirá uma bibliografia das fontes citadas, assim como um apêndice de autores e de obras.

A era da Reforma foi um tempo de violência tanto verbal como física, e esse fato apresentou um desafio para este projeto. Sem satanizar os textos de modo indevido, não nos sentimos obrigados a mostrar comentários que continham retórica antissemita, sexista ou descomedidamente polêmica. Observamos o resumo de textos com elipses e uma nota de rodapé explanatória. Embora esse procedimento não fosse válido na edição crítica do texto, julgamos apropriado em

---

\* Nesta edição em português, é usada a tradução revista e atualizada de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., da Sociedade Bíblica do Brasil. (N. da R.)

uma série cujo propósito principal é pastoral e devocional. Quando traduzimos *homo* ou termos semelhantes que se referem à raça humana como um todo, utilizamos expressões alternativas na nossa língua para a palavra *homem* (ou construções derivadas usadas genericamente para indicar a humanidade como um todo), sempre que essas substituições pudessem ser feitas sem produzir uma construção estranha ou artificial.

Assim como no ACCS, nos esforçamos sempre que possível para incluir as vozes de mulheres, embora reconheçamos a dificuldade de fazê-lo para o início do período moderno quando, por uma variedade de razões sociais e culturais, poucas obras teológicas e bíblicas foram publicadas por mulheres. No entanto, a recente erudição tem se concentrado numa série de líderes femininas cujas obras literárias inéditas nos mostram como elas entendiam e interpretavam a Bíblia. Mulheres que fizeram contribuições significativas à Reforma incluem Marguerite d'Angoulême, irmã do rei Francisco I, que apoiou os evangélicos franceses reformistas, incluindo Calvino e publicou um poema religioso influenciado pela teologia de Lutero, *The mirror of the sinful soul* [O espelho da alma pecaminosa]; Argula Von Grumbach, uma mulher da nobreza bavariana que defendeu os ensinamentos de Lutero e Melancthon perante os teólogos da Universidade de Ingolstadt; Katarina Schütz Zell, a esposa de um ex-padre, Matthias Zell, e de certo modo uma reformadora notável por seus próprios méritos – ela dirigiu funerais, compilou livros de hinos, defendeu os oprimidos e publicou uma defesa do casamento clerical, bem como compôs obras sobre o consolo divino e súplicas pela tolerância tanto dos anabatistas quanto dos católicos; e Anne Askew, mártir protestante condenada à morte em 1546 depois de demonstrar notável conhecimento bíblico ao ser examinada por oficiais da igreja. Outros ecos de mulheres fiéis na era da Reforma são encontrados nas suas cartas, traduções, poemas, hinos, depoimentos nos tribunais e registros de mártires.

**Cultura leiga, cultura erudita.** Em décadas recentes, muita atenção tem sido dada ao que é chamado de “reforma de baixo”, isto é, as expressões de crenças religiosas e vida eclesiástica que caracterizaram a cultura popular da maioria da população na era da Reforma. Historiadores sociais têm nos ensinado a examinar as piedades diversas do povo da vila e do povo da cidade, da religião rural e vida urbana, o surgimento de teologias leigas e as experiências de mulheres nos tumultos religiosos da Europa durante a Reforma.<sup>5</sup> Comentários formais são por natureza artefatos da cultura erudita. Quase todos eles foram escritos em latim, a língua universal do discurso acadêmico, até bem depois da era da Reforma. Os comentários bíblicos certamente não eram o meio principal pelo qual a Reforma protestante se espalhou tão rapidamente por vários setores da sociedade do século 16. Os pequenos panfletos e os volantes, posteriormente chamados *Flugschriften* (“escritos voadores”), com suas gravuras e desenhos em forma de caricaturas de personalidades e eventos da Reforma, tornaram-se o meio escolhido para a comunicação em massa no início da era da impressão. Sermões e obras de devoção também eram impressos com recursos visuais atraentes. Os primeiros escritos de Lutero eram muitas vezes acompanhados de desenhos e esboços de Lucas Cranach e outros artistas. Isso era feito “acima de tudo por causa das crianças e das pessoas simples”, como Lutero colocou, “que são mais facilmente movidas pelas figuras e imagens a se lembrarem da história divina do que por meio de meras palavras e doutrinas”.<sup>6</sup>

Contudo, devemos ter o cuidado de não traçar uma distinção muito nítida entre a cultura erudita e a cultura leiga nesse período. O fenômeno da pregação era uma espécie de ponte verbal entre os acadêmicos em seus gabinetes e os milhares de ouvintes analfabetos ou semianalfabetos, cujas visões eram moldadas pelos resultados da exegese da Reforma. De acordo com testemunhos contemporâneos, mais de mil pessoas se reuniam em Genebra para ouvir Calvino expor as Escri-

<sup>5</sup> Veja Peter Matheson, org., *Reformation Christianity* (Minneapolis: Fortress, 2007).

<sup>6</sup> Martinho Lutero, *Passional* (1522). Veja R. W. Scribner, *For the Sake of Simple Folk: Popular Propaganda for the German Reformation* (Cambridge: Cambridge University Press, 1981), p. xi.

<sup>7</sup> Carta de De Beaulieu para Guillaume Farel (1561) in J. W. Baum, org., *Theodore Beza handschriftlichen und anderen gleichzeitigen Quellen* (Leipzig: Weidmann, 1851), 2.92.

turas todos os dias.<sup>7</sup> Um exemplo de como as obras teológicas eruditas de acadêmicos da Reforma eram recebidas nas diversas divisões de classes e *status* social vem de Lazare Drilhon, um farmacêutico de Toulon. Ele foi acusado de heresia em maio de 1545, quando um esconderijo de livros proibidos foi encontrado no jardim de seu armazém. Além de livros devocionais, o Novo Testamento em francês e um exemplar da liturgia da Genebra de Calvino, foram encontrados também uma série de comentários bíblicos traduzidos do latim para o francês: o de Martin Bucer sobre Mateus, o de François Lambert sobre o Apocalipse e o de Ecolampádio sobre 1 João.<sup>8</sup> A exegese bíblica no século 16 não era limitada ao tipo de comentários longos encontrados no armazém de Drilhon. Citações da Bíblia e exposições de seu significado permeiam a literatura existente de sermões, cartas, depoimentos dos tribunais, tratados doutrinários, registros de debates públicos e até testamentos. Conquanto a maior parte das seleções no CRE tenha sido tirada da literatura de comentário formal, outras fontes de reflexão bíblica serão também consideradas.

### Contexto histórico

**O legado medieval.** Em 18 de outubro de 1512, o título de *doctor in biblia* foi conferido a Martinho Lutero, e ele começou sua carreira como professor na Universidade de Wittenberg. Como é bem conhecido, Lutero era também um monge que havia feito votos solenes na Ordem agostiniana de eremitas em Erfurt. Esses dois contextos – a universidade e o monastério – ambos profundamente enraizados na Idade Média, formam o contexto não somente para a vocação pessoal de Lutero como reformador, mas também para a história do comentário bíblico na era da Reforma. Desde o tempo de Beda, o Venerável (m. 735), às vezes chamado de “o último dos Pais”, o estudo sério da Bíblia acontecia principalmente no contexto dos monastérios fechados. A regra de São Benedito juntava *lectio* e *meditatio*, o conhecimento das letras e a vida de oração. A liturgia era o meio pelo qual a leitura diária da Bíblia, especialmente dos salmos, e os ditos dos Pais da igreja se uniam na formação espiritual dos monges.<sup>9</sup> Essencial a esse entendimento era a crença na unidade do povo de Deus através do tempo e do espaço, e uma consciência de que a vida neste mundo era uma preparação para a visão beatífica na vida do porvir.

A fonte da teologia era o estudo do texto sacro (*sacra pagina*); seu objeto era o acúmulo de conhecimento, não por si mesmo, mas para a obtenção da vida eterna. Para esses monges, a Bíblia tinha Deus como o seu autor, a salvação como o seu objetivo e a verdade autêntica como a sua matéria, embora eles não expressassem isso de modo tão aristotélico. O método medieval de interpretar a Bíblia devia muito à obra de Agostinho, *Sobre a doutrina cristã*. Além de estabelecer uma série de regras (extraídas de uma obra anterior de Ticônio), Agostinho enfatizou a importância de distinguir o literal do espiritual ou os sentidos alegóricos da Escritura. Conquanto o sentido literal não fosse depreciado, o alegórico era valorizado porque habilitava o crente a obter benefício espiritual dos pontos obscuros na Bíblia, especialmente do Antigo Testamento. Para Agostinho, assim como para os monges que o seguiam, o objetivo da exegese escriturística era carregado de sentido escatológico; seu propósito era induzir fé, esperança e amor e, assim, fazer a pessoa avançar na peregrinação rumo à cidade com fundamentos (veja Hb 11.10).

Com base na obra de Agostinho e outros pais da igreja que remontavam a Orígenes, os exegetas medievais concluíram que a Escritura possuía quatro possíveis sentidos, a famosa *quadriga*. O sentido literal era retido, é claro, mas o significado espiritual era então subdividido em três sentidos: o alegórico, o moral e o anagógico. Exegetas medievais frequentemente se referiam aos quatro sentidos da Escritura usando um verso popular:

<sup>8</sup> Francis Higman, “A heretic’s library: the Drilhon inventory” (1545), in Francis Higman, *Lire et découvrir: la circulation des idées au temps de la Réforme* (Genebra: Droz, 1998), p. 65-85.

<sup>9</sup> Veja o clássico estudo de Jean Leclercq, *The love of learning and the desire for God* (Nova York: Fordham University Press), 1961.

*The letter shows us what God and our fathers did;  
The allegory shows us where our faith is hid;  
The moral meaning gives us rules of daily life;  
The anagogy shows us where we end our strife.\*<sup>10</sup>*

Nesse esquema, os três significados espirituais do texto correspondem às três virtudes teológicas: fé (alegoria), esperança (anagogia) e amor (o sentido moral). Deve ser observado que esse modo de abordar a Bíblia assumia uma elevada doutrina da inspiração bíblica: os múltiplos sentidos inerentes ao texto haviam sido colocados lá pelo Espírito Santo para o benefício do povo de Deus. A justificação bíblica para esse método remontava ao apóstolo Paulo, que havia usado as palavras *alegoria* e *tipo* quando aplicava acontecimentos do Antigo Testamento aos crentes em Cristo (Gl 4.21-31; 1Co 10.1-11). O problema com essa abordagem era saber como relacionar cada um dos quatro sentidos aos outros e como evitar que a Escritura se tornasse um nariz de cera mexido para lá e para cá por diferentes intérpretes. Como G. R. Evans explica: “Qualquer interpretação que pudesse ser feita do texto e estivesse de acordo com a fé e a edificação, tinha a chancela do próprio Deus, pois nenhum leitor humano tinha a engenhosidade para encontrar mais do que Deus havia colocado ali”.<sup>11</sup>

Com o surgimento das universidades no século 11, a teologia e o estudo das Escrituras saíram do monastério e foram para a sala de aula. A Escritura e os pais ainda eram importantes, mas eles passaram a funcionar mais como notas de rodapé às questões teológicas debatidas nas escolas, que foram reunidas de maneira impressionantemente sistemática em obras como *Books of sentences* (*Livros de sentenças*), de Pedro Lombardo (o texto-padrão de teologia na Idade Média) e as grandes *summae* escolásticas do século 13. Indispensável ao estudo da Bíblia no final da Idade Média era a *Glossa ordinaria*, uma coleção de opiniões exegéticas dos pais da igreja e outros comentaristas. Heiko Oberman resumiu a transição da devoção para a dialética deste modo: “Quando, em razão da revolução científica do século 12, a Escritura se tornou *objeto* de estudo em vez de *sujeito* por meio do qual Deus fala ao estudante, a diferença entre os dois modos de falar foi investigada em termos dos próprios textos em vez de na relação deles com os destinatários”.<sup>12</sup> Era possível, é claro, ser tanto teólogo escolástico quanto mestre da vida espiritual. Mestre Eckhart, por exemplo, escreveu comentários sobre o Antigo Testamento em latim e obras de teologia mística em alemão, refletindo o que se tornara uma divisão de labor entre os dois.

Um crescente enfoque no texto da Escritura levou a um reavivamento do interesse no seu sentido literal. As duas figuras-chave nesse desenvolvimento foram Tomás de Aquino (m. 1274) e Nicolau de Lira (m. 1340). Tomás é mais lembrado por sua *Summa theologiae*, mas ele também foi um prolífico comentarista da Bíblia. Tomás não abandonou os múltiplos sentidos da Escritura, mas declarou que todos os sentidos estão fundamentados em um – o literal – e esse sentido eclipsava a alegoria como base da doutrina sagrada. Nicolau de Lira era um acadêmico franciscano que utilizava o texto hebraico do Antigo Testamento e citava liberalmente as obras de autores judaicos, especialmente do rabino erudito francês Salomon Rashi (m. 1105). Depois de Aquino, Lira foi o mais forte defensor do sentido histórico-litera da Escritura como base primária do

\* A letra nos mostra o que Deus e nossos pais fizeram;/ A alegoria nos mostra onde nossa fé está escondida;/ O significado moral nos dá as regras para a vida diária;/ A anagogia nos mostra onde termina nossa luta.

<sup>10</sup> Uma tradução do conhecido quarteto latino: *Littera gesta docet/Quid credas allegoria/Moralis quid agas/Quo tendas anagogia*. Veja Robert M. Grant, *A short history of the interpretation of the Bible* (Nova York: Macmillan, 1963), p. 119.

<sup>11</sup> G. R. Evans. *The language and logic of the Bible: the road to Reformation* (Cambridge: Cambridge University Press, 1985), p. 42.

<sup>12</sup> Heiko Oberman, *Forerunners of the Reformation* (Filadélfia: Fortress, 1966), p. 284.



debate teológico. Sua obra *Postilla*, como suas anotações eram chamadas, foi amplamente divulgada no final da Idade Média e se tornou o primeiro comentário bíblico a ser impresso no século 15. Mais do que qualquer outro comentarista do período do alto escolasticismo, Lira e sua obra foram grandemente valorizados pelos primeiros reformadores. De acordo com um velho ditado latino, *Nisi Lyra lyrasset, Lutherus non saltasset*, “Se Lira não tivesse tocado sua lira, Lutero não teria dançado”. Conquanto Lutero nunca tenha sido discípulo de qualquer mestre, ele de fato louvou Lira como um bom hebraísta e o citou mais de cem vezes nas suas palestras sobre Gênesis, tendo declarado: “Eu o prefiro acima de quase todos os demais intérpretes da Escritura”.<sup>13</sup>

**Filologia sagrada.** O século 16 tem sido chamado de a era de ouro da interpretação bíblica, e é fato que a era da Reforma testemunhou uma explosão de comentários sem paralelo na história da igreja cristã. Kenneth Hagen catalogou 45 comentários sobre Hebreus entre 1516 (Erasmus) e 1598 (Beza).<sup>14</sup> Durante o século 16, mais de setenta novos comentários sobre Romanos foram publicados, cinco deles só por Melancthon, e quase uma centena de comentários sobre o livro de oração da Bíblia, Salmos.<sup>15</sup> Houve dois desenvolvimentos no século 15, que prepararam esse desenvolvimento e sem os quais ele não poderia ter acontecido: a invenção da imprensa e a redescoberta do vasto repertório de conhecimento antigo até então desconhecido ou indisponível aos estudiosos no Ocidente.

Hoje é comum dizer que o que o computador se tornou, na nossa geração, é o que a imprensa foi para o mundo de Erasmo, Lutero e outros líderes da Reforma. Johannes Gutenberg, ourives por profissão, desenvolveu um composto metálico apropriado para tipografia e uma máquina que conseguia imprimir caracteres, que seriam moldados com relativa facilidade em linhas retas de composição e, então, manipulados repetidas vezes, o que tornava possível a produção em massa de um número incontável de textos. Em 1455, a Bíblia de Gutenberg, a obra-prima da revolução tipográfica, foi publicada em Mainz em colunas duplas em tipo gótico. Quarenta e sete exemplares da bela Bíblia de Gutenberg ainda existem, cada um consistindo em mais de mil páginas coloridamente iluminadas e impecavelmente impressas. O que começou na gráfica de Gutenberg em Mainz, às margens do rio Reno, logo se espalhou, como o MacDonal’d’s e a Starbucks em nossos dias, para cada cantinho do mundo conhecido. Imprensas surgiram em Roma (1464), Veneza (1469), Paris (1470), nos Países Baixos (1471), na Suíça (1472), na Espanha (1474), na Inglaterra (1476), na Suécia (1483) e em Constantinopla (1490). Até o ano de 1500, essas e outras imprensas espalhadas pela Europa haviam publicado cerca de 27 mil títulos, a maioria deles em latim. Erasmo, certa vez, comparou-se com um pregador obscuro cujos sermões eram ouvidos somente por um punhado de pessoas em uma ou duas igrejas enquanto seus livros eram lidos em todos os países do mundo. Erasmo não era conhecido por sua humildade, mas nesse caso ele estava simplesmente dizendo a verdade.<sup>16</sup>

O humanista italiano Lorenzo Valla (m. 1457) morreu no alvorecer da era da imprensa, mas seus estudos críticos e filológicos seriam assumidos por outros que acreditavam que uma reforma genuína na igreja e na sociedade só poderia acontecer com o retorno às fontes do aprendizado e sabedoria antigos – *ad fontes*, “de volta às fontes”. Valla é mais lembrado por solapar uma importante alegação feita pelos defensores do papado quando ele provou, por meio de pesquisa filológica, que a assim chamada Doação de Constantino, a qual havia promovido a afirmação papal de soberania temporal, era uma fraude. Mas foi sua obra *Collatio Novi Testamenti*, de 1444, que exerceu

---

<sup>13</sup> LW 2:164.

<sup>14</sup> Kenneth Hagen, *Hebrews commenting from Erasmus to Bèze, 1516-1598* (Tübingen: Mohr, 1981).

<sup>15</sup> Veja David C. Steinmetz, org., *The Bible in the sixteenth century* (Durham: Duke University Press, 1990) e R. Gerald Hobbs, “Biblical commentaries”, *OER* 1:167-71.

<sup>16</sup> Veja E. Harris Harbison, *The Christian scholar in the age of the Reformation* (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1956), p. 80.

um grande efeito sobre a renovação dos estudos bíblicos no século seguinte. Erasmo descobriu o manuscrito dessa obra enquanto vasculhava uma velha biblioteca na Bélgica e a publicou em Paris em 1505. No prefácio da sua edição de Valla, Erasmo deu as razões que guiariam os seus próprios labores na crítica textual. Assim como Jerônimo havia traduzido a Vulgata Latina de versões e cópias mais antigas das Escrituras nos seus dias, do mesmo modo o próprio texto de Jerônimo deveria ser sujeito a escrutínio e correção cuidadosos. Erasmo seria o *Hieronymus redivivus*, um novo Jerônimo voltando à vida para fazer progredir a causa da filosofia sagrada. A restauração das Escrituras e dos escritos dos pais da igreja introduziu o que Erasmo julgava ser uma era de ouro de paz e aprendizado. Em 1516, o editor da Basileia, Froben, publicou *Novum Testamentum* de Erasmo, a primeira edição publicada do Novo Testamento grego. O Novo Testamento grego de Erasmo passaria por cinco edições durante a sua vida, cada uma delas com novas correções ao texto e uma seção crescente de anotações que se expandiram para incluir não só notas técnicas sobre o texto, mas também comentários teológicos. A influência do Novo Testamento grego de Erasmo foi enorme. Ele formou a base para o *Novum Testamentum Graece* de 1550 de Robert Estienne, que, por sua vez, foi utilizado para estabelecer o *Textus receptus* grego para inúmeras traduções do final da Reforma, incluindo a Versão do Rei Tiago de 1611.

A despeito de toda a sua erudição no grego, Erasmo era um estudante fraco de hebraico e só publicou comentários sobre alguns dos salmos. No entanto, o renascimento das letras hebraicas fez parte de um programa mais amplo de humanismo bíblico, conforme refletido no estabelecimento de universidades trilingües voltadas para o estudo do hebraico, do grego e do latim (os três idiomas usados no *titulus* da cruz de Jesus [Jo 19.20]) em Alcalá na Espanha, Wittenberg na Alemanha, Louvain na Bélgica e Paris na França. Conquanto seja verdade que alguns comentaristas medievais, especialmente Nicolau de Lira, tivessem sido informados pelo estudo do hebraico e do hebraico rabínico em sua obra bíblica, foi a publicação do *De rudimentis hebraicis* (1506) de Johannes Reuchlin, uma combinação de gramática e dicionário, que levou à redescoberta da *Veritas hebraica*, como Jerônimo havia se referido à verdadeira voz das Escrituras hebraicas. A busca dos estudos hebraicos foi levada adiante na Reforma por dois grandes acadêmicos, Konrad Pellikan e Sebastian Münster. Pellikan, ex-frade franciscano, abraçou a causa protestante e desempenhou um papel importante na Reforma de Zurique. Ele havia publicado uma gramática hebraica antes mesmo de Reuchlin e produzido um comentário sobre a Bíblia toda, que apareceu em sete volumes entre 1532 e 1539. Münster era aluno de Pellikan e ensinava hebraico na Universidade de Heidelberg antes de assumir posição similar na Basileia. Assim como seu mentor, Münster era um grande colecionador de textos hebraicos e publicou uma série de excelentes gramáticas, dicionários e textos rabínicos judaicos. Münster fez para o Antigo Testamento hebraico o que Erasmo havia feito para o Novo Testamento grego. Sua *Hebraica Biblia* forneceu uma nova tradução do latim do Antigo Testamento com anotações com base na exegese rabínica medieval.

Lutero primeiro aprendeu hebraico com a gramática de Reuchlin em mãos, mas fez uso de outras obras publicadas, tais como os quatro volumes da Bíblia hebraica publicada em Veneza por Daniel Bomberg de 1516 a 1517. Ele também reuniu seu próprio círculo de eruditos no hebraico, seu *sinédrio*, como ele o chamava, que o ajudava em sua tradução do Antigo Testamento para o alemão. Não sabemos onde William Tyndale aprendeu hebraico, embora talvez tenha sido em Worms, onde surgiu uma próspera escola rabínica durante sua estada lá. De qualquer modo, ele havia dominado o idioma de tal maneira, que produzir uma nova tradução do Pentateuco, publicada em Antuérpia em 1530. Na época em que o erudito separatista inglês Henry Ainsworth publicou seus prolixos comentários sobre o Pentateuco em 1616, o conhecimento do hebraico, assim como do grego, era requerido de todo estudioso sério da Bíblia. No prefácio de seu comentário sobre Gênesis, Ainsworth explicou que “o sentido literal do hebraico de Moisés (que foi o idioma no qual ele escreveu a lei), é a base de toda interpretação, e esse idioma tem figuras e propriedades de linguagem diferentes das

nossas: estas, portanto, primeiramente devem ser expostas para que sendo conhecido o sentido natural da Escritura, os mistérios da piedade ali implícitos, possam ser mais bem discernidos”.<sup>17</sup>

A restauração do texto bíblico nas línguas originais tornou possível o reavivamento da exposição bíblica refletida no dilúvio de literatura sermônica e obras de comentários. De importância ainda maior foi o fluxo constante de Bíblias no vernáculo no século 16. Na introdução da edição de 1516 do Novo Testamento, Erasmo expressou seu desejo de que as Escrituras fossem traduzidas para todos os idiomas de tal modo que “as mulheres mais simples” pudessem ler os evangelhos e as epístolas paulinas e “o fazendeiro cantar alguma porção deles ao arar, o tecelão cantarolar algumas partes conforme o movimento da sua maquinaria, o viajante diminuir o cansaço da jornada com histórias dessa natureza”.<sup>18</sup> Assim como Erasmo, Tyndale queria que a Bíblia fosse disponibilizada na língua do povo. Certa vez, ele disse a um teólogo erudito que se Deus preservasse a sua vida, ele levaria o rapaz que conduz o arado a conhecer mais das Escrituras do que ele mesmo.<sup>19</sup> O projeto de permitir que a Bíblia falasse na língua da mãe de família, das crianças na rua e do vendedor de queijo no mercado encontrou dura oposição por parte de polemistas católicos como Johannes Eck, o oponente de Lutero no Debate de Leipzig em 1519. Em seu *Enchiridion* (1525), Eck zombou dos “teólogos da tinta” cujas traduções escancaravam a Bíblia perante “uma multidão destreinada” e a sujeitava ao juízo de “leigos e velhas caducas”.<sup>20</sup> Na verdade, cerca de catorze Bíblias alemãs já tinham sido publicadas antes do Testamento de setembro de 1522, de Lutero, que ele traduziu do Novo Testamento grego de Erasmo em menos de três meses, enquanto sequestrado em Wartburg. O Novo Testamento alemão de Lutero se tornou o primeiro *best-seller* no mundo, tendo aparecido em 43 edições entre 1522 e 1525 com uma tiragem de cerca de 100 mil exemplares nesses três anos. Estima-se que cinco por cento da população alemã fosse alfabetizada na época, mas essa taxa aumentou com o passar do século por causa, em grande parte, do sucesso irrestrito das Bíblias no vernáculo.<sup>21</sup>

A Bíblia alemã de Lutero (incluindo o Antigo Testamento de 1534) foi a mais bem-sucedida empreitada desse tipo, mas não estava sozinha. Hans Denck e Ludwig Hätzer, líderes do movimento anabatista inicial, traduziram os livros proféticos do Antigo Testamento do hebraico para o alemão em 1527. Essa obra influenciou a Bíblia suíço-alemã de 1531 publicada por Leo Jud e outros pastores em Zurique. A influência de Tyndale na língua inglesa rivalizava com a de Lutero na alemã. Numa época em que o inglês era considerado um “dialeto obscuro e remoto do alemão, falado numa ilha ao largo da costa”, Tyndale, com sua habilidade linguística extraordinária (ele era fluente em oito idiomas), “fez um idioma para a Inglaterra”, como observou seu moderno editor David Daniell.<sup>22</sup> Tyndale foi preso e executado perto de Bruxelas em 1536, mas a influência de sua obra bíblica entre o povo comum da Inglaterra já estava sendo sentida. Não há razão para duvidar a autenticidade da reminiscência de John Foxe sobre como o Novo Testamento de Tyndale foi recebido na Inglaterra durante as décadas de 1520 e 1530: “O zelo ardente de cristãos naqueles dias parecia muito superior a destes nossos dias e tempos, como parece ser manifesto pelo hábito

<sup>17</sup> Henry Ainsworth, *Annotations upon the first book of Moses called Genesis* (Amsterdã, 1616), prefácio.

<sup>18</sup> John C. Olin, *Christian humanism and the Reformation* (Nova York: Fordham University Press, 1987), p. 101.

<sup>19</sup> Essa famosa frase de Tyndale foi citada por John Foxe no seu livro *Acts and monuments of matters happening in the church* (Londres, 1563). Veja Henry Wansbrough, “Tyndale”, in Richard Griffith, org., *The Bible in the Renaissance* (Aldershot, Vt.: Ashgate, 2001), p. 124.

<sup>20</sup> Johannes Eck, *Enchiridion of commonplaces*, trad. Ford Lewis Battles (Grand Rapids: Baker, 1979), p. 47-49.

<sup>21</sup> O efeito da imprensa sobre a disseminação da Reforma tem sido muito debatido. Veja o estudo clássico de Elizabeth L. Eisenstein, *The printing press as an agent of change* (Cambridge: Cambridge University Press, 1979). Estudos mais recentes incluem Mark U. Edwards Jr., *Printing, propaganda and Martin Luther* (Minneapolis: Fortress, 1994) e Andrew Pettegree and Matthew Hall, “The Reformation and the book: a reconsideration”, *Historical journal* 47 (2004): 1-24.

<sup>22</sup> David Daniell, *William Tyndale: a biography* (New Haven: Yale University Press, 1994), p. 3.

que tinham de se sentar à noite toda para ler e ouvir: também pelos seus gastos e iniciativa em comprar obras em inglês, pelos quais alguns davam cinco marcos, alguns mais, alguns menos, por um livro; alguns davam um carregamento de feno por alguns capítulos de São Tiago ou de São Paulo em inglês”.<sup>23</sup>

Calvino ajudou a revisar e contribuiu com três prefácios à Bíblia francesa traduzida pelo seu primo Pierre Robert Olivétan, originalmente publicada em Neuchâtel em 1535. Clement Marot e Beza providenciaram um nova tradução do Livro dos Salmos, com cada salmo colocado em forma poética e acompanhado de arranjos musicais monofônicos para o canto congregacional. O *Bay psalter*, o primeiro livro impresso nos Estados Unidos, era uma adaptação em inglês dessa obra. Genebra também forneceu a origem da mais influente Bíblia italiana publicada por Jean Diodati em 1607. A florescência do humanismo bíblico nas Bíblias nas línguas vernáculas resultou em novas traduções para todos os maiores grupos linguísticos da Europa: espanhol (1569), português (1681), holandês (Novo Testamento, 1523; Antigo Testamento, 1527), dinamarquês (1550), tcheco (1579-1593-1594), húngaro (Novo Testamento, 1541; Bíblia completa, 1590), polonês (1563), sueco (1541) e até mesmo árabe (1591).<sup>24</sup>

### Padrões da Reforma

Uma vez que o texto da Bíblia foi colocado nas mãos do povo, em edições baratas e facilmente acessíveis, que necessidade haveria de explicações publicadas tais como comentários? Dado a doutrina protestante do sacerdotício de todos os crentes, havia ainda alguma necessidade de um clero erudito e sua religião livresca? Alguns reformadores radicais julgavam que não. Sebastian Franck buscou a verdadeira igreja do Espírito “espalhada entre os pagãos e as ervas daninhas”, mas não conseguiu encontrá-la em nenhuma das estruturas institucionais de seus dias. *Veritas non potest scribi, aut excribi*, ele disse, “a verdade não pode ser falada ou escrita”.<sup>25</sup> Kaspar von Schwenckfeld enfatizou tanto a religiosidade interior que suspendeu a observância externa da Ceia do Senhor e desprezou as Escrituras legíveis e audíveis em favor da palavra no interior. Essa trajetória levaria ao surgimento dos quacres no século seguinte, mas não foi seguida nem pelos reformadores tradicionais, nem pela maioria dos anabatistas. O artigo 7 da Confissão de Augsburgo (1530) declarou que a única igreja cristã santa é “a assembleia de todos os crentes entre os quais o evangelho é pregado em sua pureza e os santos sacramentos são administrados de acordo com os evangelhos”.<sup>26</sup>

Historiadores do século 19 se referiam aos princípios materiais e formais da Reforma. Nesse ponto, a questão em jogo era o significado do evangelho cristão: o discernimento libertador de que pecadores desesperados são gratuitamente justificados pelo dom da fé somente, à parte de quaisquer obras ou méritos deles próprios, inteiramente com base na obra expiatória de Cristo na cruz. Especialmente para Lutero, a justificação pela fé somente se tornou o critério pelo qual todas as outras doutrinas e práticas da igreja deveriam ser avaliadas. A cruz prova tudo, ele disse no debate de Heidelberg em 1518. A distinção entre lei e evangelho, portanto, tornou-se a principal chave hermenêutica que destrancava o verdadeiro sentido da Escritura.

O princípio formal da Reforma, *sola scriptura*, estava estreitamente relacionado com distinções apropriadas entre Escritura e tradição. “Só a Escritura”, disse Lutero, “é o verdadeiro senhor e mestre de todos os escritos e doutrina na terra. Se isso não for aceito, para que serve a Escritura? Quanto mais a rejeitarmos, mais ficaremos satisfeitos com os livros de homens e com professores

<sup>23</sup> John Foxe, *The acts in monuments*. 4:212.

<sup>24</sup> Sobre traduções para o vernáculo da Bíblia, veja CHB 3:94-140 e Jaroslav Pelikan, *The Reformation of the Bible/ The Bible of the Reformation* (New Haven: Yale University Press, 1996), p. 41-62.

<sup>25</sup> Sebastian Franck, *280 Paradoxes or wondrous sayings*, trad. E. J. Furcha (Lewiston, NY: Edwin Mellen Press, 1986), p. 10, 212.

<sup>26</sup> John H. Leith, org., *Creeeds of the churches* (Atlanta: John Knox, 1963), p. 70.

humanos”.<sup>27</sup> Com base nesse princípio, os reformadores desafiaram as estruturas e instituições da Igreja Católica medieval. Até um simples leigo, eles afirmavam, armado com a Escritura, deve ser crido acima do papa ou de um concílio sem ela. Porém, mesmo com essa afirmação ousada, a doutrina da primazia da Escritura não livrava os reformadores de lidarem com uma gama de questões hermenêuticas que se tornaram temas de disputa tanto entre Roma e a Reforma quanto dentro de cada uma dessas duas comunidades: a extensão do cânone bíblico, a validade do estudo crítico da Bíblia, a clareza da Escritura e sua relação com a pregação, e a retenção de práticas devocionais e litúrgicas tais como dias santos, incenso, a queima de velas, o borrifar de água benta, a arte sacra e os instrumentos musicais. Zuínglio, os puritanos e os radicais descartavam tais coisas como refugos cerimoniais, que resultavam em nada mais do que palhaçadas, enquanto luteranos e anglicanos retiveram a maior parte dessas práticas como condizentes com a Escritura e auxílios valiosos à adoração.

É importante observar que, conquanto os reformadores magisteriais diferissem entre si a respeito de muitas questões, de maneira geral eles se viam como parte da tradição católica contínua, como verdadeiros portadores dessa tradição. Isso era visto de muitas maneiras, incluindo o senso de continuidade com a igreja de séculos anteriores, o fato de aceitarem a ortodoxia ecumênica da igreja primitiva, e o desejo que tinham de ler a Bíblia em diálogo com a tradição exegética da igreja.

Em seus comentários bíblicos, os reformadores do século 16 revelaram uma íntima familiaridade com a tradição exegética que os precedera, e eles a usavam de modo tanto respeitoso quanto crítico em suas próprias explicações do texto sagrado. Para eles, *sola scriptura* não era *nuda scriptura*. Em vez disso, as Escrituras eram vistas como o livro dado à igreja, reunido e orientado pelo Espírito Santo. Em sua reafirmação do Cânone Vicentino, Calvino definiu a igreja como “uma sociedade de todos os santos, uma sociedade que, espalhada por todo o mundo, e existente em todas as eras, e unida por uma doutrina e o único espírito de Cristo, cultiva e observa a unidade da fé e o acordo fraternal. Com essa igreja nós negamos que tenhamos qualquer desacordo. Pelo contrário, assim como a reverenciamos como nossa mãe, do mesmo modo desejamos permanecer em seu seio”. Definida assim, a igreja tem uma autoridade real, embora relativa e circunscrita, já que Calvino afirma: “Não podemos voar sem asas”.<sup>28</sup> Conquanto os reformadores não pudessem concordar com o Concílio de Trento (embora alguns teólogos católicos recentes tenham contestado essa interpretação) de que a Escritura e a tradição eram duas fontes separadas e equívocas de revelação divina, eles acreditavam na equivalência de Escritura e tradição. Essa convicção moldava o modo como eles liam e interpretavam a Bíblia.<sup>29</sup>

### Escolas de exegese

Os reformadores eram apaixonados pela exegese bíblica, mas eles demonstravam pouca preocupação com a hermenêutica como campo separado de investigação. Niels Hemmingsen, teólogo luterano da Dinamarca, escreveu um tratado, *De Methodis* (1555), no qual forneceu uma estrutura filosófica e teológica para a interpretação da Escritura. Ela foi seguida pela *Clavis scripturae sacrae* (1567) de Matias Flávio Ilírico, que continha cerca de cinquenta regras para estudar a Bíblia, tiradas da própria Bíblia.<sup>30</sup> Contudo, a hermenêutica como nós a conhecemos surgiu apenas no Iluminismo e não deve ser transportada para a Reforma. Também é verdade que a palavra

<sup>27</sup> Martinho Lutero, “Defense and explanation of all the articles which were rejected by the Roman Bull” (1521), WA 7:317.1-9; LW 32:11-12.

<sup>28</sup> John C. Olin, org., *John Calvin and Jacopo Sadoletto: A Reformation debate* (Nova York: Harper Torchbooks, 1966), p. 61-62, 77.

<sup>29</sup> Veja Timothy George, “An evangelical reflection on Scripture and tradition”, *Pro Ecclesia* 9 (2000): 184-207.

<sup>30</sup> Veja Kenneth G. Hagen, “‘De Exegetica Methodo’: Niels Hemmingsen’s *De Methodis* (1555)”, em *The Bible in the sixteenth century*, org. David C. Steinmetz (Durham: Duke University Press, 1990), p. 181-196.

*comentário* não significava no século 16 o que significa para nós hoje. Erasmo forneceu tanto anotações como paráfrases do Novo Testamento, as primeiras sendo uma série de notas críticas sobre o texto, a qual também contém pontos de substância doutrinária, e as últimas, uma visão geral teológica e breve exposição. A maioria dos comentários de Calvino começou como sermões ou palestras apresentadas no decurso do seu ministério pastoral. Na dedicatória do seu estudo a respeito de Gálatas de 1519, Lutero declarou que sua obra “não é tanto um comentário, mas um testemunho (*ennaratio*) da minha fé em Cristo”.<sup>31</sup> A obra exegética dos reformadores era incorporada numa vasta variedade de formas e gêneros, e o CBR trabalhou com esse conceito mais amplo ao estabelecer as diretrizes para este compêndio.

Os reformadores protestantes compartilhavam uma série de princípios interpretativos-chave tais como a prioridade do sentido gramático-histórico da Escritura e a centralidade cristológica de toda a Bíblia, mas também desenvolveram uma série de abordagens e escolas de exegese distintas.<sup>32</sup> Para os propósitos do CBR, observamos as seguintes figuras-chave e famílias de interpretação desse período.

**Humanismo bíblico.** A figura-chave é Erasmo, cuja importância é difícil de ser exagerada tanto para exegetas católicos quanto protestantes. Seu Novo Testamento grego anotado e sua nova tradução latina desafiavam a hegemonia da tradição da Vulgata, isso, sem dúvida, foi um fator na decisão do Concílio de Trento em estabelecer a edição da Vulgata como autêntica e normativa. Erasmo cria que a ampla distribuição das Escrituras contribuiria para uma renovação espiritual pessoal e a reforma da sociedade. Em 1547, foi ordenado que a tradução inglesa das *Paráfrases* de Erasmo fosse colocada em cada igreja paroquial da Inglaterra. John Colet primeiro incentivou Erasmo a aprender o grego, embora ele mesmo nunca tenha aprendido o idioma. As palestras de Colet sobre as epístolas de Paulo em Oxford estão refletidas nos seus comentários sobre Romanos e 1 Coríntios.

Jacques Lefèvre d'Étaples tem sido chamado de “o Erasmo francês” por causa de sua grande erudição e apoio aos primeiros movimentos reformadores em sua terra de origem. Ele publicou uma grande edição do Saltério, assim como comentários sobre Romanos (1512), sobre os evangelhos (1522) e sobre as epístolas pastorais (1527). Guilherme Farel, um dos primeiros reformadores de Genebra e discípulo de Lefèvre, e o jovem Calvino também estiveram sob a sua esfera de influência.

Entre os reformadores católicos pré-tridentinos, atenção especial deve ser dada a Thomas de Vio, mais conhecido por Cajetan. Ele é mais lembrado por confrontar Martinho Lutero em nome do papa em 1518, mas seus comentários bíblicos (sobre cada livro da Bíblia exceto Cântico dos Cânticos e Apocalipse) são praticamente isentos de polêmica. Assim como Erasmo, ele ousou criticar a Vulgata em bases linguísticas. Seu comentário sobre Romanos apoiou a doutrina da justificação pela graça aplicada pela fé baseada numa “justiça alheia” de Deus em Cristo. Jared Wicks resume o significado de Cajetan da seguinte maneira: “A combinação da paixão de Cajetan pelo significado bíblico incorrupto com seu horizonte teológico de entendimento plenamente desenvolvido indica, de modo intrigante, um pouco da amplitude de possibilidades abertas aos católicos-romanos antes que uma decisão mais restritiva passasse a exercer o controle sobre muitos intérpretes católicos na esteira do Concílio de Trento (1545-1563)”.<sup>33</sup> Girolamo Seripando, como

<sup>31</sup> Veja Kenneth Hagen, “What did the term *commentarius* mean to sixteenth-century theologians?”, em Irena Backus e Francis M. Higman, org., *Theorie et pratique de l'exegese* (Genebra: Droz, 1990), p. 13-38.

<sup>32</sup> Aqui, sigo o esboço de Irena Backus, “Biblical hermeneutics and exegesis”, *OER* 1:152-58. Nessa obra, Backus se restringe a desenvolvimentos continentais, conquanto tenhamos observado a contribuição exegética da Reforma inglesa também. Para uma lista mais abrangente de comentaristas do século 16, veja Gerald Bray, *Biblical interpretation* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1996), p. 165-212 e Richard A. Muller, “Biblical interpretation in the sixteenth and seventeenth centuries”, *DMBI*, p. 22-44.

<sup>33</sup> Jared Wicks, “Tommaso de Vio Cajetan (1469-1534)”, *DMBI*, p. 283-287.

Cajetan, era cardeal da Igreja Católica, aquele da ordem agostiniana e esse último, da ordem dominicana. Notável erudito clássico Seripando publicou comentários sobre Romanos e Gálatas. Importante também é Jacopo Sadoletto, outro cardeal, mais conhecido por sua carta de 1539 ao povo de Genebra suplicando-lhes para retornarem à Igreja de Roma, e contra a qual Calvino respondeu com um manifesto. Sadoletto publicou um comentário sobre Romanos em 1535. Bucer comentou que o ensino de Sadoletto sobre a justificação se aproximava do dos reformadores, embora outros o vissem distante da tradição agostiniana e tendendo ao pelagianismo.<sup>34</sup>

**Lutero e a Escola de Wittenberg.** Foi em nome da Palavra de Deus, e especificamente como doutor da Escritura, que Lutero desafiou a igreja do seu tempo e deu início à Reforma. Embora Lutero tenha renunciado a seus votos monásticos, ele nunca perdeu o senso de intimidade com a *sacra pagina*, que havia adquirido quando era um jovem monge. Lutero forneceu três regras para a leitura da Bíblia: oração, meditação e luta (*tentatio*). Sua produção exegética foi enorme. Na edição norte-americana das obras de Lutero, trinta dos cinquenta e cinco volumes são dedicados aos seus estudos bíblicos, e há planos de outras traduções. Muitos dos seus comentários surgiram de sermões ou anotações de palestras feitas aos seus alunos na universidade e às suas ovelhas na igreja paroquial de Santa Maria em Wittenberg. Lutero se referia a Gálatas como sua noiva, “minha própria epístola, à qual eu prometi minha lealdade; minha Katie Von Bora”. Ele considerava seu comentário de 1535 sobre Gálatas sua maior obra exegética, embora seu vasto comentário sobre Gênesis (sete volumes em LW), no qual ele trabalhou dez anos (1535-1545), deva ser considerado sua obra mais importante. Os princípios de interpretação bíblica de Lutero são encontrados na sua *Carta aberta sobre tradução* e nos prefácios que escreveu para todos os livros da Bíblia.

Filipe Melanchthon foi levado a Wittenberg em 1518 para ensinar grego e se mostrou um hábil auxiliar de Lutero na reforma da igreja. Um conjunto de anotações de palestras sobre Romanos foi publicado sem seu conhecimento em 1522. Ele foi revisto e expandido muitas vezes até o seu grande comentário de 1556. Melanchthon também comentou outros livros do Novo Testamento incluindo Mateus, João, Gálatas e as Epístolas Petrinhas, assim como Provérbios, Daniel e Eclesiastes. Embora fosse bem treinado nas disciplinas humanistas, Melanchthon, nos seus comentários, dedicou pouca atenção às questões críticas e textuais. Em vez disso, seguiu o argumento principal do escritor bíblico e reuniu de sua exposição uma série de tópicos doutrinários para consideração especial. Esse método está por trás das *Loci communes* (1521) de Melanchthon, o primeiro livro-texto de teologia protestante publicado. Outro de Wittenberg foi Johannes Bugenhagen da Pomerânia, um comentarista prolífico tanto sobre o Antigo como sobre o Novo Testamento. Seu comentário sobre os salmos (1524), traduzido para o alemão por Bucer, aplicou o ensino de Lutero a respeito da justificação ao Saltério. Ele também escreveu um comentário sobre Jó e anotações sobre muitos dos livros da Bíblia. A tradição exegética luterana foi moldada por muitos outros eruditos reformadores incluindo Andreas Osiander, Johannes Brenz, Caspar Cruciger, Erasmus Sarcerius, Georg Maior, Jacob Andreae, Nikolaus Selnecker e Johann Gerhard.

**A tradição Estrasburgo-Basileia.** Bucer, filho de um sapateiro na Alsácia, tornou-se o líder da Reforma em Estrasburgo. Ex-dominicano, ele foi influenciado por Erasmo logo cedo e continuou a compartilhar sua paixão pela unidade cristã. Bucer foi o mais ecumênico dos reformadores protestantes buscando uma reaproximação com católicos quanto à justificação e uma trégua entre Lutero e Zuinglio na disputa entre eles quanto à Ceia do Senhor. Bucer também exerceu influência sobre Calvino, embora este tenha caracterizado os comentários bíblicos de Bucer como longos e repetitivos. Em sua obra exegética, Bucer fez amplo uso de fontes patrísticas e medievais, embora criticasse o abuso e o exagero da alegoria como um “insulto direto ao Espírito Santo”. Ele declarou que o

<sup>34</sup> Veja a discussão de Bernard Roussel, “Martin Bucer et Jacques Sadolet: la concorde possible”, *Bulletin de la Societe de l’histoire de protestantisme francais* (1976): 525-550, e T. H. L. Parker, *Commentaries on the Epistle to the Romans, 1532-1542* (Edimburgo: T&T Clark, 1986), p. 25-34.

propósito de seus comentários era “ajudar os irmãos inexperientes [talvez como o farmacêutico Drilhon, que possuía uma tradução francesa do *Comentário sobre Mateus* de Bucer] a entenderem cada uma das palavras e ações de Cristo, e em sua ordem própria tanto quanto possível, e a reterem o conhecimento, de tal modo que eles não distorcessem a Palavra de Deus com aberrações antigas ou por interpretação inapta, porém com uma compreensão fiel de tudo conforme escrito pelo Espírito de Deus, pudessem expor a todas as igrejas em sua firme edificação em fé e amor”.<sup>35</sup> Além de escrever comentários sobre os quatro evangelhos, Bucer publicou comentários sobre Juizes, Salmos, Sofonias, Romanos e Efésios. Nos primeiros anos da Reforma, houve muitas idas e vindas entre Estrasburgo e Basileia, e ambas as cidades eram centros de intensos negócios no campo da publicação de livros. Wolfgang Capito, o auxiliar de Bucer em Estrasburgo, era um hebraísta notável e escreveu comentários sobre Oseias (1529) e Habacuque (1527).

Em Basileia, o grande Sebastian Münster defendeu o uso de fontes judaicas no estudo cristão do Antigo Testamento e publicou, além de sua famosa gramática hebraica, uma versão anotada do evangelho de Mateus traduzido do grego para o hebraico. Ecolampádio, o reformador principal de Basileia, tinha sido revisor de provas na editora de Froben e trabalhara com Erasmo em seu Novo Testamento grego e em sua edição crítica de Jerônimo. A partir de 1523 ele se tornou pregador e professor da Sagrada Escritura na Basileia, defendeu a teologia eucarística de Zuínglio no Colóquio de Marburg, e publicou comentários sobre 1João (1524), Romanos (1525) e Ageu-Malaquias (1525). Ecolampádio foi sucedido por Simon Grynaeus, um erudito clássico que ensinava grego e apoiava os esforços de Bucer de unir luteranos e zuínglios. Mais alinhado com Erasmo, citamos Sebastian Castellio, que foi para Basileia depois da sua expulsão de Genebra em 1545. Ele é lembrado por questionar a canonicidade de Cântico dos Cânticos e por suas anotações e tradução da Bíblia para o francês.

**O grupo de Zurique.** A exegese bíblica em Zurique era centrada na instituição distintiva do *prophzei*, que começou em 19 de junho de 1525. Durante cinco dias da semana, às sete horas da manhã, todos os ministros e estudantes de teologia de Zurique se reuniam na galeria da Grossmünster e se empenhavam num período de intensa exegese e interpretação da Escritura. Depois que Zuínglio abria a reunião com uma oração, a passagem do dia era lida em latim, grego e hebraico, seguida de comentários exegéticos e textuais apropriados. Um dos ministros pregava, então, em alemão, um sermão sobre a passagem, o qual era ouvido por muitos dos cidadãos de Zurique, que paravam na catedral em seu caminho para o trabalho. Esse instituto para estudos bíblicos avançados teve uma influência enorme como um modelo para academias e seminários reformados por toda a Europa. Foi também a encubadora de várias séries de sermões nas igrejas em Zurique e inúmeras publicações exegéticas de Zuínglio, Leo Jud, Konrad Pellikan, Heinrich Bullinger, Oswald Myconius e Rudolph Gwalther. Zuínglio havia memorizado em grego todas as epístolas paulinas, e isso resultou na sua poderosa pregação expositiva e exegese bíblica. Ele levava a sério o papel da gramática, da retórica e da pesquisa histórica para explicar o texto bíblico. Por exemplo, ele discordava de Bucer quanto ao valor da Septuaginta como testemunha confiável para uma versão proto-hebraica anterior ao texto massorético.

A obra de Zuínglio foi desenvolvida pelo seu sucessor Bullinger, que dentre os reformadores foi um dos mais formidáveis eruditos e articuladores de uma rede de contatos. Ele compôs comentários sobre Daniel (1565), os Evangelhos (1542-1546), as Epístolas (1537), Atos (1533) e Apocalipse (1557). Colaborou com Calvino para produzir o *Consensus Tigurinus* (1549), um acordo reformado a respeito da natureza da Ceia do Senhor, e produziu uma série de cinquenta sermões sobre doutrina cristã, conhecida como *Décadas*, que se tornou leitura obrigatória na Inglaterra elizabetana. Como o *Antistes* (“supervisor”) da igreja de Zurique por 44 anos, Bullinger enfrentou oposição do nascente anabatismo por um lado e do ressurgente catolicismo por outro. A necessidade

<sup>35</sup> Citado em D. F. Wright, “Martin Bucer”, *DMBI*, p. 290.



de um clero bem treinado e de recursos acadêmicos, incluindo comentários da Escritura, surgiu do fato de que a Bíblia era “difícil ou obscura para as vontades indoutas, inaptas, despreparadas, e maliciosas ou corruptas”. Conquanto rejeitassem as alegações papais de infalibilidade, Bullinger e outros líderes da Reforma magisterial viam a necessidade de um tipo de magistério protestante como uma barreira contra a tendência de ler a Bíblia num “sentido tal que todos possam ser persuadidos por si mesmos como sendo o mais conveniente”.<sup>36</sup>

Dois outros comentaristas podem ser tratados em conexão com o grupo de Zurique, embora cada um deles tenha tido um amplo ministério do outro lado da Reforma. Um ex-monge beneditino, Wolfgang Musculus, adotou a Reforma na década de 1520 e serviu brevemente como secretário de Bucer em Estrasburgo. Ele compartilhava o desejo de Bucer por unidade protestante e serviu por dezessete anos (1531-1548) como pastor e reformador em Augsburg. Depois de um breve período em Zurique, onde esteve sob a influência de Bullinger, Musculus foi chamado a Berna, onde ensinou as Escrituras e publicou comentários sobre Salmos, o Decálogo, Gênesis, Romanos, Isaías, 1 e 2Coríntios, Gálatas e Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2Tessalonicenses e 1Timóteo. Utilizando seus escritos exegéticos, Musculus também produziu um compêndio de teologia protestante que foi traduzido para o inglês em 1563 como *Commonplaces of Christian religion*.

Pedro Martir Vermigli, erudito florentino e frei agostiniano, adotou a Reforma e fugiu para a Suíça em 1542. Durante os vinte anos seguintes, ele ganhou reputação internacional como acadêmico prolífico e principal teólogo dentro da comunidade reformada. Palestrou sobre o Antigo Testamento em Estrasburgo, foi professor régio em Oxford, manteve correspondência com a igreja de refugiados italianos em Genebra, e passou os últimos dias de sua vida como professor de hebraico em Zurique. Vermigli publicou comentários sobre 1Coríntios, Romanos e Juízes durante a sua vida. Suas palestras bíblicas sobre Gênesis, Lamentações, 1 e 2Samuel e 1 e 2Reis foram publicadas postumamente. O mais influente dos seus escritos foi *Loci Communes (Lugares comuns)*, um compêndio teológico baseado nos seus escritos exegéticos.

**Os reformadores genebrinos.** O que Zuínglio e Bullinger foram para Zurique, Calvino e Beza foram para Genebra. Calvino foi chamado “o pai da erudição bíblica moderna”, e sua obra exegética é sem paralelo na Reforma. Por causa do sucesso de suas *Institutas da religião cristã*, Calvino às vezes tem sido visto como um homem de um livro só, mas ele sempre teve a intenção de que as *Institutas*, que passaram por oito edições em latim e cinco em francês durante a sua vida, servissem como guia ao estudo da Bíblia, para mostrar ao leitor “o que ele deve buscar na Escritura e a qual finalidade ele deve relacionar os seus conteúdos”. Jacobus Arminio, que modificou vários princípios da teologia de Calvino, recomendou seus comentários depois da Bíblia; isso porque, como ele disse, Calvino “é incomparável na interpretação da Escritura”.<sup>37</sup> Com base no seu impressionante conhecimento de grego e hebraico e seu exaustivo treinamento, na retórica humanista, Calvino produziu comentários sobre todos os livros do Novo Testamento com exceção de 2 e 3João e Apocalipse. Os comentários de Calvino sobre o Antigo Testamento começaram como sermões e séries de palestras e incluem Gênesis, Salmos, Oseias, Isaías, os profetas menores, Daniel, Jeremias e Lamentações, uma harmonia dos últimos quatro livros de Moisés, Ezequiel 1-20 e Josué. Calvino buscava brevidade e clareza em toda a sua obra exegética. Ele enfatizava a iluminação do Espírito Santo como essencial para o entendimento apropriado do texto. Calvino enfatizou a continuidade entre os dois Testamentos (um pacto em duas dispensações) e buscou aplicar o sentido simples ou natural do texto à igreja de seu tempo. No prefácio do seu próprio e influente comentário sobre Romanos, Karl Barth descreveu como Calvino trabalhou para resgatar a mente de Paulo e tornar a mensagem do apóstolo relevante para o seu tempo: “É com muita energia que Calvino se põe a trabalhar, primeiro cientificamente, estabelecendo, o texto (‘o que está lá?’),

---

<sup>36</sup> Euan Cameron, *The European Reformation* (Oxford: Oxford University Press, 1991), p. 120.

<sup>37</sup> Citado in A. M. Hunter, *The teaching of Calvin* (Londres: James Clarke, 1950), p. 20.

depois seguindo os passos do pensamento dele; ou seja, ele conduz uma discussão com ele até que o muro entre os séculos 1º e 16 se torne transparente, e até que, lá no século 1º. Paulo fale e o homem do século 16 o escute, até que de fato o diálogo entre documento e leitor se torne concentrado na substância (que deve ser a mesma agora da que era então)".<sup>38</sup>

Beza foi eleito moderador do grupo de pastores de Genebra, depois da morte de Calvino em 1564, e orientou a reforma genebrina durante as quatro décadas seguintes. Sua tradução para o latim anotada do Novo Testamento grego (1556) e suas revisões posteriores do texto grego estabeleceram sua reputação como o principal crítico textual do século 16 depois de Erasmo. Beza completou a tradução do Saltério métrico de Marot, que se tornou a peça central da piedade huguenote e da vida eclesiástica reformada. Embora conhecido por escritos polêmicos sobre a graça, o livre-arbítrio e a predestinação, a obra de Beza é marcada por uma forte orientação pastoral e preocupação com uma espiritualidade baseada nas Escrituras.

Robert Estienne (Stephanus) foi um erudito tipógrafo que servia à família real em Paris. Depois de sua conversão ao protestantismo, em 1550 ele se mudou para Genebra onde publicou uma série de notáveis edições e traduções da Bíblia. Também produziu sermões e comentários sobre Jó, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Romanos e Hebreus, assim como dicionários, concordâncias e um *thesaurus* de termos bíblicos. Também publicou as primeiras edições da Bíblia com capítulos divididos em versículos, uma inovação que rapidamente se tornou universalmente aceita.

**A reforma britânica.** A escrita de comentários na Inglaterra e na Escócia ficou para trás em relação à Reforma continental por várias razões. Em 1500, havia apenas três casas publicadoras na Inglaterra, comparadas com mais de duzentas no continente. Um estatuto de 1408 contra publicar ou ler a Bíblia em inglês, saindo dos dias dos Lolardos, dificultou o livre fluxo de ideias, como foi visto no destino de Tyndale. Além disso, a natureza da Reforma inglesa desde Henrique passando por Elizabeth forneceu pouca estabilidade para a próspera erudição bíblica. No século 16, muitos protestantes na Inglaterra eram edificados pelas traduções inglesas dos comentários e escritos teológicos dos reformadores continentais. A influência de Calvino e Beza foi sentida especialmente na *Bíblia de Genebra* com suas "explicações protestantes" nas notas teológicas explicativas e referências.

Durante o final do período elizabetano e na era Stuart, porém, surgiram os comentários ingleses. Tanto anglicanos como puritanos contribuíram para essa efusão de estudos bíblicos. Os sermões de Lancelot Andrewes e de John Donne eram repletos de discernimento exegético baseado num estudo detalhado dos textos grego e hebraico. Entre os autores reformados na Inglaterra, ninguém foi mais influente do que William Perkins, o maior dos primeiros teólogos puritanos, que publicou comentários sobre Gálatas, Judas, Apocalipse e o Sermão do Monte (Mt 5–7). John Cotton, um de seus alunos, escreveu comentários sobre Cântico dos Cânticos, Eclesiastes e Apocalipse antes de partir para a Nova Inglaterra em 1633. O pastor separatista Henry Ainsworth, um notável erudito do hebraico, escreveu importantes comentários sobre o Pentateuco, Salmos e Cântico dos Cânticos. Na Escócia, Robert Rollock, o primeiro reitor da Edinburg University (1585), escreveu inúmeros comentários incluindo sobre Salmos, Efésios, Daniel, Romanos, 1 e 2 Tessalonicenses, João, Colossenses e Hebreus. Joseph Mede e Thomas Brightman eram as autoridades principais a respeito do Apocalipse e contribuíram para o pensamento apocalíptico do século 17. Menção também deve ser feita ao arcebispo James Ussher, cujo *Anais do Antigo Testamento* foi publicado em 1650. Ussher desenvolveu um interesse curioso pela cronologia bíblica e calculou que a criação do mundo tinha acontecido em 26 de outubro de 4004 a.C. Até 1945, a Bíblia de Referência Scofield ainda retinha essa data ao lado de Gênesis 1.1, mas edições posteriores a omitiram por causa da falta de prova para a fixação dessa data.<sup>39</sup>

<sup>38</sup> Karl Barth, *Die Römerbrief* (Zurique: TVZ, 1940), p. 11; ET: *The Epistle to the Romans* (Londres: Oxford University Press, 1933), p. 7.

<sup>39</sup> *The new Scofield reference Bible* (Nova York: Oxford University Press, 1967), p. vi.

**Anabatismo.** Irena Backus observou que não havia escola de exegese “dissidente” durante a Reforma, e as razões não são difíceis de encontrar. A Reforma radical foi um movimento mal definido que existia às margens da vida da igreja oficial no século 16. A negação do batismo infantil e a recusa em fazer um juramento marcaram os radicais como elementos insurgente na sociedade, e eles foram perseguidos tanto pelos protestantes quanto pelos católicos. Contudo, no CBR nos esforçamos para incluir algumas vozes da Reforma radical, especialmente entre os anabatistas. Conquanto os anabatistas tenham publicado poucos comentários no século 16, eles eram ávidos leitores e citadores da Bíblia. Inúmeras joias exegéticas podem ser encontradas em suas cartas, tratados, atos de mártir (especialmente *The martyrs' mirror* [O espelho do mártir]), hinos e histórias. Eles colocavam forte ênfase na memorização das Escrituras e citavam liberalmente traduções da Bíblia para o vernáculo. George H. Williams observou que “muitos dos tratados teológicos anabatistas eram um belo mosaico de textos das Escrituras”.<sup>40</sup> Em geral, a maioria dos anabatistas aceitava os livros apócrifos como canônicos, eles contrastavam a palavra externa com o espírito interior com graus relativos de rigor e viam o Novo Testamento como normativo para a vida eclesiástica e a ética social (como provam o pacifismo, o fato de não jurar, a ênfase no batismo do crente e a disciplina congregacional deles).

Já observamos a tradução do Antigo Testamento de Ludwig Hätzer, que se tornou um antitrinitário, e de Hans Denck, a qual publicaram em Worms em 1527. Denck também escreveu um notável comentário sobre Miqueias. Conrad Grebel pertencia a um círculo de leitura do grego em Zurique e chegou às suas convicções anabatistas enquanto se debruçava sobre o texto do Novo Testamento de Erasmo. O único líder anabatista com credenciais universitárias era Balthasar Hubmaier, que recebeu o título de doutor em teologia (Ingolstadt, 1512) no mesmo ano que Lutero. Suas reflexões sobre a Bíblia são encontradas em seus inúmeros escritos, que incluem o primeiro catecismo da Reforma (1526), um tratado de duas partes sobre a liberdade da vontade e uma grande obra (*On the sword* [Sobre a espada]) em que atitudes positivas em relação ao papel do governo e o lugar do cristão na sociedade. Melchior Hoffman, um vidente apocalíptico, escreveu comentários sobre Romanos, Apocalipse e Daniel 12. Ele predisse que Cristo voltaria em 1533. Mais moderado foi Pilgram Marpeck, um engenheiro de minas que adotou o anabatismo e viajou por toda a Suíça e sul da Alemanha, de Estrasburgo a Augsburg. Sua “Admoestação de 1542” é a mais longa defesa das visões anabatistas sobre o batismo e a Ceia do Senhor já publicada. Ele também escreveu muitas cartas que funcionavam como tratados teológicos para as congregações que ele fundou; elas tratavam de tópicos tais como os frutos do arrependimento, a humildade de Cristo e a unidade da igreja. Menno Simons, ex-padre católico, tornou-se o líder mais destacado do movimento anabatista holandês. Sua obra-prima foi o *Fundamento da doutrina cristã* publicado em 1540. Outros escritos incluem *Meditação sobre o vigésimo quinto salmo* (1537); *Uma exegese pessoal do salmo 25*, modelada segundo o estilo das *Confissões* de Agostinho; *Confissão de um Deus Trino* (1550), dirigida contra Adam Pastor, um ex-discípulo de Menno que acabou duvidando da divindade de Cristo; *Meditações e orações para a hora da refeição* (1557); e a *Cruz dos santos* (1554), uma exortação à fidelidade em face da perseguição. Como muitos outros anabatistas, Menno enfatizou a centralidade do discipulado (*Nachfolge*) como uma repudição deliberada da vida antiga e um comprometimento radical em seguir a Jesus como Senhor.

### Lendo a Escritura com os reformadores

Em 1947, Gerhard Ebeling apresentou sua tese de que a história da igreja cristã é a história da interpretação da Escritura. Desde aquela época, o lugar da Bíblia na história da igreja tem sido investigado sob muitos ângulos. Um melhor entendimento da história da exegese tem sido ajudado por novas edições críticas e discussões acadêmicas de fontes primárias. *A Cambridge history of*

<sup>40</sup> George H. Williams, *The radical Reformation* (Kirksville, Mo.: Sixteenth-Century Journal Publishers, 1992), p. 1.247.

*the Bible*, publicada em três volumes (1963-1970), permanece uma obra de referência-padrão nesse campo de estudo. O ACCS se baseou e até contribuiu para a redescoberta da sabedoria bíblica patrística tanto do Oriente como do Ocidente. O livro de Beryl Smalley *The study of the Bible in the Middle Ages* ([O estudo da Bíblia na Idade Média]; 1940) e o livro de Henri de Lubac *Medieval exegesis: the four senses of Scripture* ([Exegese medieval: os quatro sentidos da Escritura]; 1959) são leituras essenciais para entender o cenário monástico e escolástico de obras de comentário de Agostinho até Lutero. A Reforma aconteceu durante o que foi chamado de “*le grand siècle de la Bible*”.<sup>41</sup> Auxiliado pelos recursos do humanismo renascentista e pelo ímpeto dinâmico da teologia da Reforma (incluindo trocas com ela e reações a ela), o século 16 produziu um número sem precedentes de comentários sobre cada livro da Bíblia. Extraindo desse vasto depósito de tesouros exegéticos, o CBR nos permite ler a Escritura juntamente com os reformadores. Ao fazê-lo, ele serve como um guia prático homilético e devocional para alguns dos maiores mestres de interpretação bíblica na história da igreja.

O CBR alegremente reconhece sua afinidade com investigações acadêmicas recentes a respeito da exegese da era da Reforma e sua dependência delas. Entre 1976 e 1990, três colóquios internacionais sobre a história da exegese bíblica no século 16 aconteceram em Genebra e em Durham, Carolina do Norte.<sup>42</sup> Entre os participantes em três reuniões estava um número de estudiosos que produziram obras revolucionárias no estudo de interpretação bíblica na Reforma. Dentre eles, Elsie McKee, Irena Backus, Kenneth Hagen, Scott H. Hendrix, Richard A. Muller, Guy Bedouelle, Gerald Hobbs, John B. Payne, Bernard Roussel, Pierre Franckel e David C. Steinmetz. Entre outros estudiosos cujas obras são indispensáveis para o estudo desse campo, estavam Heinrich Bornkamm, Jaroslav Pelikan, Heiko A. Oberman, James S. Preus, T. H. L. Parker, David F. Wright, Tony Lane, John L. Thompson, Frank A. James e Timothy G. Wengert.<sup>43</sup> Entre esses acadêmicos, ninguém tem tido maior influência no estudo da exegese da Reforma do que David C. Steinmetz. Aluno de Oberman, ele tem enfatizado a importância de entender a Reforma sob a perspectiva medieval. Além de estudos importantes sobre Lutero e Staupitz, ele foi o pioneiro do método de exegese comparativa mostrando tanto a continuidade como a descontinuidade entre as grandes figuras da Reforma e as tradições exegéticas anteriores (veja seu *Luther in context e Calvin in context*). De sua base na Duke University, ele iniciou o que pode ser chamado de escola de Steinmetz, um grupo de alunos e especialistas cuja obra sobre a Bíblia na era da Reforma continua a moldar o campo. Steinmetz serve na Junta de Conselheiros Editoriais do CBR, e vários de nossos organizadores de volumes fizeram seus estudos de doutorado sob sua supervisão.

Em 1980, Steinmetz publicou “The superiority of pré-critical exegesis” [A superioridade da exegese pré-crítica], um ensaio seminal que não só colocou a exegese da Reforma no contexto dos quinze séculos anteriores do estudo da Bíblia pela igreja, mas também desafiou certas premissas por trás da hegemonia da exegese histórico-crítica da academia pós-Iluminista.<sup>44</sup> Steinmetz

<sup>41</sup> J.-R. Aarmogathe, org., *Bible de tous les temps*, 8 vols.; vol. 6, *Le grand siècle de la Bible* (Paris: Beauchesne, 1989).

<sup>42</sup> Olivier Fatio e Pierre Franckel, orgs., *Histoire de l'exegese au XVIe siècle: texts du colloqui international tenu Genève en 1976* (Genebra: Droz, 1978); David C. Steinmetz, org., *The Bible in the sixteenth century* [Segundo colóquio internacional sobre a história da Exegese Bíblica no século 16] (Durham: Duke University Press, 1990); Irena Backus e Francis M. Higman, orgs., *Theorie et pratique de l'exegese. Actes du troisieme Colloque international sur l'histoire de l'exégèse biblique au XVIe siècle, Genève, 31 août-2 septembre 1988* (Genebra: Droz, 1990); veja também Guy Bedouelle e Bernard Roussel, orgs., *Bible de tous les temps*, 8 vols.; vol. 5, *Le temps des Reformes et la Bible* (Paris: Beauchesne, 1989).

<sup>43</sup> Para referências bibliográficas e avaliação desses e outros colaboradores para o estudo acadêmico da exegese da era da Reforma, veja Richard A. Muller, “Biblical interpretation in the era of the Reformation: the view from the Middle Ages”, in *Biblical interpretation in the era of the Reformation: essays presented to David C. Steinmetz in honor of his sixtieth birthday*, org. Richard A. Muller e John L. Thompson (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 3-22.

<sup>44</sup> David C. Steinmetz, “The superiority of pre-critical exegesis”, *Theology today* 37 (1980): 27-38.

nos ajuda a abordar os reformadores e outros intérpretes pré-críticos da Bíblia em seus próprios termos como fiéis testemunhas da tradição apostólica da igreja. Para eles, um livro, ou perícopo, específico tinha de ser compreendido dentro do escopo do consenso do cânone. Assim, os reformadores, não menos que os Pais e os escolásticos, interpretavam o hino do prólogo joanino sobre a preexistência de Cristo em consonância com a narrativa da criação de Gênesis 1. Do mesmo modo, o salmo 22, Isaías 53 e Daniel 7 são vistos como parte de uma linha histórica abrangente, que encontra seu cumprimento final em Jesus Cristo. Lendo a Bíblia com os recursos da nova erudição, os reformadores desafiaram as conclusões exegéticas dos seus predecessores medievais em vários pontos. Contudo, contrariamente a Alexander Campbell no século 19, o propósito deles não era “abrir o Novo Testamento como se o homem mortal jamais o tivesse visto”. Pelo contrário, eles queriam fazer sua obra bíblica como parte de uma conversa interpretativa dentro da família do povo de Deus. Na virada enfática dos reformadores para o sentido literal, que despertou muitos dos ataques deles contra o uso irrestrito da alegoria, a obra deles foi uma extensão de um impulso semelhante feito por Tomás de Aquino e Nicolau de Lira.

Isso não tira o crédito dos discernimentos radicalmente novos obtidos pelos reformadores em seu envolvimento dinâmico com o texto da Escritura; nem devemos descartar de maneira reacionária a luz lançada sobre o sentido da Bíblia pelas realizações acadêmicas dos últimos dois séculos. Contudo, deve ser reconhecido que a tradição exegética da igreja é um auxílio indispensável para o entendimento apropriado da Escritura. E isso significa, como disse Richard Muller, que “conquanto seja frequentemente apropriado reconhecer que leituras tradicionais do texto são incorretas pelas razões oferecidas pelo método histórico-crítico, devemos também reconhecer que as conclusões fornecidas pela exegese histórico-crítica podem estar totalmente erradas pelas razões fornecidas pela exegese dos períodos da patristica, medieval, e da Reforma”.<sup>45</sup>

George Herbert foi um pastor e poeta inglês que colheu os benefícios da renovação dos estudos bíblicos no período da Reforma. Ele se referiu às Escrituras como um livro de doçura infinita, “uma grande quantidade de estranhos deleites”, um livro com segredos para tornar boa a vida de toda pessoa. Ao descrever os vários meios de que pastores necessitam para ser plenamente supridos no trabalho de sua vocação, Herbert forneceu uma base racional para a história da exegese e para o Comentário Bíblico da Reforma:

O quarto meio são os comentaristas e pais, que lidaram com textos controversos, que o pastor de modo algum pode recusar. Se ele não estuda outros como se negligenciasse a graça de Deus nele mesmo e o que o Espírito Santo o ensina, deve se assegurar de que Deus em todas as eras tem levantado servos para os quais ele revelou sua verdade, assim como a ele; e como um país não possui todas as coisas que pode haver em um comércio, assim também Deus não abriu ou abrirá tudo a um só, para que haja uma troca de conhecimento entre os servos dele a fim de plantar tanto amor quanto humildade. Se tiver pelo menos um comentário sobre cada livro da Escritura, e trabalhando com ele e suas próprias meditações, ele penetra os segredos de Deus entesourados na Sagrada Escritura.<sup>46</sup>

Timothy George  
Organizador geral

---

<sup>45</sup> Richard A. Muller e John L. Thompson, “The significance of pre-critical exegesis: retrospect and prospect”, em *Biblical interpretation in the era of the Reformation: essays presented to David C. Steinmetz in honor of his sixtieth birthday*, eds. Richard A. Muller e John L. Thompson (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 342.

<sup>46</sup> George Herbert, *The complete english poems* (Londres: Penguin, 1991), p. 205.

# GUIA PARA ESTE COMENTÁRIO

Muitas características foram incorporadas ao projeto deste comentário. Os comentários que seguem têm a intenção de ajudar o leitor a fazer pleno uso deste volume.

## **Perícopes da Escritura**

O texto escritural foi dividido em perícopes ou passagens, geralmente com vários versículos. A cada um desses perícopes é dado um título, o qual aparece no início. Por exemplo, o primeiro perícopo no comentário sobre Gálatas é “1.1-5 saudações e bênçãos”. Esse título é seguido da passagem da Escritura citada na ARA por toda a largura da página. A passagem da Escritura é fornecida para a conveniência dos leitores, mas também está em conformidade com os comentários da era da Reforma, os quais seguiram a tradição patristica e medieval, em que citações dos reformadores eram organizadas em torno do texto da Escritura.

## **Visão geral**

Seguindo cada perícopo de texto há uma visão geral dos comentários dos autores da Reforma a respeito dele. O formato dessa visão geral varia nos volumes desta série, dependendo das exigências do livro específico da Escritura. A função da visão geral é fornecer um resumo de todos os comentários. Ela segue uma linha razoavelmente coesa dos argumentos entre os comentários dos reformados, embora eles derivem de diversas fontes e gerações. Assim, os resumos não avançam em ordem cronológica ou por sequência de versículo. Antes, eles tendem a narrar o curso geral dos comentários dos reformadores naquele perícopo.

Não supomos que os próprios comentaristas anteciparam ou expressaram o recebimento de um argumento formalmente coeso, mas, em vez disso, que os vários argumentos tendem a fluir num padrão plausível e reconhecível. Desse modo, os leitores atuais podem obter um lampejo dos aspectos de continuidade no fluxo das várias tradições exegéticas, que representavam diversas gerações e locais geográficos.

## **Cabeçalhos temáticos**

Uma abundância de comentários variados da era da Reforma está disponível para cada perícopo. Por essa razão, dividimos os perícopes em dois níveis. Primeiro vem o versículo com seu cabeçalho temático. Os comentários dos reformadores são, então, focalizados sobre aspectos de cada versículo, com cabeçalhos temáticos resumindo a essência de cada comentário individual por meio da evocação de uma expressão, metáfora ou ideia-chave. Essa característica fornece uma ponte pela qual os leitores modernos podem entrar no cerne do comentário da era da Reforma.

## **Identificando os textos da Reforma**

Seguindo o cabeçalho temático de cada seção de comentário, é dado o nome do comentarista da Reforma. Então é fornecida uma tradução para a nossa língua do comentário do reformador. Isso é seguido imediatamente pelo título da obra original traduzido para a nossa língua.

O leitor que queira fazer uma pesquisa mais profunda das obras dos reformadores citados neste comentário irá encontrar detalhes bibliográficos completos para cada título reformado na bibliografia no final deste volume. Os comentários traduzidos da língua original dos comentários da era da Reforma e coleções de sermões podem ser facilmente localizados nos textos-fonte por meio da referência da Escritura. Informações sobre as traduções para o inglês (quando disponíveis) e edições-padrão na língua original, bem como edições críticas das obras citadas também são encontradas na bibliografia.

### **Notas de rodapé**

Para ajudar o leitor a explorar o pano de fundo e os textos em maiores detalhes, este comentário faz uso de notas de rodapé. O uso e o conteúdo das notas podem variar entre os volumes desta série. Quando as notas aparecem, o número direcionará o leitor à nota na parte mais baixa da coluna à direita, na qual serão encontradas anotações (esclarecimentos ou referências bíblicas cruzadas), informações a respeito de traduções para o inglês (se disponíveis) ou edições-padrão na língua original da obra citada.

No caso em que textos na língua original ainda não foram traduzidos para o inglês, providenciamos essas traduções. Quando houve qualquer ambiguidade relevante ou qualquer problema textual na seleção, tentamos refletir a melhor tradição textual disponível. Sempre que as traduções para o inglês corrente eram fiéis e compreensíveis, elas foram utilizadas, mas, quando necessário, o texto foi editado. Um asterisco simples (\*) indica que uma tradução anterior para o inglês foi atualizada ou corrigida para facilitar a leitura. Padronizamos a ortografia e tornamos as variáveis gramaticais uniformes, de modo que nossas referências não reflitam as esquisitices das traduções antigas. Para facilitar a leitura, em alguns casos eliminamos as conjunções supérfluas.

---

#### **NOTA SOBRE O TEXTO EM PORTUGUÊS**

A Editora Cultura Cristã traduziu este comentário a partir da edição original americana, consultando especialistas em latim, sempre que necessário. Nosso objetivo foi oferecer ao pesquisador uma tradução fiel num texto correto e claro.

O texto bíblico empregado é a tradução de João Ferreira de Almeida (ARA), com permissão da Sociedade Bíblica do Brasil.

---

---

# INTRODUÇÃO A EZEQUIEL E DANIEL

Embora fossem amplamente usados pelos reformadores dos séculos 16 e 17 em seus sermões e escritos teológicos, os livros de Ezequiel e Daniel não receberam igual atenção quando se tratou de escrever comentários formais sobre eles. Entre os principais reformadores do século 16, havia duas vezes mais comentários sobre Daniel do que sobre Ezequiel. As razões para isso vão desde o tamanho do livro de Ezequiel e a complexidade de suas visões até o caráter provocativo de sua linguagem e a dificuldade do texto hebraico. No entanto, esses mesmos obstáculos surgem em outros profetas importantes, como Isaías e Jeremias, que receberam significativamente mais comentários por parte dos reformadores. Embora haja várias explicações para a falta de comentários sobre Ezequiel no século 16, a razão principal pode ser simples: falta de tempo. A colocação canônica de Ezequiel depois de Isaías e Jeremias o deixa, em certo sentido, em terceiro lugar na fila.

O livro de Daniel, ao contrário, é não somente único entre os profetas, com suas profecias explícitas sobre Cristo e seu reino eterno, mas também tem um tamanho mais razoável. O livro se divide naturalmente entre história (Dn 1 – 6) e profecia (Dn 7 – 12). Aliás, mesmo sendo um livro de tamanho modesto, contém alguns dos eventos e profecias mais conhecidos do Antigo Testamento. De grande interesse para o leitor leigo e para o comentarista são as histórias dos monarcas na primeira e na segunda parte de Daniel. Os grandes milagres que ocorreram nos dias de Daniel, como o livramento na terrível fornalha e na cova dos leões, prende nossa atenção e oferecem uma imagem duradoura do cuidado paternal de Deus por seu povo fiel. A surpreendente punição de Nabucodonosor e a perturbadora inscrição na parede diante de Belsazar falam sobre a estrita justiça de Deus e a punição aos ídólatras e orgulhosos. A segunda parte de Daniel revela o tempo exato do advento de Cristo e dá uma descrição clara de seus atos salvadores em nosso favor. A longa oração de Daniel (Dn 9) ensina com clareza a pecaminosidade de todos os seres humanos e a justificação somente pela fé – temas que tocavam diretamente o coração da Reforma. Finalmente, o livro termina com a prometida libertação dos santos de Deus e a ressurreição de todos, alguns para a condenação eterna e outros para a vida eterna com Cristo.

Seja qual for a razão, o comprimento do livro de Ezequiel ou a fascinação com o conteúdo de Daniel, os reformadores produziram mais obras sobre o livro de Daniel. Embora Ezequiel tenha quatro vezes mais capítulos que Daniel, este comentário dá um pouco mais de espaço a Daniel que a Ezequiel por causa da abundância de material da Reforma. O restante desta introdução oferecerá o contexto histórico de nossos escritores reformados e sua obra sobre Ezequiel e Daniel, os temas discutidos por eles, as questões interpretativas que surgem em suas obras e, finalmente, o recebimento histórico de seus comentários.

## **O LIVRO DE EZEQUIEL**

### **Contexto histórico**

Apesar do fato de que os reformadores produziram poucos comentários formais sobre o livro de Ezequiel, não há dúvida de que o profeta era amplamente lido e usado. Comentários



ocasionais sobre Ezequiel são encontrados em obras dogmáticas, sermões e confissões de fé oficiais ao longo dos séculos 16 e 17. Isso é visto em locais como o índice das Institutas da Religião Cristã, de Calvino, que mostra um extenso uso de Ezequiel em sua reflexão teológica.<sup>1</sup> Da mesma forma, o índice do Livro de Concórdia (1580), as confissões oficiais do Luteranismo do século 16, revela numerosas citações e glosas sobre vários versículos de Ezequiel.<sup>2</sup> Esses usos de Ezequiel, todavia, são ocasionais e casuais. Isso significa que eles são ocasionados por temas teológicos específicos, às vezes com motivação apologética, outras vezes com motivações polêmicas, mas raramente são acompanhados por comentários exegéticos. Esse tipo de trabalho com o livro de Ezequiel também é casual. Ele não tem a formalidade de uma leitura sustentada do texto que atente para, entre outras coisas, o contexto de uma passagem específica dentro do livro profético, as questões históricas e gramaticais da passagem em consideração e a relevância permanente do texto para os crentes do tempo presente. Devido à natureza desse tipo de comentários, eles são usados apenas esparsamente neste volume.

**Martinho Lutero (1483-1546).** Martinho Lutero escreveu dois prefácios para Ezequiel, em 1532 e em 1541. O primeiro é breve e trata principalmente da relação entre Jeremias e Ezequiel. Seu único comentário sobre o livro de Ezequiel discute o significado dos últimos quinze capítulos, que tratam do reino de Cristo e da Jerusalém celestial. O segundo prefácio de Lutero é mais longo e mais detalhado. Ele apresenta comentários minuciosos sobre as visões de abertura e de encerramento em Ezequiel, mostrando especialmente seu sentido cristológico. O segundo prefácio de Lutero é mais bem entendido como um sumário das principais visões de Ezequiel.

**João Calvino (1509-1564).** João Calvino começou a lecionar sobre o livro de Ezequiel no fim de sua vida. Suas lições começaram em 20 de janeiro de 1563 e tiveram um fim abrupto em 2 de fevereiro de 1564. Durante aquele ano, ele foi acometido de diversas enfermidades e, na ocasião, precisou ser carregado fisicamente para o salão de aulas. Sua lição final foi sobre Ezequiel 20. Depois de voltar para casa naquele dia, ele foi incapaz de continuar e ficou acamado até sua morte, em 27 de maio de 1564. Embora estivesse acamado, Calvino continuou alerta e produtivo. De fevereiro a maio, ele continuou a trabalhar sobre Ezequiel, completando Ezequiel 20 e revisando suas lições para publicação. Essas lições são a última obra de Calvino. Aqui lemos os pensamentos finais do Calvino que tinha suportado batalhas eclesiais e teológicas, sofreu desapontamentos e privações pessoais, e trabalhado duro em favor da Reforma por trinta anos.

**John Mayer (1583-1664).** John Mayer, um separatista inglês, foi educado em Cambridge e serviu como reitor durante toda a sua vida. Passou todo o seu tempo digerindo as obras exegéticas dos reformadores e dos primeiros pais da igreja. A obra de sua vida foi um comentário sobre toda a Escritura, que foi publicado em sete volumes, de 1627 a 1653. O comentário sobre os profetas foi publicado em 1652.<sup>3</sup> A longa e detalhada exposição de Mayer sobre Ezequiel oferece comentário sobre cada capítulo. Esses comentários não são iguais em comprimento nem em interesse. Mayer não diz muito sobre os juízos contra as nações (Ez 25 – 32) nem sobre os oráculos da restauração de Israel (Ez 33 – 39). Seu interesse principal são as visões de Ezequiel, especialmente a visão final da nova Jerusalém.

**William Greenhill (1591-1671).** William Greenhill, um ministro independente, foi educado em Cambridge e tinha facilidade em hebraico, grego, latim, história e teologia.<sup>4</sup> Escreveu um exaustivo e impressionante comentário sobre Ezequiel. Greenhill apresentou suas *Exposition* como

---

<sup>1</sup> Inst. 2:1566.

<sup>2</sup> *The Book of Concord: The Confessions of the Evangelical Lutheran Church*, Robert Kolb e Timothy Wengert (orgs.) (Mineápolis: Augsburg Fortress, 2000), p. 664.

<sup>3</sup> ODNB 37:573.

<sup>4</sup> ODNB 23:601-3.

lições em Londres e publicou-as em cinco volumes separados (1645-1662). No século 19, esses volumes foram combinados e circularam como um só volume. A *Exposition* ainda é publicada hoje. Greenhill faz uma exposição detalhada, versículo a versículo, do texto. Ele começa fazendo comentários lexicais e sintáticos sobre o hebraico, comparando, quando apropriado, a Septuaginta e a Vulgata. Depois desses comentários, Greenhill faz observações históricas e teológicas sobre o versículo. Uma boa quantidade de referências a escritores mais antigos ocorre na sessão “observações”. Greenhill está consciente, por exemplo, do comentário parcial de Calvino sobre Ezequiel. Ele também faz referência às obras dos primeiros pais da igreja.

Finalmente, a sessão sobre Ezequiel inclui comentários ocasionais feitos por Johannes Ecolampádio, Hans Denck, Johann Gerhard, Giovanni Diodati, Jakob Raupius, Thomas Manton, John Owen, John Bunyan, Richard Baxter e Matthew Meade.

Johannes Ecolampádio, que é apresentado em detalhes na sessão sobre Daniel, abaixo, lecionou sobre Ezequiel na Universidade de Basileia. Suas anotações de aula foram editadas postumamente e publicadas por Wolfgang Capito (1478-1541), seu amigo e primeiro biógrafo.<sup>5</sup> Essas notas fornecem uma introdução geral aos temas de cada capítulo de Ezequiel e fazem curtos comentários sobre versículos selecionados.

**Hans Denck (c. 1500-1527).** A teologia de Hans Denck é difícil de caracterizar. Ele ficava à vontade com os humanistas, era imbuído de noções espiritualistas e foi chamado de “papa dos anabatistas” por Martin Bucer. Denck era crítico do ensino de Lutero sobre a justificação somente pela fé e, em certo sentido, tinha crenças mais parecidas com o relativismo e o individualismo da pós-modernidade.<sup>6</sup> Foi expulso de várias cidades por causa de suas posições não ortodoxas e foi forçado a vagar por algum tempo. Ajudado por Ecolampádio, e recebendo refúgio na Basileia, resistiu a todos os esforços de conformar suas posições teológicas às posições protestantes normativas. Morreu por causa da peste, em 1527. Denck foi coautor de uma obra sobre o livro de Miqueias, perto do fim de sua vida. nessa obra, ou reflexão, como é chamada, Denck recorre a textos de Ezequiel.

**John Gerhard (1582-1637).** Johann Gerhard é o terceiro teólogo mais importante na tradição luterana, depois de Martinho Lutero e Martin Chemnitz. Foi nomeado professor de teologia na Universidade de Jena, em 1616, e serviu ali até sua morte, em 1637. É conhecido por seus escritos dogmáticos e apologeticos, especialmente por sua impressionante obra *Theological Commonplaces* (1610-1622), e por suas várias obras devocionais, *Sacred Meditations* (1606), *Handbook of Concolations* (1611) e *Schola Pietatis* (1622-1623). As declarações usadas no comentário abaixo são provenientes de seus sermões reunidos, ou *Postilla*, quando as compilações foram terminadas, e de seu sumário do livro de Ezequiel, em seu *Theological Commonplaces*.

**Giovanni Diodati (1576-1649).** Giovanni Diodati fugiu da Itália por causa da perseguição religiosa e se estabeleceu em Genebra, onde lecionou hebraico e teologia na Academia de Genebra. Diodati participou do famoso Sínodo de Dort (1618), traduziu a Bíblia para o italiano e publicou notas e anotações sobre os livros da Bíblia.<sup>7</sup> Foi esta última obra que foi usada no comentário abaixo.

**Jakob Raupius (1604-1677).** Jakob Raupius foi pastor luterano por muitos anos em Herleshausen, uma pequena cidade ao norte de Hesse. Embora nunca tenha recebido uma nomeação

<sup>5</sup> Cf. J. Brashler, “Oecolampadius, Johannes,” DMBI, 781-84; Hughes Oliphant Old, “John Oecolampadius,” in *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church*, 7 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 2002), 4:53-65.

<sup>6</sup> Para uma revisão da teologia de Denck, veja E. J. Furcha (org.), *Selected Writings of Hans Denck* (Lewiston, N.Y.: Edwin Mellen, 1989), viii-xviii. Veja também David C. Steinmetz, *Reformers in the Wings*, 2ª ed. (Oxford: Oxford University Press, 2001), p. 146-52, 188-89.

<sup>7</sup> OER 1:485-86.

acadêmica, escreveu vários comentários sobre o Antigo Testamento e os Evangelhos. Seu comentário sobre os profetas maiores foi publicado em 1655. Raupius sumariza os pontos principais de cada capítulo e oferece uma análise dos versículos principais de cada capítulo. Seus comentários são breves e focados principalmente em questões referentes à gramática hebraica. Raupius se baseou pesadamente nas obras de outros. Usou livremente, sem fazer referência, as obras de Johann Gerhard e Hugo Grotius (1583-1645), teólogo e jurista holandês.

**Thomas Manton (1620-1677).** Thomas Manton, educado em Oxford, foi um ministro não conformista e forte defensor do presbiterianismo.<sup>8</sup> Era conhecido como um rigoroso evangélico calvinista que pregava longos sermões expositivos. Em diferentes momentos de sua carreira eclesiástica, trabalhou lado a lado com Richard Baxter e John Owen. Mais tarde, em sua vida, a posição não conformista de Manton levou à sua rejeição como clérigo da Igreja da Inglaterra (1662) e ao seu eventual encarceramento (1670). Embora fosse um escritor volumoso, Manton é mais conhecido por sua pregação. Em seu funeral, em 1677, foi apelidado de “rei dos pregadores”. O comentário abaixo faz uso de dois sermões de Manton sobre Ezequiel 18.

**John Owen (1616-1683).** John Owen, teólogo e ministro independente, foi educado em Oxford.<sup>9</sup> Owen foi um escritor prolífico, oponente incansável do arminianismo e pregador famoso. Owen publicou obras devocionais sobre santificação e vida cristã, obras teológicas sobre a Trindade e especialmente sobre o Espírito Santo, numerosas obras polêmicas e apolégicas, uma extensa correspondência e compilações de sermões. Os sermões de Owen são usados abaixo, no comentário.

**John Bunyan (1628-1688).** John Bunyan, um pregador independente autodidata, é mais conhecido como autor do livro *O Peregrino*.<sup>10</sup> Sua vida foi repleta de surtos de depressão espiritual, controvérsias e prisões. No comentário abaixo, é usada a obra *Solomon's Temple Spiritualized*, de Bunyan. Nessa obra, Bunyan oferece uma interpretação espiritual do templo e de seus vários utensílios. Seus comentários sobre o templo espiritual, no fim de Ezequiel, são usados abaixo.

**Richard Baxter (1615-1691).** Richard Baxter, autodidata em grande medida, foi um não conformista relutante que tentou resolver as diferenças teológicas e eclesiológicas entre os grupos presbiteriano, episcopal e independente, na Inglaterra.<sup>11</sup> Apesar das disputas, Baxter valorizava a moderação e racionalidade. Teologicamente, buscou um meio-termo entre o Calvinismo e o Arminianismo, rejeitando a dupla predestinação e a expiação limitada. Foi um escritor prolífico, compondo obras devocionais, pastorais, históricas e exegéticas. No comentário abaixo, *Call to the Unconverted* (1658), de Baxter, uma longa reflexão sobre Ezequiel 33, foi usada.

**Matthew Meade (1628/29-1699).** Matthew Meade, educado em Cambridge, foi um não conformista inflexível.<sup>12</sup> No início de sua carreira ministerial, associou-se a William Greenhill, eventualmente unindo-se à sua congregação em Stepney e tornando-se seu assistente. Após a morte de Greenhill, em 1671, Meade foi chamado para servir como pastor na igreja em Stepney. John Owen participou do culto de ordenação de Meade. Meade foi repetidamente multado por ser não conformista, juntamente com Owen, e, eventualmente, encarcerado. Depois da morte de Owen, em 1683, Meade o sucedeu como preletor no Pinner's Hall, em Londres. Os sermões de Meade sobre Ezequiel e suas lições sobre a visão das rodas são usados abaixo, no comentário.

---

<sup>8</sup> ODNB 36:565-68.

<sup>9</sup> ODNB 42:216-31.

<sup>10</sup> ODNB 8:702-11.

<sup>11</sup> ODNB 4:418-33.

<sup>12</sup> ODNB 37:648-50.

### **Temas teológicos**

O livro de Ezequiel pode ser dividido em cinco sessões: o chamado de Ezequiel e as visões iniciais (Ez 1 – 3), profecias de juízo contra Israel (Ez 4 – 24), juízos contra as nações (Ez 25 – 32), oráculos da restauração de Israel (Ez 33 – 39) e a visão do novo templo (Ez 40 – 48). Para nossos comentaristas, certos temas aparecem repetidamente em todo o livro. Eles enfatizam a promessa pactual de Deus ao seu povo, que se afastou dele para abraçar a idolatria e o culto das nações. Deus repetidamente adverte seu povo sobre juízo e destruição. Apesar dessas constantes advertências feitas por meio do profeta, o povo persiste em sua idolatria e é punido. Embora Deus pronuncie juízo contra o pecado e a idolatria, contra seu povo, sua cidade e seu templo, ele sempre termina com palavras de promessa e conforto. A restauração segue o juízo. Essa restauração aponta para Cristo e seu reino eterno; ele é aquele que expia nossos pecados e nos reveste com sua justiça. Aqui as visões de Ezequiel oferecem muito material. Vislumbramos, pelas palavras do profeta, o advento de Cristo, sua obra salvadora por nós, sua segunda vinda, a nova Jerusalém e a cidade eterna em que os santos morarão para sempre com Deus. O principal ponto observado é que Deus continua a cuidar dos fiéis, que habitam no meio de um povo idólatra e rebelde.

As sessões de Ezequiel que evocam a maior parte dos comentários são suas visões (Ez 1 – 3; 8 – 11; 37; 40 – 48). Nossos comentaristas enfatizam o aparecimento de Cristo a Ezequiel e o conforto do reino eterno de Cristo como proclamado nessas visões. A sessão final, em particular, é uma longe reflexão profética sobre a nova Jerusalém. Esta sessão final é considerada, pelos nossos comentaristas, a mais difícil, pois é cheia de números e figuras da restauração da igreja de Deus sob o evangelho.

Há outras sessões dignas de nota. A alegoria da Jerusalém infiel, em Ezequiel 16, recebe a maior quantidade de comentários depois das narrativas das visões. Vários temas são enfatizados nesse capítulo. Somente Deus nos chama à fé pela sua graça e nos adorna com seus benefícios. Nosso grande pecado é nos orgulharmos dessas bênçãos de Deus como se nós fôssemos os autores delas. Deus julga severamente essa ingratidão e esse orgulho pecaminoso. O capítulo termina com consolo e a promessa da fidelidade eterna de Deus em cumprir sua aliança. Essa promessa aponta para a expiação dos nossos pecados, feita por Cristo.

Duas das sessões de Ezequiel mais conhecidas pelos leitores de hoje recebem mínima atenção por parte dos nossos comentaristas. A morte da esposa de Ezequiel é discutida quase de passagem (Ez 24.15-27) e comentada apenas em relação à destruição do templo e da cidade. Sua morte repentina e a proibição de que Ezequiel a pranteasse, sendo ela seu mais precioso consolo e o desejo de seus olhos, não desperta nenhum comentário de simpatia pela dupla privação agora sofrida pelo profeta, que não apenas perde sua esposa, mas também é impedido de prantear por ela. Semelhantemente, o vale de ossos secos (Ez 37.1-14) recebe atenção desigual por parte dos comentaristas. A leitura preferida é que esta sessão aponta para a restauração de Israel depois do cativeiro. A leitura minoritária, que requer defesa por parte daqueles que a aceitam, é que esta sessão se refere à ressurreição geral dos mortos. Para todos os nossos comentaristas, todavia, a segunda parte do capítulo, que promete a unificação de Israel e Judá sob a imagem de dois pedaços de madeira (Ez 37.15-28), desperta mais interesse. A razão para isso parece ser a quantidade de questões exegéticas e teológicas que giram ao redor dos dois pedaços de madeiras. Quando ocorre essa reunificação? Isso implica a salvação dos judeus? Quem é o servo Davi que será seu rei e pastor para sempre? Essas questões ocupam a atenção dos nossos comentaristas muito mais do que o vale de ossos secos.

### **Questões interpretativas**

A atenção aos detalhes caracteriza as observações dos nossos comentaristas. Do início peculiar do livro até a descrição da Jerusalém celestial, no fim, nossos comentaristas são cativados

pelo caráter inspirado de cada detalhe registrado por Ezequiel. Por exemplo, por que o livro começa com a palavra “e”?” “Aconteceu, no trigésimo ano”, é um início peculiar para um livro. Não há antecedente. Não há necessidade aparente para a palavra “e”. No entanto, é assim que o livro inspirado começa. Negligenciar algo tão trivial quanto isso ou sugerir que trata-se apenas de uma expressão hebraica, característica de muitos outros livros da Bíblia, é deixar de apreciar a instrução que nos é dada nesta palavra, que também é inspirada. Pensar de outra forma sugere que a revelação de Deus a nós é, às vezes, irrelevante e supérflua – posição não sustentada pelos nossos comentaristas. Uma vez que este início peculiar é examinado, nossos comentaristas toparam com uma expressão igualmente desconcertante: “no trigésimo ano”. O trigésimo ano de que ou de quem? O texto não diz. Novamente, um detalhe não deve ser negligenciado. Essa atenção aos detalhes é especialmente observada em toda a visão final do novo templo. Nada deixa de ser observado ou comentado. Tanto a parede, os portões, as câmaras, os degraus e janelas, ou os pátios, pórticos e pilares do templo, tudo recebe comentário porque toda a Escritura está registrada para nossa instrução.

O livro de Ezequiel também levanta várias questões teológicas centrais para a Reforma que requerem uma boa quantidade de comentário exegético. Por exemplo, em Ezequiel 14, Deus usa o exemplo de Noé, Daniel e Jó, que foram declarados justos. Ezequiel explica que, mesmo que estes homens justos estivessem no meio do povo pecaminoso de Deus, a quem o profeta está falando, sua justiça salvaria somente a si mesmos. Da mesma forma, aqueles a quem Ezequiel fala entregarão sua alma por sua própria justiça (Ez 14.20). Se ninguém pode permanecer diante de Deus por sua própria justiça, então o que este verso significa? Nossos comentaristas argumentam que a justiça de que se fala aqui não é a justiça da fé, que é a única que tem eficácia para a nossa salvação, mas a justiça da vida cristã.

Há, também, questões que surgem em Ezequiel que dividem nossos comentaristas e revelam suas diferenças confessionais. Em Ezequiel 18 e 33, Deus declara, por meio de Ezequiel, que não deseja a morte do ímpio, mas que todos se arrependam e vivam. Surge para nossos comentaristas a questão de se Deus quer que todos sejam salvos. Aqui as diferenças emergem. Em questão está a eleição e se Deus predestina para a salvação e para a condenação. Mayer e Gerhard rejeitam a dupla predestinação. Gerhard argumenta explicitamente contra os calvinistas em seu comentário. Baxter e Manton insistem que os pecadores devem ser responsabilizados pelos seus pecados. Eles são a principal causa para sua destruição. Calvino e Greenhill argumentam que essas duas passagens não tratam da eleição e dos decretos soberanos de Deus. Em vez disso, os textos confortam aqueles que se arrependem, com o conhecimento de que Deus está, de fato, pronto a perdoar.

Uma segunda questão, aliás, que talvez seja uma surpreendente questão exegética para nossos comentaristas, ocorre no início de Ezequiel 44. Ezequiel é levado de volta para o portão oriental e informado que o portão deve permanecer fechado para sempre. Ninguém entrará por ele porque o Senhor, o Deus de Israel, entrou por ele (Ez 44.1-2). Os pais da igreja primitiva entendiam que esse texto falava sobre a encarnação e a perpétua virgindade de Maria. O portão que está fechado e não mais será aberto indica que Maria continuou sempre uma virgem pura. O leitor não ficará surpreso, todavia, ao ver essa posição teológica ser rejeitada como “papista” por Green Hill. O leitor pode ficar surpreso ao ver que Gerhard e Mayer concordam com os pais da igreja primitiva. A bendita virgem Maria é o portão fechado. José nunca teve relações sexuais com ela e irmãos são primos.

Finalmente, para Greenhill e Meade, uma questão interpretativa surge com a promessa de Deus de reunir as casas de Israel e de Judá (Ez 37.21-22), sua promessa de uma aliança eterna (Ez 37.26-27) e sua promessa de restaurar Israel (Ez 39.25-29). Essas promessas ainda não foram cumpridas e apontam para a futura conversão dos judeus, quando serão reunidos por um rei, um pastor, o Messias, que é Cristo.

---

### Recebimento histórico dessas obras

O recebimento histórico dessas obras sobre Ezequiel é encontrado dentro das próprias obras. Embora Lutero tenha escrito apenas prefácios a Ezequiel, esses comentários eram conhecidos e foram usados por Calvino. Por sua vez, Greenhill e Mayer citam Calvino ao longo de todas as suas respectivas obras. O valor permanente dessas obras para os leitores modernos segue uma trajetória diferente. Lutero e Calvino continuam sendo as duas vezes mais importantes da Reforma para nós hoje. Suas obras estão amplamente disponíveis em inglês, e os comentaristas modernos, quer concordem com eles ou não, devem levar em conta seus trabalhos. O mesmo não pode ser dito sobre nossos escritores do século 17. Esses vultos são menos conhecidos, e suas obras são menos acessíveis. O impressionante comentário de Mayer sobre Ezequiel não é citado por nenhuma grande série de comentários de nossos dias. A massiva e detalhada exposição de Greenhill sobre Ezequiel aparece apenas em uma série.<sup>13</sup> No comentário abaixo, entretanto, Mayer e Greenhill são os escritores destacados. Portanto, sua voz novamente soa para nos instruir sobre o livro de Ezequiel.

## O LIVRO DE DANIEL

### Contexto histórico

O livro de Daniel, assim como o de Ezequiel, despertou grande interesse dos reformadores. Citações e glosas de Daniel aparecem ao longo de obras teológicas, sermões, documentos confessionais e outros escritos semelhantes durante os séculos 16 e 17. Ao contrário do livro de Ezequiel, todavia, os reformadores também produziram vários comentários sobre todo o livro de Daniel ou sobre porções selecionadas.

**Martinho Lutero (1483–1546).** Em 1530, Martinho Lutero publicou separadamente sua tradução alemã do profeta Daniel (*Der Prophet Daniel Deudsch*) com um prefácio longo e detalhado.<sup>14</sup> Lutero queria que o prefácio fornecesse uma breve introdução a esse livro de “São Daniel”, de modo que os crentes simples pudessem conhecer e entender as histórias relatadas por ele. Lutero resume o conteúdo de cada capítulo e oferece comentário detalhado sobre coisas como o sonho de Nabucodonosor (Dn 2). A punição de Deus a Nabucodonosor (Dn 4), as visões e profecias de Daniel sobre reinos futuros (Dn 7 – 8) e as setenta semanas (Dn 9). Lutero também dá uma longa explicação sobre as histórias contidas em Daniel 11. Embora gaste muito tempo nas histórias contidas em Daniel, Lutero termina encorajando os leitores a não serem tão consumidos pela história a ponto de não revigorarem e consolarem seu coração com as promessas de Cristo contidas em Daniel. Lemos a história para entender melhor o advento de Cristo. Dizendo de outra maneira, a história bíblica tem um propósito e um fim: Jesus Cristo.

**Johannes Oecolampadius (Ecolampádio) (1482–1531).** Ecolampádio não é tão famoso quanto Lutero ou Zwinglio, mas foi tão ativo quanto eles nos esforços de Reforma na década de 1520. Estudou Direito em Bolonha e Teologia em Heidelberg, Tübingen e Basileia. Por volta de 1514, Ecolampádio entrou em contato com Filipe Melancthon e começou uma associação com tio-avô de Melancthon, o distinto erudito Johannes Reuchlin (1455-1522). Foi um grande amigo

<sup>12</sup> A ARA não começa assim. Ela começa com o verbo: “Aconteceu, no trigésimo ano...” (N. do T.).

<sup>13</sup> Daniel Block, *The Book of Ezekiel: Chapters 1–24*, NICOT (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), p. 65, 89, 216, 250, 305, 314; Daniel Block, *The Book of Ezekiel: Chapters 25–48*, NICOT (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 700.

<sup>14</sup> LW 35:294-316.

de Erasmo, a quem ajudou na publicação do Novo Testamento grego.<sup>15</sup> nessa época, também lecionava teologia na Universidade de Basileia e em Heidelberg. Entre seus alunos estavam Hans Denck, com quem manteria uma estreita amizade e a quem eventualmente ofereceria refúgio em Basileia, no fim de sua vida, e Johannes Brenz (1499-1570), que firmemente se colocou ao lado de Lutero contra Ecolampádio durante a controvérsia eucarística na década de 1520, quando Ecolampádio mudou sua posição de Lutero para Zwinglio.<sup>16</sup>

Ecolampádio foi nomeado pregador e confessor na catedral de Augsburg, em 1518, e, para surpresa de muitos, entrou em um monastério perto de Augsburg, em 1520. Começou uma amizade com Zwinglio em 1522 e, teologicamente, começou a se mudar na direção de Zurique. Nesse ponto, aceitou um convite para ir à Basileia para assegurar o desenvolvimento da Reforma naquela cidade. Foi ali que Ecolampádio exerceu seus esforços em favor da Reforma. Começou a lecionar na Universidade de Basileia em 1523 e, subsequentemente, uniu seus esforços reformadores a Zurique.<sup>17</sup> Morreu em 1571, apenas um mês depois de Zwinglio haver morrido na batalha de Kappel.

Ecolampádio publicou seu comentário sobre Daniel em 1530.<sup>18</sup> O comentário cobre todo o livro de Daniel e é dividido em dois livros, que correspondem à divisão, em Daniel, entre o livro histórico (Dn 1 – 6) e o profético (Dn 7 – 12). Ecolampádio usa a Vulgata para introduzir o texto. Ele, então, faz comentários detalhados à luz do hebraico, do grego e do aramaico, quando apropriado. Finalmente, fornece longos comentários históricos e teológicos que são organizados segundo o versículo ou parte do versículo. O amor de Ecolampádio pelos pais da igreja como testemunhas da verdade (*testes veritatis*) é evidente em toda a obra. O leitor moderno se surpreenderá ao ver o quanto o comentário de Ecolampádio é cristológico. Embora Lutero tenha escrito apenas um prefácio, há uma boa harmonia entre os dois reformadores em sua abordagem a Daniel.

**Filipe Melanchthon (1497-1560).** Filipe Melanchthon, humanista e reformador, é dos mais notáveis e interessantes teólogos do século 16.<sup>19</sup> sua eloquência e seu comportamento calmo fizeram dele uma figura atraente para reis e príncipes, cardeais moderados e colegas evangélicos, que requisitavam sua presença nas dietas imperiais e em colóquios teológicos na Alemanha, na Inglaterra e na França. Seus esforços literários, sua erudição e sua capacidade persuasiva chamaram atenção de grandes humanistas, como Erasmo, reformadores simpáticos, como Bucer e Calvino e inimigos declarados, como Eck e Cochlaeus. Melanchthon foi um político eclesiástico, um linguista muito capacitado, um historiador cuidadoso, um teólogo criterioso e um evangélico comprometido.

Instruído em latim e grego, Melanchthon aceitou um convite para lecionar grego e Novo Testamento na Universidade de Wittenberg, em 1518. Lutero e Melanchthon rapidamente se tornaram grandes amigos e aliados teológicos. Melanchthon deu uma ordem teológica e fez uma apresentação sistemática dos esforços reformadores de Lutero. Embora não tivessem a mesma conduta teológica e nem sempre concordassem sobre temas como a Ceia do Senhor, continuaram sendo colaboradores em favor da Reforma na Alemanha e fora dela durante toda a vida de Lutero.

<sup>15</sup> P. G. Bietenholz e Thomas B. Deutsher (orgs.), *Contemporaries of Erasmus: A Biographical Register of the Renaissance and Reformation*, 3 vols. (Toronto: University of Toronto Press, 1987), 3:26.

<sup>16</sup> Sobre Brenz, veja Steinmetz, *Reformers in the Wings*, p. 76-82, 182.

<sup>17</sup> Para uma introdução mais detalhada a Ecolampádio, veja Gordon Rupp, *Patterns of Reformation* (Filadélfia: Fortress, 1969), p. 3-53; OER 3:169-71.

<sup>18</sup> Cf. Brashler, "Oecolampadius, Johannes," DMBI, 781-84; Old, "John Oecolampadius," in *The Reading and Preaching of the Scriptures*, 4:53-65.

Depois da morte de Lutero, Melanchthon se esforçou para manter a unidade entre os luteranos durante os tempos difíceis da Guerra de Esmalcada (1546-1547) e entre os chamados ínterims de Augsburg e de Leipzig (1548). Sua contínua modificação da Confissão de Augsburg e seu afastamento teológico de Lutero em questões como o livre-arbítrio e a relação entre as boas obras e o artigo da justificação pela fé levaram ao surgimento de dois partidos opostos dentro do Luteranismo: os chamados filipistas, que apoiavam as posições inconstantes de Melanchthon, e os gnesio-luteranos, os “genuínos” luteranos, que eram fiéis à Confissão de Augsburg inalterada e comprometidos com o espírito dos esforços reformadores de Lutero.

Melanchthon escreveu algumas das mais influentes obras do século 16. Ele foi o principal autor da confissão de Augsburg (1530) e de sua Apologia (1531). Ele tentou dar ordem à teologia de Lutero, compondo a primeira teologia sistemática protestante, os *Loci Communes*.<sup>20</sup> Esta obra dogmática foi um breve esboço dos principais pontos da Escritura. Melanchthon também escreveu sobre tópicos filosóficos e história eclesiástica; publicou numerosas cartas, sermões e comentários.

Em 1543, Melanchthon escreveu um comentário sobre Daniel. O leitor desse comentário imediatamente descobre que está lendo a obra de um teólogo sistemático. Melanchthon comenta sobre um capítulo inteiro de cada vez. Na primeira parte do comentário (Dn 1 – 6), ele começa dando o texto da Vulgata e depois relaciona os tópicos dogmáticos mencionados no capítulo. O comentário continua com subtítulos que correspondem à lista de tópicos dogmáticos feita por ele. Ele não oferece um comentário separado para cada tópico dogmático que identifica. A segunda metade do comentário (Dn 7 – 12) oferece uma exposição narrativa do texto com longos excursos históricos e teológicos sobre temas como o anticristo, Alexandre, o Grande, Antíoco Epifânio e os vários reis mencionados em Daniel. Uma impressionante quantidade de material histórico é fornecida por Melanchthon ao longo de todo o comentário.

**João Calvino (1509-1564).** João Calvino começou suas lições sobre Daniel durante o verão de 1559 e as completou na primavera de 1560. As lições foram levemente editadas e publicadas em 1561. O comentário publicado, todavia, mantém o sentimento e a atmosfera do salão de lições. Aqueles elementos frequentemente removidos da prosa polida, como repetição, digressões e transições verbais explícitas, permanecem no comentário. Somos informados de que Calvino lecionava sem anotações. Ele começava lendo em voz alta o hebraico ou o aramaico, fazendo uma tradução do texto (glosando-o enquanto traduzia) e, depois, fazia sua exposição.<sup>21</sup> Calvino mostra ter consciência de traduções alternativas e diferentes interpretações teológicas. Ele também está familiarizado com os comentários anteriores de Ecolampádio e Melanchthon.

**Heinrich Bullinger (1504–1575).** Heinrich Bullinger, nascido fora do matrimônio, era filho de um padre católico romano.<sup>22</sup> Em 1529, entrou na Universidade de Colônia para estudar humanidades. Ali começou a despertar o interesse que o acompanhou por toda a vida pelos pais da igreja

<sup>19</sup> Cf. Heinz Scheible, “Philip Melanchthon,” in *The Reformation Theologians*, Carter Lindberg (org.) (Oxford: Blackwell, 2002), p. 67-82; Steinmetz, *Reformers in the Wings*, p. 49-57, 179-80; Heinz Scheible, *Melanchthon: Eine Biographie* (Munich: C. H. Beck, 1997).

<sup>20</sup> No Tischreden, Martinho Lutero fez uma declaração muito famosa: “Se alguém deseja se tornar um teólogo, tem um grande proveito, antes de tudo, em ter a Bíblia. Isso é agora tão claro que ele pode lê-la sem problema. Depois ele deve ler o *Loci Communes* de Filipe. Esta obra ele deve ler bem e diligentemente, até que tenha fixado o conteúdo em sua cabeça. Se tiver essas duas obras, ele é um teólogo, e nem o diabo nem um herege podem abalá-lo”. Novamente, Lutero é registrado dizendo: “Não há livro sob o sol em que toda a teologia seja apresentada tão compactamente como nos *Loci Communes*. Se você ler todos os pais e sentenciários, você não tem nada. Nenhum livro melhor foi escrito depois da Sagrada Escritura que o de Filipe”. Veja LW 54:439; WA, Tr 5, 204, nº 5511.

<sup>21</sup> “Translator’s Preface”, *Daniel I: Calvin’s Old Testament Commentaries* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), p. ix-x.

<sup>22</sup> Bruce Gordon, “Heinrich Bullinger”, in *The Reformation Theologians*, p. 170-83; Steinmetz, *Reformers in the Wings*, p. 93-99, 183-84. Depois da conversão do seu pai ao protestantismo, em 1529, seus pais se casaram.



primitiva. Sua conversão ao protestantismo veio pela leitura das primeiras obras de Lutero e do *Loci Communes*, de Melanchthon (1521). Seu ensino, concluiu ele, estava de acordo com a Escritura e com os pais da igreja de um modo que o ensino católico romano não estava. Em 1523, começou a lecionar no monastério cisterciano de Kappel e, ao mesmo tempo, desenvolveu uma estrita amizade com Ulrico Zwínglio, que continuaria até a prematura morte deste. Em 1531, foi escolhido como sucessor de Zwínglio para ser o principal ministro (*antistes*) de Grossmünster, a principal igreja de Zurique.

Bullinger participou ativamente da controvérsia eucarística entre Wittenberg e Zurique. Em 1549, uniu-se a João Calvino para produzir o *Consensus Tigurinus*, que era uma rejeição total da posição luterana e da Concórdia de Wittenberg, de 1536. Escreveu a Segunda Confissão Helvética (1566), que tinha o objetivo de ser seu testamento pessoal de fé, mas, em vez disso, tornou-se a mais amplamente reconhecida confissão de fé reformada. Bullinger também foi um pregador incansável e profuso. Nos dez primeiros anos como pregador principal de Grossmünster, pregou de seis a oito sermões por semana. Perto do fim de sua vida, havia pregado em todos os livros da Bíblia (*lectio continua*). Estima-se que Bullinger tenha pregado entre setecentos e setecentos e cinquenta sermões ao povo de Zurique.

Em 1565, Bullinger publicou sessenta e cinco sermões sobre o livro de Daniel. Suas homilias oferecem um comentário fluente sobre todo o texto.<sup>23</sup> Os comentários de Bullinger tocam questões textuais, históricas e teológicas. Assim como os comentários de Ecolampádio, os de Bullinger também são frequentemente cristológicos e, como seria de se esperar de uma homilia, dirigido às preocupações sociais e religiosas contemporâneas de seus ouvintes.

**Johann Wigand (1523–1587).** Johann Wigand era um luterano firme que trabalhou para garantir os esforços reformadores luteranos em meio às divisões tumultuosas do Luteranismo do século 16.<sup>24</sup> ele foi criado por pais luteranos piedosos. Estudou teologia na Universidade de Wittenberg, onde ouviu as lições de Lutero e Melanchthon. Da década de 1550 em diante, Wigand se tornou ativo nas controvérsias teológicas que assolavam o Luteranismo. Ele colaborou com Matthias Flacius (1520-1575) na oposição veemente aos filipistas. Em 1573, conheceu pessoalmente Martin Chemnitz e foi nomeado professor de teologia na Universidade de Königsberg. Em 1575, tornou-se bispo de Pomerânia. Ali permaneceu até sua morte, em 1587, pregando, ensinando, escrevendo e visitando igrejas para assegurar sua fidelidade à Escritura e à teologia luterana.

Wigand escreveu numerosas obras teológicas e históricas, que eram frequentemente motivadas por controvérsias e escritas com interesse polêmico. Ele escreveu obras catequéticas para as igrejas sob seus cuidados. Propôs e implementou um programa teológico para a Universidade de Königsberg. Seus sermões e esboços foram compilados e disseminados para o uso entre os pastores.<sup>25</sup> Além dessas obras, Wigand escreveu um comentário sobre Daniel, em 1571. O comentário é metódico e claro. Ele divide cada capítulo em parte histórica e teológica. Primeiro ele oferece a tradução latina do texto com comentário. Depois, passa a fazer anotações sobre quase todos os versículos. Depois, é dada uma sessão sobre os pontos doutrinários levantados pelo texto. Finalmente, em vários lugares do comentário, Wigand discorre sobre questões doutrinárias relacionadas ao texto, tais como a lei cerimonial, idolatria, orgulho, bebedeira, sonhos, anjos e assim por diante.

<sup>23</sup> Sobre a interpretação da Escritura por Bullinger, veja R. L. Petersen, "Bullinger, Heinrich," DMBI, 256-60.

<sup>24</sup> para o que vem a seguir, veja Ronald Diener, "Johann Wigand, 1523-1587", in *Shapers of Religious Tradition in Germany, Switzerland and Poland, 1560-1600*, Jill Raitt (org.) (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1981), p. 19-38; OER 4:272-73.

<sup>25</sup> O interesse de Wigand ia bem além da teologia. Seu interesse permanente em ciência e história natural resultou em um livro sobre o alce prussiano. Ele também tinha interesse em horticultura, fornecendo um exaustivo estudo botânico sobre as ervas na Pomerânia. Veja Diener, "John Wigand, 1523-1587," p. 26.

**Andrew Willet (1562–1621).** Andrew Willet foi um escritor prolífico, controversista e pastor.<sup>26</sup> Ele nasceu em Ely, em 1562, e frequentou Cambridge e Oxford. Foi ordenado em 1585. Willet recebeu de seu pai a cadeira *prebendal* [honorífica] de Ely, em 1587, e foi nomeado para a reitoria de Barley em 1598. Manteve as duas fontes de renda até sua morte, em 1561, o que lhe deu uma renda substancial. Willet lia extensivamente os pais da igreja, lei canônica, os escolásticos e os principais escritos de sua própria época, tanto protestantes quanto católico romanos. Compôs obras em latim e inglês, publicando quarenta e dois livros durante sua vida. Escreveu importantes comentários sobre Gênesis, Êxodo, Levítico, 1 e 2 Samuel, Daniel e Romanos – sendo este último seu comentário mais conhecido. Em 1610, escreveu um comentário em seis partes sobre Daniel.

O comentário de Willet é extraordinariamente detalhado e completo. Ele discute cada capítulo sob seis pontos. Ele começa explicando o argumento do capítulo e depois introduz o leitor às várias traduções do texto, partindo da língua original até suas várias traduções (grego, latim, inglês). Em terceiro lugar, ele trata das questões e dúvidas levantadas ao longo da história da interpretação. Depois, discute os tópicos doutrinários levantados no capítulo em consideração. Willet, então, discute os lugares de controvérsia, na quinta parte. Ele encerra cada capítulo, a sexta parte, com observações morais feitas com base no texto.

Ao longo de todo o comentário, Willet cita os autores a cujas obras está fazendo referência, colocando seus nomes entre parênteses no fim da frase. Essas referências acrescentam uma significativa diversidade teológica e eclesial à obra. Um vulto que influenciou a maior parte dos protestantes do século 16 e é usado frequentemente por Willet é Nicolau de Lira (c. 1270-1349). Nicolau era um franciscano e notável exegeta bíblico. Ele era bem versado em hebraico e tinha um rico conhecimento da igreja primitiva. Os reformadores, de Lutero a Willet, eram especialmente atraídos por Nicolau por causa de sua atenção ao claro sentido da Escritura.<sup>27</sup>

Willet incorpora comentários de dois teólogos católicos romanos do século 16. Benedict Pereira (1535-1610), a quem se refere como Pererius, era um teólogo jesuíta espanhol e filósofo que escreveu um comentário sobre Daniel em 1587.<sup>28</sup> Hector Pintus (1528-1584) foi um teólogo português e professor em Coimbra que publicou um comentário sobre Daniel em 1582. Além de Calvino e Bullinger, Willet cita regularmente outros dois teólogos reformados. Amandus Polanus (1561-1610), um importante contribuinte para o desenvolvimento da ortodoxia reformada, publicou um comentário sobre Daniel em 1599. Polanus publicou numerosos comentários sobre o Antigo Testamento e, mais tarde, voltou sua atenção para a dogmática.<sup>29</sup> Francis Junius (1545-1602), um teólogo huguenote, publicou uma exposição sobre Daniel, em 1593. A estima de Willet por Junius pode ser vista no apêndice anexado ao fim de seu comentário. Em 1608, Conrad Graser (1557-1613), um historiador e professor de hebraico no ginásio reformado de Torn (atualmente Toruń, Polônia), publicou uma exposição de Daniel 9 que desafiou os argumentos de Francis Junius. O apêndice de Willet ao seu comentário sobre Daniel é uma refutação de Graser e uma defesa de Junius.

Finalmente, além de Lutero e Melancthon, Willet recorre a Andreas Osiander (1498-1552), um talentoso hebraísta, controversista e luterano em meio período.<sup>30</sup> Osiander se opôs a quase todos os amigos que fez: Filipe Melancthon, Hans Denck, João Calvino e Martin Chemnitz, para citar apenas alguns. Ele participou do Colóquio de Marburgo, em 1529, com Lutero e Zwinglio, mas, posteriormente, após-se ao ensino de Lutero sobre a justificação pela fé. Osiander cria que a justiça de Cristo não era meramente imputada ao crente, mas substancialmente transferida ao

<sup>26</sup> ODNB 59:26-29.

<sup>27</sup> Philip Krey e Lesley Smith (orgs.), *Nicholas of Lyra: The Senses of Scripture* (Leiden: Brill, 2000), p. 1-18.

<sup>28</sup> TCE 11:664.

<sup>29</sup> Robert Letham, "Amandus Polanus: A Neglected Theologian?" *The Sixteenth-Century Journal* 21:3 (1990): 463-76.

<sup>30</sup> Steinmetz, *Reformers in the Wings*, p. 64-69, 166.

indivíduo. Esta posição, mencionada como osiandrismo, foi rejeitada pelos luteranos e outros durante o século 16.

**John Mayer (1583–1664).** Como mencionado acima, na introdução a Ezequiel, Mayer escreveu um comentário sobre a Bíblia toda. Em seu comentário sobre Daniel, Mayer comenta com interesse cada capítulo, demonstra familiaridade com a maioria dos comentários protestantes mencionados acima sobre esse livro e apresenta grande interesse pelos detalhes históricos das monarquias e profecias cristológicas de Daniel.

### ***Comentaristas diversos***

O livro de Daniel despertou comentários da parte de muitos comentaristas durante os séculos 16 e 17. Embora a maior parte desses comentários, como aqueles mencionados acima sobre Ezequiel, seja ocasional e casual, alguns deles foram incorporados ao comentário abaixo para ampliar a diversidade eclesial do volume. Breves comentários são novamente encontrados em Hans Denck (c. 1500-1527), Johann Gerhard (1625-1664) e Giovanni Diodati (1576-1649), apresentados acima. Além de Denck, dois outros anabatistas, Menno Simons (c. 1496-1561) e Tieleman J. van Braght (1625-1664), são brevemente citados no comentário. Simons, um sacerdote católico romano, foi rebatizado em 1536 e se tornou o mais importante teólogo anabatista do século 16. Tieleman J. van Braght, um menonita holandês, publicou sermões, hinos e um livro sobre mártires cristãos, cujos comentários foram usados abaixo. Vários outros comentários são acrescentados por Martin Chemnitz (1522-1586, luterano), William Pemble (1591/92-1623, puritano) e Joseph Meade (1586-1638, anglicano). Chemnitz, um luterano alemão, trabalhou para unir as vozes divididas do Luteranismo do século 16 em torno do Livro de Concórdia (1580).<sup>31</sup> Pemble, um doutor puritano comprometido com o Calvinismo, foi um famoso pregador que publicou obras exegéticas e históricas. Sua obra histórica sobre a monarquia persa é usada abaixo.<sup>32</sup> Meade, um erudito bíblico anglicano famoso por seu conhecimento enciclopédico sobre vários assuntos e por sua desenvoltura em hebraico, produziu uma obra sobre as setenta semanas de Daniel.<sup>33</sup>

### **Temas teológicos**

O livro de Daniel é dividido em duas partes por nossos comentaristas. A primeira parte, Daniel 1 – 6, trata de eventos bem conhecidos, como a fornalha de fogo, a punição de Nabucodonosor, a cova dos leões e a mão que escreveu na parede. Esses capítulos, na maior parte, descrevem eventos que ocorreram na Babilônia, durante o exílio. A segunda parte, Daniel 7 – 12, apresenta numerosas visões sobre as monarquias do mundo, o reino de Cristo e do anticristo e o fim do mundo.

De acordo com Heinrich Bullinger, algumas pessoas, durante o século 16, recusavam-se a ler Daniel ou qualquer dos profetas, porque agora possuíam os evangelhos e o ensino apostólico do Novo Testamento. Nossos comentaristas acham essa postura vergonhosa e arrogante. Eles não apenas estão comprometidos com o estudo e a pregação contínuos do Antigo Testamento, mas também estão convencidos de que o ensino dos profetas oferece grande conforto e benefício àqueles que estão longe dos apóstolos. A experiência cristã recomenda o uso dos profetas; o Novo Testamento nos direciona ao estudo dos profetas (Mt 24.15; 1Pe 1.10-12). Como diz Pedro, os profetas nos serviram e não a si mesmos, ao examinarem os sofrimentos de Cristo e as glórias subsequentes.

---

<sup>31</sup> Robert Kolb, “Martin Chemnitz”, *The Reformation Theologians*, 140-53; Theodore R. Jungkuntz, *Formulators of the Formula of Concord* (St. Louis, Mo.: Concordia Publishing House, 1977), p. 46-68.

<sup>32</sup> ODNB 43:508-10.

<sup>33</sup> ODNB 37:683-85.

Nossos comentaristas observam muitos benefícios na leitura de Daniel. As histórias dos monarcas, os grandes milagres que ocorreram naqueles dias, o consolo do cuidado paternal de Deus e sua vigilante providência em favor dos santos são registrados para o encorajamento de nossa fé. Além disso, encontramos profecias explícitas sobre Cristo, o tempo preciso de sua vinda e as promessas de seus benefícios a nós. A completa descrição do ofício de Cristo em Daniel (Dn 9) é um compêndio dos principais artigos da fé cristã. Aqui Daniel dá um claro testemunho a respeito do advento e da morte de Cristo, da expiação dos pecados, da justificação pela fé e da justiça eterna de Cristo. Todos esses ensinamentos são precedidos pela grande oração de Daniel por arrependimento. Aqui aprendemos que a oração é o principal exercício de fé; aliás, é a prerrogativa da fé.

Um tema constante para nossos comentaristas ao longo de toda a sua leitura de Daniel, seja da parte um ou dois, é o aparecimento contínuo de Cristo ou a alusão a Cristo em quase todos os capítulos do livro. Por exemplo, Cristo é a pedra cortada da montanha (Dn 2); aquele como Filho de Deus na fornalha de fogo (Dn 3), a sentinela e o santo (Dn 4), o Ancião de Dias e o Filho do Homem (Dn 7), o santo ou Palmoni (Dn 8), a expiação pelos pecados e a justiça eterna (Dn 9), aquele em semelhança de homem (Dn 10), e aquele chamado Miguel, que é o Filho de Deus, Jesus Cristo (Dn 12). De fato, nossos comentaristas nem sempre estão de acordo sobre esses aparecimentos de Cristo. Calvino é o mais relutante em encontrar Cristo nos lugares mencionados acima; Willing é o mais propenso.

### Questões interpretativas

Há dois tipos de questões interpretativas para nossos comentaristas. Primeiro, há as questões em que eles estão em completa harmonia entre si em sua oposição à interpretação católica romana ou judaica. Por exemplo, dedicam um espaço significativo a questões referentes à canonicidade de Daniel e às adições apócrifas ao livro.

Nossos comentaristas mostram algum conhecimento do debate judaico sobre a colocação canônica de Daniel e do ataque feito no 3º século pelo filósofo pagão Porfírio à sua autoridade. Ambas as questões estão relacionadas ao caráter da profecia de Daniel. Esse livro fora escrito pelo profeta Daniel ou fora composto anos depois, talvez durante o reinado de Antíoco Epifânio, como defendido por Porfírio? Assumir esta última posição é rejeitar a inspiração de Daniel e introduzir falsidade na Escritura. Nossos comentaristas rejeitam esta posição. Aceitar a canonicidade de Daniel de um modo provisório, que é como eles caracterizam a posição judaica, é algo motivado mais por convicções teológicas que por conclusões históricas. Como Daniel apresenta o advento e a morte do Messias, sua obra expiatória por todas as pessoas e seu reino eterno com mais clareza e precisão que qualquer outro escritor do Antigo Testamento, este livro é classificado entre os hagiográficos [biografia dos santos ou escrito sobre eles] (*kethubim*) e raramente é lido pelos rabinos. Embora os estudiosos modernos questionem o modo como os reformadores trataram esta questão e caracterizam a interpretação rabinica, o importante é que observemos a motivação teológica para sua conclusão. Todos os nossos comentaristas veem Daniel dando profecias explícitas e confortadoras sobre Cristo e seu reino eterno. É por isso que todo bom cristão lê Daniel, como diz Lutero.

Há quatro adições a Daniel não encontradas no texto massorético, mas apenas nas versões gregas do livro: a oração de Azarias, o cântico dos três jovens, a história de Suzana e de Bel e o dragão. O Concílio de Trento (1546-15463) declarou que essas adições são canônicas. Nossos comentaristas as consideram apócrifas e aprovam os argumentos de Jerônimo contra sua inclusão no cânon. Na maior parte, essas adições não ocupam a atenção deles.

Em segundo lugar, há várias questões exegéticas e interpretativas dentro do livro de Daniel que criam dificuldades para nossos comentaristas e produzem diversas conclusões. Essas dificuldades vão de questões cronológicas envolvendo o reino de Nabucodonosor (Dn 2.1) a questões textuais referentes à identidade de Palmoni (Dn 8.13) e de Miguel (Dn 10.13; 12.1). Como acon-

tece com Ezequiel, nossos comentaristas demonstram, do começo ao fim, seu compromisso com a estrita leitura do texto. Quando os reformadores leem que Nabucodonosor sonhou “no segundo ano do seu reinado”, várias questões se levantam. Como isso se harmoniza com Daniel 1, que declara que ele sitiou Jerusalém no primeiro ano de seu reinado? Não haveria tempo suficiente para Daniel ser estimado entre os sábios e astrólogos, como o texto declara. Várias propostas são apresentadas por nossos comentaristas para o cálculo dos anos em Daniel 1 e 2.

Novamente, vemos sua preocupação com os detalhes e sua leitura estrita do texto com duas questões textuais que surgem na segunda parte de Daniel. Primeiro, a palavra hebraica *Palmoni*, que é usada em Daniel 8.13, deve ser traduzida ou não? Willet, Mayer e Melanchthon concordam que esta palavra não deve ser traduzida e entendida como Cristo. Se for traduzida, deve ser traduzida como anjo “excelente” ou “maravilhoso”. Quando consideramos que esse anjo ou *Palmoni* está instruindo e revelando mistérios conhecidos somente por Deus e que é um outro anjo, talvez Gabriel, que faz a pergunta em favor de Daniel ao outro “anjo”, os reformadores concluem que este deve ser o próprio Cristo. É melhor, então, manter a palavra *Palmoni* sem tradução. Se formos traduzi-la, Melanchthon sugere “alguém maravilhoso”, que corresponde a “maravilhoso Conselheiro”, como Cristo é chamado em outro lugar (Is 9.6).

Uma questão semelhante surge com respeito à identidade de Miguel (Dn 10.13; 12.1). Embora alguns comentaristas sejam mais reservados que outros na análise desta questão, quase todos reconhecem que Miguel é o Filho de Deus. Mayer e, em certa medida, Calvino são os únicos que discordam. Novamente, as conclusões dos reformadores surgem de uma estrita leitura do texto e de uma análise teológica da “obra” atribuída a Miguel. Como nossos comentaristas admitem que “pessoa” e “obra” caminham juntas, quando leem que Miguel é o príncipe do povo, um ofício que pertence somente a Cristo, concluem que “Miguel” “aquele que é como Deus”.

Mais dois exemplos mostram a preocupação dos nossos comentaristas com os detalhes do texto e com os desafios hermenêuticos apresentados por uma leitura excessivamente literal. Quando Deus pune Nabucodonosor (Dn 4), Daniel relata que o rei foi retirado do convívio humano, forçado a habitar entre as bestas do campo e a comer capim como os bois. A questão que se levanta é em que medida esta punição deve ser lida literalmente. Deus mudou a natureza de Nabucodonosor para uma natureza animal para que ele comesse capim, algo que os seres humanos são incapazes de fazer, ou essa mudança aconteceu na mente, e não no corpo? Embora nenhum dos comentaristas sugira que Nabucodonosor tenha sofrido algum tipo de metamorfose, quase todos eles se preocupam em prevenir seus leitores a não extraírem essa conclusão.

Uma outra questão surge com a visão de Daniel no capítulo 8. Ele estava fisicamente em Susã, como diz o texto, ou permanecia na Babilônia? Calvino argumenta que ele estava na Babilônia e em Susã apenas em visão. Qualquer outro argumento é desarrazoado. Mayer rejeita a conclusão de Calvino por ser contrária ao que o texto diz. Ele argumenta que Daniel foi, de fato, levado a Susã pelo Espírito, como Ezequiel e Elias também tinham sido transportados miraculosamente pelo Espírito. Wigand acha a questão difícil de responder de um jeito ou de outro.

Finalmente, como mencionamos acima, nossos comentaristas encontram um aparecimento de Cristo ou uma alusão a ele em quase todos os capítulos de Daniel. Todavia, eles não são unânimes sobre quando e onde esses aparecimentos ocorrem. Por exemplo, quem apareceu na fôrnalha de fogo com os três jovens? Calvino diz que foi um anjo; Bullinger diz que foi um anjo, mas tipo de Cristo; Wigand e Mayer afirmam que foi o próprio Filho de Deus. Todos os quatro oferecem base exegética para sua conclusão. O padrão de alguns verem Cristo e outros não é repetido ao longo de todo o livro de Daniel.

### **Recebimento histórico dessas obras**

O recebimento histórico dos comentários sobre Daniel começa com os próprios reformadores. O prefácio de Lutero é usado e conhecido por Melanchthon e Wigand. O comentário de

---

Oecopampadius, que é o mais antigo produzido pelos reformadores sobre Daniel, é usado por Melanchthon, Calvino, Bullinger, Willet e Mayer. Melanchthon é usado por Calvino, Bullinger, Willet e Mayer. Para os comentaristas modernos, Lutero e Calvino mantêm seu lugar de destaque. Eles são lidos e citados, quer o leitor concorde com suas interpretações ou não. Os outros comentaristas, entretanto, são menos acessíveis ao leitor moderno. As obras de Ecolampádio, Melanchthon, Bullinger e Wigand estão disponíveis somente em latim. Embora Willet e Mayer tenham escrito em inglês, suas obras não são facilmente acessíveis e seu inglês é desajeitado.

O comentário a seguir sobre Daniel mantém a importância de Lutero e Calvino, mas dá a maior parte do espaço a esses outros reformadores dos séculos 16 e 17. O que segue é apenas uma amostra da erudição e do conhecimento teológico de suas respectivas obras, todas as quais merecem, em minha opinião, ser traduzidas para o inglês e tornadas acessíveis mais uma vez a um amplo público leitor interessado nas importantes e confortadoras palavras do profeta Daniel.



# EZEQUIEL

---

## PREFÁCIO

---

**PANORAMA:** Nossos comentaristas começam com a posição da profecia de Ezequiel em relação a Jeremias, destacando especificamente o papel que Ezequiel desempenhou para Deus. Ezequiel, como Jeremias, tempera seus julgamentos severos contra o povo com promessas do reino de Cristo e da Jerusalém celestial. Além disso, Ezequiel serviu de verdadeiro conforto para Jeremias, que, agora, tinha um companheiro para falar das coisas de Deus. Finalmente, alguns comentários são feitos a respeito das restrições de leitura estabelecidas historicamente em partes de Ezequiel entre os judeus e de várias dificuldades encontradas no livro.

**JEREMIAS E EZEQUIEL.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Na ordem dos livros dos profetas, Ezequiel segue Jeremias. Ambos têm o mesmo argumento e viveram na mesma época. Jeremias era mais velho e precedeu Ezequiel no ofício de profeta. Jeremias pregou em Jerusalém e Ezequiel, na Babilônia. Ambos corroboraram a profecia um do outro. Ezequiel foi levado para a Babilônia no tempo de Jeconias. **COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.**<sup>1</sup>

**JEREMIAS E EZEQUIEL.** MARTINHO LUTERO: Ezequiel, como Daniel e muitos outros, junto com o rei Jeconias, foi de boa vontade para o cativo na Babilônia, seguindo o conselho de Jeremias. O profeta Jeremias aconselhou continuamente o povo para que se rendesse ao rei da Babilônia e, assim, continuasse vivo; eles não deveriam resistir caso contrário, seriam destruídos (Jr 21). Agora que os exilados já estavam na Babilônia, como revela Jeremias no capítulo 24, ficaram impacientes e lamentaram muito o fato de terem se rendido, pois viram que as pessoas que tinham ficado em Jerusalém, que não tinham se rendido, ainda possuíam a cidade e as demais coisas e pretendiam fazer

de Jeremias um mentiroso e esperavam se desfender do rei da Babilônia e permanecer em sua própria terra.

Em Jerusalém, os falsos profetas deram força a essa noção, afirmando continuamente, para consolo do povo, que sua cidade não seria capturada e que Jeremias era um herege mentiroso. Além disso (como geralmente acontece), havia o fato de que aqueles que estavam em Jerusalém se orgulhavam de estar crendo, com honestidade e firmeza, em Deus e na pátria. Eles alegavam que os outros, que tinham se rendido, tinham abandonado Deus e a pátria e eram, portanto, traidores infiéis que foram incapazes de confiar ou esperar em Deus, tendo bandeado para o inimigo em virtude da fala vil de Jeremias, o mentiroso. Isso feria e amargurava muito aqueles que se entregaram à Babilônia e seu cativo dobrou de tamanho. Quantas e quão enormes maldições eles devem ter desejado para Jeremias, a quem tinham seguido e que os desencaminhara de modo tão desastroso!

Por essa razão, Deus levantou na Babilônia o profeta Ezequiel, para encorajar os cativos e para profetizar contra os falsos profetas em Jerusalém, bem como para confirmar a palavra de Jeremias. Ezequiel faz isso de maneira perfeita; ele profetiza de maneira mais dura, e muito mais que Jeremias, que Jerusalém será destruída e que o povo morrerá, junto com o rei e os príncipes. No entanto, ele promete, também, que os cativos voltarão para a terra de Judá. Isso foi o que Ezequiel fez de mais importante em sua época; ele trata desse assunto até o capítulo vinte e cinco.

Depois disso, até o capítulo trinta e quatro, ele amplia igualmente sua profecia a outras terras

---

<sup>1</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 3.



vizinhas, as quais o rei da Babilônia haveria de afligir. Há, em seguida, quatro capítulos [34-37] sobre o espírito e o reino de Cristo e, depois disso, sobre o último tirano no reino de Cristo, Gogue e Magogue [38-39]. No final, Jerusalém é reconstruída e Ezequiel encoraja as pessoas a crerem que voltarão para casa novamente [40-48]. Entretanto, pelo Espírito, ele está falando da cidade eterna, a Jerusalém celestial, da qual Apocalipse também fala [Ap 21]. PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**JEREMIAS E EZEQUIEL.** JOÃO CALVINO: Antes de seguir adiante, farei uma breve consideração dos temas que Ezequiel discute. Como dissemos, ele tem quase tudo em comum com Jeremias, mas especialmente isto: ele anuncia a destruição final para as pessoas, porque elas não deixaram de acumular maldade sobre maldade, incitando, assim, a vingança de Deus mais e mais. Por essa razão, ele as ameaça, e não apenas uma vez, porque a dureza do coração do povo era tão grande que proferir as ameaças de Deus apenas três ou quatro vezes não seria suficiente, a não ser que ele as repetisse incessantemente.

No entanto, Ezequiel também mostra as razões pelas quais Deus decidiu tratar seu povo tão severamente, certamente porque o povo estava tão corrompido com muitas superstições, porque as pessoas eram fraudulentas, gananciosas, impiedosas, cheias de crimes, dadas à extravagância e depravadas pela luxúria. Todas essas coisas são listadas pelo nosso profeta para mostrar que a vingança de Deus não é demasiadamente severa, uma vez que o povo continuava a praticar as maiores impiedades e a acumular uma grande pilha de atos maus...

Os profetas mostram a culpa das pessoas para levá-las ao arrependimento, se tão somente elas crerem que é possível, e para que se reconciliem com Deus os que estão afastados dele. Consequentemente, essa é a razão pela qual sempre que o nosso profeta, como também Jeremias, repreende o povo, ele tempera a severidade da correção entremeando promessas...

Mas, depois do capítulo 40, ele trata mais rica e amplamente da reconstrução do templo e da cidade. Segundo essa declaração, ele anuncia uma nova *posição* do povo, a autoridade real

florescerá e o sacerdócio recuperará a sua excelência anterior. No restante do livro ele explicará a extraordinária bondade de Deus, que era para ser esperada após o encerramento dos setenta anos. É útil, aqui, lembrar aquilo que observamos no caso de Jeremias. Enquanto os falsos profetas estavam prometendo ao povo um retorno após três ou cinco anos, os verdadeiros profetas estavam proclamando aquilo que realmente aconteceria, para que o povo se sujeitasse pacientemente a Deus, suportando suas justas correções, sem desanimar pela duração dos anos. EZEQUIEL I.<sup>3</sup>

**A DIFICULDADE DE EZEQUIEL.** MATTHEW MEADE: Deve-se dizer dessa profecia, como foi dito das epístolas de Paulo, que há nelas coisas difíceis de serem entendidas, cheias de obscuridade e dificuldade, que levaram Jerônimo a dizer que há, neste livro, um mar da Escritura muito profundo e um labirinto dos mistérios de Deus muito difícil e, assim como a leitura do início de Gênesis e do livro de Cânticos dos Cânticos era proibida aos judeus (como afirma Jerônimo) até que eles chegassem aos trinta anos de idade, assim acontecia com o início e o final desta profecia.

Há, nela, visões obscuras difíceis de serem expostas, cronologias incertas difíceis de serem decifradas, parábolas místicas difíceis de serem esclarecidas e muitos hieroglifos enigmáticos de difícil compreensão, tais como a gravação no tijolo (Ez 4), a remoção da bagagem da casa (Ez 12), o ramo da videira inútil (Ez 15), as duas águias e a videira (Ez 17), a panela fervente (Ez 24), os ossos secos (Ez 37) e assim por diante. Entretanto, dentre todas as visões, nenhuma apresenta maior obscuridade e dificuldade do que a das rodas junto aos querubins, mencionada nos capítulos primeiro e décimo. A VISÃO DAS RODAS.<sup>4</sup>

**QUEM DEVERIA LER EZEQUIEL?** MARTINHO LUTERO: Jerônimo e outros escreveram que era, e ainda é, proibido entre os judeus que alguém com menos de trinta anos de idade lesse a primeira e a última parte do profeta Ezequiel

<sup>2</sup> Lenker 6, 303 304\* (WADB 11,1:392).

<sup>3</sup> CTS 22:55-56 (CO 18:24-25).

<sup>4</sup> *Vision of the Wheels* 3-4.

[1.4-28; 40:2-48.35] e o primeiro capítulo de Gênesis. Na verdade, não havia necessidade dessa proibição entre os judeus, pois Isaías [29.11-12] profetiza que toda a Escritura Sagrada está selada e fechada para os judeus incrédulos. Paulo fala, em 2Coríntios 3.14-16, que o véu de Moisés permanece sobre as Escrituras, enquanto eles não crerem em Cristo. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**A NECESSIDADE DE EZEQUIEL.** JOÃO CALVINO: Agora devemos considerar o propósito de Deus ao escolher Ezequiel como seu profeta. Jeremias clamou sem cessar por trinta e cinco anos, mas com pouco sucesso. Estando o profeta Jeremias já cansado, Deus quis lhe dar um ajudador. E, certamente, foi um grande alívio quando Jeremias, que estava em Jerusalém, soube que o Espírito Santo estava falando harmoniosamente por outra boca. De fato, foi, assim, confirmada a verdade de seu ensino...

Todavia, esta era uma tarefa penosa para ele, proclamar pública e continuamente, por trinta e cinco anos, a surdos e mesmo a insanos. Por essa razão, para atender seu servo, Deus lhe deu um companheiro, que ensinaria aos babilônios as mesmas coisas que Jeremias não cessara de proclamar a Jerusalém... Mas a utilidade de seu ensino expandiu-se ainda mais, uma vez que aqueles que estavam em Jerusalém foram constrangidos a ouvir as profecias que Ezequiel falava aos caldeus. Quando eles compreenderam que essas profecias concordavam com as de Jeremias, eles não puderam, sequer, deixar de perguntar a razão disso. Certamente, não é normal um profeta em Jerusalém e outro na Caldeia proclamarem suas profecias como a uma voz, como dois cantores em uníssono. Realmente, não é possível encontrar uma melodia mais agradável ou bem composta do que a que existiu entre esses dois servos de Deus. EZEQUIEL I.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Lenker 6, 305\* (WADB 11,1:394).

<sup>6</sup> CTS 22:54-55 (CO 18:23-24).



## 1.1-28 OS SERES VIVENTES E A GLÓRIA DO SENHOR

<sup>1</sup> Aconteceu no trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês, que, estando eu no meio dos exilados, junto ao rio Quebar, se abriram os céus, e eu tive visões de Deus. <sup>2</sup> No quinto dia do referido mês, no quinto ano de cativo do rei Joaquim, <sup>3</sup> veio expressamente a palavra do SENHOR a Ezequiel, filho de Buzi, o sacerdote, na terra dos caldeus, junto ao rio Quebar, e ali esteve sobre ele a mão do SENHOR.

<sup>4</sup> Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do Norte, e uma grande nuvem, com fogo a revolver-se, e resplendor ao redor dela, e no meio disto, uma coisa como metal brilhante, que saía do meio do fogo. <sup>5</sup> Do meio dessa nuvem saía a semelhança de quatro seres viventes, cuja aparência era esta: tinham a semelhança de homem. <sup>6</sup> Cada um tinha quatro rostos, como também quatro asas. <sup>7</sup> As suas pernas eram direitas, a planta de cujos pés era como a de um bezerro e luzia como o brilho de bronze polido. <sup>8</sup> Debaixo das asas tinham mãos de homem, aos quatro lados; assim todos os quatro tinham rostos e asas. <sup>9</sup> Estas se uniam uma à outra; não se viravam quando iam; cada qual andava para a sua frente. <sup>10</sup> A forma de seus rostos era como o de homem; à direita, os quatro tinham rosto de leão; à esquerda, rosto de boi; e também rosto de águia, todos os quatro. <sup>11</sup> Assim eram os seus rostos. Suas asas se abriam em cima; cada ser tinha duas asas, unidas cada uma à do outro; outras duas cobriam o corpo deles. <sup>12</sup> Cada qual andava para a sua frente; para onde o espírito havia de ir, iam; não se viravam quando iam. <sup>13</sup> O aspecto dos seres viventes era como carvão em brasa, à semelhança de tochas; o fogo corria resplendente por entre os seres, e dele saíam relâmpagos, <sup>14</sup> os seres viventes ziguezagueavam à semelhança de relâmpagos.

<sup>15</sup> Vi os seres viventes; e eis que havia uma roda na terra, ao lado de cada um deles. <sup>16</sup> O aspecto das rodas e a sua estrutura eram brilhantes como o berilo; tinham as quatro a mesma aparência, cujo aspecto e estrutura eram como se estivera uma roda dentro da outra. <sup>17</sup> Andando elas, podiam ir em quatro direções; e não se viravam quando iam. <sup>18</sup> As suas cambotas eram altas, e metiam medo; e, nas quatro rodas, as mesmas eram cheias de olhos ao redor. <sup>19</sup> Andando os seres viventes, andavam as rodas ao lado deles; elevando-se eles, também elas se elevavam. <sup>20</sup> Para onde o espírito queria ir, iam, pois o espírito os impelia; e as rodas se elevavam juntamente com eles, porque nelas havia o espírito dos seres viventes. <sup>21</sup> Andando eles, andavam elas e, parando eles, paravam elas, e, elevando-se eles da terra, elevavam-se também as rodas juntamente com eles; porque o espírito dos seres viventes estava nas rodas.

<sup>22</sup> Sobre a cabeça dos seres viventes havia algo semelhante ao firmamento, como cristal brilhante que metia medo, estendido por sobre a sua cabeça. <sup>23</sup> Por debaixo do firmamento, estavam estendidas as suas asas, a de um em direção à de outro; cada um tinha outras duas asas com que cobria o corpo de um e de outro lado. <sup>24</sup> Andando eles, ouvi o tatarar das suas asas, como o rugido de muitas águas, como a voz do Onipotente; ouvi o estrondo tumultuoso, como o tropel de um exército. Parando eles, abaixavam as asas. <sup>25</sup> Veio uma voz de cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça. Parando eles, abaixavam as asas.

<sup>26</sup> Por cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça, havia algo semelhante a um trono, como uma safira; sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem. <sup>27</sup> Vi-a como metal brilhante, como fogo ao redor dela, desde os seus lombos e daí para cima; e desde os seus lombos e daí para baixo, vi-a como fogo e um resplendor ao redor dela. <sup>28</sup> Como o aspecto do arco que aparece na nuvem em dia de chuva, assim era o resplendor em redor.

*Esta era a aparência da glória do SENHOR; vendo isto, cai com o rosto em terra e ouvi a voz de quem falava.*

**PANORAMA:** Nossos comentaristas começam este longo e difícil capítulo considerando a identidade de Ezequiel e sua localização na Babilônia. Dá-se também atenção ao início peculiar do livro, o que é muitas vezes esquecido por tradutores e comentaristas. A que se refere “no trigésimo ano”? Alguns sugerem que a data provém de um jubileu; outros a calculam a partir da descoberta da Lei por Josias.

Embora se ofereça um resumo da opinião histórica sobre quem seriam os quatro seres viventes, nossos comentaristas concordam que se deve entendê-los como sendo quatro anjos ou querubins. Em relação às quatro rodas, encontramos menos concordância. Alguns entendem, de maneira geral, que elas representam mudanças; outros veem representadas as quatro partes do mundo; e ainda outros, entendendo toda a profecia como se referindo ao reino de Cristo, sugerem que as quatro rodas, apontando para o Novo Testamento, representam a Palavra de Deus, o batismo, a Ceia do Senhor e o ofício das chaves. Finalmente, todos os comentaristas concordam que Ezequiel viu a pessoa de Cristo, o próprio Filho de Deus.

Dois significados gerais da visão são apresentados por nossos comentaristas. Para alguns, trata-se de uma visão a respeito da soberania de Deus; só ele dirige todas as coisas para a sua glória. Para outros, é uma visão a respeito de Cristo e seu reino; há, aqui, grande concordância entre Ezequiel e Jeremias 31.

### 1.1-3 Ezequiel na Babilônia

**EZEQUIEL.** JOHN MAYER: Ezequiel é apresentado como filho de Buzi e como um sacerdote para obter-lhe a maior autoridade, não sendo ele uma pessoa comum, mas um sacerdote. Ezequiel significa a força de Deus; Buzi significa desprezo; de onde Orígenes infere que ele era uma figura de Cristo, o qual era o grande poder de Deus, mas foi desprezado pelos judeus...

O tempo e o local de sua atividade profética são fornecidos com exatidão para que saiba-

mos que ele profetizou na terra dos caldeus, parcialmente no tempo em que Jeremias profetizou na terra de Judá... Nesse período, então, eles profetizaram juntos e Ezequiel foi movido pelo Senhor a confirmar aquilo que Jeremias dizia. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>1</sup>

**UM INÍCIO PECULIAR.** WILLIAM GREENHILL: “Agora”. A palavra no original é “e”. “E aconteceu.” Parece uma forma estranha de se começar um livro, especialmente quando isso não se refere a algo que tenha sido dito ou escrito anteriormente. Muitos livros da sagrada Escritura começam dessa forma, como Êxodo, Levítico, Números, Josué, Rute, Samuel, Reis e muitos outros. Em livros históricos, isso pode indicar série e ligar coisas antecedentes a coisas consequentes. Mas, em livros proféticos, não é possível indicar ou fazer uma conexão com coisas precedentes. Jonas começa assim sua profecia, e qual seria o antecedente para compor a conexão? Eis a questão e sua dificuldade: por que o profeta devia começar assim o seu livro: “E aconteceu”?

Alguns resolvem a questão da seguinte maneira: Eles admitem ser um idiomatismo, ou seja, uma peculiaridade da língua hebraica, iniciar livros com essa partícula, *e*, ou *agora*. E, assim, nada fazem com isso. Mas, certamente, isso não é tudo. Há alguma coisa envolvida nesse *agora*, ou *e*, que pode servir de instrução e utilidade para nós.

“Agora”, ou, “e aconteceu.” O profeta, sem dúvida, estava meditando na condição em que se encontrava, meditando na condição em que havia estado. Houve um tempo em que estávamos em Jerusalém, quando íamos com alegria ao templo e às assembleias solenes, um tempo em que ouvíamos a voz de Deus, em que víamos sua glória, sua beleza, seu poder e sua força ali; um tempo no qual tínhamos comunhão com os santos e entoávamos juntos os cânticos de Sião, com alegria e satisfação.

<sup>1</sup> *Prophets*, 365.

Tínhamos rituais preciosos, sábados notáveis, sacrifícios que enchiam o coração de ânimo, selavam para nós o perdão de nossos pecados e anunciavam à nossa alma a boa vontade de Deus em Cristo. Sentávamos à sombra de nossas videiras ou figueiras e vivíamos em segurança. Mas agora, agora comemos o pão dos pranteadores, bebemos as nossas próprias lágrimas. Agora estamos despojados de todo ritual, privados de todos os nossos confortos. Estamos entregues às mãos de nossos inimigos. Tornamos-nos prisioneiros de um soberano pagão. Nosso cativo é penoso e deve continuar setenta anos. É fruto do nosso pecado. Deus é justo em todos os seus juízos e, se aceitarmos de boa vontade a punição de nossa iniquidade, em sua ira ele se lembrará da misericórdia e terá consideração por nossa humilhação. Ele amenizará e santificará para nós o nosso cativo. Pensamentos como estes estavam alojados no peito do profeta. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**O TRIGÉSIMO ANO.** JOÃO CALVINO: Vemos que nosso profeta foi chamado para o ofício docente no quinto ano após Joaquim se entregar voluntariamente ao rei da Babilônia e ser levado ao exílio, acompanhado de sua mãe. Entretanto, ele diz que esse era o trigésimo ano. Muitos comentaristas seguem o parafrasta caldeu, entendendo que essa data se refere à redescoberta do Livro da Lei. Está claro o suficiente que esse ano foi o décimo nono do reinado do rei Josias, no entanto, segundo os meus cálculos, não concordo com aqueles que pensam que a data se refere à redescoberta do Livro da Lei. Certamente, essa expressão, no trigésimo ano, seria por demais obscura e forçada. Em parte alguma lemos de autores que tenham começado a contar a partir daí. Além disso, não há dúvida de que o método usual entre os judeus era começar a contar a partir de um ano de jubileu, que era, de fato, o ponto de partida para o próximo período. Portanto, não tenho dúvidas de que o trigésimo ano foi contado a partir de um jubileu. Esse argumento não é novo. Por exemplo, Jerônimo também menciona o mesmo método, embora incorretamente o rejeite, por ter se deixado levar por outra opi-

ção. Entretanto, é certo que os judeus usavam esse método de contagem, começando de um *Jobel*, ou seja, de um jubileu. Essa é a melhor explicação do trigésimo ano. Se alguém contesta dizendo que em parte alguma lemos que o décimo oitavo ano do governo do rei Josias foi esse ano festivo, no qual todos retornavam ao seu próprio campo, os escravos eram libertados e ocorria a restauração de todo o povo, a resposta é simples. Embora nada seja encontrado acerca do ano em que o *Jobel* ocorreu, ainda é suficiente para nós que o jubileu era um ano festivo. Os israelitas seguiam essa tradição de contagem de anos, tal como os gregos tinham a suas olimpíadas, os romanos tinham os seus cônsules e calculavam suas festas a partir dessa data. Assim também os hebreus tinham o hábito de iniciar a contagem de um ano *Jobel* até a próxima restauração, como eu disse. EZEQUIEL I.<sup>3</sup>

**NO TRIGÉSIMO ANO.** WILLIAM GREENHILL: “No trigésimo ano.” Esse tempo incomoda bastante os intérpretes. Não se diz no trigésimo ano de algo, ou de alguém, mas apenas no trigésimo ano. Temos aqui uma cronologia incerta, que constitui uma dificuldade em Ezequiel.

1. “No trigésimo ano.” Não o trigésimo ano do jubileu, como julgam alguns, pois o quinto ano de cativo de Joaquim não corresponde ao trigésimo ano do jubileu. Como Franciscus Junius e alguns outros (que se esforçam em descobrir a verdade aqui declarada) observam, aquela data cai durante o nono ano do jubileu. Portanto, deixamos essa passar.

2. “No trigésimo ano”. Alguns julgam ser esse o trigésimo ano da sua idade. O profeta completou trinta anos de idade e, então, começou a profetizar. Mas essa não é a prática dos escritores da Escritura, a saber, calcular as profecias a partir de sua própria idade e nascimento. E há boa razão para isso, porque as profecias, e assuntos que são muito importantes para o bem da igreja, recebem testemunho e força a partir do tempo em que passam a existir. Esses tempos não devem ser tempos particulares, tempos

<sup>2</sup> *Exposition*, 8.

<sup>3</sup> CTS 22:51-52 (CO 18:21-22).

de homens particulares que não são conhecidos, mas tempos que são conhecidos do mundo, para que todos possam ser convencidos de que o fato aconteceu em tal época. Ora, o nascimento de alguém que mais tarde seria um profeta não parece um tempo tão notável no mundo, para que o mundo, então, levasse em conta que Ezequiel havia nascido. Portanto, eles não começariam o cálculo de sua profecia a partir desse ponto. Não é provável que esse deva ser o significado do trigésimo ano. Nesse caso, ele teria dito: “No trigésimo ano de minha vida.”

3. “No trigésimo ano.” Ou seja, no trigésimo ano desde que a lei fora encontrada nos dias de Josias e desde aquela grande Páscoa que celebrada por ele. Em 2Reis 22, há menção da descoberta do Livro da Lei. E, em 2Reis 23, da grande Páscoa, e isso sucedeu no décimo oitavo ano do reinado de Josias [2 Reis 23:33].

Bem, se calcularmos o tempo a partir do décimo oitavo ano de Josias, isso equivale exatamente ao trigésimo ano, no qual nosso profeta teve sua visão e começou sua profecia. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**SE ABRIRAM OS CÉUS.** WILLIAM GREENHILL: “Se abriram os céus, e eu tive visões de Deus.” Entre os judeus, a palavra *abrir* denota, às vezes, não a realidade, mas os efeitos de um evento. Gênesis 3.7: “Abriram-se, então, os olhos de ambos.” Antes, eles não estavam fechados, mesmo assim se diz que seus olhos foram abertos. No evangelho, é dito que Cristo abre os olhos aos cegos, os ouvidos e a boca aos surdos e mudos. Não é que suas bocas estivessem tão absolutamente fechadas que eles nem podiam mexer as pálpebras, no entanto, Cristo as abriu assim, fazendo-os ver, ouvir, falar e fazer aquilo que antes não podiam. Por essa razão, no que se refere ao efeito, é dito que eles foram abertos. Além disso, denota, às vezes, a verdade de um evento, de maneira que Estêvão viu os céus abertos e Cristo em pé à destra de Deus. Pedro viu o céu aberto e um lençol baixando até ele.

A questão é: qual desses caminhos deve ser tomado aqui? Orígenes afirma que os céus foram abertos aos olhos do seu corpo, houve uma divisão dos céus e, assim, num sentido li-

teral, ele contemplou as visões e as coisas que lhe foram apresentadas. Jerônimo afirma que os céus se abriram não pelo rasgar do firmamento, mas pela fé do crente. Você pode interpretar isso no sentido literal, de acordo com a verdade do evento. A inconveniência objetada contra isso não é considerável. Pois se diz: se os céus foram literalmente abertos, como Ezequiel poderia ver tão longe, de modo a ver coisas nos céus? A capacidade de seus olhos não poderiam alcançá-las. Pois se o sol e as estrelas fixas que estão bem acima do sol são corpos maiores do que a terra e parecem tão pequenos a nós, quão pequena pareceria aos olhos alguma coisa no céu, quando essa está extraordinariamente além de ambos?

Resposta: Quando se diz que os céus se abriram, não significa que Ezequiel deve ter enxergado as visões no céu. As coisas que ele viu podiam estar mais próximas do que as estrelas ou o sol. A pomba desceu e pousou em Cristo, e o lençol foi baixado do céu a Pedro. Sendo assim, as visões podiam estar mais próximas de Ezequiel do que os mais altos céus. “Se abriram os céus, e eu tive visões de Deus.” Não se diz que ele enxergou visões do céu. Admitindo-se que era o céu, Estêvão viu Cristo ali e, assim, Ezequiel poderia ver ali o objeto de sua visão. No entanto, nem Estêvão viu Cristo nem Ezequiel viu essas visões por sua capacidade natural, mas aquele que abriu os céus abriu os seus olhos e os fortaleceu para enxergarem a tal distância. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**A PALAVRA DO SENHOR.** JOÃO CALVINO: Ele diz que a *palavra de Yahweh veio a ele*, pois sabemos que só Deus deve ser ouvido. Os profetas só devem ser ouvidos se proclamarem apenas aquilo que vem de Deus. É necessário, portanto, que todos os mestres da igreja tenham sido primeiro estudantes, para que só Deus mantenha o seu direito como o único líder e mestre e, portanto, a autoridade repouse unicamente em Deus. Quando os profetas exigem ser ouvidos, eles também acrescentam que não trazem as

<sup>4</sup> *Exposition*, 9.

<sup>5</sup> *Exposition*, 16-17.

próprias palavras, mas proferem fielmente uma palavra da parte de Deus. E foi assim com o nosso profeta... Agora ele acrescenta que *esteve sobre ele a mão do Senhor*. Alguns explicam que “mão” significa “profecia”, no entanto, isso me parece trivial e enfraquecido. Meu entendimento é que “mão” significa “poder”, como se Ezequiel dissesse que fora revestido do poder de Deus. Dessa maneira, ele deixou claro que ele mesmo foi escolhido para ser um profeta. A mão do Senhor, então, era evidência de uma nova graça, para que Ezequiel colocasse todos os cativos debaixo de si, visto ser ele portador da autoridade de Deus.

Isso também pode significar a efetividade de seu ensino. Na verdade, o Senhor provê não apenas as palavras para os seus servos, mas também opera através da inspiração secreta do seu Espírito. Ele não permitirá que os esforços deles sejam em vão. Portanto, essa passagem deve ser entendida desse modo. Todavia, uma vez que aqui o profeta toma para si apenas aquilo que era necessário, reivindicando, assim, para si a posição e o ofício de profeta, não tenho dúvidas de que, quando fala da “mão”, ele se refere a uma operação interna do Espírito Santo. EZEQUIEL I.<sup>6</sup>

#### DEUS SE MANIFESTA AOS PROFETAS.

WILLIAM GREENHILL: Deus se manifestou de várias maneiras aos seus profetas.

1. Falando de maneira imediata a eles, sem a interposição de qualquer meio, até mesmo boca a boca e face a face. Ele falou assim a Adão no paraíso; a Moisés, “falava o SENHOR a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo” (Êx 33:11). Esse modo de Deus se manifestar foi privilégio de Moisés acima de todos os demais profetas, como você pode ler (Dt 34.10).

2. Deus se manifestou ao seu povo por meio de sonhos, que ocorriam nas horas da noite. Havia algumas representações de algo a eles quando estavam adormecidos. Assim, Deus se manifestou a Jacó (Gn 28.12). E Jacó disse que “o Anjo de Deus lhe disse em sonho” (Gn 31.11).

3. Deus se manifestou ao seu povo por visões: “Falaste em visão aos teus santos” (Sl 89.19). E Gênesis 15.1: “Veio a palavra do Senhor a Abrão, numa visão.” Você encontra

essas três juntas em dois versículos (Nm 12). E parte do oitavo versículo, “Se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos... com o meu servo Moisés... boca a boca falo com ele.” Aqui no texto é por meio de visão que Deus fala ou aparece a Ezequiel: “Eu tive visões de Deus”. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

#### 1.4-14 Os quatro seres viventes

**O JULGAMENTO DE DEUS.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Afirma-se claramente que Deus é o justo juiz do mundo e, assim, que ele próprio protege os eleitos e castiga os réprobos; de fato, sua glória é declarada em toda parte nos dois Testamentos. A menção do julgamento aparece muitas vezes nas Escrituras; com frequência ele está irado, contudo, em razão do seu pacto, ele se volta para a misericórdia... Agora, é por meio de Cristo que Deus julga o mundo, como é afirmado: “Ao Filho deu autoridade para julgar” (Jo 5.27). Portanto, está provado que ele julga o mundo, a começar com sua morte, à qual pertence toda a sua vida na carne, todas as suas palavras e atos, e, em seguida, com sua ressurreição, pela qual ele foi exaltado em glória pelo Espírito Santo, segundo a promessa do Pai: após ser condenado pelas pessoas, segundo a carne, à morte, ele foi ressuscitado pelo Espírito, segundo o Pai, para a vida eterna... Portanto, nesse versículo inicial, o profeta nos alerta para o terrível julgamento do Senhor contra Jerusalém. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

**UMA REVELAÇÃO DE CRISTO.** MARTINHO LUTERO: Entretanto, esta visão na primeira parte de Ezequiel [1.4-28] nada mais é do que uma revelação do reino de Cristo na fé aqui na terra, pelos quatro cantos de todo o mundo, como se diz no Salmo 19.4, *In omnem terram*. É assim que eu o compreendo (que outra pessoa aperfeiçoe esse entendimento). Pois ninguém pode ser um profeta, como Pedro o testifica, a menos que possua o Espírito de Cristo [2Pe 1.21].

<sup>6</sup> CTS 22:61 (CO 18:28-29).

<sup>7</sup> *Exposition*, 17.

<sup>8</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 4, 6.



No entanto, fornecer uma interpretação de toda a visão é um assunto muito extenso para uma introdução. Resumindo: esta visão é o carro espiritual de Cristo, no qual ele anda aqui no mundo, significando, desse modo, toda a sua santa igreja. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>9</sup>

**OS QUATRO SERES VIVENTES.** JOÃO CALVINO: Agora, quanto à visão em si, alguns entendem que os quatro seres viventes são as quatro estações do ano, supondo que aqui se celebra o poder de Deus na administração do mundo inteiro. Mas isso é muito forçado. Outros acreditam que são descritas quatro virtudes, pois, como eles dizem, a imagem da justiça é inerente à humanidade, a sabedoria à águia, a coragem ao leão e o domínio próprio ao boi. Apesar da engenhosidade dessa observação, ela ainda não é confiável.

Outros, ainda, têm outra opinião, pensando que “obviamente quatro paixões são denotadas: temor e esperança, tristeza e alegria”. Enquanto outros encontram aqui indicados três aspectos da alma: certamente, na alma, *to logikon* é a sede da razão, *thymikon* é o escritório das emoções, *epithymetikon* são os desejos, e eles acrescentam *synteresis* como o quarto, que é a consciência. Mas tudo isso não passa de tagarelice infantil.

Já há muito tempo se aceitou a opinião de que os quatro evangelistas eram retratados por essa imagem. Eles acreditavam que Mateus era comparado a um ser humano, porque começa com a genealogia de Cristo. Marcos foi comparado a um leão, por começar com a pregação de João Batista. Lucas, eles acreditavam assemelhar-se a um boi, porque começa falando a respeito do sacerdócio. Enquanto João foi comparado a uma águia, porque penetra os segredos do céu. Mas também nessa fábula não há nada sólido; na verdade, tudo isso desaparece, se examinarmos mais de perto.

Outros encontram uma descrição da glória de Deus na igreja, conseqüentemente, acreditam que os animais devem ser interpretados como sendo os santos que morreram na fé, enquanto as rodas são para os fracos e os indisciplinados. Em seguida, eles continuam amontoando ainda mais disparates, e é melhor

sepultar tudo isso imediatamente, em vez de gastar muito tempo em sua refutação. Portanto, eu rejeito tudo isso. EZEQUIEL I.<sup>10</sup>

**OS QUATRO SERES VIVENTES.** WILLIAM GREENHILL: Chegamos agora àquela parte da visão que fala das criaturas viventes [Ez 1.5-15], onde a glória e o governo de Deus sobre o mundo são estabelecidos por causas superiores, a saber, celestiais...

O que seriam essas criaturas viventes constitui uma grande disputa entre os expositores. Alguns julgam ser eles os quatro pactos de Deus: adâmico, noético, mosaico e apostólico. Outros julgam ser todas as criaturas. Outros, as quatro virtudes cardeais: justiça, sabedoria, coragem e temperança. Outros, as quatro faculdades da alma: a racional, a irascível, a concupiscível e a consciência. Outros, as quatro paixões principais: alegria, tristeza, esperança e medo. Outros, as quatro monarquias: assíria, persa, grega e romana. Outros, as doze tribos de Israel, em suas posições, a leste, oeste, norte e sul, quando no deserto. Outros, os quatro elementos, dos quais o corpo humano consiste. Outros, os quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João. E essa, sendo a opinião de Jerônimo e Gregório, o Grande, prevaleceu por muito tempo, mas agora foi abandonada. Outros entendem por esses quatro seres viventes aqueles que são completos e mais perfeitos na igreja. Outros os expõem como sendo Cristo. Mas Cristo é introduzido no final do capítulo, sentado no trono. Essas criaturas são distintas dele e inferiores a ele. Por conseguinte, por elas devemos entender os anjos, os quais exercem um grande papel sob as ordens de Deus no governo do mundo...

“Quatro seres viventes.” Esses eram quatro anjos, especificamente. Alguns imaginam ser Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel, que eram chefes sobre os demais de toda a hoste angélica. Mas esse não é o sentido. Também não é verdade que Deus use apenas quatro anjos em seu serviço, pois muitos milhares são empregados. “Apareceu uma multidão dos exércitos celestiais”

<sup>9</sup> Lenker 6, 305\* (WADB 11,1:394).

<sup>10</sup> CTS 22:63-64 (CO 18:29-30).

(Lc 2.13) e havia um exército com o profeta (2Rs 6.17). Há, entretanto, uma ligação com o objeto, a saber, o mundo, que se divide em quatro partes: leste, oeste, norte e sul. A atividade desses anjos é exercida em todas essas partes, e nenhuma delas está isenta da presença, observação e atuação deles. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>11</sup>

**SOBRE AS QUATRO CRIATURAS. JOHN MAYER:**

Por esses quatro animais, são mostrados os anjos ou os querubins de Deus, que há muito tempo, por orientação de Deus, foram representados por Salomão como jovens com asas, colocados no Santo dos Santos sobre o propiciatório. Agora, aparecem quatro a Ezequiel (Is 6). Ele vê serafins em volta do trono de Deus, mas não diz quantos são, no entanto, pode-se conceber como sendo apenas dois, pois um dizia ao outro: Santo, Santo, Santo. A respeito disso, Calvino (que identifica os querubins com os serafins) diz acertadamente que, tendo os judeus se corrompido na idolatria e, assim, se afastado do caminho da adoração prescrita no santuário, o Senhor não mostraria agora o seu governo por sua providência, apenas por dois querubins. Mais propriamente, ele faz isso por meio de quatro, para que eles saibam que sua providência não estava confinada aos limites de Canaã, mas se estendia por todas as quatro partes do mundo, nas quais ele tinha seus anjos tanto para governar como príncipes sobre todos os países, como é expresso em outra parte sobre a Pérsia e a Grécia (Dn 10.20), como para trazê-los em oposição, armando-os com poder para a destruição de qualquer um que se rebelasse contra ele. Esses quatro saíram do meio do fogo, com o âmbar representando o Senhor, que é fogo consumidor, para mostrar que nenhum poder é capaz de se levantar contra ele, porquanto o fogo consome todas as coisas. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>12</sup>

**OS QUATRO SERES VIVENTES. MATTHEW MEADE:** Em Ezequiel 1.5, você lê de quatro seres vivos, cada um com quatro rostos (Ez 1.6). Ele não diz quem ou o que são essas criaturas viventes nessa visão, mas o faz no décimo capítulo. Ele diz que eles são os anjos: “São es-

tes os seres vivos que vi debaixo do Deus de Israel... e fiquei sabendo que eram querubins. Cada um tinha quatro rostos...” (Ez 10.20-21). A visão em Ezequiel 1 ocorreu em Quebar; a visão em Ezequiel 10 sucedeu no templo. Deus se revela mais no templo do que em Quebar. As visões na Babilônia não são tão claras quanto as visões em Sião. “No seu templo tudo diz: Glória!” (Sl 29.9).

... Sabedoria e Prudência simbolizadas pelo rosto de um homem; coragem e ousadia pelo rosto de um leão; diligência e atividade pelo rosto de um boi; e presteza e prontidão pelo rosto de uma águia. Essas eram as aparências dos quatro rostos... Os anjos, chamados aqui de quatro seres vivos, são os grandes ministros de Cristo no governo do mundo não porque Cristo só use esse número e nada mais, mas esse número está associado ao objeto, a saber, o mundo, que é regularmente dividido em quatro partes: leste, oeste, norte e sul. São os chamados quatro cantos da terra (Ap 20.8). E os quatro ângulos do céu (Jr 49.36). A VISÃO DAS RODAS.<sup>13</sup>

**OS ROSTOS. WILLIAM GREENHILL:** O rosto de homem representa para nós o entendimento dos anjos, e que sua administração possui conhecimento e equidade. Sobre isso já falamos. Esse rosto é colocado em primeiro lugar para mostrar a excelência da razão, que deve estar presente e gerir todas as ações, caso contrário, não será humana nem angélica. Por esse rosto também se observa o seu amor pela humanidade...

O rosto de leão representa a força dos anjos... O próximo rosto é o de boi, e isso mostra a pronta obediência, fidelidade, paciência e utilidade dos anjos em sua administração, pois um boi acostumado ao jugo é muito tratável, não é teimoso como as novilhas não domesticadas... O último rosto é o de águia e, nele, como num espelho, podemos ver a perspicácia, a rapidez e a vivacidade dos anjos. Essas três coisas são observáveis nas águias. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> *Exposition*, 27-28.

<sup>12</sup> *Prophets*, 367.

<sup>13</sup> *Vision of the Wheels*, 7-8.

<sup>14</sup> *Exposition* 31-32.

**OS SERES VIVENTES ERAM ÁGEIS.** MATTHEW MEADE: “Os seres viventes ziguezagueavam à semelhança de relâmpagos” (Ez 1.14), o que revela sua grande velocidade e ligeireza para executar a vontade de Deus e, por essa razão, são descritos com asas: “Cada um tinha... também quatro asas (Ez 1.6), que são a eles atribuídas para expressar a agilidade de sua natureza e a rapidez de seu movimento no desempenho de seu ofício.

... Há o retorno dos seres viventes. Assim se diz: “Os animais corriam e tornavam” [Ez 1.14 ARC], mas isso parece contradizer Ezequiel 1.9 e Ezequiel 1.12. Aí se diz que eles não se viravam quando iam. Mas há uma solução fácil para isso. Eles tornavam não sem ir e fazer a tarefa a eles designada, mas quando essa tarefa estava completa, aí eles retornavam. Eles não tornavam sem executar sua comissão, mas, depois disso, eles retornavam para receber novas instruções. Eles não voltavam da tarefa até que tivessem acabado aquilo que havia sido iniciado e, então, voltavam, tanto para dar um relato de seu trabalho como para vigiar e aguardar uma nova incumbência e, por essa razão, são chamados vigilantes. “Vi um vigilante, um santo” (Dn 4.13) e “esta sentença é por decreto dos vigilantes” (Dn 4.17). Eles aguardam, vigilantes, as ordens de Deus a fim de executá-las para o bem da igreja. A VISÃO DAS RODAS.<sup>15</sup>

**CRISTO CAVALGA SOBRE QUERUBINS.** MARTINHO LUTERO: Há quatro seres viventes, que Ezequiel chama de “querubins” no capítulo 10, pois Cristo monta, cavalga e viaja sobre querubins, como a Escritura declara muitas vezes. Cada ser vivente tem quatro rostos. Eles se postam firmemente como quatro cavalos, mas dentro e entre as rodas. Pois ao redor dos seres viventes há, também, quatro rodas perfeitas, uma para cada animal. Tudo é disposto de tal forma que elas podem ir aos quatro cantos do mundo – ou seja, para frente, para trás e para ambos os lados – sem precisar se virar. De igual modo, os seres viventes, com pés como de bezerro, vão aos quatro cantos do mundo sem ter de se virar. Não há eixo, vara, chassi, cavilha, cavalete, veículo, corda ou rastro, mas o Espírito, certamente, dirige tudo a partir de dentro. Sobre a

cabeça está o firmamento, como um teliz, e, nele, um trono para uma sela. E sobre o trono Deus se assenta, ou seja, Cristo. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>16</sup>

#### **O PROBLEMA DO QUERUBIM E DO BOI.**

JOÃO CALVINO: Resta ainda uma pergunta e ela é difícil. No capítulo dez, Ezequiel escreve querubim em vez de boi. Alguns pensam, ou pelo menos dizem, que, à distância, parecia o rosto de um boi, mas, de perto, era um querubim. Todos percebem que isso é um mero gracejo, porque eles não têm como negar que imaginaram uma fábula não confiável. Outros entendem que o querubim e o boi seriam a mesma coisa. Isto é facilmente refutado por diversas passagens, visto não haver dúvida que os querubins não têm cabeças de boi, como bem se sabe.

Portanto, não tenho dúvidas de que havia alguma diferença na segunda visão, quando Deus apareceu ao seu profeta no templo. É chamada de mesma visão em razão de suas semelhanças, mas isso não significa que todos os detalhes sejam os mesmos. Essa interpretação também não deve ser rejeitada porque, ao se revelar ao seu servo na Caldeia, como já disse, Deus queria endurecer a estupidez das pessoas com esta imagem complicada. No entanto, quando ele apareceu no templo pela segunda vez, havia algo mais celestial. Por isso a diferença, em que cada animal tinha o rosto de um querubim em vez de um boi. Consequentemente, além da forma do corpo como um todo, havia uma característica notável, que levou o profeta a reconhecer essas criaturas de maneira mais fácil e íntima como sendo querubins ou anjos. EZEQUIEL I.<sup>17</sup>

**O FOGO E A LUZ.** JOÃO CALVINO: Não é sem razão que ele diz: *o fogo corria resplendente por entre os seres*. Pois o profeta vê o que parece ser uma figura ígnea, mas também vê fogo flamejante por toda parte, como se tochas incandescentes se movessem ao redor das criaturas. Deus quis

<sup>15</sup> *Vision of the Wheels*, 35, 39-40.

<sup>16</sup> Lenker 6, 305-306\* (WADB 11,1:394-396).

<sup>17</sup> CTS 22:74-75 (CO 18:38)

mostrar o poder do seu Espírito em cada ação, para que não o meçamos por nosso próprio padrão, conforme a perversidade a nós inerente. Quando falamos sobre as obras de Deus, pensamos que nossa razão é capaz de compreender e, assim, tentamos confinar Deus no nosso próprio mundo. No entanto, Deus mostra que, quando ele opera, há um poder extraordinário, como fogo, movendo-se por toda parte. Assim sendo, esse poder é grande demais para a nossa razão.

Em seguida ele diz: *o fogo corria resplendente e dele saíam relâmpagos*. Quando o profeta viu o fogo brilhando radiantemente de maneira inusitada, isso afetou profundamente a sua mente. Sabemos que o fogo é geralmente brilhante, especialmente quando as chamas estão próximas de nós. Mas o profeta, aqui, está tentando descrever algo muito incomum, como se estivesse dizendo que o fogo não era como aquele que procede da lenha, porém muito mais brilhante. Consequentemente, é evidente, aqui, que Deus está manifestando visivelmente a sua glória. É por isso, também, que ele diz: *do fogo saíam relâmpagos*. O brilho mencionado tem a ver com o fogo misturado aos relâmpagos. Sabemos que não é possível ver o relâmpago sem estremecer, pois, nesse momento, os céus parecem se incendiar, como se Deus quisesse, de algum modo, consumir o mundo. Portanto, a visão de um relâmpago é sempre terrível para nós. Para atemorizar ainda mais o profeta por meio da visão, Deus lhe mostrou essa figura flamejante, embora o propósito não tenha sido apenas para aterrorizar Ezequiel, mas para torná-lo humilde.

Como já adverti, essa visão não foi dada ao profeta para seu uso particular, mas, antes, para o benefício de todo o povo. O próprio profeta, sendo meramente humano, precisava dessa preparação para que se tornasse humilde. Pois sempre somos ignorantemente arrogantes, fazendo com que nossos sentidos fiquem insensíveis, de modo que somos impróprios para a glória de Deus. Sempre que Deus quer dar-se a conhecer a nós, ele nos despoja de todo o nosso orgulho e segurança. No final, a humildade é o início da verdadeira compreensão. Agora com-

preendemos por que relâmpagos saíam do fogo. Mais tarde, esse mesmo ponto é confirmado. EZEQUIEL I.<sup>18</sup>

**O ESPÍRITO SANTO REGE ATRAVÉS DOS ANJOS.** MATTHEW MEADE: Embora Cristo governe de forma absoluta, todavia, ele não governa sem mediação. Ele governa o mundo por meio da agência do Espírito eterno. Assim como Cristo governa para Deus, assim também o Espírito governa para Cristo. Ele é o grande administrador e mediador do governo por todo o reino. Ele põe tudo em movimento; por isso você lê: “Para onde o Espírito havia de ir, iam” (Ez 1.12) e novamente: “Para onde o Espírito queria ir, iam, pois o Espírito os impelia” (Ez 1.20). Por Espírito, aqui, nenhum outro é referido senão o Espírito Santo, que é coessencial e coigual com o Pai e o Filho. Todos os anjos de Deus estão sob as ordens e a direção do Espírito. Quão grandes coisas os anjos têm realizado, defendendo, confortando e guardando o povo de Deus, destruindo os seus inimigos:

“Naquela mesma noite, saiu o Anjo do SENHOR e feriu, no arraial dos assírios, cento e oitenta e cinco mil” (2Rs 19:35). Se anjos lutam contra príncipes, derrubam reinos, tudo é feito pela direção do Espírito. Ele tem a grande mão em todas as coisas. A VISÃO DAS RODAS.<sup>19</sup>

### 1.15-28 *As rodas do carro*

**SERIAM AS RODAS UMA VISÃO?** MATTHEW MEADE: As rodas estão na terra: “Vi os seres viventes; e eis que havia uma roda na terra, ao lado de cada um deles” (Ez 1.15). Ele menciona apenas uma roda, porque quem viu uma, viu todas, em razão da semelhança delas, pois todas elas eram como uma. Mas como podia a roda ser vista na terra, quando o profeta contemplava a visão nos céus (Ez 1.1)? Assim como as rodas não eram rodas materiais, mas visionárias, assim também esta terra não era a terra material, mas a terra numa visão, e, assim, não era a terra inferior, mas uma terra superior. “Havia uma roda na terra”, mas a terra estava no céu,

<sup>18</sup> CTS 22:80-81 (CO 18:42).

<sup>19</sup> *Vision of the Wheels*, 6.

de modo que esta terra era apenas uma representação, tal como em cenários, onde você observa as coisas numa representação, não em realidade. Avistam-se rios, terra e árvores, mas não em verdade.

As rodas são descritas como vistas na terra, e não no céu, para nos sugerir a diferença entre este estado e aquele. Este estado é de mudanças, mas aquele estado é imutável; as rodas estão na terra, não há nenhuma no céu. Como não há mudança em Deus (Eu, o SENHOR, não mudo; Mt 3.6), assim também não há mudança na glória que resulta de sua presença. Todas as coisas nesse estado são duráveis e permanentes. As coisas do outro mundo não admitem mudança, nem no inferno nem no céu. Este é um lugar de mudanças, que é uma diferença que nosso Senhor Cristo coloca entre tesouros na terra e tesouros no céu; aqueles são sujeitos “à traça, à ferrugem, e ao ladrão”, mas estes não são (Mt 6.19-20). A VISÃO DAS RODAS.<sup>20</sup>

#### O REINO DE CRISTO. MARTINHO LUTERO:

As quatro rodas correm de forma semelhante, pois todas as igrejas, nos quatro cantos da terra, ou seja, em todo o mundo, têm um mesmo curso, na fé, na esperança, no amor, na cruz, e em todas as coisas espirituais; elas não são impelidas externamente, por doutrinas de homens, mas internamente, por um Espírito (Rm 8.2-27, 1Co 12.3-13, Ef 4.4).

Os quatro seres viventes vão com as rodas – ou, antes, as rodas com eles – para frente, para trás, para cima e para ambos os lados. Pois os apóstolos, ou o ministério de pregação, a palavra de Deus, o batismo, os sacramentos, as chaves e tudo o que pertence ao governo espiritual da igreja é também semelhante e tem concordância em todo o mundo. E os seres viventes e as rodas estão ligados com firmeza e segurança, de modo que o carro é um, sem qualquer amarração, fixação ou junção externa. Consequentemente, tudo tem quatro: quatro seres viventes, quatro rostos, pés, mãos e asas para cada ser vivente e quatro rodas e quatro raios para cada roda. Isso significa, como foi dito, que a cristandade, ou o reino de Cristo na fé, deve ir aos quatro cantos, ou seja, a todo o

mundo. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>21</sup>

**O GOVERNO DAS RODAS. MATTHEW MEADE:** Cristo, que a tudo governa, envia o seu Espírito; o Espírito atua nos anjos; os anjos governam o mundo. Portanto, você tem em seguida uma visão das rodas. O mundo e todos os seus acontecimentos são comparados a essas rodas. Essas rodas representam todos os reinos e nações, todos os países e cidades, todos os lugares e pessoas, todas as ações e acontecimentos. Ora, essas rodas estão totalmente sob a direção e orientação dos quatro seres viventes. Eles operam as rodas. Por isso se diz: “Andando os seres viventes, andavam as rodas ao lado deles; elevando-se eles, também elas se elevavam” (Ez 1.19)... Aqui você tem uma breve visão de toda a subordinação de causas na ordenação de todos os acontecimentos deste mundo inferior. Deus, o Pai, coloca o governo de tudo nas mãos de Cristo. Cristo constitui o Espírito como seu vice-rei e o envia ao mundo para administrar todas as coisas. O Espírito atua nos anjos e todos eles ministram para ele. Os anjos operam as rodas, e todas elas são governadas por eles. A VISÃO DAS RODAS.<sup>22</sup>

**AS QUATRO RODAS. JOÃO CALVINO:** Quanto às quatro rodas, não tenho dúvidas que elas representam todas as sublevações, as quais são comumente chamadas de mudanças. Pois vemos o mundo constantemente mudando, como se estivesse colocando uma nova face. É como uma roda girando ou sendo girada por alguma força externa. Sabemos que não há nada estável no mundo, mas todas as coisas estão em constante sublevação. Por isso, o profeta associa, aqui, as rodas aos anjos, como se estivesse dizendo que nenhuma mudança ocorre acidentalmente no mundo, mas depende de alguma força externa, a saber, dos anjos. Não que eles movam as coisas por seu próprio poder, mas somente na medida em que são as mãos de Deus, como já dissemos. EZEQUIEL 1.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> *Vision of the Wheels*, 29.

<sup>21</sup> Lenker 6, 306-307\* (WADB 11,1:396).

<sup>22</sup> *Vision of the Wheels*, 11-12.

<sup>23</sup> CTS 22:67 (CO 18:32).

**SOBRE AS QUATRO RODAS.** WILLIAM GREENHILL: Essas rodas, em número de quatro, representam para nós as quatro partes do mundo (leste, oeste, norte e sul) e indicam que nelas há grandes agitações e mudanças... Há voltas e manobras em todas as propriedades e partes do mundo. Os quatro seres viventes denotam as quatro partes do mundo e sua agência nelas e por elas. Agora são apresentadas as rodas. Cada ser vivente tinha uma roda junto a si. Isso sugere fortemente que há manobras, voltas e mudanças em toda parte; na verdade, aquilo que existe em uma parte, num determinado momento, em outro momento estará em outra parte. As rodas são semelhantes. Há guerras, pragas, fome em um país? Tudo isso existe ou existirá também em outro. Pessoas morrem aqui? Igualmente morrerem em outras partes. As pessoas são infiéis agora? Assim elas foram infiéis desde os tempos antigos. Nos dias de Davi, ele disse: “Somente vaidade são os homens plebeus; falsidade, os de fina estirpe” (Sl 62.9). Há tempos inoportunos por aqui? Também em outros países. Há coisas sendo realizadas com violência, opressão e injustiça aqui? Também o foram em outras partes. Há esquemas, conspirações em nosso reino e em nossa igreja? Assim também há em outros. Tudo o que acontece em um estado acontece em outro, interna e externamente. As rodas são as mesmas e movem-se de forma semelhante, embora às vezes para trás, em uma parte do mundo, e para frente, em outra. Não há nenhuma estabilidade em parte alguma, mas todas as coisas estão mudando. Por conseguinte, em vão algumas pessoas viajam pelo mundo para encontrar segurança e contentamento. É em vão que subimos e descemos, aqui e acolá, pensando encontrar estabilidade e alguma coisa satisfatória. O mundo é ele mesmo em toda parte. Vá para o leste ou para o oeste, não há nada senão uma roda, e uma roda que corre. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>24</sup>

**AS RODAS.** JOHN MAYER: Depois dos animais, o profeta passa para as rodas, as quais também ele viu, e é bem provável que elas indicassem as mesmas coisas que os animais, sendo seu número, rostos e movimentos os mes-

mos. Não é incomum que o Senhor represente alguma coisa por meio de várias coisas mostradas na visão. Ele faz isso em Jeremias 1 por meio de uma vara de amendoeira e uma panela a ferver voltada para o norte.

Entretanto, o que ele pretende ao falar de uma roda e, mais tarde, ele diz rodas (Ez 1.16), como realmente de mais, e expressamente de quatro rodas (Ez 10.9), uma roda ao lado de um querubim e outra, de outro? Solução. Significa, como está ali, uma roda ao lado de um ser vivente e outra roda ao lado de outro ser vivente. Ao lado dos quatro animais, havia quatro rodas, e junto a cada uma das rodas ficava um animal, como se para guardá-la, “com quatro rostos”, tendo cada roda quatro rostos nelas esculpidos, de um homem, de leão, de boi e de águia, conforme o rosto do animal, mostrando que esta visão conduzia à mesma coisa que a outra. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>25</sup>

**O ESPÍRITO SANTO E AS RODAS.** MATTHEW MEADE: Aqui está outra coisa atribuída a essas rodas, qual seja, a virtude influenciadora do mesmo espírito que agia nos seres viventes. Nas rodas “havia o espírito dos seres viventes” (Ez 1.20). A pergunta é: Que Espírito é esse? Não vou incomodá-lo com outros sentidos além do que eu considero ser o sentido do Espírito Santo, qual seja, que por espírito, aqui, se pretende o Espírito divino, o eterno Espírito de Deus; o mesmo Espírito que age nos seres viventes age também nas rodas, e que, em Ezequiel 10.17, é chamado de Espírito de vida, e este é aquele Espírito que guiava todos os seus movimentos. Por essa razão se diz: “Para onde o Espírito havia de ir, iam” (Ez 1.12). Não há um único anjo no céu nem uma única roda na terra que não seja movida e governada pelo mesmo Espírito. A VISÃO DAS RODAS.<sup>26</sup>

**DEUS DIRIGE TODAS AS COISAS.** JOÃO CALVINO: Neste versículo (v. 19), o profeta ensina que todas as sublevações no mundo dependem de alguma força externa, obviamente

<sup>24</sup> *Exposition*, 45.

<sup>25</sup> *Prophets*, 369.

<sup>26</sup> *Vision of the Wheels*, 40-41.

o poder celestial. Como já dissemos, os seres simbolizam para nós os anjos, a quem Deus inspira com poder secreto, de modo que ele opera por meio das mãos deles. Consequentemente, quando Ezequiel afirma que as rodas se moviam por um poder mais elevado que o seu próprio, segue-se que nada acontece acidentalmente no mundo, mas Deus, por sua própria sabedoria incompreensível, dirige todas as coisas, de modo que nada acontece sem sua orquestração oculta, a qual não podemos contemplar com os nossos olhos...

Assim, entendemos que as rodas são movidas pela influência dos seres sobre as rodas, embora não simplesmente por causa disso. Pois Deus não concede julgamento ou desejo próprio ao inverno ou ao verão, à paz ou à guerra, à calma ou à tempestade, à morte ou a alguma outra coisa. Então, como essas coisas ocorrem? Certamente, nem os céus, nem o mar, nem a terra possuem algum poder sobre si mesmos, mas somente na medida em que Deus, por seus anjos, dirige a terra, ou molda os planos das pessoas, seja para a guerra ou para a paz.

Portanto, vemos claramente o que significa o espírito das criaturas estar nas rodas: Deus realmente verte o seu poder no mundo por meio dos anjos, de modo que nem um pardal cai à terra à parte de sua providência, como Cristo afirma. Por essa razão, sempre que as pressões da vida nos incitarem ao desespero, que este pensamento venha à nossa mente: o espírito das criaturas está, de fato, nas rodas. Certamente, sempre que estremecermos por conta de circunstâncias incertas, o que mais podemos fazer, não encontrar descanso nesse ensino? É certo que o fim de todas as coisas acontece como Deus determina, visto que nada acontece sem a sua permissão. Não há nenhum movimento, nenhum tumulto debaixo do céu, a menos que ele próprio o tenha orquestrado por meio de seus anjos. EZEQUIEL I.<sup>27</sup>

**A SABEDORIA INFINITA DE DEUS.** MATTHEW MEADE: É dito que as rodas se elevavam da terra e que eram altas e metiam medo (Ez 1.18-21). Isso é para nos ensinar que a sabedoria de Deus é infinita e insondável, e sua providência é cheia

de mistério. Às vezes, elas se movem de maneira ordinária, nesse caso, as rodas se movem sobre a terra. Às vezes, Deus sai da estrada costumeira e age de forma extraordinária e com métodos inexplicáveis que a razão não pode atingir nem o curto limite da razão humana pode sondar. Nesse caso, as rodas são descritas como altas e elevadas acima da terra. Quem pode rastrear Deus em seus movimentos, cujos caminhos são mais elevados que a nossa visão? A VISÃO DAS RODAS.<sup>28</sup>

**A GLÓRIA DE CRISTO.** WILLIAM GREENHILL: Nesses versículos (Ez 1.22-25), temos a quarta visão, ou a quarta parte da visão geral, a qual tem a ver com o firmamento. Essa visão, como foi mostrado anteriormente, manifesta para nós a glória de Deus... Há, ainda, uma glória mais abundante e elevada para ser mencionada, ou seja, a glória de Deus na pessoa de Cristo...

O objetivo de Ezequiel 1.23 é mostrar que o ministério dos anjos se refere à glória de Cristo e a manifesta. Isso é visto nas seguintes observações: (1) Onde Cristo está, ali os anjos estão perto dele. Ele estava acima do firmamento e eles, logo abaixo. O firmamento estava sobre a cabeça deles. Havia somente um firmamento glorioso e transparente entre Cristo e eles. Eles estão distanciados de Cristo, mas não muito. (2) Os anjos, seres sábios, fortes, serviçais, rápidos e gloriosos, servem diante do trono de Cristo e estão sujeitos a ele. Eles estavam sob o firmamento perto do trono de Cristo... (3) Eles estão prontos para cumprir a vontade e o desejo de Cristo. Isso promove ainda mais a honra de Cristo. Suas asas estavam estendidas, e eles estavam dispostos a se deslocar para algum serviço, se o seu Senhor lhes desse a ordem. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>29</sup>

**EZEQUIEL VÊ CRISTO.** JOÃO CALVINO: É importante observar que Ezequiel diz que viu *uma figura semelhante* (v. 26). Disso concluímos que ele realmente não viu o céu, que o trono não era feito de alguma substância real e que não era

<sup>27</sup> CTS 22:87-89 (CO 18:46-48).

<sup>28</sup> *Vision of the Wheels*, 22.

<sup>29</sup> *Exposition*, 54, 56.

um corpo real e natural de um ser humano. O profeta expressa isso claramente, para que ninguém imagine que exista algo visível em Deus, como os fanáticos, que o consideram material e para que ninguém conclua ignorantemente dessa passagem que Deus possa ser visto com os olhos, que ele esteja confinado no espaço e que esteja sentado como uma pessoa. Para que essas imagens falsas não entrem furtivamente na mente das pessoas, o profeta testifica aqui que não se tratava de um corpo humano, e que ele não viu um trono material, mas que essas formas e vistas simplesmente foram apresentadas para ele...

Mas alguém poderia queixar-se: por que razão Deus se apresentou na forma de uma pessoa nessa visão, como também em outras? Com prazer eu adoto a opinião dos pais, que dizem que este é um antegozo daquele mistério que foi eventualmente revelado, ao qual Paulo exalta de maneira tão magnífica quando clama: “Grande é este mistério – finalmente Deus se revelou em carne.” A opinião de Jerônimo é drástica: ele aplica as palavras ao próprio Pai. Sabemos que o Pai nunca se apresentou em carne humana. Se ele apenas tivesse dito que aqui Deus se manifesta, nada estaria fora de lugar. Removendo-se toda menção a pessoas, ela é verdadeira: aquela pessoa sentada no trono era Deus...

No entanto, considerando a passagem à mão, deve nos bastar que o profeta viu Deus unicamente na pessoa de Cristo, uma vez que aquilo que é dito sobre a semelhança de uma pessoa não pode ser transferido para a pessoa do Pai ou do Espírito. Na verdade, nem o Pai nem o Espírito se revelaram em carne, mas Deus se revelou em carne quando Cristo veio a nós, e a plenitude da divindade nele habita...

O ponto é que a semelhança de um corpo era apenas tal na aparência, como diz o profeta, mas não na essência. Disso concluímos que, quando se faz uma simples menção de Deus, toda a essência é entendida, a qual é comum ao Filho e ao Espírito Santo, como também ao Pai. Certamente, é um absurdo subentender Cristo apenas sob o nome Jeová. Segue-se, então, que toda a essência de Deus está aqui compreendida. E ainda, quando as pessoas são comparadas

conjuntamente, só se aplica a Cristo quando se diz “na figura de um homem”. Assim, a divindade completa apareceu ao seu profeta, e na figura de um homem. Entretanto, nem o Pai nem o Espírito Santo apareceram, porque a distinção das pessoas só começa a aparecer quando os atributos singulares de Cristo são revelados. EZEQUIEL I.<sup>30</sup>

**A VISÃO ACERCA DE CRISTO. JOHN MAYER:**  
Agora nos é dito isso para que não duvidemos, mas conheçamos seguramente aquele que, no passado, foi representado assentado num trono acima do firmamento, a saber, Deus Filho que, junto com o Pai, é Jeová, uma mesma essência. Aqui está, então, uma representação de Deus assentado em grande majestade nas alturas, presagiando sua vindoura encarnação. Ele é apresentado com um carro que anda sobre quatro rodas, cujo topo alcançava o firmamento debaixo dele, tipificando seus ministros saindo para as quatro partes do mundo, ou estando nas quatro partes, pregando e proclamando o seu evangelho, junto com os livros do Antigo e do Novo Testamentos, a partir dos quais eles pregam. Consequentemente, aqui são vistas rodas dentro de rodas, o Novo Testamento dentro do Antigo, porque nada mais é aqui manifestado senão aquilo que antes estava anunciado e tipificado no Antigo.

Eles são comparados com as rodas de um carro, acima do qual o Senhor se assenta, porque são guiados por ele. É dito que eles têm o Espírito dentro de si e olhos, pois são capacitados para o seu bendito trabalho com o Espírito Santo. Além disso, ele acompanha o ensino deles, tornando-o efetivo, e os ilumina, fazendo-os discernir claramente todas as coisas. Como é dito: *o homem espiritual discerne todas as coisas* (1Co 2.15). Eles são olhos ou luzes para outros ao seu redor. Ou todos esses olhos estariam sugerindo bispos vigilantes, supervisores do rebanho do Senhor.

Deixe-me escrever sobre a aparência do Senhor como âmbar, tanto dos seus lombos para cima como dos seus lombos para baixo. A parte

<sup>30</sup> CTS 22:95-100 (CO 18:52-55).



para cima pode bem ser entendida de sua divindade, e a parte para baixo, de sua humanidade. Em virtude da união com sua divindade, a humanidade participa da mesma glória muito resplendente. Portanto, é dito ainda ser ela como fogo e esplendor ao redor. É fogo porque o seu dia é como o fogo de um refinador, destrutivo para a escória e purificador para os filhos de Levi, que são os eleitos. E é esplendor por causa do brilhante esplendor do seu evangelho. Sendo ele agora luz do dia, como quando o sol brilha, sendo anteriormente como a noite escura, pelo que ele também é chamado de Sol da justiça...

Agora, para os seres viventes, que eram quatro, eu me agrado da exposição daqueles que entendem estar aqui apresentados os quatro evangelistas. No entanto, como eles expõem isso apenas de Mateus, Marcos, Lucas e João, eu considero, em vez disso, tanto eles como todo o Novo Testamento, todos os livros e as epístolas nele contidos, como estando por esses quatro também simbolizados. E como eles entendem os quatro rostos deles, atribuindo o rosto de homem para um, de leão para outro, de boi para o terceiro e de águia para o quatro, em vez disso, eu penso que esses rostos concordam com todos esses escritos em comum, cada um anunciando Cristo, que era como homem, por tomar ele a carne da virgem Maria; como leão, por vir da tribo de Judá, cujo emblema era um leão; como boi, por ser ele oferecido em sacrifício; e como águia, por sua visão penetrante, sendo capaz de ler os pensamentos do coração das pessoas. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>31</sup>

**UMA VISÃO DE CRISTO.** MATTHEW MEADE: “Por cima do firmamento... havia algo semelhante a um trono... sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem” (Ez 1.26). Quem é esse senão Cristo na pessoa do Mediador? Pergunta: Mas Cristo ainda não tinha vindo em carne. Então, por que ele é aqui representado na semelhança de homem?

Resposta: Era para prefigurar sua encarnação, sendo que, na plenitude do tempo, sua natureza divina assumiria nossa carne na união de sua pessoa. Era para mostrar que o governo do mundo estava em suas mãos como

Mediador e que ele possuía o trono do mundo não apenas como Deus, mas segundo sua natureza humana. O governo do mundo esteve nas mãos de Cristo desde o tempo da queda... Por isso se diz: “Nele, tudo subsiste” (Cl 1.17). E é por essa razão que Deus Pai o chama de “o meu rei” (Sl 2.6). Ele o estabeleceu para governar e dar a ele um domínio universal, para que ele, que está acima no trono, na semelhança de homem, tudo governe. A VISÃO DAS RODAS.<sup>32</sup>

**O SIGNIFICADO DA VISÃO.** MARTINHO LUTERO: Além disso (como o próprio Ezequiel mostra nos capítulos 8–9), esta visão significava o fim e a destruição da sinagoga, ou do Judaísmo, ou seja, do sacerdócio, da adoração e da organização [cerimonial] instituída e dada a eles por Moisés. Pois tudo isso foi instituído apenas até que Cristo viesse, como Paulo afirma em Romanos 8.2-3 e 2Coríntios 3.6, como o próprio Cristo afirma em Mateus 11.13 e como a Epístola aos Hebreus afirma repetidamente...

Pois esta profecia contém dois assuntos. O primeiro é que Israel e Judá voltariam para sua terra após o cativeiro. Isso aconteceu por intermédio do rei Ciro e dos persas, antes do nascimento de Cristo, no tempo em que os judeus voltaram para sua terra e para Jerusalém, vindos de todos os países. Eles também vinham para Jerusalém todos os anos para as festas, mesmo de países estrangeiros onde residiam, atraindo muitos gentios com eles e a eles...

O segundo assunto, que é o melhor nesta profecia – aquilo que os judeus nunca verão nem atenderão – é que Deus promete criar algo novo na terra, para fazer um novo pacto, diferente do antigo pacto de Moisés, com o qual eles sonham. Isso está claro em Jeremias 31.31-32 e em muitas outras passagens. Nunca mais haverá dois reinos, mas um só reino, sob o seu rei Davi, que há de vir; e o seu reino será um reino eterno, nesta mesma terra física. Isso também se cumpriu. Pois, quando Cristo veio e encontrou tanto o povo de Israel como o de Judá reunido novamente de entre todas as ter-

<sup>31</sup> *Prophets*, 371-72.

<sup>32</sup> *Vision of the Wheels*, 5.

ras, de modo que o país estava cheio, ele começou algo novo, ele estabeleceu o prometido novo pacto. Ele fez isso não em um lugar espiritual ou em algum outro lugar físico, mas exatamente naquela mesma terra física de Canaã e naquela mesma Jerusalém física – como fora prometido – à qual eles tinham sido trazidos de volta de entre todas as terras.

E, embora os judeus não desejassem esse pacto – ou pelo menos não muitos deles haveriam de aceitá-lo – não obstante, ele continua sendo um pacto eterno, e não somente em Jerusalém e naquela terra. Ele brotou dali para todos os quatro cantos do mundo e permanece até o presente, tanto em Jerusalém como em toda parte. Pois o lugar, Jerusalém, ainda está lá, e Cristo é Senhor e Rei ali como é em todo o mundo. Ele ajuda e ouve todos os que ali estão e que ali se achegam, como faz aos que estão em todo o mundo... Cristo é e permanece Senhor sobre todos. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>33</sup>

**A PARTE MAIS IMPORTANTE DA VISÃO. JOÃO CALVINO:** Agora o profeta declara a parte mais importante da visão: Deus estava sentado em seu trono. Se ele chegasse apenas ao ponto de mencionar os seres e as rodas, a visão teria sido menos útil – no mínimo, incompleta. Entretanto, uma vez que ele descreve Deus em seu trono, podemos entender que os anjos, que orquestram o movimento em outras coisas, não possuem de si mesmos nenhum movimento ou poder. De modo geral, o profeta está ensinando aqui que os anjos fazem com que todas as coisas debaixo do céu se movimentem, de modo que nenhum movimento deve ser atribuído a essas coisas em si mesmas. E por que razão? Porque Deus preside sobre todas as coisas e dirige suas ações. Esse é o ponto principal da visão, que agora se esclarece. EZEQUIEL I.<sup>34</sup>

**A GLÓRIA DE DEUS REVELADA A EZEQUIEL. WILLIAM GREENHILL:** O objetivo desta visão é anunciar a glória de Deus. Isso é mostrado no último versículo do capítulo, onde se diz: “Esta era a aparência da glória do SENHOR.” O Espírito interpreta tudo isso como sendo uma manifestação da glória de Deus... Essa glória de

Deus é apresentada a Ezequiel nesta visão para estas finalidades:

1. Para criar nele uma elevada reverência da majestade divina. A visão de coisas grandes e gloriosas desperta nosso espírito insensível, pesado e sensual. Por natureza, somos indiferentes às coisas de Deus, a menos que algo transcendente e glorioso nos seja apresentado... Por essa razão, em Êxodo 19.16, quando o povo viu os relâmpagos e ouviu os trovões, quando Deus desceu sobre o monte daquele modo glorioso, isso os despertou e criou neles uma sublime reverência da majestade divina: “Todo o povo que estava no arraial se estremeceu.”

2. Para prepará-lo e qualificá-lo para receber aquilo que Deus lhe falaria. Nem sempre estamos preparados para ouvir Deus falar. Há grande indisposição em nosso espírito. Você já experimentou suficientemente a verdade deste fato. É por isso que se diz: “Aquietai-vos e sabeí que eu sou Deus” (Sl 46.10). Aquiete-se, não permita que o seu espírito fique alvoroçado, tomado pelo mundo, pelos cuidados, prazeres e negócios dele. Não fique discutindo com um desejo, mas aquiete-se e saiba que eu sou Deus.

3. Para encorajá-lo com vistas ao seu trabalho e para moldar o seu espírito para sua pronta execução. Ezequiel estava para entrar numa tarefa pesada. Ele haveria de tratar com os judeus obstinados, um povo rebelde. Ele sabia que Jeremias tinha pregado por trinta e cinco anos, e outros profetas em tempos melhores do que o seu, e pouco ou nenhum bem tinha sido feito a esse povo de coração endurecido. Portanto, para que Ezequiel não se desanimasse, para que seu coração não desfalecesse, mas se estimulasse para o trabalho, o Senhor lhe mostra a sua glória nesses hieróglifos, sua glória nesses seres, sua glória em seu Filho, para que vendo, assim, a glória de Deus, ele ficasse animado, disposto e encorajado para se dedicar ao seu trabalho. Pois a visão da glória é poderosa com um coração afável, para torná-lo diligente para Deus. Pedro e João afirmam em Atos 4.20: “Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos.” Eles tinham visto “sua glória, glória

<sup>33</sup> Lenker 6, 306-307\* (WADB, 11,1:396-400).

<sup>34</sup> CTS 22:90 (CO 18:49).

como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Eles tinham estado no monte, visto Cristo transfigurado e sua face brilhando como o sol (Mt 17.1-2). O fato de verem a sua glória e ouvirem a sua voz os encorajaria, não obstante as dificuldades, a serem diligentes por ele. Essa era a maneira de Deus aparecer aos seus servos, para encorajá-los com vistas ao trabalho que ele os faria iniciar. Deus apareceu a Moisés numa sarça ardente (Êx 3). A Josué, numa visão como

um homem com uma espada em sua mão (Js 5.13). A Eliseu, por cavalos e carros de fogo (2Rs 6.17). Pedro, depois de confirmado por uma visão de um lençol que descia do céu, vai e prega aos gentios (At 10). E Ezequiel tem aqui uma visão para que, estando confirmado assim tão poderosamente, não temesse o rosto dos judeus ou dos babilônios, mas prosseguisse com vida e disposição na tarefa para a qual foi enviado. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> *Exposition, 21-22.*

## 2.1–3.27 O CHAMADO DE EZEQUIEL E UMA ADVERTÊNCIA PARA ISRAEL

<sup>1</sup> Esta voz me disse: Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo. <sup>2</sup> Então, entrou em mim o Espírito, quando falava comigo, e me pôs em pé, e ouvi o que me falava. <sup>3</sup> Ele me disse: Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes que se insurgiram contra mim; eles e seus pais prevaricaram contra mim, até precisamente ao dia de hoje. <sup>4</sup> Os filhos são de duro semblante e obstinados de coração; eu te envio a eles, e lhes dirás: Assim diz o SENHOR Deus. <sup>5</sup> Eles, quer ouçam quer deixem de ouvir, porque são casa rebelde, não sabem que esteve no meio deles um profeta. <sup>6</sup> Tu, ó filho do homem, não os temas, nem temas as suas palavras, ainda que haja sarças e espinhos para contigo, e tu habites com escorpiões; não temas as suas palavras, nem te assustes com o rosto deles, porque são casa rebelde. <sup>7</sup> Mas tu lhes dirás as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes.

<sup>8</sup> Tu, ó filho do homem, ouve o que eu te digo, não te insurjas como a casa rebelde; abre a boca e come o que eu te dou. <sup>9</sup> Então, vi, e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro. <sup>10</sup> Estendeu-o diante de mim, e estava escrito por dentro e por fora; nele, estavam escritas lamentações, suspiros e ais.

**3** Ainda me disse: Filho do homem, come o que achares; come este rolo, vai e fala à casa de Israel. <sup>2</sup> Então, abri a boca, e ele me deu a comer o rolo. <sup>3</sup> E me disse: Filho do homem, dá de comer ao teu ventre e enche as tuas entranhas deste rolo que eu te dou. Eu o comi, e na boca me era doce como o mel.

<sup>4</sup> Disse-me ainda: Filho do homem, vai, entra na casa de Israel e dize-lhe as minhas palavras. <sup>5</sup> Porque tu não és enviado a um povo de estranho falar nem de língua difícil, mas à casa de Israel; <sup>6</sup> nem a muitos povos de estranho falar e de língua difícil, cujas palavras não possam entender; se eu aos tais te enviasse, certamente, te dariam ouvidos. <sup>7</sup> Mas a casa de Israel não te dará ouvidos, porque não me quer dar ouvidos a mim; pois toda a casa de Israel é de frente obstinada e dura de coração. <sup>8</sup> Eis que fiz duro o teu rosto contra o rosto deles e dura a tua frente, contra a sua frente. <sup>9</sup> Fiz a tua frente como o diamante, mais dura do que a pederneira; não os temas, pois, nem te assustes com o seu rosto, porque são casa rebelde. <sup>10</sup> Ainda me disse mais: Filho do homem, mete no coração todas as minhas palavras que te hei de falar e ouve-as com os teus ouvidos. <sup>11</sup> Eia, pois, vai aos do cativeiro, aos filhos do teu povo, e, quer ouçam quer deixem de ouvir, fala com eles, e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus.

<sup>12</sup> Levantou-me o Espírito, e ouvi por detrás de mim uma voz de grande estrondo, que, levantando-se do seu lugar, dizia: Bendita seja a glória do SENHOR. <sup>13</sup> Ouvi o tataral das asas dos seres viventes, que tocavam umas nas outras, e o barulho das rodas juntamente com eles e o somido de um grande estrondo. <sup>14</sup> Então, o Espírito me levantou e me levou; eu fui amargurado na excitação do meu espírito; mas a mão do SENHOR se fez muito forte sobre mim. <sup>15</sup> Então, fui a Tel-Abibe, aos do exílio, que habitavam junto ao rio Quebar, e passei a morar onde eles habitavam; e, por sete dias, assentei-me ali, atônito, no meio deles.

<sup>16</sup> Findos os sete dias, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>17</sup> Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte. <sup>18</sup> Quando eu disser ao perverso: Certamente, morrerás, e tu não o avisares e nada disseres para o advertir do seu mau caminho, para lhe salvar a vida, esse perverso morrerá na sua iniquidade,

mas o seu sangue da tua mão o requererei.<sup>19</sup> Mas, se avisares o perverso, e ele não se converter da sua maldade e do seu caminho perverso, ele morrerá na sua iniquidade, mas tu salvaste a tua alma.<sup>20</sup> Também quando o justo se desviar da sua justiça e fizer maldade, e eu puser diante dele um tropeço, ele morrerá; visto que não o avisaste, no seu pecado morrerá, e suas justiças que praticara não serão lembradas, mas o seu sangue da tua mão o requererei.<sup>21</sup> No entanto, se tu avisares o justo, para que não peque, e ele não pecar, certamente, viverá, porque foi avisado; e tu salvaste a tua alma.

<sup>22</sup> A mão do SENHOR veio sobre mim, e ele me disse: Levanta-te e sai para o vale, onde falarei contigo.<sup>23</sup> Levantei-me e saí para o vale, e eis que a glória do SENHOR estava ali, como a glória que eu vi junto ao rio Quebar; e caí com o rosto em terra.<sup>24</sup> Então, entrou em mim o Espírito, e me pôs em pé, e falou comigo, e me disse: Vai e encerra-te dentro da tua casa.<sup>25</sup> Porque, ó filho do homem, eis que porão cordas sobre ti e te ligarão com elas; e não sairás ao meio deles.<sup>26</sup> Farei que a tua língua se pegue ao teu paladar, ficarás mudo e incapaz de os repreender; porque são casa rebelde.<sup>27</sup> Mas, quando eu falar contigo, darei que fale a tua boca, e lhes dirás: Assim diz o SENHOR Deus: Quem ouvir ouça, e quem deixar de ouvir deixe; porque são casa rebelde.

**PANORAMA:** Nossos comentaristas começam com o conforto que Cristo dá a Ezequiel em seu chamado. É importante para os nossos autores o fato de o Espírito operar por intermédio da Palavra. É o Espírito que nos traz à fé e nos concede compreensão das Escrituras. Os verdadeiros profetas são chamados por Cristo e dotados do dom de profecia, o que é simbolizado pelo ato de comer o rolo. Levanta-se a pergunta sobre o motivo de Ezequiel ter de comer o rolo em vez de lê-lo. A resposta é que, por suas palavras, ele falaria profecia, de modo que aqui lhe é dito para comer o rolo. Ao comer o rolo, Ezequiel revela que ele fala apenas as palavras dadas por Deus a ele. É por essa razão que ele é designado atalaia.

### 2.1-10 Palavra e Espírito

**CRISTO CONFORTA EZEQUIEL.** WILLIAM GREENHILL: Cristo é cheio de compaixão. Ezequiel caiu com o rosto em terra. A glória da visão e a magnificência daquele que estava sentado no trono tinham subjogado e lançado por terra este nosso profeta. Ali ele jazia como um homem ferido, sem força. Cristo não o deixa nessa condição mas fala com ele, e o faz amavelmente...

Aqueles que são humildes e abatidos por um senso de sua própria baixaza, fraqueza ou indignidade, devido à visão da glória e da

magnificência, a esses Cristo levanta rapidamente para outra vez confortá-los. Nosso profeta estava prostrado no final do capítulo anterior, contudo, no início deste capítulo ele está novamente em pé. A humilhação por causa da visão de Deus, de sua glória e magnificência, é a humilhação mais efetiva; e o mais rápido, eficaz e doce conforto vem em seguida...

O Senhor gosta de encorajar o homem para o seu serviço. Aqui, ele não diz somente: “põe-te em pé”, o que teria sido suficiente, mas faz-lhe uma promessa: “e falarei contigo”. Eu que estou no trono, cercado de glória, que tenho o governo do mundo nas mãos, Eu vou falar com você... A palavra do Cristo é um doce conforto para uma alma atribulada. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**PALAVRA E ESPÍRITO.** JOÃO CALVINO: O profeta declara aqui que Deus lhe ordenou que ficasse em pé. Pois Deus nunca abate o seu povo para deixá-lo prostrado, mas sempre o levanta novamente. Mas quando ele olha para os ímpios, eles ficam tão aterrorizados diante da visão de Deus que imediatamente desmoronam, para nunca mais se levantar. No entanto, com aqueles que creem é diferente, porque o orgulho da carne é corrigido neles. Em seguida, Deus estende

<sup>1</sup> Exposition, 71-72.

a mão para eles e os restaura, como que trazendo-os da morte para a vida...

Ao mesmo tempo, o profeta ensina que nada aconteceu por meio dessa voz até que o Espírito se aproximasse. Na verdade, Deus opera eficazmente por suas palavras, mas não cremos que isso seja realizado apenas pelo som. Em vez disso, isso é causado pela orquestração secreta do Espírito. Portanto, o profeta revela ambas as coisas. Por um lado, ele relata que *ouviu a voz de Deus, e assim ele se pôs de pé*. Por meio disso Deus quis encorajar a confiança de Ezequiel. Mas, ao mesmo tempo, ele acrescenta que só foi levantado por essa voz quando *o Espírito o pôs de pé*. Desse modo, ele une aqui a obra do Espírito com a palavra de Deus. Entretanto, uma distinção ainda é feita, para que pudéssemos saber que a palavra exterior é sem importância por si mesma, a menos que ela seja vivificada pelo poder do Espírito...

Esse ensino, explicado brevemente dessa maneira, é suficiente para rejeitar objeções insensatas, que saem por aí na boca de muitos que se preocupam com o livre-arbítrio humano. Eles dizem que podemos ouvir a palavra que nos é oferecida ou rejeitá-la. No entanto, percebemos aquilo que o profeta diz. Se um de nós é capaz de prestar obediência a Deus, o profeta certamente era superior nesse aspecto. Entretanto, a palavra de Deus nada fez para ele, até que o Espírito o fortaleceu, para que ele se colocasse em pé. Concluimos aqui que não está absolutamente em nossa capacidade obedecer a tudo o que Deus ordena, a menos que ele próprio o conceda. EZEQUIEL I.<sup>2</sup>

**CRISTO E O ESPÍRITO.** WILLIAM GREENHILL: Aqueles a quem Cristo pretende estabelecer como oficiais em sua igreja, a esses ele concede o seu Espírito. O Espírito entra em Ezequiel antes de ele ser chamado; ele é enchido com o Espírito, com os seus dons e graças... A humanidade, por sua habilidade natural, não pode alcançar ou receber as coisas de Deus. Ezequiel deve, primeiro, ter em si o Espírito para, então, poder ouvir ou entender qualquer coisa com bons resultados. A razão e o discurso não estão mais além da capacidade dos animais do que as coi-

sas de Cristo e seu Espírito estão além da capacidade da humanidade... A palavra sem o Espírito é ineficaz. Quando ele falou, o Espírito entrou. Se não houvesse a entrada do Espírito, a palavra não teria prevalecido, o profeta não seria levantado... É o Espírito de Deus que nos habilita a discernir as coisas de Deus e assegura ao nosso espírito a verdade e realidade delas. O Espírito entrou no profeta, o pôs em pé, para que ele ouvisse aquele que lhe falou. Agora, tendo o Espírito, ele estava pronto para ouvir Cristo, capacitado para julgar aquilo que ele falou, para satisfazer a sua alma com respeito à verdade, realidade e excelência de sua doutrina. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**SÓ O ESPÍRITO NOS TRAZ À FÉ.** JOHN MAYER: "Então, entrou em mim o Espírito... e me pôs em pé" (Ez 2.2). Isso foi feito para mostrar que qualquer pessoa que ouvir o Senhor falando deve pôr-se em pé, aplicando suas afeições àquilo que ele diz. Mas isso ele não pode fazer até que o Espírito entre nele e o ponha em pé. Quando o Espírito entra, ele se levanta. Isso é dito contra todos aqueles que não atendem à palavra do Senhor quando ele fala, mas são negligentes em suas afeições para com ela. Que ninguém diga: eu me colocarei em pé quando o Espírito entrar em mim, não tomando maiores cuidados nesse sentido, mas peça o Espírito orando com seriedade ao nosso Pai celestial, pois ele dará o seu Espírito àqueles que lhe pedirem (diz o Senhor). COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>4</sup>

**PROCLAMANDO A PALAVRA DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Sempre que emprendermos aquilo que Deus ordena, devemos ter boas expectativas, desejando que algum fruto do nosso trabalho apareça. Assim, temos a capacidade de abrigar esperanças e desejos. E se acontecer alguma coisa diferente daquilo que esperávamos, então devemos deixar o resultado nas mãos de Deus e continuar a perseguir a tarefa a que fomos chamados. Este é o ponto da frase, Deus diz:

<sup>2</sup> CTS 22:108-109 (CO 18:61-62).

<sup>3</sup> *Exposition*, 73-74.

<sup>4</sup> *Prophets*, 378.

você lhes dirá as minhas palavras, ou falará as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir. Mesmo que fosse como se você tivesse de entoar uma canção para os surdos, como é dito, certamente, você ainda não cessará de falar as minhas palavras. Ele também acrescenta uma explicação: porque eles são um povo rebelde. Entretanto, Deus adverte seu servo de que não há razão para que ele deva mudar seu curso. Mesmo que ele não visse absolutamente nenhum fruto de seu trabalho, porque eles não têm ouvidos, mesmo assim ele deve falar em nome de Deus. É certo, como mencionamos anteriormente, que houve uns poucos a quem seu ensino foi útil. No entanto, aqui ele fala do povo em geral. Consequentemente, aprendemos, quando Deus nos chama para o ofício do ensino, a não nos distrairmos pelo tipo de pessoa a quem devemos ensinar. Pois se Deus se agrada em nos usar, ainda que lutemos com os rebeldes e obstinados, mesmo assim sua palavra deve ser proclamada, pois isso é o que ele ordena. EZEQUIEL I.<sup>5</sup>

**DEUS USA SINAIS.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: “Então, vi, e eis que certa mão se estendia para mim” (Ez 2.9). Isto é, eu compreendi por uma visão profética. Por determinados sinais, Deus fortalece consciências enfraquecidas. De maneira semelhante, o serafim foi enviado a Isaias com uma brasa para tocar os seus lábios; “Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado” (Is 6.7). Semelhantemente, o Senhor tocou a boca de Jeremias, dizendo: “Eis que ponho na tua boca as minhas palavras” (Jr 1.9). Certamente, essa é a ideia contida nesta visão dada a Ezequiel. Pois ele quer dizer: “Eis que eu coloco na tua boca palavras que são amargas e duras, para que você declare essas coisas a este povo.”...Um sinal foi dado a Moisés de que sua vara se transformaria numa serpente. Para Ezequiel, um rolo de um livro lhe foi dado pela mão do Senhor, isto é, um livro dobrado à maneira oriental, que é como eles produziam seus livros naquela época. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**DEUS CHAMA E ENVIA.** WILLIAM GREENHILL: É prerrogativa de Cristo estabelecer e enviar

oficiais para a igreja... Esses ofícios e oficiais são santos e justificáveis, os quais dependem da vontade e autoridade de Cristo; não aqueles que dependem da vontade e autoridade de pessoas... Ele concede dons e graças a pessoas e as envia. O Espírito entrou em Ezequiel e então disse: “Eu te envio.”...Aqueles que são enviados por Cristo não podem delegar seu poder e executar o ofício por meio de outros, mas eles mesmos devem cumpri-lo. O profeta não podia designar outro, sendo enviado por Cristo aos filhos de Israel.

... Derrubado com a visão da glória que se assentava no trono, no capítulo anterior [Ez 1], o profeta é levantado e confortado pelo Espírito nos dois primeiros versículos [Ez 2.1-2]. Ele é chamado ao serviço público nos próximos três versículos [Ez 2.3-5], e isso entre um povo vil e rebelde. Neste e nos próximos dois versículos, Cristo dá a ele instrução quanto ao seu ofício. Primeiro, negativamente, no sexto versículo: “Não os tema.” Eu fiz de você um profeta, e um profeta não deve temer o rosto dos homens [Ez 2.6]. Segundo, positivamente, no sétimo versículo, onde ele o instrui sobre cujas palavras deve falar a eles: “Tu lhes dirás as minhas palavras.” Um profeta não deve falar as próprias palavras, mas as palavras daquele que o envia.

...Aqueles que ensinam os outros devem primeiro ouvir e ser eles mesmos ensinados. Eles devem ouvir Cristo e aprender dele. Ezequiel deve ouvir aquilo que Cristo lhe diz, então ele estaria apto para falar a outros. Quando Cristo enviou os seus discípulos, ele primeiro os instruiu... Deus espera mais daquele a quem ele chama para algum serviço do que de outros. E “tu, ó filho do homem... não te insurjas”. Eu espero outras coisas de suas mãos; espero que você seja tão tratável quanto eles têm sido intratáveis, tão obediente quanto eles têm sido rebeldes... Não devemos seguir os exemplos e os caminhos das pessoas pecaminosas. “Não te insurjas como a casa rebelde.” Eles são um mau exemplo para você; não os imite. Eles escreveram uma cópia corrompida; não copie deles. Eles andaram por

<sup>5</sup> CTS 22:123 (CO 18:72).

<sup>6</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 13.

caminhos errados; não siga os seus passos. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

### 3.1-15 *Os verdadeiros profetas de Deus*

**O ROLO.** WILLIAM GREENHILL: Com relação ao significado desse rolo, alguns entendem que ele se refere aos conselhos secretos de Deus. Isso é verdade, eles estavam escritos nele, mas não constituíam o significado dele. O rolo, aqui, é um sinal típico do dom de profecia a ser dado ao profeta e, nesse sentido, devemos compreendê-lo... O dom de profecia vem da parte de Cristo. Ele estendeu sua mão e deu o rolo de um livro. Ele é o grande Profeta e tem em si mesmo toda profecia e toda capacidade profética. A quem ele quer ele pode constituir profeta e inspirar com virtude profética.

... É Cristo quem abre e interpreta assuntos místicos eficazmente aos fiéis. Ele estende o rolo diante de Ezequiel e o faz entender os seus mistérios. O que são as Escrituras senão um rolo dobrado, um livro selado até Cristo abri-lo? Os servos de Deus não devem se recusar a recebê-lo e apresentar mensagens grandes e tristes ao povo. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

**COMENDO O ROLO.** JOHANNES ECOLAMPADIO: Ele abriu sua boca, ou seja, ele recebeu a palavra do Senhor no profundo de sua alma. Ele comeu o livro, e Cristo derramou nele o dom de sabedoria para que ele pudesse entender aquilo que estava escrito no livro... Todas essas coisas aconteceram numa visão, e ele foi encarregado de todas essas coisas que estavam escritas no livro. Ele ordenou que ele guardasse essas coisas na memória e não apenas passasse rapidamente sobre elas, mas que examinasse cuidadosamente essas coisas. Não é suficiente guardar o livro mastigado no estômago, de onde ele podia ser facilmente vomitado, mas tê-lo absorvido no mais íntimo do seu coração, onde ele se torna alimento para a alma. Nesse sentido, à mulher que disse: “Bem-aventurado o ventre que te trouxe”, o Senhor respondeu: “Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam” (Lc 11.27-28 ARC). De igual modo, ele deseja que o alimento esteja no estômago e

não apenas nos lábios. “Pois o reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder” (1Co 4.20). COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>9</sup>

**VERDADEIROS SERVOS DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Por essa representação grosseira, Deus confirma Ezequiel em seu chamado. Ele ordena “come este rolo”, e isso ocorre numa visão. Jeremias usa a mesma metáfora no capítulo quinze (v. 16), mas com uma ligeira variação, porque o nosso profeta se vê comendo esse livro, enquanto Jeremias apenas indica que digeriu as palavras de Deus como alimento, e não apenas que ele as teria provado com sua língua. Desse modo, elas estavam profundamente enraizadas em sua mente como se ele realmente as tivesse cozido e digerido.

Mas Deus quis confirmar o nosso profeta de outra forma. Em vez disso, ele lhe deu o livro e ordenou-lhe que comesse. Não há dúvida que esse livro representava tudo o que o Espírito de Deusalaria mais tarde ao profeta. Era como se Deus tivesse feito de um simples ser humano um instrumento de seu Espírito. Como se ele tivesse dito: “Você não proclamará nada humano ou deste mundo, porque você proclamará aquilo que meu Espírito já escreveu nesse livro.”

Vemos aqui a diferença entre os verdadeiros servos de Deus, que desempenham o seu dever com seriedade, e aquelas pessoas tagarelas, que estão cheias de sua própria eloquência ou inteligência. Há muitos oradores hábeis que vomitam aquilo que nunca consideraram seriamente, todavia seu ensino é absolutamente vão. É isso que Paulo tinha em mente quando afirmou que o reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder. Aqueles que realmente se consagram a Deus não simplesmente aprendem aquilo de que falam a respeito. Antes, como alimento que é ingerido, recebem a palavra de Deus em si mesmos, escondendo-a no mais profundo do seu coração, de modo que dali podem servi-la como alimento propriamente digerido. EZEQUIEL I.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> *Exposition*, 80, 83, 92.

<sup>8</sup> *Exposition*, 94-95.

<sup>9</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 14.

<sup>10</sup> CTS 22:126-127 (CO 18:74-75).



**PROFETAS VERDADEIROS E FALSOS.** HANS DENCK: Os falsos profetas não estão cheios do poder e do espírito de Deus, cheios de justiça e força para revelar as faltas de todos, sejam eles grandes ou pequenos. Assim, eles vêm em sua própria autoridade. Eles não foram convidados nem chamados por Deus por meio de sua palavra ou de seu espírito.

Quando eles veem o lobo se aproximando, não permanecem ao lado das ovelhas, pois não possuem em suas veias a palavra viva e reta de Deus. Mas aquele que é enviado por Deus não sai por aí com frases e mentiras vãs. Antes, é forte no Senhor e cheio do espírito de Deus para falar a verdade a todos, quer sejam os de alta ou baixa posição. Ele revela as faltas das pessoas sem levar em consideração a importância da pessoa no mundo. Pois as portas do inferno devem ser abertas para o rei da glória, e só ele é capaz de resistir a todas as forças em seu próprio povo. Lemos sobre isso em Ezequiel 3.8-9 como segue: “Eis que (eu, o Senhor) fiz duro o teu rosto contra o rosto deles e dura a tua frente, contra a sua frente. Fiz a tua frente como o diamante, mais dura do que a pederneira; não os temas, pois, nem te assustes com o seu rosto...” e para que sejas forte o suficiente para contar o pecado de todos sem levar em conta a posição da pessoa. REFLEXÕES SOBRE MIQUEIAS.<sup>11</sup>

**COMENDO O ROLO.** WILLIAM GREENHILL: Compreende-se aqui que a ingestão não foi literal, mas espiritual, ou em visão. Ezequiel 3.10 nos confirma isso, onde se diz: “Mete no coração todas as minhas palavras que te hei de falar e ouve-as com os teus ouvidos.” Esse comer consistia em ouvir, meditar e crer... Mas por que ele deve comer o rolo? Não seria mais apropriado ver e ler? A Escritura atribui excelência e aplica virtude natural e sobrenatural ao órgão ou sentido pelo qual ela é exercida. É dito a Ezequiel para “comer o rolo” e não para vê-lo ou ouvi-lo porque pela boca o dom de profecia, que lhe fora dado por meio do rolo, havia de ser manifesto e dado a conhecer ao povo.

Nossa obediência a Cristo deve ser absoluta e simples. Pode ter existido algo insípido ou

amargo oferecido ao profeta, mesmo aquilo que a natureza abomina. No entanto, ele deve comê-lo sem discutir o caso, deve apenas obedecer.

Os símbolos e as verdades que Cristo dá são o alimento de que as almas de profetas e ministros devem se alimentar... Quando ministros e mensageiros tiverem comido e digerido as verdades de Deus, então estarão prontos para ir e pregá-las ao povo de Deus. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>12</sup>

**FALANDO A PALAVRA DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Ezequiel continua a dizer, como acabamos de ver, que ele recebeu um livro e o comeu, porque os servos de Deus devem falar a partir do mais profundo anseio de seu coração. Sabemos que muitos possuem uma língua suficientemente fluente, mas não a usam para outra coisa senão para se exaltarem. Deus trata sua vaidade como um motivo de riso, porque a obra deles é infrutífera. Portanto, observamos mais uma vez a passagem de Paulo acima citada: “O reino de Deus consiste... em poder.” O poder do Espírito Santo não se revela, a não ser que aqueles que foram chamados para ensinar busquem, zelosa e sinceramente, dedicar-se ao seu ofício. Por essa razão, a Ezequiel foi ordenado que comesse o livro.

Então ele diz que *era doce como o mel*. Um pouco antes, ele disse que o livro estava cheio de maldições. Portanto, ou ele estava destituído da natureza humana ou devia estar oprimido pela tristeza, quando se viu designado atalaia da vingança de Deus. Em outras partes vemos que os servos de Deus eram cheios de dois tipos de sentimentos. Em geral, eram rigorosos e ásperos quando necessário, mas também se entristeciam com os oprimidos. Não obstante, essa tristeza não os impedia de continuar corajosamente no curso de seu chamado. Por essa razão, Ezequiel diz, em seguida, que o livro *era doce como o mel*, porque ele se regozijava com a ordem de Deus. Embora se compadecesse do seu povo, ele ainda reconhecia que nenhuma outra opção era possível e concordou com o justo juízo de Deus. Consequentemente, pela

<sup>11</sup> *Writings*, 117.

<sup>12</sup> *Exposition*, 96.

palavra *doce* não se indica outra coisa senão sua aprovação e aceitação do ofício que lhe fora dado. Assim, ele obedeceu a Deus, esquecendo toda a tristeza contida no livro. Certamente, a justiça de Deus era mais forte. Por causa disso, ele extinguiu toda empatia excessiva que, de outra maneira, lhe serviria de obstáculo...

Deus lhe ordena que *fale*, ou *diga as suas palavras*. É importante notar que os dois termos significam a mesma coisa. Assim, se Ezequiel deve anunciar apenas aquilo que recebeu de Deus e nada mais, então essa ordem deve influenciar todos os servos de Deus. Eles não devem despejar os seus pensamentos, mas, como se da própria boca de Deus, devem declarar aquilo que aprenderam da parte dele. EZEQUIEL I.<sup>13</sup>

**FALE À CASA DE ISRAEL. MARTINHO LUTERO:** Os judeus se apegam ao nome Israel e reivindicam que só eles são Israel e que nós somos gentios. Isso é verdade apenas no que diz respeito à primeira parte da profecia e ao antigo pacto de Moisés, entretanto, isso há muito se cumpriu. Mas, de acordo com a segunda parte da profecia e o novo pacto, os judeus não são mais Israel, pois todas as coisas devem ser novas e Israel também deve ser renovado. O verdadeiro Israel é formado apenas por aqueles que aceitaram o novo pacto estabelecido e iniciado em Jerusalém. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>14</sup>

**CONFIAR SOMENTE EM DEUS. JOÃO CALVINO:** Ezequiel foi advertido sobre a obstinação e, na verdade, incorrigível depravação do povo. Agora Deus o fortalece, para que ele não fique desanimado, ao ver que iria lutar com um povo assim tão negligente e perdido...

Se ele esperasse mais fruto do seu trabalho, talvez essa atitude causasse indolência. Pois a confiança nos faz mais relaxados quando a obra em curso não é árdua nem difícil. Nesse caso, certamente o profeta teria sido mais indiferente. Se ele estivesse convencido de que as pessoas estavam prontas para ouvir, ele as teria abordado mais des preocupadamente. Assim, Deus o estimula quando fala da obstinação do

povo. Assim como foi útil que o profeta percebesse quão difícil seria a realização da tarefa a ele designada, assim também é próprio que ele estivesse armado do poder de Deus, caso contrário, ele cederia muito facilmente à dificuldade de sua tarefa...

Assim, ele foi avisado que deveria esperar força de outra parte e que não deveria considerar sua própria força, mas, sim, deixar-se governar pelo Espírito de Deus.

De fato, sempre que refletimos sobre a natureza e o número de nossas próprias habilidades, podemos nos derreter e perder força ou, pelo menos, definir um pouco, pelo que não cumprimos corajosamente o nosso ofício. Portanto, Deus revive seu profeta quando *diz que tinha dado a ele um rosto*, como que dizendo que Ezequiel não iria à guerra por sua própria força, mas, ao contrário, ele seria armado do poder celestial.

Embora pareça ter sido isso falado apenas uma vez e somente em benefício do próprio Ezequiel, na verdade, isso pertence a todos nós. Consequentemente, devemos saber que, quando Deus nos chama para o magistério, nunca devemos medir nosso trabalho pela pequena estatura de nossa própria habilidade ou considerar aquilo que somos capazes de fazer, pelo contrário, devemos descansar no poder prometido, que Deus aqui nos oferece com palavras que não são vazias. Portanto, todo aquele que reconhece que Deus é suficiente para superar todas as barreiras prepara-se corajosamente para o trabalho. Mas quem fica calculando sua própria força não somente se enfraquece, mas já está derrotado.

Vemos aqui que somos encorajados à humildade e à modéstia, para que não atribuamos qualquer coisa à nossa própria força... Consequentemente, devemos aprender a pedir unicamente a Deus a coragem de que carecemos. Não somos superiores a Ezequiel. Se era adequado que ele fosse fortalecido pelo Espírito de Deus, quanto mais nós precisamos disso hoje. EZEQUIEL I.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> CTS 22:130-132 (CO 18:76-78).

<sup>14</sup> Lenker 6, 307\* (WADB 11,1:400).

<sup>15</sup> CTS 22:136-137 (CO 18:81).

**LEVANTOU-ME O ESPÍRITO.** WILLIAM GREENHILL: Por espírito aqui não devemos entender o vento, como se um grande vento devesse levantar o profeta, ou um anjo, como se ele tivesse sido levantado por alguma virtude angélica, ou seu próprio espírito, como afirmou Jerônimo, mas o Espírito que estava nos seres vivos e nas rodas (Ez 1.12,20) e os conduzia. Esse é o Espírito que entrou em Ezequiel e o pôs em pé, o Espírito que guiou Cristo ao deserto, ou seja, o eterno Espírito de Deus...

Aqueles que são chamados para trabalhar na igreja de Cristo têm necessidade não apenas da Palavra de Cristo, mas também do Espírito de Cristo. Deus havia falado largamente com Ezequiel e aqui o Espírito o levanta e o faz de um modo especial, preparando-o para a tarefa. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>16</sup>

**O ESPÍRITO CONFORTA.** JOHN MAYER: Levantou-me o Espírito, e ouvi por detrás de mim uma voz de grande estrondo, que, levantando-se do seu lugar, dizia: Bendita seja a glória do Senhor (Ez 3.12). Como o Senhor havia feito por palavras e o sinal do rolo de um livro dado a Ezequiel para comer o confirmava e confortava, assim agora ele o fortaleceu para seu ofício, levantando-o por seu Espírito acima de todas as coisas terrenas, para que ele não se perturbasse nem tivesse sua mente distraída por essas coisas, mas pudesse estar totalmente disposto para os negócios celestiais nos quais o Senhor estava para empregá-lo. Assim também seu Espírito levanta outros profetas e ministros seus, de tal maneira que eles não aceitam como perdas terrenas perigos ou indignidades a eles oferecidas, visto que se alegram em fazer a obra à qual foram designados até o fim. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>17</sup>

**O CONFLITO DE EZEQUIEL.** JOÃO CALVINO: Entretanto, aquilo que segue parece contradizer um versículo acima. Primeiro ele disse que o livro era doce como o mel, mas agora *ele foi amargurado na excitação do seu espírito*. No entanto, como esclareci anteriormente, isso é facilmente reconciliado. Naturalmente, o profeta não foi despojado de toda razão. Embora ele

fosse inteiramente dedicado a Deus e não negligenciasse nada, em razão de sua diligência e zelo, ele ainda mantinha um pouco de sua humanidade. Por isso o espírito de amargura, que ele menciona chamando-o de *seu espírito*.

Temos visto um contraste não declarado entre a tarefa para a qual ele fora apoderado e este sentimento, que não era perverso, mas ainda diferia, de certa forma, da graça do Espírito, uma vez que o profeta queimava com tal devoção que cumpria as ordens de Deus negligenciando a si próprio. Ao mesmo tempo, ele sentia algo humano em si mesmo, visto que o poder do Espírito não tinha extinguido toda tristeza. Portanto, sustentamos que o profeta foi de algum modo apoderado pelo Espírito, mas também tinha *seu próprio espírito amargurado*. Ele acrescenta: *mas a mão do Senhor se fez muito forte sobre mim*. Por “mão”, alguns entendem profecia, porém, em minha opinião, ignorantemente. Não duvido que, na verdade, isso significa poder ou autoridade absoluta. Ele diz que *a mão de Deus se fez muito forte* porque era adequado obedecer a Deus, embora a amargura que ele mencionou o atraísse na direção oposta. Como Paulo dizia que ele era controlado pela devoção a Deus, assim também o profeta indica que ele era controlado pela orquestração secreta do Espírito, de modo que ele não agia por motivos humanos, nem obedecia aos desejos do seu coração, nem seguia o seu próprio plano. Em vez disso, ele ansiava unicamente mostrar obediência a Deus. EZEQUIEL I.<sup>18</sup>

### 3.16-27 *Um Atalaia para Israel*

**DEUS FALA ATRAVÉS DOS SEUS ATALAIAS.** JOÃO CALVINO: Agora o profeta revela mais claramente por que ele continuou em silêncio por sete dias. Foi porque ele tinha sido designado como mestre, mas ainda não tinha chegado o tempo certo para transmitir as ordens de Deus... Portanto, parece que Deus opera gradualmente em seus servos, para que ele os reivindique para si. Em geral, ele revela a eles, em seguida, as

<sup>16</sup> *Exposition*, 101.

<sup>17</sup> *Prophets*, 378.

<sup>18</sup> CTS 22:145 (CO 18:86-87).

tarefas e deveres que devem cumprir. Por fim, ele os envia para esse trabalho e para desempenho de seu ofício...

Aquilo que Ezequiel ouviu cabe a todos os mestres da igreja, isto é, àqueles que são divinamente designados e estabelecidos, como atalaias em torres de vigia, para velarem pela segurança comum de todos. Desde o início, tem sido apropriado que aqueles que são designados como ministros do ensino celestial sejam atalaias...

Aquilo que eu disse deve ser mantido: quando Deus escolheu os profetas, era como se eles fossem colocados em torres de vigia para velarem pela segurança de toda a igreja. Mesmo hoje, essa imagem deve ser poderosa, de maneira que os pastores reconheçam que foram ordenados para serem vigilantes. Esse é um ponto. Ora, ninguém tem capacidade para fazer isso, a menos que seja abençoado com dons excepcionais. No mínimo, eles devem ser mais fortes na graça do Espírito do que as pessoas comuns. Não é suficiente que os pastores vivam como qualquer outra pessoa. É bom para eles que sejam muito mais atentos, como se tivessem sido elevados a uma alta torre de vigia, a qual exige olhos penetrantes e habilidade perspicaz. Esse é o segundo ponto.

Agora se acrescenta: *da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte*. Ordena-se aqui uma regra geral para todos os profetas e pastores da igreja: eles devem ouvir a palavra da boca de Deus. Por esta regra, Deus quer excluir todas as pessoas que se autopromovem ou alegam ser importantes. Pois é evidente que, ao reivindicar o direito de falar por si mesmo, Deus ordena que todos fiquem em silêncio e nada proponham de si mesmos. EZEQUIEL I.<sup>19</sup>

**DOIS TIPOS DE ATALAIAS.** WILLIAM GREENHILL: Há dois tipos de atalaias que Deus estabelece em sua igreja. Aqueles que são extraordinários: profetas, apóstolos, evangelistas. E aqueles que são ordinários: pastores e mestres. Estes últimos continuam até hoje e velam pelo bem das almas (Hb 13.17). Seu ofício é, tal como o dos profetas, aprender de Cristo e advertir o povo. Os outros cessaram.<sup>20</sup>

**ATALAIAS.** JOHN MAYER: Que tipo de homem Deus fez de Ezequiel? Um atalaia, um bispo, como os que são chamados no Novo Testamento. Mas como deve ele se portar para cumprir o seu ofício? Deve apropriar-se das palavras da boca de Deus e assim falar ao povo, como Paulo fez, sem produzir algo de si próprio (1Ts 2.13; At 20). Mas os fariseus não fizeram isso, nem os papistas de hoje o fazem. Consequentemente, embora possuam o título de bispos, na verdade não o são por causa da sua ignorância, que os impede de ver, e pelas tradições de pessoas e de lendas que eles ensinam, em vez de ensinarem unicamente as palavras que procedem da boca de Deus. Nem ainda os pregadores ignorantes entre nós, ou aqueles que pregam a si mesmos, destilando sua raiva contra particularidades ou indo aos limites da eloquência humana, ou discursos filosóficos ou de rapsódias de muitas citações de escritos humanos, podem ter um melhor desempenho do que esses atalaias. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>21</sup>

**QUANDO CESSAREM AS PROFECIAS.** JOÃO CALVINO: Essa passagem (v. 25-26) é um preságio do juízo de Deus quando todas as profecias cessam e o benefício de seus ensinamentos é retirado, assim como Deus, iluminando-nos por sua palavra, nos concede uma garantia de sua graça e favor paternais. Assim também, quando o seu ensino é retirado, é como se Deus fosse realmente esconder o seu rosto, como se ele fosse virar as costas para nós...

Portanto, Deus se detém quando vê que está tratando com pessoas insensíveis e surdas. Isso não ocorre só após a primeira irritação. Na verdade, ele é capaz de lutar com a ingratidão humana. E, como vemos em Jeremias, ele nunca cessa de se levantar a cada manhã e de vigiar mesmo durante a noite. Ele próprio nunca cessa de chamar mesmo aqueles que são vagarosos e indolentes, mesmo aqueles que são completamente rebeldes. Mas, finalmente, se ele avalia que não terá sucesso após grande paciência,

<sup>19</sup> CTS 22:148-149 (CO 18:89-90)

<sup>20</sup> *Exposition*, 109

<sup>21</sup> *Prophets*, 379.

então ele retira a sua palavra, como dissemos. Consequentemente, a igreja se queixa amargamente de estar pobre de profetas, reconhecendo essa perda entre os sinais extremos da ira de Deus: “Não percebemos os sinais para nós, de modo que entre nós não aparecem profetas.”

Desse modo, eles entendem que estão separados de Deus e que não resta conforto para eles quando Deus não dá mais sequer uma prova de sua bondade através de profetas. Isso é o que os ímpios realmente almejam, porque nada é mais perturbador para eles do que ouvir Deus proclamar continuamente a sua palavra. Consequentemente, eles buscam ao máximo se esconder em suas tocas, julgando não haver nada melhor do que ficar em estupor, rodeados de seus pecados, e surdos a toda voz de correção. No entanto, nada lhes é mais mortal, porque Deus, ao nos encorajar ao arrependimento, apresenta-se como um médico, que cura as nossas enfermidades. Entretanto, quando ele se mantém em silêncio é como se ele estivesse nos abandonando à destruição. Foi por isso que eu disse que nada é mais mortal do que quando nenhuma voz de correção soa em nossos ouvidos. Em vez disso, somos docemente embalados, porque assim Satanás retira a nossa guarda. Seu último envenenamento é quando ele nos acalma com o seu encanto, pondo fim a toda correção que nos livraria de nosso falso senso de segurança. EZEQUIEL I.<sup>22</sup>

#### EZEQUIEL PRESO METAFORICAMENTE.

WILLIAM GREENHILL: Literalmente, assim: Vendo eles o profeta triste há sete dias e agora atônitos com aquilo que ele tinha visto e ouvido, mencionando ele visões estranhas e carros, pensaram que ele estava ou estaria fora de si, e então o prenderam... No sentido metafórico, interprete assim: Os judeus não suportam você nem sua profecia; eles são tão amargos, tão rebeldes, obstinados e contrários a você que não mais o tolerarão... Não que ele tivesse alguma corda material sobre si, mas estava preso neste sentido. Os pecados deles eram as almas do profeta.

... Eu entendo que as palavras não devem ser interpretadas em seu sentido literal porque o

profeta é instruído no próximo capítulo (Ez 4.9) a preparar comida e comê-la, o que ele não poderia fazer se sua língua estivesse apegada ao céu de sua boca... O Senhor tem poder sobre os lábios do profeta, para fechá-lo e abri-lo como quiser. Se Deus proíbe os profetas de falar, eles devem se calar. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>23</sup>

**UM MENSAGEIRO VERDADEIRO.** HANS DENCK: Um mensageiro verdadeiro de Cristo pode apresentar a melhor mensagem de seu Mestre, de modo que ela parece odiosa a toda carne enquanto esta estiver indisposta a aceitá-la de verdade. Aquele que a apresenta de tal forma que ela se torna agradável a porcos e cães é um administrador que não valoriza muito os tesouros do Mestre e não tem a mínima intenção de investir seu talento, contanto que ele se saia sem maiores prejuízos. Aquele que proclama corretamente a ira de Deus pode, também, proclamar sua graça com proveito (Ez 3.17; 33.1). Mas aquele que se cala sobre a primeira, ou a reduz, não pode pronunciar nem proclamar a segunda. A LEI DE DEUS.<sup>24</sup>

**SÓ DEUS JULGA E CONDENA.** JOÃO CALVINO: Em primeiro lugar, Deus afirma aquilo que vimos anteriormente. Nenhuma pessoa é autorizada a condenar ou absolver livremente de acordo com o seu próprio julgamento. Portanto, ao enviar os seus servos, Deus não é privado desse direito. Na verdade, a autoridade suprema permanece com ele, porque, como diz Tiago, há só um Legislador, que pode salvar e destruir...

Daqui, entendemos serem todos ímpios aqueles que prendem consciências às suas próprias leis, princípios e crenças – ordenando isto, proibindo aquilo – porque eles arrancam de Deus aquilo que ele aqui deseja que seja apenas seu. Proclamar julgamento é algo que pertence única e exclusivamente a Deus; os profetas são meros mensageiros.

Ao mesmo tempo, os fanáticos, que manipulam esta passagem devem ser rejeitados.

<sup>22</sup> CTS 22:167-168 (CO 18:102-103).

<sup>23</sup> *Exposition*, 123, 125.

<sup>24</sup> *Writings*, 233-34.

Eles desejam que se dê liberdade para pecar, bem como que não haja diferença entre bem e mal, porque “não nos compete julgar”. No entanto, falando de forma apropriada, não assumimos qualquer autoridade por nós mesmos quando repetimos aquilo que tem sido proclamado pela boca de Deus. Deus condena adúlteros, ladrões, bêbados, assassinos, aqueles que cobiçam, bisbilhoteiros e os gananciosos. Se alguém admoesta um adúltero, outro corrige um ladrão, um terceiro reprova um bêbado, devemos dizer que eles temerariamente assumiram mais autoridade do que é certo? De modo nenhum, porque eles não proclamam suas próprias palavras, como já dissemos, mas Deus as declarou. Eles são apenas testemunhas e mensageiros de seus julgamentos...

Aqui [*não o avisando tu, não falando para avisar o ímpio*] é referido o ofício que foi colocado sobre Ezequiel. Isso não se aplica a pessoas comuns sem o nome profético. Portanto, observamos que essa não é uma declaração geral visando todas as pessoas sem distinção, pelo contrário, ela diz respeito apenas a um profeta que já tinha sido chamado para ser um atalaia...

Como mencionei recentemente, esta passagem revela quão perigosa é a tarefa daqueles que são chamados para o ministério do ensino. Nada é mais precioso para Deus do que almas que ele criou à sua imagem e de quem ele é Redentor e Pai.

Portanto, uma vez que nossas almas e sua salvação são tão caras a Deus, entendemos quão diligentemente todos os profetas e pastores devem ser dedicados ao seu ofício exatamente como se Deus tivesse confiado almas ao seu cuidado, pedindo que dessem conta de cada uma

delas. E não é suficiente que eles apenas advir-tam esta ou aquela, senão que se esforcem com grande empenho para chamar cada uma da morte para a vida e salvação. Caso contrário, ouvimos o que Deus proclama aqui...

Assim, vemos que a negligência de profetas e pastores resulta de sua infidelidade, quando eles consciente e condescendentemente permitem que almas pereçam em razão de seu próprio silêncio. EZEQUIEL I.<sup>25</sup>

**ADMOESTANDO PECADORES.** JOHN MAYER: *Também quando o justo se desviar da sua justiça... Aqui é apresentada outra parte do ofício do ministro, a saber, admoestar o ímpio de modo a buscar a volta dos justos, no caso de eles caírem em pecado ou erro. Mas como se pode colocar tal caso, visto que os justos têm em si a semente de Deus e não podem pecar? Solução: Ou isso é dito daqueles que nunca tiveram algo mais, além de aparente justiça – sobre esses tais o Senhor diz: não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento. Ou seja, os verdadeiros justos, que estão sujeitos a cair em pecado, contudo, não a cair de forma a deleitarem-se em algum mal caminho por eles odiado anteriormente, andando agora nele. Pois todos devem ser admoestados por seus pecados, estando no caminho da morte se não houver mudança, e o ministro de Deus, vendo uma ou outra dessas pessoas justas desviada de sua justiça e no pecado, não pode fazer distinção entre elas e, por essa razão, deve admoestar a ambas. Na verdade, por esse meio, Deus se agrada em trazer de volta novamente seus servos eleitos para que eles cheguem à vida à qual ele os predestinou.* COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> CTS 22:152-157 (CO 18:91-95).

<sup>26</sup> *Prophets*, 379-80.

## 4.1-17 SIMBOLIZADO O CERCO DE JERUSALÉM

<sup>1</sup> Tu, pois, ó filho do homem, toma um tijolo, põe-no diante de ti e grava nele a cidade de Jerusalém. <sup>2</sup> Põe cerco contra ela, edifica contra ela fortificações, levanta contra ela tranqueiras e põe contra ela arraiais e arietes em redor. <sup>3</sup> Toma também uma assadeira de ferro e põe-na por muro de ferro entre ti e a cidade; dirige para ela o rosto, e assim será cercada, e a cercarás; isto servirá de sinal para a casa de Israel.

<sup>4</sup> Deita-te também sobre o teu lado esquerdo e põe a iniquidade da casa de Israel sobre ele; conforme o número dos dias que te deitares sobre ele, levarás sobre ti a iniquidade dela. <sup>5</sup> Porque eu te dei os anos da sua iniquidade, segundo o número dos dias, trezentos e noventa dias; e levarás sobre ti a iniquidade da casa de Israel. <sup>6</sup> Quando tiveres cumprido estes dias, deitar-te-ás sobre o teu lado direito e levarás sobre ti a iniquidade da casa de Judá. <sup>7</sup> Quarenta dias te dei, cada dia por um ano. Voltarás, pois, o rosto para o cerco de Jerusalém, com o teu braço descoberto, e profetizarás contra ela. <sup>8</sup> Eis que te prenderei com cordas; assim não te voltarás de um lado para o outro, até que cumpras os dias do teu cerco.

<sup>9</sup> Toma trigo e cevada, favas e lentilhas, mete-os numa vasilha e faze deles pão; segundo o número dos dias que te deitares sobre o teu lado, trezentos e noventa dias, comerás dele. <sup>10</sup> A tua comida será por peso, vinte siclos por dia; de tempo em tempo, a comerás. <sup>11</sup> Também beberás a água por medida, a sexta parte de um him; de tempo em tempo, a beberás. <sup>12</sup> O que comeres será como bolos de cevada; cozê-lo-ás sobre esterco de homem, à vista do povo. <sup>13</sup> Disse o SENHOR: Assim comerão os filhos de Israel o seu pão imundo, entre as nações para onde os lançarei. <sup>14</sup> Então, disse eu: ah! SENHOR Deus! Eis que a minha alma não foi contaminada, pois, desde a minha mocidade até agora, nunca comi animal morto de si mesmo nem dilacerado por feras, nem carne abominável entrou na minha boca. <sup>15</sup> Então, ele me disse: Dei-te esterco de vacas, em lugar de esterco humano; sobre ele prepararás o teu pão. <sup>16</sup> Disse-me ainda: Filho do homem, eis que eu tirarei o sustento de pão em Jerusalém; comerão o pão por peso e, com ansiedade, beberão a água por medida e com espanto: <sup>17</sup> porque lhes faltará o pão e a água, espantar-se-ão uns com os outros e se consumirão nas suas iniquidades.

**PANORAMA:** É dito a Ezequiel que tome um tijolo e o coloque diante de si. O uso de um tijolo, ou telha, material para comunicar fatos divinos, convida nossos comentaristas a uma comparação com os sacramentos. Assim como Deus usa coisas comuns como pão e vinho na Ceia do Senhor e água no batismo, aqui ele usa um tijolo, ou telha, no qual uma cidade e um exército são retratados contra a casa de Israel. O que torna sacramentais os sacramentos do Novo Testamento e o que faz esse tijolo, ou telha, significativo é que a Palavra de Deus foi acrescentada a eles.

É dito a Ezequiel que fique deitado sobre o seu lado. Nossos comentaristas não entendem que o texto pretenda dizer que Ezequiel ficou literalmente de lado por 390 dias. Ele faz isso numa visão. Deus indica aqui que o saque de Jerusalém é inviolável.

**O USO SACRAMENTAL QUE DEUS FAZ DO MATERIAL.** WILLIAM GREENHILL: A ordem e a autoridade de Deus fazem com que objetos e atos desprezíveis e ridículos aos olhos do mundo sejam importantes e de grande utilidade. Parece infantil à razão carnal que o profeta deva tomar

um tijolo, gravar nele a cidade, edificar fortificações, tranqueiras, máquinas bélicas para demolí-la, de fato, tomar “uma assadeira de ferro” e colocá-la entre si mesmo e a cidade. As pessoas do mundo tendem a olhar isso como algo ridículo, muito semelhante a práticas de meninos na neve, que constroem fortalezas, tranqueiras, etc., por brincadeira. Mas não se engane. Aquilo que o Deus infinitamente sábio ordena é de grande importância, por mais desprezível que pareça o objeto ou o ato relativo a essas coisas. Se você olha para o objeto em si, a adoração exigida pela lei parece estranha. O fato de eles deverem matar tantos animais e queimá-los até às cinzas; de o tabernáculo e as coisas a ele pertencentes deverem ser aspergidos com sangue; de eles deverem evitar determinadas carnes, de serem impuros se tocarem em determinadas coisas; de serem circuncidados, comem um cordeiro pascal, etc. Quero dizer, se olharmos para essas coisas externamente, parecem irracionais, mas, se observarmos Deus ordenando-as, elas tiveram uma excelência e foram de grande utilidade para eles, e instrumentos de muito bem. Agora, pão, vinho, água no batismo e a Ceia do Senhor parecem coisas desprezíveis, e elas são tais visto que, para o mundo, são comuns. Mas a ordem de Cristo para que fossem usadas faz a diferença que lhes dá dignidade e importância, de modo que são de grande eficácia para aqueles que delas participam corretamente. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

#### A PALAVRA DE DEUS E OS SACRAMENTOS.

JOHN MAYER: Aqui, o Senhor ordena que Ezequiel; por meio de sinais, prenuncie o cerco e a destruição de Jerusalém. Ele deve retratar uma cidade em uma telha e um exército fazendo o cerco. Lyra diz que a telha utilizada deveria ser ainda não queimada e, assim, própria para se gravar nela alguma coisa, e isso seria feito para tornar mais claro aquilo que estava por vir sobre os judeus em razão de seus pecados, como era outrora o modo de Deus ensinar. Mas tudo isso, diz Calvino, pode parecer infantil e ridículo, tendo grande importância unicamente por ser efetuado de acordo com a Palavra de Deus. Por meio disso mostrou-se que Jerusalém certamente

deveria ser assim tratada pelos caldeus. E isto é o que torna os sacramentos instituídos por Deus dignos de reverência, porque são efetuados de acordo com a sua Palavra, embora não haja nada neles senão material desprezível – com referência aos fins para os quais eles foram ordenados. Nada havendo no primeiro, senão água, e, no segundo, pão e vinho. Vindo, porém, a palavra de Deus, eles são muito excelentes e meios celestiais de santificação e salvação, embora tudo isso não apareça externamente aos olhos do observador. Aquele que ordenou o batismo purifica a alma invisivelmente de toda impureza do pecado. E, ao recebermos esse pão e esse vinho, ele fortalece e revigora nossa alma para a vida eterna. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

#### EZEQUIEL SOBRE O SEU LADO. JOÃO

CALVINO: Mas sabemos que este é o modo usual da Escritura, pois Deus julga os pecados até a terceira e quarta geração. Assim, quando Deus quis que as dez tribos fossem levadas para o exílio, ele as castigou por seus atos maus durante 390 anos...

Passamos para as palavras: *deita-te*, diz ele, *sobre o teu lado esquerdo*. Deve-se notar que isso realmente não aconteceu, porque Ezequiel não se deitou sobre o seu lado por 390 dias. Isso só aconteceu realmente na visão, de modo que, mais tarde, ele pôde contar às pessoas aquilo que Deus tinha revelado. Quanto à opinião de alguns comentaristas que pensam que o lado esquerdo significa as dez tribos, porque Samaria ficava localizada à esquerda, não vejo como isso é aplicável.

Não duvido que Deus tenha preferido a tribo de Judá ao reino de Israel... Portanto, o lado direito significa a honra que Deus sempre quis dar ao reino de Judá. Portanto, as dez tribos são marcadas como o lado esquerdo, porque, como eu disse, elas não gozavam da mesma glória que o reino de Judá, embora fossem mais populosas, mais corajosas e fossem, ainda, superiores em todas as boas coisas.

Deve-se notar que a carga de levar seus pecados foi colocada sobre o profeta. Não porque

<sup>1</sup> *Exposition*, 128.

<sup>2</sup> *Prophets*, 381.



Deus tenha transferido os pecados do povo para ele, como alguns inventam por meio de alegoria, dizendo que o profeta era um tipo de Cristo, que carregou voluntariamente os pecados do povo sobre si. Mas não temos aqui o retrato de uma expiação. Em vez disso, sabemos que Deus usou seus servos para muitos propósitos diferentes...

Então ele acrescenta: *eis que te prenderei com cordas; assim não te voltarás de um lado para o outro, até que cumpras os dias do teu cerco*. Deus indica que seu decreto a respeito do saque de Jerusalém é absoluto. Ao manter seu servo preso com tanta segurança, ele mostrou que seu decreto era firme, embora os judeus pensassem que podiam se livrar por meio de algum artifício. Sabemos que eles sempre se deixavam enganar com lisonjas, sempre que se viam ameaçados pelos profetas, de modo que Deus mostra que o cerco da cidade era certo até que ela fosse saqueada, porque o profeta foi amarrado com cordas, e não se moveria nem se voltaria de um lado para o outro. EZEQUIEL I.<sup>3</sup>

#### EZEQUIEL SE DEITA SOBRE O SEU LADO.

WILLIAM GREENHILL: Será que o nosso profeta, no sentido literal, deitou-se por tantos dias sobre o seu lado ou isso foi apenas na visão? Alguns entendem que isso foi real e dizem: Ezequiel se deitou sobre o seu lado todos os dias ali mencionados. Embora não dormisse todo o tempo, no entanto, ele permaneceu nessa postura. Isso ocorreu mediante a ajuda especial de Deus, visto que a natureza não podia por si efetuar-lo... Essa opinião é defendida por muitos autores notáveis. Entretanto, devo me juntar àqueles que defendem um deitar visionário do profeta sobre o seu lado.

O profeta se deitou do seu lado esquerdo. Por essa postura do profeta nos é tipificada a deferência diferente de Deus para com as casas de Israel e de Judá. As dez tribos eram menos caras a Deus do que a outra. Elas tinham pecados graves, e Deus lhes mostraria menos misericórdia, tratando com elas como aquelas do seu lado esquerdo. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**SÓ DEUS NOS ALIMENTA.** JOÃO CALVINO: Deus focaliza novamente os cidadãos de Jeru-

salém e anuncia que eles serão tão destruídos pela fome que serão reduzidos à última esperança e quase consumidos pela escassez... Mencionei formas diferentes de punição porque, mesmo que o pão fosse suficiente, Deus, muitas vezes, tira o seu sustento, como ele o chama... Vemos, pois, que Deus tira o sustento de pão, quando um suprimento suficientemente abundante existe, mas aqueles que comem não ficam satisfeitos.

Para que isso fique mais claro, precisamos assumir o princípio de que “não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”. Pois aqui Deus mostra que não somos alimentados em virtude do pão propriamente dito. Como pode o pão dar vida quando ele é destituído de vontade e poder? Vemos, então, que não há poder algum no pão para alimentar, exceto pela graça oculta de Deus.

O assunto aqui não é a palavra da doutrina nem a vida espiritual. Moisés compreende que somos sustentados não por pão e vinho e outro alimento, ou por algum tipo de bebida. Em vez disso, por seu poder oculto, Deus concede força ao pão para a nossa nutrição, e não por algum poder particular ou intrínseco. Isso ele possui de outra fonte, ou seja, do favor e ordenamento de Deus... Portanto, Deus tira o sustento do pão quando ele faz as pessoas ficarem famintas, mesmo quando elas possuem abundância de pão. Independente do quanto se fartem, elas não ficam satisfeitas, porque o alimento pesa em vez de revigorá-las. Essa é a primeira punição com a qual Deus ameaça os judeus.

Acrescenta-se outra, ou seja: *porque lhe faltará o pão*. Vemos, então, que há um modo bipartido pelo qual Deus nos pune através da fome. Pois embora o pão seja suficiente, ele ainda retira e destrói o seu sustento, de modo que ele não pode nos colocar de pé nem trazer de volta nosso vigor perdido. Extensivamente, ele retira o nosso pão, porque ou ele fere os nossos frutos com ferrugem ou granizo, ou nos faz sofrer com outras desgraças. EZEQUIEL I.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> CTS 22:179-181 (CO 18:110-112).

<sup>4</sup> *Exposition*, 129.

<sup>5</sup> CTS 22:187-98 (CO 18:117-117).

## 5.1-17 JERUSALÉM SERÁ DESTRUÍDA

<sup>1</sup> Tu, ó filho do homem, toma uma espada afiada; como navalha de barbeiro a tomarás e a farás passar pela tua cabeça e pela tua barba; tomarás uma balança de peso e repartirás os cabelos. <sup>2</sup> Uma terça parte queimarás, no meio da cidade, quando se cumprirem os dias do cerco; tomarás outra terça parte e a ferirás com uma espada ao redor da cidade; e a outra terça parte espalharás ao vento; desembainharei a espada atrás deles. <sup>3</sup> Desta terça parte tomarás uns poucos e os atarás nas abas da tua veste. <sup>4</sup> Destes ainda tomarás alguns, e os lançarás no meio do fogo, e os queimarás; dali sairá um fogo contra toda a casa de Israel.

<sup>5</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Esta é Jerusalém; pu-la no meio das nações e terras que estão ao redor dela. <sup>6</sup> Ela, porém, se rebelou contra os meus juízos, praticando o mal mais do que as nações e transgredindo os meus estatutos mais do que as terras que estão ao redor dela; porque rejeitaram os meus juízos e não andaram nos meus estatutos. <sup>7</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Porque sois mais rebeldes do que as nações que estão ao vosso redor e não tendes andado nos meus estatutos, nem cumprido os meus juízos, nem procedido segundo os direitos das nações ao redor de vós, <sup>8</sup> por isso, assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu, eu mesmo, estou contra ti; e executarei juízos no meio de ti, à vista das nações. <sup>9</sup> Farei contigo o que nunca fiz e o que jamais farei, por causa de todas as tuas abominações. <sup>10</sup> Portanto, os pais devorarão a seus filhos no meio de ti, e os filhos devorarão a seus pais; executarei em ti juízos e tudo o que restar de ti espalharei a todos os ventos. <sup>11</sup> Portanto, tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, pois que profanaste o meu santuário com todas as tuas coisas detestáveis e com todas as tuas abominações, eu retirarei, sem piedade, os olhos de ti e não te pouparei. <sup>12</sup> Uma terça parte de ti morrerá de peste e será consumida de fome no meio de ti; outra terça parte cairá à espada em redor de ti; e a outra terça parte espalharei a todos os ventos e desembainharei a espada atrás dela.

<sup>13</sup> Assim, se cumprirá a minha ira, e satisfarei neles o meu furor e me consolarei; saberão que eu, o SENHOR, falei no meu zelo, quando cumprir neles o meu furor. <sup>14</sup> Pôr-te-ei em desolação e por objeto de opróbrio entre as nações que estão ao redor de ti, à vista de todos os que passarem. <sup>15</sup> Assim, serás objeto de opróbrio e ludíbrio, de escarmento e espanto às nações que estão ao redor de ti, quando eu executar em ti juízos com ira e indignação, em furiosos castigos. Eu, o SENHOR, falei. <sup>16</sup> Quando eu despedir as malignas flechas da fome contra eles, flechas destruidoras, que eu enviarei para vos destruir, então, aumentarei a fome sobre vós e vos tirarei o sustento de pão. <sup>17</sup> Enviarei sobre vós a fome e bestas-feras que te desfilharão; a peste e o sangue passarão por ti, e trarei a espada sobre ti. Eu, o SENHOR, falei.

**PANORAMA:** Deus concedera inúmeras bênçãos a Jerusalém. Essas bênçãos, que se destinavam à salvação deles e à glória de Deus, foram desviadas para propósitos sacrílegos. Por essa razão, Deus agora declara que ele está contra Jerusalém. Através do seu pecado, eles corromperam todas as coisas boas que Deus lhes concedera. Nossos comentaristas concordam que Jerusalém é culpada de sua queda no pecado e seu desprezo a Deus.

**“ESTA É JERUSALÉM” SEMELHANTE A “ISTO É O MEU CORPO”.** CATECISMO RACOVIANO: Explique-me, então, o sentido verdadeiro e genuíno destas palavras: “Isto é o meu corpo.”

Você entenderá isso facilmente, se apenas tiver em mente que, nos escritos sagrados e, na verdade, na prática comum, figuras, imagens e sinais comemorativos são chamados pelos nomes das coisas que eles representam, como figuras, imagens e memoriais. Pelo que, quando

Cristo planejou que, nesse rito, sua morte sangrenta fosse por nós declarada sob um tipo de sombra ou representação, ele disse que este pão que é partido é seu corpo, oferecido por nós. Ou seja, é um sinal comemorativo, um tipo de símbolo do seu corpo que logo seria partido por nós, isto é, seria dilacerado, trespassado, ferido e torturado. E também, por semelhante modo, que o cálice, ou o vinho nele contido, era, pela mesma razão, seu sangue, que logo seria derramado por nós. Pois o vinho está no cálice não de outra maneira, assim como não é vertido de sua veia, nem ao menos tirado de suas uvas. É por meio de figura ou símbolo apenas que é dito em Ezequiel (Ez 5.1-5) acerca do cabelo, do qual uma parte era para ser cortada, uma parte para ser queimada, outra parte para ser espalhada e uma parte para ser preservada, para ser mais tarde consumida: “ESTA É JERUSALÉM.” Ou seja, isto é um símbolo de Jerusalém, ou uma sombra daquilo que ela se tornará. Quanto ao que é declarado no relato de Lucas e Paulo – que este é o cálice da nova aliança no sangue de Cristo – isso deve ser entendido como se eles tivessem dito: Este é um memorial seguro, ou sinal comemorativo, da Nova Aliança confirmada pelo sangue de Cristo. CATECISMO RACOVIANO.<sup>1</sup>

**POR QUE DEUS PUNE JERUSALÉM.** JOÃO CALVINO: Agora Deus mostra a razão pela qual ele decidiu agir de maneira tão rigorosa e severa para com a cidade santa que ele tinha escolhido como a residência real. Não obstante ele ter ornado essa cidade com muitos benefícios, a repulsiva e perversa ingratidão dela foi bem maior...

Aprendamos com esta passagem que, a menos que usemos as bênçãos de Deus com pureza, a acusação de ingratidão sempre será contra nós. Tudo o que Deus nos concede ele santifica para a nossa salvação e também para a glória do seu nome. Assim, estamos cheios de pecado sempre que corrompemos aquelas coisas que foram destinadas para a sua glória. Estamos totalmente corrompidos sempre que distorcemos aquilo que Deus nos concedeu para a nossa salvação, transformando-o em nossa própria ruína... Portanto, quando Deus nos confia o tesouro do ensino celestial, devemos cui-

dar, diligentemente, para não nos desviarmos para a impiedade, porque não há desculpa para o erro, uma vez que nos foi ensinada aquilo que é certo, especialmente da boca do próprio Deus...

[Ele] diz que eles não tinham caído por ignorância, mas por orgulho e desobediência. Quando a vontade de Deus nos é ensinada, não há espaço para ignorância. Portanto, não pecamos levemente, pelo contrário, nossa mente é inevitavelmente infectada com orgulho e desprezo por Deus. EZEQUIEL I.<sup>2</sup>

**DEUS CONTRA JERUSALÉM.** JOHN MAYER: Eis que eu, eu mesmo, estou contra ti (Ez 5.8). Ou seja, não são pessoas que vêm por conta própria procurando destruí-los, pois, nesse caso, vocês podiam esperar escapar delas. Mas eu virei com eles contra vocês, e eles serão apenas os meus instrumentos para executar juízo sobre vocês. É óbvio que ele não quis dizer por meio disso que iria destruí-los imediatamente por seus juízos do céu, porque ele o fez pelos caldeus, de modo que estão muito equivocados aqueles que expõem isso como seu julgamento imediato sobre eles, como alguns têm feito. E esses seus juízos, diz ele, serão tão notáveis como nunca houve antes, nem jamais se fará. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>3</sup>

**O PECADO CORROMPE COISAS SANTAS.** WILLIAM GREENHILL: “Profanaste o meu santuário” (Ez 5.11). O pecado profana as coisas santas de Deus. Eles profanaram não só a si mesmos, mas também o santuário e a adoração de Deus nele. A terra de Canaã era santa e o pecado a profanou (Jr 16.18); o templo era santo e o pecado o contaminou (Ez 23.38); o altar era santo e o pecado o profanou (Ml 1.7); o sacerdócio e o pacto eram santos e o pecado os contaminou (Ne 13.29); O nome de Deus é santo e o pecado o profana (Ez 20.39). UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> RC 272-73.

<sup>2</sup> CTS 22:195-197 (CO 18:121-123).

<sup>3</sup> *Prophets*, 381.

<sup>4</sup> *Exposition*, 149.

## 6.1-14 UMA PROFECIA CONTRA OS MONTES DE ISRAEL

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, vira o rosto para os montes de Israel e profetiza contra eles, dizendo: <sup>3</sup> Montes de Israel, ouvi a palavra do SENHOR Deus: Assim diz o SENHOR Deus aos montes, aos outeiros, aos ribeiros e aos vales: Eis que eu, eu mesmo, trarei a espada sobre vós e destruirei os vossos altos. <sup>4</sup> Ficarão desolados os vossos altares, e quebrados, os vossos altares de incenso; arrojarei os vossos mortos à espada, diante dos vossos ídolos. <sup>5</sup> Porei os cadáveres dos filhos de Israel diante dos seus ídolos e espalharei os vossos ossos ao redor dos vossos altares. <sup>6</sup> Em todos os vossos lugares habitáveis, as cidades serão destruídas, e os altos ficarão desolados, para que os vossos altares sejam destruídos e arruinados, e os vossos ídolos, quebrados e extintos, e os vossos altares do incenso sejam eliminados, e desfeitas as vossas obras. <sup>7</sup> Os mortos à espada cairão no meio de vós, para que saibais que eu sou o SENHOR.

<sup>8</sup> Mas deixarei um resto, porquanto alguns de vós escapareis da espada entre as nações, quando fordes espalhados pelas terras. <sup>9</sup> Então, se lembrarão de mim os que dentre vós escaparem entre as nações para onde foram levados em cativeiro; pois me quebrantei por causa do seu coração dissoluto, que se desviou de mim, e por causa dos seus olhos, que se prostituíram após os seus ídolos. Eles terão nojo de si mesmos, por causa dos males que fizeram em todas as suas abominações. <sup>10</sup> Saberão que eu sou o SENHOR e não disse de balde que lhes faria este mal. <sup>11</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Bate as palmas, bate com o pé e dize: Ah! Por todas as terríveis abominações da casa de Israel! Pois cairão à espada, e de fome, e de peste. <sup>12</sup> O que estiver longe morrerá de peste; o que estiver perto cairá à espada; e o que ficar de resto e cercado morrerá de fome. Assim, neles cumprirei o meu furor. <sup>13</sup> Então, sabereis que eu sou o SENHOR, quando os seus mortos à espada jazerem no meio dos seus ídolos, em redor dos seus altares, em todo outeiro alto, em todos os cimos dos montes e debaixo de toda árvore frondosa, debaixo de todo carvalho espesso, lugares onde ofereciam suave perfume a todos os seus ídolos. <sup>14</sup> Estenderei a mão sobre eles e farei a terra tornar-se desolada, desolada desde o deserto até Ribla, em todas as suas habitações; e saberão que eu sou o SENHOR.

**PANORAMA:** Ezequiel dirige sua profecia contra os montes de Israel. Deus mostra aqui que os israelitas são surdos e indignos do ensino de Ezequiel. Aquilo que é inanimado tem mais entendimento que os israelitas insensíveis. A vingança de Deus é dirigida contra os ídolos e os altares de incenso do povo. Apesar do seu juízo, Deus preservaria um remanescente. Esse remanescente é salvo em razão da fidelidade e da misericórdia de Deus, não porque essas pessoas eram melhores do que as demais.

**A PROFECIA.** WILLIAM GREENHILL: A profecia em si tem três partes. (1) Uma ameaça de desolação para a terra da Judeia, para os ídolos,

os altares e o povo da terra (Ez 6.3-7). (2) Uma promessa de misericórdia para eles em sua condição de dispersão (Ez 6.8-10). Alguns haverão de escapar ao juízo, arrepender-se de seus maus caminhos e conhecer o Senhor. (3) Uma prefiguração da aflição que eles haverão de experimentar por conta dos juízos que lhes sobrevirão, os quais são repetidos (Ez 6.11-14).

Junius comenta que essa profecia teria ocorrido no dia de sábado, no vigésimo primeiro dia do quinto mês, no sexto ano de seu cativeiro. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Exposition*, 154.

**PROFECIA PARA OS MONTES. JOÃO CALVINO:**

Ezequiel não é instruído a instar com os israelitas para que se arrependam, nem a ameaçá-los com a punição que ainda restava, mas recebe ordens para dirigir sua proclamação *aos montes, aos outeiros e aos vales*. Deus mostra, assim, indistintamente, em primeiro lugar, que os israelitas eram surdos e também indignos dos transtornos pelos quais Ezequiel passaria para ensiná-los... Portanto, Deus exige que os montes ouçam, para mostrar às pessoas que um objeto inanimado pode receber entendimento, fazendo com que eles examinassem sua própria tolice. EZEQUIEL I.<sup>2</sup>

**PROFECIA AOS MONTES DE ISRAEL. JOHN**

MAYER: Pelo fato de aqui se mencionar Israel, Calvino entende que esta profecia deva ser compreendida como sendo contra as dez tribos, levadas muito antes pelos assírios. E, embora isso pareça não combinar, visto que uma profecia não trata de coisas passadas, mas de coisas futuras, ele diz que ela pode ser interpretada como doutrinária, ou entendida como sendo contra aqueles das dez tribos que ainda permaneciam na terra e incorriam nos mesmos pecados. Mas tudo isso é mera imaginação, pois Judá é, antes, chamada por esse profeta comumente de Israel (Ez 2; 3), como sendo um nome geral de todas as tribos, porque muitos das outras tribos misturaram-se a Judá. E é dito claramente que ele recebe ordem para profetizar contra os montes de Israel, de modo que isso deve ser compreendido como referindo-se a coisas futuras. Por último, é dito que todo o Israel foi levado para o cativeiro por Salmaneser (2Rs 17), e não que alguns foram deixados, como mais tarde é dito de Judá, cujos pobres da terra foram deixados para lavar a terra. Deixando isso, então, Lyra diz que Ezequiel, tendo falado contra Jerusalém nos dois capítulos anteriores, passa, agora, a profetizar contra outras partes do reino de Judá. Ele dirige sua profecia não ao povo, mas aos montes, outeiros, vales e rios, para intimar ainda mais a tolice e a indignidade dos judeus, que foram preteridos para isso, como mais lerdos para ouvir do que a própria terra que não tem ouvidos. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>3</sup>

**ATRIBUIÇÃO E PROFECIA. MATTHEW**

MEADE: Nada é mais frequente na Escritura do que atribuir sentido a coisas sem sentido. “Inclinaí os ouvidos, ó céus, e falarei; e ouça a terra as palavras da minha boca” (Dt 32.1). “Ouvi, montes... e vós, duráveis fundamentos da terra” (Mq 6.1-2). “Assim diz o SENHOR Deus aos montes, aos outeiros, aos ribeiros e aos vales” (Ez 6.3). Essa maneira de Deus falar à criação inanimada e de chamá-la a ouvir é muito enfática. (1) Isso é para demonstrar a grande importância e relevância daquilo que se falou e que a preocupação geral deve ser ouvida e atendida. (2) Essa forma de atribuir sentido a criaturas mudas é muito comum na Escritura, convencendo, assim, as pessoas de sua tolice e insensibilidade e de que rebanhos e pedras, outeiros e montes, logo ouviriam como elas. (3) Esse modo de falar ou clamar a criaturas mudas e seres inanimados tem a finalidade de mostrar a maneira tão absoluta com que elas são influenciadas por Deus. A VISÃO DAS RODAS.<sup>4</sup>

**A CORRUPÇÃO DA ADORAÇÃO. JOÃO CALVINO:**

Em outras palavras, o profeta indica que Deus punirá as dez tribos por sua superstição em toda parte. Conforme foi mostrado, está claro que nenhum canto estava livre de corrupção. Ao dizer todos os lugares habitáveis, ele quer dizer que cada lugar próprio para se viver estava profanado....

Finalmente, acrescenta, *sejam... desfeitas as vossas obras*. Aqui, ele usa, de forma significativa, uma palavra geral para indicar a diferença entre a adoração pura de Deus e todas as deturpações. Não é necessária uma longa discussão se desejamos conhecer como se deve adorar a Deus. Ele rejeita e exclui a nossas obras. Portanto, se não impusermos nossas obras à adoração, mas apenas seguirmos aquilo que Deus exige, nossa adoração será pura. Mas se acrescentarmos alguma coisa de nós mesmos, ela será detestável.

Vemos, então, que instruções úteis podem ser obtidas de uma única palavra: toda adoração

<sup>2</sup> CTS 22:219-220 (CO 18:137-138).

<sup>3</sup> *Prophets*, 386.

<sup>4</sup> *Vision of the Wheels*, 43.

é imprópria e rejeitada por Deus quando as pessoas apresentam algo de si mesmas. Por obras, Ezequiel não indica aqui apenas ídolos feitos de madeira, pedra, bronze, ouro ou prata, mas inclui também tudo o que as pessoas elaboram e tudo o que pode ser a elas creditado. Isso porque elas não atenderam à boca de Deus e aos mandamentos da lei. EZEQUIEL I.<sup>5</sup>

**A MISERICÓRDIA DE DEUS.** WILLIAM GREENHILL: A ira de Deus nunca é tão intensa contra o seu povo, mas ele mostrará misericórdia para com alguns. Deus trará um juízo impetuoso, deixará os montes, outeiros, rios, vales, cidades, lugares altos, altares, ídolos, imagens, assolados e desolados; no entanto, ele ainda possuirá um remanescente, preservará alguns, quando forem habitar no meio de seus inimigos, entre os babilônios e as outras nações.

... Era grande ira ser expulso de seu país, ir para o desterro, o que os advogados chamam de morte civil, porque nele as pessoas eram separadas de seus amigos, liberdades e confortos que lhes traziam doçura à vida. Mas ter a espada em seus calcanhares aumentava o peso de ira e ameaçava a vida de todos eles. Contudo, apesar dessa condição, Deus excluiu alguns da espada em seu desterro. Diante dessa profecia severa, eles podiam pensar: O que será da igreja? Pereremos todos e falhará a fidelidade de Deus? Não, Deus vai cuidar disso, ele vai salvar um remanescente. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**PRESERVADO UM REMANESCENTE.** JOÃO CALVINO: Se buscarmos a diferença entre os pou-

cos que se deixaram escapar e os muitos que pereceram, nenhuma outra será encontrada, senão que Deus se agradou em preservar uma semente. Todos mereciam morrer. Ele destruiu quase todo o povo; contudo, quis que um pequeno número permanecesse seguro.

Portanto, vemos que a segurança dessas pessoas, de quem agora o profeta fala, procede da pura misericórdia de Deus. Além disso, aquilo que eu tenho dito precisa ser lembrado: ninguém se arrependeu, senão aqueles a quem isso foi concedido...

Segue *que ele se quebrou*, ou se esgotou, *por causa do seu coração dissoluto*. Pode haver um duplo sentido nas palavras. O primeiro é que Deus fora finalmente vencido pela impiedade deles, depois de perceber que nada efetuara suportando-os com paciência. Sempre que ele vê que sua graça se tornou alvo de riso, ele se ira ainda mais, e com razão...

Portanto, concluímos que aqueles que se arrependem seriamente não reconhecem superficialmente sua falta, mas refletem de que maneira, por quanto tempo e quão teimosamente provocaram a ira de Deus...

Aqueles que profanam a adoração de Deus com suas invenções pensam estar apresentando uma obediência aceitável. Uma vez que os cegos e incrédulos assim se agradam com suas perversões, a Escritura os compara a adúlteros... Como tem sido dito com frequência, os profetas mencionam um casamento sagrado e espiritual, no qual Deus se vinculou à sua Igreja, pois a fidelidade das almas é a adoração pura de Deus. EZEQUIEL I.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> CTS 22:224-226 (CO 18:141-143).

<sup>6</sup> *Exposition*, 157.

<sup>7</sup> CTS 22:228-231 (CO 18:144-146).

## 7.1-27 VEM O FIM

<sup>1</sup> Veio ainda a palavra do SENHOR a mim, dizendo: <sup>2</sup> Ó tu, filho do homem, assim diz o SENHOR Deus acerca da terra de Israel: Haverá fim! O fim vem sobre os quatro cantos da terra. <sup>3</sup> Agora, vem o fim sobre ti; enviarei sobre ti a minha ira, e te julgarei segundo os teus caminhos, e farei cair sobre ti todas as tuas abominações. <sup>4</sup> Os meus olhos não te pouparão, nem terei piedade, mas porei sobre ti os teus caminhos, e as tuas abominações estarão no meio de ti. Sabereis que eu sou o SENHOR.

<sup>5</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Mal após mal, eis que vêm. <sup>6</sup> Haverá fim, vem o fim, despertou-se contra ti; <sup>7</sup> vem a tua sentença, ó habitante da terra. Vem o tempo; é chegado o dia da turbacão, e não da alegria, sobre os montes. <sup>8</sup> Agora, em breve, derramarei o meu furor sobre ti, cumprirei a minha ira contra ti, julgar-te-ei segundo os teus caminhos e porei sobre ti todas as tuas abominações. <sup>9</sup> Os meus olhos não te pouparão, nem terei piedade; segundo os teus caminhos, assim te castigarei, e as tuas abominações estarão no meio de ti. Sabereis que eu, o SENHOR, é que firo.

<sup>10</sup> Eis o dia, eis que vem; brotou a tua sentença, já floresceu a vara, reverdeceu a soberba. <sup>11</sup> Levantou-se a violência para servir de vara perversa; nada restará deles, nem da sua riqueza, nem dos seus rumores, nem da sua glória. <sup>12</sup> Vem o tempo, é chegado o dia; o que compra não se alegre, e o que vende não se entristeça; porque a ira ardente está sobre toda a multidão deles. <sup>13</sup> Porque o que vende não tornará a possuir aquilo que vendeu, por mais que viva; porque a profecia contra a multidão não voltará atrás; ninguém fortalece a sua vida com a sua própria iniquidade.

<sup>14</sup> Tocaram a trombeta e prepararam tudo, mas não há quem vá à peleja, porque toda a minha ira ardente está sobre toda a multidão deles. <sup>15</sup> Fora está a espada; dentro, a peste e a fome; o que está no campo morre à espada, e o que está na cidade, a fome e a peste o consomem. <sup>16</sup> Se alguns deles, fugindo, escaparem, estarão pelos montes, como pombas dos vales, todos gemendo, cada um por causa da sua iniquidade. <sup>17</sup> Todas as mãos se tornarão débeis, e todos os joelhos, em água. <sup>18</sup> Cingir-se-ão de pano de saco, e o horror os cobrirá; em todo rosto haverá vergonha, e calva, em toda a cabeça. <sup>19</sup> A sua prata lançarão pelas ruas, e o seu ouro lhes será como sujeira; nem a sua prata, nem o seu ouro os poderá livrar no dia da indignação do SENHOR; eles não saciarão a sua fome, nem lhes encherão o estômago, porque isto lhes foi o tropeço para cair em iniquidade. <sup>20</sup> De tais preciosas joias fizeram seu objeto de soberba e fabricaram suas abomináveis imagens e seus ídolos detestáveis; <sup>21</sup> portanto, eu fiz que isso lhes fosse por sujeira e o entregarei nas mãos dos estrangeiros, por presa, e aos perversos da terra, por despojo; eles o profanarão. <sup>22</sup> Desviarei deles o rosto, e profanarão o meu recesso; nele, entrarão profanadores e o saquearão.

<sup>23</sup> Faze cadeia, porque a terra está cheia de crimes de sangue, e a cidade, cheia de violência. <sup>24</sup> Farei vir os piores de entre as nações, que possuirão as suas casas; farei cessar a arrogância dos valentes, e os seus lugares santos serão profanados. <sup>25</sup> Vem a destruição; eles buscarão paz, mas não há nenhuma. <sup>26</sup> Virá miséria sobre miséria, e se levantará rumor sobre rumor; buscarão visões de profetas; mas do sacerdote perecerá a lei, e dos anciãos, o conselho. <sup>27</sup> O rei se lamentará, e o príncipe se vestirá de horror, e as mãos do povo da terra tremerão de medo; segundo o seu caminho, lhes farei e, com os seus próprios juízos, os julgarei; e saberão que eu sou o SENHOR.

**PANORAMA:** Está próxima a destruição profetizada, e nada pode impedi-la. Vem o fim. Não é em vão que Ezequiel repete a palavra *fim*, mas para reforçar a certeza do juízo de Deus. Nossos comentaristas discordam sobre a identidade da “vara” que será usada para essa destruição. Alguns sugerem Nabucodonosor; outros entendem ser isso uma alegoria para Judá. Devemos aprender deste capítulo a amar a palavra de Deus e a recebê-la com gratidão.

**O FIM.** JOÃO CALVINO: Esta profecia é diferente da anterior, mas o assunto ainda é o mesmo, sem qualquer diferença, já que parece entrelaçar-se no mesmo discurso. Certamente, isso é verdadeiro. Todavia, era necessário que ele fosse enviado duas vezes, para que o povo compreendesse que aquilo que ele ouviu da boca de Deus era para ser repetido não somente uma vez, mas outra vez e continuamente. É evidente que Deus estava preocupado com a salvação deles, visto que nunca deixou de exortá-los...

Portanto, ele usa a palavra *fim* como se dissesse: até agora eu os tratei de maneira contida. Realmente, Deus tinha manifestado notável evidência de sua misericórdia ao castigar os israelitas mais moderadamente, quando podia tê-los destruído totalmente...

“O *fim*”, ele diz, “*vem o fim*”, ou seja, “depois disso, vocês não poderão mais esperar moderação alguma. Vejo não existir esperança de arrependimento em vocês. Portanto, eu os destruirei totalmente” ...Portanto, ele ensina novamente que parte nenhuma da terra ficará livre da mortandade que ele profetiza...

Ele usa a palavra *fim* pela terceira vez e ainda a repete pela quarta e quinta vez. Concluímos disso que aquelas pessoas miseráveis eram como animais selvagens, pois, embora fossem advertidas mais que o suficiente tanto pelo ensino como pela experiência, elas continuavam a prometer a si mesmas um remanescente e não se afastavam diante do temor que o profeta lançava sobre elas. Elas não pensavam que o fim estava realmente próximo, mas diziam: “Oh! Alguma coisa vai permanecer, alguns escaparão”. Essa era a arrogância deles. EZEQUIEL I.<sup>1</sup>

**AGORA É O FIM.** WILLIAM GREENHILL: A palavra *fim* aparece duas vezes no segundo versículo, uma vez no terceiro, “Agora, vem o fim”, e aparece repetida no sexto, “Haverá fim, vem o fim”. Essas repetições não são em vão. Elas manifestam, em primeiro lugar, o zelo, a intenção e a pressa do orador; segundo, a evidência, a certeza e a importância daquilo que se fala; terceiro, elas servem para causar uma impressão mais profunda.

...Os reinos e as igrejas têm seus períodos. Eles podem continuar por milhares de anos, mas finalmente terminam. O reino e a igreja de Judá floresceram por muitos anos. Desde Saul, seu primeiro rei, até Zedequias, seu último rei, foram 480 anos. Mas então você vê que chegou o fim, o fim chegou. O fim do estado, o fim de sua igreja, o fim de todos os confortos, de toda a glória e grandeza. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**NABUCODONOSOR É A VARA.** JOÃO CALVINO: Não há dúvida de que, para ele, a vara significava Nabucodonosor. No entanto, os intérpretes discordam sobre o contexto. Muitos olham para o versículo seguinte, pensando que se trata do rei da Babilônia. Outros, corretamente, na minha opinião, a aplicam aos próprios israelitas. Ao dizer: *floresceu a vara*, ele está observando a paciência de Deus. Visto que os israelitas vinham pecando por longo tempo sem punição, eles pensavam, como eu disse anteriormente, que sua paz com Deus seria ininterrupta.

No entanto, Ezequiel proclama aqui o oposto. Era como se Deus tivesse uma raiz oculta. À semelhança de quando alguém planta uma árvore, eles aguardavam o tempo no qual ela teria crescido à sua altura devida; do mesmo modo ele compara Nabucodonosor a uma vara, uma vara que estava crescendo...

Resumindo, quando se diz que *já floresceu a vara*, isto se refere aos passos que Deus toma para executar os seus juízos. Ele não age precipitadamente como as pessoas, pelo contrário, ele é justo como um fazendeiro que semeia e planta. Assim, para seus próprios propósitos, Deus

<sup>1</sup> CTS 22:241-243 (CO 18:153-154).

<sup>2</sup> *Exposition*, 163.



estabelece ministros de sua vingança e permite que eles cresçam e cheguem à maturidade. EZEQUIEL I.<sup>3</sup>

**NABUCODONOSOR NÃO É A VARA.** WILLIAM GREENHILL: “Já floresceu a vara” (Ez 7.10). Por vara, alguns intérpretes entendem Nabucodonosor, a quem eles entendem ser assim chamado (Jr 1.11; Is 10.5). Vara no sentido da Escritura denota, primeiro, poder, força (Sl 2.9). Segundo, denota aflições, juízos pesados (Sl 89.32). Terceiro, denota governo rígido e severo (Is 14.5). Nabucodonosor tinha grande força, aflição violentamente a terra de Judá, foi ele a vara de ferro que destruiu os israelitas e os governou com rigidez na Babilônia.

... Outros entendem que *vara* se refere ao estado de Judá e Jerusalém. A palavra *vara* é usada dessa maneira na Escritura (Jr 48.17): “Como se quebrou a vara forte, o cajado formoso!” Ou seja, o estado e a dignidade de Moabe; e assim podemos entendê-la. A palavra *vara* significa tribo (Nm 1) ou porque os israelitas cresceram a partir da linhagem de Jacó, como ocorre com os ramos de uma árvore, ou porque os nomes das doze tribos estavam escritos sobre varas (Nm 17.2). E a palavra sendo *hammatteh*, a tribo, “a vara” me leva a concebê-la como significando Judá, em vez de Nabucodonosor. E o sentido segue numa alegoria continuada: Judá é comparada a uma árvore que floresce, brota e dá o seu fruto; ela se desenvolveu ou floresceu e agora o fruto estava amadurecendo, seus pecados eram grandes, a medida dela estava completa e a punição se aproximava e crescia em gravidade. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

#### A DESTRUIÇÃO NÃO PODE SER IMPEDIDA.

JOHN MAYER: *Tocaram a trombeta... mas não há quem vá à peleja* (Ez 7.14). Tendo sido mostrada a sua destruição nas palavras anteriores, aqui ele começa a mostrar que eles não poderão evitá-la de modo nenhum. Ela não será impedida pela decisão de se armarem, demonstrada pelo soar da trombeta, pois dessa forma eles poderiam reunir as pessoas, mas tudo é em vão, pois eles não teriam coragem para sair à batalha. Nem se

mantendo dentro dos muros da cidade, pois a fome e a peste os destruiriam ali. Então, ampliando ainda mais a miséria deles, diz: *Se alguns deles, fugindo, escaparem, estarão pelos montes, como pombas* (Ez 7.16). Ou seja, cheios de temor e tremor, para salvar a própria vida, eles fugirão para lugares áridos e infrutíferos e ali lamentarão como pombas, na carência de todas as coisas necessárias à sustentação da vida. Desse modo, a vida lhes será mais penosa do que a morte. Eles definharão em lugares desérticos, em aflição, carência e pobreza. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**VIRÁ MISÉRIA SOBRE MISÉRIA.** JOÃO CALVINO: Desse modo, ele adverte os judeus de que sua tentativa de obter segurança é em vão, como se, após a primeira desgraça, eles já estivessem livres de outras. Pois, tão logo Deus retira a sua mão, os ímpios pensam que eles escaparam de todo transtorno. Assim, eles desprezam Deus ainda mais despreocupadamente.

Pois eles imaginam que já acertaram a dívida. Assim como um devedor que, ao receber um novo crédito após pagar uma pequena parte ao seu credor, fica tranquilo, assim os réprobos se endurecem quando Deus lhes concede um adiamento. Eles pensam que fizeram um acordo com ele para que ele não mais os incomode. No entanto, o profeta adverte *que uma calamidade terá muitas companheiras*, porque Deus não vai parar de acrescentar desgraça sobre desgraça...

Quanto aos profetas, ele diz que em vão os judeus perguntarão a eles sobre a vontade de Deus. O ponto é que, embora Deus sempre tivesse governado esse povo, sua dispersão seria trágica. O seu ensino não mais iluminará o caminho deles. Em vez disso, eles submergirão nas trevas da ignorância.

Essa era a ameaça mais grave, porque, numa desgraça extrema, é grande a consolação quando o Senhor faz brilhar sua palavra sobre nós. Pois por ela somos encorajados a ser pacientes. Nossas tristezas são aliviadas quando pro-

<sup>3</sup> CTS 22:250-251 (CO 18:159-160).

<sup>4</sup> *Exposition*, 167-68.

<sup>5</sup> *Prophets*, 389.

vamos alguma esperança de perdão e Deus testifica que nos favorecerá. Mas quando esse conforto é retirado, somos facilmente esmagados até mesmo pelo menor dos males...

Quando Deus não pode ser achado em parte alguma, a mais leve tribulação nos sepulta no mais profundo abismo. Portanto, esse era o sinal da terrível vingança de Deus, quando o dom de profecia era extinto entre os judeus e os sacerdotes e anciãos não tinham conselho para dar...

Portanto, aprendamos dessa passagem que o dom de profecia e todo ensino são um extraordinário dom de Deus. Aprendamos que esse dom é retirado quando Deus deseja executar punição em razão da ingratidão do homem. EZEQUIEL I.<sup>6</sup>

ção: “Todos gemendo, cada um por causa da sua iniquidade.” Depois de terem se divertido em seus pecados, agora eles devem suspirar por si mesmos. A consciência deles estava adormecida pelo costume de pecar. Os juízos de Deus agora os despertaram, e de tal modo eles traziam seus pecados à memória que choravam e se entristeciam extremamente por eles. Por muito tempo, eles seguiram em seus caminhos de idolatria, opressão e provocação. Eles não viam motivo para sentirem tristeza. Tudo estava bem com eles. Mas quando veio a aflição, seus pecados apareceram, sua alma se entristeceu e se encheu de apreensões. Essas coisas fizeram com que eles derramassem lágrimas amargas por causa delas. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

#### LAMENTANDO POR CAUSA DA INIQUIDADE.

WILLIAM GREENHILL: O fruto do pecado é a afli-

<sup>6</sup> CTS 22:271-274 (CO 18:173-175).

<sup>7</sup> *Exposition*, 173.

## 8.1–9.11 IDOLATRIA NO TEMPLO

<sup>1</sup> No sexto ano, no sexto mês, aos cinco dias do mês, estando eu sentado em minha casa, e os anciãos de Judá, assentados diante de mim, sucedeu que ali a mão do SENHOR Deus caiu sobre mim. <sup>2</sup> Olhei, e eis uma figura como de fogo; desde os seus lombos e daí para baixo, era fogo e, dos seus lombos para cima, como o resplendor de metal brilhante. <sup>3</sup> Estendeu ela dali uma semelhança de mão e me tomou pelos cachos da cabeça; o Espírito me levantou entre a terra e o céu e me levou a Jerusalém em visões de Deus, até à entrada da porta do pátio de dentro, que olha para o norte, onde estava colocada a imagem dos ciúmes, que provoca o ciúme de Deus. <sup>4</sup> Eis que a glória do Deus de Israel estava ali, como a glória que eu vira no vale.

<sup>5</sup> Ele me disse: Filho do homem, levanta agora os olhos para o norte. Levantei os olhos para lá, e eis que do lado norte, à porta do altar, estava esta imagem dos ciúmes, à entrada. <sup>6</sup> Disse-me ainda: Filho do homem, vê o que eles estão fazendo? As grandes abominações que a casa de Israel faz aqui, para que me afaste do meu santuário? Pois verás ainda maiores abominações.

<sup>7</sup> Ele me levou à porta do átrio; olhei, e eis que havia um buraco na parede. Então, me disse: Filho do homem, cava naquela parede. <sup>8</sup> Cavei na parede, e eis que havia uma porta. <sup>9</sup> Disse-me: Entra e vê as terríveis abominações que eles fazem aqui. <sup>10</sup> Entrei e vi; eis toda forma de répteis e de animais abomináveis e de todos os ídolos da casa de Israel, pintados na parede em todo o redor. <sup>11</sup> Setenta homens dos anciãos da casa de Israel, com Jazánias, filho de Safã, que se achava no meio deles, estavam em pé diante das pinturas, tendo cada um na mão o seu incensário; e subia o aroma da nuvem de incenso. <sup>12</sup> Então, me disse: Viste, filho do homem, o que os anciãos da casa de Israel fazem nas trevas, cada um nas suas câmaras pintadas de imagens? Pois dizem: O SENHOR não nos vê, o SENHOR abandonou a terra. <sup>13</sup> Disse-me ainda: Tornarás a ver maiores abominações que eles estão fazendo.

<sup>14</sup> Levou-me à entrada da porta da Casa do SENHOR, que está no lado norte, e eis que estavam ali mulheres assentadas chorando a Tamuz. <sup>15</sup> Disse-me: Vês isto, filho do homem? Verás ainda abominações maiores do que estas.

<sup>16</sup> Levou-me para o átrio de dentro da Casa do SENHOR, e eis que estavam à entrada do templo do SENHOR, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens, de costas para o templo do SENHOR e com o rosto para o oriente; adoravam o sol, virados para o oriente. <sup>17</sup> Então, me disse: Vês, filho do homem? Acaso, é coisa de pouca monta para a casa de Judá o fazerem eles as abominações que fazem aqui, para que ainda encham de violência a terra e tornem a irritar-me? Ei-los a chegar o ramo ao seu nariz. <sup>18</sup> Pelo que também eu os tratarei com furor; os meus olhos não pouparão, nem terei piedade. Ainda que me gritem aos ouvidos em alta voz, nem assim os ouvirei.

**9** Então, ouvi que gritava em alta voz, dizendo: Chegai-vos, vós executores da cidade, cada um com a sua arma destruidora na mão. <sup>2</sup> Eis que vinham seis homens a caminho da porta superior, que olha para o norte, cada um com a sua arma esmagadora na mão, e entre eles, certo homem vestido de linho, com um estojo de escrevedor à cintura; entraram e se puseram junto ao altar de bronze.

<sup>3</sup> A glória do Deus de Israel se levantou do querubim sobre o qual estava, indo até à entrada da casa; e o SENHOR clamou ao homem vestido de linho, que tinha o estojo de escrevedor à cintura, <sup>4</sup> e lhe disse: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal a testa dos homens que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela. <sup>5</sup> Aos outros disse, ouvindo eu: Passai pela cidade após ele; e, sem que os vossos olhos poupem e sem que vos compadeçais, matai; <sup>6</sup> matai a velhos, a moços e a virgens, a crianças e a mulheres, até exterminá-los; mas a todo homem que tiver o sinal não vos chegueis; começai pelo meu santuário. <sup>7</sup> Então, começaram pelos anciãos que estavam diante da casa. E ele lhes disse: Contaminai a casa, enchei de mortos os átrios e sai. Saíram e mataram na cidade. <sup>8</sup> Havendo-os eles matado, e ficando eu de resto, caí com o rosto em terra, clamei e disse: ah! SENHOR Deus! Dar-se-á o caso que destruas todo o restante de Israel, derramando o teu furor sobre Jerusalém?

<sup>9</sup> Então, me respondeu: A iniquidade da casa de Israel e de Judá é excessivamente grande, a terra se encheu de sangue, e a cidade, de injustiça; e eles ainda dizem: O SENHOR abandonou a terra, o SENHOR não nos vê. <sup>10</sup> Também quanto a mim, os meus olhos não pouparão, nem me compadecerei; porém sobre a cabeça deles farei recair as suas obras.

<sup>11</sup> Eis que o homem que estava vestido de linho, a cuja cintura estava o estojo de escrevedor, relatou, dizendo: Fiz como me mandaste.

**PANORAMA:** Ezequiel tem uma visão das abominações no templo. Cristo assume a aparência de homem diante de Ezequiel. Cristo mostra os atos idólatras cometidos no templo. Ele ordena que Ezequiel cave na parede. Ezequiel encontra mais abominações sendo cometidas em segredo e em lugares ocultos à vista. No entanto, tal impiedade nunca está oculta a Deus, mesmo que esteja oculta dos demais seres humanos.

No início de Ezequiel 9, um homem vestido de linho aparece. Alguns comentaristas pensam que esse homem seria um anjo; contudo, a maioria entende que esse homem é o Filho de

Deus. É sugerido que, nesta aparição de Cristo, vemos seu ofício real, sacerdotal e profético.

### 8.1-18 Abominação no templo

**A APARIÇÃO DE CRISTO.** WILLIAM GREENHILL: Estando o nosso profeta em êxtase, o Senhor Jesus Cristo lhe aparece como um homem e é descrito, de maneira geral, por uma figura como de fogo (Ez 8.2). Ele aparecia a Ezequiel como sendo um homem de fogo, ou com a aparência de fogo. Mais particularmente, desde os seus lombos para baixo, a aparência dele era de fogo.

Dos seus lombos para cima, a aparência era como de um resplendor, como cor de âmbar. Diante da apresentação, aqui, de Cristo como um homem de fogo, é digno de consideração que examinemos o fundamento disso.

Os judeus tinham pecado muitíssimo, tendo provocado, por sua idolatria, o grande zelo de Deus, o qual, estando agora decidido sobre a destruição deles, fornece ao profeta uma visão ígnea de Cristo, cuja aparência era apropriada à obra agora pretendida.

Aparições em fogo já tinham ocorrido anteriormente. Cristo apareceu a Moisés numa chama de fogo (Êx 3.2); intérpretes consideraram o anjo ali como sendo Cristo. E Deus guiou os judeus no deserto numa coluna de fogo (Êx 13.21). Ele era essa coluna (Êx 14.24).

Cristo também é assemelhado ao fogo. O fogo é algo brilhante e glorioso; igualmente, Cristo é glorioso. “Vimos a sua glória” (Jo 1.14). E sua vinda será gloriosa, tão gloriosa de modo a iluminar o mundo (Tt 2.13). Quando os homens vierem ao julgamento, eles virão com alguma glória e majestade.

Ele se assemelha ao fogo para manifestar o seu conhecimento e o descobrimento das coisas. O fogo é de uma natureza reveladora que torna as coisas manifestas. Os olhos de Cristo são como chama de fogo, eles enxergam em todos os lugares (Ap 1.14). E aqui Cristo revela ao profeta os pecados de Jerusalém, as abominações ocultas ali.

O fogo também mostra a virtude ativa que existe em Cristo. O fogo é um elemento intenso e purificador, separando a escória dos metais preciosos. Cristo é de virtude infinita; ele distingue entre o precioso e o vil. “Ele é como o fogo do ourives” (Mt 13.2), extraordinariamente ativo e decretório; ele arde de zelo e ciúme. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**UMA VISÃO DO TEMPLO.** JOÃO CALVINO: Não há dúvida de que uma visão profética é aqui relatada. O profeta não foi transportado para Jerusalém, nem teve de se deslocar, nem os anciãos de Judá estiveram diante dele. Em vez disso, pareceu-lhe ter sido tomado pelo Espírito de Deus para que pudesse ver as con-

taminações com que os judeus tinham profanado o templo...

Um ano e dois meses se passaram entre a primeira visão, que acabou de ser explicada, e esta, que agora será discutida. Portanto, visto que se passaram quatorze meses, Deus apareceu mais uma vez ao seu profeta...

Consequentemente, Deus apareceu ao seu servo sob determinada forma. Não é impróprio que fosse uma figura humana. Se tivesse sido alguma outra figura, certamente o profeta não deixaria de mencioná-la.

Mas já vimos que Deus se vestiu da forma humana e assim se fez representar na pessoa de seu único Filho, como já dissemos e veremos novamente no capítulo dez. É dessa semelhança que o profeta está falando. Ele usa essa palavra propositalmente, para que soubéssemos que não era algo real, sólido e substancial que denominamos corpo. Portanto, aquilo que o profeta viu era uma figura ou uma aparência. Isso só aconteceu numa mera visão. Deus não se vestiu realmente de corpo nessa ocasião...

Portanto, a majestade de Deus se revelou em esplendor, rebaixando o profeta e todos os fiéis, para que eles recebessem com reverência a visão. A vingança de Deus se revelou no fogo para que os judeus não fizessem do nome de Deus um escudo para, por trás, se esconderem de maneira falsa e enganosa. EZEQUIEL I.<sup>2</sup>

**AS ABOMINAÇÕES.** JOÃO CALVINO: Agora o profeta é instruído a *cavar na parede* (v. 8). Concluímos disso que, às vezes, as superstições se encontram tão ocultas em lugares secretos que nos escapam à vista, mesmo que estejamos olhando para elas. Essa é a fraqueza da mente humana, que ela não compreende facilmente quão odioso é corromper a adoração de Deus...

Aqui, o profeta relata como o templo foi profanado de outra forma. Os cidadãos mais importantes de Jerusalém e aqueles que deveriam indicar o caminho para os demais se prostituíam com formas ímpias de adoração...

Eles não apenas adoravam o sol em suas próprias casas, mas no próprio templo, e de for-

<sup>1</sup> *Exposition*, 194.

<sup>2</sup> CTS 22:276-279 (CO 18:177-179).

ma propositalmente acintosa a Deus. Quando voltavam as costas para o santuário, eles zombavam de Deus. Assim, parece que eles eram tão provocadores que se orgulhavam em público de suas superstições, contaminando intencionalmente o templo de Deus...

Agora, ele relata outra desonra ainda maior feita a Deus, quando *eles viravam as costas para o santuário*. Como eu disse, eles podiam ter se contaminado com essas profanações secretamente em suas casas. Mas, em vez disso, eles vinham voluntariamente ao templo como se desejassem provocar Deus de forma aberta e violenta.

Ora, quando eles viram as costas, não se trata de uma mera negação repugnante, mas de um ultrajante desrespeito a Deus, como se tivessem dito que Deus era indigno do respeito deles. EZEQUIEL I.<sup>3</sup>

**UM BURACO NA PAREDE DA IDOLATRIA.** WILLIAM GREENHILL: Muitas vezes, os ídólatras atuam secretamente e encobrem suas obras aos olhos do mundo. Eles mantêm suas imagens em câmaras e locais secretos; isso fica protegido e oculto aos olhos da maioria. Essas pessoas sempre têm algum tipo de cobertura ou disfarce para suas superstições e idolatrias. Elas as encobrem com suas boas intenções, grande devoção, com a religião de seus antepassados, como possuindo alguma pompa e circunstância; há nelas alguns objetos como ajudas para sua memória e afeição. Eles afirmam existir alguma verdade, algum bem, e o resto pode ser tolerado; aqueles que adoram assim prosperam e estão em paz em seu caminho. Eles não enfrentam aquelas tentações e dificuldades como as demais pessoas.

Não é possível conduzir-se por esses caminhos de impiedade tão reservadamente, pois eventualmente eles serão notados. Ainda que eles construam paredes para encobri-los, a Providência fará com que haja um buraco na parede, uma fenda para se observar e perceber suas práticas; o mistério da iniquidade não conseguiu operar tão secretamente, mas foi percebido. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**DEUS VÊ TUDO.** MATTHEW MEADE: Por que as pessoas são tão atrevidas, descaradas e deci-

didadas ao pecar, senão porque elas nunca consideram que Deus as vê e observa tudo o que elas fazem... Quanta impiedade cometerá a pessoa cujo senso da onisciência de Deus estiver obscurecido? Deus diz: “Viste, filho do homem, o que os anciãos da casa de Israel fazem nas trevas... pois dizem: O Senhor não nos vê” (Ez 8.12). Isso os fazia mais audazes ao pecar. Oh, que você apenas pensasse muito e frequentemente nesse Deus que tudo conhece. Guarde sempre o sentido disso na mente. Onde você estiver, lembre-se disso, que Deus o vê e observa todos os seus atos. SERMÕES.<sup>5</sup>

**ORAÇÕES SEM FÉ.** JOÃO CALVINO: Se alguém alegasse que Deus sempre ouve as orações, eu responderia que ele nunca rejeita orações que se originam da fé. Aqui, pela voz alta, é mostrado aquilo que os momentos difíceis arrancam dos incrédulos. Embora tentem buscar refúgio em Deus, impelidos pelo senso comum, não obstante, eles não fazem isso com a mente decidida. Eles nem ao menos confiam nas promessas de Deus. Mas porque sua mente atormentada não lhes dá descanso, eles instintivamente se voltam para a oração, apresentando-se a Deus, gritando em alta voz para ele. Contudo, fazem isso sem fé e de coração insincero (v. 18). EZEQUIEL I.<sup>6</sup>

### 9.1-11 *Os ídólatras são mortos*

**O HOMEM VESTIDO DE LINHO.** JOÃO CALVINO: Agora ele diz que entre eles estava *certo homem vestido de linho* (v. 2). Ele não é colocado na multidão, como se fosse exatamente como os outros, mas ele é separado, porque é diferente. Portanto, esse *homem*, certamente, era um anjo. Na verdade, é bastante comum na Escritura, sempre que os anjos assumem forma visível, eles serem denominados como homens. Não porque eles de fato sejam humanos, mas porque Deus os veste da forma que achar apropriada. EZEQUIEL I.<sup>7</sup>

<sup>3</sup> CTS 22:287, 294-295 (CO 18:184, 189-190).

<sup>4</sup> *Exposition*, 200.

<sup>5</sup> *Sermons*, 199.

<sup>6</sup> CTS 22:299 (CO 18:193).

<sup>7</sup> CTS 22:302 (CO 18:195).

**CRISTO É O HOMEM VESTIDO DE LINHO.** WILLIAM GREENHILL: A identidade desse homem é questionável. Alguns entendem tratar-se de um anjo... Outros entendem tratar-se do Senhor Cristo, o anjo do pacto; e há os que argumentam que, na letra, aqui, indica-se um anjo e entendem esse anjo como representativo de Cristo, de modo que a diferença não é muita. Eu me associo àqueles que entendem tratar-se de Cristo, e isso por ser ele apresentado aqui como mediador com um adjunto de unidade, como em 1Timóteo 2.5: “Um só mediador”. Os judeus piedosos não tinham outro mediador.

Aqui estão implícitos os três ofícios de Cristo. Seu ofício real, pelo qual ele governa e controla todas as criaturas. Isso está expresso nas palavras “entre eles”, ou no meio deles... Seu ofício sacerdotal, implícito na veste de linho... Seu ofício profético, representado pelo tinteiro que tinha à cintura. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

**CRISTO É O HOMEM DE BRANCO.** JOHN MAYER: Imediatamente, aparecem seis homens armados para destruir, vindos do norte, e, entrando, vão para o templo e ficam em pé junto ao altar de bronze. Jerônimo entendeu que os seis homens fossem seis demônios. Teodoro, que entendeu melhor, entendeu serem eles seis anjos, visto que um dentre eles estava vestido de linho e tinha a incumbência de marcar os servos de Deus com um sinal na testa. Os demônios nunca aparecem para fazer tais coisas. Mas é dito que apenas um está vestido de linho, e não era um dos seis, mas outro homem singularmente designado para o ofício de marcação. Ele era o chefe entre eles e conhecia melhor os que deveriam ser marcados, ou seja, quem gemia por causa do pecado e por sua aversão a ele, e não por parecer piedoso e zeloso perante as pessoas. Por essa razão, é bastante comum entender tratar-se de Cristo, o Filho de Deus, que é chamado de anjo (Mt 3) e que apareceu como um homem sentado num trono em Ezequiel 1. Ele aparece em vestes de linho, como também acontece, às vezes, com outros anjos, para manifestar sua pureza. O linho fino e branco é também, ou era então, considerado como a

vestimenta mais apropriada para se usar no serviço de Deus, razão pela qual os sacerdotes tinham suas estolas e calções de linho. Ora, estando um do grupo assim vestido para demonstrar sua pureza, não é mais que provável que os demais que vieram com ele fossem anjos santos de Deus também e não demônios? COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>9</sup>

**MARQUE COM UM SINAL A TESTA.** WILLIAM GREENHILL: O significado disso é muito discutido (Ez 9.4). Expositores papistas afirmam que era a letra *tau*, que prefigurava a cruz de Cristo. Alguns hebreus, por essa marca (*tau*), entendem referir-se àqueles que possuem entendimento perfeito da lei. Outros, aqueles que guardavam a lei, *tau* representando a *torah*, que significa a lei. Outros, ainda, entendem ser os crentes no Messias, *tau* indicando a cruz. Jerônimo e alguns com ele pensam que o hebraico era originalmente como o *tau* grego, representando a cruz; e que Esdras, tendo voltado do cativeiro, encontrou novos caracteres, que são aqueles que usamos...

Este não era um sinal corpóreo, como se o Senhor tivesse feito alguma impressão na testa deles, para assim distingui-los dos outros, pois se tratava de uma visão, e não era para ser interpretada como realidade, mas apenas no sentido espiritual. Cristo teve consideração especial por esses e os distinguiu, por providência especial, daqueles que iriam perecer na destruição da cidade. Ele não entrou de casa em casa para colocar uma marca na testa deles. Ele aplicou o seu sangue e seus méritos e os selou por seu Espírito – não porque eles não fossem lavados antes no sangue de Cristo, mas agora havia uma evidência nova e especial disso. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

**SUSPIRAM E GEMEM POR CAUSA DOS SEUS PECADOS.** MARTINHO LUTERO: Quando a nação foi obrigada a passar todos os setenta anos exilada na Babilônia entre os pagãos, não houve falta de reclamações, lágrimas, suspiros e ora-

<sup>8</sup> Exposition, 211.

<sup>9</sup> Prophets, 394-95.

<sup>10</sup> Exposition, 215.

ções. Mas o que é que os profetas dizem, sim, o que Deus diz por intermédio dos profetas? “Eu”, diz ele (Jr 7.25; 35.15): “vos enviei profetas, clamei bem alto e chorei para vos chamar de volta ao caminho, mas vós os matastes. Portanto, eu também vos deixarei chorando em vão.”

Assim, a Alemanha até agora não clamou, não chorou e nem se entristeceu por causa dos pecados horríveis que estamos cometendo. Mas agora que as punições estão vindo, estamos começando a gemer e a lamentar, embora isso devesse ter sido feito há muito tempo.

Pois quando as punições estão sendo infligidas, clamamos e lamentamos em vão. Mas aqueles que lamentam antes que venha a punição – por seus suspiros o Senhor é movido, e diminui as punições, como prometeu em Ezequiel 9.4-6, onde Deus, que está prestes a infligir punições sobre os sacerdotes e o povo, ordena que aqueles que estão soluçando por causa da idolatria sejam distinguidos e salvos, para que não pereçam junto com os ímpios. LIÇÕES SOBRE GÊNESIS.<sup>11</sup>

**OS FILHOS DE DEUS LAMENTAM POR CAUSA DAS ABOMINAÇÕES.** JOÃO CALVINO: Deus mostra aqui como ele quer que seus filhos sejam. Consequentemente, se agimos como se aprovassemos os pecados dos ímpios, buscando

ganhar o favor deles e nos congratulando com eles, então é em vão que nos orgulhemos de sermos filhos de Deus. Todo aquele que não geme por causa dessas abominações, Deus não o considera seu...

Quando vemos, por um lado, o nome de Deus pisoteado e toda justiça violada e, por outro, a igreja de Deus afligida de forma desprezível e cruel e rimos tranquilamente, mostramos claramente que nada temos em comum com Deus e em vão o chamamos de Pai.

Portanto, essas marcas, com as quais o profeta distingue todos os eleitos de Deus, devem ser inscritas quando diz: *dos homens que suspiram por causa de todas as abominações*. Em seguida, ele acrescenta *e gemem*, para expressar melhor o rigor e a intensidade do zelo deles. Isso é como se ele dissesse que suspirar não era suficiente, visto que muitos suspiram num canto quando veem toda a ordem de Deus assim corrompida. Entretanto, quando saem à luz e à vista das pessoas, eles não ousam mostrar o menor sinal de desaprovação, porque não estão dispostos a suportar a hostilidade e o ódio. Por essa razão, o profeta, aqui, exige dos filhos de Deus mais do que apenas gemidos secretos. Ele quer que eles gemam abertamente e clamem em alta voz, para que deem testemunho de que detestam aquilo que Deus condena em sua lei. EZEQUIEL I.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> LW 3:60.

<sup>12</sup> CTS 22:307-308 (CO 18:198-199).

## 10.1-22 A GLÓRIA ABANDONA O TEMPLO

<sup>1</sup> Olhei, e eis que, no firmamento que estava por cima da cabeça dos querubins, apareceu sobre eles uma como pedra de safira semelhante a forma de um trono. <sup>2</sup> E falou ao homem vestido de linho, dizendo: Vai por entre as rodas, até debaixo dos querubins, e enche as mãos de brasas acesas dentre os querubins, e espalha-as sobre a cidade.

Ele entrou à minha vista. <sup>3</sup> Os querubins estavam ao lado direito da casa, quando entrou o homem; e a nuvem encheu o átrio interior. <sup>4</sup> Então, se levantou a glória do SENHOR de sobre o querubim, indo para a entrada da casa; a casa encheu-se da nuvem, e o átrio, da resplandecência da glória do SENHOR. <sup>5</sup> O tataral das asas dos querubins se ouviu até ao átrio exterior, como a voz do Deus Todo-Poderoso, quando fala.

<sup>6</sup> Tendo o SENHOR dado ordem ao homem vestido de linho, dizendo: Toma fogo dentre as rodas, dentre os querubins, ele entrou e se pôs junto às rodas. <sup>7</sup> Então, estendeu um querubim a mão de entre os querubins para o fogo que estava entre os querubins; tomou dele e o pôs nas mãos do homem que estava vestido de linho, o qual o tomou e saiu. <sup>8</sup> Tinham os querubins uma semelhança de mão de homem debaixo das suas asas.

<sup>9</sup> Olhei, e eis quatro rodas junto aos querubins, uma roda junto a cada querubim; o aspecto das rodas era brilhante como pedra de berilo. <sup>10</sup> Quanto ao seu aspecto, tinham as quatro a mesma aparência; eram como se estivesse uma roda dentro da outra. <sup>11</sup> Andando elas, podiam ir em quatro direções e não se viravam quando iam; para onde ia a primeira, seguiam as outras e não se viravam quando iam. <sup>12</sup> Todo o corpo dos querubins, suas costas, as mãos, as asas e também as rodas que os quatro tinham estavam cheias de olhos ao redor. <sup>13</sup> Quanto às rodas, foram elas chamadas girantes, ouvindo-o eu. <sup>14</sup> Cada um dos seres viventes tinha quatro rostos: o rosto do primeiro era rosto de querubim, o do segundo, rosto de homem, o do terceiro, rosto de leão, e o do quarto, rosto de águia.

<sup>15</sup> Os querubins se elevaram. São estes os mesmos seres viventes que vi junto ao rio Quebar.

<sup>16</sup> Andando os querubins, andavam as rodas juntamente com eles; e, levantando os querubins as suas asas, para se elevarem de sobre a terra, as rodas não se separavam deles. <sup>17</sup> Parando eles, paravam elas; e, elevando-se eles, elevavam-se elas, porque o espírito dos seres viventes estava nelas.

<sup>18</sup> Então, saiu a glória do SENHOR da entrada da casa e parou sobre os querubins. <sup>19</sup> Os querubins levantaram as suas asas e se elevaram da terra à minha vista, quando saíram acompanhados pelas rodas; pararam à entrada da porta oriental da Casa do SENHOR, e a glória do Deus de Israel estava no alto, sobre eles.

<sup>20</sup> São estes os seres viventes que vi debaixo do Deus de Israel, junto ao rio Quebar, e fiquei sabendo que eram querubins. <sup>21</sup> Cada um tinha quatro rostos e quatro asas e a semelhança de mãos de homem debaixo das asas. <sup>22</sup> A aparência dos seus rostos era como a dos rostos que eu vi junto ao rio Quebar; tinham o mesmo aspecto, eram os mesmos seres. Cada qual andava para a sua frente.

**PANORAMA:** Nesta visão, Ezequiel mostra que Deus não permanecerá onde houver idolatria. Em vez disso, a glória de Deus abandonará o templo. Visto que a visão aqui é muito semelhante à de Ezequiel 1, nossos comen-

taristas são impressionados pelas diferenças entre as duas visões. Por que querubim aqui em vez de seres viventes? Por que as rodas precedem os querubins aqui, mas não o fazem na primeira visão?



Nossos comentaristas terminam com uma consideração de Deus abandonando o templo. Embora a estrutura física do templo esteja removida, para os fiéis, Deus ainda permanece entre os entulhos. Isso é visto nas orações de Daniel em direção a Jerusalém e ao templo. Finalmente, como devemos entender a partida de Deus do templo e sua promessa em outras partes de habitar para sempre no templo (Sl 132.14)?

**O PROPÓSITO DESTA VISÃO.** JOÃO CALVINO: O profeta ensina aqui o propósito da visão. Os judeus pensavam que estariam sempre seguros debaixo da presença de Deus. Eles entendiam que o fogo sagrado sobre o altar tinha poder para expiar toda impiedade. No entanto, Deus mostrou que ele estava sentado no templo para preparar sua vingança contra eles e porque os querubins eram guardiões das armas que finalmente os destruiriam. Portanto, vemos aqui o orgulho falso e pervertido que intoxicava os judeus desgarrados, embora eles pensassem que Deus estava ligado a eles de um modo especial. EZEQUIEL I.<sup>1</sup>

**POR QUE QUERUBINS E NÃO SERES VIVENTES?** WILLIAM GREENHILL: Nosso profeta já tinha tido muitas visões. Tomado pelo Espírito novamente numa visão, contudo, em Jerusalém (Ez 8.3), neste capítulo [Ez 10] ele contempla uma visão como aquela mencionada no primeiro capítulo [Ez 1], porém, com algumas diferenças, que aparecem na abertura... Esta palavra, “querubim”, não se encontra na primeira visão no capítulo um. Ali eles são chamados de seres viventes, aqui, de querubins, o que constitui evidência de serem os mesmos, e pode reforçar a interpretação dada como referindo-se aos anjos... [Em Ezequiel 1], é ser vivente e cabeças; aqui é querubim e cabeça, o que pode nos lembrar sua unidade e consentimento no julgamento e em operações. Se há cabeças, é simplesmente como se um ser vivente agisse a partir dessas cabeças. Se há querubins, eles têm todos apenas uma cabeça.

Por que aqui eles são chamados de querubins e não de seres viventes, como antes? Suponho que a razão seja esta. A visão anterior

foi em Quebar, ao ar livre, junto às margens do rio; esta foi no templo, onde os querubins estavam (1Rs 8.6-7), e, assim, essa noção adaptava-se melhor a eles aqui. Na Babilônia, uma terra profana, o profeta vê seres viventes, ele tem uma apreensão geral e confusa a respeito deles; mas quando está no templo, ele tem um conhecimento mais claro e distinto deles. Por isso, você observa que o Senhor dava a conhecer mais claramente a si mesmo e os seus mistérios na terra santa do que em outros lugares. “Conhecido é Deus em Judá” mais plena e familiarmente do que em outra parte (Sl 76.1). Uma visão na Babilônia não é tão clara como uma visão em Sião. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**QUERUBINS E SERES VIVENTES.** MATTHEW MEADE: As rodas são controladas pelos seres viventes: “Andando os seres viventes, andavam as rodas ao lado deles; elevando-se eles, também elas se elevavam” (Ez 1.19). E você tem isso novamente no décimo capítulo: “Andando os querubins, andavam as rodas juntamente com eles; e, levantando os querubins as suas asas, para se elevarem de sobre a terra, as rodas não se separavam deles. Parando eles, paravam elas; e, elevando-se eles, elevavam-se elas” (Ez 10.16-17). Os seres viventes no primeiro capítulo são os querubins neste capítulo, e eles são os anjos que são pretendidos por ambos. E a intenção do Espírito Santo nessas expressões, vez após vez repetida, é confirmar esta verdade de que todas as causas inferiores são influenciadas e governadas por causas superiores. Nenhuma criatura se move para baixo sem um guia acima: “Andando os querubins, andavam as rodas.” Os anjos têm mão forte no governo do mundo; eles estão próximo ao Espírito de Deus na administração de todas as coisas aqui embaixo. Não há nada que caia no mundo sem que os anjos tenham uma mão nisso. Em todas as coisas, as rodas seguem os movimentos dos anjos. A VISÃO DAS RODAS.<sup>3</sup>

**DEUS USA ANJOS PARA PROTEGER E DESTRUIR.** JOÃO CALVINO: Deve-se observar que o

<sup>1</sup> CTS 22:372 (CO 18:212).

<sup>2</sup> *Exposition*, 230.

<sup>3</sup> *Vision of the Wheels*, 41.

anjo incumbido de marcar os eleitos assume, agora, um novo papel. Assim, concluímos que os anjos eram os ministros do favor de Deus aos fiéis, mas também, sempre que recebiam ordens, eles executavam a sua vingança. O administrador encarregado de uma grande família é responsável não somente por sustentar a família, nutrindo-a, isto é, suprindo os seus membros de comida e vestes, mas também é responsável por corrigir aqueles de conduta má ou pecaminosa. O papel dos anjos de Deus é como esse.

Quando Deus quer marcar pecadores com dupla porção de vergonha, ele muitas vezes os entrega ao diabo como seu executor. Assim que somos entregues às mãos do diabo, esse é um sinal de extrema vingança. Mas Deus, por seus anjos, com frequência administra juízo contra os ímpios...

A mesma coisa é agora *entregue* pelo profeta. Vimos o anjo vestido de linho como o protetor dos fiéis, livrando-os de todo mal. No entanto, agora ele é enviado *para espalhar brasas acesas sobre toda a cidade* (v. 2), para destruir as pedras e as madeiras, e também o povo. EZEQUIEL I.<sup>4</sup>

**O FOGO.** MATTHEW MEADE: As brasas a serem espalhadas sobre a cidade devem proceder dentre os querubins (Ez 10.2), na casa do Senhor, pelo que somos ensinados que os pecados que tanto provocam Deus são os pecados do seu próprio povo, o culto corrompido, a profanação do dia do Senhor, as invocações humanas, a frouxidão, o orgulho, a luxúria, a impureza e o mundanismo. Esses pecados, encontrados sob uma profissão de religião, inflamarão o fogo da ira de Deus, e quem poderá apagá-la? A VISÃO DAS RODAS.<sup>5</sup>

**A GLÓRIA DO SENHOR.** WILLIAM GREENHILL: "A glória do Senhor" (Ez 10.4), que os expositores afirmam ser Cristo em sua gloriosa aparição, estava agora no templo, mas saindo dele. Antes, ele tinha saído do querubim para a entrada da casa (Ez 9.3) e voltado novamente, mas aqui é a segunda vez que ele sai. Ele estava, agora, num trajeto judicial e deixaria o templo, se eles,

agora, mediante o arrependimento, não evitassem isso.

Estando Cristo assim na entrada do templo e estando de partida, por trás dele estava a nuvem que enchia a casa, havia trevas, mas diante do Senhor Cristo havia luz e esplendor, e o átrio, para onde ele ficou olhando, estava cheio da resplandecência da glória do Senhor. Agora, a glória saiu do santuário para o átrio. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**AS RODAS.** WILLIAM GREENHILL: Em Ezequiel 1, primeiro são mencionados os seres viventes, em seguida, as rodas. Aqui, as rodas são registradas em primeiro lugar (Ez 10.9-14) e, depois delas, os querubins ou seres viventes (Ez 10.15-22). Qual seria a razão de se fazer essa grande inversão e mudança na visão? Não vejo nenhuma razão fornecida, nem entendo que alguma razão satisfatória possa ser dada, a não ser a vontade do Senhor. Ele se agradou em representar a visão dessa maneira ao profeta, e isso pode nos bastar. Entretanto, se podemos conjecturar, as rodas são colocadas em primeiro lugar aqui porque as mudanças e os movimentos das causas secundárias no mundo são mais óbvios aos nossos olhos, nós os observamos primeiro, e aquele poder que opera nelas está mais fora de vista. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

**O MOVIMENTO DAS RODAS.** MATTHEW MEADE: É dito que essas rodas "podiam ir em quatro direções" (Ez 10.11). Disse antes a vocês que as quatro rodas correspondem às quatro partes do mundo e, quando se diz que elas podiam ir em quatro direções, o significado é que olhavam para o quadrante do mundo a elas designado, para lá iam e se moviam. Em seguida, é mostrado que seu movimento era constante e firme, respondendo ao imutável propósito daquele em quem não há sombra de mudança. Deus não é como um ser humano, que é instável e

<sup>4</sup> CTS 22:322-323 (CO 18:209).

<sup>5</sup> *Vision of the Wheels*, 50.

<sup>6</sup> *Exposition*, 234.

<sup>7</sup> *Exposition*, 238.

inconstante e não conhece a própria mente, virando-se de um lado para o outro, ora para um, ora para outro, demolindo hoje aquilo que ontem ele mesmo levantou. Somos seres assim, mutáveis, as ações mudam, as afeições mudam e o princípios também mudam, mas não é assim com Deus. Não há alteração alguma no curso da providência de Deus, nenhuma habilidade, força ou sagacidade poderá tirá-lo do caminho. Sua providência é firme em seu movimento. As rodas podiam ir para os quatro lados e, assim, para confirmar isso, é dito que elas não se viravam: “E não se viravam quando iam; para onde ia a primeira, seguiam as outras e não se viravam quando iam” (Ez 10.11). A expressão é duplicada (como o sonho do Faraó) para maior confirmação desta verdade: podemos estar seguros de que não há qualquer movimento para trás no curso da providência. A VISÃO DAS RODAS.<sup>8</sup>

**A IMAGEM DAS RODAS.** JOÃO CALVINO: O profeta diz aqui, como no primeiro capítulo, que a cada criatura foram adicionadas rodas. Expliquei anteriormente o que as rodas significam. Agora, eu apenas farei alusão a elas. Vou esclarecer as criaturas um pouco mais completamente. As rodas são símbolos de todas as sublevações vistas no mundo. Não há como escolher figura mais apropriada, porque realmente nada é imóvel no mundo, uma vez que as mudanças, como são comumente chamadas, estão ocorrendo de forma incessante. Portanto, dado que as coisas estão constantemente sendo alteradas, girando até mesmo desordenadamente, os incrédulos não têm capacidade para saber que o mundo é governado pelo seguro plano de Deus. Em vez disso, eles imaginam para si mesmos fortuna ao acaso. Como uma concessão a nós, Deus descreveu sob a forma de rodas as sublevações de todas as coisas, todos os “acidentes”, como são chamados, todos os eventos, como se estivesse dizendo que todas as coisas no mundo estão girando e mudando, não somente que todos os elementos são empurrados para cima e para baixo, mas principalmente os negócios humanos... O profeta viu que as rodas não giravam por si mesmas, mas estavam ligadas aos anjos, porque todos os eventos depen-

dem de uma primeira causa. Naturalmente, é a orquestração e inspiração secreta de Deus que movimentam os anjos e também lhes concede esse poder. EZEQUIEL I.<sup>9</sup>

**AS RODAS ESTÃO CHEIAS DE OLHOS.** MATTHEW MEADE: É dito que as rodas estão cheias de olhos: “As rodas [...] estavam cheias de olhos ao redor” (Ez 10.12). Isso sugere a onisciência de Cristo e sua percepção exata de todas as coisas no mundo. Embora muitas coisas possam estar escondidas de nós, entretanto, não há nada oculto a ele. As pessoas “escondem profundamente o seu propósito do Senhor [...] e dizem: Quem nos vê?” (Is 29.15). No entanto, “não há trevas nem sombra assaz profunda, onde se escondam os que praticam a iniquidade, pois os olhos de Deus estão sobre os caminhos do homem e veem todos os seus passos” (Jó 34.21-22). Se pudéssemos ocultar do conhecimento de Deus qualquer coisa feita pelas pessoas, por que, então, nesse em particular, o conhecimento das pessoas seria superior ao de Deus? Um ser humano conheceria mais do que Deus conhece, o que é impossível, pois “os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons” (Pv 15.3). Não existe o canto mais recôndito ou a profundidade mais escura, nem o plano mais escondido, ou a impiedade mais secreta que não esteja exposta aos olhos de Deus, pois “todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.13). Há segredos de governo, segredos de estado, segredos do coração, planos secretos, intenções e propósitos secretos, mas nada disso constitui segredo para Deus. Assim como nada pode ser difícil para um braço onipotente, assim também nada pode estar oculto de olhos oniscientes. Deus não pode deixar de conhecer todas as ofensas, as qualidades, as inclinações e as atividades das criaturas, visto que todos esses princípios e qualidades, contudo sem pecado, foram por ele neles operados. “Conhecidas a Deus são todas as suas obras, desde o início do mundo” (At 15.18).

<sup>8</sup> *The Vision of the Wheels*, 20.

<sup>9</sup> CTS 22:329-330 (CO 18:214).

Consequentemente, as rodas estão cheias de olhos. A VISÃO DAS RODAS.<sup>10</sup>

**OS QUATRO ROSTOS.** JOÃO CALVINO: Há capacidade de movimento em um homem, em um boi, em uma águia e em um leão (v. 14). Nesta imagem, essas criaturas representam cada parte do universo. Ao mesmo tempo, uma vez que as criaturas são anjos, devemos observar como Deus atribui a anjos a cabeça de um leão, de uma águia e de um homem. Isso certamente não parece se relacionar com eles nem um pouco. Mas ele não podia expressar melhor a conexão inseparável entre o movimento dos anjos e o movimento de todas as criaturas...

Resta uma questão difícil: por que razão Ezequiel diz aqui que a primeira cabeça era de um querubim, enquanto no capítulo um ele disse que era de um boi. Alguns evitam a dificuldade dizendo que, à distância, pareceria um boi, porém, uma visão mais próxima mostrava ser um querubim. Mas isso é muito forçado. Consequentemente, não tenho dúvida de que há alguma diferença nesta visão. E mais, o fato de, em seguida, ele acrescentar que essa criatura foi a que ele viu junto ao rio Quebar não contradiz isso. De fato, tudo o que está relacionado e possui o mesmo propósito ele diz que é o mesmo. Paulo afirma que os pais no deserto comeram de um mesmo manjar espiritual e beberam de uma mesma bebida espiritual (1Co 10.3-4). Entretanto, sabemos que o símbolo do maná e da água fluindo da rocha são muito diferentes da santa ceia que Cristo deixou para nós. Além disso, como eu já disse, em razão de existir um relacionamento entre os símbolos sagrados, eles se referem ao mesmo propósito. Por essa razão, Paulo diz “de uma mesma bebida e de um mesmo manjar”, e Ezequiel diz: *são estes os mesmos seres viventes...*

Anteriormente, o rosto de um boi foi apresentado ao profeta junto ao rio Quebar. Agora, o rosto de um querubim é apresentado a ele, para que ele entenda que eles eram anjos ou querubins vivos, e para que os quatro rostos não o distraiam. Lembrado por essa evidência, ele compreende que cada criatura não é outra coisa senão um anjo ou um querubim, embora fosse dife-

rente da forma aceita, a qual Deus apresentou a Moisés na montanha. EZEQUIEL I.<sup>11</sup>

**QUANDO AS RODAS E OS QUERUBINS PARAM.** MATTHEW MEADE: Por vezes, as rodas fazem uma pausa, dão uma parada. “Parando eles, paravam elas” (Ez 10.17). Isso é o que às vezes realmente acontece. Deus suspende a operação ordinária das criaturas. As bocas dos leões são fechadas enquanto Daniel está na cova. O fogo não tem poder sobre os três mártires. Deus pode interromper o movimento de todas as causas secundárias, como desejar. O sol se detém em Gibeom, e a lua no vale de Aijalom, se Deus assim o determina (Js 10.12). O mar se divide e as águas se amontoam como um muro para dar passagem a Israel. Deus pode fazer parar a maior das rodas.

...E assim como às vezes as rodas realmente param, também às vezes elas não param. No entanto, para nós, elas parecem como se estivessem paradas, e isso é como uma sentença de morte a qual Deus comumente reveste de misericórdia antes que ela se realize. Abraão pede um filho, Deus promete que ele terá o que deseja, contudo Abraão espera e espera, mas nada de vir o filho, até que o seu corpo amortece e Sara passa do tempo de ter filhos, pois “já lhe havia cessado o costume das mulheres” (Gn 18.11). Como as rodas parecem paradas? Israel no Egito clama por libertação, Deus promete libertação e envia Moisés para efetuá-la, mas, em vez de serem libertados, sua escravidão é aumentada e sua tarefa é dobrada. As rodas pareciam estar paradas. Assim, quando, na Babilônia, a igreja clama por redenção, Deus promete redimi-la, mas primeiro eles devem ficar como mortos e ossos secos e sem esperança. “Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados” (Ez 33.11). Oh, e que parada! “Acaso, poderão reviver estes ossos?” (Ez 37.3). A VISÃO DAS RODAS.<sup>12</sup>

**O ESPÍRITO AGE NAS RODAS.** WILLIAM GREENHILL: Não devemos terminar nossos

<sup>10</sup> *The Vision of the Wheels*, 18-19.

<sup>11</sup> CTS 22:334-335 (CO 18:217-218).

<sup>12</sup> *Vision of the Wheels*, 26-28.

pensamentos nas causas secundárias, mas levantar os olhos para a suprema Causa dominante. Aqui, o profeta é conduzido ao Espírito; ele não olha apenas para os querubins e rodas parando ou movendo-se, mas seu olhar é mais elevado, ele se fixa no Espírito de vida que estava neles. Somos inclinados a olhar para aquele instrumento ou causa mais próxima de nós, presente à visão, e paramos por aí. Esse é um grande mal, fixar o olhar na criatura e esquecer-se de Deus. É o seu Espírito que age nas rodas e, se não atentarmos para isso, como podemos ser agradecidos, quando a criatura é a causa instrumental do bem para nós, e quão pacientes podemos ser quando ela é o instrumento de dor para nós? Se a criatura o fere e machuca, foi o Espírito de vida na criatura quem a colocou em ação; e se ela o beneficia e agrada, foi o mesmo Espírito que a moveu para assim fazer. Muitos são tão cegos que não veem nada do Espírito em qualquer roda ou em qualquer movimento. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>13</sup>

**DEUS DEIXA O TEMPLO.** JOÃO CALVINO: O profeta nos ensina aqui o ponto principal da visão: Deus abandonou o templo. Sabemos com que grande confiança os judeus se orgulhavam de que sempre estariam seguros sob a proteção de Deus. Em virtude da promessa que fora feita, de que o templo de Deus seria sua morada, eles não acreditavam que fosse possível que Deus abandonasse a nação. Assim, eles pecaram sem constrangimento. Embora eles o expulsassem para longe por seus atos maus, todavia, eles queriam mantê-lo ligado a eles. Essa insensatez é zombada por Isaías (66.1): “O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis vós?”...

A forma visível do templo foi retirada, mas, no entanto, em razão do templo ter sido estabelecido na promessa de Deus, ele estava entre aquelas ruínas, como já afirmei. Por essa razão, embora a solidão e a devastação devessem desviar os olhos e pensamentos da Judeia, Daniel orava nessa direção, como se o templo permanecesse intocado. Por quê? Ele se lembrava da promessa.

Por isso, após a volta do cativo, os profetas disseram que a glória do segundo templo ultrapassaria a glória do primeiro, como o pro-

feta Ageu afirma no capítulo dois. E sabemos quão generosa e esplendidamente Isaías descreve o esplendor do segundo templo e sua insondável glória. Veremos um ensino semelhante no final deste livro. Portanto, visto que o templo permanecia diante de Deus, porquanto fora estabelecido em sua promessa, essa deserção temporária não era capaz de destruir aquilo que eu disse acerca da atenção contínua de Deus... Agora, então, entendemos como Deus deixa o seu templo, mas não quebrou, de modo algum, sua firme promessa. EZEQUIEL I.<sup>14</sup>

**DEUS E O TEMPLO.** JOHN MAYER: Agora, o profeta continua novamente a falar do que aconteceu com a glória de Deus, a qual foi descrita anteriormente como tendo procedido do querubim e ficado à entrada da casa. E isso foi feito para mostrar a partida de Deus de sua casa terrena, entre os judeus, para sua casa celestial. Por meio disso, mostrou-se que, agora, eles estavam destituídos de sua ajuda e da ajuda de seus anjos. Agora, eles estavam expostos à fúria de seus inimigos pagãos. Tudo isso ocorreu para humilhar o seu orgulho e sua confiança carnal no templo, com a qual eles pensavam estar seguros contra todas as forças do mundo.

Entretanto, é possível que alguém questione aqui como fica o cumprimento da promessa feita anteriormente: *Este é para sempre o lugar do meu repouso; aqui habitarei* (SI 132.14). Solução: Quando Deus fez esta promessa, ele estipulou uma condição. Se o seu povo cumprisse a lei, adorando-o com pureza, como ele havia prescrito, ele habitaria para sempre com eles. Mas eles, na confiança disso, o abandonaram para adorar falsos deuses e, assim, romperam com muita deslealdade a sua adoração e tornaram-se ousados para oprimir e roubar, para jurar falsamente, cometer adultério e se chafurdar no sujo pecado da embriaguez, pelo que aquela promessa não mais se mantinha agora (cf. Jr 7; 18.10). Contudo, apesar do fato de essa casa material ainda estar entre eles, era justo que Deus os deixasse destituídos de sua ajuda e subisse para o seu trono celestial, longe

<sup>13</sup> *Exposition*, 242.

<sup>14</sup> CTS 22:340-343 (CO 18:221-223).

deles, e, assim, fizesse dessa casa como qualquer outra edificação. Embora fosse muito suntuoso, o edifício não era de ajuda nenhuma em tempos de necessidade. E era necessário mostrar isso de antemão, para que, depois, quando vissem o templo e o santuário queimados com a cidade, não concebessem alguma coisa indigna em relação a Deus, como se ele também tivesse padecido nessas chamas. Deve-se entender, ainda, que o Senhor não deixou por completo o

seu templo, pois o lugar ainda era sagrado. Na verdade, nesse mesmo lugar, seria construído um templo novamente, após setenta anos, e ele seria cheio de uma glória maior do que a dessa casa presente. Por essa razão, Daniel ainda orava voltado para esse lugar, e os judeus poupados do cativeiro apresentaram ofertas aqui, quando essa casa estava em ruínas. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> *Prophets*, 398-99.

## 11.1-25 JUÍZO SOBRE OS LÍDERES DE ISRAEL E RETORNO

<sup>1</sup> *Então, o Espírito me levantou e me levou à porta oriental da Casa do SENHOR, a qual olha para o oriente. À entrada da porta, estavam vinte e cinco homens; no meio deles, vi a Jaazaniaz, filho de Azur, e a Pelatias, filho de Benaías, príncipes do povo.* <sup>2</sup> *E disse-me: Filho do homem, são estes os homens que maquinam vilezas e aconselham perversamente nesta cidade,* <sup>3</sup> *os quais dizem: Não está próximo o tempo de construir casas; esta cidade é a panela, e nós, a carne.* <sup>4</sup> *Portanto, profetiza contra eles, profetiza, ó filho do homem.*

<sup>5</sup> *Caiu, pois, sobre mim o Espírito do SENHOR e disse-me: Fala: Assim diz o SENHOR: Assim tendes dito, ó casa de Israel; porque, quanto às coisas que vos surgem à mente, eu as conheço.* <sup>6</sup> *Multiplicastes os vossos mortos nesta cidade e deles encheistes as suas ruas.* <sup>7</sup> *Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Os que vós matastes e largastes no meio dela são a carne, e ela, a panela; a vós outros, porém, vos tirarei do meio dela.* <sup>8</sup> *Temestes a espada, mas a espada trarei sobre vós, diz o SENHOR Deus.* <sup>9</sup> *Tirar-vos-ei do meio dela, e vos entregarei nas mãos de estrangeiros, e executarei juízos entre vós.* <sup>10</sup> *Caireis à espada; nos confins de Israel, vos julgarei, e sabereis que eu sou o SENHOR.* <sup>11</sup> *Esta cidade não vos servirá de panela, nem vós servireis de carne no seu meio; nos confins de Israel, vos julgarei,* <sup>12</sup> *e sabereis que eu sou o SENHOR. Pois não andastes nos meus estatutos, nem executastes os meus juízos; antes, fizestes segundo os juízos das nações que estão em redor de vós.*

<sup>13</sup> *Ao tempo em que eu profetizava, morreu Pelatias, filho de Benaías. Então, cai com o rosto em terra, clamei em alta voz e disse: ah! SENHOR Deus! Darás fim ao resto de Israel?*

<sup>14</sup> *Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:* <sup>15</sup> *Filho do homem, teus irmãos, os teus próprios irmãos, os homens do teu parentesco e toda a casa de Israel, todos eles são aqueles a quem os habitantes de Jerusalém disseram: Apartai-vos para longe do SENHOR; esta terra se nos deu em possessão.* <sup>16</sup> *Portanto, diz: Assim diz o SENHOR Deus: Ainda que os lancei para longe entre as nações e ainda que os espalhei pelas terras, todavia, lhes servirei de santuário, por um pouco de tempo, nas terras para onde foram.* <sup>17</sup> *Dize ainda: Assim diz o SENHOR Deus: Hei de ajuntá-los do meio dos povos, e os recolherei das terras para onde foram lançados, e lhes darei a terra de Israel.* <sup>18</sup> *Voltarão para ali e tirarão dela todos os seus ídolos detestáveis e todas as suas abominações.* <sup>19</sup> *Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne;* <sup>20</sup> *para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.* <sup>21</sup> *Mas, quanto àqueles cujo coração se compraz em seus ídolos detestáveis e abominações, eu farei recair sobre sua cabeça as suas obras, diz o SENHOR Deus.*

<sup>22</sup> *Então, os querubins elevaram as suas asas, e as rodas os acompanhavam; e a glória do Deus de Israel estava no alto, sobre eles.* <sup>23</sup> *A glória do SENHOR subiu do meio da cidade e se pôs*

sobre o monte que está ao oriente da cidade.  
<sup>24</sup> Depois, o Espírito de Deus me levantou e me levou na sua visão à Caldeia, para os do cati-

veiro; e de mim se foi a visão que eu tivera.  
<sup>25</sup> Então, falei aos do cativeiro todas as coisas que o SENHOR me havia mostrado.

**PANORAMA:** Ezequiel começa profetizando contra os líderes perversos e ímpios do povo. Nossos comentaristas observam a suscetibilidade à corrupção e à impiedade entre aqueles que estavam investidos de autoridade, os quais só cuidam dos próprios interesses e ganância. Além disso, o povo não tem desculpa e não pode alegar ignorância quando seus líderes o levam à ruína. Ezequiel pronuncia juízo e ruína sobre a cidade. O povo não tem como se desculpar, pois também é responsável.

A segunda parte do capítulo oferece conforto para aqueles que estão no cativeiro. Aqui está a promessa de um novo coração e um novo espírito que Deus dará ao povo que ele reúne do cativeiro. Como foi observado, em Ezequiel 2, que só o Espírito nos traz à fé e à compreensão, assim, também aqui, nossos comentaristas enfatizam que só Deus muda o nosso coração e nos regenera.

### 11.1-15 Líderes

**LÍDERES PERVERSOS.** JOÃO CALVINO: O profeta adverte, aqui, todo o povo de que os líderes ímpios serão a causa de sua destruição. “Se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco.” Assim, em razão de os príncipes da cidade serem apóstatas perversos, levavam todo o povo à mesma ruína. O profeta, então, mostra que a condição da cidade era tão pervertida que não havia esperança de perdão, visto que aqueles que deveriam ter sido os olhos do povo estavam cobertos de trevas...

O povo comum costuma usar seus líderes como um escudo, assim como vemos hoje acontecer no papado. Esse é o seu último refúgio, alegando que eles próprios não são culpados de falta alguma quando obedecem à santa mãe igreja. Era assim também, no passado, a obstinação do povo.

Resumindo, as pessoas sempre, e com prazer, isentam a si mesmas de toda culpa sob a

alegação de erro ou ignorância. Por essa razão, o profeta mostra, agora, que a cidade não ficará imune à ira de Deus, visto que seus líderes e governantes a corromperam. No entanto, a verdadeira causa de sua destruição é que o povo se deixou desviar tão facilmente por exemplos perversos...

Mas aqui o profeta revela que, por mais ilustres que sejam aqueles que foram investidos de autoridade sobre o povo, todavia, eles não são invioláveis nem estão isentos da lei por algum direito especial, visto que Deus os julga livremente por seu Espírito e os reprova por seus profetas. Assim, se desejamos bem cumprir o nosso ofício, especialmente quando nos é confiada a tarefa do ensino, devemos pôr de lado toda *prosopolempsia*. Aqueles que se orgulham de serem mais importantes que os demais ainda estão sujeitos às punições de Deus. EZEQUIEL I.<sup>1</sup>

**LÍDERES CORRUPTOS.** WILLIAM GREENHILL: Pessoas superiores em dignidade e posição são, na maior parte, corruptas. Aqui, os vinte e cinco que controlavam a cidade e tinham grande poder estavam todos unidos na impiedade. Isaías chama seus governantes de “príncipes de Sodoma” (Is 1.10), em virtude de sua extrema impiedade. E ele não exclui ninguém, em geral eles eram iguais... O profeta estava pensando nos grandes, que tinham sobre si o dever de honrar a Deus, que sabiam aquilo que era próprio à adoração e à justiça, para que eles o ouvissem. Eles rejeitavam todo respeito, sujeição e obediência à lei de Deus. Seguiam sua própria vontade, lascívia e caprichos; não tinham consideração pela equidade ou pela honestidade. Eram muito piores do que o povo mais pobre, a

<sup>1</sup> CTS 22:347-348 (CO 18:226). *Prosopolempsia* é uma palavra grega que aparece em Romanos 2.11, Efésios 6.9 e Colossenses 3.25. A ARA e a ARC a traduzem como “acepção de pessoas” e a versão do Novo Testamento Interlinear Analítico, como “parcialidade”.

quem o profeta também julgou. Lucas (Lc 18:1-6) menciona apenas um juiz, e esse era um juiz injusto. Não há muitos desses grandes entre nós que são corruptos, devassos e inimigos de Cristo e seu reino? UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**A FACE E A MÃO DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Observemos que, quando Deus já nos tolerou por longo tempo, se persistirmos em nossa obstinação, nada mais resta senão que a luz do ensino seja extinta, para que Deus se revele de outra maneira. O sermão do profeta é como um espelho no qual Deus se mostra. Mas quando ele fecha os nossos olhos e lança o espelho aos nossos pés e o despedaça, então Deus se revela a nós de outra maneira. Ou seja, ele não considera mais correto mostrar-nos a sua face, mas nos ensina por sua mão e, por meio da manifestação do seu poder, ele nos mostra a nossa ímpia obstinação, porque não quisemos nos submeter ao seu ensino. EZEQUIEL I.<sup>3</sup>

### 11.16-25 *O retorno prometido de Israel*

**CONFORTO PARA O POVO DE DEUS.** WILLIAM GREENHILL: Neste versículo (Ez 11.16) começa o conforto para os cativos. Eles foram expulsos, rejeitados e insultados pelos seus irmãos, estavam cheios de pensamentos tristes em razão de sua condição. Entretanto, aqui o céu se abre e a luz irrompe em amáveis promessas, que são estas: (1) Uma promessa de misericórdia para eles na Babilônia (Ez 11.16); (2) De retorno da Babilônia para Sião (Ez 11.17); (3) De purificá-los de sua corrupção na terra de Canaã (Ez 11.18); (4) De regeneração, conversão (Ez 11:19-20); (5) Uma ameaça para aqueles cujo coração se compraz em suas abominações, o que é conforto para os piedosos. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**ADORADORES SINCEROS DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Aqui ele acrescenta algo muito importante. Quando os israelitas voltarem para seu país, eles serão adoradores sinceros de Deus, que não apenas oferecem sacrifícios no templo, mas também purificam a terra de todas as suas profanações. Aqui também o profeta adverte

sobre como era grande e detestável a impiedade das dez tribos, porque elas tinham contaminado a terra com ídolos. Ele aqui não menciona os ídolos das nações, mas antes reprova os israelitas, porque, com sua impureza, eles tinham contaminado a terra que havia sido dedicada a Deus. Por essa razão, o profeta exorta o seu povo para que se arrependa, deixando claro que eles só foram expulsos da terra depois de ela ter sido profanada. Diante disso, eles foram justamente punidos por sua impiedade. Esse é o primeiro ponto.

Agora devemos observar que desfrutamos das bênçãos de Deus de forma verdadeira e pura quando dirigimos o seu uso para o propósito que está posto aqui diante de nós, a saber, a adoração pura e própria. Nada nos confronta mais frequentemente do que este ensino: fomos redimidos por Deus para celebrar a sua glória. A igreja foi plantada para que nela ele fosse glorificado e fizéssemos conhecidas as suas poderosas obras...

Em terceiro lugar, devemos observar que não cumprimos acertadamente o nosso dever para com Deus, senão quando purificamos sua adoração de toda impureza e profanação. Muitos adoram a Deus de uma maneira na qual corrompem com misturas detestáveis toda a obediência que eles acreditam estar cumprindo. EZEQUIEL I.<sup>5</sup>

**SÓ DEUS MUDA O NOSSO CORAÇÃO.** JOÃO CALVINO: Consideremos agora, mais cuidadosamente, todo este assunto discutido pelo profeta. Quando Deus fala de um coração de pedra, sem dúvida, ele condena todos os homens por obstinação. Esse não é um problema de umas poucas pessoas cuja natureza é diferente da de outras pessoas. Mas, assim como num espelho, ele coloca os israelitas diante de nós para que conheçamos qual é a nossa condição, quando, depois de abandonados por Deus, seguimos nossas próprias inclinações. Portanto, concluimos dessa passagem que todos têm um cora-

<sup>2</sup> *Exposition*, 251.

<sup>3</sup> CTS 22:360 (CO 18:235).

<sup>4</sup> *Exposition*, 258.

<sup>5</sup> CTS 22:369-370 (CO 18:241-242).



ção de pedra, ou seja, todos estão de tal modo corrompidos que não conseguem obedecer a Deus, de maneira que todos preferiríamos ser levados pela obstinação.

Mas, como dissemos, no início, a vontade de Adão era reta, pelo menos era receptiva em seguir a justiça de Deus. No entanto, quando Adão se corrompeu, nós também decaímos com ele. Por conseguinte, temos este coração de pedra, porque fomos despojados daquela integridade original que Deus nos concedeu no início. Tudo o que Adão perdeu tornou-se perda nossa, porque ele não foi criado unicamente para si, mas em Adão Deus revelou qual seria a condição da raça humana...

Em resumo, vemos o que é o início da regeneração, quando Deus retira aquela depravação a que estávamos presos. Entretanto, devemos observar que há duas partes da regeneração de que o profeta trata. Deus declara que *ele dá aos seus eleitos um só coração e um espírito novo*. Segue-se, pois, que toda a alma está corrompida, desde a razão até mesmo às emoções...

Vemos, pois, que a regeneração está ocorrendo de forma contínua, de modo que nos esforçamos pelo seu resultado. Isso é semelhante ao que Paulo ensina dizendo: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor” (Fp 2.12). Aqui ele exorta os fiéis a lutar. De fato, Deus não quer que sejamos como pedras. Portanto, lutemos, exercitando todos os músculos, colocando em prática nosso zelo para nos conduzirmos retamente. Todavia, Paulo insiste para que isso seja feito com temor e tremor, ou seja, pelo abandono de toda confiança em nossa própria força. Se nos embriagarmos com aquela diabólica arrogância de que cooperamos com Deus e que, pela ação de nosso livre-arbítrio, sua graça é ajudada, falharemos e, eventualmente, Deus mostrará como era grande a nossa cegueira... Os homens sempre imaginam, pecaminosamente, como eles podem diminuir a graça de Deus. Com um orgulho ímpio, eles tentam por si mesmos aquilo que pertence a ele. Assim, para que o profeta pudesse remover melhor todo orgulho, ele diz que o nosso andar nos preceitos de Deus, guardando os seus estatutos e obedecendo toda a lei, deve ser atribuído a Deus.

Portanto, aprendamos a deixar inteiramente para Deus o seu próprio louvor e, assim, reconhecemos que, em nossas boas obras, nada é propriamente nosso. EZEQUIEL 1.<sup>6</sup>

**UM SÓ CORAÇÃO.** WILLIAM GREENHIL: Alguns consideram que um só coração se refere ao consenso mútuo para irem depressa a Jerusalém construir o templo. Como eles eram um só povo, uma língua e um espírito na construção de Babel, assim também estes devem ser um só povo, com uma só intenção e linguagem, na reconstrução de Jerusalém. Porém, se isso devesse ser limitado a esse sentido, não constituiria nenhuma misericórdia espiritual, contudo, Deus está aqui, prometendo misericórdias espirituais. Esse sentido pode estar incluído, mas há algo além disso. Perguntaremos pelo coração que estava anteriormente nesse povo, e isso nos dará luz para compreendermos melhor essa unidade de coração.

Eles tinham um coração apóstata, que os levava à apostasia... Eles tinham um coração enganoso e infiel... Eles tinham um coração fraudulento e hipócrita... Eles tinham um coração dividido, petulante e amargo... Agora, este novo coração aqui mencionado é o oposto de todos esses. Deus lhes daria “um só coração”, ou seja, um coração que seria para ele mesmo e não para os ídolos, um coração que não se afastaria nem se voltaria para nenhum caminho falso, mas se apegaria unicamente a ele mesmo. Depois que saíram da Babilônia, eles nunca mais puderam tolerar os ídolos; Deus tinha apartado o coração deles dos ídolos. Por conseguinte, Deus prometeu que, ao voltarem, eles tirariam todas as abominações (Ez 11.18)... Olhariam para Deus como o único objeto adequado do seu coração, estariam contentes unicamente com ele; a nenhum outro se voltariam para pedir conselho, confiar, buscar conforto ou adorar. Só ele tinha feito um pacto com o povo, e o seu povo só teria a ele como o seu Deus. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

**UM NOVO CORAÇÃO.** JOHN MAYER: É dom de Deus que um coração, ou um único coração,

<sup>6</sup> CTS 22:374-380 (CO 18:244-249).

<sup>7</sup> *Exposition*, 265-66.

signifique um coração reto, o oposto de um coração dobre. Isso não procede de nós mesmos. Igualmente, por nós mesmos não temos unidade, no sentido de andarmos juntos em consenso num caminho de justiça (cf. Sl 12.3; At 4.32).

2. Que o nosso coração de pedra, ou semelhante à pedra, que não possui pulsação, visse a ser como carne, isto é, macio unicamente pelo poder de sua graça e espírito.

3. Porque ele diz não somente um novo coração, mas um espírito; o primeiro denotando a vontade e o outro, o entendimento e o discernimento da alma de que tudo o que é bom em nós procede unicamente de Deus, tanto para o querer como para o realizar, não tendo de nós mesmos, desde a queda de Adão, nenhuma liberdade de vontade para praticarmos o bem. Mas isso alcançamos quando Deus se agrada de operar em nós, para que ele receba o louvor de todos.

4. Esta obra abençoada só é operada naqueles que andam nos estatutos de Deus. É em vão que outros falem de seu bom coração, pois é certo que, assim como uma árvore boa não pode

deixar de produzir bons frutos, assim também um bom coração não pode deixar de produzir boas obras. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>8</sup>

#### OS SACRAMENTOS COMO PALAVRA VISÍVEL.

JOÃO CALVINO: O profeta nos chama de volta ao poder do Espírito, que por nós não pode ser mensurado. Portanto, visto que a operação do Espírito é incompreensível, não deveríamos nos surpreender com o fato de o profeta ser levado a Jerusalém numa visão e, depois, reconduzido ao exílio...

Agostinho diz que um sacramento é uma palavra visível. E isso é correto, porque, no batismo, Deus fala aos nossos olhos ao apresentar a água como um símbolo de nossa purificação e regeneração. Na Ceia, ele também dirige sua palavra aos nossos olhos, visto que Cristo nos revela sua carne como sendo verdadeira comida e seu sangue, como verdadeira bebida, quando o pão e o vinho nos são oferecidos. Por essa razão, também, o profeta agora diz que *ele viu a palavra de Deus*, porque ela estava vestida de símbolos externos. EZEQUIEL I.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> *Prophets*, 401-2.

<sup>9</sup> CTS 22:386-387 (CO 18:252-253). Cf. Agostinho, *Tractates on the Gospel of John*, 80.3 (NPNF, i, VII, 344).

## 12.1-28 O EXÍLIO SIMBOLIZADO

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, tu habitas no meio da casa rebelde, que tem olhos para ver e não vê, tem ouvidos para ouvir e não ouve, porque é casa rebelde. <sup>3</sup> Tu, pois, ó filho do homem, prepara a bagagem de exílio e de dia sai, à vista deles, para o exílio; e, do lugar onde estás, parte para outro lugar, à vista deles. Bem pode ser que o entendam, ainda que eles são casa rebelde. <sup>4</sup> À vista deles, pois, traze para a rua, de dia, a tua bagagem de exílio; depois, à tarde, sairás, à vista deles, como quem vai para o exílio. <sup>5</sup> Abre um buraco na parede, à vista deles, e sai por ali. <sup>6</sup> À vista deles, aos ombros a levarás; às escuras, a transportarás; cobre o rosto para que não vejas a terra; porque por sinal te pus à casa de Israel.

<sup>7</sup> Como se me ordenou, assim eu fiz: de dia, levei para fora a minha bagagem de exílio; então, à tarde, com as mãos abri para mim um buraco na parede; às escuras, eu sai e, aos ombros, transportei a bagagem, à vista deles.

<sup>8</sup> Pela manhã, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>9</sup> Filho do homem, não te perguntou a casa de Israel, aquela casa rebelde: Que fazes tu? <sup>10</sup> Dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Esta sentença refere-se ao príncipe em Jerusalém e a toda a casa de Israel, que está no meio dela.

<sup>11</sup> Dize: Eu sou o vosso sinal. Como eu fiz, assim se lhes fará a eles; irão para o exílio, para o cativoeiro. <sup>12</sup> O príncipe que está no meio deles levará aos ombros a bagagem e, às escuras, sairá; abrirá um buraco na parede para sair por ele; cobrirá o rosto para que seus olhos não vejam a terra. <sup>13</sup> Também estenderei a minha rede sobre ele, e será apanhado nas minhas malhas; levá-lo-ei a Babilônia, à terra dos caldeus, mas não a verá, ainda que venha a morrer ali. <sup>14</sup> A todos os ventos espalharei todos os que, para o ajudarem, estão ao redor dele, e todas as suas tropas; desembainharei a espada após eles. <sup>15</sup> Saberão que eu sou o SENHOR, quando eu os dispersar entre as nações e os espalhar pelas terras. <sup>16</sup> Deles deixarei ficar alguns poucos, escapos da espada, da fome e da peste, para que publiquem todas as suas coisas abomináveis entre as nações para onde forem; e saberão que eu sou o SENHOR.

<sup>17</sup> Então, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>18</sup> Filho do homem, o teu pão comerás com tremor e a tua água beberás com estremecimento e ansiedade; <sup>19</sup> e dirás ao povo da terra: Assim diz o SENHOR Deus acerca dos habitantes de Jerusalém, na terra de Israel: O seu pão comerão com ansiedade e a sua água beberão com espanto, pois que a sua terra será despojada de tudo quanto contém, por causa da violência de todos os que nela habitam. <sup>20</sup> As cidades habitadas cairão em ruínas, e a terra se tornará em desolação; e sabereis que eu sou o SENHOR.

<sup>21</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>22</sup> Filho do homem, que provérbio é esse que vós tendes na terra de Israel: Prolongue-se o tempo, e não se cumpra a profecia? <sup>23</sup> Portanto, dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Farei cessar esse provérbio, e já não se servirão dele em Israel; mas dize-lhes: Os dias estão próximos e o cumprimento de toda profecia. <sup>24</sup> Porque já não haverá visão falsa nenhuma, nem adivinhação lisonjeira, no meio da casa de Israel. <sup>25</sup> Porque eu, o SENHOR, falarei, e a palavra que eu falar se cumprirá e não será retardada; porque, em vossos dias, ó casa rebelde, falarei a palavra e a cumprirei, diz o SENHOR Deus.

<sup>26</sup> Veio-me ainda a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>27</sup> Filho do homem, eis que os da casa de Israel dizem: A visão que tem este é para muitos dias, e ele profetiza de tempos que estão muito longe. <sup>28</sup> Portanto, dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Não será retardada nenhuma das minhas palavras; e a palavra que falei se cumprirá, diz o SENHOR Deus.

**PANORAMA:** Ezequiel continua sua profecia contra a casa rebelde de Deus. Ele prepara para si mesmo uma bagagem de exílio. Durante o dia e à noite ele deve andar de lugar para lugar como aqueles que devem ir para o exílio. Entretanto, a casa rebelde não acredita naquilo que vê. Nossos comentaristas observam ser esta a marca do hipócrita: fechar os olhos e os ouvidos para a luz e a verdade ao seu redor. A rebeldia do hipócrita o faz ignorante. Além disso, os atos de Ezequiel constituem juízo contra aqueles que permanecem em Jerusalém, mas conforto para aqueles que residem na Babilônia.

Há, também, uma lição pastoral a ser aprendida do exemplo de Ezequiel. Ele recebe a palavra do Senhor e obedientemente a proclama. Mesmo que apareçam poucos ou nenhum fruto de nosso trabalho, somos chamados para sermos fiéis e obedientes à palavra de Deus.

Finalmente, nossos comentaristas concordam que o “príncipe” aqui contestado é Zedequias, uma profecia cumprida em Jeremias 52.

**A REBELDIA DE ISRAEL.** JOÃO CALVINO: Deus mostra aqui que os israelitas não podiam esconder o seu erro, como se tivessem pecado involuntariamente. Ao invés disso, o profeta atribui à obstinação deles o fato de não poderem ouvir nem ver. E isso deve ser observado com muito cuidado, porque a maioria dos hipócritas, quando condenada, procura refúgio na desculpa de que eles tropeçaram por erro ou ignorância. Mas, ao contrário, Deus proclama aqui que os israelitas eram cegos e surdos, mostrando que a cegueira deles era voluntária. Portanto, quando os incrédulos alegam que não foram iluminados pelo Senhor, pode-se, de fato, admitir que eles são cegos e surdos. Todavia, muitas vezes é necessário ir além disso, visto que a obstinação deles é a fonte de sua cegueira e surdez. E Deus os cega porque eles se recusaram a aceitar a luz que lhes foi oferecida. Na verdade, eles taparam os seus ouvidos. EZEQUIEL I.<sup>1</sup>

**UMA CASA REBELDE.** WILLIAM GREENHILL: Tendo estado em Jerusalém numa visão, Ezequiel viu e ouviu muitas coisas notáveis, as quais proclamou àqueles que estavam no cati-

veiro. Aqui, a palavra do Senhor veio a ele novamente e ele foi levado a fazer aquelas coisas que podiam convencer Zedequias e outros acerca dos sombrios juízos que lhes sobreviriam.

...Uma questão aqui é saber a quem se referem estas palavras do Senhor: “Tu habitas no meio da casa rebelde.” Nosso profeta estava na Babilônia e diante dos cativos ali; ele deveria mudar de lugar à vista deles, e isso não era para lhes dar esperança de algum regresso rápido da Babilônia, mas para acalmar sua mente perturbada. Pois esses atos simbólicos do profeta, levando sua bagagem e abrindo um buraco na parede, etc., tinham um duplo aspecto, um voltado para os que estavam em Jerusalém, para lhes mostrar que o seu cativeiro estava chegando, e outro voltado para aqueles que já se encontravam no cativeiro, que servia para confortá-los, fazendo com que vissem como eram pesados os juízos dos quais tinham escapado, estando a salvo ali, na Babilônia, embora sobrecarregados com algumas dificuldades. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**OS PREGADORES DEVEM CONFIAR SEMPRE EM DEUS.** JOÃO CALVINO: Aprendemos desta passagem que, embora o resultado não mostre trabalho que dedicamos a Deus, ainda assim devemos prosseguir. Essa lição é extremamente útil, porque, quando Deus nos incumbe de uma tarefa, discutimos conosco mesmos sobre quais serão os resultados. E, assim, todo o nosso entusiasmo se esgota, pois, se não determinarmos um resultado favorável, dificilmente nos será agradável até mesmo levantar um dedo. Portanto, visto que somos sempre muito solícitos em relação ao fruto do nosso trabalho, esta passagem deve ser cuidadosamente observada. Pois, quando Deus envia o seu profeta, ele também acrescenta: *bem pode ser que o entendam* (v. 3). Qualquer que seja o tipo de tarefa, ela está sujeita a Deus. Mesmo que nada consigamos com o nosso trabalho, Deus ainda quer obediência. EZEQUIEL I.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> CTS 22:389 (CO 18:254).

<sup>2</sup> *Exposition*, 288.

<sup>3</sup> CTS 22:391 (CO 18:256).

**O PRÍNCIPE EM JERUSALÉM.** WILLIAM GREENHILL: “O príncipe” (Ez 12.10). Era Zedequias um rei ímpio e medroso. No hebraico, significa que ele é “exaltado” acima do povo ou que ele deve aliviar e mitigar as queixas do povo, como em Êxodo 18.22. Mas se eles se tornarem cruéis e impuserem cargas pesadas sobre o povo, o Senhor tem um peso para eles. Como aqui, Zedequias deveria abrir um buraco na parede, levar bagagem nos ombros, fugir, etc. Isso você pode ver cumprido em Jeremias 52.7-11, onde você tem a menção dessa fuga, da perseguição dos caldeus e de sua captura, de sua condução para Ribla, onde seus olhos foram arrancados, e depois para Babilônia, onde ele morreu. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**O REI ZEDEQUIAS.** JOHN MAYER: Depois de tudo o que foi dito e feito até este ponto para despertar os judeus de seu sono tranquilo em seus pecados, como aqueles que em breve enfrentariam juízos espantosos, agora, em razão de eles não se comoverem, o Senhor faz de seu profeta um sinal que pressagia a ida deles para o cativeiro. Até mesmo o melhor deles irá, seu príncipe e rei Zedequias, a quem ele mostra que deveria se contentar em abrir um buraco na parede à noite e, assim, fugir com alguns de seus preciosos bens, carregando-os nos ombros, tarefa considerada humilhante para um rei, e, mesmo fazendo isso, não conseguiria escapar, mas seria capturado e, tendo os olhos arrancados, levado para a Babilônia, que é usada naquilo que Deus diz: que ele iria para

a terra dos caldeus, contudo, não veria a terra, o que a história mostra ter acontecido dessa maneira. Pois ele foi capturado enquanto fugia e levado perante o rei de Babilônia e, tendo os olhos arrancados, foi conduzido para lá a fim de terminar seus dias em miséria. Desse modo, é dito que ele foi apanhado na armadilha de Deus, porquanto os caldeus vieram e o capturaram mediante o mover secreto deles pelo poder de Deus. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**A MÃO E A PALAVRA DE DEUS SEMPRE JUNTAS.** JOÃO CALVINO: A queda dessa posição de segurança até o desprezo público de Deus é fácil. Aqueles que se imaginam tranquilos e isentos de perigo, porque Deus pacientemente retarda os seus juízos, pensam, basicamente, que ele está demasiadamente preso ao seu repouso para dar atenção às questões humanas. Portanto, vigiemos contra as ciladas de Satanás, não apenas estremecendo diante da infame blasfêmia denunciada pelo profeta, mas tão logo Deus nos faça uma ameaça, tratemos de esperar o seu juízo. Não devemos prometer para nós mesmos um longo período de evasão, que pode nos paralisar, de modo que nenhum temor reste em nós... Certamente, Deus não fala em vão, porque ele não se contradita. As pessoas é que acabam mentindo ou alegando futilmente fazer algo que não são capazes de realizar, ou mudando os seus planos. Nada disso deve ser imaginado de Deus. Sua mão está sempre em concordância com sua palavra. EZEQUIEL I.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> *Exposition*, 290.

<sup>5</sup> *Prophets*, 402.

<sup>6</sup> CTS 22:414 (CO 18:271-272).

## 13.1-23 CONDENÇÃO DOS FALSOS PROFETAS

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, profetiza contra os profetas de Israel que, profetizando, exprimem, como dizes, o que lhes vem do coração. Ouvi a palavra do SENHOR. <sup>3</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito sem nada ter visto! <sup>4</sup> Os teus profetas, ó Israel, são como raposas entre as ruínas. <sup>5</sup> Não subistes às brechas, nem fizestes muros para a casa de Israel, para que ela permaneça firme na peleja no Dia do SENHOR. <sup>6</sup> Tiveram visões falsas e adivinhação mentirosa os que dizem: O SENHOR disse; quando o SENHOR os não enviou; e esperam o cumprimento da palavra. <sup>7</sup> Não tivestes visões falsas e não falastes adivinhação mentirosa, quando dissestes: O SENHOR diz, sendo que eu tal não falei? <sup>8</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Como falais falsidade e tendes visões mentirosas, por isso, eu sou contra vós outros, diz o SENHOR Deus. <sup>9</sup> Minha mão será contra os profetas que têm visões falsas e que adivinham mentiras; não estarão no conselho do meu povo, não serão inscritos nos registros da casa de Israel, nem entrarão na terra de Israel. Sabereis que eu sou o SENHOR Deus. <sup>10</sup> Visto que andam enganando, sim, enganando o meu povo, dizendo: Paz, quando não há paz, e quando se edifica uma parede, e os profetas a caiam, <sup>11</sup> dize aos que a caiam que ela ruirá. Haverá chuva de inundar. Vós, ó pedras de saraivada, caireis, e tu, vento tempestuoso, irromperás. <sup>12</sup> Ora, eis que, caindo a parede, não vos dirão: Onde está a cal com que a caiastes? <sup>13</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Tempestuoso vento farei irromper no meu furor, e chuva de inundar haverá na minha ira, e pedras de saraivada, na minha indignação, para a consumir. <sup>14</sup> Derribarei a parede que caiastes, darei com ela por terra, e o seu fundamento se descobrirá; quando cair, perecereis no meio dela e sabereis que eu sou o SENHOR. <sup>15</sup> Assim, cumprirei o meu furor contra a parede e contra os que a caíram e vos direi: a parede já não existe, nem aqueles que a caíram, <sup>16</sup> os profetas de Israel que profetizaram a respeito de Jerusalém e para ela têm visões de paz, quando não há paz, diz o SENHOR Deus.

<sup>17</sup> Tu, ó filho do homem, põe-te contra as filhas do teu povo que profetizam de seu coração, profetiza contra elas <sup>18</sup> e dize: Assim diz o SENHOR Deus: Ai das que cosem invólucros feiticeiros para todas as articulações das mãos e fazem véus para cabeças de todo tamanho, para caçarem almas! Querereis matar as almas do meu povo e preservar outras para vós mesmas? <sup>19</sup> Vós me profanastes entre o meu povo, por punhados de cevada e por pedaços de pão, para matardes as almas que não haviam de morrer e para preservardes com vida as almas que não haviam de viver, mentindo, assim, ao meu povo, que escuta mentiras.

<sup>20</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Eis aí vou eu contra vossos invólucros feiticeiros, com que vós caçais as almas como aves, e as arrancarei de vossas mãos; soltarei livres como aves as almas que prendestes. <sup>21</sup> Também rasgarei os vossos véus e livrarei o meu povo das vossas mãos, e nunca mais estará ao vosso alcance para ser caçado; e sabereis que eu sou o SENHOR. <sup>22</sup> Visto que com falsidade entristecestes o coração do justo, não o havendo eu entristecido, e fortalecestes as mãos do perverso para que não se desviasse do seu mau caminho e vivesse, <sup>23</sup> por isso, já não tereis visões falsas, nem jamais fareis adivinhações; livrarei o meu povo das vossas mãos, e sabereis que eu sou o SENHOR.

**PANORAMA:** No capítulo anterior, Ezequiel profetizou contra o rei e o povo. Agora, ele fala contra os falsos profetas e profetisas de Israel,

que profetizam de seu coração. Esses falsos profetas são conduzidos por seus próprios pensamentos, buscam enganar o povo com suas

mentiras e falam sempre contra a palavra de Deus. O povo, no entanto, não tem desculpa por seguir ignorantemente esses falsos profetas. Deus sempre envia profetas verdadeiros e, assim, a luz de Deus sempre permanece entre o povo.

Nossos comentaristas fazem diversas observações para distinguir profetas verdadeiros de falsos. Estes falam os pensamentos do seu coração, nunca pregam arrependimento e sempre encorajam o pecado. Os profetas verdadeiros falam aquilo que Deus fala para eles, matam com a lei e fazem reviver com o evangelho.

**FALSOS PROFETAS.** WILLIAM GREENHILL: O capítulo anterior focalizou o rei e o povo; este focaliza apenas os falsos profetas e profetisas, os quais, tomando para si esse ofício, eram conduzidos por seu próprio espírito e enganavam o povo com visões vãs e adivinhações mentirosas, para alcançar os seus objetivos. Contra esses, o Senhor levantou o profeta Ezequiel para profetizar severamente. No capítulo, você tem duas partes gerais: uma profecia contra os falsos profetas nos primeiros dezesseis versículos [Ez 13.1-16] e uma profecia contra as profetisas, do versículo dezessete ao final [Ez 13.17-23]. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**NENHUMA DESCULPA POR SEGUIR OS FALSOS PROFETAS.** JOÃO CALVINO: Ele fala dos profetas do exílio, como ficará claro pelo contexto. Entre os cativos, havia aqueles que se escondiam por detrás do nome de Deus, ostentando terem sido dotados do espírito profético, enquanto, na verdade, estavam se impondo no ofício, vangloriando-se em suas mentiras. Entretanto, o fim que eles proclamavam prometia ao povo um retorno rápido, para ganhar o favor do público. Assim, quando ouvia que após três anos voltaria, o povo facilmente se deixava enganar por esses encantos. Embora Deus ardesse furiosamente de ira contra esses impostores, ele não salientava o pecado deles, absolvendo o povo ou mesmo diminuindo sua falta. A verdade é que o povo não podia alegar que fora enganado por essas mentiras, porque consciente e voluntariamente se lançara nas armadilhas. Eles não foram abandonados pelos profetas verdadeiros.

Deus tinha até distinguido os seus servos dos falsos profetas por meio de sinais bem conhecidos, de modo que ninguém se enganasse senão voluntariamente (Dt 13.3). No entanto, no meio da luz eles estavam cegos. Portanto, Deus deixou que eles fossem enganados. Mas isso foi a justa recompensa de seu orgulho, porque eles não se subordinaram a Deus e aos seus servos. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**PROFETAS FALSOS E RAPOSAS.** JOHN MAYER: Dentre todos os animais, a raposa é o mais sutil e perigoso, pois entra e danifica a vinha através de alguma brecha que encontra na cerca ou no muro. Por essa razão, os falsos profetas entre os judeus são comparados a raposas, e isso é o que eles são para a igreja de Deus em qualquer lugar. A brecha é feita por meio do pecado. O profeta verdadeiro procura reparar essa brecha mediante a exortação e o estímulo ao arrependimento. Mediante oração fervorosa a Deus, ele se posiciona no dia da batalha para impedir que os inimigos venham destruí-la, como Moisés que, pela oração, colocou-se na fenda. Mas esses falsos profetas, pelo contrário, desencaminham astutamente as pessoas e elas ficam expostas ao perigo, e brechas são feitas em vez de estarem abrigadas, pelo que Ezequiel investe contra eles como contra animais perniciosos, e eles são, também, chamados de raposas. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>3</sup>

**DISTINGUINDO ENTRE PROFETAS VERDADEIROS E FALSOS.** JOÃO CALVINO: Aqui, como eu já disse, podemos sem dificuldade decidir imediatamente quem são os verdadeiros e quem são os falsos profetas: o Espírito de Deus declara que todo aquele que profetiza de seu coração é um impostor. Por essa razão, os profetas não têm outra opção senão proclamar fielmente tudo o que Espírito lhes declarou. Consequentemente, todo aquele que não possui um testemunho seguro para sua visão e que não pode testificar verdadeiramente que fala da boca de Deus e pela

<sup>1</sup> *Exposition*, 297.

<sup>2</sup> CTS 23:5-6 (CO 18:272-273).

<sup>3</sup> *Prophets*, 403.

revelação do seu Espírito, embora se glorie do título de profeta, não obstante, não passa de um impostor. Pois aqui Deus rejeita todo aquele que fala de seu próprio coração. E disso também concluímos a extrema vaidade da mente humana: pois Deus determina uma distinção perpétua entre a mente humana e a revelação de seu Espírito. Se isso é assim, segue-se que aquilo que as pessoas proferem de si mesmas é uma ficção perversa, porque o Espírito de Deus reivindica unicamente para si mesmo, como já dissemos, o ofício de mostrar o que é certo e o que é errado...

Consequentemente, não há dúvida de que esses embusteiros de quem Ezequiel fala eram tidos em grande estima, e assim, quando inchados com linguagem bombástica, bufavam sabedoria surpreendente; mas, entretanto, o Espírito Santo em breve os pronunciará insensatos: pois tudo o que agrada o mundo sob a máscara de sabedoria, sabemos que é mera insensatez diante de Deus. **COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.**<sup>4</sup>

**PROFETAS VERDADEIROS E FALSOS.** WILLIAM GREENHILL: Vemos aqui quem são os profetas verdadeiros e quem são os falsos. A palavra do Senhor veio a Ezequiel; ela não veio a eles. O verdadeiro profeta teve visões; o falso nada viu. Os profetas verdadeiros eram movidos pelo Espírito de Deus; os falsos, por seu próprio espírito. Os falsos profetas falavam aquilo que procedia do seu coração; os profetas verdadeiros falavam aquilo que procedia do céu. Deus falava pelos profetas verdadeiros; Satanás, pelos falsos – ele é um espírito mentiroso na boca de todos os falsos profetas (1Rs 22.22). **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>5</sup>

**OS FALSOS PROFETAS NÃO PREGAM O ARREPENDIMENTO.** JOÃO CALVINO: Consequentemente, quando os verdadeiros profetas exortam os pecadores à esperança e predizem a liberalidade de Deus para perdoar, eles também falam sobre o arrependimento; eles não procuram agradar os pecadores, mas os estimulam, e mais, os afligem severamente com um senso da ira de Deus, para de alguma forma os encorajar, visto que a misericórdia de Deus é colocada diante de nós

para este fim, para que, por ela, busquemos vida. Por isso, devemos estar mortos em nós mesmos; todavia, os falsos profetas separam entre os dois e dividem Deus, por assim dizer, em dois, visto que eles só falam de sua liberalidade para perdoar e declaram que sua clemência é oferecida a todos, enquanto se calam completamente a respeito do arrependimento. Agora, pois, vemos a razão por que o profeta reprova, aqui, esses traidores que abusavam do nome de Deus, uma vez que eles faziam o povo esperar (Ez 13.6). Sem esperança, de fato, o pecador não podia ser animado a buscar a Deus: mas eles prometiam paz, como ele dirá claramente, quando não havia paz. **COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.**<sup>6</sup>

**OS FALSOS PROFETAS ENCORAJAM O PECADO.** WILLIAM GREENHILL: Esses [falsos] profetas não se opunham aos pecados do povo, não o convencia de sua idolatria, opressão, despreocupação, hipocrisia, irreverência, etc. Mas pecavam com o povo ou faziam vistas grossas aos seus pecados e, assim, não subiam “às brechas” (Ez 13.5) para tentar evitar que os juízos severos de Deus sobreviessem a eles. Eles deveriam ter chamado o povo ao arrependimento, ter declarado que o juízo de Deus estava perto, ter intercedido intensamente com o Senhor por eles e, se possível, ter impedido o juízo. Mas eles não faziam essas coisas. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>7</sup>

**OS PROFETAS VERDADEIROS MATAM E FAZEM VIVER.** JOÃO CALVINO: Dissemos anteriormente que, por esta marca, os servos de Deus verdadeiros e justos eram distinguidos dos impostores. Pois os servos de Deus, que cumprem fielmente o dever que lhes foi designado, matam e fazem viver: pois a palavra de Deus é vida e traz saúde à humanidade perdida, mas é um cheiro de morte para morte para com aqueles que se perdem, como diz Paulo (2Co 2.15-16). Por essa razão, é verdade que os profetas que

<sup>4</sup> CTS 23:7-8 (CO 18:274).

<sup>5</sup> *Exposition*, 298.

<sup>6</sup> CTS 23:13 (CO 18:278).

<sup>7</sup> *Exposition*, 301.



cumprem fiel e adequadamente o seu dever tanto matam quanto fazem viver, eles dão vida às almas que são libertadas da morte e matam as almas entregues à destruição, pois proclamam morte eterna a todos os incrédulos, se eles não se arrependerem; e aquilo que eles ligam na terra é ligado também nos céus (Mt 18.18). Portanto, o seu ensino é efetivo para a destruição, como também Paulo ensina em outra parte. Estamos prontos, diz ele, para punir toda altivez que se exalte contra Cristo (2Co 10.5-6). Por essa razão, os mestres honestos são armados da vingança de Deus contra todos os incrédulos que permanecem obstinados, mas comunicam vida a todos os que se arrependem, uma vez que são mensageiros de reconciliação; e mais, eles reconciliam pessoas com Deus quando lhes oferecem Cristo como a nossa paz, por meio de quem o Pai nos é propício (Ef 2.16). Quando os falsos profetas desejam rivalizar com os servos de Deus, eles omitem a parte principal, a saber, a fé e o arrependimento; assim, eles proclamam vida a almas já condenadas à destruição; pois, por meio de sua bajulação, eles dão vida aos réprobos que estão endurecidos no desprezo a Deus; porquanto não requerem das pessoas fé e arrependimento, mas apenas uma recompensa. Por conseguinte, eles matam as almas que deveriam morrer, a saber, porque nenhuma criatura é mais orgulhosa e cruel do que esses falsos profetas. Pois eles fulminam ao seu bel-prazer e afundam o mundo todo até o inferno mais profundo quando não aparece alguma esperança de lucro. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

#### SATANÁS ENGANA COMO UM ANJO DE LUZ.

JOÃO CALVINO: Visto que, neste caso, certas mulheres foram dotadas de espírito profético, Satanás, segundo o seu costume, aproveita-se disso sob falsa pretensão (Ez 13.17-18). Sabemos que ele sempre imita Deus e transforma-se em anjo de luz, porque, se ele se manifestasse abertamente, imediatamente todos fugiriam dele: assim, ele usa o nome de Deus de forma enganadora para se insinuar entre os simples e os incautos. E ele não somente envia falsos profetas para espalhar suas mentiras e seus embustes, mas se vale também de mulheres de forma injuriosa.

Vemos aqui com que cuidado devemos nos guardar contra toda corrupção que possa insinuar-se para contaminar os puros dons de Deus. Mas essa disputa parece não ter sido suficientemente honrosa para o servo de Deus, pois era quase uma questão de vergonha quando eles combatiam mulheres. Sabemos que aqueles que desejam louvor por sua bravura não disputam voluntariamente com antagonistas desiguais que não possuem força para resistir, visto não existir louvor numa vitória quando ela é muito fácil; assim também Ezequiel podia afastar de si essa tarefa, visto ser ela indigna do ofício profético. Assim, parece que os servos de Deus não podem cumprir fielmente os deveres a eles atribuídos a menos que eles se empenhem para remover todos os impedimentos. Essa, então, é a condição de todos aqueles a quem Deus atribui o ofício de ensino, que eles se oponham a todas as doutrinas falsas e aos erros e nunca considerem, nem desejem, louvor por sua vitória; é suficiente que eles declarem a verdade de Deus contra todas as artimanhas de Satanás. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>9</sup>

**PROFETISAS.** WILLIAM GREENHILL: “As filhas do teu povo” (Ez 13.17). Alguns entendem que essas mulheres são, na verdade, homens profetas que eram fracos e efeminados, sem coragem, constância e prudência; mas não temos motivo para interpretar as palavras nesse sentido. Nosso profeta tinha falado anteriormente de homens profetas e agora é dirigido por Deus a um assunto distinto, qual seja, as mulheres profetisas, as quais são chamadas de filhas do seu povo; isso não pode caber aos homens.

...Essa é uma prática antiga de Satanás para perturbar a igreja: tal como acontece com falsos profetas, assim também acontece com falsas profetisas. Deus levantou profetisas para honrar esse sexo e para ajudar o seu povo. O diabo levanta mulheres para espalhar mentiras, para enganar e ferir o povo, e, por esse sexo, ganhar ainda mais para o seu reino. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> CTA 23:34 (CO 18:292-293).

<sup>9</sup> CTS 23:28 (CO 18:288-289).

<sup>10</sup> *Exposition*, 310-12.

## 14.1-23 IDÓLATRAS E JULGAMENTO

<sup>1</sup> Então, vieram ter comigo alguns dos anciãos de Israel e se assentaram diante de mim. <sup>2</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>3</sup> Filho do homem, estes homens levantaram os seus ídolos dentro do seu coração, tropeço para a iniquidade que sempre têm eles diante de si; acaso, permitirei que eles me interroguem? <sup>4</sup> Portanto, fala com eles e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Qualquer homem da casa de Israel que levantar os seus ídolos dentro do seu coração, e tem tal tropeço para a sua iniquidade, e vier ao profeta, eu, o SENHOR, vindo ele, lhe responderei segundo a multidão dos seus ídolos; <sup>5</sup> para que eu possa apanhar a casa de Israel no seu próprio coração, porquanto todos se apartaram de mim para seguirem os seus ídolos.

<sup>6</sup> Portanto, dize à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Convertei-vos, e apartai-vos dos vossos ídolos, e dai as costas a todas as vossas abominações, <sup>7</sup> porque qualquer homem da casa de Israel ou dos estrangeiros que moram em Israel que se alienar de mim, e levantar os seus ídolos dentro do seu coração, e tiver tal tropeço para a iniquidade, e vier ao profeta, para me consultar por meio dele, a esse, eu, o SENHOR, responderei por mim mesmo. <sup>8</sup> Voltarei o rosto contra o tal homem, e o farei sinal e provérbio, e eliminá-lo-ei do meio do meu povo; e sabereis que eu sou o SENHOR. <sup>9</sup> Se o profeta for enganado e falar alguma coisa, fui eu, o SENHOR, que enganei esse profeta; estenderei a mão contra ele e o eliminarei do meio do meu povo de Israel. <sup>10</sup> Ambos levarão sobre si a sua iniquidade; a iniquidade daquele que consulta será como a do profeta; <sup>11</sup> para que a casa de Israel não se desvie mais de mim, nem mais se contamine com todas as suas transgressões. Então, diz o SENHOR Deus: Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.

<sup>12</sup> Veio ainda a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>13</sup> Filho do homem, quando uma terra pecar contra mim, cometendo graves transgressões, estenderei a mão contra ela, e tornarei instável o sustento do pão, e enviarei contra ela fome, e eliminarei dela homens e animais; <sup>14</sup> ainda que estivessem no meio dela estes três homens, Noé, Daniel e Jó, eles, pela sua justiça, salvariam apenas a sua própria vida, diz o SENHOR Deus. <sup>15</sup> Se eu fizer passar pela terra bestas-feras, e elas a assolarem, que fique assolada, e ninguém possa passar por ela por causa das feras; <sup>16</sup> tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, ainda que esses três homens estivessem no meio dela, não salvariam nem a seus filhos nem a suas filhas; só eles seriam salvos, e a terra seria assolada.

<sup>17</sup> Ou se eu fizer vir a espada sobre essa terra e disser: Espada, passa pela terra; e eu eliminar dela homens e animais, <sup>18</sup> tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, ainda que esses três homens estivessem no meio dela, não salvariam nem a seus filhos nem a suas filhas; só eles seriam salvos.

<sup>19</sup> Ou se eu enviar a peste sobre essa terra e derramar o meu furor sobre ela com sangue, para eliminar dela homens e animais, <sup>20</sup> tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, ainda que Noé, Daniel e Jó estivessem no meio dela, não salvariam nem a seu filho nem a sua filha; pela sua justiça salvariam apenas a sua própria vida.

<sup>21</sup> Porque assim diz o SENHOR Deus: Quanto mais, se eu enviar os meus quatro maus juízos, a espada, a fome, as bestas-feras e a peste, contra Jerusalém, para eliminar dela homens e animais?

<sup>22</sup> Mas eis que alguns restarão nela, que levarão fora tanto filhos como filhas; eis que eles virão a vós outros, e vereis o seu caminho e os seus feitos; e ficareis consolados do mal que eu fiz vir sobre Jerusalém, sim, de tudo o que fiz vir sobre ela. <sup>23</sup> Eles vos consolarão quando virdes o seu caminho e os seus feitos; e sabereis que não foi sem motivo tudo quanto fiz nela, diz o SENHOR Deus.

**PANORAMA:** Ezequiel condena os anciãos que têm levantado ídolos em seu coração. Nossos comentaristas observam que o coração é a sede da fé ou da idolatria de uma pessoa. Aqueles que se apegam aos ídolos serão punidos. As palavras vigorosas de juízo que Deus profere contra os governantes, o povo e os profetas, por meio de Ezequiel, serviam para levá-los ao arrependimento. Eles deveriam abandonar os seus ídolos e se converter a Deus. Nossos comentaristas observam que a razão para Deus nos humilhar e nos ameaçar de juízo é apenas para nos trazer arrependimento e salvação. Surge a questão sobre se o arrependimento é obra nossa ou um dom de Deus. A resposta é que Deus nos concede aquilo que ele ordena. Nem o arrependimento nem a fé são possíveis por meio do esforço humano; ambos são obra do Espírito Santo.

Na segunda parte do capítulo continua o inevitável juízo contra Jerusalém. Surge a questão da razão de Deus citar Noé, Daniel e Jó e não outros. Embora muitas razões sejam propostas, todos os nossos comentaristas concordam que a santidade desses homens era bem conhecida e, mesmo assim, eles não puderam impedir a destruição daqueles que estavam ao seu redor.

Finalmente, nossos comentaristas procuraram explicar o que significa alguém ser salvo pela sua própria justiça. Certamente, ninguém é salvo por causa de sua própria justiça; tal alegação seria contrária ao restante da Escritura (Sl 143.2; Rm 3.10). As respostas propostas por nossos comentaristas são diversas. Um comentarista resiste em sugerir que a justiça deles seja pela fé e, em vez disso, considera as suas obras; outro afirma a fé deles, mas localiza sua justiça na santificação; e outro afirma a graça e a misericórdia de Deus.

### 14.1-11 *Idólatras*

**DEUS, ÍDOLOS E O CORAÇÃO.** MARTINHO LUTERO: Um deus é aquilo de que esperamos todo o bem e em que encontramos refúgio em todo tempo de necessidade. Ter um deus nada mais é que confiar e crer nele com todo o nosso coração. Como tenho dito com frequência, somente a confiança e a fé do coração fazem Deus e um ídolo. Se sua fé e sua confiança estiverem

certas, então seu Deus é o Deus verdadeiro. Por outro lado, se sua confiança for falsa e errada, então você não tem o Deus verdadeiro. Pois estes dois andam sempre juntos: fé e Deus. Aquilo a que seu coração se apegue e aquilo em que confia é, afirmo, realmente seu Deus. CATECISMO MAIOR DE MARTINHO LUTERO.<sup>1</sup>

**ÍDOLOS DENTRO DO SEU CORAÇÃO.** JOÃO CALVINO: Primeiro, ele diz que eles levantaram ídolos dentro do seu coração; por essas palavras ele quer dizer que eles se entregaram à superstição, de modo que os ídolos alcançaram uma posição elevada no coração deles; como Paulo exorta os fiéis, para que a paz de Deus, que excede todo o entendimento, domine o coração deles (Fp 4.7; Cl 3.15), assim, por outro lado, o profeta afirma que essas pessoas tinham se deixado dominar pelos ídolos. E, mais uma vez, uma comparação implícita deve ser observada entre Deus e os ídolos. Pois Deus erigiu a sede de seu império em nosso coração, mas, quando levantamos ídolos, necessariamente procuramos destruir o trono de Deus e reduzir seu poder a nada. Por essa razão, o mais hediondo crime de sacrilégio é aqui mostrado nessas pessoas que permitiram que os ídolos se elevassem por cima do seu coração. Pois daqui segue-se que todos os sentidos deles submergiram em suas superstições. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**OS ÍDOLOS DEVEM SER REMOVIDOS.** HANS DENCK: Portanto, eles devem ser devastados totalmente; como um campo que uma pessoa acaba esquecendo, eles devem ser esquecidos. Eles devem ser removidos do íntimo e também de fora como, o Senhor diz ao profeta em Ezequiel 14.2ss. Essas pessoas que vieram a você (provavelmente para ouvir a palavra do Senhor) trazem seus ídolos em seu coração, e elas próprias causaram a ofensa de sua transgressão. Portanto, voltarei contra elas minha face irada. No entanto, todo aquele que se volta e lança fora os ídolos de seu coração agrada a Deus. REFLEXÕES SOBRE MIQUEIAS.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Tappert 365:2-3.

<sup>2</sup> CTS 23:45-46 (CO 18:300-301).

<sup>3</sup> *Writings*, 54-55.

**DEUS QUER O NOSSO ARREPENDIMENTO.**

JOÃO CALVINO: Agora Deus revela a razão pela qual ele ameaçou tão severamente os falsos profetas e todo o povo, a saber, para que eles se arrependessem (Ez 14.6); pois o objetivo do rigor de Deus é que, atemorizados pelos seus juízos, retornemos ao caminho. Por essa razão, ele agora os exorta ao arrependimento. Daqui concluímos a lição útil de que, sempre que Deus nos enche de temor, ele não tem outra intenção senão humilhar-nos e, desse modo, prover para a nossa salvação; quando ele nos reprova e ameaça tão vigorosamente por meio de seus profetas, e, de fato, está verbalmente irado conosco, é para que ele realmente nos poupe. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**ARREPENDIMENTO.** WILLIAM GREENHILL: Não é obra e dom de Deus o arrependimento? Se é obra de Deus, como é que se exige que as pessoas se arrependam? Resposta: O arrependimento vem de Deus (At 11.18). Os ministros devem instruir com mansidão aqueles que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda o arrependimento (2Tm 2.25). É também o dom de Cristo. Ele foi exaltado “a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento” (At 5.31). Entretanto, Deus ordena que as pessoas se arrependam porque elas podem fazer alguma coisa para que possam se arrepender; como, em primeiro lugar, considerar seriamente a natureza de seu pecado, de que circunstâncias está revestido, quais agravantes ele admite, quão carmesim e escarlate ele é, contra que luz, misericórdias, expedientes, compromissos ele é, etc. O receio de pecado em noções falsas de proveito ou prazer induzem a ele, e a consideração do pecado em sua própria natureza ajuda a arrepender-se dele e a abominá-lo...

Deus dá aquilo que ele exige. Em Ezequiel 11.19, ele prometeu tirar “da sua carne o coração de pedra” e lhes dar “coração de carne” e, assim, pode, aqui, exigir que eles se arrependam. Em Marcos 1.15, “Arrependei-vos e crede no evangelho”. Nada disso estava ao alcance deles; seria mais fácil para eles criar novos céus e nova terra do que esses atos, mas Deus dá e opera as duas coisas no coração de quem ele quer

(2Tm 2.25; Fp 1.29). Nem o arrependimento nem a fé são naturais, também não são hábitos adquiridos por esforços e obras das pessoas, mas constituem a obra eficaz do Espírito no coração. Deus e Cristo operam o arrependimento pelo Espírito e, conseqüentemente, o arrependimento é atribuído a eles e é negado estar no poder das pessoas (2Co 3.5; Fp 2.13). Uma ordem não indica poder e livre-arbítrio nas pessoas para se arrependem. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**14.12-23 Julgamento inevitável**

**NOÉ, DANIEL E JÓ.** JOÃO CALVINO: Às vezes, pergunta-se por que Noé, Daniel e Jó são citados, em vez de Abraão, Jacó, Davi ou outros. Aqueles que desejam ser precisos elaboram várias hipóteses, a saber, porque Noé não pôde preservar o mundo antigo do dilúvio, mas somente seus filhos e as esposas deles. Mas esse exemplo não é satisfatório; e quanto aos outros, eles dizem que Jó não preservou os seus filhos, uma vez que todos eles foram consumidos pelo raio. Mas a mesma coisa sucedeu aos outros. Assim, Abraão foi o pai comum do povo e nem mesmo ele pôde arrebatrar sua descendência da ira de Deus; e mais, Jeremias descreve Raquel, embora morta, chorando por seus filhos e recusando ser consolada porque nenhum deles sobreviveu (Jr 31.15). Vemos, então, que isso é indiferente. Outros dizem que esses três homens tinham experimentado três tipos diferentes de vida; Noé, vivendo antes do dilúvio, tinha visto a terrível devastação de toda a terra e ainda a renovação do mundo que se seguiu; eles dizem também que Jó floresceu em prosperidade e, em seguida, foi despojado de todos os seus bens e de seus filhos e foi tão afetado por doença e imundície ao ponto de ser uma carcaça, antes que um homem vivo, e, não obstante, foi restaurado como um cativo das mãos do inimigo. Daniel, outra vez, tinha vivido em Jerusalém, tinha sido feito cativo e tinha vivido ali no exílio; que ele, finalmente, viu o início da restauração do povo quando ocorreu aquela mudança repen-

<sup>4</sup> CTS 23:50 (CO 18:303).

<sup>5</sup> *Exposition*, 317.

tina e a monarquia babilônica passou para os persas. Essas coisas, à primeira vista, parecem engenhosas, mas tudo o que é afetado é sempre fraco e domesticado. Ezequiel menciona aqui esses três homens simplesmente porque foram os primeiros que lhe ocorreram... Três homens, então, são aqui mencionados, cuja santidade era célebre. Daniel ainda vivia; os outros tinham morrido há muito tempo, mas a integridade deles era universalmente manifesta. Então, é como se ele tivesse dito que, mesmo que surgissem pessoas que fossem ou tivessem sido mais perfeitas entre o povo, no entanto, de nada valeriam em sua intercessão por uma terra já destinada à destruição. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**A MENÇÃO DE NOÉ, DANIEL E JÓ.** JOHN MAYER: Pode-se perguntar por que esses três são aqui mencionados em vez de outros. Calvino afirma que alguns explicam que esses três eram notáveis por sua justiça em três épocas diferentes: Noé no mundo antigo, Daniel no tempo do cativo, estando ainda vivo naquela época, e Jó, como alguém de um outro país que, entre as nações, foi o mais notável de todos. Outros, porque Jó não pôde, por sua piedade, salvar seus filhos ou filhas, nem Daniel pôde salvar os judeus, entre os quais ele fora levado ao cativo na Babilônia, nem Noé pôde salvar o mundo antigo do dilúvio. Mas Calvino entende que nada mais se pretende com a especificação desses nomes, mas apenas, em geral, afirmar que, se estivessem entre eles alguns dos homens mais graciosos que já viveram, como esses três, os quais ele mencionou em vez de outros, conforme lhe vieram primeiro à mente, esses tais pecadores incorrigíveis não seriam favorecidos.

Em vez disso, eu entendo que, por ser o Senhor quem assim falou, havia alguma razão especial para essa sua especificação. Pode ser porque esses três homens, mais do que outros de grande notabilidade, viveram em tempos de se comprovar aquilo que podia ser feito nesse caso, que aqui está em discussão, e, mesmo assim, o mundo antigo não recebeu maior libertação por causa da justiça de Noé, nem os filhos de Jó por causa de sua justiça, nem os judeus que foram para o cativo no terceiro ano de

Joaquim, por causa da de Daniel. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>7</sup>

**POR QUE NOÉ, DANIEL E JÓ?** WILLIAM GREENHILL: Alguns investigam bastante a razão por que se deveria mencionar esses três homens em vez de outros, e, em resposta, apresentam o seguinte: Pensa-se que eles são mencionados porque não puderam, por sua santidade e suas orações, desviar a ira de Deus das pessoas de seu tempo. Noé não pôde impedir o dilúvio, nem Jó, as coisas deploráveis que sobrevieram a ele e aos seus, nem Daniel, o cativo. Outros pensam que eles foram citados porque livraram outros em perigo iminente em sua época. Noé salvou sua família do dilúvio; Jó orou por seus amigos, e eles foram poupados; Daniel preservou os magos e sábios.

Mas, em vez disso, eles são citados porque foram homens de grande santidade, exercitados com grandes provações e, assim, mais fervorosos na oração. “E se esses homens, que foram tão aceitáveis a mim, tiveram tanto interesse em mim, e muitas vezes comigo prevaleceram, orassem por vocês, mesmo assim, eles nada fariam para libertá-los com suas orações.” Esses homens passaram por grandes aflições, e a aflição é a pedra de amolar da oração, os foles que sopram aquele fogo. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

**JUSTIÇA E SALVAÇÃO.** JOÃO CALVINO: Mas a declaração do profeta, de que eles seriam salvos por sua própria justiça, parece absurda, pois não há ninguém cuja justiça possa permanecer diante do tribunal de Deus; pois se Deus fosse argumentar com os homens, todos seriam achados pecadores, como a Escritura também muitas vezes ensina e a experiência plenamente nos convence. Aqui, o profeta parece exaltar demais o mérito das obras ao atribuir a libertação da pessoa à sua justiça. Entretanto, a solução é fácil, a saber, essa justiça que se menciona não deve ser separada do perdão gratuito que reconcilia o homem com Deus, de modo que seus

<sup>6</sup> CTS 23:72-73 (CO 18:319-320).

<sup>7</sup> *Prophets*, 407-8.

<sup>8</sup> *Exposition*, 325-26.

pecados não lhes são imputados, pois, quanto a dizerem alguns que eles foram justificados pela fé, isso não ajuda a investigação; e, além disso, é forçado. Por sua própria justiça eles livrarão a própria alma, ou seja, dizem eles, por sua fé. Mas quando Deus se dirige a Noé (Gn 7.1) e diz que ele foi achado justo por causa de sua piedade, ele não pretende dizer que Noé estivesse dotado de fé; isso seria de pouca importância. Não há dúvida, então, de que ele elogia a santidade e a integridade em seu servo; assim também, nesta passagem, sob a palavra justiça ou retidão, ele sugere o temor de Deus, no qual todas as virtudes estão fundadas, a castidade, a temperança e tudo o que pertence à ordem de viver em santidade e justiça. Entretanto, isso em nada deprecia a justiça da fé, pois os fiéis são tidos por justos diante de Deus e suas obras são, também, reconhecidas por justas – não por algum mérito inerente – não porque trazem alguma perfeição daquele tipo diante de Deus que possa conciliar o seu favor e na qual eles possam se firmar, mas porque Deus os perdoa indulgentemente por sua paternal clemência e, assim, aprova sua justiça, que, de outro modo, poderia ser merecidamente rejeitada. **COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.**<sup>9</sup>

**JUSTIÇA E SALVAÇÃO.** JOHN MAYER: Mas o que ele quer dizer ao acrescentar que, por sua justiça eles salvariam apenas a própria alma? Será

que alguém tem a alma salva por sua própria justiça, ou unicamente pela fé? Solução: Embora uma pessoa seja salva unicamente pela fé, no entanto, nenhuma pessoa é verdadeiramente fiel que também não seja reta no coração e na vida, o que constitui a sua justiça, e esta é aceita por sua fé, como se fosse perfeita. Assim, ela é digna de ser salva, como é dito de Abraão que ele creu e isso lhe foi contado para justiça. Mas isso não acontece sem a pessoa ser reta, para mostrar que ninguém é aceito, embora crente, a menos que também ande diante de Deus e seja reto, como foi dito a Abraão, e como Tiago argumenta amplamente. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>10</sup>

**A SANTIDADE NÃO CONSTITUI MÉRITO PARA A SALVAÇÃO.** WILLIAM GREENHILL: Você não deve pensar que a santidade ou a justiça deles tenha merecido sua libertação. A bondade de uma pessoa nada é para Deus; tudo o que ela pode fazer é dívida, e o melhor que faz é imperfeito e não move a vontade de Deus. A libertação e a salvação são atos de graça e favor. “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós mesmos; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9). Por sua livre graça, Deus prometeu fazer grandes coisas por seus eleitos, pelos piedosos. Quando ele faz isso por eles, não é porque eles merecem isso ou porque são piedosos, mas porque ele prometeu. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>11</sup>

<sup>9</sup> CTS 23:73-74 (CO 18:320).

<sup>10</sup> *Prophets*, 408.

<sup>11</sup> *Exposition*, 326.

## 15.1-8 JERUSALÉM, UMA Videira inútil

*<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, por que mais é o sarmento de videira que qualquer outro, o sarmento que está entre as árvores do bosque? <sup>3</sup> Toma-se dele madeira para fazer alguma obra? Ou toma-se dele alguma estaca, para que se lhe pendure algum objeto? <sup>4</sup> Eis que é lançado no fogo, para ser consumido; se ambas as suas extremidades consome o fogo, e o meio dele fica também queimado, serviria, acaso, para alguma obra? <sup>5</sup> Ora, se, estando inteiro, não servia para obra alguma, quanto menos sendo consumido pelo fogo ou sendo queimado, se faria dele qualquer obra? <sup>6</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Como o sarmento da videira entre as árvores do bosque, que dei ao fogo para que seja consumido, assim entregarei os habitantes de Jerusalém. <sup>7</sup> Voltarei o rosto contra eles; ainda que saiam do fogo, o fogo os consumirá; e sabereis que eu sou o SENHOR, quando tiver voltado o rosto contra eles. <sup>8</sup> Tornarei a terra em desolação, porquanto cometeram graves transgressões, diz o SENHOR Deus.*

**PANORAMA:** A destruição de Jerusalém é predita novamente neste capítulo, mas desta vez por meio da parábola da videira inútil. Nossos comentaristas observam a conveniência do uso da videira para representar Israel. Em comparação com outras árvores, a videira é algo humilde, incapaz de suportar a si mesma, frequentemente espezinhada. Assim é Israel, em comparação com outras nações. O que fazia Israel maior do que outras nações era o fato de Deus ter lhe concedido privilégios e benefícios. Além disso, a videira é algo inútil quando arrancada do solo. Sua madeira não tem valor e, por essa razão, ela é simplesmente lançada no fogo. Por essa parábola a respeito de Israel, obtemos uma lição para hoje. Nada somos por natureza, mas apenas pela graça e misericórdia gratuitas de Deus.

**PARÁBOLAS E ALEGORIAS.** WILLIAM GREENHILL: Nesse breve capítulo, mediante a comparação com uma videira inútil e infrutífera, é apresentada a condição dos habitantes de Jerusalém, ou seja, para nada serve senão para fazer fogo, e dessa forma são eles adequados unicamente para julgamento...

Os ministros de Deus estão autorizados a usar comparações em seu ensino ao povo de Deus. O próprio Deus faz isso aqui. Ele introduz a pará-

bola da videira e a alegoriza. As Escrituras possuem muitas parábolas e alegorias. Em grande medida, Cristo se manifestou por parábolas; elas ajudam a memória, no caso de serem familiares e conhecidas. Elas convencem mais plenamente do que discursos diretos. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**A PARÁBOLA.** JOHN MAYER: Este capítulo não se propõe a fazer outra coisa senão agravar a miséria de Jerusalém, que em breve haveria de ser arrasada pelo fogo. Isso é mostrado por uma comparação com uma videira, a qual, depois de cortada, para nada mais serve senão para ser queimada. Portanto, com exceção de ser cortada e queimada, nenhum uso proveitoso pode ser feito dela. E o Senhor, dessa forma, avilta Jerusalém e os judeus em oposição ao orgulho e confiança que eles tinham nisto, de serem o povo peculiar de Deus.

E ele segue comparando-os como estando ainda no vinhedo, como, por assim dizer, com outras árvores do bosque, isto é, com as nações pagãs. Pois o que é uma videira em comparação com outra árvore, seja um carvalho ou um cedro, senão apenas com relação à fertilidade? Na verdade, ela não é nada, pois as árvores cres-

<sup>1</sup> *Exposition*, 329-30.

cem eretas e são belas à vista, mas a videira é tortuosa, inferior, contorcida, incapaz de se sustentar no chão a menos que seja amparada e, por isso, sujeita a ser espezinhada, ferida e dilacerada pelo gado. Assim eram os judeus em comparação com outras nações mais desprezíveis, estando especialmente, como agora, sem fruto, sem produzir boas obras e cheias de maldade. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

#### NOSSO VALOR ESTÁ SOMENTE EM DEUS.

JOÃO CALVINO: É evidente que a videira produz frutos muito bons e, assim, é preferida em relação a outras árvores: a própria flor da videira possui um aroma muito agradável, contudo, o fruto que ela produz comprova a sua excelência. Não obstante, a madeira da videira não possui elegância nem forma definida: ela não atinge grande espessura; é delgada, maleável e torcida. Ao se olhar para uma videira, dificilmente ela parecerá digna de ser enumerada entre os arbustos; se comparada com as árvores, ela claramente não tem valor, porém, na excelência das árvores, há algo facilmente reconhecido que sobrepuja todas as videiras. Pois quando pousamos os olhos num ramo de árvore, somos tomados de admiração, enquanto a videira jaz aos nossos pés. Se, então, uma árvore é comparada com a madeira da videira, ela será elogiada por sua beleza, enquanto a videira será desprezada como de madeira inferior e insignificante. Daqui Deus conclui que os judeus de modo nenhum eram mais excelentes que os outros, senão que foram plantados por ele mesmo, como ele diz em muitos lugares em Isaías: “Ó vinha minha, eu te plantei!” (Is 5). Outra vez, no Salmo 40, ele trouxe sua vinha do Egito, plantou-a e a estendeu até o mar (cf. Sl 80.9-12; Jr 2.21).

Agora entendemos o significado do profeta, qual seja, que os judeus, de fato, se sobressairam em privilégios, mas não em natureza, nem ainda por si mesmos, mas pela bondade gratuita de Deus; e se outras nações fossem comparadas a eles, elas teriam dignidade maior do que os judeus. E sabemos que outras nações floresceram nas artes e na riqueza, em população, em valor militar e em outros aspectos: as nações profanas eram como árvores imponentes

que cresciam e atraíam todos os olhos para si mesmas. Mas os judeus eram como uma videira que, sendo plantada pela mão de Deus, tinha mais direito a elogios do que as árvores do bosque que eram infrutíferas. Ezequiel continua, agora, a comparação com mais detalhes: *se a videira for consumida*, diz ele, *acaso sua madeira serviria para alguma obra?* Ela não serviria para se fazer vigas, mesas, ou alguma embarcação; nem para se fazer uma cavilha ou um gancho onde pendurar um chapéu ou uma capa, ou algo do tipo. Visto, pois, que a madeira da videira é inútil quando arrancada do solo e para nada serve senão para queimar, por isso os judeus são informados de sua condição, uma vez que sua excelência e dignidade dependem unicamente do bom prazer de Deus: assim como ele os plantou, ele pode arrancá-los num instante; e quando forem devastados, eles serão completamente inúteis e serão lançados no fogo, enquanto as árvores são de algum uso. Mas o profeta continua mais um passo: se um feixe de ramos fosse lançado no fogo e as duas extremidades se queimassem, e o meio ficasse ressecado, essa parte chamuscada ficaria muito menos útil, pois quando o fogo penetra no próprio miolo, a madeira, que está meio consumida, é reduzida a pó pelo simples toque. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

#### UMA LIÇÃO PARA NÓS TAMBÉM. JOÃO

CALVINO: Agora, depois que entendemos o significado do profeta, aprendamos que o Espírito Santo assim se dirigiu ao judeus, no passado, para que esse discurso pudesse ser de proveito a nós hoje em dia. Devemos perceber, em primeiro lugar, que somos superiores a todo o mundo pela imerecida compaixão de Deus, no entanto, por natureza, não temos nada em nós mesmos de que nos gloriar. Entretanto, se nos conduzirmos com arrogância, pela confiança nos dons de Deus, essa arrogância seria um sacrilégio, pois retiramos de Deus o seu próprio louvor e nos vestimos, por assim dizer, de seus despojos. Mas Paulo, ao falar dos judeus, de maneira breve, porém clara, define ambos os

<sup>2</sup> *Prophets*, 409.

<sup>3</sup> CTS 23:84-86 (CO 18:328-329).



lados: Temos nós qualquer vantagem? – diz ele (pois ele ali se une ao seu povo). Temos vantagem sobre os gentios? – diz ele (Rm 3.9). Não, de forma nenhuma, pois a Escritura declara que todos somos pecadores – que todos estamos debaixo de maldição. Visto, portanto, que somos filhos da ira, diz ele, não há nada que possamos reivindicar para nós mesmos acima dos gentios profanos. Depois de ter prostrado assim todo o orgulho de sua própria nação, ele repete novamente: Que dizer? Não somos superiores aos outros? Sim, temos todo tipo de vantagem. Pois a adoção, o culto, a lei de Deus e as alianças conferem a nós uma notável superioridade, e de tal modo que não encontramos nada igual em todo o mundo. Como essas coisas se harmonizam? Que os judeus têm vantagens e devem ser preferidos aos outros e, ainda, que eles não têm qualquer vantagem, isto é, visto que eles nada têm em si mesmos que os leve a

desprezar os gentios ou se achar superiores. Consequentemente, a vantagem deles não se encontra em si mesmos mas em Deus. Sendo assim, Paulo não elogia aqui suas virtudes, mas diz que eles têm vantagem pela adoção gratuita, pois Deus estabeleceu a sua aliança com Abraão e eles iriam se erguer das nações santas, porque ele instituiu uma linha permanente de piedade entre eles, prometendo ser ele próprio o Pai deles; e mais, ele determinou que Cristo viesse como descendente deles, o qual é a vida e a luz do mundo. Vemos, então, os privilégios anteriores dos judeus. Os nossos privilégios são os mesmos nos dias de hoje. Tantas vezes quantas somos favorecidos pelos dons de Deus, pelos quais nos aproximamos dele e vencemos o mundo, devemos também lembrar o que éramos antes de Deus nos levantar. Então, nossa origem prostrará toda arrogância e nos impedirá de sermos ingratos para com Deus. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> CTS 23:91 (CO 18:331-332).

## 16.1-63 UMA ALEGORIA DA JERUSALÉM INFIEL

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, faz conhecer a Jerusalém as suas abominações; <sup>3</sup> e dize: Assim diz o SENHOR Deus a Jerusalém: A tua origem e o teu nascimento procedem da terra dos cananeus; teu pai era amorreu, e tua mãe, heteia. <sup>4</sup> Quanto ao teu nascimento, no dia em que nasceste, não te foi cortado o umbigo, nem foste lavada com água para te limpar, nem esfregada com sal, nem envolta em faixas. <sup>5</sup> Não se apiedou de ti algum, para te fazer alguma destas coisas, compadecido de ti; antes, foste lançada em pleno campo, no dia em que nasceste, porque tiveram nojo de ti.

<sup>6</sup> Passando eu por junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue e te disse: Ainda que estás no teu sangue, vive; sim, ainda que estás no teu sangue, vive. <sup>7</sup> Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo; crescestes, e te engrandeceste, e chegaste a grande formosura; formaram-se os teus seios, e te cresceram cabelos; no entanto, estavas nua e descoberta.

<sup>8</sup> Passando eu por junto de ti, vi-te, e eis que o teu tempo era tempo de amores; estendi sobre ti as abas do meu manto e cobri a tua nudez; dei-te juramento e entrei em aliança contigo, diz o SENHOR Deus; e passaste a ser minha. <sup>9</sup> Então, te lavei com água, e te enxuguei do teu sangue, e te ungi com óleo. <sup>10</sup> Também te vesti de roupas bordadas, e te calcei com couro da melhor qualidade, e te cingi de linho fino, e te cobri de seda. <sup>11</sup> Também te adornei com enfeites e te pus braceletes nas mãos e colar à roda do teu pescoço. <sup>12</sup> Coloquei-te um pendente no nariz, arrecadas nas orelhas e linda coroa na cabeça. <sup>13</sup> Assim, foste ornada de ouro e prata; o teu vestido era de linho fino, de seda e de bordados; nutriste-te de flor de farinha, de mel e azeite; eras formosa em extremo e chegaste a ser rainha. <sup>14</sup> Correu a tua fama entre as nações, por causa da tua formosura, pois era perfeita, por causa da minha glória que eu pusera em ti, diz o SENHOR Deus.

<sup>15</sup> Mas confiaste na tua formosura e te entregaste à lascívia, graças à tua fama; e te ofereceste a todo o que passava, para seres dele. <sup>16</sup> Tomaste dos teus vestidos e fizeste lugares altos adornados de diversas cores, nos quais te prostituíste; tais coisas nunca se deram e jamais se darão. <sup>17</sup> Tomaste as tuas joias de enfeite, que eu te dei do meu ouro e da minha prata, fizeste estátuas de homens e te prostituíste com elas. <sup>18</sup> Tomaste os teus vestidos bordados e as cobriste; o meu óleo e o meu perfume puseste diante delas. <sup>19</sup> O meu pão, que te dei, a flor da farinha, o óleo e o mel, com que eu te sustentava, também puseste diante delas em aroma suave; e assim se fez, diz o SENHOR Deus. <sup>20</sup> Demais, tomaste a teus filhos e tuas filhas, que me geraste, e os sacrificaste a elas, para serem consumidos. Acaso, é pequena a tua prostituição? <sup>21</sup> Mataste a meus filhos e os entregaste a elas como oferta pelo fogo. <sup>22</sup> Em todas as tuas abominações e nas tuas prostituições, não te lembraste dos dias da tua mocidade, quando estavas nua e descoberta, a revolver-te no teu sangue.

<sup>23</sup> Depois de toda a tua maldade (Ai, ai de ti! – diz o SENHOR Deus), <sup>24</sup> edificaste prostíbulo de culto e fizeste elevados altares por todas as praças. <sup>25</sup> A cada canto do caminho, edificaste o teu altar, e profanaste a tua formosura, e abriste as pernas a todo que passava, e multiplicaste as tuas prostituições. <sup>26</sup> Também te prostituíste com os filhos do Egito, teus vizinhos de grandes membros, e multiplicaste a tua prostituição, para me provocares à ira. <sup>27</sup> Por isso, estendi a mão contra ti e diminuí a tua porção; e te entreguei à vontade das que te aborrecem, as filhas dos filisteus, as quais se envergonhavam do teu caminho depravado. <sup>28</sup> Também te prostituíste com os filhos da Assíria, porquanto eras insaciável; e, prostituindo-te com eles, nem ainda assim te fartaste; <sup>29</sup> antes, multiplicaste as tuas prostituições na terra de Canaã até a Caldeia e ainda com isso não te fartaste.

<sup>30</sup> *Quão fraco é o teu coração, diz o SENHOR Deus, fazendo tu todas estas coisas, só próprias de meretriz descarada.* <sup>31</sup> *Edificando tu o teu prostíbulo de culto à entrada de cada rua e os teus elevados altares em cada praça, não foste sequer como a meretriz, pois desprezaste a paga;* <sup>32</sup> *foste como a mulher adúltera, que, em lugar de seu marido, recebe os estranhos.* <sup>33</sup> *A todas as meretrizes se dá a paga, mas tu dás presentes a todos os teus amantes; e o fazes para que venham a ti de todas as partes adular contigo.* <sup>34</sup> *Contigo, nas tuas prostituições, sucede o contrário do que se dá com outras mulheres, pois não te procuram para prostituição, porque, dando tu a paga e a ti não sendo dada, fazes o contrário.*

<sup>35</sup> *Portanto, ó meretriz, ouve a palavra do SENHOR.* <sup>36</sup> *Assim diz o SENHOR Deus: Por se ter exagerado a tua lascívia e se ter descoberto a tua nudez nas tuas prostituições com os teus amantes; e por causa também das abominações de todos os teus ídolos e do sangue de teus filhos a estes sacrificados,* <sup>37</sup> *eis que ajuntarei todos os teus amantes, com os quais te deleitaste, como também todos os que amaste, com todos os que aborreceste; ajuntá-los-ei de todas as partes contra ti e descobrirei as tuas vergonhas diante deles, para que todos as vejam.* <sup>38</sup> *Julgar-te-ei como são julgadas as adúlteras e as sanguinárias; e te farei vítima de furor e de ciúme.* <sup>39</sup> *Entregar-te-ei nas suas mãos, e derribarão o teu prostíbulo de culto e os teus elevados altares; despir-te-ão de teus vestidos, tomarão as tuas finas joias e te deixarão nua e descoberta.* <sup>40</sup> *Farão subir contra ti uma multidão, apedrejar-te-ão e te traspasarão com suas espadas.* <sup>41</sup> *Queimarão as tuas casas e executarão juízos contra ti, à vista de muitas mulheres; farei cessar o teu meretrício, e já não darás paga.* <sup>42</sup> *Desse modo, satisfarei em ti o meu furor, os meus ciúmes se apartarão de ti, aquietar-me-ei e jamais me indignarei.* <sup>43</sup> *Visto que não te lembraste dos dias da tua mocidade e me provocaste à ira com tudo isto, eis que também eu farei recair sobre a tua cabeça o castigo do teu procedimento, diz o SENHOR Deus; e a todas as tuas abominações não acrescentarás esta depravação.*

<sup>44</sup> *Eis que todo o que usa de provérbios usará contra ti este, dizendo: Tal mãe, tal filha.* <sup>45</sup> *Tu és filha de tua mãe, que teve nojo de seu marido e de seus filhos; e tu és irmã de tuas irmãs, que tiveram nojo de seus maridos e de seus filhos; vossa mãe foi heteia, e vosso pai, amorreu.* <sup>46</sup> *E tua irmã, a maior, é Samaria, que habita à tua esquerda com suas filhas; e a tua irmã, a menor, que habita à tua mão direita, é Sodoma e suas filhas.* <sup>47</sup> *Todavia, não só andaste nos seus caminhos, nem só fizeste segundo as suas abominações; mas, como se isto fora mui pouco, ainda te corrompestes mais do que elas, em todos os teus caminhos.* <sup>48</sup> *Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não fez Sodoma, tua irmã, ela e suas filhas, como tu fizeste, e também tuas filhas.* <sup>49</sup> *Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e próspera tranquilidade teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre e o necessitado.* <sup>50</sup> *Foram arrogantes e fizeram abominações diante de mim; pelo que, em vendo isto, as removi dali.* <sup>51</sup> *Também Samaria não cometeu metade de teus pecados; pois tu multiplicaste as tuas abominações mais do que elas e assim justificaste a tuas irmãs com todas as abominações que fizeste.* <sup>52</sup> *Tu, pois, levaste a tua ignomínia, tu que advogaste a causa de tuas irmãs; pelos pecados que cometeste, mais abomináveis do que elas, mais justas são elas do que tu; envergonha-te logo também e leva a tua ignomínia, pois justificaste a tuas irmãs.*

<sup>53</sup> *Restaurarei a sorte delas, a de Sodoma e de suas filhas, a de Samaria e de suas filhas e a tua própria sorte entre elas,* <sup>54</sup> *para que leves a tua ignomínia e sejas envergonhada por tudo o que fizeste, servindo-lhes de consolação.* <sup>55</sup> *Quando tuas irmãs, Sodoma e suas filhas, tornarem ao seu primeiro estado, e Samaria e suas filhas tornarem ao seu, também tu e tuas filhas tornareis ao vosso primeiro estado.* <sup>56</sup> *Não usaste como provérbio o nome Sodoma, tua irmã, nos dias da tua soberba,* <sup>57</sup> *antes que se descobrisse a tua maldade? Agora, te tornaste, como ela, objeto de opróbrio das filhas da Síria e de todos os que estão ao redor dela, as filhas dos filisteus que te desprezam.* <sup>58</sup> *As tuas depravações e as tuas abominações tu levarás, diz o SENHOR.*

<sup>59</sup> *Porque assim diz o SENHOR Deus: Eu te farei a ti como fizeste, pois desprezaste o juramento, invalidando a aliança.* <sup>60</sup> *Mas eu me lembrarei da aliança que fiz contigo nos dias da tua*

*mocidade e estabelecerei contigo uma aliança eterna.* <sup>61</sup> *Então, te lembrarás dos teus caminhos e te envergonharás quando receberes as tuas irmãs, tanto as mais velhas como as mais novas, e tas darei por filhas, mas não pela tua aliança.* <sup>62</sup> *Estabelecerei a minha aliança contigo, e saberás que eu sou o SENHOR,* <sup>63</sup> *para que te lembres e te envergonhes, e nunca mais fale a tua boca soberbamente, por causa do teu opróbrio, quando eu te houver perdoado tudo quanto fizeste, diz o SENHOR Deus.*

**PANORAMA:** Este longo capítulo é uma alegoria contra os judeus que estavam em Jerusalém e contra a impiedade deles. Nossos comentaristas refletem sobre as origens do povo, cujo nascimento foi na terra de Canaã e cujo pai foi um amorreu e cuja mãe foi uma heteia. Revela-se aqui a pecaminosidade do povo. Além disso, segue-se que é unicamente pela graça de Deus que somos chamados à fé.

A alegoria continua a discutir os adornos da virgem e seu fiasco. Os benefícios concedidos por Deus são os adornos da virgem. Quando Deus toma um povo para si, ele provê para ele e cuida dele. Nada é mais fútil do que nos gloriamos nos dons de Deus como se fôssemos o autor desses dons. Ais são pronunciados contra essa mulher pecadora e ela é julgada. O capítulo termina com a promessa do pacto eterno de Deus. Nossos comentaristas refletem sobre o significado da fidelidade eterna de Deus em guardar o seu pacto e, especificamente, como esse pacto aponta para a expiação que Cristo fez dos nossos pecados.

### 16.1-7 *O povo*

**OS CIDADÃOS DE JERUSALÉM.** JOÃO CALVINO: Este capítulo contém repreensões muito severas contra o povo da Judeia que foi deixado em Jerusalém. Apesar de Ezequiel ter sido um líder para os israelitas e os judeus exilados, entretanto, Deus quis sua ajuda para beneficiar outros. Por isso, o ofício que Deus tinha imposto ao seu profeta é agora estendido aos cidadãos de Jerusalém, cujas abominações ele deve tornar manifestas. Em seguida, a conduta é expressa, quando Deus revela a condição dessa nação antes de tê-la abraçado com o seu favor. Depois de falar dos benefícios com os quais adornou o povo, ele censura sua ingratidão e mostra com muitas palavras e diferentes imagens quão detestável era a sua desleal-

dade na rebelião: tão distantes de Deus depois de ele os tratar tão generosamente. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**OS PROFETAS PREGAM O QUE DEUS ORDENA.** WILLIAM GREENHILL: Chegamos agora ao capítulo mais longo em toda a profecia, e ele é contra os judeus que estavam em Jerusalém... Aquilo que Deus ordena que os profetas e ministros façam, não importa como isso será recebido pelo povo, eles devem fazê-lo.

Aqui, Deus ordena que Ezequiel dê ao povo ciência das abominações; ele não deveria apresentar desculpas para dispensar-se de seu serviço, objetar contra ele, dizer que eles iriam zombar dele, desprezá-lo, ultrajá-lo, odiá-lo, procurar feri-lo e destruí-lo. Deus deu a ordem e o seu dever era cumpri-la, de maneira cuidadosa, consciente e fiel. Ele deve dar a conhecer os pecados deles ao mundo, a eles mesmos, e mostrar quais serão as consequências. “Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados” (Is 58.1). O profeta não deve sussurrar, mas clamar, e isso em alta voz; não importa quem vai ouvir, ele deve levantar a voz como uma trombeta. Quando as pessoas tocam trombetas, elas o fazem com toda a força, e o som vai bem longe; assim também devem os profetas, com a extensão de sua voz, proferir os pecados do povo e mostrar-lhe suas transgressões; e devem fazê-lo de forma completa e séria aos seus ouvidos. Eles precisam fazer isso. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**AS ORIGENS DO POVO.** JOÃO CALVINO: Não é de surpreender, então, que Deus censure aqui, de forma indireta, a tolice e a indolência dos judeus,

<sup>1</sup> CTS 23:93 (CO 18:334).

<sup>2</sup> *Exposition*, 334-35.

quando ele *ordena que suas abominações sejam expostas*, as quais já eram suficientemente conhecidas de todos. Posteriormente, para começar a mostrar quão imprópriamente o povo estava se comportando, Deus o faz recordar a primeira origem ou fonte de sua raça. Mas devemos observar que Deus fala de maneiras diferentes da origem do povo. Às vezes, ele os faz lembrar da condição de Abraão antes de entender a mão e tirá-los, por assim dizer, das regiões inferiores para a vida, como é dito no último capítulo de Josué (Js 24.2-3): seu pai Abraão adorava ídolos quando Deus o adotou. No entanto, outras vezes, o início é feito a partir do pacto de Deus, quando ele escolhe Abraão e sua posteridade para si mesmo. Mas, nesta passagem, Deus parte do tempo em que o pequeno grupo de pessoas se desenvolveu, de forma maravilhosa e gradual, numa nação, apesar de ter passado por vil opressão no Egito; pois a redenção que imediatamente se seguiu do povo é chamada, às vezes, de seu nascimento. Portanto, Deus diz, aqui, que os judeus nasceram quando aumentaram de forma tão inacreditável, embora, quando oprimidos pela tirania egípcia, dificilmente fossem contados entre os povos existentes. E o que ele diz dos judeus aplica-se igualmente a toda a posteridade de Abraão: pois a condição das dez tribos era a mesma que as da Judeia. Entretanto, visto que o profeta fala a um povo que ainda sobrevivia, ele silencia sobre o que teria dito, caso fosse orientado a proferir essa ordem aos exilados e cativos, além de aos cidadãos de Jerusalém. Qualquer que seja o significado, Deus declara aqui *que os judeus originaram-se da terra de Canaã, de um pai amorreu e de uma mãe heteia* (Ez 16.3).

Surge aqui uma questão – Embora Deus tivesse adotado Abraão, duzentos anos antes, por que será que esse pacto não foi levado em conta? Pois ele, aqui, não parece exaltar sua própria fidelidade e a constância de sua promessa quando rejeita os judeus como tendo se originado dos cananeus ou dos amorreus; mas isso só mostra aquilo que eles eram em si mesmos: embora ele nunca abandonasse o seu propósito e sua eleição nunca tenha sido em vão, contudo devemos sustentar, no que diz respeito aos

israelitas, que eles são considerados como gentios profanos. Pois sabemos como eles se corromperam no Egito. Então, visto que eles eram tão degenerados e tão completamente diferentes de seus antepassados, não é surpresa que Deus diga *que eles procedem dos cananeus e dos amorreus*.

...Para que eles não ignorassem o favor com que Deus se comprometeu com Abraão, o profeta se opõe a eles e os declara semente de Canaã, não tendo nada em comum com Abraão, porque, no que diz respeito a eles, conforme o uso comum, a promessa de Deus estava extinta e a adoção deles estava morta e sepultada. Uma vez que tinham agido tão deslealmente, eles não mais podiam se orgulhar de serem filhos de Abraão. Por essa razão ele diz: *tuas habitações*, ou seja, o lugar de sua origem. Jerônimo a traduz como “raiz”, mas a palavra *nascimento* se ajusta melhor, ou solo nativo, ou condição de nascimento *na terra dos cananeus; teu pai era amorreu, e tua mãe, heteia*. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**AMORREUS E HETEUS.** JOHN MAYER: Neste capítulo, o profeta deixa claro desde o início a infâmia dos judeus, de tal modo que, se fosse possível, ele os rebaixaria e lhes destruiria o desmedido orgulho e presunção. Ele começa, então, com o nascimento deles, dizendo que eles eram de Canaã, tendo por pai um amorreu e por mãe uma heteia. Com isso, ele quer dizer que, por causa de sua impiedade, eles eram assim considerados por Deus, como em outra parte é dito que eles tinham sido etíopes para ele, e os judeus são declarados por nosso Senhor como tendo sido de seu pai, o diabo, pela mesma razão. Jerônimo pensa que ele alude à sua fala excessiva e jactância no nome amorreu, e à sua loucura, no nome heteia, conforme o significado das palavras. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> CTS 23:94-96 (CO 18:335-336). A referência a Jerônimo é à Vulgata, que traz *radix tua et generatio tua* (“tua raiz e teu nascimento”). Jerônimo segue a LXX, que também traz raiz (*rizā*).

<sup>4</sup> *Prophets*, 410.

**IMITAÇÃO DAS NAÇÕES.** WILLIAM GREENHILL: As pessoas são filhas daqueles cujos caminhos, modos e exemplo elas seguem. Jerusalém imitava as nações em sua adoração, costumes, práticas e é filha de um amorreu, de uma heteia, e seus cidadãos imitavam sua impiedade; eles se aparentaram como eles e obtiveram herança com eles, como os Pais comentam sobre as palavras (Orígenes, Jerônimo, Teodoro)...

Olhemos para aquilo cujos caminhos seguimos. Se imitamos o mundo, somos filhos do mundo; se Roma, Babilônia, somos seus filhos. A igreja de Roma se orgulha de ter nascido dos apóstolos e de que Pedro e Paulo lançaram os seus fundamentos. Mas será que ela abraça a doutrina deles, será que imita os seus exemplos? Não, ela é como as nações por causa de sua idolatria, superstição, prostituição, engano, pompa, orgulho, etc. Portanto, seu pai é um amorreu e sua mãe, uma heteia. Dizemos que somos de Cristo, mas somos semelhantes a Cristo em nossa adoração e vida? UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUEL.<sup>5</sup>

**Nossa raça pecadora.** JOHANN GERHARD: Por natureza, somos estranhos, separados de Deus por causa do pecado (Is 59.2). Nossa raça e nosso nascimento é da terra dos cananeus, nosso pai é dos amorreus e nossa mãe, dos heteus (Ez 16.3). Isso quer dizer que nossa raça é de uma nação pecadora e estranha. É por isso que é irrefutável a verdade de que o chamado da igreja, em geral, e de cada indivíduo, em particular, é um ato da graça de Deus. O mérito da pessoa fica prostrado no caminho, ou seja, a ideia de que alguém deve primeiro preparar-se para a graça de Deus e fazer-se digno dela. POSTILLA.<sup>6</sup>

**A ABUNDANTE MISERICÓRDIA DE DEUS.** MATTHEW MEADE: Deus libertou Israel do Egito, não obstante toda a sua indignidade e inconveniência, e elas eram grandes; de modo nenhum eles estavam aptos para a libertação, como mostrei amplamente para vocês, quando Deus os libertou; o Espírito Santo mostra isso de maneira muito apropriada, ao comparar o caso deles, quando Deus os tirou do Egito, com o de uma criança recém-nascida. “Quanto ao teu nascimento, no dia em que nasceste (ou seja, tirado do Egito),

não te foi cortado o umbigo, nem foste lavada com água para te limpar, nem esfregada com sal, nem envolta em faixas. Não se apiedou de ti olho algum, para te fazer alguma destas coisas, compadecido de ti; antes, foste lançada em pleno campo, no dia em que nasceste, porque tiveram nojo de ti” (Ez 16.4-5). Todas essas expressões alusivas servem para mostrar o estado em que estava Israel quando Deus veio libertá-lo do cativeiro, de um estado muito infeliz, tão maculado como um recém-nascido, tão desprezível e repugnante de se contemplar como uma criança não lavada em sua imundície natural; e ele prossegue: “Passando eu por junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue e te disse: Ainda que estás no teu sangue. vive; sim, ainda que estás no teu sangue, vive” (Ez 16.6).

Há três coisas aqui para serem observadas. (1) Sua grande incapacidade e indignidade de livramento. Ela estava maculada com seu próprio sangue; pecados grandes e horrendos são expressos na Escritura pelo sangue e, para mostrar a enormidade dos pecados dela, o sangue é mencionado três vezes neste versículo. (2) Essa incapacidade e indignidade não eram desconhecidas de Deus nem lhe eram despercebidas. E ele observa bem toda a sua indignidade e incapacidade: “Vi-te a revolver-te no teu sangue, no teu próprio sangue”. (3) Temos aqui uma libertação realizada em meio a toda incapacidade, vista e descoberta. “E te disse: Ainda que estás no teu sangue, vive; sim, ainda que estás no teu sangue, vive.” Isso foi repetido duas vezes para uma finalidade dupla: levá-los a um senso humilde de sua indignidade e mostrar a generosidade da graça na libertação deles... Temos aqui misericórdia, mas de modo nenhum conveniência para misericórdia; redenção, mas de modo nenhum conveniência para redenção; e isso a faz maravilhosa. Assim foi a libertação dos judeus da Babilônia. O caso deles foi como o de Israel no Egito, um povo totalmente indigno de libertação e incapaz para ela quando Deus a realizou. SERMÕES.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> *Exposition*, 336-37.

<sup>6</sup> *Postilla* 1: 210-11.

<sup>7</sup> *Sermons*, 55-57.

### 16.8-34 *O adorno da virgem*

#### A PROTEÇÃO DE DEUS. WILLIAM GREENHILL:

Quando Deus toma um povo para si, ele o protegerá de um modo especial e cobrirá sua nudez e vergonha. Ele tomou essa mulher israelita, estendeu o seu manto sobre ela e cobriu sua nudez. Ele a protegeu por quarenta anos no deserto, contra inimigos e males que ameaçavam destruí-la. Ele retirou o seu opróbrio de esterilidade e servidão na casa da servidão. Ele a fez frutífera e livre. Quando a incircuncisão foi uma vergonha para o seu povo, o Senhor a retirou (Js 5.9). Quando Golias desafiou os exércitos de Israel, Deus o tirou de cena por intermédio de Davi (1Sm 17). E quando o Senhor introduziu os gentios, será que ele não estendeu o seu manto sobre eles e cobriu sua nudez (Is 54.1-5)? ...Portanto, Deus terá um cuidado especial por ela, mudará sua esterilidade em fertilidade e cobrirá sua vergonha, sua idolatria e profanação. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

#### O ADORNO DE DEUS PARA O SEU POVO. JOÃO

CALVINO: Aqui, o profeta relata, numa metáfora, outros benefícios pelos quais Deus adornou generosamente o seu povo; pois sabemos que nada é omitido ao derramar ele as riquezas de sua bondade sobre o seu povo. E, quanto às explicações alegóricas que alguns dão desses ornamentos femininos, eu não aprovo tal coisa, já que eles inutilmente conjecturam muitas insignificâncias que estão em desacordo umas com as outras. Em primeiro lugar, suas conjecturas podem ser refutadas pelas palavras do profeta; depois, se permitirmos que as palavras dos profetas sejam mudadas ou torcidas, aquilo que esses intérpretes alegóricos tagarelam uns com os outros é inteiramente contrário em seu significado. Portanto, estejamos contentes com o sentido genuíno, de que Deus foi tão generoso para com os israelitas que derramou todas as suas bênçãos no sentido de enriquecê-los. Agora, se alguém perguntar como o povo foi adornado, eu respondo: de duas maneiras: primeiro, Deus os abraçou com o seu favor e prometeu ser o seu Deus, e isso foi sua honra principal; como diz Moisés: eles estavam nus e sua vergo-

nha foi descoberta quando eles erigiram um ídolo no lugar de Deus. Ele agora acrescenta um segundo tipo de bênção quando Deus cuidou deles no deserto: ele aparecia de dia numa nuvem e à noite numa coluna de fogo; a água jorrava da rocha para eles; o alimento diário lhes era dado do céu, como se Deus, com suas próprias mãos, o tivesse colocado em suas bocas; então, com a força dele, eles venceram os seus inimigos e entraram na terra prometida enquanto ele matava as nações para eles e lhes dava possessão tranquila e domínio ali; então ele abençoou a terra para que ela os alimentasse abundantemente e fez com que ela testificasse que não foi em vão a promessa de que a terra manaria leite e mel. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>9</sup>

#### LAVADA COM ÁGUA. WILLIAM GREENHILL:

Alguns atribuem essa lavagem à passagem do povo pelo mar Vermelho (Êx 14.21-22), da qual diz o apóstolo: “Nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés” (1Co 10.1-2). A retirada deles do Egito foi um tipo da redenção por meio de Cristo, e sua passagem pelo mar Vermelho, uma figura do batismo ou da lavagem no sangue de Cristo.

Alguns entendem que a água aqui é a doutrina celestial que o Senhor lhes deu. “Goteje a minha doutrina como a chuva” (Dt 32.2). Quando a chuva cai, ela lava a sujeira dos lugares; assim fez a lei, lavando as perversões e profanações do seu povo. Outros pensam que aqui estão indicadas aquelas lavagens legais, mencionadas em várias partes, a começar de Êxodo 19.10... Outros a atribuem à libertação que Deus proporciona a eles de sua condição miserável e vil, por causa de sua pobreza e torpeza, levantando-os a uma posição de importância.

Podemos saltar a segunda e a quarta e considerar a primeira e a terceira. Eu os lavei no mar Vermelho e com lavagens legais. Agora, por serem elas tipos e por conduzirem a Cristo, devemos passar da cerimônia para a substância, a saber, o sangue de Cristo e a remissão de

<sup>8</sup> *Exposition*, 348.

<sup>9</sup> CTS 23:106 (CO 18:343-344).

pecados. Eu os guiei por meio daquelas lavagens e batismos à fonte aberta para remover a impureza (Zc 13.1). O pecado contamina, porém o sangue de Cristo purifica de toda impureza. Eu encontro intérpretes que entendem, por essa lavagem com água, o perdão de pecados que, no Novo Testamento, é muitas vezes expresso pela metáfora de lavagem, aspersão, purificação e limpeza (1Jo 1.7; 2Pe 1.9; Ap 1.5; Hb 9.14; 1Pe 1.2). A água purifica, refresca, conforta; e assim faz o perdão de pecados por meio do sangue de Cristo (Ef 1.7; Hb 10.22; Mt 9.2; Hb 12.24). UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

**USO FIGURADO DE LAVAGEM.** CATECISMO RACOVIANO: Mas o apóstolo, nesta mesma passagem (Tt 3.5-6), parece atribuir regeneração à água do batismo, uma vez que ele fala de lavagem. Ele realmente menciona lavagem, mas não afirma que essa lavagem de regeneração seja o próprio batismo com água, como também aqueles que ressaltam principalmente que essa passagem insiste contra nós, são eles próprios forçados a confessar; porque eles argumentam que só as crianças são regeneradas pelo batismo, e que, nos adultos, a regeneração, tendo sido realizada pela fé antes do batismo, é apenas indicada pelo batismo. Mas nessa passagem e em outras semelhantes, os adultos é que estão em vista: portanto, uma vez que o apóstolo fala aqui da lavagem de regeneração de pessoas adultas, é evidente que ele não está tratando do batismo com água, mas de alguma ablução espiritual. Também não é incomum nas Escrituras chamar figuradamente pelo nome de lavagem essa purificação de nossa mente, ou seja, esse ato de Deus e de Cristo, efetuado pela palavra ou doutrina do evangelho, pelo qual nossa mente é purificada da impureza de nossa depravação. Pois Paulo escreve aos Efésios (Ef 5.26) que Cristo purificou a igreja “por meio da lavagem de água pela Palavra”, ou seja, através da Palavra, ou seja, do evangelho, onde ele faz alusão ao costume de se lavar mulheres recém-casadas; ao qual também Deus se refere, em parte, em Ezequiel (Ez 16.9), onde, falando ao povo de Jerusalém, ele diz: “Então, te lavei com água”, o que a própria passagem revela muito claramente que deve

ser entendido figuradamente. CATECISMO RACOVIANO.<sup>11</sup>

**POR QUE SANGUES ESTÁ NO PLURAL.** MATTHEW MEADE: “Entrei em aliança contigo... Então, te lavei com água, e te enxuguei do teu sangue” (Ez 16.8-9) e “te disse: Ainda que estás no teu sangue, vive” (Ez 16.6). É plural no hebraico, e por qual razão? Para mostrar que ela se encontrava num duplo estado de sangue, um por conta do pecado e outro por conta de escravidão e sofrimento; e esta declaração, “vive”, é um remédio contra ambos. Quando você estava em sangrenta escravidão, quando foi emitida uma proclamação sangrenta para que todos os seus meninos fossem destruídos, então “vi-te... e te disse:... vive”. Eu a tirei daquela morte, e você estava numa situação maculada de sangue não somente por natureza, mas por suas atuais idolatrias no Egito; Eu disse: vive. Eu lhe concedi a graça da minha aliança e a tirei dessa morte. É assim que, no cativeiro babilônico, o Espírito Santo compara essa escravidão à morte, e sua longa permanência nela, a uma decomposição no túmulo. Agora, quando o Senhor vem para livrá-los, ele os prepara para a libertação ao lhes dar não apenas uma vida civil, mas também espiritual. Em Ezequiel 37, você tem as duas claramente diferenciadas uma da outra. “Se ajuntavam, cada osso ao seu osso... mas não havia neles o espírito” (Ez 37.7-8). Aqui está sugerida a vida civil no juntar de osso ao seu osso, mas onde está a vida espiritual, o espírito neles? Isso você tem logo em seguida: “Porei em vós o meu Espírito, e vivereis” (Ez 37.14). A VISÃO DAS RODAS.<sup>12</sup>

**NOSSE ABUSO DOS DONS DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Nada foi mais indigno ou irracional do que os judeus usarem os dons de Deus como pretexto para sua arrogância. Mas esse mau hábito sempre foi comum no mundo, como agora é muito predominante, especialmente entre as mulheres bonitas; pois, embora a beleza seja um dom de Deus, nove entre dez mulheres que a possuem são orgulhosas, apaixonadas por

<sup>10</sup> *Exposition*, 351-52.

<sup>11</sup> *RC* 259-60.

<sup>12</sup> *Visions of the Wheels*, 61.



homens e unem lascívia a elegância na aparência. Isso é totalmente indigno da parte delas, mas foi esse o hábito em todas as eras, como também atualmente, pois reconhecemos o mesmo nos homens; pois conforme cada um se sobressai em alguma coisa, assim ele arroga para si mais do que deveria, quando ele exulta contra Deus e repreende as outras pessoas. Se um indivíduo abunda em riquezas, imediatamente ele se entrega à luxúria e à pompa vã; e outros abusam delas em diversos usos pervertidos e depravados. Se um indivíduo é dotado de habilidade, ele dirige sua acuidade para a astúcia e a fraude; em seguida, ele planeja muitos artifícios, como se desejasse unir terra e céu. Assim, quase todas as pessoas profanam os dons de Deus. Mas o profeta mostra aqui a fonte desse orgulho ao dizer que os judeus confiavam em sua própria formosura (Ez 16.15), pois, se a modéstia florescesse em nós, certamente ela seria suficiente para reprimir toda insolência; mas assim que essa repressão é descartada, não há mais moderação diante de Deus nem das pessoas. Por conseguinte, essa passagem é digna de observação, onde Deus reprova o seu antigo povo por confiar em sua formosura, porque a imagem significa que eles extraíram o material de seu orgulho dos dons que, antes, deveriam levá-los à piedade; pois os dons que recebemos das mãos de Deus devem ser convites à gratidão, mas estamos inchados de orgulho e luxúria, de modo que profanamos os dons de Deus, nos quais sua glória deve resplandecer. **COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.**<sup>13</sup>

**IDOLATRIA.** MARTINHO LUTERO: Toda idolatria procede de nossa sabedoria, pela qual parecemos corretos a nós mesmos e não levamos em consideração aquilo que Deus ordena. Consequentemente, Ezequiel repreendeu o povo porque fizera para si “estátuas de homens” (Ez 16.17), ou seja, com sua própria inteligência os israelitas estabeleceram poder e magistratura. Portanto, esse texto repreende todos os que desejam, por sua própria sabedoria, empreender um negócio e não consideram a vontade de Deus. Por isso, devemos obedecer à Palavra da fé que Deus nos concedeu, visto que estaremos

seguros em todas as obras e circunstâncias externas se permanecermos nesse caminho real. Isto Satanás não pode suportar: ver seus caminhos rejeitados. **LIÇÕES SOBRE ISAÍAS.**<sup>14</sup>

**AI, AI DE TI!** WILLIAM GREENHILL: Quando o próprio povo de Deus segue por caminhos pecaminosos, isso é repugnante a Deus, isso afeta e de fato aflige o seu coração. Observando e falando aqui das práticas pecaminosas dessa mulher israelita e ainda a falar delas, Deus desabafa no meio de uma frase ao dizer: “Ai, ai de ti!” (Ez 16.23). Ele estava tão cheio de pensamentos de sua ingratidão, indelicadeza, rebeldia, idolatria, etc., que se abre, se esvazia e se solta nessas expressões...

O fim da impiedade é ai. Ela tinha sido notoriamente ímpia, e o que isso trouxe? Ai, ai. É duplo e denota intensidade; ela tinha sido intensa ao pecar, e Deus foi intenso em sua ameaça. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>15</sup>

**A CORREÇÃO DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Agora entendemos o que o profeta quer dizer com este versículo (Ez 16.27): ele se estende ao falar da impiedade do povo que não se voltava para Deus, embora soubesse por clara experiência que estava sob maldição. Eles deviam examinar sua vida, gemer diante de Deus, reconhecer sua falta e implorar o perdão, mas, não havendo mudança no sentimento, o profeta conclui que a obstinação deles era irrecuperável. Essa passagem é digna de nossa observação, para que estejamos atentos às correções de Deus. Sempre que Deus levantar um único dedo para nos ameaçar, sabemos que ele se preocupa com nossa segurança; de nossa parte, despertemo-nos e imploremos sua compaixão e, principalmente, arrependamo-nos de nossos pecados pelos quais vimos sua ira se inflamar (Jr 2.30). Porém, se permanecermos indolentes, vemos que nenhuma desculpa resta para nós, visto que Deus, em outra parte, queixa-se de menosprezo, quando corrige seus filhos em vão. **COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.**<sup>16</sup>

<sup>13</sup> CTS 23:111 (CO 18:347-348).

<sup>14</sup> LW 17.17.

<sup>15</sup> *Exposition*, 374.

<sup>16</sup> CTS 23:131 (CO 18:361-362).

**ABUSO DOS DONS DE DEUS.** JOHN MAYER: Tu dás presentes a todos os teus amantes (Ez 16.33). Os israelitas idólatras, não estando contentes com o Deus verdadeiro, que os tinha desposado para si mesmo, entregaram aos ídolos grande parte de seus bens, que, de sua bondade, Deus lhes concedera. Eles lhes construíram templos, deram-lhes ricos presentes e mantiveram sacerdotes para servir-lhes. Eles pensaram, em parte, que obteriam mais favores dos egípcios, dos assírios e dos caldeus se concordassem com eles em adorar os mesmos deuses. Desse modo, eles gastaram abundantemente sua riqueza com a superstição pagã. Apesar dessas concessões, eles nunca ganharam nem mesmo o menor benefício das mãos deles, mas foram por eles desprezados e zombados. Além disso, por causa de sua perfídia para com Deus, ele permitiu que eles fossem subjugados e completamente arruinados por eles. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>17</sup>

**COLOQUE RÉDEAS NA SUA LASCÍVIA.** JOÃO CALVINO: Tudo se resume em que os judeus foram dominados por um impulso tão impetuoso que não manifestaram moderação alguma em sua impiedade. Pois não foi somente uma vez que eles se rebelaram contra Deus, ou em uma única direção: mas sempre que havia oportunidade, eles costumavam se apegar intensamente à sua impiedade, de modo que mostravam, assim, que nem mesmo uma gota de piedade restava em suas mentes. Aprendamos, então, dessa passagem, a colocar rédeas a tempo em nossa lascívia: pois quando o fogo é aceso, ele não é extinto com facilidade, e o diabo está sempre colocando lenha e óleo na fogueira, conforme a expressão. Evitemos, pois, o mal que é aqui condenado nos judeus e aprendamos a nos conter, para que o diabo não se apodere de nós com fúria insana. **COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.**<sup>18</sup>

### 16.35-58 *O fiasco da virgem*

**OS JUÍZOS DE DEUS NUNCA SÃO SEVEROS DEMAIS.** JOÃO CALVINO: Esta passagem (Ez 16.35-37) nos ensina que, embora a razão para os juízos de Deus nem sempre pareça clara, entretanto,

eles nunca são demasiadamente severos e, quando ele condescende em nos fornecer uma razão, ele nos concede uma indulgência gratuita. Mas quando ele executa silenciosamente os seus juízos, aprendamos a nos sujeitar à sua justiça e a não gritar se ele exceder a moderação, porque, tendo ele explicado uma vez que sua severidade é apenas justiça, disso devemos inferir a regra geral de que sempre que ele parece tratar o seu povo com demasiada severidade e dureza, ele ainda tem justas razões para isso. Aprendamos, também, que os judeus sofreram apenas uma justa recompensa quando Deus amaldiçoou dessa forma todos os seus planos. Eles se achavam muito previdentes e cautelosos quando buscaram alianças com os egípcios e os assírios. Porém, todos os seus planos terminaram de maneira infeliz para eles, visto que eles consultavam sua própria vontade e não a vontade de Deus. Aprendamos, pois, que, se desejamos favorecer nossa própria salvação e obter um resultado próspero, nada devemos fazer sem a permissão de Deus e não devemos empreender quaisquer deliberações, exceto aquelas que Deus tem prescrito e sugerido por sua palavra e seu Espírito. Pois aqui todo evento futuro nos é mostrado como num espelho quando desejamos ser mais sábios do que devemos e do que Deus permite que sejamos. **COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.**<sup>19</sup>

**TAL MÃE, TAL FILHA.** WILLIAM GREENHILL: “Tal mãe, tal filha” (Ez 16.44). A mãe é lasciva, idólatra, sanguinária e rebelde, e a filha é igual a ela. Portanto, veja o que sobreveio à mãe por causa dos seus pecados, que punição lhe foi infligida; o mesmo sobrevirá a você e lhe será infligido. Provérbios apropriados para isto são: “Aves doentes põem ovos impróprios,”... “Do ímpio procede impiedade.” Ora, nem sempre isso é verdade, pois, às vezes, acontece de pais ímpios terem filhos bons, e bons pais terem filhos maus. Noé teve um, Cam; Isaque teve um, Esaú; Davi teve um, Absalão; Ezequias teve um, Manassés. E, ao contrário, o ímpio rei Acáz teve por filho o bom Ezequias; Amom teve Josias; Lameque teve Noé...

<sup>17</sup> *Prophets*, 412.

<sup>18</sup> CTS 23:133 (CO 18:363).

<sup>19</sup> CTS 23:142 (CO 18:370).

Devemos perguntar quem era a sua mãe e qual era a semelhança entre as duas. É dito, aqui, que sua mãe era uma heteia e seu pai, um amorreu. Ela era tão diferente de Sara e Abraão, de cujos lombos por natureza ela veio, e tão semelhante aos amorreus e heteus, uma vez que o Senhor a chama de filha deles.

Suas irmãs eram Samaria, que era a principal cidade das dez tribos, a cidade real. Ela ficava numa colina e foi construída por Onri, rei de Israel, que a comprou de um certo Semer e, por causa dele, a chamou de Samaria (1Rs 16.24), sendo mais tarde chamada de Sebaste. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>20</sup>

**O PECADO DA GANÂNCIA.** MARTINHO LUTERO: Deus permite que as próprias riquezas nas quais as pessoas confiam provoquem a ruína daqueles que as possuem. Consequentemente, Ezequiel profetiza contra os judeus ímpios e avarentos (Ez 16.49): eles não ampararam os pobres; portanto, serão levados ao cativeiro e perecerão juntamente com suas riquezas... A razão pela qual o Senhor destrói Sodoma e Gomorra é que elas possuem riquezas, mas não amparam os pobres (Ez 16.49). O avarento acumula, mas outra pessoa dissipará aquilo que foi acumulado. O avarento pensa: “Meu filho possuirá estas riquezas.” No entanto, Deus deixa entrar alguns ladrões ou assaltantes para retirar dele todas as riquezas, de modo que nem ele nem seu filho têm alguma coisa. Portanto, a pessoa deve persistir em seu trabalho, mas deve esperar pela bênção de Deus e ajudar os pobres. Na verdade, todo o nosso trabalho deve ser como o daqueles que, na prensa de vinho ou na colheita, cantam enquanto trabalham. Em meio ao nosso labor e suor, devemos estar contentes e ter o sentimento de que podemos perder tudo com serenidade. É assim que devemos pensar conosco mesmos: “Certamente, vou trabalhar por mim e por meus filhos. Se Deus nos der alguma coisa, nós a usaremos. Se houver alguma coisa sobrando depois de mim, meu filho a possuirá. Se não houver nada, Deus proverá para ele como proveu para mim.” LIÇÕES SOBRE ECLESIASTES.<sup>21</sup>

**OS PECADOS DE SODOMA.** JOÃO CALVINO: Deus mostra aqui (Ez 16.48-50) que, a princí-

pio, Sodoma não caiu naquelas faltas e crimes grosseiros que foram a causa de sua destruição final. Devemos observar isso com diligência, pois, quando Satanás começa a nos tentar, pensamos que estaremos livres para retrair nossos passos sempre que desejarmos; mas somos seduzidos, alguns de um modo, outros, de outro. Entretanto, ao sermos enredados pelas artimanhas de Satanás, não está em nosso poder escapar delas; e mais, sentimos que fomos envolvidos num completo labirinto. Portanto, visto que as pessoas agem de forma gradual na provocação da ira de Deus, devemos observar essa passagem, na qual Deus nos informa que os sodomitas não foram entregues de uma vez a enorme lascívia, mas começaram com pecados menores e, então, tornaram-se sensuais, por causa de sua abundância, e foram entorpecidos pela tranquilidade e pelo sossego; ao mesmo tempo, desprezavam os pobres e necessitados e não estendiam as mãos para eles. Pois *pegar a mão* significa a mesma coisa que estender a mão, quando levantamos novamente aqueles que caíram ou sustentamos aqueles que estão escorregando. Consequentemente, Deus mostra que os sodomitas ficaram mais tarde tão corrompidos pela sensualidade que ele acrescenta: *foram arrogantes*, ou seja, deliberadamente e de comum acordo, eles se isentaram de todo temor de punição, pois esse é o significado da palavra “arrogante”; isto é, eles se entusiasmaram, porquanto prometeram para si mesmos liberdade de punição; e nessa expectativa falaciosa *eles ousaram fazer abominações diante de mim*. Portanto, devemos sempre rezear que Satanás nos enrede por meio de suas seduções e finalmente deixe os nossos sentidos tão fascinados e entorpecidos que não mais consigamos distinguir entre o bem e o mal, assim como os sodomitas sobrepujaram os animais irracionais em suas abominações, as quais foram a causa de sua ruína.

...Agora, se alguém perguntasse se esses crimes que Ezequiel relata eram piores do que aqueles dos judeus, a resposta é a seguinte: que os sodomitas não estavam debaixo da lei; e, por

<sup>20</sup> *Exposition*, 384.

<sup>21</sup> LW 15:90.

essa razão, não é de surpreender que tenham se desviado e tropeçado em trevas. Mas quando o reto curso de vida foi indicado aos judeus, eles declaradamente procuraram sua própria destruição, rejeitaram, de forma consciente e deliberada, o jugo de Deus e, arrogantemente, desprezaram todos os profetas que diariamente desejavam chamá-los de volta ao caminho da obediência. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>22</sup>

**JERUSALÉM E SEUS VIZINHOS.** WILLIAM GREENHILL: Cidades, estados, igrejas e pessoas são, no relato da Escritura, filhos daqueles cujos modos, caminhos e exemplo eles seguem. Jerusalém seguiu os hábitos, a adoração, a conduta e os costumes das nações e cidades próximas a ela; por isso se diz que sua mãe é uma heteia, seu pai um amorreu, suas irmãs Sodoma e Samaria; ela se moldou segundo os caminhos deles. Aqueles que seguem a fé e as pisadas de Abraão são filhos de Abraão (Gl 3.7; Rm 4.16). Aqueles que são pacíficos e se esforçam para fazer a paz, esses são filhos de Deus (Mt 5.9). As pessoas que cuidam do mundo são previdentes, frugais e econômicas; se vierem a seguir os costumes do mundo, elas são chamadas de filhos do mundo (Lc 16.8). Assim, aqueles que praticam a impiedade são os filhos do diabo (1Jo 3.8,10,12; Mt 13.38). UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>23</sup>

### 19.59-63 *A eterna aliança do Senhor*

**FIDELIDADE PACTUAL.** JOÃO CALVINO: Aqui, também, Deus se opõe à falsa objeção com a qual os judeus podiam contender com ele, pois o que quer que eles fossem, contudo, Deus tinha feito uma aliança com eles. Consequentemente, eles podiam se refugiar no fato de Deus ter se prendido num pacto com eles, visto que ele tinha adotado Abraão com sua descendência. Embora eles tivessem provocado a ira de Deus milhares de vezes, não obstante, permanecia a exceção de que Deus deveria manter seu acordo e não olhar para aquilo que eles tinham merecido por sua ingratidão, mas, antes, ser consistente com suas promessas. Agora, portanto, ele se volta para essa objeção capciosa e declara

que ele está livre para romper o pacto, uma vez que eles foram os primeiros a fazer isso. Farei a vocês, diz ele, como vocês me fizeram. Vemos, portanto, que a calúnia é aqui repelida, com a qual os judeus podiam indiretamente difamar Deus, como eles estavam acostumados a fazer, como se ele tivesse anulado o seu pacto. Então ele diz que, num acordo, é costume que uma pessoa, quando enganada, não mais esteja ligada a um desleal transgressor de acordos, pois o estabelecimento de um pacto requer fé mútua; entretanto, os judeus tinham violado esse acordo e o tinham reduzido a nada. Consequentemente, por causa da perfídia e impiedade deles, Deus tinha ficado livre para rejeitá-los e não mais contá-los entre o seu povo. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>24</sup>

**DEUS GUARDA A ALIANÇA.** WILLIAM GREENHILL: A Escritura diz que Deus é um Deus que guarda a aliança (Ne 9.32). Realmente, Deus é fiel, que guarda a aliança (Dt 7.9) e diz que não desmentirá a sua fidelidade, não violará a sua aliança nem modificará o que os seus lábios profetizaram (Sl 89.33-34). Como, então, o Senhor diz aqui: “Eu te farei a ti como fizeste?” (Ez 16.59). Não está ele obrigado, por sua fidelidade e promessa, a fazer-lhes o bem apesar da falha deles? De acordo com o que está em 2Timóteo 2.13, “Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo.”

Resposta: Se o pacto foi feito com base em condições e essas condições não foram observadas, nenhuma imputação podia ser feita ao Senhor se ele não cumprir aquilo que era a sua parte. Você pode ver como o pacto opera em vários lugares: “O SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos; e dá o pago diretamente aos que o odeiam, fazendo-os perecer” (Dt 7.9). Todas as bênçãos e maldições, em Deuteronômio 28, dependem de obediência ou desobediência, de se guardar ou quebrar a aliança, de modo que o Senhor é livre para punir se o homem não a cumprir.

<sup>22</sup> CTS 23:159-60 (CO 18:382-383).

<sup>23</sup> *Exposition*, 384-85.

<sup>24</sup> CTS 23:171 (CO 18:391).

.... Embora Deus os tenha afligido com extremo rigor e tenha cortado a maioria do seu povo mediante juízos severos, no entanto, ele reservou alguns, deu continuidade à sua fidelidade, guardou a aliança com eles e manifestou a sua bondade para com eles. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>25</sup>

#### A ALIANÇA ETERNA DE DEUS EM CRISTO.

JOÃO CALVINO: Deus declara, então, que se lembraria de sua aliança que fizera com esse povo em sua mocidade e, nessas palavras, indica que sua compaixão não se manifestaria à parte da aliança. Pois Deus sempre chama os fiéis, por assim dizer, de volta à fonte, para que eles não reivindicuem como seu direito nem imaginem isso ou aquilo como sendo a causa de Deus estar reconciliado com eles. Ele mostra, então, que essa compaixão não possui outro fundamento senão a aliança; e esta é a razão pela qual ele diz que se lembraria de sua aliança. Agora ele acrescenta: e estabelecerei contigo uma aliança eterna (Ez 16.60). Aqui, Deus promete, sem obscuridade, uma aliança superior e mais excelente do que aquela antiga, já abolida por causa do fracasso do povo. Por conseguinte, essa passagem não pode ser entendida à parte da nova aliança que Deus estabeleceu pela mão de Cristo. Mas estas duas cláusulas são tão mutuamente unidas que devem ser cuidadosamente consideradas, a saber, que, aqui, Deus dá a esperança de uma nova aliança e ainda nos ensina que ela se origina na antiga já abolida por causa do fracasso do povo. Desse modo, vemos que o Novo Testamento flui da aliança que Deus fez com Abraão e, mais tarde, sancionou pela mão de Moisés. Aquilo que é promulgado para nós no evangelho é chamado de Nova Aliança não porque ela não teve início anteriormente, mas porque foi renovada e acrescida de melhores condições, pois sabemos que a Lei foi abolida pela Nova Aliança. Quer seja assim ou não, a excelência do Novo Testamento não é diminuída, porque ele tem sua origem e ocasião no Antigo Testamento e está fundamentado nele. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>26</sup>

UMA ALIANÇA ETERNA. WILLIAM GREENHILL: É preciso esclarecer que aliança era essa. Ten-

do o seu povo pecado de maneira tão repugnante a ponto de estar em grande parte arruinado e o restante ter sido levado ao cativeiro, parecia, de uma perspectiva externa, que Deus não tinha povo. A promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó, de que, em sua descendência, todas as nações seriam abençoadas, parecia ter se esvaziado e a aliança entre Deus e os israelitas no monte Sinai parecia totalmente desfeita; entretanto, independentemente da aparência das coisas, elas eram diferentes. Deus se lembrava de sua aliança e a estabeleceria com o remanescente deles e faria acréscimos a ela de maior graça e misericórdia. Anteriormente, ele lhes dera a lei em tábuas de pedra; agora, ele a escreveria em seu coração e lhes daria poder para cumpri-la. Em Jeremias 31.31-34, você tem um registro da aliança aqui indicada por nosso profeta, e ela é denominada “nova aliança” por conta dos novos acréscimos e das novas administrações, e não porque a essência dela é alterada. A lei que é escrita no coração daqueles com que Deus estabelece a sua aliança é a mesma que foi escrita nas tábuas de pedra. Isso é novamente mencionado em Hebreus 8.10-12. Alguns entendem que essa aliança no monte Sinai seria mesclada em parte de obras e em parte de graça; alguns buscaram vida e justificação por meio dela, mas nesse ponto ela era imperfeita e fraca (Rm 9.31-32; Gl 3.21). E, à medida que ela compreendia alguma coisa do pacto das obras, ela era antiquada e, à medida que maior graça era acrescida, Cristo e o evangelho eram introduzidos de maneira mais clara e plena. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>27</sup>

NOVA ALIANÇA. JOHN MAYER: Mas por que é chamada de aliança feita com ela em sua mocidade (Ez 16.60), visto ser uma nova aliança, que é estabelecida sob o evangelho? (Jr 31.31). Solução: Essa aliança não é chamada de nova em virtude de sua essência, pois esta continuaria a mesma. É nova em razão da forma de ser concedida. A primeira foi confirmada com o sangue de animais; esta, pelo sangue de Cristo. A primeira só exprimia praticar para viver; esta,

<sup>25</sup> *Exposition*, 406-7.

<sup>26</sup> CTS 23:173 (CO 18:392-393).

<sup>27</sup> *Exposition*, 408-09.

crer e viver. A primeira foi dada com grande terror e acompanhada de pesados encargos de numerosas cerimônias; esta, com toda brandura e sem a imposição desses encargos. Contudo, em sua essência, é a mesma aliança feita com ela em sua mocidade, a saber, em prol da fé, que era o elemento principal. A primeira concedeu graça diante de Deus a seu pai Abraão e de tal modo o introduziu com sua descendência nesta aliança que Deus se comprometeu em ser o seu Deus e o Deus de seus descendentes para sempre. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>28</sup>

**ARREPENDIMENTO.** JOÃO CALVINO: Ezequiel exorta novamente os fiéis ao arrependimento e à meditação constante. Já dissemos que estes membros não podem ser divididos, a saber, o

testemunho da graça e a doutrina do arrependimento; também dissemos que a essência do evangelho é que Deus deseja que aqueles a quem ele reconcilia mediante perdão gratuito se arrependam. Pois só o agradamos quando ele nos faz novas criaturas em Cristo e nos regenera por seu Espírito, como é dito em Isaías: Deus será propício para com o povo que tiver se arrependido de sua iniquidade (Is 59.20). Essa promessa é restrita àqueles que não se deleitam no pecado nem o toleram, mas se humilham diante de Deus e concluem que sua salvação é impossível se eles não forem juizes severos de sua própria condenação. Portanto, Ezequiel segue de perto esse ponto quando diz “para que te lembres e te envergonhes” (Ez 16.63). COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> *Prophets*, 415.

<sup>29</sup> CTS 23.180 (CO 18:398).

## 17.1-24 DUAS ÁGUIAS E UMA Videira

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, propõe um enigma e usa de uma parábola para com a casa de Israel; <sup>3</sup> e diz: Assim diz o SENHOR Deus: Uma grande águia, de grandes asas, de comprida plumagem, farta de penas de várias cores, veio ao Líbano e levou a ponta de um cedro. <sup>4</sup> Arrancou a ponta mais alta dos seus ramos e a levou para uma terra de negociantes; na cidade de mercadores, a deixou. <sup>5</sup> Tomou muda da terra e a plantou num campo fértil; tomou-a e pôs junto às muitas águas, como salgueiro. <sup>6</sup> Ela cresceu e se tornou videira mui larga, de pouca altura, virando para a águia os seus ramos, porque as suas raízes estavam debaixo dela; assim, se tornou em videira, e produzia ramos, e lançava renovos.

<sup>7</sup> Houve outra grande águia, de grandes asas e de muitas penas; e eis que a videira lançou para ela as suas raízes e estendeu para ela os seus ramos, desde a cova do seu plantio, para que a regasse. <sup>8</sup> Em boa terra, à borda de muitas águas, estava ela plantada, para produzir ramos, e dar frutos, e ser excelente videira.

<sup>9</sup> Dize: Assim diz o SENHOR Deus: Acaso, prosperará ela? Não lhe arrancará a águia as raízes e não cortará o seu fruto, para que se sequem todas as folhas de seus renovos? Não será necessário nem poderoso braço nem muita gente para a arrancar por suas raízes. <sup>10</sup> Mas, ainda plantada, prosperará? Acaso, tocando-lhe o vento oriental, de todo não se secará? Desde a cova do seu plantio se secará.

<sup>11</sup> Então, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>12</sup> Dize agora à casa rebelde: Não sabes o que significam estas coisas? Dize: Eis que veio o rei da Babilônia a Jerusalém, e tomou o seu rei e os seus príncipes, e os levou consigo para a Babilônia; <sup>13</sup> tomou um da estirpe real e fez aliança com ele; também tomou dele juramento, levou os poderosos da terra, <sup>14</sup> para que o reino ficasse humilhado e não se levantasse, mas, guardando a sua aliança, pudesse subsistir. <sup>15</sup> Mas ele se rebelou contra o rei da Babilônia, enviando os seus mensageiros ao Egito, para que se lhe mandassem cavalos e muita gente. Prosperará, escapará aquele que faz tais coisas? Violará a aliança e escapará?

<sup>16</sup> Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, no lugar em que habita o rei que o fez reinar, cujo juramento desprezou e cuja aliança violou, sim, junto dele, no meio da Babilônia será morto.

<sup>17</sup> Faraó, nem com grande exército, nem com numerosa companhia, o ajudará na guerra, levantando tranqueiras e edificando baluartes, para destruir muitas vidas. <sup>18</sup> Pois desprezou o juramento, violando a aliança feita com aperto de mão, e praticou todas estas coisas; por isso, não escapará. <sup>19</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Tão certo como eu vivo, o meu juramento que desprezou e a minha aliança que violou, isto farei recair sobre a sua cabeça. <sup>20</sup> Estenderei sobre ele a minha rede, e ficará preso no meu laço; levá-lo-ei à Babilônia e ali entrarei em juízo com ele por causa da rebelião que praticou contra mim. <sup>21</sup> Todos os seus fugitivos, com todas as suas tropas, cairão à espada, e os que restarem serão espalhados a todos os ventos; e sabereis que eu, o SENHOR, o disse.

<sup>22</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Também eu tomarei a ponta de um cedro e a plantarei; do principal dos seus ramos cortarei o renovo mais tenro e o plantarei sobre um monte alto e sublime.

<sup>23</sup> No monte alto de Israel, o plantarei, e produzirá ramos, dará frutos e se fará cedro excelente. Debaixo dele, habitarão animais de toda sorte, e à sombra dos seus ramos se aninharão aves de toda espécie. <sup>24</sup> Saberão todas as árvores do campo que eu, o SENHOR, abati a árvore alta, elevei a baixa, sequei a árvore verde e fiz reverdecer a seca; eu, o SENHOR, o disse e o fiz.

**PANORAMA:** Uma parábola de duas águias nos é apresentada agora e revela a destruição vindoura de Jerusalém. Nossos comentaristas concordam que a primeira águia é Nabucodonosor e a segunda águia representa a incredulidade de Zedequias, que confiou no rei do Egito para ter segurança e proteção, e não em Deus. O capítulo termina com a promessa de restauração e o reino de Cristo. O renovo tenro do alto cedro é Cristo. Ao dizer que ele é do topo do alto cedro, faz-se referência à divindade de Cristo; ao dizer que é tenro e baixo, faz-se referência à sua humanidade.

### 17.1-21 *Doas águias*

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JOÃO CALVINO: Neste capítulo, o profeta mostra que os judeus eram completamente tolos em se julgarem salvos, pois o seu adversário era o próprio Deus. No final do capítulo, ele promete, na verdade, a restauração da igreja e anuncia o reino de Cristo, mas a parte principal do capítulo é gasta com este ensino, de que os judeus eram completamente tolos ao pressagiarem a si mesmos segurança para a cidade, para o templo e para o reino deles, pois agora, como era evidente, eles tinham violado a aliança de Deus e Deus os tinha rejeitado. O que eles podiam fazer sem a ajuda de Deus? Era uma clamorosa insensatez esperar uma situação pró-

pera para o seu reino, quando o poder deles estava diminuído e liquidado, e eles estavam reduzidos ao mais extremo apuro. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JOHN OWEN: Este capítulo, até o versículo 22, se ocupa de um enigma, uma parábola e sua exposição. Tendo chegado o tempo de Deus destruir a monarquia exterior e visível dos judeus por causa de sua falsa adoração, tirania, perseguição e opressão, ele emprega o rei da Babilônia nessa tarefa (2Cr 36.17), o qual subjuga a nação, tira dois reis, um após o outro, e designa Zedequias como governador titular a ele sujeito (2Rs 24.1-3). Mas estando a ira de Deus por sobrevir-lhes de forma extremada, Zedequias se une ao Egito, rebela-se contra aquele (Jr 37.1) por cuja designação apenas ele tinha algum direito de governar (Ez 17.16), de modo que o caminho é aberto, por sua ruína, para pôr fim ao reinado da casa real de Davi em Jerusalém (Jr 29.16-17). SERMÃO.<sup>2</sup>

**A PRIMEIRA ÁGUIA.** JOÃO CALVINO: O profeta argumenta aqui do maior para o menor: pois se Nabucodonosor foi capaz de subjugar com facilidade todo o reino, quando os judeus foram

<sup>1</sup> CTS 23:186 (CO 18:401-402).

<sup>2</sup> Owen, *Works* 8:316.

tocados, quanto mais prontamente ele haverá de destruí-los quando desprezíveis e quase arruinados, pois nada restava que não estivesse ameaçado de destruição, e esse é o significado do profeta. Mas ele compara o rei Nabucodonosor a uma águia que ele diz ser grande e, então, com asas amplas ou estendidas. Não há dúvida que por asas, penas e plumagem ele indica as regiões e povos sobre os quais Nabucodonosor governava, pois sabemos que os caldeus possuíam a monarquia do Oriente. Portanto, visto que tantas regiões e povos obedeciam ao mando de Nabucodonosor, não é de surpreender que o profeta o chame de grande águia, com grandes asas e com muitas penas e plumagens. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

#### NABUCODONOSOR É CHAMADO DE ÁGUIA.

WILLIAM GREENHILL: Nabucodonosor, que era um pagão, é chamado de águia, que é a principal de todas as aves, e não simplesmente uma águia, mas uma grande águia, com asas grandes e longas, cheia de penas. Ele tinha grande poder, vastos territórios, multidões de povos, de fato, reis e príncipes sujeitos a ele (Dn 2.37-38). Ele tinha imenso poder sobre pessoas, aves e animais; ele era a maior águia daquela época...

Não há rei ou reino tão excelente ou grande que o Senhor não possa derrotar e humilhar. Uma grande águia vem e arranca o ramo mais alto do cedro e a ponta de seus renovos; Joaquim, os príncipes e os nobres são levados por ele e despojados de toda a sua dignidade e glória. O topo desse alto cedro foi arrancado e lançado ao chão, e isso foi feito pelo conselho, mandato e providência de Deus: “Assim diz o Senhor Deus: Uma grande águia... veio ao Líbano.” Deus enviou essa águia para fazer isso. Ele possui meios, métodos e tempos para debilitar reinos, destroar reis, rebaixar nobres; ele pode, conforme o seu desejo, remover reis e tirar esses mesmos e outros reis de todo controle e governo. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**O LÍBANO E OS RENOVOS.** JOÃO CALVINO: Mas aqui Ezequiel dá a entender a terra e menciona o Líbano em vez de outros lugares não apenas porque esse monte era o extraordinário

adorno da região por conta de seus altos cedros, bálsamos e árvores aromáticas, mas porque isso era necessário para completar sua alegoria. Se ele tivesse dito que uma águia veio a uma cidade, isso seria um absurdo. Vemos, então, que a palavra *Libano* é usada para representar aquela parte da Judeia na qual crescem e florescem as mais belas árvores. Mas ele diz *que ela arrancou um ramo, do topo dos cedros*, porque Nabucodonosor, que é indicado ser a águia, levou o rei Jeconias, como dissemos ontem. Portanto, o rei Jeconias é comparado à *ponta de um cedro* porque, naquela época, todos pensavam que o reino estava acima de todo perigo; pois os judeus se orgulhavam de estar debaixo da proteção de Deus e de que a cidade era inexpugnável; por isso, essa ocorrência era inacreditável. Agora o profeta acrescenta: *a águia arrancou a ponta* ou o topo dos ramos, como os judeus chamam os renovos; e aqui a palavra significa os ramos tenros e pretende indicar, como veremos posteriormente, os anciãos que foram arrastados para o exílio.

...Depois de narrar que Joaquim foi levado com seus conselheiros e a fina flor de todo o povo e foi privado de sua terra natal a ponto de perder a esperança de voltar, Ezequiel agora diz: *a águia tomou muda da terra e a plantou num campo fértil...* A muda, então, que ele dá a entender aqui é Zedequias, o último rei. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**A SEGUNDA ÁGUIA.** JOÃO CALVINO: Através de uma imagem, ele denuncia agora a perfídia de Zedequias, pois, logo depois, ele recorreu ao rei do Egito e lançou suas raízes e ramos para ele, para que fossem regados. Não discordo da opinião daqueles que pensam que o profeta faz alusão a um costume egípcio, pois sabemos que eles cavavam regos pelos quais a água fluía por toda a região: daqui a fertilidade do solo e, assim, o Egito é comparado, em outras partes a um jardim (Dt 11.10). Qualquer que seja o significado, o profeta revela que Zedequias foi enganado por uma tola confiança quando pensou

<sup>3</sup> CTS 23:188-89 (CO 18:403-404).

<sup>4</sup> *Exposition*, 418.

<sup>5</sup> CTS 23:190-91 (CO 18:404-405).



que estaria seguro sob a proteção do rei do Egito, pois Ezequiel havia dito que a muda foi plantada de tal maneira que a videira era de pouca altura, porém se estendeu sob as asas da águia. No entanto, Zedequias desprezou o rei da Babilônia, pensando que melhoraria a sua situação fazendo um tratado com o rei do Egito. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**OUTRA ÁGUIA.** WILLIAM GREENHILL: Aqui temos a segunda parte da parábola, onde o rei do Egito e a rebelião de Zedequias são considerados. “Outra grande águia.” Essa águia era o rei do Egito [Ez 17.15,17]. Reis são chamados de águias... Essa águia era grande em poder e domínio, mas não tão grande quanto a outra, pois, embora essa águia tivesse grandes asas, contudo, não é dito que fosse de comprida plumagem, como a outra. “Muitas penas.” Muitas riquezas, muitas pessoas e soldados. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

**A VIDEIRA DESTRUÍDA.** JOÃO CALVINO: Nesta passagem (Ez 17.9-10), Deus anuncia que essa videira não poderá continuar florescendo e produzindo fruto, pois ela havia sido plantada para florescer debaixo da sombra da primeira águia, mas daí se retirou. Por essa razão, nada mais resta senão que a primeira águia se vingue do insulto cometido contra ela. Este é o significado da passagem; por isso ele diz: Acaso, prosperará ela? Não lhe arrancará a águia as raízes e cortará o seu fruto? Ezequiel admite este princípio, de que a videira não poderia ser preservada senão pelo poder e ajuda da águia que a plantara; pois quando ela passou dessa águia para outra, o profeta diz que o fim da videira ingrata estava próximo; todas as folhas de seus ramos murchariam e assim ela secaria, e isso não com um ramo poderoso, nem com muito povo. É certo que Nabucodonosor estava acompanhado de um grande exército quando veio à Judeia. Mas o profeta queria dizer que, mesmo que Nabucodonosor trouxesse com ele apenas um pequeno bando, ainda assim Zedequias não poderia continuar reinando, visto que a destruição o aguardava, por causa de sua perfídia e revolta, como será dito mais adiante. Com frequência, o profeta fala

por meio de concessão, como se tivesse dito que por uma simples rajada Zedequias e todo o povo se secariam, visto que ele não poderia permanecer em segurança a menos que extraísse seiva de sua própria raiz; mas ele tinha movido suas raízes para outra parte, conseqüentemente, Ezequiel anuncia que ele deve secar imediatamente. Por isso, não seria necessária a força de muita gente para arrancá-la por suas raízes; pois Zedequias deliberadamente havia cortado as próprias raízes, quando, por sua própria leviandade, se voltara para o rei do Egito. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

### 17.22-24 O reino de Cristo

**CONFORTO ACRESCENTADO.** JOHN MAYER: Daqui para o final do capítulo, à maneira profética, acrescenta-se conforto após as palavras ameaçadoras precedentes. Esse conforto se refere especialmente a Cristo, o ramo mais elevado que virá e será plantado num monte alto e sublime. Ele é convenientemente mostrado aqui como sendo a cabeça de seus ramos ou o principal da descendência de Davi, de cuja linhagem procede.

...Ao falar aqui de Cristo, ele o chama de ponta do alto cedro e ainda de renovo mais tenro. Em Isaías 11, ele é mostrado como sendo um rebento que procede do renovo dessa árvore, isto é, de Jessé, o pai de Davi, que é o ramo mais inferior e não um ramo tirado do topo. Mas por isso se indica primeiro sua divindade, em relação à qual ele era o topo e cabeça de toda essa linhagem, sua coroa e maior glória. Em segundo lugar, sua humanidade, em relação à qual ele era apenas um renovo tenro, fraco e baixo, como também é chamado (Ez 17.24).

Ele foi plantado num monte alto, quando, no monte Sião, onde ficava o templo, ele se assentou para pregar o evangelho, como expresso nas palavras seguintes (Ez 17.23). Embora o monte Sião não fosse o monte mais alto, contudo, pela excelência dos templos ali estabelecidos e da pregação de Cristo nesse lugar,

<sup>6</sup> CTS 23:192 (CO 18:406).

<sup>7</sup> *Exposition*, 421.

<sup>8</sup> CTS 23:193-94 (CO 18:407).

ele era o mais alto em estima dentre todos os outros montes da terra, e é igualmente assim mostrado (Is 2).

E esse ramo aqui plantado *produzirá ramos, dará frutos e se fará cedro excelente. Debaixo dele, habitarão animais de toda sorte, e à sombra dos seus ramos se aninharão aves de toda espécie.* Ou seja, pessoas de todos os povos e nações, a quem o fruto da pregação de Cristo se estende, habitarão nele pela fé, quando seus apóstolos, por ele enviados, indo a todos os países, o anunciarem e pregarem o arrependimento, a fé e a salvação em seu nome. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>9</sup>

**PALAVRAS DE PROMESSA.** WILLIAM GREENHILL: Esses versículos trazem uma promessa de misericórdia, que é a última parte geral do capítulo. E ela não é uma promessa desprezível, mas é uma preciosa e grandíssima promessa, a saber, de Cristo e seu reino.

Tendo o Senhor decidido e jurado, na parte anterior do capítulo, desarraigar a videira judaica, a saber, a destruição de Zedequias, seus príncipes, nobres, cidade, povo, e deixar tudo devastado, alguns deles poderiam dizer: “O que será agora de suas promessas a Abraão, a Davi e a outros, que de seus lombos e de sua semente viria uma bênção para todas as nações, pois o Messias devia proceder de sua raiz? Se Judá como um todo fosse desarraigado e levado para a Babilônia, que verdade haveria na promessa de Deus? Como se cumpriria aquilo que procedeu de seus lábios sagrados?” Como! A verdade de Deus se mostrará infiel e fracassará agora? Não, diz o Senhor, estou consciente daquilo que prometi. Embora vocês não vejam como isso se cumprirá, eu vejo. Eu tenho caminhos não imaginados por vocês. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

**RESTAURAÇÃO DA NAÇÃO.** JOÃO CALVINO: Aqui, o profeta começa a tratar da restauração da nação e do reino. Assim, não há dúvida de que essa profecia se refere a Cristo, porque, embora, num certo sentido, Deus tenha se compadecido de seu povo quando os exilados tiveram a liberdade de voltar, no tempo de Ciro e de Dario, todavia, o que está escrito aqui nunca se revelou

totalmente senão no tempo de Cristo. É verdade, como expressei em outra parte, que, quando os profetas prometem restauração para a igreja, eles não restringem o seu discurso à pessoa de Cristo, mas começam com o retorno do povo, pois esse era o início da liberdade plena e durável que, finalmente, se manifestou em Cristo. Escritores cristãos têm errado em insistir, de maneira tão precisa, que algo dito a respeito da restauração da igreja deva ser entendido como da pessoa de Cristo e, desse modo, eles se fazem ridículos aos judeus. No entanto, como já foi dito, sempre que os profetas dão esperança de liberdade aos eleitos e fiéis, eles incluem todo o tempo desde o retorno do povo, ou do final de seu exílio, até o fim do reino de Cristo. Consequentemente, quando o reino de Cristo é tratado, devemos datar o seu início a partir do período da reconstrução do templo após o retorno do povo de seu cativeiro de setenta anos: em seguida, devemos determinar o seu limite não na ascensão de Cristo, nem ainda no primeiro ou no segundo século, mas através de todo o progresso de seu reino, até que Cristo apareça no último dia. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>11</sup>

**O REINO DE CRISTO.** JOÃO CALVINO: Neste versículo (Ez 17.24), o profeta indica que a obra de Deus será memorável. Pois, quando ele afirma que todas as árvores devem reconhecer que se encontram nas mãos de Deus e sob o seu poder, para levantar o que estava caído e abater e prostrar o que estava exaltado, sem dúvida ele expressa uma ação incomum. Por árvores, ele quer indicar todos os reis da terra e todos os que estão revestidos de alguma dignidade. Pois ele segue sua própria metáfora: assim como ele chamou o reino de Cristo de árvore ou cedro, que cresce a partir de um pequeno renovo, assim também ele agora fala metaforicamente de reis, ao dizer *que todos deviam tomar conhecimento; pois eles saberão que Jeová abate a árvore alta.* Ezequiel pode parecer, aqui, inconsistente consigo mesmo, como já observei, porque Deus disse que ele tiraria de um alto cedro

<sup>9</sup> *Prophets*, 417.

<sup>10</sup> *Exposition*, 430.

<sup>11</sup> CTS 23:207 (CO 18:417).

um pequeno renovo, que ele queria plantar; mas agora ele afirma que Deus elevará aquilo que é baixo e desprezível. Mas temos dissipado esse absurdo, porque, desde o início, Cristo estava na glória de seu Pai e, assim, como diz Miqueias, suas origens são desde a eternidade (Mq 5.2). Essa excelência de Cristo, portanto, é percebida porque, desde o tempo em que estabeleceu o trono de Davi, Deus deu, ao mesmo tempo, um sinal visível do reino mais excelente que era, então, secretamente esperado. Por essa razão, Cristo foi tirado de sua posição exaltada e, como ele não apenas assumiu a forma de escravo, mas se esvaziou até à morte (Fp 2.7), não é de surpreender que o profeta dissesse: *como uma árvore baixa*. Contudo, como observei, essa frase não deve ser restringida à pessoa de Cristo, mas deve ser entendida como adaptada ao seu reino; ou seja, à sua maneira e estilo de governar, uma vez que sabemos, e isso é declarado mais tarde, que o evangelho é como um cetro pelo qual Cristo subjuga todos os povos e os governa para si mesmo. Agora, se refletirmos no que constituía a pregação do evangelho, veremos, como num espelho, o significado do profeta aqui, de que a árvore baixa foi elevada, visto que ninguém teria pensado que, a partir de um início tão pequeno, pudesse se levantar o aumento que Deus posteriormente lhe concedeu. Segue-se, então, que a altura era maravilhosa, uma vez que ela não podia ser compreendida pelos sentidos humanos. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>12</sup>

**O REINO DE CRISTO.** JOHN OWEN: No versículo 22 deste capítulo, ele os chama de seu cuidado com as destruições, desolações e disputas que existiam entre eles com relação ao seu governo civil para a consideração daquele plano que ele estava conduzindo secreta e silenciosamente durante todas essas dispensações. “Também eu tomarei a ponta de um cedro e a plantarei; do principal dos seus ramos cortarei o renovo mais tenro e o plantarei sobre um monte alto e sublime. No monte alto de Israel, o plantarei, e produzirá ramos, dará frutos e se fará cedro excelente. Debaixo dele habitarão animais de toda sorte, e à sombra dos seus ramos se aninharão aves de toda

espécie” (Ez 17.22-23). Era como se o Senhor dissesse: Há um grande rumor no mundo com respeito ao estabelecimento e despojamento de reis, neste seu governo carnal; e muitos de vocês não enxergam outra coisa. Vocês não precisam procurar mais. Eu também tenho minha obra em mãos; meu plano não está restrito a esses limites e aparências externas; estou levantando um rei que terá outro modo de domínio e governo além desses miseráveis da terra. Ele se manterá firme (Mq 5.4).

Portanto, o assunto de Ezequiel 17.22-23 é o estabelecimento desse reino de Cristo, que é “o ramo mais alto do alto cedro”, e sua implantação na igreja, o “monte de Israel”, com sua prosperidade e a segurança daquele que ali habitará. SERMÃO.<sup>13</sup>

**O REINO HUMILDE DE CRISTO.** JOÃO CALVINO: Qual é a aparência externa do reino de Cristo? Na verdade, só sentiremos desespero se julgarmos o reino de Cristo pelo presente estado de coisas. Mas quando vemos como o evangelho vai conquistando terreno, esta passagem deve vir à nossa mente, de que Deus elevará a árvore que é abjeta e desprezível. Ao mesmo tempo, aprendamos que as mudanças que ocorrem e são percebidas no mundo deverão ser imputadas ao orgulho daqueles que estão cegos para a própria ostentação, pois reis, como temos dito, se esquecem de que são homens e, assim, se rebelam contra Deus; Por essa razão, eles deverão necessariamente cair. Se isso não for cumprido imediatamente, aprendamos a esperar com paciência o efeito dessa profecia. Seja lá o que acontecer, Deus estabeleceu de tal modo o reino de Cristo sozinho que ele durará como o sol e a lua, mas os outros impérios do mundo desaparecerão com todo o seu esplendor, e sua imponência ruirá, embora, no presente, eles se elevem acima das nuvens. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>14</sup>

**ÁRVORES ALTAS E BAIXAS.** JOHN OWEN: A árvore que será abatida e seca é a “árvore alta” e a “árvore verde” – uma árvore que, aos

<sup>12</sup> CTS 23:211-12 (CO 18:420).

<sup>13</sup> Owen, *Works* 8:317.

<sup>14</sup> CTS 23:212-13 (CO 18:421).

olhos, tinha beleza e vigor, altura e verdor; esse era o reino judaico, objeto da admiração e do prazer dos judeus. Esta, diz Deus, eu rejeitei; como também ele rejeitará muitos altos Eliabes, que até mesmo alguns Samueis podem imaginar ser o seu unguido.

A árvore que será exaltada e que reverdecerá é a “árvore baixa”, a “árvore seca”, desprezível por causa do crescimento – ela é baixa, inú-

til para frutas e seca. E essa é o reino espiritual do Messias, desprezado e desdenhado. Esta, diz o Senhor, eu exaltarei, mantereí e farei gloriosa, pois embora o interesse de Cristo e do evangelho possa parecer baixo e seco por um período, em comparação com a glória de outros interesses florescentes, todavia, no fim, ela será exaltada acima de todos eles. SERMÃO.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Owen, *Works* 8.319.

## 18.1-32 A ALMA QUE PECAR, ESSA MORRERÁ

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Que tendes vós, vós que, acerca da terra de Israel, proferis este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram? <sup>3</sup> Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, jamais direis este provérbio em Israel. <sup>4</sup> Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá.

<sup>5</sup> Sendo, pois, o homem justo e fazendo juízo e justiça, <sup>6</sup> não comendo carne sacrificada nos altos, nem levantando os olhos para os ídolos da casa de Israel, nem contaminando a mulher do seu próximo, nem se chegando à mulher na sua menstruação; <sup>7</sup> não oprimindo a ninguém, tornando ao devedor a coisa penhorada, não roubando, dando o seu pão ao faminto e cobrindo ao nu com vestes; <sup>8</sup> não dando o seu dinheiro à usura, não recebendo juros, desviando a sua mão da injustiça e fazendo verdadeiro juízo entre homem e homem; <sup>9</sup> andando nos meus estatutos, guardando os meus juízos e procedendo retamente, o tal justo, certamente, viverá, diz o SENHOR Deus.

<sup>10</sup> Se ele gerar um filho ladrão, derramador de sangue, que fizer a seu irmão qualquer destas coisas <sup>11</sup> e não cumprir todos aqueles deveres, mas, antes, comer carne sacrificada nos altos, contaminar a mulher de seu próximo, <sup>12</sup> oprimir ao pobre e necessitado, praticar roubos, não tornar o penhor, levantar os olhos para os ídolos, cometer abominação, <sup>13</sup> emprestar com usura e receber juros, porventura, viverá? Não viverá. Todas estas abominações ele fez e será morto; o seu sangue será sobre ele.

<sup>14</sup> Eis que, se ele gerar um filho que veja todos os pecados que seu pai fez, e, vendo-os, não cometer coisas semelhantes, <sup>15</sup> não comer carne sacrificada nos altos, não levantar os olhos para os ídolos da casa de Israel e não contaminar a mulher de seu próximo; <sup>16</sup> não oprimir a ninguém, não reter o penhor, não roubar, der o seu pão ao faminto, cobrir ao nu com vestes; <sup>17</sup> desviar do pobre a mão, não receber usura e juros, fizer os meus juízos e andar nos meus estatutos, o tal não morrerá pela iniquidade de seu pai; certamente, viverá. <sup>18</sup> Quanto a seu pai, porque praticou extorsão, roubou os bens do próximo e fez o que não era bom no meio de seu povo, eis que ele morrerá por causa de sua iniquidade.

<sup>19</sup> Mas dizeis: Por que não leva o filho a iniquidade do pai? Porque o filho fez o que era reto e justo, e guardou todos os meus estatutos, e os praticou, por isso, certamente, viverá. <sup>20</sup> A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai, a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este.

<sup>21</sup> Mas, se o perverso se converter de todos os pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e fizer o que é reto e justo, certamente, viverá; não será morto. <sup>22</sup> De todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela justiça que praticou, viverá. <sup>23</sup> Acaso,

*tenho eu prazer na morte do perverso? – diz o SENHOR Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?*<sup>24</sup> *Mas, desviando-se o justo da sua justiça e cometendo iniquidade, fazendo segundo todas as abominações que faz o perverso, acaso, viverá? De todos os atos de justiça que tiver praticado não se fará memória; na sua transgressão com que transgrediu e no seu pecado que cometeu, neles morrerá.*

<sup>25</sup> *No entanto, dizeis: O caminho do Senhor não é direito. Ouvi, agora, ó casa de Israel: Não é o meu caminho direito? Não são os vossos caminhos tortuosos?*<sup>26</sup> *Desviando-se o justo da sua justiça e cometendo iniquidade, morrerá por causa dela; na iniquidade que cometeu, morrerá.*<sup>27</sup> *Mas, convertendo-se o perverso da perversidade que cometeu e praticando o que é reto e justo, conservará ele a sua alma em vida.*<sup>28</sup> *Pois se considera e se converte de todas as transgressões que cometeu, certamente, viverá; não será morto.*<sup>29</sup> *No entanto, diz a casa de Israel: O caminho do Senhor não é direito. Não são os meus caminhos direitos, ó casa de Israel? E não são os vossos caminhos tortuosos?*

<sup>30</sup> *Portanto, eu vos julgarei, a cada um segundo os seus caminhos, ó casa de Israel, diz o SENHOR Deus. Convertedei-vos e desviadei-vos de todas as vossas transgressões; e a iniquidade não vos servirá de tropeço.*<sup>31</sup> *Lançai de vós todas as vossas transgressões com que transgredistes e criai em vós coração novo e espírito novo; pois, por que morreríeis, ó casa de Israel?*<sup>32</sup> *Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o SENHOR Deus. Portanto, convertei-vos e vivei.*

**PANORAMA:** Os pecados do pai não devem ser imputados ao filho. O pai sofrerá a punição por seus pecados; o filho também sofrerá pelos próprios pecados. Neste capítulo, Deus declara que ele trata de maneira justa com todas as pessoas e que todas as pessoas sofrem pelo próprio pecado. Se uma pessoa se arrepende, ela recebe misericórdia; se ela se desvia da justiça, recebe juízo. Além disso, todas as almas pertencem a Deus. Ele é o criador e sustentador de todas as coisas.

Nossos comentaristas tratam detalhadamente da seção intermediária deste capítulo. Três perguntas são de especial importância. Primeira, qual é a relação entre a lei e a justiça? Pode uma pessoa ser justificada por obras da lei? Segunda, será que Deus deseja que todos sejam salvos ou ele predestina alguns à condenação? Terceira, pode um justo desviar-se da justiça para o pecado? Finalmente, o capítulo termina com a lembrança de que os caminhos de Deus não são os nossos caminhos.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JOHN MAYER: Aqui, em razão de o profeta ter agravado anteriormente os pecados dos judeus, o povo vivia de acordo com os pecados de seus antepassados e agora se queixava disso, como se estivesse sendo tratado injustamente; pois quando os seus antepassados cometeram os mesmos pecados, eles es-

caparam, contudo, o povo a quem Ezequiel profetizava era agora ameaçado de destruição. Portanto, para convencê-los de que sua queixa era injusta, nesse aspecto, e, assim, justificar o Senhor em seus procedimentos contra eles, ele declara, amplamente, neste capítulo, que nem eles nem algum outro, em tempo algum, foram julgados injustamente pelo Senhor, senão com toda justiça e equidade. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>1</sup>

#### **18.1-4 Todas as almas pertencem a Deus**

**ACUSAÇÕES FEITAS CONTRA DEUS.** WILLIAM GREENHILL: Enfrentando muitas privações em seu cativeiro na Babilônia, em vez de se humilharem por causa dos seus pecados, os quais lhes trouxeram deploráveis misérias, os judeus levantam uma queixa injusta contra Deus e o acusam de tratá-los injustamente; a saber, que seus antepassados tinham pecado e eles, que eram seus filhos, sofriam por causa do pecados deles. Sendo nós inocentes, somos afligidos gravemente por causa das iniquidades deles. Neste capítulo, Deus se defende dessa falsa acusação e mostra-lhes que ele é muito justo em punir e recompensar. Todos levarão a culpa de seu pró-

<sup>1</sup> *Prophets*, 417\*.

prio pecado e não do pecado de outra pessoa; cada um será recompensado de acordo com aquilo que é e tem feito, quer seja justo ou injusto. Se o injusto se arrepende de seus maus caminhos, ele alcançará misericórdia; se o justo se desviar de sua justiça, ele será julgado. Esse é o resumo e o principal argumento deste capítulo. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**OS PECADORES DISTORCEM A PALAVRA DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Podemos concluir dessa repreensão que os judeus eram intérpretes petulantes do melhor ensino; eles, deliberadamente, injuriaram a expressão do profeta e extraíram dela um sentido contrário... O profeta agora os convence dessa má-fé e mostra que eles não tinham razão alguma para transferir suas faltas para outras pessoas ou retirá-las de si mesmos, visto que Deus era justo em tomar vingança contra eles. Sabemos que as pessoas, intencionalmente, procuram subterfúgios para se verem livres de culpa e, em seguida, acusam Deus de cruel injustiça. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**TODAS AS ALMAS PERTENCEM A DEUS.** JOÃO CALVINO: Alguns intérpretes explicam assim o início do versículo: que as pessoas se queixam de maneira vã e temerária quando Deus parece tratá-las com excessiva severidade, visto que o barro não se insurge contra o oleiro. Uma vez que Deus é o criador do mundo inteiro, somos obra de suas mãos: que loucura, então, levantar-se contra ele quando ele não nos satisfaz; e vimos esse símile usado por Jeremias (Jr 18.6). O sentimento, então, é verdadeiro em si mesmo, de que todas as almas estão debaixo da soberania de Deus por direito de criação e, por essa razão, ele pode arbitrariamente determinar para cada uma tudo o que ele desejar; e todos aqueles que protestam contra ele não colhem nenhum proveito; e é vantajoso observar esse ensino. No entanto, esta passagem deve ser entendida de outra maneira, a saber, que nada é mais injustificado do que acusar Deus de tyrannizar sobre as pessoas, quando, em vez disso, ele as defende por serem obra de suas mãos. Portanto, quando Deus anuncia *que todas as almas são suas*, ele não reivindica mera soberania e

poder, mas antes ele mostra que se comove com amor paternal por toda a raça humana, visto que ele a criou e formou; pois, se um artífice ama a sua obra por reconhecer nela os frutos de sua atividade, assim, quando Deus manifestou o seu poder e bondade ao formar as pessoas, certamente ele deve abraçá-las com afeto. É verdade que somos abomináveis aos olhos de Deus por estarmos corrompidos pelo pecado original, como é dito em outra parte (Sl 14.1,2); mas, visto que somos pessoas, devemos ser caros a Deus, e nossa salvação deve ser preciosa diante dele. Agora entendemos que tipo de refutação é esta: *todas as almas são minhas*, diz ele; eu formei todos e sou o criador de todos, e assim eu me enteneço com amor paternal por todos, e eles experimentarão antes minha clemência, desde o menor até o maior, do que excessivo rigor e severidade. Finalmente, ele acrescenta: *a alma que pecar, essa morrerá*. Agora, Ezequiel expressa como Deus restringe os judeus de continuarem a alardear ousadamente que estariam sendo afligidos de forma imerecida, visto que nenhuma pessoa inocente morrerá, já que esse é o significado da frase; pois ele não pretende dizer que toda pessoa culpada deve morrer, visto que isso fecharia para nós a porta da misericórdia de Deus, pois todos temos pecado contra ele; de modo que assim já não haveria esperança de segurança, visto que todas as pessoas devem morrer, a menos que Deus liberte pecadores da morte. Mas o sentido do profeta não é incerto, como dissemos, uma vez que aqueles que perecem não estão isentos de falta; nem podem eles alegar inocência diante de Deus ou acusá-lo de crueldade em penalizá-los pelos pecados de outros. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**DEUS, O PAI DE TODOS.** WILLIAM GREENHILL: O Senhor se defende aqui do crime de injustiça que lhe era atribuído pelos judeus, a saber, punir uma pessoa em lugar de outra, o filho pelo pecado dos pais. Vocês estão enganados, diz Deus; todas as almas são minhas, eu sou o Pai comum

<sup>2</sup> *Exposition*, 433.

<sup>3</sup> CTS 23:214 (CO 18:421-422).

<sup>4</sup> CTS 23:216-17 (CO 18:423-424).

de todos, eu observo os caminhos de todos e a todos retribuo segundo as suas obras. Eu não faço acepção de pessoas em meu julgamento, mas, sendo essencialmente íntegro, sou justo em todos os meus caminhos e santo em todas as minhas obras (Sl 145.17). Ninguém no céu ou na terra tem justificação adequada para me acusar e, se eu tivesse de punir o filho pelo pecado do pai, eu poderia oferecer a vocês razões satisfatórias para isso. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**TODOS SÃO DE DEUS.** JOHN MAYER: *Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus... todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá* (Ez 18.4). Isto é, eu tenho igual interesse por todas as almas e elas são igualmente caras a mim, porque eu criei todas elas; portanto, é certo que agirei da mesma maneira com cada pessoa, sem respeitar relações de uma pessoa com outra, mas, onde eu encontrar algum ímpio, ele morrerá por sua impiedade, apenas ele, ninguém mais por causa dele. Em seguida, isso é exemplificado através de vários casos: (1) De uma pessoa que é justa em todos os pontos de justiça; neste caso, quer seja pai ou filho, não morrerá, mas viverá (Ez 18.5); (2) Do filho de um pai justo que degenera em impiedade; ele não viverá por causa da justiça de seu pai, mas morrerá (Ez 18.10-11); (3) De um filho justo de um pai ímpio; ele não morrerá pela iniquidade de seu pai, mas certamente viverá (Ez 18.14-15); (4) Da mesma alma que viveu impiamente, mas se arrependeu, converteu-se e agora cumpre toda a justiça, guardando os mandamentos; ela viverá, apesar de sua injustiça anterior e, assim, não será punida com a morte (Ez 18.21-22); (5) De uma pessoa justa que, da sua justiça, se desvia para o pecado; ela não viverá, mas morrerá, de nada lhe valendo sua justiça anterior (Ez 18.24). E esses dois últimos casos são repetidos novamente para maior confirmação dos mesmos (Ez 18.26-28). COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>6</sup>

**A ALMA QUE PECAR, ESSA MORRERÁ.** WILLIAM GREENHILL: Se a alma que peca deve morrer, por que, então, os filhos sofrem pelos

pecados de seus pais? ...Devemos fazer uma exceção aqui no ponto do pecado original, pois, por causa do pecado de nossos primeiros pais, a morte vem a toda a sua descendência (Rm 5.12). O filho não sofre a morte eterna por causa do pecado de seu pai. Nenhuma pessoa é condenada eternamente pela simples consideração do pecado de outra pessoa. A ruína eterna da pessoa é o seu próprio pecado.

Punições temporais e físicas, com frequência, sobrevêm aos filhos por causa das iniquidades de seus pais, e isso justamente. Pois eles, de fato, são parte dos pais, procedem de seus lombos, muitas vezes herdando suas perversões, imitam e vivem em seus pecados. Eles fazem parte da família. Eles constituem o lar. Consequentemente, Deus disse que traria o mal sobre a casa de Acabe e, assim, ele sofreu no sofrimento de sua família. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

### 18.5-20 *Lei e justiça*

**VIVER JUSTAMENTE.** JOÃO CALVINO: Mas esta é a intenção do Espírito: que Deus preparou uma recompensa para cada um, de acordo com a sua vida, de modo que ele não permite que eles sejam privados de sua prometida bênção nem admite que ímpios e desprezadores de sua lei escapem. Atenemos, agora, para as palavras, se uma pessoa tem sido justa, ele será justo, portanto, ela viverá. Em primeiro lugar, ele fala de forma geral; em seguida, enumera certas formas sob as quais inclui o resumo de toda a lei. A frase completa é: se alguém tem sido justo, viverá em consequência de sua justiça. Mas o profeta define o que é ser justo e escolhe ali certas partes da lei: ao colocar uma parte pelo todo, como tenho dito, ele indica que qualquer pessoa que cumpre fielmente a lei é considerada justa diante de Deus... Por aqui podemos ver claramente que tememos a Deus quando vivemos justamente com nossos irmãos, pois a piedade é o fundamento da caridade. Embora muitas pessoas profanas pareçam irrepreensíveis em

<sup>5</sup> *Exposition*, 435.

<sup>6</sup> *Prophets*, 417-18.

<sup>7</sup> *Exposition*, 436.

sua vida e manifestem uma rara integridade, contudo, ninguém ama o próximo de coração a menos que tema a Deus e o reverencie. Visto, pois, que a caridade flui da piedade e do temor de Deus, sempre queirmos os deveres da segunda tábua colocados diante de nós, devemos saber que eles são os testemunhos da adoração de Deus, como é este local, mas depois o profeta também acrescenta certas partes da primeira tábua. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

#### ENUMERADOS DEZESSETE ATOS DE JUSTIÇA.

JOHN MAYER: Agora, na enumeração de pecados específicos, colocando aqui todos juntos, eles são notados por Jerônimo como sendo dezessete, como são as partes da justiça: (1) fazer juízo; (2) ao juízo juntar justiça ou retidão; (3) não comer nos altos; (4) não levantar os olhos para ídolos; (5) não contaminar a mulher do próximo; (6) não se chegar a uma mulher menstruada, sua própria esposa; (7) não oprimir ninguém; (8) devolver o penhor; (9) não roubar; (10) dar pão ao faminto; (11) cobrir o nu com vestes; (12) não dar o dinheiro à usura; (13) não tomar nada de volta daquilo que você deu; (14) desviar a mão da injustiça; (15) fazer verdadeiro juízo entre homem e homem; (16) andar nos preceitos do Senhor; (17) guardar os seus juízos e proceder retamente. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>9</sup>

#### JUSTIFICAÇÃO POR OBRAS. JOÃO CALVINO:

O ponto que o profeta agora expressa na passagem faz surgir uma pergunta difícil, pois ele afirma que *justo é aquele que guarda a lei* e que, por esse motivo, Deus lhe dará uma recompensa; assim, essas duas coisas estão unidas e a pergunta que eu mencionei surge a partir da primeira cláusula, pois toda a Escritura ensina que ninguém é justo e ninguém pode ser justificado pela lei. Todavia, estas coisas opõem-se uma à outra: ser justo e digno de recompensa mediante o cumprimento da lei, visto que ninguém é justo, todos são transgressores, todos estão destituídos de justiça e, assim, só existe uma solução – buscar nossa segurança na misericórdia gratuita de Deus. Mas embora, à primeira vista, esse tipo de inconsistência perturbe o comen-

tarista simples e parcialmente treinado, todavia, esta solução é fácil, visto que, estritamente falando, justiça é o cumprimento da lei. Se alguém pergunta: Então, o que é justiça? A definição apropriada de justiça é o cumprimento da lei. Por quê? Porque a lei, como disse ontem, estabelece a firme regra da justiça; todo aquele que a observar será considerado justo; e, assim, a justificação, corretamente, é dita estar posta em obras.

No entanto, a Escritura afirma aquilo que é muito verdadeiro e inteiramente confirmado pela experiência: que ninguém pode satisfazer a lei e, por causa dessa deficiência, estamos todos privados de justificação por obras... Basta dizer, então, que todos nós somos, por natureza, rebeldes contra Deus, de modo que nem a menor partícula de bem pode ser encontrada em nós. No que concerne aos fiéis, eles, de fato, aspiram à justiça, mas imperfeitamente e ainda distantes de seu alvo; muitas vezes, eles se desviam do caminho e, com frequência, caem. de modo que eles não satisfazem a lei e, por isso, solicitam a compaixão de Deus. Então, devemos chegar ao segundo tipo de justiça, que é impropriamente assim chamada, a saber, aquela que obtemos de Cristo. Aquele que pratica a justiça é justo (1Jo 3.7). Nenhum de nós a pratica, mas Cristo, que cumpriu a lei, é considerado justo diante de Deus. Consequentemente, é necessário que sejamos aprovados por Deus por meio de sua justiça; ou seja, ela é imputada a nós, e nós somos aceitos por meio de sua justiça. Portanto, a justificação pela fé, como é chamada, não é propriamente justiça; mas, em razão da deficiência de verdadeira justiça, é necessário correr para ela como para uma âncora sagrada...

Assim, permanece ainda verdadeiro que a fé sem obras justifica, embora isso exija prudência e uma interpretação sadia, pois essa proposição de que a fé sem obras justifica é verdadeira e também falsa, conforme os sentidos diferentes que ela admite. A proposição de que a fé sem obras justifica por si só é falsa, porque a fé sem obras é vã. Mas se a cláusula “sem obras”

<sup>8</sup> CTS 23:220-21 (CO 18:426).

<sup>9</sup> *Prophets*, 418-19.



estiver ligada à palavra *justifica*, a proposição será verdadeira, visto que a fé não pode justificar quando está sem obras, pois é morta e não passa de mera ficção. Aquele que é nascido de Deus é justo, como diz João (1Jo 5.18). Assim, a fé não pode ser separada das obras mais do que o sol de seu calor, contudo, a fé justifica sem obras porque as obras não constituem a causa de nossa justificação; mas só a fé nos reconcilia com Deus e faz com que ele nos ame, não em nós mesmos, mas em seu Filho unigênito. Portanto, agora essa questão está resolvida, quando o profeta ensina que a vida jaz no justo, ainda que eles sejam nascidos de pais ímpios e profanos. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

#### CADA UM DEVE LEVAR SUA PRÓPRIA CARGA.

HANS DENCK: Deus julga o mundo por causa do pecado de incredulidade, e esta possui seus frutos maus e intempestivos, assim como a fé possui seus frutos bons. Estes condenam todos que os praticam, como está escrito em Ezequiel 18.20-21: “O filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai, a iniquidade do filho. Antes, cada um morrerá por causa de sua própria culpa. Cada um da casa de Israel, diz o Senhor, eu julgarei segundo a sua conduta, de modo que o provérbio (nossos pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram) jamais será ouvido em Israel. Israel deve sofrer punição por sua iniquidade, e Jacó deve sofrer pessoalmente por causa de seu pecado.” Sem dúvida, isso foi dito também para nós. Cada um deve levar sua própria carga, e ninguém pode levá-la para nós. Assim, devemos nos abster prontamente do mal e fazer aquilo que é bom, pois Deus conhece bem cada transgressão, como veremos. REFLEXÕES SOBRE MIQUEIAS.<sup>11</sup>

SOMOS TODOS PECADORES. JOÃO CALVINO: Quando consideramos o perecimento de toda a raça humana, é dito com verdade que perecemos por causa do pecado de outrem, mas ao mesmo tempo é acrescentado que todos perecem por causa da própria iniquidade. Se perguntarmos, então, sobre a maldição que oprime toda a posteridade de Adão, pode-se dizer que, em parte, ela é de outrem e, em parte, nossa

própria: de outrem por causa da queda de Adão, em cuja pessoa toda a raça humana foi privada de justiça e conhecimento e todas as partes da alma foram totalmente corrompidas, de modo que cada pessoa está perdida por si mesma e, se quiser argumentar com Deus, deve sempre reconhecer que a origem da maldição procede de si mesma. Pois, antes de a criança nascer neste mundo, ela estava corrompida, visto que o seu conhecimento servil estava sepultado em trevas e sua vontade era obstinada e rebelde contra Deus. Logo que as crianças nascem, elas contraem a corrupção de seu pai Adão: sua razão é cegada, seus apetites são pervertidos e seus sentidos são totalmente depravados. Isso não se manifesta imediatamente na criança pequena, mas, diante de Deus, que discerne as coisas de forma mais penetrante que nós, a corrupção de toda a nossa natureza é corretamente tratada como pecado. Não há ninguém que, durante o curso de sua vida, não se perceba sujeito a punição por causa de suas obras; entretanto, o pecado original é suficiente para a condenação de todas as pessoas. Quando as pessoas crescem, elas adquirem por si mesmas a nova maldição daquilo que é chamado de pecado atual, de modo que alguém que é puro no que se refere à observação ordinária é culpado diante de Deus; consequentemente, a Escritura declara que todos nós, por natureza, somos filhos da ira: estas são palavras de Paulo no segundo capítulo da epístola aos Efésios (Ef 2.3). Portanto, se somos filhos da ira, segue-se que estamos corrompidos desde o nosso nascimento; isso provoca a ira de Deus e o torna hostil a nós: nesse sentido, Davi confessa ter sido concebido em pecado (Sl 51.5). Ele não está acusando aqui seu pai ou sua mãe a fim de diminuir sua própria impiedade, mas, ao abominar a enormidade de seu pecado por provocar a ira de Deus, ele é remetido à sua infância e reconhece que, mesmo então, era culpado diante de Deus. Vemos, pois, que Davi, sendo lembrado de um único pecado, se reconhece pecador antes mesmo de nascer; e, uma vez que todos estamos debaixo

<sup>10</sup> CTS 23:235-38 (CO 18:437-439).

<sup>11</sup> *Writings*, 46-47.

de maldição, segue-se que somos todos dignos de morte. Assim, a criança, propriamente dita, não morrerá por causa da iniquidade de seus pais, mas é considerada culpada diante de Deus por causa de sua própria falta. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>12</sup>

### 18.21-23 *Deus deseja que todos sejam salvos?*

**A PERGUNTA.** THOMAS MANTON: “Acaso tenho eu prazer na morte do perverso? – diz o Senhor Deus” (Ez 18.23). As palavras são propostas de forma interrogativa; nessa forma de discurso há mais evidência, eficácia, vida e força persuasiva. Ou seja, “você sabem que é evidente que eu não tenho esse desejo, não tenho nenhum prazer. Que não entre no pensamento de vocês que eu pudesse ter prazer na mera destruição das criaturas.” Esse prazer de Deus é expresso negativamente, aquilo em que ele não se deleita: “Acaso tenho eu prazer na morte do perverso?” Ele também é expresso positivamente, aquilo em que ele se deleita: “Que ele se converta dos seus caminhos e viva.” Deus prefere a sua conversão. Em ambas estão implícitas duas grandes verdades, a saber, a conexão entre pecado e morte, arrependimento e vida, impiedade e morte, converter-se e viver. Deus não anula obscuramente nem repudia o seu julgamento e sua execução de acordo com essa lei, nem lhe dá alguma esperança de que essa lei não será executada, mas ele lhe diz no que ele tem prazer; antes na conversão do que na destruição das criaturas. SERMÕES SOBRE EZEQUIEL.<sup>13</sup>

**O MAIS DOCE CONFORTO.** MARTINHO LUTERO: É uma palavra evangélica e o mais doce conforto em todos os aspectos para pecadores miseráveis, onde Ezequiel diz: “Não desejo a morte de um pecador, mas antes que ele se converta e viva” (Ez 18.23,32), tal como o Salmo 30:5: “Porque não passa de um momento a sua ira; o seu favor dura a vida inteira.” Há também o Salmo 108.21 (Vulgata) [109.21]: “Quão amável é a tua misericórdia, ó SENHOR” e “Porque eu sou compassivo” (Jr 3.12) e o dito de Cristo em Mateus 11.28: “Vinde a mim, todos os que

estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei,” e aquele em Êxodo 20.6: “E faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam.” O que, realmente, mais da metade da santa Escritura contém senão grandes promessas da graça, nas quais Deus oferece misericórdia, vida, paz e salvação ao povo? E que outras palavras de promessa têm a dizer senão esta: “Não desejo a morte do pecador”? Não é a mesma coisa dizer: “Eu sou misericordioso”, como dizer: “Não estou irado, não quero punir, não quero que você morra, quero perdoar, quero poupar”? E se essas promessas divinas não estivessem ali para levantar consciências atormentadas com o senso de pecado e apavoradas com o medo da morte e do julgamento, que lugar existiria para o perdão ou a esperança? Que pecador não ficaria desesperado? Mas assim como a livre escolha não é provada por outras palavras de misericórdia, promessa ou conforto, também não é provada por esta: “Não desejo a morte do pecador”, etc. A ESCRAVIDÃO DA VONTADE.<sup>14</sup>

### DEUS DESEJA QUE TODOS SEJAM SALVOS?

JOÃO CALVINO: Por conseguinte, aquilo que o profeta agora declara é absolutamente verdade, a saber, que Deus não deseja a morte do pecador porque ele o recebe por sua livre vontade e não somente está preparado para receber todos os que recorrem à sua compaixão, mas os chama para si em alta voz, vendo que eles estão alienados de toda esperança e segurança. No entanto, deve-se observar a maneira pela qual Deus deseja que todos sejam salvos, a saber, *quando eles se converterem de seus caminhos*. Assim, o desejo de Deus de que todas as pessoas sejam salvas não é tal que o leve a renunciar à diferença entre o bem e o mal; mas, como dissemos, o arrependimento deve preceder o perdão. Como, então, Deus deseja que todas as pessoas sejam salvas? Pelo Espírito que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo nos dias de hoje, pelo evangelho, como ele fez anteriormente pela lei e os profetas (Jo 16.8). Deus manifesta à humanidade sua grande miséria, para

<sup>12</sup> CTS 23:241-42 (CO 18:441).

<sup>13</sup> Manton, *Works* 21:463-64.

<sup>14</sup> LW 33:136 (WA 18:683).

que as pessoas venham a ele; ele fere para que possa curar e mata para que possa dar vida. Sustentamos, então, que Deus não deseja a morte do pecador, visto que ele chama todos igualmente ao arrependimento e promete estar preparado para recebê-los se tão somente eles se arrependem seriamente.

Se alguém objetar: “Então não há eleição divina, pela qual ele teria predestinado um número fixo para a salvação”, a resposta está à mão: o profeta não fala aqui do conselho secreto de Deus, mas apenas chama pessoas miseráveis de volta do desespero, para que elas entendam a esperança de perdão, se arrependam e abracem a salvação oferecida. Se alguém novamente objetar: “Isso é fazer Deus agir com duplicidade”, a resposta está pronta: Deus sempre deseja a mesma coisa, embora por caminhos diferentes e de maneira inescrutável a nós. Assim, embora a vontade de Deus seja simples, contudo, há uma grande diferença nela envolvida no que diz respeito aos nossos sentidos. Além disso, não é de surpreender que nossos olhos devam ficar ofuscados por uma luz intensa, de maneira que não podemos avaliar com segurança como Deus deseja que todos sejam salvos e, não obstante, tenha entregue todos os réprobos à destruição eterna e deseja que eles pereçam...

É dito que Deus *não deseja a morte do pecador*. Como assim? Visto que ele deseja que todos se convertam. Devemos ver agora como Deus deseja que todos se convertam, pois o arrependimento, certamente, é seu dom peculiar, assim como é sua função criar pessoas, de modo que é da sua alçada renová-las e restaurar sua imagem nelas. Por essa razão se diz que somos obra de suas mãos, ou seja, feitura sua (Ef 2.10). Portanto, uma vez que o arrependimento é um tipo de segunda criação, segue-se que ele não está no poder das pessoas; e se igualmente está no poder de Deus converter pessoas bem como criá-las, segue-se que os réprobos não se convertem porque Deus não deseja a sua conversão; pois, se a desejasse, ele poderia operá-la, e, por isso, parece que ele não a deseja. Mas, novamente, eles argumentam insensatamente: “uma vez que Deus não deseja que todos sejam convertidos, ele próprio é enganador, e nada pode

ser declarado com certeza com relação à sua benevolência paternal.” No entanto, esse nó é facilmente desatado, pois ele não nos deixa em suspense quando diz que deseja que todos sejam salvos. Por que assim? Pois se ninguém se arrepende se Deus não lhe for propício, nesse caso a sentença é cumprida. Mas devemos observar que Deus emprega um atributo duplo, pois ele, aqui, deseja que se aceite a sua palavra. Como eu já disse, o profeta não argumenta aqui com sutileza a respeito de seus planos incompreensíveis, mas deseja manter nossa atenção ligada à palavra de Deus. Ora, qual é o conteúdo dessa palavra? A lei, os profetas e o evangelho. Todos são chamados ao arrependimento, e a esperança de salvação é prometida a todos que se arrependem. Isso é verdade, porquanto Deus não rejeita nenhum pecador que se volta para ele. Ele perdoa todos sem exceção. Entretanto, essa vontade que Deus manifesta em sua palavra não o impede de decretar, antes da criação do mundo, o que ele fará com cada indivíduo. E, como disse há pouco, o profeta apenas mostra aqui que, quando nos convertemos, não precisamos duvidar que Deus imediatamente nos recebe e se mostra propício a nós. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>15</sup>

#### DEUS NÃO QUER QUE NINGUÉM PEREÇA.

JOHN MAYER: *Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso?... não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?* (Ez 18.23). Após deixar em aberto, nas premissas, o caso de um ímpio que se converte e vive, a despeito de sua impiedade passada, ele agora, com base nisso, conclui que o Senhor não deseja a morte de ninguém nem tem prazer nela, mas apenas em sua conversão e salvação. De fato, que ninguém, por mais longe que tenha ido no pecado, se desespere, mas com esperança em sua misericórdia, seja trazido de volta para aquele que é tão gracioso.

Entretanto, contra isso se objeta que ele preordenou alguns à perdição e que não está na pessoa o querer, mas ele é quem opera o querer e o realizar de acordo com o seu bom prazer.

<sup>15</sup> CTS 23:246-48 (CO 18:445-446).

Portanto, se ele não tem prazer na morte do ímpio, por que ele não o converte? Resposta: Ele lhe oferece graça e perdão por tudo o que é passado, para convertê-lo; de fato, ele o aconselha a converter-se, e até lhe roga e, por seus benefícios, procura conduzi-lo ao arrependimento. Certamente, mais que tudo isso, ele bate à porta do seu coração por seu Espírito. Quem pode dizer, então, que não é verdade aquilo que aqui se declara, que ele não tem prazer em sua morte?

Objeção: Mas tudo isso nada é, se ele o preordenou para a morte ou se essas coisas não operam eficazmente com os meios pelos quais ele pode ser convertido.

Resposta: Ele não preordena ninguém para a perdição, exceto aqueles que ele antevê que serão impenitentes, quando já tiver usado todos os meios possíveis para recuperá-los e então, ao falar dos malditos que irão para o fogo do inferno, Cristo diz: preparado não para vós, mas para o diabo e seus anjos, enquanto, por outro lado, aos benditos ele diz: *vinde... entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo*, de modo que os pecadores impenitentes são condenados por preferirem os prazeres do pecado, em vez da alegria da salvação. Por sua operação eficaz na vontade da pessoa, ele opera por sua Palavra e Espírito para que a pessoa possa, se não houver uma aversão em sua vontade, converter-se, sendo assim ajudada, como é dito aqui: *convertei-vos e vivei* (Ez 18:32). Pois se Deus, que nos ordena a assim fazer, não estivesse pronto para nos ajudar e nos capacitar, isso seria uma mera ilusão. No entanto, Deus fazendo tudo o que se pode esperar que ele faça, realmente, aquilo que ele pode fazer, como ele mesmo afirma (5), o pecador impenitente não tem motivo para acusá-lo de ser a causa de sua falta de conversão, quando, na verdade, ele próprio é a única causa dela e, conseqüentemente, de sua própria condenação. Como um homem que, na água, seguro pelo queixo, afasta a mão que o mantém à tona para que possa nadar, se ele se afogar, essa será a única causa da sua própria morte. Assim, também o pecador é a causa de sua própria condenação, porque não somente é mantido à tona, por assim dizer, mas é exortado continuamente

a converter-se e viver (Ez 18.30-32). Portanto, a menos que Deus salve a pessoa da própria vontade dela ou a tome e leve para o céu como um bloco ou uma coisa morta, sem ela nunca poder fazer algo na direção da salvação e, assim, ele faça mais por ela do que por aqueles que são salvos, ela nunca poderá alcançar a vida, mas deverá morrer e perecer eternamente. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>16</sup>

**NOSSA MORTE É FALTA NOSSA.** RICHARD BAXTER: O Senhor jura, aqui, que não tem prazer na morte de vocês, mas, em vez disso, em que vocês se convertam e vivam; contudo, se vocês seguirem em frente e morrerem, em vez de se converterem, lembrem-se que, se não foi para agradar a Deus que assim agiram, foi para agradar ao mundo e a vocês mesmos. E se as pessoas se condenarem a si mesmas para agradar a si mesmas e enfrentarem tormentos infundáveis por prazeres e não tiverem o entendimento, o coração, e a graça para darem ouvidos a Deus ou à pessoa que os deseja recuperar, que remédio haverá? Mas elas deverão receber aquilo que alcançam com essa atitude e se arrepender. pois, de outra maneira, será tarde demais. UM CHAMADO PARA OS NÃO CONVERTIDOS.<sup>17</sup>

**POR QUE NÃO SÃO MUITOS OS SALVOS.** THOMAS MANTON: Se Deus tem mais prazer na conversão de pecadores do que em sua destruição, por que não há mais convertidos do que julgamos existir? A maior parte da humanidade está perecendo em sua incredulidade e impenitência. Resposta: Eu poderia dizer que este texto não fala de forma absoluta, mas comparativa. Deus se alegra na execução de sua justiça, bem como em todas as suas outras obras; mas se você compara coisas com coisas, ele se alegra antes em atos de misericórdia do que em atos de vingança. Sua disposição o inclina à misericórdia antes que à ira: “Tem prazer na misericórdia” (Mq 7.18); e “a misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tg 2.13). A justiça é *alienum opus*, “sua obra estranha” (Is 28.21). “Ele não aflige, nem

<sup>16</sup> *Prophets*, 421-22.

<sup>17</sup> *Practical Works* 2:521.

entristece de bom grado os filhos dos homens” (Lm 3.33), não com o seu coração. A misericórdia, como o mel, destila por si mesma. Ele é forçado para a outra [a ira]; ela é tirada à força dele. Embora os atributos sejam igualmente infinitos em Deus, no entanto, eles são exercidos de modo diverso para com as pessoas quanto aos seus efeitos. O mundo está agora em seu julgamento. O alvo primário de Deus é a conversão do pecador; seu alvo secundário é a honra de sua justiça vindicativa. *SERMÕES SOBRE EZEQUIEL*.<sup>18</sup>

### 18.24-32 *A justiça e os caminhos de Deus*

**OS JUSTOS PODEM CAIR?** JOÃO CALVINO: Como na última preleção o profeta ofereceu aos pecadores uma esperança segura de perdão se, de coração, eles se arrependessem, e prometeu que Deus lhes seria propício tão logo buscassem reconciliação com ele, agora, por outro lado, ele afirma: *desviando-se o justo da sua justiça*, tudo o que ele tiver feito até aqui não será levado em conta diante de Deus... Mas surge aqui uma questão: Pode um justo verdadeiro desviar-se do caminho reto? Pois quem é nascido de Deus é tão livre da tirania do pecado que se dedica inteiramente à justiça, portanto, se alguns se desviam, mostram que sempre foram estranhos a Deus. “Se tivessem sido dos nossos”, diz João, “teriam permanecido conosco” (1Jo 2.19). E a regeneração é uma semente incorruptível, de maneira que devemos concluir que os fiéis que são verdadeiramente regenerados nunca se afastam da justiça, mas são mantidos pelo poder invencível de Deus, pois o chamado de Deus nos eleitos é sem arrependimento (Rm 11.29). Por essa razão, eles continuam o curso de sua graça até o fim. Também não se deve dar ouvidos àqueles que, contradizendo a Escritura, ensinam que a fé se extingue nos eleitos, quando, em razão de sua esterilidade, eles não produzem fruto. Em que sentido, então, Ezequiel quer dizer que o justo se desvia? Essa pergunta é facilmente respondida, pois ele não está tratando aqui da raiz viva de justiça, mas da forma exterior ou aparência, como geralmente dizemos. Paulo nos lembra que Deus nos conhece, entretanto, acrescenta que este selo permanece (2Tm 2.19).

Consequentemente, Deus reivindica apenas para si mesmo a diferença entre os eleitos e os réprobos, visto que muitos parecem ser membros de sua igreja, mas o são apenas exteriormente. *COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL*.<sup>19</sup>

**OS JUSTOS DESVIANDO-SE PARA O PECADO.** WILLIAM GREENHILL: Tendo focalizado o caso de uma pessoa ímpia que se arrepende e se converte de seus pecados e, assim, explicado os métodos de Deus, de que tal pessoa acha misericórdia e não sofre por seu próprio pecado, muito menos pelos de seus pais, ele chega aqui ao tratamento de uma pessoa justa, dizendo que, se vier a desviar-se de sua justiça e cair em caminhos ímpios, sua justiça anterior não a favorecerá, mas tal pessoa será tratada de acordo com o seu pecado atual. O pecado do ímpio que se arrepende não o impedirá de alcançar misericórdia e vida eterna; e a justiça do justo que peca não o protegerá da punição justa e da morte eterna. Os pecados antigos não sobrecarregarão um pecador convertido e a justiça antiga não ajudará um santo que se rebelar...

Johann Gerhard apresenta este versículo para provar que uma pessoa, por seus pecados, pode repudiar a fé e o Espírito Santo. Belarmino o apresenta para provar que uma pessoa pode perder um novo coração e usa este versículo para mostrar que a fé pode ser perdida. Os arminianos também afirmam isso. Portanto, é evidente que todos podem ver que um justo pode se desviar de maneira total e final.

Como resposta para estes, saiba o que é dito do justo que se desvia, a saber, que ele será tratado como se nunca tivesse sido justo. É uma advertência para evitar que um justo se desvie, não é uma implicação de que ele irá ou deverá se desviar de sua justiça. Segundo, o profeta fala aqui de um justo considerado em si mesmo, não em relação a Deus ou a Cristo; e assim ele pode desviar-se de sua justiça, como os anjos e Adão o fizeram. Terceiro, o objetivo do capítulo não é provar a queda da graça, mas explicar a justiça do Senhor. *UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL*.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Manton, *Works* 21:465

<sup>19</sup> CTS 23:249-50 (CO 18:447).

<sup>20</sup> *Exposition*, 459.

**ARREPENDIMENTO.** MATTHEW MEADE: Aptidão para a libertação supõe arrependimento de pecados, especialmente para aqueles pecados que produziram o juízo: um povo que está debaixo de juízo por causa do pecado e não se arrepende do pecado, mas continua nele apesar do juízo, não está apto para a libertação; era o que sucedia com esse povo. O pecado fez sobrevir o juízo, mas não havia arrependimento para removê-lo; o pecado cavou a sepultura deles e os sepultou, mas não havia arrependimento para rolar a pedra e tirá-los de lá. Deus os chama para que se arrependam antes que venha o julgamento, para que o evitem: “Portanto, eu vos julgarei, a cada um segundo os seus caminhos, ó casa de Israel, diz o SENHOR Deus. Convertei-vos e desviai-vos de todas as vossas transgressões; e a iniquidade não vos servirá de tropeço” (Ez 18.30)... Eles são chamados para se arrependem antes que venha o julgamento, para o evitar, mas eles não se arrependem. SERMÕES.<sup>21</sup>

**OS CAMINHOS DE DEUS NÃO SÃO OS Nossos CAMINHOS.** JOÃO CALVINO: [Os hipócritas] dizem *que o caminho do Senhor não é direito...* Sabemos que os anjos estão habilitados a adorar reverentemente a sabedoria de Deus com muito maior clareza do que a raça humana. Portanto, o que devemos fazer? Não apenas a sabedoria de Deus é incompreensível, mas também sua justiça é a mais perfeita regra de toda justiça. Ora, se desejarmos emitir opiniões sobre as obras de Deus de acordo com nossas percepções e

avaliá-las segundo nossas estimativas, o que estaremos fazendo senão julgando-o? No entanto, devemos lembrar aquela passagem de Isaías: “Por mim mesmo tenho jurado”, diz Jeová, “diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua” (Is 45.23). Paulo, também, é um intérprete fiel desse sentimento; ao proibir que os mortais julguem com arrogância, ele declara: Todos compareceremos perante o tribunal de Cristo (Rm 14.10-11). Portanto, visto ser necessário que prestemos conta diante do tribunal celestial de Cristo, devemos agora nos sujeitar aos juízos de Deus; porque, quando, finalmente, nosso abuso tiver se esgotado inteiramente e nossa petulância se ampliar ao máximo, Deus será o nosso juiz. Vemos, portanto, que, quando as pessoas reivindicam para si o direito de se atrever a pronunciar suas próprias opiniões sobre a obra de Deus, elas primeiro sujeitam a sabedoria de Deus às próprias ficções e, então, sentem extrema hostilidade e desprezo para com a justiça. Mas uma coisa deve ser suficiente, a saber, que as pessoas são tão esquecidas de sua própria condição quando se atrevem a abrir a boca contra o seu Criador, não apenas murmurando, mas a condenando-o abertamente, como se elas fossem superiores a ele. Obedeçamos, então, a regra contrária; aprendamos, com sobriedade e modéstia, a olhar para essas obras de Deus que nos são desconhecidas, concedendo-lhe o louvor da sabedoria suprema, embora, à primeira vista, seus conselhos pareçam contraditórios. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> *Sermons*, 57.

<sup>22</sup> CTS 23:253-54 (CO 18:449-450).

## 19.1-14 UM LAMENTO SOBRE O PRÍNCIPE DE ISRAEL

<sup>1</sup> E tu levanta uma lamentação sobre os príncipes de Israel <sup>2</sup> e dize:

Quem é tua mãe? Uma leoa entre leões,  
a qual, deitada entre os leõezinhos, criou  
os seus filhotes.

<sup>3</sup> Criou um dos seus filhotinhos, o qual veio a  
ser leãozinho,  
e aprendeu a apanhar a presa, e devorou  
homens.

<sup>4</sup> As nações ouviram falar dele, e foi ele apanhado  
na cova que elas fizeram  
e levado com ganchos para a terra do Egito.

<sup>5</sup> Vendo a leoa frustrada e perdida a sua esperança,  
tomou outro dos seus filhotes e o fez  
leãozinho.

<sup>6</sup> Este, andando entre os leões, veio a ser um  
leãozinho,  
e aprendeu a apanhar a presa, e devorou  
homens.

<sup>7</sup> Aprendeu a fazer viúvas e a tornar desertas as  
cidades deles;

ficaram estupefatos a terra e seus  
habitantes, ao ouvirem o seu rugido.

<sup>8</sup> Então, se ajuntaram contra ele as gentes das  
províncias em roda,  
estenderam sobre ele a rede, e foi  
apanhado na cova que elas fizeram.

<sup>9</sup> Com gancho, meteram-no em jaula, e o levaram  
ao rei da Babilônia,  
e fizeram-no entrar nos lugares fortes,  
para que se não ouvisse mais a sua voz  
nos montes de Israel.

<sup>10</sup> Tua mãe, de sua natureza, era qual videira  
plantada junto às águas;  
plantada à borda, ela frutificou e se  
encheu de ramos, por causa das muitas  
águas.

<sup>11</sup> Tinha galhos fortes para cetros de dominadores;  
elevou-se a sua estatura entre os  
espessos ramos,  
e foi vista na sua altura com a multidão  
deles.

<sup>12</sup> Mas foi arrancada com furor e lançada por terra,  
e o vento oriental secou-lhe o fruto;  
quebraram-se e secaram os seus fortes  
galhos, e o fogo os consumiu.

<sup>13</sup> Agora, está plantada no deserto, numa terra  
seca e sedenta.

<sup>14</sup> Dos galhos dos seus ramos saiu fogo que  
consumiu o seu fruto,  
de maneira que já não há nela galho forte que  
sirva de cetro para dominar.

*Esta é uma lamentação e ficará servindo de lamentação.*

**PANORAMA:** Um lamento sobre os príncipes de Israel vem na forma de duas parábolas. A primeira parábola é sobre uma leoa e seus filhotes. Nossos comentaristas concordam que a nação de Israel é a leoa, o primeiro leão é o rei Jeoacaz, e o segundo leão, o rei Jeoaquim. A segunda parábola é sobre uma videira. A videira é Israel, e ela foi destruída pelos egípcios e babilônios. O capítulo termina com uma lamentação, que se refere à profecia da destruição

de Jerusalém e ao abandono de Deus por parte do seu povo. O lamento deveria provocar pranto em todos os fiéis por verem e considerarem aquilo que aconteceu aos príncipes de Israel e Jerusalém, ao templo e ao povo.

**A NAÇÃO É UMA LEOA.** JOÃO CALVINO: Aqui, o profeta, usando a figura de um leão, nos informa que todo o mal que sucedeu aos israelitas não podia ser imputado a outros. Devemos entender,

então, a sua intenção: não é de surpreender que o Espírito de Deus insista numa questão não muito obscura, visto que nada é mais obstinado do que o orgulho das pessoas, especialmente quando Deus as castiga, embora finjam humildade e modestia, contudo, incham de orgulho e estão cheias de amargura, e, por último, dificilmente podem ser induzidas a confessar que Deus é justo e que elas merecem o castigo de suas mãos. Por essa razão, então, Ezequiel confirma o que vimos anteriormente, que os judeus não foram afligidos sem merecê-lo. No entanto, como eu disse, ele usa um símile tirado de leões. Ele chama a *própria nação de leoa*, pois quando trata da mãe do povo, sabemos que a descendência é considerada. Portanto, ele diz que o povo estava cheio de insolência. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**A LEOA E OS LEÕES.** JOHN MAYER: Neste capítulo, sob a imagem de uma leoa e seus filhotes, os reis que estiveram recentemente na Judeia são mostrados. O primeiro foi Jeoacaz, o primeiro filho de Josias, a quem o Faraó Neco prendeu e levou para o Egito; o outro foi Jeoaquim, a quem ele constituiu rei em seu lugar, o qual foi preso e levado para a Babilônia. O estado é representado pela leoa; ele consistia de pessoas ricas dedicadas a vitimar o povo, como uma leoa aos outros animais. Para os dois filhotes tomados e criados até se tornarem leões, o primeiro, Jeoacaz, foi constituído rei pelo povo, depois que seu pai, Josias, foi morto pelo Faraó Neco. Mas quando Jeoacaz completou três meses de reinado, período no qual se diz que ele praticou o mal, ou seja, como aqui se expressa, oprimindo o povo, o Faraó se desagradou da ousadia deles em o constituírem rei sem o seu consentimento; assim, o Faraó veio e o levou para o Egito, onde ele morreu. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

**OUTRO LEÃO.** JOÃO CALVINO: O profeta afirma que a Judeia produziu outro leão depois que o primeiro foi capturado e levado para o Egito. Ora, isso deve se referir ao rei Jeoaquim, que foi designado pelo rei Nabucodonosor, quando devastou parte do Egito, se apossou de toda a Judeia e impôs leis estabelecendo um rei, em conformidade com os direitos de conquista.

Contudo, por causa de sua deslealdade, foi levado para o cativeiro. Portanto, o profeta indica que a nação não se arrependeu por meio desse único castigo, nem mudou de atitude, visto que sua mãe era uma leoa: e ela não somente criou leõezinhos, mas também os ensinou a se apoderarem de sua presa até eles crescerem. Ele diz, então, *que ela viu que havia esperado e que a sua esperança era perdida*. Alguns consideram que o substantivo “esperança” é aqui repetido pelo profeta – ela viu que sua esperança era perdida; esperança perdida, digo. Mas a outra leitura é melhor – *ela viu que havia esperado*; ou seja, ela viu que sua esperança não tinha produzido nenhum fruto por algum tempo, porque o trono real permanecia abandonado; assim, *tomou outro dos seus filhotes*, diz ele, *e o fez leãozinho*. Mais uma vez, o profeta ensina brevemente que toda a descendência real era semelhante a leõezinhos. Assim, embora só o leão seja chamado de rei, no entanto, é dito que ele é tomado de entre os filhotes; e por aqui se conclui que isso denota a natureza depravada e cruel de todos eles. Vemos, assim, que os judeus são indiretamente censurados por não voltarem à mente sadia no tempo em que Deus os puniu severamente e o rei Jeocaz foi levado. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**VIDEIRA, RAMOS E GALHOS.** WILLIAM GREENHILL: Deus assola, destrói reinos florescentes e poderosos quando eles o provocam por meio de sua conduta pecaminosa e repugnante. Esse reino de Judá floresceu como uma videira, tinha muitos ramos, galhos fortes, muita riqueza e poder, porém, transgrediu gravemente (Ez 14.13), e aqui Deus o arranca com furor; ele não poupa os ramos, o tronco nem a raiz. A tranquilidade, a felicidade e as condições florescentes de reinos terrenos não é perpétua; Deus tem maneiras de enfraquecê-los, de arruiná-los e erradicá-los. Através dos egípcios, ele podou essa videira e, por intermédio dos babilônios, ele a arrancou. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> CTS 23:267-68 (CO 18:460).

<sup>2</sup> *Prophets*, 422\*.

<sup>3</sup> CTS 23:271 (CO 18:462).

<sup>4</sup> *Exposition*, 479.



**UMA LAMENTAÇÃO.** JOÃO CALVINO: *Esta é uma lamentação e ficará servindo de lamentação* (Ez 19.14). Alguns consideram que isso é dito dos judeus, ou seja, de todos os israelitas, uma vez que todos eles deviam ser lamentáveis, porque Deus não cessaria de infligir seus juízos sobre eles até consumi-los totalmente. No entanto, eu prefiro atribuir isso à profecia, e esse é o sentido mais correto. *Esta lamentação*: assim o profeta designa esta profecia triste e deplorável porque ela contém a última matança do povo. Segundo, ele acrescenta: *e ficará servindo de lamentação*, porque ela sugere material para lamento, uma vez que misérias extraordinárias são habitualmente mais celebradas. Se alguma coisa costumeira acontece, as pessoas logo se esquecem dela; mas se ocorre alguma matança digna de nota e

de lembrança, ela é divulgada por toda parte, e mais, ela fornece à posteridade material para seus poemas. Por essa razão, o profeta indica não somente que essa profecia era deplorável, mas também que a ira de Deus seria comentada amplamente na conversação comum por meio de um exemplo tão raro e memorável. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**LAMENTAÇÃO SOBRE ISRAEL.** WILLIAM GREENHILL: Esta profecia é uma questão de pranto para mim no presente. Ouvir e falar de coisas tão tristes sobre vindo a Judá e Jerusalém “é uma lamentação” e, quando se cumprirem, elas “servirão de lamentação” para a posteridade. Eles lamentarão os príncipes de Israel, Jerusalém, o templo e a videira arrancada pelas raízes. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> CTS 23:281 (CO 18:470).

<sup>6</sup> *Exposition*, 479.

## 20.1-49 ISRAEL REBELDE

<sup>1</sup> No quinto mês do sétimo ano, aos dez dias do mês, vieram alguns dos anciãos de Israel para consultar ao SENHOR; e assentaram-se diante de mim. <sup>2</sup> Então, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>3</sup> Filho do homem, fala aos anciãos de Israel e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Acaso, viestes consultar-me? Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, vós não me consultareis. <sup>4</sup> Julgá-los-ias tu, ó filho do homem, julgá-los-ias? Faze-lhes saber as abominações de seus pais <sup>5</sup> e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: No dia em que escolhi a Israel, levantando a mão, jurei à descendência da casa de Jacó e me dei a conhecer a eles na terra do Egito; levantei-lhes a mão e jurei: Eu sou o SENHOR, vosso Deus. <sup>6</sup> Naquele dia, levantei-lhes a mão e jurei tirá-los da terra do Egito para uma terra que lhes tinha previsto, a qual mana leite e mel, coroa de todas as terras. <sup>7</sup> Então, lhes disse: Cada um lance de si as abominações de que se agradam os seus olhos, e não vos contamineis com os ídolos do Egito; eu sou o SENHOR, vosso Deus. <sup>8</sup> Mas rebelaram-se contra mim e não me quiseram ouvir; ninguém lançava de si as abominações de que se agradavam os seus olhos, nem abandonava os ídolos do Egito.

Então, eu disse que derramaria sobre eles o meu furor, para cumprir a minha ira contra eles, no meio da terra do Egito. <sup>9</sup> O que fiz, porém, foi por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações no meio das quais eles estavam, diante das quais eu me dei a conhecer a eles, para os tirar da terra do Egito. <sup>10</sup> Tirei-os da terra do Egito e os levei para o deserto. <sup>11</sup> Dei-lhes os meus estatutos e lhes fiz conhecer os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles. <sup>12</sup> Também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o SENHOR que os santifica. <sup>13</sup> Mas a casa de Israel se rebelou contra mim no deserto, não andando nos meus estatutos e rejeitando os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; e profanaram grandemente os meus sábados.

Então, eu disse que derramaria sobre eles o meu furor no deserto, para os consumir. <sup>14</sup> O que fiz, porém, foi por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações perante as quais os fiz sair. <sup>15</sup> Demais, levantei-lhes no deserto a mão e jurei não deixá-los entrar na terra que lhes tinha dado, a qual mana leite e mel, coroa de todas as terras. <sup>16</sup> Porque rejeitaram os meus juízos, e não andaram nos meus estatutos, e profanaram os meus sábados, pois o seu coração andava após os seus ídolos. <sup>17</sup> Não obstante, os meus olhos lhes perdoaram, e eu não os destruí, nem os consumi de todo no deserto.

<sup>18</sup> Mas disse eu a seus filhos no deserto: Não andeis nos estatutos de vossos pais, nem guardéis os seus juízos, nem vos contamineis com os seus ídolos. <sup>19</sup> Eu sou o SENHOR, vosso Deus; andai nos meus estatutos, e guardai os meus juízos, e praticai-os; <sup>20</sup> santificai os meus sábados, pois servirão de sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou o SENHOR, vosso Deus. <sup>21</sup> Mas também os filhos se rebelaram contra mim e não andaram nos meus estatutos, nem guardaram os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; antes, profanaram os meus sábados.

Então, eu disse que derramaria sobre eles o meu furor, para cumprir contra eles a minha ira no deserto. <sup>22</sup> Mas detive a mão e o fiz por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações perante as quais os fiz sair. <sup>23</sup> Também levantei-lhes no deserto a mão e jurei espalhá-los entre as nações e derramá-los pelas terras; <sup>24</sup> porque não executaram os meus juízos, rejeitaram os meus estatutos, profanaram os meus sábados, e os seus olhos se iam após os ídolos de seus pais; <sup>25</sup> pelo que também lhes dei estatutos que não eram bons e juízos pelos quais não haviam

de viver; <sup>26</sup> e permiti que eles se contaminassem com seus dons sacrificiais, como quando queimavam tudo o que abre a madre, para horrorizá-los, a fim de que soubessem que eu sou o SENHOR.

<sup>27</sup> Portanto, fala à casa de Israel, ó filho do homem, e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Ainda nisto me blasfemaram vossos pais e transgrediram contra mim. <sup>28</sup> Porque, havendo-os eu introduzido na terra sobre a qual eu, levantando a mão, jurara dar-lha, onde quer que viam um outeiro alto e uma árvore frondosa, aí ofereciam os seus sacrificios, apresentavam suas ofertas provocantes, punham os seus suaves aromas e derramavam as suas libações. <sup>29</sup> Eu lhes disse: Que alto é este, aonde vós ides? O seu nome tem sido Lugar Alto, até ao dia de hoje.

<sup>30</sup> Portanto, dize à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Vós vos contaminais a vós mesmos, à maneira de vossos pais, e vos prostituís com as suas abominações? <sup>31</sup> Ao oferecerdes os vossos dons sacrificiais, como quando queimais os vossos filhos, vós vos contaminais com todos os vossos ídolos, até ao dia de hoje. Porventura, me consultariais, ó casa de Israel? Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, vós não me consultareis.

<sup>32</sup> O que vos ocorre à mente de maneira nenhuma sucederá; isto que dizeis: Seremos como as nações, como as outras gerações da terra, servindo às árvores e às pedras.

<sup>33</sup> Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, com mão poderosa, com braço estendido e derramado furor; hei de reinar sobre vós; <sup>34</sup> tirar-vos-ei dentre os povos e vos congregarei das terras nas quais andais espalhados, com mão forte, com braço estendido e derramado furor. <sup>35</sup> Levar-vos-ei ao deserto dos povos e ali entrarei em juízo convosco, face a face. <sup>36</sup> Como entrei em juízo com vossos pais, no deserto da terra do Egito, assim entrarei em juízo convosco, diz o SENHOR Deus. <sup>37</sup> Far-vos-ei passar debaixo do meu cajado e vos sujeitarei à disciplina da aliança; <sup>38</sup> separarei dentre vós os rebeldes e os que transgrediram contra mim; da terra das suas moradas eu os farei sair, mas não entrarão na terra de Israel; e sabereis que eu sou o SENHOR.

<sup>39</sup> Quanto a vós outros, vós, ó casa de Israel, assim diz o SENHOR Deus: Ide; cada um sirva aos seus ídolos, agora e mais tarde, pois que a mim não me quereis ouvir; mas não profaneis mais o meu santo nome com as vossas dádivas e com os vossos ídolos.

<sup>40</sup> Porque no meu santo monte, no monte alto de Israel, diz o SENHOR Deus, ali toda a casa de Israel me servirá, toda, naquela terra; ali me agradarei deles, ali requererei as vossas ofertas e as primícias das vossas dádivas, com todas as vossas coisas santas. <sup>41</sup> Agradar-me-ei de vós como de aroma suave, quando eu vos tirar dentre os povos e vos congregar das terras em que andais espalhados; e serei santificado em vós perante as nações. <sup>42</sup> Sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu vos der entrada na terra de Israel, na terra que, levantando a mão, jurei dar a vossos pais. <sup>43</sup> Ali, vos lembrareis dos vossos caminhos e de todos os vossos feitos com que vos contaminastes e tereis nojo de vós mesmos, por todas as vossas iniquidades que tendes cometido. <sup>44</sup> Sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu proceder para convosco por amor do meu nome, não segundo os vossos maus caminhos, nem segundo os vossos feitos corruptos, ó casa de Israel, diz o SENHOR Deus.

<sup>45</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>46</sup> Filho do homem, volve o rosto para o Sul e derrama as tuas palavras contra ele; profetiza contra o bosque do campo do Sul <sup>47</sup> e dize ao bosque do Sul: Ouve a palavra do SENHOR. Assim diz o SENHOR Deus: Eis que acenderei em ti um fogo que consumirá em ti toda árvore verde e toda árvore seca; não se apagará a chama flamejante; antes, com ela se queimarão todos os rostos, desde o Sul até ao Norte. <sup>48</sup> E todos os homens verão que eu, o SENHOR, o acendi; não se apagará. <sup>49</sup> Então, disse eu: ah! SENHOR Deus! Eles dizem de mim: Não é ele proferidor de parábolas?

---

**PANORAMA:** Ezequiel conta, detalhadamente, vários episódios de idolatria na história de Israel. Os anciãos de Israel que vieram a Ezequiel fingiam piedade, mas estavam cheios de hipoc-

risia. O desejo deles era imitar as nações, não era seguir o Senhor. Nossos comentaristas consideram a declaração divina de que, se eles seguissem os estatutos ou os sábados que o

Senhor lhes dera, eles viveriam. Um comentarista afirma que os estatutos e as leis não eram para a vida, mas para nos mostrar nossos pecados e imperfeições. Isso nos leva ao arrependimento e à justificação pela fé. Outro comentarista vê uma relação estreita entre os sábados e os sacramentos. O Espírito é prometido em ambos, se forem recebidos pela fé.

O capítulo termina com juízo e restauração. A casa de Israel é julgada por misturar a adoração de Deus com a adoração idólatra. Além disso, essa casa rebelde reivindicava falsamente o nome de Israel; o verdadeiro Israel, aqueles que creem no Senhor e o seguem, habitará no monte santo de Deus e o servirá todos os seus dias. Apenas esse remanescente fiel será preservado.

### 20.1-29 *Salvação e idolatria*

**HIPOCRISIA.** WILLIAM GREENHILL: A hipocrisia é um pecado secreto e, muitas vezes, está presente naqueles de quem não suspeitamos. Ela é encontrada onde não era esperada, nos “anciãos de Israel” que aqui vêm a Ezequiel, fingindo piedade, assentam-se diante dele, como se fossem ouvir e praticar tudo o que o Senhor lhes dissesse. Contudo, eles não pretendiam nada disso, mas estavam decididos a seguir os próprios caminhos e ser como os babilônios e os pagãos, como você pode ver em Ezequiel 20.32, para que assim pudessem desfrutar paz e segurança. Eles fizeram aqui como muitos que pensam em se casar, os quais vão a duas ou três pessoas para pedir conselho, mas estão resolvidos a seguir em frente, independentemente do que lhes for dito; assim também, qualquer que tenha sido o conselho da parte do Senhor para eles, sua intenção era seguir seus caminhos ímpios. E isso era uma profunda hipocrisia, daqueles que costumam ocultar as coisas mais tórcas com o mais sereno fingimento.<sup>1</sup>

**SALVAÇÃO NÃO MERECEIDA.** JOHN MAYER: Alguns indivíduos exigem saber se as pessoas, mediante a guarda dos mandamentos de Deus, podem alcançar a vida eterna, porque é dito: *Dei-lhes os meus estatutos... os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles* (Ez 20.11).

Alguns respondem que o significado pretendido é, simplesmente, a vida e a prosperidade neste mundo, porque é nosso dever obedecer aos mandamentos de Deus. Portanto, tendo feito isso, nada merecemos, somos apenas servos inúteis. No entanto, segundo esse critério, não devíamos ter, pela obediência, nossa vida prolongada aqui, pois até isso é mais do que merecemos. Isso não significa, então, que seremos dignos de ter essa vida prometida se formos obedientes. Antes, ela procede da bondade de Deus, o qual, sem essa condição, pode querer de nós toda a devida obediência. Portanto, por sua graça, ele faz conosco esta aliança: “Faça isso e viva”. Essa aliança significa tanto aqui sermos salvos de juízos, os quais, se pecarmos, sobrevirão à nossa terra e apressarão a morte, como, no mundo vindouro, do qual certamente seremos rejeitados, se acontecer de vivermos muito tempo aqui, como um pecador pode fazer, de acordo com aquele dito: *se um pecador vive cem anos e Deus prolonga os seus dias*. Ora, visto que ninguém pode guardar perfeitamente os mandamentos e assim alcançar a vida, à lei do fazer é acrescentada a lei do crer. Em virtude de nossas imperfeições, devemos nos arrepender de nossos pecados com todas as nossas forças, converter-nos deles e crer em Cristo, para que uma perfeita justificação e uma perfeita salvação sejam alcançadas. E, assim, não é em vão que Deus nos manda fazer isso e viver, e ele sabe que não podemos fazer isso de forma exata. Entretanto, a nós, que nos arrependemos de nossas falhas e fazemos o que podemos, o Filho de Deus concede sua mão auxiliadora e tanto obedece perfeitamente por nós como paga por seu sangue um resgate por nossas falhas, por meio do qual, sem dúvida, passamos de fato a viver. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

**O SÁBADO E OS SACRAMENTOS.** JOÃO CALVINO: Aquilo que ele disse, de forma geral, a respeito dos mandamentos, ele agora aplica novamente ao sábado, e não sem razão. Pois, como dissemos ontem, Deus não somente queria, por esse dia de descanso, exigir do povo aquilo que

<sup>1</sup> *Exposition*, 482.

<sup>2</sup> *Prophets*, 425-26.

lhe era devido, mas antes ele ordena isso para outro propósito, a saber, *que os seus sábados fossem santificados*. Contudo, a maneira de santificá-lo foi explicada anteriormente, visto que o mero repouso era insuficiente. Deus não estava satisfeito com o repouso do povo de suas ocupações, mas a santificação interior era o propósito principal em vista. E, por essa razão, ele também repete novamente: *pois servirão de sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou o SENHOR, vosso Deus*. Nessa passagem, Deus dá testemunho de que, se os judeus observassem corretamente os seus sábados, eles sentiriam os efeitos do favor que ele desejava fosse nisto representado. Pois dissemos que o sábado era um sacramento de regeneração; agora, então, ele promete a eficácia do seu Espírito, se eles não fechassem a porta por meio de sua própria impiedade e desprezo. Por essa razão, vemos que os sacramentos não são destituídos da virtude do Espírito, exceto quando as pessoas se fazem indignas da graça a elas oferecida.

Quando os papistas falam dos sacramentos, afirmam que eles são eficazes, se apenas removermos o obstáculo do pecado mortal; não fazem menção alguma da fé. Se um indivíduo não é um ladrão, um adúltero nem um assassino, eles afirmam que os sacramentos produzem o seu próprio efeito; por exemplo, se alguém sem um pingote de fé se introduzir à mesa de Cristo, eles afirmam que ele recebe não apenas seu corpo e seu sangue, mas também o fruto dessa morte e ressurreição, e somente porque não cometeu pecado mortal, ou seja, não pode ser condenado por roubo ou homicídio. Vemos agora que eles estão mergulhados em cegueira, de acordo com o justo juízo de Deus. Portanto, devemos sustentar que há uma relação mútua entre a fé e os sacramentos, e, conseqüentemente, que os sacramentos são eficazes por meio da fé. A indignidade das pessoas nada diminui deles, pois eles sempre retêm sua natureza. O batismo é a lavagem de regeneração, mesmo que todos fossem incrédulos (Tt 3.5); a Ceia de Cristo é a comunhão de seu corpo e sangue (1Co 10.16), mesmo que não houvesse uma centelha de fé no mundo; mas nós não percebemos a graça que nos é oferecida; e embora as coisas espiri-

tuais permaneçam sempre as mesmas, não obtemos o seu efeito nem percebemos o seu valor a menos que estejamos atentos para que nossa falta de fé não profane aquilo que Deus consagrou, a saber, nossa salvação. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**DOIS TIPOS DE IDOLATRIA.** JOÃO CALVINO: Mas esta passagem, como muitas outras, ensina que não somente a adoração de Deus é corrompida quando sua honra é transferida para os ídolos, mas também quando as pessoas amontoam suas próprias ficções e contaminam os mandamentos de Deus por meio da mistura. Devemos nos lembrar, então, que há dois tipos de idolatria; a primeira é a mais grosseira, quando os ídolos são adorados abertamente e Moloque ou Baal, são colocados no lugar do Deus vivo: esta é uma superstição palpável, porque Deus, num certo sentido, é deposto de seu trono. Mas o outro tipo de idolatria, embora mais oculta, é abominável diante de Deus, a saber, quando, sob o disfarce de um nome, as pessoas, atrevidamente, misturam tudo o que lhes vem à mente e inventam vários modos de adoração; como vemos atualmente, no papado, estátuas adoradas, pessoas mortas encomendadas e a honra de Deus violada de várias maneiras. Não obstante, disso os papistas tagarelam, eles próprios se condenam, e é de admirar que não estejam totalmente calados, visto que suas superstições são tão grosseiras que até mesmo as crianças as percebem. Mas há outras superstições mais ilusórias e refinadas; pois quando inventam muitas coisas em honra de Deus, eles não apresentam os nomes de Santa Bárbara ou São Cristóvão, mas o nome de Deus cobre todas essas abominações. Mas vemos que esta desculpa é frívola, quando as pessoas declaram que não têm outra coisa em mente senão a adoração de Deus. Deus não somente deseja que a adoração seja oferecida exclusivamente a ele, mas que ela esteja sem qualquer dependência da vontade humana; ele quer que a lei seja a única regra da verdadeira adoração e, assim, rejeita todos os ritos fictícios. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> CTS 23:311-12 (CO 18:492).

<sup>4</sup> CTS 23:320 (CO 18:497).

## 20.30-49 Juízo e restauração

**ADORANDO ÁRVORES E PEDRAS.** JOHN MAYER: Agora o profeta passa a manifestar a hipocrisia deles (Ez 20.32). Eles fingiam piedade para com Deus ao virem a ele para consultá-lo. Entretanto, eles vieram com pensamentos ímpios na mente. Se não obtivessem uma resposta boa de conforto imediato da parte dele, eles apostatariam totalmente para os pagãos e adorariam como eles. Eles serviriam às árvores e às pedras, supondo com isso obter mais favor entre eles, visto que, no presente, estavam sendo difamados por todas as nações por servir a um só Deus, que diferia de todos os outros e que era adorado de um modo diferente. Ao apostatarem para os pagãos, entretanto, seriam incorporados entre eles como um único povo. Semelhantemente, algumas pessoas que professam a verdadeira religião atualmente, quando veem a felicidade mundana de outros e seu próprio estado de pobreza e aflição, começam a pensar em bandear-se para eles. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**A HIPOCRISIA DOS ANCIÃOS.** WILLIAM GREENHILL: A hipocrisia ofende tanto a Deus que ele não quer saber de hipócritas. Os anciãos e a casa de Israel se corromperam com os pecados de seus antepassados, adotaram modos falsos de adoração e viviam dessa maneira no dia em que vieram se consultar. E o que Deus diz? “Porventura, me consultaríeis, ó casa de Israel?” Vós dissimulais, agis como hipócritas e me provocais a não somente recusar ouvir-vos, mas também a jurar contra vós: “Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, vós não me consultareis.” Vós não vindes com sinceridade, mas com sutileza; vós fingis andar nos meus caminhos, mas pretendéis seguir os caminhos de vossos pais; fazeis como se fôsseis me adorar, mas vossa intenção é adorar os ídolos. Ah! Vós, hipócritas de longa data, sepulcros caídos, por que vindes a mim? Eu não vos ouvirei, não vos responderei e nem terei nada a ver convosco.

... Esforçai-vos, portanto, para serdes sinceros, pois os retos são o seu prazer. Aqueles que estimam a iniquidade em seu coração, sejam

eles quem forem, tudo o que consultarem e buscarem das mãos de Deus, Deus não os ouvirá, mas os manifestará e lhes dará a recompensa dos hipócritas. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**A ADORAÇÃO PARCIAL DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Esta passagem (Ez 20.39) é particularmente notável, porquanto nessa época muitos estavam enganados, repousando em suas próprias invenções, pensando que cumpririam melhor seus deveres para com Deus se obedecessem parcialmente aos seus mandamentos e, por isso, acumulavam grande quantidade de superstições, em parte recebidas de seus antepassados e, em parte, fabricadas por eles mesmos. Mais uma vez, será raro encontrar um em cem que não pense ser melhor adorar parcialmente a Deus do que dedicar-se inteiramente aos ídolos; e isso realmente é verdade, no que diz respeito às pessoas, pois a impiedade é mais sórdida e detestável quando as pessoas rejeitam Deus abertamente, separam-se dele e se dedicam aos ídolos do que quando, em parte, adoram a Deus e, em parte, aos ídolos. Entretanto, vemos que Deus declara que ele não pode suportar essa profanação; e devemos observar, diligentemente, a razão que é acrescentada, pois, quando se cede a impiedade grosseira e palpável, o nome de Deus não é tão profanado como quando pessoas espertas conciliam a adoração pura de Deus com superstições. E, por essa razão, aquele monstruoso Ínterim [do imperador Carlos V] foi, aos olhos de Deus, pior do que o papado; e por quê? Porque embora os papistas profanassem o nome de Deus, no entanto, sua loucura é, atualmente, tão detectada que torna-se evidente publicamente que eles são idólatras; mas essa invenção misturou trevas com luz e infectou a pura doutrina com o seu fermento. Mas Deus, aqui, exclama que ele não podia suportar esse engano quando pessoas professam adorá-lo, pois elas se corrompem com superstições, já que a profanação é acrescentada à impiedade, e ambas resultam da hipocrisia. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> *Prophets*, 428.

<sup>6</sup> *Exposition*, 508-9.

<sup>7</sup> CTS 23:334-35 (CO 18:507-508). O “monstruoso Ínterim” foi o Ínterim de Augsburg de 1548. Veja “Interims”, *OER* 2:319-21.

**O NOME ISRAEL.** MARTINHO LUTERO: Os judeus fazem questão do nome Israel e reivindicam que só eles são Israel e que nós somos os gentios. Ora, isso é verdadeiro no que diz respeito à primeira parte da profecia e à velha aliança de Moisés, não obstante, isso se cumpriu há muito tempo. No entanto, de acordo com a segunda parte da profecia e a nova aliança, os judeus não são mais Israel, pois todas as coisas devem ser novas, e Israel também deve tornar-se novo. O verdadeiro Israel é constituído apenas daqueles que aceitaram a nova aliança que foi estabelecida e iniciada em Jerusalém.

Pois, segundo a velha aliança, eu não sou israelita ou judeu. Mas reivindico agora que sou filho de Paulo, e israelita ou benjamita. Pois Paulo é meu pai, não o velho Paulo, mas o novo Paulo. Ele é ainda o velho Paulo, mas do velho Paulo surgiu um novo Paulo em Cristo; e ele me gerou em Cristo mediante o evangelho [1Co 4.15], de modo que sou feito à sua imagem segundo a nova aliança. Assim, todos os gentios que são cristãos são os verdadeiros israelitas e novos judeus, nascidos de Cristo, o mais nobre judeu. Tudo, portanto, baseia-se na nova aliança, que o Messias iria inaugurar, fazendo novas todas as coisas, como ele de fato fez.

Deve-se notar bem esta regra: quando os profetas afirmam que Israel voltará ou que será reunido em sua totalidade, como em Miqueias 2.12, Ezequiel 20.40, etc., certamente eles estão falando da nova aliança e do novo Israel, do qual ninguém será excluído, o reino eterno de Cristo. Não é possível compreender como se quisesse indicar o antigo Israel, pois a maioria deles permaneceu na Assíria e na Babilônia, tanto os vivos como os mortos, e apenas uns poucos retornaram; Esdras [2.1-65] enumera todos eles. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>8</sup>

**PRESERVAÇÃO DOS ELEITOS.** JOÃO CALVINO: Deus agora dirige o seu discurso aos eleitos, o remanescente em quem ele quis que sua igreja sobrevivesse. Até agora, ele vem falando do povo como um todo; ele afirma que, embora fosse libertá-los das mãos dos gentios, no entanto, essa redenção seria apenas parcial, porque eles pere-

ceriam no deserto e nunca desfrutariam da terra prometida. De modo geral, ele mostra que aqueles a quem foi dado um livre retorno à sua própria terra eram não menos estrangeiros do que se tivessem sido exilados nessa ocasião e sempre permanecessem banidos, uma vez que sua impiedade impedia a sua restauração. Deus agora se dirige aos verdadeiros israelitas, que não eram apenas descendentes de seus antepassados, mas que também eram filhos genuínos e espirituais, assim como Paulo distingue entre os filhos de Abraão nascidos segundo a carne e os nascidos segundo a promessa (Rm 9.7-9). Por essa razão, também é dito no Salmo 73 – Com efeito, Deus é bom para com Israel – para com os retos de coração: pois o profeta declara, aqui, que Deus é gracioso para com os israelitas; no entanto, visto que muitos hipócritas se gloriam de serem membros da igreja, com a intenção de corrigi-los, ele restringe a frase e não considera ninguém como verdadeiro israelita senão os retos de coração. COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>9</sup>

**O LIMAR DA NOSSA SALVAÇÃO ETERNA.** JOÃO CALVINO: *Sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu proceder para convosco por amor do meu nome* (Ez 20.44) ...Aprendamos que não há como adorar a Deus com aprovação senão adotando tudo o que lhe agrada como pertencente à nossa salvação. Pois se quisermos fazer um acerto de contas do tipo devedor e credor ou se cogitarmos que ele esteja, no mais leve grau, em dívida para conosco, diminuímos assim a sua glória e, tanto quanto está em nosso poder, privamo-nos desse inestimável privilégio que o profeta agora elogia. Por essa razão, desejemos reconhecer Deus dessa maneira, visto que ele nos trata com clemência e misericórdia maravilhosas, por amor de seu próprio nome e não segundo os nossos pecados. E, visto que isso foi dito ao seu antigo povo porque ele voltou à terra de Canaã, quanto mais deve ser exaltada por nós a gratuita bondade de Deus, quando seu reino celestial está hoje aberto a nós e quando ele nos chama publicamente para si mesmo no

<sup>8</sup> Lenker 6, 307-308\* (WADB 11,1:400).

<sup>9</sup> CTS 23:336 (CO 18:508-509).

céu e para a esperança daquela feliz imortalidade que foi obtida para nós por meio de Cristo?  
COMENTÁRIOS SOBRE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

**PROFERIDOR DE PARÁBOLAS.** JOHN OWEN: Na pregação e na profecia de Ezequiel, isto se destaca entre os demais elementos: que ele era um *artifex parabolarum* – um maravilhoso “proferidor de parábolas” (Ez 20.49), um método de ensino que proporcionava muita evidência, clareza e poder.

Em particular, ele compara muitas vezes o mundo a um campo ou um bosque, e os habitantes dele às árvores desse lugar – uma alusão muitíssimo apropriada, considerando-se a grande

variedade e diferença de condição tanto de um como de outro. Dentre as árvores do campo, umas são altas, outras, baixas; umas verdes, outras, secas; umas fortes, outras, fracas; umas imponentes, outras, desprezíveis; umas frutíferas, outras, estéreis; umas úteis, outras, inteiramente inúteis: de modo que você tem todos os tipos de pessoas, importantes e humildes, de todas as condições, relações ou interesse claramente representados pelas árvores do campo.  
SERMÃO.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> CTS 23:345 (CO 18:514-515). Com este parágrafo, Calvino encerra seu comentário sobre Ezequiel.

<sup>11</sup> Owen, *Works* 8.316.

## 21.1-32 BABILÔNIA, ESPADA DO JUÍZO DE DEUS

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, volve o rosto contra Jerusalém, derrama as tuas palavras contra os santuários e profetiza contra a terra de Israel. <sup>3</sup> Dize à terra de Israel: Assim diz o SENHOR: Eis que sou contra ti, e tirarei a minha espada da bainha, e eliminarei do meio de ti tanto o justo como o perverso. <sup>4</sup> Porque hei de eliminar do meio de ti o justo e o perverso, a minha espada sairá da bainha contra todo vivente, desde o Sul até ao Norte. <sup>5</sup> Saberão todos os homens que eu, o SENHOR, tirei da bainha a minha espada; jamais voltará a ela.

<sup>6</sup> Tu, porém, ó filho do homem, suspira; à vista deles, suspira de coração quebrantado e com amargura. <sup>7</sup> Quando te perguntarem: Por que suspiras tu? Então, dirás: Por causa das novas. Quando elas vêm, todo coração desmaia, todas as mãos se afrouxam, todo espírito se angustia, e todos os joelhos se desfazem em água; eis que elas vêm e se cumprirão, diz o SENHOR Deus.

<sup>8</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>9</sup> Filho do homem, profetiza e dize: Assim diz o Senhor:

*A espada, a espada está  
afiada e polida;*

<sup>10</sup> *afiada para matança,  
polida para reluzir como relâmpago.*

Israel diz: Alegremo-nos! O cetro do meu filho despreza qualquer outra madeira. <sup>11</sup> Mas Deus responde: Deus-se a espada a polir, para ser manejada; ela está afiada e polida, para ser posta na mão do matador. <sup>12</sup> Grita e geme, ó filho do homem, porque ela será contra o meu povo, contra todos os príncipes de Israel. Estes, juntamente com o meu povo, estão entregues à espada; dá, pois, pancadas na tua coxa. <sup>13</sup> Pois haverá uma prova; e que haverá, se o próprio cetro que desprezou a todos não vier a subsistir? – diz o SENHOR Deus.

<sup>14</sup> Tu, pois, ó filho do homem, profetiza e bate com as palmas uma na outra; duplique a espada o seu golpe, triplique-o a espada da matança, da grande matança, que os rodeia; <sup>15</sup> para



que desmaie o seu coração, e se multiplique o seu tropeçar junto a todas as portas. Faça reluzir a espada. Ah! Ela foi feita para ser raio e está afiada para matar.<sup>16</sup> Ó espada, vira-te, com toda a força, para a direita, vira-te para a esquerda, para onde quer que o teu rosto se dirigir.<sup>17</sup> Também eu baterei as minhas palmas uma na outra e desfogarei o meu furor; eu, o SENHOR, é que falei.

<sup>18</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>19</sup> Tu, pois, ó filho do homem, propõe dois caminhos por onde venha a espada do rei da Babilônia; ambos procederão da mesma terra; põe neles marcos indicadores, põe-nos na entrada do caminho para a cidade.<sup>20</sup> Indica o caminho para que a espada chegue à Rabá dos filhos de Amom, a Judá e a Jerusalém, a fortificada.<sup>21</sup> Porque o rei da Babilônia para na encruzilhada, na entrada dos dois caminhos, para consultar os oráculos: sacode as flechas, interroga os ídolos do lar, examina o figado.<sup>22</sup> Caiu-lhe o oráculo para a direita, sobre Jerusalém, para dispor os arietes, para abrir a boca com ordens de matar, para lançar gritos de guerra, para colocar os arietes contra as portas, para levantar terraplenos, para edificar baluartes.<sup>23</sup> Aos judeus, lhes parecerá isto oráculo enganador, pois têm em seu favor juramentos solenes; mas Deus se lembrará da iniquidade deles, para que sejam apreendidos.

<sup>24</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Visto que me fazeis lembrar da vossa iniquidade, descobrindo-se as vossas transgressões, aparecendo os vossos pecados em todos os vossos atos, e visto que me viestes à memória, sereis apreendidos por causa disso.<sup>25</sup> E tu, ó profano e perverso, príncipe de Israel, cujo dia virá no tempo do seu castigo final;<sup>26</sup> assim diz o SENHOR Deus: Tira o diadema e remove a coroa; o que é já não será o mesmo; será exaltado o humilde e abatido o soberbo.<sup>27</sup> Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei, e ela já não será, até que venha aquele a quem ela pertence de direito; a ele a darei.

<sup>28</sup> E tu, ó filho do homem, profetiza e dize: Assim diz o SENHOR Deus acerca dos filhos de Amom e acerca dos seus insultos; dize, pois: A espada, a espada está desembainhada, polida para a matança, para consumir, para reluzir como relâmpago;<sup>29</sup> para ser posta no pescoço dos profanos, dos perversos, cujo dia virá no tempo do castigo final, ao passo que te pregam visões falsas e te adivinham mentiras.<sup>30</sup> Torna a tua espada à sua bainha. No lugar em que foste formado, na terra do teu nascimento, te julgarei.<sup>31</sup> Derramarei sobre ti a minha indignação, assoprarei contra ti o fogo do meu furor e te entregarei nas mãos de homens brutais, mestres de destruição.<sup>32</sup> Servirás de pasto ao fogo, o teu sangue será derramado no meio da terra, já não serás lembrado; pois eu, o SENHOR, é que falei.

**PANORAMA:** Ezequiel profetiza novamente contra Jerusalém. Agora nos é dito que uma espada será trazida contra a cidade, igualmente contra o justo e o perverso. O templo não servirá de santuário para os perversos. Deus realizará um ataque contra o templo. É dito ao profeta que suspire à vista do povo, para que as pessoas venham a saber da calamidade vindoura. A espada que está por vir é Nabucodonosor, rei da Babilônia. O príncipe profano e ímpio de Israel é Zedequias. Um ponto de preocupação neste capítulo é a sugestão de que o uso de adivinhação por parte de Nabucodonosor teria determinado sua trajetória para Jerusalém (Ez 21.21). No entanto, esse não foi o caso. A profecia dada por Ezequiel revelou a vontade de Deus e determinou as ações de Nabucodonosor.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JAKOB RAUPIUS: Há duas profecias neste capítulo. Uma contra os judeus que permanecem na terra sob o governo de Zedequias, a respeito de quem o profeta já falou. A outra é contra os amonitas, a quem o Senhor também ameaça através de Ezequiel com a espada dos babilônios. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**QUEM SÃO OS JUSTOS?** JAKOB RAUPIUS: *Eliminarei do meio de ti tanto o justo como o perverso* (Ez 21.3). Piscator entende por “justo” aquele que não é inteiramente injusto. No entanto, o Senhor contrasta o justo com o perverso. Entendemos aqui aqueles que eram

<sup>1</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 153.

indubitavelmente justos. De fato e de verdade, os justos, ou seja, aqueles que nasceram de novo e receberam a graça de Deus estavam habituados a se posicionar contra a perversidade pública, mesmo sendo repreendidos por causa dos pecados de seus pais. Eles aprendem, com o exemplo dos perversos, que Deus pune severamente os pecados das pessoas. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**O SUSPIRO DO PROFETA.** WILLIAM GREENHILL: A bondade do Senhor para com um povo refratário, obstinado e decadente, ao colocar o profeta para ver o que os sinais proféticos farão no tempo em que as ameaças proféticas nada fizeram. “Tu, porém, ó filho do homem, suspira; à vista deles, suspira de coração quebrantado e com amargura” (Ez 20.6). Esses eram suspiros proféticos, simbolizando para eles os grandes males que viriam sobre eles, para que levassem em consideração, suspirassem da mesma forma por seus pecados e evitassem a sua destruição ou, do contrário, com certeza, a aguardassem. Deus colocou uma carga pesada sobre o profeta, para suspirar dessa maneira. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**PROFETIZAR EM PANOS DE SACO.** WILLIAM GREENHILL: Profetizar em panos de saco não é algo novo para os profetas do Senhor (Ez 21.14). Ezequiel deve profetizar e bater palmas, como sinal de lamentação e aflição; nosso profeta vestia panos de saco, como um cativo na Babilônia, vendo os deploráveis juízos que estavam por vir sobre Jerusalém. Assim também Jeremias, Oseias, Joel e Amós tiveram espírito pesaroso e profetizaram em panos de saco, bateram suas mãos uma na outra e pronunciaram coisas tristes. Os tempos eram sombrios em seus dias; eles não são claros agora. Não virá a espada pela terceira vez? Não está empunhada para matança? Não irão os profetas lamentar e bater com as palmas uma na outra?

Onde a palavra não consegue reformar um povo, ali sobrevirão os juízos de Deus, um após o outro, para a destruição desse povo. “Profetiza... duplique a espada o seu golpe, triplique-o a espada da matança.” Ele tinha profetizado

muitas vezes, mas não apareceu nenhum arrependimento, nenhuma volta para Deus; portanto, que a espada venha novamente e outra vez. Se eles se arrependessem de seus pecados, Deus se arrependeria dos males pretendidos (Jr 18.7-8), mas, quando as pessoas continuam em seus pecados, Deus continua em seus juízos, até a destruição. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**O REI DE BABILÔNIA E A ADIVINHAÇÃO.** JOHN MAYER: *O rei da Babilônia para na encruzilhada... sacode as flechas.* De acordo com Jerônimo, ele tomou duas flechas. Numa escreveu Jerusalém, na outra, Rabá. Ele colocou as duas numa aljava e removeu uma delas com os olhos vendados. Removeu a que dizia Jerusalém e adivinhou que devia ir com sucesso contra Jerusalém. E isso o profeta fala não como se ele já tivesse feito assim, mas porque em breve o faria. Então, com a mão guiada pelo Senhor, embora incógnita para ele, aconteceria dessa maneira e ele prevaleceria. Mas com isso ele não quis dar o crédito a essas adivinhações usadas pelos pagãos, mas apenas mostrar que a adivinhação feita ocorreu de acordo com a sua profecia. Assim ficaria mais evidente que ela devia ocorrer. Visto que eles eram supersticiosos, assim como os pagãos, isso os aterrorizaria ainda mais. E não era algo novo ou estranho que Deus declarasse a destruição vindoura dos perversos por meios ímpios, visto que ele revelou grandes mistérios por meio de Balaão e por um falso Samuel levantado pela pitonisa de En-Dor para aterrorizar Saul, predizendo sua terrível ruína. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**O CAMINHO DE NABUCODONOSOR PREDITO NO TEMPO PASSADO.** WILLIAM GREENHILL: Aqui, o tempo passado é usado no lugar do futuro (Ez 21.21). O rei da Babilônia ainda não tinha

<sup>2</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 155. Johannes Piscator (1546-1625), teólogo Reformado, preparou resumos e notas detalhadas para o Antigo e para o Novo Testamento e publicou uma tradução alemã da Bíblia.

<sup>3</sup> *Exposition*, 522.

<sup>4</sup> *Exposition*, 527.

<sup>5</sup> *Prophets*, 428.

estado lá, mas ele parará na encruzilhada, na matriz [entrada] do caminho; quando um caminho se divide ou dá origem a dois caminhos, o hebreu chama o primeiro caminho de matriz do outro e cabeça deles, como aqui: “na entrada dos dois caminhos”.

...O Senhor conhece bem as coisas futuras, de fato, tão certamente como se já tivessem ocorrido. Ele sabia que Nabucodonosor viria da Babilônia, o caminho que ele seguiria e onde faria uma parada e realizaria uma consulta, o que ele revela ao profeta e fala como já acontecido (Ez 21.22). O Senhor vê as coisas de longe e conhece aquilo que sucederá em épocas vindouras. Por meio disso ele envergonha todos os ídolos dos deuses e mostra ser ele próprio o Deus verdadeiro. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**ZEDEQUIAS, O ÚLTIMO REI ANTES DE CRISTO.** JOHN MAYER: “E Tu, ó profano e perverso, príncipe de Israel, cujo dia virá no tempo do seu castigo final... Tira o diadema e remove a coroa; o que é já não será o mesmo; será exaltado o humilde e abatido o soberbo” (Ez 21.25-26)... Zedequias é chamado de príncipe profano por causa de sua impiedade para com Deus e de perverso por sua injustiça para com as pessoas... E o discurso é dirigido somente ao rei, e assim, contra ele, apenas nisto que é dito, para mostrar sua deposição e, dessa forma, a cessação do reino em sua pessoa. Ele é acusado de profanação porque quebrou seu juramento a Nabucodonosor. Além disso, é mostrado aqui que não haveria mais rei depois dele até que Cristo viesse. Pois, embora depois do cativo houvesse um príncipe e o principado fosse passado ao sacerdote, Alexandre se fizesse rei e alguns outros depois dele, no entanto, esses reis não mereceram ser mencionados. Nesse período, o estado estava em grande confusão e, no tempo dos príncipes, eles governavam como pessoas inferiores, debaixo da vontade de outros reis. O humilde a ser exaltado era Cristo, que foi pobre e humilde, o soberbo a ser abatido era o perverso Zedequias, a quem não são dados os respectivos termos de tratamento porque o discurso procede, por assim dizer, da parte de Deus,

em quem não há aceção de pessoas. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>7</sup>

**PROFANO E PERVERSO PRÍNCIPE DE ISRAEL.**

WILLIAM GREENHILL: Esse príncipe era Zedequias, e os títulos dados a ele não são “Vossa sagrada majestade ou Vossa excelente alteza”, mas “profano e perverso príncipe” (Ez 21.25). Sua profanidade e sua impiedade, indubitavelmente, eram grandes, embora a palavra não especifique muita coisa; no entanto, alguma coisa é detalhada em 2Crônicas 36...

O profeta pode parecer ter esquecido as boas maneiras ao falar de modo tão infamante do príncipe, o que a lei proibia (Êx 22.28). Eles não deveriam pensar nem falar mal do governante, nem desejar-lhe o mal (Ec 10.20). E aqui Ezequiel chama Zedequias de príncipe de Israel, profano e perverso. Porém, ao fazê-lo, ele não pecou. Pois, sendo profeta, ele devia entregar aquilo que o Espírito de Deus lhe passava e o movia a fazer. Foi assim que Jeremias fez com Jeconias, quando o chamou de “coisa quebrada ou objeto de que ninguém se agrada” (Jr 22.28). Eles não lisonjeariam príncipes falsificando a verdade. Quando isso é feito com uma intenção secreta e depravada, então isso é mal.

...Dentre todos os príncipes do mundo, os príncipes de Israel tinham motivo para serem santos e justos. Eles se assentavam onde a adoração do Deus verdadeiro estava situada. Eles tinham a lei de Moisés e foram instruídos a lê-la continuamente e a não se afastarem dela nem para a direita nem para a esquerda (Dt 17.18-20). Eles tinham o Sinédrio, os sacerdotes e os profetas para aconselhá-los e adverti-los. Contudo, os príncipes de Israel foram profanos; eles não deram atenção à lei de Moisés ou à adoração de Deus; desprezaram os sacerdotes e os profetas; eles foram perversos, perseguiram as pessoas boas e foram desleais para com outros príncipes – tanto Jeoaquim como Zedequias usaram de perfídia para com Nabucodonosor (2Reis 24). UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> *Expositon*, 528-29.

<sup>7</sup> *Prophets*, 433-34.

<sup>8</sup> *Expositon*, 531.

## 22.1-31 OS PECADOS DE JERUSALÉM

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Tu, pois, ó filho do homem, acaso, julgarás, julgarás a cidade sanguinária? Faze-lhe conhecer, pois, todas as suas abominações <sup>3</sup> e dize: Assim diz o SENHOR Deus: Ai da cidade que derrama sangue no meio de si, para que venha o seu tempo, e que faz ídolos contra si mesma, para se contaminar! <sup>4</sup> Pelo teu sangue, por ti mesma derramado, tu te fizeste culpada e pelos teus ídolos, por ti mesma fabricados, tu te contaminaste e fizeste chegar o dia do teu julgamento e o término de teus anos; por isso, eu te fiz objeto de opróbrio das nações e de escárnio de todas as terras. <sup>5</sup> As que estão perto de ti e as que estão longe escarnecerão de ti, ó infamada, cheia de inquietação.

<sup>6</sup> Eis que os príncipes de Israel, cada um segundo o seu poder, nada mais intentam, senão derramar sangue. <sup>7</sup> No meio de ti, desprezam o pai e a mãe, praticam extorsões contra o estrangeiro e são injustos para com o órfão e a viúva. <sup>8</sup> Desprezaste as minhas coisas santas e profanaste os meus sábados. <sup>9</sup> Homens caluniadores se acham no meio de ti, para derramarem sangue; no meio de ti, comem carne sacrificada nos montes e cometem perversidade. <sup>10</sup> No teu meio, descobrem a vergonha de seu pai e abusam da mulher no prazo da sua menstruação. <sup>11</sup> Um comete abominação com a mulher do seu próximo, outro contamina torpemente a sua nora, e outro humilha no meio de ti a sua irmã, filha de seu pai. <sup>12</sup> No meio de ti, aceitam subornos para se derramar sangue; usura e lucros tomaste, extorquindo-o; exploraste o teu próximo com extorsão; mas de mim te esqueceste, diz o SENHOR Deus.

<sup>13</sup> Eis que bato as minhas palmas com furor contra a exploração que praticaste e por causa da tua culpa de sangue, que há no meio de ti. Estará firme o teu coração? <sup>14</sup> Estarão fortes as tuas mãos, nos dias em que eu vier a tratar contigo? Eu, o SENHOR, o disse e o farei. <sup>15</sup> Espalhar-te-ei entre as nações, e te dispersarei em outras terras, e porei termo à tua imundícia. <sup>16</sup> Serás profanada em ti mesma, à vista das nações, e saberás que eu sou o SENHOR.

<sup>17</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>18</sup> Filho do homem, a casa de Israel se tornou para mim em escória; todos eles são cobre, estanho, ferro e chumbo no meio do forno; em escória de prata se tornaram. <sup>19</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Pois que todos vós vos tornastes em escória, eis que vos ajuntarei no meio de Jerusalém. <sup>20</sup> Como se ajuntam a prata, e o cobre, e o ferro, e o chumbo, e o estanho no meio do forno, para assoprar o fogo sobre eles, a fim de se fundirem, assim vos ajuntarei na minha ira e no meu furor, e ali vos deixarei, e fundirei. <sup>21</sup> Congregar-vos-ei e assoprarei sobre vós o fogo do meu furor; e sereis fundidos no meio de Jerusalém. <sup>22</sup> Como se funde a prata no meio do forno, assim sereis fundidos no meio dela; e sabereis que eu, o SENHOR, derramei o meu furor sobre vós.

<sup>23</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>24</sup> Filho do homem, dize-lhe: Tu és terra que não está purificada e que não tem chuva no dia da indignação. <sup>25</sup> Conspiração dos seus profetas há no meio dela; como um leão que ruga, que arrebatava a presa, assim eles devoram as almas; tesouros e coisas preciosas tomam, multiplicam as suas viúvas no meio dela. <sup>26</sup> Os seus sacerdotes transgridem a minha lei e profanam as minhas coisas santas; entre o santo e o profano, não fazem diferença, nem discernem o imundo do limpo e dos meus sábados escondem os olhos; e, assim, sou profanado no meio deles. <sup>27</sup> Os seus príncipes no meio dela são como lobos que arrebatam a presa para derramarem o sangue, para destruírem as almas e ganharem lucro desonesto. <sup>28</sup> Os seus profetas lhes encobrem isto com cal por visões falsas, predizendo mentiras e dizendo: Assim diz o SENHOR Deus, sem que o SENHOR tenha falado. <sup>29</sup> Contra o povo da terra praticam extorsão, andam

*roubando, fazem violência ao aflito e ao necessitado e ao estrangeiro oprimem sem razão. <sup>30</sup> Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei. <sup>31</sup> Por isso, eu derramei sobre eles a minha indignação, com o fogo do meu furor os consumi; fiz cair-lhes sobre a cabeça o castigo do seu procedimento, diz o SENHOR Deus.*

**PANORAMA:** Os pecados de Jerusalém são enumerados. Suas iniquidades apressaram o seu fim. A causa fundamental de seus pecados é o seu esquecimento de Deus. Nenhuma atenção foi dada ao que Deus tinha declarado, ordenado, concedido a eles ou prometido; seus pensamentos foram empregados apenas em sua rebelião e pecado. A punição de Jerusalém é assemelhada à escória que deve ser removida de uma fornalha. A escória é enganosa. Ela apresenta uma aparência de metal, mas não é metal. Semelhantemente, a casa de Israel era enganosa e hipócrita. O Senhor buscou um justo para tapar o muro (Ez 22.30), para se colocar na brecha a fim de que a terra não fosse destruída. Ninguém foi encontrado.

#### OS PECADOS DE ISRAEL ENUMERADOS.

**JOHN MAYER:** Neste capítulo, os pecados dos judeus que habitavam Jerusalém, os quais foram expostos em Ezequiel 20, pelos quais o Senhor interpelou o profeta dizendo: *Julgá-losias tu?*, são mais uma vez declarados e com a mesma pergunta. Em primeiro lugar, esses pecados eram a idolatria e o derramamento de sangue (Ez 22.3-6), tornando a cidade santa infame entre os pagãos, pelo que os príncipes são particularmente acusados. 2. O desprezo pelos pais e a opressão aos estrangeiros e às viúvas (Ez 22.7). 3. O desprezo pelas coisas santas de Deus, ou seja, os seus sacrifícios... e a profanação de seus sábados (Ez 22.8). 4. Comer nos montes e andar como mexeriqueiro para derramar sangue (Ez 22.9); sobre comer nos montes o suficiente já foi dito anteriormente (Ez 18) e sobre andar como mexeriqueiro (Lv 19.16). 5. O incesto com a mulher de seu pai, à maneira de Rubem, e a relação sexual com uma mulher menstruada (Ez 22.10). 6. O adultério, o incesto com a nora e com a irmã (Ez 22.11); sobre isso, veja-se Levítico 18. 7. A aceitação de suborno, a usura e a ex-

torção (Ez 22.12). **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>1</sup>

**OS PECADOS DE ISRAEL.** **JOHANNES ECOLAMPÁDIO:** “Pelo teu sangue, por ti mesma derramado, tu te fizeste culpada” (Ez 22.4). Tu não serás punida pelos pecados de outros, mas serás punida por causa de teus homicídios e injustiças e tuas muitas idolatrias. Leia “tu pecaste” onde o texto traz “tu negligenciaste” ou “tu te fizeste culpada”; ou seja, tu és a parte culpada, e foste achada pública e manifestamente com a contaminação do pecado. Pelos teus atos maus, apressaste os teus dias e a tua visitação, o tempo de tua partida, de teu cativo e de destruição. Toda a tua perversidade suscita um juízo severo. **COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.**<sup>2</sup>

#### ESQUECIMENTO DE DEUS.

**WILLIAM GREENHILL:** O esquecimento de Deus é a causa de todos os pecados de uma cidade ou de um povo. Os pecados de Jerusalém são aqui computados: crueldade, idolatria, desprezo aos pais, opressão aos estrangeiros, maus tratos a órfãos e viúvas, desprezo às coisas santas, profanação de sábados, promoção de intrigas para derramar sangue, comer nos montes, tramar perversidades, incestos, adultérios, subornos, usura, extorsão. E qual é a raiz de tudo isso? “De mim te esqueceste, diz o Senhor” (Ez 22.12). Quando as pessoas não dão atenção àquilo que Deus ordena, proíbe, àquilo que ele ameaça, àquilo que ele aprova, quando elas não reconhecem o seu olhar, o seu poder, os seus juízos, a prestação de contas diante dele, elas caem em todo tipo de pecado, lascívia e transgressão. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>3</sup>

<sup>1</sup> *Prophets*, 433-34.

<sup>2</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 116.

<sup>3</sup> *Exposition*, 542.

**A PUNIÇÃO IMPOSTA POR DEUS.** JOHN MAYER: *Saberás que eu sou o SENHOR* (Ez 22.16). Você, cidade contaminada, que tem em si tanto pecado, será punida, sendo entregue nas mãos dos pagãos e habitará em miséria em um país pagão e saberá, por experiência, que eu sou o Senhor. Com justiça a julgarei por não se arrepende e corrigir sua vida.

Tendo mostrado o que eles sofreriam na terra dos pagãos, ele agora mostra o que eles sofreriam em sua própria terra antes de irem para o cativeiro, durante o tempo do cerco. Eles seriam como chumbo, bronze e ferro no meio do fogo ardente da ira de Deus e seriam mantidos ali até que fossem como a prata e esses metais mais comuns fossem derretidos pela fome, pela peste e pela espada e pelo incêndio da cidade e do templo. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>4</sup>

**UM TAPUME.** WILLIAM GREENHILL: “Um homem que tapasse o muro”. A expressão hebraica é “um tapume que tapasse”. As palavras são metafóricas, e a metáfora é extraída das vinhas, jardins e lugares fechados, que costumavam ter cercas e tapumes sobre elas para protegê-los de tudo o que pudesse lhes causar dano, tanto pessoas quanto animais. Os judeus eram a vinha de Deus (Is 5.1) e ele os tinha cercado e coberto; eles eram o jardim de Deus, e ele os tinha fechado (Ct 4.12). A cerca, “tapume” ou muro sobre seu povo era sua proteção sobre ele. Ele tinha um cuidado especial por eles, por serem sua igreja e seu povo, acima de todos os outros; assim como a cidade de Jerusalém tinha um muro ao seu redor (Ne 1.3), assim Deus era o muro ao redor dos seus cidadãos...

As coisas e meios que Deus tinha lhe dado para ser seu tapume ou muro eram as seguintes: (1) Boa doutrina, que era um tapume para preservá-los de todos os erros e de todas as opiniões corruptas e pagãs, cuja aceitação era um perigo para eles, por causa das nações que os rodeavam. Mas Deus tinha lhes dado boa doutrina (Pv 4.2), palavras certas (Sl 33.4), testemunhos seguros (Sl 93.4), oráculos vivos (At 7.38), mandamentos fiéis (Sl 33.4), pelos quais eles deviam julgar todas as doutrinas e opiniões

(Is 8.20); (2) Adoração pura, que era um “tapume” entre eles e os pagãos... (3) Boas leis... (4) Deus tinha lhes dado bons profetas, sacerdotes e príncipes para sua segurança, para serem um “tapume” para eles. Os profetas deviam preservar a boa doutrina, os sacerdotes deviam preservar a adoração pura e os príncipes deviam fazer com que a justiça fosse exercida de modo imparcial.

O tapume estava quebrado e brechas tinham sido feitas. A doutrina estava corrompida... a adoração estava muito corrompida. O santuário tinha sido contaminado com coisas detestáveis... As leis tinham sido deturpadas e pervertidas, de modo que não havia justiça... Pois o povo, que deveria ser como estacas fortes para proteger o tapume, estava podre. Os profetas eram leões (Jr 23.14), os sacerdotes eram corruptores e ímpios (Lm 4.13), os príncipes eram rebeldes e companheiros de ladrões (Is 1.23) e todos eles quebraram a aliança com Deus (Ez 16.59), de modo que fica evidente que o “tapume” estava quebrado e havia brechas. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**UM TAPUME JUSTO.** JOHN MAYER: Aqui, o Senhor mostra que, apesar dos muitos e graves pecados que abundavam em Jerusalém, se ele tivesse encontrado alguns justos ali que tivessem, com oração fervorosa, procurado tapar o muro, como Moisés, que se colocou na brecha, brecha que o pecado ali causara, levantando-se zelosamente contra o mal, buscando a reforma da cidade, ele não teria prosseguido em trazer os juízos ameaçados. Se ali tivesse havido um único profeta piedoso além de Jeremias, uns poucos sacerdotes, um ou dois príncipes piedosos e algumas poucas pessoas piedosas entre aqueles muitos milhares que estavam tão corrompidos pelo pecado, de acordo com as quatro classes mencionadas anteriormente (Ez 22.25-30), ele não teria prosseguido. Não é provável que ele quisesse dizer precisamente um, como também Lyra afirma, pois havia Jeremias, Baruque e mais algumas pessoas piedosas que haviam sido marcadas na testa (Ez 9.4)...

<sup>4</sup> *Prophets*, 436.

<sup>5</sup> *Exposition*, 557-58.

Pelo que eu concordo com ele, sustentando que, por um, indica-se uma quantidade suficiente, tal como em Sodoma. O Senhor disse que, se em Sodoma fossem achados dez justos, ele pouparia a cidade por causa deles.

A partir desta passagem, observemos que o pecado abre uma fenda ou uma brecha no muro da providência de Deus em volta de um estado. Quando isso acontece, Deus espera que seus servos fiéis tapem o muro por meio da oração e da oposição a condutas pecaminosas. Sendo ele próprio justo, ele repara a brecha. Contudo, para que um estado seja salvo da ruína completa, precisa haver uma quantidade suficiente de pessoas ali e, então, a misericórdia de Deus é tal que, por causa delas, o todo

será salvo nos períodos de maior perigo. Todavia, por causa de outra pessoa, nenhum ímpio será salvo eternamente, mas apenas temporalmente. Há, para todos, um outro tempo de ajuste de contas, quando os ímpios não escaparão da destruição eterna, tanto da alma como do corpo, o que pode nos fazer ainda viver na esperança de que a Inglaterra permanecerá, do que eu não duvido, pois há alguns em toda parte, e muitos em lugares populosos por todo o país, que temem a Deus, oram e trabalham zelosamente contra o pecado todos os dias, cujo número Deus aumenta. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> *Prophets*, 437.

## 23.1-48 DUAS IRMÃS ADÚLTERAS

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, houve duas mulheres, filhas de uma só mãe. <sup>3</sup> Estas se prostituíram no Egito; prostituíram-se na sua mocidade; ali foram apertados os seus peitos e apalpados os seios da sua virgindade. <sup>4</sup> Os seus nomes eram: Oolá, a mais velha, e Oolibá, sua irmã; e foram minhas e tiveram filhos e filhas; e, quanto ao seu nome, Samaria é Oolá, e Jerusalém é Oolibá.

<sup>5</sup> Prostituiu-se Oolá, quando era minha; inflamou-se pelos seus amantes, pelos assírios, seus vizinhos, <sup>6</sup> que se vestiam de azul, governadores e sátrapas, todos jovens de cobiçar, cavaleiros montados a cavalo. <sup>7</sup> Assim, cometeu ela as suas devassidões com eles, que eram todos a fina flor dos filhos da Assíria, e com todos aqueles pelos quais se inflamava; com todos os seus ídolos se contaminou. <sup>8</sup> As suas impudícias, que trouxe do Egito, não as deixou; porque com ela se deitaram na sua mocidade, e eles apalparam os seios da sua virgindade e derramaram sobre ela a sua impudícia. <sup>9</sup> Por isso, a entreguei nas mãos dos seus amantes, nas mãos dos filhos da Assíria, pelos quais se inflamara. <sup>10</sup> Estes descobriram as vergonhas dela, levaram seus filhos e suas filhas; porém a ela mataram à espada; e ela se tornou falada entre as mulheres, e sobre ela executaram juízos.

<sup>11</sup> Vendo isto sua irmã Oolibá, corrompeu a sua paixão mais do que ela, e as suas devassidões foram maiores do que as de sua irmã. <sup>12</sup> Inflamou-se pelos filhos da Assíria, governadores e sátrapas, seus vizinhos, vestidos com primor, cavaleiros montados a cavalo, todos jovens de cobiçar. <sup>13</sup> Vi que se tinha contaminado; o caminho de ambas era o mesmo. <sup>14</sup> Aumentou as suas impudícias, porque viu homens pintados na parede, imagens dos caldeus, pintados de vermelho: <sup>15</sup> de lombos cingidos e turbantes pendentes da cabeça, todos com aparência de oficiais, semelhantes aos filhos da Babilônia, na Caldeia, em terra do seu nascimento. <sup>16</sup> Vendo-os, inflamou-se por eles e lhes mandou mensageiros à Caldeia. <sup>17</sup> Então, vieram ter com ela os filhos da Babilônia, para o leito dos amores, e a contaminaram com as suas impudícias; ela, após contaminar-se com eles, enojada, os deixou. <sup>18</sup> Assim, tendo ela posto a descoberto as suas devassidões e sua nudez, a minha alma se alienou dela, como já se dera com respeito à sua irmã. <sup>19</sup> Ela, todavia, multiplicou as suas impudícias, lembrando-se dos dias da sua mocidade, em que se prostituira na terra do Egito.

<sup>20</sup> Inflamou-se pelos seus amantes, cujos membros eram como o de jumento e cujo fluxo é como o fluxo de cavalos. <sup>21</sup> Assim, trouxeste à memória a luxúria da tua mocidade, quando os do Egito apalparam os teus seios, os peitos da tua mocidade.

<sup>22</sup> Por isso, ó Oolibá, assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu suscitarei contra ti os teus amantes, os quais, enojada, tu os deixaras, e os trarei contra ti de todos os lados: <sup>23</sup> os filhos da Babilônia e todos os caldeus de Peco, de Soa, de Coa e todos os filhos da Assíria com eles, jovens de cobiçar, governadores e sátrapas, príncipes e homens de renome, todos montados a cavalo. <sup>24</sup> Virão contra ti do Norte, com carros e carretas e com multidão de povos; pôr-se-ão contra ti em redor, com paveses, e escudos, e capacetes; e porei diante deles o juízo, e julgar-te-ão segundo os seus direitos. <sup>25</sup> Porei contra ti o meu zelo, e eles te tratarão com furor; cortar-te-ão o nariz e as orelhas, e o que restar cairá à espada; levarão teus filhos e tuas filhas, e quem ainda te restar será consumido pelo fogo. <sup>26</sup> Despojar-te-ão dos teus vestidos e tomarão as tuas joias de adorno. <sup>27</sup> Assim, farei cessar em ti a tua luxúria e a tua prostituição, provenientes da terra do Egito; não levantarás os olhos para eles e já não te lembrarás do Egito.

<sup>28</sup> Porque assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu te entregarei nas mãos daqueles a quem aborreces, nas mãos daqueles que, enojada, tu deixaste. <sup>29</sup> Eles te tratarão com ódio, e levarão todo o fruto do teu trabalho, e te deixarão nua e despida; descobrir-se-á a vergonha da tua prostituição, a tua luxúria e as tuas devassidões. <sup>30</sup> Estas coisas se te farão, porque te prostituíste com os gentios e te contaminaste com os seus ídolos. <sup>31</sup> Andaste no caminho de tua irmã; por isso, entregarei o seu copo na tua mão. <sup>32</sup> Assim diz o SENHOR Deus:

Beberás o copo de tua irmã, fundo e largo;  
servirás de riso e escárnio; pois nele cabe  
muito.

<sup>34</sup> Tu o beberás, e esgotá-lo-ás,  
e lhe roerás os cacos,  
e te rasgarás os peitos,

<sup>33</sup> Encher-te-ás de embriaguez e de dor;  
o copo de tua irmã Samaria é copo de  
espanto e de desolação.

pois eu o falei, diz o SENHOR Deus. <sup>35</sup>

Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Como te esqueceste de mim e me viraste as costas, também carregará com a tua luxúria e as tuas devassidões.

<sup>36</sup> Disse-me ainda o SENHOR: Filho do homem, julgarás tu a Oolá e a Oolibá? Declara-lhes, pois, as suas abominações. <sup>37</sup> Porque adulteraram, e nas suas mãos há culpa de sangue; com seus ídolos adulteraram, e até os seus filhos, que me geraram, ofereceram a eles para serem consumidos pelo fogo. <sup>38</sup> Ainda isto me fizeram: no mesmo dia contaminaram o meu santuário e profanaram os meus sábados. <sup>39</sup> Pois, havendo sacrificado seus filhos aos ídolos, vieram, no mesmo dia, ao meu santuário para o profanarem; e assim o fizeram no meio da minha casa. <sup>40</sup> E mais ainda: mandaram vir uns homens de longe; fora-lhes enviado um mensageiro, e eis que vieram; por amor deles, te banhaste, coloriste os olhos e te ornaste de enfeites; <sup>41</sup> e te assentaste num suntuoso leito, diante do qual se achava mesa preparada, sobre que puseste o meu incenso e o meu óleo. <sup>42</sup> Com ela se ouvia a voz de muita gente que folgava; com homens de classe baixa foram trazidos do deserto uns bêbados, que puseram braceletes nas mãos delas e, na cabeça, coroas formosas.

<sup>43</sup> Então, disse eu da envelhecida em adultérios: continuará ela em suas prostituições?

<sup>44</sup> E passaram a estar com ela, como quem frequenta a uma prostituta; assim, passaram a frequentar a Oolá e a Oolibá, mulheres depravadas, <sup>45</sup> de maneira que homens justos as julgarão como se julgam as adúlteras e as sanguinárias; porque são adúlteras, e, nas suas mãos, há culpa de sangue.

<sup>46</sup> Pois assim diz o SENHOR Deus: Farei subir contra elas grande multidão e as entregarei ao tumulto e ao saque. <sup>47</sup> A multidão as apedrejará e as golpeará com as suas espadas; a seus filhos e suas filhas matarão e as suas casas queimarão. <sup>48</sup> Assim, farei cessar a luxúria da terra, para que



*se escarmentem todas as mulheres e não façam segundo a luxúria delas. O castigo da vossa luxúria recairá sobre vós, e levareis os pecados dos vossos ídolos; e sabereis que eu sou o SENHOR Deus.*

**PANORAMA:** Temos aqui uma parábola de duas irmãs adúlteras, Oolá e Oolibá, que são Jerusalém e Samaria. O conteúdo é semelhante a Ezequiel 16. As irmãs se prostituíram com as práticas idólatras das nações vizinhas e agora devem sofrer as consequências de sua iniquidade. Essas adúlteras serão julgadas por pessoas justas, ou seja, os babilônios. Eles eram justos não em si mesmos, mas na sentença que executavam contra as irmãs. Aprendemos aqui que toda contaminação da adoração a Deus é como a violação do leito matrimonial.

**RESUMO DO CAPÍTULO. JAKOB RAUPIUS:** Neste capítulo, há outras profecias contra os judeus que, naquela época, permaneciam na terra, sob o governo de Zedequias. O capítulo é convenientemente dividido em três partes. A primeira contém a queixa contra os idólatras. A segunda parte é o anúncio de sua destruição. A terceira é um embelezamento no qual suas idolatrias e sua destruição são repetidas, elucidadas e ampliadas. **COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.**<sup>1</sup>

**OOLÁ E OOLIBÁ. JOHANNES ECOLAMPÁDIO:** “Os seus nomes eram: Oolá, a mais velha, e Oolibá, sua irmã” (Ez 23.4). O próprio Senhor explica para que, por outra palavra, ninguém distorça esses nomes criados para a ocasião. Ele nomeou especificamente cada reino conforme o tabernáculo. Samaria é chamada de o reino das dez tribos porque a cidade de Samaria é a capital do reino. “Oolá”, ou seja, o tabernáculo dela, como se ele tivesse dito: esse tabernáculo que você tem não me tem. Jerusalém é verdadeiramente “Oolibá”, ou seja, o meu tabernáculo está nela; o que quer dizer: aquela na qual eu habito e tem em si minhas coisas santas. **COMENTÁRIOS SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.**<sup>2</sup>

**PARÁBOLA DE OOLÁ E OOLIBÁ. JOHN MAYER:** Neste capítulo, o profeta expõe, sob a orientação de Deus, as mesmas coisas que mostrou em Ezequiel 16, mas com esta diferença –

ali ele colocou abertamente, sem qualquer parábola, os seus pecados, aqui ele faz o mesmo por meio de uma parábola de Oolá e Oolibá. Ele equipara o primeiro nome a Samaria, capital do reino de Israel, e o segundo, a Jerusalém, capital do reino de Judá. Esses nomes eram bem convenientes para representar essas nações, pois Oolá significa “uma tenda”, e Oolibá, “uma tenda ou um tabernáculo nela”, ou, a primeira, “o tabernáculo dela”, e a outra, “meu tabernáculo nela”. Samaria é assim chamada porque seu tabernáculo, de que ela se valeu para adorar seu bezerro de ouro, ficava em Betel e igualmente em Dã, e em Jerusalém ficava a tenda de Deus onde Judá adorava.

É dito que ambas fornicaram no Egito, porque sua idolatria se originou ali, onde ambas tinham sido idólatras desde tempos antigos, como foi mostrado em Ezequiel 20, e aprenderam a adorar um boi ou um bezerro. Mas não foi só esse o seu pecado. Oolá foi mais além ao cometer idolatria com os deuses dos assírios, por cujo pecado e por outros repugnantes ela foi destruída pelos mesmos assírios. Oolibá estava, então, tão longe de se corrigir, em vista da punição de Oolá, que acabou fazendo pior, pois serviu aos ídolos e queimou seus filhos e filhas a eles em sacrifício e, desse pecado abominável, ela vinha à casa de Deus para adorar a ele, aquele que abomina mais os que fazem assim do que os que servem inteiramente aos ídolos (1Re 18.37-39). **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>3</sup>

**AS DUAS MULHERES, OOLÁ E OOLIBÁ. WILLIAM GREENHILL:** “Houve duas mulheres, filhas de uma só mãe.” Os judeus foram, a princípio, um só povo, até os dias de Roboão, e então se dividiram. Dez tribos ficaram com Jeroboão, as quais depois foram chamadas muitas vezes de Efraim, Israel, os filhos de Israel ou a casa de Israel. As outras duas tribos leva-

<sup>1</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 175.

<sup>2</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 122.

<sup>3</sup> *Prophets*, 437.

vam o nome de Judá e casa de Judá: as dez tribos formavam o reino de Israel, as duas tribos, o reino de Judá. Esses dois reinos eram as duas mulheres aqui mencionadas... “Estas se prostituíram no Egito.” Estando nos lombos de sua “mãe”, elas se esqueceram do Deus de Abraão, Isaque e Jacó e se apaixonaram pelos deuses egípcios.

... “Os seus nomes eram: Oolá, a mais velha.” O nome da primeira era Oolá, e esta Oolá era Samaria, a capital das dez tribos, onde os reis de Israel tinham sua residência principal. Oolá vem da palavra hebraica para tenda ou tabernáculo; e Oolá significa seu próprio tabernáculo; ou seja, Samaria, ou as dez tribos, não tem a mim, ou minha adoração, entre eles; eles inventaram uma adoração própria, erigiram bezerros de ouro em Dã e Betel; abandonaram o meu templo e estabeleceram o seu próprio tabernáculo e ficaram afastados, separados de mim.

... “Oolibá, sua irmã.” Esse é o nome da segunda mulher. A irmã de Oolá era Oolibá, que significa meu tabernáculo, ou habitando nela; e esta era Jerusalém, onde estavam o templo e adoração do Senhor; o que era feito ali tinha sido indicado pelo próprio Senhor, e esse era o lugar que ele escolheu. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**SEIOS APALPADOS.** MARTINHO LUTERO: Ezequiel 23.21 repreendeu a sinagoga pela falta de pudor do coração, pelo fato de os seus seios terem sido apalpados no Egito. O diabo tenta com todo o seu poder apalpar os seios da alma, ou seja, corrompê-la com maus pensamentos. Isso significa, semelhantemente, que a igreja não possui, como os hereges que ensinam sua própria doutrina, seios independentes para dar leite aos fracos, mas é cativa da autoridade da Escritura e não ensina outra coisa senão a Palavra de Deus. Os seios da igreja são os mestres dos fracos, a quem eles instruem com o leite da mais aprazível doutrina. PRIMEIRAS LIÇÕES SOBRE OS SALMOS.<sup>5</sup>

**PROFANANDO DEUS.** WILLIAM GREENHILL: Profanar as coisas santas é ofender Deus... Quando eles pecavam e, assim, vinham ao santuário e o profanavam, e também ao sábado, Deus diz: “Ainda isto me fizeram: no mesmo dia

contaminaram o meu santuário” (Ez 23.38). Deus toma a ofensa feita à sua casa, adoração e dia como feita a si mesmo; pois ele habitava no templo, ele instituiu a adoração e o dia, ele imprimiu santidade neles. Por essa razão, ele considerava sua violação e profanação como violação e profanação de seu nome e de si mesmo, e isso o ofendia tanto que ele coloca uma dupla marca ou sinal sobre isso: “Ainda isto me fizeram: no mesmo dia contaminaram o meu santuário.” UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**HOMENS JUSTOS.** JOHN MAYER: *Homens justos as julgarão como se julgam as adúlteras* (Ez 23.45). Ou seja, os caldeus, em cujas mãos eles deveriam cair. Mas como eles podem ser denominados justos? Resposta: Por executarem a sentença do justo juiz sobre eles com imparcialidade, e não por alguma justiça que houvesse neles, pois eram idólatras ímpios, como os judeus também eram, e viviam em muitos outros pecados. Não obstante, é provável que eles guardassem pactos, a que tinham jurado, melhor do que os judeus, e eram mais justos em termos morais. Sendo eles os mais poderosos, não eram tão opressivos com os povos inferiores sob seus domínios. A isso podemos também acrescentar que eles eram inteiramente dedicados à religião que tinham e não eram de duas caras, vacilando entre duas opiniões, como faziam os judeus, nem desfrutavam de tais meios, vivendo em trevas e sem a luz da palavra, que os judeus desfrutavam. Portanto, em comparação com os judeus, eles eram justos...

Portanto, toda nação que professa a verdade e vive debaixo do seu ensino, mas é ímpia, pode merecidamente temer ser entregue nas mãos de pagãos, turcos, infíéis e papistas, para ser por eles julgada como merece, ou seja, com apedrejamento, como adúlteros e adúlteras devem ser tratados, segundo a lei de Deus, tendo suas casas queimadas e outros deles mortos pela espada junto com seus filhos (Ez 23.47). COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>7</sup>

<sup>4</sup> *Exposition*, 561.

<sup>5</sup> LW 10:219.

<sup>6</sup> *Exposition*, 568.

<sup>7</sup> *Prophets*, 439.

## 24.1-27 A PANELA FERVENTE

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, em o nono ano, no décimo mês, aos dez dias do mês, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, escreve o nome deste dia, deste mesmo dia; porque o rei da Babilônia se atira contra Jerusalém neste dia. <sup>3</sup> Propõe uma parábola à casa rebelde e dize-lhe: Assim diz o SENHOR Deus:

Põe ao lume a panela, põe-na,  
deita-lhe água dentro,  
<sup>4</sup> ajunta nela pedaços de carne,  
todos os bons pedaços, as coxas e as espáduas;  
enche-a de ossos escolhidos.  
<sup>5</sup> Pega do melhor do rebanho  
e empilha lenha debaixo dela;  
faze-a ferver bem,  
e cozam-se dentro dela os ossos.

<sup>6</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Ai da cidade sanguinária, da panela cheia de ferrugem, ferrugem que não foi tirada dela! Tira de dentro a carne, pedaço por pedaço, sem escolha. <sup>7</sup> Porque a culpa de sangue está no meio dela; derramou-o sobre penha descalvada e não sobre a terra, para o cobrir com o pó; <sup>8</sup> para fazer subir a indignação, para tomar vingança, eu pus o seu sangue numa penha descalvada, para que não fosse coberto. <sup>9</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Ai da cidade sanguinária! Também eu farei pilha grande. <sup>10</sup> Amontoa muita lenha, acende o fogo, cozinha a carne, engrossa o caldo, e ardam os ossos. <sup>11</sup> Então, porás a panela vazia sobre as brasas, para que ela aqueça, o seu cobre se torne candente, funda-se a sua imundícia dentro dela, e se consuma a sua ferrugem. <sup>12</sup> Trabalho inútil! Não sai dela a sua muita ferrugem, nem pelo fogo. <sup>13</sup> Na tua imundícia está a luxúria; porque eu quis purificar-te, e não te purificaste, não serás nunca purificada da tua imundícia, até que eu tenha satisfeito o meu furor contra ti. <sup>14</sup> Eu, o SENHOR, o disse: será assim, e eu o farei; não tornarei atrás, não pouparei, nem me arrependerei; segundo os teus caminhos e segundo os teus feitos, serás julgada, diz o SENHOR Deus.

<sup>15</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>16</sup> Filho do homem, eis que, às súbitas, tirarei a delícia dos teus olhos, mas não lamentarás, nem chorarás, nem te correrão as lágrimas. <sup>17</sup> Geme em silêncio, não faças lamentação pelos mortos, prende o teu turbante, mete as tuas sandálias nos pés, não cubras os bigodes e não comas o pão que te mandam. <sup>18</sup> Falei ao povo pela manhã, e, à tarde, morreu minha mulher; na manhã seguinte, fiz segundo me havia sido mandado.

<sup>19</sup> Então, me disse o povo: Não nos farás saber o que significam estas coisas que estás fazendo? <sup>20</sup> Eu lhes disse: Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>21</sup> Dize à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu profanarei o meu santuário, objeto do vosso mais alto orgulho, delícia dos vossos olhos e anelo de vossa alma; vossos filhos e vossas filhas, que deixastes, cairão à espada. <sup>22</sup> Fareis como eu fiz: não cobrireis os bigodes, nem comereis o pão que vos mandam. <sup>23</sup> Trareis à cabeça os vossos turbantes e as vossas sandálias, nos pés; não lamentareis, nem chorareis, mas deíñar-vos-eis nas vossas iniquidades e gemereis uns com os outros. <sup>24</sup> Assim vos servirá Ezequiel de sinal; segundo tudo o que ele fez, assim fareis. Quando isso acontecer, sabereis que eu sou o SENHOR Deus.

<sup>25</sup> *Filho do homem, não sucederá que, no dia em que eu lhes tirar o objeto do seu orgulho, o seu júbilo, a sua glória, a delícia dos seus olhos e o anelo de sua alma e a seus filhos e suas filhas,*  
<sup>26</sup> *nesse dia, virá ter contigo algum que escapar; para te dar a notícia pessoalmente?*<sup>27</sup> *Nesse dia, abrir-se-á a tua boca para com aquele que escapar; falarás e já não ficarás mudo. Assim, lhes servirás de sinal, e saberão que eu sou o SENHOR.*

**PANORAMA:** Ezequiel dirige sua atenção ao cumprimento das profecias que proferira anteriormente sobre a destruição de Jerusalém. O cerco da cidade tinha começado, e a destruição final estava próxima. Mais uma vez, Ezequiel usa uma parábola. A cidade é comparada a uma panela fervente, e os habitantes da cidade são o conteúdo da panela. A segunda parte do capítulo trata da morte da mulher de Ezequiel. É dito a ele que ela será tirada dele, e sua tristeza por ela é uma lição para Jerusalém. Assim como o desejo dos olhos de Ezequiel lhe é tirado, de igual modo o templo e a cidade, tão caros aos judeus, serão tirados deles.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JAKOB RAUPIUS: Este capítulo apresenta duas profecias contra os judeus que viviam na terra sob o governo de Zedequias. Cada uma delas anuncia a destruição da cidade de Jerusalém. A primeira faz isso por meio da figura de uma panela fervente; a outra, pela figura da morte inesperada da mulher de Ezequiel. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

### 24.1-14 O cerco de Jerusalém

**NABUCODONOSOR.** WILLIAM GREENHILL: Este capítulo é entendido como sendo a última profecia contra o reino de Judá, antes de sua destruição final, a qual, com sua grande calamidade, é mostrada sob a figura de uma panela fervente e a morte da mulher do profeta...

“Em o nono ano, no décimo mês, aos dez dias do mês.” Nosso profeta, estando na Babilônia, conta a partir do nono ano do cativo, o tempo em que Joaquim, o próprio Ezequiel e outros foram levados para a Babilônia, e não a partir do tempo do reinado de Zedequias...

“O rei de Babilônia se atira contra Jerusalém neste dia.” Aqui estava a ocasião, ou a causa, de ele ter registrado o dia e assim profetizado nele. Nabucodonosor estava naquele “dia”

acampando diante de Jerusalém, como você pode ver claramente (2Reis 25.1; Jr 39.1; 52.4). No tempo em que Nabucodonosor seguia numa campanha militar, ele não sabia se deveria ir a Rabá ou a Jerusalém, mas foi direcionado por uma mão divina para cercar Jerusalém, no décimo dia do décimo mês, no nono ano, o que Ezequiel não poderia saber se o Senhor não lhe tivesse revelado. Esse era um assunto de grande interesse para os judeus na Judeia e para os da Babilônia.

O Senhor observa aquilo que as pessoas fazem e pode dar a conhecer isso a quem ele quiser, a qualquer distância. Nabucodonosor e suas forças estavam na Judeia, acampando diante de Jerusalém, e isso o Senhor revelou a Ezequiel, que estava na Babilônia. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**UMA PANELA FERVENTE.** JOHN MAYER: A situação miserável dos judeus é aqui apresentada sob a figura de uma panela, onde pedaços de carne e ossos são colocados para ferver ao fogo alto. Eles são fervidos até serem consumidos e destruídos (cf. Jr 1.13). A panela aqui mencionada era Jerusalém. As partes ou pedaços de carne destinados a virarem sopa nela eram os judeus, ali congregados de todas as partes para a defesa da cidade. Os ossos eram os guerreiros mais robustos e experimentados. A fervura de todos eles, para serem consumidos, sugeria um cerco muito prolongado e, por essa razão, eles seriam destruídos, alguns depois, outros por fome e peste. O fogo aceso debaixo com muita lenha servia para representar o exército dos caldeus, que era para eles como esse fogo, e que, finalmente, incendiou a cidade.

Mas o que ele quer dizer com “ardam os ossos”? Não como alguns o expõem, diz Lyra,

<sup>1</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 188.

<sup>2</sup> *Exposition*, 570-71.

como se os ossos fizessem um fogo mais ardente do que a lenha, pois o contrário é verdadeiro. Mas como Rabi Salomão explicou: a colocação dos ossos por baixo era a colocação deles debaixo dos pedaços de carne, ficando a carne sobre eles e amparada pelos ossos que ficavam no fundo da panela. Por isso se mostrava como os fortes e valentes suportariam os maiores ímpetos dessa guerra, mas ainda assim sua força e bravura não os salvaria. Eles eram os mais fortes, o calor mais abrasador se aproximaria e os consumiria. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>3</sup>

**A PANELA FERVENTE.** WILLIAM GREENHILL: “Põe ao lume a panela, põe-na.” É tarefa dos cozinheiros colocar panelas, enchê-las de água e, em seguida, colocar a carne. Ezequiel deve ordenar-lhes: “ponham a panela”. Esta era uma tarefa estranha para um profeta e, por ser estranha, faria com que o povo desse a ela mais atenção e buscasse entender o mistério. Essa panela representa Jerusalém... Assim, Jerusalém era forte, incluía muitos e era mais resistente do que outros lugares quando cercada: não era simplesmente Jerusalém, mas sob juízo, era a “panela”.

“Deita-lhe água dentro”. Quando as panelas são colocadas ao fogo, elas a enchem de “água” para cozinhar aquilo que desejam. A “água” representa as aflições e os juízos com os quais, como na “água”, Deus cozinhará Jerusalém. Agora o rei da Babilônia estava acampado ao redor dela e a cercara, e nela havia várias desgraças, e as águas da aflição começaram a ferver.

“...todos os bons pedaços, as coxas e as espáduas.” Aqui o povo, ou a comunidade de Israel, é comparado a um corpo dissecado. Eles devem tomar os pedaços bons ou principais, aqueles que constituíam a força e o apoio do corpo e da cabeça, como as coxas e as espáduas; ou seja, os nobres, os conselheiros, os sacerdotes e os principais soldados entre eles. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>4</sup>

**TIRA DE DENTRO A CARNE, PEDAÇO POR PEDAÇO.** WILLIAM GREENHILL: Os pecados de Jerusalém estavam grudados nela; quanto mais ela fervia nos juízos de Deus, mais ela se apegava

aos seus pecados; sua escória e imundície aderiam por todos os seus lados... “Tira de dentro a carne, pedaço por pedaço.” Ele insiste na alegoria da panela e ordena como deveriam ser tratados todos os que estavam na cidade. Eles deviam ser tirados com violência, não todos ao mesmo tempo, mas como pedaços tirados de dentro da panela, um após o outro, até não sobrar mais nada. Assim se deve proceder com essa cidade: uma parte dela deve ser tirada e consumida pela fome, outra parte dela com a praga, com a espada, deveria ser levada ao cativo, para que ela ficasse totalmente vazia... Essa cidade foi esvaziada um pouco no tempo de Jeoaquim, quando ele foi levado para a Babilônia (2Cr 36.6-7); ela foi esvaziada um pouco mais quando Joaquim foi preso, e muitos com ele também foram levados para a Babilônia (2Rs 24.15); no entanto, ela foi totalmente esvaziada quando Zedequias foi preso e exilado (2Rs 25). **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>5</sup>

**A PUNIÇÃO PURIFICADORA DE DEUS.** MARTINHO LUTERO: Estas coisas devem ser cuidadosamente consideradas... para que possamos entender a causa de nossas aflições. Pois embora não estejamos sem ações e obras e, de um modo ou de outro, mantenhamos uma disciplina externa, no entanto, a carne que levamos em volta de nós é impura, e não compreendemos o quanto o nosso pecado e a nossa miséria são grandes, os quais precisam ser removidos. Certamente, todos os nossos pecados foram perdoados e cobertos, mas eles ainda não foram completamente removidos. Não somente os resíduos de lascívia, orgulho, ódio, ira, e outros desejos se apegam a nós, mas também maldades internas e manchas ocultas, dúvidas acerca de Deus, incredulidade, impaciência e murmuração, que não saem às claras até a consciência ser perturbada pela lei e pelos terrores do pecado. Embora não prestemos atenção a essas coisas e não choremos por causa dessa queda tão vergonhosa, entretanto, Deus as vê. Consequentemente, ele prova para purificar nossa natureza impura.

<sup>3</sup> *Prophets*, 440.

<sup>4</sup> *Exposition*, 571.

<sup>5</sup> *Exposition*, 572.

Ele pensa assim: “Vocês foram iluminados e batizados, mas vocês ainda cheiram mal, e a carne de vocês está cheia de grandes imperfeições. Portanto, eu devo purificá-la, pois aquilo que é impuro e contaminado não entrará no reino do céu” (cf. Ap 21.27). É aqui que começa a manobra de Deus, não para que sejamos destruídos, mas para que nos examinemos e ele nos leve a um conhecimento de nossa impureza, mas não de modo a nos desesperarmos, mas antes para que clamemos a ele, invoquemos sua misericórdia e aprendamos que ele revela sua misericórdia de forma maravilhosa, como diz o Salmo 17.7. Pois essa era a sua intenção com essa manobra.

...Em Oseias 6.5 lemos: “Por isso, os abati por meio dos profetas; pela palavra da minha boca, os matei.” E, em Ezequiel 24, Deus chama Jerusalém de panela coberta de ferrugem que só pode ser removida se ela for fundida novamente. Há aqui uma descrição da manobra de Deus pela qual somos perturbados e mortificados até que retornemos à terra de onde fomos tomados e somos sepultados. Mas por que razão Deus nos trata assim tão severamente? Em Ezequiel 24, ele responde: “Não sai dela a sua muita ferrugem, nem pelo fogo” (Ez 24.12). Ela é queimada com fogo intenso. Portanto, ele afirma que ela será derretida no fogo, para que ferva e seja purificada. LICÇÕES SOBRE GÊNESIS.<sup>6</sup>

#### 24.15-27 *Morre a mulher de Ezequiel*

**A MULHER DE EZEQUIEL.** JOHN MAYER: *Eis que, às súbitas, tirarei a delícia dos teus olhos* (Ez 24.16). Aqui, o Senhor mostra, ainda, no exemplo de Ezequiel, que a destruição do povo seria tão grande e o perigo seria ainda tão constante para os sobreviventes que eles deveriam estar tão dominados pela aflição que não deveriam fazer nenhuma lamentação, como no passado costumavam fazer, por ocasião da morte de pessoas queridas.

Para tal, sua mulher foi atingida pela morte e ele foi proibido de lamentar por ela. Ao lhe perguntarem a razão, ele haveria de lhes dizer que assim seria com eles (Ez 24.20-22). Como sua mulher era para ele a delícia dos olhos, a

quem ele amava afetuosamente, assim era o santuário para eles, que o consideravam como sua principal glória. E se alguém dentre eles não fosse tão abalado pessoalmente por isso, certamente o seria por seus filhos e filhas, pois que o seu santuário seria queimado e seus filhos morreriam, não obstante, eles estariam tão chocados de tristeza que, para isso, não teriam mais lágrimas para derramar, toda lamentação que agora fariam seria pouca diante das mútuas misérias daqueles que ainda viviam, em contraste com os mortos, a quem eles haveriam de considerar felizes. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>7</sup>

#### A MULHER DE EZEQUIEL E O TEMPLO.

WILLIAM GREENHILL: “Eis que eu profanarei o meu santuário.” A mulher de Ezequiel representava o templo e aquilo que era desejável. Sua morte súbita, a destruição do mesmo. O templo era tão precioso aos judeus como a mulher de Ezequiel para ele. Deus introduziria nele os caldeus, e eles o profanariam com o sangue daqueles que ali encontrassem (pois muitos fugiram para ele em busca de refúgio) e o queimariam. Os judeus o haviam profanado com ídolos e adoração idólatra (Ez 8), entrando nele com a culpa de pecados notórios sobre si (Jr 7.9-10). Agora, os pagãos entrariam nele, profanando-o e destruindo-o. Muito tempo antes, esse pensamento fez o salmista queixar-se, dizendo: “Ó Deus, as nações invadiram a tua herança, profanaram o teu santo templo, reduziram Jerusalém a um montão de ruínas” (Sl 79.1). A profanação do templo era dolorosa para a presciência, para as apreensões remotas. O que ela seria, então, para aqueles que a contemplaram com os próprios olhos! UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

**A MULHER DE EZEQUIEL.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Como a mulher do profeta era muito amada por ele e alguém com quem ele esperava viver feliz ainda muitos anos, assim também o templo era o precioso amor dos judeus, no qual depositaram sua grande esperança. Agora, por esse sinal do profeta eles foram

<sup>6</sup> LW 7:229.

<sup>7</sup> *Prophets*, 441-42.

<sup>8</sup> *Exposition*, 582.

despertados. Eles mostravam maior consideração pela beleza das cerimônias do que pela verdade da adoração. Assim, o templo foi chamado de “vosso mais alto orgulho... e anelo de vossa alma” (Ez 24.21), ou seja, aquilo que nunca devia ser desonrado. A “delícia dos vossos olhos”, aquilo que é muito agradável de se ver, o qual o próprio Deus vai profanar fazendo entrar o inimigo pagão, nada poupando das coisas sagradas. **COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.**<sup>9</sup>

**EZEQUIEL, UM SINAL.** WILLIAM GREENHILL: Deus pode colocar e, de fato, coloca seus próprios servos fiéis em situações difíceis e indesejadas, para nisso declarar qual será a condição dos ímpios. “Assim vos servirá Ezequiel de sinal” (Ez 24.24). Ele teve o seu precioso conforto retirado por um golpe singular e não teve permissão para lamentar ou chorar por isso. E por que dessa forma? Para que ele fosse um sinal para vocês. Vocês não quiseram ser ensi-

nados por minha doutrina; agora devem ser ensinados pelo meu exemplo, “segundo tudo o que ele fez, assim fareis”. As coisas que fiz são rudes e desnaturais, mas é por sua causa que me foram impostas. Vocês farão como eu fiz. Assim, Isaías foi obrigado a andar despido e descalço por três anos, o que era desagradável e injurioso. E por quê? Para que ele fosse “por sinal e prodígio contra o Egito e contra a Etiópia” (Is 20.3). Alguns podem pensar que Deus trata mal os seus servos ao colocá-los em situações rudes, injuriosas, desnaturais e ridículas. Mas saibam que todas as almas pertencem ao Senhor e ele pode ordenar a elas o que quiser. Elas têm conforto em sua obediência, seja lá o que as pessoas possam pensar ou falar dela, visto que foram constituídas sinais para nada terem senão amargura e terrores. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>10</sup>

<sup>9</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 131.

<sup>10</sup> *Exposition*, 584.

## 25.1 – 27.36 JUÍZOS CONTRA AS NAÇÕES

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, volve o rosto contra os filhos de Amom e profetiza contra eles. <sup>3</sup> Dize aos filhos de Amom: Ouvi a palavra do SENHOR Deus: Assim diz o SENHOR Deus: Visto que tu disseste: Bem feito!, acerca do meu santuário, quando foi profanado; acerca da terra de Israel, quando foi assolada; e da casa de Judá, quando foi para o exílio, <sup>4</sup> eis que te entregarei ao poder dos filhos do Oriente, e estabelecerão em ti os seus acampamentos e porão em ti as suas moradas; eles comerão os teus frutos e beberão o teu leite. <sup>5</sup> Farei de Rabá uma estrebaria de camelos e dos filhos de Amom, um curral de ovelhas; e sabereis que eu sou o SENHOR. <sup>6</sup> Porque assim diz o SENHOR Deus: Visto como bateste as palmas, e pateaste, e, com toda a malícia de tua alma, te alegraste da terra de Israel, <sup>7</sup> eis que estendi a mão contra ti e te darei por despojo às nações; eliminar-te-ei dentre os povos e te farei perecer dentre as terras. Acabarei de todo contigo, e saberás que eu sou o SENHOR.

<sup>8</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Visto como dizem Moabe e Seir: Eis que a casa de Judá é como todas as nações, <sup>9</sup> eis que eu abrirei o flanco de Moabe desde as cidades, desde as suas cidades fronteiras, a glória da terra, Bete-Jesimote, Baal-Meom e Quiriataim; <sup>10</sup> dá-las-ei aos povos do Oriente em possessão, como também os filhos de Amom, para que destes não haja memória entre as nações. <sup>11</sup> Também executarei juízos contra Moabe, e os moabitas saberão que eu sou o SENHOR.

<sup>12</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Visto que Edom se houve vingativamente para com a casa de Judá e se fez culpadíssimo, quando se vingou dela, <sup>13</sup> assim diz o SENHOR Deus: Também estenderei a mão contra Edom e eliminarei dele homens e animais; torná-lo-ei deserto, e desde Temã até Dedá cairão à espada. <sup>14</sup> Exercerei a minha vingança contra Edom, por intermédio do meu povo de Israel; este fará em Edom segundo a minha ira e segundo o meu furor; e os edomitas conhecerão a minha vingança, diz o SENHOR Deus.

<sup>15</sup> Assim diz o SENHOR Deus: *Visto que os filisteus se houveram vingativamente e com desprezo de alma executaram vingança, para destruírem com perpétua inimizade,* <sup>16</sup> assim diz o SENHOR Deus: *Eis que eu estendo a mão contra os filisteus, e eliminarei os queretitas, e farei perecer o resto da costa do mar.* <sup>17</sup> *Tomarei deles grandes vinganças, com furiosas repreensões; e saberão que eu sou o SENHOR, quando eu tiver exercido a minha vingança contra eles.*

**26** *No undécimo ano, no primeiro dia do mês, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:* <sup>2</sup> *Filho do homem, visto que Tiro disse no tocante a Jerusalém: Bem feito! Está quebrada a porta dos povos; abriu-se para mim; eu me tornarei rico, agora que ela está assolada,* <sup>3</sup> assim diz o SENHOR Deus: *Eis que eu estou contra ti, ó Tiro, e farei subir contra ti muitas nações, como faz o mar subir as suas ondas.* <sup>4</sup> *Elas destruirão os muros de Tiro e deitarão abaixo as suas torres; e eu varrerei o seu pó, e farei dela penha descalvada.* <sup>5</sup> *No meio do mar, virá a ser um enxugadouro de redes, porque eu o anunciei, diz o SENHOR Deus; e ela servirá de despejo para as nações.* <sup>6</sup> *Suas filhas que estão no continente serão mortas à espada; e saberão que eu sou o SENHOR.*

<sup>7</sup> *Porque assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu trarei contra Tiro a Nabucodonosor, rei da Babilônia, desde o Norte, o rei dos reis, com cavalos, carros e cavaleiros e com a multidão de muitos povos.* <sup>8</sup> *As tuas filhas que estão no continente, ele as matará à espada; levantará baluarte contra ti; contra ti levantará terraplano e um telhado de paveses.* <sup>9</sup> *Disporá os seus arietes contra os teus muros e, com os seus ferros, deitará abaixo as tuas torres.* <sup>10</sup> *Pela multidão de seus cavalos, te cobrirá de pó; os teus muros tremerão com o estrondo dos cavaleiros, das carretas e dos carros, quando ele entrar pelas tuas portas, como pelas entradas de uma cidade em que se fez brecha.* <sup>11</sup> *Com as unhas dos seus cavalos, socará todas as tuas ruas; ao teu povo matará à espada, e as tuas fortes colunas cairão por terra.* <sup>12</sup> *Roubarão as tuas riquezas, saquearão as tuas mercadorias, derribarão os teus muros e arrasarão as tuas casas preciosas; as tuas pedras, as tuas madeiras e o teu pó lançarão no meio das águas.* <sup>13</sup> *Farei cessar o arruído das tuas cantigas, e já não se ouvirá o som das tuas harpas.* <sup>14</sup> *Farei de ti uma penha descalvada; virás a ser um enxugadouro de redes, jamais serás edificada, porque eu, o SENHOR, o falei, diz o SENHOR Deus.*

<sup>15</sup> Assim diz o SENHOR Deus a Tiro: *Não tremerão as terras do mar com o estrondo da tua queda, quando gemerem os traspassados, quando se fizer espantosa matança no meio de ti?* <sup>16</sup> *Todos os príncipes do mar descerão dos seus tronos, tirarão de si os seus mantos e despirão as suas vestes bordadas; de tremores se vestirão, assentar-se-ão na terra e estremecerão a cada momento; e, por tua causa, pasmarão.* <sup>17</sup> *Levantarão lamentações sobre ti e te dirão:*

*Como pereceste, ó bem povoada e afamada cidade,  
que foste forte no mar, tu e os teus moradores,  
que atemorizastes a todos os teus visitantes!*

<sup>18</sup> *Agora, estremecerão as ilhas no dia da tua queda;  
as ilhas, que estão no mar, turbar-se-ão com tua saída.*

<sup>19</sup> *Porque assim diz o SENHOR Deus: Quando eu te fizer cidade assolada, como as cidades que não se habitam, quando eu fizer vir sobre ti as ondas do mar e as muitas águas te cobrirem,* <sup>20</sup> *então, te farei descer com os que descem à cova, ao povo antigo, e te farei habitar nas mais baixas partes da terra, em lugares desertos antigos, com os que descem à cova, para que não sejas habitada; e criarei coisas gloriosas na terra dos viventes.* <sup>21</sup> *Farei de ti um grande espanto, e já não serás; quando te buscarem, jamais serás achada, diz o SENHOR Deus.*

**27** *Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:* <sup>2</sup> *Tu, pois, ó filho do homem, levanta lamentação sobre Tiro;* <sup>3</sup> *dize a Tiro, que habita nas entradas do mar e negocia com os povos em muitas terras do mar: Assim diz o SENHOR Deus:*



Ó Tiro, tu dizes:

*Eu sou perfeita em formosura.*

<sup>4</sup> *No coração dos mares,  
estão os teus limites;  
os que te edificaram aperfeiçoaram  
a tua formosura.*

<sup>5</sup> *Fabricaram todos os teus conveses  
de ciprestes de Senir;  
trouxeram cedros do Líbano,  
para te fazerem mastros.*

<sup>6</sup> *Fizeram os teus remos  
de carvalhos de Basã;  
os teus bancos,  
fizeram-nos de marfim  
engastado em pinho das ilhas dos quiteus.*

<sup>7</sup> *De linho fino bordado do Egito  
era a tua vela,  
para servir de estandarte;  
azul e púrpura das ilhas de  
Elisã eram o teu toldo.*

<sup>8</sup> *Os moradores de Sidom e de Arvade  
foram os teus remeiros;  
os teus sábios, ó Tiro,  
que se achavam em ti,  
esses foram os teus pilotos.*

<sup>9</sup> *Os anciãos de Gebal  
e os seus sábios foram em ti os teus calafates;  
todos os navios do mar  
e os marinheiros se acharam em ti,  
para trocar as tuas mercadorias.*

<sup>10</sup> *Os persas, os lídios e os de Pute se acharam em teu exército e eram teus homens de guerra; escudos e capacetes penduraram em ti; manifestaram a tua glória.* <sup>11</sup> *Os filhos de Arvade e o teu exército estavam sobre os teus muros em redor, e os gamaditas, nas torres; penduravam os seus escudos nos teus muros em redor; aperfeiçoavam a tua formosura.*

<sup>12</sup> *Társis negociava contigo, por causa da abundância de toda sorte de riquezas; trocavam por tuas mercadorias prata, ferro, estanho e chumbo.* <sup>13</sup> *Javã, Tubal e Meseque eram os teus mercadores; em troca das tuas mercadorias, davam escravos e objetos de bronze.* <sup>14</sup> *Os da casa de Togarma, em troca das tuas mercadorias, davam cavalos, ginetes e mulos.* <sup>15</sup> *Os filhos de Dedã eram os teus mercadores; muitas terras do mar eram o mercado das tuas manufaturas; em troca, traziam dentes de marfim e madeira de ébano.* <sup>16</sup> *A Síria negociava contigo por causa da multidão das tuas manufaturas; por tuas mercadorias, eles davam esmeralda, púrpura, obras bordadas, linho fino, coral e pedras preciosas.* <sup>17</sup> *Judá e a terra de Israel eram os teus mercadores; pelas tuas mercadorias, trocavam o trigo de Minite, confeitos, mel, azeite e bálsamo.* <sup>18</sup> *Damasco negociava contigo, por causa da multidão das tuas manufaturas, por causa da abundância de toda sorte de riquezas, dando em troca vinho de Helbom e lã de Saar.* <sup>19</sup> *Também Dã e Javã, de Uzal, pelas tuas mercadorias, davam em troca ferro trabalhado, cássia e cálamo, que assim entravam no teu comércio.* <sup>20</sup> *Dedã negociava contigo com baixeiros para cavalgaduras.* <sup>21</sup> *A Arábia e todos os príncipes de Quedar eram mercadores ao teu serviço; negociavam contigo com cordeiros, carneiros e bodes; nisto, negociavam contigo.* <sup>22</sup> *Os mercadores de Sabá e Raamá eram os teus mercadores; pelas tuas mercadorias, davam em troca os mais finos aromas, pedras preciosas e ouro.* <sup>23</sup> *Harã, Cane e Éden, mercadores de Sabá, Assíria e Quilmade negociavam contigo.* <sup>24</sup> *Estes eram teus mercadores em toda sorte de mercadorias, em pano de púrpura e bordados, tapetes de várias cores e cordas trançadas e fortes.* <sup>25</sup> *Os navios de Társis eram as tuas caravanas para as tuas mercadorias; e te enriqueceste e ficaste mui famosa no coração dos mares.*

<sup>26</sup> *Os teus remeiros te conduziram sobre  
grandes águas;  
o vento oriental te quebrou no coração  
dos mares.*

<sup>27</sup> *As tuas riquezas, as tuas mercadorias,  
os teus bens,  
os teus marinheiros, os teus pilotos,  
os calafates, os que faziam os teus negócios*

*e todos os teus soldados que estão em ti,  
juntamente com toda a multidão do povo  
que está no meio de ti,  
se afundarão no coração dos mares no dia  
da tua ruína.*

<sup>28</sup> *Ao estrondo da gritaria dos teus pilotos,  
tremarão as praias.*

<sup>29</sup> *Todos os que pegam no remo, os marinheiros,*

*e todos os pilotos do mar descerão de seus navios e pararão em terra;*  
<sup>30</sup> *farão ouvir a sua voz sobre ti e gritarão amargamente; lançarão pó sobre a cabeça e na cinza se revolverão;*  
<sup>31</sup> *far-se-ão calvos por tua causa, cingir-se-ão de pano de saco e chorarão sobre ti, com amargura de alma, com amargura e lamentação.*  
<sup>32</sup> *Levantarão lamentações sobre ti no seu pranto, lamentarão sobre ti, dizendo: Quem foi como Tiro, como a que está reduzida ao silêncio no meio do mar?*  
<sup>33</sup> *Quando as tuas mercadorias eram exportadas pelos mares,*

*fartaste a muitos povos; com a multidão da tua riqueza e do teu negócio, enriqueceste os reis da terra.*  
<sup>34</sup> *No tempo em que foste quebrada nos mares, nas profundezas das águas se afundaram os teus negócios e toda a tua multidão, no meio de ti.*  
<sup>35</sup> *Todos os moradores das terras dos mares se espantam por tua causa; os seus reis tremem sobremaneira e estão de rosto perturbado.*  
<sup>36</sup> *Os mercadores dentre os povos assobiam contra ti; vens a ser objeto de espanto e jamais subsistirás.*

**PANORAMA:** Com este capítulo tem início a segunda divisão principal de Ezequiel. O profeta dirige sua atenção ao juízo sobre as nações vizinhas de Israel, em especial sobre Tiro. O juízo contra as nações é porque elas se alegraram com a destruição de Jerusalém e odiavam a religião de Israel. Era principalmente o seu ódio pela verdade que provocava a ira de Deus. A riqueza e a magnificência de Tiro lhe davam uma aparência de segurança. Comparada às demais nações, ela parecia invencível e inexpugnável. Contudo, nada na natureza ou na arte impedirá o juízo de Deus.

### 25.1–26.21 *Profecia contra as nações*

**A SEGUNDA DIVISÃO PRINCIPAL DE EZEQUIEL.** WILLIAM GREENHILL: Nesta profecia de Ezequiel há quatro fatos principais a serem considerados. O primeiro é a destruição do estado judaico pelos babilônios, declarada por nosso profeta nos vinte e um capítulos precedentes. Agora, ele chega à segunda divisão principal, que é a ameaça de juízo sobre as demais nações por causa de seu orgulho e insulto contra os judeus em sua miséria. Ele faz isso nos próximos oito capítulos a partir do início deste capítulo até o capítulo trinta e três. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**AS NAÇÕES ODEIAM A VERDADE.** JOHN MAYER: Tendo declarado até este ponto os juízos que sobrevirão a Israel e tendo tratado um pouco dos amonitas (Ez 21.28), o profeta agora, mais uma vez, profetiza contra os amonitas, os moabitas, os edomitas e os filisteus, porque eles se alegraram com a destruição de Jerusalém e do templo, e igualmente por manterem sempre um ódio mortal contra os judeus em virtude de sua religião. Por esta nota se vê como é grande o pecado dos ímpios e dos que são seduzidos pelo erro na religião ao odiarem os que professam a verdade. Por isso a ira de Deus queimarão contra eles até serem destruídos, e da mesma maneira acontecerá com todos os ímpios que se alegrarem com a queda do povo de Deus. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

**BEM FEITO!** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: “Bem feito!” é uma expressão de alegria e congratulações. É como se eles tivessem dito: “Vocês adoraram o Deus único para nada e se separaram do restante das pessoas por nenhuma razão. Seu templo é inútil. Ele é profanado e ocupado por gentios. A terra das dez tribos está devastada; o povo foi levado para o cativeiro.” Por essa ra-

<sup>1</sup> *Exposition*, 586.

<sup>2</sup> *Prophets*, 443.

zão, Deus declara: “Para que vocês não se alegrem, amonitas, o destino que sobreveio a Jerusalém será o mesmo para vocês por mão dos filhos do Oriente... Eles tomarão os seus camelos, beberão o seu leite e comerão os seus frutos; ou seja, eles se apossarão de todas as coisas boas da sua terra... Assim eles saberão que eu sou o Senhor.” COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**O ESCÁRNIO DAS NAÇÕES.** WILLIAM GREENHILL: Quando o povo de Deus é tratado com severidade pelo Senhor por causa de seus pecados, outros zombam de forma ímpia e desumana e o insultam. Quando Jerusalém foi saqueada pelos babilônios, os tírios gritaram: “Bem feito! Ela está arruinada.” Assim também os amonitas (Ez 25.3); eles proferiram “Bem feito!” acerca do santuário e da terra de Israel. Da mesma maneira, em Ezequiel 36.2, o inimigo disse “Bem feito!” contra os judeus. A natureza ensina as pessoas a se compadecerem daqueles que estão na miséria e a não multiplicarem suas misérias com zombarias e escárnios. Mas as nações se mostraram ímpias e desumanas ao tratarem assim os judeus. O povo de Deus pode esperar, no presente, coisas semelhantes da parte do mundo. Se eles forem castigados por seus pecados, o povo do mundo dirá: “Bem feito!”, por isso ter acontecido conosco; o lamento dos outros é a música deles, a lágrima dos outros é o seu vinho. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

### 27.1-36 *Uma lamentação sobre Tiro*

**QUEM SÃO OS GAMADITAS.** JOHN MAYER: Em Ezequiel 27, para que a ruína de Tiro pudessem parecer formidável, o profeta apresenta abundantemente a riqueza e a magnificência dessa cidade e sua grande influência sobre os outros lugares, para que ela parecesse como de força incomparável e invencível. Não há nada aqui que necessite exposição até chegarmos ao versículo 11: *e os gamaditas, nas torres* (Ez 27.11). Visto que a palavra significa côvado, alguns, diz Junius, entendem ser homens de um côvado de altura; a saber, os pigmeus. Mas o quanto isso é provável,

que o leitor julgue, pois é dito que eles faziam parte das forças de defesa de Tiro. Por essa razão, ele conjectura que a palavra não é própria, mas é um apelativo, entendendo-se por gamaditas ou homens cúbito homens armados e fortes que puxavam o arco e atiravam com mais força. Entretanto, houve um povo com esse nome, o qual, como diz Plínio, habitou uma região da Fenícia junto ao mar, na forma de um cotovelo, sendo, por essa razão, chamados gamaditas, cuja região foi devorada pelo mar há muito tempo. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**OS GAMADITAS.** JAKOB RAUPIUS: “E os gamaditas, nas torres” (Ez 27.11). Junius acredita que os gamaditas vêm da região da Fenícia. A Vulgata traz “pigmeus”. A palavra hebraica deriva de “côvado” (Jz 3.16). Como se você estivesse usando “côvado” para identificar a parte do cotovelo até a ponta do dedo ou o antebraço, porque esse povo tinha braços poderosos e eram fisicamente robustos. Desde que se concorde que os “gamaditas” não tinham a altura de um côvado. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**O ORGULHO DE TIRO.** WILLIAM GREENHILL: Nenhuma situação, força ou vantagem externa pode proteger cidades orgulhosas. As fronteiras de Tiro ficavam no coração dos mares, ela era cercada por grandes águas, julgada por todos como inexpugnável. O intento de Deus era arruinar Tiro por causa de seu orgulho, e ele encontrou um modo e um meio de fazer isso. Não importa onde queiram construir as cidades, nas profundezas, nas formações rochosas, em qualquer parte, Deus pode levar destruição até elas; nada na natureza ou na arte poderá impedir.

...Nada que seja humano pode proteger uma cidade pecaminosa e um povo pecador dos juízos de Deus. Tiro era um dos lugares mais seguros que o mundo conhecia, mas seus muros, suas torres, seus navios, seus sábios, seus homens fortes não puderam protegê-la. Tiro era um lugar rico como nenhum debaixo do céu;

<sup>3</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 132.

<sup>4</sup> *Exposition*, 597.

<sup>5</sup> *Prophets*, 445.

<sup>6</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 209.

ela tinha uma quantidade enorme de todas as riquezas. No entanto, elas não a impediram de ser lançada nas grandes águas. Que poder ou arte da humanidade pode proteger o navio de um vento quando ele está no mar? Não está no poder de todos os marujos ou marinheiros do mun-

do fazê-lo. Nem podem algumas pessoas, ou todas as pessoas, evitar um juízo de Deus quando ele está vindo sobre um lugar pecaminoso. Não depositemos nossa confiança em coisas humanas. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> *Exposition*, 604, 611.

## 28.1 – 26 UMA PROFECIA CONTRA TIRO E SIDOM

<sup>1</sup> *Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:* <sup>2</sup> *Filho do homem, dize ao príncipe de Tiro: Assim diz o SENHOR Deus:*

*Visto que se eleva o teu coração, e dizes:*

*Eu sou Deus,  
sobre a cadeira de Deus me assento no coração  
dos mares,  
e não passas de homem e não és Deus,  
ainda que estimas o teu coração como se fora  
o coração de Deus –*

<sup>3</sup> *sim, és mais sábio que Daniel,  
não há segredo algum que se possa esconder  
de ti;*

<sup>4</sup> *pela tua sabedoria e pelo teu entendimento,  
alcançaste o teu poder  
e adquiriste ouro*

*e prata nos teus tesouros;*

<sup>5</sup> *pela extensão da tua sabedoria  
no teu comércio,*

*aumentaste as tuas riquezas;  
e, por causa delas, se eleva o teu coração –,*

<sup>6</sup> *assim diz o SENHOR Deus:*

*Visto que estimas o teu coração como se fora o  
coração de Deus,*

<sup>7</sup> *eis que eu trarei sobre ti os mais terríveis  
estrangeiros dentre as nações,  
os quais desembainharão a espada contra  
a formosura da tua sabedoria  
e mancharão o teu resplendor.*

<sup>8</sup> *Eles te farão descer à cova,  
e morrerás da morte dos traspassados  
no coração dos mares.*

<sup>9</sup> *Dirás ainda diante daquele que te matar:  
Eu sou Deus?*

*Pois não passas de homem e não és Deus,  
no poder do que te traspassa.*

<sup>10</sup> *Da morte de incircuncisos morrerás,  
por intermédio de estrangeiros,  
porque eu o falei, diz o SENHOR Deus.*

<sup>11</sup> *Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:* <sup>12</sup> *Filho do homem, levanta uma lamentação contra o rei de Tiro e dize-lhe: Assim diz o SENHOR Deus:*

*Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria  
e formosura.*

<sup>13</sup> *Estavas no Éden, jardim de Deus;  
de todas as pedras preciosas te cobrias:  
o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix,  
o jaspé,*

*a safira, o carbúnculo e a esmeralda;  
de ouro se te fizeram os engastes  
e os ornamentos;*

*no dia em que foste criado,  
foram eles preparados.*

<sup>14</sup> *Tu eras querubim da guarda ungido,  
e te estabeleci;*

*permanecias no monte santo de Deus,  
no brilho das pedras andavas.*

<sup>15</sup> *Perfeito eras nos teus caminhos,  
desde o dia em que foste criado até que se  
achou iniquidade em ti.*

<sup>16</sup> *Na multiplicação do teu comércio,  
se encheu o teu interior de violência, e pecaste;  
pelo que te lançarei, profanado,  
fora do monte de Deus*

*e te farei perecer, ó querubim da guarda,  
em meio ao brilho das pedras.*

<sup>17</sup> *Elevou-se o teu coração por causa  
da tua formosura,  
corrompeste a tua sabedoria por causa  
do teu resplendor;*

*lancei-te por terra,  
diante dos reis te pus,  
para que te contemples.*

<sup>18</sup> *Pela multidão das tuas iniquidades,*

*pela injustiça do teu comércio,  
profanaste os teus santuários;  
eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo,  
que te consumiu,  
e te reduzi a cinzas sobre a terra,  
aos olhos de todos os que te contemplam.*

<sup>19</sup> *Todos os que te conhecem entre os povos  
estão espantados de ti;  
vens a ser objeto de espanto  
e jamais subsistirás.*

<sup>20</sup> *Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>21</sup> Filho do homem, volve o rosto contra Sidom, profetiza contra ela <sup>22</sup> e dize: Assim diz o SENHOR Deus:*

*Eis-me contra ti, ó Sidom,  
e serei glorificado no meio de ti;  
saberão que eu sou o SENHOR,  
quando nela executar juízos  
e nela me santificar.*

<sup>23</sup> *Pois enviarei contra ela a peste  
e o sangue nas suas ruas,  
e os traspassados cairão no meio dela,  
pela espada contra ela, por todos os lados;  
e saberão que eu sou o SENHOR.*

<sup>24</sup> *Para a casa de Israel já não haverá espinho que a pique, nem abrolho que cause dor, entre todos os vizinhos que a tratam com desprezo; e saberão que eu sou o SENHOR Deus.*

<sup>25</sup> *Assim diz o SENHOR Deus: Quando eu congregar a casa de Israel dentre os povos entre os quais estão espalhados e eu me santificar entre eles, perante as nações, então, habitarão na terra que dei a meu servo, a Jacó. <sup>26</sup> Habitarão nela seguros, edificarão casas e plantarão vinhas; sim, habitarão seguros, quando eu executar juízos contra todos os que os tratam com desprezo ao redor deles; e saberão que eu sou o SENHOR, seu Deus.*

**PANORAMA:** Os juízos contra as nações continuam. O foco deste capítulo continua em Tiro, mas acrescenta Sidom. No capítulo anterior, o orgulho da cidade de Tiro foi denunciado. Aqui, o orgulho do príncipe de Tiro, que se considerava um deus, que se vangloriava de uma sabedoria imaginária, é denunciado. A autodeificação de príncipes e governantes não deve nos surpreender. Quando os nossos dotes naturais excedem os de outras pessoas, dotes que são dons de Deus, somos, com frequência, levados à presunção e ao convencimento. Nosso orgulho nos leva a um falso senso de segurança. Esse tipo de orgulho procede do diabo. Os fiéis lamentam quando veem uma pessoa reivindicando como realização própria as bênçãos que Deus concedeu. O capítulo termina com conforto. Deus protegerá os

seus fiéis, que habitam entre espinhos e abro-  
lhos, que são as nações.

### 28.1-23 *Profecia contra Tiro e Sidom*

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JAKOB RAUPIUS: Este capítulo contém quatro profecias. A primeira e a segunda são contra o rei e a cidade de Tiro. A terceira é contra a cidade de Sidom. A quarta diz respeito à restauração da igreja. Na primeira parte, ele declara a destruição do rei de Tiro e a razão pela qual Deus agiu contra esse rei, qual seja, o seu orgulho (Ez 28.2-6)... A causa administrante que Deus usaria para destruir o rei de Tiro era a Babilônia ou os caldeus, que são indicados pela palavra *estrangeiros* (Ez 28.7)... A terceira parte do capítulo relata a destruição de Sidom. A causa eficiente desta des-

truição é Deus (Ez 28.20-22). A causa final é dupla: a glória de Deus e a libertação do seu povo (Ez 28.22-24)... A quarta parte do capítulo trata da restauração da igreja e é apresentada em três partes: primeira, Deus congregará o povo; segunda, o povo habitará na terra de Canaã (Ez 28.25); e terceira, eles habitarão seguros (Ez 28.26).  
COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**QUEM É O PRÍNCIPE DE TIRO?** JOHN MAYER: Tendo falado contra toda a cidade de Tiro nos dois capítulos anteriores, ele vem aqui, especialmente, para acusar o príncipe de intolerável orgulho e presunção com relação às suas grandes riquezas e sua imaginária sabedoria, pelas quais ele se considerava um deus. Visto que homem algum é tão louco, ou jamais foi, a ponto de dizer isso a respeito de si mesmo, alguns entendem que essas palavras se referem ao diabo sob o nome do príncipe de Tiro (Jerônimo, Agostinho, Ambrósio, Isidoro e Tertuliano). No entanto, Isaías fala de forma semelhante de Belsazar, embora sua fala seja misturada, alguma coisa sendo dita propriamente sobre o diabo e algumas coisas sobre o rei de Babilônia, em alusão a ele (Is 14). Assim, a mesma coisa ocorre aqui. Seu coração era tão orgulhoso que ele pensou que não havia nenhum Deus acima dele ou mais excelente que ele, de modo que ele se enaideceu de sua sagacidade e riqueza, e estava confiante de que Deus não o destituiria de sua elevada honra. Na verdade, se devemos afirmar que esse homem falou assim de si mesmo, isso não é mais do que Caio Calígula, imperador Romano, fez, e Elagábalo e Júlio Cesar, que permitiram que se prestassem a eles honras divinas, e Nabucodonosor, que erigiu uma imagem para ser adorada por todos. Optato de Milevi aplica esse príncipe de Tiro a Donato, um bispo, que pensava que sua própria santidade excedia a de todos os demais homens e, assim, não permitia que ninguém viesse a ele senão com a mais humilde reverência, e ele queria que fossem chamados de donatistas, segundo o seu nome. Esse homem foi bispo de Tiro, uma colônia de Cartago, e, assim, um príncipe espiritual. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

**AUTOEIFICAÇÃO POR PRÍNCIPES.** WILLIAM GREENHILL: Príncipes e nobres são propensos a não somente serem orgulhosos, mas também a se endeusarem. O príncipe de Tiro enaideceu-se em seu coração, e disse: “Eu sou Deus” (Ez 28.2). Esta é a elevação do orgulho: fazer-se deus, arrogar a si aquilo que é devido ao Senhor. Deus havia dito isto: “Eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim” (Is 46.9). Ora, que soberba, que blasfêmia, um príncipe dizer: “Eu sou Deus”. Há duas coisas que Deus reivindica para si: “vingança” (Dt 32.35) e divindade (Is 44.8). Fazendo-se Deus, esse príncipe roubava Deus de uma delas. Vários imperadores pagãos seriam chamados de deuses ou adorados como tais. Calígula fez-se deus, erigindo um templo com sua imagem nele, ordenando sacerdotes e exigindo que muitos sacrifícios caros fossem ali oferecidos para ele. Domiciano ordenou, por decreto público, que, em todos os escritos em que ele fosse mencionado, ele seria chamado *Dominus Deus*, Senhor Deus.

...A arrogância e o orgulho de espírito precedem e pressagiam a destruição das pessoas. Esse príncipe estava perto da ruína completa e, antes dela, o seu coração se enaideceu. Ele disse: “Sobre a cadeira de Deus me assento”, eu castigo e poupo a quem eu quero. Mas, logo depois, ele foi destronado e feito exemplo de vingança divina por seu orgulho e sua presunção... Quaisquer que sejam os pensamentos e as fantasias que príncipes ou outros tenham de si mesmos, tudo não passa de pó e cinza, coisa insignificante e sem importância em relação a Deus. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**MAIS SÁBIO QUE DANIEL.** MARTINHO LUTERO: Não devemos pensar que tudo o que alguém entenda de maneira engenhosa, até mesmo na Escritura, ou imagine e descubra de um modo extraordinário proceda de Deus ou agrade a Deus. Pois ao diabo, sob o nome do príncipe de Tiro (Ez 28.3), Ezequiel disse assim: “Sim, és mais sábio que Daniel” (ou seja, mais sábio que todos os pensadores especulativos). O diabo

<sup>1</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 214, 220.

<sup>2</sup> *Prophets*, 445-46.

<sup>3</sup> *Exposition*, 613.

agora sabe todos os mistérios, porque eles foram revelados por todo o mundo, e ele é mais inteligente que nós. Por essa razão, debaixo da permissão de Deus, ele pode sugerir coisas surpreendentes à mente com a intenção de seduzir os orgulhosos. Isso é o que ele agora está fazendo em relação aos hereges e o que ele fez no passado. Eles abundaram com notável entendimento nas Escrituras, mesmo que estivessem cegos com trevas heréticas. PRIMEIRAS LIÇÕES SOBRE SALMOS.<sup>4</sup>

**MAIS SÁBIO QUE DANIEL?** JOHN MAYER: Aqui ele procura deixá-lo envergonhado de sua vanglória muito insípida, zombando dele e dizendo, ironicamente, para ele: Ah, você é mais sábio que Daniel? Como se tivesse dito: embora você não se envergonhe de se comparar a Deus, vou mencionar um homem para você, o qual, com a aprovação de Nabucodonosor, foi o mais sábio dos homens. Se você pensa que é deus, então deve pensar que é mais sábio do que ele foi, o que é muito ridículo, pois ele, tão sábio que era, nada atribuiu a si mesmo, senão que todo o seu entendimento ele atribuiu unicamente a Deus. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**DEUS OLHA O CORAÇÃO.** WILLIAM GREENHILL: O Senhor observa o coração das pessoas, que têm disposição de espírito. “Visto que se eleva o teu coração.” As pessoas não podem penetrar o coração, estando ele fechado numa casa de barro, mas os olhos do Senhor penetram através de nossas paredes de barro e contemplam o nosso coração e suas operações. “O Senhor olha para o coração” (1Sm 16.7). Nós olhamos para os atos, o rosto, a aparência externa, mas Deus olha no íntimo e fixa os olhos no coração; e assim, porque ele conhece o que está no coração e como ele opera, ele entende todos os pensamentos dele e as imaginações desses pensamentos (1Cr 28.9). Ele conhece a mente das pessoas de forma exata e pode contar para você quem são os de coração soberbo e os de coração humilde, os de coração puro e os de coração impuro. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**LAMENTAÇÃO CONTRA O REI.** WILLIAM GREENHILL: Quando as pessoas possuem qualidades naturais ou adquiridas acima das demais e fazem mau uso delas, esse é um fato lamentável. “Levanta uma lamentação contra o rei de Tiro.” Ele possuía mais sabedoria, beleza, bênção, prosperidade e abundância que outras pessoas, mas ele fez mau uso de tudo isso. O seu coração se encheu de soberba. Ele não honrou a Deus com aquilo que possuía e, por essa razão, Ezequiel deve lamentar, ele deve lamentar pelos príncipes de Israel (Ez 19.1), que fizeram mau uso do poder, da posição, das qualidades e das bênçãos que tinham.

Realizações excelentes, com glória e grandeza exteriores, não são argumentos da graça ou do favor especial de Deus para com as pessoas. Os pagãos e as piores pessoas têm tido essas coisas. O príncipe de Tiro, que de maneira blasfema afirmou ser deus, era o sinete da perfeição. Ele era um príncipe completo, tinha dotes excelentes, era cheio de sabedoria, perfeito em beleza, tinha glória e grandeza exteriores como ninguém, estava sentado num paraíso, brilhava com pérolas e pedras preciosas e possuía o que de melhor existia em termos de música. No entanto, apesar de tudo isso, ele era um homem infeliz, debaixo da maldição de Deus, e morreria a morte dos incircuncisos. Que vaidade é, então, nos enchermos de orgulho por alguma qualidade humana, colocar o coração ou confiar em alguma glória ou grandeza exterior! UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

**LÚCIFER E O REI DE TIRO.** JOHN MAYER: *Estavas no Éden, o jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias* (Ez 28.13). Aqui se menciona outro ponto de felicidade, como a de Adão no estado de inocência. Por causa da sua soberba, ele se considerava muito feliz por ser príncipe de uma cidade tão rica e magnificente e, assim, ele se enfeitou com todo tipo de pedras preciosas. Deve-se notar que as pedras aqui mencionadas são as mesmas que ficavam no

<sup>4</sup> LW 10:347.

<sup>5</sup> *Prophecy*, 446.

<sup>6</sup> *Exposition*, 613.

<sup>7</sup> *Exposition*, 618.

peitoral do sumo sacerdote, mas em menor número, no peitoral eram doze, em sua coroa, apenas nove. Gregório argumenta que nove representa Lúcifer, o mais glorioso entre os anjos, que possuía nove ordens, pois ele, como outros, aplica tudo isso ao diabo. Mas é melhor, como disse anteriormente, entender isso, como foi falado, de forma alusiva ao diabo, entretanto, propriamente do rei de Tiro, que era tão semelhante a ele em sua soberba, ostentando-se como deus, como fez o diabo, como um padrão de perfeição para outros reis e príncipes, como igual a Adão no paraíso e como o sumo sacerdote nas pedras preciosas de sua coroa, no entanto, não mais tendo mais que nove, sendo o restante deixado para ser entendido. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>8</sup>

**TIRO E SIDOM.** MARTINHO LUTERO: Sobre Tiro e Sidom, essas cidades muito ricas (pois eram cidades costeiras, abundantes de todo tipo de mercadoria fina), devemos consultar os livros de história. Essas cidades foram destruídas duas vezes, uma por Nabucodonosor, rei de Babilônia. Ezequiel recorda em grandes detalhes a destruição que ele causou: “Nabucodonosor fez que o seu exército me prestasse grande serviço contra Tiro” (Ez 29.18). A segunda destruição ocorreu por mãos do rei Alexandre, que foi chamado Alexandre, o Grande. Esse relato é escrito pelos historiadores dos gentios. Encontramos também menções a essas destruições nos relatos dos Evangelhos, quando Cristo afirma: “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram...” (Mt 11.21). Nessa passagem, Cristo dá testemunho de que essas cidades tinham sido derrotadas e completamente destruídas. Isso aconteceu na destruição mais recente, nas mãos de Alexandre, o Grande. Em seguida, depois que Alexandre morreu, houve contínua discórdia, ódio extremamente amargo e conflito armado entre os reis do Egito e da Síria. Eles estavam sempre envolvidos em penosas guerras um contra o outro – sempre com grande calamidade e destruição para aquelas cidades que ficavam entre eles. Pois quem quer que prevalecesse, a esse elas

se sujeitavam e por esse elas seriam espoliadas. Vejam as histórias dos macabeus e de Josefo. LIÇÕES SOBRE ZACARIAS.<sup>9</sup>

### 28.24-26 Restauração da igreja

#### LIBERTAÇÃO DOS ESPINHOS E ABROLHOS.

WILLIAM GREENHILL: A igreja e o povo de Deus não estarão sempre entre espinhos e abrolhos. Eles terão um tempo de liberdade: “Já não haverá espinho que a pique, nem abrolho que cause dor (Ez 28.24). Mais uma vez, “Já não servirá de rapina aos gentios” (Ez 34.28). Isso se cumpriu literalmente para os judeus após o retorno; as nações, que tinham sido espinhos para eles, o Senhor destruiu. Essa promessa se refere também ao tempo do evangelho; o Senhor está abrindo caminho para ela atualmente. Quando inimigos detêm poder, força, conselho, são ativos e prósperos, então eles são espinhosos e opressivos; mas o Senhor está frustrando os inimigos de sua igreja e consumindo-os como espinhos e abrolhos (Is 27.4).

Esse é um assunto que traz conforto para a igreja. Embora ela tenha estado muito tempo entre espinhos e abrolhos e tenha sido muito ofendida por eles, na verdade, ferida, contudo, há um tempo em que ela será liberta deles. Ele se aproxima e se apressa (Lc 18.7-8). Os israelitas foram libertos dos egípcios, e Ló, dos sodomitas, que eram espinhos realmente terríveis para eles.

Isso deve mover nosso espírito a orar ao Senhor, para apressar o tempo, para que ele cumpra aquilo que prometeu. “Em lugar do espinheiro, crescerá o cipreste, e em lugar da sarça crescerá a murta” (Is 55.13). Oremos com fervor para que Deus nos dê ciprestes e murtas, em lugar de nossos espinheiros e abrolhos; bons magistrados e bons ministros, em vez daqueles que não têm sido melhores do que espinhos e abrolhos para nós. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

#### RESTAURAÇÃO DA IGREJA. JOHANNES

ECOLAMPÁDIO: Por um lado, Deus pune os pagãos ímpios e, por outro, elege seus filhos fiéis.

<sup>8</sup> *Prophets*, 446.

<sup>9</sup> LW 20:89.

<sup>10</sup> *Exposition*, 626-27.



Ele nega esperança para os que foram deixados para trás. Todas essas pessoas são punidas de modo que elas não retornam. Todavia, os filhos de Israel recebem a promessa de um retorno. É prometida a eles uma habitação segura, certamente, estando em paz com o Pai por meio do Filho. E assim eles habitarão, edificarão casas e plantarão vinhas; ou seja, continuarão em segurança, o que certamente não ocorreu inteiramente no retorno da Babilônia, pois muitos foram im-

pedidos naquela época, por Sidom e outras cidades. Essa promessa foi realizada plenamente por Cristo, como diz Zacarias: "...conceder-nos que, livres das mãos de inimigos, o adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os nossos dias" (Lc 1.74-75). Isso é representado pela edificação de casas e é um prelúdio da salvação eterna. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 142.

## 29.1 – 30.26 PROFECIA E LAMENTO CONTRA O EGITO

<sup>1</sup> No décimo ano, no décimo mês, aos doze dias do mês, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, volve o rosto contra Faraó, rei do Egito, e profetiza contra ele e contra todo o Egito. <sup>3</sup> Fala e diz: Assim diz o SENHOR Deus:

*Eis-me contra ti, ó Faraó, rei do Egito,  
crocodilo enorme,  
que te deitas no meio dos seus rios  
e que dizes: O meu rio é meu,  
e eu o fiz para mim mesmo.*

<sup>4</sup> Mas eu porei anzóis em teus queixos  
e farei que os peixes dos teus rios se  
apeguem às tuas escamas;  
tirar-te-ei do meio dos teus rios,

*juntamente com todos os peixes dos teus rios  
que se apeguem às tuas escamas.*

<sup>5</sup> Lançar-te-ei para o deserto,  
a ti e a todo peixe dos teus rios;  
sobre o campo aberto cairás;  
não serás recolhido, nem sepultado;  
aos animais da terra e às aves do céu  
te dei por pasto.

<sup>6</sup> E saberão todos os moradores do Egito que eu sou o SENHOR, pois se tornaram um bordão de cana para a casa de Israel.

<sup>7</sup> Tomando-te eles pela mão, tu te rachaste e lhes rasgaste o ombro; e, encostando-se eles a ti, tu te quebraste, fazendo tremer os lombos deles. <sup>8</sup> Por isso, assim diz o SENHOR Deus: Eis que trarei sobre ti a espada e eliminarei de ti homem e animal. <sup>9</sup> A terra do Egito se tornará em desolação e deserto; e saberão que eu sou o SENHOR.

<sup>10</sup> Visto que disseste: O rio é meu, e eu o fiz, eis que eu estou contra ti e contra os teus rios; tornarei a terra do Egito deserta, em completa desolação, desde Migdol até Sevene, até às fronteiras da Etiópia. <sup>11</sup> Não passará por ela pé de homem, nem pé de animal passará por ela, nem será habitada quarenta anos, <sup>12</sup> porquanto tornarei a terra do Egito em desolação, no meio de terras desoladas; as suas cidades no meio das cidades desertas se tornarão em desolação por quarenta anos; espalharei os egípcios entre as nações e os derramarei pelas terras.

<sup>13</sup> Mas assim diz o SENHOR Deus: Ao cabo de quarenta anos, ajuntarei os egípcios dentre os povos para o meio dos quais foram espalhados. <sup>14</sup> Restaurarei a sorte dos egípcios e os farei voltar à terra de Patros, à terra de sua origem; e serão ali um reino humilde. <sup>15</sup> Tornar-se-á o mais humilde dos reinos e nunca mais se exaltará sobre as nações; porque os diminuirei, para que não dominem sobre as nações. <sup>16</sup> Já não terá a confiança da casa de Israel, confiança essa que me traria à memória a iniquidade de Israel quando se voltava a ele à procura de socorro; antes, saberão que eu sou o SENHOR Deus.

<sup>17</sup> No vigésimo sétimo ano, no mês primeiro, no primeiro dia do mês, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>18</sup> Filho do homem, Nabucodonosor, rei da Babilônia, fez que o seu exército me prestasse grande serviço contra Tiro; toda cabeça se tornou calva, e de todo ombro saiu a pele, e não houve paga de Tiro para ele, nem para o seu exército, pelo serviço que prestou contra ela. <sup>19</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu darei a Nabucodonosor, rei da Babilônia, a terra do Egito; ele levará a sua multidão, e tomará o seu despojo, e roubará a sua presa, e isto será a paga para o seu exército. <sup>20</sup> Por paga do seu trabalho, com que serviu contra ela, lhe dei a terra do Egito, visto que trabalharam por mim, diz o SENHOR Deus.

<sup>21</sup> Naquele dia, farei brotar o poder na casa de Israel e te darei que fales livremente no meio deles; e saberão que eu sou o SENHOR.

**30** Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, profetiza e diz: Assim diz o SENHOR Deus:

Gemei: Ah! Aquele dia!

<sup>3</sup> Porque está perto o dia, sim, está perto o Dia do SENHOR, dia nublado; será o tempo dos gentios.

<sup>4</sup> A espada virá contra o Egito, e haverá grande dor na Etiópia, quando caírem os traspassados no Egito; o seu povo será levado para o cativeiro, e serão destruídos os seus fundamentos.

<sup>5</sup> A Etiópia, Pute e Lude e toda a Arábia, os de Cube e os outros aliados do Egito cairão juntamente com ele à espada.

<sup>9</sup> Naquele dia, sairão mensageiros de diante de mim em navios, para espantarem a Etiópia descuidada; e sobre ela haverá angústia, como no dia do Egito; pois eis que já vem.

<sup>10</sup> Assim diz o SENHOR Deus:

Eu, pois, farei cessar a pompa do Egito, por intermédio de Nabucodonosor, rei da Babilônia.

<sup>11</sup> Ele e o seu povo com ele, os mais terríveis das nações, serão levados para destruírem a terra; desembainharão a espada contra o Egito e encherão de traspassados a terra.

<sup>12</sup> Secarei os rios e venderei a terra, entregando-a nas mãos dos maus; por meio de estrangeiros, farei desolada a terra e tudo o que nela houver; eu, o SENHOR, é que falei.

<sup>13</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Também destruirei os ídolos e darei cabo das imagens em Mênfis;

<sup>6</sup> Assim diz o SENHOR:

Também cairão os que sustentam o Egito, e será humilhado o orgulho do seu poder; desde Migdol até Sevene, cairão à espada, diz o SENHOR Deus.

<sup>7</sup> Serão desolados no meio das terras desertas; e as suas cidades estarão no meio das cidades devastadas.

<sup>8</sup> Saberão que eu sou o SENHOR, quando eu tiver posto fogo no Egito e se acharem destruídos todos os que lhe prestavam auxílio.

já não haverá príncipe na terra do Egito, onde implantarei o terror.

<sup>14</sup> Farei desolada a Patros, porei fogo em Zoã e executarei juízo em Nô.

<sup>15</sup> Derramarei o meu furor sobre Sim, fortaleza do Egito, e exterminarei a multidão de Nô.

<sup>16</sup> Atearei fogo no Egito; Sim terá grande angústia, Nô será destruída, e Mênfis terá adversários em pleno dia.

<sup>17</sup> Os jovens de Áven e de Pi-Besete cairão à espada, e estas cidades cairão em cativeiro.

<sup>18</sup> Em Tafnes, se escurecerá o dia, quando eu quebrar ali os jugos do Egito

*e nela cessar o orgulho do seu poder;  
uma nuvem a cobrirá,  
e suas filhas cairão em cativeiro.*

<sup>19</sup> *Assim, executarei juízo no Egito,  
e saberão que eu sou o SENHOR.*

<sup>20</sup> *No undécimo ano, no mês primeiro, aos sete dias do mês, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>21</sup> Filho do homem, eu quebrei o braço de Faraó, rei do Egito, e eis que não foi atado, nem tratado com remédios, nem lhe porão ligaduras, para tornar-se forte e pegar da espada. <sup>22</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu estou contra Faraó, rei do Egito; quebrar-lhe-ei os braços, tanto o forte como o que já está quebrado, e lhe farei cair da mão a espada. <sup>23</sup> Espalharei os egípcios entre as nações e os derramarei pelas terras. <sup>24</sup> Fortalecerei os braços do rei da Babilônia e lhe porei na mão a minha espada; mas quebrarei os braços de Faraó, que, diante dele, gerará como geme o traspassado. <sup>25</sup> Levantarei os braços do rei da Babilônia, mas os braços de Faraó cairão; e saberão que eu sou o SENHOR, quando eu puser a minha espada na mão do rei da Babilônia e ele a estender contra a terra do Egito. <sup>26</sup> Espalharei os egípcios entre as nações e os derramarei pelas terras; assim, saberão que eu sou o SENHOR.*

**PANORAMA:** Agora é proferido um juízo contra o Egito. Questões de cronologia são de interesse especial aqui. A profecia contra Tiro precede a profecia contra o Egito, no entanto, a cronologia é invertida. A profecia contra o Egito veio no décimo ano de Zedequias; a profecia contra Tiro, no seu décimo primeiro ano. A razão para esse desarranjo cronológico é que Tiro foi destruída em primeiro lugar. O ímpio orgulho do rei do Egito não era diferente do de outros reis vizinhos de Israel. Deus destruiria os egípcios, e as terras ficariam desoladas por quarenta anos. Depois desse tempo de cativeiro, Deus prometeu reunir os egípcios e fazê-los retornar à sua terra. Vemos aqui a bondade e a misericórdia de Deus estendendo-se até os pagãos. Ezequiel 29 termina com conforto e o prometido chifre [poder] de salvação, que é Cristo. Finalmente, essa seção termina com uma lamentação. A idolatria traz destruição. Embora muita prosperidade e regozijo tivessem sido encontrados no Egito, agora viriam dias de tristeza sobre a nação.

### 29.1-26 Profecia contra o Egito

**PONTUALIDADE DE DEUS.** WILLIAM GREENHILL: “No décimo ano, no décimo mês, aos doze dias do mês.” O Senhor gostaria que seu povo atentasse para o tempo no qual ele põe seus profetas para trabalhar, e isso pontualmen-

te. O ano, o mês e o dia em que ele entregou sua palavra a Ezequiel para que a mesma pudesse ser observada em relação a tudo a que ela se referia são aqui registrados. Os judeus confiavam muito no Egito e em seu rei. Os egípcios eram altivos e autoconfiantes. Agora, Deus registra o tempo em que ele comissiona Ezequiel para profetizar contra o rei do Egito e os egípcios, para que os judeus, ouvindo de sua ruína, indicada desde aquela época, deixassem de confiar neles e para que os egípcios considerassem o que iriam fazer, estando sob esse iminente perigo, por causa de sua deslealdade para com os judeus e sua confiança naquilo que possuíam. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**A CRONOLOGIA.** JOHN MAYER: Quanto ao tempo, foi no décimo ano, no décimo mês, aos doze dias do mês, ou seja, do cativeiro de Joaquim, e também no décimo ano do reinado de Zedequias. Mas a profecia contra Tiro foi no undécimo ano (Ez 26), ou seja, depois disso, mas é provável que a ordem do tempo tenha sido assim, porque, apesar da profecia contra Tiro ter vindo depois, Tiro foi destruída primeiro por Nabucodonosor. Isso aparece em Ezequiel 29.17, onde se diz que o Egito foi dado a Nabucodonosor como recompensa por ele ter executado juízo contra Tiro. Essa profecia

<sup>1</sup> *Exposition*, 628.

também (se a compararmos com Ezequiel 24) foi feita um ano depois do início do cerco em Jerusalém e, assim, dava prova, nessa época, do fracasso do rei do Egito em ajudar o rei de Judá em seu apuro. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

**JUIZO CONTRA FARAÓ.** WILLIAM GREENHILL: Deus é inimigo aberto e declarado de reis ímpios. Ele proclama guerra contra eles, por mais poderosos que sejam. “Eis-me contra ti, ó Faraó, rei do Egito” (Ez 29.3). Poucos são os reis que não usam mal sua autoridade; eles se exaltam, oprimem o povo, opõem-se aos interesses de Deus, e, por isso, ele é um adversário declarado deles. Em Jeremias 25.18-26, você pode ver a quantidade de reis contra quem o Senhor envia o cálice do seu furor e desembainha a espada. Era raro existir um rei bom naquela época sobre a face da terra. Deus estava contra todos eles. É algo terrível para um rei ter Deus declarando guerra contra ele, pois ele será vencido e será reduzido a nada, pois Deus é o Senhor dos exércitos, armado com tal poder e majestade que ninguém pode resistir...

Reis ímpios se assemelham a Satanás. O Faraó é aqui chamado de “o grande dragão” [ARA: “crocodilo enorme”] (Ez 29.3), e assim é Satanás... “Mas eu porei anzóis em teus queixos” (Ez 29.4). Aqui começam os juízos de Deus sobre esse rei confiante. Deus lidará com ele como as pessoas fazem com algum peixe grande. Quando o anzol está em seu queixo, elas o arrastam para fora d’água até a terra seca, onde ele morre. No devido tempo, Deus levará Faraó para outra terra e, com ele, um grande exército de egípcios, onde todos perecerão. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**O DRAGÃO FERIDO.** MARTINHO LUTERO: Os profetas se referem, livremente, à história antiga para mostrar que os atos maravilhosos de Deus até aqui podem ainda ser exercidos sobre seus inimigos altivos, tais como, no passado eram os reis do Egito. Ele chama esse reino de “Raabe” [Ara: monstro marinho] (Is 51.9), isto é, “soberbo”, e o chama também de dragão ferido. Ezequiel faz a mesma coisa (Ez 29.3). Dessa

forma, ele descreve o sentimento do rei do Egito para que pareça estar acontecendo da mesma maneira em nosso tempo, no caso de nossos tiranos. Eles desprezam o nosso Cristo, de modo a fazerem zombaria dele. Eles dizem: “Que tipo de Deus é o Deus dos luteranos? Eu não desejaria ser sua criatura. Deixe que o diabo seja sua criatura; não quero nada com o seu evangelho!” LIÇÕES SOBRE ISAÍAS.<sup>4</sup>

**DESTRUIÇÃO DO EGITO.** JOHN MAYER: *Não passará por ela pé de homem, nem pé de animal passará por ela, nem será habitada quarenta anos* (Ez 29.11). A história não faz menção do cumprimento disso. Mas, ao término desse tempo, depois da destruição de Jerusalém, começando a declinar o estado da Babilônia, é bem provável que os egípcios tenham começado novamente a se reunir em sua própria terra, que por todo esse período ficou desolada. Então ela começou a ser habitada novamente; ou seja, após cerca de sessenta anos, aproximadamente, do cativeiro de Judá. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**O RETORNO DOS EGÍPCIOS.** WILLIAM GREENHILL: Estes versículos são uma promessa de misericórdia para os egípcios. “Ao cabo de quarenta anos, ajuntarei os egípcios” (Ez 29.13). Tendo sido idólatras notórios e confiado em sua própria força, os egípcios foram espalhados entre as nações, onde peregrinaram e viveram sem esperança de ver sua própria terra e de se tornar, mais uma vez, um povo ou um reino; mas o Senhor, por sua grande bondade, acima da expectativa deles e de outros, prometeu que, depois de quarenta anos, ele os juntaria de onde quer que tivessem sido espalhados. Por quarenta anos ele os disciplinaria com o cativeiro e aquelas dificuldades que o acompanhavam, mas, no final disso, ele lhes mostraria misericórdia...

A bondade e a misericórdia de Deus se estendem aos ímpios. Ele cuida deles em seu cativeiro e, depois de sofrerem pelo tempo que

<sup>2</sup> *Prophets*, 447.

<sup>3</sup> *Exposition*, 629.

<sup>4</sup> LW 17:200.

<sup>5</sup> *Prophets*, 447.

lhes foi determinado, ele usará de benevolência com eles... Às vezes, Deus lida de forma mais favorável com os pagãos do que com o seu próprio povo. “Ao cabo de quarenta anos, ajuntarei os egípcios.” Mas foi depois de setenta anos que ele tirou os judeus da Babilônia. Seu próprio povo esteve, aproximadamente, trinta anos a mais sob o jugo babilônio do que os egípcios. Houve um motivo justo para isso. O povo de Deus tinha pecado mais gravemente do que os pagãos e assim o provocara mais que eles. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

### SERÁ QUE DEUS RECOMPENSA OBRAS MÁS?

MARTINHO LUTERO: O rei de Babilônia é chamado de servo de Deus porque devastou Tiro e Sidom. Pois Deus quis que isto fosse feito pelo rei babilônio: que ele tomasse Tiro e Sidom. Pois Deus diz assim: “Eu destruirei Tiro e Sidom. Mas onde encontrarei um homem que faça isso?” O rei ímpio é constituído ali servo de Deus para destruir Tiro e Sidom, e recebe o Egito como recompensa. Portanto, essa obra que o próprio Deus recompensou foi uma obra boa e agradável. Por essa razão, eu respondo que não se deve olhar aqui a excelência de sua justiça, mas deve-se considerar a extraordinária bondade e misericórdia de Deus, que recompensa até pecados e faz bem mesmo a hipócritas. Como diz Agostinho: vícios são conquistados por vícios. O rei de Babilônia é maldito aos olhos de Deus, não obstante, ele recebe o Egito como recompensa. Todavia, como o serviço, assim é a recompensa. O serviço é temporal, a recompensa é temporal. Embora a justiça do rei de Babilônia não fosse digna de tais recompensas, pois ela era pecado, contudo, Deus recompensou a obra de um hipócrita em prol da paz civil. A DISPUTA ACERCA DA JUSTIFICAÇÃO.<sup>7</sup>

**CHIFRE DE SALVAÇÃO.** JOHN MAYER: Assim como o profeta concluiu Ezequiel 28 com conforto para os israelitas, assim ele o faz por meio do chifre [poder] que há de brotar (Ez 29.21), subentendendo algo que virá muito tempo depois, trazendo conforto muito maior, espiritual e eterno, por meio de Cristo. Porque Cristo, e não Zorobabel, como alguns afirmam, é esse

chifre, pois assim ele é chamado: “o chifre de salvação” levantado para Israel (Lc 1.69). Embora a ocasião pareça não se harmonizar, pois é dito “naquele dia”, mas Cristo veio somente quinhentos anos depois, eu respondo que ele veio naquele dia em que o Egito ainda era um reino desprezível. E a ameaça anterior, de que isso devia acontecer, sucedeu principalmente sob os romanos, quando Antônio e Cleópatra foram vencidos por César Augusto. E se não foi assim, no entanto, se por um dia entendermos um dia para o Senhor, que é como mil anos, esse chifre brotou naquele dia. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>8</sup>

**UMA QUESTÃO TEXTUAL.** WILLIAM GREENHILL: Este capítulo, segundo Franciscus Junius, terminava no versículo dezessete, onde ele inicia o trigésimo capítulo. No entanto, conforme nossa tradução, este é o último versículo deste capítulo, e constitui uma preciosa promessa de misericórdia para a casa de Israel e para o profeta.

...Após a destruição dos inimigos, Deus mostra misericórdia para com os judeus. Os egípcios não eram amigos da casa de Israel. Portanto, no tempo em que o Egito fosse saqueado e sujeito pelos babilônios, então ele faria brotar o chifre [poder] de Israel. Nesse dia, ou depois desse tempo, tendo sua justiça caído sobre os egípcios, então sua misericórdia se estenderia a Israel. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>9</sup>

### 30.1-26 Uma lamentação pelo Egito

**A TRISTEZA SEGUE A ALEGRIA.** WILLIAM GREENHILL: Depois de dias de alegria vêm dias de tristeza. O Egito tinha vivido muitos dias de prosperidade e júbilo e, agora, “Gemei: Ah! Aquela dia!” Seu verão se foi e o inverno está chegando sobre ele: dias sombrios, obscuros, tormentosos e terríveis estavam por vir. Assim

<sup>6</sup> *Exposition*, 634-35.

<sup>7</sup> Lenker 4, 169 (WA 39,1:100-101). Cf. Agostinho, *Cidade de Deus* 21.16 (PL 41, 730).

<sup>8</sup> *Prophets*, 448.

<sup>9</sup> *Exposition*, 640.

como as coisas vão mudando, assim também os tempos: “Há tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria” (Ec 3.4). Eles vão sucedendo um após o outro e nenhum deles predomina por muito tempo. A alegria e a animação são empurradas porta afora, depois de uns poucos dias, pelo seu contrário. A Babilônia teve os seus dias de regozijo. Ela era dada a prazeres (Is 47.8), mas, de repente, houve uma mudança (Jr 51.8). UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

**DEUS COMO INIMIGO.** WILLIAM GREENHILL: É algo terrível para um rei, um estado, ou uma pessoa ter o Senhor como seu inimigo declarado. “Eis que eu estou contra Faraó.” Portanto, o que estava arruinado seria curado e o que es-

tava inteiro seria arruinado; ele deveria ser mais e mais incapacitado. Seus príncipes tornaram-se néscios, seus sábios conselheiros, estúpidos, um espírito perverso e sedutor estava no meio deles. Os egípcios eram como mulheres, temerosos e fracos como mulheres (Is 19.11-16). Estando Deus contra Faraó, todos os seus conselhos e empreendimentos foram destruídos, todas as suas forças foram despedaçadas, todas as suas cidades foram desoladas e todo o seu povo foi consumido ou levado para o cativeiro. Seria melhor que ele tivesse todos os príncipes do mundo contra si do que Deus, pois todo aquele que tiver Deus contra si será destruído. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Exposition, 642.

<sup>11</sup> Exposition of Ezekiel, 649.

## 31.1 – 32.32 DESTRUIÇÃO DO EGITO E LAMENTAÇÃO

<sup>1</sup> No undécimo ano, no terceiro mês, no primeiro dia do mês, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, dize a Faraó, rei do Egito, e à multidão do seu povo:

*A quem és semelhante na tua grandeza?*

<sup>3</sup> *Eis que a Assíria era um cedro no Libano, de lindos ramos, de sombrosa folhagem, de grande estatura, cujo topo estava entre os ramos espessos.*

<sup>4</sup> *As águas o fizeram crescer, as fontes das profundezas da terra o exalçaram e fizeram correr as torrentes no lugar em que estava plantado, enviando ribeiros para todas as árvores do campo.*

<sup>5</sup> *Por isso, se elevou a sua estatura sobre todas as árvores do campo, e se multiplicaram os seus ramos, e se alongaram as suas varas, por causa das muitas águas durante o seu crescimento.*

<sup>6</sup> *Todas as aves do céu se aninhavam*

*nos seus ramos, todos os animais do campo geravam debaixo da sua fronde, e todos os grandes povos se assentavam à sua sombra.*

<sup>7</sup> *Assim, era ele formoso na sua grandeza e na extensão dos seus ramos, porque a sua raiz estava junto às muitas águas.*

<sup>8</sup> *Os cedros no jardim de Deus não lhe eram rivais; os ciprestes não igualavam os seus ramos, e os plátanos não tinham renovos como os seus;*

*nenhuma árvore no jardim de Deus se assemelhava a ele na sua formosura.*

<sup>9</sup> *Formoso o fiz com a multidão dos seus ramos; todas as árvores do Éden, que estavam no jardim de Deus, tiveram inveja dele.*

<sup>10</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Como sobremaneira se elevou, e se levantou o seu topo no meio dos espessos ramos, e o seu coração se exalçou na sua altura, <sup>11</sup> eu o entregarei nas

mãos da mais poderosa das nações, que lhe dará o tratamento segundo merece a sua perversidade; lançá-lo-ei fora. <sup>12</sup> Os mais terríveis estrangeiros das nações o cortaram e o deixaram; cairam os seus ramos sobre os montes e por todos os vales; os seus renovos foram quebrados por todas as correntes da terra; todos os povos da terra se retiraram da sua sombra e o deixaram. <sup>13</sup> Todas as aves do céu habitarão na sua ruína, e todos os animais do campo se acolherão sob os seus ramos, <sup>14</sup> para que todas as árvores junto às águas não se exaltem na sua estatura, nem levantem o seu topo no meio dos ramos espessos, nem as que bebem as águas venham a confiar em si, por causa da sua altura; porque todos os orgulhosos estão entregues à morte e se abismarão às profundezas da terra, no meio dos filhos dos homens, com os que descem à cova.

<sup>15</sup> Assim diz o SENHOR Deus: No dia em que ele passou para o além, fiz eu que houvesse luto; por sua causa, cobri a profundidade da terra, retive as suas correntes, e as suas muitas águas se detiveram; cobri o Líbano de preto, por causa dele, e todas as árvores do campo desfaleceram por causa dele. <sup>16</sup> Ao som da sua queda, fiz tremer as nações, quando o fiz passar para o além com os que descem à cova; todas as árvores do Éden, a fina flor e o melhor do Líbano, todas as que foram regadas pelas águas se consolavam nas profundezas da terra. <sup>17</sup> Também estas, com ele, passarão para o além, a juntar-se aos que foram traspassados à espada; sim, aos que foram seu braço e que estavam assentados à sombra no meio das nações.

<sup>18</sup> A quem, pois, és semelhante em glória e em grandeza entre as árvores do Éden? Todavia, descerás com as árvores do Éden às profundezas da terra; no meio dos incircuncisos, jazerás com os que foram traspassados à espada; este é Faraó e toda a sua pompa, diz o SENHOR Deus.

**32** No ano duodécimo, no duodécimo mês, no primeiro dia do mês, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, levanta uma lamentação contra Faraó, rei do Egito, e dize-lhe:

Foste comparado a um filho de leão entre as nações, mas não passas de um crocodilo nas águas; agitavas as águas, turvando-as com os pés, sujando os rios.

<sup>3</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Estenderei sobre ti a minha rede no meio de muitos povos, que te puxarão para fora na minha rede.

<sup>4</sup> Então, te deixarei em terra; no campo aberto, te lançarei e farei morar sobre ti todas as aves do céu; e se fartarão de ti os animais de toda a terra.

<sup>9</sup> Afligirei o coração de muitos povos, quando se levar às nações, às terras que não conheste, a notícia da tua destruição. <sup>10</sup> Farei que muitos povos fiquem pasmados a teu respeito, e os seus reis tremam sobremaneira, quando eu brandir a minha espada ante o seu rosto; estremecerão a cada momento, cada um pela sua vida, no dia da tua queda.

<sup>11</sup> Pois assim diz o SENHOR Deus: A espada do rei da Babilônia virá contra ti. <sup>12</sup> Farei cair a tua multidão com as espadas dos valentes,

que são todos os mais terríveis dos povos; eles destruirão a soberba do Egito, e toda a sua pompa será destruída.

<sup>13</sup> Farei perecer todos os seus animais ao longo de muitas águas;

<sup>5</sup> Porei as tuas carnes sobre os montes e encherei os vales da tua corpulência.

<sup>6</sup> Com o teu sangue que se derrama, regarei a terra até aos montes, e dele se encherão as correntes.

<sup>7</sup> Quando eu te extinguir, cobrirei os céus e farei enegrecer as suas estrelas; encobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não resplandecerá a sua luz.

<sup>8</sup> Por tua causa, vestirei de preto todos os brilhantes luminares do céu e trarei trevas sobre o teu país, diz o SENHOR Deus.

pé de homem não as turbará, nem as turbarão unhas de animais.

<sup>14</sup> Então, farei assentar as suas águas; e farei correr os seus rios como o azeite, diz o SENHOR Deus.

<sup>15</sup> Quando eu tornar a terra do Egito em desolação e a terra for destituída de tudo que a enchia, e quando eu ferir a todos os que nela habitam, então, saberão que eu sou o SENHOR.

<sup>16</sup> Esta é a lamentação que se fará, que farão as filhas das nações; sobre o Egito e toda sua pompa se lamentará, diz o SENHOR Deus.

<sup>17</sup> Também no ano duodécimo, aos quinze dias do primeiro mês, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>18</sup> Filho do homem, pranteia sobre a multidão do Egito, faze-a descer, e ela e as filhas das nações formosas, às profundezas da terra, juntamente com os que descem à cova.

<sup>19</sup> A quem sobrepujas tu em beleza?

Desce e deita-te com os incircuncisos.

<sup>20</sup> No meio daqueles que foram traspassados à espada, eles cairão; à espada, ele está entregue; arrastai o Egito e a toda a sua multidão. <sup>21</sup> Os mais poderosos dos valentes, juntamente com os que o socorrem, lhe gritarão do além: Desceram e lá jazem eles, os incircuncisos, traspassados à espada.

<sup>22</sup> Ali, está a Assíria com todo o seu povo; em redor dela, todos os seus sepulcros; todos eles foram traspassados e caíram à espada. <sup>23</sup> Os seus sepulcros foram postos nas extremidades da cova, e todo o seu povo se encontra ao redor do seu sepulcro; todos foram traspassados, e caíram à espada os que tinham causado espanto na terra dos viventes.

<sup>24</sup> Ali, está Elão com todo o seu povo, em redor do seu sepulcro; todos eles foram traspassados e caíram à espada; eles, os incircuncisos, desceram às profundezas da terra, causaram terror na terra dos viventes e levaram a sua vergonha com os que desceram à cova. <sup>25</sup> No meio dos traspassados, lhe puseram um leito entre todo o seu povo; ao redor dele, estão os seus sepulcros; todos eles são incircuncisos, traspassados à espada, porque causaram terror na terra dos viventes e levaram a sua vergonha com os que desceram à cova; no meio dos traspassados, foram postos.

<sup>26</sup> Ali, estão Meseque e Tubal com todo o seu povo; ao redor deles, estão os seus sepulcros; todos eles são incircuncisos e traspassados à espada, porquanto causaram terror na terra dos viventes. <sup>27</sup> E não se acharão com os valentes de outrora que, dentre os incircuncisos, caíram e desceram ao sepulcro com as suas próprias armas de guerra e com a espada debaixo da cabeça; a iniquidade deles está sobre os seus ossos, porque eram o terror dos heróis na terra dos viventes.

<sup>28</sup> Também tu, Egito, serás quebrado no meio dos incircuncisos e jazerás com os que foram traspassados à espada.

<sup>29</sup> Ali, está Edom, os seus reis e todos os seus príncipes, que, apesar do seu poder, foram postos com os que foram traspassados à espada; estes jazem com os incircuncisos e com os que desceram à cova.

<sup>30</sup> Ali, estão os príncipes do Norte, todos eles, e todos os sidônios, que desceram com os traspassados, envergonhados com o terror causado pelo seu poder; e jazem incircuncisos com os que foram traspassados à espada e levam a sua vergonha com os que desceram à cova.

<sup>31</sup> Faraó os verá e se consolará com toda a sua multidão; sim, o próprio Faraó e todo o seu exército, pelo que jazerá no meio dos traspassados à espada, diz o SENHOR Deus. <sup>32</sup> Porque também eu pus o meu espanto na terra dos viventes; pelo que jazerá, no meio dos incircuncisos, com os traspassados à espada, Faraó e todo o seu povo, diz o SENHOR Deus.

---

**PANORAMA:** A queda do Egito é narrada aqui por meio de uma alegoria de um grande cedro que foi derrubado. O rei do Egito pensa ser igual a Deus, no entanto, é muito inferior ao rei da Assíria, cujo poder, dignidade e grandeza

eram bem superiores. Não obstante, o rei da Assíria foi totalmente destruído por causa de sua soberba e arrogância. Neste capítulo, vemos que Deus humilha reis soberbos e destrói os seus reinos.

---



**O UNDÉCIMO ANO.** JOHN MAYER: *No undécimo ano, no terceiro mês* (Ez 31.1). O mesmo argumento de ameaça de destruição de Faraó e sua terra é continuado aqui em outra ocasião no mesmo ano, mas três meses depois. Contudo, desta vez, sua grandeza e queda são apresentadas através do exemplo do rei da Assíria. Por causa de sua soberba, ele foi derrubado como um cedro muito alto, e assim o profeta mostra que Faraó não seria poupado. Caso ele não se movesse por aquilo que lhe foi dito anteriormente em termos de denúncia formal, quem sabe o fosse pelo exemplo de seu par, que lhe era bem superior em domínio, e assim se humilhasse e se arrependesse. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>1</sup>

**A QUEM É SEMELHANTE?** WILLIAM GREENHILL: Esta era a pergunta que Ezequiel deveria propor para ele, e era uma pergunta em tom de censura, reprovando-o por sua soberba, arrogância e vã confiança. Como grande parte dos reis, ele tinha muitos aduladores, que o lisonjeavam para que ele se imaginasse maior do que os outros reis, na verdade, tão grande em poder que podia enfrentar o próprio Deus. Consequentemente, o Senhor achou próprio abater-lhe o espírito por meio desta pergunta: “A quem és semelhante na tua grandeza?” O quê! Como a mim? Você está longe disso. Na verdade, você não é nem mesmo comparável a alguns mortais. O que você diz do rei da Assíria? Você é maior e mais forte do que ele? Não. Ele foi muito mais longe do que você em poder, dignidade e grandeza, no entanto, por causa de sua soberba, arrogância e confiança no que tinha, ele foi totalmente destruído. E você, que é inferior, pensa que resistirá e evitará os juízos de Deus quando vierem? Você se engana. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>2</sup>

**DEUS HUMILHA REIS SOBERBOS.** WILLIAM GREENHILL: A soberba e a impiedade são a causa de Deus trazer juízos terríveis sobre reis e seus reinos. Visto que o coração do rei da Assíria se elevou sobremaneira, Deus o entregou nas mãos de um inimigo poderoso e o expulsou por causa de sua impiedade. Quando príncipes ocupam o assento de honra e conseguem juntar grandes

recursos, passam a se considerar grandes, começam a se endeusar e a fazer o que desejam, não se lembram daquele que os exaltou, mas confiam em sua própria força, poder e grandeza, o que abre caminho para sua rápida ruína. Salomão nos diz que uma pessoa não se estabelecerá pela impiedade (Pv 12.13). Em virtude de suas políticas e práticas perversas, reis não podem se estabelecer; sua impiedade os derruba, sua soberba desperta a ira de Deus contra eles (Dn 4.25). É bom que reis e outras pessoas sejam humildes no meio de sua alegria, e a grande abundância que possuem seja levada até aos mais humildes, pois aquele que é de mente humilde é digno de honra e tem Deus ao seu lado. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>3</sup>

### 32.1-32 Uma lamentação contra Faraó

**DESTRUIÇÃO DO EGITO.** JOHN MAYER: Aqui, o profeta prossegue no mesmo argumento. Em primeiro lugar, ele levanta uma lamentação pela terrível destruição do Egito no ano duodécimo, no duodécimo mês, no primeiro dia. Em seguida, diferentemente, ele mostra a destruição do Egito, aos quinze dias do mesmo mês, mencionando outras nações também destruídas, como a Assíria e o Elão, Meseque e Tubal, os príncipes do Norte e Sidom, as quais não somente caíram, mas jazem em covas, sugerindo que continuam desoladas. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>4</sup>

**O TEMPO DA CALAMIDADE.** WILLIAM GREENHILL: Esse não era o tempo de Zedequias, que reinou apenas onze anos. Era o duodécimo ano do cativo de Joaquim, o primeiro dia do duodécimo mês, não muito depois da tomada de Jerusalém e sua destruição pelo fogo. O Senhor entregou essa profecia nessa ocasião para que os judeus deixassem de confiar nos egípcios, tendo eles motivo suficiente para crer que as profecias contra eles se cumpririam, tanto as de Ezequiel como as de Jeremias, pois o mesmo Espírito sopra em ambos.

<sup>1</sup> *Prophets*, 449.

<sup>2</sup> *Exposition*, 650.

<sup>3</sup> *Exposition*, 653-54.

<sup>4</sup> *Prophets*, 449.

...Tempos de calamidades são especialmente notados. Ezequiel registra o ano, o mês e o dia em que o Senhor lhe falou das coisas terríveis que sobreviriam a Faraó e aos egípcios: “No ano duodécimo, no duodécimo mês, no primeiro dia do mês, ele deve levantar uma

lamentação.” Por vezes, os juízos de Deus são permanentes, e a duração deles não pode ser conhecida a menos que se observe o início deles. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Exposition, 656.

### 33.1-33 EZEQUIEL, UM ATALAIA, E JERUSALÉM

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, fala aos filhos de teu povo e dize-lhes: Quando eu fizer vir a espada sobre a terra, e o povo da terra tomar um homem dos seus limites, e o constituir por seu atalaia; <sup>3</sup> e, vendo ele que a espada vem sobre a terra, tocar a trombeta e avisar o povo; <sup>4</sup> se aquele que ouvir o som da trombeta não se der por avisado, e vier a espada e o abater, o seu sangue será sobre a sua cabeça. <sup>5</sup> Ele ouviu o som da trombeta e não se deu por avisado; o seu sangue será sobre ele; mas o que se dá por avisado salvará a sua vida. <sup>6</sup> Mas, se o atalaia vir que vem a espada e não tocar a trombeta, e não for avisado o povo; se a espada vier e abater uma vida dentre eles, este foi abatido na sua iniquidade, mas o seu sangue demandarei do atalaia.

<sup>7</sup> A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da minha boca e lhe darás aviso da minha parte. <sup>8</sup> Se eu disser ao perverso: Ó perverso, certamente, morrerás; e tu não falares, para avisar o perverso do seu caminho, morrerá esse perverso na sua iniquidade, mas o seu sangue eu o demandarei de ti. <sup>9</sup> Mas, se falares ao perverso, para o avisar do seu caminho, para que dele se converta, e ele não se converter do seu caminho, morrerá ele na sua iniquidade, mas tu livraste a tua alma.

<sup>10</sup> Tu, pois, filho do homem, dize à casa de Israel: Assim falais vós: Visto que as nossas prevaricações e os nossos pecados estão sobre nós, e nós desfalecemos neles, como, pois, viveremos? <sup>11</sup> Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Convertet-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?

<sup>12</sup> Tu, pois, filho do homem, dize aos filhos do teu povo: A justiça do justo não o livrará no dia da sua transgressão; quanto à perversidade do perverso, não cairá por ela, no dia em que se converter da sua perversidade; nem o justo pela justiça poderá viver no dia em que pecar.

<sup>13</sup> Quando eu disser ao justo que, certamente, viverá, e ele, confiando na sua justiça, praticar iniquidade, não me virão à memória todas as suas justicas, mas na sua iniquidade, que pratica, ele morrerá. <sup>14</sup> Quando eu também disser ao perverso: Certamente, morrerás; se ele se converter do seu pecado, e fizer juízo e justiça, <sup>15</sup> e restituir esse perverso o penhor, e pagar o furtado, e andar nos estatutos da vida, e não praticar iniquidade, certamente, viverá; não morrerá. <sup>16</sup> De todos os seus pecados que cometeu não se fará memória contra ele; juízo e justiça fez; certamente, viverá.

<sup>17</sup> Todavia, os filhos do teu povo dizem: Não é reto o caminho do Senhor; mas o próprio caminho deles é que não é reto. <sup>18</sup> Desviando-se o justo da sua justiça e praticando iniquidade, morrerá nela. <sup>19</sup> E, convertendo-se o perverso da sua perversidade e fazendo juízo e justiça, por isto mesmo viverá. <sup>20</sup> Todavia, vós dizeis: Não é reto o caminho do Senhor. Mas eu vos julgarei, cada um segundo os seus caminhos, ó casa de Israel.

<sup>21</sup> No ano duodécimo do nosso exílio, aos cinco dias do décimo mês, veio a mim um que tinha escapado de Jerusalém, dizendo: Caiu a cidade. <sup>22</sup> Ora, a mão do SENHOR estivera sobre mim

*pela tarde, antes que viesse o que tinha escapado; abrira-se-me a boca antes de, pela manhã, vir ter comigo o tal homem; e, uma vez aberta, já não fiquei em silêncio.*

<sup>23</sup> Então, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>24</sup> Filho do homem, os moradores destes lugares desertos da terra de Israel falam, dizendo: Abraão era um só; no entanto, possuiu esta terra; ora, sendo nós muitos, certamente, esta terra nos foi dada em possessão. <sup>25</sup> Dize-lhes, portanto: Assim diz o SENHOR Deus: Comeis a carne com sangue, levantai os olhos para os vossos ídolos e derramais sangue; porventura, haveis de possuir a terra? <sup>26</sup> Vós vos estribais sobre a vossa espada, cometeis abominações, e contamina cada um a mulher do seu próximo; e possuireis a terra? <sup>27</sup> Assim lhes dirás: Assim diz o SENHOR Deus: Tão certo como eu vivo, os que estiverem em lugares desertos cairão à espada, e o que estiver em campo aberto, o entregarei às feras, para que o devorem, e os que estiverem em fortalezas e em cavernas morrerão de peste. <sup>28</sup> Tornarei a terra em desolação e espanto, e será humilhado o orgulho do seu poder; os montes de Israel ficarão tão desolados que ninguém passará por eles. <sup>29</sup> Então, saberão que eu sou o SENHOR, quando eu tornar a terra em desolação e espanto, por todas as abominações que cometeram.

<sup>30</sup> Quanto a ti, ó filho do homem, os filhos do teu povo falam de ti junto aos muros e nas portas das casas; fala um com o outro, cada um a seu irmão, dizendo: Vinde, peço-vos, e ouvi qual é a palavra que procede do SENHOR. <sup>31</sup> Eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois, com a boca, professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro. <sup>32</sup> Eis que tu és para eles como quem canta canções de amor, que tem voz suave e tange bem; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra. <sup>33</sup> Mas, quando vier isto e aí vem, então, saberão que houve no meio deles um profeta.

**PANORAMA:** Os capítulos contra as nações se encerraram e Ezequiel se volta novamente para os judeus. Com este capítulo, começa a terceira divisão principal de Ezequiel, que vai até Ezequiel 39. Ezequiel 33 começa uma descrição de um atalaia designado por Deus para falar sua palavra e advertir o seu povo. É dada também uma palavra de precaução contra alguns atalaias que são infiéis em seu chamado e, por essa razão, são atalaias ou profetas falsos.

A seção intermediária do capítulo traz à tona a maior parte das observações e desacordos entre os nossos comentaristas. O que Deus quer dizer quando declara que ele não tem prazer na morte do perverso? (Ez 33.11). A pergunta toca imediatamente no ensino da predestinação e indaga se Deus predestina os réprobos assim como os eleitos. Os calvinistas dizem sim; os luteranos, não.

O capítulo termina com a notícia da destruição de Jerusalém. Aquilo que Ezequiel profetizou aconteceu. Agora, o profeta dirige suas palavras àqueles que escaparam da destruição da cidade. Essas pessoas permanecem em sua

hipocrisia e pecado. Elas ainda mantinham a vã confiança de que possuiriam a terra.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** WILLIAM GREENHILL: Tendo encerrado sua profecia contra as nações em oito capítulos, Ezequiel 25–32, formando a segunda parte geral de toda a sua profecia, mais uma vez nosso profeta volta a profetizar aqui aos judeus e começa a terceira parte geral de sua profecia, que vai até o final de Ezequiel 39. Neste capítulo, estas coisas são afirmadas: uma renovação do chamado do profeta para o seu ofício, com a descrição do mesmo (Ez 33.1-9); uma confirmação do profeta contra as calúnias dos judeus (Ez 33.10-20); uma denúncia de juízo contra aqueles que não foram atingidos na tomada de Jerusalém (Ez 33.21-29); uma censura daqueles que eram cativos na Babilônia, por sua hipocrisia e avareza (Ez 33.30-33). UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**QUATRO PARTES DO CAPÍTULO.** JAKOB RAUPIUS: Há quatro partes neste capítulo. A pri-

<sup>1</sup> *Exposition*, 663.

meira parte é uma parênese. Aqui, Deus exorta o profeta a permanecer fiel no meio do povo ímpio. A segunda parte é apologética. Deus se defende contra a acusação dos judeus. A terceira é profética, que prediz a destruição vindoura dos judeus em Jerusalém. A quarta parte é histórica, narrando a hipocrisia do povo no tempo em que Ezequiel vivia no meio dele. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

### 33.1-9 *Atalaia*

**O OFÍCIO DE ATALAIÁ.** WILLIAM GREENHILL: Ezequiel 33.6 apresenta o ofício do atalaia, que é: (1) Observar diligentemente ao seu redor, se há algum perigo se aproximando, algum inimigo nas imediações, vindo para invadir ou atacar a terra. (2) Nesse caso, ele deve, imediatamente, tocar a trombeta e advertir por meio dela, incitando todos a cuidarem da segurança pública. O toque da trombeta era uma advertência para as pessoas cuidarem de si mesmas. Mas essa advertência não era apenas pelo som da trombeta, mas também pela voz do atalaia, pois, tendo tocado a trombeta diante da descoberta e aproximação de um inimigo, o atalaia devia defender a própria vida e liberdade, voltando ao seu povo, e, então, convocá-lo para que a segurança pública fosse providenciada.

...Nem todo atalaia é fiel. Alguns são sonolentos e descuidados; não percebem a aproximação da espada. Alguns são desleais; observam sua aproximação, mas não tocam a trombeta. Eles não avisam as pessoas e o que acontece? Aqui se declara a punição de um atalaia infiel. Por causa de sua sonolência, negligência ou deslealdade, uma alma é tirada, uma pessoa é morta pelo adversário, a qual, se o atalaia desse o alerta, poderia ter vivido. E assim, por ter deixado de fazê-lo, ele é culpado do sangue da pessoa e deve responder por isso, das suas mãos, Deus o requererá. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**O ATALAIÁ.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Os atalaias do povo... são designados para chamar os ímpios de seus pecados e pregar o arrependimento, como o machado posto à raiz das árvores. O principal pecado das pessoas é que elas

não deram ouvidos aos profetas que Deus enviou aos seus antepassados, em vez disso, elas os baniram. Deus, o Pai, nos ordena a dar ouvidos a Cristo (Mt 17.5), pois fora do conhecimento de Cristo não há nada senão hipocrisia e impiedade – qualquer que seja o nome da religião. De fato, como diz Paulo: “A justiça de Deus se revela de fé em fé. O justo viverá por fé. Pois a ira de Deus se revela contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (Rm 1.17-18). COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**FALSOS PROFETAS.** JOHANN GERHARD: Cada cristão deve estar alerta contra os falsos profetas. Em primeiro lugar e acima de tudo, os mestres da igreja devem estar em alerta e advertir os ingênuos contra os falsos profetas. Foi por essa razão que o Senhor Deus colocou os mestres como pastores e atalaias (At 20.28; Ez 3.17). Se um pastor deixa suas fracas e incautas ovelhas caírem nas garras do lobo, é justo que se demande a ovelha desse pastor infiel. *Mas, se o atalaia vir que vem a espada e não tocar a trombeta, e não for avisado o povo; se a espada vier e abater uma vida dentre eles, este foi abtido na sua iniquidade, mas o seu sangue demandarei do atalaia* (Ez 33.6). Assim, Deus demandará as almas dos discípulos de seus mestres. Aqueles que, em seu silêncio e negligência, são seduzidos pelos falsos mestres terminarão em eterna destruição. POSTILLA.<sup>5</sup>

### 33.10-20 *Deus e a morte dos ímpios*

**PUNIÇÃO DOS ÍMPIOS.** RICHARD BAXTER: É motivo de surpreendente espanto para muitas pessoas, e também para mim, ler na Escritura sagrada que poucos serão salvos, e que a maior parte, mesmo daqueles que são chamados, ficará eternamente excluída do reino do céu e será atormentada com os demônios no fogo eterno. Os infiéis não acreditam nisso quando leem a respeito e, por isso, devem se ressentir disso.

<sup>2</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 244.

<sup>3</sup> *Exposition*, 664.

<sup>4</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 157.

<sup>5</sup> *Postilla* 1:89.

Aqueles que creem nisso são constrangidos a clamar com Paulo: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11.32). Mas a própria natureza nos ensina a atribuir a responsabilidade pelas obras más àqueles que as praticaram; portanto, quando vemos alguma coisa abominável sendo praticada, um princípio de justiça nos leva a perguntar quem a praticou, para que a maldade da obra retribua o mal da vergonha ao autor... De fato, é confessado por todos que Satanás é a causa, mas isso não resolve a dúvida porque ele não é a causa principal. Ele não obriga as pessoas a pecar, mas as incita a isso e deixa à vontade delas, se vão fazer isso ou não. Ele não leva as pessoas a um bar nem as força a abrir a boca e se embriagar; nem as prende para que elas faltem ao culto divino; nem força o coração delas a se afastar de pensamentos santos. Portanto, a questão é entre Deus e o pecador: um deles deve ser a causa principal de toda esta miséria, qualquer que seja ela; pois não há mais ninguém em quem se possa lançar a culpa. E Deus nega que seja dele. Ele não a tomará para si. E os ímpios geralmente a negam, e não a tomam para si. Essa é a controvérsia aqui tratada neste texto (Ez 33.11). UM CHAMADO AOS NÃO CONVERTIDOS.<sup>6</sup>

#### SERÁ QUE DEUS DESEJA A MORTE DO ÍMPIO?

JOÃO CALVINO: Mas nossos oponentes costumam citar, em oposição, umas poucas passagens da Escritura, nas quais Deus parece negar que os ímpios pereçam por sua ordenação, senão que eles mesmos, deliberadamente, trazem morte sobre si, contra o querer de Deus... Uma das passagens apresentadas é a de Ezequiel de que “Deus não deseja a morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva” (Ez 33.11). Se agrada a Deus estender isso a toda a raça humana, por que razão ele não encoraja ao arrependimento os muitos cuja mente é mais sensível à obediência do que a mente daqueles que mais e mais se endurecem ante seus convites diários? Entre o povo de Nínive e de Sodoma, como Cristo testifica, a pregação do evangelho e os milagres teriam realizado mais

do que na Judeia. Se Deus deseja que todos sejam salvos, como então ele não abre a porta do arrependimento aos pobres miseráveis que estariam mais preparados para receber a graça? Daqui podemos ver que essa passagem é violentamente torcida se a vontade de Deus, mencionada pelo profeta, é oposta ao seu plano eterno, pelo qual ele distinguiu os eleitos dos réprobos. Agora, se estamos procurando o verdadeiro sentido do profeta, é que ele quer assegurar a esperança do perdão somente aos que se arrependem. Resumindo: não resta dúvida de que Deus esteja pronto para perdoar, tão logo o pecador se arrependa. Por conseguinte, tanto quanto Deus deseja o arrependimento do pecador, ele não deseja a sua morte. Mas a experiência ensina que Deus deseja o arrependimento daqueles a quem convida a si, de tal maneira que ele não toca o coração de todos. Entretanto, não se deve por isso dizer que ele age enganosamente, pois embora o seu chamado externo deixe apenas inexcusáveis aqueles que o ouvem e não obedecem, todavia, é verdadeiramente considerado evidência da graça de Deus, pela qual ele reconcilia as pessoas a si mesmo. Portanto, consideremos a instrução do profeta, de que a morte do pecador não é agradável a Deus, cujo objetivo é assegurar aos crentes que Deus está pronto a perdoá-los tão logo eles sejam tocados de arrependimento, e fazer com que os ímpios sintam que sua transgressão é dobrada por eles não responderem à grande clemência e benignidade de Deus. INSTITUTAS DA RELIGIÃO CRISTÃ.<sup>7</sup>

DEUS E OS ÍMPIOS. THOMAS MANTON: Deus não é a causa da destruição de uma pessoa, mas se ela não é convertida e salva, é por sua própria falta. As pessoas são inclinadas a acusar Deus de forma insensata, isso se vê nesta admoestação: “A tua ruína, ó Israel, vem de ti, e só de mim, o teu socorro” (Os 13.9). Porém, mais expressamente aqui: “A estultícia do homem perverte o seu caminho, mas é contra o Senhor que o seu coração se ira” (Pv 19.3). No entanto, a culpa não pode estar em Deus; ele faz tudo

<sup>6</sup> *Practical Works* 2:508.

<sup>7</sup> *Inst.* 2:982-83.

o que parece próprio de se fazer como legislador e governador do mundo. Não há nenhuma deficiência da sua parte. “Que mais se podia fazer ainda à minha vinha, que eu lhe não tenha feito? E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas?” (Is 5.4). Do começo ao fim podemos pleitear a causa de Deus com vocês. Deus fez os homens retos, deu-lhes uma lei justa, a qual foi quebrada, mas, para que todas as esperanças não morressem, ele enviou seu Filho (Rm 8.3) para ser o fundamento de um novo pacto. A vocês ele ofereceu graça nele, perdão de todos os pecados passados, prometeu ajudar-lhes no caminho da obediência em todo o tempo. Ele os moveu por meio de argumentos poderosos, não por considerações inferiores e baratas, mas por aquelas da maior relevância, as alegrias do céu, os tormentos do inferno. Ele os chamou muitas vezes pelos ministros, bateu na porta de seu coração, bem como de seus ouvidos, por seu Espírito. Por muitos anos, ele esperou pela reforma de vocês, provou vocês pelas misericórdias, se elas os enterneceriam, pelas aflições, se elas os reduziriam a um sentido do seu dever. Mas tudo isso não adiantou; contudo, vocês ainda estão vivos e esses meios continuaram. O que mais Deus vai fazer? Por que vocês agora não estão convertidos? Outros são tratados pelos mesmos meios e se convertem ao Senhor, entram pela porta estreita e moldam o seu desejo para andar no caminho estreito. Eles não têm ofertas mais ricas, mais acessíveis ou mais extraordinárias. Deus não lhes falou de um inferno mais quente ou de um céu melhor, ou de outro evangelho. Deus fala a vocês e a eles nos mesmos termos, com a mesma graça e favor, e deixa a porta aberta o suficiente para se entrar. Por que vocês não se convertem? Será que Deus removeu todas as esperanças de vocês e lhes falou que o seu arrependimento não lhes trará bem algum? Não; certamente a falta está na obstinação e na impenitência de vocês. **SERMÕES SOBRE EZEQUIEL.**<sup>8</sup>

#### DEUS NÃO DESEJA A MORTE DO PECADOR.

JOHANN GERHARD: Os calvinistas ensinam que Adão caiu no pecado pela soberana vontade e decreto do Senhor Deus. Isso é contrário à

Escritura, que declara que o Senhor Deus criou Adão à sua própria semelhança, solenemente o proibiu de comer do fruto da árvore do bem e do mal e o puniu por sua queda. Por isso, no catecismo chamamos Deus de “Pai”. Mas não seria um coração paternal e verdadeiro que, com pleno conhecimento e propósito, levaria seus filhos à destruição. Isso também vai contra a glória de Deus, pois é misericórdia cruel empobrecer uma pessoa a fim de, mais tarde, fazer-lhe bem.

Os calvinistas ensinam que, desde toda a eternidade, o conselho do Senhor Deus tem sido levar milhares de pessoas à condenação, pessoas a quem ele nunca amou, por quem Cristo não morreu e a quem ele não quis converter por sua Palavra. Isso é contrário à Escritura, que declara que o Senhor Deus assegurou por juramento que ele não deseja a morte do pecador (Ez 33.11). E nosso catecismo ensina que Cristo enviou seus discípulos a todo o mundo para pregar o evangelho a toda criatura. Pois o evangelho oferece a todos os benefícios de Cristo, e em seus benefícios, a graça de Deus, e, na graça de Deus, a salvação eterna.

Este ensino também retira a glória da verdade de Deus, como se em sua Palavra ele proclamasse algo diferente do que ele determinou desde a eternidade. Esse ensino também priva as pessoas de toda a consolação, pois como pode uma pessoa ter consolação se em seu coração ela começa a imaginar se não estaria consignada à grande multidão daqueles condenados por Deus através de seu decreto imutável? **POSTILLA.**<sup>9</sup>

**DEUS TEM PRAZER NA CONVERSÃO DO PECADOR.** WILLIAM GREENHILL: Ora, aqui se diz: Deus não tem prazer na morte do perverso. Essa não é uma negação absoluta, negando totalmente que Deus pudesse ter prazer na morte, na morte da humanidade pecaminosa e perversa, ou na morte de qualquer pessoa pecaminosa. Pois Deus teve prazer na destruição do Faraó e seu exército no mar Vermelho, o que Moisés

<sup>8</sup> Manton, *Works* 21:471-72.

<sup>9</sup> *Postilla* 2:93-94.

mostra... As palavras não devem ser interpretadas como uma negação absoluta, mas comparativa, desta maneira: eu tenho prazer em que o perverso se converta de seus caminhos, mais do que em sua morte. Ou: é mais agradável para mim que um perverso se converta e viva do que ele permanecer perverso e morrer...

Em qualquer situação que estejam, os pecadores não têm motivo algum para desanimar ou desesperar da misericórdia para se converterem de seus maus caminhos. Sejam eles grandes pecadores, antigos pecadores, pecadores sob juízo, prestes a serem destruídos e mortos pelas mãos de inimigos, como estes estavam, no entanto, se eles se converterem de seus pecados, há esperança para eles. Pois Deus tem prazer antes em sua conversão e salvação do que em sua morte e destruição: “Não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva.” UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

**CONVERTEI-VOS A DEUS.** THOMAS MANTON: Consideremos o que é essa conversão... Entenderemos isso por três proposições que contêm toda a soma da fé cristã. (1) Que Deus é o bem maior e último da humanidade; e, a menos que ele seja tal para cada um de nós, não podemos ser salvos (Sl 4.6-7). (2) Que não há como vir a Deus e gozá-lo eternamente senão por intermédio de Cristo (Jo 14.6). (3) Não há outro modo de se desfrutar de comunhão com Cristo senão em um processo constante e uniforme de santidade e obediência (1Jo 1.6-7; Hb 12.14). Portanto, essa conversão para podermos viver eternamente consiste em três coisas: uma conversão da criatura para Deus; do eu para Cristo; e do pecado para a santidade. E aqui jaz a grande obra da graça. SERMÕES SOBRE EZEQUIEL.<sup>11</sup>

**MAS EU NÃO POSSO ME CONVERTER.** RICHARD BAXTER: Objeção: Mas não podemos nos converter a não ser que Deus nos converta; nada podemos fazer sem a sua graça. Não depende de quem quer ou de quem corre, mas de Deus que tem misericórdia. Resposta: Deus tem dois graus de misericórdia para mostrar: primeiro, a misericórdia da conversão; por último, a

misericórdia da salvação. A última ele dará apenas àqueles que querem e correm, e a prometeu apenas a esses. A primeira é para que as pessoas que não querem passem a querer; e embora a sua disposição e os seus esforços não mereçam a graça de Deus, todavia a sua deliberada recusa merece que ela lhe seja negada. A sua inaptidão é a sua própria relutância, que não lhe escusa de seu pecado, mas o torna maior. Você poderia converter-se, se apenas estivesse realmente deseioso; mas se os seus próprios desejos estão tão corrompidos que nada, senão a graça eficaz, pode movê-los, você tem mais motivos para procurar essa graça, entregar-se a ela, fazer aquilo que pode no uso dos meios e não negligenciá-la ou colocar-se contra ela. Faça primeiro aquilo que pode e, então, queixe-se diante de Deus por negar-lhe graça, se você tiver motivo.

Objeção: Mas você parece sugerir, todo esse tempo, que as pessoas têm livre-arbítrio. Resposta: A disputa sobre o livre arbítrio está além da sua capacidade; portanto, não vou agora aborrecê-lo com mais coisas além desta sobre o assunto. A sua vontade, naturalmente, é uma faculdade livre, ou seja, autodeterminada, mas ela é corruptamente inclinada e relutante em fazer o bem; por essa razão, vemos por triste experiência que ela não possui uma liberdade virtuosa, moral. Mas essa é a perversidade dela que merece a punição. E eu lhe peço encarecidamente: não nos deixemos enganar com opiniões. Pense você num caso pessoal. Tendo você um inimigo tão maligno que o ataca e agride toda vez que o encontra, e tira a vida de seus filhos, você o desculparia por ele lhe dizer: “Eu não tenho livre-arbítrio, é a minha natureza, não tenho escolha, a não ser que Deus me dê graça?” Se você tem um empregado que lhe rouba, você admitiria tal resposta dele? Poderia um ladrão ou homicida que é enforcado dar tal resposta no seu julgamento: “Eu não tenho livre-arbítrio, não posso mudar meu coração. O que posso fazer sem a graça de Deus?” Serão eles, assim, inocentados? Se não, por que motivo, então, você deve pensar que será inocentado por uma trajetória

<sup>10</sup> *Exposition*, 668-69.

<sup>11</sup> Manton, *Works* 21:476.

de pecado contra o Senhor? UM CHAMADO AOS NÃO CONVERTIDOS.<sup>12</sup>

#### A PROMESSA CONFORTADORA DE DEUS.

JOHANN GERHARD: Devemos conduzir o coração para Ezequiel 33.11 e fortalecer nossa fé com sua promessa universal: *Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso...* Nossa fé deve se prender nessa palavra de promessa e confiar nela mais que nos pensamentos do coração. Essa promessa, por ser divina, nunca falha. No entanto, os pensamentos do nosso coração muitas vezes nos traem. Nossa fé deve se agarrar à palavra dessa promessa universal como um bebê se apegua ao peito de sua mãe. Assim, nossa alma ficará calma, cheia e farta. POSTILLA.<sup>13</sup>

#### 33.21-33 A queda de Jerusalém

A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM. JOHN MAYER: Em Ezequiel 33.1-21, é dito novamente ao profeta que ele foi constituído por atalaia para a casa de Israel, como em Ezequiel 3, e lhe foi ordenado que falasse como havia feito anteriormente em Ezequiel 18. Em Ezequiel 33.21, é mostrado como aquilo que foi dito anteriormente (Ez 24.27) foi nele cumprido na vinda de alguém de Jerusalém no ano duodécimo, no décimo mês, no quinto dia, contando-lhe da destruição de Jerusalém. Sua boca estava novamente aberta agora, depois de ficar um longo tempo em silêncio para falar aos judeus, ou seja, quase três anos, como se pode ver pela comparação do tempo aqui mencionado com Ezequiel 24.1. E o que diz ele, agora que sua boca está aberta para falar a Israel? Que, por causa dos seus pecados, nos quais persistiam, certamente, aqueles que ainda habitavam na devastação de Judá também seriam levados dali. Toda a terra ficaria desolada, embora eles pensassem que, sendo muitos em comparação com Abraão, que era só um, ainda teriam permissão para ali habitar. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>14</sup>

A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM. WILLIAM GREENHILL: Temos aqui a terceira parte geral do capítulo, a qual focaliza uma denúncia de juízo contra aqueles que escaparam da destruição de Jerusalém... Muitos pereceram em Jerusalém por causa da fome e da praga no tempo do cerco; muitos foram mortos na tomada da cidade, no entanto, alguns escaparam, e é provável que tenham se escondido em covas e florestas, entre os montes, ou tenham fugido para o Egito. Um deles, após muito tempo, a saber, um ano, cinco meses e dezesseis dias, veio a Ezequiel e lhe contou que a cidade foi derrotada. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>15</sup>

OS PECADOS DE JERUSALÉM. JOHN MAYER: Finalmente, Ezequiel conclui o capítulo expondo a hipocrisia grosseira do povo, no meio do qual ele vivia. Eles falavam e concordavam em vir e ouvir a palavra de Deus proferida pelo profeta, e assim faziam, entretanto, por terem o coração voltado para a cobiça, Deus censura isso como uma conspiração contra o profeta e uma desonra feita a ele. E assim são todos aqueles que, atualmente, fingem zelo para com a palavra, que vêm ouvi-la com frequência, porém, a despeito disso, são mundanos e desprezíveis. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>16</sup>

RAZÕES PELAS QUAIS JERUSALÉM CAIU. WILLIAM GREENHILL: Estas palavras contêm as causas que serviram de ocasião e motivo para Deus proferir juízo contra os judeus que escaparam da espada babilônica, quando da conquista de Jerusalém. O que levou Deus a ameaçá-los de destruição foi a vã confiança deles de que ainda possuiriam a terra (Ez 33.24); o que levou Deus a destruí-los foram os seus pecados aqui mencionados (Ez 33.25-26). UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>17</sup>

<sup>12</sup> *Practical Works* 2:533.

<sup>13</sup> *Postilla* 1:236.

<sup>14</sup> *Prophets*, 450.

<sup>15</sup> *Exposition*, 673.

<sup>16</sup> *Prophets*, 450.

<sup>17</sup> *Exposition*, 674.



## 34.1-31 PASTORES E OVELHAS

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? <sup>3</sup> Comeis a gordura, vestis-vos da lã e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. <sup>4</sup> A fraca não fortalecestes, a doente não curastes; a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza. <sup>5</sup> Assim, se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo. <sup>6</sup> As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todo elevado outeiro; as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure ou quem as busque.

<sup>7</sup> Portanto, ó pastores, ouvi a palavra do SENHOR: <sup>8</sup> Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, visto que as minhas ovelhas foram entregues à rapina e se tornaram pasto para todas as feras do campo, por não haver pastor, e que os meus pastores não procuram as minhas ovelhas, pois se apascentam a si mesmos e não apascentam as minhas ovelhas, – <sup>9</sup> portanto, ó pastores, ouvi a palavra do SENHOR: <sup>10</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu estou contra os pastores e deles demandarei as minhas ovelhas; porei termo no seu pastoreio, e não se apascentarão mais a si mesmos; livrarei as minhas ovelhas da sua boca, para que já não lhes sirvam de pasto.

<sup>11</sup> Porque assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei. <sup>12</sup> Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; livrá-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e de escuridão. <sup>13</sup> Tirá-las-ei dos povos, e as congregarei dos diversos países, e as introduzirei na sua terra; apascentá-las-ei nos montes de Israel, junto às correntes e em todos os lugares habitados da terra. <sup>14</sup> Apascentá-las-ei de bons pastos, e nos altos montes de Israel será a sua pastagem; deitar-se-ão ali em boa pastagem e terão pastos bons nos montes de Israel. <sup>15</sup> Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei repousar, diz o SENHOR Deus. <sup>16</sup> A perdida buscarei, a desgarrada tornarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei; mas a gorda e a forte destruirei; apascentá-las-ei com justiça.

<sup>17</sup> Quanto a vós outras, ó ovelhas minhas, assim diz o SENHOR Deus: Eis que julgarei entre ovelhas e ovelhas, entre carneiros e bodes. <sup>18</sup> Acaso, não vos basta a boa pastagem? Haveis de pisar aos pés o resto do vosso pasto? E não vos basta o terdes bebido as águas claras? Haveis de turvar o resto com os pés? <sup>19</sup> Quanto às minhas ovelhas, elas pastam o que haveis pisado com os pés e bebem o que haveis turvado com os pés.

<sup>20</sup> Por isso, assim lhes diz o SENHOR Deus: Eis que eu mesmo julgarei entre ovelhas gordas e ovelhas magras. <sup>21</sup> Visto que, com o lado e com o ombro, dais empurrões e, com os chifres, impelis as fracas até as espalhardes fora, <sup>22</sup> eu livrarei as minhas ovelhas, para que já não sirvam de rapina, e julgarei entre ovelhas e ovelhas. <sup>23</sup> Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor. <sup>24</sup> Eu, o SENHOR, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o SENHOR, o disse.

<sup>25</sup> Farei com elas aliança de paz e acabarei com as bestas-feras da terra; seguras habitarão no deserto e dormirão nos bosques. <sup>26</sup> Delas e dos lugares ao redor do meu outeiro, eu farei bênção; farei descer a chuva a seu tempo, serão chuvas de bênçãos. <sup>27</sup> As árvores do campo darão o seu fruto, e a terra dará a sua novidade, e estarão seguras na sua terra; e saberão que eu sou o SENHOR, quando eu quebrar as varas do seu jugo e as livrar das mãos dos que as escravizavam. <sup>28</sup> Já não servirão de rapina aos gentios, e as feras da terra nunca mais as comerão; e habitarão seguramente, e ninguém haverá que as espante. <sup>29</sup> Levantar-lhes-ei plantação memorável, e nunca mais serão consumidas pela fome na terra, nem mais levarão sobre si o opróbrio dos gentios. <sup>30</sup> Saberão, porém, que eu, o SENHOR, seu Deus, estou com elas e que elas são o meu povo, a casa de

*Israel, diz o SENHOR Deus. <sup>31</sup> Vós, pois, ó ovelhas minhas, ovelhas do meu pasto; homens sois, mas eu sou o vosso Deus, diz o SENHOR Deus.*

**PANORAMA:** Agora, Ezequiel dirige suas palavras contra os pastores de Israel. Ele relata os pecados dos pastores. Eles buscavam os próprios interesses e negligenciavam o cuidado do povo. Esses pastores eram tanto políticos como eclesiásticos. Eram eles os príncipes e os governantes, os sacerdotes e os profetas. Eles deviam alimentar o povo com a palavra de Deus. mas, em vez disso, permitiam que passasse fome e conduziam-no à destruição.

O capítulo termina com esperança e conforto. Deus congregará suas ovelhas dispersas na igreja e as alimentará com a sua palavra e os sacramentos. Aqui nos é fornecida uma descrição do ofício pastoral. O pastor fiel, o guia fiel, deve alimentar as ovelhas a ele confiadas, deve cuidar delas e encorajá-las. Deus promete levantar um único Pastor, que é Cristo, descrito sob a figura de Davi. Aqueles que interpretam essa profecia do único pastor como sendo Zorobabel estão errados. O capítulo termina com uma discussão da plantação memorável. Alguns interpretam isso como se referindo a Cristo; outros veem uma referência dupla a Cristo e à igreja.

**RESUMO DO CAPÍTULO. WILLIAM GREENHILL:** Tendo reprovado e ameaçado o povo com os juízos de Deus, por conta de seus pecados, neste capítulo Ezequiel passa a tratar com os governantes e regentes do povo, por cujas faltas o povo se tornou tão perverso e sofreu o jugo babilônico. Neste capítulo, há estes assuntos a serem considerados: censura aos pastores e juízos anunciados contra eles (Ez 34.1-10); o cuidado de Deus e sua provisão consoladora para seu rebanho (Ez 34.11-22); uma profecia graciosa de Cristo e seu reino, sob a figura de Davi (Ez 34.23-31). UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

### 34.1-10 Os pastores de Israel

**OS PASTORES DE ISRAEL. MARTINHO LUTERO:** “Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, vesti-vos da lã e degolais

o cevado...” e assim por diante (Ez 34.2-6). Deus reprova os pastores que não cuidam das ovelhas. E agora marquem bem o que ele escreveu. Sua intenção sincera neste parágrafo é que as fracas, as enfermas, as quebradas, aquelas que estão dispersas e perdidas, sejam fortalecidas, ligadas, curadas e novamente buscadas, e que elas não venham a ser despedaçadas e dispersas. Vocês deveriam ter feito isso, diz ele aos pastores, mas não o fizeram; portanto, eu mesmo o farei. Como diz ele mais adiante, no versículo 16: “A perda buscarei, a desgarrada tomarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei.”

Aqui você vê que o reino de Cristo deve se preocupar com a fraca, a enferma, a quebrada, para que ele as ajude. Essa é, realmente, uma declaração confortadora. O único problema é que nós não compreendemos nossas necessidades e fraquezas. Se as compreendêssemos, logo nos refugiaríamos nele. Mas como agiram aqueles pastores? Eles governaram com rigor e aplicaram a Lei de Deus com grande severidade; além disso, acrescentaram os seus próprios mandamentos, como eles ainda o fazem, e, quando esses não são cumpridos, eles se enfurecem e passam a condenar, de modo que passam a empurrá-las mais e mais, exortando e exigindo, continuamente. Essa não é a maneira certa de pastorear e guardar as almas, diz Cristo. Ele não é um pastor desse tipo; pois ninguém se aproveita delas, mas antes é totalmente arruinado em virtude desse tipo de conduta, como ouviremos hoje. SERMÃO SOBRE JOÃO 10.<sup>2</sup>

**OS FALSOS PROFETAS DE ISRAEL. JOHN MAYER:** Aqui, o profeta censura os falsos profetas de Israel chamando-os de pastores, porém, eles são maus pastores (cf. Jr 23). Entretanto, aquilo que Jeremias falou brevemente sobre eles é apresentado aqui de forma mais ampla.

Ele revela a perversidade deles. (1) Eles comiam a gordura e se vestiam da lã, ou seja,

<sup>1</sup> *Exposition*, 681.

<sup>2</sup> CSML 2.1, 21-22 (WA 12:531-532).

tiravam em abundância para sua manutenção, contudo, não trabalhavam, antes pelo contrário, matavam as ovelhas e não as apascentavam, o que é feito quando ministram a elas não o leite genuíno da palavra, mas em seu lugar o veneno da doutrina falsa e errada. (2) Eles não curavam a enferma e doente, nem ligavam a quebrada, ou seja, não buscavam a conversão de pecadores, que eram como pessoas enfermas e doentes, para as quais o Senhor diz: *Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes*. Nem confortavam consciências aflitas por causa de seus pecados. (3) Eles não buscavam a perda, ou seja, não procuravam trazer ao rebanho as que estavam fora, desgarradas pelo engano de hereges que as seduziam e faziam com que se separassem da igreja, ou por sua profanação, fazendo com que elas negligenciassem a ida a esse lugar. (4) *Eles dominavam sobre elas com rigor e dureza*, ou seja, não procurando ganhá-las por meio de exortações e da persuasão amorosa, mas endurecendo o coração delas por seu procedimento agressivo.

Dessa forma, ele mostra que elas estavam dispersas porque não tinham pastor. Isto é, embora tivessem muitos, todavia não tinham ninguém para lhes fazer como foi dito anteriormente e, por essa negligência dos pastores que buscavam o próprio bem e não o do rebanho, elas se tornaram tão cheias de pecado que, por isso, seus inimigos foram trazidos contra elas, os quais as levaram para o cativeiro em outras terras para sua indescritível miséria. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>3</sup>

**AS CARACTERÍSTICAS DE UM PASTOR.** WILLIAM GREENHILL: Os pastores de Israel eram os principais governantes, tanto políticos como eclesiásticos, príncipes, magistrados, profetas, sacerdotes e levitas... Todos são chamados pastores porque tinham a função de governar, proteger, prover para o povo e apascentá-lo... Aqui estava o seu pecado: eles se apascentavam a si mesmos e não o rebanho. Aqueles que são pastores no estado ou na igreja são estabelecidos para o bem do povo, para o seu benefício e vantagem. Eles não devem buscar o próprio bem, retirando do povo o que puderem para se en-

grandecerem. Eles devem se contentar com o seu subsídio e se dedicar de forma inteira e completa para o bem dos que lhes foram confiados. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**O FRACASSO DOS PASTORES DE ISRAEL.** JAKOB RAUPIUS: *A fraca não fortaleceste*, porque vós não a fortaleceste, e então, *a doente não curastes*. Para ele, a fraca são os membros que estão aflitos por alguma coisa; a doente são aqueles cujo corpo sadio foi acometido pela enfermidade. *A quebrada não ligastes, a desgarrada*, aqueles abandonados numa caverna, numa vala ou em alguma cavidade profunda no chão, *não tornastes a trazer e a perdida*, os depravados espiritualmente, *não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor*, impetuosamente, energeticamente, violentamente, veja Juizes 8.1, e *dureza*, asperamente ou rudemente. Em Êxodo 5.13-14, Moisés usa quase as mesmas palavras para descrever os tiranos egípcios contra os israelitas. Assim, Deus indica aqui que os pastores de Israel não são melhores que os tiranos egípcios, quando o assunto é o cuidado das ovelhas. Eles estão tão distantes de seu ofício quanto podem estar. Em vez de misericórdia, gentileza, prontidão e tolerância, usadas especialmente no cuidado dos fracos, eles reivindicam para si mesmos um domínio cruel e violento. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**FORTALECER A FRACA.** MARTINHO LUTERO: As ovelhas fracas devem ser fortalecidas (v. 4), ou seja, consciências fracas na fé e perturbadas no espírito e de disposição sensível não devem ser conduzidas e tratadas desta maneira: Você deve fazer isto. Você deve ser forte. Se você é fraco, está perdido. Isso não é fortalecer a fraca... Portanto, elas não devem ser conduzidas com rigor, mas devem ser confortadas, por serem fracas, para que não sejam levadas a desespero; e, no devido tempo, elas se fortalecerão. SERMÃO SOBRE JOÃO 10.<sup>6</sup>

<sup>3</sup> *Prophets*, 451.

<sup>4</sup> *Exposition*, 682.

<sup>5</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 254.

<sup>6</sup> CSML 2.1, 22 (WA 12:532-533).

**CURAR A DOENTE.** MARTINHO LUTERO: “A doente não curastes” (v. 4). Quem são as doentes? São aquelas que estão notoriamente deficientes em algumas de suas obras. A primeira cláusula se refere a consciências sensíveis: a segunda, à conduta exterior. Como, por exemplo, quando alguém resmungue e fica de mau humor, ou às vezes falha e, com irritação ou outra insensatez, ultrapassa os limites: mesmo os apóstolos, por vezes, tropeçaram gravemente. No entanto, mesmo aqueles que em suas ações visíveis diante dos homens manifestaram suas fraquezas, de modo que as pessoas ficaram ofendidas com eles e disseram que eles foram grosseiros e excêntricos, não serão lançados fora: pois seu reino aqui na Terra não é constituído de forma a compreender somente os fortes e os sadios, como acontecerá na vida futura. Cristo foi enviado aqui para que pudesse receber e ajudar exatamente essas pessoas.

Por essa razão, embora sejamos fracos e doentes, não devemos nos desesperar e dizer que não estamos no reino de Cristo. Mas quanto mais percebemos nossa doença, mais devemos nos voltar para ele, pois é para isso que ele está aqui, para nos curar e restaurar. Portanto, se você está doente e é pecador, se compreende a sua situação, mais razão você tem para ir a ele e dizer: Querido Senhor, venho exatamente porque sou um pecador; que o Senhor me ajude e me restaure. Assim, é a necessidade que o conduz a ele; pois quanto maior a sua doença, mais indispensável é que você busque ajuda. E é isso o que ele quer; por essa razão, ele nos ordena que tenhamos bom ânimo e que venhamos a ele. Todavia, aqueles que não são bons pastores esperam curar as pessoas mediante odiosas repreensões e constrangimentos, sendo que assim estão apenas piorando as coisas. E isso pode ser visto quando olhamos para as condições atuais, suscitadas por esse método errado, quando tudo está tão lamentavelmente disperso, tal como o profeta disse aqui. **SERMÃO SOBRE JOÃO 10.**<sup>7</sup>

**LIGAR A QUEBRADA.** MARTINHO LUTERO: “A quebrada não ligastes” (v. 4). Estar quebrado é como se alguém tivesse um osso fraturado ou estivesse ferido de outra forma.

Como um cristão que não somente é fraco e instável, e às vezes dá um passo errado, mas quando ele cai em tamanha tentação que acaba quebrando a perna; por exemplo, se vier a cair e negar o evangelho, como Pedro fez ao negar Cristo. Bem, mesmo que alguém dê um passo errado de forma a ficar travado ou derrotado – ainda assim, você não deve rejeitá-lo, como se ele não pertencesse mais a esse reino. Pois você não deve privar Cristo de suas características, que em seu reino só prevalecem graça e misericórdia abundantes, de modo que ele ajuda aqueles que compreendem a própria miséria e infelicidade e desejam ser ajudados, que seu reino é inteiramente um reino de consolação, e que ele é um pastor confortador e amável, que ternamente convida, e até induz todos os homens a virem a ele.

**Ora, tudo isso é realizado unicamente por meio do evangelho, pelo qual devemos fortalecer todos os fracos e curar todos os doentes; pois sua Palavra satisfará todas as necessidades daqueles que tiverem a consciência aflita e dará plena consolação a todos, de modo que ninguém, por maior pecador que tenha sido, precisa se desesperar. Consequentemente, só Cristo é o bom pastor, que cura todas as nossas debilidades e levanta novamente aqueles que caíram. Aquele que não faz isso não é pastor. SERMÃO SOBRE JOÃO 10.**<sup>8</sup>

**TORNAR A TRAZER A DESGARRADA.** MARTINHO LUTERO: “A desgarrada não tornastes a trazer.” O que significa “a desgarrada”? É aquela alma desprezada que está tão degradada que todos os esforços para recuperá-la parecem em vão. Entretanto, nem mesmo essa seria tratada asperamente por Cristo. Ele não restringiria o seu reino de modo a incluir apenas os que são fortes, saudáveis e perfeitos.

...Portanto, devemos pregar a Cristo como aquele que a ninguém rejeitará, por mais fraco que seja, mas que alegremente a todos receberá, confortará e fortalecerá; para que sempre o descrevamos para nós mesmos como um bom pastor. Então os corações se voltarão a ele espontaneamente sem precisar ser forçados ou

<sup>7</sup> CSML 2.1, 23-24 (WA 12:533-534).

<sup>8</sup> CSML 2.1, 24 (WA 12:534).

impelidos. O evangelho convida amavelmente os homens e os torna dispostos, de modo que eles desejam ir e, de fato, vão a ele com toda a confiança. SERMÃO SOBRE JOÃO 10.<sup>9</sup>

### 34.11-19 *Deus congrega*

**DEUS CONGREGA AS SUAS OVELHAS.** JOHN MAYER: O Senhor promete, para conforto dos fiéis, que ele próprio assumirá o ofício pastoral e fará tudo o que é necessário para o bem deles, tudo o que seus antigos pastores se negaram a fazer. Embora por meio deles as ovelhas tenham sido dispersas, ele promete congregá-las de todas as partes em sua própria terra novamente; e embora eles não tenham curado as doentes, ele promete fortalecer as suas ovelhas, ligar as quebradas, buscar as desgarradas e apascentar todas elas. Esses são deveres que todo pastor fiel deve cumprir. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>10</sup>

**DEUS CONGREGA AS SUAS OVELHAS.** WILLIAM GREENHILL: Tendo encontrado suas ovelhas dispersas em várias nações, nas quais elas passaram por privações, Deus, bondosamente, promete tirá-las dentre essas nações. Elas não deviam ficar para sempre entre os seus inimigos, que, para elas, não eram melhores do que os animais selvagens... Deus as trará para a sua própria terra, a saber, para Canaã, tipo da igreja. Elas possuirão a própria terra e serão organizadas como igreja novamente, e ele as apascentará com sua palavra e suas ordenanças e as colocará num estado melhor que nunca. Isso se refere ao tempo de Cristo e do evangelho; de maneira especial, Deus congregou então as suas ovelhas da Babilônia e as trouxe a Sião, e assim ele as alimentou nos montes de Israel, junto às correntes. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>11</sup>

**O OFÍCIO PASTORAL.** MARTIN CHEMNITZ: E em Ezequiel 34.15-17, o ofício de um pastor bom e fiel é bem descrito, a saber, que ele apascenta as ovelhas, busca a perdida, traz de volta a desgarrada, cuida da ferida e da fraca, encoraja a forte, faz distinção entre ovelhas e bodes, etc. MINISTÉRIO, PALAVRA E SACRAMENTOS.<sup>12</sup>

### 34.20-28 *Um só pastor*

**O PASTOR E OS PASTORES.** JOHANN GERHARD: *Suscitarei para elas um só pastor*, diz o Senhor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará, ou seja, Cristo, que nascerá da linhagem de Davi. *Ele lhes servirá de pastor. Eu, o Senhor, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o Senhor, o disse* (Ez 34.23-24). Cada cristão hoje deve deixar que todo este capítulo lhe seja lido, porque ele fala de maneira tão gloriosa e confortadora a respeito do ofício de Cristo como pastor!

...O Senhor Deus prometeu, neste capítulo, que, quando os pastores de Israel se apascentarem, eles devorarão a gordura. Eles se vestirão da lã das ovelhas, abaterão os cevados, não cuidarão das fracas, não curarão as doentes, não ligarão as quebradas, não tomarão a trazer as desgarradas, não buscarão as perdidas. Em vez disso, eles as tratarão com força e rudeza. Assim, quando isso ocorrer com os pastores de Israel, então o Senhor Deus, pessoalmente, receberá para si mesmo as suas ovelhas e *suscitará para elas um só pastor; e ele as apascentará*. POSTILLA.<sup>13</sup>

**O BOM PASTOR.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Cristo, o Bom Pastor (Jo 10), que dá a sua vida pelas ovelhas, alimenta para a vida eterna, por sua palavra e por sua carne. Ele é chamado de Davi porque é da semente de Davi. E ele repete *apascentará* para mostrar dedicação... Nós reconhecemos o Senhor como o nosso Deus e, à medida que ele nos apascenta, conhecemos o Pai como o Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem ele enviou (Jo 17.3). Nada diminui a divindade de Deus. No passado, Deus disse que ele apascentaria as suas ovelhas (Ez 34.13-14), e agora isso é concedido no homem Cristo, o qual, em virtude de sua humanidade, é príncipe da igreja, o primogênito de toda a criação, que recebeu o nome

<sup>9</sup> CSML 2.1, 24-25 (WA 12:534-535).

<sup>10</sup> *Prophets*, 452.

<sup>11</sup> *Exposition*, 686.

<sup>12</sup> *Ministry, Word and Sacraments*, 46.

<sup>13</sup> *Postilla* 1:371-72.

que está acima de todo nome e foi ungido e distinguido acima dos seus companheiros. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>14</sup>

**SUSCITAREI UM SÓ PASTOR.** HANS DENCK: [Deus] sempre deseja redimir aquilo que foi corrompido e não pretende apagar o pavio que fuma. Para isso ele nos deu o seu Filho e o constituiu rei e pastor sobre nós. Isso é indicado várias vezes na Escritura pelo nome de Davi e foi também falado pelo Pai em Ezequiel 34.23: “Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor. Eu, o SENHOR, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o SENHOR, o disse.” Assim, Deus faz alguma coisa daquilo que era nada, criando para si um povo de muitos herdeiros (a palavra deve sempre produzir fruto). Ele forma uma nação poderosa a partir de uma que estava derrotada e de forma nenhuma era povo. Isso acontece não por nosso próprio poder, mas porque Deus nos recebe novamente. REFLEXÕES SOBRE MIQUEIAS.<sup>15</sup>

**CRISTO, O ÚNICO PASTOR.** WILLIAM GREENHILL: “Suscitarei para elas um só pastor.” Alguns entendem que esse pastor foi Zorobabel, que veio da linhagem de Davi e trouxe novamente os judeus da Babilônia às suas pastagens antigas, a saber, a terra de Canaã, onde eles tiveram o seu templo, sua adoração e suas ordenanças, como no passado. Porém, se consultarmos Ezequiel 37.24-25, onde ele fala da mesma pessoa, acharemos ali coisas que não competem a Zorobabel e devem se referir a Cristo... Por “pastor” indica-se o Senhor Cristo, que é frequentemente assim chamado na Escritura. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>16</sup>

**UM SÓ PASTOR PARA ISRAEL.** JOHN MAYER: *Suscitarei para elas um só pastor... Davi.* Isto é, o prometido sucessor de Davi em seu reino, em quem esse reino será eterno, pois ele é chamado de Davi, de acordo com o nome daquele que primeiro iniciou essa linhagem. Esse Davi foi o maior e o mais eminente rei de Israel. O nome é usado aqui como no caso dos imperadores ro-

manos após Júlio César, os quais eram chamados de Césares, e como os reis do Egito, que foram chamados de Ptolomeus, de acordo com Ptolomeu, que primeiro levantou o reino do Egito da baixa para a magnificência. É dito que ele será o seu pastor e os apascentará, assim como, em João, o Senhor fala detalhadamente que ele próprio apascentará as suas ovelhas e afugentará delas os animais selvagens, como também é prometido aqui (Ez 34.25). De fato, essa profecia se refere primeiro ao tempo do retorno dos judeus da Babilônia, quando Zorobabel, Neemias e outros príncipes piedosos que os sucederam governaram os judeus. Por muitos anos, eles tiveram muitos problemas, por conta de seus inimigos; no entanto, depois disso, os animais selvagens cessaram na terra, não existindo mais quem os oprimisse cruelmente como antes. Além disso, aqueles inimigos que se opuseram à reconstrução do templo e da cidade foram finalmente frustrados pelo favor do rei para com os judeus. Porém, de maneira mais completa, isso se cumpriu no tempo de Cristo, por meio de quem suas ovelhas foram alimentadas com uma doutrina celestial e protegidas pelo seu poder. Embora, a princípio, fossem capturadas e aprisionadas, elas saíram ilesas novamente e foram cheias de alegria, não obstante os próprios sofrimentos. Acima de tudo, elas se alegraram por serem salvas do pecado e do poder de Satanás, o mais terrível dos animais selvagens, aquele leão que ruge, procurando devorá-las. Finalmente, nos dias de Constantino, o Grande, sem medo de inimigos perseguidores, elas puderam repousar com tranquilidade, como ovelhas no campo, onde não há lobos ou raposas, ursos ou leões para as devorar ou devorar os seus cordeiros. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>17</sup>

**A CONVERSÃO DOS JUDEUS.** MATTHEW MEADE: Um determinado erudito entende não ser provável que os judeus retornem novamente para sua própria terra, pois, segundo ele, é muito difícil mostrar onde se encontram as dez tribos.

<sup>14</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 168.

<sup>15</sup> *Writings*, 129.

<sup>16</sup> *Exposition*, 690.

<sup>17</sup> *Prophecs*, 453.

Trata-se de uma justificação estranha para um erudito, como se o cumprimento da promessa dependesse do seu conhecimento. Certamente, se Deus não sabe onde elas estão, isso é uma coisa, mas se ele sabe, não há impedimento algum para a promessa, embora nós não saibamos. É evidente, por Jeremias 30.10-11, que Deus o sabe. Em Ezequiel, lemos: “Suscitarei para elas um só pastor... e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o SENHOR, o disse” (Ez 34.23). Isso é dito com referência a Cristo, e diz respeito ao tempo em que ele há de reinar sobre os judeus. O mesmo acontece com o que o anjo disse a Maria: “Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus; Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; e ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim” (Lc 1.31-33). Esse é um reino que Cristo possuirá na conversão dos judeus. De modo que, aqui, está uma promessa clara, mais ainda, uma promessa sobre promessa, do estabelecimento deles em sua própria terra como uma bênção peculiar do tempo de Cristo. As Escrituras que provam essa verdade são muito claras. SERMÕES.<sup>18</sup>

### 34.29-30 *Uma plantação memorável*

**UMA PLANTAÇÃO DE RENOME.** JOHN MAYER: *Levantar-lhes-ei plantação memorável* (Ez 34.29). Aqui, o mesmo Cristo, anteriormente

chamado de Davi, é apresentado por outro nome, como em Isaías 11.1 e em muitos outros lugares, onde é mostrada a razão de ser assim chamado, a saber, pela imagem de seu surgimento da casa de Jessé. Essa casa estava arruinada como o toco de uma árvore há muito tempo sem broto algum, mas que, no final, ramifica além da expectativa. O ramo que brota cresce mais alto e mais imponente do que qualquer outra árvore, pois esse ramo é realmente um ramo de renome, como o foi nosso Senhor Jesus Cristo, que procede dessa casa. Nessa ocasião, essa casa era muito pobre, contudo, desde então, nenhuma família floresceu tanto como essa família floresceu nele, o qual se tornou uma vinha que abrange toda a terra. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>19</sup>

**UMA PLANTA DE PAZ.** WILLIAM GREENHILL: Este versículo fala da abundante bondade de Deus para com o seu rebanho, em misericórdias positivas e negativas; Deus levantaria para ele uma planta de renome e o libertaria da fome e da vergonha... “Planta de renome.” A Septuaginta traz “uma planta de paz; o aramaico, uma plantação para que eles permaneçam; a Vulgata, uma germinação ou planta nobre. Essa “planta de renome” é interpretada, por alguns expositores, como sendo a igreja cristã, congregada de todas as nações e plantada em Cristo... Outros a expõem como se referindo a Cristo. Podemos tomar ambas: Cristo e a igreja, que dele procede. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> *Sermons*, 89-90.

<sup>19</sup> *Prophets*, 453.

<sup>20</sup> *Exposition*, 696.

## 35.1-15 UMA PROFECIA CONTRA EDMOM

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, volve o rosto contra o monte Seir e profetiza contra ele. <sup>3</sup> Dize-lhe: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu estou contra ti, ó monte Seir, e estenderei a mão contra ti, e te farei desolação e espanto. <sup>4</sup> Farei desertas as tuas cidades, e tu serás desolado; e saberás que eu sou o SENHOR. <sup>5</sup> Pois guardaste inimizade perpétua e abandonaste os filhos de Israel à violência da espada, no tempo da calamidade e do castigo final. <sup>6</sup> Por isso, diz o SENHOR Deus, tão certo como eu vivo, eu te fiz sangrar, e sangue te perseguirá; visto que não aborreceste o sangue, o sangue te perseguirá. <sup>7</sup> Farei do monte Seir extrema desolação e eliminarei dele o que por ele passa e o que por ele volta. <sup>8</sup> Encherei os seus montes dos seus traspassados; nos teus outeiros, nos teus vales e em todas as tuas correntes, cairão os traspassados à espada. <sup>9</sup> Em perpétuas desolações, te porei, e as tuas cidades jamais serão habitadas; assim sabereis que eu sou o SENHOR.

<sup>10</sup> Visto que dizes: Os dois povos e as duas terras serão meus, e os possuirei, ainda que o SENHOR se achava ali, <sup>11</sup> por isso, tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, procederei segundo a tua ira e segundo a tua inveja, com que, no teu ódio, os trataste; e serei conhecido deles, quando te julgar.

<sup>12</sup> Saberás que eu, o SENHOR, ouvi todas as blasfêmias que proferiste contra os montes de Israel, dizendo: Já estão desolados, a nós nos são entregues por pasto. <sup>13</sup> Vós vos engrandecestes contra mim com a vossa boca e multiplicastes as vossas palavras contra mim; eu o ouvi. <sup>14</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Ao alegrar-se toda a terra, eu te reduzirei à desolação. <sup>15</sup> Como te alegraste com a sorte da casa de Israel, porque foi desolada, assim também farei a ti; desolado serás, ó monte Seir e todo o Edom, sim, todo; e saberão que eu sou o SENHOR.

**PANORAMA:** Após as palavras de grande conforto que encerraram o capítulo anterior, Ezequiel é levado a falar contra os inimigos da igreja. O principal inimigo aqui mencionado é Edom, que, particularmente, odiava os filhos de Israel e sua religião. Eles blasfemavam contra Deus e desprezavam sua palavra. Agora eles seriam assolados.

**O ÓDIO EDMOMITA.** JOHN MAYER: Neste capítulo, a profecia contra Edom, que antes foi proferida de maneira breve (Ez 25.12), é novamente retomada e continuada de forma mais ampla, visto que os edomitas, por seu veterado ódio contra os filhos de Israel e por ajudarem os caldeus a destruí-los, bem a mereciam... É muito provável que os edomitas tenham incitado Nebuzaradã, servidor do rei da Babilônia (2Rs 25.8), o qual, depois disso, veio para incendiar a cidade e o templo, o que constituía um pecado muito horrível: acrescentar mais miséria aos que já se encontravam em condição extremamente miserável. Portanto, a vingança aqui ameaçada

deve recair plenamente sobre eles e, assim, devem esperar que isso lhes seja feito, a todos eles que pecaram de igual maneira endurecendo o coração para oprimir seus irmãos oprimidos. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>1</sup>

**ÓDIO E AFEIÇÕES MALIGNAS.** WILLIAM GREENHILL: Uma afeição pecaminosa desperta a ação de outras. O ódio dos edomitas pôs em ação sua ira e inveja. Eles as colocaram em ação por causa do ódio que tinham dos judeus; eles os odiavam e esse ódio incitou a sua ira, para prejudicá-los, e a sua inveja, para persegui-los até a morte.

Deus lidará com as pessoas não apenas segundo suas más ações, mas também segundo suas más afeições... O Senhor toma nota de todas as palavras amargas, injuriosas e provocativas que os ímpios proferem contra a igreja e o povo de Deus. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Prophets*, 453-54.

<sup>2</sup> *Exposition*, 703-4.



**OS EDMITAS SE OPÕEM À PALAVRA DE DEUS.** JOHN MAYER: *Saberás que eu, o SENHOR, ouvi todas as blasfêmias que proferiste* (Ez 35.12). Observe, portanto, que é blasfêmia descreditar, em qualquer grau, a palavra de Deus em algum ponto, pois ele tinha prometido ao seu povo restituição em setenta anos e havia decretado a desolação de sua terra apenas por esse período. Mas os edomitas, desacreditando a palavra de Deus, diziam o contrário: que a terra

dos judeus permaneceria para sempre desolada no tocante a eles, e que eles, os edomitas, deveriam consumir doravante, como proprietários, o incremento dos judeus. Eles haviam esperado consumi-la pelo fogo e pela espada para este fim: que ela nunca mais se tornasse propriedade dos judeus, por isso era uma afronta intolerável feita a Deus, que tantas vezes prometera o contrário. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>3</sup>

<sup>3</sup> *Prophets*, 454.

### 36.1-38 PROFECIA AOS MONTES DE ISRAEL

<sup>1</sup> Tu, ó filho do homem, profetiza aos montes de Israel e dize: *Montes de Israel, ouvi a palavra do SENHOR.* <sup>2</sup> Assim diz o SENHOR Deus: *Visto que diz o inimigo contra vós outros: Bem feito!, e também: Os eternos lugares altos são nossa herança,* <sup>3</sup> portanto, profetiza e dize: *Assim diz o SENHOR Deus: Visto que vos assolaram e procuraram abocar-vos de todos os lados, para que fôsseis possessão do resto das nações e andais em lábios paroleiros e na infâmia do povo,* <sup>4</sup> portanto, ouvi, ó montes de Israel, a palavra do SENHOR Deus: *Assim diz o SENHOR Deus aos montes e aos outeiros, às correntes e aos vales, aos lugares desertos e desolados e às cidades desamparadas, que se tornaram rapina e escárnio para o resto das nações circunvizinhas.* <sup>5</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: *Certamente, no fogo do meu zelo, falei contra o resto das nações e contra todo o Edom. Eles se apropriaram da minha terra, com alegria de todo o coração e com menosprezo de alma, para despovoa-la e saqueá-la.* <sup>6</sup> Portanto, profetiza sobre a terra de Israel e dize aos montes e aos outeiros, às correntes e aos vales: *Assim diz o SENHOR Deus: Eis que falei no meu zelo e no meu furor, porque levastes sobre vós o opróbrio das nações.* <sup>7</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: *Levantando eu a mão, jurei que as nações que estão ao redor de vós levem o seu opróbrio sobre si mesmas.*

<sup>8</sup> Mas vós, ó montes de Israel, vós produzireis os vossos ramos e dareis o vosso fruto para o meu povo de Israel, o qual está prestes a vir. <sup>9</sup> Porque eis que eu estou convosco; voltar-me-ei para vós outros, e sereis lavrados e semeados. <sup>10</sup> Multiplicarei homens sobre vós, a toda a casa de Israel, sim, toda; as cidades serão habitadas, e os lugares devastados serão edificadas. <sup>11</sup> Multiplicarei homens e animais sobre vós; eles se multiplicarão e serão fecundos; fá-los-ei habitar-vos como dantes e vos tratarei melhor do que outrora; e sabereis que eu sou o SENHOR. <sup>12</sup> Farei andar sobre vós homens, o meu povo de Israel; eles vos possuirão, e sereis a sua herança e jamais os desfilhareis. <sup>13</sup> Assim diz o SENHOR Deus: *Visto que te dizem: Tu és terra que devora os homens e és terra que desfilha o seu povo,* <sup>14</sup> por isso, tu não devorarás mais os homens, nem desfilharás mais o teu povo, diz o SENHOR Deus. <sup>15</sup> Não te permitirei jamais que ouças a ignominia dos gentios; não mais levarás sobre ti o opróbrio dos povos, nem mais farás tropeçar o teu povo, diz o SENHOR Deus.

<sup>16</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>17</sup> Filho do homem, quando os da casa de Israel habitavam na sua terra, eles a contaminaram com os seus caminhos e as suas ações; como a imundícia de uma mulher em sua menstruação, tal era o seu caminho perante mim. <sup>18</sup> Derramei, pois, o meu furor sobre eles, por causa do sangue que derramaram sobre a terra e por causa dos seus ídolos com que a contaminaram. <sup>19</sup> Espalhei-os entre as nações, e foram derramados pelas terras; segundo os seus caminhos e segundo os seus feitos, eu os julguei. <sup>20</sup> Em chegando às nações para onde foram, profanaram o meu santo nome, pois deles se dizia: São estes o povo do SENHOR, porém

tiveram de sair da terra dele.<sup>21</sup> Mas tive compaixão do meu santo nome, que a casa de Israel profanou entre as nações para onde foi.

<sup>22</sup> Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes.<sup>23</sup> Vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; as nações saberão que eu sou o SENHOR, diz o SENHOR Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante elas.<sup>24</sup> Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra.<sup>25</sup> Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei.<sup>26</sup> Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne.<sup>27</sup> Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardéis os meus juízos e os observeis.<sup>28</sup> Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus.<sup>29</sup> Livrar-vos-ei de todas as vossas imundícias; farei vir o trigo, e o multiplicarei, e não trarei fome sobre vós.<sup>30</sup> Multiplicarei o fruto das árvores e a novidade do campo, para que jamais recebais o opróbrio da fome entre as nações.<sup>31</sup> Então, vos lembrareis dos vossos maus caminhos e dos vossos feitos que não foram bons; tereis nojo de vós mesmos por causa das vossas iniquidades e das vossas abominações.<sup>32</sup> Não é por amor de vós, fique bem entendido, que eu faço isto, diz o SENHOR Deus. Envergonhai-vos e confundi-vos por causa dos vossos caminhos, ó casa de Israel.

<sup>33</sup> Assim diz o SENHOR Deus: No dia em que eu vos purificar de todas as vossas iniquidades, então, farei que sejam habitadas as cidades e sejam edificadas os lugares desertos.<sup>34</sup> Lavar-se-á a terra deserta, em vez de estar desolada aos olhos de todos os que passam.<sup>35</sup> Dir-se-á: Esta terra desolada ficou como o jardim do Éden; as cidades desertas, desoladas e em ruínas estão fortificadas e habitadas.<sup>36</sup> Então, as nações que tiverem restado ao redor de vós saberão que eu, o SENHOR, reedifiquei as cidades destruídas e replantei o que estava abandonado. Eu, o SENHOR, o disse e o farei.

<sup>37</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Ainda nisto permitirei que seja eu solicitado pela casa de Israel: que lhe multiplique eu os homens como um rebanho.<sup>38</sup> Como um rebanho de santos, o rebanho de Jerusalém nas suas festas fixas, assim as cidades desertas se encherão de rebanhos de homens; e saberão que eu sou o SENHOR.

**PANORAMA:** O capítulo começa com uma profecia aos montes de Israel, que representam tanto a terra da Judeia como o povo nela contido. Depois de proferir juízo contra as nações, Ezequiel explica a razão pela qual Israel foi levado ao cativeiro e profetiza a sua restauração. O conforto anunciado ao povo não deve ser entendido temporalmente em termos de seu retorno da Babilônia, mas sim espiritualmente, como apontando para o evangelho de Cristo. Além disso, a razão de seu retorno do cativeiro não é por causa de seu arrependimento na Babilônia. Muito pelo contrário, eles aumentaram os seus pecados e fizeram com que o nome de Deus fosse profanado pelos pagãos. Por essa razão, Deus os poupa por amor do seu santo nome.

Deus promete “aspergir água pura” sobre eles e purificá-los de sua idolatria, quando eles forem tirados do cativeiro. Nossos comentaristas indagam sobre o significado dessa água. Há sugestões de que ela aponta para as águas purificadoras do batismo, para o sangue de Cristo, que nos purifica de todo pecado, ou para ambos.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** WILLIAM GREENHILL: Despojados de seus confortos, os judeus tinham sido levados para o cativeiro, padeciam dificuldades e estavam sob grande reprovação entre as nações; por essa razão, aqui neste capítulo, o Senhor faz o seguinte: declara juízo contra os pagãos, exibindo as causas que o moveram a isso (Ez 36.1-7); promete misericórdia para com

a terra de Israel, a qual é especificada em vários particulares (Ez 36.8-15); mostra as razões pelas quais os judeus foram expulsos de seu país (Ez 36.16-20); revela o fundamento de sua restauração (Ez 36.21-24); multiplica promessas de bênçãos espirituais e temporais sobre eles e sua terra (Ez 36.25-38).

No capítulo anterior, ele profetizou contra o monte Seir; neste, ele deve profetizar aos “montes de Israel”. Contra aqueles, ele profetiza juízo, para estes, ele profetiza misericórdias. Esses “montes de Israel”, por sinédoque, representam toda a terra da Judeia e, por metonímia, representam o povo contido ali ou que tinha vivido ali. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**PALAVRAS DE CONFORTO.** JOHN MAYER: Neste capítulo, o profeta se volta novamente aos filhos de Israel, confortando-os pela renovação da promessa de sua restituição, com muito mais palavras que antes. Ele começa falando aos montes e aos vales, conforme os profetas têm feito em muitas outras ocasiões, anunciando, por isso, que o Senhor pode dar ouvidos para ouvir a coisas insensíveis e fazer com elas como desejar, seja para o bem ou para o dano das pessoas a respeito de quem ele fala aos montes.

No entanto, embora ele prometa em Ezequiel 36.11 fazer melhor ao seu povo de Israel do que em épocas passadas, isso não deve ser entendido em relação àquilo que seria feito, temporalmente, para eles em seu retorno do cativeiro babilônico, mas, espiritualmente, no tempo do evangelho por meio de Cristo, pois esse bem, que é feito agora aos fiéis, é bem maior do que qualquer benefício terreno a eles concedido. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

**O FUROR E A JUSTIÇA DE DEUS.** WILLIAM GREENHILL: *Derramei, pois, o meu furor sobre eles* (Ez 36.18). Eles tinham cometido pecados abomináveis e permaneciam longo tempo neles sem arrependimento. Isso é evidente pelo furor do Senhor. Ele não se enfurece por pequenos pecados; nem está enfurecido no presente por grandes pecados; mas quando as pessoas prosseguem neles dia após dia, sua ira vai se esquentando e, por fim, ela se intensifica em fu-

ror. Nessa intensificação, o Senhor não a deixa transbordar em juízos triviais, como se fosse gota a gota, mas faz com que ela se derrame em grandes juízos, como o mar despeja água quando há uma brecha nos diques: ele vaza água com violência e inunda toda a região adjacente.

...Em qualquer juízo que Deus aplique aos pecadores, ele é justo e reto nessa ação. Deus derramou o seu furor sobre eles, os expulsou de sua própria terra e os dispersou por todos os lados entre os pagãos, cuja língua eles não entendiam, os quais foram severos e cruéis para eles. E tudo isso não foi mais que merecido, nem tanto quanto os seus pecados mereciam: *segundo os seus caminhos e segundo os seus feitos, eu os julguei*, diz o Senhor. Não lhes fiz nenhuma injustiça, eles não tinham motivo algum para reclamar de mim, a falta foi toda deles. Em todo procedimento de Deus com qualquer nação, família ou pessoa, ele é justo. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**A MISERICÓRDIA DE DEUS NÃO É MERECEIDA.** MATTHEW MEADE: Considere o assunto da misericórdia, um povo apto para ser libertado, mas ainda em perigo de ser desfeito e arruinado, totalmente indigno de redenção e ainda à beira da destruição. Quanto à nossa aptidão para tal misericórdia, nunca existiu um povo mais inapto ou mais indigno, mas o caminho da bondade divina é agir por prerrogativa, e isso é a razão da misericórdia, quando nenhuma outra razão pode ser dada. “Não é por amor de vós que eu faço isto... mas pelo meu santo nome” (Ez 36.22). Quando Deus se propõe a manifestar misericórdia, ele nunca precisa de uma razão com ele, embora nenhuma possa ser encontrada em nós pela qual ele deva agir assim. Os livramentos que ele opera em favor do seu povo são em virtude do pacto. A VISÃO DAS RODAS.<sup>4</sup>

**A GLÓRIA DE DEUS E OS PECADOS DO POVO.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Em toda parte, a Escri-

<sup>1</sup> *Exposition*, 706.

<sup>2</sup> *Prophets*, 454.

<sup>3</sup> *Exposition*, 710-11.

<sup>4</sup> *Vision of the Wheels*, 58.

tura defende a glória de Deus, especialmente nestes versículos (Ez 36.16-21). Ele mostra claramente que a razão para nossa ruína vem de nós mesmos e a ela ficamos sujeitos em virtude de nossos pecados. Além disso, a salvação não vem por causa do nosso merecimento, mas apenas pela misericórdia de Deus. “Filho do homem”, ele diz, “os filhos de Israel se tornaram desprezíveis e isso aconteceu não por causa de minha severidade. Eu os trouxe para habitar em sua própria terra, e eles pecaram muito gravemente”. Eles são comparados a mulheres menstruadas por causa de seus dois pecados abomináveis: idolatria e homicídio, em virtude de sua falta de fé e amor. **COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.**<sup>5</sup>

**DEUS É SANTO E GRANDE.** WILLIAM GREENHILL: Estes versículos (Ez 36.21-24) focalizam o fundamento da restauração dos judeus, que é a quarta parte geral do capítulo. Estando eles no cativeiro e pecando muito ali, fizeram com que o nome de Deus fosse profanado pelos pagãos. Nada merecendo senão vergonha, ele se compadeceu deles e os libertou por amor do seu nome. O nome de Deus vem acompanhado por dois adjuntos, ou epítetos: santo e grande.

O hebraico traz: “E eu os poupei por causa da minha santidade.” Ou seja, eu os poupei por causa do meu santo nome. Eu não toleraria que ele fosse profanado pelos pagãos e, por isso, os libertei. A Septuaginta traz: “Eu os poupei por causa do meu santo nome.” Eu tenho um terno respeito pelo meu nome, e porque é santo, não admito que seja submetido à maledicência pagã.

...O nome do Senhor é santo. Sua essência, sua vontade, seus atributos, suas obras, sua palavra são o seu nome. Tudo isso exhibe Deus, o faz conhecido, e assim constitui o seu nome, igualmente o nome de sua santidade, ou “seu santo nome”. Não há nenhum nome debaixo do céu como o do Senhor. É um nome santo, e tão glorioso; um nome grande, e tão temível. Devemos santificar o nome de Deus, e isso fazemos quando cremos. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>6</sup>

**LIBERTAÇÃO E ARREPENDIMENTO.** MATTHEW MEADE: Foi a misericórdia de sua libertação que

enteneceu-lhes o coração numa disposição pesada e penitente. “Então vos lembrareis que tive compaixão do meu santo nome, que a casa de Israel profanou entre as nações para onde foi” (Ez 36.21). O que isso indica? Ezequiel 36.24 nos diz: “Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra.”... Libertação e arrependimento vêm juntos. Eles estavam tão distantes do arrependimento do pecado em seu cativeiro que continuaram em sua impiedade para o grande opróbrio de Deus entre os pagãos... Eles não tinham expectativa de livramento e, onde não há fé, não pode haver aptidão para livramento. Portanto, quando Deus os liberta ele lhes diz que isso não foi por causa deles. É como se ele dissesse: eu faço isso não porque vocês o mereçam, mas por causa da glória do meu próprio nome. “Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome” (Ez 36.22). **SERMÕES.**<sup>7</sup>

**BATISMO E PURIFICAÇÕES LEGAIS.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: “Aspergir” faz alusão ao batismo e a purificações rituais, em especial à água misturada com as cinzas de uma novilha vermelha, que era um rito próprio de purificação (Nm 19). Tais purificações de água são indicadas para pecados e impurezas rituais. Davi clama por essa purificação: “Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo” (Sl 51.7)... Isso também diz respeito ao sacramento do batismo, no qual a água e as palavras de Cristo são conferidas pelo ministério da igreja sobre aqueles que foram admitidos à graça da adoção. **COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.**<sup>8</sup>

**A ÁGUA É O SANGUE DE CRISTO.** JOHN MAYER: O profeta realmente emprega muitas palavras desde o início do capítulo até o versículo 25 para falar da libertação deles da Babilônia (Ez 36.1-25), mas, neste versículo, ele se estende, em poucas palavras, aos tempos evangélicos, e Ezequiel 36.25 fala mais plenamente daquela ex-

<sup>5</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 173.

<sup>6</sup> *Exposition*, 712-13.

<sup>7</sup> *Sermons*, 58.

<sup>8</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 174.

traordinária bondade que devia vir com Cristo para a purificação do pecado e a graça da regeneração por seu espírito.

Por aspersão com água pura ele indica o sangue de Cristo, que purifica de todo pecado, aludindo aqui à aspersão há tempos estipulada com água composta das cinzas de uma novilha vermelha e água corrente, cuja aspersão purificava de impureza legal. Quanto a tirar o coração de pedra deles e dar um novo coração, veja Jeremias 32.30.

Em Ezequiel 36.30-38, ele discorre longamente sobre o benefício da libertação do cativo e do estabelecimento deles em sua própria terra novamente. Para essa libertação e para a libertação por Cristo, ele ensina que nenhuma delas era por causa deles, mas por sua graça e misericórdia, a fim de que ninguém se glorie, mas reconheça todo o bem desfrutado, tanto temporal como espiritual, como vindo da parte dele e a ele seja dado todo o louvor e a glória para sempre. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>9</sup>

**A ÁGUA É O SANGUE DE CRISTO.** WILLIAM GREENHILL: “Então, aspergirei água pura sobre vós.” No tempo em que eles forem chamados e saírem da Babilônia, então o Senhor aspergirá água pura sobre eles. Por “água”, os judeus querem indicar a abundância de coisas exteriores. Outros a interpretam como a água do batismo. Mas nem a abundância de coisas exteriores nem a água do batismo purificam da contaminação dos ídolos... Assim, devemos buscar um outro sentido da palavra. Por “água” quer se indicar o sangue de Cristo, dizem os melhores expositores. Alguns entendem que se

trata da graça; mas isso é muito geral, a menos que a limitemos ao sangue de Cristo, que de graça é dado para lavar os pecadores. Estas palavras, “aspergirei água pura sobre vós”, fazem certa alusão à água misturada com as cinzas de uma novilha vermelha, a qual, aspergida com um ramo de hissopo na parte impura, purificava a pessoa... Essa novilha vermelha simbolizava Cristo em suas aflições e seus sofrimentos; e a água misturada com as cinzas dela, o sangue de Cristo, que é chamado “o sangue da aspersão” (Hb 12.24).

A água que eles usavam na aspersão era água pura, água corrente ou de fonte, livre de toda sujeira. Assim também o sangue de Cristo é puro; ele foi sem pecado e sem mancha ou mácula. Seu sangue é precioso e puro (1Pe 1.19), e aqui é chamado de “água pura”.

Essa aspersão de água pura sobre eles é a aplicação do sangue de Cristo pelo Espírito de Deus. Assim como o sacerdote devia tomar do sangue da novilha vermelha com o seu dedo e aspergi-lo, assim também Deus, pela mão e pelo dedo de seu Espírito, toma e asperge o sangue de Cristo, ou seja, aplica o fruto e o benefício dele ao coração das pessoas. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>10</sup>

**BATIZADO COM O SANGUE DE CRISTO.** JAKOB RAUPIUS: *Aspergirei água pura sobre vós*, ou seja, o sangue de Cristo. Alguns expõem que isso se refere ao santo batismo. Entre os melhores expositores, ambos os pensamentos são possíveis, visto que no próprio batismo nós somos aspergidos com o sangue de Cristo. **COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.**<sup>11</sup>

<sup>9</sup> *Prophets*, 454-55.

<sup>10</sup> *Exposition*, 714.

<sup>11</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 269.

## 37.1-28 O VALE DE OSSOS SECOS E OS DOIS PEDAÇOS DE MADEIRA

<sup>1</sup> Veio sobre mim a mão do SENHOR; ele me levou pelo Espírito do SENHOR e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos, <sup>2</sup> e me fez andar ao redor deles; eram mui numerosos na superfície do vale e estavam sequíssimos. <sup>3</sup> Então, me perguntou: Filho do homem, acaso, poderão reviver estes ossos? Respondi: SENHOR Deus, tu o sabes. <sup>4</sup> Disse-me ele: Profetiza a estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do SENHOR. <sup>5</sup> Assim diz o SENHOR Deus a estes ossos: Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis. <sup>6</sup> Porei tendões sobre vós, farei crescer carne sobre vós, sobre vós estenderei pele e porei em vós o espírito, e vivereis. E sabereis que eu sou o SENHOR.

<sup>7</sup> Então, profetizei segundo me fora ordenado; enquanto eu profetizava, houve um ruído, um barulho de ossos que batiam contra ossos e se ajuntavam, cada osso ao seu osso. <sup>8</sup> Olhei, e eis que havia tendões sobre eles, e cresceram as carnes, e se estendeu a pele sobre eles; mas não havia neles o espírito. <sup>9</sup> Então, ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize-lhe: Assim diz o SENHOR Deus: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. <sup>10</sup> Profetizei como ele me ordenara, e o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército sobremodo numeroso.

<sup>11</sup> Então, me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados. <sup>12</sup> Portanto, profetiza e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que abrirei a vossa sepultura, e vos farei sair dela, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. <sup>13</sup> Sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu abrir a vossa sepultura e vos fizer sair dela, ó povo meu. <sup>14</sup> Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabelecerei na vossa própria terra. Então, sabereis que eu, o SENHOR, disse isto e o fiz, diz o SENHOR.

<sup>15</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>16</sup> Tu, pois, ó filho do homem, toma um pedaço de madeira e escreve nele: Para Judá e para os filhos de Israel, seus companheiros; depois, toma outro pedaço de madeira e escreve nele: Para José, pedaço de madeira de Efraim, e para toda a casa de Israel, seus companheiros. <sup>17</sup> Ajunta-os um ao outro, faze deles um só pedaço, para que se tornem apenas um na tua mão. <sup>18</sup> Quando te falarem os filhos do teu povo, dizendo: Não nos revelarás o que significam estas coisas? <sup>19</sup> Tu lhes dirás: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que tomarei o pedaço de madeira de José, que esteve na mão de Efraim, e das tribos de Israel, suas companheiras, e o ajuntarei ao pedaço de Judá, e farei deles um só pedaço, e se tornarão apenas um na minha mão. <sup>20</sup> Os pedaços de madeira em que houveres escrito estarão na tua mão, perante eles. <sup>21</sup> Dize-lhes, pois: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes, e os levarei para a sua própria terra. <sup>22</sup> Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel, e um só rei será rei de todos eles. Nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos. <sup>23</sup> Nunca mais se contaminarão com os seus ídolos, nem com as suas abominações, nem com qualquer das suas transgressões; livrá-los-ei de todas as suas apostasias em que pecaram e os purificarei. Assim, eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.

<sup>24</sup> O meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor, andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão. <sup>25</sup> Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, na qual vossos pais habitaram; habitarão nela, eles e seus filhos e os filhos de seus filhos, para sempre; e Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente. <sup>26</sup> Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua. Estabelecê-los-ei, e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles, para sempre. <sup>27</sup> O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. <sup>28</sup> As nações saberão que eu sou o SENHOR que santifico a Israel, quando o meu santuário estiver para sempre no meio deles.

**PANORAMA:** Neste capítulo, palavras de conforto são dadas ao povo de Israel por meio da imagem do vale de ossos secos. A reunificação de Israel e Judá é prometida na segunda parte do capítulo por meio da imagem de dois pedaços de madeira. Para nossos comentaristas, o vale de ossos representa tanto a ressurreição geral da humanidade como a restauração de Israel do cativeiro. Há alguma discussão sobre se esse é um vale real de ossos secos ou uma visão que o profeta teve. Ezequiel profetiza a esses ossos para que eles ouçam a palavra do Senhor, pois só ela é vivificadora e sustentadora. Por sua palavra apenas, árvores secas florescem e ventres estéreis concebem. Assim também corpos são ressuscitados dentre os mortos.

A segunda parte do capítulo promete a reunificação das casas de Israel e Judá. O nome Efraim é usado para Israel, porque Jeroboão era de Efraim. Essas duas casas virão a ser um único reino. Deus promete que seu servo Davi, que é Cristo, pastoreará as duas juntas. Eles serão um único povo com um só Deus. Permanece a pergunta se essa profecia se cumpriu nos dias de Cristo quando judeus e gentios foram unidos como um só povo em Cristo ou se essa profecia aponta para a conversão última dos judeus. Em ambos os casos, nossos comentaristas enfatizam que essa unidade é encontrada somente em Cristo.

### 37.1-2 *Vale de ossos*

**O PROPÓSITO DA VISÃO.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Estando a cidade e o templo destruídos, lugares que simbolizavam as promessas e mantinham a esperança do povo, um evento é visto, nestes versículos, concernente aos judeus na Babilônia. Essa visão, que é um tipo da ressurreição futura, o Senhor coloca diante deles para fortalecer-lhes a fé e mostrar o que virá depois do tempo de sua salvação, quando seus corpos corruptíveis morrerem. Como ele declara: “Por que vocês duvidam da restauração de vocês? Quem promete um retorno para vocês sou eu mesmo, o Deus que traz os mortos de volta à vida.” COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**SOMENTE UMA VISÃO.** MATTHEW MEADE: Nesta profecia, temos uma descrição da condição triste e deplorável dos judeus em seu presente cativeiro na Babilônia, e uma profecia de sua maravilhosa e inesperada libertação dessa escravidão. Esses dois temas são expressos pela figura dos ossos secos [Ez 37.1-11], e ali ele explica o significado dos ossos – esses ossos são toda a casa de Israel, ou seja, esses ossos são o símbolo ou o hieroglifo da casa de Israel, de modo que esses ossos secos não devem ser vistos como algo real, mas somente como uma visão; não verídicos na história factual, mas verídicos no significado do símbolo, pois temos isso insinuado no primeiro versículo: “Veio sobre mim a mão do Senhor; ele me levou pelo Espírito do Senhor e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos.” Ele foi levado no Espírito, não corporalmente, mas visionariamente, como ele diz em outra parte: “...e me tomou pelos cachos da cabeça; o Espírito me levantou entre a terra e o céu e me levou a Jerusalém em visões de Deus” (Ez 8.3). Ele estava, então, na Babilônia, e não é provável que o Espírito de Deus o levasse pelos cabelos da cabeça até Jerusalém. Não! Era uma visão. SERMÕES.<sup>2</sup>

**OSSOS SECOS.** JOHN MAYER: Neste capítulo, o Senhor ordena ao profeta que mostre, por meio de comparações, os graciosos atos que, no capítulo anterior, ele prometeu realizar. Em primeiro lugar, os ossos secos, aos quais ele deve profetizar e dizer: “vivam”, e, ao fazer isso, eles viveram e se tornaram homens e mulheres. Essa foi uma prova da existência novamente dos filhos de Israel em sua própria terra, visto que agora estavam, por assim dizer, mortos na Babilônia. Por muitos anos, isso ainda continuaria assim, até que, pela lógica humana, nenhuma esperança haveria de sua ressurreição, pois estavam mortos por tanto tempo que a carne se secou de seus ossos. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>3</sup>

**O VALE DE OSSOS.** WILLIAM GREENHILL: “Que estava cheio de ossos.” Esse vale ou pla-

<sup>1</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 176.

<sup>2</sup> *Sermons*, 1-2.

<sup>3</sup> *Prophets*, 455.

nície não era um cemitério, pois, nesse caso, eles não ficariam deitados na superfície da terra e expostos à vista. Alguns entendem tratar-se dos ossos de toda a humanidade morta e da ressurreição geral; mas estão errados, já que nada disso é aqui pretendido. Outros entendem tratar-se dos ossos dos babilônios, mas o propósito do profeta aqui não é confortá-los. Ele aponta para a condição dos judeus, portanto, os “ossos” simbolizam os judeus, como está claro em Ezequiel 37.11. Esses ossos também eram vistos em uma visão, e não reais, pois, nesse caso, não ficariam insepultos, sofrendo desonra... Esses ossos não estavam revestidos de carne, nem estavam úmidos e cheios de tutano, o que facilitaria a sua restauração à vida. Eles estavam secos; toda umidade desaparecera deles. Eles permaneceram por muito tempo, aproximadamente setenta anos, nessa condição, e quase se desfizeram na terra. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**VALE DE OSSOS SECOS. MATTHEW MEADE:** Esses ossos estavam no vale aberto, e isso expressa ainda mais a miséria deles, pois, sendo os vales uma parte baixa, são geralmente usados para expressar uma condição de humilhação e aflição. E não apenas se diz que estavam no vale, mas na superfície do vale, expostos a toda violência e dano causados pelo vento e pelas condições atmosféricas. Essa era a condição deles na Babilônia. Quão triste era a situação deles; eles eram muitos, e o que sentiam era muito opressivo, até perecer-lhes a esperança: os ossos eram muitos, estavam muito secos e jaziam na superfície do vale. SERMÕES.<sup>5</sup>

### 37.3-14 *Profetiza*

**A RESPOSTA DO PROFETA. WILLIAM GREENHILL:** Este versículo é um diálogo entre Deus e o profeta. “Filho do homem, acaso, poderão reviver estes ossos?” Ezequiel, você tem uma visão completa deles, você vê como estão secos, em que condição eles se encontram. Diga-me o que pensa. Qual é a sua opinião a respeito deles? Quero saber o que está na sua mente... “Respondi: SENHOR Deus, tu o sabes.” A resposta do profeta é apropriada à pergunta do Senhor,

que se referia à vida presente desses ossos, e não à vida futura na ressurreição geral, da qual ele não duvidava; consequentemente, ele confessa sua ignorância: Não sei, Senhor, qual é a tua vontade; tu podes colocar vida nestes ossos secos num instante, entretanto, nem eu, nem alguma outra criatura poderá fazê-lo; nosso poder é finito, o teu é infinito. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**PROFETIZA A ESTES OSSOS. JOHANNES ECOLAMPÁDIO:** *Então, profetizei* (Ez 37.7). Primeiro, o profeta ouviu o Senhor; em seguida, falou aquilo que ouviu e, finalmente, seguiu o resultado. Por semelhante modo, aquilo que nosso Senhor Jesus Cristo ouviu da parte do Pai ele nos deu a conhecer por meio de seus servos, de quem vocês ouvirão a respeito de Deus e de Cristo, até que a vida de vocês complete o seu curso. Os santos, que viveram de maneira própria, terão a ressurreição de seu corpo. Na verdade, não há perfeita bem-aventurança a não ser que eles ressuscitem junto com seu corpo. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>7</sup>

**SENHOR, TU O SABES. MATTHEW MEADE:** Agora, para essa pergunta, o profeta dá sua resposta a Deus nas seguintes palavras: “SENHOR Deus, tu o sabes.” Há três fatos nesta resposta. (1) Uma exclusão de todo poder natural de viver. É como se o profeta dissesse: É evidente que esses ossos, tão secos, dispersos e expostos, não podem reviver por algum poder intrínseco a eles para viver, ou por algum ato ou poder de alguma criatura para vivificá-los. (2) Isso implica a hesitação dos seus próprios pensamentos a respeito do acontecimento do fato em questão, se eles viveriam ou não. Senhor, tu o sabes, mas quanto a mim, eu não sei; como não vejo esperança, não sei o que pensar. (3) A resposta é tal que atribui tudo a Deus, que é infinito em poder, maravilhoso em conselho e excelente em operação. “SENHOR, tu o sabes”. É como se ele dissesse: “Tu és onisciente e sabes o que vais

<sup>4</sup> *Exposition*, 738.

<sup>5</sup> *Sermons*, 3.

<sup>6</sup> *Exposition*, 739.

<sup>7</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 177.



fazer; és onipotente e podes fazer tudo o que escolheste fazer. Embora eu não saiba o que será desse teu pobre povo que está morto e sem esperança, e não possa dizer se tu haverás de restaurá-lo e socorrê-lo novamente, no entanto, Senhor, tu o sabes.” **SERMÕES.**<sup>8</sup>

#### A PODEROSA E EFICAZ PALAVRA DE DEUS.

**WILLIAM GREENHILL:** Parece algo absurdo que o profeta profetize para criaturas insensíveis, sem compreensão, destituídas de vida; era como se Deus desse uma ordem para um homem pregar para um montão de pedras, ou de cavacos secos, que não podem ouvir. Mas apesar de serem incapazes de ouvir a voz de Ezequiel, esses ossos não eram incapazes de ouvir a voz de Deus, pois todas as criaturas, mesmo as mais insensíveis, ouvem o Senhor quando ele fala. Os ventos procelosos lhe executam a palavra (Sl 148.8); os céus e a terra (Is 1.2); as baleias e os corvos (Jn 2.10; 1Rs 17.4). O Senhor planejou conceder vida a esses ossos e, para que tenham vida, eles devem ouvir sua palavra, a qual possui em si mesma poder vivificador. Há uma virtude obediente em cada criatura para sujeitar-se à vontade e à ordem do Criador, e quando isso acontece, então se diz que ela ouviu a voz do Senhor.

...Por mais degradada, deplorável ou irreversível que seja a criatura, Deus pode modificá-la facilmente. Esses ossos secos por pouco não viraram pó e estavam quase desfeitos. Sua condição era muito deplorável e irreversível. O próprio profeta não sabia dizer o que pensar sobre eles. Será que Deus alterou sua condição com rapidez e facilidade? Ele ordena que Ezequiel profetize e diga: “Ouçam a palavra do Senhor, ó ossos secos.” Ao fazer ele isso, imediatamente, os ossos se agitam, se juntam, se revestem de tendões, carne e pele, recebem espírito, vivem e se põem de pé. Eis aqui uma maravilhosa e repentina mudança realizada com grande facilidade. Deus pode fazer a árvore seca reverdecer (Ez 17.24), o bordão de Arão brotar e produzir flores, o ventre amortecido de Sara conceber, rios nos altos desnudos e mananciais em terra seca (Is 41.18). Se Deus profere apenas uma palavra, essas coisas são fei-

tas... Há uma poderosa eficácia na palavra de Deus. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>9</sup>

#### A ABERTURA DA SEPULTURA DELES.

**MATTHEW MEADE:** Qual o significado da abertura da sepultura deles e de serem eles retirados dela? Respondo: assim como a sepultura é metafórica e alusiva, assim também é a abertura dela e a retirada deles. Ora, isso pode ser explicado particularmente com respeito aos judeus ou, mais geralmente, com respeito a toda a igreja de Deus.

No que concerne aos judeus – a abertura da sepultura deles é a destruição do poder de seus inimigos. Pois o que era essa sepultura senão o poder e a ira do inimigo? Isso os fez cair, isso os manteve em sujeição. Consequentemente, quando Deus destrói o poder da Babilônia e retribui essa ira aos babilônios, então se diz que ele abriu a sepultura do seu povo e os fez sair dela. E isso se cumpriu literalmente por intermédio do pregão de Ciro (2Cr 36.23).

No que concerne à igreja de Deus – (como indubitavelmente o faz) tanto judeus como gentios. Pode-se dizer que Deus abre sua sepultura especialmente em dois casos. (1) Quando ele os liberta de seus sofrimentos, removendo dificuldades insuperáveis que, de outra forma, não podem ser removidas... (2) Quando Deus vindica o nome do seu povo do opróbrio e da ignomínia lançada sobre ele – pois grandes sofrimentos são acompanhados de grande opróbrio. Portanto, quando Deus entrega o seu povo nas mãos de seus inimigos, é dito que ele os entrega para ser um motivo de assobio e de opróbrio entre os povos. Agora, quando Deus vindica o nome e a causa deles e desfaz o opróbrio no qual o nome deles estava sepultado, isso é abrir a sepultura deles e retirá-los dela. **SERMÕES.**<sup>10</sup>

#### A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS. JAKOB

**RAUPIUS:** Antes de nos dedicarmos à análise deste capítulo, é necessário dizer algo brevemente sobre o seu conteúdo. Alguns intérpretes entendem que a visão do profeta simboliza apenas a

<sup>8</sup> *Sermões*, 4-5.

<sup>9</sup> *Exposition*, 740-41.

<sup>10</sup> *Sermões*, 37-38.

libertação do cativo na Babilônia e o restabelecimento na terra de Canaã. Certamente, não negamos que por essa visão se confirma a promessa da libertação de Israel do cativo babilônico e de um retorno à sua condição anterior, visto que isso se ajusta bem àquilo que é dito ao próprio profeta (Ez 37.11-12). No entanto, negamos que se deva considerar apenas a libertação do cativo babilônico. Pois, certamente, a ressurreição universal dos mortos também é proposta nesta visão como prelúdio evidente e quadro seguro.

...Essa leitura é provada dos seguintes modos. Primeiro, ela é provada pela descrição enfática da visão. É difícil existir outra parte da Escritura na qual a forma e o modo da ressurreição sejam enfatizados tão claramente por palavras e expressões.

Segundo, ela é provada a partir da matéria mais ampla. É dito que os ossos secos são vivificados pelo espírito que vem dos quatro ventos (ou seja, dos quatro cantos da terra) e que esse espírito sopra sobre esses mortos para que vivam (Ez 37.9). Mas os judeus que retornaram à terra de Canaã não foram juntados dos quatro cantos da terra – isso só é verdadeiro sobre a ressurreição universal, no fim dos tempos (Mt 24.31; Mc 13.37). Além disso, é dito desses ressuscitados que eles formavam um exército sobremodo numeroso (Ez 37.10). Mas os israelitas que voltaram da Babilônia para Canaã não eram em número tão elevado...

Terceiro, ela é provada pela comparação com outras declarações do Antigo e do Novo Testamentos nas quais quase as mesmas expressões são usadas para descrever a ressurreição dos mortos. Quarto, ela é provada a partir do testemunho unânime dos Pais. Para tais testemunhos, veja os ditos colecionados pelo abençoador Johann Gerhard em seu *Theological commonplace* sobre a ressurreição. Quinto, ela é provada pelas confissões dos rabinos, ainda mais antigas. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>11</sup>

**A RESSURREIÇÃO DO CORPO.** WILLIAM GREENHILL: Na ressurreição, as pessoas terão novamente seu próprio corpo e sua própria alma. Essa visão dos ossos secos é interpretada, pe-

los Pais e por outros, como sendo uma representação vívida da ressurreição. Reparemos aqui que os ossos se ajuntavam, cada osso ao seu osso; os mesmos ossos que antes estavam unidos se uniram novamente nessa ressurreição; e os mesmos tendões, a mesma carne, a mesma pele que, anteriormente, pertenciam a eles, viveram e os cobriram novamente, de modo que a mesma alma e o mesmo espírito vieram e entraram neles, e eles viveram. O pai não tinha a alma ou o corpo do filho, nem a filha, a alma ou o corpo da mãe, mas cada um tinha seu próprio corpo e sua própria alma. Jó tinha essa fé, ao dizer: “Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão” (Jó 19.26-27).

As almas das pessoas não dormem com seu corpo no pó nem desaparecem. O profeta chama as almas de todos aqui para que venham dos “quatro ventos”, isto é, daquelas partes onde elas estavam. Se elas estivessem nos ossos ou no pó da terra ou tivessem desaparecido, o Senhor não teria orientado o profeta a chamá-las de todas as partes da terra. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>12</sup>

**A REDENÇÃO DOS JUDEUS?** MATTHEW MEADE: “Sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu abrir a vossa sepultura e vos fizer sair dela” (Ez 37.13). Isso significa a redenção deles. “Porei em vós o meu Espírito, e vivereis” (Ez 37.15). Isso significa a conversão deles. Ora, que isso olha para além da redenção deles da Babilônia é bem evidente a partir da profecia seguinte após esta, a qual nada mais é que uma explicação desta dos ossos mediante a metáfora de dois pedaços de madeira ajuntados, metáfora essa que mostra que Israel e Judá serão reunidos para sempre em Cristo. Eu farei do pedaço de Efraim e de Judá um só pedaço, e eles serão um só pedaço na minha mão, ou seja, no tempo em que se sujeitarem ao meu governo. E é nesse tempo

<sup>11</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 271. A explicação de Raupius é tirada diretamente de Johan Gerhard, *Locorum Theologicorum Tomus Octavus* (Jena, 1621), 996-1003.

<sup>12</sup> *Exposition*, 742.

que as coisas ditas anteriormente hão de ocorrer, quando eles forem reunidos de entre todas as nações, estabelecidos em sua própria terra e convertidos ao Senhor. SERMÕES.<sup>13</sup>

### 37.15-23 *Uma só Nação, um só Senhor*

**DOIS PEDAÇOS DE MADEIRA.** JOHN MAYER: Conforme a comparação dos dois pedaços de madeira, ele deve escrever no primeiro o nome de Judá e, no outro, o nome de Efraim. Depois disso, ele deve juntá-los e, em seguida, profetizar a reunião dos dois reinos, de Judá e Israel, que foram divididos entre Roboão e Jeroboão, mas que serão reunidos sob Davi, o qual, novamente, é Cristo apresentado por esse nome (Ez 34.24). Depois disso ele afirma que eles não mais ficarão divididos para sempre, mas continuarão como uma só nação num estado próspero e feliz, tendo o santuário do Senhor em seu meio.

Aqui, o nome de Efraim é usado para representar o reino de Israel porque Jeroboão era de Efraim. O fato de essa profecia não dizer respeito à condição deles sob Zorobabel, ou sob os príncipes que o sucederam depois do retorno deles, é evidente porque ele não foi rei como Davi, nem aqueles das dez tribos foram unidos a Judá sob o seu comando, ou de qualquer um dos seus sucessores. Todavia, o fato é que eles ainda permanecem cortados, na expectativa do tempo em que o Senhor, convertendo-os a Cristo, os fará abençoados e felizes, de acordo com Romanos 11.25, como discutido em outras partes nos profetas. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>14</sup>

**DOIS PEDAÇOS DE MADEIRA AJUNTADOS.** WILLIAM GREENHILL: Encerrada a visão dos ossos secos e sua interpretação, segue aqui a tarefa simbólica dos dois pedaços de madeira, e a unificação deles... Deus faria desses dois pedaços de madeira um só, não uma só tribo, mas um só reino. Eles tinham existido como dois reinos, em grande inimizade, e, nessa época, estavam dispersos entre as nações. Mas o Senhor promete reuni-los e unificá-los, de modo que já não haverá um reino de Israel e um reino de Judá, mas o pedaço de Efraim será unido ao

pedaço de Judá. Eles serão apenas um pedaço de madeira, um reino e um rei, e isso na mão do Senhor. A Septuaginta traz “na mão de Judá”. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>15</sup>

**DOIS REINOS AGORA UM SÓ.** JOHN MAYER: Os dois reinos, diz Jerônimo, não devem ser entendidos, precisamente, como dos filhos de Israel segundo a carne, mas segundo o espírito. Assim, isso significa que, enquanto a divisão era antes entre judeus e gentios, agora aqui não deve haver mais tal divisão, mas todos devem ser um em Cristo, tendo sido derribada a antiga parede da separação. Embora ele fale da habitação deles em sua própria terra novamente depois disso, deve-se entender isso apenas como uma alusão àquilo que foi feito nos dias de Davi. Pois assim como naquela época a felicidade deles estava, em parte, no fato de eles não habitarem numa terra estranha, mas em sua própria terra, a qual Deus, em sua misericórdia, lhes dera, assim também, agora, a felicidade dos cristãos deve igualmente repousar no fato de que, em qualquer terra em que morarem, ela não deve ser para eles como terra profana, mas santa e santificada por sua fé, pela qual eles devem se tornar como santuário de Deus no meio dela, como a terra de Canaã antigamente, na qual, de maneira singular, o Senhor tinha então seu santuário e templo. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>16</sup>

**DOIS TORNAM-SE UM EM CRISTO.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: A profecia se refere à pessoa de Cristo e àqueles que, no futuro distante, seriam acrescentados às promessas de Judá... O povo será um, isto é, uma vez que a parede da separação tiver sido derribada por Cristo, os dois são unidos, à parte da lei, pelo dom da fé. Somos primeiramente chamados por sua graça a fim de sermos um só povo, visto haver um só Deus, um só Senhor, um só Espírito, um só Rei e um só Sacerdote. Qualquer que seja a mão a segurar o pedaço de madeira (pois é um único

<sup>13</sup> *Sermons*, 95-96.

<sup>14</sup> *Prophets*, 455.

<sup>15</sup> *Exposition*, 745-46.

<sup>16</sup> *Prophets*, 455.

reino de graça estendido a todos), eles estão ajuntados como um só; eles são um único reino a partir dos dois. Não há distinção – primeiro ao judeu e também ao grego... Todos são reconciliados por um só Cristo, dado pelo Pai como nossa propiciação, fora de quem não há salvação. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>17</sup>

**GRACIOSAS PROMESSAS DE DEUS.** WILLIAM GREENHILL: Neste versículo (Ez 37.21) é prometido que as doze tribos, abrangidas pelas palavras “os filhos de Israel”, retornarão de todas as nações para onde foram espalhadas e virão para a sua própria terra. Não somente Judá e Benjamim devem ser reunidas e trazidas novamente a Canaã, mas também as demais tribos. Esta é uma promessa magnífica e graciosa.

...Trazidos à sua própria terra, Deus acrescenta aqui três novas promessas adicionais. A primeira é unificá-los numa única nação, pois, por algumas centenas de anos, eles estiveram divididos e viveram em amarga inimizade, uma nação contra a outra.

Após a divisão feita por Jeroboão, lemos sobre vários reis que eles tiveram, reis de Judá e reis de Israel. Houve dois reinos e diferentes reis em ambos; mas estando os reinos unidos num só, o Senhor promete a eles não uma sucessão de reis sobre eles, mas um só rei para governar sobre todos eles. Eles devem ser um só reino e ter um só rei. Esta é a segunda grande promessa.

“Nunca mais serão duas nações, nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos.” Esta é a terceira promessa e é também uma grande promessa, a saber, eles continuarão como um reino, um só reino, e nunca mais serão divididos. Não haverá nenhum Roboão e nenhum Jeroboão para causar divisões nele. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>18</sup>

**POVO DE DEUS.** JAKOB RAUPIUS: *Farei delas uma só nação* (ou seja, eu farei com que eles sejam uma só nação) *na terra, nos montes de Israel, e um só rei* (esse rei, evidentemente, é Cristo, como se conclui a partir de Ezequiel 37.24) *será rei de todos eles* (ou seja, seu rei será o rei de todos). *Nunca mais serão duas nações* (eles já não mais serão de duas nações);

*nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos.* “Nunca mais” é acrescentado para intensificar a expressão. Piscator muda o versículo para dizer *nunca mais para o futuro dividido em dois reinos.*

Paulo expressa esses mesmos sentimentos em Efésios 2.14. E observa-se que alguns dos samaritanos, no tempo de Cristo, são libertos da superstição dos pagãos. Assim, este versículo (Ez 37.22) indica que a reunião da igreja é dentre os judeus, os samaritanos, os pagãos, etc. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>19</sup>

**CONVERSÃO DOS JUDEUS.** WILLIAM GREENHILL: A opinião, se não a fé, de muitos é que os dois pedaços de madeira que representam as duas casas, de Judá e Israel, ainda virão a ser ajuntados e unificados. A grande justificação para isso é que eles não chegaram a ter um só rei, um só pastor, a saber, Davi, por meio de quem se indica o Messias, para reinar sobre eles.

...Podemos justificadamente esperar e orar pela conversão dos judeus. Deus prometeu reunir os filhos de Israel e trazê-los a Davi, seu rei, ou seja, a Cristo: *Eis que eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes... e um só rei será o rei de todos eles* (Ez 37.21-22). Visto que Deus prometeu fazê-lo, podemos crer e orar por isso. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>20</sup>

**OS JUDEUS CONVERTIDOS.** MATTHEW MEADE: Temos três afirmações do Espírito Santo, nas partes seguintes desta profecia, para deixar isso [a conversão dos judeus] fora de toda dúvida. A primeira é que eles serão ajuntados de todas as nações. “Eis que eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes, e os levarei para a sua própria terra” (Ez 37.21). A segunda é: “Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel” (Ez 37.22). Ele acrescenta em Ezequiel 37.25: “Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, na qual vossos pais habitaram;

<sup>17</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 180.

<sup>18</sup> *Exposition*, 747.

<sup>19</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 276.

<sup>20</sup> *Exposition*, 747.

habitarão nela, eles e seus filhos e os filhos de seus filhos.” Terceira, eles se converterão ao Senhor. Temos isso em Ezequiel 37.23: “Nunca mais se contaminarão com os seus ídolos, nem com as suas abominações, nem com qualquer das suas transgressões.” Em seguida, vem: “E os purificarei. Assim, eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.” Aqui está a conversão deles, que é ainda confirmada em Ezequiel 37.26: “Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua... e porei o meu santuário no meio deles, para sempre.” Isso não se refere ao seu santuário terreno, mas a um santuário evangélico, um glorioso templo evangélico que jamais será destruído, como o primeiro e o segundo templo o foram. SERMÕES.<sup>21</sup>

#### POR QUE CRER NA CONVERSÃO DOS JUDEUS?

MATTHEW MEADE: Vocês dirão: Em que uma doutrina como essa do retorno dos judeus à sua própria terra nos afeta? De que nos serve se eles vão retornar ou não? Respondo: essa doutrina é muito instrutiva e educativa para nós, em especial nestes quatro ou cinco pontos.

1. Ela nos mostra a grande eficácia do amor eletivo de Deus; nenhum dos objetos desse amor jamais fracassará. Os judeus são uma grande prova disso... Deus não os rejeitará totalmente; embora ele os expulse, não os descartará, porque Deus tem uma semente entre eles que deve se converter. A eleição prevalecerá, embora os demais sejam cegados e endurecidos, de maneira que podemos ver aqui um motivo para admirar o amor eletivo de Deus, sua eficácia através de todos os tempos e eras.

2. Essa doutrina é de grande uso para confirmar nossa fé no grande atributo da fidelidade de Deus, tanto para com o seu povo como para com sua promessa...

3. Desse retorno do seu povo à sua própria terra, podemos aprender que uso fazer de bênçãos menores e não permitir que venhamos a desconsiderá-las, pois elas são precursoras de misericórdia ainda maior...

4. Tenhamos fé nessa verdade, que os pobres judeus se converterão. Creiamos por um povo que não pode crer por si mesmo.

Será que Deus requer que preguemos essa verdade? Então ele requer que vocês creiam nela.

“Ouvi a palavra do Senhor, ó nações, e anunciai nas terras longínquas do mar, e dissei: Aquele que espalhou a Israel o congregará e o guardará” (Jr 31.10). SERMÕES.<sup>22</sup>

#### 37.24-28 Davi e Cristo

**MEU SERVO DAVI É CRISTO.** WILLIAM GREENHILL: “Davi” não pode ser uma referência a Zorobabel, pois Zorobabel não foi rei. Mesmo que tivesse sido rei, o fato é que ele não foi príncipe deles para sempre, como é dito deste “Davi”. “Davi”, aqui, é uma referência a Cristo, como ocorre com frequência na sagrada Escritura (Ez 34.23; Os 3.5; Is 37.35; 2Rs 19.34; Jr 30.9). E para que vocês vejam claramente que é assim, comparem Isaías 55.3, que menciona as “fiéis misericórdias prometidas a Davi”, com Atos 13.34, onde isso é interpretado como se referindo a Cristo. Igualmente, em Amós 9.11, “o tabernáculo de Davi” se refere a Cristo (At 15.16). Desse modo, “Davi” é o Senhor Cristo, que é assim chamado por ser descendente de seus lombos (Rm 1.3), pelo que é chamado “filho de Davi” (Mt 1.1; 15.22; Mc 12.35), e porque Davi foi um tipo de Cristo tanto ao matar Golias como em seus ofícios real e profético. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>23</sup>

**CRISTO E DAVI.** JOHANN GERHARD: 1Samuel 22.2 relata que, no tempo em que Davi esteve vagueando no exílio e foi forçado a fugir do rei Saul, muitos homens que estavam aflitos, humilhados e desesperados se uniram a ele. Nesse aspecto, como também em muitos outros, Davi foi um protótipo de nosso Senhor Jesus Cristo. Na Escritura, Cristo não só é chamado às vezes de filho de Davi, mas também o próprio nome de Davi lhe é atribuído (Ez 34.23; 37.24). Antes do seu exílio, Davi tinha sido ungido rei sobre todo o Israel. No entanto, ele não passou a reinar imediatamente, mas primeiro, pela extraordinária providência de Deus, teve de vaguear numa situação de pobreza e humildade. Foi assim também que

<sup>21</sup> *Sermons*, 96.

<sup>22</sup> *Sermons*, 97-99.

<sup>23</sup> *Exposition*, 750.

aconteceu com Cristo, que, segundo sua natureza humana, foi ungido rei e sumo sacerdote pelo Espírito Santo. No entanto, ele não implementou imediatamente o seu reino eterno, mas se esvaziou dele e perambulou em servidão na terra, até que, em sua vitoriosa ascensão ao céu, ele finalmente recebeu todo o poder no céu e na terra (Mt 28.18) e foi feito Senhor sobre toda a criação; e tudo foi colocado sob os seus pés (Sl 8.7). *POSTILLA*.<sup>24</sup>

**DAVI É CRISTO.** MATTHEW MEADE: Para estabelecer a verdade da conversão deles [isto é, dos judeus] a Cristo, Ezequiel acrescenta que eles não apenas verão o Senhor, seu Deus, mas também Davi, seu rei. Esse não é Davi, o filho de Jessé, pois ele estava morto e decomposto muito tempo antes dessa promessa ser feita; nem pode ser Zorobabel, pois isso é dito de um tempo que há de vir dois mil anos depois de seu tempo. Não há nada mais claro de que, por Davi, se pretende indicar o Senhor Cristo. Ele é chamado muitas vezes de Davi nas Escrituras. “Este povo, que servirá ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei”, isto é, Cristo (Jr 30.9). “Eu, o SENHOR, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas” (Ez 34.24). E “Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente” (Ez 37.25). Ora, quem pode ser esse Davi senão Cristo? Qual Davi é príncipe eternamente, senão aquele que é o filho de Davi e o Senhor de Davi? Consequentemente, ele é chamado de a Raiz e a Geração de Davi. Ele é sua Raiz como Deus, sua Geração como homem que dele descende. É evidente que, por Davi, se pretende indicar Cristo. *SERMÕES*.<sup>25</sup>

**UMA ALIANÇA ETERNA.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Essa aliança será estabelecida por Cristo, por meio de quem temos paz com o Pai, para todo o sempre. “E eu lhes darei um mediador tão excelente, que é minha bênção para as nações e que multiplicará os seus por sua pala-

vra, e ele será meu templo e morada entre vocês.”... E nesse templo, que, pela ressurreição, foi reconstruído e glorificado, encontramos nossa paz, e tudo o que buscamos em oração, acharemos. Agora, nesse templo, Deus habita para sempre e responde nossas orações. Desse modo, Deus traz alívio e nos ajuda, pois somos o seu povo, seguindo-o pela fé. *COMMENTARY ON THE PROPHET EZEKIEL*.<sup>26</sup>

**UMA ALIANÇA DE PAZ.** WILLIAM GREENHILL:

O significado é que eles não mais viverão segundo a conduta das pessoas ou a imaginação do seu próprio coração, mas deverão consultar a palavra de Deus e moldar a própria vida de acordo com ela. Eles não mais confiarão em seu cumprimento da lei, mas olharão para Davi, seu rei, e o chamarão “Senhor, justiça nossa”.

Alguns consideram essa promessa de Davi ser rei sobre os judeus como cumprida no reinado de Cristo, o Messias, quando ele esteve aqui na terra, porque então ele deu os seus mandamentos e requereu obediência a eles... Outros pensam de outra forma e acreditam que essa grande promessa feita aqui às duas casas de Judá e Israel ainda precisa ser cumprida: (1) Porque as duas casas ainda não foram unificadas... (2) Porque os judeus não reconhecem Cristo; nenhuma das duas casas o reconhece; nem Judá nem Israel aceitam Cristo como o Messias... (3) Os judeus estiveram, e ainda estão, debaixo de muitos reis e pastores... (4) Eles andarão, então, nos caminhos de Cristo, não nos caminhos de Moisés...

De Ezequiel 37.26-27, eu lhes farei apenas esta observação, de que há grandes e preciosas promessas que dizem respeito aos judeus, promessas essas ainda não cumpridas. A perpétua aliança de paz, Cristo como seu rei e templo, com muitas outras promessas, de tudo isso os judeus aguardam o cumprimento. E assim façamos nós, pois Deus é fiel e confirmará a sua palavra. *UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL*.<sup>27</sup>

<sup>24</sup> *Postilla* 1:38-39.

<sup>25</sup> *Sermons*, 104-5.

<sup>26</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 181.

<sup>27</sup> *Exposition*, 750-51, 753.

## 38.1 – 39.29 A PROFECIA CONTRA GOGUE

<sup>1</sup> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: <sup>2</sup> Filho do homem, volve o rosto contra Gogue, da terra de Magogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal; profetiza contra ele <sup>3</sup> e dize: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal.

<sup>4</sup> Far-te-ei que te volvas, porei anzóis no teu queixo e te levarei a ti e todo o teu exército, cavalos e cavaleiros, todos vestidos de armamento completo, grande multidão, com pavês e escudo, empunhando todos a espada; <sup>5</sup> persas e etiopes e Pute com eles, todos com escudo e capacete; <sup>6</sup> Gômer e todas as suas tropas; a casa de Togarma, do lado do Norte, e todas as suas tropas, muitos povos contigo.

<sup>7</sup> Prepara-te, sim, dispõe-te, tu e toda a multidão do teu povo que se reuniu a ti, e serve-lhe de guarda. <sup>8</sup> Depois de muitos dias, serás visitado; no fim dos anos, virás à terra que se recuperou da espada, ao povo que se congregou dentre muitos povos sobre os montes de Israel, que sempre estavam desolados; este povo foi tirado de entre os povos, e todos eles habitarão seguramente. <sup>9</sup> Então, subirás, virás como tempestade, far-te-ás como nuvem que cobre a terra, tu, e todas as tuas tropas, e muitos povos contigo.

<sup>10</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Naquele dia, terás imaginações no teu coração e conceberás mau desígnio; <sup>11</sup> e dirás: Subirei contra a terra das aldeias sem muros, virei contra os que estão em repouso, que vivem seguros, que habitam, todos, sem muros e não têm ferrolhos nem portas; <sup>12</sup> isso a fim de tomares o despojo, arrebatares a presa e levatares a mão contra as terras desertas que se acham habitadas e contra o povo que se congregou dentre as nações, o qual tem gado e bens e habita no meio da terra. <sup>13</sup> Sabá e Dedã, e os mercadores de Târsis, e todos os seus governadores rapaces te dirão: Vens tu para tomar o despojo? Ajuntaste o teu bando para arrebatar a presa, para levar a prata e o ouro, para tomar o gado e as possessões, para saquear grandes despojos?

<sup>14</sup> Portanto, ó filho do homem, profetiza e dize a Gogue: Assim diz o SENHOR Deus: Acaso, naquele dia, quando o meu povo de Israel habitar seguro, não o saberás tu? <sup>15</sup> Virás, pois, do teu lugar, dos lados do Norte, tu e muitos povos contigo, montados todos a cavalo, grande multidão e poderoso exército; <sup>16</sup> e subirás contra o meu povo de Israel, como nuvem, para cobrir a terra. Nos últimos dias, hei de trazer-te contra a minha terra, para que as nações me conheçam a mim, quando eu tiver vingado a minha santidade em ti, ó Gogue, perante elas.

<sup>17</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Não és tu aquele de quem eu disse nos dias antigos, por intermédio dos meus servos, os profetas de Israel, os quais, então, profetizaram, durante anos, que te faria vir contra eles? <sup>18</sup> Naquele dia, quando vier Gogue contra a terra de Israel, diz o SENHOR Deus, a minha indignação será mui grande. <sup>19</sup> Pois, no meu zelo, no brasume do meu furor, disse que, naquele dia, será fortemente sacudida a terra de Israel, <sup>20</sup> de tal sorte que os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo, e todos os répteis que se arrastam sobre a terra, e todos os homens que estão sobre a face da terra tremerão diante da minha presença; os montes serão deitados abaixo, os precipícios se desfarão, e todos os muros desabarão por terra. <sup>21</sup> Chamarei contra Gogue a espada em todos os meus montes, diz o SENHOR Deus; a espada de cada um se voltará contra o seu próximo. <sup>22</sup> Contenderei com ele por meio da peste e do sangue; chuva inundante, grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre farei cair sobre ele, sobre as suas tropas e sobre os muitos povos que estiverem com ele. <sup>23</sup> Assim, eu me engrandecerei, vindicarei a minha santidade e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou o SENHOR.

**39** Tu, pois, ó filho do homem, profetiza ainda contra Gogue e dize: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal. <sup>2</sup> Far-te-ei que te volvas e te conduzirei, far-te-ei subir dos lados do Norte e te trarei aos montes de Israel. <sup>3</sup> Tirarei o teu arco da tua mão esquerda e farei cair as tuas flechas da tua mão direita. <sup>4</sup> Nos montes de Israel, cairás, tu, e todas as tuas tropas, e os povos que estão contigo; a toda espécie de aves de

rapina e aos animais do campo eu te darei, para que te devam. <sup>5</sup> Cairás em campo aberto, porque eu falei, diz o SENHOR Deus. <sup>6</sup> Meterei fogo em Magogue e nos que habitam seguros nas terras do mar; e saberão que eu sou o SENHOR.

<sup>7</sup> Farei conhecido o meu santo nome no meio do meu povo de Israel e nunca mais deixarei profanar o meu santo nome; e as nações saberão que eu sou o SENHOR, o Santo em Israel. <sup>8</sup> Eis que vem e se cumprirá, diz o SENHOR Deus; este é o dia de que tenho falado.

<sup>9</sup> Os habitantes das cidades de Israel sairão e queimarão, de todo, as armas, os escudos, os paveses, os arcos, as flechas, os bastões de mão e as lanças; farão fogo com tudo isto por sete anos. <sup>10</sup> Não trarão lenha do campo, nem a cortarão dos bosques, mas com as armas acenderão fogo; saquearão aos que os saquearam e despojarão aos que os despojaram, diz o SENHOR Deus.

<sup>11</sup> Naquele dia, darei ali a Gogue um lugar de sepultura em Israel, o vale dos Viajantes, ao oriente do mar; espantar-se-ão os que por ele passarem. Nele, sepultarão a Gogue e a todas as suas forças e lhe chamarão o vale das Forças de Gogue. <sup>12</sup> Durante sete meses, estará a casa de Israel a sepultá-los, para limpar a terra. <sup>13</sup> Sim, todo o povo da terra os sepultará; ser-lhes-á memorável o dia em que eu for glorificado, diz o SENHOR Deus. <sup>14</sup> Serão separados homens que, sem cessar, percorrerão a terra para sepultar os que entre os transeuntes tenham ficado nela, para a limpar; depois de sete meses, iniciarão a busca. <sup>15</sup> Ao percorrerem eles a terra, a qual atravessarão, em vendo algum deles o osso de algum homem, porá ao lado um sinal, até que os enterradores o sepulem no vale das Forças de Gogue. <sup>16</sup> Também o nome da cidade será o das Forças. Assim, limparão a terra.

<sup>17</sup> Tu, pois, ó filho do homem, assim diz o SENHOR Deus: Dize às aves de toda espécie e a todos os animais do campo: Ajuntai-vos e vinde, ajuntai-vos de toda parte para o meu sacrifício, que eu oferecerei por vós, sacrifício grande nos montes de Israel; e comereis carne e bebereis sangue. <sup>18</sup> Comereis a carne dos poderosos e bebereis o sangue dos príncipes da terra, dos carneiros, dos cordeiros, dos bodes e dos novilhos, todos engordados em Basã. <sup>19</sup> Do meu sacrifício, que oferecerei por vós, comereis a gordura até vos fartardes e bebereis o sangue até vos embriagardes. <sup>20</sup> À minha mesa, vós vos fartareis de cavalos e de cavaleiros, de valentes e de todos os homens de guerra, diz o SENHOR Deus.

<sup>21</sup> Manifestarei a minha glória entre as nações, e todas as nações verão o meu juízo, que eu tiver executado, e a minha mão, que sobre elas tiver descarregado. <sup>22</sup> Desse dia em diante, os da casa de Israel saberão que eu sou o SENHOR, seu Deus. <sup>23</sup> Saberão as nações que os da casa de Israel, por causa da sua iniquidade, foram levados para o exílio, porque agiram perfidamente contra mim, e eu escondi deles o rosto, e os entreguei nas mãos de seus adversários, e todos eles cairam à espada. <sup>24</sup> Segundo a sua imundícia e as suas transgressões, assim me houve com eles e escondi deles o rosto.

<sup>25</sup> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Agora, tornarei a mudar a sorte de Jacó e me compadecerei de toda a casa de Israel; terei zelo pelo meu santo nome. <sup>26</sup> Esquecerão a sua vergonha e toda a perfídia com que se rebelaram contra mim, quando eles habitarem seguros na sua terra, sem haver quem os espante, <sup>27</sup> quando eu tornar a trazê-los de entre os povos, e os houver ajuntado das terras de seus inimigos, e tiver vindicado neles a minha santidade perante muitas nações. <sup>28</sup> Saberão que eu sou o SENHOR, seu Deus, quando virem que eu os fiz ir para o cativeiro entre as nações, e os tornei a ajuntar para voltarem à sua terra, e que lá não deixarei a nenhum deles. <sup>29</sup> Já não esconderei deles o rosto, pois derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o SENHOR Deus.

---

**PANORAMA:** O próximos dois capítulos discutem uma futura batalha contra Gogue e Magogue. Há certa confusão em relação à iden-

tidade de Gogue. Será que Gogue representa o anticristo e a futura batalha contra ele? Será que Gogue representa um rei ou uma nação nos dias



de Ezequiel que se levantaria contra o povo de Deus? A profecia indica que o povo de Deus sofrerá nas mãos de outros, mas Deus os protegerá e os livrará.

Ezequiel 39 termina com a prometida restauração da casa de Israel. A questão é se essa restauração é considerada historicamente, como se referindo àqueles que estavam na Babilônia, ou espiritualmente, referindo-se a todos os crentes em todas as épocas. Se historicamente, dos judeus no cativeiro, então surge um problema com a destruição de Jerusalém pelos romanos. Teria Deus abandonado sua promessa de protegê-los eternamente? Novamente, a pergunta da salvação futura dos judeus é levantada e confirmada. Virá um tempo em que Deus derramará sua misericórdia abundante sobre os judeus, congregando-os e derramando o seu Espírito sobre eles.

**GOGUE E MAGOGUE.** WILLIAM GREENHILL: Este capítulo e o próximo tratam de Gogue e Magogue, que eram nações contrárias ao povo de Deus... Para que os judeus não aguardassem para breve o cumprimento daquelas grandes promessas no capítulo anterior, concernentes à união das duas casas, do Messias como seu Rei e dos grandes privilégios que por meio disso teriam, ele lhes fala aqui dos grandes flagelos que eles devem aguardar, de tempos sombrios e juízos pesados que sobreviriam aos seus inimigos. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**GOGUE E MAGOGUE.** JOHN MAYER: Para Lyra, Gogue é o anticristo, que deve se levantar e perseguir a igreja de Cristo, próximo ao fim do mundo, pelo que se diz: *Depois de muitos dias... no fim dos anos, virás à terra que se recuperou da espada* (Ez 38.8). E afirma que ele é chamado Gogue, que significa “encoberto”, porque ele será o diabo em forma humana, e na terra de Magogue, que significa “do encoberto”, como se falasse de sua comitiva ou família, ou seja, os que vêm com ele. Para comprovar isso ele cita Apocalipse 20, onde Gogue e Magogue, anunciando o anticristo, são mencionados novamente após os mil anos, tempo da prisão e destruição de Satanás (2Ts 2.8).

No entanto, Franciscus Junius interpreta aquilo que é aqui profetizado como se referindo aos inimigos por meio dos quais os judeus devem sofrer após retornarem do cativeiro, quando estiverem vivendo novamente em prosperidade, por algum tempo, em sua própria terra. Para ele, Gogue é um povo da Ásia Menor... A opinião de Lyra é aceita mais largamente. Entretanto, Junius fala, com maior probabilidade, que Gogue pode ser entendido como sendo o rei da Síria, que posteriormente reinaria, terminado o império dos medos e dos persas e cessada a monarquia grega após a morte de Alexandre. Pois isso ocorreu depois de muitos dias e anos, a saber, cerca de trezentos anos depois que judeus voltaram a viver novamente na Judeia. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

**GOGUE E MAGOGUE.** JAKOB RAUPIUS: Visto haver grande discrepância de opinião acerca do assunto de Ezequiel 38–39, é necessário, em primeiro lugar, investigar essas opiniões e trazer o máximo de luz que pudermos sobre o assunto, antes de interpretarmos o texto. Há pouca concordância sobre o significado dos nomes Gogue e Magogue. Jerônimo interpreta tudo isso como sendo uma alegoria a respeito do conflito entre a carne e o espírito (cf. Rm 7) e pensa que o diabo, o mundo, os hereges e, por fim, todos os inimigos da igreja são representados pelos nomes de Gogue, Magogue, Tubal e Meseque (Gn 10.2)... Ambrósio deriva o significado de seu próprio tempo e os identifica com os godos, que devastavam o Império Romano... Junius, seguindo Piscator, entende que se trata dos reis da Ásia Menor e da Síria que viveram durante o período dos Macabeus e que, com seus exércitos, se apossaram da Judeia. Deixemos de lado essas várias conjecturas e entendamos como o Dr. Lutero, que os turcos, que assolam a igreja por todo o mundo, são indicados por Gogue e Magogue. COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**ALDEIAS SEM MUROS.** WILLIAM GREENHILL: “Subirei contra a terra das aldeias sem muros”

<sup>1</sup> *Exposition*, 754.

<sup>2</sup> *Prophets*, 456.

<sup>3</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 278.

(Ez 38.11). Esse era o pensamento perverso que estava na mente de Gogue. Ele imaginou em seu coração subir e invadir a terra dos judeus, e aquilo que o atraía e o encorajava a assim fazer era a desproteção deles. Eles não tinham muros em torno de suas aldeias. Gogue imaginou: eu conquistarei facilmente e subjuguarei a nação judaica e a acrescentarei aos meus territórios, pois eles não possuem pontos de resistência... A segunda razão era a segurança deles. Cansados de seus setenta anos de cativeiro e tendo voltado novamente à sua terra, os judeus tinham repouso e segurança, de acordo com o que Deus lhes prometera. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

**SEGURANÇA NO REINO DE DEUS.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: A maior promessa é a segurança do reino de Cristo. Zacarias afirma que Jerusalém será habitada como as aldeias, por causa das pessoas e dos animais que haverá nela. “Pois eu lhe serei, diz o SENHOR, um muro de fogo em redor” (Zc 2.5). É em aldeias sem muros que eles vivem livremente sem temor do inimigo. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**O JUÍZO DE DEUS SOBRE GOGUE.** WILLIAM GREENHILL: Diante das tentativas dos ímpios, Deus aproveitou a oportunidade para executar os seus juízos sobre eles e, assim, receber glória para o seu nome até mesmo dos pagãos. Diante da fraqueza dos judeus (eles se encontravam em aldeias sem muros), Gogue aproveitou para invadir e causar destruição. Agora, por causa dessa invasão injusta de Gogue à terra dos judeus, Deus aproveita para infligir juízos terríveis sobre Gogue e seu povo, para que os pagãos o conhecessem, ao ser ele santificado em Gogue. Ao verem tais juízos sobre Gogue, eles devem temer o Deus de Israel e aprender a justiça. Deus é conhecido ao executar os seus juízos (Sl 9.16). Nisso ele é conhecido como sendo o Altíssimo sobre toda a terra. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**O SANTO NOME DE DEUS.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: *Farei conhecido o meu santo nome* (Ez 39.7). Cristo é o santo nome de Deus, o único em quem há salvação, em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do co-

nhecimento de Deus e grande glória, porque ele aboliu todas as potestades e poderes. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA EZEQUIEL.<sup>7</sup>

**CONFORTO EM MEIO À TRIBULAÇÃO.** JOHN MAYER: Esta é uma profecia de grandes transbordamentos sobrevivendo aos judeus. Mas ela fala, em seguida, da libertação do aperto mediante o juízo divino aos seus inimigos. Isso seria muito útil para eles, quando, mais tarde, fossem provados dessa forma, eles não se desesperariam nem se inquietariam, pensando que todas as promessas de felicidade, após sua libertação do cativeiro, iriam agora dar em nada. Como é dito aqui, embora os seus sofrimentos devessem ser grandes, no entanto, eles não ocorreriam à parte da vontade de Deus, e isso para que, em pouco tempo, eles fossem libertados deles novamente. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>8</sup>

**O SACRIFÍCIO.** WILLIAM GREENHILL: A palavra hebraica para “sacrifício” indica um sacrifício de um animal imolado. Quando um animal era abatido e oferecido a Deus, isso era, propriamente, um sacrifício. Às vezes, a palavra indica a matança de pessoas e animais, como aqui, a qual é chamada, metaforicamente, de sacrifício. Gogue, com seus homens e animais são mortos, e Deus chama isso de sacrifício, um grande sacrifício que ele preparou para as aves e os animais, um grande banquete ou ceia. O lugar onde isso deve ocorrer é nos “montes de Israel”.

...Por meio dessas expressões metafóricas são mostradas as carcaças mortas de homens, os quais foram de diversas disposições e qualidades. Alguns eram como carneiros e cordeiros, outros como bodes e novilhos; alguns possuíam carne mais agradável e mais tenra do que outros. Carneiros e bodes, ou grandes bodes, conforme o significado da palavra hebraica, eram líderes; cordeiros e novilhos eram os seguidores dos líderes. Todos eles eram de boa carne e gordos como as vacas de Basã.

<sup>4</sup> *Exposition*, 757.

<sup>5</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 185.

<sup>6</sup> *Exposition*, 759.

<sup>7</sup> *Commentarius in Ezechielem* (1553), 189.

<sup>8</sup> *Prophecs*, 458.

Basã era uma região montanhosa, além do Jordão, que produzia carvalhos fortes e boi gordo.

...As aves do céu e os animais do campo são comparados a pessoas num banquete, no qual, existindo carne e bebida [que os agrada], eles comem e bebem abundantemente. A gordura, a carne e o sangue das pessoas são atraentes e tão agradáveis às aves e aos animais que os deixarão fartos e saciados.

...Os montes de Israel eram a mesa aqui, as carcaças de homens eram as iguarias, as aves dos céus e os animais do campo, os convidados. A abundância e a variedade de iguarias que eles terão é tal como nunca foram vistas em alguma mesa antes. Todos os convidados devem se fartar. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>9</sup>

### 39.25-28 *Restauração de Israel*

**A IDENTIDADE DO POVO.** WILLIAM GREENHILL: Se referirmos essas palavras aos judeus cativos na Babilônia, o tempo de sua libertação se aproximava e, por isso, o Senhor diz: “Agora, tornarei a mudar a sorte de Jacó”, ou seja, da posteridade de Jacó que está no cativeiro. Mas se referirmos essas palavras a tudo o que precedeu no capítulo, o sentido é: estando Gogue e Magogue destruídos e encerrado o seu funeral, “agora, tornarei a mudar a sorte de Jacó”, isto é, os judeus dispersos, ou crentes, que constituíam a semente de Jacó. Alguns entendem aqui uma redução espiritual. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

**CASTIGO E REFORMA.** JOHN MAYER: Daqui para o final do capítulo, mostra-se, como deve ficar claro, pelos juízos executados sobre os

inimigos do povo de Deus, que eles não foram anteriormente entregues nas mãos dos caldeus como se Deus, então, os tivesse rejeitado completamente, mas para seu castigo e reforma. Além disso, ele continuava, em suas promessas, a favorecê-los e protegê-los perpetuamente. Caindo eles novamente em pecado, como fizeram antes de sua destruição pelos romanos, e isso de forma mais notória do que jamais antes, o Senhor não se prendeu por essa promessa. Mas para que ele pudesse justamente desarraigá-los novamente com mais severidade que antes, segundo a regra estabelecida de suas ações (Jr 18.10), isso ocorreu em sua derrota fatal pelos romanos. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>11</sup>

**OS JUDEUS SERÃO SALVOS.** WILLIAM GREENHILL: Por setenta anos, Deus escondeu deles o seu rosto na Babilônia; e desde que eles crucificaram Cristo, ele o escondeu deles por mil e seiscentos anos. No entanto, ele tem um tempo para permitir que eles vejam novamente o seu rosto, e nunca mais o esconder deles. Eles terão o seu favor, o seu conselho, a sua ajuda e proteção. Eles não estarão sob severo juízo, mas desfrutarão de graciosas misericórdias.

...Há um tempo no qual os judeus não somente terão misericórdia, mas misericórdia abundante e duradoura. Deus os congregará, derramará o seu Espírito sobre eles e nunca mais esconderá deles o seu rosto. Esse tempo será um tempo feliz e glorioso. Estar a casa de Israel enriquecida com os dons e graças do Espírito de Deus, que são excelentes, e ter a luz do rosto de Deus brilhando sobre si, e isso para sempre: o que poderia ser mais desejável? UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> *Exposition*, 769.

<sup>10</sup> *Exposition*, 772.

<sup>11</sup> *Prophets*, 459.

<sup>12</sup> *Exposition*, 773-74.

## 40.1-47 O PÁTIO E AS PORTAS DO NOVO TEMPLO

<sup>1</sup> No ano vigésimo quinto do nosso exílio, no princípio do ano, no décimo dia do mês, catorze anos após ter caído a cidade, nesse mesmo dia, veio sobre mim a mão do SENHOR, e ele me levou para lá. <sup>2</sup> Em visões, Deus me levou à terra de Israel e me pôs sobre um monte muito alto; sobre este havia um como edifício de cidade, para o lado sul. <sup>3</sup> Ele me levou para lá, e eis um homem cuja aparência era como a do bronze; estava de pé na porta e tinha na mão um cordel de linho e uma cana de medir. <sup>4</sup> Disse-me o homem: Filho do homem, vê com os próprios olhos, ouve com os próprios ouvidos; e põe no coração tudo quanto eu te mostrar, porque para isso foste trazido para aqui; anuncia, pois, à casa de Israel tudo quanto estás vendo.

<sup>5</sup> Vi um muro exterior que rodeava toda a casa e, na mão do homem, uma cana de medir, de seis côvados, cada um dos quais media um côvado e quatro dedos. Ele mediu a largura do edifício, uma cana; e a altura, uma cana. <sup>6</sup> Então, veio à porta que olhava para o oriente e subiu pelos seus degraus; mediu o limiar da porta: uma cana de largura, e o outro limiar: uma cana de largura. <sup>7</sup> Cada câmara tinha uma cana de comprimento e uma cana de largura; o espaço entre uma e outra câmara era de cinco côvados; o limiar da porta, junto ao vestibulo da porta interior, tinha uma cana. <sup>8</sup> Também mediu o vestibulo da porta interior: uma cana. <sup>9</sup> Então, mediu o vestibulo da porta, que tinha oito côvados; e os seus pilares: dois côvados; o vestibulo olha do interior da casa para a porta. <sup>10</sup> A porta para o lado oriental possuía três câmaras de cada lado, cuja medida era a mesma para cada uma; também os pilares deste lado e do outro mediam o mesmo. <sup>11</sup> Mediu mais a largura da entrada da porta, que era de dez côvados; a profundidade da entrada: treze côvados. <sup>12</sup> O espaço em frente das câmaras era de um côvado, e de um côvado, o espaço do outro lado; cada câmara tinha seis côvados em quadrado. <sup>13</sup> Então, mediu a porta desde a extremidade do teto de uma câmara até à da outra: vinte e cinco côvados de largura; e uma porta defronte da outra. <sup>14</sup> Mediu a distância até aos pilares, sessenta côvados, e o átrio se estendia até aos pilares em redor da porta. <sup>15</sup> Desde a dianteira da porta da entrada até à dianteira do vestibulo da porta interior, havia cinquenta côvados. <sup>16</sup> Havia também janelas com fasquias fixas superpostas para as câmaras e para os pilares, e da mesma sorte, para os vestibulos; as janelas estavam à roda pela parte de dentro, e nos pilares havia palmeiras esculpidas.

<sup>17</sup> Ele me levou ao átrio exterior; e eis que havia nele câmaras e um pavimento feito no átrio em redor; defronte deste pavimento havia trinta câmaras. <sup>18</sup> O pavimento ao lado das portas era a par do comprimento das portas; era o pavimento inferior. <sup>19</sup> Então, mediu a largura desde a dianteira da porta inferior até à dianteira do átrio interior, por fora: cem côvados do lado leste e do norte.

<sup>20</sup> Quanto à porta que olhava para o norte, no átrio exterior, ele mediu o seu comprimento e a sua largura. <sup>21</sup> As suas câmaras, três de um lado e três do outro, e os seus pilares, e os seus vestibulos eram da medida do primeiro vestibulo; de cinquenta côvados era o seu comprimento, e a largura, de vinte e cinco côvados. <sup>22</sup> As suas janelas, e os seus vestibulos, e as suas palmeiras eram da medida da porta que olhava para o oriente; subia-se para ela por sete degraus, e o seu vestibulo estava diante dela. <sup>23</sup> Essa porta do átrio interior estava defronte tanto da porta do norte como da do oriente; e mediu, de porta a porta, cem côvados.

<sup>24</sup> Então, ele me levou para o lado sul, e eis que havia ali uma porta que olhava para o sul; e mediu os seus pilares e os seus vestibulos, que tinham as mesmas dimensões. <sup>25</sup> Havia também janelas em redor dos seus vestibulos, como as outras janelas; cinquenta côvados, o comprimento do vestibulo, e a largura, vinte e cinco côvados. <sup>26</sup> De sete degraus eram as suas subidas, e os seus vestibulos estavam diante deles; e tinha palmeiras esculpidas, uma de um lado e outra do outro, nos seus pilares. <sup>27</sup> Também havia uma porta no átrio interior para o sul; e mediu, de porta a porta, para o sul, cem côvados.

<sup>28</sup> Então, me levou ao átrio interior pela porta do sul; e mediu a porta do sul, que tinha as mesmas dimensões. <sup>29</sup> As suas câmaras, e os seus pilares, e os seus vestibulos eram segundo estas medidas; e tinham também janelas ao redor dos seus vestibulos; o comprimento do vestibulo era de cinquenta côvados, e a largura, de vinte e cinco côvados. <sup>30</sup> Havia vestibulos em redor; o comprimento era de vinte e cinco côvados, e a largura, de cinco côvados. <sup>31</sup> Os seus vestibulos olhavam para o átrio exterior; e havia palmeiras nos seus pilares; e de oito degraus eram as suas subidas.

<sup>32</sup> Depois, me levou ao átrio interior, para o oriente, e mediu a porta, que tinha as mesmas dimensões. <sup>33</sup> Também as suas câmaras, e os seus pilares, e os seus vestibulos, segundo estas medidas; havia também janelas em redor dos seus vestibulos; o comprimento do vestibulo era de cinquenta côvados, e a largura, de vinte e cinco côvados. <sup>34</sup> Os seus vestibulos olhavam para o átrio exterior; também havia palmeiras nos seus pilares, de um e de outro lado; e eram as suas subidas de oito degraus.

<sup>35</sup> Então, me levou à porta do norte e a mediu; tinha as mesmas dimensões. <sup>36</sup> Também as suas câmaras, e os seus pilares, e os seus vestibulos, e as suas janelas em redor; o comprimento do vestibulo era de cinquenta côvados, e a largura, de vinte e cinco côvados. <sup>37</sup> Os seus pilares olhavam para o átrio exterior; também havia palmeiras nos seus pilares, de um e de outro lado; e eram as suas subidas de oito degraus.

<sup>38</sup> A sua câmara e a sua entrada estavam junto aos pilares dos vestibulos onde lavavam o holocausto. <sup>39</sup> No vestibulo da porta havia duas mesas de um lado e duas do outro, para nelas se degolar o holocausto e a oferta pelo pecado e pela culpa. <sup>40</sup> Também do lado de fora da subida para a entrada da porta do norte havia duas mesas; e, no outro lado do vestibulo da porta, havia duas mesas. <sup>41</sup> Quatro mesas de um lado, e quatro do outro lado; junto à porta, oito mesas, sobre as quais imolavam. <sup>42</sup> As quatro mesas para o holocausto eram de pedras lavradas; o comprimento era de um côvado e meio, a largura, de um côvado e meio, e a altura, de um côvado; sobre elas se punham os instrumentos com que imolavam o holocausto e os sacrificios. <sup>43</sup> Os ganchos, de quatro dedos de comprimento, estavam fixados por dentro ao redor, e sobre as mesas estava a carne da oblação.

<sup>44</sup> Fora da porta interior estavam duas câmaras dos cantores, no átrio de dentro; uma, do lado da porta do norte, e olhava para o sul; outra, do lado da porta do sul, e olhava para o norte. <sup>45</sup> Ele me disse: Esta câmara que olha para o sul é para os sacerdotes que têm a guarda do templo. <sup>46</sup> Mas a câmara que olha para o norte é para os sacerdotes que têm a guarda do altar; são estes os filhos de Zadoque, os quais, dentre os filhos de Levi, se chegam ao SENHOR para o servirem. <sup>47</sup> Ele mediu o átrio: comprimento, cem côvados, largura, cem côvados, um quadrado; o altar estava diante do templo.]

**PANORAMA:** Com este capítulo, começa a parte final de Ezequiel. É aqui, também, que surgem grandes dificuldades. Esses capítulos finais, como o primeiro capítulo de Ezequiel, estão cheios de tipos e figuras da restauração da igreja de Deus sob o evangelho.

Nossos comentaristas começam com o tempo da visão de Ezequiel. Vinte anos tinham se passado desde sua primeira visão, e quatorze anos desde a destruição de Jerusalém. Ezequiel já estava no cativeiro há vinte e cinco anos. Numa visão, Ezequiel é levado à cidade de Deus, e um homem, cuja aparência era como a do bronze, falou com ele. Esse

homem é Cristo, o Filho de Deus, e essa cidade é sua igreja.

Nossos comentaristas dedicam muita atenção aos pormenores do templo visto por Ezequiel. Todos eles concordam que não se trata de um terceiro templo para os judeus sob o governo de um futuro messias. O templo é tanto a igreja cristã como o paraíso celestial que aguarda todos os crentes. O muro do templo mostra a proteção de Deus. A porta se refere a Cristo, através de quem todos devem passar para entrar. Os degraus apontam tanto para a santificação como para o conhecimento aprofundado dos crentes sobre as coisas divinas. Finalmente, as

duas ordens de sacerdotes mostram a obra dupla dos ministros do evangelho, os quais pregam e oram.

**TIPOS, FIGURAS E IMAGENS.** JOHN BUNYAN: Posso dizer que, de certa maneira, Deus ligou a igreja dos judeus a tipos, figuras e símiles; ou seja, por meio deles ela está unida e amarrada em todas as partes externas da adoração. Na verdade, não somente a lei levítica e o templo, mas, como me parece, toda a terra de Canaã, o lugar que receberam para habitar, era para eles um cerimonial ou uma figura. Sua terra foi um tipo do céu, sua travessia do Jordão e entrada na terra constituíram uma imagem de nossa ida para o céu pela morte. O fruto de sua terra foi dito estar incircunciso, como se eles estivessem impuros em sua primeira entrada, na qual sua terra foi, também, uma figura de outra coisa, assim como o céu era um tipo da graça e da glória. Novamente, é dito que a própria terra em si guarda o sábado e, assim, observa um santo repouso, mesmo estando desolada e sem aqueles a quem ela foi dada para que a habitassem. Realmente, muitas características da igreja de Deus daquela época foram manifestadas tanto por figuras e sombras como por lugares e coisas nessa terra. O TEMPLO DE SALOMÃO ESPIRITUALIZADO.<sup>1</sup>

**SIGNIFICADO DO TEMPLO.** MARTINHO LUTERO: Portanto, esse edifício de Ezequiel não deve ser entendido como um edifício material, mas, assim como o carro no início [1.4-8], assim também esse edifício, no final, [40-48], nada mais é que o reino de Cristo, a santa igreja ou a cristandade aqui na terra até o último dia.

Quanto à maneira na qual todas as partes da profecia devem ser interpretadas e arranjadas, deixarei isso até aquela vida na qual veremos todo o edifício acabado e completo. Não podemos vê-lo agora, uma vez que ele ainda está em construção, e muitas das pedras e das madeiras que o compõem ainda não nasceram, muito menos estão preparadas para uso no edifício. É suficiente que saibamos que ela é a casa de Deus, seu próprio edifício no qual todos estamos.

Aquele que tiver tempo livre e inclinação poderá examiná-lo amplamente, se receber a

palavra de Deus e os sacramentos, com suas virtudes e efeitos que o Espírito Santo opera na igreja por meio deles, e harmonizar essas coisas. O Apocalipse de João também pode ser de ajuda nesse sentido. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**OS CAPÍTULOS FINAIS.** WILLIAM GREENHILL: Estes nove últimos capítulos, como também o início de Ezequiel, testificam abundantemente que há coisas difíceis de entender nas Escrituras sagradas. Há tantas coisas difíceis nestes últimos capítulos que muitas pessoas da maior capacidade têm tremido diante da ideia de interpretá-las. Os rabinos afirmam que o primeiro e os últimos capítulos de Ezequiel são segredos inexplicáveis, que ninguém compreende. Consequentemente, eles proibiam que seus discípulos os lessem, e diziam: “Elias virá, ele explicará todas as coisas.”... Sinto a fraqueza de meu próprio entendimento, contudo, silenciosamente, eu respeito os seus mistérios. É bom tremer diante da Palavra de Deus, o que compreendemos e também o que não compreendemos, pois tudo é de igual autoridade. E aquele que treme diante da Palavra de Deus, o Senhor o observa e o iluminará. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**O SIGNIFICADO DOS CAPÍTULOS FINAIS.** JOHN MAYER: Neste capítulo e nos demais até o final desta profecia, a restauração da igreja de Deus sob o evangelho é adaptada, por tipos e figuras, àqueles tempos, para que, abundantemente representado, tudo pudesse ser melhor entendido. Em Ezequiel 40-42, como Franciscus Junius o compreendeu, o estado da igreja é mostrado; em Ezequiel 43-44, o ministério e a adoração de Deus; em Ezequiel 45-46, etc. até o fim, a comunidade cristã. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>4</sup>

**O SIGNIFICADO DOS CAPÍTULOS FINAIS.** JAKOB RAUPIUS: Daqui até o final do livro despreve-se a restauração da igreja, o reino e o povo de Cristo, cuja restauração é representada por

<sup>1</sup> *Temple*, 271.

<sup>2</sup> Lenker 6, 310\* (WADB 11,1:408).

<sup>3</sup> *Exposition*, 774.

<sup>4</sup> *Prophets*, 459.

tipos, considerada como o novo templo, a nova cidade de Jerusalém, a nova adoração, o novo povo e a forma da igreja... Toda essa descrição e a estrutura do templo e da cidade, a divisão e a distribuição da terra santa, não existiam na realidade, mas na visão e na revelação proféticas, como indicado pelo próprio texto profético (Ez 40.2). COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

#### 40.1-3 O homem da visão de Ezequiel

**A VISÃO DE EZEQUIEL.** WILLIAM GREENHILL: Indica-se aqui a época em que essa visão foi apresentada a Ezequiel, e isso se deu no vigésimo quinto ano de seu cativeiro; muitos anos se passaram desde que ele, com Jeoaquim, foi levado para a Babilônia e ali mantido. Sua primeira visão ocorreu no quinto ano de seu cativeiro, e essa sua última visão ocorreu vinte anos depois, no princípio do ano, no décimo dia do mês. Alguns entendem que isso se deu no outono, outros, na primavera. Depois de Jeoaquim ter estado onze anos no cativeiro, a cidade foi conquistada e totalmente devastada, o que se deu no décimo primeiro ano de Zedequias... A visão é considerada desse período, ou época. Ezequiel a recebeu quatorze anos depois da devastação da cidade.

...O autor da visão é aqui especificado e descrito por sua aparência, pelos instrumentos que possuía e pelo lugar onde se encontrava. Alguns entendem que esse “homem” seria um anjo, outros, que seria Cristo. Foi o Filho de Deus quem apareceu na primeira visão a Ezequiel, e assim ele o faz nesta última. Ele era um mestre-de-obras e foi designado por Deus para edificar a casa... Sua aparência revela que esse homem era Cristo, pois sua “aparência era como a do bronze”. E assim Cristo é descrito (Ap 1.15), e aqui o seu rosto, ou todo o corpo, era como bronze, ou seja, livre de mancha, belo, luminoso e brilhante. Cristo era sem defeito e sem mácula (1Pe 1.19); ele era santo, inocente, imaculado (Hb 7.26); ele era “o mais formoso dos filhos dos homens” (Sl 45.2). UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**A VISÃO DE EZEQUIEL.** JOHN MAYER: Ora, Ezequiel teve essa visão na terra da Judeia, para

onde foi transportado pelo espírito, como o fora anteriormente (Ez 8), para ver as abominações ali cometidas. Tendo sido levado para lá e colocado sobre um monte muito alto, ele viu um como edifício de cidade, para o lado sul (Ez 40.2), cidade que é mais tarde descrita em Ezequiel 45 e seguintes. Estando ali, ele viu um homem que era como bronze brilhante e que estava em pé na porta da cidade, com um cordel de linho e uma vara em sua mão para medi-la toda. Ele era como um mestre-de-obra, prestes a iniciar uma construção, que devia primeiro demarcar por medida o terreno sobre o qual edificaria. Portanto, o homem que aqui aparece deve ser Cristo, que é aqui representado edificando a sua igreja, no tempo em que ele devia vir ao mundo e pregar a salvação a todos os que se arrependessem e cressem em seu nome. E ele bem se parece semelhante a um homem, porque assim se prefigura que ele é feito homem no tempo, embora fosse ele o eterno Filho de Deus Pai, e como bronze brilhante, porque, após sua ressurreição e ascensão ao céu, ele assim apareceu a João, revelando a sua glória. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>7</sup>

#### 40.4 O novo templo

**NÃO UM TERCEIRO TEMPLO.** MARTINHO LUTERO: Aquele que quiser entender essa construção do templo, altar, cidade e nação que Ezequiel descreve aqui [40–48] deve estudar Lyra, com suas figuras e comentários; do contrário, se fatigará e trabalhará em vão sobre a matéria. Visto não sabermos passar as figuras para o papel de uma forma melhor, não tentamos fazer isso, mas remetemos o leitor a Lyra. Além disso, não é possível esboçar um edifício no papel, mas teria de ser construído um modelo entalhado.

Quanto ao seu significado, as opiniões dos estudiosos têm sido divergentes. Sobretudo, deve-se rejeitar a opinião dos judeus e outros como eles que acreditam tratar-se do terceiro templo, a ser construído por seu futuro Messias;

<sup>5</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 291.

<sup>6</sup> *Exposition*, 775-76.

<sup>7</sup> *Prophets*, 460.

em sua esperança néscia e vã, eles reivindicam para ele grande magnificência. Essa gente cega e ignorante não percebe que o texto não admite sua interpretação fantasiosa, como Lyra também o demonstrou profusamente. Pois Ezequiel não diz que essa cidade se chamará Jerusalém, tampouco que estará no lugar em que Jerusalém está situada. Jerusalém ficava situada na encosta norte do monte, com o templo posicionado no meio dela sobre o monte Moriá, e a fortaleza de Sião na parte mais alta, ao sul. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>8</sup>

**NÃO O TEMPLO DE ZOROBABEL.** WILLIAM GREENHILL: Alguns entendem que esse templo revelado a Ezequiel foi aquele construído por Zorobabel e os judeus após o cativeiro. Entretanto, há muito a ser dito para provar que não é assim: (1) Aquele templo foi construído em Jerusalém, no mesmo lugar do templo de Salomão, mas este templo que Ezequiel contemplou era para ficar fora da cidade, conforme observado por intérpretes a partir de Ezequiel 45 e Ezequiel 48; (2) O templo era para as duas tribos de Judá e Benjamim. Este de Ezequiel é para todos os judeus, todas as tribos são mencionadas; (3) No templo de Zorobabel não havia um tal rio e tais árvores que dão novos frutos a cada mês; (4) Deus prometeu habitar eternamente entre os israelitas deste templo, o que não se verifica do templo e da cidade de Zorobabel; pois o Senhor os desamparou e os entregou aos romanos, que os destruíram; (5) O templo de que fala o nosso profeta não será profanado, nem o santo nome de Deus, pela casa de Israel; (6) O comprimento de vinte e cinco mil canas [côvados] da porção sagrada oferecida ao Senhor, e a largura de dez mil canas, não podem ser entendidos de uma cidade ou templo construídos pelos judeus após seu cativeiro...

Entende-se, portanto, que nessa visão é simbolizada a restauração da igreja judaica, seu templo, sua cidade e a adoração após o cativeiro, não de maneira simples, mas como tipos da igreja sob o evangelho. Pois, assim como não devemos excluir esses aspectos, assim também devemos saber que tais aspectos não constituem o principal elemento pretendido. Sobretudo,

o que a visão nos oferece é a edificação do templo cristão, com a sua adoração, com expressões judaicas, adoração essa que começou a ser realizada nos dias dos apóstolos (At 15.16)... Há, também, mais um aspecto pretendido, a saber, a restauração da igreja cristã depois de sua apostasia e seu sofrimento na Babilônia espiritual sob o anticristo. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>9</sup>

**O TEMPLO.** JOHN MAYER: Os detalhes do templo e de toda a extensão do muro, de porta a porta, são mostrados a partir de Ezequiel 41 até Ezequiel 42.15... Gregório, um doutor muito erudito da igreja, falando do sentido místico desse lugar, afirma que pode ser julgado presunção de sua parte aventurar-se a explicar o assunto, o que ninguém jamais tentou fazer, nem poderia, quando o estudou em particular. Mas, sendo ajudado pelas orações de seus ouvintes para explicá-lo publicamente, ele afirma que foi iluminado para compreendê-lo. Ele afirma que o muro ao redor da casa representa Cristo, que é como um muro ao redor de sua casa, a igreja, para protegê-la e a todo fiel – pois ambos são chamados casa de Deus, a igreja (1Tm 3.15) e o crente (1Co 6.19).

A cana de um côvado e quatro dedos apresenta, nos côvados, a parte prática da vida do crente e, na palma, a parte contemplativa, que é muito menor que nossa parte prática enquanto aqui vivemos... Por meio disso se representa que muito mais tempo é gasto na ação, ou fazendo coisas que pertencem a esta vida, do que em meditação sobre as coisas divinas que pertencem à vida vindoura. Aqueles que conhecem a vontade de Deus e que são santificados vivem em obediência proporcional, de outra forma seu conhecimento não passa de insensatez, e, de fato, a obediência, ou o temor de Deus, que faz uma pessoa viver em obediência às leis de Deus, é o princípio da sabedoria e do verdadeiro conhecimento. Portanto, primeiro se menciona a largura, e depois a altura, e aprovando isso, nosso Senhor diz: *se vocês obedecerem, vocês conhecerão, e o segredo do Senhor é para os que o temem* (Jo 17.7; Sl 25.14), para que alcancemos

<sup>8</sup> Lenker 6, 310-311\* (WADB 11,1:406).

<sup>9</sup> *Exposition*, 774, 775.



a altura do conhecimento. Estabeleçamos um fundamento obtendo um coração humilde e obediente, disposto a sujeitar-se à prática de tudo o que Deus nos ordena, porquanto ele se agrada em mostrá-lo a nós. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>10</sup>

#### DEUS CUIDA DE SUA IGREJA PERSEGUIDA.

WILLIAM GREENHILL: Quando a igreja está fraca, na pior e mais desesperada e deplorável situação, mesmo assim o Senhor cuida de sua igreja. Ora, o templo, a cidade e a terra de Canaã estavam totalmente devastados, grande parte do povo destruído, o restante na Babilônia, sem esperança de ver outra vez sua própria terra. Nessa situação, o Senhor aparece a Ezequiel e lhe dá uma visão muito singular e excelente acerca da restauração da igreja, de sua extensão, dignidade e glória, pelo que ele a mostrou tanto ao profeta como ao povo, cujo coração estava cheio de tristeza. Quando a igreja se encontra no deserto, sob perseguição, no Egito ou na Babilônia, o Senhor lhe é solícito...

A igreja é o monte Sião, ou o monte Sião é a igreja, na qual Deus dá a conhecer o seu propósito para o conforto de seu povo. Ezequiel foi levado em Espírito à terra de Israel e colocado ali num monte muito alto, a saber, o monte Sião, que tipificava a igreja de Deus. Ali ele teve esta visão gloriosa; ali foi dada grata consolação para os aflitos. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>11</sup>

#### 40.5-16 A porta oriental do átrio exterior

O MURO. WILLIAM GREENHILL: Podemos entender que esse muro é o muro da proteção de Deus, que rodeia a igreja. A altura e a espessura desse muro eram iguais, com seis côvados de altura e seis côvados de espessura; ele era forte, protegendo a casa que Ezequiel viu. Deus, que é mais forte que tudo, é a defesa da igreja... A igreja de Deus, tendo um muro como esse, está segura e é invencível. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>12</sup>

A PORTA ORIENTAL. MARTINHO LUTERO: Moisés sugere que o Paraíso tinha uma estrada ou uma porta voltada para o oriente, pela qual havia um acesso ao jardim (Gn 3.24).

Semelhantemente, em conexão com a estrutura do templo em Ezequiel (40.6), faz-se menção da porta do santuário que olhava para o oriente, obviamente para que compreendêssemos que o templo era uma figura do Paraíso; pois se a natureza tivesse permanecido perfeita, o Paraíso teria sido o templo do mundo todo. E assim, no caminho voltado para o oriente, nesse único caminho para o Paraíso, foram colocados querubins ou anjos para guardá-lo a fim de quem nem Adão nem os seus descendentes pudessem entrar no Paraíso. LIÇÕES SOBRE GÊNESIS.<sup>13</sup>

AS PORTAS. JOHN MAYER: Aquele que veio à porta e a própria porta, diz aqui Gregório, eram um só, a saber, Cristo Jesus, que diz: *eu sou a porta, se alguém entrar por mim será salvo* (Jo 10). Se alguém duvidar como pode ser isso, ele responde: ele é tanto a porta como o pastor que entra pela porta, como ele próprio explica no Evangelho de João. Gregório também afirma que o pregador é a porta porque, por sua pregação, as pessoas entram no reino do céu, tendo o caminho do céu aberto a elas, e a Escritura sagrada é a porta pela mesma razão. Por último, a porta é a fé, porque, por ela, entramos, como por uma porta. Mas eu fico com a primeira, Cristo é a porta, e ele próprio entrou no céu, como por uma porta, quando, pelo mérito de sua profunda humilhação, ele ascendeu acima dos céus e recebeu um nome acima de todo nome. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>14</sup>

AS PORTAS DO TEMPLO. WILLIAM GREENHILL: Essas portas nos sugerem a prontidão que Cristo e Deus têm para receber aqueles que vêm a eles, e a afluência desses de todas as partes. Esse templo tem muitas portas, e elas estão voltadas para os vários quadrantes do mundo. Se as pessoas vêm de algum deles, há uma porta diante delas e admissão para elas. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>15</sup>

<sup>10</sup> *Prophets*, 460-61.

<sup>11</sup> *Exposition*, 776.

<sup>12</sup> *Exposition*, 777.

<sup>13</sup> LW 1:229 (WA 42:171-172).

<sup>14</sup> *Prophets*, 461.

<sup>15</sup> *Exposition*, 778.

**O LIMIAR.** JOHN MAYER: *O limiar da porta* era duplo como se deve reconhecer, porque ele fala de um limiar e de outro limiar, cada um deles medindo uma cana de largura. Ou seja, o limiar exterior e o interior, o primeiro servia para apresentar os mais famosos antepassados fiéis de Cristo: Abraão, Isaque e Jacó, etc., de quem ele procedeu segundo a carne, e o outro, os santos apóstolos, que possuíam as mesmas virtudes que eles por sua propagação do evangelho de Cristo a todas as nações. Por meio das viagens deles, Cristo foi novamente formado, por assim dizer, nos corações de seus ouvintes, pela fé em seu nome. Pois, assim como os santos patriarcas foram como um limiar exterior, por meio de quem se ascendeu, então, a Cristo, quando outros, vendo-lhes a fé e outras virtudes ilustres, foram atraídos, de igual forma, para crer e amar a virtude, assim também os apóstolos foram como um limiar interno, pelo qual os crentes de todos os povos e nações vieram a ele, desde o tempo de sua encarnação, quando, ouvindo-os pregar e vendo-lhes a conduta santa e os milagres por eles operados, se convertiam a ele. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>16</sup>

**OS DEGRAUS.** JOHN MAYER: A porta, que é dita olhar, de forma apropriada, para o oriente, porque nosso Senhor é chamado de oriente e, às vezes, de Sol, o qual nasce no oriente. Mas o que os degraus indicam, pelos quais esse homem subiu a essa porta? Solução: Cristo ascende gradativamente, quando a graça iniciada por sua palavra e seu espírito é aumentada diariamente mais e mais, pois a graça não está no nível mais elevado em ninguém a princípio, mas ela chega gradativamente. Como no próprio Pedro, que tinha graça a princípio, mas em muita fraqueza, porém mais tarde, ele atingiu um grau tão elevado que não temeu as autoridades mais altas ou qualquer coisa que elas pudessem fazer a ele. E de igual modo os demais apóstolos, sendo que, antes, todos eles se afastaram de Cristo, e a covardia de Pedro foi tal que ele não o confessou diante de uma simples criada. Mas quando os fiéis atingiram esta altura de graça e de resolução cristã, Cristo subiu os degraus neles, sendo assim mais glorificado. Pelo que o

mesmo Pedro nos exorta a *desejar o genuíno leite espiritual, para que por ele nos seja dado crescimento, e a crescer na graça e no conhecimento de Jesus Cristo* (1Pe 2.2; 2Pe 3.18). COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>17</sup>

**OS DEGRAUS DO TEMPLO.** WILLIAM GREENHILL: O conhecimento das coisas divinas não é alcançado sem trabalho e dificuldade. Há degraus e escadas nesse templo, e aqueles que não de contemplar a glória e compreender os seus mistérios devem subir primeiro um degrau, depois o outro, e é difícil subir escadas e degraus. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>18</sup>

**SUBINDO À CASA DO SENHOR.** JOHN BUNYAN: Esse vestíbulo também tinha alguns degraus, pelos quais eles entravam na casa do Senhor... Portanto, quem entra na casa do Senhor é uma pessoa que sobe, como é dito de Moisés, que ele subiu ao monte de Deus. É subindo que se entra na casa de Deus. O mundo não crê nisso; eles pensam que é descendo que se entra na casa de Deus, mas estão horrivelmente equivocados. Portanto, os degraus pelos quais as pessoas subiam no templo são, e devem ser, opostos àqueles que as pessoas tomam em direção às suas concupiscências e vanglórias. Por essa razão se diz que tais degraus não somente afastam de Deus, mas pegam o caminho para a morte e o inferno (Sl 44.18; Pv 2.18; 5.5; 7.25-27). Os degraus, então, pelos quais as pessoas subiam à casa do Senhor representavam aqueles passos que as pessoas tomam quando elas vão a Deus, ao céu e à glória, pois esses degraus eram o caminho para Deus, para Deus em seu santo templo. O TEMPLO DE SALOMÃO ESPIRITUALIZADO.<sup>19</sup>

**AS JANELAS.** WILLIAM GREENHILL: “Das janelas.” Essas janelas representam a luz espiritual que deve estar na igreja de Cristo. Ele é chamado de “Sol”, “grande luz” e “luz do mundo”. Por essas janelas, que são os apóstolos, os profetas, os evangelistas, os pastores e mestres,

<sup>16</sup> *Prophets*, 461.

<sup>17</sup> *Prophets*, 461-62.

<sup>18</sup> *Exposition*, 778, 779.

<sup>19</sup> *Temple*, 285.

ele tem, como sempre, iluminado a igreja. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>20</sup>

### 40.17-37 *O átrio exterior, as portas e o átrio interior*

**OS DOIS ÁTRIOS.** JOHN BUNYAN: Entendo haver dois átrios como parte do templo. O primeiro era chamado de átrio exterior. Esse era aquele no qual, necessariamente, as pessoas entravam, em primeiro lugar, quando iam adorar no templo; consequentemente, esse era o átrio no qual e pelo qual os indivíduos, primeiramente, mostravam o desejo de serem adoradores de Deus... Nesse, embora às vezes pudesse haver verdade, no entanto, mais frequentemente, havia mentiras e hipocrisia. Pelo que, geralmente, uma aparência exterior é colocada em oposição à fé e à verdade, assim como o átrio exterior está em oposição ao átrio interior, e a pessoa exterior, à pessoa interior.

...Mas, assim como havia um átrio exterior, assim também havia um átrio interior, que ficava mais próximo do templo; e, assim, mais próximo da verdadeira parte prática da adoração do que o átrio exterior (Ez 10.3; 46.1; 1Rs 6.36). Esse átrio interior é aquele chamado de “átrio dos sacerdotes”, porque nele eles coziavam as ofertas pela culpa, e nele preparavam a oferta pelo pecado em favor do povo (2Cr 4.9; Ez 46.20). Esse átrio, consequentemente, era o lugar de prática e de preparação para se comparecer diante de Deus, que constitui o primeiro sinal verdadeiro de uma disposição sincera e honesta. Pelo que aqui, e não no átrio externo, ficava o grande altar de bronze, que era um tipo de Cristo, aquele por quem, unicamente, os verdadeiros adoradores fazem sua aproximação aceitável a Deus. O TEMPLO DE SALOMÃO ESPIRITUALIZADO.<sup>21</sup>

**O ÁTRIO EXTERIOR.** WILLIAM GREENHILL: No “átrio exterior” ficava o povo; e ele representava as nações, que se encontram fora da igreja. No “átrio interior”, onde ficavam o candelabro, os pães da proposição e o altar do incenso, estavam os levitas e os sacerdotes. Esse átrio representava a igreja, onde a Palavra de

Deus nos ilumina e alimenta. Cristo é nosso altar do incenso. O santo dos santos representava o céu; só o sumo sacerdote entrava nele, tipificando nosso sumo sacerdote, o Senhor Cristo. Ele entrou nele sozinho por seu próprio poder, para nos levar para lá. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>22</sup>

**AS CÂMARAS E OS TESOUROS.** JOHN MAYER: *Ele me levou ao átrio exterior; e eis que havia nele câmaras e um pavimento feito no átrio em redor; defronte deste pavimento havia trinta câmaras.* Até este ponto, o Senhor vem mostrando a Ezequiel o átrio interior e as câmaras, as portas, os vestibulos e as dianteiras; agora, ele mostra o átrio exterior com suas dependências. Em vez de câmaras, aqui, a Vulgata traz “tesouros”, e a palavra hebraica tem esses dois significados. E o que podemos melhor entender, diz Gregório, por tesouros do que os ministros de Cristo, que são tesouros do saber e do conhecimento divinos? Isso ele disse de forma apropriada: pois *todo escriba, diz nosso Senhor, versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas* (Mt 13.52).

Mas por que os tesouros são colocados no átrio exterior, quando o normal seria colocá-los mais internamente, onde poderiam ficar mais protegidos contra ladrões, e, se o tesouro de um ministro é o conhecimento, seria ele principalmente interno? Solução: Isso não é feito para mostrar o conhecimento interno deles, que está em seu peito, mas aquilo que eles manifestam pela pregação exterior para o enriquecimento dos seus ouvintes com conhecimento e entendimento. Oh! Que as pessoas estimassem dessa maneira o conhecimento, então elas se empenhariam e o buscariam, como procurando ouro, conforme nos é ordenado, e esses vasos de barro, porquanto trazem esse tesouro, seriam altamente aceitos entre eles, por sua pregação e seus escritos, especialmente inclinando seus estudos para o maior enriquecimento de sua alma nesse conhecimento. Isso ocorre pela leitura e audi-

<sup>20</sup> *Exposition, 780.*

<sup>21</sup> *Temple, 278.*

<sup>22</sup> *Exposition, 780.*

ção das Escrituras sagradas e, pela pregação em lugares planos e fáceis que eles não podem atingir, seus pés certamente devem ser belos sobre os montes, pelos quais eles vão não apenas a congregações específicas, como quando pregam assim, mas a todas as partes do reino, para fazer uma distribuição mais universal de seu tesouro, tal como quando escrevem. Oh! Quão levemente são os labores de tais mestres considerados por muitas pessoas, e, por essa razão, seus livros continuam ainda negligenciados como coisas superfúas. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>23</sup>

**AS PORTAS.** JOHN BUNYAN: Esse átrio tinha várias portas, a porta do leste, a porta do sul e a porta do norte; ao entrarem nesses átrios para adorar, as pessoas da terra não deveriam sair pela porta que entraram, mas pela porta oposta, para mostrar que os verdadeiros cristãos devem permanecer firmes e não voltar atrás, seja lá o que encontrarem no caminho. “Aquele que entrar pela porta do norte, para adorar, sairá pela porta do sul; e aquele que entrar pela porta do sul sairá pela porta do norte; não tornará pela porta onde entrou, mas sairá pela porta oposta” (Ez 46.9). O TEMPLO DE SALOMÃO ESPIRITUALIZADO.<sup>24</sup>

#### **40.38-47 Câmaras para sacrifícios e os sacerdotes**

**LAVAGEM DO HOLOCAUSTO.** WILLIAM GREENHILL: Alguns entendem que essa lavagem do holocausto (Ez 40.38) prefigurava o batismo, que denota a lavagem da impureza do pecado pelo sangue de Cristo. Ela pode simbolizar para nós a pureza daquilo que será apresentado ao Senhor. Nada que seja impuro lhe é aceitável. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>25</sup>

**O HOLOCAUSTO.** JOHN BUNYAN: Esse altar parece estar colocado quase no meio do átrio, defronte do vestibulo da casa e... era chamado de “altar do holocausto” e, por isso, era um tipo

de Cristo em sua divindade, pois o corpo de Cristo foi nosso verdadeiro holocausto, o qual foi tipificado pelos corpos dos animais sacrificados; ora, esse altar sobre o qual o seu corpo foi oferecido era sua Deidade ou Divindade, pois ela, e somente ela, podia suportar essa oferta no todo do seu sofrimento; e esse altar, portanto, e somente ele, devia receber a gordura, a glória. O TEMPLO DE SALOMÃO ESPIRITUALIZADO.<sup>26</sup>

**DUAS ORDENS DE SACERDOTES.** JOHN MAYER: E esses sacerdotes ou ministros são de duas classes (Ez 40.45-46): os que têm a guarda do templo e os que têm a guarda do altar. Há aqui uma alusão à distinção dos antigos sacerdotes, sendo que alguns deles tinham, em seu curso, a guarda da casa do Senhor e outros ofereciam os sacrifícios. Aqueles que ofereciam são descritos como sendo os filhos de Zadoque de Levi, porque Abiatar foi destituído do ofício sacerdotal por Salomão e Zadoque foi colocado em seu lugar como sumo sacerdote. Portanto, seus filhos serviram no altar, como sacerdotes superiores; os outros sacerdotes cuidavam da casa, para que nenhuma pessoa impura entrasse. Entretanto, por meio disso foi mostrado que, sob o evangelho, os ministros de Cristo têm um trabalho duplo para realizar: o primeiro é pregar e orar, que era como uma oferta de sacrifício a Deus, conforme esta palavra: *Oferece a Deus sacrifício de ações de graças* (Sl 50.14), e conforme a palavra do apóstolo: *Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo* (2Co 2.15). E isso pode ser comparado, apropriadamente, com aquilo que era feito no altar, a saber, queimar e consumir carne no fogo, porque, agindo o Espírito em conjunto com a pregação deles, consome-se aquilo que é mundano e carnal em seus ouvintes. O segundo é reger, censurando ofensores grosseiros, absolvendo os penitentes e subjugando e fechando a boca de hereges, pois assim a igreja de Deus, que é a sua casa, é mantida, por assim dizer, vigilante e alerta. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>27</sup>

<sup>23</sup> *Prophets*, 468.

<sup>24</sup> *Temple*, 278.

<sup>25</sup> *Exposition*, 781.

<sup>26</sup> *Temple*, 279.

<sup>27</sup> *Prophets*, 474-75.

## 40.48 – 42.20 O TEMPLO

<sup>48</sup> Então, me levou ao vestibulo do templo e mediu cada pilar do vestibulo, cinco côvados de um lado e cinco do outro; e a largura da porta, três côvados de um lado e três do outro. <sup>49</sup> O comprimento do vestibulo era de vinte côvados, e a largura, de onze; e era por degraus que se subia. Havia colunas junto aos pilares, uma de um lado e outra do outro.

**41** Então, me levou ao templo e mediu os pilares, seis côvados de largura de um lado e seis de largura do outro, que era a largura do tabernáculo. <sup>2</sup> A largura da entrada: dez côvados; os lados da entrada: cinco côvados de um lado e cinco do outro; também mediu a profundidade da entrada: quarenta côvados, e a largura: vinte côvados. <sup>3</sup> Penetrou e mediu o pilar da entrada: dois côvados; a altura da entrada: seis côvados; e a largura da entrada: sete côvados. <sup>4</sup> Também mediu o seu comprimento: vinte côvados; e a largura: vinte côvados, diante do templo, e me disse: Este é o Santo dos Santos.

<sup>5</sup> Então, mediu a parede do templo: seis côvados; e a largura de cada câmara lateral: quatro côvados, por todo o redor do templo. <sup>6</sup> As câmaras laterais estavam em três andares, câmara sobre câmara, trinta em cada andar; e havia reentrâncias na parede do templo ao redor, para as câmaras laterais, para que as vigas se apoiassem nelas e não fossem introduzidas na parede do templo. <sup>7</sup> As câmaras laterais aumentavam em largura de andar para andar, correspondendo às reentrâncias do templo de andar em andar ao redor; daí ter o templo mais largura em cima. Assim, se subia do andar inferior para o superior pelo intermediário. <sup>8</sup> E vi um pavimento elevado ao redor do templo; eram os fundamentos das câmaras laterais de uma cana inteira, isto é, de seis côvados de altura. <sup>9</sup> A grossura da parede das câmaras laterais de fora era de cinco côvados; e a área aberta entre as câmaras laterais, que estavam junto ao templo <sup>10</sup> e às células, tinha a largura de vinte côvados por todo o redor do templo. <sup>11</sup> As entradas das câmaras laterais estavam voltadas para a área aberta: uma entrada para o norte e outra para o sul; a largura da área aberta era de cinco côvados em redor.

<sup>12</sup> O edifício que estava numa área separada, do lado ocidental, tinha a largura de setenta côvados; a parede do edifício era de cinco côvados de largura em redor, e o seu comprimento, de noventa côvados. <sup>13</sup> Assim, mediu o templo: cem côvados de comprimento, como também a área separada, o edifício e as suas paredes: cem côvados de comprimento. <sup>14</sup> A largura da frente oriental do templo e da área separada, de uma e de outra parte: cem côvados.

<sup>15</sup> Também mediu o comprimento do edifício, que estava na área separada e por detrás do templo, e as suas galerias de uma e de outra parte: cem côvados.

O templo propriamente dito, o Santíssimo e o vestibulo do átrio eram apainelados. <sup>16</sup> As janelas, de fasquias fixas superpostas, estavam ao redor dos três lugares. Dentro, as paredes estavam cobertas de madeira em redor, e isto desde o chão até às janelas, que estavam cobertas. <sup>17</sup> No espaço em cima da porta, e até ao templo de dentro e de fora, e em toda a parede em redor, por dentro e por fora, havia obras de escultura, <sup>18</sup> querubins e palmeiras, de sorte que cada palmeira estava entre querubim e querubim, e cada querubim tinha dois rostos, <sup>19</sup> a saber, um rosto de homem olhava para a palmeira de um lado, e um rosto de leãozinho, para a palmeira do outro lado; assim se fez pela casa toda ao redor. <sup>20</sup> Desde o chão até acima da entrada estavam feitos os querubins e as palmeiras, como também pela parede do templo.

<sup>21</sup> As ombreiras do templo eram quadradas, e, no tocante à entrada do Santo dos Santos, era esta da mesma aparência. <sup>22</sup> O altar de madeira era de três côvados de altura, e o seu comprimento, de dois côvados; os seus cantos, a sua base e as suas paredes eram de madeira; e o homem me disse: Esta é a mesa que está perante o SENHOR. <sup>23</sup> O templo e o Santíssimo, ambos tinham duas portas. <sup>24</sup> Havia duas folhas para as portas, duas folhas dobráveis; duas para cada porta. <sup>25</sup> Nelas, isto é, nas portas do templo, foram feitos querubins e palmeiras, como estavam feitos nas

paredes, e havia um baldaquino de madeira na frontaria do vestibulo por fora.<sup>26</sup> E havia janelas de fasquias fixas superpostas e palmeiras, em ambos os lados do vestibulo, como também nas câmaras laterais do templo e no baldaquino.

**42** Depois disto, me fez sair para o átrio exterior, para o norte; e me levou às celas que estavam para o norte, opostas ao edificio na área separada, edificio que olha para o norte,<sup>2</sup> do comprimento de cem côvados, com portas que davam para o norte; e a largura era de cinquenta côvados.<sup>3</sup> Em frente dos vinte côvados que pertenciam ao átrio interior, defronte do pavimento que pertencia ao átrio exterior, havia galeria contra galeria em três andares.<sup>4</sup> Diante das câmaras havia um passeio de dez côvados de largura, do lado de dentro, e cem de comprimento; e as suas entradas eram para o lado norte.<sup>5</sup> As câmaras superiores eram mais estreitas; porque as galerias tiravam mais espaço destas do que das de baixo e das do meio do edificio.<sup>6</sup> Porque elas eram de três andares e não tinham colunas como as colunas dos átrios; por isso, as superiores eram mais estreitas do que as de baixo e as do meio.<sup>7</sup> O muro que estava por fora, defronte das câmaras, no caminho do átrio exterior, diante das câmaras, tinha cinquenta côvados de comprimento.<sup>8</sup> Pois o comprimento das câmaras, que estavam no átrio exterior, era de cinquenta côvados; e eis que defronte do templo havia cem côvados.<sup>9</sup> Da parte de baixo destas câmaras, estava a entrada do lado do oriente, quando se entra nelas pelo átrio exterior.

<sup>10</sup> Do muro do átrio para o oriente, diante do edificio na área separada, havia também celas<sup>11</sup> e um passeio; tinham a feição das celas que olhavam para o norte, e o mesmo comprimento, e a mesma largura, e ainda as mesmas saídas, e o mesmo arranjo; como eram as suas entradas,<sup>12</sup> assim eram as das celas que olhavam para o sul, no princípio do caminho, a saber, o caminho bem defronte do muro para o oriente, para quem por elas entra.

<sup>13</sup> Então, o homem me disse: As câmaras do norte e as câmaras do sul, que estão diante da área separada, são câmaras santas, em que os sacerdotes, que se chegam ao SENHOR, comerão e onde depositarão as coisas santíssimas, isto é, as ofertas de manjares e as pelo pecado e pela culpa; porque o lugar é santo.<sup>14</sup> Quando os sacerdotes entrarem, não sairão do santuário para o átrio exterior, mas porão ali as vestiduras com que ministraram, porque elas são santas; usarão outras vestiduras e assim se aproximarão do lugar destinado ao povo.

<sup>15</sup> Acabando ele de medir o templo interior, ele me fez sair pela porta que olha para o oriente; e mediu em redor.<sup>16</sup> Mediu o lado oriental com a cana de medir: quinhentas canas ao redor.<sup>17</sup> Mediu o lado norte: quinhentas canas ao redor.<sup>18</sup> Mediu também o lado sul: quinhentas canas.<sup>19</sup> Voltou-se para o lado ocidental e mediu quinhentas canas.<sup>20</sup> Mediu pelos quatro lados; havia um muro em redor, de quinhentas canas de comprimento e quinhentas de largura, para fazer separação entre o santo e o profano.

**PANORAMA:** Os próximos dois capítulos continuam a descrição do templo. Nossos comentaristas apresentam interpretações espirituais de todos os aspectos do templo, que é aqui descrito não como um edificio material. Ele é a morada de Deus ou onde Deus está. As medidas das partes do templo indicam coisas tais como os Dez Mandamentos, a santíssima Trindade e o batismo. A justiça da fé e a vida de santidade são apresentadas pela medição do vestibulo. Outros enxergam aqui (significado) o corpo de

Cristo. Finalmente, as santas ofertas dadas pelos sacerdotes representam aquilo que Cristo oferece por nós e a nós. Aqui se observa uma figura da Ceia do Senhor.

#### 40.48–42.12 *Entendimento espiritual do templo*

**UMA PORTA LARGA OU ESTREITA?** JOHN BUNYAN: O vestibulo, no qual havia uma subida para o templo, possuía uma porta. De acordo

com o profeta Ezequiel, essa porta tinha seis côvados de largura. Ela possuía folhas duplas, uma dobrando para a esquerda e a outra para a direita (Ez 40.48). Alguns podem levantar aqui a seguinte objeção: uma vez que o caminho para Deus por essas portas era tão largo, por que Cristo afirma que o caminho e a porta são estreitos? Resposta: A retidão e a estreiteza da porta não devem ser entendidas de forma absoluta, mas sim em relação ao empecilho que algumas pessoas, com pretensões de ir ao céu, trazem consigo. Seis côvados! O que é seis côvados para alguém que pretende entrar aqui com o mundo todo nas costas? O jovem no evangelho, que alardeou sua intenção de ir para o céu, pode ter desistido muito facilmente; pois numa largura de seis côvados há muito espaço: contudo, pobre homem, não era mesmo para ele entrar lá, a menos que ele pudesse carregar suas casas em seus ombros também, mas, nesse caso, a porta era estreita (Mc 10.17-27). Portanto, aquele que vai entrar na porta do céu, da qual esta porta para o templo era um tipo, deve entrar sozinho, e não com seus fardos de entulho nas costas. O TEMPLO DE SALOMÃO ESPIRITUALIZADO.<sup>1</sup>

#### NÃO UM EDIFÍCIO MATERIAL. MARTINHO

LUTERO: Mas esta cidade de Ezequiel, supostamente, estará mais ao sul [do templo] e ele diz que “Ela será chamada *Dominus ibi*,” “Ali Deus”, ou “Deus está ali”, ou seja, “Onde o próprio Deus está” [Ez 48.35]. O templo não se encontrará na cidade, mas, conforme os cálculos, por volta de sete milhas germânicas longas ao norte dela. E a cidade no monte alto terá aproximadamente nove milhas germânicas longas, tanto de comprimento como de largura, de modo que o muro ao redor terá uma extensão total de trinta e seis milhas germânicas. Podemos chamá-la de cidadezinha, e o monte no qual ela repousa, de montículo!

Se um cidadão que vive no extremo sul da cidade quisesse ir à igreja, ou ao templo, ele teria de andar dezesseis milhas [germânicas], nove pela cidade e depois sete até ao templo... Isso não pode tratar-se de uma edificação física, muito menos pode estar no lugar onde

Jerusalém está situada. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>2</sup>

#### ENTENDIMENTO ESPIRITUAL DO VESTÍBULO.

JOHN MAYER: Ezequiel 40.49 revela que o comprimento do vestibulo era de vinte côvados. Revela também que havia colunas, embora não expressas aqui, e degraus pelos quais se subia ao vestibulo, porquanto ficava no topo do monte Sião. As medidas de um lado e de outro, sendo cada uma cinco côvados, somam dez. Nisso, os Dez Mandamentos podem ser adequadamente entendidos e, pelos três côvados de um lado e três de outro das portas, entende-se, pelos primeiros, a fé na bendita Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e, pelos outros, as três aplicações do mandamento contra o homicídio, o adultério e o juramento falso. Pois os que entrarão na vida devem guardar os mandamentos, tanto do Antigo Testamento como do Novo, e aquele que crê será salvo. A verdadeira fé é no Pai, no Filho e no Espírito Santo, como na fórmula batismal (Mc 16.16).

O comprimento do vestibulo era de vinte côvados, e a largura, de onze. Jerônimo considera que aqui é apresentada a corrupção no melhor dos santos de Deus nesta vida, na verdade, mesmo naqueles que levam um tesouro em vasos de barro, os ministros de Cristo. Ele faz isso porque vinte é dez vezes dois, e o número dois nunca é usado para expressar o bem, mas somente o número um ou o três, e o número onze fica com um a menos de doze, um número perfeito, e por isso o apóstolo Paulo, conseqüentemente, fala de si mesmo como é comum aos menores: *em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, e Desventura do homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?* Mas dez é um número de perfeição, e, no número vinte, dez é duplicado e onze tem em si dez e um a mais; e naquele que tinha dois talentos, vemos que o número dois apresenta o bem. Naqueles também que foram chamados na undécima hora do dia, o número onze é elogiado para nós. Não posso subscrever a opinião de Jerônimo, mas antes entendo que aqui é apre-

<sup>1</sup> Temple, 286.

<sup>2</sup> Lenker 6, 310-311\* (WADB 11,1:406-408).

sentada uma dupla perfeição naqueles que estão no vestíbulo, em razão de uma justa dupla: (1) Da imputação por meio da fé em Cristo; (2) Da santificação, que é justiça inerente em virtude de nossa regeneração, porque daqueles que são regenerados se diz: *aquele que é nascido de Deus não comete pecado... e não pode pecar*. E, pelo número onze, perfeita justiça com o seu autor, o único Deus, unidade na Trindade, por quem nós a temos, e não por nós mesmos: *não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa*. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>3</sup>

**O VESTÍBULO DO TEMPLO.** JOHN BUNYAN: Chegamos, em seguida, ao vestíbulo do templo, que é comumente chamado de pórtico de Salomão. (1) Esse vestíbulo ficava defronte da casa e assim passou a ser o caminho comum para o templo (1Rs 6.3; 2Cr 3.4). (2) Portanto, esse vestíbulo era o lugar de recepção comum para todos, quer judeus ou prosélitos religiosos, que vinham adorar em Jerusalém (At 3.11; 5.12). (3) Esse vestíbulo possuía uma porta ou portão, mas que raramente se fechava, exceto em tempos de declínio ou quando as pessoas se enfureciam contra aqueles que eram melhores do que elas (2Cr 29.7; At 21.28-30). (4) A porta desse vestíbulo era chamada Formosa, certamente a porta Formosa do templo, e foi nessa porta que o coxo foi posto para pedir esmola aos que entravam para adorar (At 3).

Agora, pois, visto que esse vestíbulo era o lugar comum de recepção de todos os adoradores e também o lugar onde se colocavam os mendigos, parece que era para ser um tipo do coração da igreja em prol da caridade. Aqui os prosélitos eram acolhidos, aqui os mendigos eram socorridos e recebiam esmolas. Essas portas raramente se fechavam; e as casas da compaixão cristã devem estar sempre abertas. Consequentemente, isso aformoseava essa porta, como a caridade aformoseia todas as igrejas. O TEMPLO DE SALOMÃO ESPIRITUALIZADO.<sup>4</sup>

**ENTENDIMENTO ESPIRITUAL DO TEMPLO INTERIOR.** WILLIAM GREENHILL: “Do significado desse templo.” Alguns entendem que o átrio do templo representa o mundo e o templo repre-

senta o céu. Podemos considerar se o vestíbulo não indicaria a pessoa comum que professa a fé, o templo, os verdadeiros santos, que são templo do Espírito, e o santo dos santos, os santos na glória, a condição daqueles que foram aperfeiçoados. A verdadeira representação desse templo, entendo eu, é o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo; tanto seu corpo natural como seu corpo místico, a saber, a igreja. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

**ENTENDIMENTO ESPIRITUAL DO ALTAR.** JOHN MAYER: *O altar de madeira era de três côvados de altura, e o seu comprimento, de dois côvados; os seus cantos, a sua base e as suas paredes eram de madeira; e o homem me disse: Esta é a mesa que está perante o SENHOR (Ez 41.22)...* Esse lugar me parece representar a mudança de um altar de ouro, que existia sob o Antigo Testamento (onde no templo havia grande glória exterior, para por ela atrair a ele as pessoas, na menoridade da igreja, como as crianças são atraídas por coisas vistosas), para uma mesa de madeira para a comunhão, na qual se faria então a celebração, sendo chamada, apenas metaforicamente, de altar. Agora o precioso corpo e sangue de Cristo são ali colocados em memória do sacrifício de si mesmo, uma única vez, por nossos pecados. Ele tinha três côvados de altura para mostrar o grande mistério dos elementos ali expostos, pão e vinho, exibindo, secretamente, para os fiéis, o corpo e o sangue de Cristo a ser realmente recebido, um triplice mistério, nada vendo o olho físico, senão pão e vinho, não existindo algo mais para o tato sentir e, para o paladar, nada mais para provar. O comprimento é de dois côvados e denota duas coisas apenas que nos são dadas, as quais representam tudo o que é necessário para o nosso sustento, alimento sólido e bebida, e não um objeto para ser contemplado e adorado ou, para esse fim, ser erguido ou carregado em procissão como remédio contra qualquer mal físico, sendo algo inteiramente espiritual. Isso é bom e deve ser usado convenientemente, mas com a devida reverên-

<sup>3</sup> *Prophets*, 476.

<sup>4</sup> *Temple*, 284.

<sup>5</sup> *Exposition*, 783.



cia, como Cristo nos ordenou. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>6</sup>

**AS COLUNAS DO TEMPLO.** WILLIAM GREENHILL: A força desse templo não era a mesma em toda parte. Algumas partes tinham colunas, outras não, ou não do mesmo tipo que as demais. As câmaras não tinham colunas, como as colunas do átrio. Igualmente, na igreja de Cristo, algumas partes dela possuem colunas fortes, mestres notáveis, enquanto outras partes são destituídas totalmente ou têm elementos fracos. A igreja em Jerusalém tinha em si mesma colunas fortes, todos os apóstolos, que eram cheios do Espírito e ensinavam de modo infalível. Outras igrejas não tinham tais colunas. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

**AS PORTAS DOBRÁVEIS.** JOHN BUNYAN: Essas portas ou portões eram dobráveis e abriam gradualmente. Primeiro, um quarto, em seguida, metade, depois, três quartos e, por último, totalmente. Elas também eram suspensas por dobradiças de ouro e fixadas em ombreiras feitas da bonita madeira de oliveira (1 Rs 6.33-34; Ez 41.23-24). Essas portas representavam Cristo, visto ser ele o caminho para o Pai, assim como a porta do tabernáculo também o representou, junto à qual o povo se colocava quando ia consultar Deus. Por isso, Cristo declara: “Eu sou a porta” (Jo 10.9).

...As folhas desse portão ou porta, como afirmei anteriormente, eram dobráveis, e, assim, como foi sugerido, possuem em si algum significado. Pois por isso é significado que uma pessoa, especialmente um jovem discípulo, pode facilmente se equivocar, pensando tratar-se da passagem completa, quando apenas uma parte foi aberta, sendo que três partes podem ainda estar encobertas para ele. Pois essas portas, como disse anteriormente, jamais ficaram escancaradas. Quero dizer, no antítipo. Um mortal jamais viu todas as riquezas e toda a plenitude que há em Cristo. De modo que eu digo, um recém-chegado, caso julgue pela visão presente, especialmente se viu apenas um pouco, poderá facilmente se equivocar... Assim, então, seja quem for você que vem à porta, da qual a porta do templo era um tipo, não confie em suas primeiras concepções

das coisas, mas creia que há graça abundante. Você ainda não conhece aquilo que Cristo pode fazer; as portas são portas dobráveis. Ele “é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos” (Ef 3.20). O TEMPLO DE SALOMÃO ESPIRITUALIZADO.<sup>8</sup>

#### 42.13-20 *Ofertas santas*

**AS OFERTAS SANTÍSSIMAS.** JOHN MAYER: As câmaras do norte e as câmaras do sul que estão diante da área separada são câmaras santas, em que os sacerdotes, que se achegam ao Senhor, comerão as coisas santíssimas. Tendo, anteriormente, falado bastante das tesourarias ou câmaras, agora ele prossegue falando sobre o uso delas. A saber, elas serviriam para que os sacerdotes, que trabalhavam em seus turnos, comessem aquelas partes da oferta que lhes pertenciam por ordenança de Deus.

*Porão ali as vestiduras*, com as quais ministraram ao Senhor, colocando outras vestiduras ao saírem para ministrar ao povo. Comer coisas santas no lugar santo representa a participação na Ceia do Senhor, e não em qualquer lugar, indistintamente, mas no lugar dedicado à sua adoração. Assim foi feito até mesmo nos dias do apóstolo, que diz: *Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis*, sugerindo, assim, que era costume, naquela época, congregarem-se em um lugar público e conhecido, que era chamado a casa de Deus. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>9</sup>

**AS OFERTAS, UM TIPO DE CRISTO.** WILLIAM GREENHILL: Essas ofertas eram um tipo de Cristo, que é nossa verdadeira oferta de manjares, o pão da vida, o alimento de toda alma faminta e sedenta. Sua carne e seu sangue são verdadeira comida e verdadeira bebida. À sua mesa, nós nos alimentamos dele crucificado e, assim, de nossa oferta de manjares. Ele é nosso sacrifício pelo pecado e nossa oferta pela culpa. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> *Prophets*, 484.

<sup>7</sup> *Exposition*, 787.

<sup>8</sup> *Temple*, 288.

<sup>9</sup> *Prophets*, 487.

<sup>10</sup> *Exposition*, 788.

## 43.1-27 A GLÓRIA VOLTA AO TEMPLO

<sup>1</sup> Então, o homem me levou à porta, à porta que olha para o oriente. <sup>2</sup> E eis que, do caminho do oriente, vinha a glória do Deus de Israel; a sua voz era como o ruído de muitas águas, e a terra resplandeceu por causa da sua glória. <sup>3</sup> O aspecto da visão que tive era como o da visão que eu tivera, quando vim destruir a cidade; e eram as visões como a que tive junto ao rio Quebar; e me prostrei, rosto em terra. <sup>4</sup> A glória do SENHOR entrou no templo pela porta que olha para o oriente. <sup>5</sup> O Espírito me levantou e me levou ao átrio interior; e eis que a glória do SENHOR enchia o templo.

<sup>6</sup> Então, ouvi uma voz que me foi dirigida do interior do templo, e o homem se pôs de pé junto a mim, e o SENHOR me disse: <sup>7</sup> Filho do homem, este é o lugar do meu trono, e o lugar das plantas dos meus pés, onde habitarei no meio dos filhos de Israel para sempre; os da casa de Israel não contaminarão mais o meu nome santo, nem eles nem os seus reis, com as suas prostituições e com o cadáver dos seus reis, nos seus monumentos, <sup>8</sup> pondo o seu limiar junto ao meu limiar e a sua ombreira, junto à minha ombreira, e havendo uma parede entre mim e eles. Contaminaram o meu santo nome com as suas abominações que faziam; por isso, eu os consumi na minha ira. <sup>9</sup> Agora, lancem eles para longe de mim a sua prostituição e o cadáver dos seus reis, e habitarei no meio deles para sempre.

<sup>10</sup> Tu, pois, ó filho do homem, mostra à casa de Israel este templo, para que ela se envergonhe das suas iniquidades; e meça o modelo. <sup>11</sup> Envergonhando-se eles de tudo quanto praticaram, faze-lhes saber a planta desta casa e o seu arranjo, as suas saídas, as suas entradas e todas as suas formas; todos os seus estatutos, todos os seus dispositivos e todas as suas leis; escreve isto na sua presença para que observem todas as suas instituições e todos os seus estatutos e os cumpram. <sup>12</sup> Esta é a lei do templo; sobre o cimo do monte, todo o seu limite ao redor será santíssimo; eis que esta é a lei do templo.

<sup>13</sup> São estas as medidas do altar, em côvados, sendo o côvado de côvado comum e quatro dedos; a base será de um côvado de altura e um côvado de largura, e a sua borda, em todo o seu contorno, de quatro dedos; esta é a base do altar. <sup>14</sup> Da base, na linha da terra, até à fiada do fundo, dois côvados, e de largura, um côvado; da fiada pequena até à fiada grande, quatro côvados, e a largura, um côvado. <sup>15</sup> A lareira, de quatro côvados de altura; da lareira para cima se projetarão quatro chifres. <sup>16</sup> A lareira terá doze côvados de comprimento e doze de largura, quadrada nos quatro lados. <sup>17</sup> A fiada terá catorze côvados de comprimento e catorze de largura, nos seus quatro lados; a borda ao redor dela, de meio côvado; e a base ao redor do altar se projetará um côvado; os seus degraus olharão para o oriente.

<sup>18</sup> E o SENHOR me disse: Filho do homem, assim diz o SENHOR Deus: São estas as determinações do altar, no dia em que o farão, para oferecerem sobre ele holocausto e para sobre ele aspergirem sangue. <sup>19</sup> Aos sacerdotes levitas, que são da descendência de Zadoque, que se chegam a mim, diz o SENHOR Deus, para me servirem, darás um novilho para oferta pelo pecado. <sup>20</sup> Tomarás do seu SENHOR e o porás sobre os quatro chifres do altar, e nos quatro cantos da fiada, e na borda ao redor; assim, farás a purificação e a expiação. <sup>21</sup> Então, tomarás o novilho da oferta pelo pecado, o qual será queimado no lugar da casa para isso designado, fora do santuário. <sup>22</sup> No segundo dia, oferecerás um bode sem defeito, oferta pelo pecado; e purificarão o altar, como o purificaram com o novilho. <sup>23</sup> Acabando tu de o purificar, oferecerás um novilho sem defeito e, do rebanho, um carneiro sem defeito. <sup>24</sup> Oferecê-los-ás perante o SENHOR; os sacerdotes deitarão sal sobre eles e os oferecerão em holocausto ao SENHOR. <sup>25</sup> Durante sete dias, prepararás cada dia um bode para oferta pelo pecado; também prepararão um novilho e, do rebanho, um carneiro sem defeito. <sup>26</sup> Por sete dias, expiarão o altar e o purificarão; e, assim, o consagrarão. <sup>27</sup> Tendo eles cumprido estes dias, será que, ao oitavo dia, dali em diante, prepararão os sacerdotes sobre o altar os vossos holocaustos e as vossas ofertas pacíficas; e eu vos serei propício, diz o SENHOR Deus.

**VISÃO GERAL:** Na primeira parte desse capítulo, Ezequiel vê a glória de Deus. Embora nossos comentaristas concordem que a visão que Ezequiel teve da glória de Deus, ao olhar para o oriente, é significativa e tem algo a ver com Cristo, eles não concordam sobre o significado exato disso. Talvez isso se refira à imensa glória de Cristo, ou ao fato de Cristo ser o Sol da justiça. É dito a Ezequiel que esse templo espiritual é o lugar onde Cristo habitará para sempre com os fiéis. Essa habitação eterna é a nova Jerusalém e o próprio céu.

O capítulo termina com uma descrição do altar. Lutero fica chocado com as dimensões do altar. Essas dimensões exigiriam um sacerdote de, pelo menos, oito metros de altura. Os outros comentaristas entendem que o altar é um tipo de Cristo, que é nosso único altar para a expiação de pecados.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JAKOB RAUPIUS: Há quatro assuntos tratados neste capítulo. Primeiro, Ezequiel relata como ele viu a glória do Senhor entrar no templo, que ele descrevera nos capítulos anteriores, e como o Senhor lhe falou do interior do próprio templo... Segundo, ele indica a santidade do templo (Ez 43.12). Terceiro, ele descreve o altar do sacrifício no templo (Ez 43.13-18). Finalmente, Deus o instrui como ele deve santificar o altar e como ele deve ser usado para a adoração de Deus (Ez 43.18-27). COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**EZEQUIEL VÊ A GLÓRIA DE DEUS.** JOHN MAYER: Aqui, em doze versículos, antes de seguir adiante descrevendo outras coisas a respeito desse templo, o profeta revela que viu a glória de Deus mais uma vez, como a tinha visto quando ele veio para destruir a cidade (veja a respeito em Ezequiel 9-10) e quando a contemplou junto ao rio Quebar. Mas, assim como naquela época sua glória saiu da casa, agora ela entrava e enchia a casa, e ela entrou pela porta que olha para o oriente, para mostrar que, no tempo do evangelho, a igreja deve, pelo fato de Cristo ser anunciado pelo oriente, ser feita mais gloriosa do que jamais foi o templo de Salomão; aludindo a isso, diz Ageu: *O Senhor virá e en-*

*cherá de glória esta casa, maior do que a primeira* (Ag 2.7). COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

**A GLÓRIA É VISTA VINDO DO ORIENTE.** WILLIAM GREENHILL: O local era junto à porta oriental. Ele foi trazido do lado ocidental do templo para a porta oriental, onde teve essa visão que vinha do oriente. Cristo é o Sol da justiça, e o movimento do sol é do oriente para o ocidente. Assim, também aqui, essa visão gloriosa procedeu do oriente e entrou pela porta oriental, que conduzia diretamente ao lugar santíssimo. É Cristo quem nos tira das trevas para a luz e nos mostra o caminho para o templo e o lugar santíssimo.

...E de onde ela veio? “Do caminho do oriente.” A estrela de Cristo foi vista no oriente (Mt 2.2); sua vinda foi de lá (Zc 3.8; 6.12). Cristo é chamado *anatole* pela Septuaginta e *oriens* pela Vulgata, que é o oriente, porque Cristo devia vir do céu e iluminar o mundo escuro, como faz o sol, quando se levanta no oriente. Lucas (Lc 1.78) chama Cristo de *anatole*, que traduzimos como “alvorada” [ARA: “sol nascente”], e pode ser traduzido como oriente, pois o dia amanhece primeiramente no oriente. Quer seja oriente ou alvorada, é das alturas. Cristo veio do céu para trazer luz ao mundo cego. Por essa razão, Cristo diz: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8.12), a grande luz, o sol dele, que, surgindo no oriente, brilha nas partes mais longínquas do ocidente. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**O TEMPLO ESPIRITUAL.** JOHN MAYER: *O lugar do meu trono, e o lugar das plantas dos meus pés, onde habitarei no meio dos filhos de Israel para sempre.* Tendo visto anteriormente a representação da casa de Deus ou da igreja que deveria existir sob o evangelho, e a glória de Deus enchendo-a, o profeta ouviu agora o homem que o conduzira e medira todas as partes dela, dizendo-lhe, para o conforto de todos os cristãos fiéis, que aqui ele reinaria como rei e habitaria entre os fiéis, chamados de filhos de Israel para sempre. Daniel tinha falado anterior-

<sup>1</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 320.

<sup>2</sup> *Prophets*, 489.

<sup>3</sup> *Exposition*, 790.

mente acerca disso, em espírito, dizendo: *Esta é a minha habitação, e aqui eu habitarei*. Ele mostra, por meio disso, uma diferença entre o templo material e esse templo espiritual, porque ele habitou de tal modo nele que o deixou novamente por causa das repulsivas abominações dos judeus, entre quem ele estava colocado. Mas nesse ele prometeu habitar e jamais se afastar dele. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>4</sup>

**A CASA DE DEUS.** WILLIAM GREENHILL: Essa casa era destinada para habitação do trono de Deus, sendo uma representação da nova Jerusalém e do próprio céu. Consequentemente, ela é intitulada não somente de santa, mas de “santíssima”. A igreja de Deus tem um excelente fundamento. Ela é uma casa sobre um monte, e este é forte (Jó 39.28). Rochas e montes são lugares fortes; eles permanecem imóveis. A rocha, ou montanha, sobre a qual a igreja está fundada e construída é o Senhor Jesus Cristo (1Co 3.11), que é chamado de “grande montanha” (Dn 2.35); “Pedra preciosa, angular, solidamente assentada” (Is 28.16); a “pedra” (1Co 10.4); “a Glória de Israel” (1Sm 15.29); “a raiz de Davi” (Ap 22.16); e o sustentador de todas as coisas (Hb 1.3). Ele sustenta o mundo e a igreja.

A igreja de Deus é eminente e notável. Ela está no topo de um monte, e esse monte era muito alto (Ez 40.2), onde ele viu esse templo, que exibe a visibilidade e eminência da igreja sob o evangelho. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>5</sup>

### 43.13-27 *O altar*

**UM SACERDOTE EXTREMAMENTE ALTO.** MARTINHO LUTERO: O altar será de onze côvados de altura e quatorze côvados de largura no topo [Ez 43.13-17], de modo que, mesmo que um sacerdote consiga subir os degraus, ele deve possuir um braço de sete côvados de comprimento para chegar ao altar e arrumar o sacrifício. Esse seria um belo sacerdotinho também, com quinze ou dezesseis longos côvados de altura! [O hipotético sacerdote de Lutero seria de aproximadamente 8 metros de altura, com braços de 3,6 metros de comprimento]. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>6</sup>

**O ALTAR, UM TIPO DE CRISTO.** WILLIAM GREENHILL: Esse altar para holocaustos era um tipo de Cristo, como o eram os altares de Moisés e de Salomão (Êx 27.1; 2Cr 4.1). Esse altar era apenas um. Assim, Cristo é nosso altar, e nosso único altar (Hb 13.10). A igreja cristã não reconhece nenhum outro. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

**O ENTENDIMENTO ESPIRITUAL DO ALTAR.** JOHN MAYER: Esse altar apresenta Cristo, o qual é referido pelo nome de altar (Hb 13.10). Em primeiro lugar, compondo esse altar, há uma parte de apenas um côvado de altura e um côvado de largura. Assim também Cristo, a princípio, era apenas uma criança pobre e desprezível, nascida de uma virgem pobre, no entanto, apresentado com uma borda para honrá-lo. Ou seja, por um lado, pastores, que eram judeus e vinham dos campos, por instigação de anjos, para proclamar o que tinham visto e ouvido e, por outro lado, magos, que eram gentios e vinham de terras do oriente, para proclamá-lo rei, por orientação de uma estrela que, miraculosamente, lhes apareceu.

Há, então, uma segunda parte de dois côvados de altura e apenas um de largura. Assim também Cristo, elevando-se um pouco mais em altura em sua juventude, quando tinha apenas doze anos de idade, pela prova que deu de seu entendimento entre os doutores no templo, ainda mantido na mesma largura, visto que ninguém foi ganho para ele por meio disso.

3. Havia aqui outra parte, quatro côvados mais alta, mas ainda um côvado apenas de largura. Assim também Cristo, sendo batizado, e começando a pregar e a operar milagres, pôde ainda ganhar poucos ou ninguém para ele, mas era ainda um homem pobre e desprezível na opinião dos grandes deste mundo.

4. Havia aqui uma lareira quadrada, de doze côvados de lado; assim também Cristo não apenas operou milagres em sua vida, mas em sua morte se estendeu, por meio de seus

<sup>4</sup> *Prophets*, 489.

<sup>5</sup> *Exposition*, 797.

<sup>6</sup> Lenker 6, 311\* (WADB 11,1:408).

<sup>7</sup> *Exposition*, 798.

doze apóstolos, às quatro partes do mundo, de modo que pessoas vêm do oriente, do ocidente, do norte e do sul, como diz nosso Senhor, e *tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus.*

5. Como aqui havia quatro chifres, assim também o invencível poder de Cristo é tal que, ao sair ele conquistando por intermédio de seus apóstolos, nenhuma oposição o pôde resistir. Mas ele esmiuçou as quatro monarquias do mundo, tal como a pedra mencionada por Daniel, a qual, sendo cortada do monte e enchendo toda a terra, despedaçou todas as partes da estátua.

6. Como a fiada logo abaixo da lareira era ainda maior e quadrada com quatorze côvados de lado, assim também depois de um longo tempo de perseguição por imperadores ímpios, surgiu ali um cristão, Constantino, o Grande, por meio de quem, e dos imperadores cristãos que o sucederam, Cristo foi engrandecido ainda mais, com todos os pagãos sendo eliminados e os ídólatras não mais tolerados. Certamente, ao mostrar o significado espiritual, Rabanus concorda com a ideia principal de que aqui Cristo é apresentado, mas, ao chegar a esse quadrado de

quatorze côvados de lado, ele afirma que as quatorze gerações de Abraão a Davi, as quatorze de Davi a Jeoaquim e as quatorze de Jeoaquim a Cristo são apresentadas, esforçando-se, assim, por defender essa ideia conforme o quadrado aqui mencionado. Quem quiser que o siga; eu fico com o sentido acima. Finalmente, para a borda mencionada por último, essa é a graça na qual nosso Senhor Jesus é agora apresentado em todo o mundo cristão. Todos os povos o adoram como rei, em cuja cabeça e coroa há uma borda ao redor com todo tipo de pedras ricas e preciosas. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>8</sup>

**OS SACRIFÍCIOS.** WILLIAM GREENHILL: Aqui se mencionam três tipos de sacrifícios: o holocausto, a oferta pelo pecado e as ofertas pacíficas (Ez 43.18-19, 27). Quanto a isso e seus diferentes ritos, você pode ler (Lv 1; 6.24; 7.11-22). Esses sacrifícios não eram suficientes para expiar o pecado, mas eram meios de adoração, levando as pessoas a Cristo. UM EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> *Prophets*, 491.

<sup>9</sup> *Exposition*, 799.

## 44.1-31 O PRÍNCIPE, OS LEVITAS E OS SACERDOTES

<sup>1</sup> Então, o homem me fez voltar para o caminho da porta exterior do santuário, que olha para o oriente, a qual estava fechada. <sup>2</sup> Disse-me o SENHOR: Esta porta permanecerá fechada, não se abrirá; ninguém entrará por ela, porque o SENHOR, Deus de Israel, entrou por ela; por isso, permanecerá fechada. <sup>3</sup> Quanto ao príncipe, ele se assentará ali por ser príncipe, para comer o pão diante do SENHOR; pelo vestibulo da porta entrará e por aí mesmo sairá.

<sup>4</sup> Depois, o homem me levou pela porta do norte, diante da casa; olhei, e eis que a glória do SENHOR enchia a Casa do SENHOR; então, caí rosto em terra. <sup>5</sup> Disse-me o SENHOR: Filho do homem, nota bem, e vê com os próprios olhos, e ouve com os próprios ouvidos tudo quanto eu te disser de todas as determinações a respeito da Casa do SENHOR e de todas as leis dela; nota bem quem pode entrar no templo e quem deve ser excluído do santuário. <sup>6</sup> Dize aos rebeldes, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Bastem-vos todas as vossas abominações, ó casa de Israel! <sup>7</sup> Porquanto introduzistes estrangeiros, incircuncisos de coração e incircuncisos de carne, para estarem no meu santuário, para o profanarem em minha casa, quando ofereceis o meu pão, a gordura e o sangue; violastes a minha aliança com todas as vossas abominações. <sup>8</sup> Não cumpristes as prescrições a respeito das minhas coisas sagradas; antes, constituístes em vosso lugar estrangeiros para executarem o serviço no meu santuário.

<sup>9</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Nenhum estrangeiro que se encontra no meio dos filhos de Israel, incircunciso de coração ou incircunciso de carne, entrará no meu santuário. <sup>10</sup> Os levitas, porém, que se apartaram para longe de mim, quando Israel andava errado, que andavam transviados, desviados de mim, para irem atrás dos seus ídolos, bem levarão sobre si a sua iniquidade. <sup>11</sup> Contudo, eles servirão no meu santuário como guardas nas portas do templo e ministros dele; eles imolarão o holocausto e o sacrifício para o povo e estarão perante este para lhe servir. <sup>12</sup> Porque lhe ministraram diante dos seus ídolos e serviram à casa de Israel de tropeço de maldade; por isso, levantando a mão, jurei a respeito deles, diz o SENHOR Deus, que eles levarão sobre si a sua iniquidade. <sup>13</sup> Não se chegarão a mim, para me servirem no sacerdócio, nem se chegarão a nenhuma de todas as minhas coisas sagradas, que são santíssimas, mas levarão sobre si a sua vergonha e as suas abominações que cometeram. <sup>14</sup> Contudo, eu os encarregarei da guarda do templo, e de todo o serviço, e de tudo o que se fizer nele.

<sup>15</sup> Mas os sacerdotes levitas, os filhos de Zadoque, que cumpriram as prescrições do meu santuário, quando os filhos de Israel se extraviaram de mim, eles se chegarão a mim, para me servirem, e estarão diante de mim, para me oferecerem a gordura e o sangue, diz o SENHOR Deus. <sup>16</sup> Eles entrarão no meu santuário, e se chegarão à minha mesa, para me servirem, e cumprirão as minhas prescrições. <sup>17</sup> E será que, quando entrarem pelas portas do átrio interior, usarão vestes de linho; não se porá lâ sobre eles, quando servirem nas portas do átrio interior, dentro do templo. <sup>18</sup> Tiaras de linho lhes estarão sobre a cabeça, e calções de linho sobre as coxas; não se cingirão a ponto de lhes vir suor. <sup>19</sup> Saindo eles ao átrio exterior, ao povo, despirão as vestes com que ministraram, põ-las-ão nas santas câmaras e usarão outras vestes, para que, com as suas vestes, não santifiquem o povo. <sup>20</sup> Não repararão a cabeça, nem deixarão crescer o cabelo; antes, como convém, tosquiarão a cabeça. <sup>21</sup> Nenhum sacerdote beberá vinho quando entrar no átrio interior. <sup>22</sup> Não se casarão nem com viúva nem com repudiada, mas tomarão virgens da linhagem da casa de Israel ou viúva que o for de sacerdote. <sup>23</sup> A meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo. <sup>24</sup> Quando houver contenda, eles assistirão a ela para a julgarem; pelo meu direito julgarão; as minhas leis e os meus estatutos em todas as festas fixas guardarão e santificarão os meus sábados. <sup>25</sup> Não se aproximarão de nenhuma pessoa morta, porque se contaminariam; somente por pai, ou mãe, ou filho, ou filha, ou irmão, ou por irmã que não tiver marido, se poderão contaminar. <sup>26</sup> Depois de ser ele purificado, contar-se-lhe-ão sete

dias.<sup>27</sup> No dia em que ele entrar no lugar santo, no átrio interior, para ministrar no lugar santo, apresentará a sua oferta pelo pecado, diz o SENHOR Deus.

<sup>28</sup> Os sacerdotes terão uma herança; eu sou a sua herança. Não lhes dareis possessão em Israel; eu sou a sua possessão. <sup>29</sup> A oferta de manjares, e a oferta pelo pecado, e a pela culpa eles comerão; e toda coisa consagrada em Israel será deles. <sup>30</sup> O melhor de todos os primeiros frutos de toda espécie e toda oferta serão dos sacerdotes; também as primeiras das vossas massas dareis ao sacerdote, para que faça repousar a bênção sobre a vossa casa. <sup>31</sup> Não comerão os sacerdotes coisa alguma que de si mesma haja morrido ou tenha sido dilacerada de aves e de animais.

**PANORAMA:** A porta oriental é mostrada a Ezequiel, e é dito que ela permanecerá fechada. Ninguém jamais entrará por ela, porque o Senhor, o Deus de Israel, entrou por ela. O leitor moderno pode ficar um tanto surpreso por aquilo que nossos comentaristas discutem em relação a essa porta fechada, pela qual o Senhor passou. A questão para eles é se ela seria ou não uma referência à virgindade perpétua de Maria. Alguns argumentam que sim; outros repudiam a ideia como sendo uma leitura imprópria do texto. A porta fechada pode ser uma referência à porta do céu, pela qual ninguém pode passar, exceto Jesus Cristo, nosso sumo sacerdote, que era sem pecado. A porta fechada pode ser uma figura do nosso coração, que deve ser aberto apenas pelo Senhor e estar fechado a todos os demais. O restante do capítulo trata da aparência e da conduta dos sacerdotes.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JAKOB RAUPIUS: Neste capítulo, o profeta discute o ministério dos ritos religiosos a serem realizados no templo. Quatro assuntos gerais são mencionados a respeito. Primeiro, ele mostra um evidente privilégio do sumo sacerdote (Ez 44.1-3). Segundo, os estrangeiros estão excluídos do sacerdócio (Ez 44.4-9). Terceiro, ele discute o rebaixamento do restante dos levitas (Ez 44.10-15). Quarto, ele confirma os filhos de Zadoque no sacerdócio e prescreve determinadas leis para eles e lhes concede alguns privilégios (Ez 44.15-31).  
COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

#### 44.1-2 A porta fechada e a virgem Maria

**A PORTA FECHADA E MARIA.** JOHANN GERHARD: Maria, a mãe do Senhor, é uma virgem e a porta fechada; assim também, Cristo é

nascido em corações que não se apegam ao mundo nem vivem com ele em pecado. Todas as almas crentes são portas fechadas no templo vivo de Deus, pelas quais somente o Senhor entra e mais ninguém. Pois a verdadeira fé abre a porta do coração para ninguém mais exceto Cristo somente e não se apegam a ninguém senão somente a Cristo. É por isso que Cristo não quis achar lugar algum neste mundo, para que pudesse achar lugar em nosso coração; nosso coração deve ser seu berço, e nossa fé deve ser os seus panos. POSTILLA.<sup>2</sup>

**A PORTA FECHADA E A VIRGINDADE PERPÉTUA.** WILLIAM GREENHILL: É necessário perguntar a respeito do significado da porta fechada. Ela não era o ventre da virgem, que teria sido fechado após o nascimento de Cristo, como os intérpretes papistas a expõem. Alguns dos antigos entendem tratar-se de mistérios celestiais, que ninguém conhece senão o Pai e o Filho; outros entendem ser a Escritura, ou o “livro selado com sete selos”, que ninguém podia abrir senão Cristo. Essa porta fechada indica, antes, a porta ou entrada do céu, que Adão, por sua queda, tinha fechado, de modo que ninguém, sendo pecador, poderia abri-la ou entrar. Só Jesus Cristo, nosso sumo sacerdote, a abriu e entrou. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>3</sup>

**MARIA E A PORTA FECHADA.** JOHN MAYER: Essa porta fechada, porque por ela o Senhor entrou, de modo que ninguém, exceto o Príncipe, entrará por ela, foi comumente entendida pela antiguidade como uma representação do mistério da encarnação de Cristo. Isto é, sua entrada,

<sup>1</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 326.

<sup>2</sup> *Postilla* 1:112.

<sup>3</sup> *Exposition*, 800.

por sua divindade, no ventre da virgem Maria, grávida pelo Espírito Santo, vindo a nascer dela, após o que o ventre dela foi fechado para sempre, de modo que, além disso, nenhum homem jamais a conheceu, mas ela permaneceu sempre uma virgem pura. Só Jesus, o Rei, entrou ali, e, assim, colocou uma trava, impedindo todos de entrar, e ela nunca mais teve outro filho. Certamente, foi um erro grosseiro de alguns sustentar que aqueles que são chamados irmãos de nosso Senhor foram gerados por José da virgem Maria. Eles foram apenas seus parentes, como tenho mostrado em minha exposição dos Evangelhos, e foram chamados seus irmãos em conformidade com o costume dos hebreus.

Agostinho escreve o seguinte acerca dessa porta fechada: “O que ela significa, senão que a virgem Maria permaneceu sempre virgem? E o que significa que nenhum homem passará por ela, senão que José jamais entraria nela? Ele encheu meu ventre com a Deidade, mas não o esvaziou de castidade; não fui achada em minha concepção sem vergonha, mas fui achada em meu parto sem dor, podia ela bem dizer.”<sup>4</sup> Os escoliastas gregos afirmam que Cristo, sobrenaturalmente, abriu essa porta nunca aberta antes e, sendo fechada, a manteve assim naturalmente. Jerônimo, Ambrósio e Crisóstomo afirmam o mesmo. Sua virgindade era a porta fechada, um jardim fechado e uma fonte selada. A porta oriental pode bem apresentar isso pela razão mencionada anteriormente: porque Jesus era do oriente, de onde nasce o sol. Zwínglio diz isso. E isto, pelo fato de tantos homens eruditos concordarem, eu creio ser verdadeiro, que o ventre da virgem Maria esteve sempre fechado e que José nunca a conheceu. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**A PORTA FECHADA É UMA PORTA FECHADA.** JAKOB RAUPIUS: *Então, o homem me fez voltar, ou seja, o homem que antes lhe falou (Ez 40.3), para o caminho da porta exterior do santuário, que é um modo peculiar de se referir ao lugar santo, assim como o santuário interior é chamado de santo dos santos, que olha para o oriente, a qual estava fechada. Disse-me o Senhor, ou seja, ele estava falando do interior do templo,*

como declarado acima (Ez 43.6), *esta porta permanecerá fechada, não se abrirá; ninguém entrará por ela, que significa que ninguém passará por ela, porque o Senhor, Deus de Israel, entrou por ela, ou seja, ele entrou através dela, por isso, permanecerá fechada, isto é, ela continuará fechada.* COMENTÁRIO SOBRE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

#### 44.3-31 Sacerdotes

**VESTES SACERDOTAIS.** WILLIAM GREENHILL: Aqui, e nos versículos seguintes (Ez 44.17-31), há algumas regras e instruções dadas para os sacerdotes. A primeira diz respeito às suas vestes e trajas. Quando os filhos de Zadoque vêm ministrar ao Senhor, eles devem usar apenas vestes de linho; eles não devem usar roupa alguma de lã, como nos dias de Moisés (Êx 28.42-43; 29.27-29; Lv 16.4). Eles tinham tiaras de linho, calções de linho, cintos de linho e túnicas de linho; a lã não lhes era permitida, porque é menos pura do que o linho. E, assim como aquelas vestes de linho usadas por Arão e seus filhos tinham denotado a pureza e a inocência de Cristo, assim também essas, que os filhos de Zadoque tinham, denotavam a pureza e a inocência dos ministros sob Cristo e o evangelho. Os vinte e quatro anciãos estavam vestidos de branco (Ap 4.4); e aqueles que serviam o Senhor em seu templo vestiam-se de vestiduras brancas (Ap 7.13,15). Os ministros de Cristo devem ser santos, castos, irrepreensíveis e exemplos de virtude para outros (1Tm 4.12; 2Tm 2.22; Tt 1.7-8). Quando cheiram a coisas da carne, eles embrutecem e usam roupas de lã, que não deveriam usar. Eles devem evitar todas as coisas que os façam mal-afamados e maus ouvintes. O suor é algo malcheiroso. Eles não devem usar roupa alguma que cause suor, significando que eles não devem fazer nada que cause mau cheiro. Seus lombos devem estar ligados pela sinceridade e seu comportamento deve ser tal que não seja ofensivo a Deus ou às pessoas. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>7</sup>

<sup>4</sup> Cf. Agostinho, *Sermon* 184.1 (*WSA* III/6, 17).

<sup>5</sup> *Prophets*, 493.

<sup>6</sup> *Commentarius Synopticus* (1655), 326.

<sup>7</sup> *Exposition*, 804.



**CASAMENTO SACERDOTAL.** WILLIAM GREENHILL: Uma quarta regra diz respeito ao seu casamento. Eles não são proibidos de se casar, mas são advertidos sobre o assunto e lhes é mostrado com quem não devem se casar: com mulher viúva ou repudiada. E Moisés menciona mais dois tipos (Lv 21.14), a mulher profana e a prostituta, as quais eles não devem tomar; só podem se casar com uma virgem ou uma viúva de sacerdote, e devem ser “da linhagem da casa de Israel”. Eles não devem tomar para si virgens ou viúvas estrangeiras. O objetivo das palavras é que eles se casassem com mulheres que

fossem modestas, castas, piedosas, sóbrias e bem-educadas, para que fossem um conforto e uma honra para seu marido nesse ofício. Os sacerdotes eram um tipo de Cristo, e os ministros do evangelho estão no lugar de Cristo para o povo. O casamento representa a união mística e o casamento entre Cristo e sua igreja. Portanto, de todos os homens, eles devem levar em conta que tipo de esposa tomarão, aquelas que serão submissas em todas as coisas, como a igreja é a Cristo (Ef 5.24) e, assim, lembrar outras do seu dever. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> *Exposition*, 804-5.

## 45.1 – 46.24 DIVISÃO DA TERRA E DIAS SANTOS

<sup>1</sup> Quando, pois, repartirdes a terra por sortes em herança, fareis uma oferta ao SENHOR, uma porção santa da terra; o comprimento desta porção será de vinte e cinco mil côvados, e a largura, de dez mil; ela será santa em toda a sua extensão ao redor. <sup>2</sup> Será o santuário de quinhentos côvados com mais quinhentos, em quadrado, e terá em redor uma área aberta de cinquenta côvados. <sup>3</sup> Desta porção santa medirás vinte e cinco mil côvados de comprimento e dez mil de largura; ali estará o santuário, o lugar santíssimo. <sup>4</sup> Este será o lugar santo da terra; ele será para os sacerdotes, ministros do santuário, que dele se aproximam para servir ao SENHOR, e lhes servirá de lugar para casas; e, como lugar santo, pertencerá ao santuário. <sup>5</sup> Os levitas, ministros da casa, terão vinte e cinco mil côvados de comprimento e dez mil de largura, para possessão sua, para vinte câmaras.

<sup>6</sup> Para a possessão da cidade, de largura dareis cinco mil côvados e vinte e cinco mil de comprimento defronte da porção santa, o que será para toda a casa de Israel.

<sup>7</sup> O príncipe, porém, terá a sua parte deste e do outro lado da santa porção e da possessão da cidade, diante da santa porção e diante da possessão da cidade, ao lado ocidental e oriental; e o comprimento corresponderá a uma das porções, desde o limite ocidental até o limite oriental.

<sup>8</sup> Esta terra será a sua possessão em Israel; os meus príncipes nunca mais oprimirão o meu povo; antes, distribuirão a terra à casa de Israel, segundo as suas tribos.

<sup>9</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Basta, ó príncipes de Israel; afastai a violência e a opressão e praticai juízo e justiça: tirai as vossas desapropriações do meu povo, diz o SENHOR Deus.

<sup>10</sup> Tereis balanças justas, efa justo e bato justo. <sup>11</sup> O efa e o bato serão da mesma capacidade, de maneira que o bato contenha a décima parte do ômer, e o efa, a décima parte do ômer; segundo o ômer, será a sua medida. <sup>12</sup> O siclo será de vinte geras. Vinte siclos, mais vinte e cinco siclos, mais quinze siclos serão iguais a uma mina para vós.

<sup>13</sup> Esta será a oferta que haveis de fazer: de trigo, a sexta parte de um efa de cada ômer, e também de cevada, a sexta parte de um efa de cada ômer. <sup>14</sup> A porção determinada de azeite será a décima parte de um bato de cada coro; um coro, como o ômer, tem dez batos. <sup>15</sup> De cada rebanho de duzentas cabeças, um cordeiro tirado dos pastos ricos de Israel; tudo para oferta de manjares, e para holocausto, e para sacrifício pacífico; para que façam expiação pelo povo, diz o SENHOR Deus. <sup>16</sup> Todo o povo da terra fará contribuição, para esta oferta, ao príncipe em Israel. <sup>17</sup> Estarão a cargo do príncipe os holocaustos, e as ofertas de manjares, e as libações, nas Festas da Lua Nova e nos sábados, em todas as festas fixas da casa de Israel; ele mesmo proverá a oferta pelo

pecado, e a oferta de manjares, e o holocausto, e os sacrifícios pacíficos, para fazer expiação pela casa de Israel.

<sup>18</sup> Assim diz o SENHOR Deus: No primeiro mês, no primeiro dia do mês, tomarás um novilho sem defeito e purificarás o santuário. <sup>19</sup> O sacerdote tomará do sangue e porá dele nas ombreiras da casa, e nos quatro cantos da fiada do altar, e nas ombreiras da porta do átrio interior. <sup>20</sup> Assim também farás no sétimo dia do mês, por causa dos que pecam por ignorância e por causa dos simples; assim, expiareis o templo.

<sup>21</sup> No primeiro mês, no dia catorze do mês, tereis a Páscoa, festa de sete dias; pão asmo se comerá. <sup>22</sup> O príncipe, no mesmo dia, por si e por todo o povo da terra, proverá um novilho para oferta pelo pecado. <sup>23</sup> Nos sete dias da festa, preparará ele um holocausto ao SENHOR, sete novilhos e sete carneiros sem defeito, cada dia durante os sete dias; e um bode cada dia como oferta pelo pecado. <sup>24</sup> Também preparará uma oferta de manjares: para cada novilho, um efa, e um efa para cada carneiro, e um him de azeite para cada efa. <sup>25</sup> No dia quinze do sétimo mês e durante os sete dias da festa, fará o mesmo: a mesma oferta pelo pecado, o mesmo holocausto, a mesma oferta a mesma porção de azeite.

**46** Assim diz o SENHOR Deus: A porta do átrio interior, que olha para o oriente, estará fechada durante os seis dias que são de trabalho; mas no sábado ela se abrirá e também no dia da Festa da Lua Nova. <sup>2</sup> O príncipe entrará de fora pelo vestibulo da porta e permanecerá junto da ombreira da porta; os sacerdotes prepararão o holocausto dele e os seus sacrifícios pacíficos, e ele adorará no limiar da porta e sairá; mas a porta não se fechará até à tarde. <sup>3</sup> O povo da terra adorará na entrada da mesma porta, nos sábados e nas Festas da Lua Nova, diante do SENHOR. <sup>4</sup> O holocausto que o príncipe oferecer ao SENHOR serão, no dia de sábado, seis cordeiros sem defeito e um carneiro sem defeito. <sup>5</sup> A oferta de manjares será um efa para cada carneiro; para cada cordeiro, a oferta de manjares será o que puder dar; e de azeite, um him para cada efa. <sup>6</sup> Mas, no dia da Festa da Lua Nova, será um novilho sem defeito e seis cordeiros e um carneiro; eles serão sem defeito. <sup>7</sup> Preparará por oferta de manjares um efa para cada novilho e um efa para cada carneiro, mas, pelos cordeiros, segundo puder; e um him de azeite para cada efa. <sup>8</sup> Quando entrar o príncipe, entrará pelo vestibulo da porta e sairá pelo mesmo caminho.

<sup>9</sup> Mas, quando vier o povo da terra perante o SENHOR, nas festas fixas, aquele que entrar pela porta do norte, para adorar, sairá pela porta do sul; e aquele que entrar pela porta do sul sairá pela porta do norte; não tornará pela porta por onde entrou, mas sairá pela porta oposta. <sup>10</sup> O príncipe entrará no meio deles, quando eles entrarem; em saindo eles, ele sairá.

<sup>11</sup> Nas solenidades e nas festas fixas, a oferta de manjares será um efa para cada novilho e um para cada carneiro; mas, pelos cordeiros, o que puder dar; e de azeite, um him para cada efa. <sup>12</sup> Quando o príncipe preparar holocausto ou sacrifícios pacíficos como oferta voluntária ao SENHOR, então, lhe abrirão a porta que olha para o oriente, e fará ele o seu holocausto e os seus sacrifícios pacíficos, como costuma fazer no dia de sábado; e sairá, e se fechará a porta depois de ele sair.

<sup>13</sup> Prepararás um cordeiro de um ano, sem defeito, em holocausto ao SENHOR, cada dia; manhã após manhã, o prepararás. <sup>14</sup> Juntamente com ele, prepararás, manhã após manhã, uma oferta de manjares para o SENHOR, a sexta parte de um efa e, de azeite, a terça parte de um him, para misturar com a flor de farinha. Isto é estatuto perpétuo e contínuo. <sup>15</sup> Assim prepararão o cordeiro, e a oferta de manjares, e o azeite, manhã após manhã, em holocausto contínuo.

<sup>16</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Quando o príncipe der um presente de sua herança a alguns de seus filhos, pertencerá a estes; será possessão deles por herança. <sup>17</sup> Mas, dando ele um presente da sua herança a algum dos seus servos, será deste até ao ano da liberdade; então, tornará para o príncipe, porque a seus filhos, somente a eles, pertencerá a herança. <sup>18</sup> O príncipe não tomará

*nada da herança do povo, não os esbulhará da sua possessão; da sua própria possessão deixará herança a seus filhos, para que o meu povo não seja retirado, cada um da sua possessão.*

<sup>19</sup> *Depois disto, o homem me trouxe, pela entrada que estava ao lado da porta, às câmaras santas dos sacerdotes, as quais olhavam para o norte; e eis que ali havia um lugar nos fundos extremos que olham para o ocidente.* <sup>20</sup> *Ele me disse: Este é o lugar onde os sacerdotes cozerão a oferta pela culpa e a oferta pelo pecado e onde cozerão a oferta de manjares, para que não a tragam ao átrio exterior e assim santifiquem o povo.*

<sup>21</sup> *Então, me levou para fora, para o átrio exterior, e me fez passar aos quatro cantos do átrio; e eis que em cada canto do átrio havia outro átrio.* <sup>22</sup> *Nos quatro cantos do átrio havia átrios pequenos, menores, de quarenta côvados de comprimento e trinta de largura; estes quatro cantos tinham a mesma dimensão.* <sup>23</sup> *Havia um muro ao redor dos átrios, ao redor dos quatro, e havia lugares para cozer ao pé dos muros ao redor.* <sup>24</sup> *E me disse: São estas as cozinhas, onde os ministros do templo cozerão o sacrifício do povo.*

**PANORAMA:** Os próximos dois capítulos tratam da divisão da terra, de onde, especificamente, os sacerdotes devem habitar e dos sacrifícios a serem oferecidos pelo povo. A divisão da terra deve ser entendida de maneira espiritual e não literal, como apontando para a consumação escatológica da igreja de Cristo. Todos os sacrifícios apontam para Cristo e se cumpriram nele. Vemos também nessas ofertas uma referência ao batismo infantil e à Ceia do Senhor. Finalmente, uma distinção é feita entre os deveres do príncipe e os dos sacerdotes. Aqui se observa uma separação entre igreja e estado. O príncipe protege o estado, mas não interfere na adoração, que pertence ao ofício do sacerdote.

**UMA DESCRIÇÃO DA TERRA SANTA.** JOHN MAYER: Daqui até o final desta profecia, temos uma descrição da Terra Santa, suas dimensões e as divisões dela entre as doze tribos de Israel. E ele começa, primeiramente, com a parte a ser separada do todo para os sacerdotes e levitas, a qual fica no meio do templo e dos átrios descritos anteriormente. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>1</sup>

**UMA PASSAGEM DIFÍCIL.** WILLIAM GREENHILL: Tendo estabelecido a plataforma e as medidas do templo, ele chega agora à divisão e à medição da terra, onde as coisas são obscuras, difíceis e profundas, e não se deve procurar entendê-las pela força humana, mas com a ajuda do Espírito de Cristo, que ilumina as coisas obs-

curas, torna fácil as coisas difíceis e sonda as grandes profundezas.

...Havia uma diferença em relação à terra de Canaã nos dias de Moisés e Josué (Nm 34, 35; Js 13, 21). Mas esta divisão difere muito dessa mencionada e, quando os judeus retornaram da Babilônia, não havia tal divisão da terra. Se houvesse, Esdras ou Neemias a mencionariam. Portanto, essa divisão não deve ser entendida de forma literal, mas espiritual, e seu cumprimento deve ser procurado na igreja de Cristo, não no estado judaico ou no templo dos judeus. Por conseguinte, parece que temos aqui uma divisão espiritual, que traz pessoas do Judaísmo e do paganismo para o reino de Cristo e a comunhão do evangelho... A obra da graça, de condução de pessoas à igreja, é gratuita; não é obtida por qualquer coisa nas pessoas ou das pessoas. **UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.**<sup>2</sup>

**A CIDADE E A IGREJA.** JOHN MAYER: Quanto à cidade, que é dita ser para toda a casa de Israel, junto a essa porção santa, ela também deve ter vinte e cinco mil côvados de comprimento mais cinco mil de largura, sendo, assim, metade da porção santa. Isso revela o seguinte:

1. Vemos que, em todo país onde Cristo estabelece o seu ministério, a primeira e principal providência a ser tomada pelo seu povo fiel e a ser provida em relação à manutenção, como

<sup>1</sup> *Prophets*, 499.

<sup>2</sup> *Exposition*, 805.

aqui ordenada, é que de toda a terra de Canaã se faça provisão para o templo e os sacerdotes em primeiro lugar, separando-se uma proporção de terra para o seu uso e, depois, para a cidade, Jerusalém e o rei, e para todas as outras tribos de Israel, como se verá adiante. E, assim como as primícias de antigamente eram primeiro separadas e trazidas à casa do Senhor, é mostrado que essa proporção de terra é semelhante às primícias ao se dizer: *fareis uma oferta ao Senhor*, que é esse comprimento e largura, porque as primícias são geralmente chamadas de ofertas alçadas.

2. Vemos que a manutenção de ministros de Cristo deve ser muito abundante. Porquanto aqui há mais terra destinada para os sacerdotes e os levitas que para toda a cidade de Jerusalém, que era tão populosa, para o encontro de todas as tribos em diversas ocasiões, para afluírem e permanecerem ali reunidas muitos dias, na adoração e no serviço de Deus. Por essa razão, ela precisava ter amplos arredores.

3. Vemos que, dos ministros de Cristo, assim como dos ministros do antigo templo, deve haver duas classes: presbíteros ou bispos e diáconos.

4. Vemos que, como o templo, a igreja, no tempo do evangelho, é uma só igreja verdadeiramente católica e apostólica, apesar de serem muitos os países onde ela está plantada e muitas as congregações particulares em cada país, e assim o Senhor mostrou apenas um templo a Ezequiel.

5. Vemos que uma proporção de terras e casas próximas aos santuários ou espaços dedicados a encontros em torno da adoração de Deus deve ser disposta para os ministros, para que eles possam estar próximos do lugar onde deverão exercer o seu ofício. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>3</sup>

#### 45.13 – 46.24 *Os sacrifícios*

**OS SACRIFÍCIOS.** WILLIAM GREENHILL: Aqui, todas as ofertas e sacrifícios eram tipos de Cristo. O trigo, a cevada, o azeite, o cordeiro, a oferta pelo pecado, a oferta de manjares, o holocausto e o sacrifício pacífico, tudo isso representava

Cristo e foi cumprido por ele. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>4</sup>

#### A CEIA DO SENHOR E O BATISMO INFANTIL.

JOHN MAYER: Quanto à oferta no sétimo dia... entendo que ela indica que, antes da Páscoa, que vem em seguida (Ez 45.21), devemos ser santificados. Ou seja, antes de participarmos da santa comunhão, pois *Cristo é nossa páscoa*, cuja carne é ali comida e cujo sangue é ali bebido, e essa santificação é também pela oração, para todos os que são admitidos na congregação cristã, que é a casa de Deus, a qual no passado tinha se desviado, quando foi conduzida cegamente pelo caminho da superstição e de outros pecados grosseiros, mas que agora se converteu. Ou que é simplice e ignorante, como crianças pequenas, para cuja santificação e bênção nosso Senhor nos deu exemplo quando, ao serem-lhe trazidas, ele as tomou em seus braços e as abençoou, e que isso pode ser feito a pequeninos de uma semana de idade é mostrado pela expressão: *farás no sétimo dia... por causa dos simplices*, e assim ele diz: *expiareis o templo* ou *fareis boas proposições para o templo*, usando a palavra *casa* [templo] em outro sentido, a saber, para aqueles que estavam incluídos na casa de Deus...

Por conseguinte, algo deve ser feito pelo ministro de Deus no sentido de santificar um edifício, e assim uma alma, pois, enquanto isso não é feito, Deus não é reconciliado. Visto que, por natureza, somos filhos da ira e necessitamos, assim, de reconciliação com ele logo que nascemos, e como isso deve ser feito somente pelas orações de seus ministros, trazendo-se os pequeninos diante dele, como eles foram trazidos ao seu Mestre, para serem abençoados por suas orações e para serem com Deus reconciliados. Ora, a igreja de Deus, sob o Novo Testamento, nunca trouxe os pequeninos aos seus sacerdotes para serem assim abençoados, exceto quando para serem batizados, sabendo bem que, se não houver regeneração, não pode haver reconciliação, de acordo com o que ele disse: *quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino*

<sup>3</sup> *Prophets*, 500.

<sup>4</sup> *Exposition*, 809.

de Deus (Jo 3.5). Portanto, não há força alguma no argumento de que os apóstolos não recebam ordem para batizar os pequeninos e que, por essa razão, eles não devem ser batizados. É suficiente que eles devam ser santificados e reconciliados por meio de um sacrifício, o que ninguém pode ser senão sendo regenerado; portanto, eles devem vir à água e à bênção do ministro, visto que a regeneração para os pequeninos é inseparável da água e do batismo ali com ela em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Os que têm capacidade para crer são com isso regenerados, ao crerem mediante a pregação da Palavra, (Tg 1.17; 1Pe 1.23). Os pequeninos não são assim capazes de regeneração e, por isso, de reconciliação, mas somente pelo batismo acompanhado de orações fiéis. É bem observado por Lyra que estas duas ordenanças para a purificação do santuário, e dos que erram e simpleses, no primeiro e no sétimo dia, são novas e feitas aqui pela primeira vez, não estando nenhuma delas no cânon das ordenanças feitas por Moisés, e, assim, todos devem ser aqui convencidos de que elas adequadamente dizem respeito ao tempo do Novo Testamento. Se é assim, então devemos perguntar quem são os simpleses que devem ser reconciliados e quem são aqueles que erram [pecam por ignorância], pois é evidente que não são os mesmos, pois aquele que pecou por ignorância mas que agora se converteu de seu erro não é simplesse, mas sábio para a salvação; portanto, os simpleses são os pequeninos, e, assim, é muito verdadeiro o que já foi dito ser concernente a eles. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

#### A IGREJA E O ESTADO. WILLIAM GREENHILL:

O segundo versículo (46.2) nos fala do príncipe, de sua entrada pelo caminho do vestibulo e de sua permanência junto da ombreira da porta. Ele nos diz onde ele deveria adorar, mas também que ele não deveria entrar no átrio. Se entendemos isso do príncipe secular, quatro assuntos são aqui considerados:

1. Que o príncipe não deve entrar no átrio interior; ele não deve interferir no ofício sacerdotal nem nas coisas de Deus. Os príncipes não podem mudar coisa alguma na adoração a Deus, não podem anular ou instituir coisa alguma por sua vontade ou poder...

2. Eles devem favorecer e manter a adoração de Deus. O príncipe deve ficar na ombreira da porta e verificar que os sacerdotes cumprem o seu ofício...

3. Que os príncipes devem adorar o Senhor publicamente no dia de sábado e em ocasiões especiais, como todas as demais pessoas...

4. Eles não devem impedir a adoração a Deus. O príncipe poderá sair, mas a porta não se fechará onde ele adorou; ele não deve obstruir outros...

Se interpretamos o príncipe aqui como sendo Cristo, como Ecolampádio e Polanus o fazem, então sua vinda para a porta e sua permanência junto da ombreira dela, seu sacrifício e adoração, prefiguram sua vinda na carne e sua permanência junto da porta do céu por nós, oferecendo orações e súplicas por nós. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> *Prophets*, 504-5.

<sup>6</sup> *Exposition*, 811.

## 47.1 – 48.29 O RIO QUE SAÍA DO TEMPLO E A DIVISÃO DA TERRA

<sup>1</sup> Depois disto, o homem me fez voltar à entrada do templo, e eis que saíam águas de debaixo do limiar do templo, para o oriente; porque a face da casa dava para o oriente, e as águas vinham de baixo, do lado direito da casa, do lado sul do altar. <sup>2</sup> Ele me levou pela porta do norte e me fez dar uma volta por fora, até à porta exterior, que olha para o oriente; e eis que corriam as águas ao lado direito.

<sup>3</sup> Saiu aquele homem para o oriente, tendo na mão um cordel de medir; mediu mil côvados e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos tornozelos. <sup>4</sup> Mediu mais mil e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos joelhos; mediu mais mil e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos lombos. <sup>5</sup> Mediu ainda outros mil, e era já um rio que eu não podia atravessar, porque as águas tinham crescido, águas que se deviam passar a nado, rio pelo qual não se podia passar. <sup>6</sup> E me disse: Viste isto, filho do homem?

Então, me levou e me tornou a trazer à margem do rio. <sup>7</sup> Tendo eu voltado, eis que à margem do rio havia grande abundância de árvores, de um e de outro lado. <sup>8</sup> Então, me disse: Estas águas saem para a região oriental, e descem à campina, e entram no mar Morto, cujas águas ficarão saudáveis. <sup>9</sup> Toda criatura vivente que vive em enxames viverá por onde quer que passe este rio, e haverá muitíssimo peixe, e, aonde chegarem estas águas, tornarão saudáveis as do mar, e tudo viverá por onde quer que passe este rio. <sup>10</sup> Junto a ele se acharão pescadores; desde En-Gedi até En-Eglaim haverá lugar para se estenderem redes; o seu peixe, segundo as suas espécies, será como o peixe do mar Grande, em multidão excessiva. <sup>11</sup> Mas os seus charcos e os seus pântanos não serão feitos saudáveis; serão deixados para o sal. <sup>12</sup> Junto ao rio, às ribanceiras, de um e de outro lado, nascerá toda sorte de árvore que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto; nos seus meses, produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; o seu fruto servirá de alimento, e a sua folha, de remédio.

<sup>13</sup> Assim diz o SENHOR Deus: Este será o limite pelo qual repartireis a terra em herança, segundo as doze tribos de Israel. José terá duas partes. <sup>14</sup> Vós a repartireis em heranças iguais, tanto para um como para outro; pois jurei, levantando a mão, dá-la a vossos pais; assim, que esta mesma terra vos cairá a vós outros em herança.

<sup>15</sup> Este será o limite da terra: do lado norte, desde o mar Grande, caminho de Hetlom, até à entrada de Zedade, <sup>16</sup> Hamate, Berota, Sibraim (que estão entre o limite de Damasco e o de Hamate), a cidade Hazer-Haticom (que está junto ao limite de Haurã). <sup>17</sup> Assim, o limite será desde o mar até Hazar-Enom, o limite de Damasco, e, na direção do norte, está o limite de Hamate; este será o lado do Norte. <sup>18</sup> O lado do oriente, entre Haurã, e Damasco, e Gileade, e a terra de Israel, será o Jordão; desde o limite do norte até ao mar do oriente, medireis; este será o lado do oriente. <sup>19</sup> O lado do sul será desde Tamar até às águas de Meribá-Cades, junto ao ribeiro do Egito até ao mar Grande; este será o lado do sul. <sup>20</sup> O lado do ocidente será o mar Grande, desde o limite do sul até à entrada de Hamate; este será o lado do ocidente.

<sup>21</sup> Repartireis, pois, esta terra entre vós, segundo as tribos de Israel. <sup>22</sup> Será, porém, que a sorteareis para vossa herança e para a dos estrangeiros que moram no meio de vós, que gerarem filhos no meio de vós; e vos serão como naturais entre os filhos de Israel; convosco entrarão em herança, no meio das tribos de Israel. <sup>23</sup> E será que, na tribo em que morar o estrangeiro, ali lhe dareis a sua herança, diz o SENHOR Deus.

**48** São estes os nomes das tribos: desde a parte extrema do norte, via Hetlom, até à entrada de Hamate, até Hazar-Enom, o limite norte de Damasco até junto de Hamate e desde o lado oriental até ao ocidente, Dã terá uma porção.

<sup>2</sup> Limitando-se com Dã, desde o lado oriental até ao ocidental, Aser, uma porção. <sup>3</sup> Limitando-se com Aser, desde o lado oriental até ao ocidental, Naftali, uma porção. <sup>4</sup> Limitando-se com Naftali, desde o lado oriental até ao ocidental, Manassés, uma porção. <sup>5</sup> Limitando-se com Manassés, desde o lado oriental até ao ocidental, Efraim, uma porção. <sup>6</sup> Limitando-se com Efraim, desde o lado oriental até ao ocidental, Rúben, uma porção. <sup>7</sup> Limitando-se com Rúben, desde o lado oriental até ao ocidental, Judá, uma porção.

<sup>8</sup> Limitando-se com Judá, desde o lado oriental até ao ocidental, será a região sagrada que haveis de separar, de vinte e cinco mil côvados de largura e de comprimento, o mesmo que o das porções, desde o lado oriental até ao ocidental; o santuário estará no meio dela. <sup>9</sup> A região que haveis de separar ao SENHOR será do comprimento de vinte e cinco mil côvados e da largura de dez mil. <sup>10</sup> Esta região santa dos sacerdotes terá, ao norte, vinte e cinco mil côvados, ao ocidente, dez mil de largura, ao oriente, dez mil de largura e ao sul, vinte e cinco mil de comprimento; o santuário do SENHOR estará no meio dela. <sup>11</sup> Será para os sacerdotes santificados, para os filhos de Zadoque, que cumpriram o seu dever e não andaram errados, quando os filhos de Israel se extraviaram, como fizeram os levitas. <sup>12</sup> Será região especial dentro da região sagrada, lugar santíssimo, fazendo limites com a porção dos levitas. <sup>13</sup> Os levitas, segundo o limite dos sacerdotes, terão vinte e cinco mil côvados de comprimento e dez mil de largura; todo o comprimento será vinte e cinco mil, e a largura, dez mil. <sup>14</sup> Não venderão nada disto, nem trocarão, nem transferirão a outrem o melhor da terra, porque é santo ao SENHOR.

<sup>15</sup> Mas os cinco mil côvados que ficaram da largura diante dos vinte e cinco mil serão para o uso civil da cidade, para habitação e para arredores; a cidade estará no meio. <sup>16</sup> Serão estas as suas medidas: o lado norte, de quatro mil e quinhentos côvados, o lado sul, de quatro mil e quinhentos, o lado oriental, de quatro mil e quinhentos, e o lado ocidental, de quatro mil e quinhentos. <sup>17</sup> Os arredores da cidade serão, ao norte, de duzentos e cinquenta côvados, ao sul, de duzentos e cinquenta côvados, ao oriente, de duzentos e cinquenta e, ao ocidente, de duzentos e cinquenta. <sup>18</sup> Quanto ao que ficou do resto do comprimento, paralelo à região sagrada, será de dez mil para o oriente e de dez mil para o ocidente e corresponderá à região sagrada; e o seu produto será para o sustento daqueles que trabalham na cidade. <sup>19</sup> Lavrá-lo-ão os trabalhadores da cidade, provindos de todas as tribos de Israel. <sup>20</sup> A região toda será de vinte e cinco mil côvados em quadrado, isto é, a região sagrada juntamente com a possessão da cidade.

<sup>21</sup> O que restar será para o príncipe, deste e do outro lado da região sagrada e da possessão da cidade. Por isso, aquilo que se estende dos vinte e cinco mil côvados em direção do oriente e também dos vinte e cinco mil côvados em direção do ocidente, paralelamente com as porções, será do príncipe; a região sagrada e o santuário do templo estarão no meio. <sup>22</sup> Excetuando o que pertence aos levitas e a cidade que está no meio daquilo que pertence ao príncipe, entre o território de Judá e o de Benjamim, será isso para o príncipe. <sup>23</sup> Quanto ao resto das tribos, desde o lado oriental até ao ocidental, Benjamim terá uma porção. <sup>24</sup> Limitando-se com Benjamim, desde o lado oriental até ao ocidental, Simeão, uma porção. <sup>25</sup> Limitando-se com Simeão, desde o lado oriental até ao ocidental, Issacar, uma porção. <sup>26</sup> Limitando-se com Issacar, desde o lado oriental até ao ocidental, Zebulom, uma porção. <sup>27</sup> Limitando-se com Zebulom, desde o lado oriental até ao ocidental, Gade, uma porção. <sup>28</sup> Limitando-se com o território de Gade, ao sul, o limite será desde Tamar até às águas de Meribá-Cades, ao longo do ribeiro do Egito até ao mar Grande. <sup>29</sup> Esta é a terra que sortearéis em herança às tribos de Israel; e estas, as suas porções, diz o SENHOR Deus.

---

**PANORAMA:** A Ezequiel é mostrado um rio vivificante que flui da cidade. Essas águas são espirituais. Nossos comentaristas sugerem que

aqui estão representadas tanto a água do batismo como a doutrina do evangelho. De qualquer forma, o significado é que a água purifica e sa-

cia a sede, como o faz o evangelho de perdão e vida encontrado unicamente em Jesus. A fonte e nascente dessas águas espirituais é Cristo.

A Ezequiel se mostrou a abundância de árvores que florescem ao longo do rio. Aqui se representa o próspero povo de Deus que abraça a verdadeira fé. Esses fiéis estão enraizados ao longo do rio, que é Cristo, e produzem muito fruto. Ezequiel também vê a abundância de peixe no rio. Se as árvores são os crentes maduros enraizados em Cristo, então esses peixes pequenos são os pequeninos batizados dos crentes.

O final de Ezequiel 47 e todo o capítulo 48 voltam ao assunto da divisão da terra. Desta vez, a terra é dividida em conformidade com as tribos de Israel e os sacerdotes. Mais uma vez, nossos comentaristas dão uma interpretação espiritual a essa divisão.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JOHN OWEN: Esta profecia contém uma visão do estado glorioso, santo, evangélico da igreja, sob a representação de um templo muito glorioso, excedendo de forma incomparável àquele que foi construído antigamente por Salomão; temos uma exposição a seu respeito (2Co 3.6-8, etc.).

O início deste capítulo apresenta a maneira na qual as igrejas evangélicas são chamadas e reunidas, cuja adoração deve ser assim gloriosa; e isso é mostrado pela visão de “águas que saem do santuário”, para curar e vivificar todos os lugares por onde passam. SERMÃO.<sup>1</sup>

#### 47.1-5 O rio

**ÁGUAS DEBAIXO DO LIMIAR.** WILLIAM GREENHILL: “E eis que saíam águas de debaixo”. Vilalpandus interpreta essas águas como sendo as águas subterrâneas que eram transportadas por tubos no subsolo e saíam no átrio dos sacerdotes, para lavar os sacrifícios e limpar o sangue, os excrementos e a sujeira ocasionada pelo abate de tantos sacrifícios. Certamente se não houvesse aquedutos em torno do templo de Salomão para manter limpos os lugares onde os sacrifícios eram abatidos e preparados, esse local seria malcheiroso e insalubre. Essas águas fluíam, algumas do limiar, algumas do lado sul

do altar, e assim corriam. Dessas águas, o Senhor aproveitava a ocasião para falar de águas espirituais. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

**ÁGUAS DEBAIXO DO LIMIAR.** JOHN BUNYAN: Embora na relação sagrada do edifício do templo nenhuma menção seja feita a essas águas, mas apenas se menciona o monte no qual o rei o construiu e os materiais com que ele o edificou, não obstante, parece-me que nesse monte, e ali também onde o templo foi construído, havia uma fonte de água viva. Isso parece mais que provável, por Ezequiel 47.1, onde ele diz: “Depois disto, o homem me fez voltar à entrada do templo, e eis que saíam águas de debaixo do limiar do templo, para o oriente; porque a face da casa dava para o oriente, e as águas vinham de baixo, do lado direito da casa, do lado sul do altar.” E de novo: “Sairá uma fonte da Casa do SENHOR e regará o vale de Sitim” (Jl 3.18). E onde quer que estivesse a primeira aparição dessas águas santas, essa fonte só estaria no santuário, que é o mais sagrado de todos (Ez 47.12), onde ficava o propiciatório, que em Apocalipse é chamado de “trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22.1-2).

...Em Ezequiel e Apocalipse é dito que essa água tem a árvore da vida crescendo em suas margens e era um tipo da Palavra e do Espírito de Deus, por meio qual o próprio Cristo se santificou, a fim de adorar como sumo sacerdote (Ez 47; Ap 22). E também essa água é aquela que cura todos os que serão salvos e pela qual, sendo eles também santificados por ela, fazem toda a sua obra de adoração e serviço aceitável, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim, é dito que essas águas correm para o mar, o mundo, e curam os seus peixes, os pecadores nele; de fato, essa é aquela água da qual Cristo Jesus, nosso Senhor, diz: “Quem dela beber viverá eternamente” (Ez 47.8-10; Zc 14.8; Jo 4.14). O TEMPLO DE SALOMÃO ESPIRITUALIZADO.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Owen, *Works* 9:179.

<sup>2</sup> *Exposition*, 815. Juan Baptista Vilalpandus (1552-1608) foi um erudito jesuíta espanhol que publicou obras sobre exegese e arquitetura. Ele é mais bem conhecido por seu comentário de Ezequiel (1596), do qual é coautor com Jerome Prado.

<sup>3</sup> *Temple*, 316.



**AS ÁGUAS.** JOHN OWEN: As águas aqui mencionadas representam a pregação do evangelho. E delas podemos observar, em primeiro lugar, sua origem, que elas saíam do santuário; em segundo lugar, seu progresso, seu aumento até se tornarem um rio que ninguém podia passar; em terceiro lugar, seus efeitos ou eficácia, pois elas tornavam saudáveis todas as águas por onde passavam e vivificavam, ou faziam viver, os peixes que nelas havia. Não devo me estender ao tratar desses particulares.

Primeiro. A casa, ou templo, de onde essas águas saíam pode ser entendida de duas maneiras: (1) Misticamente, para denotar apenas a presença de Deus. Deus habitava em seu templo; de lá procediam essas águas, de sua presença. Ele envia a palavra do evangelho para conversão e cura das nações (Sl 110.2). (2) Figuradamente, e isso tanto para o local onde ficava o templo de antigamente, ou seja, Jerusalém, porquanto a pregação do evangelho sairia de Jerusalém, e o som dele procederia dali para o mundo todo (Is 41.27; 52.7; At 1.4,8); ou para a igreja de Cristo e seus apóstolos, o primeiro templo glorioso e espiritual para Deus, de onde essas águas fluíam.

Segundo. Seu progresso, que é descrito gradativamente, sendo a princípio reduzidas – poucas pessoas pregando-a, e para poucos – mas depois, crescendo até encher toda a terra. Terceiro. Os efeitos mencionados ou atribuídos a essas águas são dois – vivificar e curar, sobre o que não devo falar mais em geral. SERMÃO.<sup>4</sup>

**AS ÁGUAS SIGNIFICAM O BATISMO.** JOHN MAYER: No tocante a essas águas, é dito, textualmente, que do antigo templo fluíam águas em abundância para lavar o sangue dos sacrifícios, e toda poeira, cinza e sujeira do templo de uma forma maravilhosa e contínua que, de outra maneira, em razão da abundância de animais levados ali periodicamente, não poderia ser mantido saudável. Entretanto, por essas águas, o Senhor mostrou as águas do batismo e a doutrina do evangelho fluindo do templo, em Jerusalém, onde Cristo ensinou em grande abundância para abastecer todas as nações. Com respeito a essas águas também é dito (Zc 14.8) que cor-

rem para o leste e o oeste, para mostrar as igrejas do oriente e do ocidente, por cuja doutrina os países e as nações são regados. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**CRISTO REVELA AQUILO QUE É NECESSÁRIO SABER.** WILLIAM GREENHILL: Os estudiosos de Cristo devem se contentar com aquilo que ele quis lhes dar a conhecer e devem ficar satisfeitos com isso. Ezequiel não se aborreceu nem aborreceu Cristo a respeito da profundidade do rio, do grande volume de água e das várias medições. Mas, sentado à margem do rio, ele se contenta em ver e ouvir o que o Senhor lhe mostraria e falaria. Há uma ânsia nas pessoas por conhecer coisas mantidas em segredo e ocultas. Muitos, pela curiosidade, intrometendo-se em tais coisas, têm prejudicado a si mesmos e a outros. Em Gênesis 3.6, Eva fez assim. Sujeitemo-nos àquilo que Cristo revela e não tenhamos sede de segredos escondidos, para que não venhamos a acreditar em mentiras. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>6</sup>

#### 47.6-8 *As árvores*

**AS ÁRVORES.** JOHN MAYER: Junto a esse rio havia muitas árvores de um lado e de outro. Aqui se mostra a condição próspera de homens e mulheres que abraçam a verdadeira fé, que agora são como árvores plantadas junto às margens do rio, crescendo e produzindo fruto na devida estação, sendo-lhes comunicada a Palavra de Deus e o conhecimento, que são como águas que umedecem as raízes das árvores e fazem com que elas cresçam assim. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>7</sup>

**AS ÁRVORES REPRESENTAM OS SANTOS.** WILLIAM GREENHILL: Assim como as águas eram místicas, assim também o são essas árvores. Elas têm um significado místico e espiritual. Elas representam os santos sob o evangelho, aqueles que são verdadeiros cristãos. Eles não são

<sup>4</sup> Owen, *Works* 9:179-80.

<sup>5</sup> *Prophets*, 512.

<sup>6</sup> *Exposition*, 819.

<sup>7</sup> *Prophets*, 513.

indevidamente comparados a árvores, pois se assemelham a elas em muitos aspectos. (1) As árvores têm em si vida; assim os verdadeiros cristãos têm em si vida... (2) As árvores estão enraizadas em terra firme, em rochas e montes; e os verdadeiros cristãos estão arraigados em Cristo, que é uma Rocha firme e sólida. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>8</sup>

#### 47.10-12 *Os peixes*

**OS PEIXES E O BATISMO INFANTIL.** JOHN MAYER: Ele mostra que não somente as águas do mar serão tornadas saudáveis pela chegada desse rio, mas também os peixes, que são em grande número, serão curados e viverão. As pessoas às quais o evangelho chega nos são apresentadas, às vezes, pela noção de árvores, outras vezes, de águas, e outras, de peixes. Em conformidade com isso, nosso Senhor disse aos seus apóstolos: *Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.*

*E tudo viverá por onde quer que passe este rio.* Ou seja, o Espírito comunicado como água viva na pregação do evangelho será vivificador a todo homem e mulher, e, na água do batismo, às crianças, que até então têm vida natural, mas carecem da razão humana pela qual viveriam pelo Espírito que é comunicado na pregação da Palavra. E assim, tendo dito que os peixes serão curados, anunciando homens e mulheres capazes de razão, que é, por assim dizer, a boca que abre e engole o anzol do pescador, e, assim, o peixe é pescado para Deus, o Autor da cura e de todo bem. E assim ele acrescenta: *e tudo viverá por onde quer que passe este rio.* Aqui ele sugere outros na igreja, ou dentro dos limites da pregação do evangelho, como as crianças, os filhos de crentes antes mencionados, pequenos peixes recém-desovados, que, embora não possam engolir o anzol, no entanto, junto com os maiores, são retidos numa rede, e também trabalhados bem de perto. De outra maneira, depois de falar dos peixes sendo curados e vivendo nessas águas, certamente ele não teria adicionado essa cláusula referindo-se ainda a todos os seres vivos. Aquele que não se contenta com isso que apresente outra razão para

essa adição, se puder. Se não puder, não refute mais o batismo de crianças. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>9</sup>

#### 47.13-48.29 *Divisão da terra*

**O TEMPLO E A TERRA.** MARTINHO LUTERO: Também as tribos e a terra de Israel são divididas e arrançadas de forma muito diferente, de modo que a cidade e o templo não estarão na terra de alguma tribo de Israel, embora Jerusalém estivesse anteriormente localizada no território da tribo de Benjamim [Js 18.28]. Tudo isso e muito mais é claramente dado no texto. UM NOVO PREFÁCIO AO PROFETA EZEQUIEL.<sup>10</sup>

**O SENTIDO ESPIRITUAL É O DA IGREJA.** WILLIAM GREENHILL: Tendo dado a você o sentido literal das palavras (Ez 47.13-23), vejamos agora qual pode ser o sentido espiritual delas. O fato é que, textualmente, elas não se cumpriram após o retorno da Babilônia, mas sim místicamente sob o evangelho.

1. Aqui, então, nos é mostrada a grande extensão e a amplidão da igreja sob Cristo e do evangelho. A terra mencionada representa a posição da igreja, os seus limites ao norte, leste, sul e oeste, sua extensão em todas as partes. A igreja cristã é maior do que a judaica, que estava confinada em uma única nação; agora ela alcança todas as nações (Mt 28.19), não se excluem nem a Ásia, a África, a Europa ou a América (Mt 24.14; Lc 24.47; Ap 15.4). A igreja sob o evangelho é universal e invisível.

2. Aqueles que estão sujeitos ou são membros dessa igreja não são hipócritas, mas israelitas. Aqueles que não são israelitas, e verdadeiros israelitas, não estarão nessa igreja. Pessoas hipócritas, infames, ignorantes e não regeneradas muitas vezes estão dentro dela, até mesmo formando a maior parte de determinadas igrejas visíveis, mas elas não são da igreja universal de Cristo. Esta consiste de verdadeiros israelitas, como Natanael (Jo 1.47); dos que são judeus internamente, dos que são circuncidados no

<sup>8</sup> *Exposition*, 819.

<sup>9</sup> *Prophets*, 513.

<sup>10</sup> Lenker 6, 311 (WADB 11,1:408).

coração e no espírito (Rm 2.29); daqueles que estão arrolados nos céus (Hb 12.23); dos selados (Ap 7), e esses permanecem com o Cordeiro no monte Sião (Ap 14.1). Esses compõem a igreja e o corpo de Cristo.

3. Os privilégios dessa igreja pertencem igualmente a todos os seus membros. Ninguém

tem preeminência sobre os demais nas coisas de Cristo e de Deus...

4. A situação dos cristãos na igreja e de todas as bênçãos espirituais que eles ali desfrutam é proveniente da livre graça e de pura misericórdia. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> *Exposition, 823-24.*

## 48.30-35 OS PORTÕES DA CIDADE

<sup>30</sup> São estas as saídas da cidade: do lado norte, que mede quatro mil e quinhentos côvados, <sup>31</sup> três portas: a porta de Rúben, a de Judá e a de Levi, tomando as portas da cidade os nomes das tribos de Israel; <sup>32</sup> do lado oriental, quatro mil e quinhentos côvados e três portas, a saber: a porta de José, a de Benjamim e a de Dã; <sup>33</sup> do lado sul, quatro mil e quinhentos côvados e três portas: a porta de Simeão, a de Issacar e a de Zebulom; <sup>34</sup> do lado ocidental, quatro mil e quinhentos côvados e as suas três portas: a porta de Gade, a de Aser e a de Naftali. <sup>35</sup> Dezoito mil côvados em redor; e o nome da cidade desde aquele dia será: O SENHOR Está Ali.

**PANORAMA:** Ezequiel termina com uma discussão das portas da nova cidade, as quais serão nomeadas segundo as tribos de Israel. O nome dessa cidade será "O Senhor Está Ali". Por fim, alguma consideração é dada ao profeta Ezequiel e ao que lhe sucedeu após essas profecias. Embora não saibamos dizer com certeza, todos concordam que Ezequiel, como os demais profetas, teve um fim prematuro e rude. A doutrina de Deus, entregue por seu fiel profeta, Ezequiel, permanece. Ao considerarmos Ezequiel, devemos ser incentivados por seu exemplo ao falar a verdade da palavra de Deus em meio à perseguição e a hostilidade. Nós também devemos nos colocar ao lado da verdade, mesmo em face da morte.

**A CIDADE DA IGREJA DE CRISTO.** WILLIAM GREENHILL: Por essa cidade de Ezequiel eu entendo que nos é indicado o glorioso estado da igreja cristã nos últimos dias. É dito que há muito tempo ela vem guerreando contra o anticristo e seus instrumentos; suas fendas e ruínas são grandes atualmente, e a face dessa cidade dificilmente é visível. Mas, quando chegarem os tempos da destruição do anticristo e ocorrer a conversão dos judeus, então essa cidade será edificada, então Sião estará em sua glória. A igreja cristã

estará, então, numa glória maior do que antes.

...Há várias coisas observáveis a respeito dessa cidade da igreja de Cristo: (1) Que ela está bem e fortemente fundada... João nos diz que essa cidade, a nova Jerusalém, tinha doze fundamentos, três em cada lado, que eram seguros, firmes e nunca falhariam. Cristo, as Escrituras sagradas e a doutrina dos santos profetas e apóstolos devem cair ao chão antes de a igreja ser destruída. (2) Ela é graciosa e bela... (3) A grandeza e amplitude dessa cidade é descrita. Ela tinha quatro mil e quinhentos côvados nas direções leste, oeste, norte e sul; eram dezoito mil côvados em redor, o que revela a grande e vasta extensão da igreja de Cristo... (4) A cidade possui acessos de todos os lados... o que significa para nós o grande acesso que deve existir na igreja de Cristo para pessoas de todas as partes... (5) A felicidade dessa cidade, que tem origem na habitação do Senhor ali, dando a ela a sua denominação. O nome dela será Jeová Shammah, "O Senhor Está Ali." UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>1</sup>

**O QUE SUCEDEU COM EZEQUIEL.** WILLIAM GREENHILL: Os antigos nos contam que o seu

<sup>1</sup> *Exposition, 829.*

fim foi muito lamentável, e ainda como o de um profeta. Em geral, os profetas tinham morte prematura... Atanásio nos diz que ele foi morto por causa do povo. Epifânio relata que ele foi morto pelo governante do povo por reprovar sua idolatria... Todos concordam nisto, que Ezequiel teve um fim prematuro e sangrento, como a maior parte dos profetas e dos apóstolos. Quaisquer que fossem os objetivos das pessoas ao assassinar os profetas, Deus tinha outros objetivos: que a doutrina por eles entregue, sendo selada por seu sangue e morte, circulasse

ainda mais; que ninguém buscasse grandes coisas aqui neste mundo, quando esses grandes personagens foram assim maltratados; que o povo pudesse ser incentivado pelo exemplo deles a permanecer firme pela verdade até a morte; que ela fosse uma demonstração do juízo vindouro, visto que eles foram usados de forma tão dura aqui. Certamente, segue, então, que haverá um tempo no qual Deus há de chamar novamente as coisas e será vingado naqueles que lhes fizeram tais males. Deus tinha tais propósitos como esses. UMA EXPOSIÇÃO DE EZEQUIEL.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> *Exposition*, 14-15.

# DANIEL

---

## PREFÁCIO

---

**VISÃO GERAL:** A primeira questão a ser trabalhada é o status canônico de Daniel. É apresentado um sumário de opiniões rabínicas (antigas e contemporâneas) pagãs e patrísticas. Decisiva para os reformadores, é a referência de Jesus a Daniel (Mt 24.15). Depois de estabelecer o lugar canônico do livro de Daniel, são examinadas várias adições feitas ao livro, as quais não são recebidas como canônicas e, na maior parte, não são comentadas pelos nossos autores.

Nossos comentaristas identificam muitos benefícios para aqueles que leem Daniel. Nós achamos profecias explícitas concernentes a Cristo, o tempo preciso de sua vinda e as promessas de sua obra salvífica por nós. As histórias dos monarcas, os grandes milagres que ocorreram nos dias de Daniel e o conforto do cuidado paternal de Deus e de providência atenta sobre seus santos são todos narrados para o encorajamento de nossa fé.

O livro de Daniel tem duas divisões principais. Os primeiros seis capítulos formam a parte histórica; os seis finais formam a parte profética ou doutrinal.

**O STATUS CANÔNICO DE DANIEL. JOHANN GERHARD:** Em hebraico, Daniel significa “o julgamento de Deus” ou “o homem a quem Deus julgou”. Se o que os estudiosos rabínicos dizem, aqui e ali, sobre a profecia de Daniel for verdade, ela foi inserida no cânon depois do cativo babilônico, mas não sem alguma hesitação. Depois que não podia mais ser excluído, todavia, foi jogado na última classe de escrituras do Antigo Testamento. Os hebreus colocam Daniel entre *kethubim*, ou hagiógrafos e discutem com muita profundidade se sua profecia deve ser incluída entre as obras imediatas do Espírito Santo ou atribuída ao dom comum e ordinário de profecia.

...Em Daniel 9.23 e Daniel 10.11, ele é chamado “um homem grandemente amado” ou “ou um homem muito esperado”, então a ele pode ser atribuído um nome em proporção às revelações que lhe foram dadas. Ele é, também, chamado “um homem que é o maior desejo do coração”, para mostrar que é especialmente querido por Deus. Jerônimo o chama de “o sábio do mundo inteiro”. Epifânio menciona que seu pai era chamado *Sabaea*. SOBRE A NATUREZA DA TEOLOGIA E DA ESCRITURA.<sup>1</sup>

**STATUS DE DANIEL NO CÂNON. JONH MAYER:** Tem sido negado por muitos, há muito tempo e com firmeza, que a profecia de Daniel seja Escritura canônica.

Primeiro, por Porfirio, o discípulo de Plotino, que disse que este livro não foi escrito pelo profeta Daniel, mas por outro homem em seu nome. Além do mais, foi escrito durante o tempo de Antíoco Epifânio, aquele tirano perseguidor, que reinou sobre a Síria e obrigou muitos, através de punições, a renunciarem à lei de Deus. Não foi escrito por um espírito profético, mas fingindo ser profecia, e relatou coisas feitas no tempo mencionado acima, de Antíoco. Porfirio diz também que as histórias escritas nos primeiros seis capítulos eram verdadeiras, mas tudo o que foi registrado depois, em forma de profecia, veio de um espírito falso e mentiroso. Portanto, este maldizente da religião cristã, que escreveu um tratado contra o cristianismo, no décimo segundo livro daquela obra disse estas coisas contra a profecia de Daniel.

Mas que ele, e não Daniel, era um mentiroso notório, fica claro, desde a época em que ele diz que este livro foi escrito, a saber, nos dias de Antíoco Epifânio. Pois Josefo diz que a

---

<sup>1</sup> *Theological Commonplaces: Theology and Scripture*, 156-57.

profecia de Daniel foi mostrada a Alexandre, o Grande, especificamente aquela visão do bode (Dn 8.5), representando-o em sua rápida conquista de nações e reinos. Entre Alexandre e Antioco Epifânio existem 140 anos. Contra este Porfírio escreveram Teodoro e Jerônimo, relatando coisas como estas. Segundo, Celso também impugnou este livro como não sendo Escritura canônica. Contra ele, Orígenes escreveu um tratado em oito livros.

Terceiro, muitos rabinos judeus o têm rejeitado como não sendo canônico. Isto é relatado por Polanus, que morou por um tempo na Morávia, onde pedia a ajuda de alguns rabinos para entender a língua hebraica. Ele os ouviu dizer que não reconheciam Daniel como autêntico, e desse modo, raramente o liam, especialmente porque Daniel 9 fala tão claramente a respeito da morte e da paixão do Messias. Assim, eles não o liam para o povo para que não se voltassem para Cristo e descobrissem que tinham sido enganados pelos rabinos. Mas os rabinos antigos geralmente reconheciam Daniel como Escritura canônica... Desse modo, alguns deles escreveram comentários, como Rabi Salomão, Rabi Levi, Rabi Abraão ben Davi, etc. Alguns alegaram que Daniel é autêntico para confirmar aspectos da fé, como Rabi Moisés Maimonides e Rashi.

Cristo, cuja autoridade está acima de qualquer outro, fala de Daniel como um verdadeiro profeta de Deus, dizendo: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel” (Mt 24.15). Além do mais, a experiência provou abundantemente a autoridade de Daniel no cumprimento das coisas preditas sobre as monarquias persa, grega e romana. Isto é o suficiente para estabelecer a autoridade dessa profecia. Quanto às objeções a respeito da sua canonicidade, Jerônimo argumenta que Orígenes e Apolinário, os quais escreveram contra o blasfemador Porfírio, consideraram estas profecias como fábulas, Desse modo, ele também as considera assim. Jerônimo, diz que as profecias foram escritas por um certo sacerdote chamado Daniel, um amigo chegado de Nabucodonosor, e que elas foram escritas somente em grego, não em hebraico, e todas as Escrituras canônicas

foram escritas em hebraico, que era a língua sagrada, antes da vinda de Cristo. Desse modo, embora eles e Eusébio as atribuam a Daniel, eles o fazem somente com marcas em muitos lugares para mostrar a incerteza da autoridade de muitas coisas achadas ali. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>2</sup>

#### OS ACRÉSCIMOS APÓCRIFOS A DANIEL.

ANDREW WILLET: Os romanistas nos convenceriam, assim, de que essas histórias que estão anexadas a Daniel e aparecem nas traduções em latim, como o décimo terceiro e décimo quarto capítulos, são canônicas. O Concílio de Trento as definiu como Escritura canônica. Elas são usadas e recitadas na liturgia romana e na missa como Escritura canônica. Elas são citadas e afirmadas por muitos dos Pais da igreja. Muitos Pais da igreja grega, como Orígenes, Atanásio, Crisóstomo e Cirilo, consideram essas seções como canônicas (Belarmino, Pintus).

...Os argumentos contra a autoridade canônica destes acréscimos são os seguintes: Eles não existem no original hebraico nem no caldaico. Eles contêm algumas coisas contraditórias às histórias canônicas. A história apócrifa diz que Daniel era da tribo de Levi, mas, na verdadeira história, ele é mencionado como sendo da tribo de Judá (Dn 1.6). Josefo, faz menção de todas as histórias relatadas neste livro, mas omitiu estas duas como relações apócrifas.

Jerônimo toca nas objeções propostas por um judeu contra estes acréscimos apócrifos. Não é provável que as três crianças tivessem tanto tempo livre para cobrir todos os elementos e criaturas em seu hino ou música. Não seria uma coisa milagrosa, mas uma coisa natural matar o dragão com bocados de carne crua e bolas de piche. E é sem precedente que um profeta fosse transportado no corpo, como Habacuque foi pego pelos cabelos para ministrar a Daniel. **COMENTÁRIO EM SEIS VOLUMES SOBRE DANIEL.**<sup>3</sup>

<sup>2</sup> *Prophets*, 515-516.

<sup>3</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 9-10. Robert Bellarmine (1542-1621) era um dos mais educados teólogos jesuítas e polemistas de seus dias. Ele era o principal oponente católico romano dos protestantes.

**A AUTORIDADE DE DANIEL.** JOHANN WIGAND: Grande é a autoridade do profeta Daniel, o que será mostrado pelas razões que seguem.

Primeiro, porque Cristo cita os seus escritos como vindo de um profeta. Ele diz: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda)” (Mt 24.15). Desse modo, Cristo deseja que leiamos Daniel e tenhamos grande atenção para as coisas que ele nos relata sobre a divina revelação.

Segundo, ele relata questões da maior importância que não existem em qualquer outro livro e que muito claramente indicam os eventos, tais como as quatro monarquias no mundo e que tipo de governo estará no poder perto dos dias finais do mundo.

Terceiro, ele explica muito bem as profecias concernentes a Cristo e ao anticristo. Por exemplo, ele designa de maneira clara o tempo da vinda do Messias e a sua paixão. Ele também explica o propósito do Messias, a saber, que ele traria justiça eterna e teria vitória sobre o pecado.

Quarto, ele também revela, em cores vívidas, o anticristo. Ele explica os eventos no papado e o seu reinado espiritual e terreno, ou melhor, sua tirania.

Quinto, ele preserva o testemunho da igreja de Deus, o que faz deste livro um dos maiores. Embora os judeus considerem o livro de Daniel entre os hagiógrafos (isto é, os Escritos ou *Kethubim*), ele é, não obstante, fiel e autoritativo. Tal livro nunca deve ser colocado em dúvida entre nós.

Ao mesmo tempo, os judeus informam que os trabalhos não acabados, o Hino dos Três Jovens na Fornalha Ardente, a História de Suzana e Bel e o Dragão não devem ser reconhecidos com escritos autênticos, mas como histórias acrescentadas por outros. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>4</sup>

**O BENEFÍCIO DO LIVRO DE DANIEL.** MARTINHO LUTERO: Neste livro, podemos ver quão excelente e quão grande homem era Daniel, diante de Deus e do mundo. Particularmente diante de Deus, ele, acima de todos os outros profetas, proferiu extraordinárias profecias. Ele não

somente profetiza sobre Cristo, assim como os outros profetas, mas também calcula o tempo e o ano, fixando-os com firmeza e certeza. Além disso, ele cita os reinos tão precisamente e em ordem tão certa quanto o tempo estabelecido para a vinda de Cristo, com seus fluxos e refluxos, que nós, certamente, não podemos perder a vinda futura de Cristo, a não ser que o façamos deliberadamente, como fazem os judeus. Dede então, ele retrata muito bem a ascensão e a existência do Império Romano até o último dia, bem como o curso geral do mundo, que não se pode ignorar o último dia, a menos que se faça isso deliberadamente, como nossos epicuristas agora o fazem.

Desse modo, acho que Pedro se referiu especificamente a Daniel quando disse, em 1Pedro 1.10-11: “Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava...”, etc. “Quando” significa que ele calcula e determina o tempo; quanto duraria e quantos anos deveriam se passar até então. “Qual a ocasião” significa que ele precisamente descreve como deverá ser o mundo naquela época, quem terá autoridade suprema ou onde estará o reino. Dessa forma, ele não somente proclama a ocasião, mas também o curso, a forma e a natureza daquele tempo. Através destes meios, ele reforça muito a nossa fé em Cristo, fazendo-nos firmes e seguros na consciência, porque vemos poderosamente, ante os nossos olhos, o que ele, há muito tempo, descreveu e pintou para nós, de forma correta e clara em seu livro.

Desse modo, Daniel profetiza livre e claramente, dizendo que a vinda futura de Cristo e o início de seu Reino (isto é, seu batismo e ofício de pregação) aconteceria 510 anos depois do rei Ciro, Daniel 9. E os impérios persa e grego estariam extintos, mas o Império Romano estaria em sua plenitude, Daniel 7 e 9. Assim, Cristo certamente tinha de vir durante a época do Império Romano, quando ele estivesse em seu clímax, e tal império destruiria Jerusalém e

<sup>4</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 2-3.

o templo, porque, depois deste império, nenhum outro mais viria, mas o que se seguirá será o fim do mundo, como Daniel 2 e 7 claramente declaram. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>5</sup>

**OS BENEFÍCIOS DE LER DANIEL.** JOÃO CALVINO: Ao publicar as lições que contêm minha *Interpretação das Profecias de Daniel*, tenho a melhor das oportunidades para demonstrar a vocês, amados irmãos, neste espelho, como Deus prova a fé de seu povo nestes dias através de várias provações, e como ele, com maravilhosa sabedoria, tem tido o cuidado de fortalecer as suas mentes, através de exemplos antigos, para que elas nunca sejam enfraquecidas pela concussão das mais severas tempestades e tormentas, ou, pelo menos, se vacilarem, para que eles nunca caiam de maneira definitiva. Pois embora aos servos de Deus seja requerido que sigam por um caminho cheio de empecilhos, ainda assim, quem lê diligentemente este livro, achará nele aquilo que for necessário para guiar um peregrino voluntário e ativo do início até o final, enquanto os bons lutadores reconhecerão experimentalmente que foram suficientemente preparados para o teste. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>6</sup>

**O BENEFÍCIO DE LER OS PROFETAS.** JOHN WIGAND. Existe um grande benefício em ler os profetas. Primeiro porque eles nos dão os mesmos artigos de fé que Cristo e os apóstolos explicam no Novo Testamento. Desse modo, é útil examinar e entender o grande consenso e congruência destes importantes ensinamentos para a confirmação de nossa fé.

Segundo, eles relatam claramente as promessas concernentes a Cristo e seus benefícios que o próprio Cristo deseja que investiguemos. No Evangelho de João, ele diz: “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39).

Terceiro, eles apresentam a história da igreja de Deus, por todos os tempos, mostrando a sua preservação em meio a inúmeros perigos e adversidades. Refletir e considerar tais coisas é um esforço recompensador. Embora o diabo e

o mundo furiosamente procurem destruí-la completamente, a igreja de Deus é para sempre.

Quarto, os escritos proféticos preservam um registro histórico de todos os fiéis, desde o início do mundo, até o tempo de Cristo, o Rei e Salvador do mundo. Não existe outro relato antigo histórico mais certo existente no mundo inteiro.

Quinto, as profecias que foram cumpridas no Novo Testamento foram preditas muito claramente e anunciadas a nós através destes livros proféticos. Consequentemente, é necessidade absoluta que a igreja de Cristo, cuidadosamente, examine e aprenda destes escritos proféticos. Cristo diz: “Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia” (Lc 24.46). E, ainda, Pedro nos diz: “Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados” (At 10.43).

Sexto, existem muitas predições feitas pelos profetas que ainda precisam ser cumpridas. Por exemplo, as coisas concernentes à quarta monarquia, ao fim do mundo, aos últimos dias, ao julgamento do Filho de Deus e à vida eterna.

Sétimo, muitas revelações marcantes e milagres de Deus são relatados nos escritos proféticos, os quais Deus deseja que sejam estudados pela sua igreja, para a confirmação da fé, concernente à renúncia aos ídolos, à divina providência, ao governo e à preservação da igreja.

Oitavo, muitos exemplos de virtudes e vícios, recompensas e punições são colocados ante os nossos olhos pelos profetas. Estes exemplos devem ser examinados para assegurar o arrependimento e para que possamos imitar os santos do passado em sua determinação, doutrina, fé e outras virtudes.

Aqueles que insistem que os livros do Antigo Testamento nada têm a ver conosco porque são antigos e, portanto, já não são mais lidos em voz alta entre eles, são estúpidos. Com certeza, os artigos de fé, as promessas, a história da igreja de Deus, as profecias sobre o futuro, os exemplos de virtude e vícios pertencem também a todos nós. No mínimo, eles deveriam

<sup>5</sup> WADB 11,2.124-125.

<sup>6</sup> CTS 24: lxiv.



ver que existem certas coisas significativas naquelas cerimônias que claramente confirmam os artigos mais elevados de nossa fé, a saber, que a reconciliação com Deus Pai e a salvação são realizadas somente pelo Cordeiro ou o sacrifício de Cristo. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>7</sup>

**O BENEFÍCIO DE LER DANIEL.** ANDREW WILLET: Neste livro de Daniel, são apresentados o cuidado paternal de Deus e a providência atenta sobre a sua igreja. O uso deste livro é estendido, geralmente, à igreja de Deus em todas as eras, porém, trata mais especialmente do estado dos judeus no cativeiro. Para a sua consolação no cativeiro, três coisas são especialmente declaradas e profetizadas. (1) As diversas mudanças e acidentes, calamidades e aflições que deveriam cair sobre o povo de Deus, sob o reinado dos caldeus, persas e gregos. Primeiro, sob Alexandre, o Grande, depois sob os seus sucessores, que dividiram seu império entre si. (2) A vinda do Messias é apontada, bem como a época e a razão pela qual ele deveria vir. (3) Com tais inovações que deveriam se seguir, a cessação das cerimônias e abdicação dos judeus (Junius). E tudo com vistas a que o povo de Deus seja preparado para não esperar felicidades terrenas nesta vida, mas, com paciência, esperar a época da restauração de todas as coisas na ressurreição dos justos, que é mencionada em Daniel 12. COMENTÁRIO EM SEIS VOLUMES SOBRE DANIEL.<sup>8</sup>

**DANIEL E PROFECIA.** JOÃO CALVINO: Daniel profetiza de tal forma que ele descreve quase historicamente eventos previamente escondidos. E isso foi necessário, sabendo-se que em tais convulsões turbulentas as pessoas não saberiam que elas tinham sido divinamente reveladas a Daniel, a não ser que o testemunho dos céus tivesse sido provado pelo evento. Este homem santo deveria falar e profetizar sobre o futuro como se estivesse relatando aquilo que já havia acontecido. Mas devemos ver todas estas coisas na sua própria ordem. Eu retorno, então, àquilo que comecei, para que possamos ver, em poucas palavras, quão útil é este livro para a igreja de Cristo. Primeiro de tudo, o próprio assunto mostra que Daniel não falou segundo o

seu próprio critério, mas tudo aquilo que profetizou foi ditado pelo Espírito Santo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>9</sup>

**AS PROFECIAS DE DANIEL SOBRE CRISTO.** JOÃO CALVINO: Ora, quando Daniel conta os anos até o advento de Cristo, quão claro e distinto é o testemunho que podemos opor contra Satanás e todas as provocações dos ímpios! E quão certo é que o livro de Daniel era familiarmente usado pelas pessoas antes deste evento. Mas quando ele conta as setenta semanas e diz que Cristo, então, virá, todas as pessoas profanas podem vir se orgulhar e tomarem-se arrogantes, mas cairão condenadas, pois Cristo é o verdadeiro Redentor que Deus havia prometido desde o início do mundo. Pois o Pai não queria torná-lo conhecido sem a mais certa demonstração, como nenhum matemático jamais viu igual. Primeiro de tudo, é bom notar que Daniel, mais tarde, discursou sobre as várias calamidades da igreja e profetizou o tempo no qual aprovou a Deus mostrar seu Filho unigênito ao mundo. Sua dissertação sobre o ofício de Cristo é um dos principais pilares de nossa fé, pois ele não somente descreve o seu advento, mas também anuncia a abolição das sombras da lei, pois o Messias traria consigo o seu total cumprimento. E quando ele profetiza a morte de Cristo, mostra para que propósito ele deveria sofrer a morte, a saber, para abolir o pecado através do seu sacrifício e trazer eterna justiça. Finalmente, isto também deve ser notado: como ele tinha instruído as pessoas a carregarem a sua cruz, assim também ele as adverte que o estado da igreja não seria tranquilo, mesmo quando o Messias viesse. Os filhos de Deus deviam ser militantes até o fim e não esperar qualquer fruto de sua vitória até que os mortos ressuscitem e Cristo, ele mesmo, nos leve para o seu reino celestial. Ora, nós compreendemos em poucas palavras, ou mesmo somente provamos, o quão útil este fidedigno livro é para nós. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 1-2.

<sup>8</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 1.

<sup>9</sup> CTS 24:78-79 (CO 18:530).

<sup>10</sup> CTS 24.81-82 (CO 18.532-33).

**AS APARIÇÕES DE CRISTO NO LIVRO DE DANIEL.** JOHN MAYER: [Cristo aparece cinco vezes na seção histórica de Daniel]. Primeiro, a visão da pedra cortada da montanha, sem uso das mãos (Dn 2). Segundo, aquele como o Filho de Deus na fornalha ardente. Neste lugar, são revelados os sofrimentos e as queimaduras de seus servos fiéis que deveriam ocorrer nos dias da perseguição, sua coragem invencível no sofrimento e a presença de Cristo com eles, mudando a natureza do fogo, para que não parecesse um fogo atormentador, mas sim, um lugar confortante e refrescante (Dn 3). Terceiro, aquele que cortou a árvore que representava Nabucodonosor que em um outro sonho, é chamado de vigilante. Aqui nos é revelado Cristo cortando árvoreo reino do diabo (Dn 4). Quarto, a escrita feita pela mão na parede e vista por Belsazar e depois sua vida sendo ceifada, representando a escrita contra nós, a qual Cristo retirou e a pregou em sua cruz, expondo os principais e potestades (Dn 5). Quinto, a admirável libertação de Daniel da cova dos leões. Isso prefigurou a ressurreição de Cristo da cova para a vida (Dn 6). **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>11</sup>

**O CONTEÚDO DE DANIEL.** JOHANN WIGAND: O conteúdo do livro de Daniel é misto. É parte história e parte doutrina. A primeira parte do livro relata a história do que aconteceu àqueles que estavam na Babilônia durante o exílio, começando primeiro com indivíduos em particular e, então, toda a igreja de Deus. **BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.**<sup>12</sup>

**DIVISÃO DO LIVRO E SEU LUGAR NA IGREJA.** HEINRICH BULLINGER: Dividiremos o livro de Daniel em duas partes. A primeira parte é composta dos primeiros seis capítulos, cobrindo seis eventos bem conhecidos, cheios de instruções e utilidade. A primeira parte do livro é discutida na ordem. Seguindo-se a estes eventos, o livro tem outros seis capítulos. Nestes capítulos, estão visões que apresentam algumas das monarquias e reinos do mundo, o reino de Cristo, o anticristo e o fim do mundo. A respeito disso, falaremos novamente no momento e no lugar apropriados.

Embora o livro de Daniel fosse antigamente exposto na igreja de Cristo e pregado a cristãos, existem hoje aqueles que se recusam a fazer isto porque estão convencidos de que, depois do evangelho de Cristo e do ensino apostólico, nada deve ser pregado ou explicado na igreja aos Cristãos. Desse modo, eles excluem os ensinamentos dos profetas, os quais, não obstante, dão testemunho do evangelho e do ensino dos apóstolos e são repetidamente discutidos pelos apóstolos do Senhor. Desse modo, erram vergonhosamente aqueles que não pregam ou expõem os profetas na igreja de Cristo.

Ninguém negará, suponho, que exista uma grande necessidade na igreja de Cristo de que o reino de Cristo seja feito claro e liberto deste mundo desprezível. Daniel, de maneira bela, descreve, através de profecia, o reino de Deus e verdadeiramente mostra o reino do mundo como falso e perecendo. Estas coisas devem ser pregadas para o povo de Deus, para que eles mantenham a verdadeira fé, sejam consolados em circunstâncias tristes e, quando deprimidos, tenham o espírito elevado. Quando Daniel descreve a igreja de Deus, ela está sempre tendo que ser preservada em meio a circunstâncias difíceis, tendo sido verdadeiramente cortada de sua ligação com o templo em Jerusalém somente para aumentar a glória e a adoração a Deus entre os gentios. O que mais ele ensina, a não ser que os fiéis são fortalecidos na verdade, em meio às lutas?

Depois do advento de Cristo, Paulo fora mandado como apóstolo aos gentios. De certo modo, Daniel também era mestre entre os gentios. Certamente, ele propagou a glória de Deus mais ampla e esplendidamente em todo o mundo, entre o povo de Deus espalhado e aflito, do que se eles estivessem sendo governados e vivendo em paz. Mas, se um exemplo dentre muitos é capaz de se destacar para o ensino da igreja de Deus, quem, eu imagino, proibiria os exemplos dados por Daniel, que são quase verdades universais na história do mundo, de serem aplicados na igreja de Deus? Aliás, por que nosso Senhor, ele mesmo, nos estimula a ler Daniel em Mateus 24? Pois, embora ele pareça não

<sup>11</sup> *Prophets*, 527.

<sup>12</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 9.

falar sobre nada além da destruição da cidade, não obstante, isso corresponde ao que foi dito pelo Senhor concernente ao fim do mundo. Com isto em mente, quem questionaria a grande importância e utilidade de Daniel? Pedro, o apóstolo, não nos proíbe de pregar e ler Daniel, quando testifica que o profeta tinha o espírito de Cristo nele, e que ele procurou e inquiriu cuidadosamente sobre o advento de Cristo (1Pe 1.10-11). Certamente, então, é proveitoso ler Daniel na igreja Cristã. DANIEL, O MAIS SÁBIO PROFETA DE DEUS.<sup>13</sup>

**A DIVISÃO DO LIVRO.** ANDREW WILLET: As partes do livro são as seguintes: parte histórica e parte profética. A parte histórica fala sobre certos reis ou sobre Daniel e seus piedosos companheiros e esses temas são tratados conjuntamente. Os reis cujas histórias são contadas são Nabucodonosor, nos primeiros quatro capítulos, Belsazar, no quinto capítulo, e Dario, no sexto. A história de Daniel é continuada em todos estes capítulos, com exceção do terceiro, e a de seus companheiros, no primeiro e no terceiro (Polanus).

Na primeira parte, três virtudes especiais de Daniel são descritas: sua sobriedade e abstinência (Dn 1), sua sabedoria e entendimento divino para discernir sonhos e mistérios ocultos (Dn 2; 4; 5) e também sua piedade para com Deus (Dn 6). Então, ele é enaltecido por sua sobriedade, prudência e piedade (Hugo).

E por meio destes testemunhos divinos, Deus concedeu autoridade a Daniel, de forma que as profecias que se seguiram podiam ser recebidas com atenção e respeito.

Na segunda parte, as predições proféticas se referem aos inimigos da igreja de Deus, como o julgamento de Deus sobre Nabucodonosor (Dn 4) e Belsazar (Dn 5), ou pertencem à igreja, ou mostram suas aflições e calamidades (Dn 10; 11), ou sua libertação iniciada nesta vida, pela redenção comprada pelo Messias (Dn 9) e aperfeiçoada e consumada na vida vindoura, na ressurreição (Dn 12) (Polanus). **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.**<sup>14</sup>

**RESUMO DO LIVRO.** FILIPE MELANCHTHON: Daniel descreveu muitas coisas grandes, úteis e

dignas para as meditações de uma boa mente, mesmo que todas as nossas habilidades não sejam completamente capazes de explicá-las e desvendá-las. O estudante dedicado sabe que há muito a ser feito. Se ele tiver estudado apenas moderadamente capítulos específicos e, por meio de exercícios fiéis, tiver aprendido a traduzir este livro e terá descoberto quais partes ensinam a mente sobre a verdadeira oração, qual parte confirma a fé, qual refuta os judeus, qual se refere à penitência, e qual ensina certas virtudes. Ora, é muito útil recorrer à narrativa para estes tópicos doutrinários. Desse modo, enumerarei os principais temas aqui contidos, que mostrarão o benefício de se ler este livro.

Primeiro, você refletirá sobre a obra completa. A história inteira de Daniel é um testemunho da preservação da igreja e de seus adomos com grande glória quando parecia estar quase extinta. Desse modo, Daniel ensina sobre a punição da igreja e sua restauração em meio ao sofrimento. Ele testifica a respeito da igreja, não por julgamento humano, força humana ou arranjo humano, mas somente pelo poder de Deus, que, desde o início, a tem continuamente defendido e feito crescer.

Similarmente, Daniel ensina sobre as promessas que Deus cumprirá, mesmo que ele as cumpra não da maneira que nós imaginamos. Por exemplo, ele fez uma promessa à tribo de Judá de que não removeria o cetro ou um mestre de Judá até a vinda do Salvador. Confiando nesta promessa, os reis de Judá se rebelaram muitas vezes e, como se estivessem lutando contra a manifesta promessa de Deus, condenaram veementemente a pregação de Jeremias sobre a destruição do reino. Mas Jeremias sabia que Deus eventualmente puniria o povo e, mesmo assim, não extinguiria a família real nem abandonaria os profetas. E assim aconteceu. Ao contrário da opinião humana, a família real foi mandada ao exílio com honra. E Deus levantou profetas e adornou sua igreja com grande glória. Ainda mais, ele acrescentou os gentios à

<sup>13</sup> *Daniel Sapientissimus*, 1-2.

<sup>14</sup> *Sixfold Commentary* (1610), I. Cardeal Hugo de Florença (c. 1200-1263) era um teólogo dominicano e um erudito bíblico.

comunhão da igreja. A conversão dos gentios a Deus se tornou uma marca de distinção.

Segundo, você observará o testemunho concernente ao Messias. Sobre isto, fomos instigados por outros profetas, os quais também falaram sobre a promessa do Messias. Desse modo, Daniel, que ensina muitas coisas, está preocupado com este tema. Ele profetiza a respeito do tempo no qual o Messias nasceria, durante os estágios finais do governo judaico. Ele profetiza muito claramente sobre a paixão de Cristo e diz que ele será morto.

Terceiro, você considerará sobre o fim das monarquias, prenunciando o tempo determinado por Deus para o nascimento do Messias e, ainda, o tempo da ressurreição e do julgamento dos mortos.

Quarto, serão observados os tópicos doutrinários concernentes à penitência, fé e justificação.

Quinto, o exemplo de reis bons e reis maus será realçado.

Sexto, será considerado o testemunho concernente à ressurreição dos mortos.

Sétimo, foi dado o aviso de que os reis perversos tentarão destruir o evangelho de Deus, em todos os lugares, até o fim do mundo. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>15</sup>

**RESUMO DO LIVRO DE DANIEL.** GIOVANNI DIODATI: Embora Daniel nunca tenha exercido o chamado público ou a função de profeta, na qualidade de uma pessoa eclesiástica para pregar ao povo e expor, em assembleias sagradas, as revelações que foram mandadas a ele por Deus, ainda assim seu livro sempre foi inserido entre os dos outros profetas como contendo profecias muito especiais e admiráveis sobre o estado do mundo e igreja, desde o seu tempo até a vinda de Cristo em carne. Estas coisas foram reunidas por ele e publicadas neste livro, que tem duas partes gerais: uma histórica e uma profética.

Na primeira parte ele apresenta as coisas notáveis, que lhe aconteceram durante o curso de sua vida e faz isso para ser reconhecido como verdadeiro profeta, autorizado por Deus. Ele relata como foi levado cativo na sua juventude para a Babilônia e como foi, com outros da mes-

ma nação, idade e condição, escolhido para ser instruído e, conseqüentemente, empregado em atividades honradas naquele império. Mas Deus cuidou deles com cuidado particular e impediu que aquelas instruções humanas os moldassem, através de uma infusão de dons e graças divinas. Primeiro, em um espírito de santificação, zelo e piedade singular, os três companheiros de Daniel na sua juventude foram afligidos com tormentos cruéis, assim como Daniel em sua idade avançada. Como eles eram notáveis por possuírem grande entendimento e sabedoria (mencionados, por assim dizer, por um provérbio comum), eles foram elevados a uma posição de dignidade e eminência para o grande alívio e sustento da igreja no seu cativeiro e em seus sofrimentos na Babilônia.

O espírito de profecia se manifestou em Daniel ao interpretar e lembrar Nabucodonosor dos sonhos que ele tinha esquecido e, ainda, na predição milagrosa e na proclamação dos males que pairavam sobre a cabeça de Belsazar, neto de Nabucodonosor. Nestas ocasiões, Deus desejou executar seu terrível julgamento, sobre o orgulho imensurável de um rei e sobre o profano sacrilégio e insolência do outro, em cujo reinado o povo tinha sido levado e mantido em longa e cruel escravidão e que estas coisas fossem transmitidas para conhecimento da posteridade. Este espírito de profecia se evidenciou nas incomparáveis visões descritas na segunda parte deste livro. Aqui, temos uma visão a respeito das quatro grandes monarquias do mundo, até a vinda de Cristo; uma visão que se refere especialmente aos selêucidas, os reis da Síria e a outros sucessores de Alexandre, sob quem a igreja judaica sofreria tremendamente os acidentes mais atrozes. O mais cruel, sutil e pestilento perseguidor que a igreja já teve foi Antíoco Epifânio, cujo objetivo principal e final era extinguir a adoração a Deus na igreja, junto com toda a impressão de piedade no coração das pessoas. Também foram profetizadas as perseguições do Império Romano, sob seu governo, durante seus dias pagãos e de anticristo, o último inimigo mortal da igreja Cristã.

<sup>15</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), b-b2.

<sup>16</sup> *Pious Annotations* (1651), prefácio a Daniel.

Antíoco era contra a igreja judaica e, contra as suas afrontas. O profeta confortou e fortaleceu a igreja, através da promessa da ajuda de Deus e de libertação na hora determinada. Ele confortou seus corações com o conforto soberano das promessas de Deus de salvação eterna em Cristo, que, sendo estabelecido pelo Pai para ser o Rei eterno do mundo, deveria, de tempos em tempos, causar a ruína daqueles impérios e, por fim, lançar os fundamentos espirituais de seu reino espiritual e eterno, um reino estabelecido pela redenção comprada pela sua morte. O tempo prefixado destes eventos é mais claramente mostrado a Daniel do que a qualquer outro profeta. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>16</sup>

**O LIVRO DE DANIEL.** BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA: A grande providência de Deus e a sua misericórdia singular para com sua igreja são proclamadas aqui de forma vívida. Deus é aquele que nunca deixará os seus, mas, agora, no meio de suas maiores misérias e aflições, lhes dá pro-

fetas, tais como Ezequiel e Daniel, a quem ele concede graças especiais de seu Espírito Santo. Daniel, acima de todos os outros, teve as mais especiais revelações a respeito do que sobreviria à igreja, desde o tempo em que estavam no cativeiro até o final do mundo, sobre a ressurreição geral, e também quanto às quatro monarquias e impérios de todo o mundo, isto é, a dos babilônios, dos persas, dos gregos e dos romanos. E, ainda, algumas vezes, até Cristo, quando todas as cerimônias, e sacrifícios cessariam, porque ele seria o cumprimento de todos eles; além do mais, Daniel mostra o ofício de Cristo e a razão de sua morte, a saber, tirar os pecados do mundo e trazer a vida eterna através de seu sacrifício. Assim como desde o princípio Deus sempre manteve seu povo debaixo da cruz, assim também ele ensina, aqui, que, depois que Cristo for oferecido, ele ainda deixará este exercício para sua igreja até que os mortos se levantem e Cristo reúna os seus no reino dos céus. BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> *Geneva Bible* (1599), 1:1.

## 1.1-7 O TREINAMENTO DE DANIEL NA BABILÔNIA

<sup>1</sup> No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou. <sup>2</sup> O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá, e alguns dos utensílios da casa de Deus; a estes, levou-os para a terra de Sinar, para a casa do seu deus, e os pôs na casa do tesouro do seu deus. <sup>3</sup> Disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, tanto da linhagem real como dos nobres, <sup>4</sup> jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus. <sup>5</sup> Determinou-lhes o rei a ração diária, das finas iguarias da mesa real e do vinho que ele bebia, e que assim fossem mantidos por três anos, ao cabo dos quais assistiriam diante do rei. <sup>6</sup> Entre eles, se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Ananias, Misael e Azarias. <sup>7</sup> O chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel, o de Beltessazar; a Ananias, o de Sadraque; a Misael, o de Mesaque; e a Azarias, o de Abede-Nego.

**VISÃO GERAL:** O primeiro capítulo começa com a ocasião em que Daniel e outros foram trazidos para a Babilônia. Nota-se a importância das questões cronológicas concernentes ao tempo em que Daniel e Ezequiel começaram a profetizar e de como conciliar as datas de Jeoaquim e Nabucodonosor. A questão em foco é que a captura de Jerusalém teve menos a ver com Nabucodonosor e mais com a ira de Deus. Aqui vemos a providência e o julgamento de Deus, usando um rei estrangeiro como instrumento de humilhação para o seu próprio povo. Finalmente, considerações são feitas sobre o treinamento dos jovens hebreus e o significado religioso da mudança de seus nomes.

**PRINCIPAIS PONTOS DO CAPÍTULO.** FILIPE MELANCHTHON: Aqui estão os principais pontos do capítulo. Primeiro, com a punição dos ímpios, pode-se ver claramente a grande calamidade do povo judeu. Segundo, que Deus, em uma medida extraordinária, faz promessas e protege a sua igreja, mesmo quando ele pune os ímpios. Terceiro, com respeito à moderação da vitória, vemos que o rei cumpriu seu dever de preparar a juventude para servir. Quarto, que a fé e a perseverança de Daniel e dos três jovens não permitiram que eles deixassem a lei de Deus enquanto viviam entre os pagãos e que não se pervertessem pelas práticas, prazeres ou demonstrações de poder daquele povo. Quinto, as re-

compensas materiais e espirituais de sua fé, perseverança e temperança: melhor saúde, favor diante do rei e de seus oficiais, recebimento de ensino e profecias. Estes dons são concedidos a eles porque Deus queria dar evidências de que eles servem à sua igreja e de que as suas promessas não são em vão. Este exemplo ensina que aqueles que publicamente confessam a sua fé agradam a Deus e recebem inúmeras recompensas. Sexto, deve ser observado com que propósito Daniel abraça a temperança. Daniel se absteve da comida do rei não por causa de tradições humanas, mas por causa da lei de Deus. Muitas das comidas do rei eram proibidas aos judeus, porque eram impuras, continham sangue e incluíam muitos tipos de peixes. O uso de vinho não era proibido, e Daniel, como veremos abaixo, bebia vinho. Desse modo, ele se absteve de vinho naquela época não por causa de superstição, mas por causa dos jovens, e evitou também amizade com os outros. **COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.**<sup>1</sup>

**O ARGUMENTO DE DANIEL.** JOHANN WIGAND: O primeiro capítulo explica sobre a ocasião em que Daniel foi levado à Babilônia e quando ele começou a ser iluminado em doutrina, sabedoria e poder e a ser altamente estimado, sendo considerado um confidente de confiança pelos monarcas do mundo.

<sup>1</sup> In *Danielem Prophetam* (1543), 5-6.

Existem cinco partes na narrativa. A primeira conta a abdução de um certo número de judeus, entre os quais estava Daniel, que é a pessoa central neste livro. A segunda discute como Daniel e alguns outros foram colocados à parte para serem instruídos nas disciplinas e artes dos caldeus. Além disso, Deus designou e direcionou estas coisas de forma milagrosa, para que Daniel e seus amigos confortassem e protegessem o resto dos judeus no exílio. A terceira parte discute a religião e a confissão de Daniel e as coisas que ele fez para a glória do seu Deus. As centelhas de virtude dos jovens piedosos também se sobressaem. A quarta apresenta a razão do sucesso de Daniel e seus amigos: ele vem somente da bênção de Deus. Quando Deus deseja levantar pessoas poderosas, ele provê a ocasião para que elas aprendam e se familiarizem com muitas coisas. A quinta parte trata da exploração e da manifestação dos excelentes dons que o próprio Deus preparou e concedeu àqueles jovens. Deus providenciou esse notável testemunho para, misericordiosamente, dar a sua igreja algum descanso em meio a provações..  
BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>2</sup>

**O INÍCIO DO LIVRO.** HEINRICH BULLINGER: A primeira ação do profeta apresentada no primeiro capítulo diz respeito à verdadeira sabedoria e à escola ou faculdade para a educação e disciplina dos jovens e sobre a sua introdução definitiva na verdadeira sabedoria. Em suma, é sobre a singular graça de Deus, ou seus dons excelentes, que Deus outorga às pessoas para a preservação de reinos, do bem comum e da verdadeira religião. Este tópico (*locus*) é memorável e útil. Ele discute isso com o exemplo do rei da Babilônia, que instituiu ali uma escola e cultivou, naquele lugar, mentes brilhantes. Entre os admitidos para estudar nesta escola estava Daniel, que explica, logo no início de seu trabalho, a ocasião de sua vinda à Babilônia, em cativeiro.

...O primeiro tópico (*locus*) que Daniel discute é a sabedoria. É o conhecimento das coisas humanas e divinas e, deste conhecimento, existe uma verdadeira aplicação nas atividades humanas, sejam eclesíásticas ou políticas, privadas ou públicas, para a preservação dessas

atividades em um estado honesto. A sabedoria é concedida somente por Deus, em quem continuamente devemos buscá-la ardentemente, com orações. Ele nos ensina isso com o exemplo de Salomão. Também ensina, em Provérbios 2, a adquirir e encontrar sabedoria, a qual, se obtida, é igual a ouro e prata. Estas coisas são obtidas com grande trabalho e empenho. Desse modo, Deus requer de nós a diligência e o cuidado necessários, os quais ele mesmo concede (pois não temos nada de bom em nós mesmos), e ele concede isso por meio de esforço e contínuo empenho pela sabedoria. DANIEL, O MAIS SÁBIO PROFETA DE DEUS.<sup>3</sup>

**DANIEL E EZEQUIEL.** JOHN MAYER: Parece que Daniel não começou a profetizar no ano seguinte a Ezequiel, como Polanus nos diz em seu prefácio. Ezequiel não profetizou até o quinto ano do cativeiro de Jeoaquim, isto é, treze anos depois que Jeoaquim fora levado à Babilônia, com Daniel e seus amigos. Desse modo, se ele ministrou ao rei da Babilônia, um ano depois disso e este ano fora o início de sua obra profética, ele começou doze anos antes de Ezequiel. Mas, para deixar esta questão como incerta, é suficiente dizer que ele profetizou ao mesmo tempo que Ezequiel e, assim, ambos tiveram o conforto da assistência mútua. Além do mais, se ele profetizou até os dias de Ciro, como parece que aconteceu quando os setenta anos de cativeiro acabaram, ele é colocado corretamente logo depois de Ezequiel, porque profetizou depois dele, especialmente naquelas coisas em que recai o maior peso de sua profecia, Daniel 7-8 até o fim. No tocante ao início de seu ministério junto ao rei, não aconteceu, como Polanus nos diz, um ano depois de sua vinda à Babilônia, mas, sim, três anos depois, como fica claro em Daniel 1.5. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>4</sup>

### 1.1 Jerusalém e Nabucodonosor

**A QUEDA DE JERUSALÉM.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: *E o SENHOR deu* (Dn 1.2). Desse

<sup>2</sup>*Explicatio Brevis* (1571).

<sup>3</sup>*Daniel Sapientissimus*, 2-3.

<sup>4</sup>*Prophets*, 516-517.

modo, é contra os judeus que Deus batalha, não contra o rei da Babilônia. Aliás, o fato de Jeoaquim ser capturado e os artefatos do templo levados, não deve ser atribuído ao poder de Nabucodonosor, mas sim à vontade de Deus, que, embora longânimo, não deseja mais suportar a impiedade de seu povo. Desse modo, Nabucodonosor foi um instrumento da ira de Deus. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>5</sup>

**A CAPTURA DE JERUSALÉM.** JOÃO CALVINO: Mas Daniel claramente declara que o rei Nabucodonosor não possui Jerusalém e não foi o conquistador da nação por seu próprio valor, conselho, fortuna ou mesmo sorte, mas porque Deus desejou humilhar seu povo. Desse modo, Daniel nos mostra a providência e o julgamento de Deus, para que não pensemos que Jerusalém tenha sido tomada em violação às promessas de Deus a Abraão e à sua posteridade. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>6</sup>

**OS NABUCODONOSORES.** JOÃO CALVINO: Aqui Daniel marca o tempo no qual foi levado ao cativeiro com seus amigos, a saber, no terceiro ano de Jeoaquim. Uma questão difícil surge aqui. Sabendo-se que Nabucodonosor começou a reinar no quarto ano de Jeoaquim, como poderia ele então ter cercado Jerusalém no terceiro ano e os levado cativos de acordo com seu prazer? Alguns intérpretes resolvem este problema e dificuldade através daquilo que, para mim, parecem conjecturas frívolas, a saber, que os quatro anos devem se referir ao início de seu reinado, então o tempo pode ser trazido pra dentro do terceiro ano. Mas, no segundo capítulo, vemos Daniel sendo trazido perante o rei no segundo ano de seu reinado. Eles explicam esta dificuldade também através de outra solução. Eles falam que os anos não são contados desde o início do reino, e este era o segundo ano a partir da conquista dos judeus e da queda de Jerusalém, mas isso é forçado. Parece-me que a conjectura mais provável é que o profeta está falando do primeiro rei Nabucodonosor, ou pelo menos usa o reinado do segundo, enquanto seu pai ainda estava vivo. Sabemos que existiram dois reis com

o mesmo nome, pai e filho; e o filho, ao fazer muitas coisas nobres e ilustres, adquiriu o apelido de “Grande”. Seja como for, o que vemos depois a respeito de Nabucodonosor não pode ser entendido, senão sobre o segundo, que é o filho. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>7</sup>

**OS DOIS NABUCODONOSORES.** ANDREW WILLET. Pintus acha que Nabucodonosor era um nome genérico dos reis da Babilônia, assim como os reis do Egito eram chamados pelo nome de Faraó e os reis dos Filisteus, por Abimeleque. Ele é da opinião de que este Nabucodonosor tinha um filho com o mesmo nome, mencionado na história de Judite, que mandou Holofernes contra os judeus. Pois isto foi depois do retorno dos judeus de seu cativeiro, como parece (Jd 5); além do mais, ele acha que nem Nabucodonosor pai, nem Nabucodonosor, o filho, foram o Nabucodonosor que destruiu Tiro, de acordo com a profecia de Ezequiel 26.7, que ele acha ser Ciro ou Alexandre. Mas Pintus está, em muitas coisas, aqui, enganado.

...A opinião a ser preferida é a que interpreta que havia dois Nabucodonosores, o pai e o filho, que era chamado de Nabucodonosor, o Grande (Junius, Calvino, Bullinger, Polanus, e também Josefo, que atribui ao reino do pai vinte e três anos e, ao do outro, quarenta e três). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>8</sup>

### 1.2-7 Novos nomes.

**NOVA EDUCAÇÃO E NOVOS NOMES.** JOHN MAYER: *Determinou-lhes o rei a ração diária, das finas iguarias da mesa real e do vinho que ele bebia* (Dn 1.5). Polanus diz que o rei agiu assim não por causa de um favor especial feito a eles, ao contrário dos outros judeus, que não tiveram a mesma sorte, mas para, ao serem expostos a tais iguarias, que eles ficassem fascinados pelo estilo de vida caldeu, esquecendo-se de sua religião e de seu país, dispondo-se a aceitar as suas superstições. E, ali, o rei os teria

<sup>5</sup> *In Daniele prophetam libri duo* (1553), 2.

<sup>6</sup> CTS 24.86 (CO 18.535-536).

<sup>7</sup> CTS 24.83 (CO 18.533-534).

<sup>8</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 15-16.



alimentado e instruído por tempo suficiente, a saber, três anos, para que eles pudessem se apresentar diante dele e de seus ministros, como os outros caldeus e astrólogos faziam, e se envolver nos afazeres do reino, como os mais capacitados faziam. Desse modo, muito provavelmente, quando ele ordenou que aprendessem a língua caldeia, ele não quis se referir somente à língua falada, mas também à cultura.

E, para este fim, os seus nomes foram trocados de Daniel, Ananias, Azarias e Misael para Beltessazar, Sadraque, Mesaque, e Abedenego, isto é, de nomes que implicavam serem servos de Deus para nomes derivados de seus ídolos, para que esta mudança os fizesse dedicados ao serviço dos falsos deuses da Babilônia. O nome Daniel significa “um juiz de Deus”; Ananias, “a graça de Deus”; Azarias, “a ajuda de Deus”; e Misael, “aquele que é de Deus”. Em cada um daqueles nomes, existia o nome de Deus. Mas agora, ao contrário, eles tinham nomes de ídolos. Para Daniel, fora dado o nome de Bel, o grande deus da Babilônia, Beltessazar significando “o tesoureiro de Bel”. Ananias teve o nome de Rach, significando “rei”, isto é, o sol, que eles adoravam como o rei do mundo. Sadraque foi, então, a inspiração do rei. Azarias teve seu nome inspirado na deusa do prazer, Shachah, Mesaque sendo, então, “aquele que pertence a Shachah”. Misael teve seu nome mudado, inspirado em Nego, o fogo que era adorado como um deus; daí, Abedenego, “o servo do fogo”.

Desse modo, os ídólatras se empenharam, por todos os meios, para desviar o povo de Deus de sua adoração para a adoração aos ídolos, instruindo-os cuidadosamente em seus caminhos, providenciando para eles iguarias e bom tratamento e dando-lhes nomes apropriados... Assim, a falta de cuidado do povo cristão é aqui reprovada, por não terem cuidado com os nomes que dão a seus filhos, mas com as fantasias carnis que os conduzem, e por não cuidarem da sua educação cristã, que vai até os seis ou sete anos, o que redundava em grande vergonha para toda esta terra, onde nenhum cuidado tem sido dado à educação dos filhos dos papistas no conhecimento da verdade, embora os tenha-

mos sob nossos cuidados há mais de oitenta anos. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>9</sup>

**DEUS E NOMES.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: *E entre aqueles* (Dn 1.6). Ao seduzirem os jovens através da suntuosidade da comida, também o fizeram com nomes célebres. Apolinário e Crisóstomo indicam que é uma indicação de poder e domínio quando servos são apresentados com novos nomes. Pode-se ver isso várias vezes nas Escrituras. Adão, dando nome aos animais, indica que ele fora instituído como seu senhor, por Deus. Cristo distingue com novos nomes aqueles que são escolhidos para o seu ministério: Simão se torna Pedro; os filhos de Zebedeu se tornam filhos do trovão; Saulo se torna Paulo, como tinha acontecido antes, quando Jacó se tornou Israel e Abraão se tornou Abraão. Sem nenhuma dúvida, abençoados são aqueles a quem Deus chama por um novo nome. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>10</sup>

**DOS NOMES DOS QUATRO JOVENS.** HEINRICH BULLINGER: Para isso, muitas razões são dadas. Eu seguirei o que é para mim a explicação mais simples. Daniel soa como “meu juiz, Deus” ou “o julgamento de meu Deus”. Desse modo, o rei, pessoalmente, não desejou chamá-lo pelo nome do Deus de Israel, mas sim de Beltesazar, isto é, o distinto guardião do tesouro; Ananias significa “a pessoa quem tem o favor de Deus”, ou “quem está na graça de Deus”. Assim, o rei desejou que ele tivesse outro nome, que fosse chamado de Sadraque, o que significa “o tenro mamilo”, ou, “um campo aprazível”. Misael significa “uma pessoa que busca algo de Deus”, ou “quem chama por Deus”. A este ele deu outro nome, Mesaque, isto é, “precioso” ou “aquele que é primoroso”. Azarias significa “uma pessoa que tem a assistência de Deus”, ou “a ajuda de Deus”... Ele fora chamado de Abedenego, isto é, “servo de Vênus”, planeta que, ali, é chamado de Nego... Estes nomes substitutos não influenciaram a sua verdadeira piedade, nem levaram nada deles, da mesma forma que certas roupas, não induzem o corpo à idolatria. As suas

<sup>9</sup> *Prophets*, 517-518.

<sup>10</sup> *In Daniele prophetam libri duo* (1553), 5.

roupas não mudam a sua religião nem causam dano algum aos seus compromissos que sustentam a verdadeira religião. O Senhor nos pro-

teja de toda contaminação. Amém. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> *Daniel Sapientissimus*, 5.

## 1.8-21 A FIDELIDADE DE DANIEL

<sup>8</sup> Resolveu Daniel, firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se. <sup>9</sup> Ora, Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos. <sup>10</sup> Disse o chefe dos eunucos a Daniel: Tenho medo do meu senhor, o rei, que determinou a vossa comida e a vossa bebida; por que, pois, veria ele o vosso rosto mais abatido do que o dos outros jovens da vossa idade? Assim, poríeis em perigo a minha cabeça para com o rei. <sup>11</sup> Então, disse Daniel ao cozinheiro-chefe, a quem o chefe dos eunucos havia encarregado de cuidar de Daniel, Ananias, Misael e Azarias: <sup>12</sup> Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias; e que se nos deem legumes a comer e água a beber. <sup>13</sup> Então, se veja diante de ti a nossa aparência e a dos jovens que comem das finas iguarias do rei; e, segundo vires, age com os teus servos. <sup>14</sup> Ele atendeu e os experimentou dez dias. <sup>15</sup> No fim dos dez dias, a sua aparência era melhor; estavam eles mais robustos do que todos os jovens que comem das finas iguarias do rei. <sup>16</sup> Com isto, o cozinheiro-chefe tirou deles as finas iguarias e o vinho que deviam beber e lhes dava legumes. <sup>17</sup> Ora, a estes quatro jovens Deus deu o conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria; mas a Daniel deu inteligência de todas as visões e sonhos. <sup>18</sup> Vencido o tempo determinado pelo rei para que os trouxessem, o chefe dos eunucos os trouxe à presença de Nabucodonosor. <sup>19</sup> Então, o rei falou com eles; e, entre todos, não foram achados outros como Daniel, Ananias, Misael e Azarias; por isso, passaram a assistir diante do rei. <sup>20</sup> Em toda matéria de sabedoria e de inteligência sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino. <sup>21</sup> Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro.

**VISÃO GERAL:** A última parte do capítulo se refere à recusa de Daniel de se contaminar com a comida do rei. Muitas razões são dadas pelas quais Daniel não comeria a comida do rei. Era contra a lei de Deus comer certos alimentos; tal ato teria sido a perda da identidade religiosa e uma concessão à cultura pagã da Babilônia e teria escandalizado os outros judeus no cativeiro, encorajando os mais fracos a sucumbirem ante a sedução da cultura local e, finalmente, os teria envolvido na falsa adoração da Babilônia, como é visto na festa de Balsazar (Dn 5). Ao mesmo tempo, os comentaristas são cautelosos em dizer que a comida, em si mesma, não contamina, antes é a proibição de Deus contra tais alimentos que os torna impuros. Depois de recusar a comida do rei, Daniel e seus ami-

gos foram testados. Aqui vemos que é Deus que os sustenta; além disso, nós aprendemos que aqueles que se apegam à palavra de Deus são cuidados por ele. Finalmente, assim como é Deus quem provê para Daniel e os jovens, também é Deus quem lhes concede sabedoria e entendimento.

### 1.8-13 Contaminação pela comida

**A RECUSA DE DANIEL EM SE CONTAMINAR.** HEINRICH BULLINGER: Existem muitas coisas a serem observadas no exemplo de Daniel e seus amigos. Daniel firmemente decide, em seu coração, recusa-se a ser contaminado pela comida do rei. Ele faz isso não por uma tradição humana, mas por causa da lei de Deus, que proíbe ao

povo judeu algumas carnes, como a de feras e pássaros (Lv 11). Eles eram mantidos cativos no palácio real e diariamente eram servidos com a comida do rei. Com certeza, a comida em si não era imunda, mas, quando a proibição de Deus fica clara em relação a comer tais alimentos, a questão fica resolvida definitivamente. Sabendo-se ser tão importante para Deus, cuja vontade é sempre boa, quem quer que aceite tal comida torna-se imundo por causa da desobediência. Este ponto, em especial, fica evidente no fruto proibido por Deus no paraíso, e, por esta razão, seu consumo e uso se tornaram letais por causa da desobediência e falta de fé. Da mesma maneira, Eleazar não desejou comer carne suína (2Macabeus 6.18-19) e Pedro reverentemente declarou que ele nunca tinha comido qualquer coisa comum ou impura (At 10.14), e assim, também Daniel e seus amigos não desejaram comer a comida real porque eles sabiam que muitos itens preparados e servidos à mesa eram proibidos pela lei. Desde o tempo de Cristo, esta lei concernente à distinção de comidas fora revogada. Na liberdade Cristã, somos agora livres para desfrutar daquilo que o Senhor declara a respeito da doutrina apostólica, a saber, que ele proíbe qualquer julgamento a respeito de comida ou bebida. De fato, para os puros, todas as coisas são puras (Tt 1.15). DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>1</sup>

**DANIEL E A COMIDA.** BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA: Não que ele pensasse que qualquer religião fosse somente uma questão de comida e bebida (pois, depois, ele comeu), mas porque o rei não o seduziria através de seu doce veneno para que esquecesse sua religião e costumeira sobriedade e para que, em sua comida e bebida, ele pudesse diariamente se lembrar de a que povo ele pertencia. E Daniel nos mostra isso, para deixar claro como Deus, desde o início, o auxiliou com seu Espírito e o chamou para ser um profeta. BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA.<sup>2</sup>

**DANIEL E A LEI CERIMONIAL.** WILLIAM PEMBLE: Por que isso o contaminaria? Três razões: primeira, era contra a lei de Deus; segunda, comer comida impura é contra a Palavra de

Deus; terceira, Daniel percebeu que o amor do rei e sua provisão não eram sinceros. O rei procurou seu próprio benefício, o que os companheiros de Daniel (Ananias, Mizaél e Azarias) também procuravam. O objetivo do rei em treiná-los para que o assistissem era que eles o servissem como cortesãos em seu palácio. E sabendo que eles tinham sangue real e semente de nobreza, ele pudesse, desse modo, se firmar na posseção da terra de Judá.

Mas Daniel não comeu depois de sua promoção? Comeu. Quando ele estava em sua grandeza, ele podia comandar a dieta que lhe aprouvesse, que não era, nem por sua natureza, nem por seu uso, contra a lei levítica de Deus. Os judeus estavam sujeitos à lei judicial somente dentro do reino de Israel. Daniel e Mordecai eram grandes oficiais e magistrados importantes em terras estrangeiras e, com certeza, eles ministravam justiça de acordo com as leis nacionais e os costumes daqueles países, não de acordo com a lei judicial de Moisés. Mas os judeus eram severamente ligados, em todo o mundo, ao cumprimento exato da lei judicial de Moisés. Por isso Daniel, mesmo no exílio, não ousou comer, para que não ficasse impuro, transgredindo a lei cerimonial. O PERÍODO DA MONARQUIA PERSA.<sup>3</sup>

**DANIEL E A COMIDA.** GIOVANNI DIODATI: [Daniel 1.8; *Daniel* seguido aqui, como parece, por seus três companheiros, não *se contaminou*] ou porque havia entre aquela comida alguma carne que era considerada imunda pela lei ou porque tinha sido consagrada a ídolos, ou porque ele temia corromper sua pureza e piedade através da sedução e dos prazeres da corte, não participando das aflições comuns da igreja. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>4</sup>

**DANIEL E A COMIDA DO REI.** JOHN MAYER: *Resolveu Daniel, firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei* (Dn 1.8). Embora Daniel seja o único mencionado, os

<sup>1</sup> *Daniel Sapientissimus*, 5-6.

<sup>2</sup> *Geneva Bible* (1599), 1.8.

<sup>3</sup> *Persian Monarchy* (1659), 373.

<sup>4</sup> *Pious Annotations* (1651), 1.8.

outros três também devem ser contados; nenhum deles se contaminaria. Se era uma ordem, como eles poderiam se contaminar com essa comida? Polanus nos dá duas respostas. Primeiro, algumas das carnes usadas e servidas à mesa eram impuras segundo a lei de Deus. Segundo, os ídolos eram adorados. Portanto, aos ídolos teria sido oferecida a carne, pois assim era dito, no tocante as festas do rei Belsazar com seus príncipes e concubinas, que, ao comerem e beberem, estavam adorando aos seus deuses de ouro e prata (Dn 5.2-4). E, além de tudo isso, os outros judeus poderiam se escandalizar se homens como eles tomassem esta liberdade em relação à lei de Deus. Os fracos seriam encorajados, por seu exemplo, a fazerem o mesmo, e os outros, teriam uma pobre opinião sobre eles, pois achariam que estavam fascinados pelos prazeres da corte do rei e tinham dado adeus a toda piedade. Finalmente, tais delícias teriam o poder de habituar mal a carne e corromper a mente, expondo as pessoas ao risco de serem cada vez mais levadas pela carne e não pelo espírito. Vemos isso no homem rico que se deleitava todos os dias. Seu deus era o ventre e ele não se importava com Deus nem com o mandamento dado a ele para dividir o seu pão com os famintos, para dar uma porção a seis ou a sete, para dar e emprestar ao pobre e ao necessitado. A isto, podemos acrescentar que as delícias do rei eram muito sofisticadas para os pobres cativos, que estavam no estado de aflição, sendo povo conquistado pelo inimigo e, Desse modo, tinham necessidade de evitar festas, e de se alimentar com uma dieta magra e pobre, escolhendo, como Moisés escolheu, sofrer as aflições com seus irmãos, o povo de Deus, ao invés de viver em excessos e abundância. De fato, em tais situações, o Senhor espera que nos humilhemos por meio da abstinência e reprová, como grande pecado, aqueles que agem de outra maneira.

De acordo com este exemplo, é a nossa obrigação evitar qualquer coisa que faça nossos irmãos mais fracos se escandalizarem (Rm 14). Segundo, tome cuidado para que, através de comida e bebida aprazíveis ao paladar não

sejamos levados ao pecado, como glutões e bêbados, que diariamente são indulgentes com o corpo. Terceiro, que nenhum favor designado a nós por pessoas, as mais excelentes, de acordo com seus corações, que são ímpios, prevaleça sobre nós para nos tornar como tais. Quarto, aprendemos que não é parte da felicidade, com respeito às coisas mundanas, ter recursos para comer e beber diariamente do melhor, porque as pessoas comumente nutrem a carne e a fazem mais forte para se rebelar contra o espírito. Por esta razão é dito: Ai daqueles que agora estão fartos. O caminho oposto, porém, é mais um meio para subjugar a carne ao espírito. Quinto, deve haver em nós misericórdia com os irmãos em dificuldades, não nos banqueteando enquanto eles passam por necessidades, pois isso é o que Amós 6 condena. Sexto, devemos mostrar que somos um com eles em espírito, ao chorar com aqueles que choram e nos abstermos com aqueles que se abstêm. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**OS TRÊS JOVENS E A COMIDA.** TIELEMAN J. VAN BRAGHT: Portanto, meus queridos filhos, sigam o exemplo colocado diante de vocês, para sempre andarem nos caminhos do Senhor com sobriedade e gratidão, como vocês me ouviram ler em Daniel sobre Sadraque, Mesaque e Adedeneço, que foram escolhidos pelo rei da Babilônia para serem alimentados do mesmo vinho e da comida que rei comia e bebia em sua mesa, para que pudessem parecer saudáveis para servi-lo, mas desejaram nada mais do que água e vegetais. Eles observariam com sobriedade e gratidão, no temor do Senhor, a lei e os mandamentos de seus antepassados. Eles se apresentaram mais gordos e com melhor aparência do que aqueles que comeram as iguarias do rei. Desse modo, eles fielmente andaram nos caminhos do Senhor. Através de oração e súplica, eles agradavam a Deus. Desse modo, Deus fez grandes coisas através deles e os livrou da cova dos leões e da fomalha ardente. UM MARTIROLÓGIO DAS IGREJAS DE CRISTO.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> *Prophets*, 518.

<sup>6</sup> *Martirology* 2:291.

### 1.14-16 Somente Deus nos sustenta

**DEUS NOS NUTRE.** JOÃO CALVINO: Agora, este evento surpreendente aconteceu (Dn 1.14-15): Daniel não se contaminou, nem ficou debilitado pela comida, mas o seu rosto era tão radiante como se ele tivesse comido dos pratos reais; por isso concluímos, como eu já tinha dito, que ele fora divinamente impelido a persistir firmemente no seu propósito e a não se contaminar com a comida real. Deus, Desse modo, testificou, através do resultado, que tinha aconselhado Daniel e seus companheiros neste propósito. Fica suficientemente claro que não há virtude necessária no pão para nos nutrir, pois somos nutridos pelas bênçãos secretas de Deus, como Moisés diz: “Não só de pão viverá o homem” (Dt 8.3), implicando que o pão, em si mesmo, não transmite força às pessoas, pois no pão não há vida em si; como, então, pode o pão nos dar vida? Assim como o pão não possui virtude em si, nós somos nutridos pela Palavra de Deus; e porque Deus determinou que a nossa vida será sustentada pela nutrição, ele soprou dentro do pão as suas virtudes – mas, enquanto isso, nós temos que considerar nossas vidas sendo sustentadas, não pelo pão nem por qualquer outra comida, mas pelas bênçãos secretas de Deus. Pois Moisés não fala aqui de doutrina ou vida espiritual, mas diz que a nossa vida corpórea é mantida pelo favor de Deus, que dotou o pão e outras comidas de suas propriedades particulares. Isto, no mínimo, é certo: seja qual for a comida de que nos servamos, somos nutridos e sustentados pela graça do poder de Deus...

Vimos que Daniel e seus companheiros estavam corados e bem nutridos e até mesmo muito robustos, alimentando-se de nada além de vegetais. Como poderia isto ter acontecido, a não ser que Deus, que sustentou o seu povo no deserto somente com maná, quando não havia outra dieta, mesmo nestes dias, torna a nossa comida em maná, o que, de outra forma, seria danoso a nós (Êx 16.4)? Pois se alguém perguntar aos médicos se vegetais ou outras plantas leguminosas são saudáveis, eles dirão que são prejudiciais, considerando que as conhecem Desse modo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>7</sup>

**A CERTEZA DA FÉ.** HEINRICH BULLINGER: Para demonstrar a sua fé, nos é relatado que Daniel e seus companheiros foram testados por dez dias. Eles apareceram muito melhores na aparência e mais formosos do que os jovens que participaram da mesa do rei. Portanto, sua fé não é um erro. Deus não abandona aqueles que firmemente se apegam à sua palavra. Desta experiência, fica evidente que a raça humana não vive somente de pão, mas de toda a palavra que procede da boca do Senhor. Além disso, foi o poder de Deus que tornou eficaz a comida daqueles jovens, pois, sem o seu poder, ela seria de pouco valor e ineficiente perante o mundo. DANIEL, O MAIS SÁBIO PROFETA DE DEUS.<sup>8</sup>

**DEUS NOS ENCHE DE SABEDORIA.** JOHN MAYER: Daniel e seus amigos, como eles mesmos pediram, comendo apenas vegetais e nenhuma das comidas do rei, e não bebendo de seu vinho, depois de dez dias estavam mais gordos e mais bem aparentados dos que os que assim fizeram. Mais do que isso, eles cresceram em entendimento e sabedoria em relação aos outros, de tal forma que, quando o rei os examinou, ele os achou excelentes, mais do que todos os caldeus da terra. Eles eram dez vezes melhores do que qualquer um deles. Disto, podemos observar outro benefício que vem pela bênção de Deus sobre um estilo de vida abstinente: quanto menos a barriga é cheia, mais a mente é repleta de entendimento e sabedoria; e quanto mais a barriga é forçada com comidas deliciosas e bebidas, mais estúpida e lenta a pessoa se faz em relação ao entendimento divino. É como Jerônimo nos fala: “Uma barriga cheia mas uma mente estéril.” Desse modo, Daniel jejuou por muito tempo e orou para entender as coisas divinas. E assim também fez Esdras, o escriba perfeito, que era impelido pela lei de Deus. Note também que, para o corpo, Deus, pode, através de suas bênçãos, fazer com que alguém que é mal alimentado prospere e fique em condições tão boas ou melhores que aqueles que diariamente comem e bebem do melhor. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> CTS 24.106-107 ( CO 18.550,552).

<sup>8</sup> *Daniel Sapientissimus*, 7.

<sup>9</sup> *Prophets*, 519.

### 1.17-21 A sabedoria de Daniel

**A VIDA DE DANIEL.** MARTINHO LUTERO: O primeiro capítulo coloca diante de nós um grande exemplo da vida de Daniel. Quão santo e temente a Deus ele era, e que fé corajosa em Deus ele tinha. No meio de uma vida de barbarismos e selvageria e das muitas agravações que teve de ver e escutar diariamente na Babilônia, ele, ainda assim, permaneceu firme e paciente, tendo vencido tudo no seu coração. Por esta razão, segue-se que Deus mostrou tamanha misericórdia a ele, primeiramente honrando-o espiritualmente, com sabedoria e entendimento acima de todas as outras pessoas. E então Deus o exaltou no mundo, realizando grandes e poderosos milagres e obras através de Daniel. Ao fazer isto, Deus nos mostra o quão ternamente ele ama e valoriza aqueles que creem e confiam nele. Com tamanho exemplo, ele amigavelmente nos chama para o temor e fé em Deus. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>10</sup>

**DEUS DÁ SABEDORIA.** HEINRICH BULLINGER: Desde o início, Deus, é dito, deu conhecimento e inteligência em toda literatura e sabedoria, particularmente, dando a Daniel entendimento em todas as visões e sonhos. Por conhecimento, entendo a sabedoria; por inteligência, o uso e a aplicação apropriados da sabedoria. Daniel parece ter completado o estudo da literatura, artes e língua da Babilônia. Talvez, através da sabedoria, ele entendesse suas mais refinadas disciplinas, como matemática, física, economia e questões políticas, e compreendesse o sistema legal daquele povo. Este texto mostra que todo conhecimento, sabedoria e progresso em discernimento são outorgados por Deus às pessoas. Ele assim o faz, para preservar a sua igreja e o estado, o que Salomão e muitos outros testemunhos das Escrituras, confirmam. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> WADB 11,2.2.

<sup>11</sup> *Daniel Sapientissimus*, 8.

## 2.1-23 O SONHO DE NABUCODONOSOR

<sup>1</sup> No segundo ano do reinado de Nabucodonosor, teve este um sonho; o seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o sono. <sup>2</sup> Então, o rei mandou chamar os magos, os encantadores, os feiticeiros e os caldeus, para que declarassem ao rei quais lhes foram os sonhos; eles vieram e se apresentaram diante do rei. <sup>3</sup> Disse-lhes o rei: Tive um sonho, e para sabê-lo está perturbado o meu espírito. <sup>4</sup> Os caldeus disseram ao rei em aramaico: Ó rei, vive eternamente! Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação. <sup>5</sup> Respondeu o rei e disse aos caldeus: Uma coisa é certa: se não me fizerdes saber o sonho e a sua interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas monturo; <sup>6</sup> mas, se me declarardes o sonho e a sua interpretação, receberéis de mim dádivas, prêmios e grandes honras; portanto, declarai-me o sonho e a sua interpretação. <sup>7</sup> Responderam segunda vez e disseram: Diga o rei o sonho a seus servos, e lhe daremos a interpretação. <sup>8</sup> Tornou o rei e disse: Bem percebo que quereis ganhar tempo, porque vedes que o que eu disse está resolvido, <sup>9</sup> isto é: se não me fazeis saber o sonho, uma só sentença será a vossa; pois combinastes palavras mentirosas e perversas para as proferirdes na minha presença, até que se mude a situação; portanto, dizei-me o sonho, e saberei que me podeis dar-lhe a interpretação. <sup>10</sup> Responderam os caldeus na presença do rei e disseram: Não há mortal sobre a terra que possa revelar o que o rei exige; pois jamais houve rei, por grande e poderoso que tivesse sido, que exigisse semelhante coisa de algum mago, encantador ou caldeu. <sup>11</sup> A coisa que o rei exige é difícil, e ninguém há que a possa revelar diante do rei, senão os deuses, e estes não moram com os homens.

<sup>12</sup> Então, o rei muito se irou e enfureceu; e ordenou que matassem a todos os sábios da Babilônia. <sup>13</sup> Saiu o decreto, segundo o qual deviam ser mortos os sábios; e buscaram a Daniel e aos seus companheiros, para que fossem mortos. <sup>14</sup> Então, Daniel falou, avisada e prudentemente, a Arioque, chefe da guarda do rei, que tinha saído para matar os sábios da Babilônia. <sup>15</sup> E disse a Arioque, encarregado do rei: Por que é tão severo o mandado do rei? Então, Arioque explicou o caso a Daniel. <sup>16</sup> Foi Daniel ter com o rei e lhe pediu designasse o tempo, e ele revelaria ao rei a interpretação.

<sup>17</sup> Então, Daniel foi para casa e fez saber o caso a Ananias, Misael e Azarias, seus companheiros, <sup>18</sup> para que pedissem misericórdia ao Deus do céu sobre este mistério, a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com o resto dos sábios da Babilônia. <sup>19</sup> Então, foi revelado o mistério a Daniel numa visão de noite; Daniel bendisse o Deus do céu. <sup>20</sup> Disse Daniel:

Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade,

porque dele é a sabedoria e o poder;

<sup>21</sup> é ele quem muda o tempo e as estações,

remove reis e estabelece reis;

ele dá sabedoria aos sábios

e entendimento aos inteligentes.

<sup>22</sup> Ele revela o profundo e o escondido;

conhece o que está em trevas,

e com ele mora a luz.

<sup>23</sup> A ti, ó Deus de meus pais,

eu te rendo graças e te louvo,

porque me deste sabedoria e poder;

e, agora, me fizeste saber o que te pedimos,

porque nos fizeste saber este caso do rei.

**VISÃO GERAL:** Este capítulo se refere ao extraordinário sonho de Nabucodonosor e à interpretação de Daniel. Este sonho era significativo, não somente pelos detalhes históricos que ele oferece e pela lição de que toda sabedoria vem de Deus somente, mas também porque repetiu a grande promessa de Deus, concernente a Cristo, para seu povo que tinha sido levado cativo. Para que o povo fosse assegurado de que Deus não tinha esquecido suas promessas, o reino de Cristo é proclamado desde o princípio do seu cativeiro, pelo profeta Daniel. Antes de analisar o sonho em si, os comentaristas debatem, de novo, a relação cronológica entre o primeiro capítulo e o início do segundo, os anos do reinado de Nabucodonosor e como Daniel pôde tão rapidamente ser reconhecido como um dos homens sábios da Babilônia.

A variedade de sonhos e as suas causas são discutidas. Por que Nabucodonosor teve tal sonho, é aqui considerado examinado. Neste ponto vemos mais uma lição. Na providência divina, o sonho fora dado a Nabucodonosor para confundir tanto a ele mesmo quanto aos sábios da corte. A sabedoria não deve ser achada em nós mesmos. Daniel e seus companheiros nos dão este exemplo, ao irem a Deus em oração antes de interpretarem o sonho. Deus, somente ele, provê; somente ele nos sustenta e nos nutre, somente ele nos concede sabedoria. Aqui vemos a grande utilidade da oração. Quer recebamos o que pedimos ou não, as nossas orações são sempre eficazes.

#### OS PRINCIPAIS PONTOS DO CAPÍTULO.

**FILIFE MELANCHTHON:** Aqui estão os principais pontos do capítulo. Primeiro, Deus revela em ordem as quatro monarquias. Ele testifica a respeito do fim do mundo e do reino vindouro, dos eternos santos, quem verdadeiramente adoram a Deus. Nesta revelação, a primeira coisa em favor do povo é consolação e ensino. Eles não se consideravam como tendo sido abandonados por Deus quando possuíam profetas como Daniel. Eles aprenderam que têm de ter esperança na glória perpétua, como fora prometida a seus antepassados. Por esta razão, o rei e muitos outros gentios foram admoestados pelo seu

ensino para que reconhecessem o verdadeiro Deus e recebessem a verdadeira adoração e o verdadeiro Deus. Segundo, temos o exemplo de que Deus ouve as orações dos crentes e lhes dá o que buscam, sabedoria e outros dons. Terceiro, temos o testemunho de que todo poder é estabelecido por Deus nos céus. Quarto, somos advertidos de que, pouco a pouco, o poder corrompe e destrói o ímpio. **COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.**<sup>1</sup>

**O ARGUMENTO DO CAPÍTULO. JOHANN WIGAND:** Existem três principais partes neste capítulo. A primeira se refere aos extraordinários sonho e profecia de Nabucodonosor, os quais os homens sábios da Caldeia não foram capazes de interpretar para o rei, que tinha esquecido o sonho. A segunda é a revelação e a interpretação do sonho por Daniel: a clara profecia das quatro principais monarquias do mundo e o advento de Cristo. O terceiro ponto nos fala da ascensão de Daniel e seus companheiros às mais elevadas honras no palácio do poderoso rei.

O propósito do capítulo também tem três pontos. Primeiro, Deus queria confundir a habilidade dos sábios. Ele permitiu que se destruíssem, já que não foram capazes de entender os mistérios secretos de Deus. Segundo, Deus queria revelar as coisas futuras e escondidas para que o verdadeiro Deus fosse reconhecido e glorificado. Terceiro, Deus queria derramar sobre sua igreja um testemunho de sua presença e verdade, para aliviar as aflições do exílio. **BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.**<sup>2</sup>

**O ARGUMENTO. HEINRICH BULLINGER:** Ora, é significativo que ele exponha [neste capítulo] a essência e o caráter da verdadeira sabedoria e quem se beneficia de um verdadeiro homem sábio ou de uma educação em sabedoria... Com certeza, a verdadeira sabedoria não surge da carne ou do mundo, mas vem dos céus, de Deus, seu autor. Esta sabedoria reconhece Deus como o governador de todas as coisas, Cristo nosso salvador e seu reino eterno. Ela entende

<sup>1</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 22-23.

<sup>2</sup> *Explicatio Brevis* (1571) 43-44.



que todas as coisas no mundo são transitórias e passageiras e que o reino de Cristo, somente ele, é eterno. Aqueles que pertencem a este reino olham somente para Cristo, esperando salvação somente dele, honesta e piedosamente vivendo neste mundo, e viverão, no porvir, com os alegres e abençoados santos. Esta, eu digo, é a verdadeira e divina sabedoria, proposta pelo sonho de Nabucodonosor e sábia e claramente explicada por Daniel através do Espírito Santo. Desse modo, Daniel professou esta verdadeira sabedoria como um forasteiro na Babilônia, considerado pelo mundo com desprezo e como um prisioneiro de guerra...

Ele relaciona este ensino concernente à providência de Deus, em todas as coisas, o eterno reino de Cristo e a salvação dos fiéis, primeiro com a confirmação da divina promessa, através da qual Cristo é o prometido Salvador do mundo e, depois, com a consolação do povo aflito da Judeia, agora cativo na Babilônia. Como os reis e regentes, junto com os profetas e o povo de Deus, foram levados ao cativo, a cidade e seu templo foram incendiados, o lugar de adoração a Deus foi tirado deles e a terra prometida dada a outro povo, certamente parecia que Deus era capaz de esquecer as suas promessas, não mais desejando reconhecer seu povo, nem mandar-lhes um libertador. Por causa disso, Deus repetiu, logo no início do cativo na Babilônia, a promessa universal concernente a Cristo. Aliás, ele fez isso muito maravilhosamente, usando o rei Nabucodonosor para a consolação dos aflitos. Antes do fim do cativo, como aparecerá em Daniel 9, ele expressa claramente o inteiro mistério da redenção em Cristo. Desse modo, a história sagrada dá testemunho de que, durante tempos de dificuldade e durante períodos turbulentos, a promessa de Cristo é sempre repetida e gravada em nós, pois não há salvação ou consolação fora de Cristo. Em Cristo, há vida, luz e salvação para todos os povos – aqueles que existiram e os que existirão. Assim, os verdadeiros sábios são aqueles que o reconhecem e creem nele; tolos são aqueles que não o reconhecem nem acreditam nele. DANIEL, O MAIS SÁBIO PRO-FETA DE DEUS.<sup>3</sup>

## 2.1 Cronologia

**PROBLEMAS DE CRONOLOGIA.** JOÃO CALVINO: Daniel, aqui, diz que o rei Nabucodonosor sonhou durante o segundo ano de seu reinado. Isso parece contrário à opinião expressa no primeiro capítulo. Pois, se Nabucodonosor sitiou Jerusalém no primeiro ano de seu reinado, como poderia Daniel ser então, tão cedo, reconhecido entre os sábios e astrólogos, quando ele era ainda um discípulo? Desse modo, é fácil apreender do contexto que ele e seus companheiros já tinham sido levados para ministrar diante do rei. À primeira vista, estas coisas não estão em harmonia, porque, no primeiro ano do reinado de Nabucodonosor, Daniel e seus companheiros foram levados para serem treinados, e, no segundo ano, eles estavam em perigo de morte, por estarem entre os magos. Alguns, como mencionei em outros lugares, contam o segundo ano como começando com a captura e a destruição da cidade, pois afirmam que Nabucodonosor fora chamado de rei desde o tempo em que obteve a monarquia em paz. Antes de ele ter destruído a cidade e o templo com a nação, sua monarquia não poderia ser vista como unida; por isso, eles atribuem isso à captura da cidade, como eu tinha dito.

Mas eu me inclino a outra conjectura como mais provável – aquela de seu reinado junto com seu pai, e mostrei que, quando ele sitiou Jerusalém, no tempo de Jeoaquim, ele fora mandado por seu pai; e depois voltou à Caldeia, vindo da expedição egípcia, com o desejo de reprimir as revoltas, se alguém se atrevesse a se rebelar. Então, Desse modo, não há nada contraditório ou fora do lugar. Nabucodonosor reinou antes da morte de seu pai, porque ele já havia sido unido a ele no supremo poder; então, depois, ele reinou sozinho, e a presente narrativa aconteceu no segundo ano deste seu reinado. Nesta explicação, não há nada forçado e, como a história concorda com esta teoria, eu a adoto como a melhor. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> *Daniel Sapientissimus*, 10.

<sup>4</sup> CTS 24.115-116 (CO 18.556-557).

**A QUESTÃO DA CRONOLOGIA.** JOHN MAYER: Neste capítulo, onde o sonho de Nabucodonosor é mostrado, Daniel primeiro começa mencionando o tempo, a saber, o segundo ano do reinado de Nabucodonosor, sobre o qual, muitas conjecturas divergem, por que ele trouxera Daniel cativo da Judeia e três anos agora tinham se passado desde aquele tempo no qual Daniel e seus três amigos foram trazidos para serem ensinados pelos caldeus. Ora, se isso aconteceu depois de três anos, como poderia ter acontecido no segundo ano do reinado de Nabucodonosor? Alguns dizem que outro Nabucodonosor, o filho de Nabucodonosor, o Grande, é mencionado aqui. Mas isso não se sustenta, porque não havia nenhum outro Nabucodonosor, mas apenas um, nem poderia haver, se a profecia de Jeremias for verdade, como ninguém, negará. Pois ele diz que o Senhor tinha dado as nações para servirem a Nabucodonosor e ao seu filho, e ao filho de seu filho (Jr 2.7). Mas se existiu outro filho, além de Evil-Merodaque, que tenha reinado depois dele, então o tempo das nações que estiveram sob o seu domínio, não teria sido somente o seu, o de seu filho e de seu neto, na época de Belsazar, mas também o de um outro filho, de quem não há nenhum registro. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>5</sup>

**O SEGUNDO ANO.** GIOVANNI DIODATI: Nabucodonosor levou cativo Jeoaquim, no terceiro ano de seu reinado (Dn 1.1), e depois os jovens judeus foram levados pelo período de três anos (Dn 1.5). Desse modo, este segundo ano não pode ser considerado desde o tempo em que ele foi coroado. Mas é provável que, depois que ele subjogou o rei do Egito, seu grande rival, e, assim, estabeleceu sua monarquia, ele, então, tenha começado uma nova contagem dos anos de seu reinado. **ANOTAÇÕES PIEDOSAS.**<sup>6</sup>

### 21.1b-11 O sonho do rei

**A RAZÃO PARA O CATIVEIRO DE DANIEL.** MARTINHO LUTERO: O segundo capítulo toca na questão da honra de Daniel, começando com o sonho do rei, o qual, através de divina revelação, Daniel interpreta. Por causa disto, ele se

torna príncipe sobre toda a terra da Babilônia, e um bispo, ou ministro-chefe sobre todos os sacerdotes e escribas. Isso também aconteceu para o consolo de todo o povo Judeu, para que, na sua miséria, eles não duvidassem ou se tornassem ansiosos, como se Deus os tivesse rejeitado e desistido de suas promessas a respeito de Cristo. Então, um Judeu prisioneiro deve reinar sobre este grande reino, ao invés de ter um babilônio em tal posição de honra. É como se ele tivesse sido capturado e levado ao exílio para que se tornasse este grande senhor, até mesmo sobre aqueles que o tinham capturado. Esta é a forma como maravilhosamente Deus guia a seus fiéis. Ele dá muito mais do que a pessoa possa pedir. **PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.**<sup>7</sup>

**A CAUSA NATURAL DOS SONHOS.** JOÃO CALVINO: Este versículo (Dn 2.2) prova claramente o que eu já havia mencionado, a saber, que o sonho causou ao rei o sentimento de que ele fora dado por Deus. Embora este não tenha sido seu primeiro sonho, o terror que Deus imprimiu em sua mente o compeliu a convocar todos os magos, porque o rei não conseguia descansar, mesmo quando voltava a dormir. Ele sentia como se houvesse um ferrão em sua mente, sabendo que Deus não o deixou descansar, mas desejou que ele fosse atribulado, até que recebesse a interpretação do sonho.

Mesmo escritores profanos corretamente consideram os sonhos como conectados com a ação divina. Eles expressam várias opiniões, porque não poderiam saber de alguma coisa com toda certeza; no entanto, as suas mentes estavam persuadidas sobre a atuação divina nos sonhos. Seria tolo e pueril estender esta noção a todos os sonhos, uma vez que vemos pessoas que nunca deixam passar um só sonho sem uma conjectura, e, assim, tornam-se ridículas. Sabemos que os sonhos surgem de diferentes causas, como, por exemplo, dos nossos pensamentos diários. Se meditei sobre alguma coisa durante o dia, algo me ocorre à noite na forma de sonho, porque a mente não é completamente

<sup>5</sup> *Prophets*, 519-520.

<sup>6</sup> *Pious Annotations* (1651), 2.1.

<sup>7</sup> WADB 11,2.2-4.

entorpecida, mas retém algum grão de inteligência, embora este grão esteja sufocado. A experiência também nos ensina como os nossos pensamentos diários voltam durante o sono, e, desse modo, as muitas afeições da mente e do corpo produzem muitos sonhos. Se alguém vai para a cama entristecido, seja por causa da morte de um amigo, ou qualquer outra perda, ou por causa de um sofrimento ou adversidade, seu sonho participará da prévia preparação de sua mente. O próprio corpo causa sonhos, como vemos no caso daqueles que sofrem de febre; quando a sede prevalece, eles imaginam fontes, queimadas, e fantasias similares. Percebemos, também, como a intemperança perturba as pessoas no seu sono, pois pessoas bêbadas comem e sonham, como em um estado de exaltação. Como existem muitas causas naturais para os sonhos, seria muito estranho procurar uma ação divina ou uma razão fixa neles todos; e, por outro lado, é suficientemente evidente que alguns sonhos estão debaixo do controle divino. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>8</sup>

**O SONHO DE NABUCODONOSOR.** JOÃO CALVINO: Eu agora me volto ao sonho de Nabucodonosor. Existem dois pontos merecedores de atenção. Primeiro, toda a lembrança do conteúdo do sonho fora inteiramente perdida; e segundo, nenhuma interpretação fora dada para ele. Algumas vezes a lembrança de um sonho não estava perdida enquanto a sua interpretação não era conhecida. Mas, aqui, Nabucodonosor não somente estava perplexo com a interpretação do sonho, mas também a visão do sonho tinha desaparecido, e, desse modo, sua perplexidade e ansiedade tinham dobrado. No tocante ao próximo ponto, não há novidade em Daniel fazer saber a interpretação, pois, algumas vezes, mas raramente, acontece de uma pessoa sonhar sem uma figura ou enigma e com grande clareza, sem qualquer necessidade de magos – um nome dado ao interpretadores de sonhos. Isso acontece, mas raramente, pois o objetivo comum dos sonhos é Deus falar através deles, alegórica e obscuramente. E isto ocorre no caso dos profanos e também no caso de seus servos. Quando José sonhou que estava sendo adorado

pelo sol e pela lua (Gn 37.9), ele não sabia o significado; quando ele sonhou que seu feixe de trigo estava sendo adorado pelos feixes de seus irmãos, ele não entendeu o sentido, mas simplesmente entendeu que havia uma conexão com seus irmãos. Desse modo, Deus muitas vezes fala em enigmas, através dos sonhos, até que a interpretação seja dada, e tal era o sonho de Nabucodonosor. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>9</sup>

**POR QUE NABUCODONOSOR TEVE ESTE SONHO?** ANDREW WILLET: O Senhor fez isso por causa de Nabucodonosor, para que ele fosse humilhado e reconhecesse o verdadeiro Deus de Israel e, a partir daí, fosse favorável ao seu povo, que ele mantinha no cativeiro. Isso foi feito também por respeito a Daniel, para que, através disso, ele pudesse ter boa reputação, fosse exaltado para o conforto do povo do Senhor, assim como José, pela mesma causa, fora promovido no Egito para o bem de seu povo.

O uso, aqui, também é geral no que concerne a toda a igreja de Deus, a saber, que estas quatro grandes monarquias foram dissolvidas pelo poder de Deus, cujo reino é o único invencível. Deus destruirá os poderosos reinos e potentados da terra, que se juntarão contra Cristo e sua igreja. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>10</sup>

## 2.12-17 Os magos da Babilônia

**A FALSA SABEDORIA DO MUNDO.** HEINRICH BULLINGER: O magos da Babilônia aceitaram de bom grado o pedido do rei, pedindo-lhe que recitasse o sonho, para que pudessem interpretá-lo. Embora Deus seja o autor da verdadeira sabedoria, eles não fazem nenhuma menção deste fato. Como a filosofia ou sabedoria do mundo não provém do Espírito de Deus, mas provém da carne, é cheia de orgulho pela carne e procura a carne a tal ponto que corresponde completamente à carne e atribui todas as coisas ao poder das pessoas, em suma, é presunçosa e arrogante, acertadamente escutamos, a seguir, que

<sup>8</sup> CTS 24.117-118 (CO 18.558).

<sup>9</sup> CTS 24.119-120 (CO 18.559-560).

<sup>10</sup> *Sixfold Commentary* (1610).

esta sabedoria desalentou ao rei, e fora reconhecida como tolice. DANIEL, O MAIS SÁBIO PROFETA DE DEUS.<sup>11</sup>

### 2.17-23 Daniel convocado

**POR QUE DANIEL NÃO FORA CHAMADO IMEDIATAMENTE.** JOHN MAYER: Mas, mesmo sabendo que Daniel e seus três companheiros foram tidos pelo rei como mais excelentes do que qualquer outro sábio babilônico (Dn 1.19-20), pode parecer estranho que eles não tenham sido chamados junto com os outros, como se pensaria, sendo eles os preferidos em relação aos outros. Aqui está a explicação: o rei, por este tempo, tinha se esquecido deles. Tinha se passado trinta e cinco anos entre o tempo da atenção especial que eles tinham recebido e o tempo em que os caldeus foram chamados. Pode-se pensar também que Daniel e seus companheiros sendo estrangeiros, e os outros sendo nativos, o rei não tinha tanta confiança neles. Ou, finalmente, sendo eles judeus, embora sábios e entendidos, o rei pensou que não iriam exercitar aquela arte por serem condenadas pela lei de seu Deus. Deste modo, isto pode ser concebido de acordo com a razão humana. Mas certamente foi a providência de Deus que secretamente regeu esta questão, ordenando-a assim, para que Daniel não fosse o primeiro chamado, pois então a vaidade dos astrólogos e mágicos não teria aparecido e o povo continuaria estimando-os como dignos de serem consultados. Como a divina providência ordenou, ele não fora o primeiro a ser chamado para não ficar entre os outros e se pensasse que estes grandes segredos tinham vindo da habilidade dos magos, como poderia acontecer se Daniel, estando entre eles, decifrasse os sonhos. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>12</sup>

**DANIEL E SEUS COMPANHEIROS ORAM.** HEINRICH BULLINGER: Quando a oração de Daniel e seus companheiros é escutada, nos é mostrada, claramente, a eficácia da oração do fiel na

igreja. Mesmo que Deus nem sempre conceda aquilo que lhe pedimos, não obstante, ele dá algo muito mais útil, sendo, desse modo, as nossas orações sempre eficazes... Os jovens, juntamente com Daniel, pediram a revelação do segredo do rei e receberam o que tinham pedido. Daniel registrou isso para mostrar a glória de Deus e como ele se importa com aqueles que oram. Desse modo, sempre acreditemos que as nossas orações são ouvidas quando pedimos aquilo que está de acordo com a glória de Deus para a nossa salvação e dos outros fiéis. DANIEL, O MAIS SÁBIO PROFETA DE DEUS.<sup>13</sup>

**A ORAÇÃO DE DANIEL.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: *Abençoado seja o nome do Senhor* (Dn 2.20). Isto é, o próprio Deus é grande, ao ser celebrado em todos os lugares e sempre proclamado e glorificado. A ele, que é a fonte e origem de todas as coisas boas, e a nenhum outro é devida a glória e a honra... Daniel bendiz o nome de Deus. Esta é voz de todos os santos de Deus, aqueles que prosperam e aqueles que não. Jó, quando tinha perdido tudo, declarou, "Deus dá, e Deus tira; bendito seja o nome de Deus." O próprio Senhor nos ensina como orar: "Glorificado seja o seu nome." Esta é a petição dos santos, que todas as nações sejam levadas ao conhecimento do verdadeiro Deus, falando de forma sublime, não somente com o lábios, mas verdadeiramente orando por uma imitação pura da vida virtuosa...

*Ó Deus dos meus antepassados* (Dn 2.23). Aqui ele agradece pela misericórdia de Deus, a qual foi mostrada aos seus antepassados, para o povo escolhido, para quem foram dadas as grandes promessas. Entre outro povo, ele diz, eu o reconheço como o Deus de sabedoria e poder; que derramou muitas bênçãos entre meus antepassados e a sua posteridade, nunca cessando de nosabençoar, a despeito dos nossos pecados. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> *Daniel Sapiertissimus*, 11.

<sup>12</sup> *Prophets*, 520-521.

<sup>13</sup> *Daniel Sapiertissimus*, 14-15.

<sup>14</sup> *In Daniele profetam libri duo* (1553), 20-22.

## 2.24-49 DANIEL INTERPRETA O SONHO

<sup>24</sup> Por isso, Daniel foi ter com Arioque, ao qual o rei tinha constituído para exterminar os sábios da Babilônia; entrou e lhe disse: Não mates os sábios da Babilônia; introduze-me na presença do rei, e revelarei ao rei a interpretação.

<sup>25</sup> Então, Arioque depressa introduziu Daniel na presença do rei e lhe disse: Achei um dentre os filhos dos cativos de Judá, o qual revelará ao rei a interpretação. <sup>26</sup> Respondeu o rei e disse a Daniel, cujo nome era Beltesazar: Podes tu fazer-me saber o que vi no sonho e a sua interpretação? <sup>27</sup> Respondeu Daniel na presença do rei e disse: O mistério que o rei exige, nem encantadores, nem magos nem astrólogos o podem revelar ao rei; <sup>28</sup> mas há um Deus no céu, o qual revela os mistérios, pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias. O teu sonho e as visões da tua cabeça, quando estavas no teu leito, são estas: <sup>29</sup> Estando tu, ó rei, no teu leito, surgiram-te pensamentos a respeito do que há de ser depois disto. Aquele, pois, que revela mistérios te revelou o que há de ser. <sup>30</sup> E a mim me foi revelado este mistério, não porque haja em mim mais sabedoria do que em todos os viventes, mas para que a interpretação se fizesse saber ao rei, e para que entendesses as citações da tua mente.

<sup>31</sup> Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; esta, que era imensa e de extraordinário esplendor, estava em pé diante de ti; e a sua aparência era terrível. <sup>32</sup> A cabeça era de fino ouro, o peito e os braços, de prata, o ventre e os quadris, de bronze; <sup>33</sup> as pernas, de ferro, os pés, em parte, de ferro, em parte, de barro. <sup>34</sup> Quando estavas olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou. <sup>35</sup> Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra.

<sup>36</sup> Este é o sonho; e também a sua interpretação diremos ao rei. <sup>37</sup> Tu, ó rei, rei de reis, a quem o Deus do céu conferiu o reino, o poder, a força e a glória; <sup>38</sup> a cujas mãos foram entregues os filhos dos homens, onde quer que eles habitem, e os animais do campo e as aves do céu, para que dominasses sobre todos eles, tu és a cabeça de ouro. <sup>39</sup> Depois de ti, se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de bronze, o qual terá domínio sobre toda a terra. <sup>40</sup> O quarto reino será forte como ferro; pois o ferro a tudo quebra e esmiúça; como o ferro quebra todas as coisas, assim ele fará em pedaços e esmiuçará. <sup>41</sup> Quanto ao que viste dos pés e dos artelhos, em parte, de barro de oleiro e, em parte, de ferro, será esse um reino dividido; contudo, haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois que viste o ferro misturado com barro de lodo. <sup>42</sup> Como os artelhos dos pés eram, em parte, de ferro e, em parte, de barro, assim, por uma parte, o reino será forte e, por outra, será frágil. <sup>43</sup> Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão mediante casamento, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro. <sup>44</sup> Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre, <sup>45</sup> como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. O Grande Deus fez saber ao rei o que há de ser futuramente. Certo é o sonho, e fiel, a sua interpretação.

<sup>46</sup> Então, o rei Nabucodonosor se inclinou, e se prostrou rosto em terra perante Daniel, e ordenou que lhe fizessem oferta de manjares e suaves perfumes. <sup>47</sup> Disse o rei a Daniel: Certamente, o vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador de mistérios, pois pudeste revelar este mistério. <sup>48</sup> Então, o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu muitos e grandes presentes, e o pôs por governador de toda a província da Babilônia, como também o fez chefe supremo de todos os sábios da Babilônia. <sup>49</sup> A pedido de Daniel, constituiu o rei a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego sobre os negócios da província da Babilônia; Daniel, porém, permaneceu na corte do rei.

**VISÃO GERAL:** Quando Daniel comparece perante o rei, ele afirma que foi Deus quem deu este sonho e somente Deus pode revelar o seu significado. Daniel passa a explicar a imagem que o rei viu e como esta é uma visão das quatro monarquias ou reinos: babilônico, persa, macedônio e romano. Daniel fala mais sobre o quarto reino, o romano, e isto é o que recebe mais atenção de nossos comentaristas. A parte final da visão se refere ao eterno reino de Cristo. É apresentado um panorama da opinião patristica que entende que a pedra que se soltou de uma montanha sem auxílio de mãos é uma referência à virgem Maria e ao nascimento de Cristo. Os autores Luteranos acolheram a esta interpretação, mas os Reformados a rejeitaram. Depois da interpretação de Daniel, ele é reconhecido pelo rei e promovido. Alguns autores elogiaram a piedosa confissão de Nabucodonosor e outros o acusam de idolatria. Não é relatada no texto a reprovação de Daniel ao rei. O fruto dessa admoestação é percebido quando Nabucodonosor direciona seu louvor a Deus.

### 2.24-26 Daniel diante do rei

**UM SONHO INCOMUM.** JOÃO CALVINO: Agora, quanto à resposta de Daniel (Dn 2.27-28). Ele diz que não era uma surpresa que o rei não tivesse achado o que procurava entre os magos, já que Deus tinha soprado nele este sonho além da compreensão do intelecto humano. Eu não sei se estão certos os intérpretes que pensam que as artes mágicas, aqui, são simplesmente condenadas, pois prefiro pensar que uma comparação é instituída entre o sonho do rei e a substância da ciência da magia. Eu sempre excluo superstições que viciavam a verdadeira e genuína ciência. Mas, no tocante aos princípios, não podemos condenar precisamente a astronomia e tudo o que pertence às considerações da ordem da natureza. Esta me parece ser toda a intenção: o sonho do rei não era objeto do conhecimento humano, pois os mortais não têm a habilidade natural para compreender o significado do sonho, e Deus manifesta aqueles segredos que precisam da peculiar revelação do Espírito Santo. Quando Daniel diz que os magos,

astrólogos e os demais não podem explicar ao rei o seu sonho e não são aptos para isto, a verdadeira razão é porque o sonho não era natural e não tinha nada em comum com as conjecturas humanas, mas era uma revelação peculiar do Espírito Santo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>1</sup>

**A RESPOSTA DE DANIEL AO REI.** HEINRICH BULLINGER: Há muitas coisas que devem ser notadas na resposta de Daniel ao rei. A mais importante é que ela é livre de qualquer adulação e não tem nada em comum com o tipo de fala bajuladora dos magos da Babilônia. Ao contrário, ela tem seu decoro e gravidade. Ele começa reconhecendo que, verdadeiramente, a sabedoria humana não tem capacidade para explicar o mistério da salvação e da verdadeira sabedoria... Daniel não deixa de mencionar que a verdadeira sabedoria vem de Deus. Ela não vem de um deus qualquer, como as várias divindades cultuadas pelos babilônios, mas do verdadeiro Deus do céu. Ele é claramente o único e verdadeiro Deus que habita nos céus. Ele, explica Daniel, revela as coisas escondidas; ele ilumina a mente; e inspira as pessoas com a verdadeira sabedoria. Dele, tais coisas devem ser buscadas.

A seguir, Daniel explica sucintamente a substância e o fim de todos os mistérios: “Há um Deus no céu, o qual revela os mistérios, pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias” Naquela época, ele levará a todos à verdadeira sabedoria. Os profetas e os apóstolos chamaram os últimos dias, principalmente, de o tempo de Cristo de seu reino eterno. Ora, quando todos os profetas mencionaram isto, eles tinham a intenção de mostrar um fim somente, não inúmeras outras épocas ou reinos. Daniel continua com o sonho e finaliza com o mistério de Cristo, o Salvador. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>2</sup>

### 2.27-30 Daniel louva a Deus

**A GLÓRIA PERTENCE A DEUS.** JOHN MAYER: Assim, o santo Daniel mostrou, através deste grande dom que Deus lhe tinha dado, que não

<sup>1</sup> CTS 24.154-155 (CO 18.584).

<sup>2</sup> *Daniel Sapientissimus*, 16.

procurava sua própria glória, mas sim a glória de Deus. Desse modo, ele imprimiu o conhecimento da onisciência de Deus no coração do rei para que ele o estimasse e honrasse como o único e verdadeiro Deus, desprezando, daí em diante, o culto a qualquer outro deus. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>3</sup>

**OS DONS DO ESPÍRITO SANTO.** JOÃO CALVINO: Aqui Daniel encontra uma objeção que Nabucodonosor poderia ter feito: se somente Deus pode revelar segredos, como você, um mero mortal, pode fazê-lo? Daniel se antecipa a esta objeção e transfere toda a glória para Deus e confessa sinceramente que não traz uma interpretação própria para apresentar, mas se apresenta a si mesmo como guiado pela mão de Deus a fim de ser seu intérprete e como não tendo nada de seu talento natural, mas agindo de acordo com a designação de Deus para esta tarefa e sendo ajudado por ele. *Este mistério*, então, diz Daniel, *a mim foi revelado*. Com estas palavras, ele se declara suficiente para interpretar o sonho, o que era um dom peculiar dado por Deus. Mas ele mais claramente expressa este dom como sobrenatural, como é chamado, ao dizer, *não porque haja em mim mais sabedoria do que em todos os viventes*. Pois, se Daniel tivesse superado o mundo inteiro em inteligência, ainda assim ele nunca poderia ter sabido o que o rei da Babilônia tinha sonhado. Ele foi excelente, com certeza, em habilidades superiores e erudição e possuía, como já dissemos, dons marcantes, mas, mesmo assim, ele nunca poderia ter obtido este poder que adquiriu de Deus através da oração (eu repito de novo) através de seu próprio estudo, ou esforço, ou dedicação humana.

Observamos como Daniel, aqui, cuidadosamente exclui não somente o que as pessoas tola mente reivindicam como seu, mas também o que Deus naturalmente atribui; pois sabemos que os profanos são dotados de talentos singulares e outras faculdades eminentes, e estes dons e capacidades são chamados de naturais, pois Deus deseja que seus dons graciosos brilhem na raça humana através de exemplos como estes. Embora Daniel reconheça ser dotado com poderes incomuns, pelo beneplácito e pela dis-

ciplina de Deus e confesse isto, eu digo, mesmo assim, que ele coloca esta revelação em um patamar mais elevado. Observamos, também, como os dons do Espírito Santo diferem mutuamente, porque Daniel agiu com um tipo de capacidade dupla no tocante aos dons com os quais aprovou a Deus admirá-lo. Primeiro de tudo, ele fez um rápido progresso em todas as ciências e floresceu muito em atividades intelectuais, e já mostramos claramente que isto foi devido à liberalidade de Deus. Esta liberalidade coloca todas as coisas na sua ordem própria, enquanto mostra o favor singular de Deus na explicação do sonho. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>4</sup>

#### DEUS INTERPRETA ATRAVÉS DE DANIEL.

JOHANN GERHARD: Daniel 2.36 diz: “Esse é o sonho; e também a sua interpretação diremos ao rei.” Pois como Daniel falaria sobre si mesmo, com autoridade, no plural, perante o rei, quando ele mesmo era um cativo do rei, e o próprio rei estaria acima de todas as coisas? Outros dizem que Daniel está falando no plural para atribuir a interpretação do sonho a Deus. SOBRE A NATUREZA DE DEUS E DA TRINDADE.<sup>5</sup>

### 2.31-43 Os quatro reinos

A VISÃO DE NABUCODONOSOR DAS QUATRO MONARQUIAS. JOÃO CALVINO: *Nabucodonosor então viu uma imagem* (Dn 2.31). Todos os escritores dotados com um julgamento sóbrio e candidamente desejosos de explicar o significado do profeta entendem isso, sem controvérsia, sobre as quatro monarquias, seguidas uma às outras. Os judeus, quando confrontados com esta interpretação, confundem o Império Turco com o Império Romano, mas sua ignorância e sua parcialidade são facilmente provadas. Pois, quando desejam escapar da confissão de Cristo sendo exibido ao mundo, eles procuram velhas calúnias que não requerem refutação, mas alguma coisa deve ser dita no seu lugar. Minha afirmação de que todos os intérpretes de julgamento moderado e imparcial, explicam a passagem

<sup>3</sup> *Prophets*, 521-522.

<sup>4</sup> CTS 24.158-159 (CO 18.587-588).

<sup>5</sup> *Theological Commonplaces: God and Trinity*, 365.

como falando das monarquias babilônica, persa, macedônia e romana, e o próprio Daniel, depois, mostra isso com suas próprias palavras, é perfeitamente correta. A questão, todavia, surge: por que Deus representou estas quatro monarquias com esta imagem? Pois ela não parece corresponder completamente, pois os romanos não têm nada em comum com os assírios. A história nos informa como os medos e os persas sucederam os caldeus; como a Babilônia foi sitiada pelo inimigo e como Ciro, depois de obter a vitória, transferiu o império aos medos e persas. Pode parecer absurdo que somente uma imagem possa ser proposta. Mas é provável – ou melhor, pode ser mostrado – que Deus, aqui, não considere alguma relação entre estas quatro monarquias, pois nenhuma delas existia, mas o estado do mundo em geral. Deus desejou com esta figura representar a condição futura do mundo até o advento de Cristo. Esta é a razão pela qual Deus uniu estes quatro impérios, embora fossem diferentes, pois o segundo brotou da destruição do primeiro, e o terceiro, da destruição do segundo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>6</sup>

**O IMPÉRIO ROMANO.** MARTINHO LUTERO: O sonho e a imagem são claramente explicados por Daniel, no texto, como sendo os quatro impérios, isto é, o primeiro é o reino assírio ou babilônico; o segundo é o reino medo e persa; o terceiro é o reino de Alexandre, o Grande grego; e o quarto é o Império Romano. O mundo inteiro concorda com esta interpretação e perspectiva. Eventos e histórias também provam isso conclusivamente. Daniel fala mais longamente sobre o Império Romano. Por esta razão, precisamos ouvir cuidadosamente quando, no final (2.41-45), as pernas de ferro começam a se dividir nos artelhos, nos pés, indicando três coisas sobre o Império Romano.

A primeira coisa é que os dedos estão divididos, embora, ao mesmo tempo, mantenham sua origem vinda do pé de ferro. Assim como no corpo humano os dedos dos pés também são divididos, mas ainda vêm dos pés e pertencem a eles, assim também o Império Romano é dividido; há a Espanha, a França, a Inglaterra e muitos outros pedaços que vieram dele. Não obstante,

ele continuou a crescer e, como uma planta, foi transplantado (como eles chamam), *translatum*, dos gregos para os germânicos, de tal forma que a natureza do ferro permaneceu. Pois ele ainda tem suas classes, ofícios, direitos e leis, como tinha anteriormente. É por isso que ele diz aqui que, muito embora seja um império dividido, a raiz, planta ou tronco de ferro estará nele.

A segunda coisa é que tais dedos divididos são desiguais, parte de ferro, parte de barro, o que Daniel interpreta como significando que ele será este tipo de império dividido, um pouco forte, um pouco fraco. Isso tem se confirmado como tal. Frequentemente, houve muitos imperadores poderosos, como Carlos Magno, os três Otos e assim por diante, que eram invencíveis. Por outro lado, existiam os fracos e desafortunados imperadores, que eram frequentemente conquistados. Disse tudo isso para que saibamos que o Império Romano será o último império. Ninguém o despedaçará, a não ser Cristo somente, com seu reino. Muitos reis se levantaram contra o império germânico, e os turcos também lutaram contra ele, e talvez eles vençam algumas batalhas, com certeza. Todavia, esta raiz ou planta de ferro não se tornará fraca, ou totalmente aniquilada. Ela permanecerá até o último dia, por mais fraca que possa ser, porque Daniel não mente, e, até aqui, a experiência tem provado isto, tanto para os papas quanto para os reis.

A terceira coisa é que tais dedos divididos de forma desigual são depois misturados. Daniel indica que será um império fraco que assinará tratados e fará alianças aqui e ali, tentando se manter unido e se fortalecer através de outros reis. Mas, não obstante, isto não acontecerá, nem achará ele algum aliado. O império, para durar, dever ter sua força e vitória somente através da providência divina. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>7</sup>

**O QUARTO REINO E O ANTICRISTO.** GIOVANNI DIODATI: [Dn 2.40, *O Quarto*] Este quarto império é considerado por muitos como referindo-se

<sup>6</sup> CTS 24.162-163 (CO 18.589-590).

<sup>7</sup> WADB 11,2.4-6. Os três Otos se referem aos Sacros Imperadores Romanos: Oto, o Grande, Oto II e Oto III. Eles reinaram de 962 a 1002 e foram grandes patronos das artes e da arquitetura.



diretamente ao Império Romano, e mesmo ao do anticristo, sobre o qual, com certeza, se fala aqui e em Daniel 7.7, o que pode muito bem ser visto em concordância. E talvez a intenção do Espírito Santo fosse dar uma figura profética deste reino neste lugar. Comumente, nos profetas, muitos eventos que aconteceram antes da vinda de Cristo foram usados para representar e predizer outros eventos que correspondem a eles e que deveriam acontecer posteriormente. Isso é visto por João em muitos lugares de seu Apocalipse, quando relaciona coisas faladas por Daniel, concernentes ao quarto império, à Roma pagã e ao anticristo. Fica mais evidente em Daniel, onde o tema desta visão referente aos impérios é reiterado. De acordo com o primeiro significado, apropriado e literal, este último império deve ser entendido como os sucessores de Alexandre, que reinaram na Síria e Egito e foram os últimos tiranos e opressores da igreja antes da vinda de Cristo à terra e que, mais do que qualquer outro, trabalharam para destruir o culto a Deus, forçando as consciências a concordarem com eles. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>8</sup>

## 2.44-45 O reino de Cristo e a virgem Maria

**A MONTANHA E A ABENÇOADA VIRGEM MARIA.** MARTINHO LUTERO: A montanha da qual a pedra foi tirada sem o uso de mãos humanas (2.45) alguns acreditam ser a abençoada virgem Maria, de quem Cristo nasceu sem assistência humana. Este não é um pensamento pagão, todavia, pode ser que a montanha seja todo o reino judaico, de onde Cristo veio, que é sua carne e sangue, e que, agora, fora tirado deles e dado às nações. Ele se tornou o Senhor de todo o mundo, em cada um destes quatro reinos, e assim o será para sempre. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>9</sup>

**A PEDRA CORTADA DA MONTANHA.** ANDREW WILLET: A maioria não entende ser o próprio Cristo representado por esta pedra. Compartilham desta opinião os autores antigos Justino Mártir, Irineu, Cipriano, Agostinho e Lyra. E quanto aos autores recentes, Bullinger en-

tende que Cristo é esta pedra: como o Salmo 118.22: *A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; e Isaías 28.16: Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada.* Melanchthon também pensa assim. Da mesma forma, Pererius, além destes testemunhos da Escritura, mostra como Cristo, esta pedra preciosa, fora prefigurado por certas pedras típicas no Antigo Testamento. Assim, Jacó erigiu pedras e as ungiu com óleo. E há, ainda, a rocha que Moisés feriu com a vara, e a água brotou. E a penha que cobriu o rosto de Moisés (Êx 33). Nestes quatro aspectos, Cristo é comparado com uma pedra: (1) em permanência; (2) em força, ele é a pedra fundamental; (3) ele é uma rocha de refúgio para todo aquele que crê; (4) e uma pedra de escândalo para o ímpio tropeçar...

Como é dito que Cristo é a pedra cortada da montanha sem o auxílio das mãos? Agostinho entende que a montanha é o povo Judeu... A maioria dos intérpretes a interpreta como a milagrosa gestação de Cristo pela virgem Maria, como Jerônimo, Teodoreto, Lyra, Vatablus. Sem auxílio de mãos significa sem a ajuda de homens. E a virgem Maria é comparada com a montanha por causa da excelência da sua virtude (Pintus). Bullinger junta estes pensamentos, entendendo a palavra *montanha* como parcialmente pertencente aos altos lugares dos céus e parcialmente ao povo Judeu, porque ele fora nascido da virgem Maria.

Mas isso não pode ser aplicado à virgem Maria, pois ela, em nenhum momento, é comparada a uma montanha em relação a Cristo e em nenhum lugar se diz que ele é como uma pedra pequena perto dela. Maria não era, de maneira nenhuma, maior que seu filho. Embora Cristo tenha nascido de Maria sem a participação de homem, ainda assim esta geração natural não aconteceu totalmente sem a ajuda da raça humana, porque ele nasceu de uma mulher. Desse modo, Justino Mártir aplica com propriedade estas palavras à geração eterna de

<sup>8</sup> *Pious Annotations* (1651), 2.40.

<sup>9</sup> *WADB* 11,2.6.

Cristo, que foi inteiramente sem ação de mãos humanas...

Portanto, o significado é que ele foi cortada da montanha, foi mandado dos céus, do mais sublime lugar (Polanus). Ele foi mandado por Deus (Calvino). Portanto, o que se diz aqui é que Deus o enviará. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>10</sup>

**O REINO DE CRISTO.** JOHN MAYER: depois do quarto reino, um quinto é profetizado, o qual é o reino de Cristo, com o que judeus e cristãos concordam. A diferença é que os judeus afirmam que Cristo ainda não veio, porque, quando ele vier, todas as monarquias terrenas serão derrotadas; enquanto isso, a monarquia romana ainda continua de pé, embora muito abalada pelos godos e vândalos, e enfraquecida pelos turcos, no oriente, e por outros reinos no ocidente. Além disso, o tempo no qual nós dizemos que ele veio, a saber, quando César Augusto era imperador, a monarquia romana estava muito forte e continuou assim até o tempo do imperador Constantino, trezentos anos depois, e daquele tempo até a vitória turca em Constantinopla. Mas isso é facilmente respondido. Isso não significa que Cristo, na sua vinda, deveria destituir todos os poderes e domínios imperiais, reinando sobre todas as nações da mesma maneira que os outros imperadores mundanos, mas sim, reinando espiritualmente todos devem se submeter a Cristo e reconhecê-lo como seu Rei e Messias e, portanto, reverenciá-lo de joelhos. Isso foi feito quando Constantino, depois de um longo período de perseguição à igreja pelos seus predecessores, submeteu a si mesmo e a sua coroa a ele, a Cristo. A idolatria foi abandonada e, deste modo, verdadeiramente a pedra quebrou tudo em pedaços: o reino de ouro que existia, o de prata, o de bronze e o de ferro foram reduzidos a pó e soprados pelo vento, para que nenhum lugar como aquele fosse achado de novo, como fora dito. Porque não havia nenhuma parte destes impérios que continuasse na idolatria, mas todos eram Cristãos, de tal forma que quem procurasse uma monarquia idólatra agora não mais poderia achá-la em lugar nenhum. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>11</sup>

**UMA PROFECIA DE CRISTO.** JOHANN GERHARD: Deve-se concluir que Cristo nasceu durante o tempo da quarta monarquia, como previamente proclamado por Daniel 2, quando o rei Nabucodonosor viu uma grande imagem cuja cabeça era de ouro, o tronco e os braços, de prata, a barriga e a região lombar, de bronze, as pernas, de ferro, os pés, parcialmente de ferro e parcialmente de barro; e, por fim, todavia, sem auxílio de mãos, uma pedra é cortada de uma montanha e destrói esta gigantesca imagem, total e completamente.

Esta imagem simbolizava os quatro reinos ou monarquias dos assírios, dos persas, dos gregos e dos romanos. Na quarta monarquia, uma pedra é retirada de uma montanha, sem o uso de mãos humanas, isto é, Cristo, a verdadeira pedra e pedra angular de nossa salvação, nasce da virgem Maria, sem nenhuma contribuição masculina. Ele começou um reinado que colocaria todos os outros em sujeição e permaneceria eternamente.

No entanto, Cristo quis nascer durante a quarta e última monarquia e, assim aconteceu, perto do fim dos tempos, para que ele pudesse mostrar que o benefício de seu nascimento se aplica, principalmente, não a esta vida, mas à vida futura. Portanto, ele também, através da lei de Moisés, quis despertar um desejo de sua vida entre os crentes do Antigo Testamento e movê-los a confessar sua inabilidade e impotência, antes de quebrar o jugo que pesava sobre eles e a vara que lhes feria os ombros e o cetro de seus opressores (Is 9.4), isto é, antes de resgatá-los do peso da lei. POSTILLA.<sup>12</sup>

**O REINO DE CRISTO.** JOÃO CALVINO: O reino de Cristo é tido como aquele que domina todos os impérios do mundo, não diretamente, mas somente acidentalmente, como o texto diz. Pois Daniel, aqui, assume um princípio

<sup>10</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 73,77-78. Teodoreto de Chipre (c. 393-c.460) foi um importante teólogo do quinto século da escola Antioquiana. Francis Vatablus (1485-547) foi um notável professor de hebraico na Universidade de Paris.

<sup>11</sup> *Prophets*, 524.

<sup>12</sup> *Postilla* 1:47.

suficientemente entendido pelos judeus, a saber, que aquelas monarquias se opunham ao reino de Cristo. Pois os caldeus tinham destruído o templo de Deus, e se esforçado ao máximo para extinguir toda a sua adoração e exterminar a piedade do mundo. No tocante aos medos e persas, embora, por sua bondade, uma permissão para retornar tenha sido dada ao povo, pouco depois os reis dos medos e persas se enfureceram contra este povo miserabilíssimo e a maior parte deles preferiu ficar no exílio a retornar para casa. Veio, então, a fúria macedônia e, embora os judeus tenham sido poupados por um pequeno período de tempo, sabemos quão impetuosamente os reis da Síria e do Egito dominaram a Judeia e com que crueldade trataram este povo aflito, com derramamento de sangue inocente e pilhagens. Outra vez, o extremo barbarismo de Antioco fica evidente, ao ordenar que todos os livros proféticos fossem queimados, com o fim de exterminar a religião (1Macabeus 1.59).

Não é de surpreender, então, que Daniel aqui contraponha o reino de Cristo a tais monarquias! Além disso, no tocante aos romanos, sabemos quão intensa e orgulhosamente eles desprezaram o nome cristão. Eles tentaram por todos os meios exterminar do mundo o evangelho e a doutrina da salvação, como se fosse uma coisa abominável. Com tudo isso, estamos familiarizados. Desse modo, para informar aos fiéis de sua futura condição até o advento de Cristo, Daniel mostra como todos os impérios do mundo serão adversos a Deus e todos os seus maiores reis e soberanos serão seus piores e mais cruéis inimigos e usarão todos os meios em seu poder para extinguir a verdadeira piedade. Desse modo, ele os exorta a levarem sua cruz e a nunca abraçarem e participarem daquelas abominações, mas a prosseguirem firmemente no curso da sua salvação, até o Redentor prometido aparecer. Declaramos isso como sendo “acidental”, já que todos os reinos deste mundo são claramente fundamentados no poder e na beneficência de Cristo; mas uma prova memorável da ira de Deus tem de existir contra eles todos, porque se levantaram contra o Filho de Deus, o Rei supremo, com tal fúria e extrema hostilidade. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>13</sup>

## 2.46-49 A promoção de Daniel.

### A CONFISSÃO DO REI. HEINRICH BULLINGER:

A confissão do rei que se segue deve ser elogiada e recomendada de todas as maneiras. Entendemos disso que o rei reconheceu e adorou o verdadeiro Deus e, daí por diante, procurou imitá-lo. A confissão de Nabucodonosor trata de muitas coisas. Primeiro, com uma incontestável certeza de espírito. Ele francamente declara: “Certamente, o vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador de mistérios.” Isto é, excede a todos os deuses e somente ele é o verdadeiro, mais nobre e o Deus maior. ...Assim, o rei reconhece que o Deus dos deuses é Senhor e Rei. E com este conhecimento, ele se submete a Deus, assim como um vassalo se submete ao seu senhor. Ele reconhece que Deus é o Senhor e governante de todos os reinos, quem governa todas as coisas através de sua providência e governa tudo com equidade. Ele confessa que Deus é o revelador de mistérios. Desse modo, Nabucodonosor reconhece em Deus uma sabedoria superior e presciência infalível. Com certeza, se atribuirmos todas essas coisas a Deus, nós certamente o confessamos como ele é. E aqui está o uso prático daquilo que aprendemos com Nabucodonosor: quando ouvimos o ensino da verdade, somos chamados a confessar a Deus sinceramente e a crer nele de todo o coração. DANIEL, O MAIS SÁBIO PROFETA DE DEUS.<sup>14</sup>

### DANIEL DIRECIONA OS ELOGIOS DO REI PARA

DEUS. JOHN MAYER: *Então, o rei Nabucodonosor se inclinou, e se prostrou rosto em terra perante Daniel. Nada é dito sobre Daniel recusar essa honra, mas isso fica implícito (Dn 2.47). Ele adorou a Deus, de quem veio esse raro conhecimento, apresentando-o ao rei como o único Deus verdadeiro, que conhece, antevê e governa todas as coisas. É dito que o rei respondeu: Certamente, o vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores. Isso efetivamente revela que, quando Daniel recusou aquela honra e*

<sup>13</sup> CTS 24.178-179 (CO 18.601-602).

<sup>14</sup> *Daniel Sapientissimus*, 22.

instruiu o rei melhor sobre Deus, a quem pertence a sabedoria de revelar mistérios, o rei respondeu como aqui se vê. Pedro também fez o mesmo diante de Cornélio, quando este o adorou, e o mesmo fizeram Paulo e Barnabé, quando os bárbaros quiseram adorá-los. Desse modo, não se deve duvidar de que Daniel, sendo guiado pelo mesmo Espírito Santo, fizesse o mesmo. Nas suas declarações anteriores, Daniel deixa claro que ele não tinha mais sabedoria de qualquer outro homem, para revelar tais segredos, mas que havia um Deus dos céus, quem o tinha revelado

Finalmente, se não tivesse recusado, ele teria pecado de maneira grave, como Herodes, aliás, ainda mais, e teria provocado Deus contra si mesmo, ao aceitar as honras divinas que lhe eram oferecidas. O quanto ele estava longe de pecar aparece anteriormente, com o seu cuidado em não se contaminar com a comida e a bebida do rei. Portanto, que ninguém, no exercício de qualquer que seja o dom, por mais raro que seja, exalte a si mesmo, mas procure a glória de Deus, e, de acordo com isso, *assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus*. E que ninguém, por aquilo que foi feito a Daniel aqui, ou mandado fazer por ignorância, justifique a adoração dos santos que já se foram. Você deve considerar, de tempos em tempos, que tipo de pessoas eram estas que ofereciam esse tipo de devoção a qualquer dos servos amados de Deus. Eles eram cegos e supersticiosos. Por esta razão, evite fa-

zer isso por medo de se tornar como eles, que pensam que estão expressando a maior devoção, mas serão condenados pela superstição cega. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>15</sup>

**A ADORAÇÃO IDÓLATRA DO REI A DANIEL.**  
WILLIAM PEMBLE: Nabucodonosor, sendo impactado pelo trabalho de Daniel, ordenou que o exaltassem como a um deus. Se ele tivesse apenas se curvado a ele em reverência, do modo que se pode agir com um profeta do Senhor (como Alexandre o fez ao sumo sacerdote e é, de fato, lícito fazer), Daniel poderia ter aceitado, mas o rei foi longe demais. Seu ato de ordenar oferta de manjares e que suaves perfumes fossem oferecidos a ele era uma flagrante idolatria. Portanto, não podia se sustentar diante da piedade de Daniel, que nem quis comer da comida do rei, a mínima aceitação dessa idolatria. Embora não seja expresso em palavras, ainda assim fica suficientemente claro que Daniel reprovou esta atitude do rei e, Desse modo, nenhuma adoração foi feita. E as próprias palavras da resposta de Nabucodonosor nos levam a pensar assim: *O rei respondeu a Daniel* (diz o texto); portanto, Daniel tinha dado sua mensagem ao rei, embora as palavras não tenham sido relatadas (*Certamente, o vosso Deus é o Deus dos deuses*). Isso mostra que Daniel tinha informado ao rei que existia somente um Deus e que a adoração divina era devida somente a ele. Podemos receber profetas e pregadores como anjos, mas não devemos recebê-los como deuses. O PERÍODO DA MONARQUIA PERSA.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> *Prophets*, 525-526.

<sup>16</sup> *Persian Monarchy* (1659), 373.

### 3.1-18 A IMAGEM DE OURO

<sup>1</sup> O rei Nabucodonosor fez uma imagem de ouro que tinha sessenta côvados de altura e seis de largura; levantou-a no campo de Dura, na província da Babilônia. <sup>2</sup> Então, o rei Nabucodonosor mandou ajuntar os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os juizes, os tesoueiros, os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais das províncias, para que viessem à consagração da imagem que o rei Nabucodonosor tinha levantado. <sup>3</sup> Então, se ajuntaram os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os juizes, os tesoueiros, os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais das províncias, para a consagração da imagem que o rei Nabucodonosor tinha levantado; e estavam em pé diante da imagem que Nabucodonosor tinha levantado. <sup>4</sup> Nisto, o arauto apregoava em alta voz: Ordena-se a vós outros, ó povos, nações e homens de todas as línguas: <sup>5</sup> no momento em que ouvirdes o som da trombeta, do pífaro, da harpa, da cítara, do saltério, da gaita de foles e de toda sorte de música, vos prostrareis e adorareis a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor levantou. <sup>6</sup> Qualquer que se não prostrar e não a adorar será, no mesmo instante, lançado na fornalha de fogo ardente. <sup>7</sup> Portanto, quando todos os povos ouvirem o som da trombeta, do pífaro, da harpa, da cítara, do saltério e de toda sorte de música, se prostraram os povos, nações e homens de todas as línguas e adoraram a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor tinha levantado.

<sup>8</sup> Ora, no mesmo instante, se chegaram alguns homens caldeus e acusaram os judeus; <sup>9</sup> disseram ao rei Nabucodonosor: Ó rei, vive eternamente! <sup>10</sup> Tu, ó rei, baixaste um decreto pelo qual todo homem que ouvisse o som da trombeta, do pífaro, da harpa, da cítara, do saltério, da gaita de foles e de toda sorte de música se prostraria e adoraria a imagem de ouro; <sup>11</sup> e qualquer que não se prostrasse e não adorasse seria lançado na fornalha de fogo ardente. <sup>12</sup> Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província da Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; estes homens, ó rei, não fizeram caso de ti, a teus deuses não servem, nem adoram a imagem de ouro que levantaste.

<sup>13</sup> Então, Nabucodonosor, irado e furioso, mandou chamar Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. E trouxeram a estes homens perante o rei. <sup>14</sup> Falou Nabucodonosor e lhes disse: É verdade, ó Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que vós não servis a meus deuses, nem adorais a imagem de ouro que levantei? <sup>15</sup> Agora, pois, estai dispostos e, quando ouvirdes o som da trombeta, do pífaro, da cítara, da harpa, do saltério, da gaita de foles, prostrai-vos e adorai a imagem que fiz; porém, se não a adorardes, sereis, no mesmo instante, lançados na fornalha de fogo ardente. E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos?

<sup>16</sup> Responderam Sadraque, Mesaque e Abede-Nego ao rei: Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder. <sup>17</sup> Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. <sup>18</sup> Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste.

**VISÃO GERAL:** O capítulo inicia com a rejeição de Deus por Nabucodonosor e sua queda na idolatria. O desejo pela idolatria é comum a todos os povos, e nossos comentaristas nos alertam sobre isso. Também vemos quão facilmente as massas seguem obedientemente as ordens ímpias do rei. A questão aqui é levantada, todavia: por que Daniel não impediu o rei em seu intento de construir esta imagem de ouro? Devemos entender o silêncio de Daniel como

pecado? A idolatria do rei leva ao orgulho e à crueldade ao proclamar a si mesmo como deus. Sadraque, Mesaque e Abde-Nego são destacados entre os judeus fiéis por desrespeitarem o decreto real. Mais uma vez surgem questões sobre Daniel. Por que ele foi poupado e também não levado à presença do rei? Os três jovens ousadamente confessaram o único e verdadeiro Deus. Aqui, temos um modelo de confissão para todos os cristãos nos dias de hoje; ele é claro e

certo. Todas as verdadeiras confissões são faladas abertas e corajosamente.

#### OS PRINCIPAIS PONTOS DO CAPÍTULO.

FILÍPE MELANCHTHON: (1) O exemplo é da cegueira e da audácia humanas instituindo uma nova forma de adoração que além da palavra de Deus. Aqui, Nabucodonosor mostra que ele rejeita a Deus. (2) A doutrina é que é necessário rejeitar a adoração ímpia. (3) Que é necessário aceitar os mandamentos de Deus acima de qualquer opinião humana ou política, leis humanas, paz, tranquilidade e até mesmo acima da nossa própria vida. (4) A blasfêmia deve ser refutada como a fala do rei é aqui refutada: *Quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos* (Dn 3.15)? (5) Que tipo de fé alguém deve ter para a libertação do corpo... (6) A glorificação dos crentes contra a blasfêmia e a punição dos ímpios, especialmente os cúmplices, que servem à fúria de outros. (7) O testemunho de que, frente ao perigo, Deus manda os anjos aos crentes, para proteger. (8) O decreto proibindo e punindo a blasfêmia, que se estende ao ofício do próprio governante. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>1</sup>

### 3.1-3 Idolatria

**O DESEJO COMUM DE ADORAR A DEUS.** João Calvino: Vemos como Nabucodonosor quis estabelecer entre todas as nações sob seu domínio uma religião na qual não haveria nenhuma mistura provinda de novidades estrangeiras. Ele temia a dissensão como uma causa de desunião em seu império. Desse modo, podemos supor que o rei deve ter consultado sua própria comodidade e seu próprio benefício, como os príncipes estão acostumados a consultar seus próprios desejos, e não as exigências de Deus, ao promulgarem editos sobre a adoração a Deus. E, desde o início, esta ousadia e imprudência têm crescido no mundo, pois aqueles que têm o poder supremo sempre ousaram fabricar divindades e foram além disso, ordenando a adoração dos deuses que eles mesmos inventaram.

Os diferentes tipos de deuses são bem conhecidos e divididos em três: o filosófico, o político e o poético. São chamados de deuses

“filosóficos” aqueles que a razão natural leva as pessoas a adorá-los. De fato, os filósofos são muitas vezes tolos quando discutem sobre a essência da adoração de Deus, mas, sabendo-se que eles seguem sempre as suas próprias fantasias, que estão, necessariamente, erradas. Pois Deus não pode ser apreendido pelos sentidos humanos, mas se manifesta a nós através de sua própria palavra; e, assim como ele desceu até nós, nós também, por nossa vez, somos levados aos céus (1Co 2.14). Mas os filósofos, nas suas discussões, têm alguns pretextos, para não parecerem totalmente irracionais e insanos. Porém, os poetas têm as fábulas que os agradam e, desse modo, têm enchido o mundo com os erros mais grosseiros e vis. Assim como todos os teatros ressoam, com as suas vãs imaginações, a mente das pessoas comuns tem sido imbuída com a mesma ilusão, pois sabemos que a disposição humana se inclina para a vaidade. Mas quando o diabo acrescenta fogo ao combustível, vemos quanto furiosamente pessoas cultas e incultas são levadas. Isso acontece quando elas se convencem da verdade do que viram representado nos seus teatros.

Desse modo, aquela religião que fora fundada sobre a autoridade dos magos fora considerada certa pelos pagãos, quando invocavam aqueles deuses “políticos” que eram recebidos pelo consentimento de todos. Aqueles que também eram considerados prudentes diziam que não era útil, de maneira nenhuma, objetar ao que os filósofos ensinavam concernente à natureza dos deuses, pois isso destruiria todos os rituais públicos e tudo aquilo que estava estabelecido, sem dúvidas, na mente das pessoas. Para os gregos e os latinos, assim como para outras nações bárbaras, que adoravam certos deuses como mera consequência de suas opiniões, e estes deuses, um dia, foram mortais. Mas os filósofos pelo menos retiveram este princípio – os deuses são eternos, e se os filósofos tivessem sido escutados, a autoridade dos magos teria sido destruída. Por isso, os mais sábios, segundo a sabedoria do mundo, não se constrangeram, como mencionei, em desejar a expulsão da filosofia das coisas sagradas.

<sup>1</sup> In *Danielem Prophetam* (1543), 40-41.

No tocante aos poetas, os mais políticos foram compelidos a sucumbir à petulância das pessoas comuns e, ainda assim, ensinavam, ao mesmo tempo, que aquilo que os poetas diziam sobre a natureza dos deuses era pernicioso. Isso, então, foi quase uma lei universal no mundo, no tocante à adoração de Deus e ao próprio fundamento da piedade – a saber, nenhuma divindade deve ser adorada, a não ser aquelas que foram ensinadas pelos nossos ancestrais. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>2</sup>

#### POR QUE DANIEL NÃO PAROU NABUCODONOSOR?

ANDREW WILLET: Alguns pensam que Daniel, estando presente, percebeu que não poderia prevalecer, sabendo que o rei estava resoluto em seu propósito (Lyra). Mas Daniel teria pecado se tivesse se calado; ele deveria ter usado os meios à sua disposição, e deixado o sucesso para Deus.

Osiander pensa que Daniel tentou ser persuasivo, mas, percebendo que não seria ouvido, retirou-se. Porém, se Daniel estivera presente em tudo, seria suspeito se ele, agora, tivesse se escondido.

Pappus é da opinião de que Daniel estava empregado em algum lugar remoto da província, nesta época. Mesmo se Daniel estivesse agora ausente, ele não poderia ter ignorado o propósito do rei. Esta grande imagem não fora feita da noite para o dia.

Por conseguinte, não se deve duvidar de que Daniel tenha feito o trabalho de um servo fiel a Deus e de conselheiro do rei antes disso e de que tenha usado todos os meios para parar esta iniciativa pagã, indo até ao ponto que podia, sem irritar demais o rei, o que teria feito acender sua ira contra toda a nação. Desse modo, ao não prevalecer, Daniel deu tempo ao tempo, esperando outros meios, agradáveis ao Senhor para converter o rei. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>3</sup>

**A IDOLATRIA DE NABUCODONOSOR.** JOHN MAYER: Neste capítulo, Nabucodonosor erige uma imagem de ouro com a altura de sessenta côvados e seis côvados de largura, ordenando a todas as pessoas a que a adorassem. Lyra diz que esta imagem era do próprio rei (sendo ele

tão orgulhoso), de forma que ele seria adorado como Deus, pois tal era o propósito da imagem, como Caio Calígula, o imperador romano, também o fizera. Esta é uma mudança estranha neste homem, que, sobre um fundamento sólido, reconheceria, um pouco antes, a natureza do verdadeiro Deus, e agora cai neste horrendo pecado de exaltar a si mesmo como Deus. Tal é a inconstância das pessoas carnis... Nabucodonosor fez isso por causa de seu orgulho excessivo, para a exaltação de seu domínio. Também é provável que ele tivesse cúmplices, a saber, seus príncipes e colaboradores, que tinham inveja dos judeus, por causa do grande favor e da autoridade que tinham sido dados a eles. Através desta ação, eles engendraram a destruição dos judeus, como a parte seguinte da história evidencia. Tal fato fica evidenciado pela grande penalidade que seria aplicada àqueles que não dobrassem seus joelhos e adorassem aquela imagem, pois suspeitava-se que nenhuma das nações sob o domínio do rei, se colocaria contra este decreto, somente os judeus. Por isso eles acusaram Sadraque, Mesaque e Abede-Nego e tentaram destruí-los na fomalha ardente... Também foi por isso que o rei chamou seus príncipes e nobres para verem o milagre preparado para aquelas três pessoas e também foi por isso que seu decreto, depois deste evento, dizia que ninguém poderia maldizer o Deus dos judeus. Pois, o que mais isso implica, senão que, antes, eles tinham falado maliciosamente de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego e contra o seu Deus? Para impedir que seus nobres e príncipes fizessem isso novamente, Nabucodonosor quis que eles presenciassem este milagre. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>4</sup>

**CUIDADO COM A IDOLATRIA.** MENNO SIMONS: A Israel não é ordenado aqui tomar a forma dos gentios. Mas, quando os vissem carregar seus ídolos, deveriam adorar e honrar somente a Deus. Se Deus tivesse mandado que eles se conformas-

<sup>2</sup> CTS 24:205-207 (CO 18.620-621).

<sup>3</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 93-94. Johann Pappus (1549-1610) era um teólogo luterano conservador e historiador da igreja.

<sup>4</sup> *Prophets*, 526.

sem, em todas as coisas, com a idolatria babilônica e só servissem ao Senhor secretamente em seu coração, então Sadraque, Mesaque e Abede-Nego teriam agido tolaemente ao se recusarem a adorar ao grande ídolo de ouro, por colocarem sua vida em risco (Dn 3). Oh, não! A obra milagrosa, mostrada a eles por Deus testemunhou que eles agiram da forma correta. Todos, então, eu digo, que ensinam que os verdadeiros crentes não estão livres da Babilônia negam, Desse modo, os méritos, a morte e o sangue de Cristo, e a fé com seu poder, e o Espírito Santo com sua liberdade, e menosprezam totalmente o sangue inocente das testemunhas dos filhos de Deus, que é derramado tão abundantemente. Que cada um atente bem para o que crê e aprende. UM FUNDAMENTO E INSTRUÇÃO CLARA.<sup>5</sup>

**O QUE É IDOLATRIA?** JOHANN WIGAND: Idolatria é adoração, isto é, reverência ou veneração de alguma coisa que não seja o verdadeiro Deus. A idolatria é contra a própria palavra de Deus. Deus pune a idolatria severamente.

A idolatria é de dois tipos. Um tipo é somente espiritual. O outro também é espiritual e, ao mesmo tempo, exterior. É tido como espiritual quando o coração se apega e é escravizado por alguma coisa que não o verdadeiro Deus, de tal forma que tira o temor, a fé e o amor devidos a Deus e os transfere para uma criatura. Desse modo, as riquezas consomem o coração humano; esta confiança em riquezas e poder é chamada de idolatria em Colossenses 3 e Efésios 5.

A idolatria é externa quando ela adorna a adoração a deuses imaginários e fictícios com coisas exteriores e alimenta sentimentos interiores. O espiritual às vezes é capaz de existir sem o exterior, embora isso não seja sempre verdade. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>6</sup>

**ADORAÇÃO INTERNA E EXTERNA.** JOÃO CALVINO: No tocante à adoração requerida, nada, a não ser uma atitude externa, era requerido pelo decreto real. O rei Nabucodonosor não ordenou uma profissão de fé nesta divindade, isto é, na divindade da estátua que ele mandou que fosse adorada; era suficiente oferecer a ela meramente uma adoração externa. Aqui vemos como a

idolatria é justamente condenada naqueles que fingem adorar ídolos, mesmo que mentalmente eles se refreiem e ajam somente pelo medo e pela obrigação imposta por uma autoridade real; esta desculpa é totalmente frívola. Vemos, então, como este rei ou tirano, embora tenha fabricado esta imagem por enganação do diabo, exigia nada mais do que o dobrar dos joelhos de todas as pessoas e nações perante sua estátua. E realmente, desta maneira, teria alienado os judeus do culto ao único Deus verdadeiro, se isso tivesse sido extorquido deles. Pois Deus deseja, primeiro de tudo, uma adoração interior e, depois, uma profissão de fé exterior. O altar principal para a adoração de Deus tem que estar situado em nossas mentes, pois Deus é adorado espiritualmente pela fé, pela oração e por outros atos de piedade (Jo 4.24). Também é necessário adicionar uma confissão externa não somente para que nos exercitemos na adoração a Deus, mas também para nos oferecermos inteiramente a ele e nos dobrarmos perante ele de corpo e alma e nos dedicarmos totalmente e ele, como nos ensina o apóstolo Paulo (1Co 7.34; 1Ts 5.23). É isso o que tenho a dizer, até o momento, sobre a adoração e a penalidade. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>7</sup>

**A OBEDIÊNCIA DO POVO AO ÉDITO REAL.** JOHANNES ECOLAMPADIO: *Então se ajuntaram* (Dn 3.3). Observe a obediência. Não existe ninguém que não obedeça ao rei, mesmo que suas ordens sejam ímpias. As principais autoridades e governadores ficaram ao lado do rei. O édito fora ouvido diligentemente e todos eles, sem dúvida, adoraram a estátua. Todos tinham um comportamento ignorante. Eles não conheciam o verdadeiro Deus. Eles se curvaram perante uma imagem inanimada e muda, da qual os humanos não recebem salvação nem punição. Eles se colocaram diante da estátua feita de material barato, com expectativa, porque o rei assim ordenou. Mesmo que alguns sentissem repulsa por esta ordem, eles não recusaram. Isso mostra o quão servis eles eram. Além do mais, o

<sup>5</sup> *Foundation*, 112.

<sup>6</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 109.

<sup>7</sup> CTS 24:210-11 (CO 18:624).



rei proclamou o seu édito com um mensageiro, incomodando duplamente, com prazer e tormenta, aqueles que estavam relutantes. Para que outra finalidade o rei empregou todos os tipos de música e ouro na estátua, a não ser para amolecer os corações mais resistentes? Para que outro fim ele acendeu a fornalha, senão para intimidar os mais tímidos e simples de mente? Assim também Satanás promove batalhas em todos os lugares, à direita e à esquerda, para que quem for apanhado pelas suas redes se submeta à punição. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>8</sup>

### 3.4-15 O orgulho e crueldade do rei

#### O ORGULHO E A BLASFÊMIA DO REI. JOÃO

CALVINO: Vemos, então, na pessoa de Nabucodonosor, como os reis se enchem de orgulho enquanto fingem ter zelo pela piedade, já que, na realidade, nenhuma reverência por Deus os influencia, enquanto eles esperam que todas as pessoas obedeam a cada comando. E dessa forma, como eu disse, eles preferem substituir Deus por si mesmos a adorá-lo e promover sua glória. Este é o significado das palavras *a estátua que eu levantei*, como se ele tivesse dito: “Vocês não têm permissão para deliberar sobre adorar esta imagem ou não; minhas ordens têm de ser suficientes para vocês. Eu a erigi propositada e intencionalmente; é sua obrigação simplesmente me obedecer.” Podemos ver como ele reivindicava o poder supremo ao fazer um deus. Nabucodonosor não está tratando de assuntos de política de estado; ele deseja que a estátua seja adorada como uma divindade, porque ele decretou isso e promulgou seu édito. E nós devemos sempre lembrar o que mencionei: que este exemplo de orgulho é posto diante de nós para nos mostrar que não devemos nos agregar a qualquer religião com imprudência, mas ouvir a Deus e depender de sua autoridade e de seus comandos, sabendo que, se ouvirmos as pessoas, nossos erros serão infundáveis. Embora os reis sejam tão orgulhosos e ferozes, mesmo assim devemos ser guiados por esta regra – nada agrada a Deus, senão aquilo que ele tenha ordenado em sua palavra; e o princípio da verdadeira piedade é a obediência que devemos prestar

somente a ele. Com respeito à blasfêmia, ela claramente demonstra a minha declaração anterior: por mais que os reis demonstrem algum desejo de piedade, mesmo assim, eles desprezam toda divindade e não pensam em nada, a não ser exaltar a sua própria magnificência. Desse modo, eles usam o nome de Deus para atrair maior reverência para si mesmos, mas, ao mesmo tempo, se decidirem mudar suas divindades centenas de vezes ao dia, nenhum senso de religiosidade os impedirá. A religião então, é, para os reis da terra, nada mais do que um pretexto; eles não têm nem reverência e nem temor a Deus em suas mentes, como a linguagem deste rei profano prova. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>9</sup>

#### A CRUELDADE DO REI. HANS DENCK:

Nabucodonosor, o rei da Babilônia, mandou construir uma estátua dourada, com uma altura de sessenta côvados e seis côvados de largura. Ele a colocou na planície de Dura, na província da Babilônia. Então o rei reuniu todos os duques, senhores, condes, juizes, etc., juntamente com todos os poderosos da terra, para que adorassem a estátua que ele tinha erigido [Dn 3.1]. Isso foi feito e proclamado ao povo pelo prefeito: “Ordena-se a vós outros, ó povos, nações e homens de todas as línguas: no momento em que ouvirdes o som da trombeta, do pífaro, da harpa, da cítara, do saltério, da gaita de foles e de toda sorte de música, vos prostrareis e adorareis a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor levantou. Qualquer que não se prostrar e não a adorar será, no mesmo instante, lançado na fornalha de fogo ardente.” Ora, quando os pífaros e músicas foram ouvidos, todas as pessoas se prostraram perante a imagem que Nabucodonosor erigiu. Naquela época, existiam uns poucos caldeus. Eles se aproximaram e delataram os judeus que não tinham adorado a imagem de ouro, desrespeitando o édito real, dizendo: “Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província da Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; estes homens, ó rei, não fizeram caso de ti, a teus deuses não servem, nem adoraram a imagem de ouro que levantaste” O rei se

<sup>8</sup> *in Daniele prophetam libri duo* (1553),42.

<sup>9</sup> CTS 24.218-219 (CO 18.629).

enraiveceu e fez com que fossem lançados dentro da fomalha, em cumprimento à sua ordem.

Assim como Jeroboão oprimiu e saqueou o povo de Israel, retirando a pele e até os ossos, com sua desobediência, rebelião, ordens e assassinatos, assim também, aqui, o rei da Babilônia lidou com seus três prefeitos. Eles eram parte do sistema, mas não por muito tempo. Como se recusaram a adorar a sua imagem, ele tinha que lançá-los no fogo, contra tudo o que era justo e reto, esquecendo-se do Deus de Daniel. Semelhantemente, leia Daniel 6 e veja o que os conselheiros de Dario planejaram contra Daniel, que adorava ao Deus dos céus e não ao rei, de acordo com o decreto. Como eram inimigos de Daniel, tentaram fazer com que fosse morto, embora, por direito, deveriam ter feito justiça. Mas Daniel era justo demais para eles e, por isso, eles adorariam apagar seu candeeiro, por assim dizer. Mas sem sucesso. Embora ele tenha passado algum tempo na cova dos leões, foram eles que foram feitos em pedaços pelos leões, pois não estavam do lado da justiça de Deus, visto serem idólatras, não estavam do lado da justiça humana, pois procuraram assassinar a Daniel, embora ele fosse inocente. Mas, como aqueles que não viviam no amor de Deus poderiam agir fraternamente em relação ao seu próximo? Eles não se importavam com a justiça e a honra de Deus. Como declarariam que o mal é mal e o bem é bem, contra a sua própria natureza? Uma pessoa tagarela não pode se conter. REFLEXÕES SOBRE MIQUEIAS.<sup>10</sup>

### 3.16-18 Os três jovens e a verdadeira confissão

#### A ACUSAÇÃO CONTRA OS TRÊS JOVENS.

HEINRICH BULLINGER: Nesta parte da história, a igreja e a verdadeira religião, que nunca deixaram de ter seus acusadores e detratores, é claramente representada. Se examinarmos a história da igreja antiga e então observarmos que hoje existem aqueles que se tornam inimigos do evangelho, descobriremos que essas coisas acontecem da mesma maneira. Aqueles que adoram a Cristo são acusados, em todas as épocas, de rebelião, desobediência, sedição e de serem

perturbadores de toda a verdade, unidade, religião e tradição. “Aqueles pessoas,” eles dizem, “desprezam tudo que veio antes delas; de fato, desprezam e ridicularizam reis e príncipes, cardeais e bispos, os decretos dos santos pais, a honra e as tradições antigas e, finalmente, rejeitam o consenso de todos os concílios antigos e os desprezam e os insultam. Desse modo, eles são ingratos e não têm consideração por Deus e pelo povo.” DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>11</sup>

**POR QUE SOMENTE SADRAQUE, MESAQUE E ABEDE-NEGO?** ANDREW WILLET: Parece que os principais homens foram chamados e que as pessoas comuns não estavam presentes. Ou, pelo menos, os principais homens foram os mais marcados e observados, pois seus exemplos poderiam ser seguidos pelo resto das pessoas (Pererius). Mas parece, pela acusação geral aos judeus (Dn 3.8), que existiam mais judeus presentes além dos três.

Pode-se supor, também, que os judeus comuns, que estavam presentes, por causa do medo, fizeram o que os outros fizeram, curvaram-se e adoraram. Desse modo, escaparam da ira do rei (Pererius). Aliás, é muito provável que muitos judeus, no tempo do exílio, tenham sucumbido à adoração dos deuses dos caldeus, porque muitos deles tinham sido idólatras em seu próprio país, motivo pelo qual foram levados para o cativeiro. Que alguns outros judeus, além destes três, se recusaram a prostrar pode ser deduzido pela acusação geral contra os judeus. No entanto, a acusação recaiu especialmente sobre estes três jovens.

Portanto, esta é provavelmente a causa pela qual estes três foram escolhidos, porque tinham sido elevados a uma posição honrada no governo e, por isso, eram invejados e caluniados pelos caldeus. E isso pode ser entendido pela maneira como a acusação fora feita (Dn 3.12), em que eles especialmente realçam o fato de o rei tê-los investido de autoridade sobre a província da Babilônia, o que parecia ser um fato que os desagradava muito. A razão pela qual Daniel não

<sup>10</sup>Writings, 105-106.

<sup>11</sup>Daniel Sapientissimus, 27.

fora acusado com o resto foi por causa de sua ausência. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>12</sup>

**POR QUE DANIEL FOI POUADO?** JOÃO CALVINO: É incerto se eles falaram de toda a nação de um modo geral, de todos os exilados, ou apontaram somente para aquelas três pessoas. A acusação foi provavelmente restrita a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Se estes três pudessem ser subjugados, a vitória sobre o restante dos judeus seria muito mais fácil. Poucos puderam ser achados no meio do povo com a capacidade de resistir. Podemos acreditar que estes queixosos desejaram atacar aqueles que eles sabiam ser resistentes e mais consistentes que todos os outros e removê-los das honras que eles não conseguiam suportar que os judeus tivessem. Pode-se perguntar, então, por que eles pouparam a Daniel, sabendo que ele nunca consentiria em dissimular, adorando a estátua que o rei tinha mandado erigir. Eles devem ter deixado Daniel em paz por um tempo, pois sabiam que ele tinha o favor do rei, mas acusaram estes três porque eles poderiam ser oprimidos com muito mais facilidade. Penso que eles devem ter conspirado. Desse modo, sem citar Daniel com os outros três, para abrandar a ira do rei. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>13</sup>

**DANIEL É POUADO.** JOHN MAYER: Se foi perguntado como aconteceu de Daniel não ter sido acusado junto com seus três companheiros, a resposta é que ele se sentava nos portões do rei e, assim, estando acima de todos os seus príncipes e nobres e sendo o braço direito do rei, a proclamação não o atingia mais do que ao próprio rei, estando ele muito provavelmente sentado ao lado rei, como um expectador daquilo que foi feito; ou em razão de sua posição não permitir que ele deixasse os portões do rei e julgasse as questões trazidas a ele. E isto eu credo ser o mais provável, porque, se ele tivesse estado lá, com o rei, ele certamente teria se manifestado contra a idolatria grosseira e em favor de seus companheiros, que não se conformaram com o pedido. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>14</sup>

**A CONFISSÃO DO VERDADEIRO DEUS.** JOÃO CALVINO: Nesta história, é necessário observar o espírito inflexível com que estes três homens santos persistiram no temor de Deus, embora sabendo que corriam o perigo de uma morte instantânea. Portanto, quando esse tipo de morte foi colocado diante de seus olhos, eles não recuaram, mas consideraram a glória de Deus como mais valiosa do que suas próprias vidas; sim, mais do que cem vidas, se eles as tivessem para oferecer a Deus.

...Fica implícito que o medo da morte foi colocado diante deles em vão, porque eles tinham determinado e resolvido, no mais íntimo de suas almas, não se afastarem um milímetro sequer da verdadeira e legítima adoração a Deus. Além do mais, eles, aqui, dão uma razão dupla para rejeitarem a proposta do rei. Eles disseram que Deus tinha poder e força suficientes para libertá-los, ou, mesmo que tivessem de morrer, suas vidas não eram tão valiosas, a ponto de fazê-los negar a Deus para preservá-las. Assim, eles se declararam preparados para morrer, se o rei persistisse em sua determinação de fazê-los adorar a imagem. Desse modo, esta passagem é merecedora de maior atenção.

E quando eles acrescentam: *Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste*, eles nos indicam aquilo que deve elevar nossa mente acima das provações, a saber, a preciosidade da nossa vida aos olhos de Deus, sabendo que ele pode nos libertar, se assim lhe aprover. Portanto, sabendo que temos proteção suficiente em Deus, não pensemos em nenhum método para preservar nossa vida melhor do que nos entregarmos inteiramente a sua proteção e lançarmos sobre ele todos os nossos cuidados. E, no tocante à segunda cláusula, devemos perceber isto: mesmo se o Senhor desejar magnificar sua própria glória através da nossa morte, devemos oferecê-la como um sacrifício legítimo; e a piedade since-

<sup>12</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 98.

<sup>13</sup> CTS 24:215 (CO 18:627).

<sup>14</sup> *Prophets*, 526-527.

ra não floresce em nosso coração a não ser que nossa mente esteja sempre preparada para fazer este sacrifício. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>15</sup>

**DEUS LIVRARÁ.** JOHANN WIGAND: *Eles responderam* (Dn 3.16). Sem dúvida, o rei pensou que, por sua própria majestade, pelas suas próprias palavras cruéis e severas, ele dobraria estes homens e que eles implorariam por perdão, humildemente, ficando de joelhos e prostrando-se perante a estátua...

*Nenhuma resposta necessária* (Dn 3.16). Eles dizem: “Quanto a isto, não necessitamos te responder.” Eles concluem que a estas palavras – isto é, à blasfêmia contra o verdadeiro Deus – Deus responderá por si mesmo.

*Se assim o for* (Dn 3.17). De maneira nenhuma eles omitem a sua confissão com o silêncio. Com um discurso eloquente, eles declaram a glória de Deus e professam que este Deus a quem eles adoram é verdadeiro e que ele é capaz de livrá-los. Eles se opõem à blasfêmia do rei com uma fé ardente e excelente – como se o Deus dos judeus não fosse capaz de libertá-los! Eles sabiam, com certeza, que Deus era onipotente em todas as suas obras. Tinham adquirido esse conhecimento através de várias narrativas históricas. Eles sabiam que ele é capaz de fazer uso da sua criação, em sua liberdade absoluta, contrário a causas secundárias, para cumprir a sua livre vontade. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>16</sup>

**A FÉ DOS TRÊS JOVENS.** TIELEMAN J. VAN BRAGHT: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego temiam a Deus, o Senhor, mais do que todos os tormentos do rei tirânico e preferiam sofrer uma morte temporal e permanecer com seu Deus a abandoná-lo. Daniel, rico em espírito e forte em fé, não ficou aterrorizado com a cova dos leões em que seria lançado e preferiu isso a adorar qualquer deus além do seu próprio Deus. UM MARTIROLÓGIO DAS IGREJAS DE CRISTO.<sup>17</sup>

**A CONFISSÃO DE FÉ.** HEINRICH BULLINGER: Esta é a forma de uma verdadeira e nobre confissão: deve ser clara e precisa, e não ambígua ou enganosa (a qual poderia ser mal interpretada para um propósito diferente) e apresentada de acordo com as convicções religiosas das pessoas. Uma confissão genuína confessa o que é verdade de forma aberta e, corajosamente, nega o que é falso. Os cristãos da antiguidade confessaram: “Eu creio em Cristo, o Filho de Deus, e eu não creio em nenhum dos outros deuses. Eu adoro a Deus em espírito e não adoro nem venero ídolos. A nossa religião vem dos céus e é certa. A sua religião, pelo contrário, é supersticiosa e vem do diabo; ela não é certa e não possui nada de bom.” Estes são os tipos de confissão achados nos atos de mártires na história da igreja. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> CTS 24:219-222 (CO 18:630-632).

<sup>16</sup> *Explicatio Brevis* (1571).

<sup>17</sup> *Martirology* 1:215.

<sup>18</sup> *Daniel Sapientissimus*, 27.

## 3.19-30 A FORNALHA ARDENTE E O DECRETO DO REI

<sup>19</sup> Então, Nabucodonosor se encheu de fúria e, transtornado o aspecto do seu rosto contra Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, ordenou que se acendesse a fornalha sete vezes mais do que se costumava. <sup>20</sup> Ordenou aos homens mais poderosos que estavam no seu exército que atuassem a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego e os lançassem na fornalha de fogo ardente. <sup>21</sup> Então, estes homens foram atados com os seus mantos, suas túnicas e chapéus e suas outras roupas e foram lançados na fornalha sobremaneira acesa. <sup>22</sup> Porque a palavra do rei era urgente e a fornalha estava sobremaneira acesa, as chamas do fogo mataram os homens que lançaram de cima para dentro a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. <sup>23</sup> Estes três homens, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, caíram atados dentro da fornalha sobremaneira acesa.

<sup>24</sup> Então, o rei Nabucodonosor se espantou, e se levantou depressa, e disse aos seus conselheiros: Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? Responderam ao rei: É verdade, ó rei. <sup>25</sup> Tornou ele e disse: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses.

<sup>26</sup> Então, se chegou Nabucodonosor à porta da fornalha sobremaneira acesa, falou e disse: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, servos do Deus Altíssimo, sai e vinde! Então, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego saíram do meio do fogo. <sup>27</sup> Ajuntaram-se os sátrapas, os prefeitos, os governadores e conselheiros do rei e viram que o fogo não teve poder algum sobre os corpos destes homens; nem foram chamuscados os cabelos da sua cabeça, nem os seus mantos se mudaram, nem cheiro de fogo passara sobre eles. <sup>28</sup> Falou Nabucodonosor e disse: Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo e livrou os seus servos, que confiaram nele, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar o seu corpo a servirem e adorarem a qualquer outro deus, senão ao seu Deus. <sup>29</sup> Portanto, faço um decreto pelo qual todo povo, nação e língua que disser blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego seja despedaçado, e as suas casas sejam feitas em monturo; porque não há outro deus que possa livrar como este. <sup>30</sup> Então, o rei fez prosperar a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na província da Babilônia.

**VISÃO GERAL:** Os três jovens são jogados em uma fornalha, mas uma quarta pessoa aparece entre eles. Nossos comentaristas se dividem no tocante à identidade desta quarta pessoa. Seria um anjo? Seria o Filho de Deus? Os três são salvos por Deus, que é o protetor da vida. Depois do livramento, o rei confessa o verdadeiro Deus e proclama um decreto, proibindo qualquer pessoa, nação ou língua de blasfemar contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Surge, então, um novo debate entre nossos comentaristas sobre se o rei verdadeiramente acreditava nas coisas que disse ou não.

### 3.19-23 A fornalha

**A FÚRIA DE NABUCODONOSOR.** JOÃO CALVINO: Com referência ao rei Nabucodonosor, Daniel, aqui, mostra, como em um vidro, o or-

gulho e a altivez de reis quando veem seus decretos serem desobedecidos. Certamente uma mente de ferro amolece pela resposta que acabamos de narrar, ao ouvir Sadraque, Mesaque e Abede-Nego entregando as suas vidas a Deus; mas quando se ouviu que eles não poderiam ser demovidos de sua fé nem pelo medo da morte a ira do rei somente cresceu. Ao considerar esta fúria, temos que reconsiderar o poder de Satanás em tomar e ocupar a mente das pessoas. Pois não há moderação nelas, mesmo se mostrarem alguma esperança de virtude. Pois, como temos visto, Nabucodonosor fora dotado de muitas virtudes, mas quando Satanás o assediava, não discernimos nada além de crueldade e barbarismo em Nabucodonosor. Enquanto isso, lembremo-nos de quão agradável é a nossa firmeza em relação a Deus, embora não produza frutos imediatos perante o mundo. Pois muitos

cedem ao prazer ao pensar que seria desagradável dedicarem-se à morte sem nenhuma utilidade aparente. E, com este pretexto, eles se desculpam por não labutarem mais ousadamente pela glória de Deus, supondo que seu trabalho seria em vão e sua morte, infrutífera. Mas ouvamos o que Cristo diz, a saber, que este sacrifício é agradável a Deus, quando morremos pelo testemunho da doutrina celestial, embora a geração perante a qual testemunhamos o nome de Deus seja adúltera e perversa. sim. até mesmo endurecida pela nossa constância (Mt 5.11; 10.32; Mc 8.38). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>1</sup>

### 3.24-25 Uma quarta pessoa aparece

A QUARTA PESSOA É UM ANJO. JOÃO CALVINO: Nabucodonosor diz: *Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses.* Sem dúvida, Deus mandou um de seus anjos para apoiar, por meio de sua presença, a mente dos seus santos, para que não desfalecessem. Foi, de fato, um espetáculo formidável ver a fornalha tão quente e ali serem lançados aqueles homens. Através desta consolação, Deus desejou acalmar a ansiedade e amainar a tristeza de seus servos, ao mandar este anjo para lhes fazer companhia...

Somente um anjo foi enviado para estes três homens; Nabucodonosor o chama de um filho dos deuses, não porque pensasse que fosse o Cristo, mas, de acordo com a opinião geral, que anjos são filhos de Deus, pois uma certa divindade é resplandecente neles; Desse modo, eles chamam os anjos, de modo geral, de filhos de Deus. De acordo com este costume, Nabucodonosor diz: o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses. Pois ele não poderia reconhecer o Filho unigênito de Deus, pois, como vimos, ele estava cego por tantos e tão depravados erros. E se alguém dissesse que isso foi entusiasmo, isso seria forçado e frio. Esta simplicidade, então, será suficiente para nós, já que Nabucodonosor falou na maneira usual, quando um anjo foi mandado para aqueles três homens- – pois, como já disse, era

costume chamar os anjos de filhos de Deus. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>2</sup>

#### UMA QUARTA PESSOA APARECE ENTRE ELES.

HEINRICH BULLINGER: O rei acrescenta a esta narrativa aquilo que viu, algo extraordinário. Existia agora uma quarta pessoa, que se juntou aos três, cuja aparência é relatada como a de um filho de Deus ou dos deuses. O rei reconhece o poder divino através do qual os mártires são protegidos. Ora, de acordo com a edição de Theodotion, a quarta pessoa é chamada de “anjo de Deus.” O próprio rei, em sua doxologia diz: “Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo e livrou os seus servos. que confiaram nele.” Com razão, Apolinário e muitos outros intérpretes pensam que este anjo é um tipo de Cristo, o Emanuel, isto é, ele é chamado Deus conosco, pois não há dúvida de que ele esteja sempre presente com o Pai e ele mesmo permanece sempre conosco para cuidar de nós em todos os perigos e, finalmente, para apresentar cada serviço não somente ao Pai, mas também a nós, porque Cristo deve estar presente e ser apresentado. Desta maneira exaltada, o rei publicou este maravilhoso milagre e o entregou a todo o mundo. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>3</sup>

#### A QUARTA PESSOA É O FILHO DE DEUS.

JOHANN WIGAND: *E o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses* (Dn 3.25). É controverso, entre os comentaristas, quem é esta pessoa que apareceu na fornalha com os jovens, restringindo e alterando os elementos naturais, de tal forma que, eles não foram destruídos pelo fogo, o qual, de outra forma, consumiria todas as coisas. Alguns entendem que era um “anjo”, isto é, um espírito celestial criado e mandado por Deus dos céus. Esta opinião repete a voz do anjo (cf. Dn 3.49 Vg). Outros entendem, mais simplesmente, que este é o próprio Filho de Deus, que, pessoalmente, se junta aos mártires, os

<sup>1</sup> CTS 24:226-227 (CO 18:635).

<sup>2</sup> CTS 24:230-231 (CO 18:638-639).

<sup>3</sup> *Daniel Sapientissimus*, 32. Theodotion era um erudito judeu da metade do segundo século, responsável pela versão grega da Bíblia Hebraica.

livra do perigo mortal e eles se maravilham deste poder. Ora, sem dúvida é dito, enfaticamente, que sua aparência era como a do Filho de Deus. E Deus desejou ser conhecido por este fato em toda a igreja. O nome “anjo” é comumente atribuído ao Filho de Deus quando ele é chamado de “o Anjo do Grande Conselho” (Is 9.6 LXX). Também Jacó se dirigiu a Deus, não a uma criatura, quando disse “o Anjo que me tem livrado” (Gn 48.16). Eu aceito esta última posição. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>4</sup>

**O ANJO DE DEUS.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Não é de surpreender se, para consolo dos seus servos, o Senhor, Emanuel, que anteriormente havia se mostrado a Abraão, Jacó e Moisés, tenha aparecido, tornando-se, por um tempo, visível, com aparência corporal, como é o costume dos anjos... *Quem enviou o seu anjo* (Dn 3.28). Isto verdadeiramente é um tipo, pois, como eu disse, Cristo, o Filho de Deus, é o anjo. O mundo de tribulações acende um fogo; é a fornalha na qual somos testados. O Anjo Cristo vem, experimentando conosco as nossas misérias, até mesmo descendo até o inferno. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>5</sup>

**O APARECIMENTO DE CRISTO NA FORNALHA.** JOHN MAYER: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, os mais valorosos campeões de Deus, lançados na fornalha extraordinariamente aquecida, foram vistos andando com um quarto homem, que estava entre eles como o Filho de Deus. ...Esta aparição era, certamente, um prelúdio de sua futura encarnação e, depois dela, de sua permanência com seu povo até o final dos tempos; uma presença especialmente vista em meio aos sofrimentos de seu povo, como com Estêvão, antes de ele ser apedrejado. Assim entende Tertuliano, que diz que Cristo apareceu ao rei da Babilônia na fornalha ardente, a quarta pessoa como seus mártires, como o Filho de Deus.

Mas Polanus segue a tradução da Vulgata, que traz uma narrativa com as seguintes palavras: *eles caíram presos na fornalha e andaram livremente no meio do fogo sem qualquer dano, pois o Anjo do Senhor desceu para junto deles no mesmo momento e retirou as labaredas de fogo para fora da fornalha e preservou os ser-*

*vos de Deus seguros sem nenhum problema, sendo refrescados, por assim dizer, como um orvalho caindo sobre eles de maneira agradável.*

...A partir disto, Polanus argumenta que o quarto homem era um anjo, e não uma representação de Cristo, o Cristo que, mais tarde, seria feito homem nascido de uma mulher. E ele argumenta, considerando o ponto de vista de quem falava, um pagão, que, portanto, não conhecia qualquer distinção de pessoas na Divindade, mas falou aqui de um anjo como o Filho de Deus. Além disso, Polanus diz que mesmo os pagãos sabiam que existiam anjos e que o rei não disse que viu o Filho de Deus, mas alguém que era como ele. Com isso, Polanus conclui que não foi Cristo quem apareceu, mas um anjo em um corpo, como o próprio Nabucodonosor o chama (Dn 3.28). Desse modo, Polanus conclui contra o testemunho dos Pais da igreja...

Observe a certeza dos milagres que Deus realizou na antiguidade e que tinham tantas testemunhas; não podemos ser incrédulos, mas acreditar, como se nós mesmos os tivéssemos visto, crendo que nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, está presente, embora de forma invisível, com todos os seus servos fiéis em seus sofrimentos, para suavizá-los de modo que possam suportá-los, sejam eles quais forem. Ele estava, agora, na fornalha de forma visível. As palavras semelhante a um filho dos deuses significam que podemos dizer de um homem extraordinário, pelo que ele usa e por sua glória, que ele é um rei, mas se nunca o vimos antes, dizemos que ele é “como” um rei. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>6</sup>

**A DIFERENÇA TEXTUAL ENTRE O HEBRAICO E GREGO OU LATIM.** HEINRICH BULLINGER: Depois destes eventos, segue-se [a oração de Azarias e o Hino dos três jovens] no texto em latim, o qual é extraído da edição grega de Theodotion, mas não é lido em hebraico. Temos primeiro oração de Azarias ou Sadraque e, depois, um hino muito eloquente cantado pelos três mártires no meio da fogueira, ado-

<sup>4</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 134-135.

<sup>5</sup> *In Daniele prophetam libri duo* (553), 51-53.

<sup>6</sup> *Prophets*, 527-529.

rando a Deus com gratidão. DANIEL, O MAIS SÁBIO PROFETA DE DEUS.<sup>7</sup>

### 3.26-27 A proteção de Deus

**A CRUZ E A TRIBULAÇÃO.** JOHANN GERHARD: Deus conosco em nossa cruz e tribulação. Ele nos conforta, ajuda e definitivamente nos livra (SI 91.3,15). Se o infernal “rei da Babilônia” nos joga no forno aceso de cruz e tribulação, então Deus envia o seu anjo para nos revigorar e nos renovar com o orvalho de sua graça. Postilla.<sup>8</sup>

**O GUARDIÃO E PROTETOR DA VIDA.** JOÃO CALVINO: Aqui Daniel relata o milagre pelo qual Deus libertou os seus servos. Ele tem duas partes: primeiro, estes três homens santos andaram ilesos no meio das chamas, e o fogo consumiu aqueles que os jogaram dentro da fornalha. O profeta diligentemente enumera tudo aquilo que tende a provar o poder de Deus.

...O sentido do profeta não é, de maneira nenhuma, obscuro, já que as extremidades das chamas, consumiram aqueles que estavam ao seu redor, enquanto Sadraque, Mesaque e Abed-Nego andaram pelo combustível, nas chamas. Eles não estavam na extremidade da chama, pois isso seria como se o profeta tivesse dito que os escravos do rei foram consumidos pela fumaça e o fogo não teve o menor efeito nos servos de Deus. Daí ele dizer que estes três *caíram atados dentro da fornalha sobremaneira acesa*. Dizer que *eles caíram*, significa que eles não poderiam ter feito nada para cuidar de si mesmos ou tentar escapar, pois o profeta acrescenta que *eles estavam atados*. Isto poderia naturalmente tê-los sufocado até que fossem imediatamente consumidos, mas eles permaneceram ilesos e andaram livremente dentro da fornalha. Aqui vemos o quão evidente foi o poder de Deus e como nenhuma falsidade de Satanás pode obscurecê-lo. E depois, quando as próprias chamas, ou as fagulhas, devoraram os servos do rei, mais uma vez se mostra a obra de Deus. Enquanto isto, o resultado da história é a preservação destes três homens santos, surpreendentemente além de suas expectativas.

Este exemplo é colocado diante de nós para nos mostrar como nada é mais seguro do que

colocar Deus como guardião e protetor de nossas vidas. Pois não devemos esperar ser preservados de todo e qualquer perigo porque aqueles santos homens foram preservados; devemos esperar libertação da morte, se isso for útil, e, não obstante, não devemos hesitar em enfrentá-la sem medo, se Deus assim o desejar. Mas devemos entender, por meio da presente narrativa, a suficiência da proteção de Deus, se ele desejar prolongar nossas vidas, pois sabemos que nossa vida é preciosa para ele; e está inteiramente sob seu poder a opção de nos salvar dos perigos ou de nos levar para uma existência melhor, de acordo com seu desejo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>9</sup>

**A ONIPOTÊNCIA DE DEUS.** HEINRICH BULLINGER: Além disso, aprendemos com esta história que Deus é onipotente, embora o poder de sua onipotência nem sempre seja demonstrado; isto é, embora ele nem sempre faça o que é capaz de fazer. Mas não é uma falta de poder ou uma oportunidade de negar sua onipotência quando Deus não concede graciosamente tudo o que ele é capaz. “Nós sabemos”, dizem os mártires, “que nosso Deus é onipotente e, portanto, é capaz de nos livrar. Se ele desejar nos livrar no tempo presente, nós não afirmamos precipitadamente, mas permanecemos seus filhos e, nestas circunstâncias, ele fará o que deseja. Ele deseja à distância o que é proveitoso para nós e aquilo que lhe trará glória. Certamente, se ele não desejar nos libertar, isso é de fato o que é apropriado e útil. Nós não o acusaremos de falsidade e nunca adoraremos a sua estátua.” Desse modo, devemos distinguir entre as promessas de Deus, que são espirituais, eternas e verdadeiramente prometidas a nós pela sua graça e aquelas promessas de benefícios corporais e temporais. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>10</sup>

**POR QUE NEM SEMPRE DEUS LIVRA OS SEUS SERVOS?** ANDREW WILLET: Se Deus fizesse isso

<sup>7</sup> *Daniel Sapientissimus*, 31.

<sup>8</sup> *Postilla* 1:390.

<sup>9</sup> CTS 24:228-229 (CO 18:636-637).

<sup>10</sup> *Daniel Sapientissimus*, 29.



tão habitualmente, então o milagre não pareceria tão grande, ou o poder e glória de Deus não seriam, assim, tão evidentes. Está nas mãos de Deus e depende de sua decisão libertar seus santos dos perigos temporais ou levá-los para a imortalidade. Ele sabe perfeitamente o que é melhor para cada um de nós. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>11</sup>

### 3.28 O verdadeiro e bendito Deus

**A CONFISSÃO INÚTIL E INSINCERA DE NABUCODONOSOR.** JOÃO CALVINO: Isto, com certeza, não é uma confissão comum, mas o evento provou quão subitamente o rei Nabucodonosor agiu por impulso, sem ter a raiz viva do temor de Deus em seu coração. E repito isto para mostrar que o arrependimento não consiste em uma ou duas obras, mas na perseverança, como diz Paulo: “Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (Gl 5.25). Aqui Deus requer constância dos fiéis, através da qual ele se mostra ser verdadeiramente nascido de novo, do Espírito de Deus. Nabucodonosor celebrou o Deus de Israel como se inspirado por um entusiasmo, mas, ao mesmo tempo, ele misturou os seus ídolos com o Deus verdadeiro, de modo que não houve nenhuma sinceridade nele. Então, quando os ímpios sentem o poder de Deus, eles não ousam continuar obstinadamente indo contra ele, mas desejam apaziguá-lo através de um falso arrependimento, sem se desfazer de sua disposição natural. Desse modo, rapidamente concluímos que Nabucodonosor continuou sempre o mesmo, embora Deus tenha extraído dele a sua confissão: *Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego!*

Por que ele não fala dele como seu próprio Deus? Isso seria justificado se ele tivesse realmente se dedicado ao Deus de Israel e desistido de suas superstições anteriores. Como ele não agiu assim, sua confissão é inútil; não que ele tenha desejado obter o favor do povo ou causar uma boa impressão pelo que disse, mas ele enganou a si mesmo, como o fazem os hipócritas. Ele pronunciou que o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego seja bendito; se realmente tivesse sentido isso, ele, ao mesmo tempo,

amaldiçoaria seus ídolos, pois a glória do único Deus verdadeiro não pode ser exaltada sem que todos os ídolos sejam reduzidos a nada. Pois como pode o louvor de Deus existir sem que sua existência seja exclusivamente notável? Se qualquer outra divindade se opuser a ele, sua majestade já está completamente enterrada na obscuridade. Por isso podemos entender que Nabucodonosor não foi tocado com o verdadeiro arrependimento quando ele bendisse o Deus de Israel.

Ele acrescenta: *que enviou o seu anjo e livrou os seus servos.* Aqui Daniel mostra mais claramente a ausência da conversão de Nabucodonosor e a sua falha em aceitar o Deus de Israel e adorá-lo com uma clara e completa entrega de suas afeições. Por quê? Porque a piedade é sempre baseada no conhecimento do verdadeiro Deus, e isso requer instrução. Nabucodonosor sabia que o Deus de Israel era majestoso através da demonstração de seu poder, pois ele não poderia desprezar tal espetáculo de poder apresentado a ele, mesmo que quisesse. Aqui ele confessa que o Deus de Israel era poderoso, pois tinha aprendido isso através de um milagre; mas isso, como já lembrei a vocês, não é o suficiente para uma piedade sólida, a não ser que a instrução seja acrescentada e ocupe o primeiro lugar. Eu admito, de fato, que os milagres preparam as pessoas para crer, mas se eles só ocorrerem sem que o conhecimento de Deus seja acrescentado através de sua palavra, a fé se desvanecerá, como no exemplo marcante posto aqui diante de nós. Podemos dizer que a fé de Nabucodonosor foi momentânea porque, enquanto seus sentidos estavam fixados nos milagres, ele estava contente com o espetáculo, sem inquirir sobre o caráter do Deus de Israel e o propósito de sua lei. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>12</sup>

**ERA NABUCODONOSOR UM CONVERTIDO?**  
ANDREW WILLET: Pererius acha que Nabucodonosor foi verdadeiramente convertido, o que ele provaria pelos efeitos que se seguiram, a saber, estes

<sup>11</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 105.

<sup>12</sup> CTS 24:236-237 (CO 18:642-643).

quatro: (1) a confissão de seu erro; (2) o avanço da verdadeira religião; (3) a exaltação daqueles que temiam a Deus; (4) e a severa punição de todos os blasfemos e inimigos de Deus. Mas estes foram efeitos temporários. Eles não continuaram. Desse modo, não eram sinais de verdadeira conversão.

A mais verdadeira opinião é que Nabucodonosor foi apenas movido e afetado por um tempo, por causa da estranheza do milagre. Ele não era verdadeiramente convertido. Como foram os efeitos de sua fé, tal era a sua fé; mas os efeitos foram apenas temporários; eles duraram por pouco tempo, pois, no capítulo seguinte, ele procura de novo seus adivinhadores, para a interpretação de seu sonho (Junius). Ele não poderia ter a verdadeira fé porque ele não tinha o verdadeiro conhecimento de Deus, vendo que, na mesma hora, por assim dizer, um pouco antes, ele tinha ordenado que a imagem de ouro fosse adorada. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>13</sup>

**DEUS É CONFESSADO.** MARTINHO LUTERO: No terceiro capítulo, Daniel escreve sobre outro grande e maravilhoso sinal de fé. Os três homens são mantidos vivos na fornalha ardente para que Deus fosse confessado e adorado pelo rei (Nabucodonosor) em todo o reino, mesmo nas declarações públicas. Isso também aconteceu para o consolo dos judeus exilados, que, juntamente com seu Deus, eram desprezados e tidos como nada entre os tiranos e falsos deuses da Babilônia. Todavia, aqui seu Deus é tremendamente honrado acima de todos os deuses, para que eles cressem firmemente que ele é capaz e desejoso de salvá-los, na hora certa, e, por hora, deveriam se agarrar firmemente à honrada e a milagres como estes e se consolarem. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>14</sup>

**SOMENTE DEUS PODE LIVRAR.** HEINRICH BULLINGER: E, de fato, o rei glorifica o verdadeiro Deus, quando diz: “Ele mandou seu anjo e resgatou ou livrou os seus mártires” (Dn 3.28). Na Vulgata está escrito “o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.” Neste texto, ele menciona o Deus de Sadraque, Mesaque e

Abede-Nego. Assim como Deus tinha anteriormente mostrado seu poder em favor de Abraão, Isaque e Jacó, assim também agora ele mostra seu poder e benevolência a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. É um poder especial de Deus para proteger, libertar e resgatar da morte e de todo perigo. Estes poderes não são atribuídos a ninguém, a não ser ao único e verdadeiro Deus. Eu admito que juízes e apóstolos ou doutores da igreja, são chamados de “libertadores” (*servatores*), mas por nenhuma outra razão a não ser a de que Deus os usa no ofício do ministério como “libertadores”. Neste texto, é dito sobre Deus que ele enviou o seu anjo e “libertou” os mártires do meio das chamas. O anjo não livrou os mártires; Deus os livrou, porém através do ministério do anjo. É somente Deus que envia anjos. Estes são espíritos e ministros de Deus. Uma vez o evangelista João quis adorar um anjo, mas ele ouviu: “Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.” (Ap 22.9). Toda a terra é iluminada e recebe vida pela luz do sol, mas quem adoraria o sol ao invés de Deus? Ou quem adoraria a ambos, o sol e Deus, que estabeleceu o sol, o qual dá luz e age através do poder de Deus? Como rei, Nabucodonosor, aqui, claramente confessa e glorifica a libertação de Deus, através da qual ele resgatou e libertou seus mártires. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>15</sup>

### 3.29-30 O decreto

**O DECRETO DE NABUCODONOSOR.** JOÃO CALVINO: Aqui, Nabucodonosor é instado a ir mais longe – devemos usar esta frase – já que ele não aceita a adoração do Deus único de todo o seu coração e não dá adeus a seus erros. Desse modo, é como se Deus o estivesse empurrando violentamente para frente enquanto ele promulga o seu decreto. Este decreto é, por si só, piedoso e digno de louvor; mas, como já dissemos, Nabucodonosor é levado por um impulso cego e turbulento, porque a piedade não tinha

<sup>13</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 105.

<sup>14</sup> WADB 11,2:6.

<sup>15</sup> *Daniel Sapientissimus*, 33-34.

raiz em seu coração. Embora estivesse sempre concentrado neste milagre, sua fé nada mais é do que momentânea e seu temor a Deus é apenas parcial.

Por que, então, Nabucodonosor é visto como patrono da glória de Deus? Porque ele estava assustado por causa do milagre e, agindo por impulso, não poderia ser refreado somente pelo temor de Deus. E, finalmente, este desejo que ele expressa nada mais é do que um movimento evanescente. É útil salientar isto, já que vemos muitos que agem com zelo impetuoso e entusiasmo violento para reivindicar a glória de Deus, mas eles não têm tato e bom senso, de forma que não merecem nenhum louvor. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>16</sup>

**O DECRETO DE NABUCODONOSOR.** HEINRICH BULLINGER: Como não é suficiente confessar o

Senhor e proclamar seu nome, a não ser que também impeçamos ou proibamos os insultos e blasfêmias contra o Senhor, de acordo com a nossa capacidade, logo após sua confissão ou doxologia o rei promulgou um decreto severo que se opôs violentamente a qualquer blasfêmia contra Deus.

...Nabucodonosor serviu a Deus principalmente como um homem, mas também como um rei. Quando o apóstolo proclamou o evangelho de Deus, ele serviu a Deus. Da mesma forma, quando um rei defende a sã doutrina de Deus, ele serve a Deus. Portanto, Nabucodonosor não somente glorificou a Deus como indivíduo, mas também como rei, ao proibir qualquer um de insultar ou falar coisas perversas contra o verdadeiro Deus. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> CTS 24:240-241 (CO 18:645-646).

<sup>17</sup> *Daniel Sapientissimus*, 35.

## 4.1-18 NABUCONOSOR SONHA COM UMA ÁRVORE

<sup>1</sup> O rei Nabucodonosor a todos os povos, nações e homens de todas as línguas, que habitam em toda a terra: Paz vos seja multiplicada!<sup>2</sup> Pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e maravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito para comigo.<sup>3</sup> Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosas, as suas maravilhas! O seu reino é reino sempiterno, e o seu domínio, de geração em geração.<sup>4</sup> Eu, Nabucodonosor, estava tranquilo em minha casa e feliz no meu palácio.<sup>5</sup> Tive um sonho, que me espantou; e, quando estava no meu leito, os pensamentos e as visões da minha cabeça me turbaram.<sup>6</sup> Por isso, expedi um decreto, pelo qual fossem introduzidos à minha presença todos os sábios da Babilônia, para que me fizessem saber a interpretação do sonho.<sup>7</sup> Então, entraram os magos, os encantadores, os caldeus e os feiticeiros, e lhes contei o sonho; mas não me fizeram saber a sua interpretação.<sup>8</sup> Por fim, se me apresentou Daniel, cujo nome é Beltesazar, segundo o nome do meu deus, e no qual há o espírito dos deuses santos; e eu lhe contei o sonho, dizendo: *Beltesazar, chefe dos magos, eu sei que há em ti o espírito dos deuses santos, e nenhum mistério te é difícil; eis as visões do sonho que eu tive; dize-me a sua interpretação.*<sup>10</sup> Eram assim as visões da minha cabeça quando eu estava no meu leito: eu estava olhando e vi uma árvore no meio da terra, cuja altura era grande;<sup>11</sup> crescia a árvore e se tornava forte, de maneira que a sua altura chegava até ao céu; e era vista até aos confins da terra.<sup>12</sup> A sua folhagem era formosa, e o seu fruto, abundante, e havia nela sustento para todos; debaixo dela os animais do campo achavam sombra, e as aves do céu faziam morada nos seus ramos, e todos os seres vivos se mantinham dela.<sup>13</sup> No meu sonho, quando eu estava no meu leito, vi um vigilante, um santo, que descia do céu,<sup>14</sup> clamando fortemente e dizendo: *Derribai a árvore, cortai-lhe os ramos, derriçai-lhe as folhas, espalhai o seu fruto; afugentem-se os animais de debaixo dela e as aves, dos seus ramos.*<sup>15</sup> Mas a cepa, com as raízes, deixai na terra, atada com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo. *Seja ela molhada do orvalho do céu, e a sua porção seja, com os animais, a erva da terra.*<sup>16</sup> *Mude-se-lhe o coração, para que não seja mais coração de homem, e lhe seja dado coração de animal; e passem sobre ela sete tempos.*<sup>17</sup> *Esta sentença é por decreto dos vigilantes, e esta ordem, por mandado dos santos; a fim de que conheçam os vivos que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens constitui sobre eles.*<sup>18</sup> *Isto vi eu, rei Nabucodonosor, em sonhos. Tu, pois, ó Beltesazar, dize a interpretação, porquanto todos os sábios do meu reino não me puderam fazer saber a interpretação, mas tu podes; pois há em ti o espírito dos deuses santos.*

**VISÃO GERAL:** O capítulo começa com uma carta do rei, a fim de publicar os sinais e maravilhas que Deus tinha feito a ele. Além do decreto, no capítulo anterior, o rei se tornou arrogante, orgulhoso e seguro em sua própria prosperidade. Ele considerou seu sucesso o produto de seus próprios méritos e desprezou as bênçãos de Deus. Um segundo sonho fora dado a ele, e ele buscou interpretá-lo. Os nossos comentaristas discutem uma variante textual entre o hebraico e a Septuaginta na referência do rei a Daniel possuir o espírito dos deuses ou o Espírito de Deus. A aparição de um vigilante em seu sonho também traz à tona comentários de

nossos autores; a maioria conclui que é um anjo, mas um comentarista vê ali uma referência à Trindade.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JOÃO CALVINO: O conteúdo deste capítulo é o seguinte: Nabucodonosor foi suficientemente instruído na adoração ao Deus de Israel como o único Deus e foi compelido, naquele momento, a confessar isso; porém, não se apartou de suas próprias superstições; suas concepções do verdadeiro Deus foram apenas momentâneas e, desse modo, ele sofreu a punição devida a tal ingratidão. Mas Deus quis que ele se tornasse cada vez mais cego, como

ele sempre faz ao tratar os réprobos e até mesmo os seus eleitos, de vez em quando. Quando as pessoas acumulam pecados, Deus solta as suas rédeas e permite que elas mesmas se destruam. Depois, ou Deus estende as suas mãos em sua direção ou as retira, por suas virtudes escondidas, ou as domina com seu cetro e as humilha completamente. Deus tratou o rei da Babilônia desta maneira. Discutiremos mais tarde o sonho, mas devemos, aqui, brevemente, notar a admoestação ao rei, para que ele fosse indesculpável quando fosse totalmente quebrantado. Deus, de fato, poderia justamente puni-lo ao ver que ele não tinha se convertido verdadeiramente, mas antes de infligir a punição final – como veremos – Deus desejou admoestá-lo, para ver se havia alguma esperança de arrependimento. Embora ele tenha parecido receber com humildade o que Deus tinha manifestado através do sonho, pela interpretação de Daniel, não obstante ele tenha confessado com a sua boca aquilo que ele não possuía na realidade. E ele mostra isto de forma evidente, quando, devendo estar com medo e cauteloso, ele não desiste de seu orgulho, mas se gloria como rei dos reis e diz que a Babilônia é a rainha de todo o mundo. Desde então, ele falou com tanta confiança, mesmo depois de ser admoestado pelo profeta, que percebemos quão pouco ele tinha se beneficiado de seu sonho. Mas Deus desejou torná-lo ainda mais indesculpável, e embora isso não tenha dado frutos imediatamente, não obstante, muito tempo depois, quando Deus tocou em sua mente, ele muito apropriadamente reconheceu que esta punição tinha origem divina. Desse modo, este sonho foi um tipo de preparação para o arrependimento, e, assim como semente que apodrece no solo antes de produzir fruto, Deus algumas vezes trabalha através de processos suaves e provê ensino, o que pode parecer por um tempo, inútil, mas se torna eficaz e frutífero. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>1</sup>

#### 4.1-3 A carta de Nabucodonosor

**A ESTRUTURA DA CARTA.** ANDREW WILLET: Esta epístola do rei consiste do exórdio, ou início, em três versos, alguns dos quais fazem parte

do terceiro capítulo, cuja opinião é refutada pela narrativa deste capítulo.

O exórdio, ou início, o qual é a inscrição geral, contém (1) a saudação; (2) o argumento geral de toda a epístola. A saudação mostra o autor e escritor, a saber, Nabucodonosor, e as pessoas para as quais ele escreve, a saber, para todas as nações e línguas sob seu reinado. A saudação é *paz vos seja multiplicada*.

No argumento, três coisas são declaradas: (1) o que ele anunciará, a saber, os sinais e maravilhas de Deus, que são amplificados por dois adjuntos, de grandeza e força; (2) o que o levou a declará-los, a saber, porque lhe foram mostrados e ele os vivenciou de modo particular; (3) para que fim, a saber, para fazer conhecido o poder do reino eterno de Deus. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>2</sup>

**A CARTA DE NABUCODONOSOR E O CÂNON.** HEINRICH BULLINGER: A primeira parte da carta tem a inscrição epistolar com saudação (Dn 4.1). O rei Nabucodonosor declara ser o autor desta epístola. Diante disto, concluímos que Daniel pegou a carta do arquivo e as inseriu em seu próprio trabalho. A epístola não foi feita canônica nem por aceitação ou aprovação de qualquer concílio nem por alguma opinião ou algum decreto dos Pais da igreja. Contudo, ela é corretamente mantida no cânon porque, através de Daniel, o profeta e servo de Deus, aliás, através do Espírito Santo, ela foi passada para a igreja. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>3</sup>

**O DECRETO DE NABUCODONOSOR E O ARREPENDIMENTO DUVIDOSO.** JOÃO CALVINO: Nabucodonosor envia o seu decreto para *todos os povos, nações e homens de todas as línguas, que habitam em toda a terra*. Ele, depois, acrescenta: *Pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e maravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito para comigo*. Sem dúvida, ele se sente como tendo pago a penalidade pela sua ingratidão, pois tinha muito meticulosamente atribuído a glória

<sup>1</sup> CTS 24:243-244 (CO 18:647-648).

<sup>2</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 120.

<sup>3</sup> *Daniel Sapientissimus*, 37.

ao único e verdadeiro Deus e, não obstante, tinha reincidido em suas próprias superstições e nunca se desvencilhou delas realmente. Vemos com que frequência Nabucodonosor foi castigado antes que tirasse proveito da disciplina do cetro de Deus. Desse modo, não nos surpreendamos se Deus frequentemente nos atingir com sua mão, pois o resultado da experiência prova que somos lentos e, para falar a verdade, completamente indolentes. Quando Deus, Desse modo, deseja nos levar ao arrependimento, ele é compelido a repetir sua disciplina constantemente, seja porque não aprendemos quando somos disciplinados pela sua mão ou porque parecemos, no momento, ter respondido à disciplina, mas depois retornamos ao nosso torpor. Deus, Desse modo, é compelido a redobrar sua disciplina. E percebemos isso, na narrativa que temos diante de nós, como em um vidro. Mas o benefício singular de Deus foi este: Nabucodonosor, depois que Deus o disciplinou continuamente, se entregou totalmente. Contudo, não sabemos se esta confissão procedeu de um arrependimento verdadeiro e genuíno: temos que conviver com esta dúvida. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>4</sup>

#### 4.4-7 O orgulho e o sonho do rei.

##### A ARROGÂNCIA DE NABUCODONOSOR.

JOHANNES ECOLAMPÁDIO: *Eu, Nabucodonosor* (Dn 4.4). Eu advirto a todos desde o início para que ninguém confie em sua própria prosperidade... Alguém pensa que é tão santo que nunca cometeu pecado? Alguém pensa ser tão sábio a ponto de nunca ter sido enganado? Alguém pensa ser tão forte que nunca tenha caído? Este é o conselho sábio do apóstolo: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10.12). Observe como a sua arrogância é tão claramente descrita: Eu, Nabucodonosor, era próspero. Ele não disse “o Deus do céu ou o Deus das alturas me abençoou”, mas “eu sou próspero”, ou “vivo em paz e prosperando”. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>5</sup>

##### O ORGULHO DE NABUCODONOSOR. FILIPE

MELANCHTHON: O texto deixa claro que os peca-

dos do rei eram a segurança e o orgulho, os quais são pecados escondidos dos olhos. Estes pecados assaltam a muitos santos e facilmente sobreveem a uma pessoa quando ela está em um momento favorável, especialmente entre as pessoas excelentes, que tem sucessos maravilhosos, glória notável e grandes dons de Deus. Estes benefícios agradam a alma, que, quando não experimenta nem um pouco da ira de Deus, pouco a pouco extingue o temor da ira de Deus e de seu julgamento. A alma começa a admirar e amar imoderadamente estas coisas boas e se esquece de Deus, nunca pensando que estes sucessos vêm de Deus, mas considerando somente sua própria sabedoria, sua excelência e seu poder...

Desse modo, consideremos o caráter dos pecados de Nabucodonosor, para que aprendamos a temer a Deus e não nutramos segurança e orgulho, que geram muitos outros pecados e punições: *O povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se* (1Co 10.7). De novo, *Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição* (1Ts 5.3). COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>6</sup>

##### OS SONHOS DIFERENTES DE NABUCODONOSOR.

JOÃO CALVINO: Sem dúvida, o rei sonhava frequentemente e nem sempre chamava os seus magos, videntes, astrólogos e outros que eram habilidosos na ciência da adivinhação ou que, pelo menos, afirmavam ser. Ele não os consultava a respeito de todos os seus sonhos; mas como Deus tinha inscrito em seu coração uma marca distinta pela qual ele tinha indicado este sonho, assim, o rei não pôde descansar até ouvir sua interpretação. Como vimos anteriormente, a autoridade do primeiro sonho, sobre as quatro monarquias e o reino eterno de Cristo, se confirmou, então o rei percebeu que este novo sonho procedia dos céus. Existe uma outra diferença entre este sonho e o outro explicado anteriormente. Pois Deus tirou do rei Nabucodonosor a lembrança do sonho sobre as quatro monarquias,

<sup>4</sup> CTS 24:245 (CO 18:648-649).

<sup>5</sup> *In Danielem Prophetam libri duo* (1553), 56.

<sup>6</sup> *In Danielem Prophetem* (1543), 59-61.

de tal forma que se tornou necessário que Daniel o lembrasse de seu sonho e ao mesmo tempo acrescentasse a sua interpretação. Daniel foi, na época, mais obscuro, pois embora tenha provado ser superior a todos os caldeus, não obstante o rei Nabucodonosor teria se maravilhado menos com ele se ele fosse somente um intérprete de um sonho. Deus desejou, Desse modo, dar maior reverência ao seu profeta e à sua doutrina, quando lhe deu duas obrigações; primeiro, a adivinhação do sonho em si e, depois, a devida explicação de seu sentido e de seu propósito. Neste segundo sonho, Daniel é somente um intérprete. Deus já tinha provado suficientemente que ele era dotado de um espírito divino, quando Nabucodonosor não somente o chamou dentre o resto dos magos, mas o separou de todos eles. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>7</sup>

#### 4.8 A variante textual

**O ESPÍRITO DO SANTO DEUS.** JOHANN WIGAND: *no qual há o espírito dos deuses santos* (Dn 4.8). Parece que Nabucodonosor não entendeu esta expressão como pertencente à terceira pessoa da Trindade. Ao invés disto, ela foi simplesmente falada de maneira costumeira, que entende o divino Espírito como uma inteligência e sabedoria para entender e interpretar assuntos divinos. Ora, os gentios declaram que a sagacidade inata e a sabedoria incomum das coisas elevadas são um instinto do espírito ou dos deuses. Com certeza, isto não importa, conquanto que você entenda que se refere ao Espírito Santo, a quem o rei testifica habitar em Daniel e somente em quem reside a luz da profecia. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>8</sup>

**O ESPÍRITO DOS DEUSES.** ANDREW WILLET: A Septuaginta traduz no singular, o Santo Espírito de Deus, pensando assim, justificar o rei e o livrá-lo da idolatria, mas a palavra no original está no plural, *elohim*, deuses.

Alguns pensam que por deuses, aqui, o texto se refere aos anjos, que são, algumas vezes, chamados de deuses nas Escrituras (Pintus). Mas os anjos não têm conhecimento dos segredos, pois eles não sabem as coisas do porvir. E

os magos, que tinham familiaridade com os espíritos, não sendo capazes de dizer ao rei o seu sonho, o qual ele tinha esquecido, se justificaram dizendo que ninguém, a não ser os deuses, poderiam declarar tais coisas (Dn 2.11).

A intenção do rei, então, era dizer que somente os deuses, de cujo espírito Daniel era dotado, sabiam os segredos. Ele fala segundo o modo dos gentios, que acreditavam haver muitos deuses (Lyra). E era corrente entre eles a opinião de ser algo divino interpretar sonhos, assim como Sócrates dissera aos atenienses que ignorava aquela ciência divina (Lyra). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>9</sup>

#### 4.13-18 O vigilante, um santo

**UM VIGILANTE.** JOÃO CALVINO: Sem dúvida, temos de entender que o vigilante era um anjo. Ele é chamado de “um santo”, o que é somente uma outra forma de fazer referência a um anjo; e eles são merecedores deste título, pois estão perpetuamente em vigilância para cumprir os designios de Deus. Eles não estão sujeitos ao cansaço e não precisam de comida nem de bebida, mas vivem uma vida espiritual; Desse modo, eles não precisam dormir, o que é resultado de comida e bebida. Por fim, os anjos não têm corpos; sua própria natureza espiritual os faz vigilantes. Mas esta frase não expressa somente a sua natureza, mas também o seu dever, pois Deus os tem à disposição para cumprir seus desejos e os destina a cumprir as suas ordens; por isso eles são chamados de vigilantes (Sl 103.20). Neste Salmo, é dito que os anjos fazem a sua vontade porque, por uma agilidade incompreensível para nós, eles voam direto dos céus para terra, de um ponto da terra ao outro – do oriente ao ocidente. Portanto, como os anjos podem tão prontamente cumprir as ordens de Deus, eles são merecidamente chamados de “vigilantes”. Eles são chamados de “santos” porque não são contaminados pelas enfermidades humanas. Mas nós somos cheios de pecados não meramente porque somos terrenos,

<sup>7</sup> CTS 24:250 (CO 18:652-653).

<sup>8</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 141.

<sup>9</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 123-124.

mas porque contraímos a contaminação de nossos primeiros pais, que vicia, de igual modo, o corpo inteiro e a mente. Com esta expressão, então, Nabucodonosor desejou distinguir anjos e mortais. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>10</sup>

**O ANJO VIGILANTE.** GIOVANNI DIODATI: Isto é, um anjo, assim chamado, tanto em razão de sua natureza, que, sendo espiritual, está incessantemente em ação e nunca descansa, quanto em razão de seu ofício e emprego, o qual deve estar sempre pronto para receber as ordens de Deus e tomar conta da igreja e dos eleitos. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>11</sup>

**O ANJO OBSERVANDO VIGILANTE.** JOHN MAYER: Esse vigilante era um anjo de Deus, assim chamado, porque os anjos estão sempre vigilantes e prontos para executar qualquer comando de Deus, assim como nós também devemos estar, especialmente os ministros de Deus, como é dito em Ezequiel [Ez 3]. E ele diz *corte a árvore* para mostrar que Nabucodonosor, representado pela árvore, seria derrubado de sua dignidade real e viveria como um animal por um longo tempo. Isto foi o cortar dos seus galhos, que são os ornamentos de uma árvore e, portanto, representam adequadamente as acomodações reais, que o fazem parecer glorioso. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>12</sup>

**EIS O VIGILANTE, O SANTO.** JOHANN WIGAND: *Vi um vigilante* (Dn 4.13). De fato, o próprio Deus, ou o Filho de Deus, parece ser chamado aqui de vigilante. A razão é, como ele depois diz, que a sentença é pelo *decreto dos vigilantes*, para que a árvore fosse cortada daquela maneira, preservando o tronco com as raízes. Isso acontece por meio de Deus, em quem todas as coisas têm vida. Depois, então, Daniel claramente diz: *Esta é a interpretação, ó rei, e este é o decreto do Altíssimo* (Dn 4.24). Desse modo, os “vigilantes” devem ser entendidos como a Trindade. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>13</sup>

**O TODO-PODEROSO GOVERNA TODAS AS COISAS.** JOHN MAYER: *Esta sentença é por decreto dos vigilantes, e esta ordem, por mandado dos santos.* Na Vulgata: *A sentença é o decreto dos vigilantes, e esta é a fala e a petição dos santos.* A primeira concorda melhor com o original, que diz que este foi o decreto estabelecido por Deus para ser publicado por seus vigilantes, os anjos. Neste ponto eles perguntam por que é assim. A resposta está nas palavras seguintes: *a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens constitui sobre eles.* COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> CTS 24:259 (CO 18:659).

<sup>11</sup> *Pious Annotations* (1651), 4:13.

<sup>12</sup> *Prophets*, 529.

<sup>13</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 142-143.

<sup>14</sup> *Prophets*, 530.



## 4.19-37 INTERPRETAÇÃO, PUNIÇÃO E LOUVOR

<sup>19</sup> Então, Daniel, cujo nome era Beltessazar, esteve atônito por algum tempo, e os seus pensamentos o turbavam. Então, lhe falou o rei e disse: Beltessazar, não te perturbe o sonho, nem a sua interpretação. Respondeu Beltessazar e disse: Senhor meu, o sonho seja contra os que te têm ódio, e a sua interpretação, para os teus inimigos. <sup>20</sup> A árvore que viste, que cresceu e se tornou forte, cuja altura chegou até ao céu, e que foi vista por toda a terra, <sup>21</sup> cuja folhagem era formosa, e o seu fruto, abundante, e em que para todos havia sustento, debaixo da qual os animais do campo achavam sombra, e em cujos ramos as aves do céu faziam morada, <sup>22</sup> és tu, ó rei, que cresceste e vieste a ser forte; a tua grandeza cresceu e chega até ao céu, e o teu domínio, até à extremidade da terra. <sup>23</sup> Quanto ao que viu o rei, um vigilante, um santo, que descia do céu e que dizia: Cortai a árvore e destruí-a, mas a cepa com as raízes deixai na terra, atada com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo; seja ela molhada do orvalho do céu, e a sua porção seja com os animais do campo, até que passem sobre ela sete tempos, <sup>24</sup> esta é a interpretação, ó rei, e este é o decreto do Altíssimo, que virá contra o rei, meu senhor: <sup>25</sup> serás expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo, e dar-te-ão a comer ervas como aos bois, e serás molhado do orvalho do céu; e passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer. <sup>26</sup> Quanto ao que foi dito, que se deixasse a cepa da árvore com as suas raízes, o teu reino tornará a ser teu, depois que tiveres conhecido que o céu domina. <sup>27</sup> Portanto, ó rei, aceita o meu conselho e põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres; e talvez se prolongue a tua tranquilidade.

<sup>28</sup> Todas estas coisas sobrevieram ao rei Nabucodonosor. <sup>29</sup> Ao cabo de doze meses, passeando sobre o palácio real da cidade de Babilônia, <sup>30</sup> falou o rei e disse: Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade? <sup>31</sup> Falava ainda o rei quando desceu uma voz do céu: A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Já passou de ti o reino. <sup>32</sup> Serás expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo; e far-te-ão comer ervas como os bois, e passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que aprendas que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer. <sup>33</sup> No mesmo instante, se cumpriu a palavra sobre Nabucodonosor; e foi expulso de entre os homens e passou a comer erva como os bois, o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, até que lhe cresceram os cabelos como as penas da águia, e as suas unhas, como as das aves.

<sup>34</sup> Mas ao fim daqueles dias, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. <sup>35</sup> Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?

<sup>36</sup> Tão logo me tornou a vir o entendimento, também, para a dignidade do meu reino, tornou-me a vir a minha majestade e o meu resplendor; buscaram-me os meus conselheiros e os meus grandes; fui restabelecido no meu reino, e a mim se me ajuntou extraordinária grandeza. <sup>37</sup> Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu, porque todas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba.

---

**VISÃO GERAL:** Antes que Daniel ofereça a interpretação do sonho, somos informados de ele ficou grandemente aturdido e alarmado. Nossos comentaristas notam a consideração de Daniel pelo rei e pela paz de seu reino. Temos de aprender

com o exemplo de Daniel a orar pelos nossos inimigos, mesmo aqueles tiranos que nos oprimem. Daniel passa à interpretação e descreve a humilhação e julgamento do rei. Ele termina estimulando o rei ao arrependimento e à prática da justiça.

As palavras finais de Daniel provocam muita discussão entre os nossos comentaristas. Que tipo de arrependimento Daniel pede? Podemos redimir nossos pecados através de atos de caridade? Este ponto em particular estava no centro do debate protestante com a igreja romana. Por esta razão, há muito a ser explicado sobre a justiça, o perdão e os atos de caridade mencionados por Daniel.

O rei é punido por causa de seus pecados. A questão que mais ocupa os nossos comentaristas é a natureza da punição. Em que sentido Nabucodonosor foi transformado em uma besta? Esta mudança foi física ou afetou somente sua mente e sua alma? Depois dos sete anos de punição, o rei é restaurado, se arrepende e confessa o verdadeiro Deus. De novo nos perguntamos se esta confissão é sincera e genuína. Os comentaristas concordam que a confissão é sincera e procuram conciliar a confissão do rei com a referência de Isaías sobre a destruição eterna de Nabucodonosor (Is 14.12-16).

#### 4.19 A reação de Daniel

**DANIEL FICOU ATÔNITO.** JOHANN WIGAND: *Então Daniel* (Dn 4.19). Três coisas são recitadas, que chamam a nossa atenção e realçam a importância das coisas. A primeira é a duração da deliberação de Daniel e a profundidade de sua meditação, a qual sem dúvida o entristeceu, quando Deus, em sua misericórdia, desejou revelar a Daniel sua verdade anunciada por uma imagem. A segunda é a severa consternação e perturbação suportada por Daniel. Ele se amedrontou por causa da ira de Deus, que foi anunciada através desta horrível punição. A terceira é o quase abrupto, severo, e ameaçador início das coisas narradas para o próspero rei, como bem indicou Daniel. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>1</sup>

**A PRUDÊNCIA DE DANIEL.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: *Então, Daniel, cujo nome* (Dn 4.19). Sempre que declara alguma coisa que está por acontecer, ele é lento no falar, para que não pareça arrogante ou alguém que se alegra com a desgraça do rei. Embora ele seja mantido cativo com seu povo, não obstante ele não deseja di-

minuir sua estima pelo rei. Além do mais, sabendo que os ouvidos das autoridades são delicados e sensíveis, tendo sido corrompidos pelos bajuladores, tais ouvidos seriam feridos por palavras duras. Sua hesitação ante o rei era vantajosa, fazendo com que o rei ficasse mais desejoso de conhecer a verdade. Além disso, vindo o seu profeta inquieto e cheio de tristeza ao falar com relutância, o rei não negligenciaria o seu conselho. Imediatamente o rei detectou, por sua própria perspicácia, a gravidade da interpretação do sonho. Como o juízo divino aterrozizou o inocente profeta, quão grande seria a impiedade do rei? A coragem do rei apareceu uma segunda vez, quando ele incentivou o profeta e lhe assegurou que queria ouvir a interpretação do sonho, qualquer que fosse ela. O profeta, aliviado, orou para que estes desafortunados eventos caíssem sobre os inimigos do rei. Com estas palavras, ele não contradisse a vontade divina, nem estava fingindo este sentimento, mas revelou seu interesse pelo bem-estar do rei. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>2</sup>

**A TRISTEZA DE DANIEL.** JOÃO CALVINO: Aqui Daniel relata como ele ficou, de certa maneira, atônito. E me refiro à tristeza que o santo profeta tinha sofrido por causa da terrível punição que Deus tinha mostrado por meio de uma figura. Não deve parecer estranho que Daniel seja afligido tão seriamente por causa da desgraça do rei da Babilônia, pois, embora ele fosse um tirano, cruel e tivesse perturbado e quase destruído a igreja de Deus, não obstante, o rei estava sob sua influência, Daniel era obrigado a orar por ele. Mas Deus tinha ensinado aos judeus isto, através do profeta Jeremias: “Procurai a paz da cidade para onde vos desterrei e orai por ela ao SENHOR; porque na sua paz vós tereis paz” (Jr 29.7). Ao findarem os setenta anos, era legítimo os piedosos adoradores de Deus implorarem a ele por liberdade, mas, até que o tempo predito pelo profeta tivesse se cumprido, não era legítimo nem o ódio contra o rei nem invocar a ira de Deus sobre ele. Eles sabiam que o rei era o executor da justiça de Deus e seu soberano

<sup>1</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 145-146.

<sup>2</sup> *In Daniele prophetam libri duo* (1553), 59-60.

legítimo. Sendo Daniel tratado com brandura pelo rei quando, por direito de guerra, ele fora levado ao exílio, Daniel foi fiel ao seu próprio rei, embora ele exercesse tirania contra o povo de Deus. Esta era a razão pela qual ele sofreu tanta consternação por causa do triste oráculo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>3</sup>

**A SINCERIDADE DE DANIEL.** GIOVANNI DIODATI: *Esteve atônito* (Dn 4.19). Por causa da triste interpretação e porque ele teria de expor a interpretação ao rei. *Seja contra os que te têm ódio* (Dn 4.19). Isto é, quisera Deus que a interpretação deste sonho seja dirigida aos seus inimigos, e não ao rei. Isto foi um tipo de protesto, para mostrar que, nesta interpretação, ele não estava preocupado com nenhum ódio ou paixão contra o rei. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>4</sup>

**DANIEL ORANDO PELO SEU INIMIGO.** JOÃO CALVINO: Beltessazar, diz Nabucodonosor, *não te perturbe o sonho, nem a sua interpretação* (Dn 4.19). No entanto, Daniel estava com medo, medo por causa dele. Mas, como já disse, enquanto os fiéis sentem medo, embora sintam que Deus é propício, os ímpios dormem seguros e não sentem medo de qualquer ameaça. *Senhor meu, o sonho seja contra os que te têm ódio, e a sua interpretação, para os teus inimigos!* Aqui Daniel explica a razão de seu atordoamento – ele desejava que tão terrível punição fosse desviada da pessoa do rei, pois, embora pudesse, com toda razão, detestá-lo, mesmo assim ele reverenciava o poder divinamente atribuído a ele. Aprendamos, portanto, com o exemplo do profeta, a orar por bênçãos para os nossos inimigos, que desejam nos destruir, e, especialmente, a orar pelos tiranos e, se for da vontade de Deus, que nos submetamos aos seus caprichos; pois, embora não sejam merecedores de qualquer sentimento de humanidade, mesmo assim devemos modestamente suportar o seu jugo, porque não seriam nossos governantes sem a permissão de Deus; e não somente para a ira, como Paulo nos admoesta, mas por causa da consciência (Rm 13.5); de outra forma, não nos rebelariamos somente contra eles, mas contra o próprio Deus. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>5</sup>

**UM EXEMPLO PARA TODOS OS MINISTROS DO MUNDO.** JOÃO CALVINO: Aqui vemos o que mencionei, a saber, como Daniel agiu respeitosa e em relação ao rei e, desse modo, foi consciente de seu dever profético, enquanto cumpria prontamente os mandamentos de Deus. Precisamos notar esta distinção, pois nada é mais difícil para os ministros da Palavra do que manter este equilíbrio. Alguns ministros são sempre fulminantes através de um pretenso zelo e se esquecem de que são somente humanos: eles não mostram sinais de benevolência, mas toleram a amargura. Desse modo eles não têm autoridade e todas as suas admoestações são odiosas. A seguir, eles explicam a Palavra de Deus com orgulho e jactância, quando intimidam os pecadores, sem humanidade ou compaixão. Outros, mais uma vez, que são pérfidos e malévolos bajuladores, ignoram as maiores iniquidades; eles resistem aos profetas e aos apóstolos, acreditando que o fervor de seu zelo afastará todas as afeições humanas. Desse modo, eles enganam pessoas miseráveis e as destroem com sua bajulação. Mas o nosso profeta mostra, aqui, como os servos de Deus têm de ter equilíbrio. Desse modo Jeremias, ao profetizar adversidades, sentia tristeza e amargura de espírito, mas, mesmo assim, não se negava a profetizar as reprovações severas e as ameaças mais duras, quando vinham de Deus (Jr 9.1). Os demais profetas também agem na mesma maneira.

Aqui Daniel, por um outro lado, tem pena do rei e, por outro, embora sabendo que deveria ser o proclamador da ira de Deus, não se intimida por qualquer perigo, enquanto apresenta perante o rei a punição que ele tinha desprezado. Ele não sentiu medo do tirano, embora muitos não ousem cumprir seu dever quando uma mensagem odiosa é dada a eles, a qual estimula os ímpios e incrédulos à loucura. Daniel, todavia, não estava atônito por qualquer medo desta espécie; ele apenas desejava que Deus agisse misericordiosamente com este rei. Pois ele diz aqui: “És tu, ó rei.” Ele não fala com dúvida ou hesitação, nem tampouco usa obscuridades ou des-

<sup>3</sup> CTS 24:267-268 (CO 18:665).

<sup>4</sup> *Pious Annotations* (1651), 4:19.

<sup>5</sup> CTS 24:269 (CO 18:666).

culpas, mas anuncia plenamente que o rei Nabucodonosor era a árvore que ele viu. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>6</sup>

#### 4.20-26 A interpretação e punição

##### O JULGAMENTO E A HUMILHAÇÃO DO REI.

JOHANNES ECOLAMPÁDIO: *Quanto ao que viu o rei, um vigilante* (Dn 4.23). Ora, no tocante ao julgamento e à humilhação do rei, Daniel passa a explicar o sonho em detalhes. A voz do vigilante e santo, o decreto e sentença, vêm do Deus Altíssimo contra o rei. Fica suficientemente estabelecido que, além do nosso entendimento, Deus cumpre seu desejo através do vigilante e santo, pois o decreto é do Deus Altíssimo, que usa os seus anjos neste caso. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>7</sup>

**A PUNIÇÃO DO REI.** GIOVANNI DIODATI: [Dn 4.25] Sendo (através do julgamento de Deus) tomado de uma doença chamada licantropia, a qual é um tipo de frenesi e loucura por meio da qual se perde todo sentimento de humanidade e uso da razão, a pessoa se torna bruta, feroz e voraz, como uma besta, vivendo nos campos, perambulando, e, para não ferir ninguém, tem de ser mantida acorrentada e presa. Neste caso, sem dúvida, existe muito da operação diabólica e possessão (como em Mt 5.3-4; Lc 8.29).

[Dn 4.26] Depois de você ter sido dominado por este horrível acidente, você recuperará a sua razão: tendo perdido tudo o que a ambição permitiu que você possuísse e se humilhando ante Deus, por cujo benefício você reina e a quem você deveria ter dado toda honra e toda glória.

[Dn 4.27] *Põe termo.* Isto é, *redime*, em italiano. A saber, isto é concernente a punições temporais. No tocante a punições eternas, uma pessoa não tem como pagar o suficiente por sua redenção, a qual Deus deu à sua igreja através somente do sangue de Cristo. O sentido é: evite o julgamento de Deus com arrependimento, transformando sua antiga tirania em atos de virtude. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>8</sup>

##### O OFÍCIO DA AUTORIDADE TERRENA.

MARTINHO LUTERO: Para senhores e príncipes

justos, esta é uma imagem confortante e encantadora, na qual o senhor Deus molda até mesmo este rei tirano, segundo uma linda árvore, que alimenta todos os animais, dando-lhes sombra para descanso. Através desta imagem, Deus indica que dá e sustenta, através de autoridades terrenas (*Oberkeit*), descanso e paz, proteção e abrigo, nutrição e bens, e toda esta vida terrena. E lhe agrada quando um senhor ou príncipe pratica seu ofício diligentemente. Pois “ela tem”, ele diz (Dn 4.21-22), “frutos abundantes, folhagem e ramos formosos”, isto é, ela tem boas obras nobres e inestimáveis. Porque agrada ao próprio Deus, que a descreve tão belamente, elogiando-a e adornando-a [autoridades terrenas], uma autoridade terrena deve, de fato, cumprir seu ofício com alegria e satisfação, mesmo que ele seja cheio de pressão e trabalho pesado. Então, também, não devemos considerar o quanto os tiranos são ímpios, mas sim o quanto é precioso o ofício que eles receberam de Deus, para o nosso próprio bem e bem-estar. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>9</sup>

#### 4.27 Arrependimento e justiça

##### DANIEL EXORTA AO ARREPENDIMENTO. JOÃO

CALVINO: Não há dúvida de que Daniel desejou exortar o rei ao arrependimento; mas ele tocou somente em um tipo, o qual sabemos ser costumeiro com os profetas. Pois, quando eles chamam o povo à obediência pelo arrependimento, eles nem sempre o explicam ou definem totalmente, mas se referem a ele por meio de uma figura de linguagem e tratam somente das obrigações exteriores, da penitência. Daniel agora segue este costume. Se for perguntado sobre a natureza do arrependimento, é a conversão de uma pessoa para Deus, de quem tinha se afastado. Esta conversão, então, está somente nas mãos, nos pés e na língua? Não começa ela na mente e no coração, passando, depois, para as obras externas? Por isso, a verdadeira penitência tem sua origem na mente das pessoas, de tal

<sup>6</sup> CTS 24:270-271 (CO 18:667).

<sup>7</sup> *In Danielem prophetam libri duo* (1553), 60.

<sup>8</sup> *Pious Annotations* (1651), 4:25-27.

<sup>9</sup> WADB 11,2:8.

forma que, aquele que deseja ser sábio, deve deixar de lado sua própria prudência e jogar fora sua tola confiança em sua própria razão. Então ele deve submeter suas próprias afeições depravadas e submetê-las a Deus, e assim a sua vida externa seguirá o seu espírito interior. Além disso, as obras são as únicas testemunhas do verdadeiro arrependimento; pois é uma coisa excelente demais permitir que sua raiz apareça à observação humana. Através de nossos frutos, portanto, testemunhamos nosso arrependimento. Mas como as obrigações da segunda tábua, em certo sentido, abrem a mente das pessoas, os profetas, ao requererem arrependimento, somente colocam diante de nós as obrigações da caridade, como Daniel diz (Dn 4.27). **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>10</sup>

**A REMISSÃO DE PECADOS.** JOHANN WIGAND: O argumento do papado repousa sobre esta declaração de Daniel: *Portanto, ó rei, aceita o meu conselho e põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres* (Dn 4.27). Desse modo, a remissão de pecados é atribuída às boas obras.

Eu respondo que esta é a falácia de afirmar como causa aquilo que não é a causa. Em primeiro lugar, Daniel não disse “por ato de caridade”, mas “pela justiça”. Mas que tipo de justiça nos liberta do pecado, ele não explica, como faz em Daniel 9. Além do mais, qualquer sermão sobre correção de vida pressupõe a conversão a Deus, que busca a remissão dos pecados pela misericórdia por causa do Messias. De outra forma, ninguém é capaz de consertar sua vida séria ou verdadeiramente. As obras de Deus são, como Paulo testifica, os frutos da justiça, que se tornam agradáveis pela fé.

Se você afirmar o argumento da seguinte maneira, o erro parecerá ainda maior: Tudo aquilo que redime o pecado justifica. Ato de caridade redimem do pecado, de acordo com o testemunho de Daniel. Portanto, atos de caridade justificam. Eu respondo que a premissa maior é verdade somente sobre o Filho de Deus, que é nosso único Redentor. **BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.**<sup>11</sup>

**A VERDADEIRA JUSTIÇA.** JOÃO CALVINO: *Põe termo*, portanto, *em teus pecados*, disse ele, ou liberte-se deles, ou lance-os fora. Mas como? A saber, pela justiça. Sem dúvida, a palavra *justiça* significa, aqui, o mesmo que “graça” ou “piedade”. Mas aqueles que aqui transferem o significado de “graça” para “fé” distorcem as palavras do profeta, de maneira violenta, pois sabemos que nada é mais frequente entre os hebreus, do que repetir a mesma coisa com duas maneiras de falar. Portanto, como Daniel, aqui, usa pecados e iniquidades no mesmo sentido, concluímos que justiça e piedade não devem ser separadas, pois a segunda palavra expressa mais completamente o sentido de justiça. Pois quando a pessoa vê que sua vida precisa ser mudada, ela finge para si mesma muitos atos de obediência que raramente merecem esse nome. Ela não tem nenhuma apreciação por aquilo que agrada a Deus ou por aquilo que ele ordena em sua palavra, mas, exatamente como aprova uma parte ou outra, temerariamente se entrega a Deus como vemos no papado. Pois o que é uma vida santa e religiosa para eles? Correr de lá para cá; fazer peregrinações impostas por votos; erigir estátuas; estabelecer missas, como dizem; jejuar em certos dias; e dar importância a ninharias sobre as quais Deus nunca disse uma só palavra. Dessa forma, como as pessoas erram tão grosseiramente no conhecimento da verdadeira justiça, o profeta acrescenta aqui a palavra *miseri-córdia*, como uma forma de explicação, como se tivesse dito: não pense em apaziguar Deus por uma atitude exterior pomposa, a qual agrada aos humanos porque eles são carnais e dedicados a coisas terrenas e constroem para si uma ideia depravada de Deus, de acordo com a sua própria imaginação; não deixe que esta vaidade o engane, mas aprenda como a verdadeira justiça consiste em misericórdia para com os pobres. Nesta segunda cláusula, então, somente uma parte da ideia é expressa, já que a verdadeira justiça não se restringe simplesmente ao significado da palavra, mas abrange todas as obrigações da caridade. Desse modo, temos de

<sup>10</sup> CTS 24.279 (CO 18.673-674).

<sup>11</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 148-149.

lidar fielmente com a espécie humana e não enganar nem o rico nem o pobre, nem oprimir ninguém, mas dar a cada um o que lhe é devido. Mas esta maneira de falar deve ser familiar para nós, se formos pelo menos moderadamente versados nas escrituras proféticas. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>12</sup>

**O PERDÃO E OS ATOS DE CARIDADE.** JOHN MAYER: O significado deste verso (Dn 4.27) nada mais é do que, onde você foi um opressor, aja, de agora em diante, com justiça e faça restituição àqueles a quem você fez mal. Além e acima disso, seja caridoso e dê abundantemente de seus bens aos pobres. Por isso, embora a redenção de pecados através de atos de caridade não possa ser provada, pode muito bem ser provado que não é verdadeiramente convertido nem encontrará favor das mãos de Deus quem que não se afaste da injustiça e de atos enganosos e faça justiça em todas as coisas, indo de um coração inquebrantável para a caridade.

...Nas últimas palavras aqui, *e talvez se prolongue a tua tranquilidade*, porque Daniel fala de modo ambíguo, os papistas, seguindo a tradução da Vulgata, concluem que ninguém pode estar certo de ter os seus pecados perdoados e, conseqüentemente, de sua salvação. Mas, como dito antes, as palavras não estão corretamente traduzidas como *pode ser que Deus perdoe*, mas como *talvez haja um prolongamento de sua paz e tranquilidade*, isto é, o julgamento temporal ameaçado contra você sendo evitado. De acordo com isto, Jerônimo observa que um ano inteiro se passou antes que a profecia se cumprisse, e Nabucodonosor pecou de novo por sua vanglória e orgulhoso de si mesmo e de sua grande Babilônia. Desse modo, ele diz, é provável que ele tenha agido por algum tempo como Daniel o aconselhou e, assim, tenha sido poupado e tido a tranquilidade em seu palácio estendida por doze meses.

...Note que todo ministro de Deus deve seguir o exemplo de Daniel, que não somente expôs a Nabucodonosor o seu sonho, mas também o exortou ao arrependimento. Os ministros de Deus não são chamados para aliviar as pessoas em seus pecados, como que assentando

tijolos com uma argamassa ruim, nem tampouco são chamados a expor as Escrituras, deixando-as sem a sua aplicação. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>13</sup>

**JUSTOS SOMENTE PELA FÉ.** HEINRICH BULLINGER: Não lemos que os santos atribuíam o benefício da justificação ou da satisfação às suas aflições. Confesso que Daniel, o profeta, deu um conselho ao poderoso rei Nabucodonosor e disse “Põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres”, mas, com estas palavras, o rei foi ensinado a como conduzir o resto de sua vida que ainda estava por vir e a como governar o estado de seu reino. O rei, tinha, até então, oprimido muitas nações e pecado por crueldades sem misericórdia, mas Daniel o persuade a mudar o seu antigo modo de vida, a abraçar a justiça e a lidar bem com todas as pessoas. Assim, ele não fala da satisfação de seus pecados perante Deus, mas diante do povo, pois não há salvação em nenhum outro nome a não ser em Jesus Cristo somente. Mas se alguém teimosamente se liga à letra, dizemos que a justiça dos cristãos é a fé pela qual seus pecados são devidamente lavados e que a fé não vem sem as boas obras e a caridade, às quais, a justificação é impropriamente atribuída. As DÉCADAS DE HENRY BULLINGER.<sup>14</sup>

**BOAS OBRAS.** FILIPE MELANCHTHON: Além do mais, como na conversão ou no arrependimento uma nova obediência sempre se segue, como João Batista diz, “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” ( Lc 3.8), aqui Daniel acrescenta o ensino sobre as boas obras. Primeiro, observe que tipo de obras ele solicita; claramente não são obras monásticas ou tradições humanas, mas sim as obras que Deus prescreve. E ele recomenda pelo nome aquilo que pertence à vocação. Quando ele diz ao rei para praticar a justiça, isso deve ser entendido como uma obediência universal, tal como o reconhecimento de Deus, o temor, a fé, e amor a Deus, o exercício

<sup>12</sup> CTS 24:279-280.

<sup>13</sup> *Prophets*, 531-532.

<sup>14</sup> *Decades*, 3.92.

da autoridade com justiça, comedimento, e outras virtudes, as quais Deus requer. Pelo nome, Daniel acrescenta as obras específicas da vocação, pois Nabucodonosor deveria praticar especialmente as obras pertinentes à sua vocação. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>15</sup>

#### 4.28-31 Nabucodonosor punido

**A QUEDA DO REI E A NOSSA CONSOLAÇÃO.** MARTINHO LUTERO: No quarto capítulo vemos um exemplo excelente de advertência contra opressores e tiranos. Ali, o grande e poderoso rei, privado de sua razão, tão louco e delirante, como um cachorro hidrófobo, precisa ser contido com correntes e forçado a viver ao relento, para que não cause dano às pessoas. Hoje, porque lemos isto em um livro, tal fato nos parece ser uma coisa menor. Todavia, se estivéssemos lá e tivéssemos visto isso, então teríamos testemunhado o terrível julgamento de Deus. Certamente todos teriam sentido pena em seus corações por todos os senhores e tiranos ímpios, pois este cruel julgamento espera por aqueles que abusam do poder.

Todavia, isto também aconteceu, de novo, como um conforto para os miseráveis prisioneiros judeus e também para aqueles que hoje, e para sempre, sofrem por causa das injustiças dos tiranos. Isto lhes mostra que Deus deseja e é capaz de executar vingança sobre os nossos inimigos, até mais do que desejaríamos, como diz o Salmo 58 (v.10): “Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança; banhará os pés no sangue do ímpio.” Portanto, não devemos apenas sofrer pacientemente tais tiranos, mas devemos ter compaixão deles por causa do seu futuro julgamento e afetosamente interceder por eles, assim como fez o justo Daniel, entristecido, porque o rei (que, aliás, tinha capturado o povo de Daniel e destruído a sua terra) sofreria este mal, desejando, ao invés, que este julgamento caísse sobre os inimigos de Nabucodonosor. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>16</sup>

**NABUCODONOSOR PUNIDO OU O DIABO?** JOHN MAYER: Lyra diz que alguns não interpretam isto literalmente, mas misticamente, como se referindo ao diabo, que, por causa de seu orgulho,

foi o mais humilhado de todos, não obstante, será novamente restaurado à sua glória original como anjo de luz. E eles argumentam contra um entendimento literal deste evento, como uma punição imposta a Nabucodonosor pelas seguintes razões: (1) Por que ele, mantendo sua natureza humana, não poderia viver comendo grama como um animal por muito tempo; (2) Porque, sendo acometido por uma doença como esta, um tipo de loucura, teria sido trancado não levado para o campo, como normalmente se faz com pessoas loucas; (3) Porque as bestas selvagens, quando ele fosse levado para os campos, teriam vindo e o teriam atacado e devorado; (4) Tão grande império não teria ficado tanto tempo sem um rei e, se outro rei tivesse sido entronizado, não é provável que ele deixasse Nabucodonosor retornar ao trono. Mas crer que o diabo será restaurado à sua condição gloriosa original é contrário às santas Escrituras, pois elas ensinam que o fogo do inferno está preparado para o diabo e seus anjos e que isto é para sempre, *e para os anjos que não guardaram o seu estado original, ele tem reservado em correntes eternas de escuridão.*

Aqui está a minha resposta para estas objeções. (1) Nenhuma razão pode ser extraída da condição comum de um homem para este homem, tendo este juízo sido imposto sobre ele pelo Todo-Poderoso, que pode sustentar a vida de uma pessoa sem os meios naturais pelo tempo que desejar, como fez com Moisés por quarenta dias, com Elias e com o povo de Israel por quarenta anos em um deserto árido. Além do mais, a experiência ensinou alguns, cujo corpo ficou adocido, a comerem carvão e outras coisas, nas quais não há capacidade nutritiva, como o alimento mais apazível, e existe a história de uma mulher que sobreviveu comendo aranhas e de outros, comendo gafanhotos. Desse modo, se Deus quis que Nabucodonosor se alimentasse com grama, e andasse apoiado em seus joelhos e mãos, como um animal, quem é que se atreve a dizer que isso não é possível? (2) Não se deve duvidar que, quando este julgamento caiu sobre ele, Daniel

<sup>15</sup> *In Danielem Prophetam* (1543), 64-65.

<sup>16</sup> WADB 11,2:8

certificou os nobres disto, persuadindo-os a ajudá-lo a colocar em execução o que Deus tinha decretado, ao invés de impedi-lo; (3) O mesmo Deus que determinou sua restituição depois disso amarrou a cepa com as raízes desta árvore, de tal forma que não estava no poder de qualquer criatura arrancá-la, pois é dito que ela estava presa com cadeias de ferro e bronze. Além do mais, é observado, no curso normal da natureza, que um cachorro louco não vai morder um tolo ou um louco, para não dizer nada sobre a amizade que ele fez com os animais, conversando com eles, pois, andando de quatro e se alimentando como eles, os animais o receberam como um animal igual a eles, embora na forma fosse diferente deles, como um monstro entre eles; (4) É dito que Evil-Merodaque, filho de Nabucodonosor, reinou por um tempo em seu lugar, durante o tempo de exílio de Nabucodonosor, mas, ao se tornar um tirano, foi preso por seus súditos onde Joaquim, o cativo rei de Judá, estava, com quem fez amizade e com quem tanto se familiarizou que, imediatamente após a morte de Nabucodonosor, ele, subindo ao trono, lidou favoravelmente com ele (2 Rs 25). **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>17</sup>

**A PUNIÇÃO TARDIA DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Alguns pensam que Nabucodonosor fora tocado de arrependimento quando instruído pela ira de Deus e, por isso, o tempo de sua punição fora adiado (Dn 4.29). Isso não me parece provável, e prefiro me inclinar para uma opinião diferente, a saber, que Deus tirou sua mão até o fim do ano e, assim, o orgulho do rei se tornou menos justificável. A voz do profeta deve tê-lo amedrontado, como se Deus tivesse mandado trovões e raios dos céus. Ele agora parece ter sido como sempre foi. Eu, de fato, não nego que ele possa ter ficado amedrontado pela primeira mensagem, mas não tenho certeza disso. Seja como for, não creio que Deus o tenha poupado por um período porque ele deu alguns sinais de arrependimento. Confesso que ele algumas vezes favorece os réprobos, se os vê humilhados. Um exemplo disso, suficientemente marcante, é vista no rei Acabe (1Rs 21.29). Ele não se arrependeu verdadeiramente, mas Deus desejou mostrar o quanto ele se agradou de sua

penitência, ao perdoar um rei ímpio e obstinado em sua perversidade. O mesmo poderia ser dito de Nabucodonosor, se as Escrituras assim o dissessem; mas, pelo que podemos entender destas palavras do profeta, Nabucodonosor se tornou cada vez mais orgulhoso, até que seu limite chegou. O rei continuou a crescer em orgulho depois que Deus o advertiu, e isso era intolerável. Desse modo, sua estupidez foi notável, pois ele teria sido igualmente descuidado se tivesse vivido cem anos depois de ter ouvido a advertência de Deus. Finalmente, penso que, embora Nabucodonosor percebesse que alguma horrível punição estava por acontecer, e tenha se assustado na momento, não deixou de lado seu orgulho e sua altivez. Enquanto isso, ele pode ter pensado que esta profecia era em vão, e o que ele ouviu provavelmente tenha sido esquecido por um longo tempo, pensando, assim, ter escapado; assim como o ímpio usualmente abusa da paciência de Deus, do mesmo modo entesoura para si uma severa vingança, como diz Paulo (Rm 2.5). Desse modo ele ridicularizou esta profecia e endureceu seu coração mais e mais. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>18</sup>

**BENEVOLÊNCIA PENITENTE.** JOHANN WIGAND: *ao cabo de doze meses* (Dn 4.29). Este tempo de penitência fora determinado por Deus a favor de Nabucodonosor, pois Deus é longânimo. Como Paulo diz: “Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?” (Rm 2.4). Todavia, como viu sua punição sendo adiada e continuou a ser bem-sucedido em todas as coisas, o rei gabou-se em sua própria glória e cresceu em orgulho, segurança e impiedade. **BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.**<sup>19</sup>

### **4.32-33 Nabucodonosor foi realmente transformado em um animal?**

**É DAR-TE-ÃO A COMER ERVAS COMO AOS BOIS.** JOÃO CALVINO: Alguns acham que Nabucodonosor

<sup>17</sup> *Prophets*, 530-531.

<sup>18</sup> CTS 24:285-286 (CO 18:677-678).

<sup>19</sup> *Explicatio Brevis* (1571).



foi transformado em uma besta, mas isso é um absurdo. Não precisamos acreditar em qualquer mudança de natureza, mas ele foi cortado de todo relacionamento com as pessoas e, com a exceção de ter a forma humana, ele não diferia dos brutos; não, tal fora sua deformidade em seu exílio que, como veremos mais tarde, ele se tornara um espetáculo horrível. Todos os cabelos de seu corpo se eriçaram e cresceram como penas de águias; as suas garras eram como as dos pássaros. Nestes pontos ele era, sim, como as bestas, mas, nos outros, era como resto da humanidade. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>20</sup>

**COMENDO GRAMA.** JOHN WIGAND: *Comer ervas* (Dn 4.32). Estas coisas devem ser entendidas literalmente, porque uma história genuína está sendo contada. Mesmo que os humanos não sejam naturalmente capazes de se alimentar com grama, como gado, não obstante, nesta punição, Deus controla Nabucodonosor de tal forma que ele se torna capaz de fazer isso. Aqueles que vêm nisso algum tipo de metamorfose, como se ele tivesse sido transformado em um boi, devem estar sonhando. Este tipo de leitura se opõe à clareza do texto. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>21</sup>

**A PUNIÇÃO DE NABUCODONOSOR.** WILLIAM PEMBLE: Alguns dizem que Nabucodonosor foi metamorfoseado em uma besta, mas a verdadeira opinião é que a doença estava em sua mente, não em seu corpo. Deus o atingiu com um tipo de loucura melancólica, de tal forma que ele perdeu todo o seu juízo, sentido e razão, passando a viver e agir como uma besta do campo. Sua vida era uma vida selvagem, longe da comunhão das pessoas. E eles podem dizer que ele foi transformado em uma águia, porque seus pelos cresceram como as penas de uma, assim como que ele foi transformado em um boi, porque é dito que ele comia grama como um boi. A conclusão também poderia muito bem ser que ele foi convertido em vários bois, porque, como nossos tradutores traduzem de acordo com o original, não é dito que ele comia ervas como o boi, mas como os bois, no plural. O PERÍODO DA MONARQUIA PERSA.<sup>22</sup>

**A TRANSMUTAÇÃO DE NABUCODONOSOR.** ANDREW WILLET: Esta, então, foi a transmutação que Nabucodonosor sofreu: sua forma humana permaneceu, mas a sua alma humana foi transformada, através de seu delírio e loucura, em uma alma bruta (Bullinger). Não que a mente de uma besta lhe tenha sido dada em substância, pois ele reteve a sua alma racional. Também não é o caso de ter lhe restado o mesmo entendimento de uma besta (Osiander), pois ao permanecer a racionalidade da alma, embora embrutecida, sua alma não era literalmente como a de uma besta bruta. Mas, como diz Lyra, ele perdeu o uso da razão por causa de sua loucura, e sua mente se embruteceu... Ele foi um pouco alterado e mudado na constituição e na aparência de seu corpo, ficando deformado, embora não tenha sido transformado em uma besta...

Assim como a sua mente se embruteceu, assim também a constituição de seu corpo foi mudada e se adaptou à comida selvagem por meio da qual ele viveu. Ele andava nu, sem ter preocupação com roupas, como os animais, que são cobertos somente por sua pele... A sua comida era somente ervas e grama, assim como as bestas do campo comiam. Sua habitação era nos campos e florestas, entre os animais brutos. Ele não tinha uso da sua fala humana vivendo entre os animais, mas fazia um ruído rústico como eles. E, assim, foi mudado até mesmo no tocante ao seu corpo, embora a forma humana tenha permanecido ainda em sua cabeça, pés e mãos, não obstante tenha ficado muito deformado. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>23</sup>

**A HUMILHAÇÃO DE NABUCODONOSOR.** MENNO SIMONS: “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus”, como Pedro nos ensina (1 Pe 5), e tomem o próspero e grande rei Nabucodonosor como exemplo (Dn 3.4). Observem quão grandemente ele foi punido por Deus por causa de seu orgulho e como, depois de ser punido, voltou seu coração para a

<sup>20</sup> CTS 24:289-290 (CO 18:681).

<sup>21</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 152.

<sup>22</sup> *Persian Monarchy* (1659), 373-374.

<sup>23</sup> *Sixfold Commentary* (1610) 131-132.

sabedoria e temeu o Todo-Poderoso. Ele o louvou por suas obras e por seu adorável nome. Um Fundamento e Clara Instrução.<sup>24</sup>

#### 4.34-37 A confissão de um rei

**OS CRENTES GENTIOS E A LEI.** MARTINHO LUTERO: Ora, mesmo o ímpio rei da Babilônia, Nabucodonosor, é tão poderosamente convertido pelo sermão de Daniel e pela punição de Deus que permite que um sermão público seja pregado sob seu nome, ordenando que todos acreditassem que o Deus de Israel é o verdadeiro Deus, porque, de fato, ele é o verdadeiro Deus (Dn 4.34-36). Veja, este rei se tornou um crente em Deus e um homem justo e, sem dúvida, muitos outros em seu reino com ele. Não obstante, ele não foi circuncidado e não se submeteu à lei de Moisés. Daniel certamente não negligenciaria informá-lo e aplicar a lei a ele, se não soubesse que a lei de Moisés era imposta somente a Abraão, até que o Verdadeiro Mestre, o Messias, viesse da casa de Israel. CONTRA OS SABATISTAS.<sup>25</sup>

**SETE ANOS DEPOIS.** JOÃO CALVINO: O profeta novamente apresenta o rei Nabucodonosor como o orador. Ele, então, diz: “Mas ao fim daqueles dias, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu” (Dn 4.34). Sem dúvida, ele se refere àqueles sete anos. Quanto a levantar os olhos para o céu, isso mostra o quanto é longo o processo da cura do orgulho, a doença sob a qual ele viveu. Pois quando qualquer parte vital do corpo é corrompida e decai, sua cura é difícil e tediosa; da mesma forma, quando existe orgulho no coração das pessoas e se infiltra nos ossos e na alma, tal não é facilmente arrancado, e isto é importante notar. Então, nós somos ensinados como Deus, através de sua palavra, agiu de tal forma sobre o rei Nabucodonosor não imediatamente ou abertamente, para não tirar o efeito de sua graça. Nabucodonosor foi beneficiado ao ser tratado desgraçadamente durante aqueles sete anos ou tempos e por ser retirado da companhia humana, mas ele não poderia perceber isso até Deus lhe abrir os olhos. Assim, Deus sempre nos disciplina e nos convida aos

poucos e nos prepara para o arrependimento, mas sua graça não é imediatamente reconhecida. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>26</sup>

**A VERDADEIRA SALVAÇÃO E O ARREPENDIMENTO DE NABUCODONOSOR.** JOHN MAYER: *ao fim daqueles dias, tornou-me a vir o entendimento e eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu.* Traduzi assim, não como as palavras estão no original, porque o seu levantar de olhos está colocado primeiro, e depois a volta de seu entendimento. Assim, é *hysteron proteron*, o último colocado primeiro, pois primeiro o seu entendimento deve retornar a ele e, então, ele levanta os olhos para o céu para bendizer a Deus. Como o coração de um animal não pode fazer isso, fica claro que o julgamento imposto sobre ele e a razão que lhe veio, estavam em sua mente, não na transmutação de seu corpo, pois esta mente bestial o fez viver como um bruto, uma besta. Desta relação de Nabucodonosor, aprendemos que o homem, que é como uma árvore que floresce pela prosperidade, fica tão fascinado que, esquecendo-se de Deus, iguala-se a ele em sua imaginação, então, como o orgulho precede a queda, Deus, que é muito vigilante, ao observar o inchamento do coração de tal homem, o derruba, através de doença, ou tira dele, sua prosperidade terrena, fazendo-o vil e desprezível, e assim ele vive como uma besta estúpida por um longo tempo, sem considerar porque a mão de Deus é tão pesada sobre ele, ou murmurando contra Deus. Mas, se ele pertence a Deus, ele considera sua impiedade, seus pensamentos anteriores, que eram elevados, e se arrepende, e é levantado novamente, como Nabucodonosor ou como Jó, neste mundo ou no mundo vindouro, embora, depois disso, ele seja sempre mantido humilde aqui. Então, o que ele faz? Bendiz e glorifica a Deus, com toda a sua força, procurando, por meio de suas palavras, de seus louvores e das coisas maravilhosas que lhe foram feitas, fazer com que os outros também reconheçam Deus como o único e verdadeiro Deus e também se prostrem para

<sup>24</sup> *Foundation*, 32.

<sup>25</sup> WA 50:327-328.

<sup>26</sup> CTS 24:293-294 (CO 18:684).

exaltá-lo e passem viver em obediência santa à sua vontade, para sua glória.

Assim, como Lyra diz, não se deve duvidar de que Nabucodonosor, depois disto, continuou a morrer diariamente e, assim, foi salvo. No entanto, aquilo que é falado dele em Isaías (Is 14.12-16) pode parecer contradizer isso. Ele responde que nada mais é dito, senão o que aconteceu aqui, que trata de sua queda até o chão e de sua ruína neste mundo por causa de seu orgulho, sendo ele deixado, como um homem desventurado, sofrendo ainda em seu corpo depois da morte. Isto Isaías viu que aconteceria a ele por causa de seu orgulho intolerável, mas sua conversão final foi escondida daquele profeta e não foi revelada até os dias de Daniel, visto que, depois deste testemunho dado sobre seu sério arrependimento, nada mais é falado dele, sua história está concluída e deve-se entender que tudo o que sua vida tinha sido antes foi perdoado e, no final, ele recebido com misericórdia. Nenhum pecador penitente que agora faz a obra de Deus deve perder a esperança na misericórdia, por mais tola que sua vida pregressa possa ter sido. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>27</sup>

**NABUCODONOSOR RECONHECE A DEUS.** JOÃO CALVINO: No fechamento deste decreto, Nabucodonosor faz a confissão sincera de suas faltas e adora a Deus! O que ele diz dos orgulhosos ele, sem dúvida, aplica a si mesmo, como se tivesse dito: “Deus desejou fazer de mim um monumento marcante de seu método de humilhar o orgulhoso, para a instrução de toda a raça humana. Pois eu era soberbo e orgulhoso e Deus corrigiu isto através de uma punição tão exemplar que meu exemplo será benéfico para todo o mundo.” Portanto, como eu disse, o rei Nabucodonosor não simplesmente agradece a Deus, mas, ao mesmo tempo, confessa sua culpa, pois, embora dominado por uma merecida severidade, não obstante, sua altivez não poderia ser dominada por nenhum remédio mais leve. Antes de tudo ele fala: *eu louvo, exalço e glorifico ao rei dos céus!* Estas palavras, sem dúvida, eram procedentes de uma afeição fervorosa. Ao mesmo tempo, um contraste já mencionado no princípio tem que ser entendido;

como Deus nunca pode ser adorado corretamente a menos que a ignomínia da pessoa seja detectada, assim também ele não é devidamente exaltado até que altivez seja derrubada; ele nunca é glorificado até que a pessoa seja sepultada em vergonha e prostrada em terra. Desse modo, enquanto Nabucodonosor, aqui, adora, exalta e glorifica a Deus, ele também confessa que ele mesmo e todos os mortais são nada – como ele fez antes – e não merecem adoração, mas sim a suprema ignomínia...

Como, portanto, aqui, Nabucodonosor confessa que Deus é justo e verdadeiro em todas as suas obras, sem exceção, não obstante a sua severa punição, esta confissão não é fingida, pois ele necessariamente diz o que diz do mais profundo recôndito de seu coração, por ter experimentado o rigor do juízo divino.

Ele agora acrescenta, finalmente: *Ele pode humilhar aos que andam na soberba.* Aqui Nabucodonosor demonstra mais abertamente sua própria desgraça, pois ele não se envergonha de confessar suas faltas perante o mundo inteiro, pois a sua punição era conhecida por todos. Assim como Deus desejou que sua insensatez fosse detestada universalmente, ao fazer dele um exemplo tão horrível de sua punição, assim Nabucodonosor trás seu próprio caso à luz e testifica da justiça da punição, em consequência de seu extremo orgulho. Aqui, então, vemos o poder de Deus unido à sua justiça, como já mencionamos anteriormente. Ele não atribui a Deus uma tirania livre de toda a lei; pois assim que Nabucodonosor confessa que todos os caminhos de Deus são justos, ele se condena por seu orgulho logo. Desse modo, ele não hesita em expor sua desgraça a toda a humanidade, para que Deus seja glorificado. E este é o verdadeiro método de louvar a Deus, não somente confessando que não somos nada, mas também rememorando as nossas falhas. Devemos não somente reconhecer dentro de nós uma culpa perante ele, mas também abertamente testificar a mesma coisa perante os homens, sempre que necessário. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> *Prophets*, 533.

<sup>28</sup> CTS 24:302-4 (CO 18:690-691).

**NABUCODONOSOR FOI SALVO?** ANDREW WILLET: Pode ser objetado que ele não foi salvo, por causa daquela passagem em Isaías: *Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo* (Is 14.15), a qual, referindo-se a Nabucodonosor, mostra sua eterna destruição no inferno. E ainda mais, que nele, é demonstrada e descrita a queda de Lúcifer, que, com os anjos réprobos, foi lançado no inferno.

Resposta: Embora seja admitido e que Nabucodonosor aqui é um tipo de Lúcifer, não é necessário que todas as coisas expressas nesta profecia concordem com o tipo. Pois algumas coisas devem estar de acordo com o tipo e a figura; outras somente com o sinal, e ainda outras apenas com a coisa prefigurada. Como no Salmo 2, onde Davi é um tipo de Cristo: *Os reis da terra se levantam, etc.* (Sl 2.2) concorda com *Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião* (Sl 2.6). Mas estas palavras, *Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei* (Sl 2.7), só podem ser aplicadas a Cristo. Neste caso, este lançar ao abismo pode ser entendido como referindo-se somente a Lúcifer, aqui prefigurado (Pererius). Mas existem melhores respostas do que esta.

...Pode ser também, e mais bem respondido, que não é necessário entender esta profecia como referindo-se a Nabucodonosor, mas cumprida em Belteassar. Pois o profeta [Isaías] profetizou também sobre a destruição da Babilônia, a qual continuou existindo por muitos anos depois da morte de Nabucodonosor. E, finalmente, a palavra *abismo* significa também sepultura e, assim, é melhor interpretada aqui. Portanto, a mais provável e certa opinião é que Nabucodonosor, no final, foi salvo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>29</sup>

**A PROVIDÊNCIA SECRETA DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Agora segue: *segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra* (Dn 4.35)... Sabendo que isto é verdade, devemos nos lembrar o quanto nossa precipitação é desenfreada e perversa, quando ousamos objetar a qualquer coisa que Deus faça; por isso a necessidade deste ensinamento que coloca em nós o freio da modéstia é provada, já que

Deus faz todas as coisas de acordo com a sua vontade, como é dito no Salmo 115.3, *No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada.* Desta sentença, entendemos que nada acontece por acaso, mas todos os eventos no mundo dependem de Deus e da sua secreta providência. Não devemos admitir qualquer distinção entre a permissão de Deus e o seu desejo, pois vemos que o Espírito Santo – o melhor mestre da língua – claramente expressa, aqui, duas coisas: primeiro, o que Deus faz; e segundo, o que ele faz por sua própria vontade. Mas a permissão de Deus, de acordo com aqueles vãos especuladores, difere da vontade, como se Deus, relutantemente, permitisse acontecer aquilo que ele não desejou que acontecesse! Ora, não há nada mais ridículo do que atribuir esta fraqueza a Deus. Por isso, a eficácia da ação é acrescentada; Deus faz aquilo que ele deseja, diz Nabucodonosor. Ele não fala em um sentido carnal, mas em um sentido espiritual, ou instinto, como já dissemos, já que o profeta deve ser ouvido como se tivesse sido mandado dos céus. Ora, desse modo, entendemos como este mundo é administrado pela providência secreta de Deus e que nada acontece que ele não tenha determinado e decretado; e por isso ele deve, com justiça, ser estimado como o Autor de todas as coisas.

Alguns objetam, aqui, ao aparente absurdo de dizer que Deus é o autor do pecado, se nada é feito fora da sua vontade, como se o próprio Deus executasse o pecado. Esta calúnia é facilmente respondida, pois o método da ação de Deus difere materialmente, do método de ação das pessoas. Pois quando qualquer pessoa peca, Deus trabalha de sua própria maneira, a qual é muito diferente, certamente, da maneira dos homens, já que ele exerce seu próprio julgamento e, assim, cega e endurece os corações. Quando Deus, portanto, ordena aos réprobos e malignos, ele permite que eles se envolvam em todas as formas de licenciosidade e, ao fazer isto, executa seu próprio julgamento. Mas aquele que peca é merecidamente culpado e não pode implicar Deus como cúmplice de sua impiedade. E por que não? Porque Deus não tem nada em comum com esta pessoa em relação à

<sup>29</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 150-151.

pecaminosidade. Assim, vemos como estas coisas que podem parecer contrárias umas às outras são mutuamente concordantes, já que Deus, através de sua própria vontade, governa todas as coisas no mundo e, ainda assim, não é o autor do pecado. E por que não? Porque ele trata Satanás e todos os ímpios com a estrita justiça de um juiz. Nem sempre vemos o processo, mas nós devemos sustentar este princípio com toda firmeza – o poder supremo está nas mãos de Deus; consequentemente, não devemos objetar aos seus julgamentos, por mais inexplicáveis que eles possam parecer a nós. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>30</sup>

**DEUS TODO-PODEROSO.** HANS DENCK: Tu, ó Deus, sabes como restaurar todas as coisas, pois és poderoso e tens poder sobre todos os reinos humanos. Tu os entregas àqueles em quem te comprazes e humilhas outro, de tal forma que ele tenha que comer grama como as bestas do campo por sete anos, como um boi, para que tu sejas conhecido como aquele que tem poder sobre todos os senhores e príncipes. REFLEXÕES SOBRE MIQUEIAS.<sup>31</sup>

<sup>30</sup> CTS 24:297-99 (CO 18:686-88).

<sup>31</sup> *Writings*, 129.

## 5.1-31 A ESCRITURA NA PAREDE

<sup>1</sup> O rei Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus grandes e bebeu vinho na presença dos mil. <sup>2</sup> Enquanto Belsazar bebia e apreciava o vinho, mandou trazer os utensílios de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, tirara do templo, que estava em Jerusalém, para que neles bebessem o rei e os seus grandes, as suas mulheres e concubinas. <sup>3</sup> Então, trouxeram os utensílios de ouro, que foram tirados do templo da Casa de Deus que estava em Jerusalém, e beberam neles o rei, os seus grandes e as suas mulheres e concubinas. <sup>4</sup> Beberam o vinho e deram louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra. <sup>5</sup> No mesmo instante, apareceram uns dedos de mão de homem e escreviam, defronte do candeeiro, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via os dedos que estavam escrevendo. <sup>6</sup> Então, se mudou o semblante do rei, e os seus pensamentos o turbaram; as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro. <sup>7</sup> O rei ordenou, em voz alta, que se introduzissem os encantadores, os caldeus e os feiticeiros; falou o rei e disse aos sábios da Babilônia: Qualquer que ler esta escritura e me declarar a sua interpretação será vestido de púrpura, trará uma cadeia de ouro ao pescoço e será o terceiro no meu reino. <sup>8</sup> Então, entraram todos os sábios do rei; mas não puderam ler a escritura, nem fazer saber ao rei a sua interpretação. <sup>9</sup> Com isto, se perturbou muito o rei Belsazar, e mudou-se-lhe o semblante; e os seus grandes estavam sobressaltados. <sup>10</sup> A rainha-mãe, por causa do que havia acontecido ao rei e aos seus grandes, entrou na casa do banquete e disse: Ó rei, vive eternamente! Não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante. <sup>11</sup> Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos;<sup>a</sup> nos dias de teu pai, se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria como a sabedoria dos deuses; teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos encantadores, dos caldeus e dos feiticeiros, <sup>12</sup> porquanto espírito excelente, conhecimento e inteligência, interpretação de sonhos, declaração de enigmas e solução de casos difíceis se acharam neste Daniel, a quem o rei pusera o nome de Beltessazar; chame-se, pois, a Daniel, e ele dará a interpretação. <sup>13</sup> Então, Daniel foi introduzido à presença do rei. Falou o rei e disse a Daniel: És tu aquele Daniel, dos cativos de Judá, que o rei, meu pai, trouxe de Judá? <sup>14</sup> Tenho ouvido dizer a teu respeito que o espírito dos deuses<sup>b</sup> está em ti, e que em ti se acham luz, inteligência e excelente sabedoria. <sup>15</sup> Acabam de ser introduzidos à minha presença os sábios e os encantadores, para lerem esta escritura e me fazerem saber a sua interpretação, mas não puderam dar a interpretação destas palavras. <sup>16</sup> Eu, porém, tenho ouvido dizer de ti que podes dar interpretações e solucionar casos difíceis; agora, se puderes ler esta escritura e fazer-me saber

a sua interpretação, serás vestido de púrpura, terás cadeia de ouro ao pescoço e serás o terceiro no meu reino. <sup>17</sup> Então, respondeu Daniel e disse na presença do rei: Os teus presentes fiquem contigo, e dá os teus prêmios a outrem; todavia, lerei ao rei a escritura e lhe farei saber a interpretação. <sup>18</sup> Ó rei! Deus, o Altíssimo, deu a Nabucodonosor, teu pai, o reino e grandeza, glória e majestade. <sup>19</sup> Por causa da grandeza que lhe deu, povos, nações e homens de todas as línguas tremiam e temiam diante dele; matava a quem queria e a quem queria deixava com vida; a quem queria exaltava e a quem queria abatia. <sup>20</sup> Quando, porém, o seu coração se elevou, e o seu espírito se tornou soberbo e arrogante, foi derribado do seu trono real, e passou dele a sua glória. <sup>21</sup> Foi expulso dentre os filhos dos homens, o seu coração foi feito semelhante ao dos animais, e a sua morada foi com os jumentos monteses; deram-lhe a comer erva como aos bois, e do orvalho do céu foi molhado o seu corpo, até que conheceu que Deus, o Altíssimo, tem domínio sobre o reino dos homens e a quem quer constitui sobre ele. <sup>22</sup> Tu, Belsazar, que és seu filho, não humilhaste o teu coração, ainda que sabias tudo isto. <sup>23</sup> E te levantaste contra o Senhor do céu, pois foram trazidos os utensílios da casa dele perante ti, e tu, e os teus grandes, e as tuas mulheres, e as tuas concubinas bebestes vinho neles; além disso, deste louvores aos deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não veem, não ouvem, nem sabem; mas a Deus, em cuja mão está a tua vida e todos os teus caminhos, a ele não glorificaste. <sup>24</sup> Então, da parte dele foi enviada aquela mão que traçou esta escritura. <sup>25</sup> Esta, pois, é a escritura que se traçou: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. <sup>26</sup> Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino e deu cabo dele. <sup>27</sup> TEQUEL: Pesado foste na balança e achado em falta. <sup>28</sup> PERES: Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas. <sup>29</sup> Então, mandou Belsazar que vestissem Daniel de púrpura, e lhe pusessem cadeia de ouro ao pescoço, e proclamassem que passaria a ser o terceiro no governo do seu reino. <sup>30</sup> Naquela mesma noite, foi morto Belsazar, rei dos caldeus. <sup>31</sup> E Dario, o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino.

a Ou: Espírito do santo Deus. b Ou: Espírito de Deus. c Capítulo 6.1 em aramaico.

**VISÃO GERAL:** Este capítulo nos apresenta o ímpio rei Belsazar, que restaura a idolatria e profana as coisas de Deus. Alguma consideração é dada à história e à relação entre Nabucodonosor e Belsazar. Os pecados do rei revelados em sua grande festa são discutidos; particularmente, o uso apropriado e inapropriado do vinho é comentado. Durante esta festa, dedos de uma mão humana apareceram e escreveram algo na parede do palácio real. Característico de seu orgulho, o rei oferece grandes recompensas ao sábio que possa interpretar o que está escrito. Todos falham e, neste momento, a rainha aparece. Nossos comentaristas falam com interesse sobre a identidade da rainha e seus comentários sobre Daniel. Os comentaristas luteranos são particularmente impactados pela possibilidade do relacionamento entre Daniel, como chefe dos magos, e os magos dos dias de Cristo. Daniel é trazido perante o rei e começa com um

exame da história. Ele, então, oferece a sua interpretação das quatro palavras. Depois de sua interpretação, o rei veste Daniel com púrpura e morre como um tirano não arrependido.

### 5.1a O rei Belsazar

**CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS.** FILIPE MELANCHTHON: Acima, Daniel mostrou o arrependimento do rei e a propagação da verdadeira adoração, e a ele Deus conferiu recompensas. Agora Daniel acrescenta um exemplo oposto, de um rei ímpio que restaurou a idolatria e não se arrependeu, a quem Deus pune e remove do poder.

Primeiro, a história tem de ser considerada. Nabucodonosor reinou por quarenta e cinco anos. Seu filho Evil-Merodaque, que imitou a piedade de seu pai, conferiu honras reais a Joaquim, rei de Judá, e deu ao povo de Deus

grandes benefícios. Evil-Merodaque reinou por vinte e três anos.

Depois disso, Belsazar, muito diferentemente, reinou e caiu em idolatria. Como é testificado, ele foi um inimigo da verdadeira doutrina, sancionou a idolatria, profanou os utensílios judaicos e, com grande desprezo, insultou Deus, como fizeram Senaqueribe e Rabsaqué, em 2Reis 18 – 19, e como os judeus zombaram de Cristo: “Se és o Filho de Deus, desce da cruz” (Mt 27.40). Punição certa caiu sobre estes blasfemadores; de acordo com a lei, “o SENHOR não terá por inocente o que tomar seu nome em vão” (Êx 20.7).

Esta história primeiro nos admoesta a respeito do horrível poder do diabo, o qual, em todas as eras, usa as maiores autoridades para sancionar a idolatria e perseguir a igreja... Segundo, esta história conclama as autoridades à piedade e adverte os ímpios sobre a punição. Terceiro, ela mostra que a sucessão de reis é feita por Deus por causa dos vários pecados. Deus pune a idolatria e a blasfêmia, como em Manassés e os reis de Israel. Com Davi, ele puniu o adultério e seu plano de assassinato. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>1</sup>

**NABUCODONOSOR E BELSAZAR.** JOHN MAYER: No tocante a Belsazar, o rei, alguns acham que ele era filho de Nabucodonosor, porque ele é assim chamado neste capítulo, e pouco depois Nabucodonosor é mencionado e, embora possa parecer o contrário, que Evil-Merodaque sucedeu a Nabucodonosor, é sustentado por eles que Evil-Merodaque e Belsazar eram a mesma pessoa. Isto é insinuado em Jeremias 50.2, onde é dito, ao se falar da destruição da Babilônia: *Bel está confundido, e abatido, Merodaque*, o que pode ser entendido por Evil-Merodaque. No entanto, em Jeremias 27 é dito que todas as nações servirão a Nabucodonosor e a seu filho e ao filho de seu filho, o que não foi cumprido, se Belsazar for seu filho, em cuja época a Babilônia foi destruída. Eles respondem que havia dois Nabucodonosores, a respeito do primeiro dos quais Jeremias diz que todas as nações serviriam a ele, ao seu filho e ao filho de seu filho, e assim o fizeram, se Belsazar foi o filho do segundo destes Nabucodonosores. Ou-

tros dizem que Belsazar não era filho, mas neto de Nabucodonosor, e era chamado de seu filho apenas como o neto de qualquer homem o é comumente chamado de filho, e o avô é chamado de pai. De acordo com isso, Evil-Merodaque era filho de Nabucodonosor e Belsazar era seu filho. Finalmente, outros colocam perto de Nabucodonosor, Evil-Merodaque, depois Niglissar, depois dele Labosordacos, depois Belsazar, como Josefo, a quem Jerônimo segue, mas, para eles, ele calcula tantos anos que a conta não se encaixa com os anos do cativo judaico: para Evil-Merodaque, dezoito anos; para Niglissar, quarenta; para Labosordacos, nove meses; para Belsazar dezessete, os quais, somados resultam em setenta e cinco anos, além dos trinta e seis anos de Nabucodonosor, depois que Jerusalém fora destruída. Portanto, é melhor considerar que Belsazar era o filho de Evil-Merodaque e que ele fora omitido por Daniel porque, em seu tempo, nada de marcante aconteceu, exceto o que fora relatado anteriormente (2Rs 25) e Daniel propôs a si mesmo relatar apenas eventos notáveis. E, desse modo, a profecia de Jeremias foi cumprida: todas as nações serviram a Nabucodonosor, a seu filho, e ao filho de seu filho, e não somos forçados a conjecturar a respeito de um outro Nabucodonosor, interposto entre eles, sobre quem nem os hebreus nem Berosus, o historiador caldeu, fazem qualquer menção. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>2</sup>

### 5.1b-2 Bebendo vinho

**O VINHO É UMA BOA CRIAÇÃO DE DEUS.** HEIRICH BULLINGER: *O rei Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus grandes e bebeu vinho na presença dos mil* (Dn 5.1). Não há culpa em beber vinho. O vinho é uma boa criação de Deus, dado por Deus para o benefício e para a alegria humana e, por esta razão, Belsazar é citado aqui como bebendo vinho sem censura. Deve ser entendido que ele bebeu imoderadamente. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 78-80.

<sup>2</sup> *Prophets*, 534, Berosus viveu por volta de 290 a.C. e escreveu a história da Babilônia. O seu trabalho sobrevive hoje somente em fragmentos.

<sup>3</sup> *Daniel Sapientissimus*, 50.

**BEBENDO VINHO.** JOÃO CALVINO: O profeta diz: *Enquanto Belsazar bebia e apreciava o vinho* (Dn 5.2). Uma vez que *tegnem* significa “provar”, sem dúvida, aqui, ele fala de apreciar; e, como isso pode ser metaforicamente transferindo para a compreensão, alguns entendem que o termo significa ser impelido pelo vinho, e, assim, sua embriaguez tomou o lugar da razão e do juízo. Noites, amor e vinho, diz Ovídio, não há moderação neles. Esta explicação, eu penso que é forçada demais; o termo parece simplesmente significar que, quando Belsazar ficou mais aquecido com o vinho, ele ordenou que os utensílios fossem trazidos a ele, e esta é a visão mais usual. Quando, portanto, o sabor do vinho prevaleceu, isto é, quando o vinho tomou os sentidos do rei, então ele *mandou trazer os utensílios*. É importante observar isso, para nos persuadir a sermos cautelosos ao beber, porque nada é mais comum do que agir imprudentemente quando os nossos sentidos estão sob a influência do vinho. Desse modo, devemos usar o vinho com sobriedade, para que ele possa revigorar não somente o corpo, mas também a mente e os sentidos, e nunca enfraquecer, debilitar ou embotar os nossos poderes físicos ou mentais. E isto é, infelizmente, muito comum, como diz um provérbio bem conhecido: o orgulho se origina da embriaguez. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>4</sup>

**O PECADO DA EMBRIAGUEZ.** JOHANN WIGAND: A embriaguez é um pecado contra o sexto mandamento do Decálogo, no qual é consumida mais bebida do que a natureza das pessoas requer. O corpo fica pesado e a mente fica confusa, quando a pessoa perde o controle de suas faculdades mentais. Eu me refiro ao sexto mandamento porque a embriaguez vicia a mente e o corpo e produz ocasiões para desejos ilícitos.

A embriaguez tem dois aspectos: a física, a qual acontece pela ingestão imoderada de vinho, criando sentimentos de torpor que sobem para a cabeça e perturbam o cérebro. A embriaguez espiritual é cheia de erros e pecados, através da qual a mente e o coração são perturbados e enfeitiçados: *Pelo que agora ouve isto, ó tu que estás aflita e embriagada, mas não de vinho* (Is 51.21); *Ébrios, despertai-vos e chorai* (Jl 1.5).

A causa eficiente da embriaguez são as pessoas e o diabo. Ficar bêbado por causa do diabo é algo bem conhecido. João escreve: *Aquele que pratica o pecado procede do diabo* (1Jo 3.8). Outros pecados e condenação seguem a embriaguez, eles testificam. É com este espírito que se comete o pecado. As pessoas cometem este pecado pelo livre-arbitrio, estendendo a mão à bebida, que eles poderiam não pegar, levando-a aos seus lábios, os quais eles poderiam afastar, e repetidamente colocando mais bebida, quando poderiam fazê-lo com moderação. EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>5</sup>

### 5.3-4 Os pecados de Belsazar

**O USO DOS UTENSÍLIOS SAGRADOS POR BELSAZAR.** JOÃO CALVINO: Aqui o rei Belsazar chama para si o seu próprio julgamento, porque ele furiosamente provocou a ira de Deus contra si mesmo, como se ele estivesse insatisfeito com a demora desse julgamento, enquanto Deus adia a sua execução. Isso está de acordo com aquilo que eu disse. Quando a destruição de uma casa está próxima, o ímpio remove os postes e os portões, como Salomão diz (Pv 17.19). Deus, desse modo, quando deseja executar seu julgamento, impele o réprobo, através de um instinto secreto, a correr em direção à sua própria destruição, por vontade própria. Belsazar fez isso. Sua falta de cuidado foi um sinal de sua estupidez e da ira de Deus quando, em meio ao seu próprio orgulho e aos seus próprios crimes, ele se deleitou. Assim, sua cegueira enfatiza ainda mais a vingança de Deus, já que Belsazar não se contentou com sua própria intemperança e seus excessos, mas abertamente declarou guerra contra Deus. Ele *mandou trazer os utensílios de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, tirara do templo*. Esses utensílios parecem ter ficado estocados no tesouro; por isso Nabucodonosor nunca tinha abusado deles durante a sua vida; nós também não lemos que Evil-Merodaque tivesse feito alguma coisa deste tipo, e Belsazar

<sup>4</sup> CTS 24:311 (CO 18:696-697). Ovídio (43 a.C — 17 d.C) foi um dos mais importantes poetas romanos. A referência de Calvino é a Ovídio, *Amores* 1.6.59.

<sup>5</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 173.



deseja, agora, propositadamente infligir este insulto a Deus. Não há dúvida de que ele trouxe os utensílios com o propósito de triunfar sobre o Deus verdadeiro e ridicularizá-lo, como veremos mais adiante. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>6</sup>

**OS PECADOS DE BELSAZAR.** JOHANN WIGAND: Três pecados são enumerados por sinédoque, como é o costume dos profetas, os quais incluem, entre outras coisas, extravagância e embriaguez; profanação de utensílios sagrados; idolatria e blasfêmia. O texto traz: *bebeu vinho na presença dos mil*, isto é, ele tinha avidez e propósito, bebendo com eles até a embriaguez. Desse modo, este é o primeiro pecado: extravagância na festa e bebedeira. Este pecado aumenta o presente perigo. Agora a Babilônia estava cercada por inimigos. Desse modo, estas coisas diminuem a integridade de sua força e poder, removendo o temor a Deus. Elas fazem você desprezar o inimigo e se sentir seguro e impenitente.

O segundo pecado é a profanação dos utensílios sagrados, os quais foram tirados do templo em Jerusalém e, até este dia, mantidos guardados. Efésios 5.18 nos diz que o vinho é seguido por devassidão.

...O terceiro pecado é a idolatria pagã e a blasfêmia, através da qual o verdadeiro Deus é ofendido por grande desonra, como se as conquistadas da Babilônia fossem por causa de Belsazar. O rei pensou que pudesse falar tola e impunemente. Ele não percebeu que Deus viu aquela festa devassa e escutou as palavras embriagadas de sua boca desprezível, e que tais palavras o ofenderam. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>7</sup>

**NO TOCANTE AS COISAS SAGRADAS.** FILIPE MELANCHTHON: Pergunta-se, a respeito das coisas sagradas, se é ou não permitido transferi-las para uso profano. Eu respondo que tudo o que estiver separado, sem a palavra de Deus, não deve ser evitado no uso diário, porque nada é feito sagrado sem a palavra de Deus. De fato, é uma impiedade imaginar alguma coisa sagrada sem a palavra de Deus. Em Atos claramente está escrito “O que Deus purificou, não consideres comum” (At 10.15).

...Belsazar profanou as coisas divinamente consagradas e acrescentou blasfêmias. Ele as profanou para mostrar que era um inimigo de Deus. Como o texto claramente diz, *eles adoraram os deuses de ouro e madeira, etc.* Assim como Juliano, o Apóstata, tentou restaurar a idolatria, assim também, aqui, Belsazar se aplicou como inimigo da verdadeira doutrina e criou a esperança de restaurar a idolatria. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>8</sup>

### 5.5-9 A escrita na parede

**A ESCRITA A MÃO.** JOÃO CALVINO: Aqui Daniel começa sua narrativa sobre a mudança que aconteceu, pois naquele momento o rei teve o conhecimento de que alguma coisa triste e perturbadora estava para acontecer. Mas, como ele não entendeu imediatamente do que se tratava, Deus deu a ele um sinal, como um presságio da calamidade, segundo a linguagem dos profanos. Desta maneira, Deus lhe mandou um aviso quando viu o rei e seus nobres agindo com louca licenciosidade. *Apareceram uns dedos de mão de homem*, diz o profeta, usando esta expressão de sua similitude e forma. Estamos certos de que não era a mão de um homem; tinha a aparência de uma, por isso foi chamada assim. As Escrituras comumente usam este método de expressão, especialmente quando trata de símbolos externos. Esta é, então, uma forma sacramental de falar, se é que posso usar esta expressão. Deus, de fato, escreveu a inscrição por seu próprio poder, mas ele mostra ao rei Belsazar a figura como se um homem tivesse escrito na parede; por isso *os dedos de uma mão* foram mostrados. Esta expressão conduz, com toda ênfase, à realidade do milagre, pois se Belsazar tivesse visto isso na parede desde o início, ele poderia supor que algum artifice tivesse colocado a mão ali; mas como a parede estava previamente em branco e a mão subitamente apareceu, podemos prontamente entender que a mão era um sinal dos céus, através do qual Deus desejou mostrar algo importante ao rei. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> CTS 24:310 (CO 18:696).

<sup>7</sup> *Explicatio Brevis* (1571) 163-164.

<sup>8</sup> *In Danielem Prophetam* (1543), 80-81.

<sup>9</sup> CTS 24:314-315 (CO 18:699).

**ESCREVENDO O JULGAMENTO NA PAREDE.**

JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Naquela hora, ele diz, durante a qual a impiedade cresceu além da medida e ele então blasfemou, Deus conferiu honra ao seu próprio nome, para que todos soubessem que o reino da Babilônia tinha sido derubado pelo julgamento divino e que é ele quem dirige os reinos e as eras. Portanto, naquela hora que parecia, para eles, livre de todos os cuidados e durante a qual Belsazar confiou em seus deuses, o julgamento foi dado e escrito contra tais sentimentos; depois ele expressou arrependimento, mas em vão... Nabucodonosor achou graça, mas não Belsazar; o primeiro a procurou, mas Belsazar, não. O impenitente não acha graça, e nem a procura. Para Belsazar, portanto, a mão apareceu, como se Deus estivesse dizendo: "Eu não mando o profeta, por cuja voz alguém pode recuperar a razão, mas escrevo julgamento que será imutável, que você temerá e não evitará." No início, somente o rei viu o que estava escrito, não os convidados, assim como a mula de Balaão viu o anjo, mas Balaão não o viu. As palavras foram escritas em frente ao candelabro para que fossem iluminadas e vistas com clareza. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>10</sup>

**EVENTOS QUE TIPIFICAM O EVANGELHO.**

JOHN MAYER: Até este ponto, o espírito divino que estava em Daniel fora visto através de sua interpretação de dois sonhos do rei Nabucodonosor. Agora, um terceiro caso é dado, em sua leitura e exposição da estranha escrita na parede para Belsazar, na qual existem algumas tipificações de coisas feitas sob o evangelho. (1) Na rocha cortada da montanha, sem auxílio de mãos. (2) No vigilante decretando a queda do rei orgulhoso, representado por uma grande árvore, o que representava a ameaça de João Batista, de que toda a árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo, e o nosso Senhor dizendo que uma figueira estéril deveria ser cortada, o que também foi cumprido na destruição de Jerusalém pelos romanos, e o renovo da raiz, que brotará de novo mais tarde, também era verdade quanto aos judeus, ou seja, quando forem convertidos (Rm 11.2; 2Co 3). Nesta escrita, predizendo a destruição de Belsazar e a

perda de seu reino porque ele foi pesado e achado leve demais, porque, pelos livros nos quais os atos das pessoas estão escritos todos serão, por fim, julgados por Cristo e, então, aqueles que forem leves como a palha, e não pesados, substanciais, como o trigo, mas como cascas sem grão, serão destruídos e o reino de Deus, dado aos fiéis, que são por dentro aquilo que demonstram por fora. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>11</sup>

**O ORGULHO DO REI.** JOÃO CALVINO: Agora o profeta diz: *Falou o rei e disse aos sábios da Babilônia: Qualquer que ler esta escritura e me declarar a sua interpretação será vestido de púrpura, trará uma cadeia de ouro ao pescoço e será o terceiro no meu reino.* Isso mostra que ele não tinha sido sinceramente tocado pelo temor a Deus. E esta repugnância é digna de observação no ímpio, que teme muitíssimo os juízos de Deus, mas o orgulho de seu coração não é corrigido e dominado, como vimos no caso deste rei. Pois *as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro.* Todo o seu corpo treme e ele fica meio morto de medo, porque o terror que sente do juízo de Deus controla todos os seus sentidos. Entretanto, vemos um orgulho escondido espreitando sua mente, que se manifesta na promessa: *Qualquer que ler esta escritura e me declarar a interpretação... será o terceiro no meu reino.* Deus já o tinha privado de sua dignidade real; no entanto, ele ainda deseja engrandecer outros, em uma postura de desafio a Deus! Qual, então, é o significado disso? Vemos com que frequência os ímpios são aterrorizados e quão profundamente estimam uma contumácia oculta, para que Deus nunca os domine. Eles mostram, de fato, muitos sinais de arrependimento, mas se todas as suas palavras e obras forem pesadas cuidadosamente, veremos que a narrativa do profeta sobre o rei Belsazar é completamente precisa, porque eles se levantam contra Deus e nunca são receptivos ao ensino ou obedientes, mas totalmente entorpecidos. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> In *Danielem prophetam libri duo* (1553), 67.

<sup>11</sup> *Prophets*, 533-534.

<sup>12</sup> CTS 24:321 (CO 18:703).

**O ORGULHO DE BELSAZAR.** JOHANN WIGAND: O orgulho é a mãe fértil dos pecados. Ele é oposto à primeira e à segunda tábuas do Decálogo. Ele atrai e aumenta a vingança de Deus. O orgulho do diabo e da humanidade são vencidos. Ele é a imagem do diabo, que pressiona nossa tola mortalidade. O orgulho é duplo: espiritual e material. O orgulho espiritual coloca confiança em suas próprias obras, como os hipócritas e os fariseus. O orgulho material é encontrado naqueles como Calígula. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>13</sup>

### 5.10-12 A rainha intervem

**A RAINHA.** JOÃO CALVINO: Aqui Daniel relata a ocasião quando fora levado perante o rei, como leitor e intérprete da escrita na parede. A rainha, ele diz, fez isso. Não se sabe ao certo se ela era a esposa do rei Belsazar ou sua avó. Ela era, provavelmente, uma mulher idosa, pois se refere aos eventos ocorridos no tempo do rei Nabucodonosor. Esta conjectura não tem fundamento suficiente, sendo assim, é melhor suspender nosso julgamento a que asseverar algo precipitadamente; a menos que, como vimos antes, sua esposa estivesse à mesa com ele. Devemos observar diligentemente tudo o que podemos apreender das palavras do profeta e, assim, condenar o rei por ingratidão, porque ele não admitiu Daniel no meio dos magos, caldeus e astrólogos...

Ora, quando Daniel diz que a *rainha-mãe...* entrou na casa do banquete, muito provavelmente ela não era a esposa do rei, mas sua avó. Expressei minha intenção de não debater sobre este ponto, pois, em casos duvidosos, todos devem desfrutar de seu próprio julgamento, sem preconceitos. Mas é incongruente dizer que o rei estava banqueteadando com sua esposa e suas concubinas e, então, acrescentar que a rainha entrou no salão do banquete. Por isso, supomos que ela era chamada de rainha por uma questão de honra e respeito, mesmo sem nenhum poder. O testemunho de Heródoto confirma esta opinião, pois ele elogia a rainha do rei Nabucodonosor por sua prudência singular, chamando-o de Labyntus e a ela de Nitocris. É bem mais pro-

vável que esta senhora estivesse ausente do banquete devido a sua idade e sua saúde, pois ela não poderia estar no meio daqueles que se dedicavam à luxúria. Quando ela entra no recinto, lembra o rei a respeito de Daniel. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>14</sup>

**SOBRE A RAINHA.** JOHANN WIGAND: *A rainha-mãe* (Dn 5.11). Ela ofereceu a ocasião para a interpretação da escrita. Deus desejou que sua escrita fosse conhecida pelo rei. A rainha era ou a esposa de Nabucodonosor, ou de Evil-Merodaque. Ela se apegou à pura religião e não pensava como sua ímpia posteridade, nem tinha interesse em seu banquete. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>15</sup>

**QUEM É A RAINHA?** JOHN MAYER: A rainha, ouvindo o que acontecia, entrou no salão. Pode-se questionar quem era ela, já que as esposas e concubinas do rei já estavam com ele. Muito provavelmente ela era a esposa de Nabucodonosor, que ainda vivia, ou de Evil-Merodaque, seu pai, que sabia o que Daniel tinha feito, em casos similares no passado, razão pela qual ela lhe recomenda chamar Daniel. Este, sendo mandado, veio, leu e interpretou a escrita. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>16</sup>

**A PRUDÊNCIA DA RAINHA.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: É dito que ela era a esposa de Nabucodonosor; era mais prudente que as outras e não se embebedava. Porém, ao ver toda consternação e o banquete se tornando em pranto, ela se apressou e, com um instinto divino, anunciou a reputação do santo Daniel. Somente uma pessoa era atenta a todos os benefícios de Daniel, e ela admirava suas grandes virtudes. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>17</sup>

### 5.11b Daniel e os sábios

**DANIEL E OS MAGOS.** MARTIN CHEMNITZ: Como Daniel tinha sido instruído na escola dos

<sup>13</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 171.

<sup>14</sup> CTS 24:324, 326-327 (CO 18:706-707).

<sup>15</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 167.

<sup>16</sup> *Prophets*, 534-535.

<sup>17</sup> *In Daniele prophetam libri duo* (1553), 69.

magos (Dn 1.6; cf. Dn 4.9; 5.11), alguns dos magos, indubitavelmente, tinham sido instruídos sobre a doutrina do Messias, por causa da particularidade daquele relacionamento. Então, é muito provável, com base na experiência e na instrução de Daniel, que algumas sementes da doutrina celestial tenham permanecido entre os magos. Em Daniel 2.44, ele claramente profetiza ao rei da Babilônia sobre o vindouro reino dos céus, que durará para sempre. Assim, aconteceu que nem todos os judeus retornaram do exílio babilônico para Jerusalém, mas muitos ficaram naquele lugar e estabeleceram renomadas sinagogas, e muitos eruditos rabínicos se gabavam de que aqueles sábios ensinavam muitas coisas ali. Desse modo, existiam muitos, em vários reinos, naquele tempo, que não eram judeus nem prosélitos, mas que eram devotos, como são chamados em Atos, isto é, pessoas que, sem circuncisão, costumavam ler os livros proféticos quando eram traduzidos para o grego e costumavam adorar ao Deus de Israel, como lemos a respeito do eunuco etíope em Atos 8.28. Sabendo disso, não seria absurdo se algum conhecimento das promessas sobre o Messias dos judeus, cuja salvação também pertencia ao gentios, fosse atribuída aos sábios, por causa dos ensinamentos de Daniel, ou dos exilados israelitas que ainda moravam na caldeia, ou pela leitura dos profetas. HARMONIA DOS QUATRO EVANGELISTAS.<sup>18</sup>

**DANIEL E OS SÁBIOS.** JOHANN GERHARD: Podemos nos orientar, ainda melhor, se for considerado que o profeta Daniel foi instruído nas escolas dos sábios da Pérsia. Como resultado, ele teria, sem dúvida, confiado a eles alguma coisa sobre a vinda do Messias. Isso teria sido retido continuamente pelos sábios, especialmente sabendo-se que eles eram capazes de ler as Escrituras, que tinham sido traduzidas para a língua grega. Seja como for, uma coisa é certa: eles não teriam sido capazes de reconhecer o nascimento de Cristo somente pela aparição da estrela.

Nós, especialmente, devemos entender que, para virmos a Cristo, Deus, o Senhor, tem de nos guiar através de uma milagrosa e divina luz. Com o nosso próprio entendimento, estamos

na escuridão. Desse modo, não somos capazes de conhecer Cristo se Deus, o Senhor, não inflamar a luz dentro de nós. POSTILLA.<sup>19</sup>

### 5.13-23 Daniel trazido perante o rei.

**DANIEL TRAZIDO PERANTE O REI.** HEINRICH BULLINGER: Daniel não estava no exagerado banquete, nem tampouco estava com os sábios que foram chamados à presença do rei, os quais nada lhe acrescentaram. Pois os piedosos se separaram dos ímpios, e não se misturam com eles. Mesmo se os piedosos e os ímpios viverem na mesma cidade, algumas vezes fazendo uso da mesma casa e compartilhando as coisas materiais, não obstante, os piedosos não se comunicam com os ímpios naquilo que se opõe à sua piedade. Por isso o apóstolo não nos ordena a sair deste mundo, mas, a não sermos *cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as* (Ef 5.11). E, de novo, ele diz: *Para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo* (Fp 2.15). Portanto, embora Daniel vivesse na Babilônia, no meio de uma nação depravada, ele se manteve puro das abominações dos Babilônios. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>20</sup>

**DANIEL COMEÇA COM A HISTÓRIA.** JOÃO CALVINO: Antes que Daniel recitasse o que estava escrito e desse a sua interpretação, ele explica ao rei Belsazar a origem daquele prodígio. Ele não começou a ler de imediato, como convenientemente poderia ter feito, dizendo *Mene, Mene!*, como nós veremos no final deste capítulo, pois o rei poderia não se beneficiar deste discurso abrupto. Aqui Daniel mostra que não foi surpresa nenhuma que Deus tenha estendido sua mão e mostrado a figura de uma mão descrevendo a destruição do rei, pois ele havia, muito obstinadamente, provocado a sua ira. Vemos, então, por que Daniel começa com esta narrativa, já que o rei Nabucodonosor era um monarca

<sup>18</sup> *Harmony*, 190.

<sup>19</sup> *Postilla* 1:138.

<sup>20</sup> *Daniel Sapientissimus*, 53.

poderoso, que subjogou o mundo todo a si mesmo, fazendo com que todos os povos tremessem pela sua palavra e, depois, foi afastado de seu reino. Por isso, fica muito mais claro que Belsazar não vivia em ignorância, pois ele tinha este sinal e notável exemplo de que deveria ter se conduzido com moderação. Já que aquela admoestação doméstica não foi de proveito para ele, Daniel mostra que chegou a hora do anúncio da ira de Deus através de um sinal formidável e poderoso. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>21</sup>

### 5.24-28 A escrita interpretada

**MENE, MENE, TEKEL, PARSIN.** JOHANN WIGAND: Mene (Dn 5.26). Ele repete esta palavra, Mene, Mene, o que indica certeza. O fim de seu reinado se aproxima. Aqui se mostra ante os seus olhos o fim, não espere mais nada, sua medida se completou. Isso mostra que Deus determina o final da vida. Tekel (Dn 5.27). Isto se refere à morte do rei. Deus mostra que ele faz todas as coisas através de seu justíssimo julgamento e julga o pecado severamente. Ele declara Belsazar indigno, pois ele se deleita mais no ouro. Deus dá e retira a vida, e pune a impiedade da espécie humana. *Peres* (Dn 5.28). A terceira palavra se refere à transferência da monarquia e à organização de um novo reino. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA Daniel.<sup>22</sup>

**AS PALAVRAS NA PAREDE.** JOÃO CALVINO: Antes de tudo, Daniel recita as quatro palavras, Mene, Mene, Tekel, Parsin, e, então, acrescenta a sua interpretação. Ele repete a palavra *Mene*. Alguns conjecturam que isto se aplica à contagem dos anos de vida do rei e ao tempo de seu reinado, mas tal suposição parece ser sem qualquer fundamento. Penso que a palavra é usada duas vezes para produzir o efeito de confirmação, como se o profeta quisesse dizer que o número estava completo, já que as pessoas, normalmente, admitem que os cálculos são passíveis de erro. Para convencer Belsazar de que sua vida e seu reino estavam em jogo, Deus afirma que o número está completo, significando que nem um momento poderia ser acrescentado ao tempo já determinado. Assim também o

próprio Daniel interpreta: *Contou Deus o teu reino e deu cabo dele*, diz o profeta. Isso implica que Deus tinha designado e prescrito um final para o seu reino; Desse modo, ele deve necessariamente chegar ao fim, já o que seu período foi cumprido...

A exposição da palavra *Tekel*, *pesar*, agora se segue: *Pesado foste na balança e achado em falta*. Aqui Daniel mostra Deus administrando o seu julgamento, como se estivesse carregando uma balança em sua mão. A figura é tirada do costume humano, pois as pessoas conhecem o uso da balança para uma medida correta. Assim, também Deus trata todas as coisas por peso e medida, pois ele não faz nada com confusão, mas usa moderação; e, de acordo com a linguagem comum, nada é mais nem menos do que deve ser (Sabedoria 11.21). Por esta razão, Daniel diz que Deus pesou Belsazar em uma balança, já que ele não se apressa em infligir punição, mas a executa com justiça, de acordo com sua própria e imparcial regra de governo. Ele foi achado em falta, isto é, foi achado leve e sem peso. É como se ele dissesse: “Você acha que a sua dignidade deve ser poupada, já que todos os povos o reverenciam; você se acha merecedor de honra; você está enganado”, diz o profeta, “pois Deus julga de outra forma; Deus não usa uma balança comum, mas a sua própria balança, e ali você foi achado deficiente; isto é, você foi achado como um homem comum.” Diante destas palavras, não há dúvida de que o tirano ficou grandemente exasperado, mas como seu fim estava se aproximando, ele precisava ouvir a voz do mensageiro. E Deus, sem dúvida, restringiu sua ferocidade, para que ele não se levantasse contra Daniel.

A palavra *Peres* é acrescentada, pois a palavra *Parsin* significa *dividido foi o teu teino* entre os medos e persas. Eu não tenho dúvida de que, por esta palavra, Deus estava dizendo que a dispersão da monarquia estava próxima. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>23</sup>

**TEKEL E JESUS CRISTO.** HEINRICH BULLINGER: De acordo com a palavra desta afirmação divi-

<sup>21</sup> CTS 24:332-333 (CO 18:711-712).

<sup>22</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 170-171.

<sup>23</sup> CTS 24:342-344 (CO 18:718-720).

na, Tekel, a qual em latim é *appendit*, significa “ele pesa”, o que Daniel claramente explica, dizendo: “Você está na balança e foi achado em falta, sem o peso ou valor moral requerido pela justiça de Deus e que deve estar em você.” A balança da justiça é um símbolo... Através desta figura, a justiça do julgamento de Deus sobre a raça humana é belamente representada. Portanto, devemos refletir sobre todas as nossas palavras e obras reunidas nesta balança e, no prato oposto, essas palavras e atos são pesados em comparação com a vontade de Deus e com a justiça de sua lei. Nós todos descobriremos que somos excessivamente leves e vazios, a não ser que o precioso sangue de Cristo seja acrescentado a nós, como nossa recompensa e peso. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>24</sup>

**APLICAÇÃO MORAL DA VISÃO.** ANDREW WILLET: A escrita a mão feita na parede significa a justiça de Deus, que prescreve, de antemão, a penalidade devida aos pecados das pessoas e, que no tempo certo, a traz e a impõe sobre elas. Isso pode também ser aplicado ao julgamento da consciência... Pelas três palavras podem ser entendidas as últimas três coisas que podem sobrevir aos pecadores; a lembrança daquilo que será muito doloroso para eles: morte, juízo final e inferno. Pela contagem dos dias e o seu cumprimento, as pessoas são levadas a pensar em seu fim, como Jó diz: *Visto que os seus dias estão contados, contigo está o número dos seus meses* (Jó 14.5). Pesar na balança significa o mais perfeito julgamento de Deus no último dia. E, a divisão, a punição do inferno, onde os ímpios e réprobos serão eternamente divididos e separados da presença de Deus (Pererius). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>25</sup>

### 5.29-30 A reação do rei

**A REAÇÃO DE BELSAZAR A DANIEL.** JOÃO CALVINO: Esta ordem do rei (Dn 5.29) pode gerar surpresa, já que ele tinha sido tão rispidamente reprovado pelo profeta. Ele parece ter perdido todo o ânimo, pois ele empalideceu cem vezes e teria ordenado ao santo profeta de Deus mil mortes! Como, então, acontece que ele or-

dena que o adornem com vestimentas reais e que seja proclamado pelo seu próprio mensageiro que Daniel era a terceira pessoa no reino? Alguns acham que ele agiu assim porque as leis dos reis eram sagradas entre os Babilônios; sim, suas próprias palavras eram consideradas como obrigatórias e tudo o que eles proclamavam eles desejavam que fosse considerado firme e inviolável. Eles supõem que o rei Belsazar agiu assim por ambição, para que pudesse cumprir suas promessas. Minha opinião é que ele ficou, inicialmente, muito atônito e, ao ouvir o profeta, ele se tornou como uma pedra. Eu acho que ele agiu assim buscando seu próprio alívio e sua própria segurança, pois, de outra forma, ele teria sido considerado desprezível pelos seus nobres. Para se mostrar firme, ele ordena que Daniel seja vestido com aqueles trajes, como se a ameaça do profeta fosse perfeitamente inofensiva. Ele não desprezou o que o profeta disse, mas desejou persuadir seus nobres e todos os seus convidados de sua total indiferença às ameaças de Deus, como se Deus não as tivesse pronunciado com o propósito de executá-las, mas simplesmente para aterrorizá-los. Assim, os reis, quando ficam grandemente aterrorizados, são sempre excessivamente cuidadosos, para não mostrar qualquer sinal de timidez, pois pensam que, assim, sua autoridade seria materialmente enfraquecida. Para continuar, todavia, tendo a reverência de seus súditos, ele quis parecer excessivamente despreocupado e sereno; e eu não hesito em dizer que esta foi a intenção do tirano ao ordenar que Daniel fosse vestido de púrpura, com magnificência real. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>26</sup>

**UM TIRANO IMPENITENTE.** MARTINHO LUTERO: No quinto capítulo, é dada uma advertência contra os tiranos. O exemplo anterior [de Nabucodonosor] é ainda suportável, porque o rei se permitiu ser punido e, então, voltou-se para Deus, através de um arrependimento genuíno, humildade e fé, para que, sem dúvida, de um grande tirano ele se tornasse um santo. Mas, agora,

<sup>24</sup> *Daniel Sapientissimus*, 56.

<sup>25</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 181.

<sup>26</sup> CTS 24:345-346 (CO 18:720-721).

um tirano teimoso e impenitente [Belsazar], que é seguro de si mesmo e se alegra em sua impiedade, é punido. Sem qualquer demora, ele perde seu corpo e sua alma, sua terra e seu povo, de uma vez só. Com certeza, isto é escrito para assustar todos os tiranos. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>27</sup>

**BELSAZAR, UMA ADVERTÊNCIA PARA OS PECADORES SEGUROS.** JOHANN GERHARD: Assim como o rei Belsazar estava se embebedando em

um banquete, juntamente com pessoas influentes quando uma mão escreveu na parede sobre o colapso de seu reino diante dos seus próprios olhos, também sucederá quando este mundo e todos os seus reinos estiverem para ser destruídos; as pessoas também agirão como se estivessem seguras, e se ocuparão com sua embriaguez. POSTILLA.<sup>28</sup>

<sup>27</sup>WADB 11.2.8-10.

<sup>28</sup>Postilla, 1.21.

## 6.1-28 DANIEL E A COVA DOS LEÕES

<sup>1</sup> Pareceu bem a Dario constituir sobre o reino a cento e vinte sátrapas, que estivessem por todo o reino <sup>2</sup> e sobre eles, três presidentes, dos quais Daniel era um, aos quais estes sátrapas dessem conta, para que o rei não sofresse dano. <sup>3</sup> Então, o mesmo Daniel se distinguiu destes presidentes e sátrapas, porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava em estabelecê-lo sobre todo o reino. <sup>4</sup> Então, os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar a Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa. <sup>5</sup> Disseram, pois, estes homens: Nunca acharemos ocasião alguma para acusar a este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus. <sup>6</sup> Então, estes presidentes e sátrapas foram juntos<sup>a</sup> ao rei e lhe disseram: Ó rei Dario, vive eternamente! <sup>7</sup> Todos os presidentes do reino, os prefeitos e sátrapas, conselheiros e governadores concordaram em que o rei estabeleça um decreto e faça firme o interdito que todo homem que, por espaço de trinta dias, fizer petição a qualquer deus ou a qualquer homem e não a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões. <sup>8</sup> Agora, pois, ó rei, sanciona o interdito e assina a escritura, para que não seja mudada, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar. <sup>9</sup> Por esta causa, o rei Dario assinou a escritura e o interdito. <sup>10</sup> Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa e, em cima, no seu quarto, onde havia janelas abertas do lado de Jerusalém, três vezes por dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer. <sup>11</sup> Então, aqueles homens foram juntos, e, tendo achado a Daniel a orar e a suplicar, diante do seu Deus, <sup>12</sup> se apresentaram ao rei, e, a respeito do interdito real, lhe disseram: Não assinaste um interdito que, por espaço de trinta dias, todo homem que fizesse petição a qualquer deus ou a qualquer homem e não a ti, ó rei, fosse lançado na cova dos leões? Respondeu o rei e disse: Esta palavra é certa, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar. <sup>13</sup> Então, responderam e disseram ao rei: Esse Daniel, que é dos exilados de Judá, não faz caso de ti, ó rei, nem do interdito que assinaste; antes, três vezes por dia, faz a sua oração. <sup>14</sup> Tendo o rei ouvido estas coisas, ficou muito penalizado e determinou consigo mesmo livrar a Daniel; e, até ao pôr-do-sol, se empenhou por salvá-lo. <sup>15</sup> Então, aqueles homens foram juntos ao rei e lhe disseram: Sabe, ó rei, que é lei dos medos e dos persas que nenhum interdito ou decreto que o rei sancione se pode mudar. <sup>16</sup> Então, o rei ordenou que trouxessem a Daniel e o lançassem na cova dos leões. Disse<sup>b</sup> o rei a Daniel: O teu Deus, a quem tu continuamente serves, que ele te livre. <sup>17</sup> Foi trazida uma pedra e posta sobre a boca da cova; selou-a o rei com o seu próprio anel e com o dos seus grandes, para que nada se mudasse a respeito de Daniel. <sup>18</sup> Então, o rei se dirigiu para o seu palácio, passou a noite em jejum e não deixou trazer à sua presença instrumentos de música; e fugiu dele o sono. <sup>19</sup> Pela manhã, ao romper do dia, levantou-se o rei e foi com pressa à cova dos

leões. <sup>20</sup> *Chegando-se ele à cova, chamou por Daniel com voz triste; disse o rei a Daniel: Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões?* <sup>21</sup> *Então, Daniel falou ao rei: Ó rei, vive eternamente!* <sup>22</sup> *O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca aos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele; também contra ti, ó rei, não cometi delito algum.* <sup>23</sup> *Então, o rei se alegrou sobremaneira e mandou tirar a Daniel da cova; assim, foi tirado Daniel da cova, e nenhum dano se achou nele, porque crera no seu Deus.* <sup>24</sup> *Ordenou o rei, e foram trazidos aqueles homens que tinham acusado a Daniel, e foram lançados na cova dos leões, eles, seus filhos e suas mulheres; e ainda não tinham chegado ao fundo da cova, e já os leões se apoderaram deles, e lhes esmigalharam todos os ossos.* <sup>25</sup> *Então, o rei Dario escreveu aos povos, nações e homens de todas as línguas que habitam em toda a terra: Paz vos seja multiplicada!* <sup>26</sup> *Faço um decreto pelo qual, em todo o domínio do meu reino, os homens tremam e temam perante o Deus de Daniel, porque ele é o Deus vivo e que permanece para sempre; o seu reino não será destruído, e o seu domínio não terá fim.* <sup>27</sup> *Ele livra, e salva, e faz sinais e maravilhas no céu e na terra; foi ele quem livrou a Daniel do poder dos leões.* <sup>28</sup> *Daniel, pois, prosperou no reinado de Dario e no reinado de Ciro, o persa.*

<sup>a</sup> Ou vieram em grupo; também versos 11.15. <sup>b</sup> Aramaico *respondeu e disse*; também verso 20.

**VISÃO GERAL:** Este bem conhecido capítulo inicia com a promoção de Daniel. Aqui, um exemplo da fé, da diligência, da sinceridade e da justiça do profeta é posto diante de nós. Sua promoção é similar à de José, no Egito, cumprindo as tarefas e obrigações de um rei, embora não o sendo. O rei Dario é elogiado por sua sabedoria e humildade em colocar um estrangeiro cativo com autoridade sobre todos os seus sátrapas. Dario é uma pessoa de fé que abraça a doutrina e a estima, mas, não obstante, sucumbiu ao pedido dos sátrapas. Após o decreto do rei, vemos a ousadia da fé de Daniel, quando ele ora abertamente. Nossos comentaristas fazem muitas perguntas sobre o que Daniel fez. Por que era necessário que ele orasse com as janelas abertas? Estaria isso em conflito com as palavras de Cristo, que nos manda orar em secreto (Mc 6)? Por que ele ora em direção a Jerusalém três vezes ao dia? Finalmente, Daniel pecou ao desobedecer ao decreto do rei ou teriam os crentes permissão para não obedecer a ordens injustas vindas de suas autoridades?

A resposta do rei e suas ações são cuidadosamente consideradas por nossos comentaristas, que enfatizam a distinção entre os pecados do rei, que peca por fraqueza, e o pecado dos acusadores de Daniel, que pecam com a mão levantada por causa de inveja e contra o Espírito Santo. Alguns sugerem que Dario pro-

vavelmente tentou a soltura de Daniel, apontando para sua importância e utilidade para o reino. No final, todavia, foi o rei que o lançou na cova dos leões. Outros denunciam o seu orgulho sacrilégio e sua falsa piedade ao encomendar a salvação de Daniel ao Deus a quem ele serve.

Daniel é protegido e preservado na cova dos leões por causa de sua fé. Nossos comentaristas trabalham neste ponto, para que ninguém pense que ele fora salvo por causa de suas boas obras e méritos. Daniel fala ter sido achado inocente (Dn 6.22), mas esta inocência é explicada porque ele acreditou em Deus (Dn 6.23). O decreto final do rei para todos os povos e nações provoca diversos comentários dos reformadores. Alguns elogiam a fé do rei e suas afirmações evangélicas, outros o acusam de falta de fé, apesar do tom piedoso de seu decreto.

**O ARGUMENTO DO CAPÍTULO.** HEINRICH BULLINGER: Com certeza, todas estas coisas se relacionam conosco como em um excelentíssimo quadro em uma tábua de escrita, que é a história de Daniel, elegantemente descrita neste sexto capítulo. Primeiro, a ocasião de toda a história é relatada, ou seja, o arranjo do reino feito por Dario, no qual Daniel foi elevado à mais alta posição. Por causa disso, as invejosas autoridades dos medos engendraram um plano destrutivo e enganoso contra Daniel. Eles tentaram tirar



vantagem da verdadeira religião de Daniel para oprimi-lo. Porque, como Daniel não desejava escondê-la, mas decidiu confessar sua fé livre e abertamente, ele cairia na insidiosa armadilha preparada por seus inimigos e sua vida correria perigo. Condenado à cova dos leões, ele morreria, a não ser que Deus milagrosamente o preservasse. Deus, a seguir, por seu próprio poder, trouxe a condenação dos inimigos de Daniel, fazendo com que fossem despedaçados, juntamente com suas famílias. Então o rei promulgou um decreto público estabelecendo a verdadeira religião de Deus por todo o seu reino. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>1</sup>

### 6.1-5 A promoção de Daniel

**A INTEGRIDADE DE DANIEL.** JOÃO CALVINO: Daniel nos admoesta através de seu próprio exemplo a persistir na integridade e, assim, privar os maus e ímpios de todas as ocasiões que procuram contra nós. Não acharemos defesa melhor contra os invejosos e os caluniadores do que nos conduzirmos justa e inocentemente. Sejam quais forem as armadilhas que preparem para nós, eles nunca serão bem-sucedidos, pois nossa inocência repelirá a sua malícia como um escudo. Entrementes, vemos como Daniel escapou da ruína total, pois eles procuraram um pretexto contra ele em outras áreas, a saber, seu culto a Deus. Desse modo, aprendamos como devemos estimar a piedade e o sincero desejo por ela como algo mais valioso que a própria vida. Daniel era fiel e justo em sua administração: ele desempenhava as suas obrigações de tal forma, que fechou a boca de seus inimigos e detratores. Assim, como eu disse, a integridade é a melhor de todas as proteções. De novo, Daniel estava em perigo porque não abandonou sua sincera devoção a Deus e profissão de sua fé. Portanto, devemos suportar bravamente todos os perigos toda vez que a adoração a Deus estiver em jogo. Esta vida temporária não deve ser mais preciosa para nós do que a mais sagrada de todas as coisas – a preservação imaculada da honra de Deus. Portanto, vemos como somos chamados a cultivar a integridade, pois não podemos estar mais seguros do que quando for-

tificados por uma consciência limpa, como Pedro, em sua primeira epístola, nos exorta com o mesmo propósito (1Pe 3.16). Ora, seja o que for que possamos temer, ou sejam quais forem os eventos que nos esperam, mesmo que sejamos sujeitos a cem mortes, nunca devemos rejeitar a pura adoração a Deus, já que Daniel não hesitou em se submeter à morte e entrar na cova dos leões porque ele, abertamente, professou seu culto ao Deus de Israel. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>2</sup>

**A ELEVAÇÃO DE DANIEL.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: O rei Dario, de imediato, notou a fé, a diligência, a seriedade e a justiça de Daniel. O rei determinou que ele era merecedor de grande honra, verdadeiramente demonstrando o que o apóstolo escreveu concernente às autoridades em Romanos: “Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela” (Rm 13.3)... Assim como a sabedoria de José fora útil ao Faraó do Egito, assim também Daniel fora útil aos persas e aos medos. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>3</sup>

**DANIEL ESCOLHIDO.** JOÃO CALVINO: Os persas, sendo bárbaros, não eram naturalmente mais misericordiosos que os outros. Por isso, Deus interpôs seu servo Daniel para socorrê-los. Devemos observar, no contexto da história, como somente Daniel foi escolhido por Dario como um daqueles três oficiais superiores. Ele era o terceiro sob o rei Belsazar, embora, por um momento, ainda pudesse provocar inveja entre os súditos do novo rei, que tão grande honra que tinha concedido. Muito provavelmente, Dario foi informado sobre as anteriores predições de Daniel e sobre como interpretou a escrita e se tornou um mensageiro enviado pelo céu para denunciar a destruição do rei Belsazar. Pois a menos que este rumor tenha alcançado Dario, Daniel nunca teria obtido tanta autoridade em seu governo. Seu próprio exército era muito numeroso, e sabemos como todo conquistador é cercado, na guerra, por muitos dependentes,

<sup>1</sup> *Daniel Sapientissimus*, 59.

<sup>2</sup> CTS 24:351 (CO 19.5).

<sup>3</sup> *In Daniele prophetam libri duo* (1553).73.

todos os quais desejam desfrutar do espólio. Dario, portanto, nunca teria observado um estrangeiro e cativo e lhe concedido tão grande honra e poder se não tivesse entendido que ele era um profeta de Deus e um arauto da destruição da monarquia babilônica. Assim, concluímos o quanto foi providencial ele estar entre os primeiros sátrapas, e até mesmo ser o terceiro no reino, pois fez com que ele fosse observado por Dario mais rapidamente. Pois se Daniel tivesse sido humilhado pelo rei Belsazar, ele teria permanecido em casa, em obscuridade; mas como apareceu vestido em trajes reais, o rei perguntou quem era ele. Ele ouviu como tinha alcançado tão grande honra e o reconheceu como um profeta de Deus e o designou como um dos três presidentes. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>4</sup>

**DANIEL COMO UM REI.** MARTINHO LUTERO: Mesmo perante o mundo, Daniel era um excelente e poderoso homem. Vemos aqui que ele governou, como um primeiro-ministro sobre os dois primeiros reinos [mencionados no sonho de Nabucodonosor (Dn 2.31-45)], como se Deus estivesse dizendo: “Eu tenho de dar estes reinos a alguém, mesmo que, ao fazê-lo, eu tenha que deixar minha Jerusalém e meu povo serem destruídos.” É certamente verdade que ele não era um “rei” e que ele não recebeu grandes tesouros ou honras, não obstante, ele executou as tarefas, funções e ofícios de um rei. Assim é que o mundo trabalha: aqueles que trabalham mais têm menos, enquanto aqueles que nada fazem recebem quase tudo, como diz o provérbio do evangelho: “*Um é o semeador, e outro é o ceifeiro*” (Jo 4.37). O que é ainda pior é que ele recebe ódio, inveja, ameaças e perseguições como salário. É exatamente assim que o mundo estima todo o serviço e bênçãos, mostrando sua gratidão com esta recompensa. Mas isso não preocupa Daniel. Ele é ainda mais querido por Deus, que o recompensa ainda mais abundantemente, elevando Daniel como rei sobre a Babilônia e a Pérsia. Pois Deus pesa e julga de acordo com as obras e os frutos, não de acordo com a pessoa e o nome. Desse modo, pelos atos, Daniel é o verdadeiro rei da Babilônia e da Pérsia, embora não seja rei, ou tenha um título

real, nem receba tesouros, mas, em vez disso, injustiça e perigo. Veja, Deus é capaz de confortar e honrar seus judeus capturados, transformando um filho de um camponês de uma Jerusalém destruída em um poderoso imperador sobre a Babilônia e a Pérsia.

Resumindo, entre todos os descendentes de Abraão não há ninguém tão exaltado no mundo como Daniel. Houve José, verdadeiramente grande no Egito, com o Faraó. Davi e Salomão também foram grandes em Israel. Mas todos eles são reis e senhores menores, se comparados com os reis da Babilônia e da Pérsia, entre os quais Daniel era o principal príncipe. Ele testemunhou maravilhosamente entre eles e, sem dúvida, Daniel produziu grandes frutos entre muitas pessoas, que, através dele, puseram sua fé em Deus e se tornaram justas, assim como os imperadores escreveram e ordenaram que todos, em todas as terras, deveriam honrar o Deus de Daniel, como exposto em Daniel 2 e 6. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>5</sup>

**SÁTRAPAS.** JOHANN WIGAND: Capitães, prefeitos, são comumente chamados de presidentes, isto é, aqueles que governam, que são os cabeças das províncias, por um mandato do rei. Eles administram a justiça política e coletam impostos. Sátrapa é, na língua persa, o prefeito de uma província caldeia. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>6</sup>

## 6.6-9 Rei Dario

**A PRUDÊNCIA E A VIRTUDE DO REI DARIO.** JOÃO CALVINO: Embora fosse um privilégio singular com que Deus abençoou seu povo e seu profeta, devemos lamentar a crueldade dos reis nestes dias, que orgulhosamente desprezam os dons de Deus em todas as pessoas que ultrapassam a multidão em utilidade e, ao mesmo tempo, desfrutam da companhia dos ignorantes como eles mesmos, enquanto são escravos da avareza e da rapina e manifestam a maior crueldade e licenciosidade. Já que, então, vemos o quanto

<sup>4</sup> CTS 24:349 (CO 19:1-2).

<sup>5</sup> WADB 11,2:126-128.

<sup>6</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 181.

muitos reis são indignos de seu império e de seu poder, devemos lamentar pelo estado do mundo, porque ele reflete como um espelho a ira de Deus, e os reis são, assim, destituídos de conselho. No último dia, somente o rei Dario será suficiente para condená-los, pois teve discernimento suficiente para não hesitar em colocar um estrangeiro cativo sobre seus sátrapas, pois foi uma virtude real, não, uma virtude heroica de Dario preferir este homem a todos os seus próprios amigos. Mas agora os reis não pensam em nada mais do que preferir seus próprios alcoviteiros, bufões e bajuladores, enquanto não elogiam ninguém, exceto pessoas de baixo caráter, a quem Deus marcou com ignomínia. Embora sejam indignos de serem contados entre a humanidade, no entanto, consideram-se os mestres de seus soberanos e tratam os reis destes dias como seus escravos. Isso acontece por sua própria preguiça e por descartarem toda ansiedade possível. Por isso são obrigados a entregar o comando a outros e a manter nada além do título. Isto, como eu disse, é uma prova segura da ira dos céus, pois o mundo é, nestes dias, indigno do governo que Deus exerce por sua própria mão. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>7</sup>

**A FRAQUEZA DA FÉ DE DARIO.** FILIPE MELANCHTHON: É necessário distinguir cuidadosamente entre os que são fracos e os perseguidores. O fraco é o que ama e abraça a doutrina, deseja sua propagação, permite-se ser ensinado e deseja crescer nela. Ele deseja que os mestres sejam bons e a confessa de alguma maneira, ele a defende e, mesmo se não for livre nem forte, nunca nega ou ataca a doutrina.

...Neste capítulo, Dario é o fraco. Ele abraça a doutrina, deseja defender sua confissão, preza pelo seu testemunho e de sua confissão. Estes são sinais de uma mente piedosa. Ele nunca duvida da origem, mas questiona as suas próprias faculdades... Embora Dario tenha pecado, não obstante ele caiu por fraqueza e, contra a fúria dos acusadores, ele se segurou em uma faísca da fé... Ele exibiu isto com sua confissão, dizendo: "O teu Deus, a quem continuamente serves, que ele te livre." Deus sustenta o

fraco, como se faz evidente aqui. A amarga penitência do rei se segue e, daquele ponto em diante, ele demonstra uma fé robusta e uma grande coragem, punindo os acusadores.

Os perseguidores são aqueles que não amam nem defendem a doutrina. Eles não se permitem ser ensinados. Eles não desejam crescer nela, nem procuram mestres, nem querem propagar o que sabem. Eles preferem enterrá-la e escondê-la, mostrando seu ódio. Aqueles que têm um entendimento da doutrina temem o julgamento de Deus contra as blasfêmias. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>8</sup>

### 6.10 A fidelidade e a oração de Daniel.

**A PIEDADE DE DANIEL.** JOÃO CALVINO: Daniel agora relata como foi revestido da ousadia do Espírito para oferecer sua vida como sacrifício a Deus, porque ele sabia que não tinha esperança de perdão, se sua violação ao decreto do rei fosse descoberta; ele sabia que o próprio rei estaria com as mãos atadas, mesmo se desejasse perdôá-lo, como o evento provou. Se a morte estava diante os olhos do profeta, ele preferia encontrá-la destemidamente, ao invés de cessar o cumprimento do seu dever de piedade. Devemos notar que a adoração interna a Deus não é tratada aqui, mas somente sua confissão externa. Se Daniel tivesse sido proibido de orar, a firmeza com a qual foi dotado poderia ser necessária; mas muitos acham que ele correu grandes riscos sem razão suficiente, já que aumentou a chance de morrer quando somente a profissão externa de sua fé foi proibida. Mas como Daniel, aqui, não é o arauto de sua própria virtude, mas o Espírito, que fala através de sua boca, devemos supor que esta magnanimidade no santo profeta era agradável a Deus. E a sua libertação mostrou quão grandemente sua piedade foi aprovada, porque ele preferiu perder sua vida a mudar qualquer de seus hábitos com relação a adoração a Deus. Sabemos que o principal sacrifício que Deus requer é o invocar o seu nome. Assim, testificamos que Deus é o autor de todas as boas coisas e damos uma amostra de

<sup>7</sup> CTS 24:351 (CO 19:3-4).

<sup>8</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 93-96.

nossa fé; então corremos para ele e colocamos todas as nossas ansiedades em seu colo e oferecemos a ele nossas orações. Já que a oração constitui a principal parte da nossa adoração a Deus, certamente foi uma questão importante o fato de o rei proibir que qualquer um orasse a Deus; esta foi uma grosseira e evidente negação da piedade.

...Daniel, portanto, estava obrigado a perseverar na santa prática à qual ele estava acostumado, a não ser que desejasse ser o mais imundo dos apóstatas. Ele tinha o hábito de orar com as suas janelas abertas: assim ele continuou a fazer, para que ninguém objetasse que ele agradou ao seu rei terreno por um momento, ao omitir a adoração a Deus. Gostaria que esta doutrina fosse gravada no coração de todas as pessoas, como deve ser: mas este exemplo do profeta é ridicularizado por muitos, talvez não aberta e flagrantemente, mas, ainda assim, de modo suficientemente claro; o profeta lhes parece imprudente e simples, pois incorre em grande perigo precipitadamente e sem nenhuma necessidade. Eles de tal forma separaram a fé de sua confissão externa que supõem que tal possa ficar inteira mesmo se for completamente enterrada, com o objetivo de evitar a cruz. Eles separaram a fé de sua pura e sincera confissão. Devemos, portanto, não somente manter a obrigação de oferecer a Deus o sacrifício da oração em nossos corações, mas nossa pública profissão também é requerida e, assim, a realidade de nossa adoração a Deus pode claramente ser manifesta. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>9</sup>

**DANIEL OBEDECE A DEUS.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Ora, esta é a poderosa batalha de Daniel contra aquelas víboras. Ele, entretanto, brilha com extraordinária virtude. Ele dá testemunho de sua fé com uma excelente confissão, não somente não aceitando o ímpio decreto, o qual, sem dúvida foi elaborado somente contra Daniel, mas também condenando-o publicamente. Ora, assim que ele soube que o decreto fora estabelecido e confirmado pelo rei, ele foi para sua casa, abriu as janelas e, como era seu costume, orou. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>10</sup>

**AS CIRCUNSTÂNCIAS DA ORAÇÃO DE DANIEL.** ANDREW WILLET: A ocasião expressa é que, quando ouviu sobre este decreto, ele foi orar, o que os filhos de Deus fazem, acima de tudo, em tempos difíceis. O lugar é expresso: ele foi para sua própria casa, não para qualquer dos templos idólatras. Sua própria casa era seu templo. E ele orou no andar de cima não por ser mais reservado, como Pintus entende, mas para que pudesse ser visto que ele continuou constante em sua religião (Polanus, Junius). O local é descrito pela abertura das janelas, para que pudesse livre e abertamente se mostrar como um adorador de Deus. A posição da abertura das janelas era na direção de Jerusalém, para onde ele esperava voltar. A circunstância de tempo é acrescentada: ele orava três vezes ao dia, de manhã, antes de ir trabalhar; à tarde, quando voltava para casa, para comer; e à noite, quando encerrava suas atividades. Ele escolheu estes três momentos porque eram os mais livres do envolvimento das atividades de seu trabalho e ele não seria interrompido em suas orações. Sua postura é expressa: ele se ajoelhava. O argumento e o conteúdo de sua invocação: na petição, algo necessário e adoração, ao dar graças a Deus. Sua constância é mostrada como sempre tinha sido antes. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>11</sup>

**DANIEL ORA COM AS JANELAS ABERTAS.** JOÃO CALVINO: A questão que surge é: era necessário Daniel abrir as janelas? Alguém pode objetar – ele fez isso com uma opinião equivocada, pois se Deus preenche os céus e a terra, o que significava as suas janelas estarem abertas em direção a Jerusalém? Não há dúvida de que o profeta usou este expediente para estimular seu fervor em oração. Pois, quando orava pela libertação de seu povo, ele dirigia seus olhos para Jerusalém, e aquela vista se tornava um estímulo para inflamar sua mente com uma devoção ainda maior. Desse modo, a abertura das janelas não tem referência com Deus, como se ele fosse escutado por Deus mais prontamente, ao ter os céus

<sup>9</sup> CTS 24:358-360 (CO 19:8-10).

<sup>10</sup> In *Danielem prophetam libri duo* (1553), 76.

<sup>11</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 180.

abertos entre a sua casa e a Judeia; mas ele, ao invés disso, atentava para si mesmo e para sua fragilidade natural. Ora, se o santo profeta, tão cuidadoso em suas orações, precisava deste estímulo, precisamos ver se nossa indolência nestes dias tem ou não a necessidade de mais estímulo. Aprendamos, Desse modo, quando nos sentirmos muito preguiçosos e frios em nossas orações, a coletar toda a ajuda que possa despertar nossos sentimentos e corrigir o torpor do qual estamos sentientes. Esta era, portanto, a intenção do profeta ao abrir as janelas *do lado de Jerusalém* (Dn 6.10). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>12</sup>

**DANIEL ORA ABERTAMENTE.** GIOVANNI DIODATI: [*Suas janelas*] Para se opor a uma lei ímpia e ilegítima, superar a malícia de seus opositores, os quais observaram a sua constância e procuraram subjugar-lo pelo medo, e para dar a todos os crentes um exemplo de zelo pela glória de Deus, ele foi movido pelo Espírito Santo a não mudar ou em nada diminuir suas devoções diárias, as quais, se deixarmos de lado estas circunstâncias, não eram absolutamente necessárias.

[*Em direção*] A saber, em direção ao lugar consagrado para a manifestação da presença de Deus em graça e poder, cuja lei ainda estava em vigor e, muito em breve seria restabelecida de fato. Ele olhava naquela direção como se olhasse para os céus. Veja 1Reis 8.48.

[*Três vezes*] A saber, pela manhã, à tarde e à noite, que eram as três horas de orações diárias dos judeus. Veja Salmo 55.17. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>13</sup>

**DANIEL ORA VOLTADO PARA JERUSALÉM.** JOHANN WIGAND: *As janelas abertas.* Ele permitiu que a luz de sua confissão brilhasse publicamente. A adoração a Deus não deveria ser, de maneira nenhuma, secreta. Embora pudesse orar em qualquer lugar dentro da casa, não obstante, por causa de sua confissão, Daniel o fez publicamente. Cristo proíbe as orações falsas dos hipócritas, mas não proíbe a confissão pública (Mt 6.5-6). Daniel abria as janelas, voltava-se para os céus e fervorosamente invocava o Deus Todo-Poderoso dos céus e da terra. Então, ao

mostrar a sua confissão, isso era um bom exemplo para os outros. Havia chegado a hora para a qual não havia dissimulações, nenhuma aparência falsa, mas a impiedade do decreto tinha de ser mostrada.

*Em direção a Jerusalém.* Foi estabelecido em 1Reis 8 que, quando as pessoas exiladas fizessem suas orações a Deus, elas tinham de virar o rosto em direção àquela região do mundo, onde ficava o templo de Deus. Elas não faziam isso por causa de uma superstição, mas como um meio de se lembrarem das promessas de Deus, especialmente no que concernia à vinda do Messias, e de que, por causa dele, Deus perdoaria os pecados daqueles que se arrependessem e, ainda, que Deus os mandaria de volta àquele lugar, na vinda do Messias. Por isso Daniel orava voltando seu rosto para o meridiano oeste. Agora, tendo sido perdoados em Cristo por meio de sua perfeita redenção da humanidade, não estamos mais presos a esta cerimônia, mas, em todos os lugares, oferecemos nossas orações a Deus, pela fé no Mediador. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>14</sup>

**DANIEL EM ORAÇÃO.** JOHN MAYER: Todas as coisas são, aqui, fáceis de serem entendidas e, desse modo, farei pouco sobre elas. Primeiro, farei sobre suas orações três vezes ao dia, com a sua janela aberta em direção a Jerusalém, como ele estava acostumado a fazer. Se fosse perguntada a razão, seria respondido: Deus tinha prometido ao seu povo em cativeiro que, se eles orassem em direção ao templo de Salomão, Deus os ouviria e seria misericordioso e, por isso, ele colocou a sua janela aberta naquela direção, não para ser visto por todas as pessoas, ao contrário do que foi: *Entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás* (Mt 6)... Mas como estava ele em privacidade, dizem alguns, se os príncipes o viam orando, por causa de sua janela aberta? Aqui Polanus entra em um debate, a saber, se Daniel fez bem ao fazer isso, quando poderia ter feito, por algum tempo, suas devoções mais secretamente, onde não pudesse ser

<sup>12</sup> CTS 24:361 (CO 19:10-11).

<sup>13</sup> *Pious Annotations* (1651), 6.10.

<sup>14</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 188.

visto. Ele diz que alguns objetam contra esta atitude, porque ele poderia ter adorado a Deus em secreto por algum tempo, apenas em sua mente, sem usar ações externas e, ao fazer isso, teria mantido a consciência limpa. 2. Se não assim, ao menos podia ser mais discreto, fazendo suas devoções onde nenhum olhar mortal pudesse vê-lo. 3. Porque o decreto do rei deve ser obedecido nas coisas que não são contrárias ao nosso dever para com Deus. Mas tudo isso é facilmente respondido. Ele não podia, nesta hora, deixar de proceder externamente em sua devoção como estava acostumado a fazer, sem ser reputado como um desertor de sua piedade para com seu Deus. Sua desistência de orar como estava acostumado a fazer seria considerada como um abandono seu por causa do medo do decreto do rei. Ele sabia que era o único entre os príncipes do rei que tinha sido colocado como alvo desse decreto e sabia também, quais seriam as más consequências que isso poderia trazer. Seus inimigos o considerariam covarde e tímido e, para seus amigos, seu exemplo poderia ser uma pedra de tropeço que os levaria também a interromper suas orações. Desse modo, era necessário que ele agisse como agiu para que sua fé, coragem e constância nos seus princípios aparecessem para todos e para mostrar que, em sua piedade, ele não temia as pessoas, assim como os seus três amigos tinham feito nos dias de Nabucodonosor. Quanto à obediência a ordens humanas, não se deve acatá-las mas manter a piedade a Deus e, isso deve ser feito de modo que uma boa consciência seja mantida em todas as circunstâncias. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>15</sup>

**ORAÇÃO.** HEINRICH BULLINGER: Oração é tipicamente uma invocação e bênção ou ação de graças. No presente exemplo, parece ter sido usada para invocação. O apóstolo especifica dois tipos de oração em sua carta aos Filipenses: invocação e ação de graças. Pela primeira, pedimos o que pensamos ser necessário para nós. Pela segunda, damos graças pelos benefícios recebidos. Neste caso, vemos que Daniel faz as duas coisas. É certo que devemos sempre invocar a Deus e pedir a ele o que for necessário

para o corpo e a alma. Finalmente, nunca devemos nos esquecer, mas sempre devemos dar graças pelos benefícios recebidos. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>16</sup>

**ORANDO TRÊS VEZES AO DIA.** JOÃO CALVINO: Ele diz que orava três vezes ao dia. Isso merece ser observado, porque, a não ser que fixemos certas horas do dia para oração, é fácil nos esquecermos dela. Embora, Daniel fosse constante em derramar suas orações, ainda assim, ele apreciava o rito costumeiro de se prostrar perante Deus três vezes ao dia. Quando nos levantamos pela manhã, a não ser que comecemos o dia orando a Deus, mostramos brutal estupidez, e também quando nos retiramos para descansar e quando comemos, ou em outras vezes, como cada um considere mais adequado para si mesmo. Pois aqui Deus nos dá liberdade, mas todos nós temos que sentir nossas enfermidades e aplicar os remédios apropriados. Por esta razão, Daniel tinha o hábito de orar três vezes. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>17</sup>

**SOBRE AS ORAÇÕES DE DANIEL.** ANDREW WILLET: Daniel não escolheu estas horas por que as achava mais especialmente consagradas para orar e, pelas circunstâncias da hora, mais santidade e eficácia fossem adicionadas a elas. São os romanistas quem têm estes conceitos supersticiosos de suas horas canônicas. Eles dizem que os judeus observavam estas três horas com mais respeito religioso. Na terceira hora, porque nela o Espírito Santo foi dado; a sexta hora, porque nela a serpente de bronze fora levantada no deserto; e a nona, porque nela as águas saíram da rocha em Cades. Assim também os cristãos devem observar estas mesmas três horas: a terceira hora, quando foi dado o Espírito Santo; a sexta hora, quando Cristo foi crucificado; e a nona hora, quando a água jorrou de seu lado (Pintus).

Mas esta era a razão pela qual Daniel observava estas três horas: ele escolheu as horas em que tinha mais tempo livre e estava mais livre dos afazeres do dia a dia, a saber, pela ma-

<sup>15</sup> *Prophets*, 535-536.

<sup>16</sup> *Daniel Sapientissimus*, 62-63.

<sup>17</sup> CTS 24:362(CO 19:11).

nhã, antes que saísse; ao meio-dia, quando vinha para casa fazer suas refeições, como José também costumava fazer (Gn 43.16); e à noite, quando todas as suas atividades cessavam (Junius). Além disso, estas são as melhores horas para agradecer pelos benefícios recebidos de Deus: pela manhã, agradecendo pela libertação da noite passada; ao meio-dia, quando comemos; e à noite, por ter sido preservado durante o dia (Calvino). **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.**<sup>18</sup>

### 6.11-14 A resposta do rei

**A REAÇÃO DO REI.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: *Tendo o rei ouvido estas coisas.* Existe uma grande diferença entre os pecados do rei e os dos acusadores de Daniel, embora ele mesmo, tendo em vista a sua arrogância e injustiça, não seja escusado. A inveja dos acusadores do servo de Deus os levou a pecar mais contra o Espírito Santo do que o rei, que se permitiu ser adorado, proibiu a adoração a Deus e entregou um homem justo nas mãos de pecadores. Aqui, você verá de novo a diversidade do julgamento de Deus, assim como aconteceu com Nabucodonosor e Belsazar. ...*Então, o rei ordenou que trouxessem a Daniel.* O rei se considerou com as mãos atadas e se submeteu aos ímpios acusadores, justificando-os e condenando Daniel. Ele reconheceu que Daniel servia a Deus, que é capaz de libertá-lo, e mesmo assim o condenou. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>19</sup>

**A REAÇÃO EGOÍSTA DO REI.** JOHN MAYER: Quando o rei ouviu que Daniel fora apanhado na armadilha preparada para ele, ficou muito descontente consigo mesmo e se esforçou para livrá-lo até o cair da tarde. O rei, parece, foi meramente enredado. Quando fez seu decreto, ele não viu as intenções dos acusadores, mas agora via, tarde demais, e se entristeceu em vão, ficando dolorosamente sem saída. Mas, embora não pudesse perceber as intenções dos acusadores, ainda assim, se não fosse totalmente destituído de piedade, nunca teria concordado em fazer este decreto, não importando o quanto tivesse sido importunado por seus príncipes,

porque até mesmo os pagãos são devotos à sua maneira e sabem, pela luz da natureza, que a adoração ao deus a quem eles servem não deve ser interrompida por muito tempo, em nenhuma ocasião. Sua dor por Daniel, portanto, não era porque ele fosse tão piedoso que, por causa da sua piedade, arriscaria sua vida, mas porque ele era um homem muito sábio e, assim, pensou que teria mais prejuízo em perdê-lo do que em perder todos os seus príncipes. Mas, por maior que fosse sua dor por Daniel e por mais que tivesse se esforçado para defendê-lo, buscando alguma brecha na interpretação de seu próprio decreto, como conjectura Lyra, ou alegando a grande utilidade dele na condução do reino, ele fez com que Daniel fosse atirado à cova dos leões, como Herodes fez, mais tarde, a João Batista. Herodes, hipocritamente, fingiu tristeza, quando, por seu juramento, sentiu-se obrigado a matá-lo, ou foi afetado com tristeza por outro motivo, por causa do ódio do povo, que considerava João como um profeta. Portanto, os reis, algumas vezes, por falta de reflexão, envolvem-se em grandes males, que seriam evitados se tivessem agido com cautela. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>20</sup>

**O ORGULHO SACRÍLEGO DE DARIO.** JOÃO CALVINO: Daniel agora acrescenta: *O teu Deus, a quem tu continuamente serves, que ele te livre.* Esta palavra pode ser lida no modo optativo, como já tínhamos dito. Não há dúvida de que Dario realmente desejava isto, mas pode significar: “Já não estou no controle da situação; eu estou aqui, jogado pela tempestade; meus nobres me impeliram a este ato contra a minha vontade; eu, Desse modo, entrego você e sua vida a Deus, porque não está em meu poder te livrar”, como se isto aliviasse o seu próprio crime. Transferir a Deus o poder de preservar a Daniel não diminui seu crime. Esta razão faz com que algumas pessoas elogiem a piedade do rei Dario. Confesso que, em sua fala, ele demonstra clemência e humanidade, mas também fica claro que ele não tinha nem um pouco de piedade

<sup>18</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 181.

<sup>19</sup> *In Danieleum Prophetam libri duo* (1553), 77-78.

<sup>20</sup> *Prophets*, 536.

quando desejou assumir uma postura de divindade. Pois, embora os supersticiosos não temam a Deus seriamente, ainda assim eles são restringidos por algum medo dele; mas ele, aqui, desejou reduzir toda a divindade a nada. Que tipo de piedade é esta? A clemência de Dario pode, portanto, ser elogiada, mas seu orgulho sacrílego não pode ser desculpado de nenhuma maneira. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>21</sup>

### 6.15-16 O decreto do Rei

#### DESOSOBEDECENDO AO DECRETO DO REI.

JOHANN WIGAND: Daniel não abriu a janela precipitadamente, como era de seu costume, somente para se opor ao decreto do rei Dario... Ele tinha estas razões: (1) O segundo mandamento do Decálogo, no qual a invocação a Deus é ordenada, não é acessório, dispensável. (2) Ele preferiu honrar e, com zelo ardente, reivindicar a glória de Deus em temor ao verdadeiro Deus, pois os inimigos estavam procurando abolir a honra a Deus ou, no mínimo corrompê-la.

Mas os governantes e os filhos do mundo entre os judeus cativos tinham outras razões em vista. A autoridade do rei, eles pensaram, tinha de ser obedecida. Isto é, o decreto real e todos os julgamentos de seus conselheiros são defendidos. Desse modo, ninguém pode atentar contra ele.

Eu respondo que não há maior distinção aqui. O ímpio e o injusto decreto do rei não deve ser, de forma alguma, obedecido. A razão é evidente: os reis estão sob o Decálogo, não acima dele. Deus é maior do que todos os governantes. Aqui estão as palavras: *Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens* (At 5.29). E *dai glória ao Senhor, vosso Deus* (Jr 13.16). Além disso, a verdadeira autoridade do rei consiste não em pecar, mas em fazer o que é certo. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>22</sup>

#### DESOSOBEDECENDO AO UMA ORDEM INJUSTA.

ANDREW WILLET: Melanchthon bem observa que, embora Daniel fosse contra o decreto do rei, ainda assim ele não cometeu nenhum mal contra ele. Então, se os príncipes ordenarem coisas injustas e ímpias, eles não são feridos se estes

preceitos não forem obedecidos. Nem devem pensar que estão sendo desprezados, se Deus for preferido antes deles. A resolução do apóstolo, quando eles foram proibidos de falar no nome de Jesus, foi: *Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus* (At 4.19). E por isso, Melanchthon, corretamente justifica os protestantes da Alemanha por se recusarem a obedecer os decretos do imperador, feitos contra a profissão e os que professam o evangelho. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>23</sup>

### 6.17-18 A cova dos leões

A VITÓRIA DA FÉ. MARTINHO LUTERO: No sexto capítulo existe uma excelente e fascinante história. Há um rei justo e piedoso [Dario] que ama Daniel. Os outros conselheiros exigem que Daniel pague por isso, então eles usam com ele uma artimanha palaciana e, finalmente, jogam-no na cova dos leões. Os exilados e miseráveis judeus estavam, mais uma vez, profundamente entristecidos. Todavia, Deus prova ser justo e consolador, fazendo com que o jogo dos inimigos de Daniel se volte contra eles, como o Salmo 7 (v.14,16) diz: *“Eis que o ímpio está com dores de iniquidade; concebeu a malícia e dá à luz a mentira... A sua malícia lhe recai sobre a cabeça, e sobre a própria mioleira desce a sua violência.”* Deste modo, a vida de Daniel não é nada menos que um espelho puro e refinado, no qual vemos a batalha e a vitória da fé, a qual, pela graça de Deus, vence todos os demônios e todas as pessoas, e o grande fruto e prática desta fé, que, pela paciência e pelo sofrimento, são demonstrados perante Deus e o mundo. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>24</sup>

O INCRÉDULO DARIO. JOÃO CALVINO: Dario declara que o Deus de Israel é o Deus vivo. Mas se há um Deus vivo, ele exclui todas aquelas divindades imaginárias que as pessoas criam para si mesmas, através de sua própria imaginação.

<sup>21</sup> CTS 24:371-372 (CO 19.17-18).

<sup>22</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 255.

<sup>23</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 181.

<sup>24</sup> WADB 11,2:10.



Pois é necessário que a divindade seja uma, e este princípio é reconhecido até mesmo pelos profanos. Por mais que as pessoas possam ser iludidas por seus sonhos, não obstante todas elas confessam a impossibilidade de haver mais do que um Deus. Elas distorcem, de fato, o caráter de Deus, mas não podem negar sua unidade. Quando Dario exalta o Deus de Israel, ele confessa que todas as outras divindades são mera ficção, mas ele mostra como já disse, como os profanos entendem o primeiro princípio, mas depois permitem que ele escape inteiramente de seus pensamentos. Esta passagem não prova, como alguns alegam, a real conversão do rei Dario e sua sincera adoção da verdadeira piedade, pois ele sempre adorou seus próprios ídolos, mas pensou ser suficiente elevar o Deus de Israel à mais alta posição. Mas, como sabemos, Deus não pode admitir uma companhia, pois ele é zeloso de sua própria glória (Is 42.8). Foi frio demais, então, Dario simplesmente reconhecer que o Deus a quem Daniel adorava era superior a todos os outros, porque, onde Deus reina, todos os ídolos precisam ser reduzidos a nada; como no Salmo 99: “Reina o SENHOR; tremam os povos.” Dario, então, não chegou a se dedicar ao Deus único e verdadeiro, mas foi compelido a prestar a mais elevada reverência ao Deus de Israel. Entretanto, ele sempre permaneceu mergulhado em suas próprias superstições, com as quais estava acostumado. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>25</sup>

### 6.19-24 Daniel salvo pela fé

**DEUS PROTEGE DANIEL.** JOÃO CALVINO: Assim, vemos que Daniel abertamente atribui aos anjos, o dever de prestar assistência, enquanto todo o poder permanece nas mãos do próprio Deus. Ele diz, desse modo, que fora liberto pelas mãos e pela assistência de um anjo, mas mostra como o anjo era o agente, e não o autor, de sua segurança. Deus, diz ele, mandou o seu anjo. Temos constantemente visto quão indistintamente os caldeus falavam quando mencionavam a divindade: eles chamavam as suas divindades de santas, mas Daniel, aqui, atribui toda a glória somente a Deus. Ele não apresenta uma

multidão de deuses, de acordo com a opinião predominante entre os profanos. Ele exalta, predominantemente, a unidade de Deus; e, então, acrescenta a presença de anjos, como assistentes de Deus, mostrando como eles executam tudo aquilo que lhes é mandado. Então, todo o louvor da sua salvação permanece com o Deus único, já que os anjos não assistem a todos a quem lhes apraz e não são movidos pela sua vontade própria, mas agem somente em obediência aos comandos de Deus.

Precisamos, agora, notar o que se segue: *Deus fechou a boca aos leões.* Através destas palavras, o profeta mostra como leões e os animais mais cruéis estão sob o controle de Deus e são contidos pelo seu freio secreto, de tal forma que não podem cometer qualquer dano sem a permissão de Deus. Podemos, então, aprender que os animais selvagens só são perigosos para nós na medida em que Deus permite, para humilhar nosso orgulho. E esta instrução é merecedora de especial atenção, já que trememos ante o menor perigo, até mesmo com o barulho de uma folha caindo. Como somos necessariamente expostos a muitos perigos, por todos os lados, e cercados por várias formas de morte, somos atribulados por vis ansiedades, a não ser que este princípio nos sustente; não somente nossa vida está debaixo da proteção de Deus, mas nada pode nos causar dano, enquanto ele dirige tudo por sua vontade e querer. E este princípio deve ser estendido aos próprios demônios e às pessoas ímpias e perversos, pois sabemos que o diabo está sempre ansioso para nos destruir, como um leão que ruge procurando alguém para devorar (1Pe 5.8). Vemos como todos os ímpios planejam a nossa destruição continuamente e quão loucamente são inflamados contra nós. Mas Deus, que pode fechar a boca do leão, também restringirá o diabo e todos os ímpios, para não ferirem sequer uma pessoa sem a sua permissão. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>26</sup>

**A PROTEÇÃO DE DANIEL.** HEINRICH BULLINGER: Daniel verdadeiramente relata a ma-

<sup>25</sup> CTS 24:377 (CO 19:21-22).

<sup>26</sup> CTS 24:379-380 (CO 19:23-24).

neira de sua salvação: “A você, rei, que pergunta se o meu Deus, a quem eu continuamente sirvo, será capaz de me livrar dos leões, eu digo: Meu Deus, ele me livrou.” Desse modo, Daniel sempre glorifica somente a Deus. Pois ele é o senhor do universo, o governante e o sustentador, que livra dos perigos e resgata de todos os males. “Desta maneira, ele me livrou”, diz Daniel, “ele enviou o seu anjo e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano”... cremos que Deus é onipotente e que estamos sob a sua proteção, seguros contra os inimigos e males. Ele é sempre capaz de nos livrar do mal, se assim o desejar. DANIEL, O MAIS SÁBIO DE TODOS OS PROFETAS DE DEUS.<sup>27</sup>

**DANIEL LIBERTO POR DEUS.** JOHN MAYER: *O teu Deus, a quem tu continuamente serves, que ele te livre.* O rei diz isso para confortar Daniel e ele podia acreditar que aconteceria assim, porque, sem dúvida, escutara sobre o livramento de seus três companheiros da fornalha ardente. Então, uma pedra fora rolada, fechando a cova dos leões, que foi selada com o selo real, diz Jerônimo, para que os príncipes, vendo que Daniel não fora ferido pelas feras, não procurassem matá-lo de outra forma, fingindo que ele tinha sido destruído pelos leões. Ela também foi selada com o selo dos príncipes, para que o rei não pudesse retirá-lo de novo ou buscasse algum meio para sua preservação, mas em tudo a providência divina agiu para que seu poder supremo aparecesse mais claramente na sua libertação e não houvesse fraude, para o conforto e confirmação dos outros que estivessem em perigo maior, por causa da malícia de seus inimigos. Quanto aos perigos causados por leões, Aristóteles, Plínio e Pererius dizem que, se um pano for colocado nos olhos de um leão, para cobri-los, se o leão estiver satisfeito, se a pessoa tiver sido bondosa para com ele, ou se a pessoa se prostrar diante dele, de maneira suplicante, ele não atacará a pessoa. Mas Daniel não estava seguro por nenhum destes meios, mas Deus, mandou seu anjo para fechar a boca dos leões, ou, como alguns pensam, tirar deles a fome e causar saciedade neles para que não tivessem interesse por Daniel, ou causando neles

tal fantasia que olhassem para Daniel não como presa, mas como amigo.

Daniel, tendo sido mantido seguro da fúria dos leões até a manhã e então sendo chamado por Dario, responde: *O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca aos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele,* pois ele não causou dano a ninguém, especialmente a sua consciência, ao fazer qualquer coisa contra ela, por isso Deus providenciou que os leões não o machucassem. Sobre isso, Agostinho tem uma declaração notável: “Submeta-se àquele que está acima de você, e todas as coisas sob você te estarão sujeitas.” Mas, como a humanidade, por causa do pecado, deixou aquele sob quem deveria ter estado, ele foi submetido a ela, acima de quem ele deveria estar. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>28</sup>

**AS OBRAS E A FÉ DE DANIEL.** FILIPE MELANCHTHON: Existem três declarações notáveis neste texto a respeito de fé e obras. A principal é aquela concernente à fé, quando diz *porque crera no seu Deus* (Dn 6.23). Embora esta declaração seja breve, ela ensina ao leitor toda a doutrina da fé, a saber, que Deus requer fé e a que a fé recebe dons notáveis. *Ele creu.* Pode-se ver que, desde o início da publicação do ímpio decreto, ele não abandonou sua fé e a confissão pública, mas constantemente confessou, invocou o Deus de Israel e, por esta fé, procurou e esperou ajuda de Deus para o rei e para si mesmo, para que a verdadeira doutrina não fosse removida do reino.

...Deus requer tal tipo de fé e concede estes benefícios. De acordo com Isaías, aquele que confia no Senhor não será envergonhado. Ora, de acordo com Mateus, tudo aquilo que pedir em oração, você receberá. Desse modo, assim como, pela fé, Moisés, no Mar Vermelho, Isaías, na cidade sitiada, e todos os santos em iminente perigo receberam ajuda, assim também Daniel recebeu livramento pela fé. Estes testemunhos se opõem aos nossos adversários, que

<sup>27</sup> *Daniel sapientissimus*, 69-70.

<sup>28</sup> *Prophets*, 536-537.

gritam muitas coisas sobre as obras e desdenham da doutrina da fé.

As outras duas declarações falam sobre a justiça das obras, que tem de estar nos crentes, diante de Deus e diante do povo. Daniel diz eloquentemente: *Foi achada em mim inocência diante dele*. Então ele acrescenta: *Também contra ti, ó rei, não cometi delito algum* (Dn 6.22).

Desse modo, você observará nestes três lugares, fé e uma obediência incipiente, a qual, embora seja impura, não obstante, agrada a Deus nos crentes que são justificados pela fé. É próprio que a justiça de uma boa consciência esteja presente em nós, como Paulo diz: *Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência* (2Co 1.12).

Então, aqui, Daniel diz: *Foi achada em mim inocência diante dele*. Isto é entendido corretamente quando a outra sentença, concernente à fé, é acrescentada: *Ele creu no seu Deus*. De maneira nenhuma quis Daniel ser justo em virtude de seus próprios méritos ou virtudes, mas pela misericórdia e pela fé. E, não obstante, ele soube se empenhar pela justiça de uma consciência limpa, que é o que agrada a Deus nos crentes. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA Daniel.<sup>29</sup>

**DANIEL CREU.** JOÃO CALVINO: Devemos, aqui, considerar o significado e a força da palavra *creer* (Dn 6.23). Pois o profeta não fala simplesmente de seu livramento como fruto de acreditar que o Deus de Israel é o único e verdadeiro Deus, o Criador dos céus e da terra, mas de seu compromisso de vida com ele, de seu descanso sob a sua graça, de sua determinação de que seu fim deveria ser feliz, se ele o adorasse. Daniel estava certamente persuadido de que sua vida estava nas mãos de Deus, e que sua esperança não era vã e, por isso, ele ousadamente incorreu em perigo e intrepidamente sofreu por causa da adoração sincera a Deus; por isso ele diz que *creu em Deus*.

Percebemos, então, que a palavra *creu* não é usada friamente, como os papistas sonham, já que sua noção implica em uma fé morta ou sem forma, pois pensam eles que a fé nada mais é do que uma confusa compreensão de Deus. Toda vez que as pessoas têm algum conceito de Deus,

seja de que forma for, os papistas acham que isto é fé, mas o Espírito Santo nos ensina de maneira diferente. Pois devemos considerar a linguagem do apóstolo, que diz que não cremos apropriadamente em Deus a não ser que o identifiquemos como o recompensador de todos aqueles que o procuram diligentemente (Hb 11.6). Deus não é procurado por uma arrogância tola, como se, pelos nossos méritos, pudéssemos impor uma obrigação a ele, mas ele é procurado pela fé, por humildade e invocação. Mas quando somos convencidos de que Deus é o recompensador de todos aqueles que o buscam e sabemos como ele deve ser procurado, esta é a verdadeira fé. Por isso Daniel não duvidou de que Deus o livraria, porque não descreditou daquele ensino de piedade que aprendera desde criança e da confiança com a qual sempre clamou a Deus. Esta foi, portanto, a causa de seu livramento.

Entrementes, fica claro que a confiança de Daniel em Deus não veio de nenhuma instrução anterior concernente ao resultado, pois ele tinha comprometido sua vida com Deus, já que ele estava preparado para morrer. Desse modo, Daniel, não poderia saber disto antes de ter sido jogado na cova e ter sido exposto aos leões, sem saber se Deus o livraria, como vimos anteriormente, no caso de seus companheiros: “Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fomalha de fogo ardente das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste.” Se Daniel tivesse conhecido seu fim de antemão, sua constância não mereceria tanta aprovação, mas como ele estava disposto a encarar a morte destemidamente por causa da adoração de Deus e pôde negar a si mesmo e renunciar ao mundo, esta é a verdadeira e séria prova de sua fé e constância. Ele creu em Deus não porque esperasse que este milagre fosse realizado, mas porque ele sabia que a sua felicidade consistia em persistir na verdadeira adoração a Deus. Paulo diz: “Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp 1.21). Daniel, portanto, descansou na ajuda de Deus, fechou os olhos para o even-

<sup>29</sup>In *Danielem Prophetam* (1543), 98-100.

to e não ficou ansioso demais e nem preocupado com sua vida, mas como sua mente estava firme na esperança de uma vida melhor, mesmo se tivesse de morrer cem vezes, a sua confiança nunca falharia, porque sua fé estava além da fragilidade e da corruptibilidade desta vida, como todos os piedosos sabem muito bem. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>30</sup>

**DANIEL SALVO PELA FÉ. HEINRICH BULLINGER:**

Para aqueles que creem, Deus promete bênçãos abundantes, vindas de sua graça; para aqueles que não creem, ele nada oferece. Desse modo, aqueles que creem recebem benefícios de Deus, por causa da aliança, da misericórdia e da graça de Deus. Pois a aliança nada mais é do que a pura bondade de Deus. Aqueles que não creem não recebem nada, já que Deus nada promete aos incrédulos. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>31</sup>

**6.25-28 O decreto do rei**

**O REI DARIO NÃO ERA UM CRENTE. JOÃO CALVINO:** Aqui Daniel acrescenta o decreto do rei, o qual ele desejou que fosse promulgado. E, por meio deste decreto, ele testemunhou que foi tão tocado pelo livramento de Daniel que atribuiu a suprema glória ao Deus de Israel. Entretanto, não creio ser isto uma prova da real piedade do rei, como alguns intérpretes, aqui, exaltam o rei Dario, sem moderação, como se ele tivesse realmente se arrependido e abraçado a pura adoração prescrita na lei de Moisés. Nada desse tipo pode ser apreendido das palavras do decreto – e esta circunstância mostra isso, pois seu império nunca foi purificado de suas superstições. O rei Dario ainda permitiu que seus súditos adorassem ídolos e ele mesmo não se absteve de se contaminar com tais impurezas; mas ele desejou colocar o Deus de Israel em uma posição elevada, tentando, assim, misturar água e fogo. Já discutimos este ponto anteriormente. Pois os profanos pensam que cumprirão seu dever com o verdadeiro Deus se não o desprezarem publicamente, mas atribuírem a ele um lugar ou outro, e, especialmente, se o preferirem a todos os ídolos, pensando tê-lo satisfeito.

Mas tudo isso é inútil, pois, a não ser que eliminem toda a credence, Deus de jeito nenhum recebe o que é seu por direito, pois ele não admite iguais. Desse modo, esta passagem de maneira nenhuma prova a existência de qualquer verdadeira piedade no rei Dario, mas implica simplesmente que ele foi profundamente tocado pelo milagre e sua celebração em todas as regiões do seu reino o sujeitam ao nome e à glória do Deus de Israel. Finalmente, como este foi um impulso especial sobre o rei Dario, ele não produziu mais do que um efeito em particular; ele reconheceu o poder e a bondade de Deus em todas as partes, mas se fixou naquele evento que foi colocado diretamente diante dos seus olhos. Consequentemente, ele não continuou a reconhecer o Deus de Israel, dedicando-se à verdadeira e sincera piedade, mas, como eu disse, simplesmente desejou que ele fosse claramente superior aos outros deuses, mas não que fosse o único Deus. Mas Deus rejeita esta adoração modificada e, desse modo, não há razão para elogiar o rei Dario. Entrementes, seu exemplo condenará todos aqueles que se professam reis católicos ou cristãos, ou defensores da fé, já que eles não somente enterram a verdadeira piedade, mas, fazendo tudo o que podem para enfraquecer toda adoração a Deus, prontamente extinguiriam seu nome do mundo e, assim, tiranizariam sobre os piedosos e estabeleceriam superstições ímpias, através de suas próprias crueldades. Dario será um juiz adequado para eles, e o decreto, aqui relatado por Daniel, será suficiente para a condenação de todos eles. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>32</sup>

**O DECRETO DO REI. FILIPE MELANCHTHON:**

As declarações evangélicas no decreto do rei precisam ser observadas. Ele diz que o Deus de Daniel é o libertador e o salvador. Ele o chama de Deus de Daniel, isto é, suas palavras reconhecem e honram com fé o que Daniel proclamava... Deus não deseja ser reconhecido ou honrado por ninguém sem sua palavra ou testemunho... Desse modo, o rei testifica

<sup>30</sup> CTS 24:384-385 (CO 19:27-28).

<sup>31</sup> *Daniel Sapientissimus*, 70.

<sup>32</sup> CTS 24:388-389 (CO 19:30).

que Deus é o verdadeiro Deus, de quem Daniel pregava a palavra.

Então ele acrescenta uma outra distinção, a saber, que Deus é o libertador e salvador. Ora, esta é a distinção entre a verdadeira religião e todas as outras. Onde há apenas o conhecimento da lei, somente a dúvida persiste, e os abatidos não são capazes de subsistir. Deus verdadeiramente deseja ter misericórdia, ouvir e ajudar. Mas o evangelho declara que Deus livremente recebe os que creem nele. Novamente, ele verdadeiramente deseja ouvir e salvar porque ele requer tal fé, ele deseja ser honrado principalmente através da adoração... Portanto, estas declarações, no decreto, que proclamam Deus como salvador e libertador são o verdadeiro evangelho, assim como aquelas palavras do Salmo: *Sara os de coração quebrantado e lhes pensa as feridas* (Sl 147.3). Esta fé é exercitada diariamente em oração. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>33</sup>

**DANIEL PREFIGUROU CRISTO.** JOHN MAYER: No tocante a Cristo e seu reino, o qual ele, sem dúvida, tinha aprendido de Daniel. Para concluir, a representação de Cristo nesta visão, como foi dito antes, em parte está na volta de Daniel vivo, saído da cova dos leões, na qual fora lançado, como em um sepulcro, depois do que, seus acusadores, sendo lançados também, foram cruelmente destruídos e, então, o reino do Senhor foi exaltado e todas as pessoas foram proibidas de falar mal de Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Assim também Cristo, sendo co-

locado no sepulcro foi vigiado por soldados, como os leões, para, se ele ressuscitasse, matar-nos de novo. Não obstante, Cristo tinha os seus anjos prontos, ao seu comando, para espantar os soldados, e então ele ressuscitou e se apresentou, seguro contra todo dano, e todo o poder lhe foi dado, nos céus e na terra, por todo o sempre.

Portanto, por tudo que foi apresentado aqui, ao que parece, Daniel prefigurou Cristo, como significa o seu nome “o juiz de Deus”, pois assim foi mostrado anteriormente o que Daniel significa e Cristo, nós cremos, virá para julgar os vivos e os mortos. 2. Como Daniel saiu da cova dos leões, também Cristo saiu do sepulcro. 3. Assim como Daniel saiu de meio aos leões seguro e ileso, assim também Cristo saiu seguro e ileso de entre os soldados. 4. Assim como Daniel saiu de entre os leões e seus acusadores foram lançados na cova e destruídos, assim também Cristo saiu do sepulcro, a morte não foi capaz de detê-lo, os judeus, seus acusadores, foram ali lançados quando, pelos romanos, foram tomados e mortos. 5. Assim como neste grande milagre Deus foi reconhecido e aclamado em todas as partes da terra, assim também, na milagrosa ressurreição de Cristo, os falsos deuses caíram, ao ser isso proclamado em todos os lugares, e o verdadeiro Deus, e seu Filho, Jesus Cristo, foram conhecidos por toda a terra. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 101-102.

<sup>34</sup> *Prophets*, 537.

## 7.1-8 O SONHO DE DANIEL COM OS QUATRO ANIMAIS

<sup>1</sup> No primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, teve Daniel um sonho e visões ante seus olhos, quando estava no seu leito; escreveu logo o sonho e relatou a suma de todas as coisas. <sup>2</sup> Falou Daniel e disse: Eu estava olhando, durante a minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar Grande. <sup>3</sup> Quatro animais, grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. <sup>4</sup> O primeiro era como leão e tinha asas de águia; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as asas, foi levantado da terra e posto em dois pés, como homem; e lhe foi dada mente de homem. <sup>5</sup> Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou sobre um dos seus lados; na boca, entre os dentes, trazia três costelas; e lhe diziam: Levanta-te, devora muita carne. <sup>6</sup> Depois disto, continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha nas costas quatro asas de ave; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio. <sup>7</sup> Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres. <sup>8</sup> Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência.

**VISÃO GERAL:** O sétimo capítulo inicia a segunda parte de Daniel. A primeira parte tocou em eventos históricos memoráveis no reino da Babilônia; a segunda trata de várias visões dadas a Daniel. Posto de uma outra forma, na primeira parte Daniel foi um intérprete e instrutor de reis incrédulos; na segunda, ele instrui a casa dos crentes, a igreja.

No presente capítulo, Daniel tem uma visão das quatro monarquias, descritas em Daniel 2. Aqui ele as vê sob a imagem de quatro feras: o leão, o urso, o leopardo e uma quarta, com chifres. Como no segundo capítulo, aqui também Daniel dá a maior parte de sua atenção à quarta fera, o Império Romano. Nossos comentaristas passam a maior parte do tempo identificando o quarto animal e o significado dos chifres. Existe discordância especialmente em relação à identidade do pequeno chifre. As sugestões apresentadas são Júlio César, o papa, os turcos ou o anticristo.

**DUAS DIVISÕES DO LIVRO DE DANIEL.** HEINRICH BULLINGER: Na primeira parte do livro, Daniel apresenta vários aspectos memoráveis a respeito do reino da Babilônia, sob o qual ele viveu desde a monarquia anterior até Dario, cerca de setenta anos. Ele não descreveu tudo o que

aconteceu durante cada um daqueles anos... Na segunda parte do livro, há muitas diferenças em relação à primeira. Ele tem visões não como os outros, mas visões dadas a ele por Deus, por meio de sonhos e revelações divinas. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>1</sup>

**A SEGUNDA PARTE DE DANIEL.** JOÃO CALVINO: Aqui Daniel começa a oferecer instrução peculiar à igreja. Pois Deus o tinha designado como instrutor e intérprete aos reis profanos. Mas ele agora o designa como um mestre para a igreja, para que possa exercer seu ofício dentro dela e instruir os filhos de Deus no seio da igreja. Precisamos notar isso, antes de tudo, porque, até este ponto, suas profecias se estenderam além dos limites da família da fé, mas aqui o dever de Daniel é restrito à igreja. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>2</sup>

**A SEGUNDA PARTE DE DANIEL.** JOHN MAYER: Neste capítulo e daqui para frente, como Lyra observa, existem cinco outras visões. (1) De quatro animais monstruosos, da vinda do Juiz e de tudo o que acontecerá na última tribulação

<sup>1</sup> *Daniel Sapientissimus*, 73.

<sup>2</sup> CTS 25:7 (CO 19:36).

(Dn 7). (2) O anúncio da luta entre os Persas e os gregos através de um carneiro e uma cabra, e o principal conflito da mesma tribulação (Dn 8). (3) De um anjo predizendo as setenta semanas para a morte do Messias, em quem haverá o fim da tribulação (Dn 9). (4) De um homem declarando o fim da tribulação e os últimos dias (Dn 10). (5) Da luta de Cristo e sua vitória final sob o tipo de rei do sul e do norte (Dn 11). De acordo com Lyra.

Mas Polanus diz que, nestas visões, os sofrimentos do povo de Deus sob as quatro monarquias do mundo são demonstrados, especialmente no tempo de Antíoco Epifânio, quando o culto e a adoração a Deus foram perseguidos. O final de tais sofrimentos, para o conforto dos fiéis, é anunciado por um período de tempo, por intermédio de uma libertação poderosa e, depois disso, pela vinda do Messias. E, ainda, que o Messias será rejeitado e morto pela maior parte dos judeus e, por isso, sua cidade seria destruída, seu templo seria derrubado e o culto levítico, ali, abolido, para nunca mais ser restaurado. Naquela época de destruições, os eleitos serão preservados pelo poder do Messias e, finalmente, na segunda vinda de Cristo, todos os mortos ressuscitarão, alguns para a vida eterna, outros para a condenação eterna. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>3</sup>

#### RESUMO DO CAPÍTULO. MARTINHO LUTERO:

No sétimo capítulo, começam as visões e profecias dos reinos futuros, especialmente do reino de Cristo – por causa de quem todas estas visões acontecem. Primeiro, os quatro reinos que ele indicou no capítulo 2 (v.31-40), naquela grande imagem, ele agora vê aqui, de novo, em outra forma, isto é, como quatro animais. Ele se concentra principalmente no quarto animal, o Império Romano. Ele quer dizer algo mais sobre ele porque, sob o Império Romano, o maior evento do mundo acontecerá, isto é, Cristo virá, a humanidade será redimida e o mundo acabará. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>4</sup>

#### UM SUMÁRIO DE DANIEL. FILIPE MELANCHTHON:

Aqui Daniel começa com visões específicas sobre a sucessão de impérios, o advento de Cristo

e a luta da igreja que acontecerá no fim dos tempos. Esta visão é mostrada para indicar o tempo da vinda do Messias, para que os crentes não se desesperem em relação à promessa por causa da demora e do sofrimento. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>5</sup>

### 7.1 O propósito da visão

**A VISÃO DE DANIEL PARA A IGREJA: JOÃO CALVINO:** *Escreveu logo o sonho e relatou a suma de todas as coisas.* Através desta frase ele nos ensina que sua visão não era para ele mesmo, mas para a edificação comum da igreja. Aqueles que supõem que Daniel saiu da cama subitamente, para não se esquecer de seu sonho fazem um comentário vão e frívolo. Daniel quis dar testemunho desta visão não como peculiar a si mesmo, mas comum ao povo eleito de Deus e não só para ser celebrada oralmente, mas também para ser entregue à posteridade, para lembrança perpétua. Devemos ter em mente estes dois pontos: primeiro, Daniel escreveu esta profecia para que o conhecimento dela fosse sempre celebrado entre os fiéis e, então, ele considerou o interesse da posteridade e deixou escrita a visão. Ambos os pontos devem ser notados, para nos induzir a dar maior atenção à visão, já que ela não foi entregue para um indivíduo só, mas Deus escolheu Daniel como seu ministro e como mensageiro e testemunha deste oráculo. Consequentemente, vemos que ele se refere a nós; não fora um ensinamento para uma era específica, mas se estende até nós e deve florescer até o final dos tempos...

Ele repete novamente: *Eu estava olhando, durante a minha visão da noite.* Mais uma vez, Daniel afirma que apresentou nada mais do que aquilo que Deus lhe mostrou autoritativamente. Pois nós sabemos que, na igreja, todas as tradições humanas devem ser tratadas como sem valor nenhum, já que a sabedoria de todas as pessoas é vaidade e mentira. Como somente Deus merece ser ouvido pelos fiéis, Daniel afirma, aqui, que ele não oferece nada de si mesmo, sonhando de maneira ordinária, mas que a

<sup>3</sup> *Prophets*, 537-538.

<sup>4</sup> WADB 11,2:10.

<sup>5</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 108.

visão é certa e, por isso, pode enganar os piedosos. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>6</sup>

### 7.2-3 Quatro ventos e quatro animais

**OS QUATRO VENTOS.** JOHN MAYER: Primeiro Daniel nos diz que *estava olhando, durante a minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar Grande. Quatro animais, grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar.* Por estes quatro ventos, Lyra entende quatro anjos sobre as quatro monarquias do mundo, que se esforçam, quando cada um representa uma monarquia, sobre a qual foi colocado, não obstante pronto, quando Deus faz sua vontade conhecida a qualquer um deles, para concordar e descansar nela. Quanto aos seus labores, não deve ser entendido que eles fizeram tudo juntos e ao mesmo tempo, mas sucessivamente, o anjo da monarquia da Babilônia contra o da Pérsia, esforçando-se para sustentá-lo contra Dario e Ciro, mas dando lugar à destruição, quando Deus fez saber sua vontade sobre isso, e, da mesma forma, o dos persas foi contra o dos gregos, e o que estava sobre os gregos, contra os romanos. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>7</sup>

**OS QUATRO ANIMAIS.** GIOVANNI DIODATI: [Dn 7.2. Os quatro]. O mar significa o mundo, e os ventos, as mudanças que ocorrem nele, através das quais um império é levantado e outro é derrubado como as ondas do mar.

[Dn 7.3. *Animais*] Isto quer dizer impérios, representados desta maneira porque, na maior parte, a compra é feita, a possessão mantida e o governo é executado com violência e tirania (veja Sl 76.4; Ct 4.8).

[Dn 7.4 *O primeiro*] O leão representou o império caldeu ( Dn 2.37), por causa de seu poder e voracidade (veja Is 5.29; Jr 4.7). [*Asas*] para mostrar a grande velocidade das conquistas dos caldeus (Is 5.26; Jr 4.13; 48.40; Ez 17.3; Hc 1.18). [*Arrancadas*] A saber, todos os meios de conquista e capacidade de se reerguer foram tiradas dele, e foi privado do descanso e da facilidade de que desfrutou por muito tempo como um animal, deitado no chão; e, sendo subjuga-

do, fora levado a uma administração racional e a uma vida modesta: este era o estado da Babilônia, muito depois de ser tomada por Ciro.

[Dn 7.5. *Segundo*] O qual é o Império Persa (Dn 2.39; 8.3). [*Semelhante a um urso*], pois os persas eram uma nação de montanhas, mais incivilizada que os caldeus, embora fossem grandes guerreiros e muito inclinados a criar impérios e estados. [*Um dos seus lados*] parece, aqui, significar o início do Império Persa, de um lado do mundo, a saber, o leste, de onde veio a conquistar as outras três partes (Dn 8.4). [*E lhe dizem*] A saber, a providência secreta de Deus os levou àqueles empreendimentos e os fez fáceis para eles (veja Is 21.2).

[Dn 7.6. *Eis aqui outro*] A saber, Alexandre, o Grande, seu império, que foi muito rápido em todas as suas conquistas, o que é representado pelo leopardo, um animal muito ativo (Hc 1.8), e por suas asas (Dn 2.39; 8.5; 11.3). [*Quatro cabeças*] as quais eram os quatro estados no qual o império de Alexandre, o Grande, foi dividido depois de sua morte (Dn 8.8; 11.4; 1 Mac 1.9-10).

[Dn 7.7. *O quarto animal*] Por Daniel 8.9, podemos descobrir que o principal significado desta profecia tem relação com os reinos da Síria e Egito, possuídos pelos selêucidas e pelos ptolomeus, o que, não obstante, não nos impede de acreditar que o Espírito de Deus olhava para mais longe, a saber, para o Império Romano, pela semelhança dele com o outro, na perseguição à igreja, na subversão e interdição do culto a Deus e na violência feita às consciências, sobre as quais as revelações encaixam muitas destas passagens de Daniel com o anticristo...

[*Éra diferente*], pois sua tirania sobre o povo de Deus tendia a forçá-los a apostar e aniquilar o culto a Deus, o que nenhum dos impérios precedentes tinha tentado. [*Dez chifres*] Estes são os dez selêucidas, reis da Ásia e da Síria, até Antíoco, incluindo-o entre os restantes (Dn 7.24), pois, embora tivesse sucessores, mesmo assim o povo de Deus (a respeito de quem estas coisas foram faladas) começou,

<sup>6</sup> CTS 25:9-10 (CO 19:37-38).

<sup>7</sup> *Prophets*, 538.



depois de Antíoco, a reassumir sua liberdade sob os hasmoneus, até Cristo. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>8</sup>

#### 7.4 O leão

**O PRIMEIRO ANIMAL:** MARTINHO LUTERO: Ora, o primeiro animal representa o reino da Assíria e Babilônia. É um leão com duas asas de águia, porque é o mais nobre e o mais superior. Como foi dito anteriormente, foi um reino dourado, acima de todos os outros. As duas asas são as partes do império: Assíria e Babilônia. É dado a ele um coração humano e ele fica de pé ereto, porque nenhum outro reino teve um rei assim [como Nabucodonosor], quem tão maravilhosamente veio a conhecer a Deus. Também nenhum outro reino teve tantos homens justos e grandes e pessoas sábias na corte real, como teve este reino. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>9</sup>

**O LEÃO.** FILIPE MELANCHTHON: O leão simboliza os caldeus e os assírios. As duas asas significam estas duas nações em particular, que reinaram sucessivamente, os caldeus e os assírios. Ele foi levantado sobre a terra transformado na imagem de um homem, isto é, o reino seria muito glorioso, e colocaria de lado a barbárie, porque foi chamado ao reconhecimento de Deus. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>10</sup>

**O PRIMEIRO ANIMAL VISTO POR DANIEL, O LEÃO.** JOÃO CALVINO: Percebemos, então, a razão pela qual o profeta diz: *O primeiro era como leão*, porque uma integridade maior floresceu sob o domínio dos caldeus do que quando todos os impérios estavam misturados, e os persas subjugaram ambos, os caldeus e os medos. Pois é evidente, em todas as histórias, que eles eram uma nação bárbara e feroz. Eles eram pomposos nas suas exaltações das virtudes, pois tinham uma vida de austeridade, dispensavam todos os luxos e eram muito simples em seu viver, mas sua ferocidade e crueldade brutal, os fizeram detestáveis. *O primeiro era como leão e tinha asas de águia*; isto é, embora fosse um leão, tinha asas. Isto se refere à sua agilidade, pois sabemos que a monarquia dos assírios foi instaurada em um curto espaço de tempo, pois

eles tinham subjugado os caldeus, previamente, como um ágil leão. Pois um leão tem força, espírito e crueldade para infringir danos. Além disso, o profeta viu um leão alado, já que eles não somente aumentaram seu império por suas próprias forças, mas também, rapidamente estenderam as suas asas em todas as direções. Vemos, então, como a força e o poder são indicados, por um lado, e a maior velocidade, por outro. Ele, mais tarde, acrescenta que *foram-lhe arrancadas as asas*, pois, quando os caldeus desejaram se estender além de seus limites, o Senhor os restringiu dentro dos devidos limites e interrompeu as vitórias continuadas. Suas asas foram, então, cortadas, quando Deus os restringiu, ao puxar as suas rédeas, para que não vagueassem tão livremente quanto tinham feito até então.

O profeta, então, acrescenta que este animal foi *levantado da terra*, implicando na cessação do império, pois nem os caldeus, nem os assírios foram inteiramente destruídos, mas a sua glória fora completamente retirada. A face do animal não mais aparecia quando Deus transferiu a monarquia pra os medos e persas. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>11</sup>

**SOBRE O LEÃO.** JOHN MAYER: Dentre os animais, o primeiro foi como um leão... Este era o rei da Babilônia, porque como um leão, entre todos os animais da floresta, é como rei; assim também ele era rei dentre todas os outros povos, por toda parte; Desse modo, com este nome de leão, ele foi representado (Is 5.29; Jr 4.13). E ele tinha duas asas, como de uma águia; uma delas significava a riqueza pela qual ele também foi representado antes, através de uma cabeça de ouro, e a outra significava o poderio militar, pois, nesta área, em poder e habilidade ele excedia todos os outros, de tal maneira que alguns diziam que ele era mais forte que Hércules. E as asas de uma águia são dadas a ele por seu orgulho, pelo qual ele foi elevado acima de todos os povos, assim como a águia voa acima de todas

<sup>8</sup> *Pious Annotations* (1651), 7:2-7.

<sup>9</sup> WADB 11.2:10.

<sup>10</sup> *In Danieleum Prophetam* (1543), 109.

<sup>11</sup> CTS 25:13-14 (CO 19:41).

as aves do céu pela força de suas asas, como foi mencionado antes, em Daniel 3. Mas as suas asas foram retiradas quando, depois de empavonar-se em seu orgulho, sua mente foi transformada, tornando-se como a de um animal, pois então ele foi, por um longo tempo, não somente como uma águia com suas penas arrancadas, sem poder voar acima dos outros, e, assim, mantida no nível mais baixo, abaixo de todos, até mesmo da pessoa mais desprezível, mas também, enquanto a águia, tendo as suas penas arrancadas, ainda mantém a mente de uma águia, ele, ao contrário, era, aqui, inferior às outras pessoas também, pois não tinha o entendimento do homem mais simples habitando nele.

*Foi levantado da terra e posto em dois pés, como homem*, o que não deve ser interpretado como sendo feito através de suas asas, pois elas, como foi dito antes, tinham sido arrancadas, mas pela misericórdia de Deus, de novo demonstrada a ele, ao restaurá-lo. Pois então ele foi levantado e ficou ereto como um homem, e não caminhava mais de quatro, usando as mãos como pés, como tinha feito antes, mas seu rosto, que tinha estado por tanto tempo olhando para o chão, como o rosto de um animal, foi, agora, levantado para olhar para os céus. Deus ali, por sua vontade, mudou a situação, como um homem é diferenciado de um animal, de acordo com o provérbio: “quando os outros animais olham para baixo, para a terra, ele deu uma face sublime ao homem, e o convidou a olhar para cima”(cf. Ec 3.21).

*E lhe foi dada mente de homem*: de acordo com o que foi dito antes, na visão da grande e admirável árvore, apresentada a Nabucodonosor (Dn 4.32), depois de ser afastado do convívio das pessoas e o coração de homem ser tirado dele, diz Daniel, o entendimento voltou ao rei, e ele olhou em direção aos céus. Lyra também tem outra interpretação do arrancar das asas, quando todo o seu poder e suas riquezas foram retirados pelos persas. Naquele tempo, ele se manteve como um homem, isto é, como um pobre e ordinário homem do tipo mais desprezível, e recebeu o coração de um homem, isto é, enquanto antes ele pensava ser tão bom quanto Deus, agora ele sabia, por experiência própria,

que não era nenhum deus, mas um homem miserável. Mas é impróprio dizer de um morto que ele foi levantado e se colocou de pé, ou que recebeu o coração de um homem, quando o sangue de seu coração foi derramado e ele pereceu; com certeza, isto seria absurdo e, por isso, manteve-se a interpretação anterior.

Polanus, porém, que concorda com esta última interpretação, procura justificar sua posição dizendo que o rei foi posto de pé como um homem quando seu orgulho foi abatido pelos persas, tendo sido ele, antes, como um leão, e que recebeu o coração de um homem porque ele se tornara então, como qualquer homem normal, e o povo de seu reino se tornou tributário. Os animais que saíram do mar representa o mundo, por causa da sua condição flutuante, ora maré alta, ora maré baixa, ora agitado pelo vento, ora calmo; seu surgimento do mar acontece em sucessão, quando Deus, em sua providência que prefigurou tudo isso, determinar. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>12</sup>

### 7.5 O urso e as três costelas

**O SEGUNDO ANIMAL: O URSO.** MARTINHO LUTERO: O segundo animal, o urso, é o reino da Pérsia e Média, que destruiu o remanescente da Babilônia, arrancando suas asas. Entre os seus dentes, há três costelas, que são três grandes e longos dentes. Os três grandes dentes representam os mais distintos reis – Ciro, Dario e Xerxes – que conquistaram mais neste reino, devorando muita carne, isto é, eles conquistaram muitos grandes territórios. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>13</sup>

**O URSO.** FILIPE MELANCHTHON: O urso simboliza os persas. Os três longos dentes na boca representam três reis em particular: Ciro, Dario e Artaxerxes. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>14</sup>

**O SEGUNDO ANIMAL DE DANIEL, O URSO.** JOÃO CALVINO: Aqui o profeta proclama como

<sup>12</sup> *Prophets*, 538-539.

<sup>13</sup> WADB 11,2:10-12.

<sup>14</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 109.

foi instruído em sonho a respeito do segundo animal. Se julgarmos somente pelo evento, este animal, sem dúvida, representou o reino dos medos e persas, embora o profeta especifique os persas, pois os medos tinham, há muito tempo, se submetido ao seu jugo. *E eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso*. Sabemos que o urso é um animal voraz e violento, indolente e inerte, assim como cruel. Ao compararmos o urso com o leão, a sua aparência é abominável e desagradável, enquanto o leão é notável por sua beleza, embora seja terrível. Ele compara os persas com o urso por causa de sua barbárie, pois já dissemos que aquela nação era selvagem e feroz. Então, de novo, os persas não eram tão civilizados como os assírios e os caldeus, que moravam na região mais bela do mundo, como um nobilíssimo teatro; mas os persas se escondiam como feras selvagens em suas cavernas. Eles moravam entre as suas montanhas e viviam como brutos. Por isso o profeta os compara apropriadamente com um urso, pois Deus mostrou esta forma ao seu profeta. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>15</sup>

**SOBRE O URSO.** JOHN MAYER: Aqui, o reino da Pérsia é representado por um urso porque o urso é mais vil do que o leão e pega a sua presa de maneira mais cruel. Ele é mais vil, não tendo a forma graciosa de um leão. A terra dos persas era pobre e desabitada, um país estéril, e, desse modo, tinham uma qualidade de vida menor do que a Babilônia, que era uma terra mais frutífera. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>16</sup>

**AS TRÊS COSTELAS.** JOÃO CALVINO: O profeta então acrescenta, *e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levanta sobre um dos seus lados; na boca, entre os dentes, trazia três costelas; e lhe diziam: Levanta-te, devora muita carne*. Aqueles que entendem que as três costelas são três reinos parecem ser muito detalhistas. Acho que o número é indefinido, porque o animal mordeu com sua boca não uma costela, mas mais de uma; porque os persas, como nós falamos, atraíram para si o poder dos medos e, mais tarde, subjugarão os assírios e os caldeus, e Ciro também subjogou

muitas nações, até que toda a Ásia Menor reconhecesse a sua autoridade. Quando, então, o profeta fala de três costelas, está implícita a natureza insaciável do animal, já que ele não se contentou somente com um corpo, mas devorou muitas pessoas. Pois, por “*muita carne*” ele representa muitas presas. Este é o sentido geral. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>17</sup>

**AS TRÊS COSTELAS NA BOCA DO ANIMAL.** JOHN MAYER: Pelas três costelas em sua boca, três reinos são estabelecidos: o persa, o medo e o babilônico, agora todos sob o poder de Ciro, ou três partes do mundo, leste, oeste e sul, como alguns dizem, ou leste, sul e norte, segundo outros; o leste foi subjogado por Ciro; o sul, por Cambises, onde estavam o Egito e a Líbia; o norte por Dario Hystaspis, onde os cínios estavam. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>18</sup>

**DEUS PUNE O MUNDO.** JOÃO CALVINO: Eu não hesito em explicar as seguintes palavras, *e lhe diziam*, como palavras vindas de anjos ou do próprio Deus. Alguns preferem entender isso como um estímulo pelo qual Ciro foi instigado à crueldade. Mas já que Deus exhibe ao seu profeta a imagem de sua providência, o que sugere se torna muito provável, a saber, *Levanta-te, devora muita carne*, foi dito pelos anjos ou por Deus, não porque Deus seja o autor da crueldade, mas, já que ele governa através de seu conselho secreto aquilo que as pessoas fazem sem método, sua autoridade é, aqui, merecidamente colocada perante nossos olhos, pois Ciro não teria penetrado tão rapidamente em diferentes regiões e atraído para si tantos impérios e subjogado tantas nações poderosas, sem que Deus desejasse punir o mundo e tivesse usado-o como instrumento desta carnificina. Quando portanto, Ciro executa a vingança de Deus pelo derramamento de tanto sangue humano, o profeta declara ter sido dito a ele: *devora muita carne*. Por um lado, Deus não estava se agradando da carnificina de tantas nações feita por

<sup>15</sup> CTS 25:15 (CO 19:42).

<sup>16</sup> *Prophets*, 539.

<sup>17</sup> CTS 25:16 (CO 19:42-43).

<sup>18</sup> *Prophets*, 540.

Ciro e do aumento do poder e da tirania de um só homem, pelo derramamento de tanto sangue humano; mas, por outro lado, Deus ordenou a conduta de Ciro, pois desejou punir o mundo por sua ingratidão, por sua desesperada obstinação e por sua rebelião. Não havia remédio pra estes males; por isso, Deus confiou a Ciro o dever de executar seu julgamento. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>19</sup>

**O URSO COME CARNE.** JOHN MAYER: Este urso é instigado a comer muita carne para mostrar que a destruição feita por ele no mundo foi designada por Deus, e não por sua própria vontade, e para este propósito, também é dito sobre o próximo animal que o domínio foi dado a ele. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>20</sup>

## 7.6 O leopardo

**O TERCEIRO ANIMAL: O LEOPARDO.** MARTINHO LUTERO: O terceiro animal é o leopardo com quatro asas e quatro cabeças. É o reino de Alexandre, o Grande, da Grécia. Mais tarde, quatro reinos saíram dali, como veremos no próximo capítulo. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>21</sup>

**O LEOPARDO.** FILIPE MELANCHTHON: O leopardo significa Alexandre da Macedônia. As quatro asas e as quatro cabeças são os quatro sucessores, pois, depois da poderosa batalha, os quatro governantes que sucederam a Alexandre dividiram o grande império: Seleuco governou a Síria e além; Ptolomeu, o Egito, Antígono, a Ásia Menor; e Antípatar, a Macedônia.

A natureza do leopardo ou pantera corresponde ao caráter dos gregos; eles são manchados, perfumados e tem uma cabeça amedrontadora; caçam sua presa com seu odor doce, escondendo sua cabeça; lutam corajosamente para defender os seus rebentos e os mais jovens, não temendo nenhuma arma e se embebedam com o vinho. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>22</sup>

**O TERCEIRO ANIMAL DE DANIEL, O LEOPARDO.** JOÃO CALVINO: Daniel já nos falou de dois impérios, a saber, o caldeu e o persa. Os intér-

pretos concordam com a necessidade de relacionar esta visão ao império macedônio. Ele compara este reino com um leopardo, ou, como alguns traduzem, uma pantera, já que Alexandre obteve seu grande poder por meio somente de sua agilidade em batalha e, embora não seja de maneira nenhuma um animal notável, com sua grande velocidade, conseguiu subjugar todo o oriente. Outros apontam muitos pontos de correlação nos quais o caráter grego está de acordo com a natureza do leopardo, mas temo que estes detalhes tenham pouco peso: é suficiente para mim que o Espírito Santo trate aqui do terceiro império. Inicialmente, ele não tinha nenhuma importância e nem poderia amedrontar regiões distantes, nem subjugar povos por seu próprio valor. Então ele se tornou como um animal ágil, se assim posso dizer, já que a agilidade de Alexandre era notória. Mas ele não se destacou em prudência, nem em seriedade, nem em julgamento, nem em nenhuma outra virtude. A mera precipitação se apoderou dele e, mesmo se ele nunca tivesse provado vinho, sua ambição o teria intoxicado. Desse modo, toda a vida de Alexandre fora intoxicada: não havia nem moderação nem compostura nele. Vemos, então, quão adequadamente isto corresponde ao caráter de Alexandre, embora também se estenda aos seus sucessores, todos os quais participavam muito da natureza de seu príncipe. Daniel diz, desse modo, que um animal apareceu a ele *semelhante a um leopardo*.

Ele também diz que *tinha nas costas quatro asas de ave; tinha também este animal quatro cabeças*. Algumas pessoas, na minha opinião, perversamente distinguem as asas das cabeças. Elas supõem que o reino é retratado como alado porque Alexandre conquistou muitos reinos em um breve período; mas o sentido mais simples é que este animal tinha quatro asas e quatro cabeças porque Alexandre mal tinha completado suas vitórias quando pereceu, contrariando todas as expectativas; e, depois de sua morte, cada um tomou uma porção da presa para si mesmo.

<sup>19</sup> CTS 25:17 (CO 19:43).

<sup>20</sup> *Prophets*, 540.

<sup>21</sup> WADB 11,2:12.

<sup>22</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 109.

Isto, todavia, é certo: depois que os generais de seu exército brigaram por muitos anos, todos os historiadores concordam em dizer que o poder supremo se concentrou em quatro governantes. Seleuco obteve a Ásia Maior; e Antígono, a Ásia Menor; Cassandro foi rei da Macedônia e foi sucedido por Antípater; enquanto Ptolomeu, o filho de Lagos, tornou-se regente do Egito. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>23</sup>

### 7.7 O quarto animal

**O QUARTO ANIMAL.** MARTINHO LUTERO: Ora, o quarto animal, com dentes de ferro, é verdadeiramente o culpado. É o último reino, isto é, o Império Romano, e com ele o mundo chegará ao fim, como Daniel aqui diz sobre o Juízo Final e sobre o reino dos santos que se seguirá depois deste reino. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>24</sup>

**DIFICULDADES NA IDENTIFICAÇÃO DO QUARTO ANIMAL.** JOÃO CALVINO: Existe uma grande dificuldade nesta quarta monarquia. Aqueles que têm um julgamento moderado confessam que esta visão se cumpre no Império Romano, mas eles, depois, discordam, já que o que é dito aqui sobre o quarto animal, muitos relacionam com o papa, quando é acrescentado um pequeno chifre que surge; outros acham que o reino turco está incluído sob o romano. Os judeus em sua maioria, se inclinam nesta direção, e eles são necessariamente compelidos a fazer isso, já que Daniel, mais tarde, acrescenta: *Eu vi o trono do Filho do Homem*. Como fica claro, a partir desta profecia, que o reino de Cristo foi erigido pela queda do domínio romano, os judeus mudam de ideia, e, como eu disse, unem a monarquia turca com a romana, já que não acham seu Cristo de acordo com sua imaginação. E existem alguns de nossos escritores que pensam que esta imagem não deve ser restrita ao Império Romano, mas deve incluir o Império Turco. Em minha opinião, não há nada provável nesta opinião; eu não tenho dúvidas de que, nesta visão, ao profeta foi mostrada a figura do Império Romano, e isto se tornará mais claro na medida que proseguirmos. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>25</sup>

**O QUARTO ANIMAL.** JOHN MAYER: Ao se diferenciar de todos os outros animais, os antigos, geralmente, entendem que este representa o Império Romano, o qual foi regido com tanta diversidade, algumas vezes por tribunos do povo, algumas vezes por cônsules, por ditadores, por imperadores e triunviratos e, portanto, não era igual a qualquer dos reinos que vieram antes e é apresentado como o mais terrível, pois os grandes dentes de ferro e os chifres subjugarão todos debaixo de seus pés e os forçou a pagar tributos em todos os países e nações. Por causa disso, esta monarquia não pode ser representada por nenhum animal, mas somente ser descrita como um monstro entre os animais. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>26</sup>

### 7.8 Os chifres

**OS CHIFRES.** MARTINHO LUTERO: Ele demonstra que este Império Romano será primeiro dividido em dez reinos – estes são os dez chifres – Síria, Egito, Ásia Menor, Grécia, África [Norte], Espanha, França, Itália, Alemanha, Inglaterra. Então, um pequeno chifre tirará três dos dez chifres originais. Este é Maomé, ou os turcos, que agora têm o Egito, a Ásia e a Grécia. Este pequeno chifre lutará contra os santos, blasfemando contra Cristo. Isto todos nós estamos experimentando, diante dos nossos próprios olhos. Os turcos têm tido grandes vitórias contra os cristãos e, de fato, negam a Cristo, engrandecendo seu Maomé acima de tudo. Ora, certamente não temos nada mais a esperar exceto o último dia, pois os turcos não tirarão mais do que três dos dez chifres. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>27</sup>

**OS CHIFRES DO QUARTO ANIMAL.** JOÃO CALVINO: *Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno.* Aqui, os intérpretes começam a divergir; alguns distorcem esta passagem para significar o papa, e outros,

<sup>23</sup> CTS 25:17-20 (CO 19:43-44).

<sup>24</sup> WADB 11,2:12.

<sup>25</sup> CTS 25:21 (CO 19:46).

<sup>26</sup> *Prophets*, 540.

<sup>27</sup> WADB 11,2:12.

os turcos, mas nenhuma dessas opiniões me parece provável; ambas estão erradas, já que eles acham que todo o curso do reino de Cristo está ali descrito, enquanto Deus desejou somente declarar ao seu profeta o que deveria acontecer até o primeiro advento de Cristo. Este, então, é o erro de todos aqueles que desejam aceitar esta visão do estado perpétuo da igreja até o fim do mundo. Mas a intenção do Espírito Santo era completamente diferente. Explicamos, no início, porque esta visão apareceu ao profeta – porque a mente dos piedosos constantemente se enfraqueceriam diante das terríveis convulsões que estavam por acontecer, quando vissem o domínio supremo ser dado aos persas e, então, os macedônios cairam sobre eles e adquiriram autoridade em toda parte; todo o oriente e, mais tarde, os ladrões que guerrearam sob o comando de Alexandre, subitamente se tornaram reis, em parte pela crueldade e em parte por fraude e perfídia, o que criou mais conflito do que a hostilidade externa. Quando os fiéis vissem todas aquelas monarquias perecerem e o Império Romano surgir, como um novo prodígio, eles perderiam sua coragem diante de mudanças tão turbulentas e confusas. Assim, esta visão foi apresentada ao profeta para que todos os filhos de Deus pudessem entender que sofrimentos severos esperavam por eles antes do advento de Cristo. Daniel, então, não vai além da redenção prometida e não abrange, como eu já disse, todo o reino de Cristo, mas se contenta em trazer os fiéis para aquela exibição da graça que eles esperavam e almejavam.

Fica suficientemente claro, desse modo, que esta exibição tem de se referir ao primeiro advento de Cristo. Eu não tenho dúvidas de que o pequeno chifre se refere a Júlio César e aos outros Césares que o sucederam, a saber, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero e outros. Apesar disso, como dissemos antes, o conselho do Espírito Santo deve ser atendido, o que leva os fiéis adiante, para o início do reino de Cristo, isto é, a pregação do evangelho, que foi iniciada sob o governo de Cláudio, Nero e seus sucessores. Ele chama de pequeno chifre porque César não assumiu o nome de rei. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>28</sup>

**OS DEZ CHIFRES.** ANDREW WILLET: Os dez chifres são entendidos como sendo dez reinos, e reis, como Grécia, Macedônia, Ásia, Síria, Egito, África, Espanha, Gália, Alemanha e Ilírico. O pequeno chifre significa Maomé, chamado de pequeno por causa de seu início obscuro. Os três chifres retirados diante dele são os três reinos da Síria, Egito e África, os quais os turcos invadiram. A boca que falava arrogantemente é a nova lei dos turcos, trazida por Maomé. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>29</sup>

**UM OUTRO CHIFRE.** GIOVANNI DIODATI: [*Outro*] Isto é, Antíoco, chamado Epifânio, que é um dos dez reis mencionados acima; mas ele é chamado de outro porque sua tirania sobre o povo era especial (Dn 7.24).

[*Pequeno*] como Daniel 8.9, por que este Antíoco era o mais novo entre seus irmãos e o reino não pertencia legalmente a ele; e, além disso, ele tinha uma natureza abjeta e detestável (Dn 11.21).

[*Três*] isto é, três reis, a saber, Ptolomeu Filopater, rei do Egito, que dominou a Síria; Antíoco, o Grande, pai de Epifânio; e Seleuco, seu irmão; os três que foram privados de suas vidas ou de seu reino por Antíoco (Dn 7.24).

[*Havia olhos*] isto é mencionado para mostrar sua sagacidade natural e sua capacidade de enganar (Dn 8.23,25; 11.23,32).

[*Boca*] ele era excessivamente arrogante em palavras (1Mac 1.25), cruel em decretos sangrentos e um grande blasfemador contra Deus (Dn 7.25; 8.23,25; 11.36, 1Mac 1.46-47). Veja a comparação disto com a Roma pagã (Ap 13.5). ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>30</sup>

**O PEQUENO CHIFRE, O ANTICRISTO E O PAPA.** JOHN MAYER: Embora eu, aqui, concorde com a antiguidade que o Império Romano é representado por este animal com dez chifres, do qual também falei o suficiente sobre Apocalipse 17, mostrando quais eram os dez reis que estes chifres representavam e que o pequeno chifre era o anticristo, que se levantaria durante o tem-

<sup>28</sup> CTS 25:26-27 (CO 19:50).

<sup>29</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 500.

<sup>30</sup> *Pious Annotations* (1651), 7.8.

po deste império, todavia, enquanto eles falam que o anticristo ainda está por vir, perto do fim dos tempos, e que, quando vier, reinará por três anos e meio, com isto eu não concordo, porém, ao contrário, afirmo que o anticristo já veio e não é um homem, mas uma sucessão de homens no estado romano, reinando não pela força, como os primeiros, mas por bajulação e falsas persuasões, pelo que foi dito que ele tinha olhos como de um homem e uma boca que falava com insolência; pois ele vê de acordo com a razão carnal de um homem, por meio da qual ele concebe a si mesmo (por ser o sucessor de

Pedro, que teve o governo da igreja de Cristo confiado a si) como sumo sacerdote e senhor de todas as igrejas, falando para este fim, muito magnificamente de si mesmo, como vigário de Cristo, governando sobre todos os poderes, não somente espirituais mas também temporais, dispondo dos reinos do mundo segundo a sua vontade, derrubando um e levantando outro. E, desse modo, este pequeno chifre inicialmente, deve ser o papa de Roma, a quem estas coisas se aplicam muito adequadamente. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>31</sup>

<sup>31</sup> *Prophets*, 542.

## 7.9-28 O ANCIÃO DE DIAS E O REINO DE DEUS

<sup>9</sup> *Continuei olhando, até que foram postos uns tronos,*

*e o Ancião de Dias se assentou;  
sua veste era branca como a neve,  
e os cabelos da cabeça, como a pura lã;  
o seu trono eram chamas de fogo,  
e suas rodas eram fogo ardente.*

<sup>10</sup> *Um rio de fogo manava  
e saía de diante dele;  
milhares de milhares o serviam,  
e miríades de miríades estavam diante dele;  
assentou-se o tribunal,  
e se abriram os livros.*

<sup>11</sup> *Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado.*

<sup>12</sup> *Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo.*

<sup>13</sup> *Eu estava olhando nas minhas visões da noite,*

*e eis que vinha com as nuvens do céu  
um como o Filho do Homem,  
e dirigiu-se ao Ancião de Dias,  
e o fizeram chegar até ele.*

<sup>14</sup> *Foi-lhe dado domínio,  
e glória, e o reino,  
para que os povos, nações e homens de todas as línguas  
o servissem;*

*o seu domínio é domínio eterno,  
que não passará,  
e o seu reino  
jamais será destruído.*

<sup>15</sup> Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi alarmado dentro de mim, e as visões da minha cabeça me perturbaram. <sup>16</sup> Cheguei-me a um dos que estavam perto e lhe pedi a verdade acerca de tudo isto. Assim, ele me disse e me fez saber a interpretação das coisas: <sup>17</sup> Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra. <sup>18</sup> Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade. <sup>19</sup> Então, tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro, cujas unhas eram de bronze, que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava; <sup>20</sup> e também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça e do outro que subiu, diante do qual caíram três, daquele chifre que tinha olhos e uma boca que falava com insolência e parecia mais robusto do que os seus companheiros. <sup>21</sup> Eu olhava e eis que este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles, <sup>22</sup> até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino.

<sup>23</sup> Então, ele disse: O quarto animal  
será um quarto reino na terra,  
o qual será diferente de todos os reinos;  
e devorará toda a terra,  
e a pisará aos pés, e a fará em pedaços.

<sup>24</sup> Os dez chifres  
correspondem a dez reis que se  
levantarão daquele mesmo reino;  
e, depois deles, se levantará outro,  
o qual será diferente dos primeiros,  
e abaterá a três reis.

<sup>25</sup> Proferirá palavras contra o Altíssimo,  
magoará os santos do Altíssimo  
e cuidará em mudar os tempos e a lei;  
e os santos lhe serão entregues nas mãos,  
por um tempo, dois tempos e metade de um tempo.

<sup>26</sup> Mas, depois, se assentará o tribunal  
para lhe tirar o domínio,  
para o destruir e o consumir até ao fim.

<sup>27</sup> O reino, e o domínio,  
e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu  
serão dados ao povo dos santos do Altíssimo;  
o seu reino será reino eterno,  
e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão<sup>a</sup>.

<sup>28</sup> Aqui, terminou o assunto. Quanto a mim, Daniel, os meus pensamentos muito me perturbaram, e o meu rosto se empalideceu; mas guardei estas coisas no coração.

<sup>a</sup> Ou: o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios deverão servi-lo e obedecer-lhe.



**VISÃO GERAL:** Daniel agora vê o Ancião de Dias e o Filho do Homem. Nossos comentaristas estão divididos sobre a identidade do Ancião de Dias. Alguns entendem aqui Deus Pai; outros veem isto como uma referência a Cristo, particularmente sua natureza divina. Uma terceira opinião é que esta é uma referência à Trindade eterna: Pai, Filho e Espírito Santo. Se for Deus Pai, então uma exegese é necessária para explicar a declaração de Cristo em João 5, de que todo julgamento foi dado a ele pelo Pai. Todos concordam que o Filho do Homem é uma clara referência a Cristo. Ele é mencionado como sendo “como” o Filho do Homem porque ainda não tinha se encarnado. Desse modo, Daniel o viu em figura, não em substância. Daniel encerra com uma descrição do reino dos santos e do reino eterno de Cristo. Nossos comentaristas refletem sobre o significado desta visão do futuro reino de Cristo e sobre como nós devemos estimá-lo e não procurar ir além do que aquilo que Deus revelou. Como Daniel diz, “aqui, terminou o assunto” (Dn 7.28).

### 7.9-12 O Ancião de Dias

**O ANCIÃO DE DIAS.** JOÃO CALVINO: Daniel agora relata como ele viu uma outra figura, a saber, Deus assentado em seu trono para exercer julgamento. Veremos mais tarde o que se refere a Cristo, mas Daniel agora ensina somente a aparência de Deus no seu papel de juiz. Esta foi a razão pela qual muitas pessoas estenderam esta profecia como referindo-se ao segundo advento de Cristo – uma interpretação de maneira nenhuma correta, como mostrarei mais detalhadamente na hora certa. Mas primeiro vale a pena considerar, aqui, por que ele diz que o Ancião de Dias, significando a própria divindade eterna, ascendeu ao trono de juízo. Esta cena parece desnecessária, porque é o ofício peculiar de Deus governar o mundo; e, como nós sabemos que isso não pode ser feito sem um julgamento justo, segue-se que Deus é o juiz perpétuo desde a criação do mundo. Ora, mesmo um conhecimento moderado das Escrituras mostra o quanto esta passagem se adapta a nós, apelando aos nossos sentidos, pois a não ser

que o poder de Deus se faça claro, pensamos que ele foi abolido ou interrompido. Por isso vemos, aquelas formas de expressão que ocorrem em outros lugares, como “Até quando, SENHOR? Esquecer-te-ás de mim para sempre?” e, “Até quando se esconderá de nós?” (Sl 13.1; 9.7 e outros lugares) e Deus ascendendo ao seu trono – pois não devemos reconhecê-lo como juiz a não ser que ele real e experimentalmente prove sê-lo. Esta, então, é a razão pela qual Daniel diz que o próprio Deus estava sentado no trono de juízo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>1</sup>

**CRISTO, O ANCIÃO DE DIAS.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Cristo é apresentado como o Ancião de Dias, que é chamado de o cordeiro que foi morto desde o início do mundo e que, no início, estava com Deus, de forma que se torna familiarizado com os profetas que reconhecem a Cristo como Deus e homem. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>2</sup>

**QUEM É O ANCIÃO DE DIAS?** ANDREW WILLET: Alguns entendem, aqui, a pessoa do Pai, porque se faz menção (Dn 7.13) do Filho do Homem, que se aproximou do Ancião de Dias (Polanus). E a *Glossa Ordinaria* também entende assim. Mas Cristo é ali chamado de Filho do Homem com respeito a sua natureza humana. Como ele é Deus, ele é o Ancião de Dias desde de toda a eternidade, assim como Deus, o Pai, é chamado de *Deus eterno* (Is 9.6).

Alguns, pelo nome Ancião de Dias entendem Cristo, o Mediador; Cristo, que é o Cordeiro que fora morto desde o início do mundo (Ecolampádio) e é apresentado no contexto como Ancião de Dias. Mas Cristo, como Mediador, Deus e homem, é descrito mais tarde (Dn 7.13), onde ele é chamado de Filho do Homem e se aproxima do Ancião de Dias. O Filho do Homem, então, e o Ancião de Dias, não são uma só pessoa.

Portanto, o Deus eterno, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que existem desde a eternidade, é representado pelo Ancião de Dias (Junius). No tocante à pessoa do Pai, nosso Salvador diz:

<sup>1</sup> CTS 25:31 (CO 19:53).

<sup>2</sup> In *Danielem Prophetam libri duo* (1553), 93-94.

*E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento* (Jo 5.22). Então, o Deus eterno julgará (Hugo), não Deus o pai somente, mas através de seu Filho (como diz Osiander). Mas, embora somente a pessoa do Filho apareça, não obstante não estarão ausentes o Pai e o Espírito Santo (Vatablus). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEUS VOLUMES.<sup>3</sup>

#### O ANCIÃO DE DIAS E O FILHO DO HOMEM.

HEINRICH BULLINGER: O juiz que está assentado no trono é o Ancião de Dias, Deus Pai. Sem dúvida, o futuro e justíssimo julgamento divino realizado por Cristo é mostrado sob esta pessoa. Pois o Pai não julga de nenhuma outra maneira, mas dá toda autoridade de julgar ao Filho do Homem: aquele que julga com o mais justo julgamento julga da maneira que recebeu do Pai. E o Senhor Jesus, no Evangelho de João, diz: “E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento, a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou.” (Jo 5.22-23). E, depois, ele diz: “Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo. E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem” (Jo 5.26-27). E este é, sem dúvida, sobre quem Daniel fala.

Desse modo, as pessoas do Pai e do Filho são excelentemente distintas uma da outra e não se confundem. Um é o Pai, e o outro verdadeiramente é o Filho, ambos tendo igual autoridade porque são coiguais, coessenciais, e coeternos. De fato, em outro lugar o Senhor diz: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). Acabamos de ouvir que o Filho deve ser honrado como o Pai e que o Filho tem vida em si mesmo, assim como o Pai. Desse modo, embora tenhamos ouvido que o Filho recebeu alguma coisa e o Pai deu alguma coisa ao Filho, não se deve dizer que eles sejam desiguais e que o Filho não tem esta autoridade desde a eternidade, o qual ele recebe, no tempo, do Pai. O que é mais claro do que aquilo que o próprio Senhor diz: “E, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17.5)? Assim, atribuímos à economia divina o que ouvimos que

o Filho recebe e o Pai dá, sendo que eles são nada menos que co-iguais e coeternos e possuem a mesma autoridade. Desse modo, quando ouvimos o justíssimo julgamento do Pai representado aqui, entendemos, pela verdadeira fé, que este é o julgamento de Cristo. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>4</sup>

#### 7.13-14 O Filho do Homem

##### O ANCIÃO DE DIAS É O FILHO DE DEUS.

JOHN MAYER: Aqui, por Ancião de Dias, Lyra entende Cristo em sua divindade e, pelo Filho do Homem levado a ele, Cristo em sua humanidade, mas Polanus interpreta que o primeiro é Deus o Pai, e Deus, o Filho encarnado, é o segundo. Eu prefiro Lyra, porque Deus Pai nunca assumiu a semelhança de nada, mas sim o Filho, como um “prelúdio” de sua encarnação e, em Ezequiel 1, aquele que está assentado em um trono elevado sobre o querubim, apareceu como o Filho do Homem e era, sem dúvida o Filho; e aqui é feita a representação de um juiz, cujo ofício é, pelo Pai, delegado ao Filho. Algo é dito sobre isso em Apocalipse 20.12, onde o processo do dia do juízo é apresentado e, como lá, aqui também a abertura dos livros é mencionada, mas aqui nada mais é pretendido, senão afirmar que tal julgamento seria executado com justiça contra os reis mencionados anteriormente, como quando um juiz age de acordo com a clara evidência ao condenar malfetores. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>5</sup>

**O FILHO DO HOMEM.** JOHN WIGAND: No julgamento final, o Filho do Homem aparecerá, isto é, Cristo, que estabelece os limites de todos os reinos deste mundo e cujo reino, se sustentará pela eternidade, com o Pai e o Espírito Santo.

...*O Ancião de Dias* parece ser uma perífrase para Deus Pai. Com certeza, isso não é

<sup>3</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 221. A *Glossa Ordinaria* é um comentário medieval da Bíblia com glosas interlineares e marginais dos Pais da igreja. Francisco Vatablus (1485-1547) era um notável professor de hebraico na Universidade de Paris.

<sup>4</sup> *Daniel Sapientissimus*, 81.

<sup>5</sup> *Prophets*, 543.

dito exclusivamente porque o Filho e o Espírito Santo são co-eternos com o Pai. Nenhum intervalo de tempo em que o Filho não estivesse com o Pai deve ser concebido pela mente. Ário foi condenado corretamente por dizer que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia.

...E o fizeram chegar até ele. Aqui é descrita a glorificação de Cristo depois da ressurreição. Abaixo, Daniel diz que Cristo será morto. Aqui é mencionado o juízo final. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>6</sup>

**CRISTO, O FILHO DO HOMEM.** JOÃO CALVINO: *Eu estava, diz ele, olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem.* Eu já tinha dito que esta passagem não pode ser interpretada de outra forma senão referindo-se a Cristo. Devemos, agora, ver por que ele usa a palavra “como” o Filho do Homem, isto é, por que ele usa a letra *ke*, a marca da semelhança. Isto pode ser torcido a favor da tolice dos maniqueístas, os quais pensavam que o corpo de Cristo era somente imaginário, pois assim como se esforçam para interpretar as palavras do apóstolo Paulo e perverter seu sentido, quando diz que Cristo assumiu a forma de (Fp 2.7), assim também forcem o testemunho do profeta, quando diz que Cristo não é um homem, mas como um homem. Com respeito às palavras de Paulo, ele não está falando da essência de sua natureza humana, mas somente de seu estado, pois está falando de Cristo sendo feito homem, de sua condição humilde, abjeta e servil. Mas na passagem que se apresenta diante de nós, a razão é diferente, pois o profeta fala que ele lhe apareceu como o Filho do Homem porque Cristo ainda não tinha se encarnado. E devemos atentar o que Paulo disse: “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4.4). Cristo, então, começou a ser homem quando apareceu na terra como Mediador, pois ele não tinha assumido a semente de Abraão antes de ser unido a nós em uma união fraternal. Esta é a razão pela qual o profeta não diz que Cristo era homem neste período, mas somente como homem, pois, de outra forma, ele não teria sido o Messias prometido anterior-

mente, sob a lei, como o filho de Abraão e Davi. Pois se, desde o início, ele tivesse assumido a carne humana, ele não teria nascido destes progenitores. Segue-se, que Cristo não era um homem desde o início, mas somente se parecia homem em uma figura. Ireneu também diz: que este era um “prelúdio”, ele usa esta palavra. Tertuliano também diz: “Então o Filho de Deus se revestiu com uma espécie de humanidade.” Este era um símbolo, portanto, da futura encarnação de Cristo, embora aquela carne ainda não existisse. Agora vemos quão adequadamente esta figura concorda com a coisa significada, por meio da qual Cristo foi apresentado como o Filho do Homem, embora fosse a eterna Palavra de Deus...

Mas como existem muitos fanáticos que insistem que isto foi dito sobre a pessoa do Mediador, como se Cristo não fosse o verdadeiro Deus, mas tivesse tido um início vindo do Pai em algum período de tempo definido, precisamos observar como a expressão do profeta não se refere nem à natureza humana nem à natureza divina de Cristo, propriamente falando, mas aqui é colocado diante de nós um Mediador, que é Deus manifesto na carne. Pois se sustentarmos este princípio de que Cristo é descrito a nós não como a palavra de Deus ou a semente de Abraão, mas como Mediador, isto é, eterno Deus que estava pronto para se tornar como homem, para se tornar sujeito a Deus, o Pai, para ser feito como nós e ser nosso advogado, então nenhuma outra dificuldade restará. Desse modo, ele apareceu a Daniel como o Filho do Homem, que, mais tarde, real e verdadeiramente, se tornou homem. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>7</sup>

**COMO O FILHO DO HOMEM.** ANDREW WILLET: Ele é apresentado *como* o Filho do Homem porque Daniel somente viu uma figura do Filho do Homem. Pois, nesta época, quando Daniel teve a visão, ele ainda não era o Filho do Homem, mas ainda estava por nascer e se tornar homem no devido tempo (Bullinger). Porque Cristo ainda não tinha se encarnado. De fato, depois que Cristo se encarnou, quando foi visto

<sup>6</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 266-67.

<sup>7</sup> CTS 25:41-43 (CO 19:60-61).

figurativamente em visão, ele é mencionado como sendo *como* o Filho do Homem; Apocalipse 14.14, *Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem*. Isto foi dito porque ele não fora visto em sua substância, mas somente em figura. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>8</sup>

### 7.15-28 O Reino de Cristo.

**O REINO DOS SANTOS.** JOHN MAYER: *Eu olhava e eis que este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles, até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino* (Dn 7.21-22). O mesmo é dito em Apocalipse 7. Isto prova que o mesmo foi apresentado aqui, isto é, que os santos mencionados são os cristãos e o pequeno chifre é o anticristo, como fora dito. O reino dos santos mencionado anteriormente não foi tomado pelos animais ou pelos reis, mas os santos tomaram o reino, o qual dura eternamente, contra a opinião daqueles que entendem que todas estas coisas foram feitas no passado, não durante o tempo do evangelho. Ainda assim, Polanus, sendo vencido por esta evidência da verdade, vendo que as palavras não poderiam ser traduzidas de forma diferente, mas sim como estabelecendo os santos, como aqueles que tomam o reino, reconhece que isto se refere mesmo ao reino, do qual eles desfrutaram juntamente com Cristo. Todavia, ele aplica as palavras anteriores a Antíoco e aos judeus, contra quem Antíoco fez guerra e prevaleceu, até o *tempo*, isto é, até o dia determinado. E, com esta expressão, o *tempo*, ele procura evitar aquilo que é trazido contra a sua interpretação, dizendo que os quatro animais retiveram o reino dos santos até o tempo apropriado, em que os santos deveriam possuir o reino. Deixo aos outros a determinação da solidez deste argumento. A mim, me parece claro que a tomada do reino pelos santos, aqui mencionada, não acontece muito tempo depois de Antíoco Epifânio, como o dia do juízo, quando os santos vierem para aquele reino eterno, mas, sim, logo depois da guerra, na qual o animal os vence. No entanto, no final, o animal é

destruído e os santos entram naquele reino, porque passam a desfrutar de uma condição mais alegre e pacífica neste mundo, que será possuído por eles para sempre. E a apresentação deste quarto animal imediatamente depois daquele sofrimento, implica que nenhum tempo longo de perseguição, como o que houve sob a monarquia romana, pode haver entre os dois eventos, mas que foi iniciado por outro animal ou o pequeno chifre aqui mencionado, como surgindo, o qual era o papado. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>9</sup>

**O REINO DOS SANTOS E O REINO DE CRISTO.** JOÃO CALVINO: Voltemos agora à passagem. Daniel, antes de tudo diz: *O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo*. Isto foi parcialmente cumprido quando o evangelho emergiu da perseguição: então o nome de Cristo era celebrado, honrado e estimado em todo o lugar, enquanto, anteriormente, tinha sido objeto de grande ódio e inveja. Pois nada foi mais odiado e detestado, por muitos anos, do que o nome de Cristo. Deus, então, deu o reino ao seu povo quando Cristo foi reconhecido como o Redentor do mundo, depois de ter sido anteriormente desprezado e grandemente rejeitado. Posso, aqui, tocar de novo no assunto e imprimir na memória o que eu tenho falado frequentemente, a saber, o costume de os profetas, ao tratarem do reino de Cristo, estenderem o significado para além de seus primórdios, e eles fazem isso enquanto discorrem longamente sobre o seu início. Assim, Daniel ou o anjo não prediz aqui ocorrências conectadas com o advento de Cristo como Juiz do mundo, mas com a primeira pregação e promulgação do evangelho e a celebração do nome de Cristo. Isso não os impede de fazer uma descrição magnífica do reino de Cristo, abrangendo sua completude. É suficiente para nós perceber como Deus começa a dar seu reino ao seu povo eleito, quando, pelo poder do Espírito Santo, a doutrina do santo evangelho for recebida em todos os lugares do mundo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 226.

<sup>9</sup> *Prophets*, 546.

<sup>10</sup> CTS 25:74 (CO 19:82-83).

**O REINO DE CRISTO.** ANDREW WILLET: *Mas os santos do Altíssimo receberão o reino* (Dn 7.18). A igreja de Deus consiste dos santos e dos eleitos, os quais são ordenados para a salvação eterna. Por isso, nosso Salvador os chama o seu rebanho, para o qual o Pai preparou o reino (Lc 12.32). E de novo ele diz: *É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus* (Jo 17.9). Aqueles, então, que são do mundo não são da igreja de Cristo: hipócritas, hereges, incrédulos, pessoas carnaís; tais podem até estar na igreja, mas não pertencem a ela. João diz: *Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos.* (1Jo 2.19). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>11</sup>

**A PALAVRA DE DEUS.** JOHN MAYER: *Aqui, terminou o assunto.* Isto é acrescentado para concluir este assunto, para evitar que os curiosos investiguem aquilo que Deus não quis revelar, pois devemos ser sábios somente de acordo com aquilo que foi escrito, e não nos intrometer nos segredos do Senhor.

*Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi alarmado dentro de mim, e as visões da minha cabeça me perturbaram,* isto é, sabendo que as coisas mais terríveis cairiam sobre a igreja de

Deus durante o domínio destas monarquias, fui afetado com grande tristeza, e isto se refletiu na palidez o meu rosto. Daniel é aqui como um exemplo para nós, de que não podemos deixar de ser afetados pelo sofrimento do povo de Deus, contra o que ele reclama publicamente (Am 6.6). Além disso, assim como ele, nós também devemos guardar em nossos corações as palavras de Deus como Maria fez, para que não as ouçamos em vão. Quem for sábio meditará sobre estas coisas. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>12</sup>

#### **POR QUE DEUS REVELA TAIS COISAS A NÓS?**

FILIFE MELANCHTHON: Examinemos as razões pelas quais Deus revela estas coisas. A mente humana deseja o conhecimento do futuro com perversa curiosidade. Mas, de fato, Deus, nos faz saber grandes coisas desde o início: o advento de seu Filho, o julgamento futuro, a ressurreição dos mortos, a punição eterna dos ímpios, a glória eterna dos crentes e a exata sucessão, ou ordem dos reinos, antes do juízo final. Deus não revelou estas coisas em vão, mas para que sua vontade fosse considerada cuidadosamente. E, de fato, esta doutrina ensinou a Daniel e a outros sobre a vida eterna e o julgamento futuro... Sabemos, com certeza, que esta doutrina, a qual Daniel professava, é divina, e nós não permitiremos que seja tirada de nós. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 235-236.

<sup>12</sup> *Prophets*, 547.

<sup>13</sup> *In Danieleum Prophetam* (1543), 115-116.

## 8.1-14 A VISÃO DE DANIEL SOBRE O CARNEIRO E O BODE

<sup>1</sup> No ano terceiro do reinado do rei Belsazar, eu, Daniel, tive uma visão depois daquela que eu tivera a princípio. <sup>2</sup> Quando a visão me veio, pareceu-me estar eu na cidadela de Susã, que é província de Elão, e vi que estava junto ao rio Ulai. <sup>3</sup> Então, levantei os olhos e vi, e eis que, diante do rio, estava um carneiro, o qual tinha dois chifres, e os dois chifres eram altos, mas um, mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último. <sup>4</sup> Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte, e para o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder; ele, porém, fazia segundo a sua vontade e, assim, se engrandecia.

<sup>5</sup> Estando eu observando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; este bode tinha um chifre notável entre os olhos; <sup>6</sup> dirigiu-se ao carneiro que tinha os dois chifres, o qual eu tinha visto diante do rio; e correu contra ele com todo o seu furioso poder. <sup>7</sup> Vi-o chegar perto do carneiro, e, enfurecido contra ele, o feriu e lhe quebrou os dois chifres, pois não havia força no carneiro para lhe resistir; e o bode o lançou por terra e o pisou aos pés, e não houve quem pudesse livrar o carneiro do poder dele. <sup>8</sup> O bode se engrandeceu sobremaneira; e, na sua força, quebrou-se-lhe o grande chifre, e em seu lugar saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos do céu.

<sup>9</sup> De um dos chifres saiu um chifre pequeno e se tornou muito forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa. <sup>10</sup> Cresceu até atingir o exército dos céus; a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e os pisou. <sup>11</sup> Sim, engrandeceu-se até ao príncipe do exército; dele tirou o sacrifício diário e o lugar do seu santuário foi deitado abaixo. <sup>12</sup> O exército lhe foi entregue, com o sacrifício diário, por causa das transgressões; e deitou por terra a verdade; e o que fez prosperou. <sup>13</sup> Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados? <sup>14</sup> Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.

**VISÃO GERAL:** O primeiro ponto mencionado pelos nossos comentaristas é referente à mudança da língua do aramaico para o hebraico. A diferença na língua indica uma diferença no público. Nossos comentaristas também discutem as similaridades e as diferenças entre a visão deste capítulo e a do último. Este capítulo oferece uma forma abreviada da visão anterior, focando especialmente em Antíoco Epifânio. As perguntas levantadas com esta visão começam imediatamente. Onde estava Daniel quando teve esta visão? Estava ele na Babilônia ou na Pérsia? Estava em Susã, como ele mesmo diz? Alguns tentam dar uma resposta definitiva; outros reconhecem o mistério aqui envolvido e deixam esta questão em aberto. Daniel relata sua visão sobre Alexandre, o Grande, e Antíoco Epifânio. Nossos comentaristas se detêm nos últimos dois versos finais da visão, particularmente na iden-

tidade do santo, e dos anjos. Alguns, seguindo a Septuaginta, preferem manter a palavra hebraica, Palmoni, ao invés de tentar traduzi-la. Eles concordam que este Palmoni, ou santo, é Cristo. O outro, um anjo, pergunta sobre o julgamento para o benefício de Daniel.

**SUMÁRIO DO CAPÍTULO.** JOHN MAYER: Neste capítulo, o profeta não fala mais na língua caldeia, como foi feito no sétimo capítulo, mas em hebraico, porque, como Polanus conjectura, o Senhor apresenta estas coisas com respeito a sua igreja na Judeia. Para o conforto deles estas coisas foram escritas, não para pagãos e infiéis. Ainda assim, pareceu bem a Deus, através de suas profecias, mostrar aos caldeus alguma coisa pela qual eles pudessem ser convencidos de que somente ele é o verdadeiro Deus, de quem nada do que virá está escondido; os seus deuses, que

não podiam fazer isso, eram falsos deuses e ídolos vãos. Por isso ele quis que a primeira visão, de Daniel 7, fosse escrita na língua dos caldeus, para que pudessem ter uma prova da sua onisciência. Deus também mostrou que todas as coisas que são pertinentes ao fim do mundo são abertas e manifestas a ele. Os principais acontecimentos de todos os tempos e de todas as eras, até o dia do julgamento, são revelados, bem como um outro argumento forte para provar que o quarto reino mencionado na profecia era o romano; todavia, no tocante ao pequeno chifre, algo como a perseguição do anticristo é mostrado como tendo sido realizado por um rei que surge do reino grego, contra a igreja de Deus. Do mesmo modo que a igreja antiga era tão material para os judeus de então conhecerem, também para nós, os cristãos, são os procedimentos do anticristo. Deus se dignou a mostrar a Daniel outra visão, representando os atos trágicos que seriam realizados por Antioco Epifânio. Pois, entre o reino ali mencionado, do qual saiu o pequeno chifre, e este aqui mencionado, existe uma diferença clara: um quarto animal, não aquele que saiu do terceiro, tinha dez chifres; este sai do bode e consiste somente de quatro chifres e, de um destes chifres, sai um pequeno chifre que, mais tarde, cresce bastante, enquanto o pequeno chifre, ali, é mencionado como tendo saído de dentro os dez chifres. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>1</sup>

## 8.1 O Propósito da Visão

### A RELAÇÃO ENTRE ESTA VISÃO E A ANTERIOR.

ANDREW WILLET: Na anterior, havia uma descrição de quatro reinos; aqui o reino caldeu e o babilônico são omitidos, porque estavam perto de serem abolidos (Calvino), o que pode ter sido a causa de, desde o segundo capítulo, Daniel ter escrito na língua dos caldeus, porque aquelas coisas que foram reveladas a Daniel se referiam ao estado caldeu. Agora Daniel usa o hebraico porque estas coisas que se seguem nesta profecia se referem especialmente ao povo de Deus, como sua grande aflição sob Antioco, neste capítulo e Daniel 11, e a vinda do Messias, em Daniel 9. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>2</sup>

**O PROPÓSITO DESTA VISÃO.** JOÃO CALVINO: Aqui Daniel relata outra visão, diferente da anterior como uma parte difere do todo. Pois Deus desejou mostrar-lhe primeiro quais mudanças deveriam acontecer antes do advento de Cristo. A segunda redenção foi o início de uma nova vida, pois Deus não somente restaurou sua própria igreja, mas também criou um novo povo. Consequentemente, a partida da Babilônia e a volta para a sua terra são chamadas de segundo nascimento da igreja. Mas como Deus, naquela época, revelou somente uma pequena demonstração da redenção verdadeira e sólida, sempre que os profetas tratam dessa redenção eles estendem seus pensamentos e suas profecias até a vinda de Cristo. Deus, então, com grande propriedade, mostra as quatro monarquias ao seu profeta, para que os fiéis não fiquem desanimados em face a um mundo tão convulsionado e tudo mudando sua figura e natureza. Assim, eles estariam sujeitos às maiores tensões, tornando-se uma chacota para os seus inimigos e permaneceriam sempre desprezíveis e mesquinhos, sem poderem se ajudar diante destas mudanças constantes. Os fiéis, então, foram avisados sobre estas quatro monarquias para que não achassem que estavam sendo rejeitados por Deus e privados de seu cuidado.

Mas agora Deus desejou mostrar somente uma parte ao seu profeta. Como a destruição do império da Babilônia estava próxima e o segundo reino estava se aproximando, este domínio também rapidamente chegaria ao seu fim e, então, o povo de Deus seria reduzido ao seu limite mínimo. E o objetivo central desta visão é preparar os fiéis para suportarem pacientemente a horrível tirania de Antioco, de quem o profeta trata neste capítulo. Agora, portanto, entendemos o significado desta profecia, na qual Deus fala de somente duas monarquias, pois o reino dos caldeus seria, em breve, destruído. Ele trata o primeiro do reino persa e, em seguida, fala do reino da Macedônia, mas omite todos os outros e vai direto a Antioco, rei da Síria. Ele, então, declara a predominância da confusão mais perversa na igreja, pois o santuário seria privado de sua

<sup>1</sup> *Prophets*, 547\*.

<sup>2</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 242.

dignidade e os eleitos, em toda a parte, seriam mortos, sem poupar nem mesmo o sangue inocente. Devemos ver, também, por que os fiéis foram informados de antemão sobre estas calamidades dolorosas e opressivas, a saber, para induzi-los a olhar para Deus, quando oprimidos por tamanha escuridão. E hoje esta profecia é útil para nós, para que a nossa coragem não nos falte durante a calamidade extrema na igreja, porque a representação perpétua da igreja é descrita para nós, tendo como pano de fundo esta situação calamitosa e pavorosa. Embora Deus frequentemente nos livre de nossas enfermidades, não obstante, a igreja nunca está livre de problemas e, a não ser que estejamos preparados para enfrentar todas as provas, nunca ficaremos firmes na fé. Este é o escopo e a explicação desta profecia. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>3</sup>

**O ENCORAJAMENTO DESTA VISÃO.** JOHN WIGAND: A próxima profecia se refere ao fim da segunda monarquia e à constituição e ao progresso da terceira. O final desta revelação é digno de atenção, pois a igreja de Deus é avisada de suas tribulações e aflições sob a terceira monarquia, a qual certamente aconteceu sob o governo de Antíoco Epifânio. Deus quis avisar as futuras gerações para que elas não sofressem sob este rei ímpio, sendo levadas para longe da verdadeira doutrina e da verdadeira adoração a Deus. Muito especialmente, para que os crentes não pensassem que tal profanação horrível e atroz do templo e a extirpação da verdadeira religião anulariam as promessas divinas que falavam sobre a vinda do Messias. Esta profecia mostra, todavia, que a reinstalação da adoração divina se seguiria, pois Judas Macabeu restaurou e purificou o templo, mostrando a bondade de Deus. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>4</sup>

## 8.2 A localização de Daniel

**ONDE DANIEL TEVE A VISÃO?** JOÃO CALVINO: Alguns acham que Daniel estava morando na Pérsia, mas esta opinião não é, de maneira nenhuma, provável; pois quem poderia convencer o santo profeta de Deus, que tinha sido levado cativo com o resto e se afeiçoado ao rei da

Babilônia, a partir, como se fosse ele mesmo seu próprio senhor, e ir a Pérsia, quando os persas eram inimigos declarados? Isto não parece possível de maneira nenhuma; e eu imagino o que pode levar as pessoas a adotarem esta opinião, tão contrária à razão. Pois não precisamos discutir sobre um assunto que não é obscuro, se considerarmos as palavras do profeta, que remove toda dúvida quando diz que estava em Susã quando ele teve a visão, isto é, quando fora arrebatado pelo espírito profético para além de si mesmo e acima do mundo. O profeta não diz que morou em Susã ou nas proximidades, mas ele estava lá somente na visão. O próximo verso, também, suficientemente mostra que ele estava na Caldeia, no terceiro ano do reino de Belsazar. Citando o rei pelo nome, ele claramente expressa que estava habitando sob seu poder e domínio. Fica claro, a partir destas palavras, sem a menor dúvida, que o profeta, então, morava na Caldeia. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>5</sup>

**DANIEL LEVADO PELO ESPÍRITO.** JOHN MAYER: Mas como pôde Daniel, que era um cativo na Babilônia neste tempo, no reinado de Belsazar, estar em Susã? Polanus diz que ele estava lá somente em espírito e usa diversos argumentos para defender sua opinião. Mas, como Daniel não diz que estava lá, mas diz claramente que *estava na cidadela de Susã*, é melhor entender que ele estava lá de fato, sendo milagrosamente levado para lá pelo Espírito de Deus, assim como Ezequiel foi levado, pelos cachos de sua cabeça, da terra dos Caldeus para Jerusalém, e como o Espírito tomou Elias, e o levou para lugares remotos para que Acabe, que procurava destruí-lo, não o pudesse achar em nenhum lugar. Todos os argumentos apresentados para provar que Daniel não estava realmente na Pérsia (porque ele teria se tornado odioso ao rei da Babilônia em seu retorno e teria feito isso contra a o seu dever, sendo conhecida a vontade de Deus de que os judeus morassem onde estavam até que os setenta anos se passassem, e fossem sujeitos ao rei da Babilônia e orassem pela paz

<sup>3</sup>CTS 25:80-81 (CO 19:87-88).

<sup>4</sup>*Explicatio Brevis* (1571), 275.

<sup>5</sup>CTS 25:83 (CO 19:89).



daquele reino) caem por terra, já que, se, pelo Espírito, ele foi levado até lá para ter estas visões e foi levado de volta, ele nada fez contra a sua fidelidade ao rei da Babilônia ou aquilo que fora proibido pelo Senhor aos judeus em geral, não mais do que Ezequiel, que, antes tinha sido, da mesma maneira, levado para Jerusalém, ou Jeremias, que, era súdito do rei de Judá quando, de acordo com a vontade de Deus, foi a Babilônia esconder um cinto às margens do rio Eufrates, pois, pelas regras gerais, a exceção dos casos particulares devem ser sempre entendidas: todos devem fazer assim, a não ser que Deus especialmente ordene algo diferente a algumas pessoas em particular. E um argumento para provar que ele não estava na Caldeia, pode ser extraído da sua mudança da língua na qual ele escreve, a saber, não mais na língua dos caldeus, como tinha feito anteriormente, desde Daniel 2.4 até o final de Daniel 7. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>6</sup>

**QUANDO EU VI.** JOHANN WIGAND: É, de fato incerto se, somente no espírito ou também no corpo, Daniel esteve em Susã. Parece-nos que ele esteve lá apenas em êxtase. Pois não há nada similar a esta súbita remoção de um lugar para outro. Pois a rainha declarou a Belsazar que Daniel morava em seu reino e estava relativamente perto aquele que era capaz de explicar mistérios e enigmas. Outros pensam que ele estava conduzindo afazeres reais na Pérsia. Que esta visão fora mostrada a Daniel como se ele estivesse na Pérsia, não deixa de ser algo misterioso. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>7</sup>

**EU ESTAVA EM SUSÃ.** GIOVANNI DIODATI: [Eu estava] Alguns entendem que ele estava lá em visão, como em Ezequiel 8.3 e 40.2. Outros, que ele estava presente corporalmente, o que parece ser confirmado em Daniel 10.4, e que a província de Susã estava sob o império Babilônico, não obstante, os historiadores não mencionem isso. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>8</sup>

### 8.3-12 Alexandre, o Grande

**O CARNEIRO COM DOIS CHIFRES.** MARTINHO LUTERO: No oitavo capítulo, Daniel tem uma estranha visão, não do mundo inteiro, como

antes, mas somente de seu povo, os judeus. Ele explica o que acontecerá a eles antes do surgimento do Império Romano e antes da vinda de Cristo, isto é, sob o terceiro império, o de Alexandre, o Grande, de tal forma que eles sejam, de novo, confortados e não se desesperem pelas tristezas que lhes sobrevirão, como se Cristo os quisesse abandonar e não mais vir. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>9</sup>

**ALEXANDRE, O GRANDE.** GIOVANNI DIODATI: [Dn 8.5. Um bode] Uma figura do reino grego sob o domínio de Alexandre, o Grande (Dn 8.21; veja Dn 2.39; 7.6). [Vindo do ocidente] a saber, da Grécia e da Macedônia, oeste da Ásia, onde o profeta estava e os persas reinavam. [Sobre toda a terra] estas grandes monarquias, por ambição, se chamavam universais, embora possuísem somente uma pequena parte do mundo (Dn 2.39), mas a parte mais estimada e mais conhecida. [Mas sem tocar no chão] o que significa a extrema celeridade de Alexandre em suas conquistas, como se tivesse voado (veja Dn 7.6). [Um notável] *Contorcido*, o que é um sinal de força. [Chifre] isto é, a pessoa de Alexandre em seu reino, o qual era simbolizado pelo bode.

[Daniel 8.6. *Dirigiu-se ao carneiro*] Uma descrição dos atos de Alexandre contra a Pérsia, pelos quais ele derrotou o império e se tornou o senhor da Ásia.

[Daniel 8.8 *Quebrou-se-lhe o grande chifre*] Isto é, Alexandre morreu muito cedo, na flor da idade e no meio de todas as suas vitórias. [Quatro] estes são os quatro reinos dos gregos, que foram confiscados pelos capitães de Alexandre, no desmoronar de seu império: Babilônia em direção ao oriente; Ásia, em direção ao norte; Macedônia, em direção ao oeste; e Egito, em direção ao sul. Estes reinos, com o tempo, tornaram-se dois: os Selêucidas, em direção ao norte, na Ásia, e os Lagídeos, em direção ao sul, no Egito (Dn 11.5-6). ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> *Prophets*, 548.

<sup>7</sup> *Explicatio Brevis*, 276.

<sup>8</sup> *Pious Annotations* (1651), 8:2.

<sup>9</sup> WADB 11,2:12.

<sup>10</sup> *Pious Annotations* (1651), 8:5-8.

**O PEQUENO CHIFRE.** GIOVANNI DIODATI: [Dn 8.9. *Um chifre pequeno*] isto é, Antíoco Epifânio...

[Dn 8.12. *O exército lhe foi entregue*] a saber, os fiéis estarão em grande perigo de apostasia da verdadeira religião; e Antíoco lhes dará muitas ocasiões para isso e procurará induzi-los a isso; e o Senhor os provará (Dn 11.32,35). [*E deitou por terra a verdade*] todo uso, toda pregação e toda confissão da verdade de Deus e da doutrina da salvação serão proibidos e suprimidos por Antíoco, que procurará destruir até mesmo os livros da lei (1Mac 1.5). ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>11</sup>

**DEUS NOS ADVERTE SOBRE AS AFLIÇÕES.** JOÃO CALVINO: Agora Deus mostra ao seu profeta o que se refere peculiarmente ao bem-estar de sua igreja, pois era de grande importância avisar os judeus sobre as calamidades que estavam por oprimi-los. Não há nada que atormente mais a mente das pessoas do que serem aturridas em falsas imaginações e pensarem que o mundo está entregue ao acaso e não pensarem na providência divina ou no julgamento de Deus. Com este propósito, Deus desejou ensinar ao profeta e a todos os fiéis a natureza das suas futuras aflições, para que eles entendessem que os eventos nunca acontecem por acaso, mas todos estes flagelos procederam de Deus, pois o mesmo Deus que determina e executa os seus decretos, é também o mesmo que prediz os eventos futuros. Pois, se nada tivesse sido predito, os piedosos teriam sido lançados ao desespero, por causa de suas pesadas tribulações. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>12</sup>

### 8.13-14 O santo

**PALMONI É CRISTO.** ANDREW WILLET: Alguns mantêm a palavra hebraica Palmoni, como a Septuaginta, mas Palmoni não era o nome próprio deste grande anjo, a quem o outro anjo se dirigiu. Era um título, ou um epíteto dado a ele, *aquele admirável ou excelente anjo*... Mas não é provável que este grande anjo a quem foi dirigida a palavra como o superior, o revelador de segredos, deva ser expresso por

um termo tão pobre. Desse modo, Palmoni deve ser entendido como sendo Cristo, que é o revelador de segredos. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>13</sup>

**AS PERGUNTAS DO ANJO.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Quem não deseja ser instruído nestas coisas sobre as quais os anjos anelam e pedem que sejam reveladas? Por meio destas perguntas, o profeta, e nós juntamente com ele, somos admoestados, a que não tenhamos vergonha de aprender e ser ensinados. Se o próprio anjo, que vê a face do Pai e que habita no meio da luz, faz perguntas, então por que nós, que habitamos em trevas e peregrinamos em uma terra estranha, longe do Senhor, também não fazemos? O anjo não perguntou para si mesmo, mas para o bem de Daniel. Ele respondeu, não ao anjo, mas a Daniel. Assim diz no próximo verso: "Ele me disse." Ele não diz: "Ele disse ao outro." Além do mais, você sabe que os anjos são enviados a nós nas Escrituras. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>14</sup>

**O ANJO INQUISIDOR.** JOHN MAYER: Mas, por que o anjo estava tão curioso sobre quanto tempo este julgamento duraria? Resposta: Primeiro, para mostrar que os anjos são afetados por tristeza e sofrem junto com a igreja de Deus, desejando um fim rápido para nossas misérias. Segundo, porque eles são solícitos com a glória de Deus, o qual, se não estender logo a sua mão poderosa para livrar a sua igreja que sofre sob a mão dos perseguidores, eles logo abrirão sua boca blasfemadora e dirão ou que Deus não é capaz de salvar o seu povo ou ele não se importa e, portanto, não há vantagem em a pessoa ser um servo fiel. Terceiro, o anjo se interpõe para perguntar com o desejo de ter algo respondido que possa confortar Daniel e os fiéis, como ele era, que não podiam ficar senão grandemente impressionados ao ouvir este julgamento grave sobre um rei pagão que viria sobre o povo de Deus e sobre o santuário.

<sup>11</sup> *Pious Annotations* (1651), 8:9, 12.

<sup>12</sup> CTS 25:95 (CO 19:98).

<sup>13</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 249.

<sup>14</sup> *In Danielem prophetam libri duo* (1553), 102.

A resposta foi dada a Daniel: “Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs.” E, com os anjos de Deus, devemos aprender a nos compadecer e a sermos solícitos com a igreja de Deus que sofre em qualquer lugar e nos dispor a confortar uns aos outros e, como é dito, chorar com os que choram. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>15</sup>

**CRISTO APARECE COMO UM ANJO.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Não há dúvida de que o outro anjo que aqui aparece é o próprio Cristo, que muitas vezes no passado apareceu aos patriarcas e profetas e, de fato, de tal maneira que assumiu uma forma visível ante os seus olhos... como um prelúdio de sua vinda em verdadeira natureza humana. Ora, o outro anjo, Gabriel, é ensinado por ele. Cristo é o mestre dos anjos. Portanto, ele instrui Gabriel e Gabriel instrui Daniel, e, através de Daniel, ele nos instruiu. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>16</sup>

**EU OUVI O SANTO.** JOÃO CALVINO: Porém, enquanto Daniel está estupefato, Deus provê seu consolo por meio de um anjo. O próprio Daniel, sem dúvida, perguntou sobre a visão, como veremos mais adiante. Mas aqui, Deus desejou satisfazê-lo, ao ver o santo homem tão tomado de medo e quase sem forças para fazer qualquer pergunta. Deus, aqui, concede prova de sua bondade paternal e indulgência em interpor e mandar o seu anjo para fazer as perguntas em

nome do profeta. Ele diz, então, que ouviu *um santo*, significando um anjo...

O sentido, então, é que um anjo vem a Cristo, por causa de Daniel e de toda a igreja, e pergunta a ele, como ao mestre supremo, o significado das declarações que acabamos de ouvir. Não devemos nos surpreender com os anjos fazendo perguntas sobre a eternidade, como se isto fosse desconhecido por eles. É próprio somente da Divindade saber todas as coisas, enquanto o conhecimento dos anjos é necessariamente limitado. Paulo nos ensina a nos maravilharmos com a igreja sendo separada dentre um povo profano e estranho. Este foi um mistério escondido dos próprios anjos, antes que Deus se mostrasse o Pai de todo o mundo (Ef 3.10). Desse modo, não é nenhum absurdo supor que os anjos perguntem sobre mistérios, pois a ignorância não é necessariamente merecedora de repreensão, e Deus não elevou suas criaturas ao seu próprio nível. É sua característica peculiar saber todas as coisas e ter tudo debaixo de seus olhos. O anjo deseja entender este mistério, não tanto por causa de si mesmo, mas por causa de toda a igreja; pois sabemos que os anjos são nossos ministros, de acordo com o claro testemunho do apóstolo (Hb 1.14). Ao manterem vigilância sobre nós tão cuidadosamente, não nos surpreende ver o anjo perguntando ansiosamente sobre esta visão e, desse modo, beneficiando toda a igreja pelas mãos de Daniel. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> *Prophets*, 550.

<sup>16</sup> *In Danielem prophetam libri duo* (1553), 102.

<sup>17</sup> CTS 25.104-105 ( CO 19.104-106).

## 8.15-27 A INTERPRETAÇÃO DA VISÃO

<sup>15</sup> Havendo eu, Daniel, tido a visão, procurei entendê-la, e eis que se me apresentou diante uma como aparência de homem. <sup>16</sup> E ouvi uma voz de homem de entre as margens do Ulai, a qual gritou e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão. <sup>17</sup> Veio, pois, para perto donde eu estava; ao chegar ele, fiquei amedrontado e prostrei-me com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim.

<sup>18</sup> Falava ele comigo quando caí sem sentidos, rosto em terra; ele, porém, me tocou e me pôs em pé no lugar onde eu me achava; <sup>19</sup> e disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira, porque esta visão se refere ao tempo determinado do fim. <sup>20</sup> Aquele carneiro com dois chifres, que viste, são os reis da Média e da Pérsia; <sup>21</sup> mas o bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei; <sup>22</sup> o ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha. <sup>23</sup> Mas, no fim do seu reinado, quando os prevaricadores acabarem, levantar-se-á um rei de feroz catadura e especialista em intrigas. <sup>24</sup> Grande é o seu poder, mas não por sua própria força; causará estupendas destruições, prosperará e fará o que lhe aprouver; destruirá os poderosos e o povo santo. <sup>25</sup> Por sua astúcia nos seus empreendimentos, fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá e destruirá a muitos que vivem despreocupadamente; levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas. <sup>26</sup> A visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; tu, porém, preserva a visão, porque se refere a dias ainda mui distantes.

<sup>27</sup> Eu, Daniel, enfraqueci e estive enfermo alguns dias; então, me levantei e tratei dos negócios do rei. Espantava-me com a visão, e não havia quem a entendesse.

**VISÃO GERAL:** Daniel procura entender a visão, e diante dele estava aquele que tem a aparência de homem. Nossos comentaristas concordam que este é o Filho de Deus, que envia o anjo Gabriel, o mesmo anjo enviado à virgem Maria, para ensinar a Daniel. Após alguma discussão sobre Gabriel, nossos comentaristas se voltam para a interpretação da visão oferecida a ele. Embora concordem que a visão é sobre Antíoco Epifânio, há discordância sobre se ele é a figura do anticristo ou não. Aqui algumas palavras são trocadas entre nossos comentaristas. Calvino, que parece ter interpretado mal o comentário de Lutero sobre este texto, declara que ele estava errado e o acusa de lidar muito livremente com seus pensamentos. Melancthon concorda com Lutero e mostra a precisão da sua interpretação, baseado nas palavras de Paulo. Finalmente, nossos comentaristas discutem o significado de Daniel ficar impactado depois desta visão. Aqui nos é dada uma lição, a saber, que nós também devemos ser impactados e tocados pela palavra de Deus.

### 8.15-16a A aparência e voz de um homem

**A INTERPRETAÇÃO.** MARTINHO LUTERO: O próprio Daniel interpreta esta visão. O carneiro com os dois chifres é o rei da Média e da Pérsia. O bode é Alexandre, o Grande, que derrotou Dario [III], o último rei da Pérsia, tomando seu reino. Daniel, então, diz que o bode corria rapidamente, de tal forma que nem mesmo tocava a terra, porque Alexandre rapidamente conquistou o mundo em doze anos, começando quando tinha apenas vinte anos de idade, até sua morte, aos trinta e dois anos. Verdaderamente, ninguém (falando em termos terrenos) conquistou ou conquistará como ele.

Todavia, aquilo que rapidamente surge também rapidamente desaparece. Seu reino desmoronou por ocasião de sua morte, tornando-se nestes quatro reinos: Síria, Egito, Ásia e Grécia. Daniel ignora dois deles, Ásia e Grécia, focando seu olhar nos outros dois, Síria e Egito, porque a terra judaica está entre estes dois reinos. Síria, ao norte, e Egito, ao sul. Estes dois reinos têm

uma eterna disputa um com o outro. Por esta razão, por estarem presos entre a porta e a maçaneta, os judeus foram acossados por ambos os lados, ora pelo Egito, ora pela Síria. Sempre que um reino se tornava superior ao outro, havia uma retaliação, que geralmente terminava em guerras.

Em particular, isto era verdade a respeito daquele homem libertino que se tornou o rei da Síria, que a história chama de Antíoco, o Nobre, que perseguiu furiosamente os judeus, como um demônio entre eles. Ele removeu o culto a Deus de Jerusalém, profanando o templo, pilhando e roubando todos os tesouros, estabelecendo a idolatria e imagens falsas, perseguindo e matando os sacerdotes e todos aqueles que não faziam o que ele queria. Impiedosamente, ele queria fazer de todas as crenças uma só crença, que se tornaria a fé dos gregos. Alguns traidores vis entre os judeus, o ajudaram a fazer conseguir seu intento, como é descrito no primeiro capítulo de Macabeus (v. 41-53). Mas ele não durou muito. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>1</sup>

**A APARÊNCIA DE HOMEM.** JOÃO CALVINO: Nós, provavelmente devemos interpretar esta passagem como referindo-se a Cristo, que agora é chamado como tendo “aparência de homem”, como fizemos anteriormente (Dn 7.13), pois ele ainda não tinha se encarnado, para poder ser propriamente chamado de homem, mas tinha aqui a aparência de homem, porque ele desejou dar aos santos pais uma pequena antevisão para que entendessem sua futura vinda como Mediador, quando de fato assumiria a natureza humana como Deus manifesto em carne (1Tm 3.16). Desse modo Daniel fala adequadamente, como tinha feito antes, quando disse que Cristo apareceu a ele com uma aparência de homem.

Daniel não usa a palavra que implica aptidão, mas diz que ouviu a voz de um homem, porque agora ele fala não mais de um homem ou de uma figura, mas sim de uma voz. É suficiente dizer imediatamente que ele tinha a aparência de homem, mas não era realmente um homem, apenas tinha a imagem e a aparência de um. Cristo, Desse modo, apareceu como um homem e é chamado assim, já que as Escrituras frequentemente

relatam anjos aparecendo na forma humana e sendo chamados, indiscriminadamente, de anjos e também de homens (Jz 8.3). Então, neste trecho, Daniel relata a aparência de um homem, ou o aspecto de um, de fato, inevitavelmente, mas sem nenhum perigo de erro, pois ele, mais tarde, admoesta os fiéis, mostrando que esta pessoa não estava encarnada, não tinha a substância de carne, mas somente um aspecto e forma humana. *E ouvi uma voz de homem de entre as margens do Ulai.* Entendemos desta expressão, que é a mesma pessoa mencionada anteriormente, porque ela dá ordens ao anjo; conseqüentemente, concluímos que só pode estar se referindo a Cristo.

*Gabriel, dá a entender a este a visão.*

Observamos que aquele que fala do meio do rio que está dando ordem a Gabriel, é superior a ele; também sabemos que este anjo é suficientemente conhecido por outras passagens das Escrituras (Lc 1.19,26) e sua etimologia, “a força de Deus”, é muito apropriada a ele. Sem dúvida nenhuma, o anjo, aqui, recebe as ordens de Cristo. Desse modo, vemos a força e a autoridade supremas representadas por este com a forma e o aspecto de um homem, assim como a obediência retratada em Gabriel, que cumpre seu dever. A divindade de Cristo é inferida deste relato, pois ele não poderia dar ordens aos anjos sem ter uma autoridade especial ou sem ser o próprio Deus. Mas quando a expressão “aparência de homem” é usada, é mostrada sua manifesta superioridade aos seres humanos. E o que isto implica? Implica não uma natureza angelical, mas uma natureza divina. Cristo, ao se apresentar sob a forma humana, mostra, por um tipo de prefiguração, como se tornará homem, quando a plenitude do tempo chegar. Então ele realmente se manifestaria como o cabeça da igreja e o guardião da salvação dos piedosos, pois prova ter poder sobre todos os anjos, quando ordena a Gabriel que instrua o profeta. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>2</sup>

**A APARÊNCIA DO FILHO DE DEUS.** JOHANN WIGAND: *Como aparência de homem* (Dn 8.15). Este é entendido como sendo o próprio Filho de

<sup>1</sup> WADB 11, 2:12-14.

<sup>2</sup> CTS 25:111-113 (CO 19:109-11).

Deus, que aparecerá nesta forma, quando, vier para a redenção de toda a raça humana. Embora os anjos estejam acostumados a aparecer na forma de homem, não obstante, quem aparece aqui é superior a Gabriel e ao resto dos anjos, pois ele os comanda e instrui...

*Gabriel* (Dn 8.16). Ele é o mesmo anjo que fora enviado a Maria e cujo notável sermão sobre Jesus Cristo é apresentado no Novo Testamento. “Gabriel” significa “a força de Deus”. Breve EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>3</sup>

**A VOZ DE UM HOMEM.** JOHN MAYER: Daniel, então, diz que ouviu a voz de um homem entre as margens do Ulai, chamando a Gabriel e ordenando-o a fazer com que Daniel entendesse a visão, e o anjo obedeceu. Note, por este exemplo, que o estudo do significado das visões celestiais mostradas por Deus, em qualquer época, é um estudo pertinente às pessoas mais sábias, pois aquele que as estuda e procura fundamento irá encontrá-lo, como o fez este santo profeta. A esse respeito, posso dizer o mesmo, por experiência, especialmente em minha leitura das passagens obscuras de Ezequiel 40–41, quase sem nenhum guia, mas somente o Espírito Santo, tendo perseverantemente buscado direção.

Ora, no tocante a esta voz de homem, ela era, muito provavelmente, a voz de Cristo, chamado, antes, de *Palmoni* (Dn 8.13), e Gabriel, um anjo, sendo, como nota Polanus, o único nome pelo qual um anjo é chamado em toda a Escritura canônica, enquanto outros nomes são dados por alguns, como Rafael, etc. No entanto, tais são nada mais do que invenções humanas; Gabriel é um nome adequado para qualquer anjo de Deus, porque significa a força ou a virtude de Deus. Embora Miguel seja mencionado mais tarde, ele nada mais é do que o próprio Cristo, o arcanjo, isto é, o príncipe dos anjos, de acordo com Polanus.

...Assim, vemos a majestade de um anjo e como o ser humano é incapaz de suportar sua presença quando ele fala conosco, e muito menos, então, somos capazes de suportar a presença do próprio Deus, por isso, acreditemos nas palavras das pessoas as quais Deus manda e o louvemos por condescender com nossas fra-

quezas ao ponto de nos ensinar por meio de outra pessoa, cuja presença somos capazes de suportar. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>4</sup>

**A VOZ.** GIOVANNI DIODATI: [*A voz de um homem*] Parece que devemos entender ser aqui o Filho de Deus, empregando os anjos por ele criados no serviço de instruir o profeta. [*Entre*] a saber, entre as margens daquele rio, ou em alguma ilha no meio deste mesmo rio (veja Dn 12.5,7; Ap 10.1,2). [*Gabriel*] O nome de um anjo, o qual significa “homem forte de Deus” (veja Dn 9.21; Lc 1.26). ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>5</sup>

### 8.16b-23 Gabriel

**O NOME GABRIEL.** ANDREW WILLET: Alguns entendem ser este um nome excelente, comum a todos os anjos. Ele significa a força e o poder de Deus. Mas fica evidente, em Lucas 1, onde este anjo Gabriel foi enviado à virgem Maria, que este nome era o nome próprio de um anjo. Mas Gregório observa que os anjos não são chamados pelos nomes por causa de si mesmos, como se não pudessem ser discernidos senão pelos seus muitos nomes na cidade celestial, onde eles gozam da visão de Deus. Mas, quando veem a nós para ministrar, assumem os nomes que são relativos ao seu ministério e ofício, como aqui este anjo é chamado de Gabriel, a força de Deus, porque fora empregado na defesa da igreja, contra os inimigos aqui mencionados. Mas deve ser considerado que este anjo não é chamado assim por possuir o poder essencial de Deus, mas aquele poder que lhe fora dado para executar as ordens do Senhor, e este é o único nome dado a anjos nas Escrituras, pois o nome Miguel, que significa “aquele como Deus” é atribuído a Cristo, que é igual a Deus. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>6</sup>

**A INTERPRETAÇÃO DE GABRIEL.** FILIPE MELANCHTHON: O anjo Gabriel, o intérprete do texto, o qual, falando com o Filho de Deus,

<sup>3</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 282.

<sup>4</sup> *Prophets*, 551.

<sup>5</sup> *Pious Annotations* (1651), 8:16.

<sup>6</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 252.

recebe dele a interpretação, testifica que esta profecia se refere particularmente à história de Antíoco Epifânio. Ademais, este *locus* nos admoesta sobre a presença de Cristo, ao vermos que o Filho de Deus estava sempre presente com os patriarcas e, verdadeiramente, agora também com a igreja, ouvindo e governando aqueles que invocam seu nome, como é dito no evangelho: *Eis que estou convosco*, etc. E novamente: *Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei*, etc.

Brevemente acrescento, no tocante ao intérprete desta profecia, que aqui é chamado de Palmoni, isto é, alguém maravilhoso, como Cristo é assim chamado em outro lugar de “maravilhoso conselheiro” (Is 9.6). COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>7</sup>

**O OFÍCIO DO ANJO.** JOÃO CALVINO: *Eis que te farei saber*, diz o anjo. Aqui, ele adquire autoconfiança de seu ofício, aceitando as ordens divinas dadas a ele. Devemos notar isso também, já que nossa fé nunca descansará ou se tornará firme, a não ser que a autoridade na qual está fundamentada seja firme. Quando, então, o anjo declara estar executando um ofício que lhe fora divinamente confiado, devemos depositar nossa confiança em pessoas que se conduzem precipitadamente, embora assumam autoridade em nome de Deus, não obstante não terem um chamado seguro e legítimo? Podemos aprender, então, que nem anjos nem pessoas devem ser honrados em tal grau a ponto de nos induzirem a receber qualquer coisa que eles nos apresentem, a não ser que o Todo-Poderoso os tenha designado para serem seus ministros e intérpretes.

Ele, então, diz: *Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira*. Sem dúvida, o anjo afirma, com esta frase, a súbita ira de Deus. Nós sabemos o quão instantaneamente, no retorno do povo judeu, seus inimigos os atacaram na Judeia e nunca cessaram de lhes causar inúmeros problemas. Portanto, logo que os judeus retornaram de seu exílio, Deus começou a exercitá-los de várias maneiras, e não sem suficiente razão, pois todos cuidavam de seus interesses particulares, sem qualquer considera-

ção pelo templo e sem qualquer desejo de adorar a Deus, e, por isso, foram entregues à avareza e a excentricidades. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>8</sup>

**PODEM OS ANJOS CONCEDER ENTENDIMENTO?** ANDREW WILLET: Os anjos, por si mesmos, não têm poder de infundir entendimento na mente das pessoas, mas somente aquele que criou o coração do homem pode fazê-lo. E os anjos, por si mesmos, não podem entender os segredos e os mistérios de Deus, a não ser que isso lhes seja concedido, como aqui o anjo, chamado de santo, inquiriu de Palmoni, que é Cristo, o significado desta visão. Assim, quando é da vontade de Deus usar o ministério dos anjos, eles podem nos ajudar a entender melhor, como aquele que abre a janela, pode ser considerado como o que dá luz à casa, não obstante seja o sol que realmente ilumina. Desse modo, o Filho da justiça é aquele que ilumina os nossos corações; os anjos podem ajudar a preparar o caminho (Polanus). Mas, neste texto, o anjo não abre o entendimento de Daniel através de uma infusão secreta de conhecimento, mas por uma clara e manifesta interpretação da visão. Desse modo, também, o Senhor usa o ministério das pessoas que pregam o evangelho para abrir o coração dos ouvintes. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>9</sup>

## 8.24-26 Antíoco e o anticristo

**ANTIÓCO, UMA FIGURA DO ANTICRISTO.** MARTINHO LUTERO: Aqui, Daniel nos fala a respeito de Antíoco que, depois de Alexandre, outro pequeno chifre, sairá de um dos quatro chifres. Este é Antíoco, o Nobre, do chifre da Síria, que foi poderoso contra o sul, o oriente, e a grande terra, isto é, a terra dos judeus. Através de grande traição e trapaça, Antíoco tomou terras e muitas cidades do rei do Egito, como em breve será descrito no capítulo 11. Ele jogou muitas estrelas por terra, isto é, muitas pessoas piedosas entre os judeus foram assassinadas. Ele devastou e contaminou o local da adoração ao Deus dos céus, o templo, colocando ídolos ali.

<sup>7</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 136-137.

<sup>8</sup> CTS 25:117-118 (CO 19:113-114).

<sup>9</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 252.

Para se opor a este demônio, Deus levantou a Judas Macabeu e seus irmãos, que lutaram e realizaram muitos atos de bravura. Em cinco anos, eles mataram cerca de duzentos mil homens (2Mac) e purificaram a terra e o templo, restaurando tudo a seu devido lugar. Como se demonstra aqui neste texto (Dn 8.14), o templo será purificado depois de 2.300 dias, que seriam seis anos e três meses. Antíoco assolou os judeus pelo mesmo tempo, morrendo no sétimo ano. Os números conferem, como fica provado no primeiro livro de Macabeus (1 Mac 1.20-24; 6.16). Portanto, o anjo, aqui, diz que o rei Antíoco causará grande dano e será um rei atrevido e descarado. Ele teve uma vida de libertinagem e vergonha, mergulhado em todas as perversidades, como somos informados pela história. Ainda assim, ele não será derrubado por mãos humanas, diz Daniel (Dn 8.25). Quando ele quis ir à Pérsia para coletar dinheiro dos tributos, ordenou ao seu general Lysias que exterminasse e matasse os judeus pobres. Todavia, ele não conseguiu coletar os tributos e, depois de saber que Judas Macabeu tinha derrotado e humilhado a Lysias e seu exército, Antíoco, tomado de grande ira e impaciência, ficou muito doente, porque as coisas não tinham acontecido de acordo com seus planos. Ele morreu em grande sofrimento e tristeza em uma terra estrangeira. Bem, isto é o que acontece com os tiranos. Este Antíoco é colocado aqui como um exemplo de todos os reis e príncipes perversos, especialmente aqueles que se rebelam contra Deus e sua palavra. Por esta razão, todos os intérpretes anteriores também identificam este Antíoco como uma imagem do anticristo, e o fizeram de maneira acertada. Este tirano depravado, imundo e louco deve ser escolhido para ser uma imagem do último horror, como muitas palavras neste capítulo (8) e no capítulo 12 anunciam e revelam secretamente. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>10</sup>

**LUTERO ERRADO.** JOÃO CALVINO: Lutero, ao se envolver com seus pensamentos de uma maneira muito livre, refere-se a esta passagem como a máscara do anticristo (Dn 8.22-23), mas nós voltaremos a este ponto mais tarde...

Alguns acham que o profeta está se referindo ao anticristo, omitindo, assim, a figura de Antíoco, e nos descrevem a aparência do anticristo, como se o anjo tivesse mostrado a Daniel o que deveria acontecer depois da segunda restauração da igreja. A primeira restauração aconteceu quando a liberdade foi restaurada ao povo, e eles retornaram do exílio para a sua terra natal, e a segunda ocorreu no advento de Cristo.

Estes intérpretes supõem que esta passagem se refere à devastação que deveria acontecer após a vinda de Cristo e a promulgação do evangelho. Mas, como já vimos, esta não é uma interpretação adequada, e eu me surpreendo em ver que pessoas versadas nas Escrituras ajam como que enevoando a clara luz do dia, pois, como dissemos antes, nada pode ser mais claro ou mais óbvio, ou mesmo mais familiar, do que esta profecia. Qual é o propósito, de atribuir tão violentamente ao anticristo o que até mesmo crianças claramente percebem que se refere a Antíoco, senão privar as Escrituras de toda a sua autoridade? Outros falam mais moderadamente e com mais consideração quando supõem que o anjo se refere a Antíoco com o propósito de descrever, em sua pessoa, a figura do anticristo. Eu, porém não acho que este raciocínio seja suficientemente claro. Desejo que os santos oráculos sejam tratados tão reverentemente que ninguém possa introduzir qualquer variação de acordo com a vontade humana, mas simplesmente aceitar aquilo que é positivamente correto. Me agradaria mais ver alguém adaptando esta profecia ao presente da igreja e aplicando, por analogia, ao anticristo, aquilo que é falado de Antíoco. Sabemos que tudo o que aconteceu à igreja antiga pertence também a nós, pois vivemos na plenitude dos tempos.

Sem dúvida, o Espírito Santo desejou nos ensinar como suportar nossa cruz, ao usar este exemplo, mas, como eu já disse, parece-me muito frívolo procurar por alegorias. Devemos nos contentar com a verdadeira simplicidade e transferir a nós mesmos tudo aquilo que aconteceu ao povo antigo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> WADB 11, 2:16-18.

<sup>11</sup> CTS 25:119, 128-129 (CO 19:114, 121-122).



**CALVINO ERRADO.** FILIPE MELANCHTHON: Embora a visão concernente a Antíoco e ao povo Judeu seja particularmente mencionada, não obstante, esta profecia também indica uma calamidade similar que se abaterá sobre a igreja no final dos tempos, depois do sofrimento de Cristo e o evangelho tiver sido pregado entre as nações. Ao mesmo tempo que Daniel descreve a imagem do ímpio rei fazendo guerra contra a igreja e contra Cristo, Paulo também testifica, tomando as palavras sobre Antíoco e aplicando-as expressamente ao anticristo (2Ts 2). Com este ajuste, apeguemo-nos ao testemunho de Paulo, sigamos sua autoridade e deixemos de lado a zombaria daqueles que não querem que estas palavras sejam aplicadas ao anticristo. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>12</sup>

**O ANTICRISTO.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Como avisamos anteriormente, não acreditamos que o anticristo seja uma pessoa, mas se este nome se encaixa, apropriadamente, a qualquer mortal, certamente se aplica a Maomé ou aos papas, entre outros, que fizeram muitas coisas vergonhosas contra os fiéis. Sobre este assunto, Orígenes interpreta o anticristo em *Contra Celsum* e em outros lugares. Lutero, apropriadamente, derrama uma torrente de palavras contra o reino do papado, de tal forma que ninguém pode contestar. Para mim, o anticristo é todo aquele que sai de entre nós e, assentando-se no lugar de Deus, blasfema contra o seu nome e persegue a igreja de Cristo, seja ele um bispo romano ou alexandrino. Além do mais, pode-se se comparar o anticristo a Antíoco, como é feito aqui. Aqueles que são desviados por causa de seus pecados são corretamente punidos ao obedecerem ao anticristo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>13</sup>

**A MORTE DE ANTÍOCO.** JOHN MAYER: *Mas será quebrado sem esforço de mãos humanas.* Tendo falado até aqui sobre as práticas perversas e o orgulho intolerável de Antíoco, agora ele nos mostra qual será o seu fim, a saber, que não será uma morte violenta em batalha, mas o justo juízo de Deus o alcançará, como ele bem merece. Como isto aconteceu, veja em 2Macabeus 9.

Ele foi acometido de dores insuportáveis em seu corpo devido a uma queda de sua carruagem, quando se dirigia furiosamente a Jerusalém. Seus órgãos internos apodreceram, surgiram vermes e um odor insuportável saía dele. Assim, morreu em extrema miséria, fazendo promessas a Deus para que fosse poupado, mas a ira de Deus não seria agora amenizada com relação a ele. Que ninguém se comporte desta maneira, por maior que seja o poder que tenha, mas ande humildemente diante de Deus, pois o poder que é irresistível às pessoas ainda está sujeito a Deus, como este perverso tirano, antes de sua morte, reconheceu. Mas, por não ter se arrependido mais cedo, seu reconhecimento foi vão e inútil para ele. Sendo assim, aprendamos a confessar a Deus nossas próprias iniquidades e fraquezas antes que seja tarde demais, isto é, antes que uma situação extrema de doença nos force a isso, pois assim ficaríamos em dúvida se fomos aceitos ou não. Humilhem-nos enquanto pudermos, pois o juízo de morte começou a ser executado e no grande dia do julgamento do mundo será tarde demais para nos arrependermos.. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>14</sup>

## 8.27 Daniel triunfa

**DANIEL ENFRAQUECIDO.** JOÃO CALVINO: De novo, Daniel mostra ter sido tão tocado com o instinto secreto de Deus que sabia, com certeza, que esta visão fora divinamente apresentada a ele, pois Deus assim desejou fazer ao seu servo, para que ele pudesse abraçar com grande reverência aquilo que ouviu e viu. Eu já me referi a nossa falta de atenção em ouvir a palavra de Deus como ele merece, a não ser que algum tipo de medo preceda, de tal forma que desperte a nossa mente, de alguma maneira, de seu torpor; mas esta profecia tinha uma intenção especial. Em um caso ordinário, Deus não humilharia seu servo, mas, pela doença que aqui é mencionada, ele deseja mostrar como esta predição se relacionava com eventos de grande magnitude. Desse modo, Daniel declara: *Eu, Daniel, enfraqueci e estive*

<sup>12</sup> *In Danielem Prophetam* (1543), 138.

<sup>13</sup> *In Danielem prophetam libri duo* (1553), 108-9.

<sup>14</sup> *Prophets*, 552\*.

*enfermo alguns dias.* Esta enfermidade não aconteceu ao profeta de maneira natural, mas se abateu sobre ele como consequência de ele ter ficado aterrorizado tão subitamente. Ele, mais tarde, demonstra isto, ao dizer que ninguém compreendeu a profecia. Aqui, então, ele admoesta a todos os piedosos a não lerem nem ouvirem esta narrativa descuidadamente, mas que prestem toda a atenção a ela e percebam que Deus lhes mostra aqui coisas de grande importância, que se referem, de forma vital, à sua salvação. Isto nos mostra a razão pela qual Daniel teve de sofrer abatimento e ser afligido pela enfermidade. A seguir, Daniel diz que se levantou e tratou dos negócios do rei, significando ter retornado a sua rotina. Inferimos, desta expressão, o grave erro daqueles que pensam que ele esteve na Pérsia neste período, pois ele não poderia voltar aos negócios do rei a não ser que estivesse no palácio real. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>15</sup>

**DANIEL ASSOLADO POR SUAS VISÕES.** JOHN MAYER: Por fim, Daniel demonstra como esta visão o afetou, por alguns dias. Ele esteve doente e enfraquecido, de tão impactado que ficou com os mistérios prenunciados que haveriam de acontecer com a igreja. Ninguém mais sabia destas coisas, pois Daniel as escondeu, como foi ordenado. Quando se recuperou de sua do-

ença e voltou a se ocupar dos negócios do rei, ele não mostrou em sua face nenhuma preocupação ou perturbação por tudo o que tinha testemunhado. Com base nisso, Polanus argumenta que Daniel esteve todo este tempo na Babilônia, e não em Susã, como mencionado anteriormente, mas apenas lhe pareceu estar lá. Mas isso não pode ser provado assim, pois o mesmo divino poder que o levou para lá poderia, subitamente, tê-lo trazido de volta, fraco que estava. Daniel então, como se nada tivesse acontecido a ele durante os dias em que esteve ausente, retomou silenciosamente os seus afazeres. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>16</sup>

**OUVINDO A PALAVRA DE DEUS.** ANDREW WILLET: Daniel ficou muito comovido ao ouvir esta visão; da mesma forma os servos de Deus também devem ser impactados com admiração, pelos mistérios da religião. Sua natureza interior deve ser sensibilizada ao ouvirem a palavra de Deus. Aqueles porém, que são impenitentes e não têm sensibilidade, e não respondem quando a palavra de Deus é proclamada, demonstram que têm somente afeições carnis e frias, e têm necessidade de serem despertados frequentemente com aquela declaração: “Quem tem ouvido para ouvir, ouça.” COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> CTS 25:132-33 (CO 19:124).

<sup>16</sup> *Prophets*, 552-53.

<sup>17</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 261.

## 9.1-23 A ORAÇÃO DE DANIEL

<sup>1</sup> No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus, <sup>2</sup> no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o SENHOR ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos. <sup>3</sup> Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza. <sup>4</sup> Orei ao SENHOR, meu Deus, confessei e disse: ah! Senhor! Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos; <sup>5</sup> temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos; <sup>6</sup> e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da terra. <sup>7</sup> A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, o corar de vergonha, como hoje se vê; aos homens de Judá, os moradores de Jerusalém, todo o Israel, quer os de perto, quer os de longe, em todas as terras por onde os tens lançado, por causa das suas transgressões que cometeram contra ti. <sup>8</sup> Ó SENHOR, a nós pertence o corar de vergonha, aos nossos reis, aos nossos príncipes e aos nossos pais, porque temos pecado contra ti. <sup>9</sup> Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão, pois nos temos rebelado contra ele <sup>10</sup> e não obedecemos à voz do SENHOR, nosso Deus, para andarmos nas suas leis, que nos deu por intermédio de seus servos, os profetas. <sup>11</sup> Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se, para não obedecer à tua voz; por isso, a maldição e as imprecações que estão escritas na Lei de Moisés, servo de Deus, se derramaram sobre nós, porque temos pecado contra ti. <sup>12</sup> Ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós e contra os nossos juízes que nos julgavam<sup>a</sup>, e fez vir sobre nós grande mal, porquanto nunca, debaixo de todo o céu, aconteceu o que se deu em Jerusalém. <sup>13</sup> Como está escrito na Lei de Moisés, todo este mal nos sobreveio; apesar disso, não temos implorado o favor do SENHOR, nosso Deus, para nos convertermos das nossas iniquidades e nos aplicarmos à tua verdade. <sup>14</sup> Por isso, o SENHOR cuidou em trazer sobre nós o mal e o fez vir sobre nós; pois justo é o SENHOR, nosso Deus, em todas as suas obras que faz, pois não obedecemos à sua voz. <sup>15</sup> Na verdade, ó Senhor, nosso Deus, que tiraste o teu povo da terra do Egito com mão poderosa, e a ti mesmo adquiriste renome, como hoje se vê, temos pecado e procedido perversamente. <sup>16</sup> Ó Senhor, segundo todas as tuas justiças, aparte-se a tua ira e o teu furor da tua cidade de Jerusalém, do teu santo monte, porquanto, por causa dos nossos pecados e por causa das iniquidades de nossos pais, se tornaram Jerusalém e o teu povo opróbrio para todos os que estão em redor de nós. <sup>17</sup> Agora, pois, ó Deus nosso<sup>b</sup>, ouve a oração do teu servo e as suas súplicas e sobre o teu santuário assolado faça resplandecer o rosto, por amor do Senhor. <sup>18</sup> Inclina, ó Deus meu, os ouvidos e ouve; abre os olhos e olha para a nossa desolação e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias. <sup>19</sup> Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age; não te retardes, por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome. <sup>20</sup> Falava eu ainda, e orava, e confessava o meu pecado e o pecado do meu povo de Israel, e lançava a minha súplica perante a face do SENHOR, meu Deus, pelo monte santo do meu Deus. <sup>21</sup> Falava eu, digo, falava ainda na oração, quando o homem Gabriel, que eu tinha observado na minha visão ao princípio, veio rapidamente, voando, e me tocou à hora do sacrifício da tarde. <sup>22</sup> Ele queria instruir-me, falou comigo e disse: Daniel, agora, sai para fazer-te entender o sentido. <sup>23</sup> No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; considera, pois, a coisa e entende a visão.

<sup>a</sup> Ou, nossos juízes que nos julgaram. <sup>b</sup> Em hebraico: por causa do Senhor.

**VISÃO GERAL:** Para os nossos comentaristas Luteranos, este capítulo é o mais notável do livro. Ele serve como um compêndio dos mais importantes artigos de fé; oferece um claro testemunho sobre o advento e a morte de Cristo, e também ensina o artigo principal, a justificação pela fé, com grande clareza. Para os outros comentaristas, este capítulo nos dá um exemplo da importância da oração e da penitência.

Nossos comentaristas começam com algumas considerações sobre a relação entre Jeremias e Daniel. Depois eles se voltam para a bela oração e confissão e de fé de Daniel. Daniel confessa seus pecados e os pecados do povo. Alguns comentaristas explicam por que Daniel adotou cerimônias externas, como jejum, pano de saco e cinza; outros se concentram mais no seu reconhecimento de pecado. Ele, então, ora por seu povo em cativeiro e pela cidade de Jerusalém, para que eles retornassem a sua terra natal e adorassem a Deus ali.

Nossos comentaristas focam principalmente na questão da justiça e os vários usos do termo ao longo de toda a oração de Daniel. Melancthon faz uma observação textual que demonstra o apelo explícito de Daniel a Cristo. Além disso, nossos autores enfatizam o claro consenso entre Daniel e Paulo na questão da justiça da fé.

**A IMPORTÂNCIA DESTE CAPÍTULO.** FILIPE MELANCHTHON: Embora todo capítulo contenha uma abundância de doutrinas, não obstante, este capítulo, de longe, excede a todos os outros. Daniel nos dá claro testemunho sobre o advento de Cristo, a sua morte, a justiça do Novo Testamento e a destruição do estado judaico. Ele inclui a doutrina da penitência em uma oração, e acertadamente avalia o valor de sua própria justiça e mostra a justiça da fé. Desse modo, este capítulo contém a mais proveitosa doutrina para confirmar os crentes em muitos artigos. **COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.**<sup>1</sup>

**UM CAPÍTULO ESPECIAL EM DANIEL.** JOHANN WIGAND: Este capítulo é um dos mais especiais em todo o livro de Daniel. Ele contém, por assim dizer, um compêndio dos mais importantes

artigos de fé: Deus, o pecado, o perdão de pecados, penitência, fé, oração, o Messias, o fim do povo judeu, o anticristo e a destruição do mundo. Por esta razão, devemos diligentemente lê-lo e meditar sobre ele. Até este ponto, no livro, Daniel descreveu as monarquias e eventos memoráveis na sua própria história. Agora, como que analisando os eventos que se seguem à monarquia na qual ele viveu, isto é, a dos medos e persas, ele descreve a notável revelação referente à restauração do povo israelita, a renovação de Jerusalém e o Messias vindouro. Daniel entendeu que Deus amava e preservava o povo israelita e lhe adornou com bondade e milagres por esta razão – para que pudesse apresentar-lhe o Messias, que venceria o diabo, redimiria a raça humana do pecado e a salvaria da condenação eterna. Estas são revelações tão grandes e divinas porque confirmam a principal doutrina da igreja de Deus, a saber, que somente pela fé em Cristo somos justificados diante do Pai, não pelas nossas obras. **BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.**<sup>2</sup>

**SUMÁRIO DO CAPÍTULO.** JOÃO CALVINO: Neste capítulo, Daniel nos explica duas coisas. Primeiro, como ele estava acostumado a orar ardentemente quando o tempo da redenção, especificado por Jeremias, se aproximava; e, segundo, ele relata a resposta recebida de Deus, para suas súplicas sinceras. Estas são as duas divisões deste capítulo. Primeiro, Daniel nos informa como ele orou quando entendeu, pelos livros, o número de anos. Disso, concluímos que Deus não promete, aqui, aos seus filhos, bênçãos terrenas, mas sim a vida eterna e, quando seus filhos se tornam entorpecidos, deixando de lado todos os cuidados espirituais, ele os incita mais ardentemente à oração. Pois quais os benefícios das promessas de Deus para nós, se não as aceitarmos pela fé? Mas a oração é o exercício principal da fé. Esta observação de Daniel é digna de ser notada. Ele foi estimulado a orar porque sabia, pelos livros, o número dos anos. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>3</sup>

<sup>1</sup> *In Danielem Prophetam* (1543), 153.

<sup>2</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 292-93.

<sup>3</sup> CTS 25:135 (CO 19:125).

**RESUMO DE DANIEL.** JOHN MAYER: Neste capítulo, Daniel nos mostra como, no primeiro ano do rei Dario, o medo (entendendo, por Jeremias 25, que, ao final de setenta anos, Deus traria seu povo novamente do cativeiro da Babilônia) o levou, através da oração e do jejum, a buscar Deus mais ardentemente, agora que o tempo para o cumprimento de sua graciosa promessa havia se completado. Em sua devoção, Daniel continuou confessando os pecados e a justiça dos procedimentos de Deus contra seu povo, suplicando por misericórdia, até que o Senhor mandou a ele o anjo Gabriel. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>4</sup>

**DANIEL, UM EXEMPLO PARA NÓS.** JOÃO CALVINO: O fiel não aquiesce com as promessas de Deus a tal ponto de ser tornar entorpecido e inativo por causa de sua certeza de que Deus irá cumpri-las, mas é estimulado à oração. Pois a real prova de fé é a certeza, quando oramos, de que Deus fará aquilo que nos prometeu. Daniel é, aqui, colocado diante de nós como um exemplo disso, pois, quando entendeu que a libertação de seu povo estava próxima, este conhecimento se tornou um estímulo para que ele orasse mais determinadamente do que já estava acostumado a fazer. Fica claro, então, como nós já vimos, que o profeta era diligente e zeloso neste particular. Ele não se desviou de seu hábito nem mesmo quando percebeu que poderia ser morto, pois embora o decreto do rei proibisse todos de orarem a Deus, ele, mesmo assim, voltou a sua face para Jerusalém. Este era o hábito diário do santo profeta. Mas percebemos a natureza extraordinária de sua oração quando ele diz que orou com pano de saco e cinza. Nisto fica evidente o quanto a promessa de Deus o incitou à súplica e, assim, concluímos o que já mencionei anteriormente, a saber, que a fé não é uma especulação descuidada, que se satisfaz simplesmente em concordar com Deus. O estúpido parece concordar por simplesmente escutar de uma forma externa, enquanto que a verdadeira fé é algo muito mais sério. Quando realmente abraçamos a graça de Deus que ele nos oferece, ele nos recebe e nos precede com sua bondade e, assim, no devido tempo, respondemos à sua

oferta e testemunhamos de nossa esperança de que ele cumpra suas promessas. Nada, portanto, pode ser melhor para nós do que pedir aquilo que ele já nos prometeu. Por conseguinte, nas orações dos santos, estes sentimentos são unidos, ao suplicarem o cumprimento das promessas de Deus. Nós não podemos exercitar verdadeira confiança em oração, a não ser quando descansamos firmemente na palavra de Deus. Um exemplo disso nos é apresentado aqui, no caso de Daniel. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>5</sup>

### 9.1-2 Jeremias.

**DANIEL LÊ JEREMIAS.** JOHANN WIGAND: *Entendi, pelos livros* (Dn 9.2). A ênfase está na palavra “entendi”. Embora, qualquer um dentre o povo pudesse ter lido Jeremias, ninguém atendeu para o tempo designado por ele, o que fez com que ficassem grandemente desencorajados no exílio... Daniel, ao contrário, vendo a ruína das coisas, a ameaça de desastre através das nações estrangeiras, recobrou seu espírito e sua esperança, abriu os livros, orou, inquiriu e suspirou pelas promessas de Deus. Daniel leu e releu aquilo que Jeremias tinha profetizado. **BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.**<sup>6</sup>

**DANIEL E JEREMIAS.** JOÃO CALVINO: Embora Daniel fosse um intérprete de sonhos, ele não se sentia tão cheio de confiança ou orgulho a ponto de ignorar os ensinamentos dados por outros profetas. Jeremias estava, então, em Jerusalém, quando Daniel fora levado ao exílio, onde ele exerceu o ofício de mestre por um longo período, de modo que a Babilônia se tornou uma espécie de púlpito. Ezequiel o considera como o terceiro entre os mais excelentes servos de Deus (Ez 14.14), pois a piedade, integridade e santidade de Daniel eram celebradas mesmo naquela época. No tocante a Jeremias, sabemos que ele ou tinha acabado de morrer no Egito, ou talvez ainda estivesse vivo quando esta visão fora oferecida a Daniel, que tinha examinado as suas profecias antes disso. Observa-

<sup>4</sup> *Prophets*, 553.

<sup>5</sup> CTS 25:136 (CO 19:125-126).

<sup>6</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 295.

mos, também, a grande modéstia deste homem santo, porque ele se dedicou à leitura dos escritos de Jeremias e não se envergonhava de dizer o quanto se beneficiava deles, pois ele sabia que este profeta tinha sido designado para instruí-lo, assim como ao restante dos fiéis. Desse modo, ele voluntariamente se submeteu às instruções de Jeremias e se colocou entre seus discípulos. Se Daniel não tivesse se dignado a ler as profecias de Jeremias, ele não teria sido merecedor de participar da prometida libertação de seu povo. Por ser um membro da igreja, tinha de ter sido um discípulo de Jeremias, da mesma forma que Jeremias não teria objetado em ser beneficiado, por sua vez, das profecias de Daniel, se alguma delas tivesse sido apresentadas a ele. Este espírito de modéstia precisa ser cultivado entre os servos de Deus, mesmo que eles sejam excelentes no dom de profecia, induzindo-os a aprender uns com os outros, pois ninguém deve se considerar superior aos outros. Embora sejamos mestres, devemos, ao mesmo tempo, continuar a ser alunos. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>7</sup>

### 9.3-15 A oração e confissão de Daniel.

**ORAÇÃO AO VERDADEIRO DEUS.** JOHANN WIGAND: *ao Senhor Deus* (Dn 9.3). A ênfase recai no “verdadeiro Deus”, que se revela na palavra, que é o único Senhor, que aqui é representado pela palavra *Adonai*. Existem três pessoas, que são expressas pelo plural *Elohim*. Além disso, ao unir estes dois nomes, ele testifica que está invocando o verdadeiro Deus e separa a sua oração da idolatria pagã. Breve EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>8</sup>

**A ORAÇÃO DE DANIEL.** MARTINHO LUTERO: A primeira parte do nono capítulo é uma bela oração, na qual Daniel intercede por seu povo, que estava exilado na Babilônia, pela cidade de Jerusalém e pelo templo. Ele ora para que os judeus pudessem retornar para casa e restabelecer a adoração a Deus. A oração é respondida e é revelado a ele quantos anos haveria até a vinda de Cristo e a inauguração de seu reino eterno. Esta é uma grande e incrível revelação de Cristo,

indicando o tempo tão certa e precisamente. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>9</sup>

**A FIDELIDADE PACTUAL DE DEUS.** JOÃO CALVINO: Daniel anuncia que *Deus guarda a aliança e a misericórdia, para com os que o amam e guardam os seus mandamentos* (Dn 9.4). Devemos, a seguir, notar que ele acrescenta a palavra *misericórdia* à palavra *aliança*. Ele não coloca estas duas palavras como sendo diferentes uma da outra, *berith* e *chesed*, mas ele as une, e a sentença deve ser entendida como uma figura de linguagem, implicando que Deus fez uma aliança graciosa que emana da fonte de sua misericórdia. Qual é, portanto, o acordo, ou aliança, e a misericórdia de Deus? A aliança flui da misericórdia de Deus; ela não procede nem dos méritos, nem do valor das pessoas; ela tem sua causa, sua estabilidade, seu efeito e sua completude somente na graça de Deus. Devemos notar isto, pois aqueles que não são bem versados nas Escrituras podem perguntar por que Daniel distingue a misericórdia de Deus de sua aliança, como se existisse uma mútua estipulação, quando Deus entra em aliança com as pessoas, e, Desse modo, a aliança de Deus dependeria simplesmente da obediência humana. Esta questão fica resolvida quando entendemos a forma de expressão aqui usada, pois este tipo de frase é frequentemente usado nas Escrituras. Pois toda vez que a aliança de Deus é mencionada, sua clemência, bondade ou inclinação ao amor, também é acrescentada. Daniel, desse modo, confessa, em primeiro lugar, a natureza graciosa da aliança de Deus com Israel, assegurando que ela não tem outra causa, ou origem, que não seja a graciosa bondade de Deus. Em seguida, Daniel testifica da fidelidade de Deus, pois ele nunca viola sua aliança ou se afasta dela, como em muitos outros lugares, a verdade e a fidelidade de Deus são unidas à sua clemência (Sl 36.6 e outros lugares). É necessário confiarmos na bondade de Deus, pois a nossa salvação depende inteiramente dele e, assim, damos a ele a glória devida à sua misericórdia.

<sup>7</sup> CTS 25:138-139 (CO 19:128).

<sup>8</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 297.

<sup>9</sup> WADB 11, 2:18.

E ela é necessária para nós, em segundo lugar, obtermos uma clara compreensão da clemência de Deus. A linguagem do profeta expressa estes dois pontos, quando ele mostra como a aliança de Deus depende e flui de sua graça, e quando ele acrescenta a fidelidade do Todo-Poderoso em manter a sua promessa. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>10</sup>

**AS CERIMÔNIAS E A ORAÇÃO DE DANIEL.**  
**JOÃO CALVINO:** Daniel não está tratando, aqui, de suas orações diárias. Podemos facilmente deduzir, de toda a sua vida, que Daniel tinha se exercitado na oração antes que Jeremias tivesse falado sobre os setenta anos. Como sabia que o tempo da redenção estava perto, ele foi estimulado a suplicar mais do que o usual. Ele expressa isto ao dizer que buscava a Deus com jejum, pano de saco e cinza, pois os santos não estavam acostumados a jogar cinzas sobre a cabeça todos os dias, nem se preparavam para as orações com jejum ou com pano de saco e cinzas. Esta ação era rara, usada somente quando Deus dava um sinal de sua ira ou quando Deus retinha algum benefício singular. Esta oração de Daniel não foi feita conforme seu costume, mas quando vestiu panos de saco, jogou cinza sobre a sua cabeça e suportou jejum, ele se prostrou suplicantemente diante de Deus. Daniel também implorou por perdão, como mais tarde veremos, e suplicou pela realização daquilo que o Todo-poderoso certamente tinha prometido.

Disso, aprenderemos duas lições. A primeira, devemos perseverantemente exercitar a nossa fé através das orações; e, segunda, quando Deus nos promete alguma coisa marcante e valiosa, devemos, então, ser mais motivados a sentir esta expectativa como um estímulo mais forte. Com referência ao jejum, ao pano de saco e às cinzas, podemos observar em breve como os santos patriarcas, sob a lei, tinham o hábito de acrescentar cerimônias extraordinárias às suas orações, especialmente quando desejavam confessar seus pecados a Deus e se lançar diante dele como totalmente culpados e condenados e colocando todas as suas esperanças nas suas súplicas por misericórdia. Nos dias presentes,

os fiéis são justificados ao acrescentarem certos ritos exteriores às suas orações, embora nenhuma necessidade possa ou deva ser colocada de ante mão, neste caso. Também sabemos que os orientais são mais dedicados a cerimônias do que nós, e esta diferença deve ser notada entre o povo antigo e a igreja nova, já que Cristo, em seu advento, aboliu muitas cerimônias. Os patriarcas, sob a lei, neste sentido, eram como crianças, como diz Paulo (Gl 4.3). A disciplina que Deus tinha anteriormente instituído envolvia o uso de mais cerimônias do que mais tarde foram praticadas. Como existe esta importante diferença entre a nossa posição e a deles, quem desejar copiá-los em todas as ações se tornará mais um chimpanzé do que um imitador da antiguidade. Entrementes, devemos notar o que realmente permanece para nós, embora os ritos externos tenham sido abolidos. Assim, existem dois tipos de oração: aquela que nós devemos praticar todos os dias pela manhã, à tardinha e, se possível, a cada momento, pois nós vemos o quanto a constância em oração nos é recomendada nas Escrituras (Lc 18.1; Rm 12.12; 1Ts 5.17). O segundo tipo de oração é usado quando Deus denuncia sua ira contra nós ou quando temos a necessidade de sua intervenção especial, ou buscamos algo incomum da parte dele. Este era o método da oração de Daniel, quando ele vestiu o pano de saco e jogou cinzas sobre si. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>11</sup>

**A ORAÇÃO DE DANIEL.** **HEINRICH BULLINGER:** A oração e a confissão do profeta vêm a seguir, cujo argumento é este: Ele francamente confessa os seus pecados e os pecados de seu povo, os quais ele não abrevia nem diminui, mas exagera. Ele proclama a justiça de Deus, que pune com o mais justo dos julgamentos. Daniel, então, suplica, buscando o perdão de seus pecados e os de seu povo, a libertação e o retorno do povo, bem como a restituição do templo, da adoração a Deus e da cidade. Também somos capazes de pedir coisas similares a Deus, sempre que as dificuldades nos assaltam e nos opri-

<sup>10</sup> CTS 25:146-147 (CO 19:133-134).

<sup>11</sup> CTS 25:136-137 (CO 19:126-127).

mem. Nesta mesma oração, Daniel demonstra a verdadeira penitência, a qual é a conversão a Deus, deixando Satanás e o pecado, o reconhecimento do pecado e a sua confissão, com pesar sobre os pecados vergonhosos, e o recebimento, pela verdadeira fé, da remissão dos pecados e a dedicação a uma vida transformada, da impiedade para a santidade. E, a não ser que a pessoa seja presenteada com a fé verdadeira e firme em Deus, ela não orará corretamente. Por esta razão, Daniel, desde o início de sua oração, clama a Deus, para que pense em Deus enquanto ora, e se levanta em oração, ensinando quem é este Deus e o quanto ele é exaltado, e claramente capaz de ajudar. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>12</sup>

**DANIEL E A CONFISSÃO.** FILIPE MELANCHTHON: Daniel confessa os pecados do povo e dá glórias ao Deus de justiça porque ele justamente puniu o povo. Então ele suplica por perdão dos pecados e pelo retorno do povo. Sendo assim, é verdadeira contrição reconhecer a ira de Deus contra os nossos pecados, nos assustarmos por causa de sua ira, nos entristecermos por ter tê-lo ofendido e dar-lhe glórias porque ele nos pune justamente e nos sujeitamos à sua punição.

Aqui Daniel relata sua confissão, “*A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, o corar de vergonha*”. Esta é a voz da verdadeira contrição, como a Salmo 32 ensina: “Disse: confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado” (Sl 32.5). E o Salmo 51: “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar” (Sl 51.4).

É necessário inculcar diligentemente esta doutrina de contrição na igreja, para que ela verdadeiramente reconheça os seus pecados e verdadeiramente entenda as punições e calamidades infringidas sobre nós por causa dos nossos pecados. Assim como Jeremias nos diz: “As vossas iniquidades desviam estas coisas, e os vossos pecados afastam de vós o bem” (Jr 5.25) e também aqui em Daniel, “pois justo é o SENHOR, nosso Deus, em todas as suas obras que faz” (Dn 9.14)...

Não obstante, não é suficiente reconhecer os pecados e considerar as punições, mas a consolação deve ser acrescentada. Por isso, Daniel não somente apresenta a doutrina da contrição, mas acrescenta a outra parte. Ele ensina, pelo seu próprio exemplo, a orar e a esperar pela bondade, por causa da misericórdia e das promessas. Como é dito, em outro lugar, “arrependei-vos e crede no evangelho” [Mc 1.15]. A fé, acrescentada à contrição, olha para as promessas. Daniel, aqui, não somente diz “a ti, ó Senhor, pertence a justiça”, mas ele também acrescenta: “Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão”. O Senhor prometeu mostrar compaixão e perdoar, e ele repete muitas vezes esta sentença, distintivamente excluindo o mérito humano: “Porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias.” COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>13</sup>

**A CONFISSÃO DE DANIEL.** ANDREW WILLET: A confissão de pecados pode ser pública, ou por toda a congregação, ou por uma ou mais pessoas perante a congregação; ou privada, por pecados pessoais ou em nome de muitos. Cada uma destas confissões pode ser ordinária ou extraordinária. Esta confissão de Daniel foi deste último tipo, na qual ele confessa não somente os seus próprios pecados, mas também os pecados do povo. Se Daniel, um homem tão santo, confessa os seus pecados em sua oração, quanto mais devemos nós, povo pecador, confessar sempre em nossas orações os nossos pecados, como diz o profeta Davi: *Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado* (Sl 32.5). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>14</sup>

**A CONFISSÃO DE DANIEL.** JOÃO CALVINO: A maior parte desta oração é uma súplica a Deus para que ele perdoe seu povo. Toda vez que pedimos perdão, o testemunho de arrependimento

<sup>12</sup> *Daniel Sapientissimus*, 94.

<sup>13</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 156-158.

<sup>14</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 361.



tem que preceder nosso pedido, pois o próprio Deus anuncia que será propício e receberá facilmente as nossas súplicas quando as pessoas se arreperderem sinceramente e de todo o coração (Is 58.9). Desse modo, a confissão de culpa é um método de obter o perdão e, por esta razão, Daniel preenche a maior parte desta oração com a confissão de seus pecados. Ele nos lembra disso não por causa de vanglória, mas para nos instruir, pelo seu próprio exemplo, a orar como devemos. Ele diz, desse modo, que *usou orações e confissões*. O acréscimo de “meu Deus” à palavra Jeová não é, de maneira nenhuma, supérfluo. *Eu orei*, ele diz, *ao meu Deus*. Ele, aqui, mostra que não proferiu suas orações com temor, como as pessoas tão usualmente o fazem, pois os incrédulos geralmente correm para Deus, sem nenhuma confiança. Eles perguntam entre si se as suas orações produzirão algum fruto. Daniel, desse modo, nos mostra aberta e distintamente duas coisas, já que ele orou com fé e arrependimento. Pela palavra *confissão* ele deixa implícito o seu arrependimento e, ao dizer que orou a Deus, ele expressa a sua fé e a ausência de precipitação ao fazer as suas orações, como os incrédulos fazem quando oram a Deus de modo vago e ficam, durante todo o tempo, confusos e distraídos por uma variedade de pensamentos intrusivos. *Orei*, disse Daniel, *ao SENHOR, meu Deus*. Ninguém usa esta linguagem sem ter uma firme confiança nas promessas de Deus e sem admitir que Deus prontamente receberá suas súplicas. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>15</sup>

### 9.16-19 Justiça

**POR CAUSA DE CRISTO.** FILIPE MELANCHTHON: E ele diz, usando o nome de Deus: “Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo e as suas súplicas e sobre o teu santuário assolado faze resplandecer o teu rosto, por amor do Senhor” (Dn 9.17), isto é, escute, considere, por causa do Senhor. Ora, entre os hebreus, esta partícula é inserida, de tal forma que Daniel fale a Deus na segunda pessoa, *ó Deus nosso, ouve*, etc., e, mais adiante, acrescente uma terceira pessoa no final, *por amor do Senhor*. Por esta

razão, a interpretação judaica é *por causa de Abraão*. Esta interpretação, porém, é contrária ao texto e deve ser repudiada.

Daniel entendia que Abraão não era o Senhor dos povos, mas sim o prometido Salvador o era, como é mencionado no Salmo: “Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, etc.” (Sl 110.1). Não há dúvida de que Daniel, aqui, entendeu Cristo falando quando disse *por amor do Senhor*; isto é, *por causa do Senhor*. Existem sermões similares sobre contrição e fé feitos pelos profetas em muitos lugares. Jeremias diz: “Posto que as nossas maldades testificam contra nós, ó SENHOR, age por amor do teu nome; porque as nossas rebeldias se multiplicaram; contra ti pecamos. Ó Esperança de Israel e Redentor seu no tempo da angústia, por que serias como estrangeiro na terra e como viandante que se desvia para passar a noite?” (Jr 14.7-8). COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>16</sup>

**DANIEL E PAULO CONCORDAM.** FILIPE MELANCHTHON: Aqui, os leitores são admoestados a observarem esta oração feita por Daniel, com o propósito de confirmar os ensinamentos de Paulo sobre a justiça da fé. Daniel apresenta testemunho certo e claro dos ensinamentos de Paulo. Ora, algumas pessoas espertas tentam mudar o ensino de Paulo para se encaixar na opinião humana sobre a justiça das obras e clamam veementemente que isto deve ser aceito por nós. Tais pessoas negam as afirmações de que todas as pessoas são pecadoras, que nossas obras não merecem reconciliação e que a pessoa natural é cheia de vícios e não tem condições de satisfazer a lei; da mesma forma, elas negam que gratuitamente, pela graça, as pessoas são declaradas justas por causa de Cristo e não por nossas obras.

...Consideremos, então, que, quando Paulo fala sobre a justiça perante Deus, é necessário que seus ensinamentos concordem com os profetas e patriarcas. E fica claro que, na sucessão dos profetas, eles ensinam a mesma coisa. Os profetas testificam que todas as pessoas são pecadoras e impugnam a justiça humana. E eles,

<sup>15</sup> CTS 25:142-143 (CO 19.131).

<sup>16</sup> In *Danielem Prophetam* (1543), 158-159.

por sua vez, apresentam a misericórdia gratuita revelada nas promessas, por Deus, por causa do Salvador prometido. Os profetas decretam que esta misericórdia tem de ser recebida pela fé e, assim, eles afirmam o nosso perdão. Existe uma voz unânime entre todos os profetas. Por esta razão, Pedro diz: “Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados” (At 10.43). Esta é a libertação prometida através do Messias, a saber, libertação do pecado, restauração à justiça perfeita e vida eterna. O fato de que Paulo concorda aqui com Daniel fica claro: “A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, o corar de vergonha” (Dn 9.7). Ele reconhece que toda a igreja pecou e, expressamente, diz: “Porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, etc.” (Dn 9.18)... Desse modo, assim como Paulo remove o mérito humano e declara que todos estão debaixo do pecado, de fato demonstrando a necessidade da graça, assim também Daniel, aqui, ensina: “Não fiados em nossas justiças, etc.” Mais uma vez, como Paulo diz que os pecados são perdoados pela graça, assim também Daniel, aqui, declara que se lança “em tuas muitas misericórdias” (Dn 9.18) e, especificamente, menciona o mediador dizendo: “Por causa do Senhor” (Dn 9.17). Sempre que se menciona a misericórdia, sua companhia, a fé, deve ser entendida, através da qual recebemos a misericórdia. Desse modo, Daniel concorda inteiramente com Paulo. **COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.**<sup>17</sup>

**A JUSTIÇA DE DEUS.** JOÃO CALVINO: [Daniel] acrescenta: “Ó Senhor, segundo todas as tuas justiças, aparte-se a tua ira e o teu furor da tua cidade de Jerusalém, do teu santo monte” (Dn 9.16). Observamos como Daniel, aqui, exclui quaisquer que sejam os méritos que possam existir nas pessoas. Na realidade, as pessoas não possuem nenhum mérito, mas falo de acordo com aquela imaginação vã que as pessoas dificilmente abandonam. Elas sempre tomam o crédito para si mesmas, embora sejam condenadas por seus pecados centenas de vezes e, ainda assim, desejam conciliar os favores de Deus ale-

gando algum mérito diante dele. Aqui, porém, Daniel exclui tais considerações quando pleiteia diante de Deus a justiça divina e usa uma expressão forte, “segundo todas as tuas justiças”. Aqueles que interpretam a palavra *justiça* como “julgamento” estão em erro e são inexperientes na interpretação das Escrituras, pois supõem que a justiça de Deus seja oposta a sua misericórdia. Porém, estamos familiarizados com a justiça de Deus como foi manifestada, especialmente com os benefícios que ele confere a nós. É como se Daniel tivesse falado que a única esperança das pessoas consistia em Deus levar em conta somente a si mesmo, e não a conduta delas. Consequentemente, ele entende a justiça de Deus como sua liberalidade, favor gratuito, fidelidade consistente e proteção, que ele prometeu aos seus servos: “Ó Deus”, portanto, ele diz, “de acordo com todas as tuas misericórdias prometidas”, isto é, tu não abandonas aqueles que creem em ti, tu não prometes nada apressadamente e tu não estás acostumado a abandonar aqueles que te procuram; Oh! pela tua própria justiça, socorre-nos em nossas aflições. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>18</sup>

**O ENTENDIMENTO DE DANIEL SOBRE A JUSTIÇA.** JOHANN WIGAND: *Justiça* (Dn 9.7). Aqui Daniel fala sobre a justiça da lei. Existe uma justiça dupla de Deus, como ele mesmo deixa claro: a justiça estrita de Deus expressa na lei e a justiça propícia, que nos é dada nos evangelhos... *Ó Senhor, segundo todas as tuas justiças* (Dn 9.16). Pedimos por sua misericórdia. Aqui, justiça não significa aquela justiça estrita da lei, mas do evangelho, através da qual, Deus, de acordo com suas puras e incomensuráveis misericórdias, deseja receber os pecadores pela graça, por causa do Messias. **BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.**<sup>19</sup>

**A MISERICÓRDIA E O PERDÃO DE DEUS.** JOÃO CALVINO: *Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão.* Sem dúvida, Daniel tomou esta frase de Moisés, especialmente daquela

<sup>17</sup>In *Danielem Prophetam* (1543), 159-162.

<sup>18</sup>CTS 25:176-177.

<sup>19</sup>*Explicatio Brevis* (1571), 304, 306.

memorável e marcante passagem em que Deus se pronuncia como um severo vingador, mas cheio de misericórdia e inclinado à clemência e ao perdão, exercitando a sua muita longanimidade (Êx 34.6). Como, portanto, Daniel mantém a impossibilidade de Deus abandonar seus sentimentos afetuosos de misericórdia, ele considera este como o ponto principal de seus ensinamentos, e este se torna o principal fundamento de suas esperanças e de sua súplica por perdão. Ele argumenta desse modo: *Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão.* Portanto, como nunca pode negar a si mesmo, Deus sempre será misericordioso. Este atributo é inseparável de sua essência eterna; e seja como for que nos rebelamos contra ele, ainda assim ele nunca rejeitará ou desprezará as nossas orações ou nos abandonará.

Nós podemos concluir desta passagem que nenhuma oração é legítima ou corretamente feita se não tiver estes dois elementos: primeiro, que todos os que se aproximam de Deus se prostrem diante dele e reconheçam ser merecedores de mil mortes; segundo, para capacitá-los a emergir do abismo do desespero e se elevarem à esperança do perdão, eles devem clamar a Deus sem medo ou dúvida, e com uma confiança firme e estável. A confiança em Deus não pode ter nenhum outro fundamento a não ser a natureza do próprio Deus, e disso ele tem dado amplo testemunho. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>20</sup>

**MISERICÓRDIA E PERDÃO.** GIOVANNI DIODATI: [*Ao Senhor*] A saber, a glória em nos salvar neste estágio extremo de nossos pecados pertence somente a ti, pois isso não pode acontecer, a não ser pela infinitude da tua misericór-

dia e do teu perdão, sem nossa cooperação, a não ser com o sentimento de nosso pecado e de nossa miséria, que pode mover tua compaixão. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>21</sup>

### 9.20-23 A resposta de Gabriel

**AS ORAÇÕES DE DANIEL RESPONDIDAS.** JOÃO CALVINO: Aqui Daniel começa a nos mostrar que as suas orações não eram, de maneira nenhuma, inúteis nem infrutíferas, tendo Gabriel sido enviado para elevar sua mente com confiança e aliviar sua tristeza com consolação. Depois, Gabriel o estabelece como um ministro da graça de Deus para toda a igreja, para inspirar os fiéis com a esperança de um retorno rápido ao seu país e encorajá-los a suportar suas aflições até que Deus abraze o caminho para o seu retorno. A seguir, no tocante a nós, não precisamos nos espantar ao vermos a recusa de Deus, às vezes, em responder nossas orações, pois aqueles que parecem orar muito melhor do que a maioria raramente possuem um centésimo do zelo e do fervor requeridos. Ao comparar nosso método de oração com esta veemência do profeta, com certeza estamos, verdadeiramente, muito atrás dele; e não deveríamos nos surpreender de maneira nenhuma se, embora a diferença seja grande, o sucesso de nossas orações seja tão desigual. E, não obstante, podemos estar certos de que as nossas orações nunca serão em vão, se seguirmos o santo profeta, mesmo a uma longa distância. Se o tamanho limitado de nossa fé impede as nossas orações de imitarem o zelo do profeta, mesmo assim Deus as ouvirá, conquanto estejam fundamentadas na fé e no arrependimento. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> CTS 25:159 (CO 19:142).

<sup>21</sup> *Pious Annotations* (1651), 9:16.

<sup>22</sup> CTS 25:187-188 (CO 19:161-162).

## 9.24-27 AS SETENTA SEMANAS

<sup>24</sup> *Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos.* <sup>25</sup> *Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos.* <sup>26</sup> *Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas.* <sup>27</sup> *Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele.*

**VISÃO GERAL:** A seção final deste capítulo tem atraído a atenção de muitos. Aqui, o tempo preciso da vinda do Messias é dado por Daniel e não há, entre todos os profetas, uma designação mais clara. As setenta semanas são consideradas pelos nossos comentaristas como semanas de anos, não de dias; e como tal, uma semana é considerada como representando sete anos, e o total de setenta semanas representa 490 anos. Daniel usou semanas para representar anos por causa da profecia de Jeremias sobre os setenta anos. Desse modo, as duas profecias são análogas, embora apontem para coisas diferentes.

Nesta profecia, temos o advento de Cristo indicado com grande clareza. Daniel também enumera os benefícios de Cristo: a destruição do pecado, o estabelecimento de uma justiça eterna e o dom da vida eterna. Nossos comentaristas dedicam muito mais tempo discutindo estes benefícios dados por Cristo, do que as setenta semanas. Nestes benefícios, todos eles veem as grandes verdades da Reforma expressas por Daniel, especialmente a imputação da justiça de Cristo para aqueles que reconhecem sua total pecaminosidade e, pela fé, confiam somente em Cristo.

Nossos comentaristas se voltam, a seguir, a uma consideração sobre a lei e suas demandas. Cristo veio não para abolir a lei, mas para cumpri-la. Por esta razão, ele sofre a morte de cruz pelos nossos pecados. Tudo isso é indicado no texto: o Messias, o Príncipe, que é Cristo,

será morto. Além disso, o santuário e a cidade serão destruídos. Para nossos comentaristas, a sequência de eventos aqui descrita (o advento do Messias, os benefícios do Messias, sua morte e a destruição do santuário e da cidade) claramente mostram que Jesus era o Messias prometido e nenhum outro deve ser esperado, como a destruição da cidade pelos romanos deixa claro.

### 9.24 As setenta semanas, o fim dos pecados, a justiça eterna

**O TEMPO DO MESSIAS.** JOHANN WIGAND: Esta é uma pedra preciosa, ou doutrina, que é mostrada em Daniel. Esta profecia é a divina revelação na qual é designado o tempo preciso da vinda do Messias, que trará bênçãos para toda a humanidade... Uma designação tão clara do tempo não é encontrada em nenhum outro profeta. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>1</sup>

**A PROFECIA DAS SETENTA SEMANAS.** FILIPE MELANCHTHON: A profecia que se segue, transmitida por Daniel, concernente às setenta semanas, é um claro testemunho contra os judeus sobre a época do advento de Cristo e o fim do estado Judeu. Daniel brevemente menciona, nesta profecia, muitas coisas que aconteceriam. Quando falou sobre o advento de Cristo, ele imediatamente também ensinou a respeito dos benefícios que viriam. As promessas são interpretadas

<sup>1</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 329.

claramente referindo-se ao futuro, quando o pecado seria destruído, uma justiça eterna seria estabelecida e uma vida eterna e nova começaria. Ele acrescenta, também, que Cristo morreria, mas não obstante, muitas pessoas receberiam seus benefícios e, mais tarde, viria o fim ao estado Judeu. Esta é a maior das profecias, na qual tais claros testemunhos são apresentados no tocante a muitos artigos contra os judeus.

Primeiro, este *locus* refuta o erro de que a lei deve ser retida, e o reino político do Messias, estabelecido. Se a justiça será eterna, de novo, se o Messias será morto, conclui-se que a lei mosaica não deve ser retida e não haverá nenhum reino terreno. Segundo, esta profecia dá testemunho concernente ao sofrimento de Cristo. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>2</sup>

**AS SETENTA SEMANAS.** MARTINHO LUTERO: Estas setenta semanas, como o anjo proclama, são consideradas por todos os mestres como sendo semanas de anos, não de dias. Em outras palavras, uma semana consiste de sete anos, ao invés de sete dias. A razão confirma isso. Setenta semanas nem mesmo fazem dois anos, o que não é um tempo extraordinário para esta magnífica revelação. Agora, estas setenta semanas fazem 490 anos, que é o tempo que se deve esperar pelo Cristo. Depois daquele tempo, ele inaugurará o seu reino. Ora, deve ser determinado onde e quando estas setenta semanas começam. O anjo as anuncia como começando naquele ano, quando uma ordem é dada para que Jerusalém seja reconstruída. Pois ele diz “desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém”, etc. (9.25). Muitos têm distorcido e manchado esta visão.

Dessa forma, para que possamos calcular corretamente este tempo, devemos começar a contar os setenta anos a partir do segundo ano do rei Dario, chamado de “o esperado”. No mesmo ano, a palavra do Senhor veio aos profetas Ageu e Zacarias, dizendo que Zorobabel reconstruiria o templo, como vemos no primeiro capítulo de ambos os profetas (Ag 1.1-15; Zc 1.1-17). Dario deu esta mesma ordem, a qual foi proclamada como registrado em Esdras 6 (v. 6-15), concordando com o cálculo de anos.

A partir desta instrução, ou palavra, que partiu de Ageu, até o batismo de Cristo, quando ele assumiu o seu ofício, e o seu reino ou a nova aliança começou (aqui o anjo o descreve como um príncipe), são exatamente 483 anos, ou sessenta e nove semanas. O anjo, aqui, diz: “Até o tempo de Cristo, o Príncipe, serão sete semanas e, depois, sessenta e duas semanas” – isto é, sessenta e nove semanas.

Então, o cálculo dos anos é assim: do segundo ano de Dario até Alexandre, o Grande, são 145 anos, como Metastenes escreve; de Alexandre até o nascimento de Cristo, 311 anos, como demonstra a história, e do nascimento de Cristo até o seu batismo, são trinta anos, como escrito em Lucas 3 (v. 23). Somando-se tudo isso, temos 486 anos, ou sessenta e nove semanas. Três anos restam, que podem ser retirados do cálculo, pois geralmente acontece que, em tais cálculos e histórias, metade de um ano é considerada um ano inteiro. Não podemos encontrar e determinar todos os dias e horas tão precisamente. Quando escrevemos história, é suficiente chegarmos bem perto, especialmente quando temos um texto que se refere especificamente ao essencial. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>3</sup>

**TRÊS PARTES DAS SETENTA SEMANAS.** MARTINHO LUTERO. Ora, o anjo divide estas setenta semanas em três partes. “Nas primeiras sete semanas, isto é, quarenta e nove anos”, ele diz, “as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos”. Com certeza, este foi um tempo amargo, porque as terras vizinhas se opuseram fortemente a eles (Ne 2.10; 4.6). Isto concorda com o que os judeus disseram a Cristo, em João 2 (v. 20): “Replicaram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás?” “Então, depois de sessenta e duas semanas”, ele diz, “o Cristo será morto”. Aqui ele indica o que acontecerá depois que estas sessenta e nove semanas terminarem e o Cristo tiver começado seu ministério: o Cristo será crucificado (o que aconteceu no quarto ano depois das sessenta e

<sup>2</sup> In *Danielem Prophetam* (1543), 164-165.

<sup>3</sup> WADB 11, 2:18-22.

nove semanas, e depois do início de seu ministério) e a cidade de Jerusalém será finalmente destruída e o Judaísmo chegará ao fim (o que aconteceu posteriormente, pelos romanos).

A última semana, isto é, sete anos, é o tempo que se segue às sessenta e nove semanas, quando, como foi dito, o Cristo será morto. E isto aconteceu desta maneira, ele diz (Dn 9.27): ele fará uma aliança com muitos por uma semana. Os ensinamentos de Cristo se espalharam poderosamente durante estes sete anos, tanto através do próprio Cristo, até o quarto ano, e depois através dos apóstolos, proclamando a misericórdia prometida. E na metade da semana, isto é, no quarto ano depois do batismo de Cristo, ele foi morto. Então o sistema sacrificial foi posto de lado, isto é, pela morte de Cristo, a qual é o verdadeiro sacrifício, e o sistema sacrificial judaico e adoração a Deus chegaram ao fim. Logo depois, como ele fala aqui (Dn 9.27), um ídolo foi colocado no templo pelos romanos, sob o comando do imperador Cáius Calígula, como um sinal do fim do templo e do Judaísmo. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>4</sup>

**AS SETENTA SEMANAS.** JOÃO CALVINO: Esta passagem tem sido tratada de maneiras variadas e tão confundida e quase destruída pelas várias opiniões de intérpretes que pode ser considerada quase sem valor, por causa de sua pouca clareza. Porém, na certeza de que nenhuma profecia é realmente vã, podemos ter esperança de entendê-la, desde que sejamos atentos e prontos a aprender, de acordo com a admoestação do anjo, e o exemplo do profeta. Eu, normalmente, não me refiro às opiniões conflitantes porque não tenho prazer em refutá-las, e o método simples que adoto me agrada mais, a saber, expor aquilo que eu acho que foi entregue pelo Espírito de Deus. Mas não posso escapar da necessidade de refutar as várias interpretações da presente passagem...

Nosso profeta menciona os setenta anos de Jeremias, e eu fico surpreso que os que advogam ao nosso lado, não considerem isto, pois ninguém sugere alguma razão pela qual Daniel calcule anos por semanas. Todavia, sabemos que esta figura é usada de propósito, porque ele

desejou comparar setenta semanas de anos com setenta anos. Quem quer que tenha o trabalho de examinar esta analogia ou semelhança verá que os judeus mataram com sua própria espada, pois o profeta, aqui, compara a graça de Deus com o seu julgamento, como se tivesse dito: o povo foi punido por um exílio de setenta anos, mas agora o seu tempo de graça chegou; ou melhor, o dia da sua redenção raiou e resplandece com um esplendor contínuo, encoberto, de fato, por algumas nuvens, por 490 anos, até o advento de Cristo. A linguagem do profeta deve ser interpretada da seguinte maneira: Uma escuridão angustiante se aninhou entre vocês por setenta anos, mas Deus, agora, fará com que este período seja seguido por um período favorável com uma duração sete vezes maior, porque, ao aliviar as suas dores e moderar as tristezas, ele não cessará de provar ser propício a vocês, até o advento de Cristo. Este evento era, notoriamente, a esperança maior dos santos que esperavam ansiosos pela vinda do Redentor...

Começamos há pouco a mostrar quão toalmente os rabis corromperam, com seus comentários, esta profecia da qual estamos tratando, pois eles supõem que anjo está tratando da ira contínua de Deus, a qual o povo judeu tinha experimentado parcialmente e que ainda seria de longa duração e de maior severidade, de acordo com as suas suposições. Explicamos o quão abertamente isto se opõe às palavras de Daniel, que, aqui, promete a volta do favor de Deus para o seu povo e, então, mostra o objeto e a intenção do Espírito Santo. Através desta consolação, Deus desejou aliviar a tristeza do santo homem, que já percebemos estar extremamente ansioso a respeito da situação deplorável da igreja. A frase sobre a qual nós já comentamos confirma o mesmo ponto, pois o anjo promete, na chegada do período profetizado, o fim do pecado, da maldade e da iniquidade, porque a iniquidade será então, expiada. Ele, a seguir, promete a chegada da justiça eterna; e, por fim, acrescenta o selamento da visão e da profecia, junto com a unção espiritual do Santo dos Santos. Todos admitem ser esta uma promessa de uma bênção mais excelente do que qualquer coisa sob

<sup>4</sup> WADB 11, 2:24-26.

a lei. Nenhuma outra interpretação pode, possivelmente, ser recebida, a não ser aquela que se refere ao advento de Cristo e à total restauração da igreja de Deus. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>5</sup>

**AS SETENTA SEMANAS DE DANIEL.** GIOVANNI DIODATI: [Daniel 9.24. *Setenta semanas*] A saber, você orou a Deus a respeito dos setenta anos de cativo do povo, que o Senhor designou. E eu vou lhe dizer, além disso, que, depois do cumprimento daqueles anos, há setenta vezes sete anos (os quais são semanas de anos), isto quer dizer 490 anos, designados para a permanência do povo e da cidade de Jerusalém, depois de ser libertada de sua presente desolação: nesse tempo o Messias virá, cumprirá as profecias, fará expiação e satisfação pelos pecados do mundo por meio de sua morte e estabelecerá a verdadeira justiça do evangelho, que permanecerá para sempre, pela qual todos os que creem serão absolvidos e justificados e, por seu Espírito, serão regenerados para uma nova e piedosa vida, e o Senhor será consagrado e feito o Rei eterno, sentado ao lado direito de Deus Pai, tendo obtido a plenitude do Espírito de Deus, como o cabeça da igreja. Depois de todas estas coisas, a cidade e a nação serão destruídas pelos romanos...

[Daniel 9.27. *Ele fará*] A saber, tendo Cristo vindo e se relacionado com o mundo, ele, em uma daquelas semanas, pelo evangelho, renovará a aliança da graça (com os judeus que creem) que ele tinha feito com os patriarcas e a ratificará através de novos sacramentos. [*Por uma semana*] A saber, aquela semana que resta, depois da sexagésima nona, para completar a septuagésima; pois, de fato, as revoltas e problemas dos judeus duraram três anos e meio, ou quatro, depois da sexagésima nona semana. [*Ele fará*] A saber, através da desolação do templo pelos romanos, o culto dos judeus e seus sacrifícios serão abolidos. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>6</sup>

**AS SETENTA SEMANAS DE DANIEL.** WILLIAM PEMBLE: Quando as setenta semanas de Daniel começam é incerto. Alguns dirão que começam no primeiro ano de Ciro; outros, no segundo ano de Dario Nótus; outros, ainda, no vigésimo

ano de Artaxerxes Mnemon. As pessoas podem fazer sua escolha, pois nem um nem outro fica definido no texto (Dn 9.25), mas é absolutamente estabelecido, *desde a saída da ordem*, que sabemos que aconteceu durante o reinado dos três reis.

Mas, quanto ao fim e o período delas, tem que ser necessariamente a morte de Cristo, e não, como alguns acreditam, a destruição de Jerusalém pelos romanos. Isto é claro (Dn 9.24). Mas admitir que a proposição seja verdadeira, embora incerta, de que as setenta semanas de Daniel começam durante o primeiro ano de Ciro, não se segue pois, desde o primeiro ano de Ciro, são precisamente 490 anos. Os números, não são interpretados quando se referem àquilo que naturalmente significam. ImproPRIAMENTE, ou figurativamente, eles significam mais ou menos, dependendo das circunstâncias da situação e da intenção do interlocutor...

Consideremos o objetivo e o escopo da fala do anjo. Daniel entende, pelos livros, que os setenta anos de cativo estavam, agora mesmo, no fim. Por causa disso, ele ora para que Deus seja misericordioso com o povo e com a cidade santa. Um anjo é enviado a ele e fala com ele, não sobre os setenta anos de cativo que terminariam no reinado de Ciro, mas de setenta vezes sete anos da mais gloriosa libertação da escravidão do inferno e do diabo, a serem conquistados por Cristo. É como se o anjo dissesse: “Você, Daniel, pensa em setenta anos, no final dos quais o seu povo será liberto da servidão carnal da Babilônia, e na restauração de uma Jerusalém terrena, mas eu lhe dou a entender uma liberdade muito mais gloriosa, a liberdade da escravidão a Satanás, a ser conquistada por Cristo para o seu povo, depois de setenta vezes sete anos. Não pense em setenta anos, que agora já se passaram, mas em setenta vezes sete anos, os quais, quando terminarem, seu povo, e sua cidade, pelos quais você ora, obterão esta grande bênção”.

Portanto, isto é falado em alusão aos setenta anos de cativo, para mostrar que a misericórdia de Deus excederá seus juízos setenta

<sup>5</sup> CTS 25:195-196, 200, 203 (CO 19:167,170, 172).

<sup>6</sup> *Pious Annotations* (1651), 9:24-27.

vezes, a qual, desde aquele tempo, duraria setenta vezes sete anos, até a vinda de Cristo, e depois, eternamente. Portanto, esta é uma predição profética, não uma relação histórica, e a circunscrição do tempo é usada somente com o intento de memorizar, pois, depois de tantos anos, eles deveriam estar certos de obterem uma libertação tão grande que não desejariam nada mais...

Que as setenta semanas não devem ser entendidas precisamente, mas através de uma sinédoque, fica, assim, provado. Setenta semanas estão determinadas para seu povo, diz Gabriel (Dn 9.24). Que estas semanas são completas e inteiras, fica provado pela sua partição, pois existem sete semanas desde o estabelecimento dos mandamentos (Dn 9.25), e sessenta e três semanas até que as ruas e o muro sejam construídos; e, novamente, depois de sessenta e duas semanas, Cristo será morto, mas não presentemente depois daquelas sessenta e nove semanas, mas no meio da última semana (Dn 9.27).

...Cristo morreu no meio da última semana. Isto é manifesto, pois Cristo, então, morreu quando os sacrifícios e as oblações cessaram. Isto é provado pelos capítulos 9 e 10 da Epístola aos Hebreus (Hb 9 – 10). Mas o sacrifício e as oblações cessaram no meio da última semana. Isto Daniel diz expressamente (Dn 9.27). O PERÍODO DA MONARQUIA PERSA.<sup>7</sup>

**A DIVISÃO DAS SEMANAS.** JOHN MAYER: O anjo falou aqui: (1) De modo geral sobre aquilo que deveria ser feito nas setenta semanas no total, *sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão.* (2) Ele distingue estas semanas em sete semanas e sessenta e duas semanas (Dn 9.25-26) e uma semana, de novo, dividida em duas, na primeira parte da qual os sacrifícios cessarão e, então, *sobre a asa das abominações virá o assolador* (Dn 9.27). No geral, que por setenta semanas não devem ser entendidas semanas simplesmente, mas semanas de anos, fica claro, porque, de outra forma, depois de seu retorno do cativeiro, eles deveriam ter a sua cidade destruída de novo em um ano e dezoito semanas, o que aconteceria antes que ela fosse construída de novo, o que, de fato, seria estranho. A cidade e o templo teriam de ser

construídos em sete semanas e, desse modo, os próprios rabinos, vendo isto, reconhecem que, aqui, devem ser entendidas semanas de anos como explicado. Ao dizer setenta semanas, ele faz referência aos setenta anos que tinham se passado, durante os quais eles sofreram em um tedioso cativeiro, mas agora ele mostra que, sendo eles devolvidos à sua própria terra, habitarão lá por um período sete vezes maior do que o tempo que viveram no exílio, quando será feita uma expiação pelos pecados e a justiça eterna, através do Cristo ou Messias, será trazida. Todo este tempo equivale a dez jubileus, desde que esta contagem de anos começou. No jubileu, havia uma semana de anos, o último dos quais era santo, no qual eles não podiam semear nem colher, mas deveriam deixar a terra descansar, e, quanto ao descanso do sétimo ano, e o ano após sete vezes sete, agora setenta semanas, consistindo de dez vezes este número, é designado para mostrar o descanso que virá para todos os verdadeiros fiéis, através do Messias.

Como Polanus nota, aqui temos três benefícios vindos através de Cristo aos fiéis: (1) Mantê-los afastados da apostasia; (2) encerrar as transgressões; e (3) expiar o pecado, o que ele expressa com as palavras: *Para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade.* Por mantê-los afastados da apostasia, ele entende impedir que o remanescente fiel caia da graça de Deus pela falta de fé em Cristo, quando muitos daquela nação cessariam as transgressões, sendo perdoados, os seus pecados sendo escondidos e cobertos, com a expiação feita por Cristo, oferecendo a si mesmo pelos pecados do povo, como a Epístola aos Hebreus consubstanciará esta leitura e exposição.

...Mas, antes de avançarmos, retornarei a Daniel 9.24. Primeiro, por proteger da apostasia, cessar o pecado, e expiá-lo, Polanus corretamente diz que uma parte do benefício vindo de Cristo é representada, a saber, a retirada do mal, e, por trazer a justiça eterna, é representada a outra parte, a qual permanece conectada com o bem. O mal retirado é: (1) Do pecado, quando, através da santificação obtida pelo espírito, o

<sup>7</sup> *Persian Monarchy* (1659), 353-356.



pecado é mortificado e não reina mais em nosso corpo mortal. (2) Da culpa, sendo cancelada a escrita que é contra nós. (3) Da punição, de acordo com a justiça de Deus, por causa dos nossos pecados, seja neste mundo ou no porvir, pois de tudo isso o verdadeiro crente é liberto através do nosso abençoado Salvador e Redentor. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>8</sup>

**AS SEMANAS DE DANIEL.** JOSEPH MEDE: As semanas de Daniel são uma cronologia divina do tempo, durante o qual o culto legal do santuário deveria continuar, quando restaurado depois do cativeiro babilônico. Durante este período, a cidade de Jerusalém também seria habitada, seus muros seriam reconstruídos e umas sessenta e duas semanas depois disso, o Messias, o Redentor, seria ungido. De fato, ele será morto e rejeitado pelos seus. Por isso, quando todas as setenta semanas (o tempo integral) expirar, seu santuário e sua cidade serão novamente destruídos, e sua nação totalmente dissolvida.

Setenta semanas são determinadas, ou distribuídas (Dn 9.24); isto é, a santa cidade será novamente restaurada e setenta semanas de anos são determinadas e limitadas, para a sua continuação e a continuação de seu povo. E, para este fim, a saber, que, durante sua permanência, o Messias, de acordo com a visão e a profecia, venha expiar os pecados e ser ungido em seu reino.

...Aqui, distingo o início dos tempos da santa cidade do início de Jerusalém. Pois a santa cidade é assim chamada porque o templo é sua parte principal. Desse modo, o tempo de sua restituição deve ser computado desde o momento em que o templo foi construído. Mas por Jerusalém são representados (como aparece no próximo verso) os prédios externos e os muros da cidade, que só foram restaurados algum tempo depois que o templo e o santuário tinham sido acabados. AS SEMANAS DE DANIEL.<sup>9</sup>

**CRISTO DARÁ FIM AOS PECADOS.** JOÃO CALVINO: Temos agora uma passagem notável sobre o ofício de Cristo. O anjo prediz aquilo que eles deveriam esperar de Cristo. Antes de tudo, ele anuncia a remissão dos pecados, pois

ênfata isso pela forma da expressão, *para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade* (Dn 9.24). Não nos surpreende ver o anjo usando muitas expressões em uma questão de tal importância. Tal repetição na linguagem nos parece supérflua, mas o conhecimento da salvação está contido aqui. Somos, então, informados sobre como Deus é reconciliado conosco através de perdão gratuito, e esta é a razão pela qual o anjo insiste neste assunto com tantas palavras...

Qual é, então, o significado da expressão, Cristo no seu advento, irá “fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade”? Aqui, como disse, é mostrada uma diferença entre a condição da antiga igreja e a da nova. Os patriarcas, de fato, tinham esperança da remissão de seus pecados, mas sua condição era inferior à nossa em dois aspectos. Os seus ensinamentos não eram tão claros como os nossos, nem as suas promessas eram tão completas e seguras. Nós os superamos também em outro aspecto. Deus nos dá testemunho de que ele é o nosso Pai e, por isso, podemos nos acercar a ele com toda liberdade e destemor; e, para além disso, Cristo já nos reconciliou com o Pai através de seu sangue (Rm 8.15; Gl 4.6). Desse modo, somos superiores a eles não somente em nossa instrução, mas em efeito e completude, já que, hoje, Deus não somente nos promete o perdão de nossos pecados, mas também testifica e afirma sua total extinção, tornando-os abolidos através do sacrifício de Cristo, seu Filho. Esta diferença é abertamente indicada pelo anjo, quando ele diz que *a transgressão cessará, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade* quando Cristo vier. Por isso declaramos anteriormente que uma coisa melhor fora prometida em relação ao que os pais experimentaram antes da manifestação de Cristo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>10</sup>

**RECONCILIANDO A INIQUIDADE.** ANDREW WILLET: O latim vulgar traz *para tirar o pecado*. Também Lyra, Hugo, Pintus, com outros, e, aqui,

<sup>8</sup> *Prophets*, 553-555.

<sup>9</sup> *Daniel's Weeks*, 1-3.

<sup>10</sup> CTS 25:215-216 (CO 19:180-181).

também Pererius, mostram-nos três maneiras como uma coisa pode ser tirada: por lavagem e esfregamento, pela raspagem, como um borrão na escrita, e pela dissipação ou pela dissolução, como quando uma nuvem ou névoa é dispersa. Então, em todas estas três expressões, é dito que o pecado é tirado. Davi diz, no Salmo 51: *Lava-me completamente da minha iniquidade*. Paulo diz que Cristo apagou a escrita de nosso pecado (Cl 2). E em Isaías (Is 44.22), o Senhor diz: *Desfaço as tuas transgressões como a névoa*. Este sentido é verdadeiro, mas não é bem fundamentado, pois a palavra *capfar* significa expiar, reconciliar, e não tirar.

Alguns, por esta expiação e reconciliação, entendem a remoção da culpa do pecado, pelo qual somos feitos culpados de condenação eterna (Polanus). Mas isso parece estar significado antes, na *expiação das iniquidades*, que são a causa de nossa condenação. Por isto, então, é afirmado que Cristo fez a reconciliação pelo pecado, isto é, ele satisfaz na sua morte na cruz o preço de nossos pecados e punição (Bullinger).

Então, por estas três palavras aqui usadas, que são traduzidas por transgressão, pecados e iniquidade, todas as formas de pecados estão implícitas (com exceção somente do pecado contra o Espírito Santo), formas as quais podem ser distinguidas como *iniquidade* contra Deus, *pecados* em nós mesmos e *iniquidade* contra nosso próximo (Hugo). Aqui, este benefício de tirar o pecado é apresentado em três graus: na restrição do ato, no cancelamento da culpa para condenação e na expiação pelo pecado, em sua própria essência. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>11</sup>

**JUSTIÇA ETERNA.** JOÃO CALVINO: *Para trazer a justiça eterna*. Esta justiça depende da expiação, pois como Deus poderia considerar o fiel justo, ou imputar justiça a ele, como Paulo nos informa, a não ser cobrindo e sepultando seus pecados, ou purificando-os no sangue de Cristo (Rm 4.11)? Não seria o próprio Deus apaziguado pelo sacrifício de seu próprio Filho? Estas expressões, então, devem ser unidas, *para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna*. Nenhuma justiça será achada entre os mortais, a não ser

que a obtenham de Cristo; e se usarmos grande acuidade de expressão, a justiça não pode existir em nós a não ser pelo perdão gracioso obtido pelo sacrifício de Cristo. Entretanto, as Escrituras, propositadamente, unem a remissão dos pecados e a justiça, como Paulo também fala: “Cristo foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4.25). A sua morte obteve satisfação para nós, para que não permanecêssemos sempre culpados ou sujeitos à condenação da morte eterna, e, então, pela sua ressurreição, ele obteve para nós justiça e adquiriu a vida eterna.

A razão pela qual o profeta trata a justiça como perpétua ou “eterna” é esta: os pais, sob a lei, eram compelidos a agradar a Deus através de sacrifícios diários. Não haveria necessidade de repetidos sacrifícios, como o apóstolo nos admoesta, se houvesse alguma virtude inerente em um único deles, para apaziguar o Todo-poderoso (Hb 10.1). Mas já que todos os rituais da lei apontavam para o mesmo propósito, o de prefigurar Cristo como a única vítima perpétua para reconciliar o povo com Deus, sacrifícios diários deveriam ser necessariamente oferecidos; como dissemos anteriormente, estes sacrifícios eram plenamente insuficientes para obter justiça. Por isso, somente Cristo nos trouxe a justiça eterna – somente a sua morte foi suficiente para expiar todas as transgressões. Pois Cristo sofreu não somente para fazer satisfação pelos nossos pecados, mas coloca diante de nós a sua própria morte, com a qual devemos concordar. Por isso, esta justiça eterna depende dos efeitos duradouros da morte de Cristo, já que o sangue de Cristo fluiu diante de Deus, por assim dizer, e, enquanto nós somos diariamente purificados de nossa contaminação, Deus também é apaziguado diariamente. Observamos, então, como a justiça não foi completamente revelada sob a lei, mas agora é apresentada diante de nós, sob o evangelho. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>12</sup>

**A JUSTIÇA DE CRISTO.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Quem será dado aos judeus para

<sup>11</sup> *Sixfold Cometary* (1610), 287.

<sup>12</sup> CTS 25:216-217 (CO 19:181-182).

apagar os pecados, trazer justiça e cumprir as profecias? Quem será ungido pelo Espírito Santo, que é o verdadeiro tabernáculo de Deus, a não ser Cristo? A seu respeito, Isaías diz: “Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is 53.5). João testifica: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29). E, em Romanos, temos: “...o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4.25). Em Hebreus: “Agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado” (Hb 9.26). E, de fato, Cristo obteve para nós estas boas coisas, isto é, a destruição do pecado, a graça, o dom da justiça, porque ele mesmo se fez nossa justiça. De tais boas coisas, somos feitos partícipes pela regeneração, transmitida pelo Espírito da justiça. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>13</sup>**

**A JUSTIÇA ATRAVÉS DE CRISTO.** HEINRICH BULLINGER: Obtemos a justiça através de Cristo, ou somos justificados através de Cristo. Não é o suficiente ser limpo diante de Deus, sem também ser justo, ou ser vestido em justiça diante dele. Não existe uma pessoa viva na terra que seja justa diante de Deus. Todos nós somos pecadores e carecemos da glória de Deus. Todavia, somos justificados graciosamente, como o apóstolo fala, pela fé em Cristo, sem as obras da lei (Gl 2.16). Desse modo, Daniel, falando sobre esta justiça, diz que “uma justiça eterna será trazida”. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>14</sup>

**A JUSTIÇA ETERNA E A NOSSA JUSTIFICAÇÃO.** JOHN MAYER: A boa analogia é a justiça eterna, a qual é não somente a da santificação, porque isso é apenas uma parte, mas a justiça pela qual o crente permanece justo, e assim, permanecerá para sempre. Esta é a perfeita justiça em todas as suas formas, que é requerida pela lei. Em ninguém, esta justiça é encontrada, senão somente em Cristo, que veio não para suprimir a lei, mas para cumpri-la. Não obstante, esta

justiça se torna nossa pela fé, por meio da imputação, pela qual somos aceitos diante de Deus como perfeitamente justos, como se tivéssemos, em tudo, durante todos os dias de nossa vida cumprido toda justiça.

Pergunta: Se é assim, se Cristo, ao cumprir a lei, em todas as coisas, trouxe a justiça eterna, como foi dito, que necessidade haveria de que ele morresse para nossa justificação e salvação? Resposta: Era necessário, para nós, que Cristo sofresse a morte por nós, pecadores, para que pudéssemos ser libertos da morte eterna e para que, pelo cumprimento de toda a justiça, ele fizesse uma compensação pela nossa injustiça; pois os preceitos da lei não podem ser satisfeitos embora sejam cumpridos, e a condenação imposta pela lei para as transgressões não pode ser satisfeita a não ser que se morra por elas e se suporte a punição a elas devida. Assim, Cristo, ao receber a punição que nos era devida, e pela sua obediência, cobriu e aboliu a nossa desobediência. Desse modo, Justino, o Mártir, ensinou no passado, dizendo: “Assim como Adão submeteu todas as pessoas à morte ao pecar e fez que toda a nossa natureza pecasse, assim também Cristo revogou e aboliu tudo isto, ao viver uma vida livre de todos os pecados, e sofrendo a morte pelos nossos pecados.” De fato, no sofrimento, ele cumpriu toda a justiça, e continuou em tal justiça por toda a sua vida. Na sua morte, sua obediência foi perfeita, e o maior amor possível foi demonstrado.

Se for dito que, quando Deus deu a Adão um mandamento para ser cumprido no início e anexou uma penalidade no caso de este mandamento ser quebrado, não podemos conceber que qualquer outra tenha sido a intenção de Deus, senão que ele cumprisse o mandamento ou morresse. Desse modo, Cristo, tendo cumprido o mandamento em tudo, não teria a necessidade, para justiça, de sofrer a morte também. Solução: É verdade, se Adão tivesse obedecido àquele mandamento, e nunca o tivesse violado, a ele não poderia ter sido requerido que sofresse a punição da morte. Mas ele transgrediu, e nós nele, e, desse modo, ambas as punições devem

<sup>13</sup> *In Danieleum Prophetam libri duo* (1553), 120.

<sup>14</sup> *Daniel Sapientissimus*, 100.

ser sofridas, e Cristo, que veio como o segundo Adão, deve obedecer e perseverar em obediência também até o fim, para que, através dele, ficando no lugar de Adão e de sua posteridade pecaminosa, a justiça perfeita possa ser de novo trazida, e nós, libertos da iniquidade de Adão para sempre.

Se for dito que, como a perfeita obediência de Cristo é nossa, nós não precisamos viver em obediência às leis de Deus, mas de acordo com nossos desejos, eu respondo desse modo: ele obedeceu não somente para fazer uma compensação pela nossa desobediência, mas também para nos dar um exemplo, como ele diz: “Aprende de mim...”, e, assim, a desobediência e frouxidão da vida em nós são incompatíveis com a fé nele. Aliás, como podem ser considerados crentes em Cristo aqueles que não o seguem, mas se afastam dele e seguem seu inimigo, o diabo, o mundo e a carne? COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>15</sup>

**A PERFEITA JUSTIÇA DE CRISTO.** ANDREW WILLET: Necessariamente, segue-se que, se Cristo obteve, adquiriu e pagou para nós uma perfeita e absoluta redenção, ele nos livrou de toda nossa dívida, não somente ao satisfazer a punição da lei, mas ao imputar a nós a sua inocência e obediência. Isto foi feito por estas razões:

1. Cristo tem mais poder para nos transmitir sua inocência do que Adão teve para nos comunicar a culpa de seu pecado e desobediência. Então, se por Adão o pecado foi propagado e a morte entrou através do pecado (Rm 5.12), é necessário não apenas que recebamos de Cristo a isenção da morte por meio de sua morte, mas que também sejamos revestidos com a sua justiça.

2. Nós não podemos resistir ao juízo perante Deus, a não ser que sejamos dotados de perfeita justiça. Ora, a perfeita justiça é aquela pela qual os mandamentos de Deus são perfeitamente cumpridos, o que foi realizado não somente pelo ato da morte de Cristo, mas pela perfeita inocência e santidade de toda a sua vida. Desse modo, a total obediência de Cristo deve ser imputada e comunicada a nós.

3. Cristo nos livrou de toda a nossa dívida. Agora, somos devedores não somente com

respeito à punição da lei, a qual, pela nossa desobediência, merecemos, mas a lei também exige de nós perfeita obediência e integridade em relação ao pecado. Em ambos os aspectos, então, necessitamos de Cristo.

4. O apóstolo diz diretamente que *o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê* (Rm 10.4). Isto é, pela fé, a justiça de Cristo, ao cumprir a lei, é imputada a nós de maneira plena e ampla, como se nós mesmos tivéssemos cumprido a lei.

5. Se Cristo não tivesse cumprido a lei para nós, segue-se que a lei permaneceria ainda por ser cumprida por nós, o que é impossível. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>16</sup>

## 9.25 O Ungido, o Príncipe

**OS NOMES DE CRISTO.** JOSEPH MEDE: *Até ao Ungido, ao Príncipe* (Dn 9.25), isto é, a *Christos Basileus* (Lc 23.2; Mc 15.32) ou *Christos Kyrios*, como o anjo o chama (Lc 2.11). Não há exposição nem interpretação de qualquer passagem nesta profecia que possa parecer tão rigorosa, mas eu me contento em admitir isso, ao invés de admitir que, por UNGIDO, o PRÍNCIPE, aqui, se faça referência a qualquer outro a não ser a Cristo, nosso Senhor e Redentor. Estou persuadido de que a igreja de Israel no evangelho (e os apóstolos se basearam nela) não havia outro lugar nas Escrituras de onde eles pudessem atribuir o nome de Cristo e Messias a Jesus, a não ser nesta passagem em Daniel, pois não há nenhuma outra profecia, em todo o Antigo Testamento, a não ser esta, onde este nome seja diretamente dado a ele, mas somente por meio de tipos. AS SEMANAS DE DANIEL.<sup>17</sup>

**O MESSIAS SERÁ MORTO.** JOÃO CALVINO: O anjo aqui assegura que Cristo morrerá, e ao mesmo tempo, especifica o tipo de morte, ao dizer *e já não estará*. Esta pequena cláusula, pode ser interpretada de várias maneiras, mas não hesito em afirmar que o anjo queria dizer isto: Cristo morrerá e será totalmente reduzido a nada.

<sup>15</sup> *Prophets*, 555-556.

<sup>16</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 288.

<sup>17</sup> *Daniel's Weeks*, 11.

Alguns explicam deste jeito: a cidade ou o povo será como nada para ele, significando que ele se separará de seu povo e sua adoção cessará, já que sabemos que os judeus caíram da verdadeira piedade por sua perfídia, ficando, assim, inteiramente alienados de Deus e perdendo o nome de igreja. Mas tal interpretação é forçada. Outros pensam que isso significa que não será nem hostil nem favorável; e ainda outros, que nada permanecerá para ele no sentido de que ele será destituído de toda ajuda; mas todos estes comentários me parecem muito indiferentes. O sentido genuíno, não tenho dúvida, é o seguinte: a morte de Cristo não terá nenhum atrativo ou beleza, como Isaías nos diz (Is 53.2). Na verdade, o anjo nos informa do caráter ignominioso da morte de Cristo, como se ele desaparecesse da vista do povo por falta de graça. Nada, portanto, restará para ele, diz o anjo, e a razão óbvia é, porque as pessoas pensarão que ele foi completamente anulado. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>18</sup>

### 9.26-27 A abominação da desolação.

**O TEMPLO E A ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO.** JOHN MAYER: Jerusalém era então tão cheia de pecados abomináveis, como Josefo diz, que, se os romanos não tivessem vindo para destruir os habitantes e a cidade, bem se poderia esperar que Deus fizesse chover fogo e enxofre para consumi-los, como fez com Sodoma.

...Destas palavras, o significado é que, para os judeus, os pecados abomináveis que universalmente corrompiam toda a terra, a cidade e o templo deveriam ser arruinados. A situação continuará assim depois da desolação, para a qual ela seria trazida para sempre, a desolação sendo, assim, acrescentada à desolação. Desse modo, se alguém cogita sobre a reconstrução de Jerusalém novamente, depois da conversão dos judeus, tais pessoas estão, por isso, manifestadamente afirmando contra nós, sendo contrárias à verdade. Pois embora o Senhor diga que *sua habitação será deixada desolada, até que se diga: Bem-aventurado o que vem em nome do Senhor...* não se pode inferir que Jerusalém e o templo feito de madeira e pedra serão construídos de novo

ali, mas sim uma igreja gloriosa naquela terra deve ser espiritualmente entendida.

E enquanto muitos rabinos dos judeus colorem vendas em seus olhos para não verem o verdadeiro significado desta passagem, desviando-se para outras interpretações, nenhum deles pode negar que o tempo aqui determinado já tenha passado há muito, desde a destruição de Jerusalém pelos romanos. Consequentemente, o Messias não pode estar por vir, como eles esperam, mas já veio, e foi louvado pelos anjos de Deus, e um poder onipotente foi mostrado nele. Dessa forma, nada, a não ser um julgamento espiritual em suas almas, pelo qual eles veem e não percebem, os impede de ver e crer hoje. Quando este julgamento for retirado, eles verão, e contemplarão aquele que foi traspassado por eles e prantearão. Até lá, todavia, apesar da maior evidência da razão, vinda de seus próprios profetas, eles não poderão fazê-lo.

Portanto, oremos ao Senhor para que se apresse em retirar o véu que os cega e em dar a eles uma visão do Cristo, para o qual se apontava continuamente em todos os sacrifícios, para que vendo toda a sua glória e seu amor incomparável, derretam-se em lágrimas por sua tão longa e continuada obstinação e sejam salvos. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>19</sup>

### QUEM É AQUELE QUE FAZ A DESOLAÇÃO?

JOSEPH MEDE: Mas quem é este desolador, ou fazedor de desolações, que deve comandar esta asa de abominação e trazer estes gentios contra a cidade santa? As palavras, no original, permanecem indiferentes, podendo ser aplicadas a um general romano, ou ao Messias. Mas eu não poderia tratá-las de modo tão indiferente, pois se eu as traduzir: *Na metade da semana, o desolador fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, ou sobre uma asa de abominações estará aquele que causa desolação*, este assolador pode, então, parecer não ser então o Messias, mas outra pessoa, isto é, um general romano. Mas traduza-os como eu: *E fazendo desolação, ou sendo um desolador, ele fará cessar*

<sup>18</sup> CTS 25:221 (CO 19:185).

<sup>19</sup> *Prophets*, 558-559.

*o sacrificio e a oferta e [comandando] a asa das abominações, será um desolador.* Assim, as palavras fazem referência ao Messias, o Príncipe, que é a pessoa mencionada nas palavras imediatamente anteriores: *Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana.* Eu me inclino mais para isto, de modo que a pessoa mencionada seja a mesma, do começo ao fim. Uma razão a mais aparece para acrescentar que este desolador comandará um exército de abominações. Pois se somente um general estrangeiro fosse entendido aqui, qual seria a necessidade de se ter este acréscimo? Que outro exército poderia tal pessoa liderar, senão os gentios? Mas que o próprio

Messias comande um exército de idólatras é algo que precisa de uma notificação especial.

Certamente, o exército romano, embora fosse um exército de abominações, estava a serviço do exército do Messias. Assim nos diz a parábola relativa a esta profecia (Mt 22.7) quando o rei ouviu com que crueldade eles trataram os mensageiros que a eles foram enviados para avisá-los de que a festa de casamento para a qual eles tinham sido convidados, estava pronta, sua reação foi: *“O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade”*. AS SEMANAS DE DANIEL.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> *Daniel's Weeks*, 44-45.

## 10.1-21 A TERRORIZANTE VISÃO QUE DANIEL TEVE DE UM HOMEM

<sup>1</sup> No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel, cujo nome é Beltessazar; a palavra era verdadeira e envolvia grande conflito; ele entendeu a palavra e teve a inteligência da visão. <sup>2</sup> Naqueles dias, eu, Daniel, pranteei durante três semanas. <sup>3</sup> Manjar desejável não comi, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com óleo algum, até que passaram as três semanas inteiras. <sup>4</sup> No dia vinte e quatro do primeiro mês, estando eu à borda do grande rio Tigre, <sup>5</sup> levantei os olhos e olhei, e eis um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de ouro puro de Ufaz; <sup>6</sup> o seu corpo era como o berilo, o seu rosto, como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como o estrondo de muita gente. <sup>7</sup> Só eu, Daniel, tive aquela visão; os homens que estavam comigo nada viram; não obstante, caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam. <sup>8</sup> Fiquei, pois, eu só e contemplei esta grande visão, e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma. <sup>9</sup> Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo-a, caí sem sentidos, rosto em terra. <sup>10</sup> Eis que certa mão me tocou, sacudiu-me e me pôs sobre os meus joelhos e as palmas das minhas mãos. <sup>11</sup> Ele me disse: Daniel, homem muito amado, está atento às palavras que te vou dizer; levanta-te sobre os pés, porque eis que te sou enviado. Ao falar ele comigo esta palavra, eu me pus em pé, tremendo. <sup>12</sup> Então, me disse: Não temas, Daniel, porque, desde o primeiro dia em que aplicaste o coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e, por causa das tuas palavras, é que eu vim. <sup>13</sup> Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia. <sup>14</sup> Agora, vim para fazer-te entender o que há de suceder ao teu povo nos últimos dias; porque a visão se refere a dias ainda distantes. <sup>15</sup> Ao falar ele comigo estas palavras, dirigi o olhar para a terra e calei. <sup>16</sup> E eis que uma como semelhança dos filhos dos homens me tocou os lábios; então, passei a falar e disse àquele que estava diante de mim: meu senhor, por causa da visão me sobrevieram dores, e não me ficou força alguma. <sup>17</sup> Como, pois, pode o servo do meu senhor falar com o meu senhor? Porque, quanto a mim, não me resta já força alguma, nem fôlego ficou em mim. <sup>18</sup> Então, me tornou a tocar aquele semelhante a um homem e me fortaleceu; <sup>19</sup> e disse: Não temas, homem muito amado! Paz seja contigo! Sê forte, sê forte. Ao falar ele comigo, fiquei fortalecido e disse: fala, meu senhor, pois me fortaleceste. <sup>20</sup> E ele disse: Sabes por que eu vim a ti? Eu tornarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia. <sup>21</sup> Mas eu te declararei o que está expresso na escritura da verdade, e ninguém há que esteja ao meu lado contra aqueles, a não ser Miguel, vosso príncipe.

**VISÃO GERAL:** Segue-se uma visão tão aterradora que Daniel perde as suas forças e seu fôlego. A visão está relacionada ao que segue no resto do livro. Nossos comentaristas começam por enfatizar a verdade da profecia e, então, dirigem sua atenção para o pranto de Daniel e seu jejum. Alguns comentários são feitos aqui a respeito do uso próprio do jejum para os cristãos.

Somente Daniel tem esta visão. Seus companheiros, tomados de pavor, fogem. Não há um consenso sobre a identidade do homem ves-

tido de linho. Alguns veem este homem como sendo um anjo, outros, como Palmoni (Dn 8.13), que é Cristo, o Filho de Deus. De longe, a questão mais importante para os nossos comentaristas é a identidade de Miguel. Embora alguns comentaristas sejam mais reservados em seu julgamento sobre esta questão, a maioria reconhece Miguel como sendo o Filho de Deus. A opinião da minoria entende ser Miguel um anjo. Menos clareza ainda é encontrada sobre a identidade daquele com a aparência de homem.

Alguns entendem ser Cristo; outros sugerem que poderia ser um anjo, ou o Filho de Deus ou Miguel. Finalmente, comenta-se sobre anjos bons e maus.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JOÃO CALVINO: Daniel agora introduz o décimo capítulo como um prefácio ao décimo primeiro e ao décimo segundo capítulos. Ele relata a maneira pela qual fora afetado quando a última visão foi apresentada a ele. Isto ele brevemente explica como se referindo aos eventos prestes a ocorrer até o advento de Cristo; e, então, ele o estende até o dia final da ressurreição. Deus já havia predito ao seu profeta a futura condição da igreja, desde o seu retorno da Babilônia até o advento de Cristo, mas, no décimo primeiro capítulo, ele, mais distinta e claramente, aponta com o dedo para cada evento, como perceberemos ao continuarmos com nosso comentário. Neste capítulo, Daniel nos assegura que as profecias que está prestes a discutir são merecedoras de mais do que uma atenção normal; quando o anjo apareceu, ele foi imediatamente afetado com tristeza e pesar; então ele ficou, por um momento, perplexo e, logo a seguir, perturbado pelo instinto secreto do Espírito, ele cai como se fosse um homem morto, até ser restaurado de novo e de novo, pelo anjo de Deus. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>1</sup>

### 10.1 O nome de Daniel e a verdadeira profecia

**DANIEL, QUE É BELTESSAZAR.** JOÃO CALVINO: Os intérpretes, de novo, procuram a razão pela qual ele menciona o seu próprio nome como Beltessazar; alguns pensam que ele celebra alguma honra à qual foi elevado; outros o interpretam como elogiando a superioridade de suas habilidades, como está implícito no nome – descido do céu; enquanto outros trazem à luz várias conjecturas. Não hesito em dizer que a vontade de Daniel era de erigir um ilustre monumento à sua vocação entre os medos, persas e caldeus. Ali, muito provavelmente, ele era usualmente chamado de Beltessazar, e o nome Daniel foi quase totalmente relegado ao esquecimento.

Então, ele desejou testificar não ser um estranho ao povo de Deus, embora tivesse recebido um nome estrangeiro que lhe foi imposto, pois já vimos a impossibilidade de tal fato ter sido evitado. Desse modo, penso que o profeta não tinha nenhuma outra intenção a não ser dar a sua profecia notoriedade em todas as regiões nas quais ele era bem conhecido com o nome de Beltessazar. Além disso, ele desejou testificar aos seus compatriotas o fato de que ele não estava inteiramente cortado da igreja por ser chamado de Beltessazar pelos caldeus, pois ele era sempre o mesmo e, embora estivesse banido de seu país, foi dotado com o Espírito de profecia, como vimos anteriormente. Como o nome Daniel era quase desconhecido na Caldeia, ele desejou tornar conhecida a existência de ambos os seus nomes. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>2</sup>

**A VERDADEIRA E A FALSA PROFECIA.** ANDREW WILLET: *Foi revelada uma palavra a Daniel* (Dn 10.1). Com o fim de mostrar que esta era uma verdadeira profecia, Daniel é chamado por seu nome original e por aquele que lhe foi dado na Caldeia, a saber, Beltessazar, a quem o Senhor mostrara muitas visões antes. Portanto, antes de recebermos qualquer profecia, temos de reconhecer que quem as dá são profetas, que são os ministros que o Senhor usa para se revelar. Desse modo, Hananias, que profetizou que o Senhor quebraria o jugo do rei da Babilônia (Jr 28), não foi ouvido porque o Senhor não falava por ele. Assim eram as revelações, as quais, em tempos passados, Montano e Priscila simularam, e também os entusiastas e anabatistas daqueles dias, que não devem receber crédito porque não são conhecidos como profetas. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.**<sup>3</sup>

<sup>1</sup> CTS 25:231 (CO 19:191).

<sup>2</sup> CTS 25:232 (CO 19:192).

<sup>3</sup> *Sixfold Commentary*: (1610), 439. Montanus e Priscila eram considerados os heresiarcas do movimento do século 2º identificado como Montanismo. Uma característica deste movimento, mencionada aqui por Willet, era a ênfase na continuidade do trabalho profético do Espírito Santo, através de figuras como Montanus e a profetisa Priscila.



**A VERDADEIRA PALAVRA DE PROFECIA.**

JOHANN WIGAND: O hebraico pode ser entendido como “a palavra era verdadeira” ou “a verdade da palavra”. Isto se relaciona ao nosso entendimento, pois ele claramente afirma que esta visão não era um tipo de ilusão, nem um sonho incerto, mas a verdade profética revelada do céu... Deus, algumas vezes, revela sua palavra indiretamente, através de anjos ou pessoas e, algumas vezes, imediatamente. Ora, quando somos confrontados com tribulações e sofrimentos, recorramos à palavra revelada, e não busquemos visões particulares. De fato, são reveladas todas as coisas que acontecerão antes do final dos tempos. Desse modo, obtenhamos consolação da sólida palavra de Deus e entreguemos todas as outras coisas à onipotência e à misericórdia de dele.

Deus não debocha de nós, confundindo-nos com palavras, como os oráculos de Delfos... mas revela aquilo que é certo, verdadeiro e eficaz, o que os crentes compreendem bem. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>4</sup>

**DANIEL ENTENDEU A VISÃO. JOÃO CALVINO:**

*Ele entendeu a palavra; através desta afirmação, Daniel confirma a profecia que está prestes a explicar, assegurando-nos de que não está preferindo algo perplexo ou obscuro. Ele também induz todos os piedosos a esperarem pelo exercício do mesmo entendimento que ele tinha alcançado; como se tivesse dito: “Eu sei o que Deus desejou; ele explicou para mim, através de seu anjo, vários eventos que eu, agora, vou apresentar em sua própria ordem; que todos examinem estas profecias atenta e reverentemente e que Deus conceda a cada um o mesmo dom de entendimento e o leve a um conhecimento certo.”* A informação transmitida pelo profeta pertence a todos os piedosos, para evitar que se desesperem ou se tornem preguiçosos. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>5</sup>

**10.2-3 Pranto e jejum****O PRANTO DE DANIEL. FILIPE MELANCHTHON:**

A revelação que é descrita no capítulo acima aconteceu no primeiro ano de Ciro, através do

qual um decreto para a restituição de Jerusalém foi emitido em algum ponto depois desta revelação. Alguns dos judeus começaram a retornar e a construir a cidade, e todos estavam cheios de felicidade, alegria e esperança. Os piedosos agradeceram a Deus porque as antigas residências, o templo e o culto da igreja tinham sido restabelecidos; eles celebraram a profecia de Jeremias e deram glórias a Deus, que, pela voz de Jeremias, milagrosamente protegeu um remanescente do povo. Para o povo mais jovem, foi agradável ver a casa de seus antepassados, ter o templo e o culto divino restaurados, apreciar a liberdade e uma piedosa devoção. Eles reconheceram que o seu exílio fora proveitoso para a propagação da doutrina. Eles consideraram Ciro, e muitos outros, convertidos à verdadeira piedade e se regozijaram por terem o apoio do rei, o qual, pela sua virtude e por seu governo, excedeu a todos os outros reis. Aquelas alegrias suavizaram o exílio para o idoso Daniel, que tinha estado longe de sua terra por oitenta e seis anos.

...Tais alegrias foram seguidas, três anos depois, de grande tristeza. Ciro dividiu o seu reino e proibiu, através de um novo decreto, a construção do templo. Em algum momento depois disso, Ciro foi morto. Na corte real, uma reversão de fatos aconteceu: o piedoso homem que tinha sido muito honrado durante o reinado de Ciro foi excluído, tratado com ódio e oprimido. As superstições dos gentios foram restabelecidas. Governantes pagãos, inimigos da verdadeira doutrina, foram chamados à corte. Esta era a razão pela qual Daniel estava entristecido. Ninguém é capaz de expressar isto suficientemente: ele se afligiu pela morte de seu amigo, o rei; ele se afligiu pelo desrespeito ao nome de Deus... Portanto, a nova visão mostrada agora a Daniel não somente confirmou a ele e aos outros crentes neste perigo presente, mas também mostrou à sua posteridade a particular troca de governantes e as suas calamidades, que ameaçavam os judeus. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 366-367.

<sup>5</sup> CTS 25:233-234 (CO 19:193).

<sup>6</sup> *In Danielem Prophetam* (1543), 211-214.

**A IDADE DE DANIEL E SUA LAMENTAÇÃO.**

JOHN MAYER: Aqui se segue a terceira visão de Daniel, no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, quando ele era muito idoso, pois ele foi levado ao exílio na Babilônia no terceiro ano do rei Jeoaquim, rei de Judá, do qual, até o fim de seu reinado, foram oito anos. Deste ponto até o cativo, no décimo primeiro ano de Zedequias, são dezenove.

A isto acrescenta os setenta anos do cativo babilônico e chegaremos a oitenta e nove anos. Um ano de Dario e dois anos de Ciro fazem noventa e dois. A isto, acrescenta a idade com a qual foi ele levado ao cativo (sete ou oito anos). Somando-se tudo, temos cento e poucos anos. Mesmo sendo de idade tão avançada, Daniel, vivendo em grande honra e estima e, sem dúvida, sendo abundante em todos os confortos desta vida pela sua alta posição, na qual foi colocado pelo rei Dario (Dn 6), dedicou a mente a entender as coisas místicas de Deus. Sabendo que muito tinha sido revelado a ele para que obtivesse maior entendimento das coisas de Deus, se afastou das delícias desta vida, dos vinhos agradáveis e da comida delicada e pranteou por três semanas inteiras.

Deste fato, note que aquele que é iluminado no conhecimento das coisas místicas de Deus não se satisfaz com aquilo que alcançou, mas sinceramente deseja ser cheio de mais conhecimento. Tão doce era para Daniel aquilo que já possuía, assim como para o próprio Davi, para quem a palavra de Deus era mais doce que o mel. Isto se opõe a todos aqueles que não se importam com tal conhecimento, ou, se se importam, não demonstram nenhum desejo ardente por ele. Isto verdadeiramente mostra que tais não têm entendimento divino até este momento. Certamente, tão logo este entendimento entra na mente, há um desejo, alimentado por todos os meios, de conhecer mais e mais.

Novamente, para obter conhecimento espiritual não se pode ser condescendente com a carne, mas deve-se abster das coisas relacionadas a ela. E porque não se pode duvidar que Daniel acrescentou à sua abstinência oração assídua, pois ele assim fez em Daniel 9, devemos a todo tempo, quando procuramos fazer crescer

esse conhecimento, cultivar do mesmo modo a oração. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>7</sup>

**DANIEL LAMENTA.** GIOVANNI DIODATI: [*não comi*] A saber, eu me absteve de todas as comidas nas quais alguém possa se regozijar, seja com respeito à qualidade da comida ou ao acompanhamento que elas tinham, ou a algum prazer que pudesse ter nelas. Eu jejei com pão e água, o que é chamado, nas Escrituras, de viver com o pão da aflição e a água da tristeza. [*Ungi*] pois, em tempos de alegria, as pessoas ungiam seu rosto com óleos aromáticos, quando iam para a mesa. Ao contrário, em tempos de lamentação, elas se abstinham disso (Ec 9.8; Mt 6.17). ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>8</sup>

**O JEJUM DE DANIEL.** JOÃO CALVINO: Agora Daniel declara que não tinha provado pão delicado, isto é, feito com farinha fina, e não tinha provado vinho ou carne, durante o tempo em que a construção do templo estava sendo impedida. Devemos observar isso diligentemente, pois muitos celebram o jejum como se fosse a parte principal da adoração a Deus. Acham que ele é um ato de obediência peculiarmente agradável a Deus. Mas isso é um erro crasso, pois o jejum em si deve ser tratado como uma matéria não importante e indiferente. Ele não merece nenhum elogio, a não ser em referência ao seu objeto. Ora, os objetos do jejum são vários; o principal deles é permitir que o fiel, suplicantemente, procure abrandar a ira de Deus com o solene testemunho de seu arrependimento e estimular uns aos outros a maior fervor em suas orações. Orações comuns, diárias, não requerem jejum; mas quando alguma grande necessidade aparece, este exercício é acrescentado como um meio de ajuda, para aumentar o fervor, e o estado de alerta de nossa mente, ao derrarmos as nossas orações. Por esta razão, as Escrituras comumente associam o jejum com tristeza, e Daniel, aqui, segue esta prática usual. Percebemos, então, sua razão para rejeitar as delícias em comidas e bebidas, pelo seu desejo de evitar totalmente

<sup>7</sup> *Prophets*, 559.

<sup>8</sup> *Pious annotations* (1651), 10.3.

qualquer impedimento e se tornar mais atento em suas orações.

Eu agora toco, brevemente, na questão do jejum, porque não posso me deter em passagens casuais como esta. Devemos notar, todavia, quão tola e absurdamente o jejum é observado nestes dias entre os romanistas, que pensam ter cumprido as suas obrigações, ao comerem somente uma vez no dia e se absterem de carne. A regra do jejum entre os romanistas é evitar carne e não participar da ceia ou do jantar. Mas o verdadeiro jejum requer algo muito diferente disso, a saber, total abstinência de todas as iguarias, pois Daniel estende o seu jejum até mesmo ao pão. Ele diz que se absteve de vinho, significando que se absteve de todo vinho. Então, no tocante à palavra *carne*, ele não se restringe à carne de boi, bezeros, cordeiros, frango ou pássaros em geral, mas toda comida, exceto pão, está incluída sob a palavra *carne*. Pois Daniel não brincou com Deus, como os romanistas fazem. Se alimentam, sem nenhum escrúpulo religioso, com as melhores e mais finas provisões, contanto que evitem a carne. Isto aparece mais claramente na afirmação que ele não comeu pão agradável, isto é, pão feito de farinha fina, ou do melhor do trigo. Ele se contentou com pão puro para suprir suas necessidades. Isso prova a superstição daqueles que distinguem entre carne, ovos e peixes.

Ora, o jejum consiste disto – a imposição de um freio na avidez das pessoas, comendo somente de vez em quando e moderadamente, ou se contentando com pão preto e água. Agora entendemos como jejum nesta passagem, e em outras similares, não é parte daquela temperança que Deus nos recomenda para todo o curso de nossas vidas. O fiel tem de ser habitualmente moderado e, pela frugalidade, deve observar um jejum contínuo; ele não deve se deleitar em comer e beber sem moderação e em hábitos luxuriosos, para que não debilite a sua mente e enfraqueça o corpo com tais prazeres. Como uma marca de lamentação e um exercício de humildade, o fiel pode impor a si mesmo a lei de jejuar além de seus hábitos normais de sobriedade quando sentir algum sinal da ira de Deus e desejar se estimular a uma oração fervorosa, de

acordo com as nossas afirmações anteriores, e se confessar, perante todo mundo, como culpado ante o tribunal de Deus. Tal era a intenção de Daniel, ao não se permitir provar de pães deliciosos, ou tomar vinho, ou comer carne. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>9</sup>

**DANIEL JEJUA.** ANDREW WILLET: *Manjar desejável não comi*. A intenção de Daniel, ao jejuar, foi a de se humilhar; no entanto, ele não ficou somente na abstenção de carne, mas também se absteve de vinho, e, com certeza, também de pães finos e outras iguarias e conveniências, como a de se ungir com óleo. Por meio disso, são reprovadas as agradáveis superstições ou os refinamentos supersticiosos daqueles que se abstêm de comer carne nos seus jejuns, muito embora encham a barriga com outros alimentos delicados, como saborosos peixes e suas curiosas preparações. Daniel, aqui, contenta-se com pão comum e água (Calvino). Daniel não jejuava com a intenção de merecer ou obter qualquer coisa da mão de Deus, mas somente para estar ainda mais humilhado e, desse modo, tornar suas orações mais fervorosas e efetivas (Osiander). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>10</sup>

#### 10.4-12 A visão de Daniel.

**SOMENTE DANIEL VIU.** JOHANN WIGAND: Esta visão foi oferecida somente a Daniel, pois, no início, quando seus amigos se deparam com o esplendor do anjo, eles são tomados de medo e fobem. Daniel não poderia ter suportado a presença gloriosa do anjo, a não ser que tivesse sido divinamente despertado e fortalecido. A mesma experiência aconteceu com Paulo, em sua conversão. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>11</sup>

**O MODO DA VISÃO DE DANIEL.** JOÃO CALVINO: Daniel começa agora a relatar a maneira na qual a visão foi oferecida a ele. Daniel diz que, quando esteve na margem do rio, um ho-

<sup>9</sup> CTS 25:237-238 (CO 19:195-196).

<sup>10</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 390.

<sup>11</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 370.

mem apareceu a ele, alguém diferente das pessoas comuns. Ele o chama de homem. mas o mostra como sendo dotado, ou adornado. com atributos que inspiram total confiança em sua glória celestial. Outras vezes temos afirmado como os anjos são chamados de homens toda a vez que Deus desejou que eles assumissem esta forma exterior. O nome de homem é, assim, usado metaforicamente toda vez que eles assumiram a forma que fora ordenada por Deus. e agora Daniel fala da maneira com a qual está acostumado. Entretanto, alguns absurdamente imaginam terem os anjos sido realmente homens. já que assumiram esta aparência e foram revestidos de um corpo humano. Não devemos acreditar que eles sejam realmente homens por terem aparecidos com forma humana. Cristo, com certeza, era realmente humano. em consequência de ter nascido da semente de Abraão. Davi e Adão. Mas, no tocante aos anjos. Deus os veste de corpos por um dia somente. ou por um breve período para um propósito distinto. ou uso especial. Portanto, demonstro o erro grosseiro daqueles que supõem que os anjos se tornam homens sempre que são corporalmente visíveis em forma humana. Ainda assim, eles podem ser chamados de homens, porque as Escrituras se acomodam aos nossos sentidos, como sabemos suficientemente bem. Daniel, desse modo, diz que viu um homem e, depois, o distingue da raça humana e mostra marcas notáveis e fixas inscritas nele, o que mostra ser ele um anjo enviado dos céus, e não meramente um mortal terreno. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>12</sup>

**DANIEL VÊ CRISTO.** JOHN MAYER: *Levantei os olhos e olhei, e eis um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de ouro puro de Ufaz; o seu corpo era como o berilo, o seu rosto, como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo.* Este homem, de acordo com Lyra, era um anjo, mas Polanus o reconhece como o mesmo que apareceu anteriormente a Daniel (Dn 8.13), que é chamado de *Palmoni, o revelador de segredos*, o que ele prova recorrendo a Daniel 12.7, onde um anjo inquire deste homem, quanto tempo mais deverá passar até o fim destes prodígios, e ele afirma, com jura-

mento, que seria um tempo e tempos e metade de um tempo, o que implica que este homem era tão grande em entendimento que os anjos recebiam dele entendimento e iluminação, como uma fonte de conhecimento; lemos, também, sobre a aparição semelhante, que ninguém duvida ser Cristo. Ele tinha um vestido de linho, para mostrar seu ofício sacerdotal, porque os sacerdotes usavam vestidos de linho; *cingido de ouro puro de Ufaz*, para mostrar, pelo cinturão, sua prontidão, como um servo, para fazer a vontade do Pai, pois os bons servos são conhecidos por terem seus lombos cingidos e suas lâmpadas acesas; pelo ouro depurado de que era feito, mostram-se sua pureza, estabilidade, quando purificado pelo fogo, e sua virtude medicinal, que estava nele para curar os doentes. O seu corpo, como berilo, isto é, da cor do céu, demonstra ser ele celestial; sua face como um relâmpago mostra celeridade, significando com que rapidez ele brilharia de uma parte do céu até a outra, sobre todo o mundo; seus olhos *como tochas de fogo* mostram sua visão clara de todas as coisas, mesmo nos lugares mais escuros e escondidos. Por fim, *seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido*, a sua força sendo, assim, revelada para pisar e quebrar em pedaços todos os povos que se oponham a ele, como os braços e pés de bronze podem facilmente quebrar em pedaços os vasos de barro. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>13</sup>

**ALEGORIA E PROFECIA.** JOÃO CALVINO: Sem dúvida, o profeta contemplou algo diferente da forma humana, pois seu propósito em especificar claramente a visão é mostrar que não se trata de um homem, mas de um anjo na forma de homem. Eu deixo a alegoria aqui, embora ela continue por todo o verso. Estou ciente da natureza plausível das alegorias, mas quando avaliarmos reverentemente os ensinamentos das Sagradas Escrituras, aquelas especulações que, à primeira vista, nos agradam excessivamente, desaparecem de nossa vista. Eu não sou cativado por estas seduções, e desejo que todos os meus ouvintes sejam persuadidos disto – nada

<sup>12</sup> CTS 25:240-241 (CO 19.198).

<sup>13</sup> *Prophets*, 559-60.

pode ser melhor do que um tratamento sóbrio das Escrituras. Nós nunca devemos nos valer de explicações sutis, pois o verdadeiro significado, como eu já disse, fluirá naturalmente da passagem, quando tal for examinada com uma deliberação mais madura. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>14</sup>

**UM ANJO, OU CRISTO?** ANDREW WILLET: *E eis um homem vestido de linho* (Dn 10.5). Não que ele fosse um homem, mas ele apareceu na forma humana. Alguns pensam ser este o anjo Gabriel (Teodoreto, Cartasianus, Lyra), que era, segundo eles, o especial guardião dos judeus no cativeiro, assim como Miguel era o especial protetor daqueles que retornaram (Gregório, o Grande). Cardeal Hugo, Calvino, Bullinger e Osiander, são da opinião de que se trata de um anjo. A razão dada por Pererius é que, nas visões mostradas a Daniel, o anjo Gabriel, que foi mandado para declarar o significado da visão ao profeta, é chamado pelo seu nome. Não se segue, Desse modo, que foi o anjo Gabriel que apareceu deste modo glorioso. Foi o anjo Gabriel que, mais tarde, falou com Daniel, mas foi Cristo, que se manifestou desta maneira gloriosa.

Portanto, esta é a nossa resposta: foi a pessoa de Cristo, o Filho de Deus, que fora visto por Daniel naquela grande majestade. E ele é o Miguel que depois fora mencionado, mas fora o anjo Gabriel que se comunicou com Daniel, pois o próprio profeta distingue a pessoa do anjo daquele quem apareceu em glória. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>15</sup>

**O ANJO ENVIADO A DANIEL.** JOHANN WIGAND: *Eu vim* (Dn 10.12). Esta é a mais alta dignidade. Suas orações foram eficazes e foram consideradas por Deus. Ele me mandou, um anjo, a você.

*O príncipe* (Dn 10.13). Esta é a segunda parte da narrativa, ou a base da consolação. Eu, um anjo celeste, no palácio do príncipe da Pérsia, eu enfrentei os conselheiros ímpios que eram guiados por um espírito mal, tendo a assistência de Miguel, o príncipe do povo israelita, isto é, o próprio Filho de Deus. Deste relato, o tipo se encaixa com Apocalipse 12.7, onde Miguel e

seus anjos lutam contra o dragão. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>16</sup>

### 10.13-14 A identidade de Miguel

**O ANJO MIGUEL.** FILIPE MELANCHTHON: O príncipe, Miguel, que, aqui e mais abaixo, é chamado de príncipe do povo de Deus, estava presente com o bom anjo. Eu entendo ser ele o próprio Filho de Deus, o Logos, como fora chamado por João. Acima, ele escreve sobre aquele príncipe no meio da visão, em Daniel 8, onde o anjo procura a interpretação da visão da parte do seu Senhor... É certo que o Filho de Deus está sempre presente com a sua igreja e a defende contra a fúria do diabo. João diz: "Todas as coisas foram feitas através dele". Ele fala não somente sobre a condição das coisas, mas também sobre a gloriosa libertação da igreja. Ele protegeu o seu povo no Mar Vermelho e no deserto. Defendeu José, Gideão, Samuel, Davi, Elias, Eliseu e outros líderes fiéis de seu povo. Jacó disse: "O Anjo que me tem livrado de todo mal abençoe estes rapazes" (Gn 48.16). Estas palavras se referem ao Filho de Deus, que verdadeiramente liberta de todo o mal, especialmente do pecado, da ira de Deus, da morte eterna e das artimanhas do diabo. Não sem razão, ele especificamente diz "de todo o mal". Esta glória não pode ser atribuída ao ministério dos anjos, os quais, embora protejam os corpos dos crentes, não obstante, não são capazes de libertá-los do pecado ou da morte eterna. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>17</sup>

**MIGUEL REPRESENTA CRISTO?** JOÃO CALVINO: Ele acrescenta a seguir que *Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me.*

<sup>14</sup> CTS 25:242-243 (CO 19:199).

<sup>15</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 375-376. Teodoreto de Chipre (c.393-c.460) era um importante teólogo da escola antioquina do século 5º. Dionísio, o Cartuxo (1402-1471), foi um teólogo flamengo e místico. Gregório, o Grande (c.540-604), foi um papa reformador, teólogo e exegeta. Cardeal Hugo de Florença (c. 1200-1263) foi um teólogo Dominicano e um erudito da Bíblia.

<sup>16</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 372.

<sup>17</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 214-216.

Alguns pensam que a palavra *Miguel* significa Cristo e eu não me oponha a essa opinião. Suficientemente claro, se todos os anjos guardam os fiéis e os eleitos, Cristo está acima de todos eles, porque ele é o cabeça entre eles e usa o ministério e assistência deles para defender todo o seu povo. Mas como isto não é geralmente aceito, eu deixo em dúvida no momento e falarei mais sobre este assunto no décimo segundo capítulo. Desta passagem, podemos claramente chegar às seguintes conclusões: anjos lutam pela igreja de Deus de maneira geral e também por membros em particular, sempre que a sua ajuda é necessária. Isto nós sabemos ser parte da ocupação dos anjos, os quais protegem os fiéis. de acordo com o Salmo 34.8. Segundo o salmo, os anjos se acampam ao redor deles. Deus, portanto, coloca os seus anjos contra todas as artimanhas de Satanás e toda a fúria dos ímpios que desejam nos destruir, e estão sempre a planejar nossa completa ruína. Se Deus não nos protegesse desta maneira, já estaríamos derrotados. Estamos cômnicos do terrível ódio de Satanás por nós e da poderosa fúria com a qual ele nos assalta; nós sabemos quão arditosamente e de muitas maneiras ele maquina seus artificios; nós o conhecemos como o príncipe deste mundo, que arrasta e seduz a maior parte da humanidade com ele, enquanto eles impiamente despejam suas ameaças contra nós. O que impede Satanás de absorver diariamente, centenas de vezes, toda a igreja, coletiva e individualmente? Claramente se torna necessário que Deus se oponha a sua fúria, e isto ele o faz por meio dos anjos. Enquanto eles lutam por nós e por nossa segurança, não percebemos esta malícia escondida, porque eles a escondem de nós. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>18</sup>

**A ANJO MIGUEL E O FILHO DE DEUS.** JOHANN WIGAND: *Porém Miguel* (Dn 10.13). Seja como for que se interprete, sendo ele um anjo superior ou o próprio Filho de Deus, ambas as interpretações são aceitáveis. Com isto em mente, interpretemos como sendo o Filho de Deus, já que o texto prossegue dizendo que ele era *o príncipe do povo israelita*, isto é, da verdadeira igreja. Além do mais, Paulo nos ensina que o verda-

deiro Filho de Deus é o príncipe e bispo de seu povo. E Jacó diz, em Gênesis 48.16: *o Anjo que me tem livrado de todo mal, abençoe estes rapazes; seja neles chamado o meu nome*. Ora, livrar de todo o mal não diz respeito a uma criatura, mas sim ao Criador. Similarmente, abençoar é trabalho de Deus. Consequentemente, seu nome é excelentíssimo. Ora, o nome Miguel significa “Quem é como Deus?”. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>19</sup>

**A IDENTIDADE DE MIGUEL, O ANJO.** GIOVANNI DIODATI: [*O Príncipe*] Isto é, Cambises, o filho de Ciro, que governou o reino enquanto seu pai estava envolvido em guerras no estrangeiro. Ora, Cambises era inimigo dos judeus e impediu a restauração de Jerusalém; e este anjo permaneceu na Pérsia para reprimi-lo durante três semanas, que foi o tempo do jejum de Daniel (Dn 10.2), por meio do qual a execução de sua ordem contra Daniel foi suspensa. Outros entendem que seja este um anjo do mal, príncipe do mundo, particularmente participando destes maus conselhos que eram contra a igreja.

[*Miguel*] Judas o chama de arcanjo (Jd 9), isto é, um anjo de alto escalão que comandava outros anjos (Dn 10.21). Ele é chamado de cabeça da igreja e defensor da mesma (Dn 12.1) e de cabeça dos anjos (Ap 12.7). Desse modo, muitos acham ser ele o próprio Filho de Deus, como, de fato, o nome Miguel significa “Quem é como Deus?”. Então, o significado seria que o Filho de Deus uniu seu poder divino ao trabalho deste anjo criado para a defesa de sua igreja.

[*Um dos*] se Miguel é o Filho de Deus, estes principais príncipes podem ser entendidos como as pessoas da Santíssima Trindade. Se Miguel for um anjo criado, estes principais príncipes são os arcanjos (veja 1Ts 4.16). Por isso os anjos são chamados de principados e potestades (Rm 8.38; Ef 3.10; Cl 1.16). ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>20</sup>

**O ANJO MIGUEL.** ANDREW WILLET: Este Miguel não era outra pessoa senão Cristo, o

<sup>18</sup> CTS 25:253 (CO 19:206-207).

<sup>19</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 372.

<sup>20</sup> *Pious Annotations*, 10:13.

Filho de Deus, chefe e príncipe dos anjos. As razões são estas: (1) a palavra Miguel significa *quem é como Deus*. Desse modo, não se pode inferir que ele não seja Deus, pois a essência do Filho não pode ser comparada com a essência do Pai, mas a comparação é de suas pessoas. E, por isso, Cristo é chamado de a imagem do Deus invisível (Cl 1.15), a expressão exata de seu ser (Hb 1.3). (2) Ele é chamado de o principal dos anjos, em comparação com todos os outros príncipes terrenos. A palavra aqui usada significa, também, o *primeiro como um*. A palavra com o mesmo sentido é usada em Daniel 1.21, *Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro*. Cristo então, não era um, mas o primeiro ou o principal dos príncipes, isto é, os anjos. (3) Este Miguel é chamado de o príncipe do povo de Deus (Dn 10.21), que é Cristo, e de grande príncipe (Dn 12.1). (4) Dele se diz que ajuda os anjos; então ele é maior do que os anjos, pois não há poder maior do que o dos anjos, a não ser o poder divino. Polanus e Melanchthon consentem que Miguel não é, aqui, um anjo criado, mas Jesus Cristo, o Filho de Deus, o príncipe dos anjos. Calvino vê esta questão como indiferente. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>21</sup>

**A IDENTIDADE DE MIGUEL.** JOHN MAYER: É uma grande questão saber quem era Miguel, que é chamado de príncipe, por quem Daniel disse ter sido ajudado. Se o Filho de Deus for entendido como sendo Miguel, como nós entendemos, e o homem que fora mencionado antes for entendido como sendo Cristo, como ele pode falar de si mesmo na terceira pessoa? Para esta pergunta, eu não encontro nada dito por alguém que possa trazer uma resolução. Portanto, parece-me necessário entender que o homem mencionado antes não era o Filho de Deus, mas sim um anjo representando a Deus, como um anjo faz e fala muitas vezes em conformidade com isso; um superior a outro de um escalão inferior, seguindo as instruções dadas por Deus, e podemos conceber ter sido este o caso (Dn 12.7). Então o príncipe da Pérsia deve necessariamente ser outro anjo de Deus, colocado sobre a Pérsia, como o guardião do reino, ou então, um

dos anjos do diabo, influenciando com suas sugestões o rei da Pérsia, para impedir a construção do templo, em inimizade com o povo de Deus, que arduosamente desejava continuar aquela obra. Pois não posso crer que Deus coloque um anjo bom sobre um reino pagão, para ser seu guardião, para interferir e argumentar diante de Deus em favor de um rei ímpio a quem está sendo permitido impedir o bom trabalho, embora existam alguns que acreditem, dizendo que não é impróprio um anjo bom fazer isso, desde que quando Deus revelar sua vontade, o anjo cesse de argumentar. Com respeito aos anjos do diabo, veja Apocalipse 12.7, onde se diz que *Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos.*

É verdade, o Filho de Deus, Cristo Jesus, é mostrado a João como este homem aqui, mas não é necessário concluir que ele eram o mesmo... Se considerarmos aquele glorioso homem como sendo um anjo de Deus mostrando-se a Daniel, o príncipe da Pérsia como um anjo do diabo e Miguel, chamado de príncipe dos judeus, como o principal anjo de Deus colocado como guardião da Judeia e dos judeus, todas as coisas se encaixam muito bem. O anjo do Dragão, ou diabo, pode com a permissão de Deus, opor-se à vinda do anjo bom a Daniel para confortá-lo e até retardá-la; e o anjo bom pode, num tipo de duelo, ser impedido por ele na Pérsia durante o tempo aqui mencionado. Então, Miguel, o anjo principal, vindo em sua ajuda, prevalece e assegura a Daniel o constante propósito de Deus de proteger seu templo e seu povo. E sobre Miguel não é dito nada diferente, *porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me*, não o príncipe sobre eles, como Cristo é, mas um entre eles, implicando que havia mais destes príncipes de Deus.

E, daquilo que é dito aqui também podemos argumentar que Miguel não era o Filho de Deus, mas o principal anjo, porque Gabriel diz que Miguel o ajudou na luta, implicando, assim, que ele era seu companheiro e aliado, sendo assim como um príncipe que chega nos tempos de guerra para ajudar o outro. Mas veja o que

<sup>21</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 384.

ele fala: *Mas eu te declararei o que está expresso na escritura da verdade*. Por escritura da verdade, entende-se o decreto de Deus, que é mencionado como um escrito indelével, para mostrar a certeza de que nem Daniel, nem alguém de seu povo fiel podem ser desencorajados por causa dos problemas do presente ou do futuro, sendo-lhes assegurado que nada que possa parecer impedir o bem prometido a eles veio ou possa vir a acontecer sem Deus, mas apenas da maneira como havia decretado para o exercício de sua fé e paciência e para castigo de seus pecados. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>22</sup>

#### UMA PROFECIA SOBRE CRISTO E A IGREJA.

JOÃO CALVINO. Ele, a seguir acrescenta *nos últimos dias*. Por esta expressão, o anjo louva a graça de Deus pelo profeta, pois ele era um ministro especial. Sua missão era não somente anunciar a ele os eventos de três ou quatro anos ou de um breve período, mas ele tinha de estender suas profecias por muitos anos, até a extremidade dos dias. Eu, positivamente, me refiro a este período como a renovação da igreja, que aconteceu no advento de Cristo. As Escrituras, ao usarem a expressão “os últimos dias ou tempos”, sempre apontam para a manifestação de Cristo, através da qual a face do mundo fora renovada. Isto é exatamente similar ao anjo dizendo que faria Daniel totalmente familiarizado com os eventos futuros, até a redenção final do povo, quando Cristo foi exibido para a salvação de sua igreja. Consequentemente, o anjo inclui os 490 anos sobre os quais ele tinha falado, pois o advento de Cristo determinou a plenitude dos tempos, e a razão que se juntou se encaixa extremamente bem na passagem.

...Pois quando o anjo testifica que a visão é *por dias*, isso significa que, embora Deus tenha permitido que seu povo fosse miseravelmente afligido, ainda assim, através desta nova prova, ele mostra que não o tinha abandonado inteiramente. Alguma visão permaneceu, isto é, pela luz da profecia, ele sempre manifestará seu cuidado pelos seus escolhidos, e eles podem até antecipar um bom desenlace vindo de suas tribulações. Agora entendemos o que o anjo quis dizer quando afirma a *visão é por dias*. As pro-

fecias, de fato, cessaram logo depois disso, e Deus, não mais enviou outros profetas ao seu povo, mas seus ensinamentos sempre permaneceram como um sinal, pois, neles, estava concluída toda a série de tempos até o advento de Cristo. Os seus filhos nunca foram destituídos de toda a consolação necessária, pois embora não houvesse profetas vivos que pudessem instruir o povo nos mandamentos de Deus por viva voz, ainda assim, o ensino de Daniel floresceu por quase quinhentos anos depois de sua morte. A profecia também cumpriu seu papel ao encorajar os piedosos e mostrar a eles a firmeza da aliança de Deus, apesar de todas as oposições. Embora a igreja fosse agitada de várias maneiras, ainda assim Deus é consistente em todas as suas promessas, até a completa redenção de sua igreja pelo advento de seu único Filho. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>23</sup>

#### 10.15-21 Cristo e os anjos

##### AQUELE COM APARÊNCIA DE HOMEM.

JOHANNES ECOLAMPÁDIO: Você tem, de novo, Deus, pela palavra do evangelho, fortalecendo aqueles que estremecem e fraquejam por causa do conhecimento da lei e do juízo. O evangelho, por outro lado, é fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que é feito como os filhos dos homens, obtendo a remissão dos pecados e apaziguando o Pai por nós. Por isso ele diz que aquele grande anjo, que é Cristo, de alguma maneira se fez conhecido a Daniel na semelhança de homem e gentilmente tocou os seus lábios. Daniel demonstrou a sua fé ao falar com ele, expressando a fraqueza que o abateu por causa da grandeza da visão. Novamente, o profeta reconheceu a sua pobreza e confessou que, como servo, ele não é capaz de falar com o Senhor. COMENTÁRIOS EM DANIEL.<sup>24</sup>

##### O INSTRUMENTO DE DEUS. JOHAN WIGAND:

*E eis que uma como semelhança dos filhos dos homens* (Dn 10.16). Isto você pode entender como um anjo, ou como o Filho de Deus, ou

<sup>22</sup> *Prophets*, 561-562.

<sup>23</sup> CTS 25:255-256 (CO 19:208-209).

<sup>24</sup> *In Daniele Prophetam libri duo* (1553), 139.



como Miguel. Como foi mencionado acima, todas as interpretações são aceitáveis. Tocar os lábios e conceder força de coração e mente, é um benefício de Deus, muito embora os anjos sejam capazes de agir como instrumentos de Deus, através dos quais Deus faz o que deseja, assim como a imposição de mãos pelos apóstolos curava os doentes e ressuscitava os mortos. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>25</sup>

**OS BONS E OS MAUS ANJOS.** MARTINHO LUTERO: O décimo capítulo é um prefácio para o décimo primeiro. Ainda neste capítulo, Daniel faz um relato extraordinário de anjos, como não é registrado em nenhum outro lugar das Escrituras, a saber, que os anjos bons lutam contra os anjos maus, defendendo a humanidade. Além disso, ele chama os anjos maus de príncipes, dizendo “o príncipe da Grécia” (Dn 10.20). Deste fato, podemos entender por que as cortes de reis e príncipes são tão desregradas e fora de controle e por que elas impedem o bem, servindo ao invés disto, às guerras e aflições. É porque estes demônios estão lá, correndo, cavando e impedindo os governos de fazerem o que devem. Por exemplo, os judeus deveriam ser libertos da Babilônia pelos reis da Pérsia, mas isso nunca teria acontecido, mesmo que os reis quisessem ajudar. Por isso, este anjo, aqui, diz que tem de lutar contra o príncipe da Pérsia. Não obstante, ele se preocupa com o fato de que, uma vez que se vá, o príncipe da Grécia virá, como se devêssemos dizer: “Toda vez que barramos a tristeza, o diabo sempre traz uma nova tragédia; se vocês foram livres da Babilônia, então vocês serão perseguidos pelos gregos”. Chega deste assunto por agora. Falar mais profundamente sobre isso exigiria muito espaço e tempo. PREFÁCIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>26</sup>

**O PRÍNCIPE DA PÉRSIA.** JOHN MAYER: Aqui se questiona quem se entende ser o príncipe da Pérsia. Os antigos entendiam que era um anjo estabelecido sobre aquele reino, mas não concordam entre si sobre se ele era bom ou mau; alguns dizem que era um anjo mau, assegurando que cada reino tem dois anjos sobre ele, um bom e outro maligno; o bom para movê-lo ao

bem e levá-lo a se posicionar para o bem e o maligno para instigar o mal. Desse modo, eles dizem que a referência, aqui, é a um anjo mau que instigou o rei persa contra os judeus, para impedir que fosse executado o decreto de Ciro para a construção do templo, como mostrei, o que foi feito sob a liderança de Esdras na época de Ciro e de Cambises, seu filho.

Outros afirmam ser este um anjo bom, que não deixaria que os persas quisessem este povo para servir-lhes, como Faraó, no passado, mantendo ainda no país os que estavam lá e dando àqueles que tinham ido para a Judeia tão grande desencorajamento de forma que estivessem dispostos a retornar, ao invés de continuarem lá. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>27</sup>

**DANIEL HONRA O ANJO.** JOÃO CALVINO: *Como, pois, pode o servo do meu senhor falar com o meu senhor?* O demonstrativo *zeb* parece ter sido usado como uma maneira de amplificar, de acordo com a expressão suficientemente comum em nossos dias. Daniel não aponta simplesmente para a presença do anjo, mas deseja expressar sua rara e singular excelência. Debates seriam supérfluos e fora de propósito, se alguém afirmasse a ilegalidade de atribuir tal autoridade ao anjo, pois de acordo com a minha observação anterior, o profeta usa a linguagem comum de seu tempo. Ele nunca pretendeu depreciar de alguma forma a monarquia de Deus. Ele sabia da existência de somente um Deus, e que Cristo era o único príncipe da igreja; entretanto, ele livremente permitiu-se seguir a forma comum e popular de falar. Verdaderamente nós somos aptos para evitar ou negligenciar as cerimônias religiosas no uso das palavras. Embora sustentemos que o profeta seguiu sua costumeira forma de expressão, ele em nada diminuiu a Deus ao transferir a autoridade ao anjo, como os romanistas fazem quando inventam inúmeros santos padroeiros e destituem Cristo de sua justa honra. Daniel não concordaria com isso, mas tratou o anjo com honra, como faria com qualquer mortal ilustre e notável, de acordo com a

<sup>25</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 373.

<sup>26</sup> WADB 11.2:30.

<sup>27</sup> *Prophets*, 560-61.

minha afirmação anterior. Daniel sabia que estava falando com um anjo, mas, em seu discurso com ele, não deu lugar a um escrúpulo vazio. Assim como Daniel o viu em forma humana,

conversou com ele como se tal o fosse. E, com referência à certeza da profecia, ele estava claramente persuadido da missão do anjo como instrutor celestial. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> CTS 25:260 (CO 19:211-212).

## 11.1-45 OS REIS DO SUL E DO NORTE

<sup>1</sup> Mas eu, no primeiro ano de Dario, o medo, me levantei para o fortalecer e animar. <sup>2</sup> Agora, eu te declararei a verdade: eis que ainda três reis se levantarão na Pérsia, e o quarto será cumulado de grandes riquezas mais do que todos; e, tornado forte por suas riquezas, empregará tudo contra o reino da Grécia. <sup>3</sup> Depois, se levantará um rei poderoso, que reinará com grande domínio e fará o que lhe aprouver. <sup>4</sup> Mas, no auge, o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes. <sup>5</sup> O rei do Sul será forte, como também um de seus príncipes; este será mais forte do que ele, e reinará, e será grande o seu domínio. <sup>6</sup> Mas, ao cabo de anos, eles se aliarão um com o outro; a filha do rei do Sul casará com o rei do Norte, para estabelecer a concórdia; ela, porém, não conservará a força do seu braço, e ele não permanecerá, nem o seu braço, porque ela será entregue, e bem assim os que a trouxeram, e seu pai, e o que a tomou por sua naqueles tempos. <sup>7</sup> Mas, de um renovo da linhagem dela, um se levantará em seu lugar, e avançará contra o exército do rei do Norte, e entrará na sua fortaleza, e agirá contra eles, e prevalecerá. <sup>8</sup> Também aos seus deuses com a multidão das suas imagens fundidas, com os seus objetos preciosos de prata e ouro levará como despojo para o Egito; por alguns anos, ele deixará em paz o rei do Norte. <sup>9</sup> Mas, depois, este avançará contra o reino do rei do Sul e tornará para a sua terra. <sup>10</sup> Os seus filhos farão guerra e reunirão numerosas forças; um deles virá apressadamente, arrasará tudo e passará adiante; e, voltando à guerra, a levará até à fortaleza do rei do Sul. <sup>11</sup> Então, este se exasperará, sairá e pelejará contra ele, contra o rei do Norte; este porá em campo grande multidão, mas a sua multidão será entregue nas mãos daquele. <sup>12</sup> A multidão será levada, e o coração dele se exaltará; ele derrubará miríades, porém não prevalecerá. <sup>13</sup> Porque o rei do Norte tornará, e porá em campo multidão maior do que a primeira, e, ao cabo de tempos,<sup>a</sup> isto é, de anos, virá à pressa com grande exército e abundantes provisões. <sup>14</sup> Naqueles tempos, se levantarão muitos contra o rei do Sul; também os dados à violência dentre o teu povo se levantarão para cumprirem a profecia, mas cairão. <sup>15</sup> O rei do Norte virá, levantará baluartes e tomará cidades fortificadas; os braços do Sul não poderão resistir, nem o seu povo escolhido, pois não haverá força para resistir. <sup>16</sup> O que, pois, vier contra ele fará o que bem quiser, e ninguém poderá resistir a ele; estará na terra gloriosa, e tudo estará em suas mãos. <sup>17</sup> Resolverá vir com a força de todo o seu reino, e entrará em acordo com ele, e lhe dará uma jovem em casamento, para destruir o seu reino; isto, porém, não vingará, nem será para a sua vantagem. <sup>18</sup> Depois, se voltará para as terras do mar e tomará muitas; mas um príncipe fará cessar-lhe o opróbrio e ainda<sup>b</sup> fará recair este opróbrio sobre aquele. <sup>19</sup> Então, voltará para as fortalezas da sua própria terra; mas tropeçará, e cairá, e não será achado. <sup>20</sup> Levantar-se-á, depois, em lugar dele, um que fará passar um exator pela terra mais gloriosa do seu reino; mas, em poucos dias, será destruído, e isto sem ira nem batalha. <sup>21</sup> Depois, se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente e tomará o reino, com intrigas. <sup>22</sup> As forças inundantes serão arrasadas de diante dele; serão quebrantadas, como também o príncipe da aliança. <sup>23</sup> Apesar da aliança com ele, usará de engano; subirá e se tornará forte com

pouca gente. <sup>24</sup> Virá também caladamente aos lugares mais férteis da província e fará o que nunca fizeram seus pais, nem os pais de seus pais: repartirá entre eles a presa, os despojos e os bens; e maquinará os seus projetos contra as fortalezas, mas por certo tempo. <sup>25</sup> Suscitará a sua força e o seu ânimo contra o rei do Sul, à frente de grande exército; o rei do Sul sairá à batalha com grande e mui poderoso exército, mas não prevalecerá, porque maquinarão projetos contra ele. <sup>26</sup> Os que comerem os seus manjares o destruirão, e o exército dele será arrasado, e muitos cairão traspassados. <sup>27</sup> Também estes dois reis se empenharão em fazer o mal e a uma só mesa falarão mentiras; porém isso não prosperará, porque o fim virá no tempo determinado. <sup>28</sup> Então, o homem vil tornará para a sua terra com grande riqueza, e o seu coração será contra a santa aliança; ele fará o que lhe aprouver e tornará para a sua terra. <sup>29</sup> No tempo determinado, tornará a avançar contra o Sul; mas não será nesta última vez como foi na primeira, <sup>30</sup> porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; voltará, e se indignará contra a santa aliança, e fará o que lhe aprouver; e, tendo voltado, atenderá aos que tiverem desamparado a santa aliança. <sup>31</sup> Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora. <sup>32</sup> Aos violadores da aliança, ele, com lisonjas, perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo. <sup>33</sup> Os sábios entre o povo ensinarão a muitos; todavia, cairão pela espada e pelo fogo, pelo cativo e pelo roubo, por algum tempo. <sup>34</sup> Ao caírem eles, serão ajudados com pequeno socorro; mas muitos se ajuntarão a eles com lisonjas. <sup>35</sup> Alguns dos sábios cairão para serem provados, purificados e embranquecidos, até ao tempo do fim, porque se dará ainda no tempo determinado. <sup>36</sup> Este rei fará segundo a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses falará coisas incriveis e será próspero, até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito. <sup>37</sup> Não terá respeito aos deuses de seus pais, nem ao desejo de mulheres, nem a qualquer deus, porque sobre tudo se engrandecerá. <sup>38</sup> Mas, em lugar dos deuses, honrará o deus das fortalezas; a um deus que seus pais não conheceram, honrará com ouro, com prata, com pedras preciosas e coisas agradáveis. <sup>39</sup> Com o auxílio de um deus estranho, agirá contra as poderosas fortalezas, e aos que o reconhecerem, multiplicar-lhes-á a honra, e fã-los-á reinar sobre muitos, e lhes repartirá a terra por prêmio. <sup>40</sup> No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte arremeterá contra ele com carros, cavaleiros e com muitos navios, e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará. <sup>41</sup> Entrará também na terra gloriosa, e muitos sucumbirão, mas do seu poder escaparão estes: Edom, e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom. <sup>42</sup> Estenderá a mão também contra as terras, e a terra do Egito não escapará. <sup>43</sup> Apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas preciosas do Egito; os líbios e os etiopes o seguirão. <sup>44</sup> Mas, pelos rumores do Oriente e do Norte, será perturbado e sairá com grande furor, para destruir e exterminar a muitos. <sup>45</sup> Armará as suas tendas palacianas entre os mares contra o glorioso monte santo; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra.

<sup>a</sup> Hebraico: nos fins dos tempos. <sup>b</sup> O significado em hebraico é incerto.

**VISÃO GERAL:** Nossos comentaristas entendem este capítulo como detalhando os eventos históricos do reino da Pérsia, a monarquia de Alexandre, o Grande e dos reinos da Síria e do Egito. Além disso, vemos neste capítulo, o uso que Deus faz de seus profetas pra confortar seu povo que sofre opressão e tormentos de governantes ímpios. A profanação do templo e do culto a Deus por Antíoco Epifânio é profeti-

zada. No meio de tal perseguição, os fiéis, preservados por Deus, tornam-se mais resolutos e persistentes em sua fé. Os nossos comentaristas gastam muito tempo discutindo Antíoco e investigando sua cronologia e suas ações. Muitos veem uma relação entre Antíoco e o anticristo. Alguma atenção é dada à identidade do rei (Dn 11.36-39). As possibilidades incluem Antíoco, o anticristo, os romanos e até mesmo o papa. Daniel termina

o capítulo com a esperança da libertação prometida. De fato, como um comentarista coloca a questão, esta seção final de libertação se tornou um tesouro inestimável de conforto para os fiéis.

**ARGUMENTO DO CAPÍTULO.** JOHANN WIGAND: Esta é uma clara narração dos eventos futuros, durante a segunda e a terceira monarquias e do que acontecerá pela sua conduta. Em tais eventos, a onipotência de Deus é vista... O objetivo desta revelação, para que a igreja de Deus possa entender, é sobre os acontecimentos e as mudanças de coisas futuras. Ali eles podem aprender que, em meio a fúria, e tumulto político do mundo, a igreja é miraculosa e poderosamente preservada por Deus; com certeza, não sem dificuldades, isto é, não sem tribulações e aflições, pois a igreja de Deus neste mundo habita hospitaleiramente entre pessoas ímpias, as quais a oprimem, e, mesmo assim, é divinamente preservada.

Há cinco partes neste capítulo: (1) a destruição da monarquia Persa; (2) a terceira monarquia, e principalmente Alexandre, o Grande; (3) a posteridade de Alexandre, que reinou na terceira monarquia; (4) como os reis sírios e egípcios especialmente se confrontaram; (5) a aflição da igreja judaica, especialmente sob Antíoco Epifânio. Com certeza, a consolação para a preservação do povo de Deus está misturada no meio destas profecias. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>1</sup>

**RESUMO DO CAPÍTULO.** FILIPE MELANCHTHON: Agora começa a profecia sobre os reinos; Deus, ao mesmo tempo, encoraja Daniel e previne seus descendentes sobre as calamidades iminentes. Estas palavras são um testemunho muito claro que mostra como a doutrina dos profetas é transmitida por Deus. E como esta profecia promete libertação, ela indica que aquelas pessoas que se apegam à doutrina profética estão sob a proteção de Deus. Os crentes são fortalecidos de tal forma que não se rebelam contra Deus nem abandonam a profissão desta doutrina. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>2</sup>

**RESUMO DE DANIEL 11.** JOÃO CALVINO: Este capítulo parece uma narrativa histórica sob a

forma de descrição enigmática de eventos futuros. O anjo relata e coloca ante os olhos de Daniel eventos que ainda acontecerão. Entendemos com isso, muito claramente, como Deus falou através de seus profetas; e desse modo, Daniel, somente em seu caráter profético, é uma clara prova para nós do peculiar favor de Deus pelos israelitas. Aqui, o anjo discute não a situação geral do mundo, mas, primeiro, o reino persa, depois, a monarquia de Alexandre, e, subsequentemente, os reinos da Síria e do Egito. Disso, claramente percebemos como todo o discurso foi dirigido aos fiéis. Deus não considerou o bem-estar das outras nações, mas desejou beneficiar a sua igreja e, principalmente, sustentar os fiéis para suportarem os problemas que se aproximavam. Isso foi feito para assegurá-los de que Deus nunca se esquece de sua aliança e também de que ele abrandará as convulsões que ocorrem em todo o mundo para proteger seu povo por sua assistência. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>3</sup>

**A RELAÇÃO ENTRE DANIEL 10 E DANIEL 11.** ANDREW WILLET: Seria a visão do décimo primeiro capítulo diferente da visão anterior, no décimo capítulo? Jerônimo, que considera as primeiras palavras do verso um como sendo proferidas por Daniel, orando pela prosperidade de Dario, acha que esta visão é diferente da anterior, pois aquela aconteceu no terceiro ano de Dario (Dn 10.1) e esta, no primeiro de Dario. Então, sua opinião é que, quando Daniel orou por Dario, no primeiro ano, estas coisas foram reveladas a ele pelo anjo. Por isso, há, no texto, uma mudança súbita de pessoa, pois, no segundo verso, o anjo fala: *Agora, eu te declararei*, enquanto as palavras anteriores foram ditas por Daniel.

Mas a melhor opinião é que esta visão continua desde o último capítulo, o que Lyra prova, porque este capítulo começa com uma conjunção hebraica, a qual mostra uma coerência com o texto anterior e isso pode ser confirmado no capítulo anterior (Dn 5.14). O anjo diz: *Eu vim para mostrar o que acontecerá com o povo nos*

<sup>1</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 399.

<sup>2</sup> *In Daniele Prophetam* (1543), 236.

<sup>3</sup> CTS 25:268-269 (CO 19:217).

*últimos dias*. Estas coisas não são ali declaradas ao profeta e as que deveriam então suceder ao povo de Deus, as quais o anjo veio para declarar ao povo, são aquelas expressas neste capítulo.

Alguns consideram este primeiro verso como parte do capítulo anterior e consideraram ser este o sentido: *assim como Miguel me ajudou, eu agora ajudei Miguel* (Bullinger). Mas ficará evidente que o anjo não diz, aqui, que ajudou ou fortaleceu Miguel, mas sim Dario. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>4</sup>

### 11.1-2a O anjo e a verdade

**POR QUEM O ANJO LUTOU?** JOÃO CALVINO: Os intérpretes explicam este verso de várias maneiras (Dn 11.1). Alguns acham que o anjo lutou pelo rei persa e dão seguimento a esta opinião porque esta não foi a primeira vez que ele começou a defender aquela monarquia em favor do povo escolhido, mas tinha feito isso desde o princípio. Outros acham que ele lutou por Miguel, quando o anjo declara que ele trouxe ajuda a ele. Mas tal posição é forçada e fria. Eu não hesito em declarar que o argumento vai do maior para o menor, e temos um exemplo disso em uma tragédia de Ovídio. Eu tenho sido capaz de preservá-lo e você pergunta se posso destruí-lo? Assim diz o anjo: Eu levantei a monarquia persa; não tenho a menor dúvida do meu poder para conter estes reis, para que não despejem sua fúria sobre o povo. O sentido completo é este: o rei dos persas não é nada e não pode fazer nada, exceto através de mim. Eu fui o servo de Deus que transferiu a monarquia dos medos e caldeus para os persas, assim como a da Babilônia para os medos. Deus, diz ele, confiou a mim este ofício, então coloquei Dario no trono. Agora você vê quanto completamente eu o tenho em meu poder, e como posso impedir que ele cause dano ao meu povo, se ele estiver inclinado a isso. Quando o anjo se orgulha de seu papel de ajudar Dario, ele não reivindica nada para si mesmo, mas fala, por assim dizer, na pessoa de Deus, pois os anjos não têm poder distinto do de Deus, quando ele os usa para seu serviço. Não há razão para perguntar se o anjo deveria ou não usar esta linguagem alardeada e

reivindicar alguma coisa para si, pois ele não reivindica nada como propriamente seu, mas se mostra como tendo sido um agente na mudança da dinastia, quando a Babilônia foi subjugada pelos medos e o império foi transferido para Dario. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>5</sup>

**EU LHE MOSTRAREI A VERDADE.** ANDREW WILLET: A verdade só é revelada nas Escrituras; a verdade de Deus é primeiramente manifesta ao mundo em Cristo, como ele diz: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14.6). E esta verdade é revelada nas Escrituras, como nosso bendito Salvador diz: *A tua palavra é a verdade* (Jo 17.17). As Escrituras da verdade são entregues à igreja, que é chamada de pilar da verdade (1 Tm 3.15) não porque sustenta a verdade, mas porque é sustentada pela verdade. Mas ambas as afirmações são verdadeiras. A verdade de Deus só é à igreja, como aqui o anjo entrega a verdade desta profecia a Daniel, e a verdade é apresentada e professada no mundo pela igreja, como uma luz colocada em um poste, ou como um farol no alto da montanha. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>6</sup>

**PROFECIA E HISTÓRIA.** JOHN MAYER: *O rei do Sul será forte, como também um de seus príncipes; este será mais forte do que ele, e reinará, e será grande o seu domínio.* Tendo falado da divisão do reino de Alexandre em quatro partes, aqui deixando duas partes de fora, o anjo declara somente as coisas que acontecerão, concernentes às outras duas, com as quais os judeus tinham relação. Deve-se notar que o anjo, em sua predição sobre coisas que aconteceriam muitos anos depois, é tão pontual que um historiador, escrevendo sobre coisas que já aconteceram, não poderia apresentá-las com mais exatidão, a saber: que o quarto rei desde Ciro deveria ser tão rico que se levantaria contra os gregos; que, dentre eles, um rei mais poderoso se levantaria; que este reino seria dividido em quatro, mas não dividido entre os filhos, mas sim entre estranhos; que dois deles, dentre os quatro reinos,

<sup>4</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 396-397.

<sup>5</sup> CTS 25:266-267 (CO 19:216-217).

<sup>6</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 438.

seriam mais importantes; e, por fim, passagens particulares referentes a estes dois reinos e aqueles, em um longo processo de tempo, um depois do outro. O que isso nos mostra, senão que há um Deus onisciente e onipotente que governa todo o mundo e decreta, muito antes, como os assuntos importantes dos reinos serão tratados de tempos em tempos, para que possamos crer nele, servir-lhe e temer somente a ele? Se fizermos assim, seremos confortados durante as nossas maiores adversidades, pois elas não nos sobreveem segundo a vontade das pessoas, mas segundo a vontade de Deus, que é nosso Deus e Pai. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>7</sup>

### 11. 2b-20 Os quatro reis

**OS QUATRO REIS.** MARTINHO LUTERO: No décimo primeiro capítulo, Daniel profetiza a este povo, os judeus, quase a mesma profecia do capítulo oito – sobre Alexandre, o Grande, os dois reinos, Síria e Egito, mas, acima de tudo, sobre Antíoco (chamado o Nobre), que perseguirá os judeus. Todavia, ele descreve estas mesmas coisas de tal maneira que suas palavras também descrevem o anticristo pela pessoa de Antíoco. Assim, na realidade, Daniel está descrevendo o tempo do fim, exatamente anterior ao Último Dia. Pois todos os mestres concordam que estas profecias sobre Antíoco apontam para o anticristo. As suas palavras demonstram, e nos compelem a entender, que ele não quer se referir somente a Antíoco, o Nobre, mas a grupos juntos a Antíoco, o Nobre e ao anticristo, propositalmente obscurecendo suas claras e inteligíveis palavras.

Três reis, ele diz (Dn 11.2), irão se levantar na Pérsia. Ele não quer dizer que a Pérsia terá tão poucos reis, como os judeus acreditam, porque eles tiveram pelo menos dez reis. Estes quatro são escolhidos para aparecerem na Pérsia porque são mais extraordinários do que todos os outros. Depois de Ciro, vieram Cambises, Dario e Xerxes – estes são os quatro reis mais importantes da Pérsia. Dentre estes quatro, Xerxes foi o mais rico. Ele lutou contra os gregos com um exército inumerável, mas, infelizmente perdeu. Ele mesmo quase não escapou com vida. Depois vem Alexandre, com seus

quatro sucessores, que não eram de sua família, ou de seu sangue. Agora vêm os dois reinos, Síria e Egito, e como eles disputavam e golpeavam um ao outro... Depois de Alexandre, o reino do Egito se tornou muito poderoso, como Daniel (Dn 11.5) diz aqui, assim como o reino da Síria, de tal forma que nenhum dos dois pôde conquistar ou escravizar o outro, como eles tão frequentemente tentaram e gostariam de terem feito. PREFÁCIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>8</sup>

**QUEM SÃO OS QUATRO REIS?** WILLIAM PEMBLE: O verso anterior mostra que isto aconteceu no primeiro ano de Dario, o Medo. Desse modo, onde se diz, “eis que ainda três reis se levantarão,” o sentido é este, desde Dario, o Medo, ou depois dele, haverá três reis na Pérsia, a saber, Ciro, Cambises e Dario Histaspes. O quarto, claramente, é Xerxes, como fica evidente por sua grande riqueza e sua imensa e poderosa preparação feita para invadir a Grécia. Ora, já que é claro como o dia que o quarto rei era Xerxes, os outros três não podem ser outros, senão Ciro, Cambises, e Dario Hystaspes.

A única objeção que se pode ser feita é de um mago chamado Esmérdis, que declarou ser filho de Ciro e usurpou o trono depois de Cambises, contra quem ele conspirou. Mas a resposta é que o Espírito Santo não o achou digno de ser citado e ele não tem lugar nas Escrituras, entre os reis da Pérsia. A razão para isso é que seu reinado foi efêmero (pois antes que reinasse por sete meses, os nobres conspiraram contra ele e o eliminaram) ou que, por ser um conspirador, é chamado de tirano, ao invés de rei. Sem dúvida, o Espírito Santo ignora este mago, ou Esmérdis. Alguns acrescentam ao tempo do reinado de Cambises os meses que Esmérdis usurpou, dando, assim, a ele, um tempo maior de reinado do que realmente teve. Uma diferença tão pequena não merece ser discutida. O PERÍODO DA MONARQUIA PERSA.<sup>9</sup>

**GUERRA ENTRE OS REINOS.** MARTINHO LUTERO: A primeira guerra surgiu entre Antíoco II Theos e Ptolomeu II Filadelfo. Todavia, por

<sup>7</sup> *Prophets*, 563-564.

<sup>8</sup> WADB 11, 2:30-34.

<sup>9</sup> *Persian Monarchy* (1659), 349.

terem guerreado entre si por tanto tempo, chegaram a um armistício. Ptolomeu II Filadelfo era um rei particularmente bom. Ele teve paz e desfrutou de todo tipo de arte, empregou inúmeras pessoas qualificadas e teve uma bela biblioteca coletada por todo o mundo. Ele até fez muitas coisas boas para os judeus, adornando magnificamente o templo e assegurando o culto a Deus em Jerusalém. Eu o considero como um rei justo. Ele deu a sua única filha, chamada Berenice, a Antíoco II Theos, para que a paz fosse firmada de maneira sólida, e morreu logo depois. Todavia, Berenice, como a filha de um rei poderoso e, agora, como uma poderosa rainha e uma mulher da corte, lutou para tornar o seu filho herdeiro do reino da Síria, mas não conseguiu. Laodice, a antiga rainha de Antíoco II Theos, juntamente com seus dois filhos, Seleuco II Calínico e Antíoco Hierax, voltaram-se contra Berenice e seu filho, pois queriam herdar o reino. Laodice envenenou seu marido, Antíoco II Theos. Depois disso ela instruiu seus dois filhos para perseguirem Berenice, sua madrasta. Eles a perseguiram e finalmente a mataram, juntamente com seu filho e toda a comitiva de sua corte. Isto é o que Daniel aqui (11.6) indica, quando diz que *ela, porém, não conservará a força do seu braço, e ele não permanecerá, nem o seu braço, porque ela será entregue, e bem assim os que a trouxeram, e seu pai, e o que a tomou por sua naqueles tempos.*

Ptolomeu III Euergetes, irmão de Berenice, puniu e vingou tal iniquidade. Ele guerreou contra os dois irmãos, Seleuco e Antíoco, e os perseguiu, saqueou o seu reino e, depois, retornou para casa. Logo depois disso, estes dois irmãos finalmente pereceram dolorosa e miseravelmente (como a justa punição pelo matricídio). Daniel (11.7) fala sobre isso dizendo: *Mas, de um renovo da linhagem dela, um se levantará em seu lugar, e avançará contra o exército do rei do Norte, e entrará na sua fortaleza, e agirá contra eles, e prevalecerá.* PREFÁCIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>10</sup>

### 11.21-35 A perseguição do povo de Deus

**A CORRUPÇÃO DO CULTO A DEUS.** JOÃO CALVINO: Afirmamos, na última exposição, a se-

riedade do teste pelo qual Deus provou a fidelidade de seu povo, ao permitir a Antíoco tão grande liberdade para contaminar o templo, e para abolir, por um período, todos os sacrifícios e cultos. Ele, em seguida, colocou, no meio do templo, aquela abominação que abateu o espírito dos piedosos, pois aquele fato não poderia ter sido testemunhado sem grande consternação. Ninguém poderia supor ser possível que Deus expusesse seu próprio santuário a tal desonra, pois era o único santuário que Deus tinha escolhido no mundo inteiro. Segue-se, agora: *Aos violadores da aliança, ele, com lisonjas, perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo.* Aqui Daniel expressa mais claramente o que tinha falado anteriormente sobre a corrupção e a subversão do culto a Deus, como Antíoco seduziria para si mesmo uma porção pérfida daqueles que nominalmente, pelo menos, se chamavam povo de Deus...

Daniel, então, diz que estes serão enganados pelas lisonjas de Antíoco. Este imperador, sem dúvida, ofereceu aos sacerdotes e a outros o que pensou que eles valorizariam. Um deles, Antíoco colocou para administrar o templo, outro ele enganou com promessas vãs e falaciosas por algum tempo, distribuindo uma variedade de presentes entre eles. Desta maneira, ele corrompeu todos através de suas adulações. A estes, o profeta opôs os sinceros adoradores de Deus, e o verbo de ligação hebraico deve ser entendido, aqui, como significando este contraste. Ele já tinha falado de muitos como enganados por vãs promessas e os tinha chamado de transgressores da aliança; ele, agora, acrescenta que *o povo que conhece o seu Deus se tornará forte e ativo.* O anjo diz que a perfídia daqueles de quem ele tinha falado não prevaleceria sobre os piedosos para levá-los à mesma aliança de impiedade e lançá-los de cabeça para baixo nas mesmas armadilhas. Embora tal fosse a perfídia destes revoltosos, não obstante, todos os que conhecem a Deus, diz ele, se fortalecerão.

Esta passagem é digna de atenção especial, pois a experiência ensina como tão poucos resistem quando muitos caem ao seu lado.

<sup>10</sup> WADB 11, 2:34-38.

O exemplo de um, geralmente, leva consigo uma centena de outros para a mesma situação, mas a constância de cem raramente é suficiente para manter um em sua posição. Neste caso, vemos a profundidade de nossa depravação natural, pois somos não somente movidos, mas balançados pela mais leve brisa e, mesmo quando Deus coloca diante de nós um lugar firme de descanso, ainda assim, não cessamos a nossa vacilação. Quando um apóstolo coloca diante de nós o exemplo dos santos, ele diz que uma nuvem de testemunhas está sempre nos observando, tendo em vista reter-nos no temor de Deus e na pura confissão de nossa fé (Hb 12.1). Mas esta nuvem desaparece muito rapidamente de nossa vista. Entrementes, se algum leviano que sabemos ser uma pessoa sem qualquer importância e a quem nós mesmos tenhamos condenado – se esta pessoa se afastar mesmo um pouco do reto caminho, achamos ser ela um exemplo suficiente para nos justificar. Portanto, tive boas razões para declarar como esta passagem exhibe para nós, a nossa disposição maligna e perversa. Raramente somos atraídos em direção a Deus por uma multiplicidade de mecanismos, mas somos facilmente arrastados em direção ao diabo para a nossa própria destruição. Consequentemente, devemos meditar diligentemente sobre esta passagem e refletir continuamente sobre a linguagem do profeta. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>11</sup>

**A ABOMINAÇÃO E A IDOLATRIA.** GIOVANNI DIODATI: [*A abominação*] de acordo com alguns, é o ídolo de Júpiter Olímpico (2Mac 6.2), outros dizem ser um altar ídólatra erigido acima do altar de Deus (1Mac 1.54,59), pelos quais as pessoas que se opuseram a tal idolatria foram destruídas e o templo e o culto a Deus ficaram desolados.

[Dn 11.32. *Com lisonjas*] a saber, com presentes, promessas e seduções, ele trará os judeus para o seu lado, para prostituí-los na idolatria e para arrastar outros a ela pelo seu exemplo.

[*O povo*] a saber, os verdadeiros crentes, entre os quais o verdadeiro povo de Deus, serão preservados, se mostrarão constantes e perseverantes em seu culto puro. [*E ativo*] a saber, vencerão todos os seus combates e tentações.

[Dn 11.33. *Os sábios entre o povo*] a saber, aqueles aos quais Deus iluminará por sua palavra e por seu Espírito instruirão e fortalecerão seus irmãos, por sua doutrina e exemplo. Outros entendem ser estes uma certa sociedade religiosa que foi instituída durante aqueles dias, chamada de hasideanos, isto é, os piedosos e santos, muito entendidos e zelosos da lei de Deus (veja 1Mac 2.42; 7.13; 2Mac 14.6).

[Dn 11.34. *Serão ajudados*] a saber, por Matias e outros asmoneus ou macabeus (1Mac 2.1; 2Mac 8.1).

[*Muitos*] a saber, entre os judeus, que, tendo (anteriormente) sido arrastados para a idolatria, quando veem uma oportunidade dada pelos Macabeus, unem-se aos seus irmãos, mas sem nenhuma piedade interior, zelo ou firmeza.

[Dn 11.35, *cairão*] a saber, muitos deles sofrerão martírio, para que a provação de sua fé e a purificação de seu coração e de suas obras seja neste mundo, através do fogo da aflição, para sua salvação eterna (veja Dn 12.10). [*Até o tempo do fim*] a saber, o tempo designado pelo decreto de Deus, para trazer um fim a estas perseguições. ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>12</sup>

#### O VERDADEIRO CONHECIMENTO DE DEUS.

JOÃO CALVINO: Aqui, *o povo que conhece ao seu Deus* significa o seu verdadeiro povo – aqueles que são reconhecidos como seus eleitos. O anjo, neste momento, faz uma distinção entre os filhos piedosos de Abraão e os piedosos adoradores de Deus. É digno de observação cuidadosa, entender que o anjo menciona o conhecimento que eles têm de Deus como a causa e o fundamento de sua firmeza. Como, então, nós nos perguntamos, acontecerá que alguns permaneçam, quando os apóstatas se prostituem? Isso acontecerá porque seu conhecimento de Deus prevalecerá e os capacitará a vencer estes ataques, a repeli-los bravamente e a se tornarem superiores a qualquer tentação. Vemos, então, a fonte de onde nossa própria força flui – o conhecimento de Deus. Este reconhecimento não é uma imaginação fria e vã, mas se origina da fé que lança suas raízes vivas em nossos corações.

<sup>11</sup> CTS 25:322-324 (CO 19:254-256).

<sup>12</sup> *Pious Annotations* (1651), 11:31-35.



Consequentemente, segue-se que não reconhecemos Deus realmente a não ser que lute-mos bravamente no momento em que somos expostos à provação e permaneçamos firmes e estáveis, embora Satanás tente, através de várias maquinações, enfraquecer nossa fidelidade. E, a não ser que persistamos nesta firmeza que é aqui descrita, fica claro que Deus nunca foi verdadeiramente reconhecido por nós...

Esta instrução deve, agora, ser aplicada aos nossos tempos. Observamos, nestes dias, quantos abandonam a igreja. A perseguição penneira todos aqueles que professam pertencer a Cristo e, portanto, muitos soprados como a palha, e somente uma pequena parte permanece firme. Sua apostasia não deve suplantar a nossa fidelidade, quando eles tão descuidadamente abandonam toda piedade, sendo seduzidos pelos engodos de Satanás ou enganados pela conduta dos ímpios. Tenhamos em mente a afirmação do anjo e, assim, o verdadeiro conhecimento de Deus reinará supremo em nosso coração e prosseguiremos no caminho que temos seguido. E para mostrar quão consistentemente o fiel progride no ensino da lei e do evangelho, ele diz que o povo *se tornará forte e ativo*. Aqui, a palavra “ativo” é tomada no sentido de “executar” – “explorador”, como dizemos na França, significando que reunirão as suas forças para cumprir seu dever, pois a palavra “ativo” ou “executar” é referente à vocação dos piedosos; eles não serão preguiçosos ou indolentes no cumprimento de seu dever, diz o profeta, mas reunirão coragem para esta peleja. Mas de onde tirarão tal força? Do reconhecimento de Deus. Observamos, também, que a fé não é um sentimento inativo ou uma imaginação fria, sufocada em nossa mente, mas um princípio energizante. Pois podemos dizer que, da fé nasce a força e, da força, da atividade, e, desse modo, evitamos toda a indolência em nosso chamado. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>13</sup>

**O PROPÓSITO DA PERSEGUIÇÃO.** ANDREW WILLET: Existem dois propósitos na perseguição. Um deles é provar a firmeza e a fidelidade dos servos de Deus. O outro é purgar as impurezas que estão neles e branqueá-los. Assim, vemos que

os mais fiéis servos de Deus têm suas manchas, erros e imperfeições e, portanto, precisam ser purificados. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>14</sup>

**DEUS PRESERVA UM REMANESCENTE.** JOÃO CALVINO: Por fim, o anjo exprime quão pouca semente Deus preservará em sua igreja como mestres e líderes de outros, embora pequenos em número; como Isaías diz, Deus consumirá o seu povo, mas deixará um remanescente e ele permanecerá (Is 10.22). O sentimento desta passagem é o mesmo; mesmo que muitos se degenerem e abandonem a fé e este espírito se estenda a todo o povo, ainda assim, alguns deverão ficar firmes, talvez dez em cada mil – e estes serão os ministros de Deus para reunir uma nova igreja; e, desse modo, a terra que outrora era estéril se beneficiará desta irrigação e produzirá novas sementes. *Os sábios entre o povo ensinarão a muitos.* Enquanto o anjo está aqui predizendo o futuro, devemos tomar para nós mesmos esta admoestação: quanto mais cada um de nós se torna proficiente na fé mais esforço devemos exercer para ensinar nossos rudes e ignorantes vizinhos de acordo com esta exortação do anjo. Deus não estende a sua mão para nós para que sigamos o nosso próprio caminho, mas para ajudarmos os outros a terem progresso espiritual. Lemos, portanto, aqui, uma condenação da indolência daqueles a quem Deus concedeu muito conhecimento e fé, quando falham em usar a confiança dada a eles para a edificação dos irmãos. Esta predição do anjo tem de influenciar cada um de nós, como uma lei e regra, para buscarmos o benefício dos irmãos de acordo com a medida da nossa inteligência...

Concluindo, então, o anjo demonstra como Deus nunca aprova nenhum de seus mestres como legítimo e verdadeiro, a não ser que entreguem sua mensagem prontos para defendê-la e preparados para selá-la com seu sangue, sempre que for necessário. Devemos ler as duas cláusulas juntas: *Os sábios entre o povo ensinarão a muitos; todavia, cairão pela espada e pelo fogo.* Isso significa que eles preferirão perecer centenas de vezes, pela espada e pelo fogo, a

<sup>13</sup> CTS 25:325-326 (CO 19:256-257).

<sup>14</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 439.

desistir de seu ofício de ensinar. Além disso, o anjo, aqui, menciona vários tipos de morte, a título de exortação, pois se tivesse mencionado somente a *espada*, não teria expressado completamente a utilidade desta instrução. Sejam quais forem os mestres que Deus coloque sobre sua igreja, eles não serão totalmente provados no cumprimento de seu dever ao vencerem somente uma forma de tentação, mas eles devem lutar contra inimigos à direita e à esquerda e não devem permitir que os muitos perigos enfraqueçam sua perseverança e força. Se a espada os ameaça de um lado e o fogo de outro, se eles devem sofrer a espoliação de seus bens e banimento de suas casas, não obstante, estes mestres devem perseverar em seu caminho. Observamos, então, a multiplicidade de conflitos aqui enumerados pelo anjo, para nos ensinar a força da graça do Espírito ao sustentar os mestres e líderes da igreja e impedi-los de se entregarem a qualquer tentação enquanto estiverem contendo mesmo com a espada, o fogo, o exílio e até o espólio de seus bens. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>15</sup>

### 11.36-39 Antíoco Epifânio

**OS SANTOS DEVEM SER PURIFICADOS E LIMPOS.** JOÃO CALVINO: O anjo destaca, pelo resultado, como as perseguições, que pareciam indicar a destruição da igreja, são, não obstante, proveitosas e salutare para filhos de Deus, pois este é o método *para serem provados, purificados e embranquecidos* (Dn 11.36). Mas sempre devemos nos lembrar de que algumas borras poluidoras, as quais requerem purificação, ainda permanecem nos eleitos, sim, mesmo entre os santos mártires. O anjo, aqui, não trata de hipócritas ou de crentes comuns, mas de tudo o que é mais notável e mais perfeito na igreja e, mesmo assim, afirma a sua necessidade de purificação. Ninguém, portanto, ele conclui, possui tal santidade e pureza que possa impedir a existência de resquícios de contaminação que precisam ser removidos. Desse modo, torna-se necessário que eles passem pela fomalha e sejam purificados, como o ouro e a prata. Isto é extensivo a todos os mártires de Deus.

Isto nos lembra a grande tolice dos romanistas, ao imaginarem o mérito dos santos sendo transferidos a nós, como se eles tivessem mais do que o necessário para si mesmos. As indulgências, como eles chamam, estão baseadas neste erro, seguindo o seguinte raciocínio: se Pedro tivesse vivido o tempo ordinário da vida humana, ele teria provado ser fiel até o fim e, então, teria merecido a coroa do reino celestial; mas como ele foi além disso e derramou o seu sangue em martírio, alguns méritos foram superabundantes; estes méritos não podem ser perdidos, por isso, o sangue de Pedro e Paulo nos é proveitoso até o dia de hoje, para a remissão dos pecados. Esta é a teologia Papal, e esses miseráveis sofistas não se envergonham destas blasfêmias grosseiras, enquanto vomitam tal vil sacrilégio. Mas o ensino do anjo é muito diferente: os próprios mártires são beneficiados ao encontrarem a morte por causa de seu apego à verdade, porque Deus a usa *para serem provados, purificados e embranquecidos*. O anjo não teria dito isso, se alguma mistura de impurezas ainda não manchasse a pureza das vestes dos santos. Mas, esta doutrina deve ser mais do que o suficiente para nos encorajar a encarar todos os perigos quando nos encontramos manchados e contaminados com impureza escondida; além disso, nós devemos certamente determinar que a morte seria proveitosa neste sentido, quando Deus, então, nos purificará de todos os vícios pelos quais somos infectados e maculados. Por isso, o valor da repetição aqui: o anjo simplesmente não diz *provados*, mas acrescenta *purificados e embranquecidos*. Seja qual for a santidade que brilhe nas melhores pessoas, ainda assim, muitas manchas e muita impureza estão escondidas dentro delas e, por isso, em consequência de suas muitas falhas, a perseguição é sempre útil para elas. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>16</sup>

**OS PRIMEIROS ANOS DE ANTÍOCO EPIFÂNIO.** MARTINHO LUTERO: Ora, depois da morte de Filopator, Antíoco [III], o Grande, armou-se ainda mais ferozmente contra o seu filho, chamado

<sup>15</sup> CTS 25:328-330 (CO 19:258-260).

<sup>16</sup> CTS 25:336-337 (CO 19:263-264).

Ptolomeu [V] Epifânio, que era, ainda, uma mera criança, com cerca de cinco ou quatro anos de idade. Como geralmente ocorre, sempre que um rei precisa ter um regente, seus súditos se rebelam contra ele, e foi assim com Antíoco e outros reis, como Felipe da Grécia, pois todos queriam dividir as terras do pequeno Epifânio. Também, durante este tempo, houve grande discórdia por toda a terra. Os judeus também o abandonaram e se aliaram a Antíoco. Então, Daniel (11.13-16) diz que o rei Antíoco retornará e que muitos se levantarão contra o pequeno Epifânio, de forma que as forças do sul, isto é, as tropas de Epifânio na Fenícia e na Judeia, mesmo em Jerusalém, não serão capazes de resistir. Ao invés disso, Antíoco conquistou todas estas terras, chegando até a grande terra de Jerusalém. Ali, os judeus os ajudaram a caçar todas as tropas de Epifânio. Por isso, Antíoco grandemente honrou os judeus, dando a eles muitos presentes e grande liberdade. Mas ele ainda queria ir mais longe, queria conquistar o Egito. Então Ptolomeu Epifânio apelou aos romanos, de tal forma que Antíoco teve de parar abruptamente sua campanha e estabelecer a paz com Ptolomeu Epifânio, dando a ele sua filha, Cleópatra. Mas Antíoco não fez isso com boas intenções. Em vez disso, como Daniel diz (11.17), ele queria arruinar Epifânio. Antíoco pensou que, por meio de sua filha, poderia roubar o reino do menino. A rainha e os egípcios, todavia, frustraram seus planos. Depois disso, Antíoco guerreou contra os habitantes da ilha, na Ásia (como Daniel [11.18-19] diz), capturando muitos deles, mas os romanos se levantaram contra ele, forçando-o a retroceder, tirando dele o seu manto glorioso, e quase toda a Ásia Menor. Antíoco retornou para sua terra, viajando pela Pérsia, onde quis roubar o ouro do templo de Elymais (1Mac 6.1-3), mas os camponeses resistiram a ele firmemente, derrotando-o, e a todo o seu exército, até a sua morte. Ele permaneceu em terra estrangeira e nunca foi encontrado de novo.

Ora, antes disso, como os romanos venceram Antíoco, ele tinha mandado seu filho, chamado Antíoco, o Nobre, que era o menor e menos estimado de seus filhos, para Roma como refém ou penhor. Quando Antíoco morreu, seu

filho Seleuco Filopator se tornou rei, mas ele era um homem estúpido, como diz Daniel, sendo mais talhado para ser um bandido ou um carasco do que um rei. E porque ele não almejou nada de nobre ou honesto, logo pereceu. Então Antíoco, o Nobre, secretamente fugiu de Roma. Embora fosse tão desprezado e o reino não tenha sido deliberadamente dado a ele (como em Daniel [11.21] diz), não obstante ele veio manipulando, fingindo ter boas intenções, de forma que, através de artimanhas, tornou-se rei. Este é o último rei sobre o qual Daniel escreve, o “nobre” e “justo”, que tudo fez através do engano e deboche, mentindo e enganando, não agindo como um rei, mas ao invés disso, como um libertino. Suas brincadeiras eram grosseiramente cruéis e, como veremos, ele nem mesmo procurou alguma aparência de honra. Por causa deste fedelho ímpio e depravado, esta visão (Dn 8.2-14) foi dada como um conforto aos judeus, a quem ele atormentou com todo tipo de problema. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>17</sup>

#### OS ÚLTIMOS ANOS DE ANTÍOCO EPIFÂNIO.

MARTINHO LUTERO: Ora, assim como Antíoco tomara o seu reino de forma enganosa, da mesma maneira ele o expandiu. Como o rei do Egito, filho de sua irmã, chamado Ptolomeu [VI] Filometor, ainda era muito jovem, Antíoco agiu como se pretendesse ser um fiel regente para seu sobrinho, ocupando as cidades da Síria, Fenícia e Judeia. Quando os governadores do Egito as pediram de volta, Antíoco simplesmente se recusou a fazê-lo, gerando o início do conflito. Daniel (11.21-22) aqui fala sobre isso, dizendo que ele sobrevirá aos egípcios como uma maré (isto é, suplantará as forças e as tropas de Filometor), porque Antíoco alcançou vitória.

Mas esta brincadeira não foi o suficiente para ele, pois pretendia tomar todo o Egito. Então ele fez um tratado com os comandantes de Filometor, novamente agindo como se ele estivesse fazendo tudo isso para o bem de seu sobrinho, como um regente “fiel”. Com tais mentiras (como Daniel [11.23-24] diz aqui) ele entrou no Egito com poucas tropas. Os Egípcios abriram todos os portões para este “amado” tio.

<sup>17</sup> WADB 11.2:38-44.

Antíoco roubou a coroa, colocando-a sobre a sua própria cabeça, fazendo-se rei do Egito, roubando e pilhando toda a terra do Egito. Exatamente como o texto aqui indica (Dn 11.24), assim ele o fez, com artimanhas, algo que nenhum de seus antepassados conseguiu fazer nem mesmo usando a força. Então ele retornou para casa.

No entanto, o rei Filometor estava, agora, crescido e pronto para assumir o reino, querendo tomá-lo pela força. Assim, os dois reis entraram em guerra. Mas logo aquele “nobre” jovem, Antíoco, percebeu que Filometor era muito forte para ele. Então ele se apoiou em sua “virtude” costumeira. Com dinheiro, ele instigou um motim, de tal forma que o próprio povo de Filometor o matasse. Embora muitos fossem assassinados, mesmo assim ele não conquistou a terra. Então ele, mais uma vez, fez as pazes com seu sobrinho, comendo e conversando com ele à mesa, dizendo: “Eu alegremente visitaria o Egito uma vez mais.” Mas, desta vez, ninguém mais confiou nele. E, como Daniel diz aqui (11.27), ambos os reis procuraram a queda do outro, sob a fachada da paz. Com inúmeras possessões, Antíoco retornou para casa mais uma vez. No caminho, através de engano e embuste, entrou em Jerusalém, saqueando abominavelmente o templo e a cidade, como relatado em I Macabeus (1.20-28) e também como Daniel (11.28) diz: “Seu coração será contra a santa aliança”.

Pouco mais de dois anos depois, sabendo que as suas mentiras e artimanhas não mais o ajudariam, Antíoco dedicou-se à conquista do Egito pela força, agora marchando contra seu sobrinho, não como um regente, mas como inimigo. Todavia, Daniel (11.29) diz que ele “tornará a avançar contra o Sul; mas não será nesta última vez como foi na primeira”. Os romanos – os quais, pela vontade do rei, pai de Filometor, foram designados como seus regentes e protetores – enviaram um senador, Marcus Popilius, com tropas, a Antíoco, ordenando-lhe que deixasse o Egito. Todavia, ele novamente tentou fazer uso de sua velha “virtude”, tentando despedir os romanos com palavras brandas, alegando que ele queria ir se aconselhar com seus amigos. Mas, com o cetro em suas mãos,

Marcus Popilius fez um círculo na areia ao redor de Antíoco, pois estavam perto do mar, e proclamou: “Isto é o que o Senado de Roma declara: Você não deixará este círculo até que dê a sua resposta, se irá guerrear ou fazer a paz”. Em desvantagem, Antíoco teve de retroceder e retornar mais uma vez para sua terra.

De novo ele retornou através de Jerusalém, provocando destruição na casa de Deus, na adoração a Deus e no povo de Deus, já que não poderia dirigir sua ira ou vingar sua desgraça contra ninguém mais, além de Deus e seu reino. Muitos homens ímpios entre os judeus o ajudaram e serviram a ele, até que Deus levantou Judas Macabeu e seus irmãos contra ele, como é mostrado acima, no capítulo oito, e como Daniel (11.30-35) explica aqui no texto. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>18</sup>

**ANTIÓCO, O ANTICRISTO E O PAPA.** JOHN MAYER: Agora é chegada a hora de fazer a aplicação de tudo o que foi dito sobre esse Antíoco ao anticristo, o papa de Roma. O anticristo é aqui apresentado é a doutrina de Jerônimo e de toda a antiguidade. Aliás, alguns aceitam que a figura do anticristo se cumpriu totalmente ou em parte em Antíoco. Por causa destas palavras, diz Lyra, *não terá respeito aos deuses de seus pais... nem a qualquer deus* (Dn 11.37). Não podemos aplicar o texto a Antíoco, já que ele era um idólatra, assim como seus antepassados, e, mesmo quando Antíoco proíbe todos os ritos de outros deuses, ainda assim, ele era um adorador de Júpiter. Mas, pelo que já foi dito, podemos ver que não é inadequado aplicar isto a Antíoco, porque aquilo que todavia fora dito, *Não terá respeito aos deuses*, não obstante, é acrescentado para maior explicação: *Mas, em lugar dos deuses, honrará o deus das fortalezas; a um deus que seus pais não conheceram, honrará com ouro, com prata, com pedras preciosas e coisas agradáveis*, pelo que entendemos que, quando lemos *nem a qualquer deus*, isso não significa que Antíoco não adoraria nenhum deus, mas que não adoraria o deus que fora adorado e honrado por seus antepassados e compatriotas. Por conseguinte, deve-se

<sup>18</sup> WABD 11.2.44-48.

entender que as coisas aqui profetizadas foram todas cumpridas em Antíoco, mas, ao se referir assim a ele, o Espírito de Deus tinha um objetivo maior, a saber, nele e nas abominações cometidas por ele, para apresentar o anticristo e mostrar que não se trata de uma pessoa em particular ainda por vir, que reinará três anos e meio, 1260 dias, como tem sido geralmente aceito desde a antiguidade, mas o papa de Roma sendo uma continuação do anticristo, através de cada sucessão, por tantos anos, como nos dias referidos anteriormente. E isto pode muito bem se tornar evidente se começarmos com o Antíoco e, dali, prosseguirmos por tudo o que é profetizado a seu respeito, e considerarmos o procedimento do papa até aqui, como seguindo as pegadas de Antíoco, em seu horrível orgulho e ambição, pisando as leis e ordenanças de Deus e estabelecendo suas próprias leis e ordenanças, ameaçando os seus com as dores da morte, para poder ser obedecido e seguido por todas as pessoas.

Belarmino, a respeito daquilo que foi dito [Dn 11.36-37], começa com argumentos para provar que o papa não fora prefigurado por Antíoco e, portanto, não é o anticristo, pois o papa é bem conhecido por ser um adorador do Deus Pai, do Deus Filho e Deus Espírito Santo, aqui chamado de Deus dos deuses e de Deus de seus pais.

*Resposta:* O papa realmente adora a Deus exteriormente, mas, na verdade, ele o nega e se exalta acima dele, porque se considera acima da santa Palavra de Deus, preferindo aquilo que vem de si mesmo. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>19</sup>

**NÃO É ANTÍOCO NEM O ANTICRISTO.** JOÃO CALVINO: Esta passagem é muito obscura (Dn 11.36-39), e conseqüentemente, tem sido explicada de maneiras opostas por vários intérpretes. Tudo o que é obscuro usualmente se torna duvidoso, e haveria pouca utilidade e nenhum propósito se eu narrasse a opinião de todos eles. Desse modo, seguirei outro método e, omitindo todo o trabalho supérfluo, simplesmente examinarei o que o anjo quis dizer. Devo, todavia, me referir brevemente às opiniões da maioria,

porque ocupam a mente de muitos, fechando, assim, as portas para o correto entendimento. Os judeus, por exemplo, não são unânimes, e sua diferença de opinião só serve para produzir e perpetuar escuridão, ao invés de difundir a clareza da luz. Alguns explicam o texto como referindo-se a Antíoco, outros, aos romanos, mas de uma maneira diferente daquela que eu o farei.

Os expositores cristãos apresentam muita variedade, mas a maioria se inclina para o anticristo como o cumprimento da profecia. Outros, novamente, são mais moderados e supõem que o anticristo é, aqui, obliquamente sugerido, embora não excluam Antíoco como o tipo e imagem do anticristo. Esta última opinião tem grande probabilidade de ser verdade, mas eu não aprovo e posso facilmente refutá-la. Antíoco não viveu muito depois da contaminação do templo, então, os eventos subsequentes de maneira nenhuma se encaixam nas ocorrências dessa época. Nem podem seus filhos serem colocados em seu lugar e, portanto, devemos considerar outro rei, diferente de Antíoco e seus descendentes. Como eu já disse, alguns dos rabinos explicam que o texto se refere a isto como sendo os romanos, mas sem critério, pois primeiramente aplicam o texto a Vespasiano e a Tito, seu filho, e, então, estendem-no ao tempo presente, o que é totalmente sem sentido, como suas tagareladas tolas, segundo seu costume. Aqueles que explicam que o texto se refere ao anticristo têm alguma coisa de razão em seu argumento, mas não há lógica na sua conclusão, e perceberemos isso melhor no decorrer de nossa exposição. Devemos, agora, descobrir a qual rei o anjo se refere. Antes de tudo, aplico o texto inteiramente ao Império Romano, mas não o considero começando no reinado dos Césares, pois isto não seria apropriado e atualizado, como veremos...

Afirmaremos isso imediatamente. O anjo não profetizou a respeito de Antíoco ou de qualquer monarca, mas sim a respeito de um novo império, significando os romanos. Temos a razão à mão para entender por que o anjo passa direto de Antíoco para os romanos. Deus desejava amparar o espírito dos piedosos, para que não fossem dominados pelo medo pela quanti-

<sup>19</sup> *Prophets*, 573, 577.

dade e pelo peso dos massacres que esperavam por eles e por toda a igreja, até o advento de Cristo. Não era suficiente predizer as ocorrências sob a tirania de Antíoco, pois, depois deste período, a religião judaica seria cada vez mais injustificada, não somente por inimigos estrangeiros, mas pelo seu próprio sacerdócio. Nada permaneceu impoluto, já que sua ambição e avareza tinham chegado a tal ponto que eles espezinharam toda a glória de Deus e a própria lei. Os fiéis precisavam ser fortalecidos contra estas inúmeras tentações até que Cristo viesse e, então, Deus renovasse a condição de sua igreja. O tempo, portanto, entre os macabeus e a manifestação de Cristo não deve ser omitido. Agora, é suficientemente clara a razão pela qual o anjo passa direto de Antíoco para os romanos...

Lembremo-nos, então, que o anjo, agora, não está falando sobre Antíoco, nem dá um salto para frente, em direção ao anticristo, como alguns pensam, mas indica uma série perpétua. Assim, os fiéis estariam preparados para todos os ataques que pudessem ser feitos contra a sua fé, se esta proteção não tivesse sido interposta. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>20</sup>

**ANTIÓCO, UMA ADVERTÊNCIA E UM EXEMPLO.** JOHN MAYER: Por fim, em toda esta profecia sobre Antíoco, homens como ele são apontados, e seus destinos são lidos; se algum homem, através de bajulações e meios enganosos chegar ao poder, ou, tendo chegado ao poder, fica insaciável pela ambição de sua mente, ou abusa do seu poder contra os servos de Deus, o culto a Deus ou a casa de Deus, ou usa de crueldade e rapina, ou altera as boas leis fundamentadas na lei de Deus, ou se exaltam em seu orgulho, este homem deve saber que, em Antíoco, é ameaçado com um fim miserável. Seu levantar da poeira para se sentar com príncipes, seu sucesso em todas as suas empreitadas e o crescimento de sua riqueza e domínio, neste caso, não são argumentos do favor de Deus em seu benefício, mas uma ascensão, por assim dizer, por algum tempo, para que tenha uma queda ainda maior; o engordar de seu corpo, para que seu corpo, cheio de doenças, se torne tormentoso e incurável. Deus usa tal homem, como uma vara de indignação,

para disciplinar o seu povo, que provoca a sua ira, sendo depois tal vara lançada no fogo. O tempo certamente virá em que seu sucesso será transformado em mal, e a alegria da vitória, em tristeza pela derrota, e as suas maiores forças, reduzidas de maneira vergonhosa, fugindo até do mais fraco de todos. Aquele que for sábio considerará isto e não argumentará, com base em seu sucesso, de maneira injustificável, dia após dia, dizendo que sua causa é boa e que nada de mal nunca lhe acontecerá, mas mede a bondade de sua causa pela verdadeira regra da Palavra, que é a única que pode justificar as suas ações, e não por suas boas intenções ou pelo sucesso em seus empreendimentos. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>21</sup>

**ORGULHO E HUMILDADE.** JOÃO CALVINO: *Não terá respeito aos deuses de seus pais, nem a qualquer deus, porque sobre tudo se engrandecerá* (Dn 11.37). Aqui é mostrada a causa pela qual este rei seria um grosseiro desprezador de todas as divindades e feroz e bárbaro contra todos os mortais, a saber, *porque sobre tudo se engrandecerá*. O orgulho cegou de tal forma os romanos, que os fez esquecer a piedade e a humanidade; e, assim, esta sua intolerável autoconfiança foi a razão pela qual eles não deram honra a nenhuma divindade e pisaram todos os mortais. A humildade é, certamente, o começo de toda verdadeira piedade; e esta semente de religião está plantada no coração das pessoas, fazendo-as reconhecer ou não alguma divindade. Mas os romanos eram tão orgulhosos que se exaltavam acima de todo objeto de adoração e tratavam todas as religiões com desprezo e escárnio; e, dessa maneira, desprezando todos os seres celestiais, desprezavam toda a humanidade, o que era literalmente um fato notório. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>22</sup>

#### 11.40-45 A libertação

**A ESPERANÇA DA LIBERTAÇÃO PROMETIDA.** JOÃO CALVINO: *Entrará também na terra gloriosa, e muitos sucumbirão* (Dn 11.41), significando

<sup>20</sup> CTS 25:338-340, 344 (CO 19:265-266, 269).

<sup>21</sup> *Prophets*, 582.

<sup>22</sup> CTS 25:350-351 (CO 19:274).

que nenhuma esperança deveria permanecer para os judeus depois da chegada dos romanos, pois a vitória já estava preparada para eles. O anjo coloca diante dos fiéis esta informação desesperadora, provavelmente, não para induzir conforto e confiança, mas para que, estando conscientes destas predições divinas, soubessem, também, que o remédio estava preparado pelo mesmo Deus que os tinha admoestado por intermédio do anjo. Estava em seu poder para salvar sua igreja de centenas de mortes. Esta

profecia se tornou um tesouro inestimável, inspirando os fiéis com a esperança da libertação prometida. O anjo, depois, acrescentará a promessa planejada para confortar, fortalecer e reavivar os espíritos desanimados. Mas, aqui, ele anuncia que o auxílio de Deus não apareceria imediatamente, porque ele daria aos romanos total permissão para exercer uma cruel onda de tirania e roubo através de toda a Ásia e do Oriente. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>23</sup>

<sup>23</sup>CTS 25:261-262 (CO 19:281).

## 12.1-13 O FIM DOS TEMPOS

*<sup>1</sup> Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro. <sup>2</sup> Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno. <sup>3</sup> Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente. <sup>4</sup> Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará. <sup>5</sup> Então, eu, Daniel, olhei, e eis que estavam em pé outros dois, um, de um lado do rio, o outro, do outro lado. <sup>6</sup> Um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando se cumprirão estas maravilhas? <sup>7</sup> Ovi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão. <sup>8</sup> Eu ouvi, porém não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas? <sup>9</sup> Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim. <sup>10</sup> Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão. <sup>11</sup> Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil duzentos e noventa dias. <sup>12</sup> Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias. <sup>13</sup> Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança.*

<sup>a</sup> Ou quem estava rio acima; também verso 7.

**VISÃO GERAL:** Este capítulo final anuncia a volta de Miguel, a libertação dos santos e a ressurreição dos mortos. Alguns serão ressuscitados para a vida eterna, outros para a vergonha eterna. Nossos comentaristas retornam à questão sobre a identidade de Miguel. Todos concordam que Miguel, aqui, é o verdadeiro Filho de Deus, pela descrição de sua pessoa (igual a Deus), de seu ofício (ele é o grande príncipe) e de seu benefício (ele protege seu povo contra

Satanás e seus ministros). As consolações deste capítulo, são especialmente enfatizadas. Nossos comentaristas notam a preservação prometida por Deus ao seu povo, o ajuntamento de seu povo pela pura doutrina do evangelho, sua salvação e a ressurreição final.

Muitas questões são discutidas a respeito da visão final de Daniel. Dois anjos aparecem e perguntam ao homem vestido de linho. O homem vestido de linho é o Filho de Deus, que é

manifestado como homem e Deus. Além disso, uma harmonia é vista entre o Apocalipse de João e a visão de Daniel. Por causa da obscuridade daquilo que aqui foi revelado, Daniel ouviu sem entender e pediu esclarecimento ao Senhor, assim como o anjo tinha feito antes dele. Exatamente o que Daniel não entendeu é debatido pelos nossos comentaristas. Um comentário final é feito sobre a desolação do templo e a sua destruição final. Nossos autores encerram os seus comentários refletindo sobre as palavras finais a Daniel, para que ele ficasse firme no seu quinhão, que é Cristo. Lutero encerra o nosso comentário recomendando o livro de Daniel a todos os cristãos, os quais, aqui, encontrarão encorajamento, alegria e forças.

**RESUMO DO CAPÍTULO.** JOHN MAYER: Depois da profecia sobre Antíoco Epifânio, sua ira contra o povo de Deus e seu miserável fim, ao qual Deus, em seu justo julgamento, o conduziu, segue-se uma amplificação da profecia, com o fim de munir os servos de Deus com paciência para enfrentarem seus sofrimentos sob Antíoco e para confortá-los, declarando que Miguel é seu príncipe, sua vitória sobre o diabo, seus asseclas e seu primogênito, Antíoco, e sua libertação, sendo Antíoco destruído, e sua gloriosa ressurreição para a glória eterna. **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>1</sup>

## 12.1 O final dos tempos e a volta de Miguel

**O FINAL DOS TEMPOS.** JOHANN WIGAND: Este capítulo se refere ao final dos tempos deste mundo e ao julgamento do Filho de Deus sobre todos os vivos e os mortos... É acrescentada consolação para animar e fortalecer a igreja de Cristo, para que não seja desencorajada pelas terríveis tempestades e confundida pelos tempos finais, durante os quais Antíoco perturbará as consciências e os crentes serão de novo perseguidos até a morte, e, além disso, muitos lugares serão destruídos pelos turcos, e seu império será mais triste e mais rigoroso. A impiedade, a rebelião, a extravagância, a cobiça e outros males das pessoas aumentarão, pois Cristo

diz que os que viverem no final dos tempos serão como aqueles nos dias de Noé e Ló (Lc 17.27-30). **BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.**<sup>2</sup>

**NAQUELE TEMPO.** ANDREW WILLET: 1. Alguns se referem a este tempo como os últimos dias do mundo, depois que o anticristo tiver lutado contra a igreja de Cristo, o que continuará por três anos e meio (Lyra, com outros escritores que assim entendem isto). Mas nós afirmamos ser isto um devaneio que um anticristo singular virá no fim do mundo.

2. Bullinger considera isto como a vinda de Cristo para julgar, quando haverá tão grande tribulação como nunca houve no mundo antes. Isto parece ser um argumento, porque depois se menciona a ressurreição (Dn 12.2), mas isto é acrescentado como uma consolação. Aqueles que não foram libertos temporariamente naqueles dias turbulentos, deveriam estar certos de que ressuscitariam para a vida eterna.

3. Alguns explicam esta profecia como referindo-se à perseguição dos últimos dias sob o anticristo Turco (Melanchthon) e o romano (Osiander).

4. Calvino se refere a isto como o tempo da vinda de Cristo em carne.

5. Junius, em seu comentário, interpreta a profecia como referindo-se a todo o tempo do evangelho, o começo do qual se deu na primeira vinda de Cristo, e o fim, se dará na segunda.

6. Mas a profecia é mais adequadamente entendida como referindo-se ao tempo em que Antíoco deixou metade de seu exército com Lysias, enquanto ele foi a Elymais, na Pérsia, pois, na mesma época, Judas Macabeu, pela assistência do grande príncipe da igreja, Miguel, o qual é Cristo Jesus, retomou Jerusalém e purificou o templo, que tinha sido contaminado (2 Mac 10). **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.**<sup>3</sup>

**O RETORNO DE MIGUEL, O FILHO DE DEUS.** JOHANNES ECOLAMPÁDIO: *Nesse tempo, se levantará Miguel* (Dn 12.1). O próprio Senhor julgará em favor do povo de Deus durante aqueles

<sup>1</sup> *Prophets*, 582-583.

<sup>2</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 425, 443.

<sup>3</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 467.



perigosos dias. Embora o Senhor, naquele dia, será cercado com o serviço dos anjos, não obstante, o próprio Senhor será aquele que liberta o seu povo e, por esta razão, o Senhor é Miguel, o grande Príncipe, que se levantará para batalhar pelos filhos de seu povo. Eu sei que outros, que pertencem às sinagogas, se referem ao anjo príncipe de maneira diferente, mas a maneira como penso é respaldada por João, que diz em Apocalipse 19 que aquele que batalha por seu povo, o justo, o fiel e verdadeiro e que julga os órfãos, aquele cujas roupas estão manchadas de sangue (como referido nas palavras de Isaías 63), está montado em um cavalo branco e as suas tropas estão montadas em cavalos brancos. Finalmente, de sua boca sai uma espada afiada de dois gumes, com a qual ele destrói as nações e reis e governa com o cetro da justiça. E está escrito em sua coxa e em seu manto: Rei dos reis e Senhor dos Senhores. E, além disso, seu nome é o Verbo de Deus... João harmoniza bem o que é falado aqui em Daniel sobre o grande príncipe com seu Rei dos reis. De acordo com o significado do nome Miguel em hebraico, “quem é como Deus”, somos levados, de uma linda maneira, a Cristo. Novamente, é muito significativo que João entendeu este fato em Apocalipse, quando escreve sobre a grande batalha no céu entre Miguel e seus anjos contra o dragão. Pois ali o diabo foi lançado do céu para a terra e, como está registrado em Apocalipse 19, no lago de fogo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>4</sup>

**MIGUEL, O FILHO DE DEUS.** GIOVANNI DIODATI: [Dn 12.1. *Nesse tempo*] a saber, depois da destruição de todas as monarquias supramencionadas (veja Dn 2.44). [Miguel] a saber, o Filho de Deus, aparecerá na carne, e através de Deus, o seu Pai, será estabelecido como o Rei eterno de sua igreja (Dn 10.13,21; Js 5.14-14). [*Se levantará*] a saber, aquele que é o protetor de seu povo contra todos os inimigos (Sl 54.4). [*Haverá tempo*] isto parece ter uma relação com as calamidades extremas que os judeus sofreram sob os romanos, depois que Cristo subiu aos céus (Mt 24.21). [*Teu povo*] a saber, Deus libertará seus eleitos da reprovação geral e do extermínio da nação judaica (veja Mt

24.22; Rm 9.27,29). [*No livro*] a saber, o livro da vida eterna (Sl 69.28; Lc 10.20; Fp 4.3; Ap 3.5; 13.8).

[Dn 12.2. *Muitos*] O anjo menciona a consumação do reino de Cristo e a eterna salvação da igreja, na última ressurreição, que acontecerá junto com a destruição final de seus inimigos. [*Que dormem*] um termo das Escrituras para mostrar a imortalidade da alma e o repouso dos crentes depois da morte do corpo, com a certeza da ressurreição. [*Para vergonha*] veja Isaías 66.24; Romanos 9.21.

[Dn 12.3 *Os que forem sábios*] a saber, os verdadeiros crentes, que, nesta vida, são iluminados pelo Espírito Santo em fé, desfrutarão da luz de glória no reino dos céus. Ele faz alusão às pessoas sábias, das quais já tinha falado no tempo de Antioco (Dn 11.33,35). [*A muitos conduzirem*] a saber, os fiéis ministros do evangelho, que, recebidos por uma fé viva, é o único caminho para a justificação diante de Deus (Rm 1.16-17) e para a santificação em novidade de vida (1Tm 4.16; Tg 5.19-20). [*Como as estrelas*] Veja 1Coríntios 15.41.

[Dn 12.4. *Encerra as palavras*] O uso e claro entendimento destas profecias não é para este tempo presente (Dn 12.9), mas para a época de seu cumprimento, que é designado por Deus. [*Muitos o esquadrinharão*] a saber, procurarão entender as profecias para serem instruídos, confortados e fortalecidos. [*Conhecimento*] isto quer dizer, Deus, através de seu Espírito e dos eventos, dará total entendimento destas coisas, as quais são, ainda, obscuramente profetizadas (veja Is 29.18; Jr 23.20). ANOTAÇÕES PIEDOSAS.<sup>5</sup>

**O RETORNO DE MIGUEL E A NOSSA CONSOLAÇÃO.** JOHN WIGAND: *Nesse tempo* (Dn 12.1). Consolação, especialmente para todas as presentes circunstâncias, cuidados, proteção, e libertação realizados por Miguel, o grande príncipe, isto é, o próprio Filho de Deus, já foi mencionado no capítulo 10. Cristo explica e deixa claro estas coisas: “Eis que estarei convosco até

<sup>4</sup> *In Daniele Prophetam libri duo* (1553), 161.

<sup>5</sup> *Pious Annotations* (1651), 12:1-4.

o final dos tempos” (Mt 28.20). Novamente, eu “não os deixarei órfãos” (Jo 14.18). O que poderia ser dito mais docemente do que Jesus Cristo, o Filho de Deus e o Filho do Homem, nosso Salvador, não deseja nos abandonar, mas unir-se a nós de maneira amigável e nos proteger contra todas as adversidades e perigos? “Se Deus é por nós”, diz Paulo, “quem será contra nós?” (Rm 8.31)... Este Miguel é o onipotente, que conquista o mundo e seu dominador, que esmaga a cabeça da serpente, que tem autoridade sobre este mundo e o vindouro. Somos protegidos pelo Senhor que está perto de nós e, embora morramos, viveremos de novo, com ele. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>6</sup>

**MIGUEL, O GRANDE PRÍNCIPE.** JOHANN WIGAND: *O grande príncipe* (Dn 12.1). Em Isaías 9, Jesus Cristo é chamado o Príncipe da paz e, aqui, é chamado de o grande príncipe. Ele é o príncipe porque todos estão debaixo de seus pés (Sl 8.6). Existem duas razões pelas quais ele é corretamente chamado de príncipe. Primeiro, em razão da criação, porque todas as coisas foram criadas por meio dele. Por que, então, ele não seria chamado de príncipe de todas as coisas? Segundo, em razão de mérito, porque ele conquistou o mundo e o subordinou a si mesmo, junto com seu dominador, o diabo. Desse modo, ele é chamado corretamente de príncipe. Em Apocalipse 1 ele é chamado de príncipe dos reis da terra.

Ele é “grande” – de fato, mais acuradamente, ele é chamado de o maior e mais justo príncipe – porque Deus é onipotente, o autor e governador dos céus e da terra, que fez todas as coisas, e faz tudo o que deseja. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>7</sup>

**MIGUEL.** ANDREW WILLET: Aqui existem três considerações a respeito de Cristo:

1. A sua pessoa: ele é chamado Miguel, isto é, como Deus, alguém igual a Deus, uma pessoa distinta do Pai, mas da mesma essência, poder, eternidade; ele é o brilho de sua glória, e a forma de sua pessoa (Hb 1.3).

2. Seu ofício é descrito: ele é o grande príncipe; o governo está sobre os seus ombros

(Is 9.6); o Senhor dos senhores e Rei dos reis (Ap 17.14); o poderoso defensor e protetor de sua igreja.

3. O benefício que temos é este: este Miguel se levanta para defender seu povo da fúria de Satanás e de seus ministros. Nosso bendito Salvador diz: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.28). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>8</sup>

**UM TEMPO DE ANGÚSTIA.** JOHANN WIGAND: *Um tempo de angústia* (Dn 12.1). Várias tribulações. Verdaderamente este é o mais esplêndido nome para se dar ao povo de Deus, a igreja de Cristo, os filhos de Deus e herdeiros da vida eterna... Aqui o próprio Deus prediz para nós, através do anjo, sérias e distantes aflições, perturbações, privações e sofrimentos que só terão fim na vinda de Cristo em juízo, embora uma certa libertação e alívio sejam repetidamente concedidos pela misericórdia deste Miguel, para que a semente dos santos não seja totalmente extinta da terra e para que alguma propagação da doutrina celestial continue. Assim, o próprio Filho de Deus, feito homem por nós, nos diz: “Sereis odiados de todos por causa do meu nome” (Mt 10.22); “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos” (Mt 10.16); “Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros” (Jo 15.20); “Se alguém quer vir após mim, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16.24). E Paulo nos alerta veementemente: “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3.12). BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>9</sup>

**A PRESERVAÇÃO DE SUA IGREJA.** JOÃO CALVINO: O anjo não mais relata especialmente ocorrências futuras, mas proclama Deus como sendo, em geral, o guardião de sua igreja, de modo a preservá-la maravilhosamente em meio às muitas dificuldades e comoções amedrontadoras, como também na profunda escuridão de desastre e

<sup>6</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 443-444.

<sup>7</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 445.

<sup>8</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 483.

<sup>9</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 447.

morte. Este é o significado desta sentença. Este verso consiste de duas partes: a primeira fala do período mais terrível, que será cheio de várias e quase incontáveis calamidades; e a segunda nos assegura a proteção infalível de Deus e a preservação de sua igreja, através de seu próprio poder. Nesta segunda parte, a promessa é restrita aos eleitos e, assim, uma terceira cláusula pode ser distinguida, mas é somente uma adição à segunda, que acabamos de mencionar. No fechamento do verso, o anjo nos apresenta uma definição da igreja, quando muitos que professam ser povo de Deus, na realidade, não o são. Ele diz: *Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo* (Dn 12.1). Então ele declara a razão, a saber, *haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo*. Ao se dirigir a Daniel, ele diz *filhos do teu povo*, pois ele era um dos filhos de Abraão, e a nação da qual Daniel veio era, neste sentido, a sua. Disto segue-se que as calamidades das quais ele tratará pertencem à verdadeira igreja, não às nações profanas. A ajuda singular de Miguel nunca seria necessária, a não ser que a igreja estivesse sendo oprimida pela mais desastrosa agonia. Percebemos então que o que o anjo quis dizer está de acordo com a minha explicação. A igreja será submetida a inúmeras e dolorosas calamidades até o advento de Cristo, mas, ainda assim, sentirá a disposição propícia de Deus, garantindo sua segurança sob a sua proteção.

Muitos entendem que Cristo é Miguel, o cabeça da igreja. Mas nos parece melhor entender Miguel como o arcanjo. Este sentido se prova adequado, pois sob Cristo, que é o cabeça, os anjos são os guardiões da igreja. Seja qual for o verdadeiro significado, Deus é o preservador de sua igreja pela mão de seu Filho unigênito e, como os anjos estão sob o comando de Cristo, ele pode confiar esta missão a Miguel. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.**<sup>10</sup>

#### 12.2-4 salvação e ressurreição

**O FIM DO MUNDO E AS CONSOLAÇÕES DOS FIEIS.** FILIPE MELANCHTHON: Existem quatro consolações que nos são dadas neste texto que devem sempre ser lembradas por todos os que creem.

A primeira é que a igreja não será completamente destruída, mas resistirá às provações. Por esta razão, ele diz: “Os sábios entre o povo ensinarão a muitos” (Dn 11.33). Aqui, e em outros testemunhos, isto deve ser entendido como pertencendo à preservação perpétua da igreja. Similarmente, Cristo diz: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.20). E em Isaías, “Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o SENHOR: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela, nem da de teus filhos, nem da dos filhos de teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre, diz o SENHOR” (Is 59.21). Esta é uma descrição brilhante da igreja... na qual a voz do evangelho é ouvida e o Espírito Santo dirige os corações.

A segunda consolação que é encontrada aqui pertence aos futuros membros da igreja, que, onde quer que estejam, estão cercados pela pura doutrina do evangelho. Pois, como ele diz aqui, haverá uma dispersão do povo. Sob o reinado turco, sob outros reis e papas hostis à pura doutrina do evangelho, aqui e ali, os crentes serão espalhados. Estas pessoas se apegam a esta consolação de que a igreja não está presa a um estado político, mas todas as pessoas, onde quer que estejam, que clamam a Deus pela fé, verdadeiramente reconhecem Cristo e fogem da idolatria são membros da igreja de Deus. Através do pensamento, da vontade e da confissão, eles são unidos aos outros membros. Eles demonstram isso: “Minhas ovelhas ouvem a minha voz” (Jo 10.27). Outra vez: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (Jo 15.7). Mais uma vez: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20). Estas Escrituras têm sido transmitidas, de tal forma que os crentes espalhados por todos os lugares, têm consolação, não pensando que a igreja é política ou atrelada a um estado, mas a voz do evangelho e a verdadeira invocação de Deus.

A terceira consolação é que, quando a igreja sofre perseguição, ela é protegida pelo Filho de

<sup>10</sup> CTS 25:367-368 (CO 19:286).

Deus. Aqui neste texto é dito: “Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo”. Por esta palavra, todos os crentes estão confirmados, a quem o próprio Cristo confirma, dizendo: “Eis que estou convosco até o final dos tempos”. Em meio a tais dispersões, entre tantas dificuldades, os crentes podem pensar terem sido abandonados por Deus... embora os ímpios pensem que este povo foi negligenciado por Deus, não obstante, é certo que ele é defendido e consolado pelo Filho de Deus... Como ele diz, “nunca vos deixarei órfãos” (Jo 14.18).

A quarta consolação (a que também o anjo se refere) é que as privações não continuarão para sempre. Falemos sempre desta esperança, que é prometida aos crentes, de libertação gloriosa e alegria eterna. Os ímpios são advertidos com a punição eterna. Aqui Daniel diz: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno”. COMENTÁRIO SOBRE O PROFETA DANIEL.<sup>11</sup>

**O DIA FINAL DE RESSURREIÇÃO.** JOÃO CALVINO: O anjo aqui parece marcar uma transição do início da pregação do evangelho para o dia final da ressurreição, sem motivo suficiente para isso. Pois, por que razão ele passa por cima do tempo intermediário durante o qual muitos eventos poderiam ser objeto de profecia? Ele une estes dois assuntos muito bem e de maneira apropriada, conectando a salvação da igreja com a ressurreição final e com a segunda vinda de Cristo. Onde quer que olhemos ao nosso redor, nunca encontraremos qualquer fonte de salvação na terra. O anjo anuncia a salvação de todos os eleitos. Eles são miseravelmente oprimidos por todos os lados e, para onde quer que olhem, percebem somente confusão. Consequentemente, a esperança da salvação prometida não poderia ser concebida pelas pessoas antes que os eleitos elevassem a mente para a segunda vinda de Cristo. É como se o anjo tivesse dito: Deus será o protetor constante da igreja, até o fim, mas a maneira como ele a preservará não pode ser entendida de modo carnal, pois a igreja será como um corpo morto até que ressuscite...

Entretanto, é necessário acrescentar este segundo ponto: conquanto fixemos o nosso olhar somente neste presente estado das coisas e vivamos naquilo que o mundo nos oferece, sempre seremos como um corpo morto. E por quê? Nossa vida tem de estar escondida com Cristo em Deus. Nossa salvação está segura, mas ainda esperamos por ela, como Paulo diz em outra passagem (Rm 8.23-24). Aquilo pelo que esperamos não pode ser visto, diz ele. Isto nos mostra quão completamente oportuna é a transição desta doutrina sobre os eleitos de Deus para o último advento de Cristo. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>12</sup>

**CONDUZINDO MUITOS À JUSTIÇA.** JOHN MAYER: *Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas.* Aqui é mostrado em que glorioso estado os eleitos estarão na vida por vir, quão grandemente serão perseguidos e humilhados nesta vida e, ao dizer que eles *a muitos conduzem*, ele se refere a Daniel 11.33, onde se diz que *os sábios entre o povo ensinarão a muitos*, pois quem são os sábios que conduzem outros, senão aqueles que têm entendimento e ensinam a muitos? E quem são eles, senão Matatias e Judas Macabeus, e seus irmãos, que ensinaram a lei de Deus na doutrina e na vida, negando-se a fazer o contrário, aliás, sendo líderes de outros em sofrimento pela verdade, como diz Daniel 11.33, onde, depois de ter falado dos sábios instruindo a muitos, ele diz, não obstante, que serão mortos pela espada e pelo fogo. Por isso, aqui é apresentado em que alto grau de glória os fiéis ministros da palavra se encontrarão, aqueles que preservam a doutrina que receberam de Deus, até a morte, para o encorajamento de todos nós contra a malignidade e o desprezo deste mundo vil, para que nem pelo medo dos perigos nem pela esperança da recompensa nos apartemos de nosso dever, mas persistamos até o final de nossa vida. E este é o fundamento daquela doutrina sobre os graus de glória celestial. Quando os sábios e aqueles que a muitos conduzem são

<sup>11</sup> *In Danielem Prophetam* (1543), 367-372.

<sup>12</sup> CTS 25:373-374 (CO 19:290).

mencionados, os fiéis de qualquer vocação não são excluídos de participarem desta glória celestial; apenas mais eminência de glória é prometida para os que ensinam e convertem, pois *conduzir muitos à justiça, é justificar a muitos ou tornar muitos justos*, o que é feito quando, pelo ensino e pelo exemplo de pastores fiéis, muitos são convertidos, pois, no instante em que uma pessoa é convertida, ela é justificada, e o pregador, sendo o instrumento disto, é citado como quem justifica, como Paulo diz a Timóteo, que, continuando na doutrina, na exortação e na oração, ele salvará a si mesmo e aqueles que o ouvirem, pois, propriamente falando, somente Deus justifica, ao perdoar os pecados; uma pessoa só justifica instrumentalmente, quando, pela sua pregação, um pecador é convertido e, pela virtude do ofício a ela confiado, ele é absolvido de seus pecados. COMENTÁRIOS SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>13</sup>

**MINISTROS DA JUSTIFICAÇÃO.** JOÃO CALVINO: *Os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente* (Dn 12.3). O anjo repete a mesma coisa em outras palavras e, agora, fala de estrelas, tendo usado antes a expressão *fulgor do firmamento* no mesmo sentido; ao invés de “aqueles que são dotados de entendimento”, ele diz *os que a muitos conduzirem à justiça*. Sem dúvida, o anjo, aqui, indica especialmente os mestres da verdade; mas, em minha opinião, ele inclui todos os adoradores piedosos de Deus. Nenhum dos filhos de Deus deve limitar sua atenção a si mesmo, mas, tanto quanto puderem, todos devem ter interesse no bem-estar dos irmãos. Deus depositou conosco o ensino de sua salvação não com o propósito de o guardarmos para nós mesmos, mas para apontarmos o caminho da salvação a toda a humanidade. Este, portanto, é o dever comum dos filhos de Deus – promover a salvação de seus irmãos. Pela palavra *justiça*, o anjo não quer dizer que uma pessoa tem o poder de justificar outra, mas a propriedade de Deus é, aqui, transferida aos seus ministros. Entretanto, nós somos tão claramente justificados por qualquer ensino que traga a fé ao nosso alcance, quanto somos justificados pela fé que se origina desse ensino. Por que a nossa justificação é sempre

atrelada à fé? Porque a nossa fé nos direciona a Cristo, em quem está a completa perfeição da justificação, e, sendo assim, nossa justificação pode ser atribuída igualmente à fé ensinada e à doutrina que a ensina. E aqueles que nos trazem este ensino são os ministros de nossa justificação. A declaração do anjo, em outras palavras, é esta: os filhos de Deus, que, sendo dedicados inteiramente a Deus e governados pelo espírito de prudência, apontam o caminho da vida aos outros não somente se salvarão, mas possuirão uma glória eterna muito além de tudo o que existe neste mundo. Esta é a explicação completa. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>14</sup>

**O EVANGELHO TRANSFORMA MUITOS PARA A JUSTIÇA.** ANDREW WILLET: A filosofia não pode converter as pessoas à justiça, pois, como as estrelas que de alguma forma iluminam a noite não podem expulsar a escuridão, desse modo, a filosofia pode nos dar alguma luz ao entendimento, mas ela não pode, em última instância, afastar a ignorância, ou nos dar o verdadeiro conhecimento.

É a luz do evangelho que afasta a escuridão, como o apóstolo nos diz: “Vai alta a noite, e vem chegando o dia” (Rm 13.12), e somente Cristo tem as palavras de vida eterna ( Jo 6.68). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>15</sup>

## 12.5 A visão de Daniel

**ANJOS APARECENDO COMO HOMENS.** JOÃO CALVINO: Quando diz *Então, eu, Daniel, olhei* (Dn 12.5), ele nos estimula a notar a certeza de sua visão. A não ser que tivesse estado atento e tivesse aplicado sua mente seriamente a estes mistérios, sua narrativa não teria produzido confiança. Mas como sua mente estava completamente calma e ele estava desejoso de receber a instrução dada por Deus através de seu anjo, nem a mínima dúvida pode ser lançada sobre aquilo que ele tão fielmente nos comunicou. Daniel fala de anjos como se fossem homens, pela razão previamente apresentada. Ele não quer

<sup>13</sup> *Prophets*, 584-585.

<sup>14</sup> CTS 25:376-377 (CO 19:292).

<sup>15</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 484.

dizer que eles sejam realmente humanos, mas usa aquela expressão em consequência de sua aparência externa, pois, por terem rosto humano, foram chamados de homens. Não afirmo que o corpo deles fosse meramente imaginário, nem direi que Daniel viu somente formas especiais e formas humanas, pois Deus pode ter vestido seus anjos com corpos reais na ocasião, e ainda assim, eles não teriam, por esse motivo, se tornado homens reais. Pois Cristo tomou sobre si nossa carne e foi verdadeiramente homem, embora fosse Deus manifesto na carne (1Tm 3.16). Mas isto não é verdade com respeito aos anjos, que receberam apenas um corpo temporário para cumprirem os deveres de seu ofício. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>16</sup>

**DOIS ANJOS E O FILHO DE DEUS.** JOHN MAYER: Até este ponto foi apresentada a consolação dos fiéis contra todos os seus sofrimentos impostos pelo cruel tirano Antíoco Epifânio, com respeito ao final feliz de seus sofrimentos horripáveis. Ora, como um tempo determinado e o tempo do fim tinham sido mencionados, mas este fim ainda era desconhecido, dois anjos são trazidos para perguntar ao homem vestido de linho, mencionado em Daniel 10.3, quanto tempo haveria até o fim destes prodígios. Ele respondeu, jurando, para maior confirmação e levantando as mãos aos céus, *que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão.* Os anjos aparecem e são ouvidos perguntando ao Filho de Deus, para mostrar sua preocupação pelo bem dos fiéis e por seu livramento do perigo, como ministros enviados para o seu bem. E enquanto comumente, ao se jurar por aquele que vive para sempre, somente a mão direita é levantada, ele agora levanta ambas as mãos, por que os dois anjos ficaram um de cada lado do rio. Ele fez isso como que dirigindo-se a ambos os anjos, do lugar onde ele estava, que era sobre as águas, demonstrando o seu poder sobre os povos, representado comumente por águas; veja uma situação semelhante em Apocalipse 10.5-6. COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.<sup>17</sup>

## 12.6-7 O homem vestido de linho

**O HOMEM VESTIDO DE LINHO.** JOÃO CALVINO: Sabemos que há somente um mestre de pessoas e anjos – o Filho de Deus, que é a eterna verdade e sabedoria. Esta passagem pode estar se referindo a Cristo, mas, como não posso fazer uma declaração positiva, contento-me com a simples declaração já dada. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>18</sup>

**O SUMO SACERDOTE VESTIDO DE LINHO.** ANDREW WILLET: Aqui, primeiramente, a pessoa do Filho de Deus é apresentada como sendo Deus e homem. Esta aparição em forma humana foi um prelúdio e uma prefiguração de sua encarnação e da assunção de nossa carne. Por sua dignidade, sendo ele a palavra de seu Pai, dele, todos os eleitos, anjos e pessoas, recebem iluminação e conhecimento, pois ele é aquele *em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos* (Cl 2.3). Por seu ofício, ele é o nosso sumo sacerdote, o que é simbolizado por suas vestes de linho. Por sua autoridade, ele tem poder e governo sobre todas as nações e, por isso, fica sobre as águas, que simbolizam os povos. Sua misericórdia e seu amor também aparecem, estando pronto para declarar aos anjos o que desejavam saber. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>19</sup>

**DANIEL E JOÃO CONCORDAM.** JOHANNES ECOLAMPADIO: *Ouvi o homem vestido de linho.* Este verso está também no Apocalipse de João. No décimo capítulo de Apocalipse, ele diz: “Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora, mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos

<sup>16</sup> CTS 25:381 (CO 19:295).

<sup>17</sup> *Prophets*, 585-586.

<sup>18</sup> CTS 25:382 (CO 19:296).

<sup>19</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 484.

seus servos, os profetas (Ap 10.5-7). Quem não vê, aqui, que João se refere a Daniel como uma testemunha, nada entende. Não há nada contraditório naquilo que foi falado. Enquanto Daniel diz “estava sobre as águas do rio”, João diz “sobre o mar e sobre a terra”. Daniel diz “levantou a mão direita e a esquerda ao céu”. João diz simplesmente “levantou a mão direita para o céu”. Pois aqui o maior poder de Cristo é mostrado porque ele enche todas as coisas e é o Senhor dos céus, da terra e do mar. De fato, levantar a mão ao céu não indica um voto de obediência, como é comumente entendido, mas sim uma evidência de poder. João confirma isto por um juramento, jurando pelo Deus vivo que criou os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há. Desse modo, veja que ele jura por si mesmo, cujas mãos se estendem além dos céus e cujos pés estão sobre a terra e o mar, e se revela como o Senhor de tudo. Por estas razões, não há diferença no juramento. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>20</sup>

### 12.8-9 Ouvindo sem entendimento

**DANIEL OUVIU SEM ENTENDIMENTO.** JOÃO CALVINO: Agora Daniel começa a fazer perguntas, seguindo o exemplo do anjo. Ele tinha, antes, ouvido um anjo perguntado ao outro; logo a seguir, ele reúne coragem e se torna desejoso de informação e pergunta qual seria o fim, ou o resultado. Ele diz: *Eu ouvi, porém não entendi* (Dn 12.8). Pela palavra *ouvi*, ele dá testemunho da ausência de ignorância, desprezo ou preguiça. Muitos abandonam, sem nenhuma percepção, um assunto, embora possa estar muito bem explicado, porque não prestaram atenção a ele. Mas aqui o profeta declara que ouviu, sugerindo que não seria falta de diligência de sua parte se ele não entendesse, porque estava desejoso de aprender e tinha exercido todos os seus poderes, como anteriormente anunciamos, e, mesmo assim, confessa que não entendeu. Daniel não quis dizer que estava confessando total estupidez, mas restringe sua ignorância ao assunto de sua pergunta. Do que, então, Daniel era ignorante? Da questão do final dos tempos. Ele não conseguiu entender o significado destas predições, que eram extre-

mamente obscuras, e isto era necessário para que fossem plena e completamente compreendidas. Fica claro que Deus nunca profere sua palavra sem esperar frutos; como é dito em Isaías, *não falei em segredo... não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão* (Is 45.19). Deus não estava desejoso de deixar seu profeta nesta perplexidade de ouvir sem entender, mas estamos cômicos dos graus distintos de proficiência na escola de Deus. Novamente, revelação suficiente foi notoriamente dada aos profetas para cumprimento de seu ofício, e, mesmo assim, nenhum deles jamais entendeu perfeitamente as profecias que entregou. Sabemos, também, o que Pedro diz, a saber, que eles ministraram mais para o nosso tempo do que para o seu próprio (1Pe 1.12). Eles não eram, de maneira nenhuma, inúteis em seu próprio tempo, mas, quando nossos tempos são comparados com os deles, certamente a instrução e a disciplina dos profetas são mais úteis para nós e produzem frutos mais ricos e maduros no nosso tempo do que no deles. Não somos surpreendidos, então, ao vermos Daniel confessando que não tinha entendido, conquanto que restrinjamos as palavras a aquele caso somente. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>21</sup>

**A FALTA DE ENTENDIMENTO DE DANIEL.** JOHN MAYER: *Eu ouvi, porém não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas?* Por esta afirmação, Daniel quis dizer que o tinha escutado dizendo *um tempo, dois tempos e metade de um tempo*. Mas ele não sabia o que o homem vestido de linho queria dizer com isso, indicando um desejo de ser mais informado a esse respeito. Por isso, note que nem mesmo os profetas entenderam algumas coisas que lhes foram mostradas, sem que uma luz maior lhes fosse dada por aquele que conhece todos os segredos. Portanto, muito menos nós. A ingenuidade fez Daniel entender, mas o orgulho, ao contrário, faz, hoje, as pessoas, serem ignorantes de tudo. Mas Paulo diz, como Daniel confessa, *porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos*, e ainda: *se alguém julga*

<sup>20</sup> In *Danielem Prophetam libri duo* (1553), 164.

<sup>21</sup> CTS 25:385 (CO 19:298).

saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber, isto é, se alguém pensa tão grandiosamente de si mesmo que sabe alguma coisa e que nada é tão obscuro para que não entenda, ela está vazia de todo verdadeiro entendimento. O primeiro ponto a ser observado é que nós, como Daniel, temos que conhecer e reconhecer a nossa própria ignorância em humildade. Devemos procurar a Deus para que ele nos ilumine. *Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes imprópera; e ser-lhe-á concedida.*

*Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim.* Isto é, “não inquiria mais sobre esta questão; que seja suficiente para você o que lhe foi revelado. Como eu já lhe mostrei, e sem perturbar mais sua mente com aquilo que foi revelado, vá para seu túmulo em paz, pois nada mais destes mistérios será entendido até que as coisas profetizadas comecem a se cumprir. Até aquele tempo, elas permanecerão fechadas e seladas, como fora dito antes.” Desse modo, um conselho é dado a nós, a saber, que descansemos satisfeitos com aquele conhecimento que aprouve a Deus revelar a nós em sua palavra e não sejamos inquisitivos sobre tais coisas, pois ele as fechou ao nosso entendimento, como seus grandes segredos, de acordo com as palavras de Moisés: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos (Dt 29.29). **COMENTÁRIO SOBRE TODOS OS PROFETAS.**<sup>22</sup>

**DANIEL NÃO ENTENDEU.** ANDREW WILLET: Alguns pensam que Daniel, aqui, inquiriu sobre o fim do mundo, da mesma forma que os apóstolos perguntaram a Cristo. E, assim como Cristo respondeu aos seus apóstolos que o dia e a hora de sua volta não eram conhecidos, de fato, nem mesmo pelos anjos, a mesma resposta foi dada a Daniel aqui (Bullinger e Ecolampádio). Mas como foi mostrado anteriormente, esta profecia não se refere ao fim do mundo. Daniel somente desejou saber o que aconteceria com seu povo. **COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.**<sup>23</sup>

## 12.10 Purificação

**O FIEL PRECISA DE PURIFICAÇÃO CONSTANTE.** JOÃO CALVINO: De novo, o anjo menciona as perseguições que estavam por acontecer, com o propósito de prevenir os fiéis a respeito dos conflitos que se aproximavam (Dn 12.10). Sabemos, por outras fontes, quão tenra e fraca a nossa mente é naturalmente, pois assim que qualquer causa de medo surge, antes que ela se concretize, caímos, inertes, de terror. Como, portanto, nossa imbecilidade natural é tão grande, necessariamente precisamos de muitos estimulantes para nossa paciência e para nos animar a lutar com seriedade e nunca nos entregarmos à tentação. Esta é a razão pela qual o anjo anuncia a necessidade de tais purificações multiplicadas, para purificá-los, como o trigo é separado do joio; para branqueá-los, como o tecido é branqueado pelo lavandeiro; e para derretê-los, como um metal é separado das suas impurezas.

Antes de tudo, como já expliquei, ele admoesta Daniel e todos os piedosos sobre o futuro estado da igreja, para levá-los a se prepararem para a batalha e a reunirem suas forças não vencidas, já que a condição de vida colocada diante deles, são tais, que os forcem a abrir caminho em meio aos problemas. Este é um ponto. Novamente, o anjo mostra a utilidade prática deste tipo de vida, que poderia, de outra forma, parecer amarga demais. Naturalmente recusamos a cruz porque nós sentimos ser ela contrária à nossa deposição, enquanto Deus mostra aos piedosos que nada pode ser mais vantajoso para eles do que uma variedade de aflições. Este é o segundo ponto. Mas, as aflições por si só, podem, possivelmente, nos consumir, por isso somos lançados em uma fornalha. Agora, então, podemos esperar que estes sofrimentos promovam a nossa salvação, a não ser que Deus mude a sua natureza de maneira maravilhosa, sabendo que a tendência natural do sofrimento é produzir a nossa destruição? Mas enquanto somos derretidos, embranqueados e purificados, percebemos como Deus delibera sobre

<sup>22</sup> *Prophets*, 586-87.

<sup>23</sup> *Sixfold Commentary* (1610), 479.



nosso bem, ao nos pressionar com sua cruz e nos submeter às adversidades.

Ora, em terceiro lugar, o anjo mostra a insuficiência de um único ato de purificação, e a nossa necessidade de muitos mais. Este é o objeto deste numeroso empilhado de palavras, *muitos serão purificados, embranquecidos e provados*, ou derramados. Ele podia ter compreendido a ideia toda em uma só palavra; mas, como em toda a nossa vida Deus nunca cessa de nos testar de várias maneiras, o anjo ajunta estas três palavras para mostrar aos fiéis a sua necessidade de uma purificação contínua, enquanto estiverem nesta carne, assim como as vestes que são usadas diariamente têm a necessidade de ser lavadas continuamente. Por mais branco que um manto possa ser, ele fica sujo imediatamente ao ser usado, mesmo por um único dia, requerendo constante ablução para restaurar sua pureza original. Assim, somos postos em contato com a contaminação do pecado; e, enquanto formos peregrinos neste mundo, necessariamente nos tornamos suscetíveis a constante contaminação. E como os fiéis também são infectados com a contaminação de inúmeras iniquidades, eles precisam de purificação diária de maneiras diferentes. Devemos, então, diligentemente, observar estes três processos distintos. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>24</sup>

## 12.11-12 A abominação da desolação

**ABOMINAÇÃO DESOLADORA.** ANDREW WILLET: Jerônimo e Teodoro entendem, aqui, a descontinuidade do verdadeiro culto a Deus pelo anticristo em sua vinda. Ele trará uma desolação horrível e abolirá o verdadeiro culto a Deus. Ele proibirá o culto e adoração a Deus. Mas esta profecia não se refere ao fim do mundo e não haverá um anticristo singular.

Pereris e Pintos, com outros romanistas, entendem esta passagem como a revogação do sacrifício da missa e, em seu lugar, o anticristo ordenará a sua própria adoração. O cardeal Hugo também diz que o anticristo exigirá ser adorado. Mas o sacrifício idólatra da missa é a própria abominação da desolação, na qual o verdadeiro culto a Cristo e o uso correto da

eucaristia, de acordo com as instruções de Cristo, são abolidos. Esta abominação também não será o próprio anticristo, mas ele estabelecerá esta abominação...

Bullinger crê que o texto trata da abominável destruição da terra e da cidade dos judeus pelos romanos. Mas esta profecia foi cumprida no tempo de Antíoco, como mais tarde será mostrado.

Calvino entende que a referência é aos sacrifícios dos judeus, que eram abomináveis, depois do sacrifício de Cristo feito na cruz...

Osiander pensa que esta abominação da desolação é o culto idólatra trazido para a igreja pelo anticristo romano. Mas, neste caso, o tempo aqui descrito em dias não seria correto, pois por mais de tantos dias ou meses, o verdadeiro culto a Deus foi corrompido por eles e por tantos anos, denominados aqui como dias, Deus proíbe que a religião corrupta do anticristo continue.

Portanto, esta abominação que será realizada não é outra senão a profanação do templo por Antíoco, quando fez com que o abominável ídolo de Júpiter Olimpo fosse colocado dentro do templo e os sacrifícios diários cessassem (1Mac 1.57; 2Mac 6.2). COMENTÁRIO SOBRE DANIEL EM SEIS VOLUMES.<sup>25</sup>

### A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO. JOÃO CALVINO:

Em consequência da obscuridade desta passagem (Dn 12.11-12), ela foi deturpada de muitas formas. No final do nono capítulo, demonstrei a impossibilidade de esta profecia se referir à profanação do templo que ocorreu sob a tirania de Antíoco; nesta ocasião, o anjo dá testemunho da completa destruição do templo, a ponto de não deixar nenhuma esperança de restauração e reparo. Então, as circunstâncias do tempo nos convencem disto. Pois ele, então, disse que Cristo confirmará a aliança com muitos por uma semana e fará com que os sacrifícios e as oblações cessem. *Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora*, a desolação ou estupor, então a morte refinará, diz ele, aquele que está estupe-

<sup>24</sup>CTS 25. 387-388 ( CO 19.299-300).

<sup>25</sup>*Sixfold Commentary* (1610), 480.

fato ou atônito. O anjo, desse modo, trata da devastação perpétua do templo. Então, nesta passagem, sem dúvida, ele trata do período depois da destruição do templo; não haveria nenhuma esperança de restauração e a lei, com todas as suas cerimônias, chegaria, então, ao seu fim. Com esta interpretação, Cristo cita esta passagem em Mateus 24, enquanto admoesta seus ouvintes a diligentemente darem ouvidos a ele. Que aquele que lê entenda, diz ele. Dissemos que esta profecia é obscura, conseqüentemente, requer um grau maior de atenção. Antes de tudo, devemos sustentar este ponto; o tempo ora tratado pelo anjo começa na última destruição do templo. Aquela devastação aconteceu assim que o evangelho começou a ser pregado. Deus, então, abandonou seu templo, porque fora fundado para existir somente por um tempo e era apenas uma sombra, até que os judeus violaram tão completamente toda a aliança que nenhuma santidade permaneceu nem no templo, nem na nação, nem na própria terra. Alguns restringem isto aos estandartes que Tibério erigiu no mais alto pináculo do templo, e outros à estátua de Calígula; mas já declarei minha visão de que estas interpretações são muito forçadas. Não hesito em relacionar esta linguagem do anjo à profanação do templo que aconteceu depois da manifestação de Cristo, quando os sacrifícios cessaram e as sombras da lei foram abolidas. COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.<sup>26</sup>

### 12.13 Fiquem firmes

#### NOSSO LUGAR ATRIBUÍDO EM CRISTO.

JOHANN WIGAND: *Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança* (Dn 12.13). Isto é, o lugar do justificado e do abençoado. Cristo explica isto em Mateus 25, onde diz que existem dois grupos que serão trazidos ante o seu tribunal, um composto de bodas, que serão amaldiçoados, e o outro, de ovelhas, que serão salvas. Daniel se levantará em seu lugar, o que significa dizer, entre as ovelhas do aprisco de Cristo, que serão salvas. Esta é a maior consolação, saber que nós estaremos em nosso lugar entre os justificados. Sobre estas

coisas não é necessário para procurarmos em lugares escondidos, mas observarmos o que é revelado e certo. Isso não é de acordo com a terrível e acusadora lei, mas de acordo com o doce e consolador evangelho, pois Cristo nos redimiu da maldição da lei; nos chamou através de sua palavra de graça; nos regenerou no batismo; selou isto pelo testamento de seu corpo e sangue; nos deu o penhor do Espírito Santo, dando testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Temos todas estas coisas pela misericórdia graciosa de Deus, e pelos méritos de Cristo, que levou os nossos pecados. BREVE EXPOSIÇÃO DO PROFETA DANIEL.<sup>27</sup>

**FIQUEM FIRMES.** HEINRICH BULLINGER: Ele acrescenta uma esplêndida promessa para a consolação daqueles que perseveram: “E descansarás, sem dúvida, em corpo e alma”. E, de fato, a alma de Daniel, separada de seu corpo, pela morte, é trazida aos seus ancestrais, no seio de Abraão, onde ele tem paz e descanso.

Além disso, note, *Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança* (Dn 12.13). Você descansará, diz ele, sem dúvida, com completa integridade no corpo e na alma. Você descansará, eu digo, ressuscitado de onde morreu. E então, tomará o lugar reservado para você... Você reivindicará e tomará a sua porção ou herança. Estas palavras são mais claras e bem expressas por Paulo, que diz: “Importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo (2Co 5.10). De fato, esta é a porção ou herança dos santos – a imortalidade ou vida eterna, a qual pertence aos santos, glorificados na alma, assim como no corpo. Muito elegantemente, este santo e divino livro é concluído com esta declaração, na qual a recompensa final, por assim dizer, é mostrada a todos os crentes e a vida eterna é prometida a todos os que perseverarem. Nosso misericordioso Pai concede isto a nós pelos méritos de seu amado Filho, Jesus, nosso Senhor, a quem seja o louvor, a glória e

<sup>26</sup> CTS 25:389-390 (CO 19:301-302).

<sup>27</sup> *Explicatio Brevis* (1571), 462.

gratidão por todos os seus benefícios, para sempre e sempre. Amém. DANIEL, O MAIS SÁBIO DOS PROFETAS DE DEUS.<sup>28</sup>

**TODOS OS CRISTÃOS DEVEM LER DANIEL.**

MARTINHO LUTERO: Ordenamos a todos os bons cristãos que leiam esse livro de Daniel. Durante estes miseráveis últimos tempos, esse livro é reconfortante e útil aos crentes. Mas ele não tem absolutamente nenhum benefício aos ímpios, como diz no final (Dn 12.10), “os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá”. Tais profecias de Daniel e de outros profetas não foram escritas somente para que pudéssemos saber as velhas histórias e as futuras aflições, como que para satisfazer a nossa curiosidade com novas notícias, mas para que os santos fossem confortados e feitos felizes, para que a sua fé e esperança fossem fortificadas pela paciência. Aqui, os crentes veem e escutam que seus sofrimentos terão um fim, são libertos do pecado, da morte, do diabo e de todo mal (debai-xo do qual eles presentemente gemem), e irão a Cristo nos céus, em seu eterno e abençoado rei-

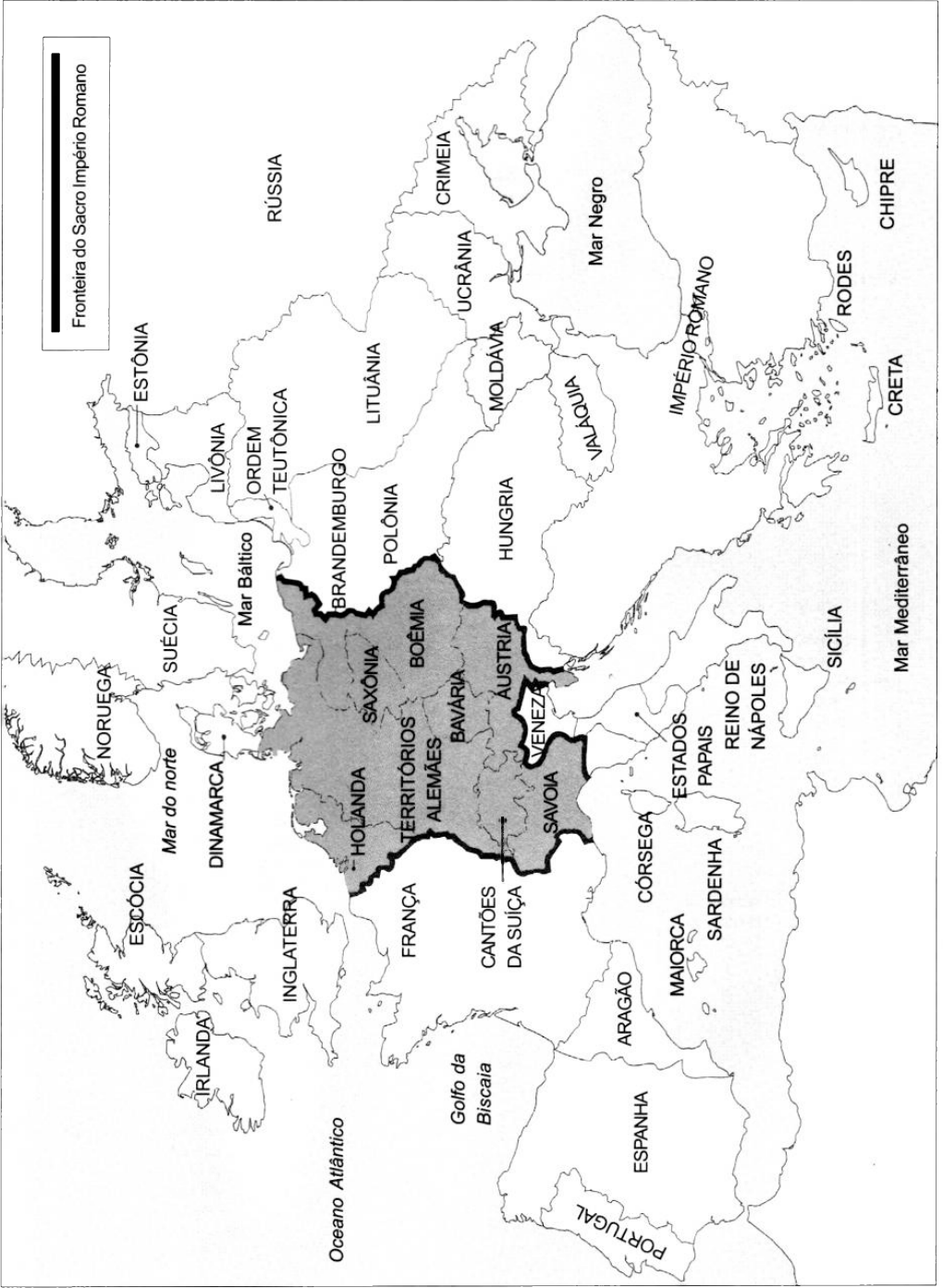
no. É exatamente assim que Cristo conforta seus discípulos, em Lucas 21.28, com notícias formidáveis: “Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima”.

Esta é a razão pela qual vemos, aqui, que Daniel sempre termina toda passagem e visão, por mais aterradora que seja, com alegria, a saber, com o reino de Cristo e sua vinda futura. Por causa desta vinda futura, que é o último e mais importante evento, foi que todas as visões e passagens foram criadas, interpretadas e escritas. Então, quem quiser se beneficiar da leitura das Escrituras não deve ficar confundido ou embaraçado nos eventos ou histórias, não indo além daquilo que foi revelado, mas deve alimentar e confortar seu coração na promessa e certeza da vinda de nosso Redentor, Jesus Cristo, que é a bendita e alegre redenção deste vale de morte e miséria. Que nosso amado Senhor e Salvador nos guie a isto e que ele, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, sejam louvados eternamente. AMÉM. PREFÁCIO AO PROFETA DANIEL.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> *Daniel Sapientissimus*, 139-140.

<sup>29</sup> WADB 11, 2:128-130.



Mapa da Reforma



## LINHA DO TEMPO DA REFORMA

	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1337-1453		Guerra dos Cem Anos					Guerra dos Cem Anos
1378-1415		Grande Cisma do Ocidente (o papado de Avinhão)		Grande Cisma do Ocidente			
1384							m. J. Wycliffe
1414-1418							
1415				Concílio de Constança; m. J. Huss			
1450	Invenção da imprensa escrita						
1452				n. Leonardo da Vinci (m. 1519)			
1453				Queda de Constantinopla			
1455-1485							Guerra das Rosas; Ascensão dos Tudor
1456	Bíblia de Gutenberg						
1460							
1466		n. Jacques Lafèvres d'Étaples (m. 1536)					
1467						n. Erasmo de Roterdã (m. 1574)	n. John Colet (m. 1519)
1475				n. Michelângelo (m. 1564)			
1478	n. Wolfgang Capito (m. 1541)		Fernando II e Isabel I				n. Thomas More (n. 1535)
1480	n. Balthasar Hubmaier (m. 1528); n. Andreas Bodenstein von Karlstadt (m. 1541)						

	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1481-1530			Inquisição espanhola				
1482					n. Johannes Ecolampádio (m. 1531)		
1483	n. Martinho Lutero (m. 1546)						
1484					n. Ulrico Zuinglio (m. 1531)		
1485	n. Johannes Bugenhagen (m. 1554)						n. Hugh Latimer (m. 1556)
1486	r. Frederick,o Sábio, Eleitor da Saxônia (m. 1525) n. Johannes Eck (m. 1543)						
1488							n. Miles Coverdale (m. 1568)
1489	n. Thomas Müntzer (m. 1525); n. Kaspar von Schwenckfeld 1561)						n. Thomas Cranmer (m. 1556)
1491	n. Ma- Bucer (m. 1551)		n. Inácio de Loyola (m. 1556)				
1492			Derrota dos mouros em Granada; Colombo descobre a América; Expulsão dos judeus da Espanha				
1494							n. William Tyndale (m. 1536)
1496	n. Andreas Osiander (m. 1552)					n. Menno Simons (m. 1561)	
1497	n. Filipe Melancthon (m. 1560) n. Wolfgang Musculus (m. 1563)						

	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUÍÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1498				m. Girolamo Savonarola	n. Conrad Grebel (m. 1526)		
1499	n. Johannes Brenz (m. 1570)			n. Peter Martyr Vermigli (m. 1562)			
1500			r. Carlos V (-1558)				
1501	n. Erasmus Sarcerius (m. 1559)						
1502	Fundação da Universidade de Wittenberg				n. Heinrich Bullinger (m. 1575)		
1504							
1505	Lutero entra para a Ordem Agostiniana						
1506				Começa a restauração da Catedral de São Pedro			
1507				Venda de indulgências aprovada para financiar construções			
1509		n. João Calvino (m. 1564)					r. Henrique VIII (-1547)
1510	Lutero se muda para Roma						n. Nicholas Ridley (m. 1555)
1511	Lutero se muda para Wittenberg						
1512				Capela Cistina é completada			
1512-1517				V Concílio de Latrão; rejeição do Conciliarismo			
1513	Palestras de Lutero sobre os salmos			r. Papa Leão X (-1521)			n. John Knox (m. 1572)
1515	Palestras de Lutero sobre Romanos	r. Francisco I (-1547); n. Peter Ramus (m. 1572)					



	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUÍÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1516		Estabelecimento da Igreja Nacional Francesa (pela Concordata de Bolonha); n. Theodore Beza (m. 1605)		Concordata de Bolonha		Publicação do Novo Testamento grego de Erasmo	
1517	Tetzel vende indulgências na Saxônia; Noventa e cinco teses de Lutero						
1518	Disputa de Heidelberg; Lutero examinado por Eck na Dieta de Augsburg			Dieta de Augsburg			
1519	Disputa de Leipzig		Cortez conquista os astecas; o navegador português Magellan circum-navega o globo		Zuinglio é designado pastor de Grossmünster em Zurique; n. Rudolf Gwalther (m. 1576)		
1520	Publicação dos Três tratados de Lutero; queima da bula papal em Wittenberg		Coroação de Carlos V	Bula Papal v. Lutero; <i>Exurge Domine</i> , ou Bula Papal			
1521	Lutero é excomungado; Dieta/Edito de Worms – Lutero é condenado; Lutero se esconde; <i>Loci Communes</i> de Melanchthon	Guerra franco-espanhola (-1526)	Guerra franco-espanhola; conversão de Loyola	Excomunhão papal de Lutero			Henrique VIII publica afirmação dos Sete Sacramentos contra a doutrina de Lutero e lhe é concedido título de “Defensor da fé” pelo papa.

	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1521-1522	Desordens em Wittenberg; Lutero traduz o Novo Testamento						
1521-1525		Primeira e Segunda Guerras entre os Valois e os Hamburgo					
1522	Lutero retorna de Wittenberg; NT de Lutero publicado; critica os profetas de Zwickau; n. Martin Chemnitz (m. 1586)		Publicação da Bíblia Poliglota Complutense de Cisneros		O caso das salsichas ( <i>Sausage affair</i> ) e a Reforma começa em Zurique sob Zuinglio		
1523	Revolta dos Cavaleiros	Bucer inicia ministério em Estrasburgo	Loyola tem experiências religiosas, que dão início à escrita de exercícios espirituais	r. Papa VII Clemente (-1534)	Iconoclasmo em Zurique		
1524-1526	Guerra dos Camponeses						
1524	Lutero critica os camponeses					Discussão de Erasmo sobre o livre-arbítrio	
1525	Lutero se casa; execução de Thomas Müntzer				Abolição da missa em Zurique; discussão sobre o batismo; primeiros crentes realizam o batismo em Zurique		
1526					O Concílio de Zurique ordena pena de morte obrigatória aos anabatistas	Publicação da tradução para o inglês do NT de Tyndale	
1527				O saque de Roma	Primeiros anabatistas decapitados em Zurique; rascunho da Confissão de Schleithem		

	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1528	Execução de Hubmaier						
1529	Dieta de Speyer; "protesto" evangélico; publicação dos catecismos de Lutero; Colóquio de Marburg; cerco de Viena pelas forças turcas	Abolição da missa em Estrasburgo					Thomas More é nomeado chanceler de Henrique VIII
1530	Dieta de Augsburg; Confissão de Augsburg		Carlos V é coroado (Sacro Império Romano)				
1531	Formação da liga Schmalkaldic				m. H. Zuinglio; sucedido por H. Bullinger		
1532		Publicação dos comentários de Calvino sobre Sêneca; conversão de Calvino					
1533		Nicholas Cop fala na Universidade de Paris; Cop e Calvino são apontados como simpatizantes de Lutero					Thomas Cranmer é nomeado arcebispo de Canterbury; Henrique VIII se divorcia
1534	Publicada a primeira edição da Bíblia de Lutero	A questão dos Placards; Calvino foge		É fundada a Ordem dos Jesuítas			Ato de Supremacia; cisma da Igreja da Inglaterra com Roma
1535	Saque dos anabatistas em Münster						m. Thomas More; m. John Fisher
1536	Concórdia de Wittenberg; n. Kaspar Olevianus (m. 1587)				Publicação da 1ª edição das <i>Institutas</i> de Calvino; Calvino chega a Genebra (-1538)	Publicação da tradução do NT de Tyndale; m. W. Tyndale	m. Ana Bolena; Henrique VIII dissolve os monastérios (-1541)

	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1537					Calvino apresenta as ordenanças eclesiásticas ao conselho de Genebra		
1538					Calvino é exilado de Genebra; chegada a Estrasburgo (-1541)		
1539		Calvino publica a 2ª edição das <i>Institutas</i> em Estrasburgo					Estatuto dos Seis Artigos; publicação da Bíblia do Trigo, de Coverdale
1540				Aprovação papal da Ordem dos Jesuítas			m. de Thomas Cromwell
1541	Colóquio de Ratisbona	Publicada a tradução para o francês das <i>Institutas</i> de Calvino			m. A. Karlstadt; Calvino retorna a Genebra (-1564)		
1542				Instituição da Inquisição romana			Guerra entre Inglaterra e Escócia; Tiago V da Escócia é derrotado; Irlanda é declarada reino soberano
1543	Copérnico publica <i>De Revolutionibus</i>						
1545-1547	I sessão do Concílio de Trento, Guerras de Schmalkaldic, m. Martinho Lutero			Concílio de Trento			
1547	Derrota dos protestantes em Mühlberg	m. Francisco I; r. Henrique II (-1559)					m. Henrique VIII; r. Eduardo VI (-1553)
1548	Ínterim de Augsburg (-1552)						
1549					<i>Consensus Tigurinus</i> entre Calvino e Bullinger		Publicado o primeiro <i>Livro de Oração Comum</i>

	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1551-1552	II Sessão do Concílio de Trento			Concílio de Trento			Quarenta e dois Artigos de Cranmer
1553							<i>Livro de Oração Comum</i> é revisado; m. Eduardo VI; r. Maria I (1558)
1554							Richard Hooker (m. 1600)
1555	Dieta de Augsburg; Paz de Augsburg; estabelece existência legal dos territórios do luteranismo e do catolicismo	Primeira missão dos franceses; pastores são treinados em Genebra					n. Robert Rollock (m. 1599); m. Hugh Latimer; m. Nicholas Ridley
1556			Renúncia de Carlos V			n. Sibbrand Lubbert (m. 1625)	m. Tomás Cranmer
1557					Michael Servetus é executado em Genebra		Aliança com a Espanha em guerra contra a França
1558			m. Carlos V				n. William Perkins (m. 1602); m. Maria I; r. Elizabeth I (-1603)
1559		m. Henrique II; r. Francisco II (-1560); I Sínodo Nacional das Igrejas Francesas Reformadas (1559) em Paris		Editado primeiro índice de livros proibidos	Edição final das <i>Institutas</i> de Calvino; fundação da Academia de Genebra	n. Jacobus Armínio (m. 1609)	Acordo Elizabetano
1560	m. P. Melancthon	m. Francisco II, r. Carlos IX (1574); Edito de Tolerância promove a paz com os huguenotes					Estabelecimento da Kirk (igreja) da Escócia

	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1561-1563	III Sessão do Concílio de Trento			Concílio de Trento			
1561						Confissão Belga	
1562		Massacre dos huguenotes dá início às guerras francesas de religião (-1598)					
1563	Catecismo de Heidelberg						
1564				n. Galileu (m. 1642)	m. J. Calvino		n. William Shakespeare (m. 1616)
1566				Catecismo Romano			
1567						Ocupação espanhola	Maria Stuart abdica ao trono escocês; r. Jaime VI (-1603)
1568						Movimento holandês pela libertação (-1645)	
1570				Bula Papal <i>Regnans in Excelsis</i> excomunga Elizabeth I			Elizabeth I é excomungada
1571	m. Johannes Kepler (m. 1630)		Espanha derrota a armada otomana na Batalha de Lepanto				
1572		Massacre dos huguenotes no dia de São Bartolomeu		r. papa Gregório XIII (-1583)		Guilherme de Orange invade a Holanda	
1574		m. Carlos IX; r. Henrique III (m. 1589)					
1576		Declaração de Tolerância; formação da Liga Católica		n. Jean Diodati (m. 1649)		Saque de Antuérpia; Pacificação de Ghent	

	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1577	Fórmula de Concórdia Luterana						Inglatera se alia à Holanda contra a Espanha
1578			Trégua com os otomanos				Sir Francis Drake dá a volta ao mundo de navio
1579			Expedições à Irlanda			Divisão das provincias da Holanda	
1580	Livro de Concórdia Luterano						
1581			n. Teresa d'Ávila				Aprovação dos estatutos anticatólicos
1582				Reforma gregoriana do calendário			
1583							n. David Dickson (m. 1663)
1584		Tratado de Joinville com a Espanha	Tratado de Joinville; entra na Liga Católica; derrota holandesa na Antuérpia			Queda de Antuérpia; m. Guilherme d'Orange	
1585		Henrique de Navarra é excomungado		r. papa Sisto V (-1590)			
1586							Sir Francis Drake faz uma expedição às Índias Ocidentais; Sir Walter Raleigh em Roanoke
1587		Henrique de Navarra derrota o exército real					m. Maria Stuart da Escócia

TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1588	Henrique de Navarra expulsado Henrique III de Paris; assassinato dos líderes da Liga Católica	Armada é destruída				Derrota da armada espanhola
1589	m. Henrique III, r. Henrique (de Navarra) IV (-1610)	Vitória sobre a Inglaterra em Lisboa				Derrota da Espanha em Lisboa
1590	Cerco de Henrique IV a Paris					Aliança com Henrique IV
1593	Henrique IV se converte ao catolicismo					
1594	Henrique concede tolerância aos huguenotes					
1595	Henrique IV declara guerra à Espanha; e é recebido pela Igreja Católica		Papa Sisto aceita Henrique IV na igreja			Aliança com a França
1596	n. René Descartes (m. 1650)					
1598	Edito de Nantes; tolerância aos huguenotes; paz com a Espanha	Tratado de Vervins; paz com a França				
1603						m. Elizabeth I; r. Tiago I (Tiago VI da Escócia) (-1625)
1605					n. Rembrandt (m. 1669)	Guy Fawkes e conspiração da pólvora
1606						Assentamento de Jamestown
1607						n. John Milton (m. 1674)



	TERRITÓRIOS ALEMÃES	FRANÇA	ESPAÑA	ITÁLIA	SUIÇA	HOLANDA	ILHAS BRITÂNICAS
1608							
1610		m. Henrique IV; r. Luís XIII (-1643)					
1611							Publicação da Versão Autorizada da Bíblia (AV/KJV)
1616							n. John Owen (n. 1683)
1617							n. Ralph Cudworth (m. 1689)
1618-1648	Guerra dos 30 anos						
1618/19						Sínodo de Dort	
1620							Terra dos puritanos ingleses em Massachusetts
1640				Diodati publica sua tradução da Bíblia para o italiano			
1642-1649							Guerras civis inglesas; m. Carlos I; r. Oliver Cromwell (1649-1660)
1643		m. Luís XIII; r. Luís XIV (-1715)					
1648		Tratado de Westphalia acaba com a Guerra dos 30 anos					
1660							Restauração inglesa; m. Oliver Cromwell; r. Carlos II (-1685)
1688							Revolução Gloriosa; r. Guilherme e Maria (-1702)

---

## RESUMOS BIOGRÁFICOS DE VULTOS DA ERA DA REFORMA

**Johannes Aepinus** (1499–1553). Teólogo e pregador luterano alemão. Foi aluno de Martinho Lutero,\* Filipe Melanchthon\* e Johannes Bugenhagen\* em Wittenberg. Por causa de sua crença luterana, Aepinus perdeu sua primeira posição de ensino em Brandenburg. Fugiu para o norte, para Stralsund, e se tornou o superintendente na Igreja de São Pedro, em Hamburgo. Em 1534, fez uma visita diplomática à Inglaterra, mas não conseguiu convencer Henrique VIII a aceitar a Confissão de Augsburg. Suas obras incluem sermões e escritos teológicos. Aepinus se tornou mais conhecido como líder dos infernalistas, que criam que Cristo sofreu tormento no inferno depois da crucificação.

**Johann Agrícola** (c. 1494–1566). Pastor e teólogo alemão. Agrícola foi aluno de Martinho Lutero\* e foi à Disputa de Leipzig com ele, em 1519; também participou da queima da bula papal em 1520. A participação em ambos os eventos o descrevem como um leal seguidor de Lutero. Eventualmente, Agrícola se afastou da distinção de Lutero entre lei e evangelho. Ele via o evangelho, não a lei, como a razão para o reconhecimento do pecado. Lutero respondeu, escrevendo panfletos anônimos que debatiam o tema do antinomianismo. Apesar de uma opinião aberrante, Agrícola se recusou a deixar a Igreja Luterana. Para suavizar as relações, em 1540, mudou-se para Berlim e publicou a retração de suas opiniões. Isso diminuiu o debate público, mas Lutero e Agrícola nunca se reconciliaram pessoalmente, embora Agrícola continuasse a reverenciar seu antigo mestre. No total, Agrícola serviu como catequista, diretor de uma escola de gramática, pregador, preletor nas universidades de Leipzig e de Wittenberg e capelão da corte.

**Tiago Armínio** (1559–1609). Pastor e teólogo remonstrante holandês. Armínio era um crítico franco do escolasticismo calvinista, cujas posições foram repudiadas pelo Sínodo de Dort. Armínio foi aluno de Teodoro Beza\* na Academia de Genebra. Serviu como pastor em Amsterdã e, mais tarde, uniu-se à faculdade de teologia da Universidade de Leiden, onde suas lições sobre predestinação foram populares e controversas. A predestinação, como Armínio a entendia, era o decreto de Deus determinado com base no reconhecimento divino de fé ou rejeição por parte dos seres humanos, que são os recebedores da graça preveniente, mas resistível.

**Richard Baxter** (1615–1691). Ministro puritano inglês. Baxter foi um importante pastor, evangelista e teólogo puritano, conhecido em toda a Inglaterra por seu ministério de referência em Kidderminster e uma pródiga produção literária, que resultou na produção de 135 livros em apenas quarenta anos. Baxter chegou à fé pela leitura de William Perkins,\* Richard Sibbes\* e outros antigos escritores puritanos e foi o primeiro clérigo a rejeitar os termos do ministério da igreja nacional inglesa, impostos pelo Ato de Uniformidade de 1662; Baxter escreveu em nome de mais de 1700 que, como ele, foram expulsos da igreja nacional. Ele esperava a restauração ao ministério da igreja nacional, ou a tolerância, para que pudesse pregar e pastorear de modo legítimo. Baxter buscou a unidade em termos teológicos, eclesiais, sociopolíticos e pessoais e é considerado um precursor do ecumenismo não conformista, embora tenha sido derrotado em seus esforços na Conferência de Saboia, em 1661, para considerar seriamente as objeções puritanas à revisão de 1604 do Livro de Oração. As opiniões de

Baxter sobre o ministério eram consideravelmente híbridas: ele era um ministro pedobatista não conformista, que aprovava o governo episcopal sinodal e a liturgia fixa. É mais conhecido por seus escritos clássicos sobre a vida cristã, como *The Saints' Everlasting Rest* e *A Christian Directory*, e ministério pastoral, como *The Reformed Pastor*. Também produziu *Catholick Theology*, um grande volume que adaptava os sistemas reformado, luterano, arminiano e católico romano da época uns aos outros.

**Theodoro Beza** (1519–1605). Pastor e professor francês. Beza foi compatriota e sucessor de João Calvino\* como líder da comunidade eclesiástica reformada francesa. Foi um notável estudioso do Novo Testamento, cujo *Codex Bezae* formou a base da sessão do Novo Testamento da Bíblia de Genebra em inglês. Um líder na academia e na igreja, Beza atuou como reitor em Lausane e em Genebra. Desfrutou de fama internacional por meio de sua correspondência com importantes líderes europeus. Beza desenvolveu e estendeu o pensamento doutrinário de Calvino, reconfigurando a doutrina da eleição (e.g., predestinação supralapsarianista) e a base relacional da presença eucarística.

**Georg Blaurock** (1492–1529). Anabatista suíço. Blaurock (um apelido que significa “casaco azul”, por causa de sua predileção por essa vestimenta) foi um dos primeiros líderes do movimento reformada radical suíço. Nas primeiras disputas públicas sobre o batismo, em Zurique, defendeu o batismo para os crentes e foi o primeiro a receber o batismo de crentes adultos ali, tendo sido batizado por Conrad Grebel,\* em 1525. Blaurock foi preso várias vezes por realizar grandes batismos de adultos e engajar-se em desobediência civil, interrompendo os cultos. Foi eventualmente expulso de Zurique, mas continuou pregando e batizando em vários cantões suíços até sua execução.

**Thielemans Jans van Braght** (1625–1664). Pregador holandês menonita. Depois de demonstrar grande habilidade com as línguas, este mercador de roupas se tornou pregador em sua cidade natal, Dordrecht, em 1648. Serviu neste ofício pelos dezesseis anos seguintes, até sua morte. Este celebrado pregador era famoso por se

engajar em debates sempre que surgia uma oportunidade, particularmente a respeito do batismo infantil. A publicação de seu livro de mártires, *Het Bloedigh Tooneel of Martelaerspiegel* (1660; *Martyrs' Mirror*), provou ser uma contribuição permanente para a tradição menonita. *Martyrs' Mirror* se apoiou fortemente no livro anterior de mártires, *Offer des Heeren* (1562), ao qual Braght acrescentou muitos mártires da igreja primitiva que rejeitavam o batismo infantil, bem como cerca de 800 mártires contemporâneos.

**Johannes Brenz** (1499–1570). Teólogo e pastor luterano alemão. Brenz foi convertido à causa reformada depois de ouvir Martinho Lutero\* falar; mais tarde, Brenz tornou-se aluno de Johannes Ecolampádio.\* Sua principal realização está em seu talento para organização. Como pregador da cidade de Schwäbisch-Halle, posteriormente, de Württemberg e Tübingen, supervisionou a introdução das medidas e doutrinas da Reforma e de novas estruturas de governo para as comunidades eclesiástica e educacional. Brenz também ajudou a estabelecer a ortodoxia luterana por meio de tratados, comentários e catecismos. Defendeu a posição de Lutero sobre a presença eucarística contra Ulrico Zwínglio\* e se opôs à pena de morte para dissidentes religiosos.

**Guillaume Briçonnet** (1470–1534). Abade e bispo católico francês. Briçonnet criou um círculo de curta duração de humanistas de mentalidade reformada em sua diocese, sob o patrocínio de Marguerite d'Angoulême. Seu desejo de reforma eclesiástica se desenvolveu por toda a sua prestigiosa carreira (incluindo posições como capelão real da rainha, abade de Saint-Germain-des-Prés e bispo de Meaux), influenciado por Jacques Lefèvre d'Étaples.\* Briçonnet encorajava a reforma por meio de visitações ministerial, pregação da Escritura na língua vernácula e estudo ativo da Bíblia. Quando isso despertou a ira da faculdade de teologia de Sorbonne, em Paris, Briçonnet abandonou a atividade e se afastou, pressentindo uma reforma eclesiástica que agisse hierarquicamente.

**Martin Bucer** (1491–1551). Teólogo e pastor reformado alemão. Frei dominicano, Bucer foi influenciado por Erasmo de Roterdã\*

durante seus estudos doutorais na Universidade de Heidelberg, onde começou a se corresponder com Martinho Lutero.\* Depois de defender a Reforma na Alsácia, Bucer foi excomungado e fugiu para Estrasburgo, onde se tornou líder da Reforma nas comunidades eclesiástica e educacional da cidade. Bucer buscou concórdia entre luteranos e zwinglianos e entre protestantes e católicos. Emigrou para a Inglaterra, tornando-se professor em Cambridge. O maior interesse teológico de Bucer era a centralidade da morte sacrificial de Cristo, que alcançou a justificação e a santificação e orienta a comunidade cristã.

**Johannes Bugenhagen** (1485–1558). Pastor e professor luterano alemão. Bugenhagen, como sacerdote e preletor em um monastério premonstratense, tornou-se pregador da cidade de Wittenberg durante os esforços reformacionais de Martinho Lutero\* e Filipe Melanchthon.\* Inicialmente influenciado pela leitura de Erasmo de Roterdã,\* Bugenhagen cresceu em orientação evangélica pelas obras de Lutero; mais tarde, foi aluno de Melanchthon na Universidade de Wittenberg, eventualmente atuando como reitor e membro da faculdade ali. Bugenhagen era um versátil comentarista, exegeta e preletor da Escritura. Por meio desses papéis e de seu desenvolvimento de material devocional e de material sobre a Escritura para ser lido na igreja, Bugenhagen facilitou o rápido estabelecimento da ordem eclesiástica em muitas províncias alemãs.

**Heinrich Bullinger** (1504–1575). Pastor e teólogo reformado suíço. Bullinger sucedeu Zwinglio\* como ministro e líder em Zurique. Autor primário da Primeira e da Segunda Confissão Helvética (1536; 1566), Bullinger foi levado ao pensamento reformado por meio de Martinho Lutero\* e Filipe Melanchthon.\* Depois que Zwinglio morreu, Bullinger foi vital para manter a adesão à causa reformada; ele supervisionou a expansão do sistema sinodal de Zurique enquanto pregava, ensinava e escrevia extensivamente. Um dos legados duradouros de Bullinger foi o desenvolvimento da interpretação federal da aliança de Deus com a humanidade, tornando o batismo e a eucaristia sinais pactuais.

**John Bunyan** (1628–1688). Pregador e escritor não conformista inglês. Bunyan foi um puritano inglês independente, ou congregacionista, um pregador notável e um escritor amado, cujo *Progresso do Peregrino* é um dos títulos ingleses mais vendidos da história. Nascido em uma família de classe operária, Bunyan não tinha instrução e se tornou letrado (e abraçou a fé) pela leitura da Bíblia e de antigas obras devocionais puritanas, como *The Plain Man's Pathway to Heaven* e *The Practice of Piety*. Depois de uma rápida passagem pelo exército parlamentar de Cromwell, na qual por pouco escapou da morte em combate, Bunyan se voltou para o ministério de pregação, sucedendo John Gifford como pastor na igreja congregacional de Bedford. Notável pregador, Bunyan atraía grandes multidões em apresentações itinerantes. Foi na forma de sermões que ele desenvolveu seu esquema teológico, que era um Calvinismo influenciado por Agostinho. A oposição de Bunyan ao Livro comum de Oração e sua rejeição ao licenciamento eclesiástico oficial o levaram a múltiplas prisões, onde escreveu muitas de suas famosas obras alegóricas, incluindo *O progresso do peregrino*, *A cidade santa*, *Meditações da prisão* e *Guerra santa*.

**Georg Calixtus** (1586–1656). Teólogo luterano alemão. Calixtus estudou na Universidade de Helmstedt, onde desenvolveu estima por Filipe Melanchthon.\* Entre seu tempo como estudante, mais tarde, como professor em Helmstedt, Calixtus viajou pela Europa, buscando um modo de unir e conciliar luteranos, calvinistas e católicos. Ele tentou fundir essas denominações pelo uso da Escritura, do Credo Apostólico e dos primeiros cinco séculos, interpretados pelo cânon vicentino. A posição de Calixtus foi rotulada de sincretista e provocou debate mesmo depois de sua morte.

**João Calvino** (1509–1564). Pastor e teólogo reformado francês. Em sua *Institutas da Religião Cristã*, Calvino forneceu uma dogmática teológica para as igrejas reformadas. A conversão gradual de Calvino à causa reformada ocorreu por meio do estudo com grandes humanistas em Paris, mas ele passou a maior parte de sua carreira em Genebra (exceto um

exílio de três anos em Estrasburgo, com Martin Bucer\*). Em Genebra, Calvino reorganizou a estrutura e o governo da igreja e estabeleceu uma academia que se tornou um centro internacional de educação teológica. Ele era um escritor incansável, tendo produzido suas *Institutas*, tratados teológicos e comentários da Escrituras.

**Wolfgang Capito** (1478?–1541). Humanista e teólogo humanista reformado alemão. Capito, um estudioso de hebraico, produziu uma gramática hebraica e publicou vários comentários em latim sobre livros da Escritura hebraica. Correspondeu-se com Erasmo de Roterdã\* e outros humanistas. Capito traduziu as primeiras obras de Martinho Lutero\* para o latim para o tipógrafo Johann Froben. Ao se encontrar com Lutero, Capito foi convertido à posição luterana, saiu de Mainz e se estabeleceu em Estrasburgo, onde lecionou teologia luterana para o clero da cidade. Com Martin Bucer,\* Capito reformou a liturgia, a vida e o ensino eclesiásticos, a educação, a assistência social e o governo. Capito trabalhou pela unificação teológica dos cantões suíços com Estrasburgo.

**Martin Chemnitz** (1522–1586). Teólogo luterano alemão. Importante figura no estabelecimento da ortodoxia luterana, Chemnitz estudou teologia e patristica na Universidade de Wittenburg e depois se tornou defensor da interpretação de Filipe Melancthon da doutrina da justificação. Chemnitz rascunhou um compêndio de doutrina e reorganizou a estrutura da igreja em Wolfenbüttel; mais tarde, fez esforços para conciliar as divisões dentro do Luteranismo, o que culminou na Fórmula de Concórdia.\* Uma de suas principais realizações teológicas foi a modificação da doutrina cristológica do *communicatio idiomatum*, que fornecia uma plataforma luterana para a compreensão da presença sacramental da humanidade de Cristo na eucaristia.

**John Colet** (1467–1519). Sacerdote, pregador e educador católico inglês. Colet, designado deão da Catedral de São Paulo por Henrique VII, era amigo de Erasmo de Roterdã,\* sobre cujos ideais eclesiásticos Colet reconstruiu o currículo da escola de São Paulo. Colet estava convencido de que o fundamento da reforma moral estava na educação das cri-

anças. Embora fosse um ardente defensor da Reforma, Colet, como Erasmo, permaneceu leal à Igreja Católica por toda a sua vida. A agenda de reforma de Colet era orientada por temas espirituais e éticos, demonstrados em seus comentários sobre livros selecionados do Novo Testamento e sobre os escritos de Pseudo-Dionísio, o Areopagita.

**Miles Coverdale** (1488–1568). Reformador e bispo inglês. Coverdale é conhecido por suas traduções da Bíblia para o inglês, completando os esforços de William Tyndale\* e, mais tarde, produzindo a Grande Bíblia, comissionado por Henrique VIII (1539). Antigo frei, Coverdale estava entre os estudiosos de Cambridge que se reuniam na taverna White Horse para discutir as ideias de Martinho Lutero.\* Durante os três termos de Exílio de Coverdale na Europa, ele fez várias traduções, incluindo a Bíblia de Genebra (1560). Foi nomeado bispo de Exeter por Thomas Cranmer\* e serviu como capelão a Eduardo VI. Coverdale contribuiu para a primeira edição do Livro Comum de Oração de Cranmer (1549).

**Thomas Cranmer** (1489–1556). Arcebispo e teólogo anglicano. Cranmer supervisionou a reforma na igreja e produziu as duas primeiras edições do Livro Comum de Oração (1549; 1552). Como aluno de doutorado em Cambridge, envolveu-se nas discussões da taverna White Horse. Cranmer contribuiu para a defesa religiosa do divórcio de Henrique VIII; Henrique, então, o nomeou Arcebispo de Cantuária. Cranmer conduziu cuidadosamente o curso da Reforma, acelerando sob Eduardo VI. Depois de apoiar a tentativa de impedir que Maria assumisse o trono, foi acusado de traição e queimado na estaca. O legado de Cranmer é o esplêndido inglês de sua liturgia e seus livros de oração.

**Caspar Cruciger** (1504–1548). Teólogo luterano alemão. Reconhecido por seu alinhamento com as opiniões teológicas de Filipe Melancthon,\* Cruciger foi um estudioso respeitado entre protestantes e católicos. Em 1521, foi a Wittenberg para estudar hebraico e permaneceu ali a maior parte de sua vida. Tornou-se um valioso companheiro de Martinho Lutero\* na tradução do Antigo Testamento e atuou como professor, delegado aos principais colóquios te-

ológicos e reitor. Cruciger foi um agente da Reforma em sua cidade natal, Leipzig, onde, aos quinze anos de idade, havia observado a disputa entre Lutero e Johann Eck.\*

**Hans Denck** (c. 1500–1527). Anabatista alemão e reformador radical. Denck, uma figura crucial do início do movimento anabatista alemão, combinava o misticismo alemão medieval com a teologia sacramental de Andreas Bodenstein com Karlstadt\* e Thomas Müntzer.\* Denck argumentava que as formas exteriores da Escritura e do sacramento são testemunhos simbólicos secundários da verdade revelada internamente pelo Espírito na alma humana. Esta posição o levou à expulsão de Nuremberg, em 1525; ele passou os dois anos seguintes em vários centros reformados nos territórios alemães. Na época de sua morte, surgiu uma violenta perseguição aos anabatistas no norte da Europa.

**David Dickson** (1583?–1663). Pastor, pregador, professor e teólogo reformado escocês. Dickson defendeu a forma presbiteriana de reforma eclesiástica na Escócia e era reconhecido por sua repetição da teologia federal calvinista e pela exposição de comentários bíblicos. Dickson atuou por mais de vinte anos como professor de filosofia na Universidade de Glasgow antes de ser nomeado professor de divindade. Ele se opôs à imposição das medidas episcopais à igreja escocesa e foi ativo nas esferas política e eclesiástica para protestar contra essas influências e proibi-las. Dickson foi removido de seu posto acadêmico depois de se recusar a fazer o juramento de supremacia durante a era da Restauração.

**Giovanni Diodati** (1576–1649). Teólogo reformado italiano. Diodati era de uma família de banqueiros italianos que fugiu, por motivos religiosos, para Genebra. Ali, foi aluno de Teodoro Beza;\* ao completar seus estudos doutorais, Diodati se tornou professor de hebraico na academia. Foi representante eclesiástico da igreja de Genebra no Sínodo de Dort e defensor da reforma no Vêneto. A principal contribuição de Diodati para o movimento italiano de reforma foi uma tradução da Bíblia para o italiano (1640-1641), que continua sendo a tradução padrão para o Protestantismo italiano.

**Johann Eck** (Johann Maier of Eck) (1486–1543). Teólogo católico alemão. Embora Eck não fosse um antagonista de Martinho Lutero\* até a disputa sobre as indulgências, as Noventa e Cinco Teses de Lutero (1517) selaram a rivalidade entre os dois. Depois de seu debate na Disputa de Leipzig (1519), Eck participou da escrita da bula papal que levou à excomunhão de Lutero. Grande parte da obra de Eck foi escrita em oposição ao Protestantismo ou para defender a doutrina católica e o papado; seu *Enchiridion* foi um manual escrito para contestar a doutrina protestante. No entanto, Eck também estava profundamente envolvido na pregação em paróquias, publicando um conjunto de homilias reunidos em cinco volumes. Participou das assembleias de Regensburg e Augsburg e liderou os católicos em sua rejeição à Confissão de Augsburg.

**Desiderius Erasmus (Erasmus de Roterdã)** (1466–1536). Humanista e pedagogo católico holandês. Erasmo, um celebrado humanista, foi reconhecido pela tradução de textos antigos, reforma da educação segundo os estudos clássicos, escritos morais e espirituais e a primeira edição impressa do Novo Testamento grego. Antigo agostiniano que nunca saiu da Igreja Católica, Erasmo chamou atenção para deficiências que ele via na igreja e na sociedade, desafiando várias doutrinas decisivas, mas defendendo reforma. Ansiava por uma vida cristã simples, espiritual, moldada pelos ensinamentos de Jesus e da sabedoria antiga. Foi frequentemente acusado de conspiração com Martinho Lutero\* por causa da ressonância de algumas ideias, mas debateu calorosamente com Lutero sobre o livre-arbítrio.

**Sebastian Franck** (1499–1542). Teólogo radical alemão. Franck se tornou luterano em 1525, mas, em 1529, começou a desenvolver ideias que o distanciavam de protestantes e católicos. Expulso de Estrasburgo e, posteriormente, de Ulm, por causa de seus escritos controversos, passou o fim de sua vida em Basileia. Franck enfatizava a palavra de Deus como uma centelha divina interna que não podia ser expressa adequadamente em formas externas. Assim, ele critica as instituições religiosas e os dogmas religiosos. Sua obra consiste principalmente de

comentários, compilações e traduções. Em sua extensa obra histórica *Chronica* (1531), Franck apoiou numerosos hereges condenados pela Igreja Católica e criticou autoridades políticas e eclesásticas.

**Johann Gerhard** (1582–1637). Teólogo, professor e superintendente luterano alemão. Gerhard é considerado um dos mais eminentes teólogos alemães, depois de Martinho Lutero\* e Martin Chemnitz.\* Depois de estudar patristica e hebraico em Wittenberg, Jena e Marburg, Gerhard foi designado superintendente, aos vinte e quatro anos de idade. Em 1616, foi nomeado para um posto na Universidade de Jena, onde reintroduziu a metafísica aristotélica e ganhou grande fama. Sua obra mais importante foi *Loci Theologici*, em nove volumes (1610-1625). Também expandiu a harmonia dos Evangelhos feita por Chemnitz (*Harmonia Evangelicae*), que foi, finalmente, publicada por Polykarp Leyser\* em 1593. Gerhard era famoso por seu espírito pacífico e pela capacidade de se comunicar com clareza.

**Conrad Grebel** (c. 1498–1526). Teólogo radical suíço. Grebel, considerado o pai do movimento anabatista, foi um dos primeiros defensores e realizadores do batismo de crentes, motivo pelo qual foi eventualmente preso em Zurique. Um dos compatriotas de Ulrico Zwinglio, Grebel defendia uma reforma rápida e radical, discordando publicamente das autoridades civis e de Zwinglio. As opiniões de Grebel, particularmente sobre o batismo, foram influenciadas por Andreas Bodenstein von Karlstadt\* e Thomas Müntzer.\* Grebel defendia a eliminação do envolvimento magistral no governo da igreja; em vez disso, queria que a igreja, como cristãos leigos, determinasse seus próprios assuntos com adesão estrita ao texto bíblico e fosse unificada no batismo volitivo.

**William Greenhill** (1591–1671). Pastor inglês não conformista. Greenhill estudou e trabalhou no Magdalen College. Ministrou na diocese de Norwich, mas logo foi para Londres, onde pregou em Stepney. Greenhill foi membro da Assembleia de Doutores de Westminster e foi nomeado capelão do parlamento pelos filhos de Carlos I. Oliver Cromwell o incluiu entre os

pregadores que ajudaram a fazer o esboço da Declaração de Saboia. Greenhill foi desaposado de seu posto depois da Restauração, após o que pastoreou independentemente. Entre as mais importantes contribuições de Greenhill para a história está sua *Exposition of the Prophet of Ezekiel*.

**Rudolf Gwalther** (1519–1586). Pregador e reformador suíço, Gwalther foi um perfeito servo da igreja reformada em Zurique, seu principal oficiante religioso e pregador, responsabilidade cumprida anteriormente por Ulrico Zwinglio\* e Heinrich Bullinger.\* Gwalther produziu sermões e comentários e traduziu as obras de Zwinglio para o latim. Trabalhou por muitos anos com Bullinger, na estruturação e no governo da igreja em Zurique. Também se esforçou para fortalecer as relações entre as igrejas reformadas do continente e as da Inglaterra: participou do Colóquio de Regensburg (1541) e se opôs à Fórmula de Concórdia.

**Balthasar Hubmaier** (1480/5–1528). Reformador anabatista alemão. Hubmaier, antigo sacerdote que tinha sido aluno de Johann Eck,\* é identificado por sua liderança no levante de camponeses em Waldshut. Hubmaier serviu como pregador da catedral de Regensburg, onde se envolveu em uma série de ataques antissemitas. Foi atraído para a Reforma pelos primeiros escritos de Martinho Lutero,\* seu contato com Ulrico Zwinglio\* o fez defender uma Reforma mais radical, incluindo o batismo de crentes e uma avaliação memorialista da eucaristia. Seu envolvimento na Guerra dos Camponeses levou a sua extradição e execução pelos austríacos.

**Hans Hut** (1490–1527). Anabatista alemão. Hut era um antigo líder de um ramo apocalíptico místico da reforma radical anabatista. Suas opiniões teológicas foram formadas por Andreas Bodenstein von Karlstadt,\* Thomas Müntzer\* e Hans Denck,\* por quem foi batizado. Hut rejeitava a sociedade e a igreja estabelecida e anunciava o iminente fim dos dias, que ele percebia na Guerra dos Camponeses. Eventualmente preso por praticar o batismo de crentes e participar da Guerra dos Camponeses, Hut foi torturado e morreu acidentalmente

em um incêndio na prisão de Augsburg. No dia seguinte, as autoridades sentenciaram seu cadáver à morte e o queimaram.

**Andreas Bodenstein von Karlstadt** (Karlstadt) (1486–1541). Reformador e teólogo alemão. Karlstadt, um antigo companheiro de Martinho Lutero\* e Filipe Melancthon\* na Universidade de Wittenberg, participou com Lutero da Disputa de Leipzig contra Johann Eck.\* Também influenciou a configuração do cânon do Antigo Testamento no Protestantismo. Durante o cativeiro de Lutero no Castelo de Wartburg, em Eisenach, Karlstadt supervisionou a reforma em Wittenberg. Sua aceleração do passo da Reforma trouxe conflito com Lutero, por isso Karlstadt saiu de Wittenberg, eventualmente se estabelecendo na Universidade de Basileia como professor de Antigo Testamento (depois de uma curta passagem por Zurique, com Zwinglio\*). Durante o tempo que passou na Suíça, Karlstadt se opôs ao batismo infantil e repudiou a doutrina de Lutero sobre a real presença de Cristo na eucaristia.

**John Knox** (1513–1572). Pregador reformado escocês. Knox, pregador ardente aos monarcas e zeloso defensor do alto Calvinismo, foi um vulto importante na Reforma da Escócia. Depois de ser preso nas galés francesas, Knox foi para a Inglaterra, onde se tornou capelão real de Eduardo VI. Com a ascensão de Maria, Knox fugiu para Genebra, tornou-se aluno de Calvino\* e atuou como pastor. Knox voltou à Escócia depois da morte de Maria e se tornou o principal arquiteto da Reforma da igreja escocesa (presbiteriana), atuando como um dos autores do Livro de Disciplina e escrevendo muitos panfletos e sermões.

**François Lambert** (Lambert de Avignon) (1487–1530). Reformador e teólogo francês. Em 1522, depois de ser atraído pelos escritos de Martinho Lutero\* e de se encontrar com Ulrico Zwinglio,\* Lambert saiu da Ordem Franciscana. Passou um tempo em Wittenberg, Estrasburgo e Hesse, onde assumiu um papel de liderança no Sínodo Homberg (1526) e criou um plano baseado na Bíblia para reformar a igreja. Atuou como professor de teologia na Universidade de Marburg de 1527 até sua morte. Depois do Colóquio de Marburg (1529), Lambert aceitou a

posição simbólica de Zwinglio sobre a eucaristia. Lambert produziu dezenove livros, em sua maioria comentários bíblicos que favoreciam interpretações espirituais; sua obra abrangente e inacabada de teologia foi publicada postumamente.

**Hugh Latimer** (c. 1485–1555). Bispo, pregador e reformador inglês. Latimer foi celebrado por seus sermões criticando a natureza idólatra das práticas católicas, as injustiças sociais impostas às classes mais baixas pela aristocracia e o individualismo do governo protestante. Depois de seu apoio à petição de divórcio de Henrique VIII, atuou como pregador na corte, sob Henrique VIII e Eduardo VI. Latimer se tornou proponente de reforma depois de sua formação na Universidade de Cambridge e recebeu licença para pregar. Depois da morte de Eduardo VI, Latimer foi julgado por heresia, morrendo na estaca com Nicholas Ridley\* e Thomas Cranmer.\*

**Jacques Lefèvre d'Étaples** (Faber Stapulensis) (1460?–1536). Humanista, editor e tradutor católico francês. Lefèvre d'Étaples estudou literatura clássica e filosofia, além de patrística e misticismo medieval. Defendeu o princípio de *ad fontes*, fazendo uma anotação em grande escala no corpus de Aristóteles, publicando os escritos de importantes místicos cristãos e contribuindo para os esforços de tradução e comentário da Bíblia. Embora nunca tenha rompido com a Igreja Católica, suas opiniões prefiguravam as de Martinho Lutero,\* pelo que foi condenado pela Universidade de Sorbone, em Paris. Encontrou refúgio na corte de Marguerite d'Angoulême, onde conheceu João Calvino e Martin Bucer.\*

**Sibrandus Lubbertus** (c. 1555–1625). Reformador calvinista e teólogo holandês. Lubbertus, uma importante figura no estabelecimento do Calvinismo ortodoxo na Frígia, estudou teologia em Witemburg e Genebra (com Teodoro Beza\*) antes de ser nomeado professor de teologia na Universidade de Franeker. Ao longo de sua carreira, Lubbertus defendeu a teologia do alto Calvinismo, defendendo-o em disputas com representantes do Socinianismo, do Arminianismo e do Catolicismo romano. Lubbertus criticou o teólogo católico Robert



Bellarmino e seu colega reformador holandês Tiago Armínio;\* opôs-se às opiniões deste último como proeminente participante do Sínodo de Dort.

**Martinho Lutero** (1483–1546). Sacerdote, professor, reformador e teólogo luterano alemão. Enquanto era professor em Wittenberg, Lutero reinterpretou a doutrina da justificação. Convencido de que a justiça vem somente da graça de Deus, questionou a venda de indulgências com as Noventa e Cinco Teses. As posições de Lutero provocaram conflito com Roma; sua negação da autoridade papal levou à sua excomunhão. Ele também questionou a missa, a transubstanciação e a comunhão sob uma única espécie. Embora Lutero tenha sido condenado pela Dieta de Worms, o Eleitor da Saxônia providenciou para ele um abrigo seguro. Lutero voltou a Wittenberg com a ordem pública entrando em colapso sob Andreas Bodenstein von Karlstadt;\* Lutero tomou um caminho de Reforma mais prudente. Sua tradução da Bíblia e da liturgia para o vernáculo, bem como seus hinos e sermões, provaram ser muito influentes.

**Georg Major** (1502–1574). Teólogo luterano alemão. Atuou na faculdade teológica da Universidade de Wittenberg, sucedendo como deão Johannes Bugenhagen\* e Filipe Melanchthon.\* Um dos principais editores da edição de Wittenberg das obras de Lutero, Major é muito identificado com a controvérsia que leva seu nome, na qual afirmou que as boas obras são necessárias para a salvação. Major qualificou sua afirmação, que foi feita em referência à totalidade da vida cristã. A Fórmula de Concórdia rejeitou a declaração, colocando fim na controvérsia. Como teólogo, Major também refinou as posições luteranas sobre a inspiração da Escritura e a doutrina da Trindade.

**Thomas Manton** (1620–1677). Ministro não conformista inglês. Manton, formado em Oxford, foi um ministro não conformista, atuando por um tempo como preletor na Abadia de Westminster e reitor de St. Paul's, Covent Garden, e foi um forte defensor do Presbiterianismo. Ficou conhecido como um rigoroso calvinista que pregava longos sermões expositivos. Em épocas diferentes de sua carreira eclesiástica,

trabalhou lado a lado com Richard Baxter\* e John Owen.\* Mais tarde, sua posição não conformista o levou a ser dispensado como clérigo da Igreja da Inglaterra (1662) e, eventualmente, à prisão (1670). Embora fosse um volumoso escritor, Manton era mais conhecido por sua pregação. Em seu funeral, em 1677, foi chamado de “rei dos pregadores”.

**John Mayer** (1583–1664). Sacerdote anglicano e exegeta bíblico. Mayer dedicou grande parte de sua vida à exegese bíblica, escrevendo um comentário de sete volumes sobre toda a Bíblia (1627–1653). Seguindo o estilo do *lócus* de Filipe Melanchthon, a obra de Mayer evitou o comentário contínuo, focalizando, em vez disso, problemas textuais e teológicos. Foi um pregador paroquial por vinte e cinco anos. No ofício sacerdotal, Mayer também escreveu um catecismo popular, *The English Catechisme, or a Commentarie on the Short Catechisme* (1621), que recebeu doze edições enquanto ele ainda estava vivo.

**Joseph Mede** (1586–1638). Estudioso bíblico, hebraísta e preletor anglicano. Homem de conhecimento enciclopédico, Mede tinha interesse em várias áreas, que iam de filologia e história a matemática e física, embora o pensamento milenarista e apocalíptico fosse, claramente, seu interesse principal. A obra mais importante de Mede foi seu *Clavis Apocalyptica* (1627, mais tarde traduzido para o inglês como *The Key of the Revelation*). Esta obra examinava a estrutura de Apocalipse como a chave para sua interpretação. Mede interpretou as visões como conectadas e a sequência cronológica dependendo de Apocalipse 17.18. Ele é lembrado como uma importante figura na história da teologia milenarista. Era respeitado como um estudioso de boas maneiras e generoso que evitava controvérsia e debate, mas tinha pensamentos muito originais.

**Filipe Melanchthon** (1497–1560). Educador, reformador e teólogo luterano alemão. Melanchthon é conhecido como companheiro e sucessor de Martinho Lutero\* na Reforma alemã e por seu trabalho pioneiro, *Loci Communes*, que serviu como livro-texto teológico. Melanchthon participou com Lutero da Disputa

de Leipzig, ajudou a implementar a Reforma em Wittenberg e foi o principal elaborador da Confissão de Augsburg. Mais tarde, Melanchthon e Martin Bucer\* trabalharam pela união entre as igrejas reformadas e católicas. Por causa da disposição mais ecumênica de Melanchthon e de sua modificação de várias doutrinas de Lutero, ele é visto com desconfiança por alguns.

**Thomas Müntzer** (c. 1489–1525). Reformador radical alemão. Como pregador na cidade de Zwickau, Müntzer foi influenciado pelo misticismo alemão e, cada vez mais convencido de que Martinho Lutero\* não conduzia a Reforma corretamente, procurou restaurar a pura igreja apostólica do Novo Testamento. As ideias radicais de Müntzer fizeram com que fosse expulso de várias cidades; desenvolveu uma teologia fortemente apocalíptica, na qual proclamava que, nos últimos dias, seria estabelecida uma pura comunidade de sofrimento, o que o estimulou a ter um papel proativo na Guerra dos Camponeses, que ele percebia como um evento apocalíptico crucial. Seis mil seguidores de Müntzer foram aniquilados por tropas magistrais e ele foi executado.

**Wolfgang Musculus** (1497–1563). Pastor, reformador e teólogo da Lorena. Musculus fez traduções, comentários bíblicos e um influente texto teológico, *Loci Communes Sacrae Theologiae* (*Commonplaces of Sacred Theology*), apresentando uma teologia zwingliana. Musculus começou a estudar teologia enquanto estava em um monastério beneditino; saiu em 1527 e se tornou secretário de Martin Bucer,\* em Estrasburgo. Mais tarde, foi instalado como pastor em Augsburg, eventualmente realizando a primeira liturgia evangélica na catedral da cidade. Embora fosse ativo na busca de uma agenda de Reforma, também era interessado pelo ecumenismo, participando da Concórdia de Wittenberg (1536) e das discussões entre luteranos e católicos.

**Johannes Oecolampadius (Ecolampádio)** (Johannes Huszgen) (1482–1531). Humanista, reformador e teólogo suíço alemão. Ecolampádio (um nome que ele assumiu que significa “luz da casa”) associou-se a Erasmo de Roterdã no Novo Testamento grego, lecionou línguas bíblicas e

exegese e produziu uma influente gramática grega. Depois de se unir à causa evangélica pelo estudo da patrística e da obra de Martinho Lutero,\* Ecolampádio foi para Basileia, onde lecionou exegese bíblica e participou da reforma eclesiástica. Por causa dos esforços de Ecolampádio, o concílio municipal aprovou uma legislação que restringia a pregação do evangelho e liberava a cidade da missa compulsória. Ecolampádio foi um grande aliado de Ulrico Zwinglio,\* a quem apoiou no Colóquio de Marburg (1529).

**Kaspar Olevianus** (1536–1587). Humanista, reformador e teólogo suíço-alemão. Olevianus é celebrado por compor o Catecismo de Heidelberg e produzir uma edição crítica das *Institutas* de Calvino em alemão. Olevianus estudou teologia com muitos, inclusive João Calvino,\* Teodoro Beza,\* Heinrich Bullinger,\* e Pedro Martyr Vermigli.\* Como defensor da doutrina reformada, Olevianus supervisionou a mudança do Luteranismo para o Calvinismo em Heidelberg, organizando as igrejas da cidade segundo a Genebra de Calvino. A visão eclesiástica calvinista de Olevianus o envolveu em uma disputa com outro reformador de Heidelberg sobre os direitos da disciplina eclesiástica, que Olevianus achava que pertenciam ao conselho de clérigos e presbíteros, não aos magistrados.

**John Owen** (1616–1683). Teólogo puritano inglês. Owen é um dos teólogos puritanos mais amplamente admirados, reconhecido por sua exatidão teológica e por sua defesa ardorosa, embora pacífica, da fé reformada em obras como *The Death of Death in the Death of Christ*, *Of Communion with God the Father, Son and Holy Spirit* e *The Glorious Mystery of the Person of Christ*. Owen estudou na Universidade de Oxford, onde foi, mais tarde, nomeado deão da igreja de Cristo e vice-chanceler, depois de seus serviços prestados a Oliver Cromwell. Também era membro do Parlamento Britânico e participou da Conferência de Saboia (que revisou o Livro comum de oração na tentativa de mediar entre os cleros presbiteriano e anglicano sobre as questões de ordenação e ordem do culto). Embora Owen tenha começado sua carreira como ministro presbiteriano, eventualmente foi para o partido dos independentes. As realizações

literárias de Owen são amplas, com um corpus que contém muitos volumes de sermões, comentários bíblicos (incluindo sete volumes sobre o livro de Hebreus), tratados teológicos e monografias controversas (incluindo disputas com os arminianos, anglicanos, católicos e socinianos). No centro da visão teológica de Owen estava uma elevada estima e uma interpretação integradora da de Cristo, o Espírito e a Escritura.

**William Perkins** (1558–1602). Pregador e teólogo puritano inglês. Perkins foi um pregador puritano presbiteriano e comentarista bíblico muito estimado na era elizabetana. Estudou na Universidade de Cambridge e, depois, tornou-se membro da Christ's Church College, como pregador e professor, sendo aclamado por seus sermões e por suas lições. Ainda mais, Perkins conquistou estimada reputação por sua ardente exposição da doutrina reformada calvinista ao estilo de Petrus Ramus,\* tornando-se uma dos primeiros teólogos reformados ingleses a alcançar reconhecimento internacional. Perkins influenciou a forma da teologia puritana federal calvinista e a visão de pregação lógica, prática e expositiva.

**Petrus Ramus** (1515–1572). Filósofo humanista reformador francês. Ramus foi um influente professor de filosofia e lógica no colégio real francês, em Paris. Converteu-se ao Protestantismo e saiu da França para a Alemanha, onde sofreu influência do pensamento calvinista. Ramus foi um crítico rigoroso de Aristóteles e observado por seu método de classificação baseado em um movimento dedutivo dos universais para os particulares, estes tornando-se divisões ramificadas que forneciam um quadro visual das partes do todo. Seu sistema influenciou profundamente a teologia e a pregação puritanas. Depois de voltar a Paris, Ramus morreu no massacre do Dia de São Bartolomeu.

**Nicholas Ridley** (c. 1502–1555). Bispo anglicano. Ridley foi aluno e professor na Universidade de Cambridge e foi nomeado capelão para o Arcebispo Thomas Cranmer.\* Acredita-se que ele seja parcialmente responsável pela mudança de Cranmer para uma interpretação simbólica da eucaristia. Cranmer promoveu

Ridley duas vezes: como bispo de Rochester, onde abertamente defendeu as posições teológicas reformadas, e, mais tarde, como bispo de Londres. Ridley ajudou Cranmer nas revisões do Livro Comum de Oração. O apoio de Ridley a Lady Jane Grey contra as reivindicações de Maria ao trono o levaram à prisão. Foi julgado por heresia e queimado na estaca com Hugh Latimer.\*

**Robert Rollock** (c. 1555–1599). Pastor, educador e teólogo reformado holandês. Rollock foi profundamente influenciado pelo sistema de lógica de Petrus Ramus,\* que ele implementou como tutor e, posteriormente, reitor da Universidade de Edimburgo e em suas exposições da Bíblia. Rollock, como professor de divindade e teólogo, foi instrumental para difundir um Calvinismo federalista na igreja escocesa; lecionou teologia usando os escritos de Teodoro Beza\* e articulou uma elevada interpretação factual das narrativas bíblicas. Foi um escritor prolífico de sermões, exposições, comentários, lições e tratados ocasionais.

**Erasmus Sarcerius** (1501–1559). Líder eclesiástico luterano alemão, educador e pastor. Sarcerius serviu como superintendente educacional, pregador da corte e pastor em Nassau e, mais tarde, em Leipzig. O selo da reputação de Sarcerius foi sua ênfase ética como exercida pela supervisão eclesiástica e pela estrutura familiar; ele também esboçou códigos disciplinares para igrejas regionais na Alemanha. Sarcerius trabalhou com Filipe Melanchthon\* como delegado protestante no Concílio de Trento, embora ambos tenham se retirado antes do término da sessão; eventualmente tornou-se oponente de Melanchthon, contestando sua compreensão da eucaristia em um colóquio em Worms, em 1557.

**Menno Simons** (c. 1496–1561). Líder anabatista holandês. Simons liderou um grupo anabatista separatista na Holanda que, mais tarde, seria conhecido como menonita, famoso pela não violência e pela renúncia ao mundo. Antigo padre, Simons rejeitou o Catolicismo por influência de discípulos anabatistas de Melchior Hoffmann e baseado no cuidadoso estudo na Escritura, na qual não encontrou apoio para a transubstanciação nem para o batismo infantil. Depois do saque anabatista em Münster, Simons

se comprometeu com um modo de vida não violento. Simons proclamou uma mensagem de discipulado radical de obediência e pureza interior, marcado pelo batismo adulto voluntário e a disciplina comunitária.

**Daniel Toussain** (1541–1602). Pastor e professor reformado suíço. Toussain se tornou pastor em Orleans depois de frequentar a faculdade em Basileia. Depois da terceira guerra de religião, Toussain foi exilado, eventualmente retornando a Montbéliard, sua terra natal. Em 1571, enfrentou oposição ali por parte de rigorosos governantes luteranos e foi exilado por causa de sua influência sobre o clero. Voltou a Orleans, mas fugiu depois do massacre do Dia de São Bartolomeu (1572), eventualmente tornando-se pastor em Basileia. Mudou-se novamente para Heidelberg, em 1583, como pastor do novo regente, tornando-se professor de teologia na universidade, e permaneceu ali até sua morte.

**William Tyndale** (Hychyns) (1494–1536). Reformador, teólogo e tradutor reformado inglês. Tyndale se formou na Universidade de Oxford, onde foi influenciado pelos escritos de pensadores humanistas. Crendo que a piedade é alimentada pelo encontro pessoal com a Bíblia, pediu para traduzir a Bíblia para o inglês; permissão negada, Tyndale foi para o continente para realizar sua tarefa. Seu Novo Testamento foi o equivalente a um moderno *best-seller* em inglês, mas foi banido e foram emitidas ordens para que fosse queimado. A teologia de Tyndale era orientada para a justificação, a autoridade da Escritura e a obediência cristã; Tyndale enfatizava a ética como uma realidade concomitante à justificação. Foi martirizado em Bruxelas antes de completar sua tradução do Antigo Testamento, que Miles Coverdale\* terminou.

**Juan de Valdés** (1500/10–1541). Teólogo e escritor espanhol. Embora tenha adotado uma doutrina evangélica, tivesse afiliações erasmianas e tenha publicado obras que estavam contidas no Índice de Livros Proibidos, Valdés reprovou os reformadores por criarem desunião e nunca deixarem a Igreja Católica. Seus escritos incluíam traduções do saltério hebraico e vários livros bíblicos, uma obra sobre a língua espanhola e vários comentários. Valdés fugiu para Roma em

1531 para escapar da Inquisição Espanhola e trabalhou na corte de Clemente VII, em Bolonha, até a morte do papa, em 1534. Valdés subseqüentemente retornou a Nápoles, onde liderou a reforma e o círculo valdense.

**Peter Martyr Vermigli** (1499–1562). Humanista, reformador e teólogo italiano. Vermigli foi um dos teólogos mais influentes da época, mantido no mesmo nível de Martinho Lutero\* e João Calvino.\* Na Itália, Vermigli era um distinto teólogo, pregador e defensor da reforma moral; todavia, durante a reinstalação da Inquisição Romana, Vermigli fugiu para regiões protestantes no norte da Europa. Foi eventualmente nomeado professor de divindade na Universidade de Oxford, onde participou de calorosas disputas sobre a eucaristia. Foi amplamente respeitado por seus comentários bíblicos profundamente integrados e tratados teológicos.

**Johann Wigand** (1523–1587). Teólogo luterano alemão. Wigand é notável como um dos compiladores do *Magdeburg Centuries*, uma história eclesiástica alemã dos primeiros treze séculos da igreja. Foi aluno de Filipe Melancthon\* na Universidade de Witemburg e se tornou importante figura nas controvérsias que dividiam o Luteranismo. Fortemente oposto ao Catolicismo Romano, Wigand fez campanhas contra inovações na teologia luterana que pareciam simpáticas ao pensamento católico. Em debates posteriores, o apoio de Wigand ao gnesio-luteranismo estabeleceu seu papel no desenvolvimento do Luteranismo confessional. Wigand foi nomeado bispo de Pomerania depois de ocupar cargos acadêmicos nas universidades de Jena e Konigsburg.

**Andrew Willet** (1562–1621). Sacerdote anglicano, professor e expositor bíblico. Willet foi um grande expositor bíblico e um poderoso pregador. Abandonou uma promissora carreira universitária em 1588, quando foi ordenado sacerdote na Igreja da Inglaterra. Pelos trinta e três anos seguintes, serviu como sacerdote em uma paróquia. Os comentários de Willet resumem o estado de discussão da época e também oferece aplicações práticas para os pregadores. Têm sido citados como alguns dos comentários mais técnicos do início do século 17.

Sua publicação mais importante foi *Synopsis Papismi, or a General View of Papistrie* (1594), na qual respondeu a muitas críticas de Robert Bellarmine. Depois de anos de favor real, Willet foi preso, em 1618, por um mês, depois de apresentar ao rei Tiago I sua oposição ao “Casamento Espanhol” do príncipe Charles com a Infanta Maria. Enquanto servia como sacerdote em uma paróquia, escreveu quarenta e duas obras, cuja maior parte era de comentários de livros da Bíblia ou obras controvertidas contra os católicos.

**Ulrico Zwinglio** (1484–1531). Humanista, pregador, teólogo e reformador suíço. Zwinglio, um sacerdote paroquial, foi influenciado pelos

escritos de Erasmo de Roterdã\* e aprendeu grego sozinho. Enquanto era pregador da catedral de Zurique, Zwinglio realizou a reforma por meio de sermões, disputas públicas e conciliação com o concílio municipal, abolindo a missa e as imagens na igreja. Zwinglio rompeu com a pregação tradicional do lecionário e, em seu lugar, pregou uma série de sermões bíblicos expositivos. Mais tarde, envolveu-se em uma controvérsia com os anabatistas sobre o batismo infantil e com Martinho Lutero\*, no Colóquio de Marburg (1529), sobre seus pontos de vista diferentes sobre a eucaristia. Zwinglio, servindo como capelão do exército de Zurique, foi morto em combate.

---

## Bibliografia

### Fontes e traduções usadas neste volume

- Baxter, Richard. *The Practical Works of Richard Baxter*. 4 vols. Reimpressão. Ligonier, Pensilvânia: Soli Deo Gloria Publications, 1990.
- Braght, Tieleman J. van. *A Martyrology of the Churches of Christ, Commonly Called Baptists, During the Era of the Reformation*. Edward Bean Underhill (org.). 2 vols. Londres: Hanserd Knollys Society, 1850.
- Bullinger, Heinrich. *Daniel Sapientissimus Dei Propheta*. Zurich: C. Froschouerus, 1576.
- Bullinger, Heinrich. *The Decades of Bullinger*. 4 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1849–1852.
- Bunyan, John. *Solomon's Temple Spiritualized*. In Complete Works of John Bunyan. Filadélfia: Bradley, Garretson, 1872.
- Calvino, João. *Commentaries on the Book of the Prophet Daniel*. Thomas Myers (trad.). 2 vols. Edimburgo: Calvin Translation Society, 1847; reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1948.
- \_\_\_\_\_. *Commentaries on the First Twenty Chapters of the Book of the Prophet Ezekiel*. Thomas Myers (trad.). 2 vols. Edimburgo: Calvin Translation Society, 1847; reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1948.
- \_\_\_\_\_. *Institutes of the Christian Religion*. John T. McNeill (org.). Ford
- Lewis Battles (org.). 2 vols. Filadélfia: Westminster Press, 1960.
- Charles G. Herbermann (org.) et al. *The Catholic Encyclopedia*. 16 vols. Nova York: The Encyclopedia Press, 1907–1914.
- Chemnitz, Martin. *The Harmony of the Four Evangelists*. Polycarp Leyser e Johann Gerhard (orgs.). Richard J. Dinda (trad.). Malone, Texas: The Center for the Study of Lutheran Orthodoxy, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Ministry, Word and Sacraments: An Enchiridion*. Luther Poellot (trad.). St. Louis: Concordia Publishing House, 1981.
- Denck, Hans. "Reflection on the Book of the Prophet Micah (1532)." In *Selected Writings of Hans Denck*, E. J. Furcha (org.), 35-181. Lewiston, N.Y.: Edwin Mellen, 1989.
- \_\_\_\_\_. "The Law of God (1526)." In *Selected Writings of Hans Denck*, E. J. Furcha (org.), 215-244. Lewiston, N.Y.: Edwin Mellen, 1989.
- Leslie Stephen e Sidney Lee (orgs.). *Dictionary of National Biography*. 63 vols. Londres: Smith, Elder, 1885–1900.
- Diodati, Giovanni. *Pious Annotations upon the Holy Bible*. Londres: Nicolas Fussell, 1651.
- Geneva Study Bible*. 1599.
- Gerhard, Johann. *Theological Commonplaces: On the Nature of Theology and Scripture*. Richard J. Dinda (trad.). St. Louis: Concordia Publishing House, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Theological Commonplaces: On the Nature of God and on the Trinity*. Richard Dinda (trad.). St. Louis: Concordia Publishing House, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Postilla: An Explanation of the Sunday and Most Important Festival Gospels of the Whole Year*. Elmer Hohle (trad.). 2 vols. Malone, Texas: The Center for the Study of Lutheran Orthodoxy, 2001.
- Greenhill, William. *An Exposition of Ezekiel*. Carlisle: Banner of Truth Trust, 1994.
- Lutero, Martinho. *Luther's Works* [Edição americana]. 55 vols. St. Louis: Concordia Publishing House; Filadélfia: Fortress Press, 1955–1986.
- \_\_\_\_\_. *D. Martin Luthers Werke, Kritische Gesamtausgabe*. 72 vols. Weimar: Verlag Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1883–.
- \_\_\_\_\_. *D. Martin Luthers Werke, Kritische Gesamtausgabe: Deutsche Bibel*. 12 vols. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1906–1961.
- \_\_\_\_\_. *The Precious and Sacred Writings of Martin Luther*. John Nicholas Lenker (org.). 31 vols. Mineápolis: Lutherans in All Lands, 1903–1938.
- \_\_\_\_\_. *The Complete Sermons of Martin Luther*. John Nicholas Lenker (org.). Grand Rapids: Baker Books, 2000.
- Manton, Thomas. *The Complete Works of Thomas Manton*. 22 vols. Worthington: Maranatha Publications, 1970.
- Mayer, John. *A Commentary upon All the Prophets Both Great and Small*. Londres: Abraham Miller and Ellen Cotes, 1652.

- Meade, Matthew. *The Vision of the Wheels, Seen by the Prophet Ezekiel, Opened and Applied: Partly at the Merchant's Lecture in Broad Street, and Partly at Stepney, on January 31, 1688–89*. Edimburgo: Thomas Turnbull, 1799.
- \_\_\_\_\_. *The Sermons of Matthew Meade*. Reimpressão. Ligonier: Soli Deo Gloria Publications, 1991.
- Mede, Joseph. *Daniel's Weeks: An Interpretation of part of the Prophecy of Daniel*. Londres: John Clark, 1643.
- Melanchthon, Filipe. In *Danielem Prophetam Commentarius*. Leipzig: Nicolaus Wolrab, 1543.
- Oecolampadius, Johannes. *Commentarius in Ezechielem Prophetam*. Genebra: Crispiniana, 1553.
- \_\_\_\_\_. *Commentariorum In Danielem Prophetam Libri Duo*. Genebra: Ioannis Crispini, 1553.
- Owen, John. *The Works of John Owen*. 16 vols. Londres: Banner of Truth Trust, 1965–1968.
- Oxford Dictionary of National Biography*. 60 vols. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- Oxford Encyclopedia of the Reformation*. 4 vols. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- Pemble, William. *The Period of the Persian Monarchy*. Oxford: John Adams, Edw. and John Forrest, 1659.
- Racovian Catechism*. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme & Brown, 1818.
- Raupius, Jakob. *Commentarius Synopticus In Prophetam Ezechielem*. Arnstadt: Christiani a Saher, 1655.
- Selected Writings of Hans Denck, 1500–1527*. E. J. Furcha (trad.). Lewiston: Edwin Mellen Press, 1989.
- Simons, Menno. *A Foundation and Plain Instruction of the Saving Doctrine of Our Lord Jesus*. Daniel Rupp (trad.). Lancaster: Elias Barr, 1863.
- Theodore G. Tappert (org.). *The Book of Concord: The Confessions of the Evangelical Lutheran Church*. Filadélfia: Fortress Press, 1959.
- Wigand, John. *Danielis Prophetiae Explicatio Brevis*. Jena: Guntherus Huttichius, 1571.
- Willet, Andrew. *A Sixfold Commentary upon the Most Divine Prophecy of Daniel*. Cambridge: Leonard Greene, 1610.

## Índice de autores

- Aarmogathe, J-R., 31n41  
Aepinus, Johannes, 453  
Agostinho, 18, 30-31, 109, 109n9, 185, 192, 192n7  
Ainsworth, Henry, 251, 251n4, 292, 349, 455  
Andreae, Jacob, 26  
Aquino, Tomás de, 19, 32  
Arminio, Tiago, 453, 460  
Askew, Anne, 17  
Backus, Irene, 5, 25n31, 32, 30, 31, 31n42  
Bainton, Roland, 15n4  
Barth, Karl, 28, 29n38  
Baxter, Richard, 37, 38, 40, 151, 199, 202, 453, 454, 460  
Beck, C. H., 43  
Bedouelle, Guy, 31, 31n42  
Bellarmine, Robert, 265n3, 460, 464  
Beza, Th. Teodoro, 17n7, 20, 23, 28, 29, 444, 453, 454, 457, 459, 461, 462  
Bietenholz, P. G., 42n15  
Bilney, Thomas, 14  
Blaurock, Georg, 454  
Block, Daniel, 14, 41n13  
Bomberg, Daniel, 21  
Bornkamm, Heinrich, 31  
Brashler, J., 37n5, 42n18  
Bray, Gerald, 25n32  
Brenz, Johannes, 26, 42, 42n16, 443, 454  
Bricconnet, Guillaume, 454  
Brightman, Thomas, 29  
Bucer, Martin, 18, 26, 26n34, 27, 27n35, 28, 37, 42, 442, 445, 454-456, 459, 461  
Bugenhagen, Johannes, 26, 442, 453, 455, 460  
Bullinger, Heinrich, 27, 28, 43, 43n22, 44, 44n21, 46, 48-49, 269, 274-277, 280-281, 283, 286-287, 289, 29-3062, 294, 301, 303, 305, 307, 309-310, 312, 321, 324, 345, 330, 335-336, 339, 348, 351, 353, 365, 366, 386, 397-398, 408, 416, 427, 435-436-437, 443, 446-44, 455, 458, 461  
Bunyan, John, 37-38, 233, 237-239, 241, 243-244, 259, 455  
Cajetan, 25, 25n33, 26  
Calvino, João, 5-6, 14-15, 17-18, 23-29, 36-37, 40-41-45, 47-49, 52-53, 57-58, 60-62, 64-66, 69, 72-73, 75-80, 83-84, 86, 88-89, 91-92, 95-96, 98, 100, 102-104, 106-107, 109, 111-112, 114-116, 118-120, 123, 127, 130-142, 145-149, 152-156, 159-163, 200, 267-268, 275, 280, 284-286, 289-290, 293, 297, 299-300, 302, 304-305, 307-309, 311-314, 317-320, 323, 325-327, 331, 321n4, 332-337, 340-343, 345-348, 350-351, 353-354, 356-360, 364, 366-367, 370-371, 373-376, 378-380, 383-387, 389-390, 393, 396-397, 399, 403-404-408, 410-412, 415-416, 418-421, 424-425, 427, 429, 431-434, 436, 443, 446-449, 454-456, 459, 461, 463  
Cameron, Euan, 28n36  
Campbell, Alexander, 32  
Capito, Wolfgang, 8, 27, 37, 441, 456  
Cardeal Hugo de Florença, 270n14, 408n15  
Chemnitz, Martin, 37, 44-46, 208, 334, 445, 456, 458  
Colet, John, 15, 25, 341, 441, 456  
Collinson, Patrick, 14n2  
Constantino, 20, 209, 248, 293  
Cotton, John, 29  
Coverdale, Miles, 442, 447, 456, 463  
Cranmer, Thomas, 442, 446, 448, 456, 459, 462  
Cruciger, Caspar, 26, 456-457  
d'Angouleme, Marguerite, 454, 459  
Daniell, David, 22, 22n22  
De Beaulieu, 17n7  
Denck, Hans, 22, 30, 37, 37n6, 42, 45-46, 76, 80, 118, 148, 209, 300, 328, 457-458  
Dickens, A. G., 14  
Dickson, David, 450, 457  
Diener, Ronald, 44, 44n25  
Diodati, Giovanni, 37, 46, 271, 278, 285, 291, 315, 318-319, 344, 355, 361, 372-373, 377, 390, 394, 405, 409, 419, 428, 449, 452, 457  
Ebeling, Gerhard, 6, 30  
Eck, Johann, 457-459  
Eckhart, Meister, 19  
Ecolampádio, Johannes (ver Oecolampadius)  
Edwards, Mark U., Jr., 22n21  
Eisenstein, Elizabeth L., 22n21  
Erasmo, 14-15, 20-22, 25-27, 29-30, 42, 441, 444-445, 454-457, 461-462, 464  
Estienne, Robert, 21, 29  
Evans, G. R., 19, 19n11  
Farel, Guillaume, 17n7, 25  
Fatio, Olivier, 31n42  
Flacius, Matthias, 44  
Foxe, John, 22, 23n23  
Fraenkel, Pierre, 31  
Franck, Sebastian, 23, 23n25, 457-458  
Franenkel, Pierre, 31n42  
Froben, Johan, 21, 27, 456  
Furca, E. J., 23n25, 37n6  
George, Timothy, 8, 24n29  
Gerhard, Johann, 15, 26, 37-38, 40, 46, 129, 152, 199, 201, 203, 208, 221, 221n11, 224, 250, 264, 290, 293, 307, 335, 338, 458  
Gordon, Bruce, 43n22  
Grant, Robert M., 19  
Graser, Conrad, 45  
Grebel, Conrad, 30, 443, 454, 458  
Greenhill, William, 36-38, 40-41, 56-61, 65-66, 69, 72-76, 78-80, 82, 84, 86-87, 89, 91-94, 96-97, 100-101, 103, 106-107, 111-112, 114-116, 119-120-122, 127, 129-130, 132-133, 135-136, 139-141, 144-146, 152, 155, 156, 159, 161, 165-166, 168-169, 172-173, 175-178, 181-182, 185-187, 190-193, 196, 198-199, 201, 203, 205-206, 208-211, 213-216, 218-225, 228-230, 233-239, 243-244, 246-248, 250-252, 254-256, 259-262, 458  
Grotius, Hugo, 38  
Gwalther, Rudolf, 27, 444, 458  
Hagen, Kenneth G., 20, 20n14, 24n30, 25n31, 31  
Hall, Matthew, 22n21  
Harbison, E. Harris, 20n16  
Hatzler, Ludwig, 22, 30  
Hemmingsen, Niels, 24  
Hendrix, Scott H., 31  
Herbert, George, 32, 32n46  
Higman, Francis M., 18n8, 25n31, 31n42  
Hillerbrand, Hans J., 14, 14n2  
Hobbs, R. Gerald, 20n15, 31  
Hoffman, Melchior, 30  
Hubmaier, Balthasar, 30, 441, 446, 458  
Hunter, A. M., 28n37  
Hut, Hans, 458  
James, Frank A., 31  
Jerônimo, 21, 27, 47, 52, 57-58, 60, 67, 78, 97, 128, 128n3, 129, 147, 165, 185, 222, 228, 242, 251, 264-265, 280, 292, 321, 330, 349, 415, 423, 436  
Jud, Leo, 22, 27



- Jungkuntz, Theodore R., 46n31
- Junius, Francis, 45, 57, 87, 182, 192, 228, 233, 268, 275, 309, 343, 346, 364, 427
- Karlstadt, Andreas Rudolff-Bodenstein, 441, 447, 457-460
- Knox, John, 443, 459
- Kolb, Robert, 6, 36, 46
- Krey, Philip, 45n27
- Lambert, Francois, 18, 459
- Lane, Tony, 31
- Latimer, Hugh, 3, 442, 448, 459, 461
- Leclercq, Jean, 18n9
- Lefèvre d'Étaples, Jacques, 15, 25, 454, 459
- Lenker, John Nicholas, 11, 52n2, 53n5, 60n9, 62n16, 64n21, 69n33, 77n14, 162n8, 192n7, 233n2, 235n8, 242n2, 247n6, 261n10
- Letham, Robert, 45n29
- Lombardo, Pedro, 19
- Lubac, Henri de, 30
- Lutero, Martinho, 5-6, 13-15, 17, 17n6, 18, 20-23, 24n27, 25-26, 30-31, 36-37, 41-43, 43n20, 44-45, 47-49, 51-52, 59, 62, 64, 68, 77, 97, 118, 132, 134, 149, 162, 173, 176, 185, 187, 191, 192, 205-207, 228, 233-234, 236, 242, 246-247, 261, 266, 281, 285, 291, 292, 309, 319, 322, 325, 337, 341, 347, 354, 356-357, 359-360, 372, 375, 378-380, 385, 392, 412, 417, 421-422, 427, 438, 442-447, 453-454, 455-461, 463-464
- MacCulloch, Diarmaid, 14n2
- Maier, Georg, 26
- Manton, Thomas, 37-38, 40, 149n13, 152n18, 201n8, 202n11, 460
- Marot, Clement, 23, 29
- Marpeck, Pilgram, 30
- Matheson, Peter, 17n5
- Mayer, John, 36, 40-41, 46, 48-49, 56, 61, 65, 67, 73, 78-79, 81, 83, 86, 88, 92, 97, 104, 108, 112, 114, 120-122, 128, 133, 136, 140, 144, 146-147, 150, 155, 159, 161, 165-166, 168-169, 172-173, 175, 177, 181-182, 185-186, 190-192, 196, 203, 205, 208-212, 214-215, 218, 222, 228-230, 233-239, 242-244, 246-247, 250, 254-255, 260-261, 264, 269, 274-275, 278, 280, 285, 287, 289, 293-294, 298, 302, 306, 315, 321-322, 325, 330, 333-334, 346, 349, 352-353, 355-356, 358-361, 365, 367-369, 371, 373, 377, 380-381, 384, 395, 398, 400, 405, 407, 410, 412, 416, 423, 425, 427, 431, 433-434, 460
- McKee, Elsie, 5, 31
- McKim, Donald K., 8, 11
- Meade, Matthew, 37-38, 40, 46, 52, 61-66, 68, 88, 96, 100-103, 129, 131, 153, 209, 214-215, 218-221, 223-225
- Mede, Joseph, 46, 260, 396, 399-400, 460
- Melanchthon, Filipe, 15, 17, 20, 26, 41-43, 43n19, 44-45, 48-49, 270, 273, 283, 292, 297, 313, 321, 329, 332, 342, 347, 349, 351, 354, 356-357, 359, 368, 375, 377, 380, 383, 387-388, 391, 404, 408, 410, 415, 427, 430, 442, 444, 448, 453, 455-456, 459-463
- Muller, Richard A., 25n32, 31, 31n43, 32, 32n45
- Munster, Sebastian, 21, 27, 446, 462
- Muntzer, Thomas, 442, 445, 457-458, 461
- Musculus, Wolfgang, 28, 442, 461
- Myconius, Oswald, 27
- Nicolau de Lira, 19, 21, 32, 45
- Oberman, Heiko, 19, 19n12, 31
- Ecolampadius, Johannes (ver Oecolampadius)
- Old, Hughes Oliphant, 37, 42n18
- Olevianus, Kaspar, 446, 461
- Olin, John C., 22n18, 24n28
- Olivetanus, Pierre Robert, 23
- Origenes, 18, 56, 58, 129, 265, 380
- Osiander, Andreas, 26, 45, 298, 324, 365, 406, 408, 427, 436, 442
- Owen, John, 37-38, 138n2, 142n13, 143n15, 163n11, 259n1, 260n4, 452, 460-462
- Pappus, Johann, 298, 298n3
- Parker, T. H. L., 26n34, 31
- Payne, John B., 31
- Pelikan, Jaroslav, 23n24, 31
- Pellikan, Konrad, 21, 27
- Pemble, William, 46
- Pereira, Benedict, 45
- Perkins, William, 29, 448, 453, 462
- Petersen, R. L., 44n23
- Pettegree, Andrew, 22n21
- Pintus, Hector, 45, 265, 275, 292, 314, 343, 345, 396, 436
- Piscator, Johannes, 164, 165n2, 223, 228
- Polanus, Amandus, 45, 45n29, 256, 265, 270, 274-275, 279, 293, 306, 343-344, 354, 357, 364-365, 367, 369, 371, 377-378, 381, 395, 397, 407, 410
- Porfirio, 47, 264-265
- Preus, James S., 31
- Raitt, Jill, 44n24
- Ramus, Petrus, 443, 462
- Rashi, Salomon, 19, 265
- Raupius, Jakob, 37-38, 221n11
- Reuchlin, Johannes, 21, 41
- Ridley, Nicholas, 443, 448, 459, 462
- Rollock, Robert, 29, 448, 462
- Roussel, Bernard, 26n34, 31
- Rupp, Gordon, 42n17
- Sadoletto, Jacopo, 24n28, 26
- Sarcerius, Erasmus, 26, 443, 462
- Scheible, Heinz, 43n19, 43n19
- Schwencckfeld, Kaspar, 23, 442
- Selderhuis, Herman, 16
- Selnecker, Nikolaus, 26
- Simons, Menno, 30, 46, 442, 462-463
- Smalley, Beryl, 31
- Smith, Lesley, 45n27
- Steinmetz, David C., 20n14, 24n30, 31, 31n42-44, 32, 32n45, 37n6, 42n15, 43n19, 22, 45n30
- Tappert, Theodore G., 12, 118n1
- Thompson, John L., 13, 13n1, 31, 31n43, 32n45
- Tommaso de Vio, *Veja* Cajetan
- Toussain, Daniel, 25n33
- Tyndale, William, 21-22, 22n19, 22, 29, 442, 445-446, 456, 463
- Ussher, James, 29
- Valdés, Juan de, 463
- Valla, Lorenzo, 20-21
- Vermigli, Peter Martyr, 28, 443, 461, 463
- Wansbrough, Henry, 22n19
- Wengert, Timothy G., 31, 36n2
- Wicks, Jared, 25, 25n33
- Wigand, Johann, 44, 44n24, 25, 48-49, 463
- Willet, Andrew, 45, 48-49, 403n3, 463-464
- Williams, George H., 30, 30n40
- Wright, D. F., 27n35, 31
- Zell, Katarina Schütz, 17
- Zwinglio, Ulrich, 41-42, 44-45, 251, 454-455, 458-459, 464

## Índice de assuntos

- abominação(ões), 143, 167, 400, 414, 418-419, 426, 436
- Abraão, 103, 119, 121, 124, 128, 134-137, 141, 162, 173, 198, 203, 237, 248, 265, 275-276, 306, 309, 325, 341, 366, 388, 407, 419, 430, 437
- abundante em riquezas, 130, 132, 140, 180, 183, 185, 244, 413
- Adão, 59, 108-109, 148, 152, 186-187, 201, 236, 250, 276, 398-399, 407
- adições a Daniel, 47, 264
- adoração, 24, 61, 68, 83, 86, 88-89, 95, 104, 106-107, 129, 135, 138, 147, 159-161, 166, 169, 172-173, 177-178, 209, 233-235, 238, 244, 246, 248, 254-256, 259, 269, 271, 276-277, 283-284, 294-295, 297-299, 301-302, 309, 311, 326, 329, 340, 342-344, 346, 350-352, 354, 371, 378, 385-386, 393, 405, 423, 425, 436
- Ageu, 104, 246, 392
- alegoria, 19, 19n\*, 27, 32, 39, 84, 91-92, 122, 125, 127, 139, 176, 195, 228, 379, 407
- Alexandre, o Grande, 43, 166, 187, 228, 265, 268, 271, 275, 291-292, 295, 355, 359, 361, 369, 372, 375, 378, 392, 414-417
- aliança, 39-40, 86, 124-127, 131, 133, 135-138, 158-159, 162, 169, 204, 217, 224-225, 249, 291, 351, 382, 385-386, 391-394, 401, 411, 413-415, 418, 423, 430, 435-437, 448, 451, 455
- com Cristo, 225
- de paz, 204, 217, 224-225
- eterna, 40, 127, 136, 225
- alma, 17, 40, 57, 60, 72-73, 75-76, 79, 82-83, 89, 93, 108-109, 113, 116, 121, 143-146, 148, 167, 170, 173-175, 178-179, 181, 197, 199, 203, 205, 207, 212, 221, 238, 244, 250, 255, 299, 81, 302, 313, 317, 324-325, 338, 345, 400, 428, 437, 457
- amor ao próximo, 147, 301
- amonitas, 164, 181-182
- Ananias, 273, 276-278, 282
- ancião de dias, 46, 362-365, 367
- anjo(s), 14, 44, 48, 56, 59-66, 69, 78, 94-97, 100-104, 116, 151-153, 187, 210, 234, 236, 247, 295, 297, 304-309, 311, 314-315, 319, 322, 327, 333, 339, 348-349, 352, 354-355, 358, 367, 369, 373-379, 384, 392-396, 399-400, 402-404, 406-413, 415-416, 418-421, 424-437
- anjo da guarda, 183-184, 236
- apedrejamento, 173
- anticristo, 43, 46, 227-228, 235, 262, 266, 269, 271, 291-292, 353, 355, 361-362, 367, 370, 375, 378-380, 383, 414, 417, 423-425, 427, 436
- Antioco, 43, 47, 264-265, 271-272, 294, 354-356, 361, 367, 369-371, 373, 375-376, 378-380, 414-415, 417-418, 421-425, 427-428, 433, 436
- Antônio e Cleópatra, 192
- aparecimento de Cristo, 39, 48, 306
- arrependimento, 30, 47, 52, 80-81, 91, 101, 114-116, 118-119, 137, 141, 149-153, 159, 165, 199-201, 213-215, 267, 308, 312-313, 316-317, 319-321, 323, 325-326, 329, 333, 337, 387-388, 390, 405
- dos crentes, 137
- e justificação pela fé, 159
- precede o perdão, 149
- Assíria, 60, 125, 162, 170-171, 180, 193, 195-196, 356
- Augusto César, 192, 293, 361
- Babilônia, 46, 48, 51, 56-57, 61, 91-92, 97, 100, 103, 107-108, 110-112, 120, 129, 137-138, 140-141, 144, 154-155, 162-166, 170-171, 174-176, 179, 184-185, 187-194, 198, 208-209, 211, 213, 215-216, 218-221, 228, 230, 234-236, 254, 261, 269, 271, 273-277, 279, 281-286, 288-291, 296, 299-301, 304, 306-307, 309, 311-312, 316-317, 321, 325, 327-328, 330, 332-333, 335, 341, 353, 355-358, 369-372, 381, 384-385, 394, 403, 405, 412, 416
- batismo, 16, 28, 30, 56, 64, 82-83, 109, 130-131, 160, 213, 215-216, 239, 241, 254-256, 258, 260-261, 266, 392-393, 437, 445, 454-455, 458-459, 462-464
- batismo infantil e comunal, 16, 30, 254-255, 261, 454, 459, 462, 464
- Belarmino, 152, 265, 424
- Belsazar, 35, 185, 269-271, 279, 285, 328-338, 340-341, 346, 353, 369, 371-372
- benevolência penitente, 323
- Bíblia de Estudo de Genebra, 272, 278
- boas obras, 43, 108-109, 123, 295, 319-321, 339, 460
- bom pastor, 207-208
- Caio Calígula, 185, 298
- Caldeus, 53, 55-56, 83, 86, 110, 112, 133, 139, 170-171, 173, 175, 177, 184, 211, 230, 268, 273-274, 276, 280, 282, 285, 287, 291, 294, 296, 300-301, 311, 314, 328-329, 334, 348, 355-356, 358, 369-372, 382, 403, 416
- casa
- de Davi, 138
- de Israel, 71, 77, 82, 85, 87, 93-94, 96, 105, 110, 113, 117, 137, 143-144, 148, 153, 157-159, 161, 167-168, 172, 174, 184, 188-189, 192, 197, 203, 211-213, 215, 217-218, 227-228, 230-231, 235, 245, 249, 252-254, 325
- de Judá, 82, 94, 173, 178
- casamento de Cristo e a igreja, 252
- Catecismo Racoviano, 85-86, 131
- cercos de Jerusalém, 82, 175
- chifre pequeno, 369, 373
- como o anticristo e os papas, 353, 361-362
- Ciro, 68, 141, 220, 266, 274-275, 277, 291, 339, 355, 357-359, 394, 402, 404-405, 409-410, 415-417
- e Dario, 141, 355, 357, 394, 405, 412, 415, 417
- conforto, 39, 89, 91, 93, 107-108, 111, 140, 149, 161, 178, 184, 190, 192, 205, 208, 211, 213-214, 218, 236, 245, 252, 264, 272, 274, 286, 322, 349, 369, 405, 415, 422, 426
- é Cristo, 14, 39, 72, 140
- em tribulação, 72, 229, 354
- para os cativos, 106, 322
- conhecimento de Deus, 102, 200, 308-309, 321, 356, 419-420
- confissão
- de Daniel, 274, 385, 387
- de fé, 44, 303
- de Nabucodonosor, 289, 294
- do Deus verdadeiro, 302

- Constantino, 20, 209, 248, 293, 441
- conversão dos judeus, 40, 209-210, 223-224, 262, 400
- Cornélio, 295
- corrupção e impiedade, 52, 86, 89, 94, 96, 100, 102, 106-107, 127-129, 132-133, 135, 146, 148-150, 160-162, 166, 196, 199, 215, 275, 317, 323, 325, 327, 332-333, 336, 338, 344, 387, 418, 427
- Cristo, aparecimento na fornalha, 306 como sumo sacerdote, 259 glória de, 66, 246 na visão de Ezequiel, 232, 234 no sonho de Daniel, 375-376 reino de, 36, 46, 59, 51-52, 64, 138, 140-142, 205, 207, 229, 233, 254, 269, 283-284, 289, 292-294, 354, 360-361, 364, 367-368, 428, 438 *Veja também* rei, Cristo como; reino; de Cristo
- Cronologia de Daniel, 284-285, 396, 414
- coração, 105, 108
- cruz e tribulação, 307
- Daniel chama ao arrependimento, 47, 267, 308, 312-313, 316-317, 319-321, 323, 325-316, 329, 333, 337, 387-388, 390, 405 como cativo na Babilônia, 284, 371 e Ezequiel, 273-274 e Jeremias, 384 e João concordam, 433 e oração, 35, 47, 287, 342-343, 382-383, 385-386 e Paulo concordam, 383, 388 e visões, 48, 354, 369-370, 405-406, 427, 432 ensina aos gentios, 269 prefigurou Cristo, 352 vê Cristo, 407
- Dario, o medo, 329, 384, 413, 417. *Veja também* Ciro, e Dario
- Davi, 39, 65, 68, 119, 130, 133, 138, 140-142, 148, 204-205, 208-210, 215, 217-218, 222-225, 247-248, 265, 327, 330, 341, 366-367, 397, 405, 407-408 como protótipo de Cristo, 224-225
- Decálogo, 28, 331, 334, 347
- destruição destruição vindoura, 138, 165, 199 de Jerusalém, 83, 122, 154, 175, 181, 191, 198, 203, 228, 232, 333, 394, 400 dos ímpios, 98, 101, 106, 146, 170, 181, 187, 199-200, 273, 297, 328, 330, 337, 348, 368, 409, 414, 431
- Deus castiga, 83, 85, 126, 155, 164, 166, 168, 172, 185, 211, 230, 398, 411 e a aliança no Sinai, 136 governa tudo, 315, 328, 358, 417 julga, 39, 59, 80, 83, 148, 336 liberta, 129, 162, 215, 220, 302, 320, 346, 408, 428 olha o coração, 186 ouve as orações de fé, 96, 283 perdoo, 121, 150, 200, 382 preserva um remanescente, 420 pune, 48, 86, 165, 187, 299, 329-330, 358 restaurará Israel, 36, 39-40, 68, 107, 212-213 se manifesta, 59, 67, 148, 297 sustenta, 342 tem poder supremo, 328
- Dominus ibi*, 242
- Donatistas, 185
- dons do Espírito, 290
- Edom, 178, 195, 211-212, 414
- Efraim, 217-218, 221-222, 258
- Egito, 103, 123, 125, 128-131, 137-140, 154-155, 157-158, 170-173, 178, 180, 187-196, 203, 209, 236, 257-258, 275, 285-286, 292, 294, 339-341, 355, 358-361, 372, 375-376, 378, 382, 384, 413-415, 417, 422-423
- espada, 30, 70, 85, 87, 89-90, 105, 110, 117, 138, 163-165, 169-171, 173-174, 176, 178-179, 183-184, 188-191, 194-195, 197-199, 203, 211-212, 226-228, 393, 414, 420-421, 428, 431
- esperança e conforto, 205 de libertação prometida, 389, 415, 425-426
- Espirito, 24, 27, 30, 43, 52, 55, 65, 227-228
- espírito de amargura, 78
- esposa de Ezequiel, 39
- Estêvão, 58, 306
- evangelho, 14, 23, 39, 58, 67-68, 114, 119, 131, 136-137, 140, 142-143, 149-150, 162, 187, 191, 200-201, 207-208, 213-214, 232-233, 235-237, 239, 242, 246-247, 251-252, 254-255, 258-261, 269, 271, 294, 301, 310, 333, 341, 347, 352, 361, 367, 378-380, 387, 389, 394, 397, 399, 411, 420, 426, 427-428, 430-432, 437, 453, 461
- exílio, 46, 57, 71, 83, 109-111, 114, 119, 139, 141, 178, 197, 224, 227, 231, 269-270, 274, 278, 283, 285, 294, 301, 318, 323, 324, 335, 378-379, 384, 393, 395, 404-405, 421, 456
- Ezequiel profecias contra Jerusalém, 59, 85-86, 88, 117-118, 163-165, 174-175 pronuncia juízo, 106 vê a glória de Deus, 246
- falha dos pastores de Israel, 205-206, 208
- falsos profetas, 51-52, 76, 113-116, 119, 199, 205
- Faraó, 102, 126, 138, 155, 188, 190-191, 193-197, 201, 275, 340-341, 412
- fé de Nabucodonosor, 308 somente a justifica, 148
- figura de Cristo, 56
- Filho de Deus como anjo na fornalha de fogo, 47-48, 269, 279, 305-306
- Filho do Homem, 47, 71-72, 74, 82, 85, 87, 90, 93-94, 96, 105, 110, 113, 117, 122, 125, 137, 157-158, 163-165, 167, 170-171, 174-175, 178-179, 183-184, 188-190, 193-195, 197-198, 204, 211-212, 215, 217, 219, 226-227, 231, 245, 249, 257, 360, 362, 364-367, 375, 429
- filisteus, 125-126, 179, 181, 275
- fogo, 46-48, 55, 61-63, 68, 70, 85, 93-95, 99-101, 103, 120, 122-123, 125, 130, 133, 151, 154, 158, 164, 167-169, 171, 174-177, 184, 189, 196, 199, 212, 226-227, 229, 239, 269, 276, 296-297, 300-302, 304-307, 322, 333, 350-351, 362, 400, 402, 407, 414, 419-421, 425, 428, 431 e relâmpago, 55, 63 revelou a vingança de Deus, 95
- fruto, 30, 57, 73-74, 77, 84, 92-93, 109, 111, 123, 137-138, 140-142, 145, 148, 152, 154-155, 160, 171, 178, 182, 201, 204, 209, 212-213, 216, 233, 235, 250, 257, 259-260, 268, 278, 289, 304, 311-312, 316, 319-321, 333, 341, 347, 350, 355, 388, 434, 454
- Gabriel, 48, 60, 374-377, 382, 384, 390, 395, 408, 410
- Gamaditas, 182-183
- ganância, 106, 134
- gentios, 68, 70, 77, 124, 128, 130, 162, 171, 181, 187, 189, 204, 212, 218, 220, 222, 247, 269-271, 283, 298, 314, 325, 335, 400-401, 404 e seus ídolos, 298-299 gentios crentes e a lei, 325 glória do Senhor, 55-56, 69, 71-72, 78, 99, 101, 105, 245-246, 249 entra no templo, 245-246 sai do templo, 99
- Gogue e Magog, 52, 227-228, 230
- Golias, 130, 224
- graça, 127, 160
- Heródoto, 334

- hipocrisia, 115, 158-159, 198-199, 203, 238  
dos anciãos, 161
- homem  
vestido de linho, 94, 96-97, 99, 402, 407-408, 426, 433-434  
da visão de Ezequiel, 234  
sentado em um trono, 365
- idólatras, 35, 94, 96, 117-118, 133, 161, 172-173, 191, 248, 276, 301, 343, 401  
e juízo, 39, 117-118
- idolatria  
na história de Israel, 158  
no templo, 93  
reintroduzida, 329
- ídolos, 87, 89-90, 93, 105, 107-108, 117-118, 126, 128, 133, 143, 147, 157-158, 160-161, 164, 166-167, 170-172, 177, 189, 198, 212-213, 216-217, 224, 249, 267, 276, 278-279, 298-299, 303, 308, 348, 351, 370, 378
- igreja,  
de Roma, 15, 26, 129
- imagem  
da morte da esposa de Ezequiel, 39  
das rodas, 38, 52, 55, 61-66, 68, 88, 100-103, 131, 214  
de Deus, 296  
da panela fervente, 175
- imortalidade por meio de Cristo, 163, 308, 428, 437
- Império Romano, 228, 266, 271, 290-292, 353-355, 361, 372, 424, 446
- impiedade, 52, 86, 89, 94, 96, 100, 102, 106-107, 127-129, 132-133, 135, 146, 148-150, 160-162, 166, 196, 199, 215, 275, 317, 323, 325, 327, 332-333, 336, 338, 344, 387, 418, 427
- incircuncisão, 130
- infiéis, 51, 65, 135, 173, 198-199, 369
- ira de Deus, 70, 80, 88-89, 101, 106, 115, 119-120, 134-135, 138, 148, 156, 169, 181, 183, 185, 196, 199, 273, 275, 294, 313, 317-318, 323, 331, 336, 342, 378, 380, 387, 405-406, 408
- Israel  
conquistado, 275, 279, 291  
falsos profetas de, 205  
fora do Egito, 129  
no deserto, 60, 95, 103, 130, 154, 157-158, 162, 204, 280, 345, 408  
príncipe de, 154, 164, 166
- Jacó, 59, 92, 119, 127, 136, 148, 157, 173, 184, 210, 217, 223, 227, 230, 237, 248, 276, 292, 306, 309, 408-409, 434
- Jeoacaz, 154-155
- Jeoquim, 120, 154-155, 166, 176, 234, 248, 273-275, 284-285, 405
- Jeremias, 28, 35-36, 51-53, 56, 68-69, 74-75, 79, 111-112, 119, 136, 145, 165-166, 169, 191, 196, 205, 210, 216, 270, 285, 317-318, 330, 372, 382-388, 391, 393, 404  
e Daniel, 383  
profecia de, 285, 330, 385, 391, 404
- Jeroboão, 172, 218, 222-223, 301
- Jerônimo, 21, 27, 47, 52, 57-58, 60, 67, 78, 97, 128, 128n3, 129, 147, 165, 185, 222, 228, 242, 251, 264-265, 280, 292, 321, 330, 349, 415, 423, 436
- Jerusalém, 36, 39, 48, 51, 53, 56, 59, 68-69, 77, 82-86, 92-95, 100, 105, 108-113, 117-119, 122, 125, 127, 135, 156, 162-165, 168-170, 174, 176-177, 179, 181-182, 197, 218, 229, 234-235, 243-244, 246-247, 255, 260-262, 269, 328, 335, 338-339, 343-344, 371-372, 376, 380, 383-385, 389, 391-394, 396, 404, 409, 418, 422-423, 427  
a ser destruída, 51, 83-85, 122, 138, 154, 175, 181-182, 191, 196, 198-199, 203, 228, 232, 262, 266, 330, 333, 341, 382, 400  
abatida, 177, 242, 273, 284  
como Oolibá, 170, 172-173  
infiel, 39, 125  
pecado de, 95, 129, 167-169, 176, 203, 400  
queda de, 85, 203, 274-275  
vazia, 176
- Jesus. *Veja* Cristo
- Jó, 26, 29, 40, 117-120, 221, 287, 325, 337
- Josias, 56-58, 133, 155
- justiça  
e os caminhos de Deus, 152  
e salvação, 120-121  
eterna, 47, 266, 391-393, 395, 397-398  
por meio de Cristo, 59, 130, 163, 192  
somente pela fé, 35, 37, 321, 383
- Jubileu, 56-57, 395
- juízo  
ao redor de Israel, 39  
das nações, 89  
do Egito, 190  
dos judeus, 203  
dos líderes de Israel e retorno, 105  
e restauração, 39, 159, 161
- judeus  
como povo de Deus, 223  
convertido, 40, 209-210, 218, 221, 223-225, 262, 400  
excelência de, 216  
fora da Babilônia, 129  
fora do Egito, 129  
levado para o cativeiro  
linhagem, 92, 140, 208-209, 249, 252, 273, 413, 418  
no sonho de Daniel, 353  
profanam o templo, 86, 174, 177-178, 249, 414  
restauração dos, 221
- Judite, 275
- justificação  
e salvação, 398  
pela fé, 23, 43, 45, 47, 147, 159, 383  
pela lei, 144, 398  
pelas obras, 144, 147
- Labyntus e Nitocris, 334
- lamentação, 154, 156, 165, 174, 177, 179, 181-183, 186, 190, 192-195, 197, 405-406  
como pombas, 90, 92  
e jejuns, 405  
pelos pecados, 47, 394-395  
lamento por Faraó, 196  
lamento por Tiro, 182  
lascívia, 106, 125-126, 132-134, 168, 176  
leão, 55, 60-61, 65, 68, 99, 103, 154-155, 167, 194, 209, 348-349, 353, 355-358
- lei, 21, 23, 44-45, 56-58, 80, 83, 89-90, 97-98, 104, 106, 108, 114, 124, 130, 134, 136, 144, 146-147, 149-150, 159-160, 166-167, 173, 176, 201, 205, 222, 225, 233, 245, 264, 268, 273, 277-280, 287, 293, 298, 308, 325-326, 330, 337-338, 344, 351-352, 361, 363, 366, 373, 382, 386, 388-389, 391-392, 394, 397-399, 406, 411, 419-420, 425, 431, 437, 453
- Libano, 137, 139, 180, 193-194
- libertação, 35, 103, 120-121, 129-131, 153, 185, 187, 215-216, 218, 221, 229-230, 269-270, 272, 297, 307, 309, 342-343, 346, 349, 354, 384-386, 389, 394-395, 408, 415, 425-429, 431
- libertos dos gentios, 162
- linho, 94, 96-97, 99, 101, 125, 180, 231, 234, 249, 251, 402, 407-408, 426, 433-434
- livre-arbitrio, 29, 43, 73, 108, 119, 202, 331, 445, 457
- logikon*, 60
- mente humilde, 196
- Mar Vermelho, 130, 201, 349, 408
- marca na testa, 97
- Maria e o portão fechado, 40
- Messias, 40, 47, 97, 141, 143, 162, 223, 225, 228, 234, 265-266, 268, 270-271, 293, 320, 325, 335, 344, 354, 370-371, 383, 389, 391, 392, 394-396, 399-401  
como o Príncipe, 119, 391-392, 399, 401, 408-410  
e ressurreição, 271, 366, 403  
para ser cortado, 400  
via Daniel, 391  
vinda do, 266, 268, 335, 344, 354, 370-371, 391
- misericórdia, 321, 350, 384  
de Deus, 57, 59, 84, 87, 89, 91, 103, 107-108, 115, 118, 122, 129, 135-136, 141, 144-145, 147, 149-152, 162, 170, 177, 190-192, 201-202, 206-

- 207, 215-216, 222, 224, 262, 272, 277, 279, 281-282, 287, 316-317, 320-321, 326, 351-352, 357, 382, 385-387, 389-390, 393-394, 404, 429, 433, 437  
e perdão, 326, 389-390  
não merecida, 214-215  
sobre Israel, 228, 230
- Miguel, 47-48, 60, 402, 408-410, 412, 416, 426-427, 429-430  
e Cristo, 47, 377, 402-403, 408-410, 427-428  
o grande príncipe, 428-429, 431
- Miqueias, 30, 37, 76, 118, 142, 148, 162, 209, 301, 328
- ministros da justificação, 432
- morte eterna, 116, 146, 152, 397-398, 408
- Moisés, 21, 28, 53, 59, 68, 70, 74, 77, 84, 95, 103, 114, 130, 136, 162, 166, 169, 201, 206, 225, 236-237, 247, 251-252, 254, 256, 265, 278-280, 292-293, 306, 322, 325, 349, 351, 382, 389, 435  
e Elias, 322
- Monte Sião, 140, 236, 242, 262, 327
- natividade, 14
- Nabucodonosor, 35, 47, 91-92, 138-139, 155, 164-166, 175, 185-187, 189, 265, 269-271, 273-275, 277, 285, 290, 293, 296-298, 300, 304-306, 308-313, 315-319, 321-326, 328-329, 331, 333-335, 337, 345-346, 356-357  
blasfêmia de, 300, 303-304, 310  
confissão de, 289, 294, 308-309, 326  
contra Tiro, 179, 190  
crueldade de, 300  
decreto de, 309-310, 312  
e Belsazar, 271, 329-330, 346  
e o respeito a Daniel, 295  
fúria de, 304  
humilhação, 48, 324  
idolatria, 298-300  
inimigos de, 192  
punido, 41, 46, 48, 322-324  
reconhece Deus, 294, 326  
salvo, 325, 327
- sitiou Jerusalém, 274
- sonho de, 41, 48, 269, 282-286, 288-289, 313-314, 321, 333, 341
- necessidade da graça de Deus, 389
- Noé, 40, 117-121, 133, 427
- nome(s)  
da cidade, 227, 262  
dos quarto jovens, 276  
de Deus, 74, 86, 95, 98, 114-116, 160-161, 213, 215, 229, 235, 276, 282, 287, 300, 305, 378, 388, 404
- obediência  
a Deus, 73, 78  
ao decreto do rei, 339, 342, 347  
obras más e Deus, 151, 192, 200, 308  
obstinação e impenitência, 77, 106-108, 111, 132, 151, 201, 359, 400  
ódio, 98, 171, 176, 181, 187, 211, 316-318, 341-342, 346, 367, 404, 409  
e más afeições, 211  
pelos judeus, 171, 181, 211
- ofertas  
do primogênito, 158  
eram um tipo de Cristo, 244, 255  
no templo arruinado, 105  
oferta queimada, 239, 247-248
- ofício  
de autoridade terrena, 319  
de Cristo, 47, 208, 268, 272, 396  
de ensino, 116
- onipotência de Deus, 307, 415
- Optato de Milevi, 185
- oração, 18, 20, 26-27, 35, 47, 96, 114, 120, 169-170, 225, 255, 270, 279, 283, 287, 290, 299, 306, 338, 342-345, 349, 352, 382-388, 390, 405-406, 432, 447-448, 453, 455-456, 461-462
- orgulho  
de Tiro, 182  
do povo, 155  
e impiedade, 196
- pagãos, 23, 97, 104, 159, 161, 165, 168-169, 173, 177, 185-187, 190, 192, 212-215, 223, 229, 248, 271, 273, 297, 306, 346, 369, 404
- palavra de Deus, 6-8, 13, 26-27, 56, 64, 73, 75-76, 82-83, 91, 109, 111-112, 114-115, 145, 150, 173, 203, 205, 212, 220, 225, 233, 238, 260, 262, 277-278, 280, 297, 299, 318, 332, 366, 368, 375, 380-381, 384, 404-405, 424, 457
- Palmoni é Cristo, 373
- Pão (e vinho), 57, 82-86, 109-110, 113, 117, 125-126, 143, 147, 174, 243-244, 249, 253, 279-280, 405-406
- papistas e os sacramentos, 79, 97, 160-161, 173, 250, 276, 321, 350
- parábola, 52, 122, 137, 140, 154, 158, 163, 174, 175, 401  
da leoa e seus filhostes, 154  
da videira inútil, 122  
das duas águias, 138  
das duas irmãs adúlteras, 172  
de Oolá, 172  
de Oolibá, 172
- paraíso, 59, 186-187, 232, 236, 278
- pastores, 5, 7-8, 14, 22, 29, 32, 44, 79, 81, 199, 204-206, 208, 225, 237, 247, 432, 448  
de Israel, 205-208  
e rebano, 204
- pátio exterior, 40, 231
- Paulo, 19, 23, 28-29, 52-53, 67-68, 75-76, 78-79, 86, 103, 108, 115-116, 118, 123-124, 129, 131, 148, 152-153, 162, 199-200, 223, 242, 269, 276, 295, 299, 308, 318, 320, 323, 350, 366, 374-375, 380, 383, 386, 388-389, 397, 406, 409, 421, 429, 431-432, 434, 437  
e Barnabé, 295  
fala sobre os judeus, 123-124  
nome de, 276
- pecado, 39, 57, 72, 74, 76, 81, 83, 93, 95, 97, 102, 104, 111, 114-115, 119, 129, 131, 134, 136-137, 144-146, 148-153, 159-160, 168-170, 172, 181, 192, 197-199, 201-203, 206, 209, 211, 213, 215-216, 230, 232, 238, 241, 243-245, 248, 250, 253-255, 266, 268, 279, 295-296, 298, 313, 320-321, 327-328, 331-332, 336, 339, 342, 349, 382-383, 387, 389-393, 395-399, 408, 436, 438, 453  
corrompe, 85, 86  
de Israel, 168  
de Jerusalém, 95, 168  
dos pastores, 205  
e o sangue de Cristo, 239  
provoca a morte, 143-144
- pecado original, 145-146, 148
- Pedro, 46, 58-59, 69-70, 129, 207, 237, 266-267, 270, 276, 278, 295, 324, 340, 362, 389, 421, 434
- perdão, 57, 93, 106, 120, 131-132, 137, 149-152, 200-201, 259, 303, 317, 321, 342, 382-383, 386-390, 396-397
- perseguição ao povo de Deus, 30, 37, 112, 138, 236, 248, 262, 269, 293, 355, 367, 370, 414, 418, 420-421, 427, 430, 457
- Pérsia, 61, 335, 341, 355, 357-358, 369, 371-372, 375, 379, 381, 402, 405, 408-410, 412-414, 417, 422, 427
- piedade e caridade, 85, 90, 94, 120-121, 124, 132-133, 146-147, 158-159, 161, 243, 270-271, 276, 278-279, 294-295, 298-300, 302, 308-309, 317, 320-321, 329-330, 335, 339-340, 342-343, 345-348, 350-351, 384, 400, 404, 419-420, 425, 463
- pigmeus, 182
- pilares do templo, 40, 231-232, 240
- Piscator, 164, 165n2, 223, 228
- pobres da terra, 88
- poder celestial, 66, 77
- predestinação, 29, 38, 40, 198, 453-454
- príncipe  
da Pérsia, 408, 410, 412  
de Israel, 154, 164, 166  
de Tiro, 183-186. *Veja também* rei de Tiro
- profanação a Deus, 107, 161, 414
- profecia  
contra Edom, 178, 211  
contra Gogue, 226-227

- contra o Egito, 188-190  
 contra os amonitas, 164, 181  
 contra os caldeus, 53, 55-56, 112, 230, 282, 356, 369  
 contra os judeus, 127, 134, 164, 172, 175, 203, 275, 412  
 contra Tiro, 179, 183-184, 190  
 das setenta semanas, 391-392  
 de Cristo, 293  
 sobre a destruição de Jerusalém, 83, 122, 154, 175, 181, 203  
 sobre Antioco Epifânio, 369-371, 373, 375, 378, 414, 421, 427  
 promessa  
 de Davi, 225  
 de graça, 149  
 de misericórdia, 87, 107, 141, 191-192  
 de restauração, 138  
 de retorno, 107, 223  
 de segurança, 229  
 proteção de Deus, 232, 236, 307, 348, 415  
 punição  
 de Israel, 82  
 do rei, 319  
 dos ímpios, 368  
 purificação, 109, 131, 215-216, 245, 256, 419, 421, 435-436  
 Quebar (canal/rio), 55, 61, 71, 72, 99-100, 103, 245-246  
 querubim, 62, 65, 94, 99-101, 103-104, 183-184, 240, 365  
 Raquel, 119  
 redenção dos judeus, 221  
 regeneração, 107-109, 131  
 rei(s)  
 Belsazar, 35, 185, 269-271, 279, 285, 328-338, 340-341, 346, 353, 369, 371-372  
 Cristo como, 352  
 da Babilônia, 51-52, 57, 91, 137-138, 140, 154, 164-165, 174, 176, 179, 189-190, 194, 211, 273-275, 279-290, 300-301, 306-307, 312, 317, 325, 335, 341, 353, 356, 371-372, 403  
 Davi, 39, 65, 68, 119, 130, 133, 138, 140-142, 148, 204-205, 208-210, 215, 217-218, 222-225, 247-248, 265, 327, 330, 341, 366, 387, 397, 405, 407-408  
 de Tiro 183-184, 186-187. *Veja também* príncipe de Tiro  
 do Egito, 138-140, 188, 190-191, 193-195, 285, 361, 378, 422-423  
 do sul e do norte, 354  
 dos filisteus, 275  
 Jeconias, 51, 139, 166  
 reino  
 de Cristo, 36, 46, 51-52, 56, 59, 64, 138, 140-142, 205, 207, 229, 233, 254, 269, 283-284, 289, 292-294, 354, 360-361, 364, 367-368, 428, 438  
 do Messias, 143  
 do mundo, 269  
 reinos terrenos, 155  
 reis ímpios, 191  
 remanescente preservado, 87, 89, 91, 136, 159, 162, 395, 404, 420  
 restauração  
 do corpo, 119, 396, 437  
 da igreja, 39, 138, 141, 184-185, 187, 232-233, 235-236, 270, 379, 394, 453  
 de Israel, 36, 39, 213, 215, 218, 228, 230, 383, 394, 409. *Veja também* judeus, restauração dos  
 retorno  
 da Babilônia, 52, 107, 188, 209, 213, 261, 403  
 de Miguel, 427-428  
 do cativo, 141, 214, 221, 275, 395  
 dos egípcios, 191  
 ressurreição, dia final de, 426, 431  
 reunião da igreja, 223  
 reunificação de Israel e Judá, 218  
 rodas, 38, 52, 55-56, 60-69, 71, 78, 88, 99-105, 131, 214, 362  
 sabedoria, 14, 20, 31, 60-61, 66, 75, 115, 132, 153, 183-186, 200, 229, 235, 267, 270-271, 273-274, 277, 280-284, 286-290, 294-295, 297, 313-314, 325, 328, 336, 339-340, 354, 433, 435, 457  
 sacerdotes, 93, 97-98, 133, 166-167, 169, 176, 185, 205-206, 232-233, 238-239, 241, 244-245, 249-256, 258-259, 285, 376, 407, 418  
 sacerdotes levitas, 245, 249  
 sacramento, 23, 64, 82-83, 109, 159, 208, 233, 394, 444, 457  
 do batismo, 64, 215  
 é eficaz pela fé, 160  
 de regeneração, 160  
 e o sábado, 159-160  
 como visível, 109  
 sacrifícios e oblações, 57, 107, 158, 168, 185, 232, 239, 248, 253-255, 259-260, 272, 394-395, 397, 400, 417, 436-437  
 salvação  
 e idolatria, 159  
 e ressurreição, 426, 430-431  
 não merecida, 159, 215  
 preciosa para Deus, 145  
 Samaria, 83, 126, 134-135, 170-173  
 e Jerusalém, 170  
 sangue de Cristo, 86, 97, 130-131, 136, 213, 215-216, 239, 243, 299, 319, 337, 397  
 santo dos santos, 61, 238, 240, 242, 251, 391, 393  
 Satanás, 80, 112, 115-116, 132, 134, 191, 200, 209, 228, 268, 300, 304, 307, 328, 387, 394, 409, 420, 426, 429  
 Saul, 91, 165, 224, 276  
 semanas de Daniel, 46, 394, 396, 399, 401  
 Senhor  
 dá seu Espírito, 59, 64, 73, 228  
 estatutos de, 85, 105, 108, 143, 157-159, 197, 213, 217, 245, 249  
 lida com seu povo, 192  
 misericórdia de, 135, 141, 149, 207, 216  
 seres viventes, 55-56, 59-65, 68, 71, 78, 99-101, 103, 311  
 setenta semanas, 46, 394, 396, 399, 401  
 Sadraque, Mesaque e Abedenego, 273, 276, 279, 288, 296, 298-309  
 Sodoma, 106, 126, 134-135, 170, 200, 400  
 e Gomorra, 134  
 pecado de, 134  
 Salomão, 61, 176, 196, 233, 235, 237-239, 242-243, 246-247, 259, 265, 274, 281, 331, 341, 344  
 santa comunhão, 255  
 Síria e Egito, 292, 355, 375, 417  
 sofrimento, 269-271, 286, 306, 347, 354, 361, 367-368, 379-380, 392, 398, 404, 427, 429, 431, 433, 435, 438, 461  
 sumo sacerdote vestido de linho, 433  
 Susã, 48, 369, 371-372, 381  
 temor a Deus, 300, 310, 332-333  
 templo, 38-39, 52, 56, 61-62, 93-95, 97, 99-101, 104, 105, 107-108, 138, 140-141, 154, 156, 164, 169, 173, 175, 177-178, 181, 185, 209, 211, 218, 222, 224-225, 232-241, 243, 245-247, 249-251, 253-255, 257-261, 267, 269, 275, 284, 294, 328, 331-332, 343-344, 354, 371, 376, 378-379, 385-386, 392-396, 404-405, 407, 410, 412, 414, 418-419, 423, 427, 436-437  
 contaminado, 86, 96, 424, 427  
 corrompido, 236  
 degraus do, 237  
 detalhes do, 238, 240, 254  
 e a abominação da desolação, 94, 105, 284, 371, 400  
 não um edifício físico, 241-243, 246-247  
 pórtico do, 40, 231, 244  
 portões do, 231, 236, 241, 250  
 terceiro templo, 232, 234  
 terra  
 de Canaã, 86, 107, 125, 127-128, 162, 185, 209, 221-222, 233, 236, 254-255  
 de Israel, 90, 105, 110, 113, 143, 158, 163, 178, 180, 182, 198, 212, 214, 217, 226, 231, 236, 257, 261  
 de leite e mel, 130, 157  
 de Magogue, 236, 228

- 
- Tiago, 23, 80, 121  
trono de Cristo, 66  
tribos, 60, 83-84, 88, 92,  
107, 128, 134, 172-173,  
181, 209, 217, 222-223,  
235, 252, 254-255, 257-  
259, 261-262  
Tiro, 179-182, 184-187,  
189-190, 275  
e Sidom, 183-184, 187, 192
- unidade em Cristo, 18, 24,  
30, 97, 218  
vale de ossos, 39, 217-219  
vida espiritual, 19, 84, 131,  
280, 314  
vinho, 82-84, 86, 109, 134,  
180, 182, 243, 249, 273,  
275, 277, 279-280, 328-  
332, 359, 402, 405-406
- visões, 17, 30, 35-36, 39, 41,  
46, 52, 55, 58-59, 61,  
80, 90, 93, 99-100, 113-  
115, 164, 167, 218, 231,  
245, 269, 271, 277, 281,  
288, 311, 353-354, 362-  
363, 366, 368, 372, 377,  
381, 403-404, 408, 438,  
460
- vontade de Deus, 57, 62, 86,  
92, 121, 132-133, 150,  
164, 200, 229, 235, 275,  
318, 337, 371-372, 378,  
417  
Zacarias, 187-188, 229, 392  
Zorobabel, 192, 205, 209,  
222, 224-225, 235, 392

# Índice de textos da Escritura

## ANTIGO TESTAMENTO

<b>Gênesis</b>	<b>34</b> , 254	<b>17</b> , 88	<b>8.7</b> , 225
<b>1</b> , 32	<b>35</b> , 254	<b>18 – 19</b> , 330	<b>9.7</b> , 364
<b>1.1</b> , 29		<b>19.34</b> , 224	<b>9.16</b> , 229
<b>3.6</b> , 260	<b>Deuteronômio</b>	<b>19.35</b> , 63	<b>12.3</b> , 109
<b>3.7</b> , 58	<b>7.9</b> , 135	<b>22</b> , 58	<b>13.1</b> , 364
<b>3.24</b> , 236	<b>8.3</b> , 280	<b>23</b> , 58	<b>14.1</b> , 145
<b>7.1</b> , 121	<b>11.10</b> , 139	<b>23.33</b> , 58	<b>14.2</b> , 145
<b>10.2</b> , 228	<b>13.3</b> , 114	<b>24</b> , 166	<b>25.14</b> , 235
<b>15.1</b> , 59	<b>17.18-20</b> , 166	<b>24.1-3</b> , 138	<b>29.9</b> , 61
<b>18.11</b> , 103	<b>28</b> , 135	<b>24.15</b> , 176	<b>32.5</b> , 387
<b>28.12</b> , 59	<b>29.29</b> , 435	<b>25</b> , 176, 330	<b>33.4</b> , 169
<b>31.11</b> , 59	<b>32.1</b> , 88	<b>25.1</b> , 175	<b>36.6</b> , 385
<b>37.9</b> , 286	<b>32.2</b> , 88, 130	<b>25.8</b> , 211	<b>44.18</b> , 237
<b>43.16</b> , 346, 408-409	<b>32.35</b> , 185		<b>45.2</b> , 234
<b>48.16</b> , 306	<b>34.10</b> , 59	<b>1Crônicas</b>	<b>46.10</b> , 69
		<b>28.9</b> , 186	<b>50.14</b> , 239
			<b>51</b> , 387
<b>Êxodo</b>	<b>Josué</b>	<b>2Crônicas</b>	<b>51.4</b> , 387
<b>3</b> , 70	<b>5.9</b> , 130	<b>3.4</b> , 243	<b>51.5</b> , 148
<b>3.2</b> , 95	<b>5.13</b> , 70, 254	<b>4.1</b> , 247	<b>51.7</b> , 215
<b>5.13-14</b> , 206	<b>5.14-14</b> , 428	<b>4.9</b> , 238	<b>54.4</b> , 428
<b>13.21</b> , 95	<b>10.12</b> , 103	<b>29.7</b> , 243	<b>62.9</b> , 65
<b>14.21-22</b> , 130	<b>13</b> , 254	<b>36</b> , 166	<b>69.28</b> , 428
<b>14.24</b> , 95	<b>18.28</b> , 261	<b>36.6-7</b> , 176	<b>76.1</b> , 100
<b>16.4</b> , 280	<b>21</b> , 254	<b>36.17</b> , 138	<b>76.4</b> , 355
<b>18.22</b> , 112	<b>24.2-3</b> , 128	<b>36.23</b> , 220	<b>79.1</b> , 177
<b>19.10</b> , 130			<b>80.9-12</b> , 123
<b>19.16</b> , 69	<b>Juizes</b>	<b>Esdras</b>	<b>89.19</b> , 59
<b>20.6</b> , 149	<b>3.16</b> , 182	<b>2.1-65</b> , 162	<b>89.32</b> , 92
<b>20.7</b> , 330	<b>8.1</b> , 206	<b>6.6-15</b> , 392	<b>89.33-34</b> , 135
<b>22.28</b> , 166	<b>8.3</b> , 376		<b>91.3</b> , 307
<b>27.1</b> , 247		<b>Neemias</b>	<b>91.15</b> , 307
<b>28.42-43</b> , 251	<b>1Samuel</b>	<b>1.3</b> , 169	<b>93.4</b> , 169
<b>29.27-29</b> , 251	<b>15.29</b> , 247	<b>2.10</b> , 392	<b>103.20</b> , 314
<b>33</b> , 292	<b>16.7</b> , 186	<b>4</b> , 392	<b>110.1</b> , 388
<b>33.11</b> , 59	<b>17</b> , 130	<b>4.6</b> , 392	<b>110.2</b> , 260
<b>34.6</b> , 390	<b>22.2</b> , 224	<b>6</b> , 392	<b>132.14</b> , 100, 104
		<b>9.32</b> , 135	<b>143.2</b> , 118
<b>Levítico</b>	<b>1Reis</b>	<b>13.29</b> , 86	<b>145.17</b> , 146
<b>1</b> , 248	<b>6.3</b> , 243		<b>147.3</b> , 352
<b>6.24</b> , 248	<b>6.33-34</b> , 244	<b>Jó</b>	<b>148.8</b> , 220
<b>7.11-22</b> , 248	<b>6.36</b> , 238	<b>14.5</b> , 337	
<b>11</b> , 278	<b>8</b> , 344	<b>19.26-27</b> , 221	<b>Provérbios</b>
<b>16.4</b> , 251	<b>8.6-7</b> , 100	<b>34.21-22</b> , 102	<b>2</b> , 274
<b>18</b> , 168	<b>8.48</b> , 344	<b>39.28</b> , 247	<b>2.18</b> , 237
<b>19.16</b> , 168	<b>16.24</b> , 134		<b>4.2</b> , 169
<b>21.14</b> , 252	<b>17.4</b> , 220	<b>Salmos</b>	<b>5.5</b> , 237
	<b>18.37-39</b>	<b>2.2</b> , 327	<b>7.25-27</b> , 237
<b>Números</b>	<b>21.29</b> , 323	<b>2.6</b> , 68, 327	<b>12.13</b> , 196
<b>1</b> , 92	<b>22.22</b> , 115	<b>2.7</b> , 327	<b>15.3</b> , 102
<b>12</b> , 59		<b>2.9</b> , 92	<b>17.19</b> , 331
<b>17.2</b> , 92	<b>2Reis</b>	<b>4.6-7</b> , 202	<b>19.3</b> , 200
<b>19</b> , 215	<b>6.17</b> , 61, 70, 88	<b>8.6</b> , 429	



<b>Eclesiastes</b>	<b>58.9</b> , 388	<b>Lamentações</b>	<b>10.12</b> , 102
<b>3.4</b> , 193	<b>59.2</b> , 129	<b>3.33</b> , 152	<b>10.15-22</b> , 101
<b>3.21</b> , 357	<b>59.20</b> , 137	<b>4.13</b> , 169	<b>10.16-17</b> , 100
<b>9.8</b> , 405	<b>59.21</b> , 430		<b>10.17</b> , 103
<b>10.20</b> , 166	<b>63</b> , 428	<b>Ezequiel</b>	<b>10.20-21</b> , 61
	<b>66.1</b> , 104	<b>1</b> , 74, 100	<b>11.16</b> , 107
<b>Cantares</b>	<b>66.24</b> , 428	<b>1-3</b> , 39	<b>11.17</b> , 107
<b>4.8</b> , 355		<b>1.1</b> , 63	<b>11.18</b> , 107-108
<b>4.12</b> , 169	<b>Jeremias</b>	<b>1.4-8</b> , 233	<b>11.19</b> , 119
	<b>1</b> , 65	<b>1.5</b> , 61	<b>11.19-20</b> , 107
<b>Isaías</b>	<b>1.9</b> , 74	<b>1.5-15</b> , 60	<b>12</b> , 52
<b>1.2</b> , 220	<b>1.11</b> , 92	<b>1.6</b> , 61-62	<b>12.10</b> , 112
<b>1.10</b> , 106	<b>1.13</b> , 175	<b>1.9</b> , 62	<b>13.1-16</b> , 114
<b>1.23</b> , 169	<b>2.7</b> , 285	<b>1.12</b> , 63, 65, 78	<b>13.5</b> , 115
<b>2</b> , 141	<b>2.21</b> , 123	<b>1.14</b> , 62	<b>13.6</b> , 115
<b>5</b> , 123	<b>2.30</b> , 132	<b>1.15</b> , 63	<b>13.17</b> , 116
<b>5.1</b> , 169	<b>3.12</b> , 149	<b>1.16</b> , 65	<b>13.17-18</b> , 116
<b>5.4</b> , 201	<b>4.7</b> , 355	<b>1.18-21</b> , 66	<b>13.17-23</b> , 114
<b>5.26</b> , 355	<b>4.13</b> , 355-356	<b>1.19</b> , 64, 100	<b>14.2</b> , 118
<b>5.29</b> , 355-356	<b>5.25</b> , 387	<b>1.20</b> , 63, 65, 78	<b>14.6</b> , 119
<b>6</b> , 61	<b>7</b> , 104	<b>1.22-25</b> , 66	<b>14.13</b> , 155
<b>6.7</b> , 74	<b>7.9-10</b> , 177	<b>1.23</b> , 66	<b>14.14</b> , 384
<b>8.20</b> , 169	<b>7.25</b> , 98	<b>1.26</b> , 68	<b>14.20</b> , 40
<b>9</b> , 429	<b>9.1</b> , 318	<b>2</b> , 88	<b>15</b> , 52
<b>9.4</b> , 293	<b>13.16</b> , 347	<b>2.1-2</b> , 74	<b>16</b> , 39, 172
<b>9.6</b> , 48, 306, 364, 378, 429	<b>14.7-8</b> , 388	<b>2.2</b> , 73	<b>16.3</b> , 128-129
<b>10.5</b> , 92	<b>15.16</b> , 75	<b>2.3-5</b> , 74	<b>16.4-5</b> , 129
<b>10.22</b> , 420	<b>16.18</b> , 86	<b>2.6</b> , 74	<b>16.6</b> , 129, 131
<b>11</b> , 140	<b>18.6</b> , 145	<b>2.9</b> , 74	<b>16.8-9</b> , 131
<b>11.1</b> , 210	<b>18.7-8</b> , 165	<b>3</b> , 88, 315	<b>16.9</b> , 131
<b>14</b> , 185	<b>18.10</b> , 104, 230	<b>3.8-9</b> , 76	<b>16.15</b> , 132
<b>14.5</b> , 92	<b>21</b> , 51	<b>3.10</b> , 76	<b>16.17</b> , 132
<b>14.12-16</b> , 317, 326	<b>22.28</b> , 166	<b>3.12</b> , 78	<b>16.23</b> , 132
<b>14.15</b> , 327	<b>23</b> , 205	<b>3.17</b> , 80, 199	<b>16.27</b> , 132
<b>19.11-16</b> , 193	<b>23.14</b> , 169	<b>4</b> , 52	<b>16.33</b> , 133
<b>20.3</b> , 178	<b>23.20</b> , 428	<b>4.9</b> , 80	<b>16.35-37</b> , 133
<b>21.2</b> , 355	<b>24</b> , 51	<b>4-24</b> , 29	<b>16.44</b> , 133
<b>27.4</b> , 187	<b>25</b> , 384	<b>5.1-5</b> , 86	<b>16.48-50</b> , 134
<b>28.16</b> , 247, 292	<b>25.18-26</b> , 191	<b>5.8</b> , 86	<b>16.49</b> , 134
<b>28.21</b> , 151	<b>27</b> , 330	<b>5.11</b> , 86	<b>16.59</b> , 135, 169
<b>29.11-12</b> , 53	<b>28</b> , 403	<b>6.3</b> , 88	<b>16.60</b> , 136
<b>29.15</b> , 102	<b>29.7</b> , 317	<b>6.3-7</b> , 87	<b>16.63</b> , 137
<b>29.18</b> , 428	<b>29.16-17</b> , 138	<b>6.8-10</b> , 87	<b>17</b> , 52
<b>37.35</b> , 224	<b>30.9</b> , 224-225	<b>6.11-14</b> , 87	<b>17.3</b> , 355
<b>41.18</b> , 220	<b>30.10-11</b> , 210	<b>7.10</b> , 92	<b>17.9-10</b> , 140
<b>41.27</b> , 260	<b>31</b> , 56	<b>7.14</b> , 92	<b>17.15</b> , 140
<b>42.8</b> , 348	<b>31.10</b> , 224	<b>7.16</b> , 92	<b>17.16</b> , 138
<b>44.8</b> , 185	<b>31.15</b> , 119	<b>8</b> , 177, 234	<b>17.17</b> , 140
<b>44.22</b> , 397	<b>31.31</b> , 136	<b>8.2</b> , 94	<b>17.22-23</b> , 142
<b>45.19</b> , 434	<b>31.31-32</b> , 68	<b>8.3</b> , 100, 218	<b>17.23</b> , 140
<b>45.23</b> , 153	<b>31.31-34</b> , 136	<b>8-11</b> , 39	<b>17.24</b> , 140-141, 220
<b>46.9</b> , 185	<b>32.30</b> , 216	<b>8.12</b> , 96	<b>18</b> , 40, 168
<b>47.8</b> , 193	<b>35.15</b> , 98	<b>9</b> , 94	<b>18.4</b> , 146
<b>51.9</b> , 191	<b>37.1</b> , 138	<b>9.3</b> , 101	<b>18.5</b> , 146
<b>51.21</b> , 331	<b>39.1</b> , 175	<b>9.4</b> , 97, 169	<b>18.10-11</b> , 146
<b>52.7</b> , 260	<b>48.17</b> , 92	<b>9.4-6</b> , 98	<b>18.14-15</b> , 146
<b>53</b> , 32	<b>48.40</b> , 355	<b>10</b> , 100	<b>18.20-21</b>
<b>53.2</b> , 400	<b>49.36</b> , 61	<b>10.2</b> , 101	<b>18.21-22</b> , 146
<b>53.5</b> , 398	<b>50.2</b> , 330	<b>10.3</b> , 238	<b>18.23</b> , 149-150
<b>54.1-5</b> , 130	<b>51.8</b> , 193	<b>10.4</b> , 101	<b>18.24</b> , 146
<b>55.3</b> , 224	<b>52</b> , 111	<b>10.9</b> , 65	<b>18.26-28</b> , 146
<b>55.13</b> , 187	<b>52.4</b> , 175	<b>10.9-14</b> , 101	<b>18.30</b> , 153
<b>58.1</b> , 127		<b>10.11</b> , 101-102	<b>18.30-32</b> , 151

- 18.32, 149, 151  
 19.1, 186  
 19.14, 156  
 20, 36, 168, 172  
 20.6, 165  
 20.11, 159  
 20.32, 161  
 20.39, 86, 161  
 20.40, 162  
 20.44, 162  
 20.49, 163  
 21.3, 164  
 21.14, 165  
 21.21, 164-165  
 21.22, 166  
 21.25, 166  
 21.25-26, 166  
 21.28, 181  
 22.3-6, 168  
 22.4, 168  
 22.7, 168  
 22.8, 168  
 22.9, 168  
 22.10, 168  
 22.11, 168  
 22.12, 168  
 22.16, 169  
 22.25-30, 169  
 22.30, 168  
 23.4, 172  
 23.21, 173  
 23.38, 86, 173  
 23.45, 173  
 23.47, 173  
 24, 52  
 24.1, 203  
 24.12, 177  
 24.15-27, 39  
 24.16, 177  
 24.20-22, 177  
 24.21, 178  
 24.24, 178  
 24.27, 203  
 25 - 32, 36, 39  
 25.3, 182  
 25.12, 211  
 26, 190  
 26.7, 275  
 27, 182  
 27.11, 182  
 28, 192  
 28.2, 185  
 28.2-6, 184  
 28.3, 185  
 28.7, 184  
 28.13, 186  
 28.20-22, 185  
 28.22-24, 185  
 28.24, 187  
 28.25, 185  
 28.26, 185  
 29, 190  
 29.3, 191  
 29.4, 191  
 29.11, 191  
 29.13, 186, 191  
 29.17, 190  
 29.18, 187  
 29.21, 192  
 30 - 38  
 31.1, 196  
 33, 40  
 33.1, 80  
 33.1-9, 198  
 33.1-21, 203  
 33.6, 199  
 33.10-20, 198  
 33.11, 103, 198, 200-201, 203  
 33.21, 203  
 33.21-29, 198  
 33.24, 203  
 33.25-26, 203  
 33.30-33, 198  
 33-39, 36, 39  
 34.1-10, 205  
 34.2-6, 205  
 34.11-22, 205  
 34.13-14, 208  
 34.15-17, 208  
 34.23, 210, 224  
 34.23-24, 208  
 34.23-31, 205  
 34.24, 222, 225  
 34.25, 209  
 34.28, 187  
 34.29, 210  
 35.12, 212  
 36.1-7, 213  
 36.1-25, 215  
 36.2, 182  
 36.8-15, 214  
 36.11, 214  
 36.16-20, 214  
 36.16-21, 215  
 36.18, 214  
 36.21, 215  
 36.21-24, 214-215  
 36.22, 214-215  
 36.24, 215  
 36.25, 215  
 36.25-38, 214  
 37, 52  
 37.1-11, 218  
 37.1-14, 39  
 37.3, 103  
 37.7, 219  
 37.7-8, 131  
 37.9, 221  
 37.10, 221  
 37.11, 219  
 37.11-12, 221  
 37.13, 221  
 37.14, 131  
 37.15, 221  
 37.15-28, 39  
 37.21, 223  
 37.21-22, 40, 223  
 37.22, 223  
 37.23, 224  
 37.24, 220, 225  
 37.24-25, 209  
 37.25, 225  
 37.26, 224  
 37.26-27, 40  
 38-39, 52, 228  
 38.8, 228  
 38.11, 229  
 39, 228  
 39.7, 229  
 39.25-29, 40  
 40-42, 233  
 40-48, 39, 52, 233  
 40.2, 234, 247  
 40.3, 251  
 40.38, 239  
 40.45-46, 239  
 40.48, 242  
 40.49, 242  
 41, 235  
 41.22, 243  
 41.23-24, 244  
 42.15, 235  
 43-44, 233  
 43.6, 251  
 43.12, 246  
 43.13-17, 247  
 43.13-18, 246  
 43.18-19, 248  
 43.18-27, 246  
 43.27, 248  
 44, 40  
 44.1-2, 40  
 44.1-3, 250  
 44.4-9, 250  
 44.10-15, 250  
 44.15-31, 250  
 44.17-31, 251  
 45 - 46, 233  
 45.21, 255  
 46.1, 238  
 46.2, 238  
 46.9, 239  
 46.20, 238  
 47, 259  
 47.1, 259  
 47.8-10, 259  
 47.12, 259  
 47.13-23, 261  
 48, 234, 259  
 48.35, 242  
 Daniel  
 1, 270  
 1-6, 35, 42-43  
 1.1, 285  
 1.2, 274  
 1.5, 275  
 1.6, 265, 275, 335  
 1.8, 278  
 1.14-15, 280  
 1.19-20, 287  
 1.21, 410  
 2, 41, 47, 269-270  
 2.1, 47  
 2.2, 285  
 2.4, 372  
 2.11, 314  
 2.20, 287  
 2.23, 287  
 2.27-28, 289  
 2.31, 290  
 2.31-45, 341  
 2.35, 247  
 2.36, 290  
 2.37, 355  
 2.37-38, 139  
 2.39, 355, 372  
 2.40, 291  
 2.44, 335, 428  
 2.47, 294  
 3, 47, 269, 299  
 3.1, 300  
 3.3, 299  
 3.4, 324  
 3.8, 301  
 3.12, 301  
 3.15, 297  
 3.16, 303  
 3.17, 303  
 3.25, 305  
 3.28, 306, 309  
 3.49, 305  
 4, 41, 47-48, 269-270  
 4.1, 312  
 4.4, 313  
 4.8, 314  
 4.9, 335  
 4.13, 62, 315  
 4.17, 62  
 4.19, 317-318  
 4.21-22, 319  
 4.23, 319  
 4.24, 315  
 4.25, 196, 319  
 4.26, 319  
 4.27, 319-321  
 4.29, 323  
 4.32, 324, 357  
 4.34, 325  
 4.34-36, 325  
 4.35, 327  
 5, 269-270, 277  
 5.1, 330  
 5.2, 331  
 5.2-4, 279  
 5.11, 334-335  
 5.14, 415  
 5.26, 336  
 5.27, 336  
 5.28, 336  
 5.29, 337

6, 269-270, 405	<b>8.25</b> , 361, 379	<b>11.21</b> , 361	<b>Amós</b>
<b>6.10</b> , 344	9, 35, 41, 47, 270, 354	<b>11.21-35</b> , 418	<b>6</b> , 279
<b>6.22</b> , 339, 350	<b>9.2</b> , 384	<b>11.23</b> , 361, 422	<b>6.6</b> , 368
<b>6.23</b> , 339, 349-350	<b>9.3</b> , 385	<b>11.24</b> , 422-423	<b>9.11</b> , 224
7, 47, 354	<b>9.4</b> , 385	<b>11.32</b> , 361, 373, 419	<b>Jonas</b>
7-8, 41	<b>9.7</b> , 389	<b>11.33</b> , 419, 428, 430	<b>2.10</b> , 220
7-12, 35, 42-43	<b>9.14</b> , 387	<b>11.34</b> , 419	<b>Miqueias</b>
<b>7.2</b> , 355	<b>9.16</b> , 389	<b>11.35</b> , 373, 419, 428	<b>2.12</b> , 162
<b>7.3</b> , 355	<b>9.17</b> , 388-389	<b>11.36</b> , 361, 421	<b>5.2</b> , 142
<b>7.4</b> , 355	<b>9.18</b> , 389	<b>11.36-37</b> , 424	<b>5.4</b> , 142
<b>7.5</b> , 355	<b>9.21</b> , 377	<b>11.36-39</b> , 414, 424	<b>6.1-2</b> , 88
<b>7.6</b> , 355, 372	<b>9.23</b> , 264	<b>11.37</b> , 423, 425	<b>7.18</b> , 151
<b>7.7</b> , 355	<b>9.24</b> , 394-396	<b>11.41</b> , 425	<b>Habacuque</b>
<b>7.13</b> , 364, 376	<b>9.25</b> , 394-395, 399	<b>12</b> , 47, 270	<b>1.8</b> , 355
<b>7.18</b> , 368	<b>9.25-26</b> , 395	<b>12.1</b> , 47-48, 409-410, 427-430	<b>Ageu</b>
<b>7.21-22</b> , 367	<b>9.27</b> , 393, 395	<b>12.2</b> , 427, 428	<b>1.1-15</b> , 392
<b>7.24</b> , 355, 361	<b>10</b> , 47, 270, 354	<b>12.3</b> , 428, 432	<b>2.7</b> , 246
<b>7.25</b> , 361	<b>10.1</b> , 403, 415	<b>12.4</b> , 428	<b>Zacarias</b>
<b>7.28</b> , 364	<b>10.2</b> , 409	<b>12.5</b> , 377, 432	<b>1.1-17</b> , 392
<b>8</b> , 47, 354	<b>10.3</b> , 433	<b>12.7</b> , 377, 407, 410	<b>2.5</b> , 229
<b>8.2-14</b> , 422	<b>10.4</b> , 372	<b>12.8</b> , 434	<b>3.8</b> , 246
<b>8.3</b> , 355	<b>10.5</b> , 408	<b>12.9</b> , 428	<b>6.12</b> , 246
<b>8.4</b> , 355	<b>10.11</b> , 264	<b>12.10</b> , 419, 435, 438	<b>13.1</b> , 131
<b>8.5</b> , 265, 355, 372	<b>10.12</b> , 408	<b>12.11-12</b> , 436	<b>14.8</b> , 259-260
<b>8.6</b> , 372	<b>10.13</b> , 47-48, 408-409, 428	<b>12.13</b> , 437	<b>Malaquias</b>
<b>8.8</b> , 355, 372	<b>10.16</b> , 411	<b>Oseias</b>	<b>1.7</b> , 86
<b>8.9</b> , 372	<b>10.20</b> , 61, 412	<b>3.5</b> , 224	<b>3</b> , 97
<b>8.12</b> , 373	<b>10.21</b> , 409-410, 428	<b>6.5</b> , 177	<b>3.2</b> , 95
<b>8.13</b> , 47, 377, 402, 407	<b>11</b> , 41, 354	<b>13.9</b> , 200	<b>3.6</b> , 64
<b>8.14</b> , 379	<b>11.1</b> , 416	<b>Joel</b>	
<b>8.15</b> , 376	<b>11.2</b> , 417	<b>1.5</b> , 331	
<b>8.16</b> , 377	<b>11.3</b> , 355	<b>3.18</b> , 259	
<b>8.21</b> , 372	<b>11.4</b> , 355		
<b>8.22-23</b> , 379	<b>11.5</b> , 417		
<b>8.23</b> , 361	<b>11.5-6</b> , 372		

## APÓCRIFOS

<b>Judite</b>	<b>1.9-10</b> , 355	<b>2.1</b> , 419	<b>6.18-19</b> , 278
<b>5</b> , 275	<b>1.20-24</b> , 379	<b>2.42</b> , 419	<b>8.1</b> , 419
<b>Sabedoria de Salomão</b>	<b>1.20-28</b> , 423	<b>6.1-3</b> , 422	<b>9</b> , 380
<b>11</b> , 336	<b>1.25</b> , 361	<b>6.16</b> , 379	<b>10</b> , 427
<b>1Macabeus</b>	<b>1.46-47</b> , 361	<b>7.13</b> , 419	<b>14.6</b> , 419
<b>1.5</b> , 373	<b>1.54</b> , 419	<b>2Macabeus</b>	
	<b>1.57</b> , 436	<b>6.2</b> , 419, 436	
	<b>1.59</b> , 294, 419		

## NOVO TESTAMENTO

**Mateus**

1.1, 224  
 2.2, 246  
 5-7, 29  
 5.3-4, 319  
 5.9, 135  
 5.11, 305  
 6, 344  
 6.5-6, 344  
 6.17, 405  
 6.19-20, 64  
 9.2, 131  
 10.16, 429  
 10.22, 429  
 10.32, 305  
 11.13, 68  
 11.21, 187  
 11.28, 149  
 13.38, 135  
 13.52, 238  
 15.22, 224  
 16.24, 429  
 17.1-2, 70  
 17.5, 199  
 18.18, 116  
 18.20, 430  
 22.7, 401  
 24, 269, 437  
 24.14, 261  
 24.15, 46, 264-266  
 24.21, 428  
 24.22, 428  
 24.31, 221  
 25, 437  
 26.26, 15  
 27.40, 330  
 28.18, 225  
 28.19-20, 16  
 28.19, 261  
 28.20, 429-430

**Marcos**

1.15, 119, 387  
 6, 339  
 8.38, 305  
 10.17-27, 242  
 12.35, 224  
 13.37, 221  
 15.32, 399  
 16.16, 242

**Lucas**

1, 377  
 1.19, 376  
 1.26, 376-377  
 1.31-33, 210  
 1.69, 192  
 1.74-75, 188  
 1.78, 246  
 2.11, 399

2.13, 61  
 3.8, 321  
 3.23, 392  
 8.29, 319  
 10.20, 428  
 11.27-28, 75  
 12.32, 368  
 16.8, 135  
 17.27-30, 427  
 18.1, 386  
 18.1-6, 107  
 18.7-8, 187  
 21.28, 438  
 23.2, 399  
 24.46, 267  
 24.47, 261

**João**

1.14, 70, 95  
 1.29, 398  
 1.47, 261  
 2.20, 392  
 3.5, 256  
 4.14, 259  
 4.24, 299  
 4.37, 341  
 5, 364  
 5.22, 365  
 5.22-23, 365  
 5.26-27, 365  
 5.27, 59  
 5.39, 267  
 6.68, 432  
 7.17, 416  
 8.12, 246  
 10, 208, 236  
 10.9, 244  
 10.27, 430  
 10.28, 429  
 10.30, 365  
 14.6, 202, 416  
 14.18, 429, 431  
 15.7, 430  
 15.20, 429  
 16.8, 149  
 17.3, 208  
 17.5, 365  
 17.7, 235  
 17.9, 368  
 17.17, 416  
 19.20, 21

**Atos**

1.4, 260  
 1.8, 260  
 3, 243  
 3.11, 243  
 4.19, 347  
 4.20, 69  
 4.32, 109

5.12, 243  
 5.29, 347  
 5.31, 119  
 7.38, 169  
 8.28, 335  
 10, 70  
 10.14, 278  
 10.15, 332  
 10.43, 267, 389  
 11.18, 119  
 13.34, 224  
 15.18, 102  
 15.16, 224, 235  
 20, 79  
 20.28, 199  
 21.28-30, 243

**Romanos**

1.3, 224  
 1.16-17, 428  
 1.17-18, 199  
 2.4, 323  
 2.5, 323  
 2.11, 106nl  
 2.29, 262  
 3.9, 124  
 3.10, 118  
 4.11, 397  
 4.16, 135  
 4.25, 397-398  
 5.12, 146, 399  
 7, 228  
 8.2-3, 68  
 8.2-27, 64  
 8.3, 201  
 8.15, 396  
 8.23-24, 431  
 8.31, 429  
 8.38, 409  
 9.7-9, 162  
 9.21, 428  
 9.27, 428  
 9.29, 428  
 9.31-32, 136  
 10.4, 399  
 11.2, 333  
 11.13  
 11.25, 222  
 11.29, 152  
 11.32, 200  
 12.12, 386  
 13.3, 340  
 13.5, 318  
 13.12, 432  
 14, 279  
 14.10-11, 153

**1Coríntios**

2.14, 297  
 2.15, 67

3.11, 247  
 4.15, 162  
 4.20, 75  
 6.19, 235  
 7.34, 299  
 10.1-2, 130  
 10.1-11, 19  
 10.3-4, 103  
 10.4, 247  
 10.7, 313  
 10.12, 313  
 10.16, 160  
 12.3-13, 64  
 15.41, 428

**2Coríntios**

1.12, 350  
 2.15, 239  
 2.15-16, 115  
 3, 333  
 3.5, 119  
 3.6, 68  
 3.6-8, 259  
 3.14-16, 53  
 5.10, 437  
 8.14-16  
 10.5-6, 116

**Gálatas**

2.16, 398  
 3.7, 135  
 3.21, 136  
 4.3, 386  
 4.4, 366  
 4.6, 396  
 4.21-31, 19  
 5.25, 308

**Efésios**

1.7, 131  
 2.3, 148  
 2.8-9, 121  
 2.10, 150  
 2.14, 223  
 2.16, 116  
 3.10, 374, 409  
 3.20, 244  
 4.4, 64  
 5, 299  
 5.11, 335  
 5.18, 332  
 5.24, 252  
 5.26, 131  
 6.9, 106

**Filipenses**

1.21, 340  
 1.29, 119  
 2.7, 142, 366  
 2.12, 108

<b>2.13</b> , 119	<b>2Timóteo</b>	<b>Tiago</b>	<b>Apocalipse</b>
<b>2.15</b> , 335	<b>2.13</b> , 135	<b>1.17</b> , 256	<b>1</b> , 429
<b>4.3</b> , 428	<b>2.19</b> , 152	<b>2.13</b> , 151	<b>1.5</b> , 131
<b>4.7</b> , 118	<b>2.22</b> , 251	<b>5.19-20</b> , 428	<b>1.14</b> , 95
<b>Colossenses</b>	<b>2.25</b> , 119		<b>1.15</b> , 234
<b>1.15</b> , 410	<b>3.12</b> , 429	<b>1Pedro</b>	<b>3.5</b> , 428
<b>1.16</b> , 409		<b>1.2</b> , 131	<b>4.4</b> , 251
<b>1.17</b> , 68	<b>Tito</b>	<b>1.10-11</b> , 46, 266, 270	<b>7</b> , 262, 367
<b>2</b> , 397	<b>1.7-8</b> , 251	<b>1.12</b> , 434	<b>7.13</b> , 251
<b>2.3</b> , 433	<b>1.15</b> , 278	<b>1.19</b> , 216, 234	<b>7.15</b> , 251
<b>3</b> , 299	<b>2.13</b> , 95	<b>1.23</b> , 256	<b>10.1</b> , 377
<b>3.15</b> , 118	<b>3.5</b> , 160	<b>2.2</b> , 237	<b>10.2</b> , 377
<b>3.25</b> , 106n1	<b>3.5-6</b> , 131	<b>3.16</b> , 340	<b>10.5-6</b> , 433
		<b>5</b> , 324	<b>10.5-7</b> , 434
	<b>Hebreus</b>	<b>5.8</b> , 348	<b>12.7</b> , 408-410
<b>1Tessalonicenses</b>	<b>1.3</b> , 247, 410, 429		<b>13.5</b> , 361
<b>2.13</b> , 79	<b>1.14</b> , 374	<b>2Pedro</b>	<b>13.8</b> , 428
<b>4.16</b> , 409	<b>4.13</b> , 102	<b>1.9</b> , 131	<b>14.1</b> , 262
<b>5.3</b> , 313	<b>7.26</b> , 234	<b>1.21</b> , 59	<b>14.14</b> , 367
<b>5.17</b> , 386	<b>8.10-12</b> , 136	<b>3.18</b> , 237	<b>15.4</b> , 261
<b>5.23</b> , 299	<b>9 - 10</b> , 395		<b>17</b> , 361
	<b>9.14</b> , 131	<b>1João</b>	<b>17.14</b> , 429
<b>2Tessalonicenses</b>	<b>9.26</b> , 398	<b>1.6-7</b> , 202	<b>17.18</b> , 460
<b>2</b> , 380	<b>10.1</b> , 397	<b>1.7</b> , 131	<b>19</b> , 428
<b>2.8</b> , 228	<b>10.22</b> , 131	<b>2.19</b> , 152, 368	<b>20</b> , 228
	<b>11.6</b> , 350	<b>3.7</b> , 147	<b>20.8</b> , 61
<b>1Timóteo</b>	<b>11.10</b> , 18	<b>3.8</b> , 135, 331	<b>20.12</b> , 365
<b>1.15</b> , 14	<b>12.1</b> , 419	<b>3.10</b> , 135	<b>21</b> , 52
<b>2.5</b> , 97	<b>12.14</b> , 202	<b>3.12</b> , 135	<b>21.27</b> , 177
<b>3.15</b> , 235	<b>12.23</b> , 262	<b>5.18</b> , 148	<b>22</b> , 259
<b>3.16</b> , 376, 433	<b>12.24</b> , 131, 216		<b>22.1-2</b> , 259
<b>4.12</b> , 251	<b>13.10</b> , 247	<b>Judas</b>	<b>22.9</b> , 309
<b>4.16</b> , 428	<b>13.17</b> , 79	<b>9</b> , 409	<b>22.16</b> , 247

O *Comentário Bíblico da Reforma* é uma coleção em vinte e oito volumes que traz o pensamento da Reforma para a igreja contemporânea. Traduzidos e organizados por acadêmicos reconhecidos internacionalmente nas áreas de história e teologia da Reforma, esses volumes reúnem comentários exegéticos e teológicos sobre todo o cânon bíblico feitos por uma grande variedade de pensadores da era da Reforma, recuperados para renovar a igreja hoje.

A revolução da era da Reforma na pregação e na interpretação da Bíblia não ocorreu sem uma ardente atenção à Escritura do Antigo Testamento. Isso é especialmente verdadeiro com relação aos profetas hebreus. Ezequiel e Daniel, cheios de imagens e visões surpreendentes e desanimadoras, oráculos apocalípticos de juízo e destruição, cativaram os reformadores quando tentaram entender sua época e a si mesmos pelas lentes das fontes bíblicas. Da mesma forma, esses livros proféticos enfatizavam as promessas pactuais de Deus ao seu povo e a esperança de restauração, que os reformadores entendiam como sendo a justiça de Cristo disponibilizada em fé.

O *Comentário Bíblico da Reforma* sobre os profetas Ezequiel e Daniel é uma janela para a mente bíblica, teológica e pastoral dos reformadores quando eles se dedicam aos detalhes dos textos, fazem avaliações teológicas e aplicam a nova leitura da Escritura aos seus ouvintes contemporâneos. Passagens familiares, como a fascinante visão das rodas e a edificação do templo, de Ezequiel, ou das quatro bestas, de Daniel, recebem novas camadas e texturas.

Este volume reúne os comentários de vultos monumentais como Lutero, Calvino e Melancthon, ao lado de muitos pensadores menos conhecidos e lidos, como Heinrich Bullinger, Hans Denck, Giovanni Diodati, Johann Gerhard, John Mayer, Matthew Meade, Johannes Oecolampadius, Jakob Raupius, Johann Wigand e Andrew Willet. Vários amados puritanos ingleses também estão incluídos: Richard Baxter, John Bunyan, Thomas Manton e John Owen. A riqueza da interpretação da Reforma sobre esses livros da Escritura é reunida pela primeira vez.

A revolução bíblica do século 16 foi um evento explosivo que abalou os fundamentos da igreja e chamou todos os cristãos *ad fontes* – de volta às fontes! O *Comentário Bíblico da Reforma* traz muitas dessas fontes, algumas pela primeira vez, às mãos dos pregadores e pesquisadores de hoje. Minha oração é que esta nova série encoraje um novo compromisso com as fontes primárias da fé cristã, e que isso resulte no tipo de Reforma teocêntrica que abalou o mundo de Lutero e Calvino.

TIMOTHY GEORGE, organizador geral do *Comentário Bíblico da Reforma*

CARL L. BECKWITH (Ph.D., Universidade de Notre Dame) é professor associado de História da Igreja na Beeson Divinity School, em Samford University. Escreve artigos sobre história da igreja para uma variedade de monografias e revistas.

TIMOTHY GEORGE (Th.D., Harvard University) é um notável historiador da Reforma, escreveu sobre a teologia dos reformadores e muitas outras obras históricas e teológicas. É o deão fundador de Beeson Divinity School, na Samford University, e membro do conselho consultivo de First Things.

SCOTT M. MANETSCH (Ph.D., University of Arizona) é professor associado de História da Igreja no Trinity Evangelical Divinity School e autor de *Theodore Beza and the Quest for Peace in France, 1572-1598*.



EDITORA CULTURA CRISTÃ  
www.editoraculturacrista.com.br

ISBN: 978-85-7622-531-7

